



Nora Roberts

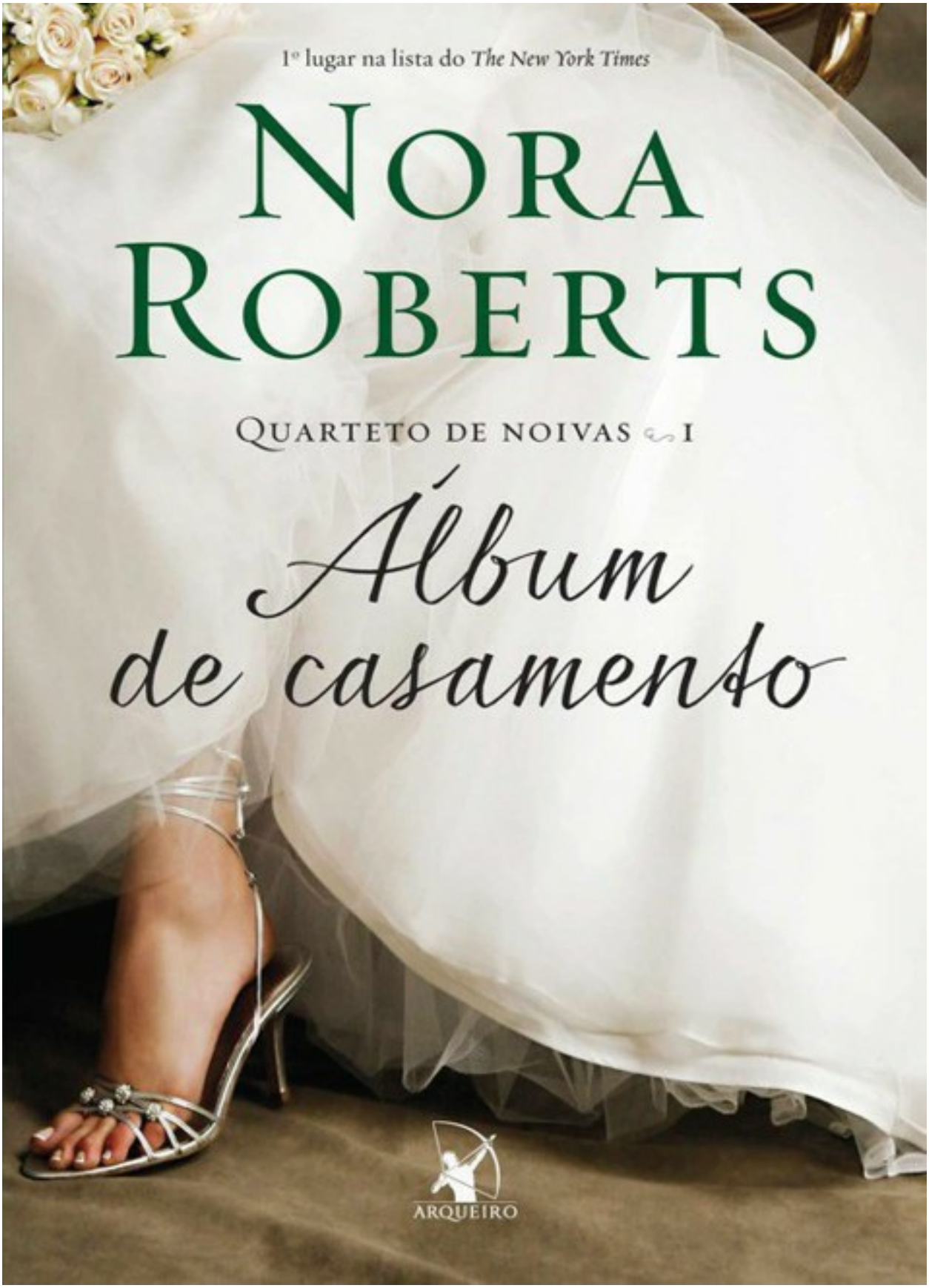
Quarteto de Noivas

Volume Único



Star Books Digital




1º lugar na lista do *The New York Times*
NORA ROBERTS
QUARTETO DE NOIVAS – I
Álbum de casamento
ARQUEIRO

Álbum de casamento



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS – 1

Álbum de casamento



Star Books Digital

https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Título original: *Vision in White*
Copyright © 2009 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Flávia Midori e Juliana Souza

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Claudio Marinesco

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549a

Roberts, Nora, 1950-
Álbum de casamento [recurso eletrônico] / Nora Roberts; tradução de Janaína Senna. São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital Tradução de: Visions in white Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-227-7 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título.

13-05745

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Dan e Stacie.
Para Jason e Kat.
Por todos os momentos.

Seduza minha mente e terá meu corpo,
encontre minha alma e serei sua para sempre.
– Anônimo

Não é apenas a afinidade que é preciosa… mas a
cumplicidade e o sentimento de intimidade nela
contidos… o fato de a própria sombra estar gravada
ali para sempre!
– Elizabeth Barrett Browning

prólogo

Aos 8 anos, Mackensie Elliot já havia se casado catorze vezes. Casou-se mais de uma vez com cada uma das suas três melhores amigas – fazendo papel ora da noiva, ora do noivo –, com o irmão de uma delas (sob protestos do garoto), com dois cachorros, três gatos e um coelho.

Em outros tantos matrimônios, foi dama de honra, madrinha, padrinho e até celebrante.

Nenhum desses casamentos durou mais que uma tarde, mas as separações foram sempre amigáveis. O caráter transitório do casamento não chegava a ser uma surpresa para Mac, uma vez que seus pais já tinham passado por isso duas vezes cada um – até agora.

O Casamento não era a sua brincadeira predileta, mas adorava fazer o papel de padre, pastor ou juiz de paz, ou até mesmo de rabino, depois que foi ao bar mitzvah do sobrinho da segunda mulher de seu pai.

Além do mais, gostava dos cupcakes, dos biscoitinhos decorados e da limonada que sempre eram servidos nas recepções.

Essa era a brincadeira favorita de Parker. O Casamento sempre acontecia na propriedade dos Browns, em meio àqueles enormes jardins, os belos bosques e o laguinho prateado. Nos invernos gelados de Connecticut, o casamento por vezes se dava em frente a uma das lareiras crepitantes da mansão.

As cerimônias podiam ser simples ou bem elaboradas – casamentos reais, noivos que tinham fugido para casar, com tema circense ou de navio pirata. Todas as ideias eram avaliadas a sério e votadas, e nenhum tema ou traje era considerado exagerado.

Ainda assim, com catorze casamentos no currículo, Mac já estava ficando meio cansada dessa brincadeira.

Até um certo momento decisivo.

Quando ela fez 8 anos, seu pai encantador e quase sempre ausente enviou-lhe de presente uma câmera Nikon. Mac nunca manifestara qualquer interesse por fotografia, então, no início, deixou a câmera de lado, junto com outros presentes esquisitos que o pai lhe dera ou enviara desde o divórcio. Mas a mãe de Mac comentou sobre o presente com a mãe *dela*, e a avó resmungou, censurando aquele "irresponsável e inútil do Geoffrey Elliot" e sua falta de bom senso ao dar uma câmera de adulto para uma menininha que com certeza ia gostar mais de ganhar uma Barbie.

Como, por princípio, sempre discordava da avó, Mac acabou se interessando pela câmera. Só para irritá-la – a avó tinha ido visitá-las naquele verão, em vez de ficar no lar para idosos em Scottsdale, que, na cabeça de Mac, era o seu lugar –, a menina começou a levar a Nikon para onde

quer que fosse. Brincava com ela, fazia experimentos. Tirou fotos do quarto, dos próprios pés, das amigas. As imagens ficavam desfocadas e escuras, sem definição e descoloridas. Como não teve muito sucesso e pelo iminente divórcio da mãe e do padrasto, Mac acabou perdendo um pouco do interesse pela Nikon. Dessa forma, mesmo muitos anos mais tarde não sabia dizer o motivo de ter levado a câmera para a casa de Parker naquela bela tarde de verão em que brincaram de Casamento.

Todos os detalhes de um tradicional casamento no jardim tinham sido planejados. Emmaline, a noiva, e Laurel, que seria o noivo, trocariam seus votos sob o caramanchão coberto de rosas. Emma usaria o véu e a cauda de renda feitos pela mãe de Parker com uma toalha de mesa antiga, e Harold, o velho e amável golden retriever de Parker, levaria a noiva ao altar.

Um monte de Barbies, Kens e outros bonecos, além de muitos bichinhos de pelúcia, foram dispostos pelo caminho para se passarem por convidados.

– É uma cerimônia íntima – comunicou Parker um pouco atrapalhada com o véu de Emma. – Seguida de uma pequena recepção ali no pátio. Mas onde se meteu o padrinho?

Laurel, que tinha acabado de esfolar o joelho, apareceu por trás de três arbustos de hortênsias.

– Ele fugiu e subiu numa árvore atrás de um esquilo. Não consegui fazê-lo descer.

Parker revirou os olhos.

– Vou buscá-lo. Você não pode ver a noiva antes do casamento. Dá azar. Mac, ajude Emma a pôr o véu e leve o buquê para ela. Laurel e eu vamos tirar o Sr. Peixe da árvore.

– Eu preferia ir nadar – disse Mac, puxando distraída o véu de Emma.

– Podemos ir depois que eu me casar.

– É, podemos. Você não está cansada de se casar?

– Ah, não me importo. E tem um cheirinho tão bom aqui. Está tudo muito bonito.

Mac entregou a Emma o buquê de dentes-de-leão amarelos que tiveram permissão para arrancar.

– Você está linda.

Era a mais pura verdade. O cabelo escuro e brilhoso de Emma contrastava com a renda branca. Seus olhos, de um castanho profundo, reluziam, enquanto ela cheirava o ramo de dentes-de-leão. Estava bronzeada, com a pele dourada, pensou Mac, meio infeliz com seu próprio tom branco-leitoso.

Era a maldição dos ruivos, dizia a mãe, pois ela herdara do pai aquele cabelo cor de cenoura. Mac era alta para os seus 8 anos e magra como um palito, e ainda por cima usava aparelho nos dentes.

Achava que, do seu lado, Emmaline parecia uma princesa cigana.

Parker e Laurel voltaram, dando umas risadinhas, com o padrinho felino nos braços da dona.

– Todos em seus lugares. – Parker passou o gato para Laurel. – Mac, você precisa ir se vestir. Emma...

– Não quero ser dama de honra. – Mac olhava para o vestido rodado de Cinderela, dobrado no banco do jardim. – Esse negócio é quente e pinica. Por que o Sr. Peixe não pode ser a dama de honra e eu, o padrinho?

– Porque já tínhamos combinado. Todos ficam nervosos antes de um casamento. – Parker jogou para trás suas longas marias-chiquinhas castanhas e se pôs a examinar o vestido, procurando algum pedaço rasgado ou manchado. Com ar satisfeito, entregou-o a Mac. – Está tudo bem. Vai ser uma linda cerimônia, repleta de amor verdadeiro, e eles viverão felizes para sempre.

– Minha mãe diz que essa história de felizes para sempre é conversa fiada.

Houve um momento de silêncio após a afirmação de Mac. A palavra *divórcio*, embora não dita, pairou no ar.

– Não necessariamente. – Com os olhos cheios de compaixão, Parker se aproximou e fez um carinho no braço de Mac.

– Não quero pôr esse vestido. Não quero ser dama de honra. Eu...

– Ok. Tudo bem. Podemos fingir que temos uma dama de honra e talvez você possa tirar fotos.

Mac olhou para a câmera que nem se lembrava de ter pendurado no pescoço.

– Elas nunca ficam boas.

– Talvez fiquem desta vez. Vai ser divertido. Você pode ser a fotógrafa oficial do casamento.

– Tire uma foto minha com o Sr. Peixe – pediu Laurel, encostando a carinha do gato na dela. – Tire, Mac!

Sem o menor entusiasmo, Mac ergueu a câmera e apertou o botão.

– Devíamos ter pensado nisso antes! Você pode tirar fotos oficiais da noiva e do noivo e outras tantas durante a cerimônia. – Entretida com essa nova ideia, Parker pendurou a roupa de Cinderela no arbusto de hortênsias. – Vai ser legal, vai ser bem divertido. Você vai ter que entrar com a noiva e o Harold. Tente fazer umas fotos boas. Vou esperar e só depois ligo o som. Vamos lá!

Haveria cupcakes e limonada, Mac lembrava a si mesma. E depois iriam nadar e se divertir. Não importava que essa história de fotografia fosse uma bobagem nem que a avó estivesse certa e ela fosse nova demais para ter uma câmera.

Não importava que a mãe estivesse se divorciando de novo ou que o padrasto, um sujeito legal, já tivesse saído de casa.

E não importava que ser feliz para sempre fosse conversa fiada, porque, afinal, era tudo fingimento mesmo.

Mac tentou tirar fotos de Emma e do prestativo Harold, imaginando que, quando fosse buscar as revelações, veria aquelas imagens desfocadas e com manchas do seu polegar, como sempre acontecia.

Quando a música começou a tocar, sentiu-se mal por não ter se enfiado naquele vestido que pinicava para ser a dama de honra de Emma, só porque sua mãe e sua avó a tinham deixado de mau humor. Então, se esforçou o máximo que pôde para tirar uma bela foto de Harold caminhando com Emma pelo jardim.

Através das lentes tudo era diferente, pensou: o modo como podia focar o rosto de Emma, o jeito como o véu se moldava ao cabelo dela e a beleza dos raios de sol brilhando na renda.

Mac tirou mais fotos quando Parker pôs “Dearly Beloved” para tocar, no momento em que,

diante do reverendo Whistledown, Emma e Laurel se deram as mãos e Harold se aninhou para dormir e roncar aos pés das meninas.

Ela percebeu como o cabelo de Laurel era sedoso, como o sol refletia nas pontas da cartola preta que ela usava para compor seu papel de noivo e também como os bigodes do Sr. Peixe mexiam sempre que ele bocejava.

Tudo isso estava diante de Mac, mas algo também aconteceu dentro dela. Suas três amigas estavam reunidas debaixo do caramanchão coberto de rosas brancas, formando um trio de meninas bonitas. Um instinto qualquer fez Mac mudar de lugar só um pouquinho, inclinando ligeiramente a câmera. Ela não sabia que aquilo era uma composição, só achou que, pelas lentes, ficava mais bonito assim.

Então, uma borboleta azul cruzou seu campo de visão e foi pousar no ramalhete de flores amarelas que Emma segurava. Ao mesmo tempo, os três rostos debaixo das rosas brancas revelaram uma expressão de surpresa e prazer.

Mac apertou o botão.

Dessa vez tinha *certeza* de que a imagem não ia ficar desfocada, escura, sem definição ou descolorida. Seu polegar não taparia a lente. Sabia exatamente como a foto ia ficar, sabia que a avó, no fim das contas, estava errada.

Ser feliz para sempre talvez fosse conversa fiada, mas ela sabia que queria tirar mais fotos de momentos que *fossem* felizes. Porque, assim, eles permaneceriam para sempre.

capítuloum

No dia 1º de janeiro, Mac rolou na cama para desligar o despertador e acabou caindo de cara no chão de seu estúdio.

– Merda. Feliz ano-novo!

Ali, tonta e um pouco atordoada, se deu conta de que não tinha subido a escada para ir deitar – e que o alarme era do computador, programado para acordá-la ao meio-dia.

Levantou-se e cambaleou até a cozinha – e a cafeteira.

Por que as pessoas iriam querer se casar na véspera do ano-novo? Por que fazer um ritual formal desses num feriado dedicado a maratonas etílicas e provavelmente a sexo casual? E ainda arrastavam consigo a família e os amigos, sem falar dos fotógrafos.

É óbvio que, quando a recepção enfim terminou, às duas da madrugada, ela poderia ter ido dormir, como uma pessoa normal faria, em vez de descarregar a câmera para verificar as fotos do casamento de Bob Hines e Vicky Myers, gastando com isso mais umas três horas da sua noite.

Mas, puxa, havia tirado umas muito boas. Algumas incríveis.

Ou será que estavam todas péssimas e sua avaliação é que estava prejudicada por uma euforia pouco lúcida?

Não, as fotos eram boas mesmo.

Pôs três colheres de açúcar no café e o tomou de frente para a janela, vendo lá fora o jardim e o gramado da propriedade dos Browns cobertos de neve.

Tinham feito um bom trabalho naquele casamento, pensou. E talvez Bob e Vicky seguissem esse exemplo e fizessem a relação dar certo.

De toda forma, as lembranças daquele dia não se apagariam. Os momentos, significativos ou não, tinham sido apreendidos. Ela iria refiná-los, retocá-los e imprimi-los. Por meio das imagens, Bob e Vicky poderiam revisitar esse dia na semana seguinte ou daqui a sessenta anos.

Isso era tão forte e doce quanto o seu café preto num dia frio de inverno.

Abriu um armário e pegou uma caixa de biscoitos. Ali de pé comeu um, repassando os compromissos do dia.

Às seis, o casamento de Rod Clay e Alison McFearson. O que significava que a noiva e suas acompanhantes chegariam por volta das três, e o noivo, com o seu séquito, às quatro. Isso lhe daria um tempinho, até as duas, quando fariam uma reunião prévia ao casamento na mansão.

Era tempo suficiente para tomar um banho, vestir-se, consultar suas anotações, conferir e reconferir seus equipamentos. Na última vez em que tinha dado uma olhada na previsão do

tempo, anunciavam dia ensolarado, com temperatura acima de zero. Poderia fazer algumas fotos usando a luz natural e talvez convencesse Alison – se ela estivesse disposta – a tirar uma foto vestida de noiva, na varanda, com a neve ao fundo.

Pelo que Mac lembrava, a mãe de Alison – Dorothy ("mas pode me chamar de Dottie") – era meio dominadora e exigente, mas Mac cuidaria dela. Se não conseguisse lidar com ela sozinha, sabia que Parker daria um jeito. Parker conseguia lidar com qualquer pessoa e qualquer situação.

Em apenas cinco anos de funcionamento, a energia e a determinação de Parker tinham transformado a Votos numa das empresas mais importantes do estado no ramo de casamentos e organização de eventos. Isso transformou a trágica morte de seus pais em esperança, e a bela casa vitoriana, com os seus fantásticos terrenos, num negócio próspero e sem precedentes.

E ela própria, pensou Mac, engolindo o último biscoito, era uma das razões desse sucesso.

Foi até o mezanino, onde ficavam a cama e o banheiro, mas parou diante de uma de suas fotos favoritas. A noiva, radiante e extasiada, tinha o rosto erguido, os braços esticados e as palmas das mãos voltadas para cima, sob uma chuva de pétalas de rosa cor-de-rosa.

Capa da revista *Today's Bride*. Porque sou simplesmente o máximo.

De meias, calça de flanela e moletom, subiu a escada para se transformar: a criatura cansada, de pijama, viciada em biscoito passaria a ser a sofisticada fotojornalista especializada em casamentos.

Ignorou a bagunça do quarto e a cama desfeita – para que arrumá-la se iria desarrumar de novo? A chuveirada quente, assim como a cafeína e o açúcar, ajudou-a a se livrar de qualquer vestígio de preguiça e ela pôde se concentrar no trabalho que tinha a fazer.

E o trabalho envolvia uma noiva que queria testar a sua criatividade, uma mãe de noiva difícil, que achava que sabia de tudo, e um noivo apaixonado, capaz de qualquer coisa para fazer a amada feliz. E os dois eram incrivelmente fotogênicos.

O último fato tornava o trabalho prazeroso e, ao mesmo tempo, desafiador. Como daria a seus clientes um registro fotográfico daquele dia especial que fosse sensacional e exclusivo?

As cores da noiva, pensou, revirando suas lembranças enquanto lavava o cabelo curto, ruivo, que usava propositadamente bagunçado. Prata e dourado. Elegante, glamourosa.

Já tinha dado uma olhada nas flores e no bolo – ambos seriam finalizados hoje –, nas lembrancinhas e nas toalhas das mesas, nas roupas e nos acessórios dos padrinhos, madrinhas e pais dos noivos. Tinha uma cópia da lista de músicas que a banda tocaria, em que haviam sido sublinhadas a primeira dança do casal e a dança dos pais.

Então, nas próximas horas seu mundo giraria em torno de Rod e Alison.

Escolheu a roupa, as joias e a maquiagem quase com o mesmo cuidado que tinha ao escolher o equipamento. Pronta, percorreu o caminho que levava da casa de apoio da piscina, onde ficava o estúdio e seu pequeno apartamento, até a mansão.

A neve cintilava, como uma infinidade de diamantes em pele de arminho, e o ar estava tão frio e claro quanto geleiras de montanha. Definitivamente teria que fazer umas fotos ao ar livre, com a luz do dia e ao anoitecer. Era um casamento de inverno, branco, com neve cobrindo o chão, gelo brilhando nas árvores, salgueiros desnudos gotejando no lago. E tinha também a magnífica casa

vitoriana, com telhados em vários níveis, as janelas redondas e em arco, altas e largas, e um azul-claro contrastando com o céu invernal. Os terraços e os pórticos generosos anunciavam a época do ano com luzes e guirlandas.

Ao percorrer o caminho do qual a neve havia sido removida, estudou um pouco a casa, como sempre fazia. Adorava suas linhas, seus ângulos, com os sutis detalhes em amarelo-claro, o branco cremoso salpicado no suave e sutil azul.

Era seu lar tanto quanto a casa em que crescera. Ou até mais, reconhecia, já que a sua era comandada pelos caprichos da mãe. Os pais de Parker eram carinhosos, acolhedores, amorosos e – Mac via agora – equilibrados. Eles lhe deram um porto seguro para se abrigar da tempestade que havia sido a sua infância.

Sofreu tanto quanto a sua amiga quando eles morreram, sete anos atrás.

Agora a propriedade dos Browns era a sua casa. O seu trabalho. A sua vida. E isso era bom em todos os sentidos. O que poderia ser melhor do que fazer algo que se ama e ainda por cima com as melhores amigas de todos os tempos?

Entrou no vestíbulo para pendurar o agasalho e foi dar uma volta para espiar os domínios de Laurel.

A amiga e sócia estava de pé sobre um banquinho, acrescentando cuidadosamente lírios prateados nos cinco andares do bolo de casamento. Cada flor nascia no meio de uma folha dourada de acanto, produzindo um efeito radiante e requintado.

– Está imbatível, Laurel.

Ela pôs mais um lírio com precisão cirúrgica. Seu cabelo dourado estava preso para trás, num coque meio bagunçado que, sabe-se lá como, combinava muito bem com o rosto triangular. Enquanto trabalhava, estreitava um pouco os olhos brilhantes, toda concentrada.

– Fiquei tão feliz por ela ter preferido o arranjo de lírios ao topo de bolo com um casal de noivos! Vai ficar bem mais bonito. Espere só até o levarmos para o salão e acrescentarmos o arranjo.

Mac pegou a câmera.

– Vai dar uma boa foto para o site. Posso?

– Claro. Conseguiu dormir um pouquinho?

– Só deitei lá pelas cinco, mas dormi até o meio-dia. E você?

– De duas e meia até as sete. Depois fui terminar o bolo, as sobremesas e... isto. Estou tão feliz por termos duas semanas livres até o próximo casamento! – Deu uma olhadinha em volta. – Não conte a Parker que falei isso.

– Imagino que ela já esteja acordada.

– Já veio aqui duas vezes. Provavelmente passou duas vezes por todos os lugares. Tive a impressão de ter ouvido Emma chegar. Agora devem estar lá em cima no escritório.

– Estou subindo. Você não vem?

– Daqui a dez minutos. Vou chegar a tempo.

– A tempo é tarde no mundo da Parker – disse Mac, sorrindo. – Vou tentar distraí-la.

– Diga a ela que não se pode apressar certas coisas. E que a mãe da noiva vai receber tantos

elogios por causa do bolo que vai até parar de encher a nossa paciência.

– Isso, sim, pode funcionar.

Mac saiu, mas antes deu uma passada no vestíbulo da entrada principal e no enorme salão onde aconteceria a cerimônia. Pelo que pôde ver, Emmaline e seus duendes já haviam começado a trabalhar, trocando a decoração do casamento da véspera pela do de hoje. Cada noiva tinha a sua própria visão e esta queria muitas fitas douradas e prateadas e guirlandas, ao contrário das transparências lilás e creme do casamento da véspera do ano-novo.

No salão, a lareira estava preparada para ser acesa pouco antes da chegada dos primeiros convidados. Forradas de branco, cadeiras enfileiradas reluziam com laços prateados. Emma já tinha decorado o console da lareira com velas douradas em castiçais prateados e com vasos de cristal repletos dos lírios brancos de que a noiva tanto gostava.

Mac deu uma volta no aposento, observando os ângulos, a iluminação, as composições – e fez mais anotações enquanto saía dali e subia a escada até o terceiro andar.

Como esperava, encontrou Parker na sala de reuniões, cercada pelo laptop, o BlackBerry, pastas, outro celular e um fone de ouvido. Seu longo e espesso cabelo castanho estava preso num rabo de cavalo sedoso e simples. O penteado combinava com seu terninho – de um discreto cinza-claro – e com as cores escolhidas pela noiva.

Parker não deixava passar nenhum detalhe.

Não chegou a erguer os olhos, mas fez um gesto circular com o dedo no ar sem interromper o que fazia no laptop. Como já conhecia aquele sinal, Mac foi até o balcão onde ficava a cafeteira e encheu duas canecas para elas. Depois sentou-se, pôs sua pasta na mesa e abriu o bloco de notas.

Parker se recostou e, sorrindo, pegou a caneca.

– Esse vai ser sensacional.

– Sem dúvida.

– As estradas estão sem neve, o tempo está bom. A noiva já se levantou, tomou café da manhã e foi fazer uma massagem. O noivo foi malhar e depois nadou. Os fornecedores estão sendo pontuais. Os padrinhos, os pais e as madrinhas virão se arrumar aqui. – Deu uma olhadinha no relógio. – Onde estão Emma e Laurel?

– Laurel está dando os toques finais no bolo, que está uma maravilha. Não vi Emma, mas ela já começou a decoração. Está ficando linda. Quero fazer umas fotos ao ar livre. Antes e depois.

– Não segure a noiva lá fora por muito tempo antes da cerimônia. Não queremos que ela fique de nariz vermelho e fungando.

– Você vai ter que manter a mãe dela longe de mim.

– Já percebi isso.

Emma entrou apressada, com uma Coca-Cola Zero numa das mãos e uma pasta na outra.

– Tink está de ressaca e não apareceu, então estou com menos um. Vamos ser rápidas, ok? – disse, atirando-se numa das cadeiras e fazendo balançar o cabelo preto encaracolado, na altura do ombro. – A suíte da noiva e o salão já estão prontos. O hall e a escada estão quase. Examinamos também os buquês e as flores que serão usadas nas roupas. Começamos no salão maior e no de baile. Preciso voltar para lá.

– E a daminha?

– Vai entrar com uma cesta de rosas brancas, com fitas prateadas e douradas. Estou com a coroa pronta para pôr na cabeça dela. É de rosas e cravos-de-amor. Ficou linda! Mac, preciso que você tire umas fotos dos arranjos se tiver algum tempo. Senão, eu mesma tiro.

– Pode deixar que eu cuido disso.

– Obrigada. A mãe da noiva...

– Estou cuidando disso – disse Parker.

– Preciso que... – Emma interrompeu o que dizia quando Laurel entrou.

– Não estou atrasada – anunciou ela.

– Tink não veio – disse Parker. – Emma precisa voltar logo.

– Posso substituí-la. Tenho que pôr um arranjo no centro do bolo e arrumar as sobremesas, mas estou livre agora.

– Vamos ver o cronograma.

– Esperem. – Emma ergueu a lata de refrigerante. – Antes, um brinde. Feliz ano-novo para nós: quatro mulheres fantásticas, estupendas e sexy. Melhores amigas para sempre.

– E também inteligentes e poderosas! – acrescentou Laurel, erguendo a sua garrafa d'água. – Às amigas e sócias.

– A nós. Amizade e cérebro em quatro partes – disse Mac –, e à Votos, essa empresa superbacana que conseguimos criar.

– E a 2009. – Parker ergueu a caneca de café. – As mulheres fantásticas, estupendas, sexy, inteligentes, poderosas e que são melhores amigas para sempre vão ter o melhor ano de suas vidas!

– Está certíssima. – concordou Mac, brindando também com sua caneca. – Ao Casamento: antes, agora e sempre!

– Antes, agora e sempre – repetiu Parker. – Bem, vamos ao cronograma?

– Estou com a noiva desde que ela chegou – começou Mac. – Passo para o noivo quando ele chegar. Fotos descontraídas enquanto eles se vestem, e só depois as posadas. Retratos formais dentro e fora da casa. Vou fotografar o bolo e a decoração agora e montar o equipamento. Antes da cerimônia, tiro fotos de toda a família e dos convidados separadamente. Depois, só vou precisar de uns 45 minutos para fotografar a família, todos os convidados e os noivos.

– Os arranjos florais nas suítes dos noivos ficam prontos às três horas. No foyer, no salão, no corrimão da escada, no salão maior e no de baile, ficam prontos às cinco. – Parker virou-se para Emma.

– Estará tudo pronto.

– O cinegrafista chega às cinco e meia. Os convidados, por volta de cinco e meia, seis horas. Os músicos, um quarteto de cordas, começam a tocar às 17h40. A mãe do noivo, acompanhando o filho, entrará às 17h50. A mãe da noiva, acompanhada do outro genro, vem logo depois. O noivo e os padrinhos estarão prontos às seis. – Disse Parker, lendo o cronograma em voz alta. – A noiva, o pai e suas acompanhantes estarão prontos às seis. Descem a escada e formam o cortejo. A cerimônia deve durar 23 minutos, depois vêm a saída e os cumprimentos. Os convidados serão

levados ao salão maior às 18h25.

– Abertura do bar – disse Laurel –, a música começa e o coquetel é servido.

– Das 18h20 às 19h10, sessão de fotos. Às 19h15, discurso da família, dos padrinhos e dos recém-casados.

– Jantar, brindes – prosseguiu Emma. – Está tudo certo, Parks.

– Quero ter certeza de que às 20h15 vamos ter passado ao salão de baile para a primeira dança – disse Parker. – A noiva quer muito que a avó esteja lá para a sua primeira dança e, depois da valsa dos pais, quer que o pai dance com a avó. Ela tem 90 anos e não deve aguentar ficar até tarde. Se conseguirmos cortar o bolo às nove e meia, talvez a avó ainda esteja na festa.

– Ela é um amorzinho – interrompeu Mac. – Tirei umas fotos lindas dela e da Alison no ensaio. Tomei nota para tirar mais algumas hoje. Sinceramente, acho que ela vai ficar até o fim da festa.

– Espero que sim. O bolo e os doces serão servidos durante o baile. A noiva vai jogar o buquê às 22h15.

– Isso também está nos planos – acrescentou Emma.

– O noivo vai jogar a liga, o baile continua. A última dança será às 22h50. Depois virão as bolhas de sabão e os noivos vão embora. O evento termina às onze. – Parker deu mais uma olhada no relógio de pulso. – Então mãos à obra. Emma e Laurel precisam se trocar. E lembrem-se dos fones de ouvido.

O telefone de Parker vibrou e ela olhou o visor.

– É a mãe da noiva. De novo. É a quarta ligação só nesta manhã.

– Divirta-se – disse Mac, escapando dali depressa.

Foi de aposento em aposento, tentando ficar longe de Emma e sua equipe, que enchiam a casa de flores, fitas e tecidos esvoaçantes. Tirou fotos do bolo de Laurel, dos arranjos de Emma e imaginou muitas outras.

Era um ritual que Mac nunca permitiria que virasse rotina. Sabia que, se isso acontecesse, perderia fotos e oportunidades, desperdiçaria ângulos e ideias. E toda vez que sentia estar perdendo a sensibilidade, pensava na borboleta azul pousando no buquê de dentes-de-leão.

O ar cheirava a rosas e lírios. Vozes e passos ecoavam. A luz penetrava pelas altas janelas formando belos feixes, que refletiam no dourado e no prateado das fitas.

– Fone de ouvido, Mac! – Parker desceu apressada a escada principal. – A noiva está chegando.

Enquanto Parker corria para receber a noiva, Mac foi lá para cima. No terraço da frente, ignorando o frio, viu a limusine branca chegando. Assim que o carro parou, ela conseguiu um bom ângulo e ficou preparada, esperando.

A dama de honra e a mãe da noiva saltaram.

– Por favor, só um pouquinho para o lado – murmurou.

Então Alison saiu do carro. Estava de jeans, botas, uma jaqueta de camurça meio surrada e um cachecol vermelho-vivo. Mac deu um zoom e ajustou o foco.

– Ei, Alison!

A noiva olhou para cima. Em seu rosto, a expressão de surpresa foi substituída por um ar divertido e, para a satisfação de Mac, ela ergueu os braços, inclinou a cabeça para trás e riu.

E esse, pensou Mac ao ver que tinha conseguido capturar o momento, era o início da jornada.

Dez minutos depois, a suíte da noiva – o antigo quarto de Parker – estava cheia de gente, uma verdadeira confusão. Dois cabeleireiros usavam seus apetrechos e seu talento, alisando, cacheando, penteando, enquanto os maquiadores se viam às voltas com cores e potes.

Os cheiros, os movimentos, os sons, tudo era bem feminino, pensou Mac, movendo-se pelo aposento, tentando não atrapalhar. A noiva era o centro das atenções e não parecia nervosa. Alison estava confiante, feliz e falava pelos cotovelos.

A mãe da noiva, no entanto, era outra história.

– Mas você tem um cabelo tão lindo! Não acha que deveria deixá-lo solto? Pelo menos uma parte. Talvez...

– Preso fica melhor com o véu. Relaxe, mãe.

– Está muito quente aqui. Acho que está muito quente. E Mandy devia tirar uma soneca. Ela vai dar problema, tenho certeza.

– Ela vai fazer tudo direitinho. – Alison voltou-se para a daminha.

– Eu realmente acho...

– Senhoras! – Parker apareceu com um carrinho de champanhe e uma bela bandeja de frutas e queijos. – Os homens já estão a caminho. Alison, o penteado está maravilhoso. – Serviu uma taça, que passou para a noiva.

– Acho que ela não deveria beber antes da cerimônia. Ela não comeu quase nada hoje e...

– Ah, Sra. McFearson, que bom que está pronta. Está fabulosa. Será que posso roubá-la por uns minutinhos? Adoraria lhe mostrar como ficou o salão antes da cerimônia. Queremos ter certeza de que está tudo perfeito, não é mesmo? Trago-a de volta daqui a pouquinho. – Parker entregou uma taça de champanhe à mãe da noiva e tirou-a dali.

– Ufa! – exclamou Alison, às gargalhadas.

Durante uma hora, Mac se dividiu entre a suíte da noiva e a do noivo, envolta em perfume e tule, abotoaduras e gravatas-borboletas. Voltou aos aposentos da noiva, desviou das madrinhas, que se arrumavam e ajudavam umas às outras a se vestir. Então viu Alison sozinha, em pé, em frente ao vestido de noiva.

Estava tudo ali, pensou Mac enquanto ajustava o foco com tranquilidade: a admiração, a alegria – e também um pouquinho de tristeza. Conseguiu captar o instante em que Alison passou os dedos pelos brilhantes do corpete.

Mac sabia que aquele era um momento decisivo, quando tudo o que uma mulher sentia ficava estampado em seu rosto.

Então o momento passou e Alison deu uma olhada à sua volta.

– Não esperava me sentir assim. Estou muito feliz. Sou tão apaixonada por Rod, estou pronta para me casar com ele... Mas sinto um pequeno aperto bem aqui. – Passou os dedos na altura do coração. – Deve ser nervoso.

– Tristeza. Só um pouquinho. Uma fase da sua vida termina hoje. Não tem problema você ficar triste por se despedir. Sei exatamente do que está precisando. Espere aqui.

Pouco depois, Mac voltou com a avó de Alison. E mais uma vez se afastou.

A juventude e a velhice, refletiu. Princípios e fins, vínculos e continuidade. E amor, é claro.

Captou o abraço, mas não era isso. Captou as lágrimas nos olhos, e nada ainda. Então, Alison baixou o rosto para beijar a avó e uma única lágrima lhe escorreu pelo rosto. Atrás delas, o vestido resplandecia.

Perfeito. A borboleta azul.

Tirou fotos casuais enquanto a noiva se vestia, depois fez algumas formais, com uma luz natural incrível. Como havia esperado, Alison não se recusou a enfrentar o frio do terraço.

Depois, ignorando a voz de Parker pelo fone de ouvido, Mac correu até a suíte do noivo para repetir o mesmo ritual com Rod.

Passou por Parker no corredor, voltando depressa para junto da noiva.

– Preciso do noivo e dos padrinhos lá embaixo, Mac. Estamos com dois minutos de atraso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Mac, com um tom irônico de terror, e entrou na suíte da noiva.

– Os convidados já estão acomodados – anunciou Parker em seu ouvido um instante depois. – O noivo e os padrinhos já se posicionaram. Emma, reúna o cortejo da noiva.

– É para já.

Mac escapuliu e foi se postar no pé da escada enquanto Emma organizava as damas de honra.

– As acompanhantes da noiva estão prontas. Pode soltar a música.

– Pronto – disse Parker. – Podem começar a entrar.

A daminha ficaria bem mesmo sem ter tirado uma soneca, concluiu Mac ao ver a menina descer a escada meio que dançando. Parou como uma veterana ao sinal de Laurel e prosseguiu com um ritmo tranquilo, atravessando o hall com seu vestido de fada e entrando no salão principal até passar pelo corredor entre as cadeiras enfileiradas.

As madrinhas a seguiram, com um brilho prateado, e, atrás delas, a dama de honra vestindo dourado.

Mac se agachou para pegar um ângulo de baixo para cima, enquanto a noiva e o pai aguardavam de mãos dadas no alto da escada. Aos primeiros acordes da marcha nupcial, ele levou a mão da filha aos lábios e depois ao rosto.

No momento em que tirou a foto, Mac sentiu os olhos arderem.

Onde estaria seu pai?, perguntou-se. Na Jamaica? Na Suíça? No Egito?

Afastou aquele pensamento e a dor que ele trazia para se concentrar no trabalho.

Usando a luz das velas de Emma, captou alegria e lágrimas; lembranças. E manteve-se invisível, isolada.

capítulodois

Mac trabalhava à noite porque seu dia era cheio de compromissos. E porque gostava – sozinha, no seu canto, no seu ritmo. As manhãs serviam para tomar café, sentir o primeiro e intenso impacto da bebida na circulação sanguínea, e muitas vezes também para encontrar clientes, fazer reuniões e sessões de fotos.

De noite, sozinha no estúdio, podia se concentrar inteiramente nas imagens, em selecioná-las, aperfeiçoá-las. Embora trabalhasse quase exclusivamente com câmera digital, mantinha um espírito de câmara escura na hora da criação. Acrescentava camadas, realces, sombras; removia manchas ou pontos luminosos demais para criar uma base para a foto definitiva. Para isso podia refinar determinadas áreas, alterar a densidade, aumentar o contraste. Passo a passo, ia dando forma à imagem, acentuando-a ou suavizando-a para captar o clima, a fim de chegar a uma impressão que expressasse aquele momento no tempo, até *ela própria* sentir o que esperava que o cliente sentisse.

Depois, como fazia quase todas as manhãs, Mac sentou-se diante do computador para olhar as provas e ver se ainda concordava com o que tinha feito na noite anterior.

Debruçou-se sobre elas, de pijama de flanela e meias grossas. O cabelo, de um ruivo bem vivo, mais parecia uma floresta de espinhos e tufos. O silêncio era absoluto. Nos casamentos estava quase sempre cercada de pessoas, conversas e emoções, então ela bloqueava ou usava tudo isso para encontrar o ângulo, o tom e o momento exatos.

Ali, porém, estava sozinha com as imagens e podia torná-las perfeitas. Tomou o café, comeu uma maçã, para compensar os biscoitos da manhã anterior, e examinou centenas de imagens captadas na véspera, além das dezenas retocadas ao longo da noite.

Cumprimentou-se pelo trabalho bem-feito. Mas ainda podia melhorar, pensou, e quando atingisse o melhor possível para o cliente avaliar, repassaria tudo mais uma vez antes de marcar um encontro com os recém-casados para que vissem as provas e escolhessem as fotos do álbum.

Isso ficaria para outro dia. Para não se esquecer de nada, deu uma olhada na agenda antes de tomar uma chuveirada e se vestir para o primeiro compromisso do dia.

Para a sessão de fotos no estúdio, um jeans e um suéter bastariam, mas teria que se trocar para a reunião da tarde na mansão. Era política da Votos o uso de roupas formais nas reuniões com clientes.

Mac procurou entre as roupas do closet uma calça e uma camiseta pretas. Depois da sessão de fotos no estúdio, poderia jogar um blazer por cima da roupa e estaria pronta para a reunião.

Mexeu um pouco nas suas bijuterias até encontrar algo que se adequasse ao seu estado de espírito, passou um pouco de maquiagem e deu por encerrada essa etapa.

Em sua opinião, o estúdio estava precisando de mais atenção que a fotógrafa.

Elizabeth e Charles, pensou, ao iniciar a montagem do cenário. Fotos de noivado. Lembrou que eles tinham sido bem claros na reunião prévia: era para ser formal, simples, direto ao ponto.

Não entendia por que não pediram a um amigo qualquer para tirar as fotos com uma câmera automática. Sorrindo, lembrou-se de que quase dissera isso a eles, mas Parker parecia ter lido sua mente e lhe lançara um olhar de reprovação.

– O cliente tem sempre razão – disse a si mesma enquanto arrumava o pano de fundo. – Querem algo sem graça, terão algo sem graça.

Ergueu as luzes e posicionou o difusor – ao menos podia ser bonito. Foi buscar o tripé, pois sabia que os clientes esperavam ver equipamentos. Quando acabou de escolher as lentes, verificar as luzes e forrar o banco, os dois bateram à porta.

– Bem na hora. – Mac fechou a porta atrás deles, bloqueando a rajada de vento gelada. – Está congelante lá fora hoje. Não querem tirar os casacos?

Eram perfeitos, pensou. Barbie e Ken de classe alta. A loura elegante, com todos os fios de cabelo no lugar certo; o sujeito bonito, educado e contido.

Uma parte dela teve vontade de desarrumá-los só um pouquinho, para deixá-los mais humanos.

–Aceitam um cafezinho? – ofereceu.

–Ah, não, obrigada. – Elizabeth abriu um sorriso. – Queríamos muito começar logo. Estamos com a agenda apertada hoje. – Enquanto Mac pendurava os casacos, Elizabeth deu uma olhada em volta. – Esta era a casa que servia de apoio à piscina?

– Era, sim.

– É... interessante. Acho que eu esperava algo mais elaborado. Bom, que seja. – Ela foi olhar de perto algumas fotos emolduradas que decoravam o ambiente. – A prima do Charles se casou aqui em novembro. Foi maravilhoso. E ela elogia muito você e as suas sócias. Não é mesmo, Charles?

– É, sim. Foi por isso que escolhemos a sua empresa.

– A organizadora do casamento e eu vamos trabalhar juntas nos próximos meses. Há algum lugar onde eu possa me recompor antes de começarmos? – perguntou Elizabeth.

– Claro. – Mac a levou até o toalete do estúdio, perguntando-se o que ela quereria retocar.

– Então, Charles. – Mac imaginava-se afrouxando o nó Windsor tão perfeitinho da gravata dele. – O que vão fazer hoje?

– Temos uma reunião com a organizadora e vamos resolver questões no cartório. Elizabeth vai se encontrar com dois estilistas que a sua sócia recomendou para fazer o vestido.

– Que emocionante!

Você parece muito animado, pensou. Como se estivesse prestes a ir à consulta semestral no dentista.

– São muitos detalhes. Imagino que devam estar acostumadas com isso.

– Cada casamento é como se fosse o primeiro que fazemos. Poderia ficar parado atrás desse banco? Assim ajeito as luzes e o foco enquanto Elizabeth acaba de se arrumar.

Obediente, ele se pôs onde ela pedira, duro como uma pedra.

– Relaxe – disse Mac. – Vai ser mais fácil e rápido do que você imagina, e talvez até divertido. De que tipo de música você gosta?

– Música?

– É, vamos pôr uma música. – Foi até o som e escolheu um CD. – Baladas da Natalie Cole. É romântico e clássico. Que tal?

– Pode ser.

Enquanto fingia ajustar a câmera, Mac o viu olhar disfarçadamente o relógio de pulso.

– Já decidiram para onde vão de lua de mel?

– Estamos inclinados a ir a Paris.

– Você fala francês?

Pela primeira vez ele deu um sorriso espontâneo.

– Nem uma palavra.

– Bom, vai ser uma aventura – disse ela enquanto Elizabeth voltava com a aparência tão perfeita quanto antes.

O terninho, provavelmente um Armani, tinha um caimento impecável. O índigo valorizava Elizabeth. Mac imaginou que ela havia escolhido o terno cinza para Charles a fim de que o dela se destacasse.

– Acho que devemos começar com você sentada e o Charles de pé, logo atrás. Só um pouquinho para a esquerda, Charles. E Elizabeth, se puder se virar para a janela, um pouco só. Incline-se na direção de Charles, deixe o corpo relaxado. Charles, ponha a mão no ombro esquerdo dela. Elizabeth, ponha a sua sobre a dele, assim mostramos esse espetacular anel de noivado.

Mac tirou algumas fotos só para eles superarem a fase dos sorrisos congelados.

Incline a cabeça.

Jogue o peso para o pé de trás.

Ajeite os ombros.

É tímido, percebeu Mac. Tem vergonha da câmera e também um pouco de vergonha das pessoas. Ela, por sua vez, é monumentalmente autoconfiante. Estava apavorada com a possibilidade de não parecer perfeita.

Mac tentou deixá-los à vontade, perguntando como se conheceram, como começaram a namorar – fizera aquelas mesmas perguntas quando se reuniram pela primeira vez. E ouviu as mesmas respostas agora.

Estava difícil quebrar o gelo.

Podia parar de tentar e lhes dar exatamente o que achavam que queriam. Mas não era disso que precisavam.

Deu um passo para trás, afastando-se da câmera. Ao fazer isso, os dois relaxaram e Elizabeth virou a cabeça e sorriu para Charles. Ele piscou para ela.

Vejam só, pensou Mac, são humanos afinal de contas!

– Tirei algumas fotos formais ótimas. Sei que era isso o que queriam, mas gostaria de pedir que fizessem algo por mim.

– Estamos mesmo com o horário apertado – começou Charles.

– Não vai levar nem cinco minutos. Pode se levantar, Elizabeth. Vou só tirar o banco daí. – Afastou o banco e tirou a câmera do tripé. – Que tal um abraço? Não em mim. Vocês dois.

– Não acho...

– Abraços são legalmente permitidos em Connecticut, mesmo para quem não é noivo. É só uma pequena experiência e poderão ir embora em dois minutos. – Pegou o fotômetro, verificou a luz e a ajustou. – Encoste o lado direito do rosto no peito dele, mas vire o rosto um pouco para mim – explicou Mac. – E olhe para cá. Charles, abaixe a cabeça e olhe para ela, mas deixe o queixo voltado na minha direção. Inspire fundo, depois expire tranquilamente. Está abraçado com a mulher que ama, não é? Aproveite. Olhem para mim, bem de frente, e pensem no que sentiram na primeira vez em que se beijaram.

Pronto!

Os sorrisos surgiram rapidamente, foram espontâneos. O dela, suave, talvez um pouco travesso; o dele, radiante.

– Só mais uma. – Tirou três antes de os dois voltarem a ficar rígidos. – Pronto. Terei várias provas para vocês escolherem por volta de...

– Podemos ver algumas agora? São digitais, não são? – pressionou Elizabeth. – Só para termos uma ideia rápida de como ficou.

– Claro.

Mac foi até o computador com a câmera e a conectou.

– Não estão tratadas, mas vocês podem ter uma noção.

– Isso mesmo. – Elizabeth franziu as sobrancelhas para a tela enquanto Mac começava a passar as fotos. – É, estão boas. Esta... esta aqui.

Mac parou em uma das formais.

– Esta?

– Era isso que eu tinha em mente. Ficou muito bom. Nós dois estamos bem e gostei do ângulo. Acho que pode ser ela.

– Vou marcá-la. Mas é bom ver as outras só para ter certeza. – Mac voltou a passar as fotos.

– É, ficaram muito boas mesmo. Muito boas. Acho que a que escolhi... – Elizabeth parou de falar quando viu na tela a foto em que estavam abraçados. – Ah, esta ficou maravilhosa. Maravilhosa, não acha?

– Minha mãe vai gostar mais da primeira que você escolheu. – Atrás dela, Charles fez um carinho nos ombros da noiva.

– Vai mesmo. Você tem razão. Vamos revelar e emoldurar para ela. Mas... – Olhou para Mac e prosseguiu: – Você estava certa e eu, errada. É esta aqui que eu quero. É assim que quero estar em nossa foto de noivado. Em setembro, lembre-me de que falei isso quando eu tentar lhe ensinar como fazer o seu trabalho.

– Vou lembrar. Eu também estava errada. Acho que, no fim das contas, vai ser um prazer trabalhar com vocês.

Demorou um instante, mas enfim Elizabeth riu.

Mac mandou os dois para Parker, sentindo que a sócia lhe devia essa. Enviava-lhe clientes que – pelo menos por enquanto – estavam mais abertos a ideias e orientações do que antes.

Sentou-se para terminar uns pacotes que tinha que entregar a outros clientes. Um deles era um conjunto de provas, o outro, as fotos já escolhidas, tudo arrumado em álbuns. Para os noivos, para as mães dos noivos, além das fotos extras pedidas por diversos parentes e convidados.

Depois de embalar tudo, viu que só teria tempo para um almoço rápido – as sobras da salada de macarrão – antes de enviar as fotos e ir para a mansão.

Deu umas garfadas, apoiando o prato na pia mesmo. Uma terra de conto de fadas congelada, pensou, ao olhar pela janela. Tudo imóvel, perfeito. Pegou o copo de Coca Zero e tomou alguns goles.

Um cardeal se chocou contra a vidraça com um estrondo. Só deu para ver um borrão vermelho. Mac se assustou e entornou o refrigerante na blusa.

Com o coração na boca, viu aquele pássaro idiota se afastar, voando para longe. Então, olhou para a blusa.

– Droga!

Tirou-a e jogou-a em cima da máquina de lavar na área de serviço. De sutiã e calça preta, limpou o que havia entornado na pia. O telefone tocou e ela foi atender, irritada. Pelo identificador de chamadas viu que era Parker e atendeu com um "que foi?" mal-humorado.

– Patty Baker está aqui. Veio buscar os álbuns.

– Bem, ela chegou vinte minutos mais cedo. Estarei aí, e os álbuns também, na hora marcada. Tente distraí-la – acrescentou, andando pelo estúdio. – E não me encha. – Desligou e se virou.

Então, deu de cara com um homem.

Ele arregalou os olhos, envergonhado, e se virou, reprimindo um "Ai, meu Deus". Saía como uma bala, quando bateu na parede, fazendo um barulhão.

– Ai! Você está bem? – Mac largou o telefone na mesa e correu para socorrê-lo.

– Sim, estou. Desculpe.

– Você está sangrando. Caramba, bateu a cabeça com força. É melhor se sentar.

– Talvez. – Ao dizer isso, foi deslizando pela parede até sentar no chão. Seus olhos estavam enevoados e um pouco embaçados.

Mac se agachou, afastou o cabelo castanho-escuro que cobria a testa dele e viu o machucado que sangrava e já havia inchado bastante.

– Ok, não é um corte grande. Escapou de levar uns pontos. Mas ficou com um belo galo. Cara, o barulho foi tão alto que parecia que você tinha batido na parede com um martelo. Talvez um pouco de gelo e depois...

– Me desculpe, mas... humm, não sei se percebeu... Será que você não deveria...

Mac viu os olhos dele baixarem e os acompanhou. Só então notou que, enquanto tentava ajudá-lo, seus seios, mal cobertos pelo sutiã, estavam muito próximos do rosto dele.

– Ops. Eu me esqueci disso. Sente aí. Não se mexa. – Levantou-se de um salto e se afastou.

Ele não sabia se seria capaz de se mexer. Estava desorientado. Ficou sentado onde estava, com as costas apoiadas na parede. Mas, mesmo com passarinhos de desenho animado voando em torno

de sua cabeça, tinha que admitir que os seios dela eram bem bonitos. Não pudera deixar de notar.

Não sabia o que dizer ou fazer naquela situação. Então, ficar sentado ali, como ela tinha mandado, parecia a melhor opção.

Quando ela voltou com uma bolsa de gelo, estava usando uma camiseta. Provavelmente seria errado sentir uma pontinha de decepção. Ela se agachou de novo, dobrando aquelas pernas compridas, reparou ele, agora que os seios não estavam mais à mostra.

– Tome, experimente isto.

Ela pôs a bolsa de gelo na mão dele e a levou até a testa, que latejava. Seus olhos tinham um tom maravilhoso de verde, que lembrava o mar.

– Quem é você? – perguntou ela.

– O quê?

– Humm. Quantos dedos está vendo aqui? – indagou, levantando dois.

– Doze.

A moça sorriu e duas covinhas surgiram em seu rosto. O coração dele disparou.

– Não, não está, não. Vamos tentar outra coisa. O que está fazendo no meu estúdio? Ou, melhor, o que estava fazendo antes de se contundir por causa dos meus peitos?

– Ah! Eu tenho uma hora marcada. Aliás, a Sherry tem. Sherry Maguire.

Ele viu que o sorriso dela se desfez um pouco e as covinhas desapareceram.

– Ok, está no lugar errado. Devia ter ido para a mansão. Sou Mackensie Elliot, a fotógrafa da empresa.

– Eu sei. Quero dizer, sei quem você é. Como sempre, Sherry não explicou direito aonde eu deveria ir.

– Nem a que horas, pois sua reunião é só às duas.

– Ela disse que achava que era à uma e meia, o que significa que vai chegar às duas. Eu deveria ter me guiado pelo Horário Sherry ou ligado pessoalmente para confirmar. Desculpe-me mais uma vez.

– Não tem problema. – Mac inclinou um pouco a cabeça. Os olhos dele, muito bonitos, estavam claros e focados agora. – Como me conhece?

– Fui colega de escola de Delaney Brown e de Parker. Bem, Parker estava duas séries atrás de nós. Como você.

Mac mudou de posição para observá-lo mais de perto. Tinha cabelos castanhos, cheios e despenteados, precisando de um corte. Os olhos eram azul-claros e tranquilos, emoldurados por uma floresta de cílios. O nariz era afilado; a boca, forte; e o rosto, magro.

Ela era boa fisionomista. Por que não o reconhecia?

– Acho que conheci quase todos os amigos do Del.

– Ah, é que não éramos exatamente amigos. Mas uma vez expliquei algumas coisas para ele, quando estávamos estudando *Henrique V*.

Aquilo a fez lembrar.

– Carter – falou, apontando para ele. – Carter Maguire. Você não vai se casar com a sua irmã, vai?

– O quê? Não! Estou aqui para substituir o Nick. Sherry não queria vir à reunião sozinha e ele teve uma emergência. Só estou... Na verdade, nem sei o que estou fazendo aqui.

– Sendo um bom irmão. – Mac deu um tapinha no joelho dele. – Acha que consegue se levantar?

– Claro.

Ela ficou de pé e estendeu a mão para ajudá-lo. Ele sentiu o coração disparar mais uma vez quando as mãos dos dois se tocaram. E, assim que se levantou, sentiu a cabeça latejar no mesmo ritmo.

– Ai! – exclamou ele.

– Deve estar doendo mesmo. Quer uma aspirina?

– Sim, pelo amor de Deus.

– Vou buscar. Enquanto isso, pode sentar em algum lugar que não seja o chão.

Quando Mac voltou para a cozinha, ele tentou seguir sua sugestão, mas as fotos nas paredes lhe chamaram a atenção. Algumas eram de revista, notou, e presumiu que fossem dela. Noivas bonitas, sofisticadas, sexy, sorridentes. Algumas coloridas, algumas em preto e branco – e outras ainda com aquele estranho e atraente efeito que deixa uma foto em preto e branco com um único ponto de cor intensa.

Ele se virou quando Mac voltou e teve a sensação de que o cabelo dela era exatamente assim – um ponto de cor intensa.

– Você fotografa mais alguma coisa?

– Sim. – Ela lhe deu três comprimidos e um copo d'água. – Mas as noivas são o ponto central e mais vendável para quem trabalha com casamentos.

– São lindas. Bem criativas e únicas. Mas essa é a melhor. – Ele se afastou um pouco e apontou para uma foto emoldurada que mostrava três garotinhas e uma borboleta azul pousada num dente-de-leão.

– Por quê?

– Porque é mágica.

Ela o encarou por um instante que pareceu durar uma eternidade.

– É exatamente isso. Bem, Carter Maguire, vou pegar meu casaco, depois vamos para a nossa reunião.

Tirou a bolsa de gelo derretido das mãos dele.

– Na mansão pegamos mais para você.

Fofo, pensou quando foi pegar o casaco e o cachecol. Muito, muito fofo. Já teria reparado nisso na época da escola? Talvez ele só tivesse se desenvolvido mais tarde. Mas se desenvolveu muito bem. O bastante para que ela sentisse uma pontinha de tristeza ao pensar que ele era o noivo.

Mas ele era o irmão da noiva, e isso mudava tudo.

Quer dizer, se estivesse interessada.

Vestiu o casaco, enrolou o cachecol no pescoço e depois, lembrando-se da rajada de vento mais cedo, pôs um gorro. Quando desceu, Carter estava pousando o copo d'água na pia, como um bom menino.

Mac pegou uma imensa bolsa que continha alguns álbuns e estendeu para ele.

– Vamos lá. Pode levar isto para mim? Está pesada.

– Claro. Está mesmo.

– Eu levo isso aqui. – Ela pegou outra bolsa menor. – Tenho uma noiva esperando para ver os álbuns prontos e outra esperando pelas provas. Na mansão, onde será a nossa reunião.

– Desculpe-me por ter entrado sem avisar. Eu bati, mas ninguém atendeu. Ouvi a música, então entrei e aí...

– O resto é história.

– É. Ah, não quer desligar o som?

– Claro. Já nem estava mais ouvindo.

Pegou o controle remoto, apertou o botão de desligar e o largou de novo. Antes que pudesse chegar à porta, ele se antecipou e a abriu para ela.

– Você ainda mora em Greenwich? – perguntou Mac, com a respiração cortada pelo choque do frio.

– Bem, eu diria que moro de novo, e não "ainda". Morei em New Haven por uns tempos.

– Yale.

– É. Fiz pós-graduação e dei aula lá alguns anos.

– Em Yale.

– É.

Ela estreitou os olhos para ele enquanto caminhavam.

– É sério?

– É, sim. As pessoas dão aula em Yale, sabe? É recomendável, já que lá tem alunos.

– Então você é professor universitário?

– Sou professor universitário, só que agora dou aula aqui. Na Winterfield Academy.

– Você voltou para dar aula na sua escola. Que gracinha.

– Senti saudade de casa. E dar aula para adolescentes é interessante.

Ela achou que loucura seria uma palavra mais adequada, embora talvez isso até fosse interessante.

– Você dá aula de quê?

– Literatura inglesa e escrita criativa.

– *Henrique V*.

– Isso aí. A Sra. Brown me convidou algumas vezes para vir aqui já que ajudei Del com os estudos. Fiquei triste ao saber do acidente. Ela era uma mulher muito simpática.

– A melhor de todas. Podemos seguir por aqui. Está muito frio para dar a volta toda.

Ela o conduziu pelo vestíbulo até o interior aquecido da mansão.

– Pode deixar as suas coisas aqui. Ainda está cedo para a sua reunião. Vou lhe trazer um café enquanto espera. – Movendo-se depressa, ela tirou o casaco, o cachecol e o gorro. – Não temos nenhum evento hoje, então a cozinha principal está liberada.

Tornou a pegar as bolsas enquanto ele pendurava com cuidado seu casaco, ao contrário dela, que jogara suas coisas no cabide. Mac parecia vibrar de agitação, esperando que ele carregasse de

novo a bolsa maior.

– Vamos arranjar um lugar para... – Mac se interrompeu ao ver Emma passando em direção à cozinha.

– Aí está você. Parker está prestes a começar... Carter?

– Oi, Emmaline, como vai?

– Bem, obrigada. Como é que você... ah, claro, a Sherry. Não sabia que vinha com ela.

– Veio, mas não veio. Ele mesmo vai explicar. Você pode providenciar um café e um pouco de gelo para a cabeça dele? Tenho que entregar isso a uma noiva.

Pegou a bolsa mais pesada com Carter e foi embora.

Emma franziu os lábios ao examinar o machucado.

– Ui! Como conseguiu isso?

– Dei de cara na parede. Não precisa pegar gelo, está tudo bem.

– Bem, venha, sente-se e tome um café. Eu só ia dar uma ajeitada na sala para a reunião.

Ela indicou o caminho, apontando um banco e um balcão comprido, cor de mel.

– Está aqui para dar apoio moral aos noivos?

– Vim substituir o noivo. Ele teve uma emergência.

Emma assentiu e pegou uma xícara e um pires.

– Isso é normal com médicos. E você é um irmão legal!

– Eu disse não de tudo quanto foi jeito, mas nada funcionou. Obrigado – falou quando Emma lhe serviu o café.

– Relaxe. Só precisará ficar sentado comendo uns biscoitinhos.

Ele pôs um pouco de creme no café.

– Pode registrar isso por escrito?

Ela riu e começou a arrumar os biscoitos numa bandeja.

– Confie em mim. Além disso, vai ganhar pontos como um bom irmão. Como vão os seus pais?

– Bem. Vi a sua mãe semana passada, na livraria.

– Ela adora aquele trabalho. – Emma lhe deu um biscoito. – Mac já deve estar quase acabando com a outra cliente. Vou levar isso lá para dentro e já volto.

– Será que se eu me escondesse aqui perderia o título de irmão legal?

– Perderia, sim. Já volto.

Ele e Emma se conheciam desde crianças, por causa de Sherry e da amizade entre seus pais. Era muito estranho pensar em Emma fazendo o buquê de noiva de sua irmã. E mais estranho ainda era sua irmãzinha precisar de um buquê de noiva.

De certa forma, era tão desconcertante quanto dar de cara numa parede.

Deu uma cutucada de leve na testa e se contraiu. Não tanto pela dor, que de fato sentira, mas porque todos iam perguntar o que havia acontecido. Seria obrigado a explicar repetidas vezes a sua falta de jeito – e em todas elas teria flashbacks de Mackensie Elliot com aquele sutiã minúsculo e uma calça comprida preta de cintura baixa.

Comeu um biscoito e tentou decidir se aquilo era bom ou ruim.

Emma voltou para buscar outra bandeja.

– Podemos ir agora. Tenho certeza de que Sherry vai chegar a qualquer momento.

– Porque ela já está dez minutos atrasada. – Ele pegou a bandeja da mão dela. – Está no Horário Sherry.

A casa continuava praticamente do jeito que ele lembrava. As paredes tinham sido pintadas com um suave e tênue dourado, ao passo que, em sua lembrança, eram de um tom de verde elegante e discreto. Mas as largas e ornamentadas sancas estavam tão brilhantes, o espaço, tão generoso e os móveis, tão radiantes quanto ele recordava.

Obras de arte, antiguidades e flores em antigos e magníficos vasos de cristal denotavam riqueza e classe. Ainda assim, pelo que lembrava, a sensação que se tinha ali era a de se estar num lar, e não numa mansão.

Tinha um cheiro feminino no ar, uma mistura floral e cítrica.

As mulheres estavam sentadas conversando no agradável salão com tetos ornamentados, onde uma lareira crepitava como um enorme coração e a luminosidade do inverno se infiltrava pelas três janelas em arco. Ele estava acostumado a se ver cercado de mulheres, já que tinha duas irmãs, sendo ele o filho do meio.

Então, achou que poderia sobreviver à próxima hora.

Parker se levantou com um salto. Era só sorrisos e delicadeza ao cruzar o aposento para cumprimentá-lo.

– Carter! Há quanto tempo!

Ela lhe deu um beijo no rosto e, segurando sua mão, conduziu-o para perto da lareira.

– Você se lembra da Laurel?

– Hum...

– Éramos todos crianças. – Delicada e naturalmente, Parker o empurrou para uma cadeira. – Emma disse que você voltou para dar aula em Winterfield. Não foi estranho voltar como professor?

– No início, sim. Ficava esperando alguém passar o dever de casa, depois me lembrava de que era eu quem tinha que fazer isso. Desculpem-me por Sherry. Ela tem um fuso horário próprio, normalmente atrasado. Eu posso ligar...

A campainha o interrompeu, trazendo-lhe um grande alívio.

– Vou atender. – Emma se levantou e se encaminhou para a porta.

– Como está a cabeça? – perguntou Mac, voltando-se para ele, com uma caneca de café aninhada entre as duas mãos.

– Está bem. Não foi nada.

– O que aconteceu? – indagou Parker.

– Só bati com a cabeça. Sempre faço esse tipo de coisa.

– É mesmo? – Mac deu um sorrisinho irônico com o rosto voltado para a caneca.

– Desculpem-me! Desculpem-me! – Sherry entrou como um furacão: colorida, cheia de energia, gesticulando muito e dando risadinhas. – *Nunca* chego na hora. Odeio isso. Carter, você é o máximo... – A expressão alegre e corada deu lugar a um ar de preocupação. – O que aconteceu com a sua cabeça?

– Fui assaltado. Eram três caras, mas consegui me livrar deles.

– O quê? Ai, meu Deus, você...

– Eu bati com a cabeça, Sherry. Foi só isso.

– Ah! – Mais calma e aliviada, ela se sentou no braço da cadeira do irmão. – Ele sempre faz isso.

Carter se levantou e fez a irmã se sentar na cadeira. Depois, tentou achar um lugar em que pudesse se acomodar e ser esquecido. Emma se aproximou mais de Laurel no sofá e deu um tapinha no lugar vago ao seu lado.

– Sente-se aqui, Carter. E então, Sherry, está empolgada?

– Demais! Nick ia vir, mas teve uma cirurgia de emergência. Isso faz parte do pacote quando nos casamos com um médico. Mas acredito que Carter possa contribuir com uma visão masculina, não é? Além disso, ele me conhece e conhece Nick.

Esticou o braço para pegar a mão de Parker e deu uma dançadinha para mostrar sua felicidade.

– Dá para acreditar nisso? Vocês lembram que brincávamos de Casamento quando éramos crianças? Eu brinquei algumas vezes com vocês. Acho até que me casei com a Laurel.

– E disseram que o casamento não ia durar – disparou Laurel, provocando mais uma vez a risada fácil e contagiante de Sherry.

– E aqui estamos. Exatamente aqui. E vou me casar!

– A sem-vergonha me trocou por um médico. – Laurel balançou a cabeça e tomou um gole de água gelada com uma fatia de limão.

– Ele é *incrível*. Esperem até conhecê-lo. Ai, meu Deus! Vou me casar! – Ela levou as mãos às faces ao dizer isso. – E nem sei por onde começar. Sou tão desorganizada! Todo mundo fica dizendo que eu deveria pensar nisso ou reservar aquilo. Fiquei noiva há poucos meses e já sinto que estou andando em círculos.

– É para isso que estamos aqui – assegurou-lhe Parker, pegando um grosso caderno de anotações. – Por que não começa nos dizendo que tipo de casamento vai querer? Tente descrever o que tem em mente com apenas três ou quatro palavras.

– Humm... – Sherry lançou um olhar de súplica para o irmão.

– Não olhe para mim. O que eu sei sobre isso?

– Você me conhece. Diga o que *você acha* que eu quero.

Droga, pensou ele.

– Só comer biscoitinhos – resmungou Carter e, virando-se para a irmã: – Diversão.

– *Isso*! – Ela apontou para ele. – Não quero dar a impressão de que a ocasião não é importante e solene, mas quero me divertir. Quero uma festa enorme, alegre e divertida. Também quero que Nick perca a fala durante uns cinco minutos quando me vir entrando. Quero *matá-lo*. E que todos os convidados se lembrem desse dia como o *melhor*! Já fui a casamentos bem bonitos, mas, meu Deus, foram tão chatos... Entendem?

– Perfeitamente. Você quer deixar Nick extasiado e depois quer comemorar. Uma celebração que reflita quem você é, quem ele é e como são felizes juntos.

Sherry sorriu para Parker.

– É isso mesmo.

– Está marcado para outubro. Tem ideia do número de convidados?

– Queremos que sejam no máximo duzentos.

– Ok. – Parker fez umas anotações. – Ao ar livre, como tinha dito. Um casamento no jardim.

Enquanto Parker discutia alguns possíveis detalhes com Sherry, Mac observava. *Animada* era a primeira palavra que lhe ocorria para descrever a noiva. Agitada, alegre, bonita. Cabelos louros, olhos azuis como um céu de verão, curvilínea, casual. Algumas fotos e a estratégia dependeriam do vestido, das cores escolhidas, mas o resto todo se concentrava em quem estaria *usando* o vestido de noiva.

Captou alguns detalhes. Seis madrinhas. As cores seriam tons de rosa – *candy* e pastel. E, quando Sherry mostrou a Parker uma foto do vestido, Mac pediu para ver também. Deu uma avaliada e sorriu.

– Aposto que ficou lindo em você. É perfeito.

– Gostou mesmo? Achei perfeito e o comprei em menos de dois minutos, depois...

– Não, às vezes o primeiro impulso é o correto. Esse é um desses casos. – O vestido tinha uma saia rodada, branca e cintilante, um corpete tomara que caia e uma cauda reluzente que parecia um rio. – Uma princesa sexy. – Como conseguira a atenção de Sherry, decidiu tratar de seus assuntos: – Você vai querer um retrato de noivado?

– Ah... bem, eu quero, mas não gosto dessas fotos formais que vemos tanto por aí. Sabe, o cara atrás da moça, ambos sorrindo para a câmera. Não quero lhe dizer como fazer o seu trabalho nem nada.

– Tudo bem. Meu trabalho é fazer você feliz. Por que não me diz o que você e Nick gostam de fazer?

Sherry lhe deu um sorrisinho malicioso, e Mac riu e viu Carter corar de novo.

Muito fofo.

– E além disso?

– Gostamos de comer pipoca e assistir a filmes bem ruins em DVD. Ele está tentando me ensinar a esquiar, mas os Maguires são geneticamente estabanados. Carter é o maior de todos, mas não fico muito atrás dele. Gostamos de sair com os amigos, esse tipo de coisa. Ele é cirurgião, então seu tempo livre é precioso. Não planejamos muito as coisas. Acho que somos mais do tipo espontâneo.

– Entendo. Se quiser, posso ir até vocês. Em casa as fotos ficam mais casuais e espontâneas que no estúdio.

– Sério? Gostei dessa ideia. Pode ser logo?

Mac pegou o palmtop e verificou a agenda.

– Tenho algumas brechas nesta semana e na próxima estarei livre. Por que não vê com Nick e me passa algumas opções de datas e horários bons para vocês? Vamos dar um jeito.

– Que maravilha!

– Quer dar uma olhadinha nas fotos do portfólio de casamento?

– Vi algumas pelo site, como Parker sugeriu. E também as fotos das flores, dos bolos e de todo o resto. Vou querer tudo.

– Então vamos dar uma olhada nos pacotes? – sugeriu Parker. – Para saber qual é o mais adequado a vocês. Sempre podemos fazer ajustes para atendê-los.

– É para isso que preciso do Carter. Nick disse que eu podia fazer o que quisesse, mas isso não *ajuda* muito.

Que droga, pensou Carter mais uma vez.

– Sherry, não entendo nada desse tipo de coisa. Eu só...

– É assustador ter que decidir tudo sozinha. – Sherry lançou para o irmão aquele olhar arregalado e indefeso que funcionava com ele desde que ela tinha 2 anos. – Não quero errar.

– Você não precisa decidir agora. – Parker mantinha um tom tranquilo. – E, mesmo que decida, pode mudar de ideia depois, não tem o menor problema. Você vai ter reuniões com cada uma de nós individualmente. Isso ajudará. Por ora podemos apenas deixar a data agendada e mais tarde você assina o contrato.

– Eu gostaria muito de assinar hoje para tirar esse item da minha lista de pendências. São tantas... Só quero uma opinião, Carter, nada mais.

– Por que não dá uma olhada nas opções? – Sorrindo, Parker estendeu para ele um folheto aberto na parte dos pacotes. – Sherry, já se decidiu entre uma banda ou um DJ?

– DJ. Achamos que assim vai ficar mais descontraído, e podemos trabalhar com ele na escolha das músicas. Você conhece algum bom?

– Conheço. – De outra pasta, Parker puxou um cartão de visitas. – Ele trabalhou em vários eventos aqui e acho que é bem o que estão querendo. Dê uma ligada para ele. Cinegrafista?

No sofá, Carter tinha posto os óculos de leitura e franzia a testa para a lista de pacotes.

Muito sério, pensou Mac. E ficou ainda mais sexy com aqueles óculos de aro metálico que lhe davam um ar nerd. Ele realmente dava a impressão de estar estudando para uma prova. Como Parker e Sherry pareciam estar se entendendo, Mac decidiu dar a ele uma colher de chá.

– Ei, Carter, será que você pode me ajudar a fazer mais café? – Ele ergueu a cabeça, piscando, com os olhos azuis emoldurados pela armação prateada. – Traga o folheto, ok?

Mac pegou a bela cafeteira e foi a passos largos até a porta, onde o esperou. Carter teve que dar a volta na mesa de centro e ela percebeu que ele quase bateu o tornozelo.

– O restante da equipe pode cuidar de tudo a partir de agora – garantiu ela. – Sua irmã acha que, por você ser o irmão mais velho e estar aqui representando o noivo, precisa da sua opinião, mas não hesitará em ignorá-la se não for igual à dela.

– Ok – disse ele quando entraram na cozinha. – Então posso apenas fechar os olhos e pôr o dedo ao acaso numa das opções e dar o assunto por encerrado?

– Pode. Mas deveria dizer a ela que acha que a número três é a melhor.

– Número três. – Ele pôs o folheto sobre o balcão da cozinha, ajeitou os óculos e leu a descrição. – Por quê?

– Porque é bem completa e tenho a impressão de que Sherry quer que alguém resolva e cuide dos detalhes por ela. Esse pacote lhe dará uma série de opções e ainda deixa espaço para acrescentar outras coisas. Você pode dizer também que ela deveria escolher o coquetel volante em vez do jantar. É mais informal, dá mais oportunidade para os convidados confraternizarem. É

perfeito para ela. Depois, quando você já tiver sido liberado, ela vai se reunir com Laurel para decidir sobre o bolo, sabor, formato, tamanho, essas coisas. E com Emma, para escolher as flores. Parker vai resolver o resto, e acredite em mim quando digo que ela resolve mesmo. Agora parece muita coisa, mas, assim que ela tiver escolhido o pacote, e já que a questão do vestido está resolvida, além do local, da fotógrafa, etc., ela vai conseguir pensar no resto.

– Ok. Então digo a ela para escolher o pacote três. Ele abarca um monte de detalhes e dá margem para acrescentar outras coisas. Tem muitas opções incluídas. E ela deve escolher o coquetel volante, porque é mais amigável e estimula o entrosamento.

– Você é bom nisso.

– Decorar fatos e texto é fácil. Se ela me pedir para ajudá-la a escolher o buquê, saio correndo.

– Eu entendo você. – Mac entregou a cafeteira a ele. – Elas não precisam de mim para isso. Leve a cafeteira e diga o que tem a dizer. E lembre-a de me mandar as datas possíveis para fazermos a foto do noivado.

– Você não vai voltar para lá comigo?

Carter parecia estar um pouco em pânico. Mac encostou de leve no rosto dele.

– Veja pelo lado positivo: uma mulher a menos. Nós nos vemos, Carter.

Ele ficou parado por um momento vendo-a ir embora, deixando-o com o café e o folheto.

capítulotrês

Por ter conseguido fugir um pouco mais cedo, Mac teve tempo para retornar ligações, marcar reuniões e ainda pôr no site uma seleção das últimas fotos. Com o resto da tarde livre – ou pelo menos o que sobrara dela –, aproveitou para rever uma última vez as imagens do casamento do ano-novo.

O telefone tocou, interrompendo-a, mas Mac disse a si mesma que trabalho era trabalho e foi atender.

– Votos. Fotografia.

– Mackensie?

Na mesma hora Mac fechou os olhos e fingiu esfaquear a própria cabeça. *Por que* não aprendia a checar o identificador de chamadas antes de atender, mesmo no número do trabalho?

– Oi, mãe.

– Você não retornou as minhas ligações.

– Estava trabalhando. Eu disse que estaria enrolada esta semana, mãe, e já pedi para você não ligar para esse número.

– Você atendeu, não atendeu? Não consegui falar com você nas outras *três* vezes que liguei.

– Desculpe.

Agora aguente, disse Mac a si mesma. Seria mais rápido, já que não conseguiria fazer a mãe entender que não podia bater papo em horário de trabalho.

– Como foi o ano-novo? – perguntou para a mãe.

Ouviu uma simples inspiração, mas foi o suficiente para saber que uma tempestade estava a caminho.

– Terminei com o Martin, o que eu já teria lhe contado se você se desse o trabalho de atender as minhas ligações. Foi uma noite horrível. Horrível, Mac. – Ao dizer isso, a respiração entrecortada se misturou a lágrimas. – Estou arrasada há dias.

Martin, Martin... Não tinha certeza se conseguia se lembrar do atual ex-namorado da mãe.

– Sinto muito. Rompimentos em época de festas são terríveis, mas acho que você pode encarar isso como uma oportunidade de começar o novo ano como uma página em branco.

– *Como é que é?* Você sabe como eu amava o Martin! Estou com 42 anos, sozinha e completamente arrasada.

Quarenta e sete, corrigiu Mac. Mas o que eram cinco anos entre mãe e filha? Sentada à escrivaninha, Mac massageou a têmpora.

– Foi você que terminou com ele, não foi?

– Que diferença faz? Acabou. E eu sou louca por ele. Agora estou sozinha de novo. Tivemos uma briga horrível e Martin foi irracional e cruel. Ele me chamou de *egoísta*. Disse também que eu era excessivamente emotiva e, ah, outras coisas horrorosas. O que mais eu poderia fazer senão terminar? Ele não é o homem que eu achei que fosse.

– Humm. Eloisa já voltou para a escola? – perguntou Mac, tentando desviar o assunto para sua meia-irmã.

– Voltou ontem. Ela me abandonou aqui sozinha, neste estado, mal conseguindo sair da cama de manhã. Tenho duas filhas por quem sempre fiz de tudo. E nenhuma delas faz um esforço sequer para me dar apoio quando estou emocionalmente arrasada.

Como já estava começando a sentir a cabeça latejar, Mac se inclinou para a frente e bateu de leve a testa na mesa.

– O semestre está começando. Ela tinha que voltar. Talvez Milton...

– Martin.

– Isso, talvez ele peça desculpas e...

– Acabou. Não tem volta. Nunca vou perdoar um homem que me tratou com tanto desrespeito. O que eu preciso é me curar, voltar a ser eu mesma. Preciso de um tempo, de tranquilidade, de um lugar para me desintoxicar do estresse dessa situação horrível. Reservei uma semana num spa na Flórida. É disso que preciso. Sair daqui, ficar longe desse frio horrível, das lembranças e da dor. Preciso de 3 mil dólares.

– Três... Mãe, você não espera que eu lhe dê 3 mil dólares para fazer tratamentos faciais na Flórida só porque teve uma briga com Marvin.

– Martin, droga! E isso é o mínimo que você pode fazer. Se eu precisasse de tratamento médico, você se recusaria a pagar o hospital? Eu tenho que ir. Já reservei e tudo.

– A vovó não mandou dinheiro para você mês passado? Como presente de Natal antecipado?

– Tive algumas despesas. Comprei um relógio TAG Heuer, edição limitada, de presente de Natal para aquele homem terrível. Como eu poderia saber que ele se tornaria um monstro?

Então ela começou a soluçar, chegava a dar pena.

– Devia pedir que ele devolvesse o presente. Ou...

– Eu *nunca* seria tão deselegante. Não quero de volta nem ele nem o maldito relógio. Quero sair daqui.

– Claro. Então vá para algum lugar que possa pagar ou...

– Preciso do spa. Obviamente estou sem um tostão depois de todas as despesas com as festas e preciso da sua ajuda. O seu negócio vai muito bem, como você sempre faz questão de me dizer. Preciso de 3 mil dólares, Mackensie.

– Como precisou de outros 2 mil no último verão para passar duas semanas na praia com El? E...

Linda começou a chorar de novo. Dessa vez, Mac não bateu a cabeça na escrivaninha, apenas a encostou.

– Você não quer me ajudar? Não quer ajudar a sua mãe? Acho que, se me despejassem, você

simplesmente ia me deixar na rua e olhar para o outro lado. Siga com a sua própria vida enquanto a minha está destruída. Como pode ser tão egoísta?

– Vou transferir o dinheiro para a sua conta de manhã. Boa viagem – disse Mac, desligando o telefone.

Levantou-se, foi até a cozinha e pegou uma garrafa de vinho.

Precisava beber.

Com o cérebro meio entorpecido por quase duas horas de tule, rosas, véus, listas de convidados e todas essas coisas – e hiperenergizado por causa do café e dos biscoitinhos (bons demais), Carter voltou para o carro. Estacionara mais perto do estúdio de Mac. Por causa da escolha geográfica, recebeu a incumbência de entregar um pacote que fora deixado por engano na mansão.

Caminhava com o pacote debaixo do braço quando os primeiros flocos de neve começaram a cair. Tinha que voltar para casa, pensou, para terminar de preparar uma aula e melhorar um teste surpresa que planejava aplicar no fim da semana.

Precisava dos livros e de silêncio. A tarde de estrogênio, açúcar e cafeína fora bem cansativa. E, ainda por cima, a cabeça estava doendo de novo.

A neve e a casa se encontravam em meio à escuridão, tanto que já tinham acendido as luzes que margeavam o caminho. O estúdio de Mackensie, porém, estava todo apagado.

Talvez ela tenha saído, pensou, esteja dormindo ou andando pela casa seminua de novo. Cogitou deixar o pacote em frente à porta, mas isso não lhe pareceu muito responsável. Além do mais, o pacote era uma boa desculpa para vê-la de novo – e reacender a queda que tinha por ela aos 17 anos.

Então bateu à porta, ajeitou o pacote e esperou.

Mac abriu, inteiramente vestida, para alívio – e desapontamento de Carter. Lá estava ela, na penumbra, com uma taça de vinho numa das mãos e a outra apoiada na porta.

– Parker me perguntou se eu podia lhe trazer isto quando eu fosse embora. Eu só...

– Que bom. Obrigada. Entre.

– Eu só...

– Tome uma taça de vinho.

– Bem, eu vou dirigir... – começou ele, mas Mac já tinha se afastado, daquele jeito dela, como se deslizasse com seus longos passos sensuais.

– Eu já estou tomando, como pode ver. – Ela pegou outra taça e serviu generosamente. – Não vai me deixar beber sozinha, vai?

– Parece que cheguei tarde demais para isso.

Com uma gargalhada, Mac empurrou a taça para a mão dele.

– Então pegue. Só tomei duas. Não, três. Acho que foram três.

– A-hã. Muito bem. – Se Carter não se enganava, havia raiva e perturbação por trás do entusiasmo daquelas três taças. Em vez de beber, Carter esticou o braço e acendeu a luz da

cozinha. – Está escuro aqui.

– É, está. Você foi gentil com a sua irmã hoje. Algumas famílias são legais. Eu observo e percebo isso. Lembro que a sua era. Não conhecia você e Sherry tão bem assim, mas lembro. É uma família legal. A minha é uma droga.

– Ok.

– Sabe por quê? Vou contar. Você tem uma irmã, não é?

– Tenho. Na verdade, duas. Talvez devêssemos nos sentar.

– Duas, claro, claro. Tem uma mais velha também. Não a conheci. Então são duas. E eu? Tenho um, feito de duas metades. Uma meia-irmã da minha mãe e um meio-irmão do meu pai, que poderiam se fundir para formar um irmão inteiro. Isso sem contar os filhos dos padrastos e madrastas. Já perdi a conta de quantos são. Eles vêm e vão, vão e vêm, conforme meus pais saem casando por aí. – Tomou um gole do vinho e prosseguiu: – Aposto que sua família fez uma festança de Natal, não fez?

– Ah, sim, nós...

– Sabe o que eu fiz?

Certo, ele tinha entendido. Aquilo não era uma conversa. Ele estava ali só para servir de caixa de ressonância.

– Não.

– Como o meu pai está... em algum lugar. Acho que em Vail – conjecturou ela, franzindo a testa. – Ou talvez na Suíça, com a terceira mulher e o filho deles... Bem, ele não conta. No entanto, me mandou uma pulseira absurdamente cara, não por culpa ou alguma devoção paternal, coisas que ele não tem, mas porque é um herdeiro riquinho que nunca deu a menor bola para dinheiro.

Parou de falar, franziu outra vez a testa e bebeu mais um pouco.

– Onde é que eu estava mesmo?

– No Natal.

– Claro, claro. O meu Natal em família. Fui visitar minha mãe e Eloisa, a meia-irmã, no dia 23, porque nenhuma de nós tinha o mínimo interesse em passar o Natal juntas. Nada de peru. Troquei presentes, bebi com elas, desejei felicidades e fugi.

Ela sorriu, mas sem nenhum traço de bom humor.

– Não cantamos canções de Natal em volta do piano. Na verdade, El fugiu antes de mim, para sair com uns amigos. Não posso culpá-la. Minha mãe faz com que a gente queira beber, como você pode ver – disse isso estendendo o copo.

– É, estou vendo. Vamos dar uma volta?

– Uma o quê? Por quê?

– Por que não? Está começando a nevar. – Como quem não queria nada, Carter tirou a taça da mão dela e a pôs na bancada, junto com a sua, que permanecia intocada. – Gosto de caminhar na neve. Vou pegar o seu casaco.

Mac franziu a testa ao vê-lo trazer o casaco para que ela o vestisse.

– Não estou bêbada. Ainda. Além disso, uma mulher não pode ficar de pilequinho na própria

casa se quiser?

– Claro que pode. Você tem um gorro?

Ela enfiou a mão no bolso do casaco e puxou um gorro verde-vivo.

– Isso não significa que passo as noites aqui enchendo a cara de vinho ou algo assim.

– Tenho certeza de que não. – Ele enfiou o gorro na cabeça de Mac, depois enrolou o cachecol em seu pescoço e abotoou o casaco dela. – Assim está bom. – Ele a pegou pelo braço, conduziu-a até a porta e saíram.

Mac assobiou quando o frio bateu no rosto e, por precaução, Carter a segurou pelo braço.

– Prefiro o calor – murmurou ela, mas, ao tentar dar meia-volta, ele seguiu em frente.

– Gosto quando neva de noite. Bem, não é noite ainda, mas parece que vai continuar nevando. Gosto de ficar observando pela janela o branco contrastando com o preto.

– Não estamos observando pela janela. Estamos no meio dessa droga.

Ele apenas sorriu e continuou andando. Havia muitos caminhos e todos tinham sido cuidadosamente limpos antes de a neve voltar a cair.

– Quem limpa isso tudo?

– Isso o quê?

– A neve, Mackensie.

– Nós mesmas, ou então contratamos Del e seu amigo Jack. Algumas vezes pagamos alguns adolescentes para fazer o serviço. Depende muito. Temos que manter os caminhos limpos. Isso aqui é um negócio, por isso precisamos cuidar do lugar. Para as áreas do estacionamento, usamos o limpa-neve.

– Uma trabalheira, com um lugar tão grande como este e uma empresa com tantas facetas...

– Faz parte e, além do mais, aqui também é nossa casa, então... Ah, você está mudando de assunto. – Estreitou os olhos para ele. – Não sou idiota, só estou um pouco alta.

– E qual era o assunto?

– A tremenda droga que é a minha família. Onde foi que parei?

– Acho que parou no Natal e em como a sua mãe faz você ter vontade de beber.

– Isso mesmo, foi aí. Veja como ela me fez beber desta vez: terminou com o último namorado. Uso o termo *namorado* deliberadamente, pois a atitude mental dela com relação a homens, relacionamentos, casamentos, é igual à de uma adolescente. Seja como for, drama, drama, e, é claro, agora ela precisa ir para um spa para se recuperar da provação e do estresse que é ter o coração partido. O que é uma bobagem, mas ela acredita *mesmo* nisso. E como ela não consegue guardar nem 10 dólares no bolso por mais de cinco minutos, espera que eu arque com as despesas: 3 mil dólares.

– Você tem que dar 3 mil dólares para a sua mãe porque ela terminou com o namorado e quer ir para um spa?

– Se ela precisasse de tratamento médico, eu simplesmente a deixaria morrer? – Tentando expressar o método de ataque da mãe, Mac girava os braços no ar. – Não, não, não. Não foi isso que ela disse desta vez. Foi que, se fosse despejada, eu a deixaria na rua. Ela tem uma coleção de frases como essa. Talvez tenha usado as duas. Já estou começando a confundir. Então, é isso aí,

ela acha que eu tenho que pagar. Corrigindo: eu *vou* pagar, porque, do contrário, ela ficaria me cercando e me aborrecendo até me convencer. Por isto o vinho: o fato de eu sempre ceder me enoja e enfurece.

– Não tenho nada com isso, mas, se continuasse negando, ela não ia acabar parando? Se continuar dizendo sim, ela não terá por que parar.

– Eu *sei*. – Deu um tapinha no peito dele. – É claro, eu sei disso, mas ela é incansável e fico querendo me livrar logo. Por que ela não se casa de novo? Talvez dê sorte com o quarto. Aí se muda para um lugar bem longe, como Mianmar, quem sabe? Podia sumir de vez, como o meu pai. Só aparecer ocasionalmente. Quem sabe ela não conhece um sujeito nesse spa, quando estiver sentada à beira da piscina tomando um suco de cenoura ou qualquer coisa do gênero, e se apaixona, o que para ela é tão fácil quanto comprar sapatos. Não, é ainda mais fácil. Ela se apaixona – prosseguiu Mac –, muda-se para Mianmar e me deixa em paz.

Mac suspirou e ergueu o rosto. Percebeu que não sentia mais tanto frio. E a neve cada vez mais densa era bonita, relaxante. Caminhar ali, tinha que admitir, foi uma ideia melhor do que beber.

– Você é um cara com quem se pode contar, não é?

– Para pedir dinheiro?

– Não, para pedir ajuda. Aposto que sempre abre a porta para alguém que esteja com as mãos ocupadas, mesmo com pressa. Deve ouvir os problemas dos seus alunos mesmo se tiver outra coisa para fazer. – Mac baixou o rosto, sem graça, e acrescentou: – E leva mulheres ligeiramente bêbadas para dar uma voltinha na neve.

– Parecia ser a coisa certa a fazer.

Pelo que Carter notou, ao fitar aqueles fascinantes olhos verdes, ela estava menos agitada, mais triste.

– Aposto que já está de saco cheio de mulheres.

– De uma maneira geral ou só neste instante?

Mac sorriu para ele.

– Aposto que você é mesmo um cara legal.

Ele não suspirou, mas teve vontade.

– Já fui acusado disso. – Deu uma olhada em volta, tentando achar alguma outra coisa para falar. Tinha que levá-la para casa, pensou, mas queria ficar só mais um pouquinho com ela. – Diga-me, que tipo de pássaro aparece por aqui? – perguntou, apontando para dois belos comedouros.

– O tipo que voa. – Ela enfiou as mãos nos bolsos. Nenhum dos dois tinha se lembrado de pegar luvas. – Não entendo muito de pássaros. – Inclinando a cabeça, voltou a examiná-lo. – Você é um desses observadores de pássaros?

– Não, não de verdade. É só uma espécie de hobby. – Ai, Deus, ele não podia ser menos esquisito? Você não tem a menor chance, Carter, vá embora antes que seja tarde, pensou. – É melhor voltarmos. A neve aumentou.

– Não vai me dizer que tipo de pássaros eu deveria observar? Emma e eu abastecemos os comedouros, já que eles ficam entre a casa dela e a minha.

– A casa dela?

– É, veja. – Mac apontou para a bela casa de dois andares. – É a velha casa de hóspedes e ela usa as estufas que ficam lá atrás. Eu fiquei com a casa da piscina. Laurel e Parker dividem o terceiro andar da mansão, as alas leste e oeste. Então, é como se tivessem a própria casa. É claro que o imóvel é da Parker, mas Laurel precisa da cozinha, eu preciso de um espaço para o estúdio e Emma precisa das estufas. Por isso essa divisão foi a que fez mais sentido. Passamos muito tempo na mansão, mas cada uma tem o próprio espaço.

– Vocês são amigas há muito tempo.

– Desde sempre.

– São como uma família, não é? Das que não são uma tremenda droga?

Mac deu um meio sorriso para ele.

– Esperto, você, hein? E quanto aos pássaros...

– Nesta época do ano, é fácil encontrar cardeais.

– Ok, todo mundo sabe como é um cardeal. Foi um cardeal que permitiu que você visse meus peitos hoje.

– Como é que é?

– Ele bateu na vidraça da janela da cozinha e eu derramei Coca Zero na blusa. Mas então. Pássaros. Além dos vermelhos que dão de cara na janela, o que acha do periquito-da-carolina?

– Infelizmente, ele está extinto. Mas você pode observar alguns pardais pretos-listrados nessa região no inverno.

– Pardais pretos-listrados. Já que consegui dizer isso sem enrolar a língua, não devo mais estar bêbada.

Foram andando pelo caminho em meio a luzes brilhantes e o escuro da noite, com a neve caindo como num filme de Hollywood. Não se poderia esperar uma noite mais bonita em janeiro, pensou Mac. E teria perdido isso se ele não tivesse vindo e insistido – daquele jeito tímido – para que dessem uma volta.

– Agora, sinto-me na obrigação de esclarecer que não tenho o hábito de beber várias taças de vinho antes do anoitecer. Normalmente teria canalizado a frustração trabalhando ou descarregando nas meninas. Só que estava irritada demais para isso. E também sabia que sorvete não ia funcionar, embora me sirva de muleta em momentos assim.

– Foi o que imaginei, exceto pelo sorvete. Minha mãe faz sopa quando está muito irritada. Panelas enormes. Já tomei muita sopa na vida.

– Ninguém aqui cozinha de verdade, exceto Laurel e a Sra. G.

– Sra. G.? Sra. Grady? Ela ainda trabalha aqui? Não a vi hoje.

– Ainda trabalha aqui, ainda toma conta da casa e de todas nós. Graças a Deus. Agora ela está de férias, que ela tira todo ano no inverno, religiosamente. Em janeiro ela vai para St. Martin e fica lá até abril. Como sempre, antes de ir deixou o congelador abastecido com pratos gratinados, sopas, carnes e legumes ensopados e mais um monte de comida. Assim, nenhuma de nós corre o risco de morrer de fome em caso de nevasca ou guerra nuclear.

Mac parou à porta do estúdio, voltando-se de novo para ele.

– Que dia! Conseguiu aguentar firme, professor.

– Teve uns momentos interessantes. Ah, e Sherry vai ficar com o pacote número três, com coquetel.

– Boa escolha. Obrigada pelo passeio. E por me ouvir.

– Gosto de caminhar. – Ele tirou as mãos dos bolsos, apesar de não saber bem o que fazer com elas. – É melhor eu ir embora porque dirigir na neve é meio difícil. E... amanhã tem aula.

– Amanhã tem aula – repetiu ela e sorriu.

Em seguida, pôs as mãos, aquecidas pelos bolsos, no rosto de Carter e encostou os lábios nos dele, dando-lhe um beijo leve, amistoso, quase fraternal.

Ele reagiu sem pensar. Pegou-a pelos ombros, puxou-a para si e, encostando-a na porta, transformou aquele simples roçar de lábios num beijo longo e intenso.

O que imaginara aos 17 anos tornou-se realidade aos 30. O gosto dela, a *sensação*. Aquele instante de lábios e língua, e o sangue esquentando. No silêncio da neve caindo, na quietude essencial, o som da respiração entrecortada dela irrompeu em sua mente como um trovão.

Uma tempestade se formava.

Ela não se afastou, empurrou-o nem protestou por ele ter se aproveitado do seu gesto amistoso, transformando-o em algo quente e selvagem. A primeira coisa que pensou foi "quem diria?". Quem poderia imaginar que o professor de inglês, o cara legal que dava com a cara na parede, podia *beijar* desse jeito?

Parecia que os planos dele eram arrastá-la para a caverna mais próxima, arrancar-lhe as roupas e deixar que ela arrancasse as dele.

Depois viu que não dava mais para pensar e tudo o que conseguiu fazer foi tentar acompanhá-lo.

Sentiu-se arrebatada. Nunca acreditou nisso, mas foi o que aconteceu.

Deslizou as mãos pelo rosto dele e entremeou-as em seu cabelo. Agarrou.

Isso o fez recuar. Afastou-se um pouco e quase escorregou na neve que cobria a entrada da casa. Ela não se moveu um centímetro sequer, mas o encarou, fitando seus olhos que brilhavam no escuro.

Meu Deus!, pensou ele. Tinha perdido a cabeça.

– Desculpe – disse, ao mesmo tempo excitado e mortificado. – Desculpe. Isso foi... não foi... Eu só... de verdade, me desculpe.

Ela continuou olhando para ele, vendo-o se afastar apressado pela neve. Ouviu, em algum lugar em meio ao barulho da sua mente, o bipe de destravar portas e o viu entrar no carro por causa da luz que se acendeu lá dentro quando a porta se abriu.

Ele arrancou antes que ela pudesse recuperar o fôlego e a voz. Carter já se afastava quando Mac conseguiu dizer, com uma voz fraca:

– Sem problemas.

Sentindo-se muito mais atordoada que com o vinho, entrou em casa. Foi até a cozinha e despejou na pia a taça que ele não tomara, além do restinho que tinha ficado na sua. Depois de olhar o escuro ao redor, virou-se, recostou-se na pia e exclamou:

– Uau!

capítuloquatro

Há manhãs em que a gente precisa de mais que um biscoito e uma boa dose de café, pensou Mac. Então se deu conta de que fora poupada de uma terrível ressaca – graças a Carter Maguire –, mas teria que pegar uma pá para tirar alguns centímetros de neve que se acumularam na entrada. Queria um combustível de verdade. Sabia onde encontrar, então foi calçar as botas, vestir o casaco e saiu.

Voltou na mesma hora para buscar a câmera.

A luz, forte e radiante, irrompia de um implacável céu azul em direção a um mar calmo e branco. Intocado, sem pegadas, esse mar se espalhava pelo chão, inundando-o, afogando-o. Os arbustos tinham se tornado criaturas corcundas atravessando aquele mar congelado, e as pedras que formavam o lago da piscina pareciam uma barricada destruída.

Inspirou o frio de pequenos estilhaços de vidro e expirou nuvens de vapor gelado, focalizando o palácio de inverno em que havia se transformado o pequeno bosque.

Paisagens e imagens que pareciam pintura raramente chamavam a sua atenção. Mas aquilo, pensou, aquele preto e branco, com tantos matizes, a sombra e a luz sob um céu azul quase selvagem, tudo isso precisava ser registrado. Eram tantas formas, tantas texturas, os galhos cobertos e as cascas texturizadas das árvores ofereciam inúmeras possibilidades.

E a enorme e deslumbrante casa erguendo-se em meio àquele mar parecia uma elegante e graciosa ilha.

Foi se dirigindo para lá, testando ângulos, usando a luz, focalizando as reluzentes bolas de algodão das azaleias que iam florescer na primavera. Um movimento capturou o seu olhar e, quando se virou, Mac viu um cardeal pousado num galho de bordo coberto de neve. O pássaro se empoleirou ali, um único ponto de vermelho-vivo, e começou a cantar.

Mac se abaixou e deu zoom em vez de se aproximar e correr o risco de perder a foto. Seria o mesmo pássaro que batera na janela da cozinha? Se fosse, não parecia ter se ferido, parado ali, como uma chama no galho salpicado de branco.

Ela capturou o momento, tirando três fotos numa rápida sucessão, com ligeiras mudanças de ângulo, chegando a sujar o jeans de neve quando se inclinou um pouco para a esquerda.

Depois o pássaro voou sobre o mar congelado e, atravessando a luz brilhante, desapareceu.

Emmaline vinha se aproximando pela neve. A bela Emmaline, com o seu velho casaco azul-marinho, gorro e cachecol brancos.

– Fiquei me perguntando quanto tempo teria que esperar até você terminar ou o maldito

pássaro levantar voo. Está um *gelo* aqui fora.

– Adoro o inverno. – Mac pegou a câmera de novo e, focando Emma, apertou o botão.

– Não! Ai, meu Deus, estou horrível.

– Está uma graça. Acho o máximo essas galochas cor-de-rosa.

– Por que fui comprar cor-de-rosa? Onde eu estava com a cabeça? – Fez um gesto de reprovação e foi se juntar a Mac para irem à mansão. – Achei que você já estivesse lá, perturbando Laurel para fazer o café da manhã. Não foi você quem me chamou há cerca de uma hora falando em panquecas?

– Sim, e agora nós duas podemos encher o saco dela. Eu não tinha como não parar. Está incrível aqui fora. A luz, os tons, a textura. E aquele pássaro para completar? Foi uma espécie de prêmio.

– Está fazendo uns 7 graus negativos e, depois das panquecas, vamos congelar nosso traseiro limpando essa neve. Por que não pode ser sempre verão?

– Quase nunca comemos panquecas no verão. Crepes talvez, mas não é a mesma coisa.

Batendo as galochas cor-de-rosa para tirar a neve, Emma lançou um olhar ameaçador para Mac e abriu a porta.

Mac sentiu cheiro de café assim que entrou. Tirou o casaco, deixou a câmera em cima da secadora com o maior cuidado e foi dar um abraço apertado em Laurel.

– Eu sabia que podíamos contar com você.

– Vi você bancando a amante da natureza lá fora e presumi que viria implorar para que eu fizesse panquecas. – Com o cabelo preso para trás e as mangas arregaçadas, Laurel media a quantidade de farinha.

– Adoro você, e não é só por causa das panquecas em dias frios.

– Que bom! Podem se sentar. Parker já está lá em cima respondendo e-mails.

– Vai chamar o limpa-neve? – perguntou Emma. – Tenho três reuniões hoje.

– Só para o estacionamento. Não tem neve suficiente para chamarmos uma tropa para limpar o resto. Nós mesmas podemos cuidar disso.

Emma fez bico e fechou a cara.

– Odeio limpar neve.

– Coitadinha da Em – disseram Mac e Laurel ao mesmo tempo.

– Palhaças.

– Tenho uma história para contar durante o café da manhã. – Entusiasmada com a inesperada sessão de fotos e porque estava prestes a comer panquecas, Mac pôs açúcar no café que havia servido. – Uma história *quente*.

Emma, que estava abrindo o armário, se deteve.

– Conte logo.

– Não estamos comendo. Além disso, Parker ainda não desceu.

– Vou lá em cima buscá-la. Quero uma história quente de café da manhã para me manter aquecida enquanto limpo essa maldita neve – disse Emma, saindo apressada da cozinha.

– Uma história quente no café da manhã. – Olhando para Mac, Laurel pegou a colher de pau para misturar a massa. – Deve envolver Carter Maguire, a menos que você tenha recebido um

telefonema obsceno e considere isso quente.

– Depende de quem estiver do outro lado da linha.

– Ele é mesmo adorável, mas não faz muito o seu tipo.

Mac se virou para trás enquanto abria a gaveta dos talheres.

– E eu tenho um tipo?

– Você sabe que tem. Gosta dos atléticos, divertidos, de preferência um pouco criativos, embora isso não seja uma exigência, e que não sejam muito intensos ou sérios. No seu histórico não há homens intelectuais, acadêmicos ou timidamente charmosos.

Agora foi Mac quem ficou de cara feia.

– Gosto de caras inteligentes. Talvez só não tenha encontrado ainda um que mexesse de verdade comigo.

– Ele também é doce, o que não é comum para você.

– Gosto de doce – retrucou Mac. – Prove só o meu café!

Com uma gargalhada, Laurel parou de misturar a massa e tirou umas frutas do congelador.

– Ponha a mesa, Mackensie.

– É o que estou fazendo. – Enquanto isso, ficou pensando na lista de Laurel. Talvez ela tivesse razão, até certo ponto. – Todo mundo tem um tipo. Parker tem um tipo. Bem-sucedido, arrumadinho, erudito.

– Bilíngue, de preferência – acrescentou Laurel, enquanto lavava as frutas. – E que seja capaz de distinguir Armani e Hugo Boss a uns vinte passos de distância.

– Emma tem um tipo: basta ser homem.

Laurel soltou uma gargalhada. Emma estava voltando.

– Parker já está descendo. Do que estão rindo?

– De você, querida. Já acendi o fogo – anunciou Laurel. – É melhor nos apressarmos.

– Bom dia, sócias. – Parker apareceu com jeans escuro, um suéter de caxemira, o cabelo bem preso num rabo de cavalo e maquiagem discreta. Mac pensou que poderia facilmente odiar Parker, se não a amasse tanto. – Marquei mais três reuniões para mostrar a casa e apresentar nossa proposta. Meus Deus, adoro feriados! Tanta gente fica noiva... E daqui a pouco já é Dia dos Namorados e teremos novos contratos. Panquecas?

– Pegue a calda – pediu-lhe Laurel.

– As estradas estão limpas. Acho que ninguém vai cancelar as reuniões de hoje. Ah, e os Paulsons mandaram um e-mail assim que voltaram da lua de mel. Vou selecionar alguns trechos para o site.

– Nada de trabalho – decretou Emma. – Mac vai contar uma história quente no café da manhã.

– Sério? – Com as sobrancelhas erguidas, Parker pôs a calda e a manteiga na mesa, no canto em que tomavam o café da manhã. – Conte logo.

– Tudo começou, e histórias quentes quase sempre começam assim, quando derramei refrigerante na minha blusa.

Laurel trouxe a bandeja de panquecas para a mesa.

– Ele *disse* que tinha dado de cara na parede – interrompeu Emma. – Pobre Carter! – Soltou

uma gargalhada enquanto cortava o primeiro pedacinho de uma panqueca.

– Com toda força – acrescentou Mac. – Quer dizer, ele deu uma trombada nela. Se fosse um desenho animado, teria passado pela parede deixando nela um buraco com sua silhueta. Depois, Carter ficou sentado no chão e, quando tentei ver se tinha sido muito grave, pus os peitos bem na cara dele, algo que, muito educadamente, ele me fez notar.

– Ele disse "Desculpe-me, senhorita, mas seus peitos estão na minha cara"?

Mac abanou o garfo para Laurel.

– Mais ou menos. Ele não disse "peitos" e meio que gaguejou. Então fui pegar uma camiseta na secadora, levei para ele uma bolsa de gelo e concluí que ele não precisava ir para uma emergência – contou, enquanto comia uma pequena pilha de panquecas.

– Estou um pouco decepcionada – disse Laurel. – Esperava que uma história quente tivesse sexo e não apenas seus belos peitos.

– Ainda não terminei. A segunda parte começa quando voltei para casa para trabalhar e sem querer atendi o telefone. Era minha mãe.

O sorriso de Parker desapareceu e ela balançou a cabeça.

– Isso não é nada quente. Já falei mil vezes para checar o identificador de chamadas antes de atender, Mac.

– Eu sei, eu sei, mas ela ligou para o número de trabalho e nem pensei nisso. Além do mais, fiz pior que isso. Ela terminou com o último namorado e veio com aquela conversa de sempre. Está arrasada, devastada, blá-blá-blá. A dor e o sofrimento vão demandar uma semana num spa na Flórida e 3 mil dólares de mim.

– Você não concordou – murmurou Emma. – Diga que não concordou.

Mac deu de ombros e enfiou o garfo em outro pedaço de panqueca.

– Queria conseguir dizer não.

– Querida, você tem que parar com isso – aconselhou Laurel. – Precisa parar.

– Eu sei. – Sob a mesa, Emma fez um carinho no joelho de Mac para mostrar solidariedade. – Eu sei, mas acabei cedendo e pronto. Depois disso, abri uma garrafa de vinho para esquecer a tristeza e o estômago embrulhado.

– Devia ter voltado para cá. – Parker estendeu o braço e tocou a mão da amiga. – Estávamos aqui.

– Também sei disso. Eu estava tão irritada, triste e com tanta pena de mim mesma que meu estômago chegava a revirar. Então, adivinhem quem bateu à minha porta?

– Arrá. – Laurel arregalou os olhos. – Não vai me dizer que fez sexo com Carter bêbada e cheia de pena de si mesma? Mas, se fez, por favor, conte todos os detalhes.

– Convidei-o para beber comigo.

– Ai, caramba! – Para comemorar, Emma comeu mais numa lasquinha de panqueca.

– Despejei tudo em cima dele. Minha família e a droga que ela é. O cara foi lá deixar um pacote e acabou tendo que aturar uma mulher meio bêbada numa festinha particular de autopiedade. Não me dei conta na hora, pois estava bêbada e exaltada, mas ele ficou me ouvindo falar. Depois me levou para dar uma volta. Pôs o casaco em mim, o abotoou como se eu tivesse 3 anos e me

levou lá para fora. E continuou ouvindo até eu não ter mais o que dizer. Então me levou de volta e...

– Você o convidou para entrar de novo e fizeram sexo – concluiu Emma.

– Arranje a sua própria história quente de café da manhã. Eu estava meio envergonhada e realmente agradecida, então dei um selinho nele. Foi uma espécie de beijo de agradecimento. Mas de repente me vi no meio de um beijo daqueles de fritar o cérebro, fazer o sangue circular depressa, no ritmo de tambores selvagens. Do tipo "me joga na parede e me chama de lagartixa".

– Ah! – Emma estremeceu, deliciada. – *Adoro* esse tipo de beijo.

– Você adora qualquer tipo de beijo – observou Laurel.

– É verdade, adoro mesmo. Achava que o Carter fosse mais do gênero sexy recatado e lento.

– Talvez seja... normalmente. Porque, enquanto minha cabeça estava ocupada explodindo, ele parou, pediu desculpas várias vezes e fugiu em direção ao carro. Ele foi embora bem na hora em que consegui recuperar a fala.

Parker afastou o prato e pegou o café.

– Bem, agora é você que vai ter que ir atrás dele.

– Claro – repetiu Emma e virou-se para Laurel esperando que ela desse o seu veredicto.

– Isso pode dar problema. – Laurel deu de ombros. – Carter não faz o tipo dela e teve uma atitude que não combina com o jeito dele. Está me cheirando a complicação.

– Só porque ele é legal, doce, ligeiramente desastrado e beija como um guerreiro? – Emma deu um chute de leve em Laurel por baixo da mesa. – Pois *eu* sinto cheiro de romance.

– Você sente cheiro de romance até num engarrafamento.

– Talvez. Mas você sabe muito bem que está curiosa em relação ao que vai acontecer depois. Não se pode simplesmente deixar para lá um beijo desses – acrescentou Emma, voltando-se para Mac.

– Talvez, porque, do jeito que está, já é uma boa história quente de café da manhã e ninguém sai magoado. Agora, tenho que ligar para o banco para jogar 3 mil dólares para o alto como se fossem confete. – Levantou depressa. – Vejo vocês lá fora, com as pás.

Parker pegou uma fruta da tigela depois que Mac saiu.

– Ela não vai deixar as coisas como estão. Vai pirar com isso.

– Aposto que o segundo beijo será em menos de 48 horas – concordou Laurel, fazendo uma careta. – Droga! Ela escapou sem ajudar com a louça.

Na sua escrivaninha, Carter revia os itens que planejava discutir com a turma no último tempo. Manter a energia e o interesse dos alunos era a chave para concluir a última aula do dia, quando apenas cinquenta minutos (ou intermináveis cinquenta minutos, dependendo do ponto de vista) os separavam da liberdade. A abordagem correta podia capturar a atenção dos que ficavam só olhando para o relógio.

Eles precisavam aprender alguma coisa.

O problema é que ele mesmo não estava conseguindo manter a concentração.

Deveria ligar para ela e se desculpar de novo? Talvez pudesse mandar uma mensagem. Ele era melhor escrevendo do que falando. Na maioria das vezes.

E se apenas deixasse para lá? Já tinha se passado um tempinho. Bem, um dia e duas noites para ser exato.

Tinha consciência de que estava sendo obsessivo.

Queria simplesmente deixar para lá e registrar o acontecimento na lista dos Momentos Embaraçosos do Carter. Mas não conseguia parar de pensar nisso. Nela.

Tinha voltado ao ponto exato onde estivera treze anos antes. Sofrendo por causa de uma patética atração por Mackensie Elliot.

Ia superar isso, disse a si mesmo. Já tinha superado antes. Quase por completo.

E só perdera a cabeça por um instante. Foi compreensível, considerando-se tudo o que aconteceu.

Ainda assim, devia mandar uma mensagem pedindo desculpas.

Cara Mackensie,

Quero pedir sinceras desculpas pelo meu comportamento inadequado na noite de 4 de janeiro. Meus atos são indesculpáveis e estou profundamente arrependido.

Um abraço, Carter.

Tinha como ser mais formal e estúpido?

Ela já devia ter esquecido aquela história, depois de dar umas boas risadas com as amigas, claro. Quem poderia culpá-la?

O melhor a fazer era deixar para lá e voltar a conduzir a turma na discussão sobre Rosalinda como uma mulher do século XXI.

Sexualidade. Identidade. Astúcia. Coragem. Sarcasmo. Lealdade. Amor.

Como Rosalinda usou a sua sexualidade dupla na peça para se tornar a mulher do fim, em vez de a garota que era no início e de o rapaz pelo qual se fez passar?

Fale a palavra "sexo" e vai atrair a atenção dos adolescentes, pensou Carter.

Como é que...

Continuou revendo suas anotações e, quando bateram à porta, respondeu um "pode entrar" distraído. Ah, evolução de identidade e coragem por meio do disfarce e...

Carter ergueu os olhos e piscou.

Com a mente tomada pela atraente Rosalinda, deu de cara com Mac.

– Oi, desculpe interromper.

Ele se levantou todo desastrado, espalhando os papéis e deixando alguns caírem no chão.

– Ah, tudo bem. Não tem problema. Eu só estava...

Curvou-se para pegar os papéis ao mesmo tempo que Mac e bateu com a cabeça na dela.

– Desculpe, desculpe. – Ainda agachado, fitou-a nos olhos. – Droga.

Mac sorriu, o que fez suas covinhas aparecerem.

– Oi, Carter.

– Oi – respondeu, pegando os papéis que ela lhe estendia. – Só estava preparando uns pontos para uma discussão sobre Rosalinda.

– Que Rosalinda?

– A Rosalinda de Shakespeare. De *Como gostais*.

– Ah. Daquele filme com a Emma Thompson?

– Não. Aquele é *Muito barulho por nada*. Rosalinda, sobrinha do duque Frederico, é banida da corte e se disfarça de Ganimedes, um rapaz.

– Irmão gêmeo dela, não é?

– Não, na verdade isso é de *Noite de reis*.

– Eu confundo todas elas.

– Bem, embora haja algumas semelhanças entre *Como gostais* e *Noite de reis* quanto ao tema e à estratégia textual, as duas peças se dirigem notoriamente a diferentes... Desculpe, isso não tem importância.

Carter largou os papéis e pegou os óculos de leitura. E se preparou para enfrentar as consequências dos seus atos.

– Eu queria me desculpar por...

– Você já fez isso. Costuma pedir desculpas a todas as mulheres que beija?

– Não, mas dadas as circunstâncias... – *Deixe para lá*, Carter. – Bom, o que posso fazer por você?

– Passei aqui para lhe dar isto. Eu ia deixar na recepção, mas me disseram que você estava no intervalo. Então, pensei em vir entregar pessoalmente.

Ela lhe estendeu um pacote embrulhado em papel pardo.

– Não vai abrir? – perguntou Mac, vendo que ele estava vermelho. – Só tem valor simbólico. Por você ter me aguentado naquela noite e por ter me poupado de uma bela ressaca. Achei que fosse gostar.

Ele abriu o embrulho com cuidado, tirando as fitas adesivas e desdobrando as pontas. Tirou dali uma foto com uma simples moldura preta. Contra o preto e branco da neve e das árvores de inverno, um cardeal estava pousado num galho, como uma chama viva.

– É maravilhosa!

– Está boa. – Ela observou a foto junto com ele. – É um desses momentos de sorte. Tirei ontem de manhã. Não é um periquito-da-carolina, mas é o nosso pássaro.

– Nosso... Ah. Claro. E você veio aqui para me dar a foto. – Ele ficou vermelho de satisfação e vergonha. – Achei que tivesse ficado irritada comigo depois que...

– Você me deu um beijo de tirar o fôlego – completou ela. – Seria uma estupidez. Além do mais, se eu tivesse ficado irritada, teria dado um chute no seu traseiro na hora.

– Imagino que sim. De toda forma, eu não devia ter...

– Eu gostei – interrompeu ela, deixando-o sem fala. Mac se virou para observar o aposento. – Então, aqui é a sua sala de aula, onde tudo acontece.

– É, sim. – Por que ele não conseguia fazer o cérebro e a boca funcionarem juntos?

– Fazia anos que eu não vinha aqui. Nada parece ter mudado, está tudo igual. As pessoas não dizem que a escola parece menor quando voltamos adultos? Na verdade está parecendo até maior para mim. Maior, mais arejada, mais clara.

– Tem um design forte, quero dizer, o prédio. Com áreas abertas e... Mas você estava se referindo à escola metaforicamente, não é?

– Talvez. Acho que tive algumas aulas nesta sala. – Ela deu uma volta nas carteiras e foi até as três janelas da parede que ficava do lado sul. – Acho que eu me sentava aqui para ficar olhando pela janela em vez de prestar atenção na aula. Adorava estudar nesta escola.

– Sério? Muitas pessoas não têm boas lembranças do ensino médio. Normalmente é uma guerra de personalidades, desencadeada pelo enorme fogo causado pelos hormônios.

Ela deu um sorriso.

– Você podia estampar isso numa camiseta. Não, não gostei tanto assim do ensino médio. Gostava porque Parker e Emma também estudavam aqui. Só fiquei alguns semestres. Mas gostei mais do que de Jefferson High. Mesmo que Laurel estudasse lá, a escola era tão grande que mal nos víamos.

Mac virou de costas.

– Personalidades e disputas à parte, a escola ainda é um animal social. Como você voltou para a sala de aula, imagino que tenha gostado de cada minuto passado aqui.

– Para mim, o ensino médio foi uma questão de sobrevivência. Os nerds estão no nível mais baixo da pirâmide social, e ora são denegridos, ora ignorados, ora ofendidos pelos que estão em outros níveis. Eu poderia escrever um ensaio sobre o assunto.

Ela o fitou com curiosidade.

– Eu já fiz isso?

– Escrever um ensaio? Ah, está se referindo à outra parte, claro. Não notar é diferente de ignorar.

– Às vezes é pior – murmurou Mac.

– Gostaria de poder voltar a falar sobre aquela outra noite e o seu "Eu gostei". Poderia ser mais específica no caso de eu estar interpretando mal?

Isso a fez rir.

– Não acho que você esteja interpretando mal. Mas...

– Dr. Maguire?

A garota hesitou diante da porta, irradiando frescor e juventude naquele uniforme azul-marinho. Mac notou os sinais – o rosto enrubescido e os olhos brilhantes – e constatou: paixão platônica pelo professor.

– Ah... Julie. Pois não?

– O senhor disse que eu podia vir aqui nesse horário para discutir sobre o meu trabalho.

– Claro. Só preciso de um minuto para...

– Não vou mais atrapalhá-lo – disse Mac. – Estou até um pouco atrasada. Prazer em vê-lo, *doutor* Maguire.

Ela saiu, passando pela bela mocinha, e se dirigiu para a escada. Ele conseguiu alcançá-la no

meio do caminho.

– Espere.

Quando ela parou e se virou, Carter pôs a mão em seu braço.

– Não estar interpretando mal significa que não tem problema se eu ligar para você?

– Pode me ligar. Ou então pode me encontrar para tomarmos alguma coisa depois da aula.

– Você sabe onde fica o Coffee Talk?

– Tenho uma ideia. Mas vou encontrar.

– Quatro e meia?

– Posso chegar às cinco.

– Cinco. Ótimo. Eu... vejo você lá.

Ela continuou a descer. Ao chegar ao andar de baixo, olhou para trás. Ele estava parado no mesmo lugar, com as mãos nos bolsos da calça cáqui, o casaco meio largo e o cabelo despenteado.

Pobre Julie, pensou Mac indo embora. Sei exatamente como se sente.



– Você a convidou para ir ao Coffee Talk? O que há de errado com você?

Carter fez uma careta, guardando arquivos e livros dentro da pasta.

– O que há de errado com o Coffee Talk?

– É para lá que vão professores e alunos. – Bob Tarkinson, professor de matemática que se autoproclamava especialista em relacionamentos amorosos, balançou a cabeça com ar de tristeza. – Se quer se dar bem com uma mulher, Carter, precisa convidá-la para tomar um drinque. Num bar legal. Que tenha uma atmosfera de intimidade.

– Nem todo contato com mulheres é para se dar bem.

– Então não é nada importante.

– Você é casado – observou Carter. – E está prestes a ter um bebê.

– Exatamente por isso que sei do que estou falando. – Bob encostou na escrivaninha de Carter, com uma expressão sábia no rosto satisfeito. – Você acha que consegui casar com uma mulher como a Amy levando-a para tomar um café? É claro que não. Sabe o que deu certo comigo e com a Amy?

– Sei, Bob. – Porque você me contou umas mil vezes, pensou. – Você fez um jantar para ela no segundo encontro e ela se apaixonou por você por causa dos seus filés de frango.

Ainda com ar sabido, Bob abanou o dedo.

– Ninguém se apaixona por outra pessoa tomando um café com leite, Carter. Confie em mim.

– Ela nem me conhece direito, na verdade. Então essa história de se apaixonar é irrelevante. E você está me deixando nervoso.

– Você já estava nervoso. Ok, você cismou com o café, então veja no que isso vai dar. Se ainda estiver interessado, ligue para ela amanhã. Marque no dia seguinte para mais tarde. Um jantar.

– Não vou fazer filé de frango.

– Você não sabe cozinhar nada, Maguire. Além disso, o café não pode ser considerado oficialmente o primeiro encontro. Leve-a para jantar. Quando estiver pronto para selar o acordo,

lhe darei uma receita. Algo simples.

– Meu Deus. – Carter coçou a testa no ponto entre as sobrancelhas, onde estava tensionado. – É por isso que evito encontros. É um inferno.

– Você evita encontros porque Corrine destruiu a sua autoconfiança. É bom que esteja de volta à ativa e com alguém que não seja da nossa área. – Bob deu um tapinha de apoio no ombro de Carter e prosseguiu: – O que ela faz mesmo?

– É fotógrafa. Tem uma empresa de casamentos com três amigas. São elas que vão fazer o casamento da Sherry. Nós, Mackensie e eu, estudamos juntos por uns cinco minutos.

– Espere aí. Mackensie? A ruiva por quem você tinha uma queda no ensino médio?

Derrotado, Carter coçou de novo aquele ponto entre as sobrancelhas.

– Eu nunca deveria ter lhe contado isso. É por esse tipo de coisa que quase nunca bebo.

– Mas, Cart, é o destino. – Havia empolgação naquelas palavras. – É uma espécie de retorno do nerd. Uma chance e tanto de recuperar a oportunidade perdida.

– É só um café – murmurou Carter.

Bob chegava a estar corado de tanto entusiasmo. Deu um salto e pegou um pedaço de giz. No quadro, desenhou um círculo.

– É óbvio, o círculo. Você está completando um, e completá-lo significa fazer o ponto A e o ponto B... – No círculo ele fez dois pontos e os uniu com uma linha horizontal – chegarem até o ponto C. – Ele desenhou mais um ponto no alto, depois o juntou aos outros com duas linhas diagonais. – Está vendo?

– Sim, estou vendo um triângulo dentro de um círculo. Tenho que ir.

– Esse é o triângulo do destino dentro do círculo da vida!

Carter pegou a pasta.

– Vá para casa, Bob.

– Você não pode discutir com a matemática, Carter. Vai perder sempre.

Carter fugiu depressa pela enorme escola vazia, com os próprios passos ecoando atrás dele.

capítulocinco

Ela estava atrasada. talvez nem aparecesse. Podia ter acontecido alguma coisa, pensou Carter. Se tivesse algum neurônio que funcionasse, teria lhe dado o número do seu celular para que ela pudesse ligar, cancelando.

Agora, tinha que ficar ali sentado, sozinho.

Por quanto tempo? Os quinze minutos que já tinha esperado não eram suficientes. Meia hora? Uma hora? Esperar sozinho por uma hora não faria dele um patético idiota?

Provavelmente, pensou.

Estúpido, disse a si mesmo, fingindo beber um pouco mais de chá-verde. Já havia marcado encontros antes – vários. Tivera um relacionamento sério com uma mulher por quase um ano. Pelo amor de Deus, chegaram a morar juntos.

Até ela lhe dar um pé na bunda para ir morar com outro.

Mas isso não vinha ao caso.

Era *só* um café. Ok, chá no caso dele. E estava nervoso por causa de um *encontro* – usaria esse termo na falta de um melhor – casual, como uma menininha boba esperando seu acompanhante para o baile.

Voltou a fingir que lia um livro e tomava o chá. E se proibiu de ficar olhando para a porta do café como um gato faminto observando a toca de um rato.

Não lembrava – ou havia muito tempo deixara de notar – como aquele lugar era barulhento. Tinha se esquecido da quantidade de alunos seus que frequentavam o café. Bob tinha razão em considerar aquela uma péssima escolha.

Havia mesas e banquinhos coloridos, lotados com a garotada da escola, bem como de jovens por volta dos 20 anos e de professores.

As luzes eram muito fortes e as vozes, muito altas.

– Desculpe, estou atrasada. A sessão demorou mais do que eu esperava.

Carter piscou ao ver Mac se sentar na cadeira em frente à dele.

– O quê?

– Estava mesmo concentrado no livro, hein? – Ela inclinou a cabeça para ver o título. – Lawrence Block? Não deveria estar lendo Hemingway ou Trollope?

– A ficção de entretenimento é uma força vigorosa e bem-sucedida da literatura. Por isso é popular. Ler apenas por prazer é... Pronto, já estou dando aula. Desculpe.

– Esse ar professoral lhe cai bem.

– Isso pode ser positivo na sala de aula. Não me dei conta de que você estava trabalhando quando passou lá na escola. Podíamos ter marcado para mais tarde.

– Foram só umas reuniões com alguns clientes e uma sessão de fotos. Tenho uma noiva que, sabe-se lá por quê, quer que todos os minutos do planejamento do casamento sejam documentados por um fotógrafo profissional. Por mim não tem problema, é mais dinheiro na minha conta. Cobri a prova do vestido de casamento e a mãe se debulhando em lágrimas. O choro me prendeu lá mais tempo do que eu planejava.

Ela tirou o gorro e ajeitou o cabelo, dando uma olhada em volta.

– Nunca tinha vindo aqui. Tem um bom astral. – E deu um sorriso para a garçonete que veio atendê-los.

– Oi, meu nome é Dee. Em que posso servi-los?

– Acho que vamos nos divertir. Que tal um *latte macchiato* duplo, com baunilha?

– É para já. Outro chá-verde, professor Maguire?

– Não, estou satisfeito, Dee. Obrigado.

– Não é fã de cafés elaborados? – perguntou Mac quando Dee foi buscar o pedido.

– Não a essa hora do dia. Mas aqui é bom... o café. Normalmente venho tomar um cappuccino de manhã, antes do trabalho. Eles vendem o grão também, se gostar de café... Tenho que tirar uma coisa da cabeça. Não consigo pensar. E, se não conseguir pensar, minha conversa boba vai fazer você dormir apesar da dose dupla de café.

– Ok – disse Mac, apoiando o queixo no punho. – Tire isso da cabeça, seja lá o que for.

– Eu tinha uma quedinha por você no ensino médio.

Ela ergueu as sobrancelhas e se ajeitou na cadeira.

– Por mim? É sério?

– É, sim. E fico muito sem jeito de trazer isso à tona, depois de uma década, mas está interferindo na situação atual. Para mim, é claro.

– Mas... eu nem me lembro de você ter falado comigo alguma vez.

– E não falei. Não conseguia. Eu era terrivelmente tímido naquela época, em especial em situações de sociabilidade. Em qualquer situação, na verdade, e mais ainda quando envolvia garotas. Ou melhor, garotas pelas quais eu tinha uma queda. E você era tão...

– *Latte macchiato* duplo com baunilha. – Dee pôs uma enorme xícara na mesa, além de uns biscoitinhos num pires. – Bom apetite!

– Não pare agora – insistiu Mac. – Eu era tão...?

– Ah, você. O cabelo, as covinhas, tudo.

Mac se recostou na cadeira, pegou um biscoito, mordiscou uma pontinha e ficou observando-o.

– Carter, no ensino médio eu era um varapau com cenouras crescendo no alto da cabeça. Tenho fotos para provar.

– Não para mim. Você era alegre, cheia de vida, confiante. – Ainda é, pensou ele. Olhe só para você. – Eu me sinto um idiota contando isso, mas precisava falar. Já sou desastrado o bastante mesmo sem meus bloqueios. Então, é isso. Pronto.

– O beijo daquela noite tem a ver com essa antiga quedinha?

– Tenho que admitir que sim. Foi tudo tão surreal!

Ela se debruçou na mesa de novo para pegar o café.

– Nenhum de nós é mais como era na época da escola.

– Espero que não mesmo. Graças a Deus! Eu era um desastre.

– E quem não era? Sabe, Carter, a maior parte dos caras teria usado essa quedinha meio como uma cantada, ou teria deixado para lá. Isso me interessa, você me interessa, porque não fez nem uma coisa nem outra. Você é sempre tão sincero quando marca encontros em cafés?

– Não sei. Você é a única por quem tive uma quedinha.

– Caramba!

– E isso foi ridículo. – Corando mais uma vez, ele passou os dedos pelo cabelo. – Agora assustei você. Devo ter soado ameaçador e obsessivo, como se eu tivesse um altar com fotos suas onde acendo velas e entoo o seu nome. Meu Deus do céu, é bem assustador. Pode fugir. Não vou criticá-la.

Ela caiu na gargalhada e teve que pousar a xícara na mesa para não derramar o café.

– Eu fico, se me jurar que não tem o altar.

– Não tenho. – Ele fez um xis com os dedos e o beijou. – Se vai ficar porque está com pena de mim ou porque está gostando muito do café, já serve.

– O café está mesmo uma delícia. – Mac deu outro gole. – E não estou com pena. Não tenho certeza sobre o que estou sentindo. Você é um homem interessante, me ajudou quando precisei. E beija muito bem. Por que não tomar um café? E, já que estamos aqui, conte-me como alguém terrivelmente tímido decidiu dar aulas.

– Eu precisei superar isso. Queria ser professor.

– Sempre quis?

– Praticamente. Antes disso quis ser super-herói. Talvez um dos X-Men.

– Um professor supermutante. Quem sabe o Educador?

Ele fez uma careta.

– Pronto, agora você descobriu minha identidade secreta.

– Então, como o Garoto Tímido se transformou no poderoso Educador?

– Com estudo, treino. E algumas práticas. Suei frio, em pânico, nas primeiras semanas do curso para falar em público que fiz na faculdade. Mas ajudou. E trabalhei como professor assistente de várias turmas, o que foi um tipo de transição. Fui assistente de uma das turmas do Delaney no segundo ano. E...

Ele começou a girar a caneca.

– Quando tinha uma oportunidade, eu perguntava por vocês, como quem não quer nada. Todas vocês, sem destacar você especificamente. Ele as chamava de "O Quarteto".

– Ainda chama de vez em quando. Agora é nosso advogado. Da empresa.

– Ouvi dizer que ele é muito bom.

– É, sim. Del trata de todos os assuntos legais da Votos. Quando os pais morreram, ele e Parker herdaram a propriedade. Ele não queria morar lá. Nessa época já tinha a casa dele. Parker não teria como manter a mansão sozinha, só como moradia. E mesmo se tivesse, não acredito que

fosse querer ficar naquela casa enorme, só com as lembranças. Não teria ficado lá sozinha.

– Não mesmo, ia ser bem difícil e solitário. É diferente com todas vocês lá, morando e trabalhando juntas.

– Mudou tudo para todas nós. Ela já vinha pensando em montar o negócio havia um tempo e já tínhamos conversado sobre isso. Então, ela falou com o Del sobre a possibilidade de usar a propriedade. Ele gostou da ideia. Era sua herança também, então ele apostou tudo em nós.

– Parece que fez a escolha certa. Segundo minha mãe e Sherry, a Votos é *a* empresa para realização de casamentos em Greenwich.

– Percorremos um longo caminho até chegar aqui. O primeiro ano foi na base da tentativa e erro. Foi bem assustador, porque pusemos na empresa todas as nossas economias e o que mais conseguimos pedir, pegar emprestado ou roubar. Tivemos gastos com os custos iniciais, as licenças, o estoque, os equipamentos. Ainda teve a despesa de transformar a casa da piscina numa casa para mim e a de hóspedes para Emma. Jack fez o projeto de graça. Lembra dele? Jack Cooke? Del e ele foram colegas de faculdade.

– Vagamente. Lembro que eles eram bem próximos.

– Yale é um ovo – comentou Mac. – Ele é arquiteto. Gastou um tempo enorme para fazer essa reforma. E nos poupou de sabe-se lá quanto em taxas e imprevistos. No segundo ano apenas fomos levando, e todas nós ainda tínhamos outros empregos para nos sustentar. Mas, no terceiro ano, conseguimos dar uma respirada. Sei bem o que é trabalhar suando frio, em pânico, para conseguir o que se quer.

– Por que fotografia de casamentos? Quero dizer, por que se especializou nisso? Não me parece ser apenas para compor a sociedade na empresa.

– Não, não foi só por isso. Acho que esse nem foi o motivo principal. Gosto de tirar fotos de pessoas. O rosto, o corpo, as expressões, a dinâmica. Antes de abrirmos a Votos, eu trabalhava num estúdio. Daqueles em que as pessoas levam os filhos para serem fotografados, ou que fazem fotos de publicidade. Dava para pagar as contas, mas...

– Não satisfazia.

– Não mesmo. Gosto de tirar fotos de pessoas no que chamo de momentos. Um momento decisivo, sabe? Há aqueles que são arrebatadores, o ponto alto. Mas há diversos outros momentos. O casamento, o ritual todo e o modo como as pessoas vão construindo esse ritual para adaptá-lo à sua personalidade... Isso para mim é um grande momento.

Sorrindo, Mac ergueu a xícara com ambas as mãos.

– Drama, *pathos*, teatro, dor, alegria, romance, paixão, humor. Tem tudo ali. E eu posso dar a eles tudo isso através das fotos. Posso mostrar a eles aquele dia como uma jornada e, se tiver sorte, como um momento decisivo que transforma algo comum em único. Isso é só um jeito meio longo de dizer que adoro o meu trabalho.

– Dá para perceber. E entendo o que quer dizer com capturar o momento. A satisfação de fazer isso. É como quando vejo que consegui abrir a mente de um único aluno que seja e o fiz internalizar aquilo que estava tentando ensinar. Faz valer a pena todas as outras horas em que o trabalho parece apenas rotineiro.

– Provavelmente não dei aos meus professores muitos momentos assim. Eu só queria passar de ano e poder sair dali para fazer o que eu queria de verdade. Nunca os vi como entidades criativas. Eram mais parecidos com vigias. Fui uma péssima aluna.

– Você era inteligente. O que nos leva de volta à minha obsessão de adolescente. Mas só vou dizer que notei que você era inteligente.

– Mas nunca tivemos aula juntos. Você estava uns anos na minha frente, não estava? Ah, espere! Você foi assistente numa das aulas a que assisti, não foi?

– Na aula de literatura americana do professor Lowen. Agora, esqueça que eu disse isso.

– Sem chance. Olhe, não estou fugindo, mas tenho que ir. Tenho outra sessão. Na verdade, vou fazer a foto de noivado da sua irmã.

– Não imaginava que iam marcar tão depressa.

– O médico tinha uma noite livre, então vamos aproveitar. Tenho que ir mesmo, para ter uma noção do lugar e de como são os dois juntos.

– Levo você até o carro. – Ele pegou o dinheiro e enfiou as notas debaixo do pires.

Antes que Mac tivesse tempo de vestir o casaco, ele o pegou para ajudá-la. Depois abriu a porta para ela e saíram juntos naquele frio de tirar o fôlego.

– Estacionei a um quarteirão e meio daqui – disse ela. – Não precisa ir até o carro comigo. Está um gelo aqui fora.

– Tudo bem. Eu vim a pé de casa.

– Você veio a pé?

– Não moro tão longe assim, então vim caminhando.

– Claro. Você gosta de andar. Já que estamos aqui – prosseguiu ela enquanto passavam por cafés e restaurantes –, vou mencionar algo que acabei esquecendo por causa do rumo que a nossa conversa tomou. Doutor Maguire? Você terminou o doutorado?

– Finalmente, no ano passado.

– *Finalmente?*

– Já que era o grande objetivo da minha vida nos últimos dez anos, acho que "finalmente" é a palavra adequada. Comecei a pensar na tese antes de me formar. – Isso talvez me torne o rei dos nerds, pensou Carter. – Você vai querer me encontrar de novo? Sei que não tem nada a ver com o que estamos falando, mas é que essa ideia não me sai da cabeça. Então, se a resposta for não, prefiro saber logo.

Ela não disse nada até chegarem ao carro. Enquanto pegava a chave, observou-o.

– Você com certeza tem uma caneta e um bloquinho à mão.

Carter mexeu no bolso interno do casaco e tirou de lá um bloquinho e uma caneta.

Com um aceno de cabeça, Mac pegou tudo da mão dele e procurou uma página em branco.

– Esse é o meu número pessoal, não o de trabalho. Por que não me liga?

– Posso fazer isso. Você acha que daqui a uma hora mais ou menos é meio cedo?

Ela riu e entregou a ele o bloquinho e a caneta.

– Com certeza você sabe massagear meu ego, Carter.

Ela se virou para abrir a porta, mas ele foi mais rápido. Emocionada e achando aquilo divertido,

Mac entrou e deixou que ele fechasse a porta. Baixou o vidro.

– Obrigada pelo café.

– De nada.

– Saia do frio, Carter.

Quando Mac arrancou, ele ficou ali, vendo as luzes dos faróis traseiros desaparecerem à distância. Então, voltou em direção ao café e percorreu três gélidos quarteirões até chegar em casa.

Um breve período de tranquilidade nos negócios naquele mês de janeiro deixou Mac com bastante tempo livre. Sabia que podia aproveitar para organizar os arquivos, atualizar as várias páginas na internet, arrumar a bagunça que estava o seu armário ou pôr em dia as correspondências. Também podia ler um bom livro ou sentar-se diante da TV, assistindo a DVDs e enchendo a cara de pipoca.

No entanto, não conseguia se resolver e acabou indo se instalar na adorável namoradeira do escritório de Parker.

– Estou trabalhando – disse Parker sem olhar para ela.

– Chamem a imprensa! Parker está trabalhando.

Parker continuou teclando.

– Depois deste breve intervalo, estamos com a agenda lotada por vários meses. Meses, Mac. Este vai ser o nosso melhor ano. Mas ainda temos duas semanas livres em agosto. Pensei em propor um pacote de fim de verão, algo que atraia casamentos menores. Daqueles que a gente organiza rapidinho. Podemos divulgar isso quando abrirmos a casa em março, caso as datas ainda não tenham sido reservadas.

– Vamos todas sair.

– O quê?

– Vamos sair. Nós quatro. Emma provavelmente tem um encontro, mas a faremos cancelar, partindo o coração de um pobre rapaz que nenhuma de nós conhece. Vai ser divertido.

Parker parou de digitar e afastou a cadeira alguns centímetros.

– Sair para onde?

– Não importa. Para um cinema, uma boate. Vamos beber, dançar, vadiar. Caramba, vamos alugar uma limusine para irmos a Nova York e fazer isso em grande estilo.

– Você quer alugar uma limusine para ir a Nova York beber, dançar e vadiar?

– Ok, podemos pular a parte de vadiar. Vamos só sair um pouco daqui, Park. Vamos passar uma noite nos divertindo.

– Temos duas reuniões marcadas para amanhã, além das nossas entrevistas individuais.

– E daí? – Mac ergueu as mãos. – Somos jovens, resistentes. Vamos para Nova York arrasar o coração de homens que nunca vimos e que não voltaremos a ver.

– Acho essa ideia excentricamente intrigante. Mas por quê? O que está acontecendo com você?

Mac se levantou da namoradeira e começou a andar pela sala. O maldito escritório era uma

graça. Combinava muito com Parker, pensou, com aquelas cores suaves, sutis. Elegância e classe irradiando sobre uma eficiência colossal.

– Estou pensando num cara que está pensando em mim. E pensar que ele está pensando em mim mexe muito comigo. Na verdade não sei se estou pensando nele porque ele está pensando em mim ou porque ele é fofo, engraçado, doce e sexy. Ele usa paletó de tweed, Parker.

Ela parou e ergueu as mãos de novo.

– Avós usam paletó de tweed. Velhinhos em filmes ingleses antigos usam paletó de tweed. Por que acho sexy ele usar paletó de tweed? Essa é uma pergunta que está me atormentando.

– Carter Maguire.

– Isso mesmo, Carter Maguire. *Doutor* Carter Maguire. Ele fez doutorado. E toma chá e fala sobre Rosalinda.

– Quem é Rosalinda?

– Foi exatamente isso que eu perguntei! – Já não se sentindo a única ignorante do mundo, Mac deu mais uma volta. – A Rosalinda de Shakespeare.

– Ah, de *Como gostais*.

– Desgraçada, é claro que você ia saber. Você é que devia sair com ele.

– Por que eu sairia com Carter? Que eu saiba, ele não demonstrou nenhum interesse por mim.

– Porque você estudou em Yale. Sei perfeitamente que isso não tem nada a ver, mas o fato de eu ter dito já é significativo. Quero sair e fazer uma loucura. Eu me *recuso* a ficar aqui esperando ele ligar. Sabe quando foi a última vez que me rebaixei a ficar esperando um cara me ligar?

– Deixe-me ver... acho que nunca.

– Exatamente. Eu não faço isso.

– E agora, há quanto tempo está esperando?

Mac deu uma olhada no relógio de pulso.

– Cerca de dezoito horas. Ele tinha uma queda por mim no ensino médio. Que tipo de homem conta uma coisa dessas? Como pode depositar na nossa mão esse poder? Agora eu tenho o poder e isso me assusta. Vamos para Nova York.

Parker girou um pouco a cadeira.

– Ir para Nova York beber e arrasar o coração de estranhos vai resolver o seu dilema?

– Vai.

– Muito bem, então vamos para Nova York. – Parker pegou o telefone. – Vá chamar Laurel e Emma. Eu cuido dos detalhes.

– Eba! – Mac fez uma dancinha rápida, correu para abraçar Parker e lhe dar um beijo estalado, depois saiu a toda.

– Ora, ora – murmurou Parker enquanto ligava para a empresa que alugava limusines. – Vamos ver se você e a sua ressaca vão dançar e cantar amanhã de manhã.

No banco de trás da limusine preta, Mac esticou as pernas, realçadas pela minissaia preta. Livrou-se dos saltos altos logo no começo da viagem de duas horas até Manhattan. Tomava uns

golinhos da segunda taça do champanhe que Parker tinha levado.

– Isso é tão bom! Tenho as melhores amigas do mundo.

– É, que dureza. – Laurel ergueu a sua taça. – Andar de limusine, beber um espumante, seguir para uma das melhores boates de Nova York... Tudo graças aos contatos de Parker. Está vendo o sacrifício que fazemos por você, Mackensie?

– A Em cancelou um encontro.

– Eu não tinha encontro nenhum – corrigiu Emma. – Era só um "quem sabe não fazemos algo hoje à noite?".

– Mas você cancelou.

– Cancelei. Está me devendo essa.

– À Parker, por organizar tudo. Como sempre. – Mac brindou com a amiga que estava sentada na outra ponta, falando ao celular com um cliente.

Parker fez um gesto para mostrar que estava ouvindo o que elas diziam, mas continuou tentando contornar a situação com o cliente.

– Acho que estamos quase chegando. Vamos lá, Park, desligue isso – sussurrou Mac. – Estamos chegando.

– Hálito, maquiagem, cabelo – declarou Emma tirando da bolsa um espelhinho.

Uma rodada de balinhas de menta e retoque no batom. Quatro pares de sapatos calçados em quatro pares de pés.

Parker enfim desligou.

– Meu Deus! A dama de honra da Naomi Right acabou de descobrir que o namorado, que é irmão e padrinho do noivo, está tendo um caso com a sócia dele. A mulher está descontrolada, como era de se esperar, e se recusa a participar da cerimônia se o desgraçado não for banido do casamento. A noiva está preocupadíssima e do lado da dama de honra. O noivo está irritado e quer estrangular o maldito traidor, mas acha que não vai ser capaz de impedir o próprio irmão de ir ao seu casamento nem de substituí-lo por outro padrinho. Os noivos estão praticamente sem se falar.

– O casamento dos Rights – disse Laurel, estreitando os olhos. – Está bem próximo, não está?

– De sábado a uma semana. A última vez que contamos, eram 198 convidados confirmados. Vai ser uma dor de cabeça. Acalmei a noiva. É claro que ela tem razão de ficar chateada e de apoiar a amiga. Mas não pode esquecer que é ela e o noivo que vão se casar e que o homem que ela ama não tem culpa nenhuma nessa confusão. Vou me encontrar com os dois amanhã para tentar dar uma acalmada nos ânimos.

– Se os dois, o traidor bastardo e a dama de honra traída, forem ao casamento, a coisa vai ficar feia.

– É. – Parker concordou com a observação de Mac e acrescentou: – Mas vamos dar um jeito nisso. E a situação é ainda pior, porque a tal sócia foi convidada e o traidor bastardo disse que, se ela não puder ir, *ele* também não irá ao casamento.

– Que tremendo canalha – disse Laurel, dando de ombros. – O noivo vai precisar ter uma conversa séria com o irmão.

– Isso também está na minha lista de sugestões para a reunião de amanhã. Mas usarei termos mais diplomáticos.

– Isso é trabalho para amanhã. Chega de telefonemas de negócios durante a nossa terapia. Agora só vamos beber, dançar e arrasar corações.

Parker não deu muita bola para o decreto de Mac, mas guardou o celular na bolsa.

– Ok, meninas. – E jogou o cabelo para trás. – Vamos lá arrasar.

Desceram da limusine e passaram pela fila de pessoas que esperavam esperançosamente do lado de fora da boate. Parker deu seu nome na entrada e em poucos segundos estavam lá dentro.

Mac deu uma espiada geral. Dois andares com acomodações, distribuídas entre mesas e banquetas, deixavam a pista de dança central liberada. De cada lado, sob uma cascata de luzes coloridas, havia um balcão de aço.

Música eletrônica. Corpos girando. Sentiu que estava entrando no clima.

– Adoro realizar meus planos.

Primeiro foram pegar uma mesa e Mac considerou que estavam com sorte quando acharam um banco em que as quatro puderam se espremer juntas.

– Observem as espécies – disse ela. – É a minha primeira regra. Observar a plumagem e os rituais antes de tentar fazer qualquer aclimatação.

– Bobagem! Vou pegar bebidas. Continuamos no champanhe? – perguntou Emma.

– Pegue uma garrafa – respondeu Parker.

Laurel revirou os olhos quando viu a amiga ir rebolando até o bar mais próximo.

– Vocês sabem que Emma vai receber uma dezena de cantadas antes de conseguir pedir qualquer coisa. E vai se sentir obrigada a dar papo para os caras. Vamos todas morrer de sede antes que ela volte. Parker, você devia ir lá com a sua capa de invisibilidade, mais conhecida como cara de "cai fora", para conseguir que sejamos servidas.

– Vamos dar a ela uns minutinhos antes. Mac, como está o fator medo?

– Diminuindo. Não consigo imaginar o indiscutivelmente fofo Dr. Maguire num lugar como este, você consegue? Num sarau de poesia, sim, mas não aqui.

– Bom, vejamos. Ao que parece você está concluindo isso com base na profissão dele. É como dizer que, por eu ser doceira, tenho que me parecer com o mascote da Michelin.

– É, eu sei, mas pensar assim me ajuda. Não quero me envolver com ele.

– Porque ele fez doutorado?

– É, e tem olhos lindos, de um azul-claro que fica ainda mais sexy quando ele está de óculos. E tem também o fato totalmente inesperado de beijar muito bem, o que pode me deixar cega para a verdade de que não combinamos. Além do mais, um relacionamento com ele que ultrapassasse uma amizade casual teria que ser um relacionamento *sério*. O que eu faria? E ele me ajudou a vestir o casaco. *Duas vezes*.

– Meu Deus! – Parker arregalou os olhos, chocada. – Então você tem que cortar o mal pela raiz. Qualquer homem que faz uma coisa dessas... não sei nem o que dizer.

– Ah, cale a boca. Quero dançar. Laurel, venha dançar comigo enquanto Parker faz cara de "cai fora", resgata o nosso champanhe e liberta Emma do seu próprio magnetismo.

– Parece que está na hora da aclimatação – disse Laurel quando Mac a puxou para a pista de dança.



Ela se divertiu com as amigas e com alguns caras que a tiraram – ou que ela tirou – para dançar. Bebeu mais champanhe. No banheiro feminino vermelho e prateado, massageou os pés doloridos esperando Emma, que se juntara a um exército de mulheres diante do espelho.

– Quantos números de telefone já conseguiu?

Emma retocou cuidadosamente o brilho labial.

– Não contei.

– Aproximadamente?

– Acho que uns dez.

– E como vai saber depois de quem são?

– Eu tenho esse dom. – Ela deu uma olhada em volta. – Tem um na sua fila. O cara de camisa cinza. Ele está tentando se aproximar.

– Mitch? Ele dança bem e tem um sorriso bonito. Não me parece ser um idiota.

– Então vai nessa.

– Eu devia sentir palpitações pelo Mitch – observou Mac. – Mas não estou sentindo nada. Talvez eu tenha perdido essa habilidade. O que é tremendamente injusto.

– Talvez seja porque você está palpitando pelo Carter.

– Você tem palpitações por mais de um cara ao mesmo tempo.

– É verdade, tenho mesmo. Mas eu sou eu e você é você. Acho que os homens estão aí para me fazerem sentir palpitações e todos ficam felizes com isso. Você é bem mais séria com relação a esse assunto.

– Não sou séria. É muita maldade sua dizer isso. Vou voltar lá e dançar com o Mitch, e as palpitações vão aparecer. Você vai ter que engolir o que disse, Emmaline. Com calda de chocolate.

Não funcionou. *Devia* ter funcionado, pensou Mac ao se sentar no bar com Mitch, depois de dançar. O cara era bonito, divertido, tinha uma boa forma física e um trabalho interessante: era jornalista especializado em viagens. Mesmo assim, não a perturbou com incontáveis histórias sobre suas aventuras.

Ele não se aborreceu nem a pressionou quando sugeriu que fossem para um lugar mais tranquilo e ela recusou. Acabaram trocando telefones de trabalho e indo cada um para o seu lado.

– Vamos esquecer os homens. – Às duas da manhã, Mac se arrastou até a limusine e desabou. – Vim aqui para me divertir com as minhas melhores amigas e posso dizer que a missão foi cumprida. Caramba, tem água aqui?

Laurel lhe passou uma garrafa e gemeu.

– Ai, meus pés. Eles estão berrando como condenados.

– Eu me diverti à beça. – Emma se recostou num dos lados da limusine, apoiando a cabeça nas mãos. – Devíamos fazer isso uma vez por mês.

Parker bocejou, dando um tapinha na bolsa.

– Tenho dois novos contatos de fornecedores *e* um possível cliente.

É assim que vemos a personalidade de cada uma, pensou Mac enquanto a limusine seguia em direção ao norte. Tirou os sapatos, que agora lhe machucavam bastante os pés, fechou os olhos e dormiu durante todo o trajeto de volta.

capítuloseis

De manhã, o sol estava só um pouco mais forte do que deveria, na opinião de Mac. Fora isso, tudo bem.

Viu, disse a si mesma, você é jovem e resistente.

De pijama, comeu um bolinho de café, junto com uma xícara de café, e ficou observando os pássaros pousarem no comedouro e levantarem voo. A senhorita cardeal também gostou do café da manhã hoje, pelo que pôde perceber. Estava com o companheiro de plumagem vistosa e uns vizinhos que Mac não conseguiu identificar.

Precisaria das lentes de zoom para olhar mais de perto. Talvez precisasse também de algum tipo de livro ou guia, já que não os conhecia de vista, a não ser os piscos-de-peito-ruivo ou os gaios-azuis.

Percebeu o que estava fazendo e se afastou da janela. Por que estava interessada nisso? Eram apenas pássaros. Não ia fazer bicos tirando fotos da natureza ou de pássaros.

Irritada consigo mesma, atravessou o estúdio para checar a agenda e a secretária eletrônica. Tinha um compromisso para essa tarde com uma cliente antiga da Votos, que agora estava grávida e queria tirar umas fotos da barriga. Isso, sim, pensou Mac, ia ser divertido. E ficou com o ego massageado por saber que a moça gostou tanto das fotos do casamento que queria que ela continuasse sendo sua fotógrafa.

Tinha o restante da manhã para terminar algum trabalho já encomendado, comparecer a uma reunião na mansão e rever as fotos do casamento dessa cliente para ter algumas ideias para a sessão de gestante.

Decidiu que gastaria mais ou menos uma hora entre a preparação do estúdio e o trabalho no site, e aquele seria um bom dia.

Virou-se e apertou o play da secretária eletrônica do telefone de trabalho. Retornou as ligações que precisavam de resposta, parabenizou-se por ser uma boa moça e depois foi verificar a linha pessoal.

Havia três mensagens. Ela sentiu um arrepio.

– Que droga – disse entre os dentes, quando a voz de Carter a acertou como um soco no estômago.

– Ah, oi. É o Carter. Queria saber se você não quer ir jantar ou talvez pegar um cineminha. Ou prefere teatro? Eu devia ter visto o que está em cartaz antes de ligar. Mas nem pensei nisso. Ou podemos só tomar um café de novo se quiser. Ou... não sou muito articulado com essas coisas.

Também não sei deixar um recado decente. E o que isso importa? Se estiver interessada em alguma das sugestões que dei, sinta-se à vontade para me ligar, por favor. Obrigado. Hum. Tchau.

– Droga, Carter Maguire – falou para si mesma. – Por que você tem que ser tão absurdamente fofo? Não dava para ser irritante? Por que não estou irritada? Ai, Deus, vou retornar a ligação. Sei que vou. Estou mesmo encrencada.

Fez as contas e concluiu que era muito provável que desse a sorte de ele já ter saído para o trabalho. Preferia que a ligação caísse na secretária eletrônica.

Quando a máquina atendeu, ela relaxou. Ao contrário de Carter, Mac era bem articulada para deixar recados.

– Carter, é a Mac. Gostaria de sair para jantar, ou de ir ao cinema ou ao teatro. Não faço qualquer objeção ao café. Que tal na sexta, já que no dia seguinte não tem aula? Escolha o que vamos fazer e me avise. É com você agora.

Viu só, não precisa ser sério, fez questão de se lembrar. Posso definir o tom. Só vou me divertir um pouco com um cara bem legal.

Satisfeita, resolveu se permitir trabalhar de pijama a primeira hora do dia. Cumprindo a programação, vestiu-se e foi para a reunião na mansão, voltando com tempo de sobra antes da sessão de fotos.

A luz da secretária piscava, indicando que havia mensagem.

– É... aqui é o Carter de novo. Estou chateando você? Espero que não. Resolvi aproveitar o intervalo do almoço para verificar se tinha mensagens. Na verdade, queria ver se você tinha retornado a minha ligação. E tinha. Infelizmente tenho um jantar da faculdade na sexta. Eu convidaria você para ir, mas, se aceitasse, nunca mais iria querer sair comigo. Prefiro não arriscar. Se puder ser em qualquer outra noite, mesmo, ah... ah... num dia de semana, gostaria muito de sair com você. Se achar bom, podemos jantar e ir ao cinema. Acha exagerado? Provavelmente é um exagero. Não sei o que fazer. Gostaria de esclarecer que, embora isso possa parecer impossível, já chamei outras mulheres para sair antes. Bom, agora é com você.

Ela sorriu como tinha feito durante toda a mensagem.

– Ok, Carter, vamos ver o que acha disso. – Ela apertou o botão de rediscar e aguardou. – Oi, professor, adivinhe quem é? Agradeço por ter me poupado do jantar da faculdade. Você ganhou pontos por ter mostrado bom senso e cavalheirismo ao mesmo tempo. Que tal sábado à noite? Por que não começamos com o jantar e vemos no que vai dar? Pode vir me buscar às sete. E, é claro, agora vai ter que ligar de novo para confirmar.

De muito bom humor, Mac pôs uma música e foi para o computador. Revia as fotos do casamento da cliente que estava para chegar e cantava. Algumas possibilidades e certos ângulos lhe vieram à cabeça, então fez anotações. Consultou seus arquivos para saber que equipamentos, tipo de iluminação e técnicas havia usado nas fotos do casal.

Como a cliente tinha um tom de pele azeitonado, cabelo escuro e olhos exóticos, de um castanho bem fechado, Mac escolheu um cenário marfim. Lembrava-se de que ela era um pouco tímida e recatada, por isso deixaria aquela sua ideia para depois, assim que a futura mamãe se soltasse um pouco.

Mas podia se preparar. Pegou o telefone, ligou para o ramal de Emma e abriu uma porta que dava para uma espécie de quarto de guardados.

– Oi, estou precisando de uma bolsa com pétalas de rosa vermelhas. Minha cliente vai chegar daqui a pouco, senão eu ia aí roubá-las. Você tem como me trazer? Também preciso de duas rosas vermelhas com cabo comprido. Essas podem ser de seda. Obrigada. Tchau.

Empolgada, foi dar uma olhada na caixa cor-de-rosa cintilante que usava para guardar a maquiagem profissional, depois trocou o CD por um de música new age, que achou mais apropriada para aquela sessão. Estava ajustando a luz de fundo quando Emma entrou.

– Você não disse que tom de vermelho queria. Sabe que isso é importante.

– Para o que preciso, não é muito. E sempre posso mudar o tom depois no Photoshop. Além disso... – Foi pegar as que Emma tinha levado. – Estão perfeitas.

– As pétalas de rosa são de verdade, então...

– Vou incluí-las nos custos. Olhe, como já veio até aqui, não poderia me servir de modelo? Você tem quase o mesmo tom de pele da cliente e é quase da mesma altura. Tome. – Devolveu as rosas para Emma. – Vá até ali, fique num ângulo de três quartos, voltada para a janela, e com a cabeça virada para a câmera.

– Para que é isso?

– Uma sessão de gestante.

– Ah, a Rosa. – Emma assumiu o posto de modelo. – Laurel fez o bolo para o chá de bebê semana passada. Você não acha o máximo as clientes continuarem conosco? Assim podemos acompanhar os momentos importantes da vida delas.

– Acho. A luz está boa, acho. Pelo menos para as fotos tradicionais.

– O que vai fazer com as pétalas?

– São para mais tarde, para a foto de verdade, depois que eu convencer Rosa a ficar praticamente nua.

– Rosa? – Emma revirou os olhos e deu uma gargalhada. – Boa sorte.

– Você a conhece, não é? Quer dizer, já a conhecia antes de ela nos procurar para fazer o casamento. Esse trabalho chegou a nós graças a você. Ela é sua prima em terceiro grau ou algo assim, certo?

– Ela é neta de um primo da esposa do tio da minha mãe. Acho que é isso. Mas é verdade, eu a conheço. Conheço todo mundo e todo mundo me conhece.

Podia ser um golpe de sorte, pensou Mac.

– Você não poderia ficar por aqui mais um pouco? Talvez assim ela se sinta mais à vontade.

– Posso ficar um pouquinho – disse Emma depois de dar uma olhada no relógio –, principalmente porque estou doida para ver como você vai tentar fazer Rosa tirar a roupa.

– Não diga nada sobre isso – pediu Mac depressa quando ouviu baterem à porta. – Tenho que conduzi-la a aceitar a ideia.

O primeiro pensamento de Mac ao abrir a porta foi: *Uau! Veja que barriga redondinha!* E, enquanto recebia Rosa no estúdio, a sua mente disparou em várias direções, pensando em como explorar aquelas formas, mostrá-las, intensificá-las.

E ter Emma ali era uma vantagem: ninguém conseguia deixar as pessoas mais à vontade do que ela.

– Ah, Rosa, olhe só para você! – De braços erguidos, Emma era só simpatia e hospitalidade. – Está linda!

Com um sorriso, Rosa balançou a cabeça enquanto Mac pegava o seu casaco.

– Estou enorme.

– Lindamente. Ah, aposto que mal consegue esperar. Venha sentar aqui um minuto. Já escolheu os nomes?

– A gente acha que escolheu e depois muda de ideia. – Com um breve suspiro, Rosa apoiou a mão no topo daquela montanha que era a sua barriga e se sentou. – Hoje é Catherine Grace ou Lucas Anthony.

– Maravilhoso.

– Vocês não sabem o sexo? – perguntou Mac.

– Decidimos não saber.

– Também adoro surpresas. E ter Mac fotografando você agora é empolgante.

– Minha irmã me convenceu a fazer isso. Acho que, no futuro, vou gostar de olhar para trás e me ver como se tivesse engolido uma melancia.

– Você está linda – disse Mac. – Vou lhe provar isso. Não gostaria de ficar de pé aqui para fazermos umas fotos de teste? Quer alguma coisa antes? Uma água? Ou chá?

Rosa tirou uma garrafa d'água da bolsa.

– Estou bebendo água como um camelo e fazendo xixi como um elefante.

– Quando precisar, o banheiro é ali à direita. E, sempre que quiser fazer uma pausa, é só dizer.

– Combinado. – Rosa se levantou com esforço da cadeira. – O meu cabelo está arrumado? E a roupa? E todo o resto?

Ela prendera o cabelo num rabo de cavalo bem apertado. Mac ia ter que consertar isso. Escolheu uma calça preta e um suéter azul vibrante que envolvia toda a montanha. Teriam que começar por ali, pensou Mac.

– Você está bem. São só uns testes. Está vendo a fita ali no chão? Fique de pé no xis.

– Não consigo nem ver o meu pé. – Mas Rosa foi até a marca e ficou lá paradinha enquanto Mac verificava o fotômetro.

– Vire para o lado, com a cabeça voltada para mim. Erga o queixo um pouco. Não, foi muito, só um pouquinho. Agora ponha as mãos no bebê. – Mac deu uma olhada para Emma.

Entendendo o sinal, Emma se levantou e se postou atrás de Mac.

– Já escolheu onde vai ter o bebê?

Emma ficou conversando com Rosa, a fez rir, e Mac tirou a primeira foto instantânea. Abanou-a um pouco para acelerar a revelação e depois foi até Rosa.

– Olhe só. Você está linda.

Rosa pegou a foto e observou.

– Posso estar enorme, mas com certeza pareço muito feliz. Está bem bonita, Mac.

– Podemos fazer ainda melhor. Vamos tentar outras na mesma posição.

Ela está mais à vontade agora, notou Mac, vendo Rosa conversar com Emma. Deu mais algumas instruções. Incline a cabeça para a direita, mexa os ombros. Até que resolveu dar uma das rosas de cabo longo trazidas por Emma para Rosa segurar, usando-a como adereço.

Tirou várias fotos que considerou muito bonitas; eram belas imagens convencionais de uma grávida.

– Vamos tentar outra coisa. Um ângulo diferente, outra blusa.

– Puxa, não trouxe outra.

– Tenho algumas aqui.

Rosa deu uns tapinhas leves no barrigão.

– É impossível que você tenha algo que sirva em mim.

– Não precisa servir. Confie em mim. – Mac tirou do quarto de guardados uma camisa masculina branca. – Vamos deixá-la desabotoada.

– Mas...

– As linhas retas da camisa vão realçar a curva arredondada da sua barriga. Confie em mim. E, se você não gostar, não tem problema.

– Ai, vai ser divertido – exclamou Emma entusiasmada. – Barrigas de grávidas são lindas!

– Estou com 38 semanas. Minha barriga parece o monte Everest.

– É uma forma belíssima – disse Mac. – E você tem uma pele ótima. O tom, a textura.

– Estamos só entre mulheres aqui – acrescentou Emma, fazendo questão de lembrar. – Eu adoraria ver como vai ficar. A iluminação está tão boa, valorizando tanto você...

– É, talvez. Mas acho que só vou ficar parecendo gorda. – Relutantemente, Rosa tirou o suéter.

– Quero uma dessa! – exclamou Emma, encostando de leve a mão na barriga de Rosa. – Desculpe. Mas é que é tão... fascinante. É algo nosso, sabe? Somos as únicas que podemos fazer isso.

– Celebremos o feminino. – Mac vestiu a camisa em Rosa, ajeitou a parte da frente e dobrou as mangas. – Vamos soltar o seu cabelo, para aumentar o contraste e também porque é mais feminino. Vamos passar mais um pouco de brilho nos lábios, ok? Para que eles fiquem mais destacados.

Mac percebeu que Rosa tinha corado, mas tudo bem. Podia explorar isso.

– Precisamos de um ângulo de três quartos, com os ombros mais para a frente. Ótimo! Talvez fique bom se você abraçar a barriga por baixo. Está lindo. Só preciso ajustar a iluminação.

– Tem certeza de que não estou parecendo uma idiota? Desleixada? Estou me sentindo uma vaca que esqueceram de ordenhar.

– Rosa – disse Emma, suspirando. – Você está sexy.

Mac capturou a surpresa, o prazer e até o orgulho.

– Dê um grande sorriso, ok? Virada para mim. Quero dizer, caramba, olhe só o que você fez! Está ótimo. Você está bem? Precisa de um descanso?

– Não, estou bem. Só me sinto um pouco boba.

– Não está nada boba, confie em mim. Emma, ajeite a manga direita um pouquinho. Pronto, assim está perfeito – disse ela logo após Emma ter se aproximado para ajudar. – Agora, Rosa, vire

um pouco mais na minha direção. Só um pouquinho. Aí. E ponha as mãos dos lados da barriga. Ótimo.

Mac via tudo se revelando ao tirar as fotos. Via o momento, a mágica. Estava quase, pensou.

– Quero que incline a cabeça para baixo, mas erga os olhos, só os olhos voltados para mim. Veja o segredo que você carrega, o poder. Pense, só por um minuto, como esse segredo se instalou aí. Isso! Rosa, você é *fabulosa*!

– Queria ter vestido um sutiã mais bonito.

Aproveitando a deixa, Mac baixou a câmera e disse:

– Então tire esse.

– Mackensie! – exclamou Rosa, dando uma gargalhada meio horrorizada.

– Vamos tentar um estudo de figura. Você vai amar. – Mac falou rápido e apontou para uma cadeira. – Sente um pouco e relaxe. Preciso mudar o cenário.

– O que ela quer dizer com estudo de figura? Nu?

– Acho que vamos descobrir logo. – Emma deu o braço para Rosa. – Venha, sente-se aqui. É melhor vermos o que ela está tramando. Mac! – chamou Emma ao ouvir o telefone tocar. – Quer que eu atenda?

– *Não*! – Mac veio correndo, trazendo um banco baixo. – Pode ser o... Quero continuar o nosso jogo.

Ela pôs o banco na marca e começou a cobri-lo com um lençol marfim enquanto a voz de Carter falava na secretária:

– Imagino que você consiga adivinhar quem é. Sábado, começamos com um jantar e depois, bem... humm. Sete horas. Está combinado. Ótimo. Ah, não sei exatamente o que você gosta de comer... ou o que odeia. Você teria dito se fosse vegetariana, não teria? Imagino que sim. E estou mais uma vez pensando demais. Então, acho que agora o nosso jogo de gato e rato terminou. Vejo você no sábado. A menos que precise me ligar para... Ok, vou calar a boca. Tchau.

– Ele parece bem fofo – observou Rosa, virando-se para Mac, que arrumava as dobras do lençol.

– Ele é mesmo.

– É um primeiro encontro?

– Tecnicamente, o segundo. Ou talvez, de forma não oficial, o terceiro. É um pouco confuso. Rosa, tem outro lençol no banheiro. Quero que vá lá e tire a roupa. Pode se enrolar no lençol se ficar com vergonha. Mas, pelo que eu soube, o trabalho de parto e o nascimento são avessos a qualquer tipo de pudor. Então, isso vai ser moleza.

– Não posso fazer um nu, Mac. Não é só... O que vou *fazer* com a foto?

– Pode decidir depois que eu tiver terminado, mas prometo que não vai ser nada apelativo ou que deixe você com vergonha. É apenas outro estágio do mesmo tema. Tem a ver com o que você é, Rosa, com o que tem dentro de você.

– Só não sei se consigo...

– Tem a ver com a jornada que está realizando e o conhecimento que ela encerra. É a vida, a luz que há em você. E o amor.

– Ah. – Rosa ficou com os olhos cheios de lágrimas e cruzou as mãos sobre a barriga. – Acho

que posso ao menos tentar. Você apaga as fotos se eu não ficar confortável com elas?

– É claro.

– Bom, está certo então. Tenho que ir fazer xixi mesmo.

– Leve o tempo que precisar.

Emma esperou até Rosa entrar no banheiro e fechar a porta.

– Você é boa, Mackensie. Você é muito boa!

– Sou mesmo.

– E tem um encontro sábado à noite.

– Parece que sim. Acha que estou doida, Emma, por estar embarcando numa situação como essa?

– Você já embarcou, querida. E eu diria que você é louca se não percebe aonde isso vai dar. Queria ficar aqui e ver o resto da sessão, mas tenho que ir embora.

– Depois mostro as provas.

– Você não é apenas boa, é confiante também. Rosa! Tenho que voltar ao trabalho. Nos vemos em breve.

A porta do banheiro abriu uma frestinha.

– Tem mesmo que ir? Queria que ficasse só mais um pouquinho.

– Também queria. Mas vou deixá-la em boas mãos. Se não nos virmos antes, que o seu bebê seja alegre, lindo, saudável e maravilhoso.

Ao sair, Emma pegou o casaco e sussurrou "boa sorte" para Mac.

Mac entrou na mansão um pouco depois das cinco horas. Queria comida de verdade, do tipo que a Sra. G. estocava no congelador. Levou o laptop para a cozinha, onde encontrou Parker sentada à bancada, encarando uma taça de vinho.

– Oi. Não acha cedo para estar sentada aí, tomando vinho?

– Acabei de terminar a reunião com Naomi e Brent. Acho que mereço.

– Conseguiu resolver as coisas?

– Claro que consegui, mas não foi fácil. Os noivos agora estão unidos pelo amor, pelo compromisso que têm um com o outro e pela determinação de terem o *seu* casamento. A sócia vadia foi cortada. O noivo vai ter uma conversa séria com o padrinho traidor, deixando claro que o casamento não tem a ver com ele nem com aquela mulher, mas que, se não puder ser padrinho porque a sócia foi excluída da lista de convidados, a escolha será dele. A noiva vai falar com a dama de honra, dando apoio e sendo compreensiva, mas será firme ao dizer de quem é o casamento e que, embora saiba que ela está morrendo de raiva do maldito traidor, ele continua sendo irmão do noivo. Além disso, como um incentivo, um cara gatíssimo será seu acompanhante, o que vai deixar o traidor com a maior cara de idiota, coisa que ele realmente é.

Parker parou um pouco e respirou.

– Eu mereço este vinho – repetiu.

– Quem vai ser o cara gatíssimo?

– Subornei o Jack – respondeu Parker, erguendo a taça e tomando um gole. – Isso vai me custar uma caixa de Pinot Noir, mas valerá a pena.

– Ele é gato mesmo – concordou Mac. – Um trabalho de mestre.

– Estou exausta. Como foi a sua sessão de fotos?

– Engraçado você ter me perguntado isso. Que tal eu mostrar em vez de contar? – Mac abriu o laptop e, enquanto ele ligava, foi dar uma espiada no congelador. – O que teremos para o jantar?

– Não sei. Ainda são cinco da tarde.

– Estou faminta. Acabei não almoçando. Torta de frango. Humm, torta de frango. – Tirou a travessa do congelador. – É isso que vamos comer.

– Tudo bem. Mas antes quero tomar um banho quente bem demorado. Vou comer de pijama.

– Gostei da ideia. Por que não pensei nisso? Ok, veja as fotos.

Mexendo no computador, Mac mostrou as fotos da primeira parte da sessão.

– Nossa, ela já está enorme! – Parker riu, recostando-se. – E parece meio sem estabilidade, mas muito feliz. Que fofo. Está lindo, Mac.

– É, ficou bom. – Passou para a segunda parte.

– Uau, estas estão ótimas. Está sexy, feminina, poderosa, divertida. Adorei. Gostei particularmente desta aqui, em que ela está com a cabeça abaixada e os olhos voltados para a câmera. Ficou parecendo uma feiticeira. A iluminação deu esse tom.

– Vou trabalhar nela para realçar ainda mais. Fizemos mais uma série, com outro cenário.

Mais uma vez, Mac mexeu no cursor até chegar às outras fotos.

Parker se ajeitou na cadeira.

– Meu Deus, Mac, estas estão incríveis. Estão... Ela está parecendo uma deusa romana.

Parker examinava cada foto à medida que elas apareciam na tela. O lençol branco preso na cintura, sob a barriga dilatada, esparramando-se como um rio salpicado de pétalas de rosa de um vermelho profundo. A mulher com o cabelo solto caindo nos ombros, um braço cruzado sobre os seios, repousando a mão no topo da barriga.

E os olhos voltados direto para a câmera.

– Adorei as curvas, dobras e linhas. E esse jeito de a luz projetar os olhos dela? Já mostrou alguma a ela?

– Todas. Ela estava tão nervosa que tive que mostrar todas para que tivesse certeza de que eu apagaria as de que não gostasse.

– O que ela achou?

– Começou a chorar. De felicidade. Devem ser os hormônios. As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto e fiquei assustadíssima. Aí ela disse a melhor coisa. – Mac fez uma pausa, deixando a lembrança brilhar dentro dela. – Ela disse que nunca mais pensaria que estava gorda e desajeitada, porque viu que estava magnífica.

– Ah!

– Eu sei. Também fiquei com os olhos cheios de lágrimas. Ela queria que eu revelasse na mesma hora. Tive que convencê-la a esperar que eu retocasse as fotos, não queria que ela escolhesse estando tão emocionada.

– É recompensador ver que proporcionamos uma felicidade tão grande a alguém com o nosso trabalho, não é? Estamos aqui, cansadas e morrendo de fome, mas fizemos um trabalho excepcional hoje.

– Nesse caso, que tal me emprestar um pijama?

– Por que você não põe isso em forno baixo e vamos lá em cima nos trocar?

– Combinado. Estou me sentindo num filme romântico daqueles bem água com açúcar. Não está se sentindo assim? Que tal jantar e ver um filminho?

– Parece uma ideia perfeita.

– Falando em jantar e em filme, é o que finalmente vou fazer no sábado à noite com Carter Maguire.

– Eu sabia! – exclamou Parker, agitando um dedo no ar.

– Vou bem devagar com isso. Em algum momento deve haver sexo, mas quero que seja tudo bem devagar.

– Estabelecer limites para o relacionamento antes de cair de cabeça nele é o mais sensato mesmo.

– Acho que senti uma pontinha de sarcasmo aí. – Mac fechou a porta do forno, virou-se e disse: – O que aconteceu ontem foi uma anomalia, um simples ataque de pânico produzido pela falta de interesse dos meus últimos encontros.

– Você tem razão. – Parker se levantou e passou o braço por cima dos ombros da amiga enquanto saíam da cozinha. – Encontros interessantes andam bem escassos por aqui, a não ser para Emma.

– Você nem consegue arranjar tempo para isso.

– Eu sei. É um problema sem solução. Que tipo de filme quer ver? Daqueles que a gente acaba chorando ou felizes para sempre?

– Vamos de felizes para sempre, combina mais com torta de frango.

– Boa escolha. Por que não vemos se as meninas não querem se juntar a nós?

Começaram a subir para o terceiro andar.

– Parks, o que acha que vai fazer quando estiver velhinha e não conseguir mais subir essa escada?

– Acho que vou instalar um elevador. Não desisto disso aqui. Nunca.

– Da casa ou da empresa?

– Dos dois.

Antes de chegarem ao último lance, o celular de Parker começou a tocar na sua cintura.

– Droga. Pode ir subindo – disse Parker. – Pegue os pijamas. Vou resolver isso e já encontro você. – Ela abriu o celular depois de verificar quem estava ligando. – Oi, Shannon! Está preparada para a semana que vem? – Rindo, Parker foi em direção ao escritório. – Eu sei. São mil coisas. Não se preocupe. Estamos com tudo em ordem.

Noivas, pensou Mac subindo o último lance da escada. A maioria era tão preocupada com os detalhes... Se ela um dia pensasse em se casar, o que era muitíssimo improvável, ia se preocupar mais com o todo.

E deixaria os detalhes por conta de Parker.

Ao entrar no quarto da amiga, viu o edredom palha cobrindo a luxuosa cama com dossel e umas flores frescas e alegres num vaso. Não havia ali roupas jogadas, nem sapatos espalhados pelos cantos.

Nada de poeira nem de desorganização, pensou Mac ao abrir a gaveta da cômoda, onde encontrou – como esperava – quatro pijamas bem dobradinhos.

– Também sou organizada – murmurou Mac. – Só não sou tão obsessiva com relação a isso.

Levou um dos pijamas para o quarto de hóspedes e o jogou na cama. Um banho quente demorado lhe pareceu uma ideia boa demais para deixar passar. Abriu a água para encher a banheira e despejou nela alguns sais de banho. Entrou na água perfumada pensando em opções de filmes de mulherzinha com final feliz.

Filmes, pensou – especialmente os românticos –, *deviam* ter final feliz. Porque a vida, com muita frequência, não tinha. O amor se dissipava ou se transformava em ódio. Ou ia parar em algum lugar entre essas duas coisas, numa espécie de indiferença dolorosa.

Podia também se quebrar como um galho seco por causa de um simples passo em falso. Então seria preciso passar uma semana num spa, pensou Mac com amargura, às custas de outra pessoa.

Sabia como Parker se sentia a respeito da casa e do trabalho. Mas, para Mac, nada era para sempre.

Só a amizade, se você tiver sorte – e nesse quesito era a maior sortuda do mundo.

Mas em relação a casa e relacionamento amoroso, a coisa era bem diferente. Não estava em busca de algo para sempre nesses quesitos. O agora já estava bem pleno.

Um encontro sábado à noite. Um cara que tinha despertado o seu interesse e a atraiu a ponto de ela querer sair com ele. É, isso já bastava. Uma semana até sábado... E vamos ver.

Era para esse tipo de coisa que serviam as fotos – tudo muda, então é possível preservar ali o que existiu. Antes que o amanhã leve isso embora.

Mac estava afundada até o queixo na banheira quando Laurel apareceu.

– O que está fazendo? Não tem água quente na sua casa?

– Não, estou aproveitando o momento, e depois comerei uma torta de frango vendo um filminho água com açúcar. Não quer se juntar a mim? Não estou me referindo à banheira.

– Talvez. Acabei de redesenhar, pela quinta vez, o bolo de casamento de Holly e Deburke. Vou gostar de uma torta de frango.

– Está esquentando lá no forno. Vamos avisar Emma.

– Pode deixar que eu aviso. Fique aí aproveitando o momento.

Mac fechou os olhos e suspirou. É, amizade. Essa era a única coisa com que se podia contar sempre.

De manhã, ainda com o pijama de Parker, Mac se dirigiu para o estúdio. Acordou assim que amanheceu, enroscada no sofá da sala, coberta com uma manta de caxemira.

Aqueles dois pedaços da torta de frango da Sra. G. fizeram o seu estômago revirar ao pensar em

comer alguma coisa no café da manhã. Já café puro...

Ainda assim, antes de preparar a sua dose matinal, foi conferir, como quem não quer nada, se tinha algum recado na secretária eletrônica.

Não tinha.

A decepção momentânea fez com que se sentisse boba. Não tinha ficado sentada esperando que ele ligasse de novo. Aproveitara a noite. Além disso, era a sua vez de ligar, se quisesse prolongar um pouco mais aquele jogo.

E estava sendo estúpida.

Não ia ficar pensando em Carter Maguire e nos seus óculos sexy ou no seu paletó de tweed e nos seus incríveis lábios. Tinha que passar um café, havia trabalho a fazer, tinha uma vida para tocar.



– Um encontro sábado à noite? É, isso é sério.

Carter ficou se perguntando por que abrira a boca. O que o fizera pensar que mencionar isso seria como lançar um tema simples no bate-papo casual da hora do cafezinho na sala dos professores antes de as aulas começarem?

– Bom, tenho que rever o teste que vou...

– É sério – repetiu Bob, batendo o dedo na bancada do café para enfatizar o que dizia. – Você precisa levar flores para ela. Mas nada de rosas. São muito importantes, muito simbólicas. Leve flores mais casuais, ou várias misturadas num arranjo.

– Não sei. Talvez.

Agora tinha mais uma coisa com que se preocupar.

– Nada muito grande ou vistoso. Ela vai querer pôr as flores num vaso, e isso vai lhe dar tempo de entrar, conversar, quebrar o gelo. Então, não se esqueça de contar com isso. Para que horas fez a reserva?

– Não fiz ainda.

– Você precisa ver isso logo. – Com um ar sábio, Bob tomou um gole do seu café com leite desnatado. – Aonde pretende levá-la?

– Ainda não tenho certeza.

– Precisa ser num lugar um pouco mais refinado. Nada muito caro, mas também não pode ser muito barato. Um lugar com bom ambiente, que não seja muito fechado. Bem localizado.

– Bob, você vai acabar me arranjando uma úlcera.

– Isso tudo é só para servir de munição, Cart. Só para você ficar preparado. Tem que pedir uma boa garrafa de vinho. Ah, e depois do jantar, se ela disser que não quer sobremesa, sugira que dividam uma. Mulher *adora* isso. É sexy dividir sobremesa. E não fique falando do seu trabalho durante o jantar. Isso é morte certa. Deixe que ela fale do dela e das coisas que ela gosta de fazer. Depois...

– Acha que devo anotar tudo isso?

– Não seria má ideia. Se o jantar terminar por volta de umas dez horas, pense em outro lugar

para irem. Um lugar que tenha música é melhor. Se acabar mais cedo, proponha um filme. Isso se ela não der nenhum sinal de que quer que vocês voltem para a casa dela. Nesse caso...

– Isso não vai acontecer, Bob. Simplesmente não vai. – Quando o sinal tocou, Carter pensou: "Literalmente salvo pelo gongo!" E acrescentou: – Tenho que dar aula agora.

– Conversamos mais depois. Vou tentar escrever algumas dessas sugestões para você.

– Ótimo! – Carter conseguiu escapar, juntando-se ao bando de alunos e professores que passavam no corredor.

Pensou que talvez não conseguisse sobreviver até sábado. Não sem enlouquecer.

capítulosete

CARTER COMPROU FLORES. FICOU meio aborrecido, porque já tinha pensado em fazer isso antes. Mas todas aquelas instruções de Bob transformaram um gesto simples numa ação complexa e simbólica, tão repleta de dificuldades que a princípio resolveu ignorar essa etapa.

Uma das melhores amigas dela era florista, não era? Mackensie podia cobrir seu estúdio com um tapete de flores, se quisesse.

Depois ficou preocupado, pensando que, se não levasse as malditas flores, estaria contrariando uma regra não redigida, mas universalmente conhecida, dos encontros amorosos. Por fim, acabou voltando atrás – tinha saído com bastante antecedência para não se atrasar mesmo que pegasse um engarrafamento por causa de um acidente envolvendo cinco carros, com muitos feridos.

Foi correndo ao supermercado e ficou examinando as flores expostas, questionando-se a respeito delas até sentir o suor escorrer pela testa.

Bob, com certeza, teria algo desabonador a dizer sobre flores de supermercado. Mas estava tarde demais para ir a uma floricultura e dificilmente poderia recorrer a Emma, implorando sua misericórdia.

Desejou ter deixado as coisas apenas naquele café, quando tiveram uma conversa agradável e passaram um delicioso tempo juntos. Você segue a sua vida, eu sigo a minha, e pronto. Era tudo complicado demais, intenso demais. Só que agora não podia simplesmente ligar e dar uma desculpa qualquer, mesmo que conseguisse convencê-la com uma boa mentira, o que, aliás, seria pouco provável.

As pessoas marcam encontros o tempo todo, não marcam? E não morrem por causa disso. Carter pegou um arranjo que lhe pareceu colorido e casual e foi para o caixa.

As flores são coloridas, pensou com uma ponta de ressentimento. Tinham um cheiro bom. Era um buquê misto, com algumas gérberas grandes, que lhe pareceram amistosas. Sem nenhuma rosa ameaçadora, o que, de acordo com a Lei de Bob, seria como um pedido de casamento com direito a filhos.

Aquelas flores deviam ser seguras.

Talvez seguras demais.

A caixa de olhos bondosos deu um sorriso.

– São lindas! Vai fazer uma surpresa para a sua esposa?

– Não. Não sou casado.

– Ah, para a namorada, então?

– Não exatamente. – Carter procurou a carteira todo desajeitado enquanto ela registrava as flores. – É só uma... Você acha que essas flores são apropriadas para um encontro? Quero dizer, para dar a uma mulher que convidei para jantar?

– Claro que são. Quase todo mundo gosta de flores, não é? Especialmente nós, mulheres. Ela vai achar que você é doce e muito atencioso.

– Mas não são muito...

Pare antes que seja tarde, disse a si mesmo.

Ela pegou o dinheiro e lhe deu o troco.

– Aqui estão as suas flores. – E pôs o buquê numa sacolinha plástica. – Espero que tenha uma ótima noite.

– Obrigado.

Mais relaxado, Carter voltou para o carro. Se não se pode confiar na caixa do supermercado, em quem se vai confiar?

Deu uma olhada no relógio; mesmo considerando aquele acidente grave, ainda chegaria a tempo. Embora se sentisse um completo idiota por isso, tirou do bolso a lista que o prestativo Bob tinha imprimido para ele e cuidadosamente riscou o item "Comprar flores (mas nada de rosas)".

Em seguida, havia várias sugestões de cumprimentos e frases para iniciar uma conversa, como "você está linda", "bonito vestido" e "vi essas flores e pensei em você".

Carter enfiou a lista de volta no bolso antes que uma daquelas sugestões ficasse gravada em sua mente. Mas não antes de ler o tópico sobre a estação de rádio. Bob decretava que ele sintonizasse numa estação de música clássica ou que tocasse um jazz tranquilo, e deixasse o volume baixo.

Vou acabar matando o Bob, pensou.

Dirigia obcecado com a ideia da música ambiente, até que desligou o rádio bruscamente. Que inferno! Virou para entrar na longa e sinuosa subida que levava à propriedade.

– E se ela não estiver de vestido? – murmurou.

Parecia que seus esforços para não assimilar a lista de Bob tinham sido em vão. Infelizmente, essa pergunta veio acompanhada da imagem de Mac de calça preta e sutiã branco, expulsando Bob de uma vez por todas de seus pensamentos. – Não era bem nisso que eu estava pensando. Caramba. Só achei que talvez ela pudesse estar usando alguma *outra* coisa que não um vestido. O que eu digo nesse caso? Bela calça? Roupa, é claro, roupa. Bonita roupa. Isso se chama roupa, sabia? Meu Deus, cale a boca.

Contornou a mansão e seguiu pela estradinha estreita até a casa de Mac.

As luzes estavam acesas nos dois andares, e a casa toda brilhava. Pelas grandes janelas do primeiro andar, Carter pôde ver o estúdio, uma luminária de pé e uma cortina azul-escura presa com grandes argolas prateadas. Diante da cortina havia uma pequena mesa e duas cadeiras. Taças de vinho reluziam sobre a mesa.

Aquilo significava que ela queria tomar um drinque antes de sair? Não tinha contado com isso. Será que devia remarcar a reserva para mais tarde? Saiu do carro e foi em direção à casa, mas teve

que voltar para buscar as flores que esquecera no banco do carona.

Queria que essa noite já tivesse terminado. De verdade. Sentindo um embrulho no estômago, teve que fazer um esforço para bater à porta. Queria que já fosse amanhã, uma tranquila manhã de domingo. Tinha trabalhos para corrigir, podia ler e dar um passeio. De volta a sua confortável rotina.

Então, Mac abriu a porta.

Ele nem reparou na roupa que ela estava usando. Tudo o que viu foi seu rosto. Sempre seu rosto – a pele clara e suave, emoldurada pelo cabelo espesso e sedoso. Aqueles encantadores olhos verdes e o charme inesperado das covinhas.

Percebeu que não queria mais que a noite tivesse terminado. Só queria que começasse.

– Oi, Carter.

– Oi, Mackensie. – Não se lembrou de nenhuma das sugestões da lista de Bob. Entregou-lhe as flores. – São para você.

– Eu esperava que fossem. Entre. – Ela fechou a porta. – São lindas. Adoro gérberas. São tão alegres... Vou colocá-las na água. Quer beber alguma coisa?

– Ah... – Ele olhou para a mesa. – Você tinha planejado algo?

– Isso aqui? Não, é só um cenário para uma sessão de fotos que fiz hoje de tarde. – Ela foi até a cozinha e fez um gesto indicando-lhe que a acompanhasse. – Fotos de noivado. Os dois adoram vinho. Ela escreve para uma revista especializada em enologia e ele é crítico gastronômico. Por isso tive a ideia de montar uma espécie de bistrô para a sessão. – Enquanto falava, Mac pegou um vaso e começou a desembrulhar as flores.

– É muito legal isso que você faz de adaptar as fotos aos clientes. Sherry adorou as que você tirou para ela.

– As dela foram fáceis. Um casal apaixonado aninhado no sofá.

– Só foram fáceis porque você teve a sensibilidade de saber que Sherry e Nick não se sentariam num bistrô sofisticado para tomar vinho, nem no chão, cercados de livros, ao lado de um enorme gato gordo.

– O noivado de Mason e Collari. Foi publicado hoje, não foi? Você sempre lê a seção de casamentos e noivados do jornal?

– Desde que reencontrei você, sim.

– Você é um doce, sabia?

Como nunca ninguém tinha usado aquele adjetivo para defini-lo, Carter não soube o que dizer.

Mac pôs o vaso no centro da bancada da cozinha.

– Elas vão me animar de manhã, antes mesmo do café.

– A caixa do mercado disse que você ia gostar. Tive uma pequena crise, mas ela me ajudou a superá-la.

O tom divertido daquela declaração fez as covinhas aparecerem no rosto de Mac.

– Sempre se pode contar com as caixas de mercado.

– Foi exatamente o que pensei.

Ela saiu da cozinha e foi buscar o casaco que havia deixado dobrado no braço do sofá.

– Estou pronta, se você também estiver.

– Estou, claro.

Ele foi até Mac e pegou o casaco. Ajudou-a a vesti-lo. Ela olhou para trás.

– Toda vez que você faz isso fico com pena de não estar com o cabelo mais comprido. Se estivesse, você precisaria tirá-lo de dentro da gola.

– Gosto do seu cabelo curto. Assim dá para ver seu pescoço, que é lindo.

Mac se virou e o fitou.

– Vamos sair para jantar.

– Vamos. Fiz reserva para as sete e meia no...

– Não. O que eu quis dizer foi que combinamos de sair para jantar, então o que vou fazer não deve ser interpretado como um convite para ficar aqui. Mas acho que tenho mesmo que resolver logo isso para que eu possa aproveitar o jantar.

Ficou na ponta dos pés e enlaçou o pescoço dele. Então encostou os lábios nos de Carter, bem de leve, como um convite. Ele sentiu uma onda de prazer percorrer o seu corpo. E teve que lutar contra o impulso de agarrá-la como havia feito antes, de aplacar, pelo menos em parte, aquele desejo reprimido. Acariciou o corpo de Mac, infelizmente coberto pelo casaco, até aquela onda de prazer ficar mais controlada.

Ela recuou. A bela pele de porcelana do rosto dela estava corada.

– Você tem um talento inato para isso, professor.

– Passei muito tempo pensando em beijar você. Recentemente, revisitei essa ideia. Deve ser por isso.

– Ou é um talento natural. É melhor irmos ou vou acabar desistindo do jantar.

– Eu não estava esperando que você...

– Mas é possível.

Como ele pareceu de novo momentaneamente atordoado, ela o conduziu até a porta e a abriu.

Para Carter, era como se ela preenchesse todo o carro. Seu cheiro, sua voz, seu sorriso. A simples existência dela. Por mais estranho que fosse, ele ficou mais calmo.

– Você sempre dirige abaixo do limite de velocidade? – perguntou Mac.

– É irritante, não é? – Deu uma olhada para ela e, ao ver aqueles olhos sorridentes, retribuiu o sorriso. – Se eu ultrapasso o limite de velocidade um pouquinho que seja, já fico me sentindo um criminoso. Corrine costumava...

– Quem é Corrine? – perguntou ela quando ele se interrompeu.

– Só alguém que eu aborrecia com esse meu jeito de dirigir. E com todo o resto, ao que parece.

– Uma ex-namorada.

– Não foi nada, de verdade.

Por que não tinha ligado o rádio?

– Agora isso é um mistério e estou mais curiosa. Vou começar a contar sobre meus ex-namorados... para incentivar você. – Mac o fitou até ele sentir aqueles olhos verdes sorridentes mais uma vez. – Que tal o aspirante a astro de rock, que, segundo as lentes da minha paixão, parecia o Jon Bon Jovi? Na aparência, não no talento. O nome dele é Greg, mas gostava de ser

chamado de Rock. É sério.

– Rock o quê?

– Ah, *só* Rock. Como Prince ou Madonna. Enfim, com 20 anos, ele me parecia incrivelmente sexy e bacana e, no meu delírio sexual, desperdicei muito tempo, talento e dinheiro tirando fotos dele e da banda, além de fotos para o CD que eles mesmos produziram. Eu dirigia para eles, fazia o papel de tiete e acompanhei as turnês por mais de dois meses. Até que o peguei beijando o baixista. Um cara chamado Dirk.

– Humm, que triste.

– Senti uma ponta de sarcasmo aí.

– Não se você ficou magoada com essa história.

– Fiquei *arrasada*. Por pelo menos cinco minutos. Depois fiquei furiosa por semanas. O desgraçado me usou de fachada. Mas fico feliz em saber que hoje ele é vendedor de eletrodomésticos em Stamford. E nem são grandes eletrodomésticos. Só liquidificadores e torradeiras.

– Gosto de uma boa torradeira.

Ela riu. Ele entrou no estacionamento.

– The Willows. Boa escolha, Carter. A comida daqui é sempre boa. Laurel trabalhou neste restaurante fazendo os doces antes de abrirmos a Votos e depois por um tempo ainda, antes de deslancharmos.

– Não sabia disso. Não venho aqui há meses, mas da última vez vim com...

– Corrine.

– Não. – Ele deu um sorrisinho. – Com um casal de amigos que me arrumou um encontro às cegas. Foi uma noite bem estranha, mas a comida, como você disse, é boa.

Saiu do carro e estava dando a volta para abrir a porta para Mac, mas ela saiu antes que ele pudesse fazer isso. Quando ela lhe deu a mão com a maior naturalidade, o coração de Carter disparou.

– Por que estranha?

– A voz dela era estridente como um violino desafinado. Sei que é uma observação indelicada, mas é muito precisa. Além do mais, ela tinha iniciado recentemente uma dieta de restrição de carboidrato, gordura e sal. Jantou só uma salada sem graça; comia uma folha, um raminho, uma lasca de cenoura por vez. Foi constrangedor.

– Eu como feito um cavalo.

– É difícil acreditar nisso.

– Você vai ver.

Assim que chegaram à porta do restaurante, ela se abriu. O homem que saía estava com o casaco aberto, não usava gorro, luvas nem cachecol. O vento despenteou aquele cabelo preto que emoldurava um rosto muito bonito. Ao olhar para Mac, seus lábios bem desenhados esboçaram um sorriso e os olhos se iluminaram.

– Oi, Macadâmia. – Ele a ergueu pelos cotovelos e lhe deu um selinho. – Com tantos bares em todas as... Carter? – Pôs Mac de volta no chão e estendeu a mão amistosamente. – Como vai?

– Estou bem, Del. E você?

– Ótimo. Há quanto tempo... O que vocês dois estão fazendo aqui?

– Disseram que aqui tinha comida, então pensamos em jantar.

Del fez uma careta para Mac.

– É um bom plano. Então vão jantar. Os dois. Não sabia que estavam juntos.

– Não estamos – disseram ao mesmo tempo.

Carter pigarreou.

– Vamos jantar.

– É, já percebi. Acabo de sair de uma rápida reunião de negócios e vou me encontrar com uns amigos do outro lado da cidade. Não fosse por isso, entraria para tomar um drinque com vocês e aproveitaria para fazer um interrogatório. Mas tenho que ir. Até mais.

Mac ficou olhando Delaney Brown correr para o estacionamento.

– Quem era aquele cara? – indagou, fazendo Carter rir.

Quando entrou, Mac ficou se perguntando se Carter teria reservado uma mesa num canto mais privado ou se aquilo fora sorte. Isso acrescentava uma pitada de intimidade em contraste com o ar sofisticado, embora casual, do restaurante. Ela recusou a oferta de um coquetel, já que preferia tomar vinho no jantar. Então, ignorando o cardápio, dirigiu-se a Carter.

– E aí, o que aconteceu com a comedora de salada com voz de violino? Não foi adiante?

– Acho que nenhum dos dois se interessou pelo outro.

– Você vai a muitos encontros às cegas?

– Esse foi o primeiro e último. E você?

– Nunca. É muito assustador. Além disso, nós quatro fizemos um pacto, anos atrás, de jamais tentar arranjar parceiros umas para as outras. Funciona que é uma maravilha. O que acha de dividirmos uma garrafa de vinho, Dr. Maguire?

Ele passou a carta para ela.

– Pode escolher.

– Que coragem! – disse, abrindo a carta. – Não sou conhecedora de vinhos, só tiro fotos deles, mas aqui tem o Shiraz de que eu gosto.

Enquanto ela falava, o garçom se aproximou da mesa com uma garrafa de Shiraz.

– Que serviço excelente – comentou Mac.

– Sr. Maguire? O Sr. Brown ligou pedindo que lhes servisse este vinho, com os seus cumprimentos. Ou qualquer outro que prefiram.

– Esses irmãos Brown... – Mac balançou a cabeça. – Nunca erram. Adoraria uma taça, obrigada. Pode ser? – perguntou a Carter.

– Claro. Foi incrivelmente gentil da parte dele.

Foi mesmo, pensou Mac, como se ele estivesse lhe dando uma piscadela sutil. Na primeira oportunidade, Del iria lhe encher a paciência.

Ela não comeu feito um cavalo, na opinião de Carter, mas também não ficou noventa minutos

beliscando uma saladinha. Gostou de vê-la gesticular com a taça ou o garfo na mão enquanto falava. E também de vê-la pegar um pedacinho do peixe do seu prato para experimentar, sem pedir.

Ele não se importava e o fato de ela não ter pedido foi... íntimo.

– Tome, prove o bife – disse ela, cortando um pedaço.

– Não, estou satisfeito.

– Você não come carne vermelha?

– Como.

– Então experimente. É como se estivéssemos comendo um prato ao estilo mar e montanha.

– Tudo bem. Quer um pouco desse arroz?

– Não. Nem consigo entender porque alguém quereria. Enfim, vamos voltar ao que estávamos falando. Você fez mesmo a sua turma de literatura inglesa ver *As patricinhas de Beverly Hills* para mostrar a atualidade do livro *Emma*, de Jane Austen?

– Foi para provar que a literatura, o ato de contar histórias, não é algo estagnado, que os temas, as dinâmicas e até os costumes sociais que aparecem em *Emma* podem ser trazidos para a contemporaneidade.

– Queria ter tido professores como você. Gostou do filme?

– Gostei. É inteligente.

– Adoro filmes. Ontem à noite fizemos uma sessão dupla, mas tive uma overdose de torta de frango e acabei dormindo no meio de *Letra e música*, com o Hugh Grant. – Ela mais uma vez gesticulou com a taça na mão. – Você viu *Razão e sensibilidade*?

– Vi. Achei que foi uma adaptação muito boa, que respeitou o original. Você leu o livro?

– Não. Eu sei que isso é horrível. Mas li *Orgulho e preconceito* e adorei. Quero ler de novo agora que tenho em mente a imagem de Colin Firth como o Mr. Darcy. Acho que vai ser ainda melhor. Que adaptação de livro para o cinema é a sua favorita?

– A minha favorita? *O sol é para todos*.

– Ah, Gregory Peck. Eu li o livro – acrescentou ela. – É ótimo, e o Gregory Peck de Atticus Finch... é o pai perfeito. Aquela cena bem no fim, com a... como é mesmo o nome dela?

– Scout.

– Isso. A cena em que ela está narrando e o vemos pela janela, sentado ao lado da cama do filho, é de matar. Tão lindo... Quando vi o filme, ainda criança, ficava imaginando que o Atticus era meu pai. Ou o Gregory Peck. Qualquer um dos dois servia. Ele estaria ali quando eu acordasse de manhã. Acho que nunca superei isso. É lamentável.

– Não acho. Não sei como é crescer sem um pai. Não vê o seu com muita frequência, não é?

– Quase nunca. Quando vejo, com alguns anos de intervalo, ele é extremamente encantador e muito carinhoso. Acabo me envolvendo e depois fico chateada, porque ele vai embora e passa a me ignorar imediatamente. É dessas pessoas que só vivem o momento. Se naquele instante você não está com ele, é como se não existisse.

– Isso magoa você.

– É, magoa. Cada vez mais. E esse é um assunto muito deprimente para um jantar tão legal.

Diga outra. Outra adaptação de que gosta.

Carter teve vontade de afastar o cabelo dela e passar o braço por cima de seus ombros. Mas não era esse conforto que ela queria.

– *Conta comigo*.

Ela franziu as sobrancelhas, obviamente tentando se lembrar do filme.

– Não me lembro desse. Quem escreveu? Steinbeck? Fitzgerald? Yeats?

– Stephen King. É baseado no romance *O corpo*.

– Sério? Você lê King? Eu fico apavorada, mas não consigo resistir. Espere aí! Esse é o filme com os garotos que fazem uma trilha para procurar alguém, um cara morto, que talvez tivesse sido atropelado por um trem? Eu lembro. O Kiefer Sutherland faz o papel de um imbecil. Está ótimo!

– É uma história de amizade e lealdade. De crescer e manter as amizades.

– Tem razão – disse ela, olhando para ele. – É sobre isso mesmo. Aposto que você é um excelente professor.

– Às vezes.

Ela empurrou o prato para o lado e se recostou na cadeira com a taça na mão.

– O que você faz quando não está dando aula, lendo ou vendo filmes baseados em livros?

– Isso já é bastante coisa.

– Joga golfe, escala montanhas, tem coleção de selos?

Ele sorriu, negando com a cabeça.

– Não.

– É espião internacional, pinta aquarelas, caça patos?

– Tive que desistir da espionagem internacional porque estava cansado das viagens. Sou bem chato.

– Não é, não. E continuo esperando que seja.

– Ahn... Devo agradecer?

Ela chegou para a frente, cutucou o braço de Carter e voltou a se recostar.

– Muito bem, agora que se permitiu beber quase três quartos de uma única taça de vinho, meu Deus...

– Estou dirigindo.

– No limite de velocidade – concordou ela. – Chegou a hora de me contar sobre Corrine.

– Ah, bem, não há muito o que contar.

Mac entendeu tudo, mesmo que só por um pequeno lampejo nos olhos dele.

– Ela magoou você. Sinto muito. Sou insensível e insistente.

– Não é, não. E continuo esperando que seja.

Ela riu.

– Olhe só como você fica fofo quando banca o engraçadinho. Agora, por que não pede a sobremesa para eu fingir que sou toda certinha e depois comer metade da sua?

Não se apressaram para ir embora. Ela já tinha esquecido o que era jantar com um homem com quem podia ter uma conversa longa e profunda. Um homem que ouvia, que prestava atenção – estivesse ele pensando ou não na possibilidade de ganhar um bônus no fim da noite.

Mac se deu conta de que ele a fazia pensar. E que a divertia. Caramba, ainda por cima aquele seu jeito discreto, não calculado, era um charme.

Além disso, quando ele pôs os óculos para ler o cardápio, ela sentiu um calor subir pelo corpo.

– Você quer ir a outro lugar? – perguntou ele, a caminho do carro. – Provavelmente já é meio tarde para ir ao cinema. Que tal uma boate?

– Fui com as meninas outra noite.

Talvez em outro momento, Mac pensou. Então percebeu que estivera redondamente enganada ao presumir que Carter Maguire não combinava com boates.

– É melhor eu voltar para casa. Dormi tarde vários dias nesta semana e tenho trabalho para pôr em dia amanhã.

Ele abriu a porta para Mac.

– Vai querer me ver outra vez?

Aquela pergunta, e em especial o jeito como foi feita, provocou um frio na barriga de Mac. Agora ela estava novamente no comando, pensou. Foi assustador.

– Vou pensar.

– Ok.

Quando ele entrou no carro e deu partida, Mac se virou e disse: – Liste cinco razões para querer voltar a me ver.

– Tem que ser em ordem de prioridade?

Droga, que *droga*, ela gostava mesmo dele.

– Não. Mas seja rápido. Liste as cinco primeiras que lhe vierem à cabeça.

– Ok. Gosto do seu jeito de andar. Acho você bonita. Quero saber mais a seu respeito. Quero dormir com você. E, quando estamos juntos, eu sinto.

– Sente o quê?

– Apenas sinto.

– São boas razões – disse ela após um instante. – Muito boas.

– Vai me dizer as suas cinco?

– Ainda estou trabalhando nisso. Mas, se quer que eu seja sincera, saiba que me saio bem num encontro, mas tiro notas baixas em relacionamentos.

– Não acredito. Como é possível, se tem três amizades que duraram a vida toda? São relacionamentos profundos.

– Não faço sexo com elas.

– É uma ressalva interessante, mas intimidade é apenas uma parte dos relacionamentos que vão além da amizade. Ela não os define.

– Qual é, Carter, sexo é importante para caramba. Sem mencionar o trabalho e o esforço necessários para se manter um relacionamento. Mas vamos nos concentrar no sexo por um instante.

– Não sei se é uma boa ideia falar disso enquanto dirijo.

– E se chegarmos a esse ponto e for desastroso? O que vai acontecer?

– Bem, primeiro eu aplicaria a regra básica: a maioria das coisas melhora com a prática.

Gostaria de praticar bastante.

– Fofo. Mas se não for um desastre, aí sim é que as coisas começarão a ficar complicadas.

Ele olhou para Mac.

– Você sempre cria problemas?

– Nessa área, sim. Não fiquei amiga de nenhum dos meus ex-namorados. Não quero dizer que sempre pense "odeio esse cara e espero que ele tenha uma morte lenta e dolorosa ou pelo menos seja condenado a vender torradeiras por toda a eternidade". Mas depois que terminamos, acabamos perdendo o contato. E eu *gosto* de você.

Ele continuou dirigindo em silêncio por um tempo.

– Vou tentar resumir: você gosta de mim e acha que, se fizermos sexo e não for bom, não vamos mais gostar um do outro. Se *for* bom, vamos complicar as coisas e acabaremos não gostando mais um do outro.

– Dito assim, parece bobagem.

– É só uma teoria para estimular o cérebro.

Ela conteve uma gargalhada.

– Você é bem sarcástico, Carter. É sutil e astuto, mas também sarcástico. Gosto disso.

– Gosto de você por não ser particularmente sutil sobre isso. Então, posso supor que esse relacionamento está condenado.

Ela lançou-lhe um olhar de reprovação, mas tinha um sorriso nos lábios. Quando estacionou diante do estúdio, Carter sorriu para ela.

– Você mantém minha mente ocupada, Mackensie. Quando estou com você e quando não estou.

Ele saiu do carro e a acompanhou até a porta.

– Se eu ligar para você amanhã, vai achar muita insistência?

– Não. – Ela manteve os olhos fixos nos dele enquanto procurava as chaves na bolsa. – Estou pensando em convidá-lo para entrar.

– Mas...

– Ei! Eu é que deveria dizer *mas*.

– Tem toda a liberdade para me convidar. Mas não é uma boa ideia. Ainda. Porque quando, se... – corrigiu-se ele – ... formos para a cama, não deve ser para provar um argumento ou para responder a uma pergunta. Acho que tem que ser porque desejamos um ao outro.

– Você é um homem racional, Carter. Acho que é melhor me dar um beijo de boa-noite.

Ele se inclinou e segurou o rosto de Mac entre as mãos, com dedos longos e frios. Os olhos, de cor suave e expressão intensa, estavam fixos nela. Um instante, outro, até o coração dela disparar antes mesmo de seus lábios se encontrarem.

Foi tão de mansinho, tão delicado, que pareceu chegar ao seu coração.

Enquanto a pele e o sangue de Mac esquentavam, ele se aproximou e lhe deu um beijo ainda mais profundo, como um sussurro, até tudo ficar fora de foco.

Mac deu um suspiro longo e baixo de rendição. Ele queria tocá-la, sentir aqueles belos seios nas suas mãos, roçar os dedos nas suas costas, conhecer a sensação de ter as pernas dela enroscadas

nos seus quadris.

Queria mais do que um homem racional podia querer.

Ele se afastou, contentando-se em passar levemente o polegar no lábio inferior dela.

– Isso pode ser um erro – disse Mac.

Entrou em casa depressa e se encostou na porta. Então, ficou pensando se o erro era não chamá-lo para entrar ou saber que faria isso em breve.

capítulooito

Mac se dedicou umas quatro horas às provas, ao Photoshop e às revelações. O trabalho a deixava concentrada e tranquila. Não dava para ficar sonhando com o sexy professor de inglês, pois tinha clientes que esperavam – e mereciam – o seu melhor.

Dirigiu sua atenção, portanto, para o equilíbrio de cores e a saturação de cada foto, tornando-as mais brilhantes ou mais opacas, para que traduzissem da melhor forma o estado de espírito e a emoção daquele momento.

Retocou uma fotografia em estilo informal de um casal que caminhava de mãos dadas por um corredor, ambos sorrindo, e desfocou um pouco o fundo, para destacar os dois.

Eram só eles, extremamente felizes naqueles primeiros instantes de casados. Tudo em volta devia ter uma focalização suave e onírica; o rosto e os movimentos dos dois formavam uma unidade viva.

Logo surgiriam outras vozes, outros movimentos, outras exigências, outras pessoas. Mas, naquele momento, naquela imagem, eram apenas eles.

Satisfeita, acrescentou só um pouquinho de granulação antes de imprimir uma prova para testar o papel. Na impressão, deu uma boa examinada em busca de eventuais defeitos.

Pôs a foto junto com a encomenda, como fazia às vezes. Um presentinho para o casal. Saiu da escrivaninha e foi empacotar o álbum com as combinações escolhidas pelos clientes, depois começou a reunir imagens que contavam a história daquele dia.

Repetiu todo esse processo para os álbuns menores e as fotos selecionadas pelos pais.

Então voltou ao computador para fazer os cartões de agradecimento com a imagem escolhida pela cliente. Empacotou-os em pilhas de 25, amarrando cada uma com uma fitinha branca. Depois fez um intervalo.

Ainda tinha que reunir e emoldurar uma dezena de fotos para a galeria pessoal do casal, além das que tinham escolhido para dar de presente.

Mas por hoje era o bastante, pensou Mac, levantando-se e espreguiçando-se. Tudo tinha transcorrido na mais perfeita ordem e, na manhã seguinte, entraria em contato com os clientes para combinar a entrega.

Inclinou o corpo para a frente, deixando os braços relaxados, até as mãos quase tocarem o chão. Nesse instante ouviu alguém bater à porta.

– Está aberta – gritou.

– Nem assim você tem bunda.

Mac se virou e viu Delaney de cabeça para baixo.

– Imaginei que fosse você.

– Passei para deixar uns documentos e falar com Parker antes de ir assistir a um jogo na casa do Jack. – Ele tirou o casaco e o jogou no sofá. – Então, o que achou do vinho?

– Muito bom, obrigada, Senhor Fofo.

– Carter Maguire e você, humm... – Absolutamente à vontade, Del foi até a cozinha. Ela o ouviu abrir a geladeira e depois dizer com voz de ofendido: – Mac, você não tem bunda. Por que só tem Coca Zero aqui?

– Para que pessoas como você não acabem com o meu estoque.

Mac se levantou quando ele voltou abrindo uma lata.

– Bem, a cavalo dado não se olham os dentes... Ouvi dizer que você e Carter têm saído juntos desde que a irmã dele virou sua cliente.

– Nós nos reencontramos por causa disso.

– E você foi logo mostrando os peitos para ele.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Não foi com essas palavras que Parker, a sua fonte, contou. Se vai agir como um adolescente com relação a esse assunto, por que não nos sentamos e ficamos fazendo trancinhas um no outro enquanto fofocamos?

– Você não tem tanto cabelo assim – disse ele, tomando um gole do refrigerante e fazendo uma careta. – Argh! Enfim, vamos voltar ao assunto principal. Um homem tem direito de ficar curioso e um pouco desconfiado de outros caras que se aproximam da irmãzinha de consideração.

Mac foi buscar uma Coca-Cola para si mesma.

– Fomos jantar. Pelo que ouvi dizer, as pessoas vêm fazendo isso há muitos anos.

– Foi o segundo encontro, pelo que disse minha fonte fidedigna. Se não incluirmos o dia do striptease. – Ele ergueu as sobrancelhas quando ela voltou.

– Não teve nenhum striptease, foi só uma temporária falta de blusa, seu pervertido.

– Sou conhecido de diversas formas. E essas suas evasivas estão me deixando desconfiado de que o assunto é sério.

– Não estou sendo evasiva, mas qual é o problema com o Carter?

– Não tenho nenhum problema com ele, a não ser por você ser você e ele ser homem. Gosto dele. – Dando de ombros, sentou-se no braço do sofá. – Sempre gostei. Ontem foi a primeira vez que o vi desde que ele voltou. Ouvi dizer que estava saindo com Corrine Melton. Ela trabalhava para um cliente do Jack, e ele, o Jack, acha que ela é uma chata.

– O que você sabe sobre ela?

– Arrá, então é sério mesmo.

– Cale a boca e me conte.

– É impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

– Ora, vamos, Del.

– Não sei nada, só que irritou o Jack e quase se atirou em cima dele enquanto ainda estava com o Carter. Presumo que não esteja mais.

– Como ela é? Bonita?

– Nossa, Mac, agora é você que está parecendo uma adolescente. Não faço a menor ideia. Pergunte ao Jack.

De cara feia, Mac apontou para a porta.

– Se não tem nada a dizer, pegue sua bebida e vá embora. Estou trabalhando.

Ele deu um daqueles sorrisos poderosos dos Browns.

– Mas está tão bom aqui...

– Se não vai me dizer nada, também não vai saber nada de mim.

O telefone tocou. Ela olhou o visor, mas não reconheceu o número.

– Votos. Fotografia.

– Mackensie! Liguei para dar um oi daqui da bela e ensolarada Flórida.

– Mãe! – exclamou ela e imediatamente simulou uma arma com a mão e a levou à têmpora, movendo o polegar como se puxasse o gatilho.

Del pôs o casaco no sofá de novo. Não se abandonam amigos em apuros. E, se era Linda ao telefone, Mac acabaria tendo problemas.

– Está *fantástico* aqui. Sinto-me uma nova mulher.

– De quem é esse telefone?

– Ah, sim, é do Ari. Deixei o meu no quarto e estamos à beira da piscina. Quero dizer, eu estou. Ele foi ver por que os nossos drinques estão demorando tanto. É um fofo. Isto aqui é incrível. Vou fazer um tratamento daqui a pouco, mas antes precisava falar com você, por isso o Ari me emprestou o telefone. É um cavalheiro *de verdade*.

Minha nossa, eu já tinha previsto que isso fosse acontecer, pensou Mac.

– Fico feliz por estar se divertindo.

– Está sendo ótimo para a minha saúde e o meu bem-estar mental, emocional e espiritual. Preciso ficar mais uma semana.

Mac fechou os olhos.

– Não posso ajudá-la.

– Claro que pode! Tenho que terminar isso, querida. Senão, vou voltar para casa e para o fundo do poço. Terá sido um desperdício, como se tivesse jogado seu dinheiro fora. Só preciso de mais mil. Quero dizer, 2 mil para ficar absolutamente segura. Preciso me refazer.

– Não tenho como gastar mais. – Mac pensou naquelas quatro horas ou mais de trabalho em pleno domingo.

– Você pode renovar as diárias – disse Linda com a voz bem estridente. – Pelo amor de Deus, não estou pedindo que corra para trazer o dinheiro aqui. Basta ligar para a recepção e dar os dados do seu cartão de crédito que eles resolvem o resto. Simples assim. Já até falei que você ia telefonar, então...

– Não pode continuar fazendo isso comigo – disse Mac, com a voz quase falhando. – Não pode esperar que eu pague uma, duas, três vezes. Eu...

Mac deu um pulo quando Del arrancou o telefone de sua mão.

– Não... – começou, mas ele lhe lançou um olhar indicando que ficasse quieta.

– Linda? Oi, aqui é o Delaney Brown. Desculpe, Mackensie teve que sair.

– Ainda não tínhamos acabado...

– Tinham, sim, Linda. Já tinham acabado. Seja lá qual tenha sido o motivo para pressioná-la desta vez, ela disse não. E agora está ocupada.

– Você não tem o direito de falar assim comigo. Acha que porque é um *Brown* e tem *dinheiro* pode se meter entre mim e a minha própria filha?

– Não, acho que tenho esse direito porque sou amigo da Mac. Tenha um ótimo dia.

Ele desligou e se voltou para onde Mac estava, com a tristeza brilhando nos olhos.

– Não chore – ordenou.

Mac balançou a cabeça e caiu nos braços do amigo, encostando o rosto no ombro dele.

– Que droga, mas que droga! Por que deixo que ela faça isso comigo?

– Porque, se pudesse escolher, seria uma filha boa e amorosa. Mas ela não lhe dá escolha. É culpa dela, Mac. Estava pedindo dinheiro outra vez?

– É, outra vez.

Del fez um carinho nas costas de Mac.

– Você fez a coisa certa. Disse não. Continue a dizer não. Agora quero que me prometa que não vai atender o telefone se... quando ela voltar a ligar. Se não me der a sua palavra, arrasto você daqui e vou obrigá-la a ir ver o jogo na casa do Jack.

– Eu prometo. Não devia ter atendido, mas não reconheci o número. Ela usou o telefone de um tal de Ari e ligou para o número de trabalho. Ela sabe o que fazer para me pegar.

– Pois filtre as chamadas, pelo menos por algum tempo, e só atenda se tiver certeza de quem é. Ok?

– Ok. Obrigada, Del, obrigada mesmo.

– Amo você, garota.

– Eu sei. – Mac recuou e sorriu para ele. – Também amo você. Vá ver o seu jogo. E não conte essa história para a Parker. Se precisar, eu mesma conto.

– Está certo. – Del pegou de novo o casaco. – Se precisar de mim...

– Eu ligo. Prometo também.

Ainda não conseguiria voltar ao trabalho, pelo menos não até esvaziar a cabeça para voltar a se concentrar. E aquela história de ficar com pena de si mesma, que parecia já estar começando a acontecer, não resolveria nada.

Ia dar uma voltinha, pensou. Isso já tinha funcionado antes, daquela vez com Carter. Quem sabe não funcionava também com ela sozinha?

Não tinha anoitecido nem nevava, mas o ar estava límpido e frio. Suas amigas deviam estar enfurnadas dentro de casa, mas ainda assim estavam por perto. Se quisesse companhia ou precisasse de alguém, era só chamar.

Não agora, não ainda. Lembrando-se dos comedouros dos pássaros, foi até lá pela neve para abastecê-los. Ao abrir o pote, percebeu que o alpiste estava quase acabando. Tinha que acrescentá-lo à lista de compras.

Cinco quilos de alpiste. Um litro de leite. E uma boa dose de coragem.

Pena que não dava para comprar o último item no mercado. Precisaria arranjar um meio de desenvolvê-lo para lidar com Linda Elliot Meyers Barrington.

Depois de fechar o pote, foi até o laguinho que se formou sob um dos salgueiros. Ali, tirou a neve que havia se acumulado em cima do banco e resolveu se sentar um instante debaixo dos ramos oscilantes. O chão permanecia escondido pelo branco, mas o sol tinha descoberto os galhos, deixando as árvores se elevarem, como ossos invernais, em direção a um céu cor de brim velho e desbotado.

Dali podia ver o roseiral sobre o caramachão, branco como a neve, com seus ramos retorcidos, cheios de espinhos. E, mais adiante, a pérgula, coberta pelos galhos desfolhados das glicínias.

Pensou em como tudo parecia em paz; a cor e a vida adormecidas no inverno. Mas, por um instante, naquele exato instante, a única palavra que lhe vinha à mente era solidão.

Levantou-se para voltar para casa. O melhor a fazer era trabalhar. Se cometesse alguns erros, começaria tudo de novo até que seu humor melhorasse.

Ligaria o som bem alto, assim não precisaria ouvir os próprios pensamentos.

Quando abriu a porta, ouviu o choro na voz soluçante da mãe.

– Não sei como pode ser tão fria e insensível. Eu *preciso* da sua ajuda. São só mais uns dias, Mackensie, só...

E, graças a Deus, a secretária eletrônica cortou a ligação.

Mac fechou a porta e tirou o casaco. Trabalhar? A quem estava querendo enganar?

Deitou-se no sofá toda enroscada e puxou uma coberta. Ia dormir até esquecer aquilo, prometeu a si mesma. Ia dormir até se livrar da sua infelicidade.

Quando o telefone começou a tocar de novo, enrolou-se ainda mais.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus! Me deixe em paz, por favor, me deixe em paz. Eu preciso de um pouco de paz.

– Ah, oi. Aqui é o Carter. Você deve estar trabalhando, ou talvez tenha precisado sair. Ou, é claro, só não está a fim de conversar.

– Não consigo falar – murmurou Mac lá do sofá. – Não consigo. Fale você. Apenas fale comigo.

Ela fechou os olhos e deixou a voz de Carter acalmá-la.

Na sua casa da cidade, Carter desligou o telefone. O gato ruivo de três patas, que ele chamava de Tripé, pulou no seu colo. Carter ficou ali sentado, distraído, acariciando a cabeça do gato e desejando ter conseguido falar com Mac. Mesmo que por apenas um minuto. Se tivesse conseguido, não estaria sentado ali, pensando nela, mas fazendo suas tarefas de domingo.

Tinha que pôr a roupa para lavar e dar mais uma olhada nos planos de aula do dia seguinte, bem como corrigir uns trabalhos e ler e aprovar umas narrativas esboçadas pela turma de escrita criativa. Não tinha terminado ainda o ensaio "Mulheres de Shakespeare: a dualidade" e não estava dando muita atenção ao conto que vinha escrevendo.

Além disso, tinha que ir ao jantar de domingo na casa dos pais.

Então percebeu que ficar ali pensando nela não ia ajudar em nada.

– Primeiro, lavar a roupa – disse ao gato, deixando-o na cadeira de onde havia se levantado.

Encheu a máquina de lavar, que ficava na claustrofóbica área de serviço ao lado da cozinha. Ia começar a fazer um chá, mas parou e se repreendeu.

– Por que não posso tomar café, se eu quiser? Não tem nenhuma lei que me proíba de tomar um maldito café à tarde.

Então foi preparar a bebida, com uma atitude desafiadora que o fazia se sentir um idiota, embora não tivesse ninguém ali para testemunhar a cena. Enquanto as roupas eram lavadas, pegou o café e foi para o quarto menor no andar de cima, que havia adaptado para ser seu escritório.

Começou a corrigir os trabalhos e suspirou com o C menos que teve que dar a um de seus melhores alunos – também um dos mais preguiçosos. Teria que falar com ele logo, não tinha mais como adiar. Então escreveu abaixo da nota o seguinte bilhete: "Venha falar comigo depois da aula."

Quando o alarme que programara tocou, desceu para pôr a roupa na secadora e encheu a máquina de lavar de novo.

De volta à escrivaninha, avaliou os esboços de narrativas. Escreveu comentários, deu sugestões, fez correções. Com a caneta vermelha, também fez elogios e deu conselhos. Adorava aquele trabalho – dava para ver como os alunos usavam a imaginação, organizavam pensamentos, criavam seus mundos.

Acabou de trabalhar e de lavar roupa e ainda tinha mais de uma hora sobrando antes de ir para a casa dos pais.

Como quem não quer nada, foi procurar umas receitas na internet.

Não que estivesse pensando em cozinhar para Mac. Era só para se prevenir. Afinal, caso perdesse a cabeça e resolvesse seguir o conselho de Bob, seria bom ter um plano.

Um esboço, por assim dizer.

Nada muito sofisticado ou complicado, pois *isso* seria desastroso. Mas também não podia ser algo tão básico e simples. Se a ideia era cozinhar para uma mulher, não deveria fazer um esforço um pouco maior do que simplesmente enfiar qualquer coisa no micro-ondas?

Imprimiu algumas opções e anotou uns potenciais cardápios. E nomes de alguns vinhos. Ela gostava de vinho. Ele não entendia nada do assunto, mas podia aprender. Juntou tudo numa pasta.

Provavelmente a chamaria para ir ao cinema. Seria um encontro normal, em que veriam um filme e depois comeriam uma pizza. Tudo bem natural, sem pressão ou expectativas. Era o mais provável que fizesse, pensou ao sair do escritório para trocar de camisa no seu quarto.

Por via das dúvidas, não custava nada arranjar umas velas, talvez umas flores. Deu uma olhada à sua volta e a imaginou ali, à luz de velas. Imaginou-se levando-a para a cama, sentindo-a se mover sob seu corpo. Fitaria o seu rosto iluminado pelas velas ao tocá-la. Saboreá-la.

– Meu Deus!

Depois de acalmar a respiração, Carter fitou o gato, que olhava para ele.

– Ela tem razão. Sexo é importante para caramba.

A casa em Chestnut Lane, com o enorme quintal e as velhas árvores, foi um dos motivos para Carter desistir do trabalho em Yale. Sentia falta dela – das janelas venezianas azuis emolduradas de branco, da robusta varanda, das altas mansardas – e das pessoas que moravam ali.

Não dava para dizer que agora a visitava com mais frequência do que quando morava e trabalhava em New Haven, mas gostava de saber que poderia dar uma passada lá sempre que quisesse. Entrou e, do vestíbulo, espiou o salão e viu Chauncy, o cocker spaniel da família, enroscado no sofá.

Ele não podia subir nos móveis e sabia disso, então fez uma carinha de culpado e abanou o rabo, esperançoso, suplicando pelo seu silêncio.

– Eu não vi nada – sussurrou Carter, dirigindo-se para a sala de jantar, onde havia ruídos.

Sentiu o cheiro da carne assada da mãe, ouviu o riso da irmã mais nova e em seguida uns gritos e maldições em voz masculina.

O jogo tinha começado, deduziu.

Parou na entrada e examinou o cenário. A mãe, magra e firme como uma rocha da Nova Inglaterra, mexia alguma coisa no fogão, enquanto Sherry, encostada na pia ao lado dela, falava sem parar, gesticulando com uma taça de vinho na mão. Diane, a irmã mais velha, com as mãos na cintura, tinha os olhos voltados para as janelas. Dava para ver os dois filhos dela escorregando na neve na ladeira do quintal, tão agasalhados que só os olhos ficavam de fora.

O pai, o cunhado e Nick continuavam gritando na frente da TV, que ficava do outro lado do balcão do café da manhã. Como futebol era algo que lhe dava dor de cabeça ou sono, Carter escolheu ficar com as mulheres e se aproximou da mãe, chegando por trás para lhe dar um beijo no alto da cabeça.

– Pensei que tivesse se esquecido de nós. – Pam Maguire deu ao filho uma provinha da sopa de ervilha que fervia no fogão.

– Eu tive que terminar umas coisas. Está uma delícia – disse, depois de provar a sopa.

– As crianças perguntaram por você. Acharam que chegaria a tempo de escorregar com eles.

Havia um ligeiro tom de censura na voz de Diane. Sabendo que a irmã adorava ter algo ou alguém de que reclamar, Carter foi até ela e lhe deu um beijo no rosto.

– Que bom ver você.

– Quer um pouco de vinho, Carter? – Atrás de Diane, Sherry revirava os olhos. – Não vamos poder comer até o jogo terminar. Temos bastante tempo.

– Lá em casa o jantar não é adiado por causa de jogo – disse Diane.

Com certeza era por isso que o cunhado aproveitava as regras mais flexíveis da casa dos Maguires, pensou Carter.

A mãe resmungou por cima da sopa, enquanto os torcedores entusiasmados pulavam, comemorando.

Touchdown!

– Por que não toma uma taça de vinho também, Di? – Pam bateu a colher na panela e reduziu o

fogo. – As crianças estão bem lá fora. Não temos uma avalanche há mais de dez anos. Michael! Seu filho está aqui.

Mike Maguire ergueu um dedo, enquanto batia com a outra mão incentivando uma bela jogada.

– Essa foi ótima! – Sorriu para Carter. Seu rosto branco de irlandês estava corado de felicidade, emoldurado pela barba grisalha bem aparada. – Os Giants estão ganhando por cinco!

Sherry deu uma taça a Carter.

– Já que está tudo sob controle aqui e lá – acrescentou, indicando com a cabeça os que assistiam ao jogo –, por que não se senta e nos conta tudo sobre você e Mackensie Elliot?

– Mackensie Elliot? A fotógrafa? É *sério*? – perguntou Pam, enfatizando bem a última palavra.

– Acho que vou ver o fim do jogo.

– Nem pensar. – Sherry o encostou na bancada. – Ouvi alguém dizer que ouviu alguém dizer que viu vocês dois na maior intimidade no Coffee Talk.

– Tomamos um café e conversamos. É para isso que se vai ao Coffee Talk.

– *Depois* ouvi alguém dizer que ouviu alguém dizer que vocês estavam ainda mais íntimos no Willows, ontem à noite. O que está acontecendo?

Sherry sempre dizia que tinha ouvido alguém dizer que ouviu alguém dizer, pensou Carter, cansado. A irmã era uma espécie de rádio receptor humano.

– Só nos encontramos algumas vezes.

– Está saindo com Mackensie Elliot? – perguntou Pam.

– Parece que sim.

– A mesma Mackensie Elliot por quem foi apaixonado no ensino médio?

– Como é que você sabe... – Que tolice, pensou Carter. Sua mãe sabia de tudo. – Só fomos jantar. Não é uma novidade tão importante a ponto de sair em rede nacional.

– Mas aqui é – disse Pam. – Por que não a convidou para vir esta noite? Sabe que sempre tem muita comida.

– Nós não... não é... Não chegamos ao ponto de ir a reuniões familiares. Só jantamos. Foi só um encontro.

– Dois, com o café – corrigiu Sherry. – Vai vê-la de novo?

– Provavelmente. Talvez. – Sentiu que os ombros arqueavam enquanto metia as mãos nos bolsos. – Não sei.

– Ouvi falar muito bem dela e sei que é uma excelente profissional. Se não fosse, não fotografaria o casamento da Sherry.

– Ela não é a filha da Linda Elliot? Ou seria Barrington agora?

– Não conheci a mãe dela. Só jantamos juntos.

As novidades tiraram Diane da janela.

– Linda Barrington, claro. A filha dela é muito amiga dos Browns, da Emmaline Grant e daquela outra. Elas têm uma empresa de organização de casamentos.

– É, é ela mesma – assentiu Carter.

– Linda Barrington. – Diane mexeu o maxilar, apertando os lábios numa expressão que Carter sabia ser de reprovação. – É aquela mulher que teve um caso com o Stu Gibbons e acabou com o

casamento dele.

– Ela não pode ser responsabilizada pelo comportamento da mãe. – Pam abriu o forno para dar uma olhada na carne assada. – E foi o Stu que destruiu o próprio casamento.

– Bom, ouvi dizer que ela fez pressão para que o Stu largasse a Maureen e, quando ele recusou, Linda foi pessoalmente contar à esposa que eles tinham um caso. Maureen tirou tudo o que podia do Stu no divórcio. E quem poderia censurá-la por fazer isso? Depois disso, Linda já não parecia mais tão interessada nele.

– Vamos falar da Mackensie ou da mãe dela? – indagou Pam.

Diane deu de ombros.

– Só estou contando o que sei. As pessoas dizem que ela está sempre atrás do próximo marido e tem preferência pelo de outras mulheres.

– Não estou saindo com a mãe da Mackensie.

O tom calmo e descontraído de Carter foi o bastante para que os olhos de Diane faiscassem.

– E eu disse que você estava, por acaso? Mas sabe como é: filho de peixe... Só acho que você tem que ter cuidado, se não quiser repetir o que aconteceu com Corrine Melton.

– Di, por que você precisa ser tão desagradável? – perguntou Sherry.

– Está certo, vou ficar de boca fechada.

– Faz bem.

Pam revirou os olhos enquanto a filha mais velha voltava para perto da janela.

– Ela é mal-humorada desde que nasceu – sussurrou Sherry.

– Já chega. Mackensie Elliot é uma bela moça, se bem me lembro. E, como disse antes, ouvi falar muito bem dela. A mãe é uma mulher difícil, sem dúvida. Mas, pelo que me lembro, o pai era encantador, embora nunca estivesse presente. É preciso ter coragem e estômago para conseguir se dar bem na vida sem ter alguém dando apoio.

Carter se inclinou e deu um beijo no rosto da mãe.

– Nem todo mundo teve a sorte que nós tivemos.

– Verdade. Diane, diga às crianças para entrarem e lavarem as mãos. Vamos jantar em dois minutos.

No jantar, a conversa girou em torno do jogo, da peça que a sobrinha ia apresentar na escola, do casamento e do enorme desejo do sobrinho de ter um cachorro, então Carter pôde relaxar.

Seu relacionamento com Mac – se é que existia algum relacionamento – aparentemente foi deixado de fora da mesa.

Nick deu um jeito de desfazer a tensão de antes, um gesto de que Pam gostava desde o primeiro jantar em família de que ele participara. Mike se recostou na cadeira e olhou para todos os que estavam sentados à mesa.

– Quero anunciar uma coisa.

– Vai me dar um cachorrinho, vovô?

Mike se aproximou do neto e disse baixinho:

– Me dê mais um tempo para convencer a sua mãe. – Depois voltou a se recostar. – Mês que vem é nosso aniversário de casamento, meu e da mãe de vocês. Ela continua a ser minha

namorada – acrescentou, piscando para a esposa.

– Pensei que fossem gostar de fazer uma festinha no clube – começou Diane. – Só para a família e os amigos mais próximos.

– É uma boa ideia, Diane, mas minha mulher e eu vamos comemorar nossos felizes 36 anos de casados na ensolarada Espanha. Isto é, se ela quiser ir comigo.

– Michael!

– Sei que precisamos adiar a viagem que planejamos fazer uns anos atrás, quando me tornei chefe de cirurgia. Deixei duas semanas livres em fevereiro. Sem negociação. O que acha, querida? Vamos comer paella.

– É só me dar cinco minutos para eu fazer as malas – disse Pam, pulando da cadeira e correndo para se sentar no colo de Mike.

– Estão todos dispensados – disse ele, acenando para os filhos.

Esse era mais um motivo pelo qual Carter tinha voltado para casa.

A estabilidade.

capítulonove

UM ESTADO DE ESPÍRITO DEPLORÁVEL não era desculpa para faltar à reunião de segunda-feira no café da manhã. Então, Mac tratou de arrastar seu mau humor, como se levasse um cachorro pela coleira, para a sala de reuniões da mansão. Laurel e Parker beliscavam uns bolinhos de frutas vermelhas na antiga biblioteca dos Browns.

Os livros continuavam lá, como se servissem de moldura para o espaço. O fogo crepitava alegremente na lareira. A velha mesa lustrosa da biblioteca estava posta para o café da manhã e ela sabia que o aparador entalhado ocultava um suprimento de garrafinhas d'água.

As amigas estavam sentadas em volta da mesa no centro do aposento. As duas são lindas e cheias de vida, pensou Mac. Com todos os malditos fios de cabelo no lugar certo, às oito da manhã. Só de olhar para elas sentiu-se desleixada e mal-ajambrada, talvez até *inferior*, com sua calça jeans desbotada e rasgada.

– E quando falei com ele sobre isso? – Laurel ergueu a xícara que devia conter um cappuccino preparado à perfeição. – Ele disse: "Nunca saio de casa sem a minha escova de dentes." – Fez um barulhinho sarcástico e sorriu para Mackensie. – Você acabou de perder a história de como dei o fora em Martin Boggs. Para falar a verdade, nem sei por que saí com um cara chamado Martin Boggs. Espero que o seu encontro tenha sido melhor que o meu.

– Foi bom.

– Hum, foi bom, é?

– Já disse que foi. – Mac pôs o laptop na mesa de reunião e foi buscar café. – Podemos começar logo? Tenho muita coisa para fazer hoje.

– Alguém levantou com o pé esquerdo.

Mac ergueu para ela o dedo médio.

– Eu lhe desejo o mesmo, amiga.

– Ei, meninas. – Parker deu um suspiro longo e profundo. – Vou ter que separar vocês? Mac, coma um bolinho.

– Não quero essa merda de bolinho. Só quero que essa reunião acabe logo. É uma total perda de tempo.

– Temos três eventos nesse fim de semana, Mac – disse Parker para lembrá-la.

– Que já foram rascunhados, organizados, agendados, discutidos, esquematizados e vistos através de um microscópio até o mínimo detalhe. Sabemos o que fazer, não precisamos falar disso até a morte.

– Tome um pouco de café – sugeriu Parker, num tom frio. – Você está precisando.

– Não preciso de café, nem do maldito bolinho. – Mac deu uma volta na mesa. – Deixem-me fazer um resumo. As pessoas chegam. Duas delas vão se casar... provavelmente. Alguma coisa vai dar errado e será resolvida. Alguém vai ficar bêbado e cuidaremos disso. Terá comida e tocará música. As pessoas vão embora e seremos pagas. Os dois que tinham a maior chance de se casar agora têm a maior chance de se divorciar dentro de cinco anos. Mas isso não é problema nosso. Fim da reunião.

– Nesse caso, a porta é ali – disse Laurel, apontando. – Por que não a usa?

Mac pousou ruidosamente a xícara de café em cima da bancada.

– Boa ideia.

– Só um minuto. Só um minuto, droga! – gritou Parker, arruinando a saída furiosa de Mac. – Isto é trabalho. É o *nosso* trabalho. Se não gosta do modo como as coisas são conduzidas, faremos uma reunião para você apresentar suas queixas. Mas o seu ataque de mau humor não está na agenda desta manhã.

– Claro, esqueci que vivemos e morremos seguindo a agenda. Se algo não está registrado na Página Sagrada da sua agenda ou no BlackBerry Mágico, não é digno da Parker. Os clientes estão autorizados a acreditar que são seres humanos com cérebro e emoções, enquanto você os conduz como um rebanho pelo caminho que predefiniu para eles. Todos devem seguir o que a Parker quer; caso contrário, que Deus os ajude.

Parker se levantou devagar.

– Se vê problemas no modo como estou conduzindo a empresa, vamos discutir o assunto. Mas em cerca de cinquenta minutos chegará um grupo para conhecer a propriedade. Às duas, tenho uma hora livre, então podemos conversar. Por ora, acho que a ideia da Laurel é excelente. A porta é ali.

Emma entrou correndo, corada por causa do frio.

– Não ia me atrasar, mas entornei... – Ficou parada olhando quando Mac passou por ela. – O que ela tem? O que aconteceu?

– Ela está atacada hoje – respondeu Laurel, pegando o seu café, com os olhos faiscando de raiva. – Está impossível de aturar.

– E vocês perguntaram por quê?

– Ela estava ocupada demais nos ofendendo para explicar.

– Minha nossa. Vou atrás dela.

– Não faça isso. – Com um olhar frio, Parker balançou a cabeça. – Não vá. Só vai conseguir que ela chute você de lá. Tenho clientes potenciais para receber hoje de manhã e os que já fecharam negócio precisam de atenção. Vamos trabalhar sem ela por ora.

– Parker, quando uma de nós tem um problema, todas temos um problema. Não só no trabalho.

– Eu sei disso, Emma. – Parker massageou a têmpora com os dedos. – Mas, mesmo que ela queira ouvir você agora, o que acho improvável, não temos tempo.

– Além do mais, se cada uma de nós estourasse desse jeito toda vez que tivéssemos um encontro ruim, esta sala estaria cheia de partes ensanguentadas dos nossos corpos.

– A Mac e o Carter? – Emma meneou a cabeça para Laurel. – Não acredito nisso. Minha mãe falou com a dele na noite passada e depois me ligou para tentar saber de alguma coisa. Pelo que eu soube, correu tudo bem entre eles.

– O que pode ser então? – perguntou Laurel. – O que deixaria uma mulher tão furiosa além de um homem? Ou de outra mulher, em alguns casos, mas... – interrompeu-se, fechando os olhos. – A mãe dela. Minha nossa, somos umas idiotas! Nada tira mais a Mac do sério do que a mãe dela.

– Achei que Linda estivesse na Flórida – argumentou Parker.

– Você acha mesmo que a distância consegue detê-la? – contrapôs Laurel. – Talvez seja isso. Deve ser, pelo menos em parte. Mas ainda assim não é motivo para ela ter nos tratado daquela maneira.

– Vamos resolver isso. Mas agora temos três eventos agendados e precisamos rever os detalhes.

Emma abriu a boca outra vez, mas engoliu as palavras ao ver Parker tirar um antiácido do bolso. Não queria ter duas amigas irritadas.

– Na verdade, queria falar com você sobre os vasos para sexta-feira.

– Ótimo. – Parker voltou a se sentar. – Vamos começar.

Mac sabia quando dava seus ataques. Não precisava de um esquema, nem que lhe oferecessem bolinhos, como se fosse uma criança de 2 anos. Tampouco precisava que lhe mostrassem onde era a porta. Sabia muito bem onde ela ficava.

Acima de tudo, sabia fazer o seu trabalho. Era o que *estava* fazendo naquele exato momento, não era? Cortou a primeira moldura para as fotos que não tivera vontade nem forças para montar na noite anterior. Em poucas horas teria terminado um álbum que deixaria seu cliente muito satisfeito, porque sabia perfeitamente que diabos estava fazendo sem ter que explicar cada maldito passo do seu processo de trabalho às sócias.

Ela por acaso precisava saber por que Emmaline tinha escolhido eucalipto e não aspargos para compor os arranjos?

Não, não precisava.

Precisava conhecer o ingrediente secreto usado por Laurel na cobertura cremosa?

Também não.

Precisava discutir a última ligação recebida por Parker naquele maldito BlackBerry?

Por Deus, claro que não.

Então, por que diabos as sócias se importavam com o filtro que ela pretendia usar ou com as câmeras que levaria?

Que fizessem a parte delas e a deixassem fazer a sua! Assim, todo mundo ficaria feliz.

Ela carregava o seu fardo. Dedicava seu tempo ao trabalho, esforçava-se e despendia tantas horas quanto as outras. Ela...

Cortou errado a maldita moldura.

Chateada, atirou o trabalho estragado do outro lado da sala. Pegou outra e a mediu mais de uma vez. Mas quando ergueu o estilete para cortar, sentiu a mão tremer.

Com o maior cuidado, deixou-a de lado e deu dois passos para trás.

É, sabia que tinha sido estúpida. E sabia quando precisava se controlar. Como naquele exato instante. Com um suspiro, admitiu para si mesma que devia se desculpar com duas das pessoas que mais amava no mundo.

Mesmo que elas tenham sido arrogantes – e sem dúvida tinham sido –, Mac foi primeiro.

Conferiu as horas e deu outro suspiro. Não podia fazer nada agora. Não podia tirar aquele peso das costas, pois Parker estava mostrando a casa aos clientes.

Nosso serviço é completo. Adaptamos cada detalhe às suas necessidades e à sua expectativa para o grande dia. Esta é a nossa fotógrafa desequilibrada que vai documentar tudo.

Não seria perfeito?

Foi até o banheiro molhar o rosto com água fria. Eram suas amigas, fez questão de lembrar a si mesma. Tinham que perdoá-la. Essa era a regra.

Mais centrada, voltou ao estúdio.

Deixou a secretária eletrônica atender as ligações e se concentrou totalmente na tarefa que tinha pela frente. Quando terminou, viu que o cliente não teria como adivinhar que aquele álbum fora feito por uma descompensada em meio a um desmedido ataque de autopiedade. Pôs tudo dentro do carro e dirigiu até a mansão.

Era verdade que elas teriam que perdoá-la, mas antes Mac deveria pedir desculpas. Era outra regra.

Por força do hábito, chegou pelos fundos. Quando entrou na cozinha, viu Laurel trabalhando na bancada. Com a mão firme e precisa de um cirurgião, fazia monogramas em chocolates com formato de coração.

Sabendo que não devia interrompê-la, Mac ficou em silêncio.

– Consigo ouvir a sua respiração – disse Laurel depois de um instante. – Dê o fora.

– Só vim engolir o meu orgulho. Serei rápida.

– Espero que sim. Tenho que fazer mais quinhentos iguais a este.

– Desculpe. Me perdoe por ter me comportado daquela forma, por ter dito aquelas coisas. Não acredito em nada daquilo. Desculpe por não ter participado da reunião.

– Ok. – Laurel deixou o pincel na bancada e se virou. – A pergunta é: por que fez isso?

Mac ia começar a falar, mas sentiu um nó na garganta. Aquela barreira repentina encheu seus olhos de lágrimas. Tudo o que conseguiu fazer foi balançar a cabeça enquanto as lágrimas começavam a escorrer.

– Ok, ok. – Laurel foi até ela e a abraçou. – Vai ficar tudo bem. Vamos, sente-se aqui.

– Você tem que fazer monogramas em quinhentos corações de chocolate.

– Agora já devem ser uns 495.

– Ai, Laurel, sou tão estúpida!

– Sim, é mesmo.

De forma rápida e eficiente, Laurel fez Mac se sentar na bancada e lhe deu uma caixa de lenços de papel e um pratinho com corações de chocolate que ainda não tinham sido decorados.

– Não posso comer seus doces.

– Eles têm um gosto muito melhor do que o orgulho, e tenho um monte deles aqui.

Fungando, Mac pegou um.

– Os seus são os melhores.

– Godiva que se cuide. O que aconteceu, minha querida? Foi a sua mãe? Só pensamos nisso depois... – disse, ao ver que Mac não falava nada. – Bom, um pouco depois que saiu daqui furiosa.

– Por que não consigo lidar com isso, Laurel?

– Porque ela sabe direitinho como pressionar você. E, por mais que você tente lidar com determinadas situações, ela arranja outras.

Esse era exatamente o cerne da questão, Mac teve que admitir.

– Isso nunca vai mudar.

– Ela nunca vai.

– O que significa que quem tem que mudar sou eu. – Mac deu mais uma mordida no chocolate. – Sei disso. E foi o que fiz. Eu disse não e estava falando sério. Teria continuado a dizer não mesmo se Del não tivesse tirado o telefone da minha mão e desligado na cara dela.

Laurel, que ia deixar um copo na pia, virou-se para trás.

– Del estava com você?

– Estava. Foi lá me encher por causa do Carter, que, aliás, é outra área da minha vida com a qual não sei como lidar. Foi nessa hora que ela ligou da Flórida pedindo mais 2 mil dólares para ficar mais uma semana e terminar a recuperação dela.

– Tenho que dar os parabéns ao Del por ter desligado o telefone na cara dela, mas ele devia ter vindo aqui nos contar.

– Eu pedi que ele não fizesse isso.

– E daí? – perguntou Laurel. – Se ele tivesse um pingo de bom senso, teria feito o que você precisava e não o que pediu. Assim você não teria passado toda a noite pensando nessa história e não teria acordado tão mal-humorada.

Laurel pôs um copo de água gelada ao lado do prato de chocolate.

– Beba isso. Provavelmente está desidratada. Quantas vezes ela ligou depois que Del foi embora?

– A culpa não é dele. Duas. Mas eu não atendi. – Mac suspirou. – Sinto muito mesmo por ter descontado em vocês.

– Para que servem as amigas?

– Tomara que Parker também pense assim. Posso levar os chocolates que sobraram no pratinho para ver se adoço um pouco a conversa?

Laurel pegou dois corações de chocolate branco do estoque.

– Ela é doida por chocolate branco. Talvez você precise dessa vantagem inicial. A mim, você só irritou. E isso é fácil de superar. Com ela foi diferente, você feriu os seus sentimentos.

– Ai, meu Deus.

– Achei que era melhor você ficar sabendo antes de ir até lá. Ela está irritada também, mas acho que você deve pedir desculpas por ter ferido os sentimentos dela.

– Está certo. Obrigada.

Conhecendo Parker tão bem, Mac foi direto para a sala de reuniões. O *incidente* tinha

acontecido ali, então, pela lógica de Parker, a sequência devia se dar no mesmo lugar.

Como esperava, Parker estava sentada à mesa trabalhando no vício... ou melhor, no Blackberry. O fogo na lareira estava mais brando, o que deixava o ambiente aconchegante, e o café tinha sido substituído pela imprescindível garrafa d'água de Parker. Seu laptop estava aberto e, ao lado dele, via-se uma pilha de pastas e documentos.

Parker *nunca* estava despreparada.

Quando Mac entrou, Parker largou o BlackBerry. Tinha uma expressão fria, inexpressiva. Mac sabia perfeitamente que aquele era o "ar de trabalho a ser feito" da amiga.

– Não diga nada. Por favor. Vim aqui trazer uns chocolates e toda e qualquer possibilidade de pedido de perdão. Pode aceitar quantos quiser, e me refiro tanto aos chocolates quanto às desculpas. Sei que meu comportamento foi terrível. Tudo o que eu disse saiu da caixa de estupidez que tenho dentro de mim. Como não posso engolir as bobagens que falei, você vai ter que me desculpar. Não tem escolha.

Deixou o prato na mesa e prosseguiu:

– É chocolate branco.

– Estou vendo. – Parker fitou a amiga em silêncio. Mesmo que não conhecesse Mac praticamente a vida toda, teria percebido os sinais da recente crise de choro. – Você veio aqui dizer que se arrepende e que posso fazê-la rastejar depois de todo o trabalho que eu tive para chegarmos a um acordo?

– É.

Refletindo, Parker pegou um coração de chocolate branco.

– Concluo que já tenha falado disso com a Laurel.

– Sim. Os chocolates vieram de lá. Já me debulhei com ela. Consegui pôr quase tudo para fora, mas sou capaz de começar a chorar de novo se você não comer o chocolate para que eu saiba que estamos bem. É uma espécie de símbolo. Os homens dão um aperto de mão depois de se esbofetearem. Nós comemos chocolate.

Sem tirar os olhos de Mac, Parker deu uma mordida no coração.

– Obrigada, Parker. – Mac se deixou cair numa cadeira. – Estou me sentindo tão idiota...

– Já ajuda. Só precisamos esclarecer algumas coisas. Se você está com algum problema com relação ao meu jeito de administrar a Votos, devemos discutir isso, nós duas ou em grupo.

– Não há problema algum, Parker. Como poderia haver? É claro que de vez em quando a repetição é meio monótona, mas todas sabemos o motivo de fazermos isso. Assim como sabemos que você está sempre batendo na mesma tecla e que tem que lidar com um zilhão de detalhes, o que nos deixa livres para nos concentrarmos nas nossas tarefas específicas. Só consigo fazer o que faço, assim como Em e Laurel, porque você pensa em todo o resto. Você pensa inclusive sobre tudo o que todas nós fazemos, e por isso conseguimos realizar casamentos perfeitos.

– Não toquei no assunto para que você ficasse massageando meu ego. – Parker deu outra mordida no chocolate. – Mas pode prosseguir.

Pronto, tudo voltou ao normal, pensou Mac, dando uma gargalhada.

– É verdade. Você é chata, obsessiva e sua memória para os detalhes chega a ser assustadora.

Também é fato que essa é uma das principais razões para sermos tão boas no nosso trabalho. Não quero fazer o que você faz, Parks. Nenhuma de nós quer. Mas, como abri a caixa da estupidez e me vesti de idiota, resolvi magoar você no ponto em que sabia que ia doer mais.

Mac deu uma olhada nas pastas.

– Está organizando os papéis, não é? Documentação, análise de custos, essas coisas chatíssimas.

– Estava me preparando para esmagar você como a um inseto.

Mac assentiu e pegou um coração de chocolate amargo.

– Comer um doce é melhor.

– Tem razão.

– Então... como foi a visita?

– Trouxeram as mães, uma tia e uma menininha.

– Uma menininha?

– Neta da tia. Uma graça, correu o tempo todo! Foram conhecer a Felfoot Manor ontem e o Swan Resort na semana passada.

– Estão escolhendo os melhores. Como nos saímos?

– Querem um sábado de abril do ano que vem. O dia inteiro.

– Fechamos o negócio? Só com a visita e a sua lábia? Temos uma reserva dupla?

– Nada de comemorações ainda. – Parker pegou sua garrafa d'água e tomou um gole. – A mãe da noiva, com sua fantástica bolsa Prada que contém o talão de cheques, quer se reunir com todas nós juntas. Quer uma consulta completa antes de se decidir. Tem algumas ideias.

– Ai, ai, ai!

– Não, as tais *ideias* são do tipo que transformarão o evento em algo de grandes proporções. Do tipo capaz de atrair todas as atenções. O pai da noiva é o Wyatt Seaman, da Móveis Seaman.

– A Móveis Seaman do "Transformamos sua casa em seu lar"?

– Ele mesmo. E a esposa achou que éramos potencialmente dignas de fazer o evento. Não dignas com letra maiúscula. Pelo menos, não ainda. Mas vamos fazer uma apresentação que vai acabar com qualquer dúvida.

O desafio acendia o rosto de Parker e fazia seus olhos faiscarem.

– Depois disso, ela vai tirar o talão de cheques da fantástica bolsa Prada e fará um depósito que vai deixar nosso coração em estado de graça.

– E depois comemoramos.

– E depois comemoramos.

– Quando vai ser a apresentação?

– Daqui a uma semana. Você vai precisar criar novos pacotes. Queremos novidade. Eles deram uma olhadinha no espaço da Emma e ela fez uma breve apresentação. Como você estava bancando a idiota, mantive-os bem longe do estúdio.

– Sábia decisão.

– Mas tínhamos aqui umas amostras suas, então pudemos lhes dar uma ideia. Na próxima segunda-feira precisamos deixar em destaque todas as fotos que foram publicadas em revistas. E... bom, você sabe exatamente o que fazer.

– E vou fazer.

Parker pegou uma das pastas.

– Aqui tem um resumo das pessoas com quem teremos que lidar. Fiz umas pesquisas no Google. E aqui estão os pontos mais importantes e os cronogramas atualizados dos próximos três eventos.

– Vou meter a cara.

– Faça isso. – Parker passou a garrafa d'água para Mac. – Agora me conte o que aconteceu.

– Só mais uma Lindaíte. A febre já baixou e estou bem.

– Ela não teve coragem de pedir mais dinheiro, teve? Você acabou de... – Parker se deteve ao ler a expressão de Mac. – Mas *já*?

– Eu neguei. Várias vezes. Aí o Del desligou o telefone na cara dela.

– Esse é o meu irmão. – Era possível ouvir o orgulho na voz dela. – Fico feliz porque ele estava lá quando ela ligou. Ainda assim, ele pode fazer um pouco mais que só desligar o telefone na cara dela. Legalmente, sabe? Talvez esteja na hora, Mac.

Mac olhou para o fogo com ar pensativo.

– Você faria alguma coisa assim se fosse a sua mãe?

– Não sei. Mas acho que sim. Sou mais malvada que você.

– Eu sou bem malvada.

– Eu sou malvada, a Laurel não aceita desaforo e a Emma cede sem o menor problema. Você fica entre as duas. É uma gama completa – disse Parker pondo a mão sobre a de Mac. – É por isso que trabalhamos tão bem em equipe. Por que pediu ao Del para não me contar?

– Como sabe que pedi?

– Do contrário, ele teria contado.

Mac deixou escapar um suspiro.

– Não queria que vocês fossem tragadas para o turbilhão da Linda. Depois fiquei chateada, aninhada no meu canto. Acordei como uma verdadeira bruxa e acabei tragando vocês de qualquer maneira.

– Da próxima vez, evite a parte do meio e saiba que estamos sempre prontas a sermos tragadas.

– Está certo. Agora, antes que eu volte a ganhar a vida sendo um membro produtivo da equipe, tenho uma pergunta a fazer: você iria para a cama com o Carter Maguire?

– Bem, ele não me propôs isso. Ele me levaria para jantar antes?

– Estou falando sério.

– Eu também. O Carter não vai esperar que eu pule na cama dele sem que tenha ao menos me levado para jantar. Mas, se estivéssemos falando de você – prosseguiu Parker, gesticulando com a garrafa d'água na mão –, eu teria que lhe perguntar se sente atração por ele.

– Não se pode ir para a cama com qualquer homem por quem se sinta atração. Mesmo que haja um jantar no pacote.

– É verdade, não faríamos outra coisa na vida. Obviamente, você gosta dele, pensa nele, passa algum tempo com ele e considera a possibilidade de fazer sexo com ele.

– Já fiz sexo antes.

Parker desistiu e comeu outro coração de chocolate branco.

– É, estou sabendo.

– Não sei por que fico tão obsessiva com relação a isso quando se trata do Carter. Devia resolver logo. Devia simplesmente fazer sexo com ele, resolver essa questão e seguir em frente.

– Você é uma bobinha, toda romântica, Mackensie. Estrelas sempre ofuscam os seus olhos.

– É nisso que dá trabalhar numa empresa de casamentos.



Não seria exatamente fora de mão dar uma passada na escola no caminho para a casa do próximo cliente. Além do mais, Mac tinha algum tempo livre antes da reunião. Além do mais *mesmo*, não tinha retornado a ligação de Carter, o que era uma grosseria. Então, qual seria o problema de dar uma passadinha rápida por lá?

Imaginou que ele devia estar dando aula. Ia dar uma espiada para confirmar *isso* e depois deixaria um bilhete para ele na recepção. Pensaria em algo divertido e leve, e então a bola estaria de novo com ele.

Quando estudou ali os corredores eram assim tão tranquilos? Ouvia-se tanto eco, a ponto de seus passos soarem como tiros?

A escada pela qual subia agora era a mesma que subira uma década atrás. Era como uma vida passada. Aquilo fora tanto tempo antes que, ao tentar se lembrar de si mesma, só conseguiu delinear uma vaga ideia, como uma daquelas fotos que ela esmaecia deixando um pouco fora de foco.

Parecia estar caminhando junto com o fantasma da antiga Mac, quando havia tanto potencial e possibilidades.

Um fantasma destemido.

Para onde tinha ido aquela garota?

Mac foi até a porta da sala de aula e ficou olhando lá para dentro pela vidraça. Esses pensamentos desapareceram.

Carter estava com aquele paletó de tweed, camisa, gravata e pulôver de gola V. Felizmente não estava de óculos, ou então ela teria tido um orgasmo ali mesmo.

Ele se encostou na mesa, sorridente, com a atenção voltada para uma aluna que – pelo que indicavam sua expressão e seus gestos – falava apaixonadamente.

Ela o viu assentir, dizer algo e depois voltar toda a sua atenção para outro aluno.

Está apaixonado, percebeu Mac. Apaixonado por esse momento e por todos os outros que aconteciam naquela sala. Estava ali de corpo e alma. Será que os alunos sabiam disso? Aqueles garotos perceberiam que o tinham por inteiro?

Será que sabiam, que poderiam saber – tão jovens e destemidos que eram –, que coisa maravilhosa é ter alguém tão completamente para si?

Mac deu um pulo quando o sinal tocou. Pôs a mão no coração e percebeu que ele tinha disparado com o susto. Ouviu o barulho das cadeiras e de corpos em movimento. E quase não conseguiu sair da frente quando a porta se abriu.

– Leiam o terceiro ato para amanhã e se preparem para a discussão. Isso serve para você também, Grant.

– Ah, puxa, Dr. Maguire!

Ela se manteve fora do caminho daquela avalanche de gente, mas conseguiu se inclinar e ver três alunos parados diante da mesa dele. Carter os atendia com toda calma e – ai, meu Deus – pôs os óculos para ver o trabalho que um deles estava entregando.

Mackensie, você está ferrada, pensou ela, sentindo os hormônios se agitarem.

– Você fez boas observações hoje, Marcie. Vamos tentar desenvolvê-las amanhã quando discutirmos o terceiro ato. Eu vou...

Ao se aproximar da porta, Mac o viu se virar e olhar na sua direção. Ele piscou e depois tirou os óculos para vê-la direito.

– Quero ver o que vai achar da leitura de hoje.

– Obrigada, Dr. Maguire. Até amanhã.

Enquanto a sala se esvaziava e os corredores se enchiam de barulho, Carter largou os óculos.

– Mackensie!

– Estava aqui perto e lembrei que não tinha retornado sua ligação – disse ela, indo até a mesa.

– Assim é melhor.

– E mais interessante para mim. Você está com a maior cara de professor.

Ele olhou para baixo e ela aproveitou para puxar o nó da gravata dele.

– Ah, é que segunda de manhã tem reunião.

– Você também? Espero que a sua tenha sido melhor que a minha.

– Por quê?

– Nada, não. São águas passadas.

– Daquelas que não movem moinhos...

– Isso. Gostei de ver você no seu habitat natural.

– Quer tomar café? Esta foi a última aula do dia. Podíamos...

– Oi, Carter. Estava indo pegar...

Um cara baixinho, com uns óculos de armação larga e uma gorda pasta pendurada no ombro, entrou na sala. Então parou e lançou um olhar surpreso para Mac.

– Ah, me desculpem. Não queria interromper.

– Hum, Mackensie Elliot, esse é Bob Tarkinson, um dos meus colegas.

– Muito prazer – disse ela vendo os olhos de Bob se arregalarem por trás das lentes. – Você dá aula de inglês?

– Inglês? Não, não, minha área é matemática.

– Eu gostava de matemática. Especialmente de geometria. Gosto de calcular ângulos.

– Mackensie é fotógrafa – explicou Carter, percebendo que Bob já sabia disso. Disso e de outras coisas, talvez coisas demais.

– Claro. Fotografia, ângulos. Muito bom. Bem, você e Carter estão...

– Estávamos pensando em ir tomar um café – emendou Carter depressa. – Vejo você amanhã, Bob.

– Bem, eu poderia... Ah, claro, claro. – Bob só precisou daquela meia tonelada de tijolos na cabeça para captar a mensagem. – Amanhã. Foi um prazer conhecê-la, Mackensie.

– Tchau, Bob. – Mac se virou para Carter.

Bob aproveitou a oportunidade para dar um largo sorriso para Carter e erguer os polegares.

– Então... café?

– Bem que eu gostaria, mas estou a caminho da casa de um cliente. Quando terminar, preciso ir para o estúdio fazer meu dever de casa. Estou me preparando para um teste.

– Ah, é? Teste de quê?

– Um grande trabalho, com um cliente muito importante. Precisamos fazer uma apresentação e tanto. Temos uma semana para preparar tudo e conseguir agarrá-lo. Mas, se já acabou por hoje, talvez pudesse me acompanhar até o carro.

– É claro.

Mac esperou que ele vestisse o sobretudo.

– Queria ter alguns livros para você carregar para mim. Assim eu experimentaria de novo a nostalgia que senti quando entrei nesse lugar. Embora não me lembre de alguém ter feito isso por mim alguma vez.

– Você nunca me pediu.

– Ah, se soubéssemos naquela época o que sabemos agora... Você estava muito bem ali dentro, Dr. Maguire. E não me refiro à sua roupa de professor. Dar aula é algo que se ajusta perfeitamente a você.

– Ah. Bem, na verdade, eu só estava dirigindo uma discussão. Deixando que eles fizessem o trabalho. É mais conduzir do que ensinar.

– Carter, diga apenas obrigado.

– Obrigado.

Chegaram do lado de fora do prédio e desceram a escada que leva ao estacionamento dos visitantes.

– Nunca está frio demais para andar na rua quando se é adolescente – observou Mac.

Os garotos lotavam o gramado, sentavam-se nos degraus de pedra, vagavam pelo estacionamento.

– Meu primeiro beijo sério foi bem ali – falou Mac, apontando para a lateral de um edifício. – Foi John C. Prowder que me beijou, logo depois de uma daquelas festas de fim de jogo. Tive que me encontrar com Parker e Emma no banheiro entre o quinto e o sexto tempos para contar tudo.

– Vi vocês se beijando nos degraus uma tarde. Fiquei com o coração partido.

– Se soubéssemos naquela época... Acho que devo recompensar isso.

Mac se virou para Carter, passou os braços em volta do pescoço dele e encostou os lábios nos dele. Beijou-o à sombra da escola, com os fantasmas todos se agitando nos corredores, todos os velhos sonhos se transformando.

– Mandou bem, Dr. Maguire! – gritou alguém, seguido de outros brados de aprovação.

Com cara de quem estava se divertindo, Mac deu mais uma puxada na gravata dele.

– Pronto, arruinei a sua reputação.

– Ou fez com que ela melhorasse bastante. – Carter pigarreou ao chegarem ao carro. – Imagino que vai estar ocupada a semana toda com essa tal proposta.

– Vou, sim – assentiu Mac no instante em que ele abria a porta para ela. – Mas tenho que respirar de vez em quando.

– Posso fazer um jantar para você, talvez na quinta, se quiser respirar nessa noite.

– Você cozinha?

– Não tenho certeza. É uma aposta.

– Não tenho nada contra apostas, muito menos contra as que envolvem comida. Às sete na sua casa?

– Perfeito. Vou lhe dar meu endereço.

– Consigo encontrá-lo. – Ela entrou no carro. – Levarei a sobremesa – disse e caiu na gargalhada chegando a ficar sem ar por causa da cara que ele fez. – Não era uma metáfora para sexo, Carter. Estava me referindo a sobremesa mesmo. Vou pedir alguma coisa para a Laurel.

– Entendi. Mas adoro uma boa metáfora.

Ela arrancou, balançando a cabeça. Pontos para o professor. Agora tinha até quinta para decidir se iria querer uma fatia do bolo italiano da Laurel ou se ficaria com a metáfora.

capítulodez

Carter foi olhar pela terceira vez a mesa na sala de jantar. Quase nunca a usava, pois em geral comia na bancada da cozinha ou sentado à escrivaninha mesmo. Na verdade, era a primeira vez que a cobria com uma toalha.

Queria conseguir o tom preciso entre o sofisticado e o casual. Pratos brancos sobre uma toalha azul-escura, que ganhava vida com as listras amarelas dos guardanapos. Era o que esperava.

Tirou da mesa as três velas, que davam um ar muito calculado. Mas as pôs de volta. Parecia incompleto sem elas.

Passou as mãos no cabelo, ordenando a si mesmo que parasse de ser obsessivo. Deu as costas à mesa e foi para a cozinha.

Afinal, era ali que estava a sua verdadeira preocupação.

O cardápio já tinha sido aprovado. Depois de ser avaliado pela professora de ciências domésticas, foi ajustado de acordo com as sugestões dela e acrescido com uma receita de molho de mel para a salada.

Ela fez uma lista do que deveria ser feito e anotou quanto tempo seria necessário, além de sugestões úteis para a apresentação, que, ao que parecia, era tão importante quanto a comida. Por isso tinha agora uma toalha de mesa e guardanapos alegres.

Fez um ensaio. Tinha tudo preparado, tudo parecia... bem.

Ainda lhe restava quase uma hora, o que podia deixá-lo completamente doido. Nesse espírito, foi abrir a gaveta onde guardara a lista feita por Bob. Aquela que tinha jurado que iria ignorar.

– Música. Droga. Devia ter pensado nisso – murmurou. – Devia ter pensado.

Correu para a sala e foi revirar sua coleção de CDs. O gato se desaninhou da cadeira e foi atrás dele.

– Não vou pôr Barry White, não me importa se Bob acha que esse é um tiro certeiro. Não quero ofender, Sr. White, mas não vamos ser clichês, certo?

Tripé passou a cabeça no joelho de Carter.

Enquanto estava às voltas com os CDs, a porta se abriu e Sherry entrou.

– Oi. Posso deixar isto aqui?

– Pode. Por quê? O que é?

– Um presente de Dia dos Namorados para o Nick. É uma maleta de médico. Mandei gravar o nome dele e fui buscar agora. Ele vai adorar! Sei que, se eu levar para casa, não vou resistir e darei logo. Por isso tenho que esconder isso dele e de mim. – Sentiu um cheiro no ar. – Está

cozinhando?

– Estou. Caramba, você acha que está queimando?

Carter se levantou de um salto.

– Não, está com um cheiro bom. Muito bom mesmo. – Como ele foi correndo para a cozinha, ela o seguiu. – Não parece com os queijos quentes que normalmente você... Uau, Carter, veja só! Tem comida no forno. E a mesa está tão bonita! Com velas, taças de vinho e... Está preparando o jantar para uma mulher. – Ela cutucou a barriga do irmão como fazia desde que eram crianças. – Mackensie Elliot!

– Pare! – Carter sentia literalmente um frio na barriga. – Estou implorando. Já estou à beira de um ataque de nervos.

– Que maravilha! É uma gracinha. O Nick fez um jantar para mim no nosso primeiro encontro. Foi desastroso – contou ela, suspirando, com ar sonhador. – Eu adorei.

– Adorou o desastre?

– Ele se esforçou tanto... Na verdade, ele é ótimo na cozinha. Só estragou tudo porque estava muito empenhado em me impressionar. Ah... – Ela suspirou de novo, com uma das mãos no coração. – Foi tão fofo.

– Não sabia que era preciso estragar tudo. Por que não existe um manual para essas coisas?

– Não, não é preciso estragar tudo. Com ele funcionou porque... bem... porque funcionou. – Ela abriu a geladeira para dar uma olhada. – Está deixando o frango marinar. Carter, você está *marinando*! Isso só pode ser amor.

– Vá embora. Suma daqui.

– Vai ficar com essa roupa mesmo?

A voz dele assumiu um tom ameaçador:

– Sou um homem à beira de um ataque de nervos, Sherry.

– Pelo menos, troque de camisa. Ponha aquela azul que mamãe lhe deu. Cai muito bem em você.

– Se eu prometer trocar de camisa, você vai embora?

– Vou.

– Antes de ir, pode escolher uma música? Não aguento mais nenhuma pressão.

– Fique tranquilo. Vá trocar de roupa. – Pegando o irmão pela mão, tirou-o da cozinha. – Eu cuido da música e sumo antes de você voltar. Leve o presente lá para cima, ok? E não me diga onde vai guardar, senão sou capaz de vir aqui escondida para buscá-lo antes do Dia dos Namorados.

– Combinado.

– Carter? – acrescentou ela quando ele começou a subir a escada. – Acenda as velas uns dez minutos antes de ela chegar.

– Ok.

– E divirta-se.

– Obrigado. Agora, por favor, vá embora.

Ele demorou bastante trocando de camisa, para dar a Sherry tempo de ir embora. Escondeu a

caixa de presente no armário do quarto.

Quando desceu, encontrou um bilhete em cima do som. "Aperte o play uns cinco minutos antes da hora marcada. Beijos."

– Parece até que estou me preparando para uma guerra – murmurou Carter e amassou o bilhete a caminho da cozinha, onde começaria a preparar o frango.

Cortou, bateu com o martelo de carne, temperou, mediu, contou o tempo e só se queimou uma vez. Enquanto o frango assava, deixando no ar um cheiro magnífico, acendeu as velas da mesa de jantar e do aparador. Dispôs ali vasilhas com azeitonas e castanhas-de-caju. Faltando cinco minutos para a hora marcada, ligou o som. Alanis Morissette.

Boa escolha.

Às sete, ela bateu à porta.

– Fui treinada pela Parker – falou, quando ele abriu. – Por isso sou obsessivamente pontual. Espero que não veja problema nisso.

– Não tem problema algum. Deixe-me pegar o seu casaco. Ah, e...

– A sobremesa – disse ela, passando-lhe uma bela caixa de doces da Votos. – É um bolo italiano com creme, um dos meus favoritos. Sua casa é linda, Carter. Combina com você – acrescentou, dirigindo-se para a sala, onde havia uma parede coberta de livros. – Ah, você tem um gato.

– Não me lembrei de perguntar se você tinha alergia.

– Não tenho, não. Oi, rapaz. – Ela começou a se agachar, mas parou, inclinando a cabeça. – Você tem um gato de três patas.

– É o Tripé. Foi atropelado por um carro.

– Ah, tadinho! – Mac se abaixou imediatamente e começou a acariciar o gato com delicadeza. – Deve ter sido horrível para vocês dois. Ainda bem que estava em casa.

– Não foi bem assim. Eu estava vindo da escola. Eles... o carro à minha frente bateu nele e simplesmente foi embora. Não entendo como alguém pode fazer uma coisa dessas. Quando parei, achei que ele estivesse morto, mas estava desmaiado por causa do choque. O veterinário não conseguiu salvar a pata, mas ele está bem.

Mac continuou acariciando o gato enquanto olhava para Carter.

– Aposto que sim.

– Quer uma taça de vinho?

– Quero. – Fez um último afago em Tripé e se levantou. – E também quero ver o que está cheirando tão bem.

– Eu achei que fosse você.

– Além de mim – retrucou ela enquanto Carter pendurava seu casaco no vestíbulo.

– Venha. – Pegou-a pela mão e levou-a à cozinha. – Você está linda. Eu já devia ter dito isso.

– Só se estiver riscando itens numa lista.

Carter estremeceu e ficou feliz com o fato de Mac ter a atenção voltada para a cozinha e não para o seu rosto.

– Está com um cheiro bom mesmo. O que está fazendo, Carter? – Foi até o fogão para cheirar a frigideira.

– Bem, vejamos. Temos uma salada verde, um frango com alecrim marinado no vinho branco, batatas-doces coradas e aspargos.

Ela ficou de queixo caído.

– Só pode estar brincando comigo.

– Você não gosta de aspargos? Eu posso...

– Não, não isso. Você fez tudo? – Ela ergueu a tampa da frigideira.

– Na verdade, não se deve destampar enquanto... Ah, não faz mal. – Deu de ombros enquanto ela cheirava a comida de novo e tampava a frigideira.

– Que preocupação, Carter.

– O quê? Tem algo de errado com o frango?

– Não. Você *teve* toda essa preocupação! Achei que fosse jogar uns bifes na grelha ou abrir um pote de ragu e dizer que tinha feito. Mas você cozinhou mesmo. Isso demanda um tempo enorme e dá o maior trabalho. Estou admirada. E olha que mesa linda você arrumou!

Ela foi até a sala de jantar e deu uma volta em torno da mesa.

– Você é um cara prendado, não é?

– Por que não pensei no ragu? – Pegou a garrafa de vinho que tinha aberto. – Tenho aqui um branco por causa do frango, mas não sabia qual você iria preferir. Este deve ser bom.

– Deve?

– Não entendo muito de vinho. Fiz uma pesquisa.

Ela pegou a taça que Carter lhe estendia e provou, sem tirar os olhos dele.

– A pesquisa foi muito boa.

– Mackensie... – Carter se aproximou e encostou os lábios nos dela. – Pronto, já estou me sentindo melhor.

– Melhor que...

– Provavelmente que qualquer homem do mundo, já que nenhum deles pode beijar você na cozinha.

– Está me deixando desnorteada, Carter.

– Faz parte do meu plano. Só preciso organizar mais umas coisinhas. Não quer se sentar?

– Posso ajudar?

– Tenho tudo programado... espero. Se você se meter na programação, vai mudar... bem, o sistema. Ensaiei tudo na terça à noite, então acho que está tudo sob controle.

– Você ensaiou?

Foi baixar o fogo sob a frigideira, perguntando-se por que diabos tinha falado aquilo.

– É... bem, eu não sabia como tudo ia transcorrer e é preciso fazer as coisas num tempo determinado, então achei melhor fazer um ensaio do jantar.

– Fez sozinho um ensaio geral para o jantar?

– Mais ou menos. A mulher do Bob tinha um encontro do clube de leitura, então ele veio aqui e eu cozinhei. Nós provamos a comida. Por isso, acho que pode se sentir segura. E o seu teste?

– Meu teste?

– A apresentação de segunda-feira.

– Estou preparadíssima. O que é muito bom, já que, a partir de amanhã, estamos com a agenda totalmente lotada. Fizemos uma reunião geral hoje de manhã e dois ensaios à tarde. O segundo foi bem problemático, porque a dama de honra e o padrinho não se falam. Eles terminaram há pouco tempo, porque ela descobriu que ele tinha um caso com a sócia.

– Como vocês conseguem lidar com esse tipo de situação?

– Como se lidássemos com um fardo de dinamite prestes a estourar. Ter uma empresa de casamentos não é para fracos.

– Estou vendo.

– E, na segunda, vou ter que apresentar um espetáculo capaz de fazer a Sra. Móveis Seaman aplaudir de pé.

– A Móveis Seaman é um possível cliente?

– Tecnicamente, a filha dela é. Mas como é a mãe que paga...

– Vamos comer a uma mesa e sentados em cadeiras que comprei lá. Talvez dê sorte.

Sentaram-se nas cadeiras da sorte, diante da mesa da sorte, com velas, vinho e música de fundo. Mac se deu conta de que estava sendo cuidadosa e descaradamente seduzida.

E gostou disso.

– Sabe, Carter, está tudo tão gostoso que nem estou mais me sentindo culpada pelo fato de você ter comido exatamente a mesma coisa duas vezes na semana.

– Pode considerar que são sobras sofisticadas. Normalmente, as sobras são fundamentais no cardápio aqui de casa. – Olhou para o gato, que se sentara ao lado da sua cadeira e o fitava com aqueles olhos amarelos, sem piscar.

– Acho que esse carinha aí está esperando as sobras.

– Ele não está acostumado a me ver comer à mesa. Normalmente como na bancada. Acho que é por isso que está confuso. Quer que o tire daqui?

– Não. Gosto de gatos. Na verdade, já casei várias vezes com gatos.

– Não sabia disso. Acredito que não tenha dado muito certo.

– Tudo depende do ponto de vista. Tenho lembranças muito agradáveis desses casamentos, por mais efêmeros que tenham sido. Quando éramos crianças, Parker, Emma, Laurel e eu brincávamos muito de Casamento. – Ela riu com a taça de vinho na mão. – Acho que nossa empresa começou nessa época, embora ainda não soubéssemos disso. Tínhamos roupas e adereços e cada uma desempenhava um papel. Casávamos umas com as outras, com os animais de estimação e até com o Del, quando Parker conseguia suborná-lo.

– Ah, então foi numa dessas que tiraram a foto que está pendurada no seu estúdio. Aquela com a borboleta.

– Ganhei a câmera de presente do meu pai. Sem dúvida não era nem um pouco apropriada para a minha idade. Minha avó usou isso para falar mal dele, como sempre. Tirei a foto num dia quente de verão, quando eu queria ir nadar em vez de brincar daquilo mais uma vez. Parker aplacou o meu mau humor me decretando fotógrafa oficial do casamento, em vez de dama de honra. Eu não queria usar o vestido, e ela decidiu que eu seria a fotógrafa.

– Uma premonição.

– Acho que sim. Se acrescentarmos aí a coincidência do voo da borboleta, tudo acabou se ligando numa espécie de epifania pessoal. Ali entendi que podia preservar uma lembrança, um instante, uma imagem, e que, de fato, era isso que eu queria fazer.

Ela comeu mais um pedaço de frango.

– Aposto que obrigava Sherry a brincar de escolinha.

– Acho que sim. De vez em quando. Ela podia ser subornada facilmente com adesivos.

– Quem não podia? Não sei se somos sortudos ou chatos por sabermos desde tão pequenos o que queríamos ser quando crescêssemos.

– Na verdade, eu me via compartilhando minha sabedoria pelos corredores com ar rarefeito de Yale, enquanto escreveria um grande romance americano.

– É mesmo? Por que não fez isso?

– Eu percebi que gostava de brincar de escolinha.

Gostava mesmo. Mac tinha percebido isso.

– E escreveu o livro?

– Ah, estou escrevendo um romance como qualquer professor de inglês que se preze. E provavelmente vou ficar escrevendo para sempre.

– E que tal?

– Tem cerca de duzentas páginas até agora.

– Não. – Mac cutucou o ombro dele. – Sobre o que é?

– É sobre um grande amor, perda, sacrifício, traição e coragem. O de sempre, sabe? Tenho pensado que ele está precisando de um gato de três patas e talvez de uma palmeira plantada num vaso.

– Quem é o protagonista?

– Você não deve estar interessada nisso.

– Se não estivesse, não perguntaria. Quem é o protagonista e o que ele faz?

– Vai ficar espantada, mas é um professor. – Ele sorriu e encheu a taça de Mac. Assim teria uma desculpa para levá-la em casa. – Foi traído por uma mulher, claro.

– Claro.

– Teve a vida arruinada, bem como a carreira e a alma. Destruído, precisa recomeçar, encontrar coragem para consertar o que se partiu dentro dele. Precisa aprender a confiar novamente, voltar a amar. Precisa muito da palmeira plantada no vaso.

– Por que ela o traiu?

– Porque ele a amava, mas não lhe dava atenção. Ela o destruiu para que ele prestasse atenção nela, acho.

– Então, o gato de três patas pode ser uma metáfora para a alma ferida dele e sua determinação em sobreviver com as cicatrizes.

– Boa interpretação. Eu lhe daria A.

– Agora, a pergunta importante. – Ela se inclinou para perto dele. – Tem cenas de sexo, violência e palavrão?

– Tem.

– Vai ser um sucesso. Precisa terminar de escrever. Na sua área, não é obrigatório ter publicações?

– Não precisa ser um livro. Publiquei uns artigos, ensaios e contos para ganhar uma graninha.

– Contos? Sério?

– Só em pequenas publicações. O tipo de coisa que não circula fora do meio acadêmico. Você devia publicar as suas fotos. Fazer um livro de arte.

– Às vezes penso nisso. Acho que é como o seu romance. Quando não é nosso trabalho, acabamos deixando esses projetos para trás. Parker acha que devíamos fazer uma série de livros ilustrados sobre casamento: arranjos de flores, bolos, fotos. O melhor que cada uma de nós é capaz de fazer.

– É uma boa ideia.

– Parker só tem boas ideias. Só precisaríamos arranjar tempo para organizar esse material e procurar uma editora que publique esse tipo de livro. No entanto, temos três eventos, três dias seguidos, e o de sábado vai ser bem complicado. Você podia ir.

– Ir... ao casamento? Não posso, não fui convidado.

– Você faria parte da nossa equipe – decretou Mac, de repente. – Deus sabe como nos ajudaria ter mais um homem com cérebro nesse casamento. Em alguns eventos, uso um fotógrafo assistente... quando é preciso. Na maioria das vezes, prefiro trabalhar sozinha. Mas já tinha decidido contratar alguém para esse, uma vez que terei que carregar uma dinamite prestes a explodir. As duas pessoas que sempre me socorrem em situações como essa não estão disponíveis. Está contratado.

– Não entendo nada de fotografia.

– Eu entendo. Você vai me passar o que eu for pedindo, vai posar e servir de burro de carga quando for necessário. Tem um terno escuro? Que não seja de tweed?

– Eu... tenho, mas...

Ela abriu um sorriso sedutor.

– Vai ter bolo.

– Bem, nesse caso...

– Jack foi intimado de última hora para ser o acompanhante da dama de honra por causa do canalha traidor do padrinho. E o Del vai ajudar porque o Jack o obrigou. Você conhece os dois. E nos conhece. – Ela comeu mais batata. – E vai poder comer o bolo.

Nada daquilo serviria para convencer Carter, mas a ideia de estar com ela, em vez de ficar apenas pensando em estar com ela, o motivou.

– Está certo, se tem certeza do que está dizendo...

– Três horas, no sábado. Vai ser fantástico.

– E dessa vez eu é que vou ver você no seu habitat natural.

– Vai mesmo. Por falar em bolo, meu estômago ainda não tem espaço para a sobremesa. Vou digerir esta maravilhosa refeição lavando a louça.

– Não precisa se incomodar com isso.

– Você já fez o jantar. Duas vezes. Vou arrumar as coisas enquanto você toma um brandy e

fuma um charuto.

– Não tenho brandy nem charutos em casa.

Ela deu um tapinha no ombro de Carter quando se levantou.

– Um professor de inglês deveria reconhecer uma metáfora. Tome mais uma taça de vinho, já que não vai dirigir. – Ela serviu outra taça para ele antes de começar a tirar os pratos da mesa. – Na verdade, gosto de lavar louça. É a única tarefa doméstica que me agrada.

Ela abriu a torneira de água quente, encontrou o detergente no armário embaixo da pia e despejou um pouco nas panelas e nas frigideiras. Carter gostou de ficar sentado, observando-a fazer aquelas tarefas básicas, tão mundanas. Esperava que ela não dissesse nada importante, porque sua mente estava atordoada.

E não tinha nada a ver com o vinho, mas com o fato de imaginá-la ali, arrumando a cozinha na semana seguinte, no mês seguinte, no ano seguinte. Imaginava-a sentada ao lado dele, comendo com ele.

Sabia que estava indo longe demais, rápido demais, mas não conseguia evitar. A atração tinha passado por uma rápida e brusca reviravolta, fazendo com que ele começasse a descer aquela estrada em direção ao amor.

– Onde estão os panos de prato?

– O quê?

– Os panos de prato – repetiu ela, abrindo uma gaveta qualquer.

– Não é nessa aí. Ficam na do outro lado. Vou pegar.

Ele se levantou, abriu a gaveta certa e tirou um pano.

– Posso enxugar as panelas. – Voltou-se para ela e sentiu o estômago embrulhar.

Com a cabeça inclinada, ela lia a lista de Bob.

– Você tem uma lista.

– Não. Quer dizer, sim. Não é minha. Quero dizer, é minha, sim, mas não fui eu que a escrevi. Não fui eu que a fiz. Droga!

Com uma expressão atenta, Mac continuou a ler.

– É bem detalhada.

– Foi o Bob. Aquele que você conheceu. Ele é louco... Acho que não mencionei isso quando o apresentei a você.

– Tem itens.

– Eu sei, eu sei. Desculpe. Ele está determinado a bancar o Cyrano. Quero dizer...

Ela ergueu os olhos e o fitou.

– Sei quem é Cyrano, Carter.

– Ah, claro que sabe. Ele se casou há poucos anos, estão esperando um bebê.

– Dê os parabéns a ele por mim.

– Enfiou na cabeça essa ideia de que precisa me ajudar, bem... nessa área. Foi ele que trouxe a lista na terça-feira. Eu falei que ele veio jantar aqui na terça-feira, não falei?

– Para o ensaio.

– Isso mesmo, para o ensaio. Devia ter jogado isso fora depois que ele foi embora, mas guardei

na gaveta. Foi só...

– Por precaução, não foi? Como um backup.

– Foi e não tenho como me desculpar. Não a culpo por estar chateada.

Ela voltou a atenção para Carter.

– Eu pareço chateada?

– Ah... Não, agora que mencionou, realmente não parece. O que é bom. É um alívio. Diria que está achando... engraçado?

– De certa forma... – respondeu ela. – Segundo a lista de Bob, estamos cumprindo direitinho a programação.

– Não segui essas instruções. Juro. – Ergueu a mão, com a palma voltada para Mac. – Tenho minha própria lista. Na cabeça. Que de repente percebo que é igualmente estúpida.

– Como estamos nos saindo em relação à sua lista?

Ela sorriu, mas Carter não conseguiu perceber o que havia por trás daquela expressão. Devia haver alguma coisa.

– Bem. Estamos nos saindo bem. Quem sabe não podemos comer um pedaço do bolo?

Ela ergueu o dedo quando ele tentou voltar à lista.

– Acho que deveríamos apenas empilhar os pratos. A menos que pense, como leio agora entre parênteses, que estou achando que você lavou mal a louça. Bob acredita, e nós sabemos como é o Bob, que lavar a louça junto, se for preciso, pode ser considerado uma preliminar.

Mortificado, Carter fechou os olhos.

– Pode me matar, por favor?

– Desculpe, mas isso não está na lista. A lista diz que, depois de ter escolhido a música apropriada, e Barry White é a forte recomendação dele, você deveria dançar comigo. Pode ser na cozinha ou na sala de jantar, os dois locais são aceitáveis. Tem que ser uma dança lenta, que encaminhe para a parte da noite dedicada à sedução. Ele aconselha ainda que, nesse momento, você tente perceber se posso ser convencida a ir lá para cima.

– Quer que eu o mate? Tenho pensado nisso.

– Não ouvi Barry White.

– Acho que não tenho nenhum... Mesmo que tivesse, eu não teria... Já disse que o Bob é louco?

– Tem uma coisa que eu gostaria de saber, Carter. – Olhando para ele, Mac deixou a lista na bancada. – Por que não está dançando comigo? – Ela se aproximou e passou os braços em volta do pescoço dele.

– Ah.

– Não queremos desapontar o Bob.

– Ele é um ótimo amigo. – Carter encostou o rosto no topo da cabeça dela e tudo voltou ao seu devido lugar. – Não sou um bom dançarino. Tenho pés muito grandes. Se pisar em você...

Ela ergueu a cabeça.

– Cale a boca e me beije, Carter.

– Posso fazer isso.

Dançando, Carter encostou a boca na dela. Deu-lhe um beijo suave e delicado, como o

momento pedia. Continuou dançando bem devagar, sentindo-a passar os dedos em seu cabelo e suspirar, o que embotou a mente dele.

Ela moveu a cabeça para percorrer seu queixo com os lábios.

– Carter?

– Humm?

– Se estiver prestando bem atenção, vai perceber que estou convencida. – Manteve os olhos abertos, fitando os dele, quando voltaram a juntar os lábios. – Por que não me leva lá para cima?

Ela deu um passo para trás e estendeu a mão.

– Se me desejar.

Ele pegou a mão de Mac e a beijou.

– Acho que passei a vida toda desejando você.

Saíram da cozinha. Quando chegaram ao pé da escada, ele teve que se deter para beijá-la novamente. Perguntava-se se o vinho, o desejo e as imagens fervilhavam na cabeça dela tanto quanto na dele.

Levou-a para o andar de cima, a pulsação se acelerando a cada degrau.

– Pensei em flores e velas – disse ao entrarem no quarto. – Depois achei que isso podia estragar tudo, apesar de não ser supersticioso. E queria tanto ter você aqui que não podia me arriscar. Queria você na minha cama.

– Ouvir você dizer isso é bem melhor que velas e flores, pode acreditar.

Assim como o resto da casa, pensou Mac, o quarto era a cara dele. Linhas simples, cores suaves, espaço organizado.

– Eu queria estar aqui. Queria estar na sua cama.

Indo até ela, Mac viu a foto do cardeal na parede em frente. Comovida, virou-se para fitá-lo e o desejou mais do que achava possível.

Começou a desabotoar a própria blusa.

– Não, por favor. Se não se importar, quero tirar sua roupa.

Ela baixou as mãos.

– Não, não me importo.

Carter se aproximou e acendeu a luminária da mesinha de cabeceira.

– E quero ver você enquanto faço isso.

Fez um carinho no rosto de Mac e percorreu seu corpo com ambas as mãos, puxando-a para si.

Então sua boca procurou a dela.

capítuloonze

JÁ HAVIA SIDO BEIJADA DESSE JEITO? Aquele encontro de lábios e línguas fazia seu corpo inteiro vibrar. Não se lembrava de ter sido seduzida assim, tão completamente, antes por palavras e por um único e fantástico beijo.

Como o jogo podia ter virado dessa forma? Ela é que pretendia *seduzi-lo*, provocando-o até conseguir levá-lo para a cama. Pensava que seria algo descontraído e simples, como a primeira parte da noite, algo que serviria única e exclusivamente para extravasar a tensão sexual que sentia perto dele.

Era para ser simples, básico.

Mas não foi.

Carter beijou seu rosto, sua testa; ficou olhando para ela com aqueles serenos olhos azuis enquanto desabotoava sua blusa. Nem chegava a tocá-la, mas ainda assim ela prendia a respiração. Sem encostar um dedo nela, assumiu o controle.

Ali, naquele quarto, à meia-luz, olhos nos olhos, Mac não se importou.

Depois de abrir a blusa de Mac, Carter percorreu seu colo com a ponta do dedo, depois desceu até os seios. Roçava bem de leve a pele, o que a deixou pegando fogo.

– Está com frio? – perguntou ele quando Mac estremeceu.

– Não.

Ele sorriu.

– Então... – Bem devagar, descobriu os ombros dela, deixando que a blusa caísse no chão. – Que lindo – sussurrou, passando os polegares no bojo rendado do sutiã.

Ela expirou, prendeu a respiração e voltou a inspirar.

– Carter, está me deixando sem forças...

– Adoro os seus olhos. São oceanos mágicos. – Passou os dedos pelas costas dela, primeiro descendo, depois subindo e descendo outra vez, deixando uma sensação de arrepio na pele. – Queria tanto admirá-los... tocando em você... exatamente como agora.

Paciente, sem se deter num só ponto, ele a explorou. Os montes e os vales, os ângulos e as curvas. Enquanto todo o corpo de Mac estremecia ao toque dele, Carter desabotoou o cós da calça dela e em seguida abriu o zíper.

Mais uma vez percorreu cada milímetro daquele corpo com as mãos, descendo a calça pelos quadris, pelas pernas.

Ele estendeu a mão para ela. Como se estivesse hipnotizada, Mac a aceitou e deu um passo,

deixando a calça embolada no chão. Sentiu o coração disparar ao vê-lo percorrer seu corpo com os olhos, repetindo o trajeto feito com as mãos. Bem lentamente. Ele sorriu.

– Gosto das botas.

Mac olhou para baixo e viu as botas de salto que, mesmo estando apenas de calcinha e sutiã, permaneciam em seus pés.

– Estiloso, hein?

Sorrindo, ele prendeu um dedo no elástico da sua calcinha. Mac soltou um "Ai, meu Deus" quando ele a puxou para si.

Dessa vez, a boca de Carter encontrou a dela com fervor, como um relâmpago. Quando Mac começou a se derreter, ele a virou de costas e aproveitou que ela inclinou a cabeça para trás, deixando o pescoço à mostra, para lhe dar leves mordidinhas.

Com uma das mãos, percorreu aquela pele macia, perdendo-se em suas curvas; com a outra, desabotoou a própria camisa. Mac sentiu o contato da pele dele na sua. Então, passou um braço em torno do pescoço de Carter e foi se aproximando mais, fundindo seu corpo ao dele.

Não tenha pressa..., disse ele a si mesmo. Queria saborear cada segundo, cada toque, cada respiração. Mackensie estava em seus braços.

O coração dela batia forte, o que em si já era um milagre. Ela estava com ele, sentindo-o, desejando-o. Nessa noite, finalmente, os sonhos do garoto e os desejos do homem seriam eclipsados pela realidade da mulher.

Carter se livrou dos sapatos, sucumbindo ao sabor e à textura daquela nuca. Com os dentes, puxou a alça do sutiã, deixando descoberta a maravilhosa curva dos ombros de Mac.

Ela arqueou as costas e estremeceu.

Prazer, pensou ele; é tanto prazer para dar e receber... Queria despertar nela diversas sensações e vê-la se erguer, cavalgar. Sentindo os próprios desejos latejarem, desabotoou o sutiã de Mac e deslizou a mão suavemente pela calcinha. Depois acariciou a parte interna da coxa, passando um dedo bem de leve na virilha, por baixo do elástico.

– Carter.

A mão dela pressionou a dele, apressando-o. Mas Carter recuou e, outra vez, virou-a para que ficasse de frente para ele.

– Desculpe. Ainda não acabei.

Aqueles olhos mágicos de Mac estavam repletos de tempestades, a pele de porcelana tinha corado de paixão. Por ele, pensou Carter. Outro milagre. Ela o procurou e sua boca encontrou a dele num beijo arrebatado.

Espere, pensou ele com o sangue pulsando. Espere, tem mais. Levou-a até a cama e deitou-se ao lado dela.

– As botas – disse Mac.

– Gosto delas – rebateu Carter, baixando a cabeça em direção aos seios dela.

O corpo de Mac vibrou e estremeceu, chegando a doer. A mente se esvaziou, exceto de Carter e de tudo o que ele estava lhe proporcionando.

As mãos lentas e os lábios habilidosos inundaram seu corpo de sensações, camada a camada, até

que ela ficou sem ar.

– Não posso, não posso.

– Está tudo bem. – Ele passou um dedo em seu corpo, deslizando nela, dentro dela.

Os véus se abriram com uma explosão de alívio.

O corpo de Mac tremia. Carter a percorria com os lábios, subjugava-a com a boca. Ela subiu e desceu. Tão rápido, mas tão rápido... Era tudo muito intenso, uma sensação atrás da outra, até tudo ficar na sombra e na luz, em movimentos frenéticos. Um mar de sensações a inundou, uma tempestade caiu, levando-a ao desespero até explodir na ondulação seguinte.

Quando ele enfim a penetrou, os dois gemeram.

Mac arqueou o corpo, quase fazendo Carter perder o pouco controle que ainda lhe restava. Ele a fitou nos olhos, agora escuros e vidrados, enquanto a conduzia à loucura com aqueles movimentos lentos. Sentiu que ela chegava ao ápice, a viu chegar e a acompanhou.

– Mackensie – disse apenas o seu nome, mergulhando nos olhos dela, afogando-se em seu corpo.



Mac se sentiu meio tonta e entorpecida. Até os dedos dos pés lhe pesavam. O ar voltou a circular em seus pulmões, o que foi bom. Tinha quase certeza de que parara de respirar várias vezes enquanto Carter a...

Aniquilava. Esse era o termo exato.

Mesmo agora, deitado sobre ela como se tivesse levado uma pancada, o coração dos dois batendo descontrolados, ele continuava beijando com suavidade o pescoço dela.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

Bem? Ficou louco? Você fica bem quando escorrega no gelo e consegue se equilibrar antes de cair e quebrar o tornozelo. Ou ao entrar num banho quente depois de um dia cansativo.

Não é possível estar *bem* quando todo o nosso organismo foi virado do avesso e desvirado novamente.

– Sim. – O que mais podia dizer? – E com você?

– Hum. Mackensie está nua na cama comigo. Com certeza estou bem.

– Ainda estou de botas.

– Melhor ainda. Desculpe, devo estar esmagando você – disse ele, e rolou para o lado, puxando-a para si.

– Carter, você é quase tão magro quanto eu. Não é pesado.

– Sei disso. Quero dizer, sei que sou magro. Nada parece mudar isso. Uma vez Corri... uma pessoa tentou me convencer a malhar com um personal trainer. Mas não consegui arrumar tempo para isso. Os músculos não fazem parte do meu DNA.

– Você tem um corpo esguio, bem atraente. Não acredite se alguém te disser o contrário. Além disso, sabe usá-lo como um estivador.

– Venho me poupando. – Ele sorriu e examinou o rosto dela. – Você é tão linda!

– Não sou, não. Sei disso por causa da minha profissão. Tenho um rosto interessante e posso

valorizá-lo com alguns truques. Tenho um corpo magro, relativamente tonificado por... bem, mais por pensar em fazer exercício do que por fazer de verdade. Sou como um cabide. As roupas caem bem, mas sou só uma armação.

– Você é linda. Não acredite se alguém te disser... lhe disser o contrário. Desculpe, é uma questão profissional, estou sempre corrigindo erros.

Ela riu e se aninhou ainda mais nele.

– Está certo, professor. E nós estamos num clima pós-transa muito... elogioso.

– Você sempre foi bonita. Tem esse cabelo ruivo e uns olhos verdes de feiticeira. Além das covinhas.

Ele pensou que, se tivesse cerca de quinze minutos a mais, poderia chupá-la como a um sorvete para vê-la gozar novamente.

Ela inclinou a cabeça e lhe deu um sorriso. Carter fechou os olhos. O rosto dele estava bem descontraído. Devia ter essa aparência quando dormia, pensou Mac. Se acordasse antes dele, era assim que o veria.

Preguiçosamente, foi traçando com o dedo as linhas do queixo dele.

– Como ganhou essa pequena e intrigante cicatriz?

– Foi só um problema com uma cerca.

– Você pula cercas, como o capitão Jack Sparrow?

– Quem me dera. Aposto que você tem uma quedinha pelo Johnny Depp.

– Estou viva. E sou mulher. Próxima pergunta.

– Ele atravessa gerações. É interessante. As mulheres maduras ficam loucas por ele exatamente como as minhas alunas.

– Mas eu vi primeiro. Na verdade, neste exato momento, estou louca por outro homem. Como foi esse problema com a cerca? – perguntou ela, sorrindo.

– Ah, eu estava fugindo de dois garotos que queriam se divertir me batendo. Tive que pular a cerca e, como sou muito articulado, bem diferente dos piratas e dos atores que os representam, escorreguei e me cortei no arame.

– Ai! Quando foi isso?

– Semana passada.

Ela riu e rolou para cima dele.

– Anõezinhos cruéis.

– Eram mesmo. Eu tinha 10 anos, mas eles eram anõezinhos cruéis.

– Conseguiu fugir?

– Dessa vez, sim.

Ele pegou as pontas dos cabelos curtos de Mac e baixou seu rosto para lhe dar um beijo. Com um suspiro, ela acomodou a cabeça na curva do ombro de Carter.

Era tão bom estarem ali aninhados, pensou. Pele com pele, com as batidas do coração se acalmando e cada pedacinho do seu corpo sendo cuidado por um homem que a achava extremamente atraente em todos os sentidos.

Seria capaz de ficar assim, exatamente assim, por horas. Dias. Sonolenta, quente e aconchegada

no delicioso Carter Maguire. E de manhã poderiam...

Abriu os olhos na mesma hora. O que ela estava pensando? O que estava *fazendo?* De manhã? Horas e dias? Sentou-se de um salto, em pânico.

– O que aconteceu?

– O quê? Ah, nada, nada. O que poderia ter acontecido?

Carter se sentou com ela, despenteado e sensual, fazendo com que o coração e os hormônios de Mac ameaçassem disparar.

Ela tinha que ir embora, naquele instante. Tinha que voltar para a realidade, para o terreno da sanidade, antes que fizesse algo estúpido como se apaixonar.

– Eu só... Meu Deus, já viu que horas são? Tenho que ir.

– Ir embora? Mas...

– Foi maravilhoso. Foi tudo maravilhoso! – Droga, droga, só estava vestida com as botas. – É que perdi a noção do tempo. Está tão tarde...

Obviamente surpreso, Carter olhou para o relógio.

– Nem tanto. Não quer...

– Tenho dever de casa para fazer – disse ela, desesperada para soar tranquila enquanto procurava suas roupas íntimas e o pânico galopava dentro dela como um cavalo selvagem.

Onde está meu sutiã? Cadê a droga do sutiã?

Que se dane.

– Tem uma série de coisas que ainda preciso fazer. Tenho que começar bem cedo amanhã. É sério.

– Eu programo o despertador. De qualquer modo, acordo às seis. Fique, Mackensie.

– É sério. Gostaria muito de poder ficar. É sério. – Quantas vezes conseguiria dizer "é sério" em cinco minutos? Estava prestes a bater o recorde. – Mas é que, bem, o dever me chama. Não, não precisa se levantar.

Por favor, não se levante, pensou Mac vendo-o sair da cama.

– Fique – pediu Carter, pondo a mão no rosto de Mac enquanto ela vestia a blusa. – Quero dormir com você.

– Já riscamos esse item da lista, foi ótimo – acrescentou ela, com um sorriso radiante.

– Dormir.

– Ah, Carter, acho isso muito fofo. É sério. Eu adoraria... mas fica para outra oportunidade. São três eventos e a apresentação. Estou ocupadíssima. – Deu um rápido selinho nele. – Preciso correr. Obrigada por tudo. Depois eu ligo.

E fugiu.

Ah, ela era uma pessoa terrível. Uma louca, pensava, a caminho de casa. Provavelmente iria para o inferno. Seria mais do que justo. Mas fez a coisa certa, a única que podia fazer. Por ela própria e por Carter.

Sem dúvida alguma, por Carter, disse a si mesma.

Ir para o inferno? Que ridículo! Devia ganhar uma medalha – ou uma maldita estátua – por fazer o que tinha que ser feito.

Assunto encerrado. Agora tudo ia ficar bem.

Ia ficar perfeito, na verdade.

Viu as luzes da mansão acesas e pensou: graças a Deus. Parker e Laurel concordariam com ela. Apoiariam sua decisão. Era disso que estava precisando, concluiu, e estacionou em frente à casa. Um pouquinho de aprovação das amigas faria com que aquele bolo no estômago sumisse.

Foi correndo lá para dentro; subiu a escada gritando por Parker.

– Estamos aqui em cima – respondeu a amiga, aparecendo no corredor. – O que houve? Sofreu um acidente?

– Não, foi tudo premeditado. Ou talvez não. Tinha uma lista.

– Ok. Obviamente você não está machucada. Estamos na sala de reunião, repassando os últimos detalhes, já que estamos todas acordadas.

– Emma também?

– Também.

– Que bom, isso é melhor do que eu imaginava.

Passou correndo por Parker e entrou na sala onde Laurel e Emma estavam sentadas, cercadas de biscoitos, chá e pastas com documentos.

– Bem, achávamos que só fosse aparecer aqui de manhã, constrangida. – Laurel largou o lápis. – Estávamos pensando em instalar uma câmera de vídeo.

– Como foi o jantar? – indagou Emma.

– Eu fugi. Simplesmente fugi. – Com um olhar meio selvagem, Mac tirou o casaco. – Vocês teriam feito a mesma coisa.

– Foi bom assim? – Laurel passou-lhe a bandeja. – Coma um biscoitinho.

– Não, não é isso. Ele ensaiou na terça-feira. Conseguem imaginar uma coisa dessas? E esta noite fez um jantar maravilhoso, à luz de velas e com frango marinado no vinho.

– Frango marinado no vinho? – Parker foi se sentar. – Ainda bem que sobreviveu. Devíamos chamar a polícia.

– Ok, esperem, não estão enxergando o panorama completo. – Tentando se acalmar, Mac respirou fundo algumas vezes. O que, aparentemente, não adiantou muito. – Ele teve tanto trabalho e foi... bem, foi adorável. E divertido. Bob fez uma lista.

– Quem é Bob? – perguntou Laurel.

– Não importa, mas Carter ficou tão envergonhado... Ele é muito fofo. Fica com as pontinhas das orelhas vermelhas.

– Ohn! – exclamou Emma.

– É, eu *sei*, mas o que se pode fazer? Fiquei tão excitada que tive que ir para a cama com ele.

– Sei como é. Quando um cara fica com as pontas das orelhas vermelhas, também tenho o impulso de tirar a roupa. – Como Mac não parecia querer biscoito, Laurel pegou mais um. – Então, fizeram sexo.

– Não fizemos sexo apenas. Foi o sexo mais incrível da história do planeta, um sexo capaz de

derreter os neurônios.

– Agora está começando a ficar interessante. – Parker cruzou as pernas, se recostou e perguntou: – Foi um sexo terno, afetuoso, de fazer anjos soluçarem ou de ouvir tambores selvagens e se pendurar no lustre?

– Foi... Ninguém nunca fez eu me sentir desse jeito, ou nunca se sentiu assim por minha causa. – Mac sentou no braço da cadeira de Parker e ficou olhando para a lareira, em busca das palavras certas. – É como se você soubesse que é o centro das atenções, a única coisa que ele vê. Nada mais além de você. E foi carinhoso, excitante, assustador e incrível. Aquela pessoa que está ali com você e mais ninguém. Quando toca em você, não existe ninguém além dele.

As três suspiraram e por um momento fizeram um silêncio reverente.

– Por que não está grudada nele na cama? – perguntou Emma.

– Meu Deus! – Mac se virou imediatamente na direção dela. – Você não ouviu o que eu disse?

– Ouvi, imaginei e fiquei com inveja.

– Tive que fugir. Eu queria ficar lá, por isso precisei fugir. – Gesticulando muito, Mac voltou a se levantar. – Queria ficar ali aninhada com ele. Queria *viver* naquela maldita cama, por isso tive que fugir.

– Você entrou em pânico – observou Parker.

– Claro que entrei. Quem não entraria? Ele estava tão doce, sonolento e satisfeito, com aquela cicatriz linda por ter pulado a cerca...

– Carter pulou a cerca? – indagou Emma.

– Não é isso, esqueça. Estou contando que eu parecia estar hipnotizada, ou drogada. Precisei dar o fora dali. E... Ai, meu Deus, agi como um cafajeste. – Cobriu o rosto com as mãos ao se lembrar da cena. – Aquele tipo de cara que transa com você, depois se levanta e diz: "Foi maravilhoso, querida. Tenho que acordar cedo amanhã. Depois ligo."

– Ai, Mac, você não fez isso!

Mac se virou para Emma.

– *Tive que fazer*. Foi uma questão de sobrevivência. E também para preservar o Carter. Achei que a excitação fosse passar depois do sexo, não sabia que ia ficar toda melosa. Isso é demais para mim. Ele é demais para mim. É doce e divertido, inteligente e verdadeiramente gentil. É sexy e usa aqueles óculos. Fica com as orelhas vermelhinhas. Adora dar aula. Eu o vi dando aula e... ficou tudo gravado aqui. – Mac pôs uma das mãos entre os seios. – Todos esses sentimentos e o desejo ficaram amontoados aqui.

Pegou a xícara de chá mais próxima e bebeu tudo.

– Ele presta atenção. Ele ouve e *pensa* a respeito do que eu falo. E me faz pensar.

– É óbvio que ele precisava ser detido. – Laurel balançou a cabeça. – Mac, minha querida, você está apaixonada.

– Isso está fora de cogitação. Por que acha que fugi? É como afundar em areia movediça. Uma areia movediça bem macia, quentinha e bonita. Não fui feita para isso. Não acredito nesse tipo de coisa. Isso não dura. É só um instante, ou vários instantes, até que tudo se dissipa, se desgasta e acaba. Meu Deus, em quantos casamentos de pessoas divorciadas já trabalhamos? Um monte.

Para uma das partes, já era a terceira vez que estava se casando. Quem precisa disso? Sei o que se sente quando tudo termina. Não vale a pena.

– Que tal recapitularmos? – propôs Laurel. – Você tem medo de se apaixonar por um homem que acabou de descrever como uma espécie de Mary Poppins de calças, praticamente perfeito em todos os sentidos – explicou ela, ao perceber que as outras pareciam não ter entendido nada. – Você entrou em pânico e fugiu, depois de uma experiência sexual que foi quase uma epifania com esse cara que você respeita, admira e que a deixa excitada, só porque a sua mãe é uma piranha.

– Laurel!

– Não. – Mac meneou a cabeça para Emma. – Ela tem razão. Minha mãe é uma piranha mesmo. Mas ela não se vê desse jeito e é disso que estou falando. Ela acha que está numa eterna busca do amor. Na verdade tem a ver com dinheiro, status e segurança, mas ela juraria de pé junto que só está em busca de amor. Meu pai fugiu dela, algo pelo qual não posso condená-lo, e de mim, pelo que tenho todo o direito de condená-lo, porque o esforço não valia a pena.

– Eles não são você, Mac – disse Parker com a voz calma.

– Sei disso. E talvez seja cínico pensar que eles não são uma exceção, mas a regra. Mas é como vejo as coisas. E gosto de como vivo a minha vida, sinto-me confortável com o rumo que tenho dado a ela.

Um pouco mais tranquila, Mac se sentou de novo.

– Carter é um cara sério. No fundo, ele é só um homem sério com uma mentalidade tradicional. Tem uma quedinha por mim, e é isso. Uma quedinha que ficou escondida por anos. Se eu levar isso adiante, ele vai começar a pensar em nos contratar. Vai acabar perguntando a Parker onde comprar a aliança. Não posso fazer isso com ele. Vir embora foi a decisão certa. É melhor cortar o mal pela raiz do que...

– Se arriscar a ser feliz com um homem que é louco por você? – completou Emma.

– Ok, se quer ver as coisas desse jeito... é isso aí. Do meu ponto de vista, isso é o correto.

– Então posso ficar com ele?

Mac lançou um olhar ameaçador a Laurel.

– Não teve a menor graça.

– É, não teve mesmo.

– Sabe por que vê as coisas desse jeito? – indagou Emma, examinando Mac com seus grandes olhos escuros. – Porque nunca ninguém ficou tão louco assim por você, não de forma concreta e real. E você nunca sentiu isso por ninguém. Sei disso porque estou na mesma situação. Todas nós estamos. A diferença é que fico sempre querendo que aconteça.

– Por isso resolveu arranjar namorados em série.

– Pare com isso, Laurel – ordenou Parker.

– Você tem razão. Desculpe. Estou bancando a engraçadinha porque estou com inveja. Uma inveja que vocês não imaginam. Nunca tive ninguém que prestasse atenção só em mim.

– Mas ele me vê através das lentes de uma paixonite antiga.

– Não o conheço tão bem quanto você, no sentido bíblico ou em qualquer outro, mas ele me

parece ser mais inteligente que isso.

– O amor e a inteligência não andam lado a lado.

– Não andam, não. – Laurel ergueu os braços na direção de Mac. – E eis aqui uma prova viva disso. Você está estupidamente apaixonada por esse cara.

– Não está me ajudando. Parker, o que acha?

– Que você tem medo de magoá-lo. Isso porque, no fundo, ele é legal e você tem medo de passar por cima, de deixar o coração dele aos pedaços.

– É meio dramático, mas basicamente é isso mesmo.

– E está determinada a acreditar que é incapaz de manter um relacionamento maduro, comprometido. Você não só não se vê como uma pessoa digna de amor, mas também duvida da sua capacidade de ter coragem de trabalhar para mantê-lo.

– Isso é meio duro, mas...

– Acho que está subestimando o Carter e a si própria. – Parker se levantou e foi buscar uma foto numa moldura prateada em cima da lareira. – Lembra-se disso?

Mac pegou a foto dos pais de Parker abraçados e sorridentes, com os olhos cheios de satisfação pela vida que partilhavam.

– Claro que me lembro.

– Foi você que tirou essa foto, uns meses antes de eles morrerem. De todas as fotos que tenho deles, essa é a minha predileta. Sabe por quê?

Mac ficou com os olhos cheios d'água olhando para a foto. Isso acontecia sempre.

– Porque dá para ver como eles se amavam – prosseguiu Parker. – Como um fazia o outro feliz. Eles brigavam, discutiam e acho que, em certos momentos, ficavam de saco cheio um do outro. Mas se amavam. Durante metade da vida, conseguiram fazer com que desse certo. Foi o que você conseguiu captar nessa foto. Porque viu isso. Reconheceu isso.

– Eles eram incríveis.

– Você também é. Não perco tempo com amigas que não sejam. – Tirou o porta-retratos das mãos de Mac e o recolocou no lugar onde estava. – Dê uma chance a si mesma. O amor assusta e, às vezes, é passageiro. Mas vale a pena correr os riscos e ficar nervosa. Até se machucar vale a pena.

Mac não tinha tanta certeza. Como alguém poderia ter? Mas sabia que a única coisa que podia fazer por ora era deixar essa história toda de lado e meter a cara no trabalho. As sócias, a empresa e os clientes precisavam que ela fizesse a sua parte. Por isso tinha que se acalmar e respeitar as prioridades.

Precisava de uma boa noite de sono para poder começar cedo no dia seguinte. E tinha que se concentrar por completo, com o maior profissionalismo, nas necessidades dos clientes.

Teve uma noite inquieta, discutindo consigo mesma, e acabou pensando – com amargura – que não perdia uma noite de sono por causa de um homem desde os 16 anos.

Fez um café tão forte que poderia levantar um defunto, mas conseguiu aplacar o cansaço. Como

a caixa de biscoito lhe dava a impressão de ter o paladar e a estabilidade emocional de uma criança de 6 anos, preparou o que lhe pareceu ser um café da manhã de adulto, com iogurte, fruta fresca e um bolinho que pegou escondido de Laurel.

Depois de lavar os pratos com capricho, foi rever as anotações para o evento do dia e checar o equipamento. Era um evento relativamente pequeno, pensou, ao escolher o que ia usar. Uma única acompanhante seria a dama de honra. A noiva queria um ar de intimidade e simplicidade.

Optou por um vestido azul e um chapéu bem elegante, em vez de véu e grinalda. Seu buquê seria composto por três gardênias brancas presas com uma fita de seda.

Uma boa escolha, na opinião de Mac, já que esse era o segundo casamento de ambos.

Viu só?

– Não comece de novo – murmurou para si mesma.

O pai da noiva a acompanharia pelo corredor, mas iam pular a parte em que ela é entregue ao noivo, porque, é claro, já tinham feito isso uma vez.

Com o equipamento, o cronograma do evento e as anotações em ordem, deu uma olhadinha nas horas. Tinha sobrado um tempinho para checar a caixa de e-mail.

Ao abri-la, deu de cara com um e-mail ainda não lido de *MaguireC101*. Saiu da frente do computador e começou a andar de um lado para outro pelo estúdio.

Voltou à cozinha e pegou mais uma xícara daquele café brutal.

Não precisava ler o e-mail agora. Na verdade, o melhor era não abrir agora. Tinha que manter a cabeça focada no trabalho, não tinha? Não abrir o e-mail seria a coisa mais sensata a fazer. A coisa mais adulta, como o iogurte e a fruta fresca.

Não podia ser urgente. Ele teria ligado se tivesse algo importante para falar ou discutir.

Algo como: "Por que você fugiu depois de ter um orgasmo?"

Não que alguma vez ele tivesse usado uma linguagem tão rude.

O que tinha que fazer era subir, tomar uma chuveirada, pôr uma roupa e se encaminhar para a mansão para participar da reunião e preparar as coisas. Não tinha tempo para assuntos pessoais...

– Ah, por favor, a quem estou tentando enganar?

Voltou para o computador e abriu o e-mail de Carter.

Mackensie,

Vi esse endereço no seu cartão de visita. Espero que não se importe por eu estar entrando em contato por aqui. Como sei que estará ocupada o dia todo, não quis telefonar para não atrapalhar.

Só queria dizer, em primeiro lugar, que gostei muito da nossa noite. De cada minuto com você. Minha casa hoje está mais clara e mais preenchida porque você esteve aqui.

– Ai, meu Deus, Carter!

Também queria dizer, em nome do Bob, da mulher e do filho deles que vai nascer, que estou aliviado por você não ter me pedido para matá-lo. Ele fica lhe devendo essa.

Por fim, caso as tenha procurado, encontrei as suas luvas no chão do vestíbulo. Devem ter

caído quando você tirou o casaco. Pensei em pedir para eu ficar com elas de lembrança; esse era o tipo de favor que as damas dos tempos medievais concediam aos seus cavalheiros. No entanto, achei que poderia parecer um pouco assustador, até para mim.

Vou devolvê-las.

Espero que o evento de hoje corra bem. Felicidades para os recém-casados.

Carter

– Ai, droga!

Pensar em Carter Maguire era como se drogar. Leu o e-mail inteiro de novo. Depois, se sentindo uma idiota, o imprimiu. Levou o papel lá para cima e o guardou numa gaveta.

capítulodoze

No sábado de manhã, Mac sentiu que havia recuperado o equilíbrio. O evento do dia anterior transcorrera sem problemas e a Votos arrebatara mais um cliente: os pais do noivo agendaram a comemoração do aniversário de casamento deles para novembro.

Além disso, a noiva era alegre e cuca fresca, o sonho dos fotógrafos.

A empolgação fez Mac trabalhar nas fotos até bem depois da meia-noite.

E só leu mais duas vezes o e-mail de Carter antes de se jogar na cama, para um sono sem sonhos.

Era tudo uma questão de concentração, lembrou a si mesma. De se conhecer, saber quais eram suas forças, suas fraquezas, seus objetivos. Só precisava dar uma esfriada com Carter, deixar claro o que cada um queria – e o que ficava de fora desses limites. Assim, estariam livres para curtir um ao outro sem que ninguém saísse magoado.

Sua reação fora exagerada, agora conseguia ver isso. Um pouco de espaço, de distância, de tempo e tudo voltaria ao normal. O fim de semana frenético e o campo minado que seria o casamento de hoje eram um antídoto perfeito. Em poucos dias, uma semana talvez, teriam uma conversa. Carter era um sujeito razoável. Entenderia que não fazia sentido aquela *coisa* entre eles sair do controle.

Ele já tinha saído ferido, Mac estava certa disso, do relacionamento com a misteriosa Corrine. Portanto, não ia querer repetir a experiência. Na verdade, Mac concluiu que Carter devia estar se sentindo exatamente como ela e ficaria grato quando o assunto fosse abordado.

De forma amistosa, racional, direta. Essas eram as condições.

E, no lado profissional, ela e as sócias teriam que se manter atentas o dia todo para que pudesse haver negociação em meio ao campo minado. Sem nenhuma baixa.

Escolheu um terninho cinza-pérola, com apenas um pouco de brilho, e saltos não tão altos, mas que ficavam razoavelmente elegantes com aquela roupa e eram confortáveis o bastante, pois teria que ficar de pé quase o dia todo.

Enquanto ajeitava o equipamento que usaria nesse dia, repassou suas notas e impressões. O vestido era uma obra de arte, pelo que lembrava, com um corpete brilhante, sem alças, e uma saia quilométrica. Também lembrava que a noiva era fanática por exercício físico e estava com o corpo bem torneado. Os dois, namorados desde o colégio, eram do tipo tradicional.

Armada e equipada, chegou à mansão.

– Alerta vermelho!

Boquiaberta, Mac viu Emma descer voando pela escada.

– Mas já?

– Você não atendeu o telefone nem o celular.

– Acabei de vir do estúdio. Ainda não liguei o celular. O que houve?

– A dama de honra ouviu dizer que o canalha traidor pretende trazer a sócia vadia para a recepção. É isso que ele pensa ser compromisso, já que não se deu o trabalho de discutir a questão com os noivos. Os dois, quando ficaram sabendo, ameaçaram usar de violência contra o canalha traidor, o que será bem merecido, se os rumores se confirmarem. Parker está tentando apagar o incêndio.

– Que merda! Só merda acontecendo!

Bom, se era para apagar um incêndio, Parker era a pessoa mais indicada.

No entanto, aquilo não era um bom começo.

– O que precisamos fazer?

– Temos que alertar todo o nosso pessoal. Parker conseguiu uma foto da sócia num artigo de jornal. Está fazendo cópias. Todo mundo vai receber uma. Se ela for vista, terá que ser barrada e posta para fora. – Para provar que aquilo era sério, Emma bateu com o punho na palma da outra mão. – Alguma coisa efetiva tem que ser feita até Parker poder lidar com ela.

– Espero que alguém a jogue no chão. Daria uma foto excelente para as tomadas externas.

– Laurel está tentando entrar em contato com o Jack, para pedir que ele venha mais cedo e, com o seu charme, convença a dama de honra a desistir de qualquer retaliação que possa estar planejando. Tenho que reunir o meu pessoal para passar as informações e só então começar a trazer as flores. Laurel ainda não terminou o bolo. É o bolo Seda e Renda.

– Eu sei. Está nas minhas anotações.

– Ele pesa uma tonelada e é preciso acrescentar as pérolas e a tiara no topo no início da recepção. Ela vai precisar que algumas pessoas a ajudem a carregá-lo, o que significa um desfalque na patrulha da sócia vadia. A reunião prévia ao evento foi para o espaço – acrescentou Emma, respirando fundo. – Vamos ter que controlar minuto a minuto. Você vai precisar ajudar na preparação do Salão Grande. Irão chamá-la quando a noiva estiver chegando.

– Ok, estou indo para lá. Antes, porém, vou instalar o que for possível na suíte da noiva. Aguente firme.

– Estou preparada para dar uns bons pontapés na bunda de alguém.

No andar de cima, Mac montou seu equipamento na suíte da noiva, depois pendurou a tiracolo a bolsa com uma câmera e algumas lentes. Pegaria uma segunda câmera quando a noiva chegasse. Antes de descer, foi ver como Parker estava se saindo.

Encontrou a amiga abrindo uma embalagem de antiácido.

– Estamos tão mal assim?

– Não, não, está tudo sob controle. Mas estou furiosa. Acabei de desligar o telefone. A pedido da noiva, estava falando com o canalha traidor, que me disse que ninguém, nem mesmo o irmão, vai definir com quem ele pode ou não namorar. É um puta de um egoísta.

– Você acabou de falar um palavrão. Está mesmo furiosa.

– E depois, resolveu *me* repreender por estar me metendo na vida dele. Tive que engolir essa. Afinal, antes eu do que o noivo ou a noiva. Mas minha vontade era de xingá-lo. Consegui apaziguar a situação, apelar para o último vestígio de decência e consideração que o sujeitinho ainda tem. Ele vai cumprir o seu papel e pretende ir embora logo depois do brinde ao novo casal, que, sem dúvida, será muito sincero.

– Você acreditou nele?

Parker fechou os olhos.

– Nem por um minuto. Está decidido a armar um escândalo. Vamos ter que vigiá-lo de perto porque não podemos deixar que aquela mulher apareça na recepção. Mas não podemos dizer isso a ninguém.

Com um suspiro, Parker deu a Mac um maço de papel com a fotografia de uma loira atraente. Debaixo da foto, lia-se: Roxanne Poulsen

Entrada proibida

Distribua isso para o nosso pessoal. Vou passar outro maço a Laurel, para que repasse à equipe do buffet.

– Perfeito. Sabe, Parks, tem horas que simplesmente adoro esse nosso trabalho de uma forma que vai além da razão. Por incrível que pareça, esta é uma dessas horas.

– Concordo com você – disse Parker mordendo uma pastilha. – Será que precisamos de terapia?

Mac levou para Emma e seu pessoal as fotos, que mais pareciam ter saído de arquivos policiais. Depois distribuiu o restante para a pequena colmeia que trabalhava no Salão Grande. Ajudou a decorar as mesas – toalhas num tom de alfazema sobre um fundo azul – e arrumou a louça, enquanto Emma se encarregava dos arranjos de centro. Nos jarros de vidro de boca larga, lírios brancos flutuavam sobre um leito de pedras roladas.

– Está bonito – decretou Mac.

Emma acomodou pequenos vasos com botões de rosas e velas brancas em volta da travessa central, espalhando pétalas, minúsculos corações vermelhos e estrelas azuis nas toalhas.

– Está mais bonito ainda. Agora só faltam dezenove. Vamos arrumar as lembrancinhas! – gritou para o seu pessoal. – Vamos terminar... Ah... Oi, Carter.

– O quê? – perguntou Mac, dando meia-volta.

Com um terno cinza-escuro, Carter apareceu no meio da confusão que precedia o evento. Para Mac, ele parecia uma ilha de plácida perplexidade num oceano de cor e movimento.

– Hum... Uma tal de Lois me disse para entrar. Tem muita coisa a ser feita, devo estar atrapalhando aqui no meio do caminho.

– Não está, não – assegurou Emma. – Mas tome cuidado, porque qualquer um capaz de mover, levantar ou arrastar coisas pode ser posto para trabalhar de uma hora para outra.

– Ficaria feliz em ajudar, se puder.

– Disse as palavras mágicas. Temos 198 lembrancinhas, frasquinhos com detergente para fazer bolinhas de sabão e cestas de doces para dispor sobre as mesas. Mac, por que não se encarrega da iniciação do nosso mais novo escravo? Preciso dar uma conferida no salão.

– Claro.

Como podia ter esquecido que o convidara? O que fazer com o frio que sentia na barriga, e que não passava de jeito nenhum, sempre que olhava para ele?

– Bonito terno.

– Não é de tweed. Você está linda e com ar profissional ao mesmo tempo.

– Nós da organização não podemos nos destacar. Desculpe, estou meio preocupada. Estamos em alerta vermelho. O canalha traidor talvez tente trazer a vadia para a recepção.

– Um momento. – Ele franziu as sobrancelhas. – Ah, claro, acho que entendi. O padrinho e a sócia, com quem ele tem um caso. Ele pretende trazê-la? Mas que grosseria.

– No mínimo isso. Pode haver violência. Então... – Ela abriu a bolsa da câmera e tirou dali uma das reproduções da foto. – Este é o alvo. Se a vir, dispare o alerta, ok?

– Está certo. – Ele olhou a foto, deu um breve sorriso e a dobrou para enfiá-la no bolso interno do paletó. – Tem mais alguma coisa? Você está me parecendo um pouco... perturbada.

– Perturbada? Não, não. Só meio preocupada. Mas já tinha dito isso, não? A noiva está furiosa e isso pode comprometer as fotos...

Você precisa lidar com isso, ordenou a si mesma. Diga a ele o que está pensando.

– Na verdade, Carter – Mac o pegou pelo braço e o levou para um canto um pouco mais reservado do aposento que zumbia como um vespeiro –, queria dizer que ando pensando que nós precisamos conversar... *Droga!* – Tirou o rádio do bolso. – Essa é a minha deixa. A noiva chegou. Tenho que ir. É melhor vir comigo.

– Quer que eu leve algum equipamento? – perguntou Carter, tentando acompanhar os passos apressados dela.

– Não, por ora já tenho o que vou usar. O resto fica lá em cima, na suíte da noiva. Mas preciso tirar fotos da chegada. Só tente não aparecer nelas.

– Oi, Carter – disse Parker, que apareceu de repente e foi acompanhando os dois naquele ritmo acelerado. Lançou um olhar vagamente inquiridor a Mac, depois reassumiu o tom de executiva. – A noiva está em 9,5 de 10 na escala de emoções. Temos que lhe passar confiança e lhe dar apoio constante.

– Entendido.

– Precisamos que ela vá lá para cima o mais depressa possível e se mantenha ocupada e concentrada em si mesma. Já levei champanhe, mas não podemos deixar que ela faça como a Karen.

– Sem problemas.

– A dama de honra e duas acompanhantes estão vindo com ela, assim como a mãe, que parece uma rocha. Se eu não estiver disponível e a noiva ou a dama de honra perderem a compostura, pode recorrer a ela.

– O Jack está a caminho?

– Deve chegar em quinze minutos. Vou mandá-lo direto lá para cima.

– Quem é Karen? – perguntou Carter.

– Uma noiva que já chegou aqui meio bêbada e terminou o trabalho antes que pudéssemos dar um jeito. Vomitou no terraço pouco antes da cerimônia.

– Ah.

Lá fora, as mulheres entravam pela lateral do alpendre, que tinha os corrimãos adornados com luzes e tules.

– Onde está o seu sobretudo? – perguntou Carter. – Quer que eu vá buscar?

– Não precisa – respondeu Mac, pegando a câmera. – A adrenalina me esquenta.

Enquanto a limusine branca se aproximava, Emma e Laurel vieram lá de dentro.

– Queria que nós quatro estivéssemos aqui fora – explicou Parker. – Um sólido muro indicativo de que "estamos aqui para fazer com que o seu dia seja perfeito". Caras felizes, pessoal.

A limusine parou. Mac enquadrou a noiva se virando para sair do carro. Ela tinha no rosto um sorriso ao mesmo tempo corajoso e abalado.

Merda, pensou Mac.

– É o seu dia – disse Parker dos degraus. – Não duvide disso.

O sorriso se tornou só um pouco mais vivo. Mac tratou de registrá-lo antes que ele voltasse a desaparecer. A noiva saiu do carro, estendeu os braços e exclamou: – Ah, Parker!

– Ei! – A voz de Mac surpreendeu a noiva no meio de um passo. – Você vai permitir que aquela vadia deixe seus olhos inchados e vermelhos nas fotos do seu casamento? Dê um belo sorriso, vamos lá. Um daqueles que a faça chorar como um bebê quando vir você.

Pode ter sido de pura raiva, mas o rosto da noiva ficou radiante.

– Vou me casar!

– É isso aí.

– Uma de nós vai. – A noiva segurou a dama de honra pela mão e deu um sorriso destemido para a amiga. – Juntas. Solidárias.

– É assim que se fala.

Mac registrou a movimentação, a energia, as trocas de sacolas e bolsas a serem descarregadas por aquelas mulheres meio confusas. E sem dúvida, pensou ela, registrou tensão também.

– Parker, o que vou fazer se...

– Nada – garantiu Parker à noiva. – Temos tudo sob controle. Tudo o que tem a fazer é ficar bonita e feliz. Nós cuidamos do resto. Vamos subir? Tem uma garrafa de champanhe esperando por você.

Mac fez um sinal para Carter segui-la e ultrapassou Parker e a comitiva da noiva.

– Vamos dar uma taça de champanhe à noiva e uma à dama de honra para que celebrem sua amizade – disse ela, subindo a escada. – Estamos participando de uma trajetória e, nesse caso, a amizade das duas compõe o todo. Temos que aproveitar isso. Em vez de manter uma pequena distância entre elas, como eu tinha planejado inicialmente, vamos documentar essa unidade. O ritual de preparação da noiva para o casamento também serve para estreitar o vínculo feminino.

– Ok. – Ele entrou no aposento atrás de Mac. – É um espaço adorável. – Carter olhava

atentamente as rendas, as flores, as velas, as grinaldas de seda. – E bem feminino.

– Não brinca? – Mac pegou a segunda câmera e a pendurou no pescoço.

– Devo ficar aqui? Não parece muito... adequado.

– Talvez você possa me ajudar. Mas, por enquanto, fique aí na porta. E não deixe ninguém que não saiba a senha entrar.

– E qual é a senha?

– Pode inventar uma.

Carter assumiu seu posto enquanto Parker conduzia a noiva para dentro do quarto. Uma morena parou diante dele e lhe lançou um olhar que fez seu estômago revirar.

– Jack?

– Ah, não. Sou o Carter.

– Que pena. – Ela lhe lançou um sorriso duro e penetrante. – Fique por aí, Carter. Você pode ser útil.

A porta foi fechada bruscamente. Do outro lado, Carter ouviu vozes femininas e o ruído alegre de uma rolha sendo sacada da garrafa. Em seguida risos, o que só podia ser um bom sinal.

Momentos depois, um pequeno exército de homens e mulheres, carregando sacolas e malas, passou por ele.

– Desculpem-me... – começou, mas a porta se abriu às suas costas.

– Tudo bem, Carter. São os cabeleireiros e os maquiadores. Parker pediu que entrassem. Deixe o Jack passar quando ele chegar.

A porta se fechou de novo e o barulho lá dentro aumentou.

Ele se perguntou se aquilo seria normal, se Mac e as outras repetiam aquilo tudo várias vezes por semana. Emoção, urgência, alertas vermelhos, códigos estranhos, fones de ouvido, rádios. Era uma espécie de batalha constante.

Ou um espetáculo da Broadway há muito tempo em cartaz.

De um jeito ou de outro, ele ficaria exausto no fim de cada dia.

Mac abriu a porta e entregou uma taça de champanhe na mão dele.

– Tome. – E fechou a porta de novo.

Carter ficou olhando a taça, admirado por ter autorização para beber em serviço. Entretido, deu de ombros e tomou um gole.

De relance viu o sujeito que subiu a escada e passou por ele.

– Oi, Carter, como vai?

Jack estava de terno preto com tênues riscas de giz. Seu cabelo louro-escuro era levemente encaracolado em torno do rosto. Os olhos amistosos, de um tom acinzentado, reluziam sob as sobrancelhas arqueadas num ar interrogativo.

– Veio para o casamento?

– Não, estou só ajudando.

– Eu também – disse Jack, enfiando as mãos nos bolsos e relaxando. Para Carter, Jack Cooke sempre teve esse ar descontraído. – Tenho um encontro com uma moça que deve estar nesse quarto. Você a viu? Chama-se Megan. Meg para os íntimos.

– Ah, sim, a dama de honra. Está aí dentro.

– E aí? – Jack aguardou um pouquinho. – Como ela é? Quando perguntei, Parker me disse apenas que "é bonita", mas ela tinha um objetivo. Vou ajudar de qualquer jeito, só queria uma opinião mais concreta.

– É uma morena muito atraente.

– E o humor?

– Pareceu-me um pouco assustada, na verdade. Estão lá dentro fazendo alguma coisa no cabelo.

– Ótimo. – Jack deu um suspiro. – O que não se faz por amizade e uma caixa de um bom vinho? Bem, vou entrar. – Bateu à porta. – Cromossomo diferente! – gritou ele.

Parker veio abrir.

– Chegou bem na hora – disse ela, puxando-o lá para dentro.

Carter se recostou na parede ao lado da porta, tomou mais champanhe e começou a pensar a respeito dos rituais humanos.

Quando a porta voltou a se abrir, foi a vez de Mac puxá-lo para dentro.

As mulheres esperavam sentadas, protegidas por capas, enquanto as cabeleireiras executavam a tarefa com apetrechos que deixavam Carter pouco confortável. Se o cabelo era liso, havia uma estranha ferramenta para encaracolá-lo. Se fosse encaracolado, usava-se outra ferramenta para alisá-lo.

Ele só queria entender *por quê*.

Guardou esse questionamento para si mesmo e segurou o fotômetro como lhe foi pedido, ergueu uma faixa de renda acima da janela e pegou uma lente. Não se importou nem quando Jack saiu da sala e ele ficou sendo o único homem em meio a um exército de mulheres.

Nunca tinha visto Mac trabalhar, por isso achou instrutivo e, ao mesmo tempo, prazeroso. Confiante e determinada, com movimentos eficientes e fluidos, pensou ele. Mudava de ângulo, de câmera e de lente, circulando em meio às mulheres e ao seu redor, raramente falando com as que eram fotografadas.

Deixava-as à vontade, percebeu, para serem como eram e quem eram.

Mac mexeu no fone de ouvido.

– O noivo está chegando. Temos que ir.

Entre os homens não havia solidariedade, notou Carter, já que o padrinho não vinha com o irmão. Mac fez o seu trabalho no frio, sua respiração se condensando no ar.

– O noivo vai subir – anunciou pelo fone. – O canalha traidor não está aqui. – Voltou-se para Carter. – Temos que controlar a chegada daquele cretino. Vou preparar o cenário para as fotos formais com os noivos. Por que você não tenta encontrar Jack e Del para descontrair um pouco?

– Está certo.

Ele olhou em volta e viu as filas de cadeiras forradas de branco, os arranjos de flores e os conjuntos de velas.

– Que transformação! É como uma mágica.

– É, mas a mágica exige suor. Encontro você depois.

Ele não duvidava, só não sabia onde devia ficar para ser encontrado.

Perambulou em meio a flores e tules, entre minúsculas luzinhas reluzentes, indo até o Salão Grande. Lá, para seu alívio, encontrou Del e Jack sentados ao bar.

– Quer uma cerveja? – gritou Del.

– Não, obrigado. Só estou tentando não ficar no meio do caminho.

– Aqui é o melhor lugar para ficarmos – afirmou Jack. – E você tinha razão quanto a Megan – prosseguiu ele, erguendo a garrafa. – Há maneiras piores de se passar um sábado que confortando uma bela morena. Quer um salgadinho?

Carter deu uma examinada na bandeja.

– Talvez.

– Del, todo sedutor, convenceu uma das fornecedoras a nos deixar uma provinha.

– Há maneiras piores de se passar um sábado – concordou Del. – Então, Carter, agora que estamos todos aqui, não quer nos contar o que está rolando entre você e a minha garota?

– Sua... o quê?

– Sei que está de olho na minha Macadâmia. Está querendo algo mais sério com ela?

– Del é um cara dominador. Coma esse bolinho de camarão.

Também sou dominador, pensou Carter.

– Quando foi que ela se tornou sua, do seu ponto de vista?

– Desde que ela tinha uns 2 anos. Fique frio, Carter, é uma questão fraternal.

– Nesse caso, é melhor perguntar a ela.

– Discreto. – Del assentiu. – É uma boa característica. Se a magoar, acabarei com você.

– Protetor. É uma boa característica – retrucou Carter.

– Então estamos quites. E fomos pegos – declarou Del quando Emma apareceu.

– Eu já não falei que não podem circular nesta área? – Com o seu terninho azul e o cabelo todo amarrado para trás, ela foi dar uma circulada pelas mesas. – Onde é que conseguiram os salgadinhos?

– Foi o Del que conseguiu – respondeu Jack, jogando o amigo na fogueira sem um pingo de hesitação.

– Não quero garrafas de cerveja nem migalhas por aqui. Saiam já e levem tudo isso embora. Vão lá para fora ou lá para cima, para a área da família. De vocês dois eu já esperava esse tipo de coisa, mas estou surpresa com você, Carter.

– Eu só... Não bebi cerveja. Nem qualquer outra coisa.

Ela se limitou a lançar um olhar cortante para ele e apontar a saída.

– Nós íamos limpar.

Com a consciência pesada, Jack acompanhou os outros dois e olhou para trás para ver Emma verificar os arranjos das mesas.

Carter lhe deu um encontrão na porta.

– Desculpe.

– Sem problema. – Jack voltou-se para Del quando o rádio deste apitou.

– Fui capturado – explicou Del. – O canalha acabou de chegar. Veio sozinho. Provavelmente não vamos precisar intimidá-lo nem espancá-lo. Que pena.

Tudo parecia estar correndo bem, pensou Carter. Se não tivesse assistido às cenas dos bastidores, talvez tivesse acreditado no que se passava diante dos seus olhos. As flores, a música, a noiva radiante, banhada pela luz das velas. Ficou no fundo, com Del e Jack, vendo duas pessoas se prometerem amor eterno.

Mas não conseguia tirar os olhos de Mac.

Ela se movia com tanta suavidade, tão silenciosamente... Não como uma sombra, pensou. Era radiante demais para ser comparada a sombras. Ainda assim, quase não agitava o ar e tudo ao seu redor se concentrava naquelas duas pessoas diante da lareira.

– Está mesmo apaixonado, não é?

– Estou, sim.

Enquanto os recém-casados se viravam para descer o corredor, Mac correu e indicou a Carter que fosse pela esquerda. Quando passaram, ela baixou a câmera por uns segundos.

– Vou precisar de você para as fotos em grupo. Fique atrás de mim.

Os convidados foram escoltados para a outra porta. Mac, então, usou a escada, o *foyer* e o salão, agora vazio.

Trabalhava rápido, observou Carter. Não parecia apressada, mas ia clicando aqui e ali, registrando vários grupos e casais – tomando cuidado para evitar qualquer enquadramento que juntasse a dama de honra e o padrinho.

Assim que ela terminou a tarefa, Parker assumiu o comando.

– Parker vai arrumá-los para os cumprimentos. Nós saímos por aqui.

– Deixe que eu carregue a sua bolsa.

– Não precisa, estou acostumada. – Ela o conduziu pelos corredores, passando pela cozinha, onde estava uma correria só por causa do coquetel que logo seria servido, chegando enfim ao Salão Grande. – Vou tirar umas fotos à medida que as pessoas forem entrando. Os noivos vão ficar naquela mesa que tem o coração. O buffet será servido nas mesas numeradas. Quando todos estiverem acomodados, só preciso ficar atenta a qualquer oportunidade que surja. Como está se saindo?

– Bem. É você que está fazendo todo o trabalho.

– Ainda estamos em alerta vermelho. Temos que prestar atenção no canalha traidor. Se ele sair do salão, um de nós precisa segui-lo para se certificar de que só foi ao banheiro ou fumar um cigarro. Quando terminarmos aqui e passarmos para o salão de baile, aí sim vai ser uma loucura. Bem menos estruturado, lá será mais difícil ficarmos de olho nele.

Mac tinha razão. Carter ficou junto dela sempre que possível depois que a festa começou para valer. Os convidados dançavam ao som da banda ou se reuniam em grupos para bater papo. Uns entravam, outros saíam. Sabendo o que procurar, percebeu vários membros da equipe parados perto das saídas. Aquilo era estranhamente empolgante.

– Acho que o pior já passou – disse Laurel juntando-se a eles. – Depois da próxima série de músicas, vou trazer o bolo, e o canalha nem se mexeu. Também não há qualquer sinal do alvo. Os noivos nem parecem mais preocupados com isso.

– Não podiam aparentar mais felicidade – concordou Mac. – Só mais noventa minutos e terá terminado.

– Vou verificar a mesa das sobremesas.

– Espere até prová-las – disse Mac a Carter. – O bolo, então, é fantástico.

– Carter? Carter! – Uma bela loura de vestido vermelho correu até ele e se atirou em seus braços, abrindo um sorriso radiante. – Bem que achei que era você. Como vai?

– Vou bem. Ah...

– Steph. Stephanie Gorden, amiga da Corrine. Como os homens esquecem rápido. – Riu e ficou na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. – Não sabia que você era amigo da Naomi e do Brent.

– Na verdade, sou...

– Brent é meu primo. Que casamento lindo. E este lugar é fantástico. Imagine só ter um salão de baile de verdade na própria casa. É claro que os Browns devem alugá-la para eventos para conseguir mantê-la. Tenho que encontrar o Greg. Lembra-se do meu marido, o Greg, não lembra? Ele vai ficar surpreso em ver você. Há quanto tempo não nos vemos? Um ano no mínimo. Desde que você e Corrine...

Deteve-se e olhou para Carter com ar compreensivo.

– Sinto muito que não tenha dado certo. Achávamos que vocês eram perfeitos um para o outro.

– Hum... bem, não éramos. Esta é Mackensie Elliot, a fotógrafa.

– Oi, como vai? Deve estar exausta! Eu a vi correr de um lado para outro, tirando fotos. Naomi deve ter deixado tudo mais fácil para você. É uma noiva tão bonita.

– Foi mesmo... moleza.

– Eu também já tirei umas fotos bem boas. Essas câmeras digitais fazem praticamente tudo sozinhas, não é?

– Esta aqui, por exemplo, quase não precisa de mim. Desculpe, mas preciso fingir que estou trabalhando.

Quando Carter voltou a se aproximar de Mac, ela estava fotografando no salão de baile.

– Desculpe. Acho que ela não pretendia ofender, mas é tão idiota que não consegue evitar esse tipo de coisa.

– Não tem problema. – Mac mudou de câmera, passando para ele a que estava usando antes. – Está precisando de um cartão de memória novo. Lembra como trocar?

– Lembro, sim.

– Estão decorando a limusine. Quero fazer umas fotos lá fora antes que tragam o bolo. – Foi saindo, com Carter em seu encalço. – Então, tem um ano que terminaram?

– É... tem. Mais ou menos isso. Ficamos juntos quase um ano também e moramos juntos por cerca de oito meses. Ou nove. Depois, ela resolveu que queria viver com outra pessoa. E foi o que fez.

Mac parou.

– Ela magoou você.

– Não tanto quanto poderia, dadas as circunstâncias. O que significa que não éramos perfeitos um para o outro. Longe disso.

– Se chegou a morar com ela, devia estar apaixonado.

– Não. Queria estar. Definitivamente, não é a mesma coisa. Mackensie... – começou ele quando voltaram a andar.

– Merda, cacete, puta que pariu!

– O que foi?

– A sócia vadia. Alerta vermelho! – disse no fone de ouvido. – A sócia vadia foi vista do lado sul da entrada principal. O canalha traidor está com ela. Vamos, Carter, temos que mantê-los à distância enquanto os reforços não chegam.

capítulotreze

Carter não sabia bem o que tinha que fazer, e menos ainda o que Mac pensava em fazer, mas, quando ela atravessou a grama coberta pela neve, instintivamente a pegou no colo.

– O que está fazendo?

– Você não está com sapato para neve.

– Nem você! Ponha-me no chão! Não tenho como parecer severa e proibitiva sendo carregada no colo. Ponha-me no chão agora ou eles vão conseguir entrar!

Assim que pôs os pés no chão, Mac saiu correndo. Era mais um galope, pensou Carter, achando que ela parecia uma gazela de patas compridas, saltando pela neve. Embora não fosse gracioso, ele era rápido quando necessário.

Ultrapassou-a. Escorregou desastradamente, por causa dos sapatos que agora estavam arruinados e encharcados pela neve, e achou que isso diminuiria o impacto da barreira, mas conseguiu bloquear o avanço do padrinho furioso e de sua amante.

– Queiram me desculpar. O senhor e a senhora Lester deram ordens expressas de que a Srta. Poulsen não poderia ser admitida neste evento.

– Ela está comigo e vamos entrar.

Carter percebeu que ele não estava só furioso, mas também um pouco bêbado.

– Lamento, mas temos que respeitar a vontade dos noivos.

Um pouco ofegante, Mac se aproximou deles.

– Você foi informado, específica e repetidamente, que sua amiga não tem permissão para entrar aqui.

– Donny. – Roxanne puxou-o pela manga. – Você disse que estava tudo bem.

Um misto de raiva e vergonha afogueou o rosto de Donny.

– Está tudo bem porque eu disse que está. É o casamento do meu irmão e posso trazer quem eu quiser. Meg perdeu, azar o dela. Mas ela não manda na minha vida. Saiam da frente. – Ele apontou para Mac e Carter. – Vocês são só uns empregados contratados para trabalhar aqui.

– Ela não vai entrar – disse Mac.

Deduziu que o padrinho tinha feito muitas visitas ao bar e por isso seu ego, seu orgulho e seus ressentimentos estavam nadando numa piscina de álcool.

Caramba! Onde estão os reforços?

– Você acabou de dizer que este é o casamento do seu irmão. Se esta mulher é mais importante do que a felicidade dele hoje, então dê meia-volta e saia daqui com ela. Esta é uma propriedade

particular e, por ora, ela não é bem-vinda.

– Donny. – Roxanne voltou a puxá-lo pelo braço. – Não vale a pena...

– Já disse que você está comigo. – Voltou-se para Mac. – Quem você pensa que é? Não venha me falar do meu irmão. Suma da minha frente! – Com os olhos enfurecidos, ele segurou Mac por um dos ombros e a empurrou.

Como um raio, Carter se postou entre os dois.

– Não se atreva a tocar nela de novo. Você está bêbado e, obviamente, é um estúpido, por isso vou dar um desconto. Tente se acalmar; não vai querer fazer uma besteira.

– Tem razão. O que quero é fazer isso.

Ele deu um soco no rosto de Carter, cuja cabeça pendeu para trás. Mas ele não se moveu um centímetro sequer. Roxanne deu um gritinho e Mac praguejou. Antes que ela saltasse para a frente, Carter a puxou para trás de si.

– Ela não vai entrar e você não vai voltar lá para dentro. A única coisa que conseguiu provar é que é tão egoísta que só pensa em si mesmo. Você envergonhou a Srta. Poulsen, o que é uma pena, mas hoje não vai ter a chance de envergonhar o seu irmão e a esposa dele. Agora, saiam por conta própria ou terei que ajudá-los a fazer isso.

– Por que nós todos não os ajudamos? – propôs Del, aproximando-se com Jack, cada um de um lado de Carter.

– Acho que nada disso vai ser necessário – disse Parker, juntando-se ao grupo. De pé, como uma rainha do gelo vestida de Armani, olhou para o padrinho. – Não é, Donny?

– Temos coisas melhores a fazer. Vamos, Roxie. Este lugar não passa de uma espelunca.

– Vou me certificar de que estão indo embora. – Del meneou a cabeça, enojado. – Podem voltar lá para dentro. Como está o seu rosto, Carter?

– Não é a primeira vez que levo um soco. – Mexeu os maxilares para testar. – Mas dói do mesmo jeito.

– Vamos pegar uma bolsa de gelo. – Parker acompanhou a partida do canalha traidor e da sócia vadia com um olhar frio. – Emma.

– Venha comigo, Carter.

– Está tudo bem. É sério.

– Uma bolsa de gelo. – O tom de Parker não deixava qualquer espaço para negociação. – Vou me certificar de que está tudo resolvido e voltaremos lá para dentro. Ninguém pode saber nada a respeito disso.

– Você viu o que ele fez? – murmurou Mac.

– Ele quem? – indagou Del.

– Carter. Ele é... Sempre que penso que já o conheço, ele me surpreende. É desconcertante.

Alguém estava completamente arrebatada, percebeu Del enquanto Mac corria para terminar seu trabalho.

Mac precisou de quase duas horas a mais para encerrar as fotos e ir procurar Carter na cozinha

de Laurel. Ele estava lá sentado, sozinho, lendo no cantinho do café da manhã. Quando ela entrou, ele ergueu os olhos e tirou os óculos.

– Tudo resolvido?

– Mais ou menos. Desculpe ter demorado tanto. Você devia ter ido para casa, Carter. Já passa da meia-noite. Devia ter deixado um recado. Ai, seu rosto, coitado. – Estremeceu quando viu a contusão no queixo dele.

– Não está tão ruim assim. Mas decidimos que eu ficaria aqui. Se tivesse voltado para a festa, teria que explicar o que aconteceu. – Passou os dedos cuidadosamente no machucado. – Sou um péssimo mentiroso, por isso foi mais simples ficar aqui. Além do mais, como me foi prometido, teve bolo.

Ela se sentou diante dele.

– O que está lendo?

– Parker me emprestou um romance de John Irving. Fui cuidado, distraído e alimentado. Suas sócias resolveram tudo. E tanto Jack quanto Del vieram me fazer companhia. Fiquei bem.

– Você nem ao menos oscilou.

– O quê?

– Quando aquele idiota bateu em você. Não deu um passo para trás.

– Ele estava muito bêbado, não conseguiria fazer muita coisa além daquilo. Ele não devia ter encostado em você.

– Você nem levantou a voz. Fez com que ele se calasse, pude ver a mudança no rosto dele, mesmo antes de o restante da tropa chegar. E você não tocou nele em momento algum nem ergueu a voz.

– É prática de professor, acho. E uma enorme e variada experiência com adolescentes valentões. Os noivos saíram felizes?

– Saíram. Não sabem o que aconteceu. Vão acabar descobrindo, mas tiveram o seu grande dia e isso é o mais importante. Você desempenhou um papel fundamental hoje.

– Bem, foi uma experiência. Que só me custou um queixo machucado e um par de sapatos estragado.

– E continuou aqui.

– Estava esperando você.

Ela olhou para ele e acabou cedendo ao apelo radiante do próprio coração.

– Acho melhor vir para casa comigo.

Ele sorriu.

– Também acho.

Erros acontecem, não é?, pensou Mac ao abrir a porta do estúdio. Se aquilo fosse um erro, iria consertá-lo. Mais tarde. Quando pudesse pensar com clareza. Por ora, já passava da meia-noite e Carter estava ali, com seu terno de três peças e os sapatos estragados.

– Não sou tão metódica quanto você.

– *Metódico* é uma palavra engraçada, não é? – Ele lhe deu um sorriso. – Do tipo que faz você pensar na sua tia-avó Margaret e seus abafadores de chá.

– Não tenho nenhuma tia-avó Margaret.

– Se tivesse, provavelmente ela seria metódica, o tipo de mulher que usa abafadores de chá. Prefiro a palavra *organizado*.

Mac jogou o casaco em cima do braço do sofá. Ao contrário de Carter, não tinha um closet para guardá-los.

– Sou organizada quando se trata do meu trabalho e da minha empresa.

– Pude perceber isso hoje. Parecia saber exatamente o que fazer, onde estar e o que procurar, mesmo antes de acontecer alguma coisa lá. – Pôs o casaco em cima do dela. – Isso é o instinto criativo combinado com a organização.

– Uso os dois no meu trabalho. Fora isso, sou uma mulher bagunceira.

– Todos nós somos bagunceiros, Mackensie. Algumas pessoas se limitam a esconder a bagunça dentro de um armário ou de uma gaveta, pelo menos quando recebem visitas, mas ela continua lá.

– E algumas pessoas têm mais gavetas e armários do que outras. Mas, como nosso dia foi longo, vamos sair da beira do penhasco filosófico. Só estou querendo dizer que meu quarto não está num de seus melhores dias.

– Está querendo que eu dê uma nota?

– Desde que seja generosamente alta. Vamos subir, Dr. Maguire.

– Esta casa servia de apoio à piscina – disse ele, seguindo-a.

– Os Browns recebiam muitas visitas, por isso fizeram uma reforma para transformá-la numa espécie de casa de hóspedes extra. Quando inauguramos a empresa, voltamos a reformá-la para que se tornasse o estúdio. Mas lá em cima o espaço é inteiramente privado.

Uma suíte master ocupava todo o segundo andar. Tinha sido projetada para acomodar uma área de estar, com espaço para ler, tirar um cochilo ou ver televisão.

Era bem colorida, com um discreto dourado das paredes servindo de pano de fundo para azuis, verdes e vermelhos fortes. Era como um porta-joias, pensou ele, com tudo amontoado, misturado e reluzente. Tinha roupa no braço de cadeiras. Suéteres de cores vivas, camisetas em tons pastel. Mantas e travesseiros espalhados pela cama e pelo sofá, como pedras nos leitos dos rios.

Um espelho muito ornamentado ficava pendurado sobre uma cômoda, que fazia as vezes de penteadeira. Em cima dela, uma mistura de partes fascinantes de Mac. Brincos, revistas, frascos e vasos. Fotografias eram usadas como obra de arte. Havia ali retratos das pessoas mais próximas dela. Fazendo pose ou em fotos espontâneas, pensativas ou alegres. Com aquelas fotografias espalhadas nas paredes, ela nunca estaria sozinha.

– Tem muito de você aqui.

– Tento tirar algumas coisas, em intervalos de algumas semanas.

– Não, quis dizer que todas essas coisas refletem quem você é. Lá embaixo está refletido seu lado profissional; aqui, o pessoal.

– O que nos leva de volta ao ponto de partida, quando avisei que sou bagunceira. – Ela abriu

uma gaveta e enfiou um suéter lá dentro. – Com muitas gavetas.

– Tem tanta cor e energia aqui. – Era assim que ele a via. Cor e energia. – Como você dorme?

– Com a luz apagada.

Mac se aproximou dele e pôs um dedo no seu queixo.

– Ainda está doendo?

– Para falar a verdade... sim. – Agora, sozinhos no quarto porta-joias dela, Carter fez o que tivera vontade de fazer o dia inteiro: beijou-a. – Aí está você – murmurou, quando os lábios dela se aqueceram com os dele. – Bem aí.

Ela se deixou enlevar e encostou-se nele. Suspirou e repousou a cabeça no seu ombro. É, deixaria para pensar mais tarde. Quando não estivessem abraçados e sua mente não estivesse confusa pelo cansaço e pelo desejo.

– Vamos pôr você na cama. – Ele a beijou no topo da cabeça. – Onde está o seu pijama?

Mac levou um minuto para processar a pergunta, depois recuou para encará-lo.

– O meu *pijama*?

– Está muito cansada. – Passou o dedo no rosto dela. – Veja como está pálida.

– Eu e a minha pele rosada. Carter, estou confusa. Achei que fosse ficar comigo.

– Vou ficar. Você passou o dia todo em pé e em boa parte dele esteve travando uma guerra. Está cansada.

Ele desabotoou o paletó do terninho dela do mesmo jeito habilidoso com que abotoara seu casaco.

– O que usa para dormir? Ah, claro, talvez não use nada. – Os olhos dele encontraram os dela. – Quero dizer, sem roupa.

– Eu... – Ela balançou a cabeça, mas não conseguiu concatenar nenhum pensamento. – Não quer ir para a cama comigo?

– Vou para a cama com você. Para dormir com você, porque está precisando dormir.

– Mas...

Ele lhe deu um beijo doce, tranquilo.

– Eu posso esperar. Agora diga, você usa pijama? Espero que diga que sim; caso contrário, um de nós não conseguirá dormir muito.

– Você é um cara estranho e desconcertante, Carter. – Ela se virou, abriu uma gaveta e tirou dali uma calça de flanela e uma camiseta desbotada. – É isso que eu chamo de pijama.

– Ótimo.

– Não tenho nada que possa emprestar para você.

– Na verdade não uso... hum.

Ele mudaria de ideia quando estivessem na cama, pensou ela enquanto tiravam a roupa. Mas Carter ganhou pontos por suas boas intenções. Claro que estava cansada, com os pés doloridos e a mente entorpecida, mas isso não queria dizer que não teria energia para fazer sexo.

Ainda mais um sexo tão bom.

Quando Carter se enfiou na cama ao lado dela, Mac se aconchegou nele, acariciou o seu peito e foi aproximando a boca da dele. Iria excitá-lo, seduzi-lo e aí...

– Já lhe falei da conferência que estou preparando sobre análise metodológica e teórica do romance, enfatizando o lar, literal e metafórico, como tema?

– Ah... U-hum.

Ele sorriu no escuro, coçando as costas dela de forma delicada e ritmada.

– É para os meus alunos mais velhos, das turmas avançadas.

Num tom monótono, propositadamente calculado para entediar até os mortos, começou a explicar a sua abordagem. Fez o que pôde para deixar a explicação o mais entediante possível. Calculava que precisaria de, no máximo, cinco minutos para fazê-la adormecer.

Ela apagou em dois.

Satisfeito, ele encostou o rosto no topo da cabeça de Mac, fechou os olhos e também se entregou ao sono.

Mac acordou com o sol de inverno batendo em seu rosto. Acordou quente.

Durante a noite, Carter a tinha abraçado e agora ela estava de costas para ele, bem aninhada. Era confortável, pensou, e estava descansada e relaxada.

Ele quis que ela dormisse e ela dormiu. Era curioso como ele conseguira o que queria sem pedir, sem forçar a barra.

Esperto.

Bom, não era o único.

Estava abraçado à sua cintura. Ela pegou a mão dele e a levou ao próprio peito. *Toque-me.* Colou ainda mais seu corpo ao dele, entrelaçando sua perna às dele. *Sinta-me.*

Ela sorriu quando sentiu a mão dele se mexer sob a sua, apertando seu seio. E quando aqueles lábios tocaram sua nuca... *Prove-me.*

Mac se virou e ficou de frente para Carter, assim podia ver o azul suave de seus olhos.

– Sinto-me... renovada – murmurou ela. Sem deixar de fitá-lo, deixou que sua mão lhe percorresse o peito e a barriga e descesse até encontrá-lo. – Ei, parece que você também.

– É que muitas vezes certas partes do meu corpo acordam antes de outras.

– Ah, é? – Ela o virou de barriga para cima e se sentou sobre ele. – Acho que terei que tirar proveito disso.

– Nesse caso... – Numa preguiçosa troca de carinho matinal, ele passou as mãos pelo tronco e pelos quadris de Mac. – Você é linda mesmo ao acordar.

– Estou toda descabelada, mas a sua parte que acorda primeiro não vai perceber. – Ela cruzou os braços e puxou a camiseta pelas pontas, tirando-a, e depois jogou-a longe. – Acho agora que essa sua parte nem desconfia que tenho cabelo.

– É como se estivesse pondo fogo no Sol.

– Você leva mesmo jeito, Carter. – Ela prendeu o lábio inferior dele entre os dentes. – Agora, sou eu que vou fazer as coisas do meu jeito.

– Ok.

Ela recuou um pouco e ele se sentou.

– Mas você se importaria se eu...

Mac o puxou pela cabeça, tapando-lhe a boca com um seio.

– Não. – A barriga dela estremeceu em resposta. – Não me importo nem um pouco. Nossa, como você é bom nisso!

– Nada vale tanto a pena.

Suave, firme, quente, macia. Ela era tudo isso. Ele podia se banquetear com ela, quebrar o jejum com aqueles excitantes gostos. Ela o puxou para mais perto, incentivando-o a querer mais, enquanto mexia os quadris para esquentá-lo.

Ela se curvou sobre ele, depois recuou para tirar a calça de flanela. Voltou a puxá-lo, erguendo o seu corpo esguio e pálido, realçado pela luz branda que penetrava pela janela.

Arqueou-se, presa na própria teia de prazer e fez movimentos compassados com o ritmo da sua pulsação. Lento, espesso e profundo, seda deslizando na seda, aço virando veludo. No silêncio da manhã, só se ouviam suspiros, uma respiração oscilante, um nome murmurado.

E os batimentos se aceleravam à medida que o prazer ia ficando mais urgente. Ela o viu observá-la, viu a própria essência preencher os olhos dele enquanto aquela dor se espalhava e intumescia. A pulsação era intensa – urgente e mais rápida agora. Ela o cavalgou, ambos cavalgaram, até atingirem o ápice.

Quando ela perdeu as forças, ele a deitou e lhe deu um abraço apertado, como havia feito durante a noite.

Era como flutuar, pensou Mac, como flutuar dentro de um rio comprido, de águas calmas, límpido e morno. E mesmo que afundasse, ele estaria ali, sustentando-a.

Por que não podia ter isso, aproveitar isso, sem criar obstáculos, desencavar problemas, se preocupar com erros e com o futuro? Por que deixar os talvez, os se e as probabilidades estragarem algo tão maravilhoso?

– Queria ficar aqui – disse ela baixinho. – Exatamente assim. O dia todo.

– Ok.

Ela sorriu.

– Alguma vez na vida já sentiu preguiça? Já se deixou dominar pela preguiça?

– Estar com você não é como se entregar à preguiça. Podemos fazer uma experiência. Quanto tempo somos capazes de ficar nesta cama, sem comer, sem beber ou fazer qualquer outra atividade? Quantas vezes conseguiremos fazer amor num domingo?

– Queria muito descobrir, mas tenho que trabalhar. Temos outro evento hoje.

– A que horas?

– Às três, o que significa que preciso estar lá por volta de uma. E tenho que passar as fotos de ontem para o computador.

– Precisa que eu dê o fora daqui.

– Não. Estava pensando numa chuveirada e num café a dois. Posso até fazer uns ovos mexidos em vez de lhe oferecer o meu café da manhã tradicional com biscoitos.

– Gosto de biscoitos.

– Aposto que você toma café da manhã de adulto.

– Na verdade, minha base são torradas industrializadas.

Ela ergueu a cabeça.

– São deliciosas. Se eu conseguir arrumar água quente, café, biscoitos acompanhados de ovos mexidos, você consideraria ficar para o evento de hoje?

– Consideraria... se acrescentasse uma escova de dentes e um barbeador. E imagino que não deva ter um par de sapatos sobrando.

– Tenho muitos pares de sapatos, mas acredito que esteja se referindo a sapatos masculinos.

– Seria bem melhor. Salto alto machuca os pés.

– Engraçadinho. Na verdade, acho que podemos ajudá-lo. Parker tem um verdadeiro estoque de sapatos sociais para as cerimônias. Os tradicionais sapatos pretos para homem e pretos de salto para mulheres.

– É... bem eficiente.

– É compulsivo, mas já precisamos deles várias vezes. Que número você calça?

– Quarenta e seis.

Ela ergueu a cabeça subitamente.

– Quarenta e seis?

– Pois é.

– Isso não é um pé, é um porta-aviões. – Ela puxou as cobertas para olhar os pés dele. – Você tem pés do tamanho de um navio de guerra.

– É por isso que tropeço tanto neles. Acho que Parker não deve ser compulsiva a ponto de ter sapatos 46.

– Não, nem Parker vai ter. Desculpe, só posso arranjar a escova de dentes e o barbeador.

– Combinado, então.

– Acho que devemos começar pela chuveirada. Precisamos ficar quentes, molhados e com todo tipo de coisa escorregadia pelo corpo. – Olhou para ele e sorriu. – Vejam só quem voltou a acordar! – Rindo, ela rolou para fora da cama e correu para o chuveiro.

Ao se enrolar na toalha, Mac pensou que Carter era tão criativo na vertical quanto na horizontal. Maravilhosamente desprendida, conseguiu arranjar uma escova de dentes, uma lâmina de barbear descartável e até um potinho de creme de barbear desses de kit para viagem.

– Tome. – Virou-se no instante em que Carter bateu o cotovelo ao sair do chuveiro. – Por que você não é desastrado quando está fazendo sexo?

– Acho que presto mais atenção. – Franzindo as sobrancelhas, ele esfregou o cotovelo. – E foi você que me distraiu com a toalha.

– Já que vai se barbear, vou lá embaixo passar um café. Assim não distraio você a ponto de fazê-lo se cortar.

Deu um tapinha no rosto dele e acabou se encostando toda, inteiramente distraída. Quando conseguiu se afastar, jogou a toalha em cima dele.

– Já que a toalha é um problema, fique com ela.

Pegou o roupão que ficava pendurado atrás da porta e saiu nua.

Quando ela sumiu de vista, Carter pegou o barbeador e o examinou meio em dúvida antes de observar a mancha roxa que tinha no queixo.

– Bem, vamos ver se conseguimos fazer isso sem deixar cicatrizes.

Lá embaixo, Mac cantarolava medindo a quantidade de café que ia usar. Nem precisava disso para começar o dia com disposição. Carter já havia se encarregado de tudo. Ele cuidava dela, pensou com um suspiro, e ela se sentia cuidada e apreciada, estimulada e excitada.

Quando foi a última vez que um homem lhe proporcionara tudo isso? Vamos ver... Definitivamente nunca. E, além de todas essas coisas, sentia-se feliz.

Abriu a geladeira e tirou quatro ovos. Devia dar. Pegou uma tigela, um batedor manual e uma frigideira. Queria preparar o café da manhã para ele. Queria fazer algo para comer com ele. Queria cuidar dele, como ele cuidava dela.

Isso devia ser...

Seu pensamento se embaralhou ao ouvir a porta se abrindo.

– Em? Se veio atrás de café, é melhor devolver as canecas que pegou emprestadas.

Virou-se, esperando ver a amiga, e deu de cara com Linda entrando na cozinha.

– Mãe? – O rosto de Mac ficou paralisado. – O que está fazendo aqui?

– Passei para ver minha filha. – Com um sorriso radiante, Linda abriu os braços e atravessou o cômodo para dar um grande abraço em Mac. – Ah, você está tão magrinha. Devia ter virado modelo em vez de ficar atrás das câmeras. Fez café, que maravilha. Tem leite desnatado?

– Não, mãe. Desculpe, mas não é uma boa hora.

– Por que está tentando ferir os meus sentimentos?

Linda esboçou um beicinho que era ao mesmo tempo fofo e eficaz, como ela bem sabia. Os olhos azul-claros irradiavam dor e a boca macia e rosada conferia-lhe um ar indefeso com aquele ligeiro tremor.

– Não queria magoar você. É que... temos um evento hoje e...

– Você *sempre* tem um evento. – Linda fez um gesto desdenhoso com a mão. – Pode passar cinco minutos com a sua mãe, não pode? – Enquanto falava, Linda jogou o casaco em cima de um banco. – Eu me despenquei até aqui para agradecer pessoalmente pelo spa. E para pedir desculpas. – Aqueles olhos azuis revelaram um brilho de emoção e lágrimas contidas. – Não devia ter sido tão rabugenta depois de você ter sido tão doce comigo. Desculpe.

Estava sendo sincera, pensou Mac. Nem que fosse só naquele instante.

Em vez de se abalar com sentimentos transitórios, Mac foi pegar uma caneca no armário. O melhor a fazer era lhe dar um café para que fosse embora logo.

– Que linda a sua roupa. Está bem-arrumada demais para uma simples passadinha aqui.

– Ah, essa roupa? – Linda deu uma voltinha para exibir o terninho vermelho que lhe realçava as curvas e contrastava com o cabelo louro. – É fabuloso, não acha? – Deixou a cabeça pender para trás e riu até Mac sorrir também.

– É. Especialmente em você.

– Acha que combina com as pérolas? Não fiquei muito senhoril?

– Nada deixa você senhoril. – Mac lhe passou a caneca.

– Ah, querida, você não tem uma xícara e um pires decentes?

– Não. Aonde vai com essa roupa?

– Vou tomar um brunch no Elmo. Com o Ari.

– Com quem?

– O Ari. Eu o conheci no spa. Já falei sobre ele com você. Mora na cidade. Tem olivais e vinhedos e... não sei exatamente, mas isso não importa. Hoje em dia o filho dele é que toma conta da maior parte dos negócios. Ari é viúvo.

– Ah.

– Acho que pode ser minha alma gêmea. – Deixando de lado o café, Linda levou uma das mãos ao peito, sobre o coração. – Ah, Mac, foi um encontro de mente e espírito, uma conexão tão grande! Deve ter sido o destino que me enviou para aquele spa no mesmo período em que ele estava lá.

Os meus 3 mil dólares enviaram você para o spa, pensou Mac.

– Ele é muito bem-apessoado, tem um jeito distinto. Viaja para *todo* canto. Tem uma segunda casa em Corfu, um *pied-à-terre* em Londres e uma casa de veraneio nos Hamptons. Eu mal tinha saído do spa quando ele ligou me convidando para um brunch hoje.

– Então divirta-se. Devia se apressar, daqui até a cidade é bastante chão.

– É mesmo, e meu carro ontem começou a fazer uns barulhos estranhos. Preciso pegar o seu emprestado.

– Não dá, vou precisar dele.

– Ué, você fica com o meu.

E com os barulhos estranhos, pensou Mac.

– No seu conversível de dois lugares não cabem as minhas coisas. Tenho reuniões com clientes amanhã e uma sessão externa, o que significa que terei que levar meus equipamentos. Preciso do meu carro.

– Meu Deus, Mackensie, eu o trarei de volta esta noite.

– Foi o que você disse na última vez. Você o levou e eu não o vi por três dias.

– Foi um fim de semana prolongado que não estava nos planos. O seu problema é que nunca faz nada de forma espontânea. Tem que ter tudo agendado e regulado. Quer que eu fique enguiçada na beira da estrada? Ou que sofra um acidente? Não pode pensar em mais ninguém além de você mesma?

– Desculpem-me por interromper. – Carter estava no alto da escada. – Como vai? A senhora deve ser a mãe da Mackensie.

capítulocatorze

ELAS NÃO PODERIAM SER MAIS diferentes aos olhos de Carter. A baixinha e arredondada loura, de terninho vermelho feito sob medida, e a ruiva alta e magra, com seu roupão quadriculado.

Ainda assim, ambas ficaram congeladas e olharam para ele com uma expressão que denotava um misto de terror e embaraço. Depois, até essa conexão se desfez, já que os olhos de Mac se entristeceram e os de Linda exprimiram uma astúcia calculada.

– Ora, ora. Mackensie não me disse que estava acompanhada. E nem que a companhia dela era tão bonita. Mackensie, onde estão os seus modos? Até parece que foi criada na roça. Sou Linda Barrington, mãe da Mackensie. – Ela ficou exatamente onde estava, mas estendeu a mão. – Muito prazer em conhecê-lo.

– Carter Maguire.

Ele foi até ela. Quando segurou a mão que Linda lhe estendia, ela apertou a dele, com força, entre as suas.

– Bom dia, Carter. Onde foi que a Mac teve a felicidade de encontrá-lo?

– Gosto de pensar que fui eu que a encontrei.

– Que galanteador! – Deu uma gargalhada e jogou o cabelo para trás. – Você é de Greenwich, Carter?

– Sou, sim. Minha família é daqui.

– Maguires, Maguires, não sei se os conheço. Mackensie, pelo amor de Deus, dê a ele um pouco de café. Sente-se, Carter. – Deu um tapinha num banco, como um convite. – E me conte tudo.

– Queria muito ter tempo, mas Mackensie e eu temos que nos arrumar para um evento.

– Ah! Você também é fotógrafo?

– Não, só estou ajudando.

Ela o olhou de cima a baixo, de forma rápida e sedutora.

– Você com certeza parece prestativo. Ao menos me faça companhia enquanto tomo meu café e a Mac vai se vestir. Mac, vá se arrumar. Está parecendo uma mendiga.

– Pois eu estava justamente pensando em como você está linda – atalhou Carter. – Bem com cara de domingo de manhã.

Linda deu mais uma gargalhada.

– Não disse que você era galanteador? Reconheço de longe. Tome cuidado, Mackensie, não deixe que lhe roubem este aqui. Agora, Carter, sente-se e me conte tudo sobre você.

– Leve o carro. – Mac pegou as chaves dentro de um cesto que ficava em cima da bancada. –

Leve o carro e vá embora.

– Minha nossa, Mackensie, não precisa ser grosseira – disse Linda, mas aceitou as chaves.

– Se quer o carro, aí estão as chaves. Minha oferta é válida por exatamente trinta segundos.

De queixo erguido, Linda pegou seu casaco.

– Peço desculpas pelo comportamento da minha filha, Carter.

– Não é necessário. Não mesmo.

– Tomara que este seja tolerante ou vai acabar ficando sozinha. De novo. – Lançando um último olhar para Mac, Linda saiu.

– Bem, isso foi revigorante. Preferia que não tivesse lhe dado as chaves – disse Carter, indo até ela.

Mac estendeu um braço para detê-lo.

– Não faça isso. Por favor. Lamento que tenha sido obrigado a presenciar essa situação, mas não faça isso.

– Não fazer o quê?

– Nada. – Ela ergueu o braço um pouco mais e deu um passo atrás. – Não sei onde é que a estava com a cabeça. Só Deus sabe. Eu disse a mim mesma que era um erro. Sabia que devia ter parado antes que as coisas ficassem complicadas. Mas fui pega. A culpa é minha.

– Acredito que não esteja mais falando da sua mãe.

– Desculpe, Carter, me desculpe. Quero dizer, isso que está acontecendo entre nós. Não vai dar. Não tenho como ir aonde você quer que eu vá. Não é você, é que...

– Não – interrompeu ele. – Não nos transforme num clichê. Você é melhor que isso. Nós somos melhores que isso.

– Sou *eu*! – Como sua voz estava querendo falhar, ela falou mais alto. – Não estou preparada para isso. Não sou uma garota de longo prazo. Sou do gênero que entra em pânico e sai correndo da sua casa quando sente que está ficando muito confortável.

– Ah, essa é a explicação.

– Essa sou *eu*. Consegue entender? Não sou a pessoa que você está procurando.

– Pode me dizer o que quiser, Mackensie, mas não o que estou procurando.

– Claro que posso... Você está... entusiasmado o bastante para imaginar que temos futuro. Para querer um futuro. Você é tradicional até os ossos, Carter, e daqui a pouco tempo vai querer um compromisso sério, casamento, família, casa e um gato de três patas. É da sua natureza e estou dizendo que a sua natureza não combina com a minha.

Atirou o batedor de ovos que não tinha usado dentro da pia.

– Você nem me conhece. Isso foi um flerte, uma atração sexual, o reflexo de uma coisa antiga. Era só uma quedinha que o deixava intrigado e que alimentou o meu ego, e deixamos que as coisas fossem longe demais, rápido demais. Estamos andando sem destino certo, porque a estrada está boa. Mas ela tem buracos e quebra-molas. Meu Deus, nós nem sequer brigamos, como podemos pensar...

– Está certo – interrompeu ele mais uma vez. – Estamos prestes a ter uma briga. Não tenho certeza a respeito de quem você acha pior neste momento, se eu ou você mesma. Quero

compromisso, casamento, família e o diabo do gato, que já tenho, obrigado. Isso não faz de mim um idiota.

– Eu não disse...

– Buracos e quebra-molas? Bem-vinda ao mundo. Toda estrada tem isso. Temos que contorná-los, evitá-los, passar por cima deles ou sair pelo outro lado. O seu problema é que continua dirigindo em frente, caindo direto no buraco que é a sua mãe, fazendo com que isso estrague o restante da viagem. Ela não é culpada por sua pouca habilidade de condução. Você é.

– Sei muito bem disso... Só um minuto. Pouca habilidade de condução? – Os primeiros vestígios de irritação começaram a aparecer naquele rosto que estava ficando vermelho. – Sei muito bem aonde estou indo e como vou chegar lá. Só peguei um desvio. E pare de falar por metáforas.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Acho que pegou o desvio e bem que gostou. Desvio, uma ova. Nós temos algo. Pode ser algo que nenhum dos dois esperava, mas é real.

– Sinto alguma coisa por você, Carter. É claro que sinto. É óbvio. E é por isso que estou dizendo que precisamos dar um passo atrás. Temos que reavaliar.

– Por que deixa que ela conduza a sua vida?

– O quê? Não deixo, não.

– Ela é egoísta, egocêntrica e acaba emocionalmente com você porque deixa, cede, dá o que ela quer, em vez de bater de frente.

– O que está dizendo é ridículo e injusto! – O tom furioso de Mac contrastava com a calma dele, o que a fez se sentir idiota. – Emprestei o maldito carro para ela sumir daqui. E isso não tem nada a ver com o que estamos discutindo.

– Então eu diria que você precisa reavaliar esse aparente relacionamento doentio.

– Isso é problema meu.

– É mesmo.

Ela respirou fundo uma vez e depois outra.

– Não quero brigar com você. Não seria capaz de brigar com você agora nem se quisesse. Tenho que trabalhar e me preparar para o evento e... Meu Deus!

– Entendo. Vou deixá-la em paz.

– Carter, não quero que a gente fique chateado um com o outro. – Ela passou a mão no cabelo enquanto ele pegava o casaco. – Não quero magoar você. Não quero que ache que você, ou tudo isso, não significa nada para mim.

– São muitas frases com "não", Mackensie. – Olhando para ela, ele vestiu o casaco. – Pode tirar na sorte para ver o que realmente quer. – E se encaminhou para a porta. – Só quero fazer uma correção: não estou entusiasmado. Estou apaixonado por você. É algo com que ambos teremos que lidar.

Carter saiu, fechando a porta devagar.

Conseguiria sobreviver a isso. Seja lá o que estivesse sentindo no coração e no estômago, essa

coisa não podia ficar na sua cabeça durante o evento. Deixe isso de fora, disse a si mesma, porque o dia não é seu, assim como o anterior não fora do idiota do irmão do noivo.

– Vai me dizer o que há de errado? – perguntou Emma enquanto circulavam pelo salão de baile.

– Não. Não tem nada a ver com o trabalho.

– Vi o carro da sua mãe perto do estúdio. Mas não vi o seu.

– Agora não, Em.

– Isso está piorando. Vamos conversar depois.

– Não quero conversar. Não tenho tempo para comer biscoitinhos nem para sessões de autoajuda. Estou trabalhando.

Até parece, pensou Emma, e foi procurar Parker.

– Tem alguma coisa errada com a Mac.

– É, eu sei. – Parker estava perto da longa mesa da entrada, supervisionando a transferência de presentes para a limusine estacionada lá fora. – Vamos resolver isso depois.

– Ela vai tentar fugir. – Como Parker, Emma exibia um sorriso estudado. – Estou preocupada porque ela não está brava. Normalmente, depois de lidar com a mãe, ela fica furiosa.

– Não podemos fazer nada por ora. Vai começar a última dança – disse Parker depois de checar as horas. – Ela quer tirar as fotos da saída lá fora. Se estiver mesmo muito aborrecida, vai direto de lá para casa. Então, iremos atrás dela para sondar o terreno.

Se tivesse usado a cabeça, Mac perceberia que as amigas estavam com segundas intenções. Mas o alívio de ver que o evento havia terminado e de saber que tinha feito bem o seu trabalho bloqueou todo o resto.

Baixou a câmera ao ver a limusine se afastar.

– Teremos uma rápida reunião quando todos tiverem ido embora – anunciou Parker.

– Eu vou para o estúdio. Depois copio as anotações de vocês.

– Não vai demorar. Temos que nos certificar de que está tudo em ordem para a apresentação de amanhã. Boa noite, dirijam com cuidado. – Parker sorriu para um grupo de convidados que estava saindo. – Acho que são os últimos. Vamos dar uma geral. Nos encontramos no segundo andar, ok?

Aborrecida, Mac subiu a escada. Droga! Queria ir para casa. Queria ficar sozinha e trabalhar até os olhos começarem a ficar embaçados. Depois queria ir para a cama e dormir para esquecer os problemas.

Mas não, antes tudo tinha que ser arrumado. Era a Lei de Parker.

O pessoal da limpeza já tinha arrumado as suítes dos noivos, mas, por via das dúvidas, ela foi verificar os banheiros. Certa vez encontraram um convidado dormindo aos pés da banheira que ficava na suíte da noiva na manhã *seguinte* ao evento.

Quando terminaram a verificação de segurança, Mac pensou em fugir por uma das portas laterais para não ir à reunião. Mas isso deixaria as outras irritadas e iriam atrás dela.

Não queria passar por nenhum embate, nenhuma cena emotiva. *Já tinha ultrapassado sua cota,* pensou. Por isso, seria uma boa menina e participaria da reunião pós-evento e da checagem da apresentação do dia seguinte.

Seria melhor assim. Teria menos tempo para pensar – um dos últimos itens da lista de afazeres que queria cumprir.

Não ficou surpresa ao ver Laurel trazer chá e minissanduíches. As reuniões da Votos tradicionalmente tinham comida e bebida de alguma espécie.

– Belo evento – disse Laurel em tom casual. – Ninguém deu soco na cara de ninguém. Ninguém tentou entrar de penetra e, até onde sabemos, ninguém usou banheiros para fazer sexo inapropriado.

– Os eventos de domingo costumam ser tranquilos. – Emma tirou os sapatos e se espreguiçou.

– Você se esqueceu do casamento de Greenburg e Fogelman?

– Ah, é mesmo. Teve tudo isso e muito mais.

Incapaz de se sentar e ficar quieta, Mac foi até a janela.

– Está começando a nevar. Pelo menos foi depois de todo mundo ir embora.

– Foram mesmo – disse Parker ao entrar. – A equipe de limpeza está no salão de baile. A Sra. Seaman é capaz de querer dar mais uma olhada amanhã e tudo tem que estar brilhando. Laurel, qual é o cardápio?

– Uma seleção de miniaturas de doces, café, chá e suco de laranja fresco. Depois, na minha apresentação, que será a última, haverá degustação de bolos. Teremos ainda umas amostras de chocolates com os monogramas dos noivos em dourado. Fiz em vários estilos. Vou mostrar fotografias e desenhos de bolos para os noivos e darei algumas sugestões, caso queiram bolos para os convidados. O mesmo vale para as opções de sobremesas. Preparei umas caixas de chocolates para presentear a noiva e a mãe dela e mais algumas, caso elas tragam mais gente. Bem precavida.

– Muito bem. Agora você, Emma.

– A noiva gosta de tulipas e disse que queria que elas fossem uma espécie de assinatura sua no casamento. Vou propor que o casamento seja no jardim, já que será em abril. Vou apresentar uma enorme quantidade de tulipas, em vasos de cristal, de diversos formatos e tamanhos. E rosas, claro. Vou pôr lado a lado arranjos com cores e aromas de primavera. Além de flores para lapela. Uma tulipa branca com um raminho de alfazema para lhe dar destaque. Fiz três buquês de seda, desenhados para ela com exclusividade. E um deles tem como destaque justamente as tulipas. Acho que ela vai escolher esse. Se escolher, está pronto.

Fez uma pausa e correu os olhos pela lista.

– Fiz ainda algumas opções para as acompanhantes; também com cores de primavera, pois a noiva ainda não escolheu as cores. Tenho algumas fotografias além das amostras que fiz. Ela já viu o meu espaço e muitas das minhas amostras e dos meus expositores, mas fiz umas mudanças e adaptações para ela. Laurel me ajudou a esboçar umas propostas para a pérgula. Tive a ideia de usar cornisos pequenos em grandes vasos brancos, como um pano de fundo. Podemos ornamentá-los com luzinhas. Para as mães, queria sugerir um porta-buquê, no lugar do buquê simples. Já fiz alguns para mostrar. Vou preparar uns arranjos para cada uma delas levar para casa.

– Temos muitas fotos de todos os espaços enfeitados para casamentos de primavera. – Parker olhou para Mac.

– Já reuni as que me parecem mais adequadas para darmos de exemplo para essa cliente. E em algumas fiz uns ajustes. Como já conversamos, em abril o tempo é instável, por isso elas devem querer tendas.

– Tendas de seda.

Mac assentiu para Parker.

– Li a sua proposta. E vi os esboços da Laurel. Não temos fotos desse cenário especificamente, mas temos algumas que se aproximam bastante. Reuni um bom portfólio de fotos de noivado e casamento, além de outro, com as fotos que saíram em revistas. Elas deram uma olhadinha nos álbuns quando vieram aqui e você disse que os olhos da mãe chegaram a brilhar com a ideia de fazer um livro de arte. Vou trazer um para mostrar. E pretendo tirar um retrato da mãe e da filha aqui, durante a apresentação. Depois passo para o papel, emolduro, faço um embrulho e envio para a mãe.

– Fantástico! – Parker sorriu. – Está excelente. Eu tenho três cenários, de diversos estilos, que as abrangem desde o ensaio até a partida. Hesitei um pouco, mas preferi avançar com o que me pareceu melhor.

– O de princesa feiticeira do século XXI – disse Emma. – Meu favorito.

– Nós quatro já discutimos uma centena de horas sobre isso – disse Laurel. – Estou com todos os dedos cruzados.

Emma assentiu, resoluta.

– Estou com um bom pressentimento sobre tudo isso.

– Você tem bons pressentimentos a respeito de muita coisa. Se for só isso, tenho um monte de trabalho me esperando.

– Estamos quase terminando – disse Parker quando Mac começou a se levantar. – O que está doendo, Mac?

– Meus pés, principalmente.

– É melhor falar logo. – Laurel pegou um minissanduíche. – Somos três contra uma.

– Não acho. E não entendo por que temos que ficar falando, discutindo, conversando toda vez que uma de nós está num clima ruim.

– Somos mulheres – disse Emma. – A sua mãe levou o seu carro.

– É, minha mãe levou meu carro. Caí na emboscada dela hoje de manhã. Estou irritada. E continuarei irritada quando ela resolver trazê-lo de volta, com certeza sem combustível e com o para-lama amassado. Fim da história.

– Sei bem quando você está irritada. – Parker encolheu as pernas. – Não era assim que estava hoje.

– É assim que estou agora.

– Porque esse problema é o de menos. Carter estava na sua casa quando você caiu na emboscada, não é?

– Ela deu em cima dele, como faz com qualquer coisa que tenha um pênis. Podem imaginar como foi constrangedor?

– Ele ficou chateado? – perguntou Emma.

– Por causa dela? – Mac se levantou e foi de novo até a janela. – Não sei, não tenho certeza. Estava ocupada demais me sentindo infeliz para notar. Então, dei as chaves do carro para que ela fosse embora.

– Nem vou perguntar por que ela queria o seu carro. – Laurel pegou uma xícara de chá. – Que diferença faz? O que eu quero saber é por que você ficou chateada com o Carter.

– Não fiquei. Estou chateada comigo mesma. Por deixar isso acontecer, por deixar isso ir longe demais, por não *pensar*, por me afastar tanto do Planeta Realidade.

– Não está mais falando da bruxa da Linda – concluiu Laurel.

– Ah, Mac! – Os olhos de Emma se encheram de compaixão. – Você brigou com o Carter.

– Não. Quero dizer, sim. Ou não. – Frustrada, Mac se virou para elas. – Não é possível brigar com alguém como ele. Numa briga, as pessoas gritam, esbravejam. Elas dizem coisas e depois se arrependem. É por isso que se chama briga. Tudo que ele consegue fazer é ser racional.

– Que homem terrível – declarou Laurel, recebendo com isso um olhar zangado.

– Tente só. Tente fazer alguém como Carter entender que você foi pelo caminho errado e veja tudo o que está dizendo sendo ricocheteado no muro calmo da sua lógica.

– Você terminou com ele. – Pelo tom, a compaixão de Emma agora estava voltada para Carter.

– Não sei o que fiz. Além do mais, como se pode terminar com alguém quando não se disse ainda que se estava junto? Oficialmente. Tem a ver comigo, a culpa é minha, e ele nem sequer ouve isso. Sei que deixei as coisas irem longe demais. Fui arrebatada, tomada, ou seja lá que nome isso tenha. E, quando a minha mãe entrou lá em casa hoje de manhã, levei uma bela bofetada que me trouxe de volta à realidade.

– Vai deixar que ela controle você desse jeito? – perguntou Parker.

– Não é bem assim – disse Mac num tom feroz, em parte porque temia que fosse exatamente assim. Sem tirar nem pôr. – Não quero magoá-lo. Tudo se resume a isso. Ele acha que está apaixonado por mim.

– Acha? – repetiu Laurel. – Não devia dizer *está?*

– Está fantasiando essa história, me fantasiando, fantasiando tudo.

– Esse é o mesmo sujeito que não consegue deixar de ser racional. O muro calmo de lógica. – Com os lábios apertados, Parker inclinou a cabeça. – Mas, no que diz respeito a você, ele fica atolado em fantasias?

– Ele pode ter várias camadas – argumentou Mac, de repente se sentindo cansada e derrotada.

– Acho que a questão central não tem a ver com como Carter se sente ou deixa de se sentir a seu respeito, mas sim como você se sente ou deixa de sentir a respeito dele. Está apaixonada, Mac?

Mac encarou Parker.

– Gosto dele. Essa é a questão.

– Isso é o que eu chamo de fuga – disse Laurel. – A pergunta deveria ser respondida com sim ou não.

– Não sei! Não sei o que fazer com todos esses sentimentos embolados dentro de mim. Ele entra na minha vida, dá de cara na parede e eu é que fico zonza. Você disse que ele não fazia o meu tipo, disse isso de cara. E estava certa.

– Na verdade, acho que essa foi uma das raras ocasiões em que me enganei. Mas você precisa decidir por conta própria. O que me chateia, Mac, o que me desaponta é ver você usar a Linda como um parâmetro para relacionamentos. Porque ela definitivamente não serve para isso.

– Preciso de um tempo, só isso. Preciso de tempo para encontrar o meu equilíbrio, o meu ritmo. Não vejo como encontrar nenhum dos dois quando estou perto do Carter.

– Então, tire esse tempo – aconselhou Parker. – Para ter certeza.

– Vou fazer isso. Preciso fazer isso.

– Só mais uma coisa. Se Carter ama você, estou do lado dele.

Kathryn Seaman chegou com a filha, Jessica, na manhã de segunda-feira, às dez em ponto. Mac sabia que aquele era o tipo de pontualidade que aquecia o coração eficiente de Parker. Mas ela própria achava isso um pouco assustador.

O excesso de trabalho, o nervosismo e aquele turbilhão emocional se misturavam desconfortavelmente no seu estômago quando foi se sentar no salão com as sócias e as clientes potenciais. Emma encheu o ambiente de tulipas, levando a primavera para dentro do cômodo aquecido pelo fogo crepitante da lareira. Parker pôs em uso o magnífico serviço de chá Meissen que fora da sua avó, bem como os cristais Waterford e os talheres de prata da Geórgia, todos perfeitos para acompanhar os vistosos doces e salgados de Laurel.

Se ela quisesse uma imagem de luxo, sofisticação e feminilidade, com certeza seria aquela.

Depois da breve conversa habitual sobre o tempo, Parker foi direto ao assunto.

– Estamos muito entusiasmadas por terem pensado na Votos para o grande dia. Entendemos como é importante que se sinta confortável e confiante com relação a cada detalhe que envolve a organização de um casamento que espelhe quem você é e o que você e Josh representam um para o outro. Queremos que aproveite esse dia e todos os outros que nos levarão até ele, sabendo que *você* é o nosso foco. Queremos o que você quer, um dia perfeito e lindo, cheio de lembranças que ficarão gravadas pelo resto da sua vida. Para atingir essa meta, tivemos algumas ideias. Mas, antes de mostrarmos a primeira proposta, tem alguma pergunta que queira fazer?

– Eu tenho. – Kate Seaman abriu um bloquinho no colo.

Enquanto a filha ria, revirando os olhos, ela começou a bombardear Parker com perguntas.

Parker respondeu sim a todas elas. Forneciam isso assim, podiam lidar com isto, tinham um fornecedor para aquilo e uma amostra daquilo outro. Quando as perguntas se voltaram para a decoração, Emma tomou a palavra:

– Além das flores do casamento, usaremos flores da estação e poremos vasos nos canteiros e nos jardins. Essas flores serão selecionadas com o único propósito de realçar os arranjos que Jessica escolher. Sei que o casamento acontecerá no início da primavera, mas posso prometer que ela estará presente no dia do casamento.

– Se eles esperassem até maio...

– Mãe. – Jessica deu um tapinha na mão dela. – Nós nos conhecemos em abril e estamos decididos quanto à data por uma questão sentimental. Tem muito tempo pela frente, o bastante

para organizar tudo. Ainda que um milhão de detalhes precise ser providenciado.

– É para isso que estamos aqui – emendou Parker.

– Logo, logo vai haver a festa de noivado no clube e temos que mandar fazer e distribuir os convites.

– Podemos cuidar disso para vocês.

Jessica se deteve, mordendo os lábios.

– É sério?

– Claro. Só precisamos da lista. Temos vários modelos de cartões. Talvez você prefira os mais pessoais, criados com a foto do noivado ou com outra de que você e Josh gostem particularmente.

– Adorei a ideia. E você, mãe?

Minha vez, pensou Mac.

– A própria foto do noivado pode ajudar vocês a decidirem se gostam daquele estilo ou se querem algo mais tradicional. Marcar a data, o local, achar o vestido perfeito e tirar a foto do noivado são os primeiros detalhes. Uma vez que estiverem definidos, já permitem que sua mente e seu tempo fiquem livres para o resto. Além disso, são esses elementos que determinam o tom do casamento.

– Você tem exemplos?

– Tenho. – Mac se levantou e foi pegar o portfólio das fotos de noivado para entregar a Kate. – Acredito que a foto do noivado é tão importante quanto a do casamento. Ela representa a promessa feita, a intenção, a alegria e a antecipação. O que fez essas pessoas se unirem? Porque selaram essa primeira promessa? Meu trabalho é gerar a fotografia que vai anunciar aos amigos, à família e a todos os outros que Jessica e Josh encontraram um ao outro.

– No seu estúdio? – perguntou Kate.

– Pode ser, ou em qualquer lugar que o casal desejar.

– No clube – decretou Kate. – Durante a festa de noivado. Jessie tem um vestido maravilhoso. Ela e Josh ficam lindos juntos com roupa social. E Jessie vai usar os rubis da minha mãe.

Com os olhos marejados, Kate estendeu o braço e pegou na mão da filha.

– É uma excelente ideia e gostaria muito de realizá-la. Mas tenho outra ideia para esse retrato. Jessica e Josh se conheceram cavalgando e essa é uma paixão que partilham. Gostaria de fotografá-los em cima de um cavalo.

– Em cima de um cavalo? – Kate franziu a testa. – Não é para ser uma foto qualquer. Não quero Jessica com calça e chapéu de montaria na foto do noivado. Quero que ela brilhe.

– Pensei num brilho mais discreto. Romântico, com um toque de fantasia. Jessica tem um cavalo castanho, o Trooper.

– Como você sabe?

– Faz parte do nosso trabalho saber coisas sobre os clientes. Mas não precisa ficar com medo – acrescentou Mac, fazendo a moça rir. – Imagino Jessica e Josh cavalgando o Trooper juntos. Josh de smoking, com o nó da gravata desfeito e os primeiros botões da camisa desabotoados; e Jessica atrás dele, com um belo vestido vaporoso... e os rubis da avó – acrescentou. – Com os braços

passados na cintura dele e o cabelo solto, ao vento. O fundo seria apenas um borrão de cores e formas.

– Ai, meu Deus – murmurou Jessica. – Amei essa ideia. De verdade. O que acha, mãe?

– Parece... bonito. Mágico.

– E acho que vão concordar que essa ideia combina perfeitamente com o conceito que elaboramos para o casamento. Parker.

Levantando-se, Parker se dirigiu ao cavalete que já estava montado.

– Temos fotos que podem lhes dar uma noção do plano geral e dos detalhes do que já fizemos antes e do que podemos fazer, mas, como o seu casamento será único, preferimos fazer esboços do que imaginamos para o seu dia.

Tirou a capa que cobria o primeiro esboço.

– A terra das fadas – disse, e Mac imaginou cada uma das sócias sentindo o mesmo arrepio que ela quando a noiva soltou um gritinho abafado.



– Acho que conseguimos. E vocês? Nossa, estou exausta – disse Emma, esticando-se no sofá. – E um pouco enjoada. Comi doce demais para ficar menos nervosa. Vocês acham que conseguimos?

– Se não tivermos conseguido, vou fazer uma vaquinha e pagar para darem uma surra em Kathryn Seaman. – Laurel acomodou os pés sobre a pilha de álbuns que estava na mesinha de centro. – Que mulher durona!

– Ela ama a filha – comentou Parker.

– É, isso dá para perceber, mas, caramba, nós apresentamos o casamento praticamente perfeito e não conseguimos fazê-la assinar o contrato.

– Mas ela vai. Caso contrário, não vamos precisar da vaquinha. Eu mesma a mato. – Parker saiu andando pelo aposento, massageando o pescoço. – Ela precisa pensar em tudo, conversar com o marido, e Jessica precisa falar com Josh para saber a opinião dele. É razoável. Normal.

– Kate é quem está no comando – observou Mac. – Acho que só quer nos torturar. Ela ficou completamente convencida ao ver o bolo Palácio Real.

Laurel mordeu o lábio.

– Acha mesmo?

– Eu estava olhando para ela, comecei a observá-la como um gato faz com um rato, ou talvez eu fosse o rato e ela o gato. Mas estava olhando para ela. Seus olhos brilharam quando viu o bolo. Consegui até ouvi-la pensar: "Ninguém vai ter esse bolo em forma de palácio senão a minha menininha." Tiramos 10 em tudo. As duas ficaram sonhando com os cornisos e a iluminação de conto de fadas de Emma. E o buquê com cascata de tulipas? Jessie quer esse buquê de qualquer jeito. Depois, a mãe mencionou, como quem não quer nada, que o marido não era nenhum pé de valsa, e Parker foi procurar na sua coleção mágica de cartões de visita o contato de um professor particular de dança.

– Isso foi muito bom – concordou Emma. – De qualquer forma, a mãe quer o que a sua menininha quer, e a sua menininha nos quer. Posso sentir isso. – Deixou escapar um suspiro e se

levantou. – Tenho que ir preparar 55 narcisos para uma despedida de solteira. Levem algumas tulipas.

– Vou ver se o meu carro voltou. Tenho uma externa e um monte de visitas a clientes para fazer. – Mac olhou para Parker. – Se ela não tiver aparecido, você me empresta o seu carro?



Algumas pessoas, pensou Parker, diriam que estava se metendo, que não era da sua conta. Bem, algumas pessoas não a conheciam.

Ela resolvia problemas. E, se nem ao menos tentasse resolver um problema para a amiga mais antiga, para que servia ter essa fama de solucionadora de conflitos?

Foi ao Coffee Talk determinada a fazer o melhor para todos.

Aquele bando de gente que ia ali domingo à noite provocava muito zum-zum-zum. Parker distinguia também o barulho das máquinas de moer e fazer café, enquanto dava uma olhada geral no ambiente. Então viu Carter numa mesa para dois e, com um sorriso, foi até ele.

– Oi, Carter. Obrigada por ter vindo.

– De nada. Tiveram um evento hoje, não é?

– De tarde. Deu tudo certo. – Não valia a pena perder tempo, pensou. – Mac estava infeliz e chateada, mas deixou isso de lado por causa dos clientes.

– Lamento tê-la chateado.

– E ela lamenta ter chateado você. Mas... – prosseguiu Parker antes que ele pudesse falar – ... a mãe dela é que é o problema. Nós três sabemos disso, embora nossas reações sejam diferentes.

– Mackensie estava com vergonha. Não precisava, não por minha causa.

– Linda sempre a deixa assim. – Parker virou-se para a garçonete que parou diante da mesa. – Um chá de jasmim, por favor.

– É para já. E para o senhor, Dr. Maguire?

– Boa pedida. Podem ser dois.

– Carter, quero lhe contar um pouco do histórico dessas duas para que você entenda o motivo disso tudo. O que você e Mac farão depois é problema de vocês.

Enquanto falava, Parker tirou as luvas e abriu o casaco.

– Não sei o que Mac já contou, e ela vai ficar muito irritada comigo por eu expandir as informações que lhe deu, mas vamos lá. Os pais dela se divorciaram quando ela tinha 4 anos. O pai, que ela adorava, se afastou dela com a mesma facilidade com que se afastou de Linda. É um homem negligente. Não é calculista como Linda, só não se importa com a Mac. É herdeiro, cresceu tendo um belo fundo fiduciário à sua disposição. Vindo de mim, essa observação pode parecer hipócrita, mas...

– Não parece, não. Você, o Del e os seus pais sempre contribuíram de alguma forma.

– Obrigada. Geoffrey Elliot vai aonde quer, faz o que lhe agrada e prefere evitar qualquer tipo de perturbação. Linda vai abrindo o seu caminho pela vida, puxando daqui, empurrando dali. Ela recebeu uma bolada do pai da Mac e gastou tudo. – Parker sorriu. – As crianças ouvem essas coisas, mesmo quando, supostamente, ainda não sabem o que significam.

– Ele tinha que dar uma pensão para a filha.

– É. Mac tinha casa, comida e roupas. E, claro, a mãe dela também. Os dois se casaram com outras pessoas antes de Mac fazer 7 anos. Linda se divorciou de novo dois anos depois disso.

Ela fez uma pausa para esperar o chá ser servido.

– Depois disso, foram muitos homens, muitos casos e muitos dramas. Linda se alimenta de drama. Geoffrey também se divorciou de novo e voltou a se casar. Tem um filho com a terceira esposa e passam a maior parte do tempo na Europa. Linda tem uma filha do segundo casamento.

– Mac me disse que tinha dois meios-irmãos.

– Eles quase nunca se veem. Eloisa passava e ainda passa muito tempo com o pai, que obviamente a ama muito.

– Deve ter sido bem difícil ver que a irmã tinha isso e ela não.

– É. E, por isso, na maior parte do tempo, só a Mac estava em casa, e Linda esperava coisas dela, exigia coisas dela e a usava. É o seu jeito. Voltou a se casar. Elas se mudavam de casa e de bairro toda vez que Linda se casava. E Mac tinha que mudar de escola. Linda tirou Mac da escola em que você trabalha quando se separou do terceiro marido. Depois, uns anos mais tarde, voltou a matriculá-la por um breve período, porque, pelo que se ficou sabendo, estava envolvida com um cara casado, que fazia parte do conselho.

– Mac nunca teve estabilidade. Nada com que pudesse contar – murmurou Carter.

Parker suspirou.

– A vida toda Mac teve que aguentar a mãe chorando no seu ombro sempre que era destratada, que alguém a magoava ou quando tinha outro problema qualquer. Linda foi criada para acreditar que era o centro do universo e fez tudo para que Mac acreditasse nisso também. A nossa Mac é uma mulher forte. Inteligente, autoconfiante, brilhante no que faz. Mas esse ponto fraco é como uma ferida que não cicatriza porque Linda fica arrancando a casca. Mac cresceu cercada de insensibilidade e tem medo de ser insensível.

– Ela não confia em nós porque nada em sua vida lhe deu fundamento para confiar.

– Você é um bom ouvinte. Essa foi uma das primeiras coisas que ela me disse a seu respeito. Vou lhe dar um trunfo, Carter, e ela também não me agradeceria por isso. Mas vou lhe dar esse trunfo porque a amo.

– Saberei usá-lo.

Parker esticou o braço e pôs a mão em cima da dele no outro lado da mesa.

– Nunca a vi desse jeito como está com você. Nunca a vi se importar tanto com alguém. Por causa disso, essa história com você, o que ela encontrou em você, a deixa assustada.

– Já tinha percebido isso, pelo menos com relação à parte de estar assustada. Como alguém que a ama, o que me aconselha a fazer?

– Esperava mesmo que fosse perguntar – disse Parker com um sorriso. – Dê a ela um pouco de espaço, um pouco de tempo, mas não muito. E não desista dela. As únicas coisas permanentes na vida da Mac somos eu e a minha família, a Emma e a Laurel. Ela precisa de você.

– Não tenho como desistir dela – disse Carter. – Tenho esperado por ela quase a minha vida toda.

capítuloquinze

Nem o carro nem a mãe apareceram na segunda. Na terça, quando já estava perdendo a paciência, Mac começou a ligar para o celular e o telefone da casa da mãe, mas as ligações caíram direto na caixa postal.

Na quarta, começou a pensar seriamente em dar queixa na polícia pelo roubo do carro. Mas depois ia ter que pagar para tirar Linda da cadeia.

Então foi até a mansão tomar café da manhã.

– Parker foi fazer uma visita de emergência em domicílio. A noiva de sábado acordou com uma ziquizira qualquer. Emma está esperando uma encomenda, por isso estamos só nós duas aqui.

– Quer dizer que não vai ter panquecas?

– Não tenho tempo para fazer panquecas. Queria que a Sra. G. voltasse logo para casa. Tenho que fazer umas folhagens e flores. Coma um bolinho.

– Parker deu alguma previsão da hora que ia voltar?

Laurel ergueu a cabeça da massa que estava abrindo para fazer as flores.

– O seu carro não foi devolvido?

– Ele e Linda desapareceram em combate. Deixei um monte de mensagens. As orelhas dela vão sangrar e cair quando ouvir. Ameacei dar queixa por roubo.

– Faça isso. Aqui está o telefone.

– Provavelmente eu seria presa por ter sido idiota de lhe dar as chaves. Vou dar uma passada na casa dela. Tenho outra sessão e preciso buscar o papel customizado que encomendei e não estava pronto na segunda. E quero comprar sapatos.

– Tem notícias do Carter?

– Por que está perguntando?

– Porque vai comprar sapatos, o que para você é uma espécie de prêmio de consolação. Ligou para ele?

– Para dizer o quê? Pedir desculpas? Já pedi. Dizer que estava errada? Estava, eu sei, mas isso não muda o que estou sentindo.

– Que é...?

– Estou confusa, com medo, sou uma idiota. E tudo isso em dobro porque sinto falta dele – admitiu. – Sinto falta de conversar com ele. Então, é melhor não o ver nem falar com ele.

– Essa lógica não me parece racional.

– Provavelmente ele não deve querer me ver ou falar comigo.

– Covarde.

– Talvez. Sou uma covarde sem carro. – Aguardou em silêncio enquanto Laurel abria a massa. – Pode me emprestar o seu?

– Poderia, mas assim estaria sendo indulgente, como você sempre é com Linda. E gosto muito de você para fazer isso.

– Não é indulgência. É trabalho. Eu podia tentar enfurnar meu equipamento naquele brinquedinho ridículo, mas curiosamente ela não deixou as chaves. O cliente não tem culpa de eu ter cedido ou de ela ser tão egocêntrica a ponto de não trazê-lo de volta a tempo.

– Não tem mesmo. – Com cuidado, Laurel pegou um molde e começou a cortar as primeiras flores.

– Estou muito irritada. Admito que essa irritação ajuda a amenizar a tristeza por causa do Carter, mas agora preferia estar triste por causa dele e ter o meu carro de volta. Por que ela *faz* isso? E não diga que é porque eu deixo. Juro por tudo o que é mais sagrado que eu não tinha intenção de emprestar o maldito carro. Nunca teria me enfiado numa situação como essa de novo se não fossem aquelas circunstâncias.

– Gostaria de acreditar nisso, mas aí está você, Mac, como sempre pagando um preço alto por causa dela. Enquanto Linda nunca precisa pagar nada. Não há consequências. Ela vai trazer o carro quando bem entender e você vai confrontá-la, vai xingá-la e reclamar. Ela vai jogar um monte de bobagens na sua cara. Depois vai esquecer tudo, porque conseguiu ter e fazer o que queria e continuará sendo o centro do mundo, ao passo que você continuará xingando e reclamando.

– O que devo fazer? Bater nela com meu tripé até que ela morra?

– Eu ajudaria a esconder o corpo.

– Não tenho dúvida. – Mac suspirou. – Você é uma verdadeira amiga. Não sou covarde nem cedo com tanta facilidade na maioria dos casos.

– Pois é, só com ela. Acho que é por isso que me irrito tanto com você quando essas coisas acontecem. Quando ela faz você ser covarde e ceder. Faça-a pagar pelo menos uma vez, Mackensie. Aposto que, se fizer isso na primeira vez, na segunda vai ser mais fácil.

– Como? Quero fazer isso, mas como? Não posso chamar a polícia, fui eu que dei as chaves a ela. E talvez eu pense... saiba – corrigiu-se – que ela não deixou as dela de propósito, mas...

– Gosto desse olhar. Não está mais parecendo covarde. No que está pensando?

– O carro dela está aqui.

– Ah, vamos estragar o brinquedinho. Vou pegar um casaco e o velho taco de beisebol do Del.

– Não, meu Deus. Que alma violenta!

– Gosto de amassar coisas. É terapêutico.

– Não vamos destruir o carro. Ele é inocente. Vou chamar o reboque.

– Não é má ideia, mas rebocá-lo para a casa dela só vai poupar-lhe o trabalho de vir buscá-lo.

– Quem disse que é para a casa dela? – Mac estreitou os olhos enquanto pensava. – Você lembra que uns meses atrás um sujeito bateu no carro novo do Del e tivemos que chamar o reboque? O mecânico cuidou de tudo, arranjou um reboque e o estacionamento. Droga, como é mesmo o

nome dele? Onde estão os mágicos cartões de visita da Parker?

– Ligue para o Del, ele vai lembrar. É por isso que somos amigas. Você fica linda quando toma a frente das coisas, Mac.

– Então me empreste o seu carro.

– Dê os telefonemas e ele será todo seu.



Sentia que estava certa. Sentia-se forte. Quando acabou a sessão de fotos, foi ver sua encomenda, parou para comprar arame para a Laurel e decidiu que merecia mesmo sapatos novos. Talvez, levando-se em consideração o trauma e o triunfo das últimas semanas, também merecesse uns brincos.

Os brincos eram por causa de Linda. Os sapatos por causa de Carter. Celebração e comiseração.

Talvez passasse na casa dele no caminho de volta, enquanto se sentia forte e íntegra. Os dois eram inteligentes e gostavam um do outro. Com certeza, encontrariam uma solução para aquilo, um meio-termo.

Não queria perdê-lo, pensou. Não queria passar a vida sem ele.

Perambulou pelo centro comercial até encontrar o Santo Graal, o departamento de sapatos da Nordstrom.

Talvez precisasse de botas novas também. Elas nunca eram demais. Sapatos *e* botas novos iam lhe dar a sensação de autoconfiança de que precisava para ir até a casa de Carter. Podia levar uma garrafa de vinho, como uma espécie de bandeira da paz. Conversariam e ele olharia para ela daquele jeito que ele olhava. E... isso a transformaria em Linda, já que estava com o carro da Laurel.

Mesmo assim, poderia dar uma passadinha por lá e levar o vinho. Podia convidá-lo para jantar na casa dela. Seria uma brincadeira, algo para quebrar o gelo. "Oi, trouxe esse vinho para você. Por que não vem jantar comigo mais tarde e o leva também?" É claro que teria que passar em algum lugar para comprar a comida. Ou podia fazer uma incursão pelos suprimentos deixados pela Sra. G.

Não, decidiu, escolhendo um par de botas azul cintilante que era a sua cara; teria que *cozinhar*. Precisava mostrar que ele era importante a ponto de fazê-la se esforçar. Ele era. Tudo era importante.

E por isso mesmo estava tão chateada.

– Oi... Você é a Meredith, não é?

Mac se virou e viu uma loura vagamente familiar.

– Não sou eu, não.

– Você não é a fotógrafa de casamentos?

– Sou. Mas meu nome é Mackensie.

– Claro! Desculpe-me. Sou a Stephanie Gorden. Nós nos conhecemos no casamento do meu primo, sábado passado.

– Ah, sim. Como está?

– Cercada de sapatos. Estou ótima! Que botas incríveis! Corrine e eu tiramos o dia de folga hoje. Corrine! Venha conhecer a Mackensie.

Meu Deus, pensou Mac. Como o destino podia lhe dar botas fantásticas e ao mesmo tempo um belo pontapé na bunda?

– Corrine, esta é a Mackensie. Ela é fotógrafa de casamentos e uma *grande* amiga de Carter.

– Ah, é?

Corrine era perfeita. Ou seja, não foi só um pontapé na bunda, mas também um tapa na cara. Veio deslizando com aqueles fabulosos sapatos vermelhos de salto alto e com os cachos românticos do seu cabelo escuro e reluzente caindo-lhe sobre os ombros. Seus olhos, profundos e sedutores, examinaram Mac, enquanto os lábios macios e bem desenhados esboçaram um sorriso frio.

– Oi.

– Oi. Belos sapatos.

– São mesmo. Acho que serão meus.

Até a voz era perfeita, notou Mac com amargura. Baixa, com um quê de rouquidão.

– Então, você conhece Carter Maguire.

– Conheço. Fomos colegas durante um tempo na escola.

– Sério? – Distraída, Corrine pegou para ver um par de sandálias de salto médio. – Ele nunca falou de você. Namoramos um bom tempo.

– Corrine e Carter – disse Stephanie, alegre. – Era quase um nome só. Que curioso nos encontrarmos aqui. Estava mesmo contando a Corrine que eu tinha ouvido dizer que o Carter estava saindo com alguém e que tinha visto vocês juntos no casamento do Brent.

– Curioso.

– E como ele está? – perguntou Corrine, pondo as sandálias de volta no expositor. – Continua enterrado nos livros?

– De vez em quando arranja um tempo para respirar.

– Não o vê há muito tempo, não é?

– O suficiente, obrigada.

– Vocês deviam trocar figurinhas. – Stephanie deu um amistoso empurrão na amiga. – Corrine podia lhe dar umas dicas sobre o Carter, Mackensie.

– Seria divertido, mas gosto de descobrir sozinha. Carter é um homem tão fascinante e excitante que não acho possível que alguém dê dicas sobre ele. Queiram me desculpar, estou vendo umas sandálias que são a minha cara.

Enquanto Mac se encaminhava para o outro lado da loja, Stephanie arqueou as sobrancelhas.

– Excitante? Carter? Deve ter evoluído muito desde que você o deixou, Cor. Preciso dizer que o achei bem sexy no sábado. Talvez devesse ter ficado com ele um pouco mais.

– Quem disse que não posso tê-lo de volta se eu quiser? – Olhou para os sapatos que tinha calçado. – Na verdade, quem sabe não levo os meus sapatos novos para lhe fazer uma visitinha?

Stephanie riu.

– Você é uma peste!

– Estou é entediada. – Franziu a testa vendo Mac se afastar. Aquelas botas deviam ser *minhas*, pensou. Com certeza iam ficar muito melhor em mim que naquela magricela sem bunda de cabelo alaranjado. – Além disso, por que ela vai ficar com o Carter? Eu o vi primeiro.

– Achei que estava cansada dele.

– Estava. – Com um longo suspiro, Corrine se sentou e examinou a pequena montanha de sapatos que estava experimentando. – O seu problema, Steph, é que você é casada. Já esqueceu como é emocionante sair à caça, competir e ver o placar no fim do jogo.

Tirou os sapatos vermelhos e experimentou um par de sandálias cor-de-rosa cintilante de salto agulha.

– Homens são como sapatos. Você prova e usa por um tempo, enquanto lhe caem bem. Depois, pode jogá-los no fundo do armário e comprar outros.

Levantou-se e inclinou a cabeça para ver no espelho como tinha ficado.

– E, de vez em quando, pode tirá-los do fundo do armário para experimentar de novo e ver como ficam.

Deu uma olhada em volta e sorriu desdenhosa ao ver Mac com as botas azuis.

– A única coisa que não se pode deixar acontecer é alguém ir fuçar no seu armário.

A rotina, pensou Carter, tinha lá a sua razão de ser. Ela permitia que as tarefas fossem feitas, oferecia um certo conforto e mantinha as mãos e a mente ocupadas. Pendurou o casaco e foi para o escritório de casa para deixar o trabalho que faria mais tarde na escrivaninha. Então, foi checar as mensagens.

Ficou um pouco angustiado por não ouvir a voz de Mac percorrer o aposento como uma brisa, mas isso também já tinha virado rotina.

Parker aconselhou-o a lhe dar tempo e espaço. Daria mais tempo a Mac. Mais um ou dois dias.

Podia esperar. Era bom nisso. E queria, mais do que qualquer outra coisa, que fosse ela que viesse procurá-lo.

Foi lá para baixo dar comida para o gato e fazer um chá, que tomou na bancada, aproveitando para abrir a correspondência.

Perguntava a si mesmo se era possível ter uma vida tão comum, tão sóbria. No ano seguinte, estaria no mesmo ponto, com a mesma rotina? Meu Deus, e em dez anos?

Sentia-se bem confortável dessa forma antes de Mackensie ter entrado de novo na sua vida.

– Não tinha planejado ficar sozinho para sempre – disse ao gato. – Mas tinha muito tempo pela frente, não tinha? Tempo para curtir uma certa rotina, para curtir a minha casa, o meu trabalho, a liberdade de ser solteiro. Mal acabei de fazer 30 anos, pelo amor de Deus. E estou falando com um gato, coisa que não almejo fazer nas noites do resto da minha vida. Sem ofensa. Mas ninguém precisa se acomodar assim. Ficar com alguém só porque a alternativa é ficar sozinho. O amor não é um conceito amorfo criado pelos livros e pela poesia e impossível de atingir. É real, vital e *necessário*. Caramba, isso muda tudo. Tudo. Não posso ser o que era antes de amá-la. É ridículo para qualquer um esperar por isso.

Ao terminar sua refeição, o gato se sentou, olhou para Carter por um bom tempo e começou a se lamber.

– Bem, ela não é tão racional quanto você. Vou lhe dizer mais uma coisa a respeito disso: sou bom para ela. Sou exatamente o que ela precisa. Eu a compreendo. Está certo, não é verdade, não compreendo, retiro o que disse. Mas eu a conheço, o que é diferente. E sei que posso fazê-la feliz se ela deixar de ser teimosa e admitir isso.

Decidiu naquele instante que lhe daria mais 24 horas. Se ela não o procurasse nesse período, ele assumiria de novo o controle da situação. Precisaria de um plano, um esboço do que tinha que ser dito e feito. Então se levantou para buscar papel e lápis.

– Ah, pelo amor de Deus. Que se danem os planos e os esquemas. Vamos só lidar com a situação.

Nervoso, prendeu o dedo na gaveta. Típico, pensou, chupando o dedo para aliviar a dor. Decidiu se consolar comendo um queijo quente.

Se ela tivesse juízo, estariam juntos agora, talvez preparando uma comida de verdade. E poderiam conversar durante a refeição. Queria saber se elas tinham conseguido aquele contrato importante. Queria comemorar com ela, partilhar o momento.

Queria comentar sobre um conto engraçado de um dos alunos e sobre uma desculpa esfarrapada que outro dera para não entregar o trabalho.

Tinha que admitir que a artimanha de fingir uma amnésia temporária foi muito criativa.

Queria partilhar tudo aquilo com ela. As grandes e as pequenas coisas, todos os pedacinhos que faziam parte de suas vidas. E precisava lhe mostrar que ela também queria aquilo. Não queria apenas – corrigiu a si mesmo –, precisava mostrar a ela que podia ter aquilo.

Pôs o sanduíche na grelha e abriu o armário para pegar um prato. Foi então que ouviu batidas na porta e por pouco não bateu a cabeça na quina do armário aberto.

Pensou que era Mackensie e saiu correndo da cozinha.

Tinha a imagem dela em mente quando abriu a porta, por isso levou alguns segundos terríveis para processar que era Corrine.

– Carter!

Ela entrou sorrindo, deu uma voltinha graciosa e acabou passando os braços em torno dele. Inclinou a cabeça para trás, com os olhos escuros reluzindo e lhe deu um selinho.

– Surpreso? – perguntou, como se ronronasse.

– Ah, sim. Sem dúvida é uma surpresa. Corrine. – Ele se soltou. – Você está... parecendo bem.

– Ah, pois estou arrasada. Tive que dar três voltas no quarteirão antes de criar coragem de parar. Não me parta o coração, Carter, dizendo que não está feliz em me ver.

– Não. Quero dizer... Certamente não estava esperando por isso.

– Não vai me convidar para entrar?

– Você já entrou.

– Sempre tão literal. Vai fechar a porta ou quer que eu rasteje no frio?

– Desculpe. – Ele fechou a porta. – Você me pegou desprevenido. O que quer, Corrine?

– Mais do que mereço. – Tirou o casaco e o entregou a Carter, exibindo um olhar de súplica. –

Você pode me ouvir, pelo menos?

Apanhado em meio à educação e à confusão, ele pendurou o casaco.

– Achei que já tivesse feito isso.

– Fui estúpida e pouco cuidadosa com você. Tem todo o direito de me dar um pé na bunda – disse ela, encaminhando-se para a sala. – Quando olho para trás e me lembro do que fiz, do que disse... Carter, estou tão envergonhada... Você foi tão bom para mim, tão bom. Você me tornou uma pessoa melhor. Tenho pensado muito em você.

– E o... – Ele teve que fazer um esforço para lembrar o nome. – James?

Corrine revirou aqueles olhos de mormaço.

– Foi um erro. Meu castigo por ter magoado você. Não demorei para perceber que ele não passava de uma aventura. Comparado a você, era um garoto, Carter. Por favor, diga que me perdoa.

– Isso é passado, Corrine.

– Quero me redimir com você, se deixar. Me dê uma chance. – Aproximou-se dele e lhe fez um carinho no rosto. – Você se lembra de como era bom quando estávamos juntos? Podíamos resgatar isso, Carter. – Deu uma volta em torno dele. – Posso ser sua novamente, basta querer.

– Acho que devíamos...

– Vamos deixar para ser sensíveis mais tarde. – Enquanto ela pressionava o corpo contra o dele, Carter tentava afastá-la. – Quero você. Quero tanto... Não consigo pensar em mais nada.

– Espere. Pare. Isso não vai...

– Tudo bem. Você é quem manda. – Com aquele sorriso radiante, ela jogou o cabelo para trás. – Vamos conversar primeiro, vamos fazer tudo o que quiser. Por que não me serve uma taça de vinho e... Alguma coisa está queimando, não?

– Ai, não... Que inferno!

Ele correu até a cozinha e o sorriso de Corrine se tornou mais cortante.

Isso ia levar mais tempo e exigir mais esforço do que ela havia imaginado, mas não tinha medo de desafios. Na verdade, o fato de Carter não ter caído aos seus pés como esperava só o tornava mais excitante. E ter que seduzi-lo lhe daria muito mais satisfação.

Afinal de contas, o único lugar em que ele não a aborrecia era na cama.

Tratou de suavizar o sorriso quando o viu voltar.

– Desculpe-me, estava com uma coisa no fogo. Corrine, aprecio as suas desculpas e a... oferta, mas... – repetia ele quando ouviu baterem novamente à porta. – Com licença...

– Tudo bem. Posso esperar.

Meneando a cabeça, foi abrir a porta. O cérebro de Carter, já sobrecarregado, acionou o alerta vermelho ao reconhecer Mac.

– Oi. Vim trazer uma bandeira da paz – disse ela, entregando-lhe a garrafa de vinho. – Não soube lidar bem com as coisas e espero que me dê uma oportunidade de ser melhor. Se estiver de acordo, pensei em convidá-lo para jantar lá em casa esta noite. Talvez você possa levar um vinho. Ei, este que está segurando é uma excelente marca.

– Você... eu... Mackensie.

– Quem é, Carter?

Carter só conseguiu pensar que aquilo não era nada bom. Aquilo não ia dar certo. Corrine se aproximou e então ele viu o choque no rosto de Mac.

– Isso não é...

– Ah, você trouxe vinho, que simpática. – Corrine tirou a garrafa da mão anestesiada de Carter. – Carter ia mesmo me servir uma taça.

– Na verdade, eu... Mackensie Elliot, esta é a Corrine Melton.

– É, eu sei. Bem, aproveitem o vinho.

– Não, não vá embora. – Ele quase pulou porta afora para segurar o braço de Mac. – Espere. Só um instante. Entre.

Ela afastou a mão dele.

– Está brincando? Tente me agarrar de novo – avisou – e vai ganhar mais que uma mancha roxa no queixo.

Mac se dirigiu apressada para um carro que não era o dela, notou ele. Enquanto isso, Corrine gritava da porta.

– Carter! Querido, entre antes que pegue um resfriado!

Rotina?, pensou ele. Teria mesmo que se preocupar com a possibilidade de a sua vida se tornar rotineira?

Mac entrou na mansão furiosa.

– Droga, onde é que todo mundo se meteu? – gritou.

– Estamos na cozinha! Tentamos ligar para o seu celular – respondeu Emma. – Venha aqui.

– Vocês não vão acreditar no dia que eu tive! Primeiro, conheci a sexy ex-namorada do Carter no departamento de sapatos da Nordstrom, o que quase estragou o meu prazer de ter mandado rebocar o carro da minha mãe. Por que ninguém se deu o trabalho de me dizer que ela é linda? – reclamou Mac, atirando o casaco em um banco. – E como se não fosse o bastante ter que suportar aquela criatura sedutora em cima de sapatos vermelhos de salto e com voz de mulher-gato de chicote em punho, gastei 60 dólares numa garrafa de vinho que levei para Carter como um pedido de desculpa e mais 80 dólares no supermercado comprando todas essas porcarias para fazer um jantar de reconciliação, e quem encontro quando chego à casa dele? Quem? Vou dizer: *ela*. Com um suéter preto de caxemira com decote até aqui e, por baixo, uma lingerie de renda cor-de-rosa que dizia *vem, querido, pode mergulhar.* E ele ficou ali parado e nos *apresentou,* todo corado e sem jeito. Agora ela está lá bebendo o meu maldito vinho!

Parker ergueu as duas mãos.

– Só um minuto. O Carter estava com a Corrine, a ex dele?

– Não acabei de dizer que estava? E ela só dizia: "Ai, querido, entre ou vai pegar um resfriado!" Só que com aquela voz sexy. E ele estava cozinhando alguma coisa. Senti o cheiro. Parecia torrada queimada, mas não importa. Tivemos um pequeno desentendimento e ele já está lá fazendo torrada queimada para ela e lhe servindo o meu vinho?

– Não consigo imaginar o Carter voltando para ela – observou Emma, meneando a cabeça. – Não é possível.

– Ela estava lá, não estava? E com aquele decote e a lingerie de renda cor-de-rosa, ainda por cima.

– Se é assim, você devia ter dado um pontapé na bunda de cada um e pegado o vinho de volta. – Laurel foi até Mac lhe fazer um carinho nas costas. – Mas concordo com a Emma. Vamos voltar ao departamento de sapatos da Nordstrom. Para início de conversa, você comprou algum?

– Fui ao departamento de sapatos da Nordstrom. O que acha?

– Pode nos mostrar mais tarde. Como soube que ela era a ex do Carter? Ela conhecia você?

– Estava com aquela fulana, a prima do noivo de sábado. Ela me reconheceu. E ficaram as duas me olhando de alto a baixo. A tal fulana, toda cheia de risinhos, disse "Vocês duas deviam trocar figurinha sobre o Carter". Vaca idiota!

– Não acha que é uma estranha coincidência – disse Parker – que na noite desse mesmo dia você a tenha encontrado na casa do Carter? Ninguém mais está sentindo cheiro de armação?

Laurel e Emma levantaram as mãos.

– Ai, meu Deus. – Com cara de nojo, Mac se sentou num banco. – Ela fez um *joguinho* comigo. Eu estava muito surpresa, irritada e, confesso, enciumada para perceber. Mas ela não tinha como saber que eu ia lá, então...

– Acho que isso é só a ponta do iceberg. Não sei se está lembrando que eu a conheço um pouco – disse Emma. – Ela sempre foi do tipo "eu quero o que você quer, só que, mais do que isso, quero o que é seu". Provavelmente foi lá só para ver se podia roubá-lo de você e depois...

– Eu dei a ela uma garrafa de vinho. – Mac escondeu o rosto com as mãos. – Sou uma idiota!

– Não é, não. Só não é má e calculista, como ela. E nem o Carter – disse Parker. – Ele não estava com ela, Mac. Ela só estava lá.

– Você tem razão. Tem toda razão. E eu vim embora, deixando o terreno livre para ela. Mas ele nos apresentou.

– Porque não soube como agir, garanto. – Parker assentiu. – O que pretende fazer?

– Não sei. É coisa demais para mim. Estou emocionalmente exausta. Acho que vou tomar um sorvete e ficar encolhida num canto.

– Também pode comer caviar e celebrar.

Mac franziu a testa para Parker.

– Celebrar o quê? A estupidez dos relacionamentos?

– Não, o triunfo da Votos. Assinamos o contrato para o casamento Seaman. Conseguimos o trabalho.

– Oba! Olha, me desculpem, mas preciso de um minuto para mudar de estação. – Mac esfregou as mãos no rosto, tentando tirar dali a raiva doentia e sentir o triunfo. – Nós conseguimos mesmo?

– Conseguimos e temos champanhe e caviar para provar. Só estávamos esperando você para abrir a garrafa.

– Que dia estranho. – Mac pressionou os dedos nos olhos. – Que diabo de dia mais estranho. E

querem saber do que mais? Esta é uma ótima maneira de encerrá-lo. Pode abrir o garotão, Parker!

– Assim que a rolha pular, este aposento vai se tornar oficialmente uma área sem aborrecimentos.

– Combinado. – Mac se levantou. – Sinto que está quase na hora da dancinha alegre. Faça a rolha pular!

O grito de Mac se juntou ao estalar da rolha.

– A nós – disse Parker, erguendo a sua taça. – Às melhores amigas para sempre, essas mulheres desgraçadamente inteligentes.

Brindaram e beberam. E Mac pensou que poderia superar qualquer contratempo que surgisse, desde que tivesse suas amigas.

capítulodezesseis

Bob fitava carter do outro lado da mesa, no Coffee Talk, com olhos vidrados e de queixo caído.

– Puta merda!

– Ela não me atendeu. Depois que finalmente consegui pôr Corrine para fora, comecei a ligar. Para as duas linhas da casa dela e para o celular. Não atendeu. Pensei em ir até lá, mas, se ela não quis atender o telefone... Ela achou que eu... Não devia ter achado uma coisa dessas, mas, dada a situação, não a culpo. Não mesmo. – Ele fitava seu chá-verde com um ar pensativo. – Preciso explicar a ela. É claro que preciso explicar. Mas estou confuso. Não sei por onde começar.

– Está com duas mulheres correndo atrás de você. Duas. Cara, você é um garanhão.

– Pelo amor de Deus, Bob, você não está entendendo a situação.

– Não sou eu que não estou entendendo, meu amigo. – O queixo caído agora abriu espaço para um sorriso de genuína admiração. – A verdade é que duas garotas sensacionais estão atrás de você. Além disso, soube que também teve alguma coisa com a Parker Brown. Um trio bem sensual.

– Eu *o quê*? Quem... não! De onde saiu essa história?

– Vocês pareciam bem íntimos exatamente aqui neste café uma noite dessas. As pessoas comentam.

– Meu Deus, quando foi que isso tudo se transformou numa novela? Viemos tomar um café e conversar sobre Mackensie. Somos amigos. Só isso. Na verdade, talvez nem isso.

– Que bom. – Bob assentiu com uma expressão sábia no rosto. – Porque eu ia mesmo dizer que nunca*, nunca,* se deve sair com duas garotas que sejam amigas. Não só não é agradável, como pode ser fatal. Elas fazem picadinho de você e depois saem juntas para fazer compras.

– Bom saber, Bob. – Carter viu o sarcasmo flutuar inofensivamente acima da cabeça do amigo. – Mas não estou saindo com a Parker. E desde quando um homem e uma mulher não podem tomar um café ou um chá juntos num lugar público sem... Deixa para lá. – Ao sentir uma dor de cabeça se aproximando, Carter decidiu parar por ali. – Não tem importância.

– Ok. Voltando ao assunto. Duas belas garotas estão disputando o Carter. Aposto que, se a ruiva tivesse entrado, ia haver uma briga feia. As garotas estão lutando por você, Carter. – Os olhos de Bob chegavam a brilhar, fantasiando a cena. – Você é um garanhão, hein?

– Não quero ser um garanhão. – Aí estava o motivo de ter escondido esse incidente durante o dia todo. Que loucura tinha tomado conta dele a ponto de fazê-lo acreditar que podia conseguir

um conselho razoável de Bob? – Tente acompanhar o raciocínio, Bob.

– Vou tentar, mas continuo tendo flashes da luta das garotas. Sabe, as duas rolando no chão, rasgando a roupa uma da outra. – Bob ergueu o copo estreito de *latte* com canela. – É uma imagem bem vívida.

– Não teve luta nenhuma.

– Mas poderia ter tido. Ok, então você não quer tentar fazer malabarismos com as duas. Pessoalmente, acho que teria capacidade para isso, mas estou percebendo que quer que eu o ajude a escolher com qual das duas ficar.

– Não, não, não! – Carter escondeu o rosto entre as mãos. – Elas não são gravatas, Bob. Não é um estudo comparativo. Estou apaixonado pela Mackensie.

– É sério? Bem, nunca tinha me dito isso com todas as letras. Pensei que fosse só uma quedinha. – Coçando o queixo, Bob se recostou na cadeira. – Isso muda tudo. Qual o grau de irritação dela quando saiu de lá?

– Chute um número e multiplique por dois.

Bob assentiu com ar sensato.

– Além de levar flores e pedir desculpas, vai ter que explicar tim-tim por tim-tim. É mais ou menos o que se faz quando se é inocente... você é inocente, não é?

– Bob.

– Ok. Primeiro vai ter que deixá-la chutar seu traseiro, é o meu conselho. – Enquanto pensava, Bob bebeu um gole do *latte*. – Depois, terá que explicar que você é inocente. E em seguida, vai ter que implorar. Num caso como esse, o melhor a fazer é dar-lhe algo reluzente.

– Uma joia? Um suborno?

– Não veja como um suborno. É um pedido de *desculpas*. Não importa que não tenha feito nada, Carter. Nunca importa. Você quer que isso seja esquecido, que as coisas voltem a ser como antes, quer recuperá-la, quer fazer sexo com ela outra vez nesta década, por isso tem que apelar para algo reluzente. E, de qualquer forma, o Dia dos Namorados está chegando.

– Isso é frívolo e manipulador.

– Tem razão.

Carter riu.

– Vou deixar a coisa reluzente como um plano B. Mas acho que está certo quanto ao resto. Especialmente a respeito de deixá-la chutar o meu traseiro em primeiro lugar. O negócio foi feio mesmo.

– Você aproveitou um pouco a morena?

– Não, caramba!

– É um cara certinho. Lembre-se disso, Carter. Mas é também um garanhão. Tenho orgulho de ser seu amigo.

No estúdio, Mac finalizou um conjunto de provas. Embrulhou-as para o cliente e juntou ao embrulho uma folha com os preços, seu cartão de visita e uma lista de opções.

Deu uma olhada para o telefone e se felicitou por ter se mantido firme *não* retornando as ligações de Carter. Talvez tenha sido um joguinho de Corrine, mas ele também estava em campo.

Ia precisar de mais que uns simples telefonemas de desculpas para consertar as coisas. Além do mais, se ele não tinha feito nada, por que estava pedindo desculpas?

Não importava, disse a si mesma.

Iria se recompensar pelo dia produtivo com um banho de espuma, uma taça de vinho e uma sessão noturna de TV com pipoca. Veria um filme de ação com montes de coisas explodindo e sem qualquer resquício de romance.

Colocou o trabalho completo numa sacola da Votos e se virou ao ouvir a porta se abrir.

Linda entrou como um furacão, espumando de raiva.

– Como se atreve a fazer isso? Como se atreve a mandar rebocar o meu carro para uma oficina de segunda categoria? Sabe que eles querem 200 dólares para me devolver o carro? É melhor me dar um cheque imediatamente.

Ok, pensou Mac, acaba de soar a campainha para o segundo round. E, pela primeira vez na vida, estou preparada.

– Nem pensar. Passe para cá as chaves do meu carro.

– Devolvo as chaves quando me der os 200 dólares.

Mac avançou, arrancou a bolsa das mãos da mãe e despejou tudo no chão. Como Linda ficou em choque profundo, Mac teve tempo de se abaixar, pegar as chaves no meio das outras coisas e guardá-las no bolso.

– Como...

– Me atrevo? – completou Mac, fria. – Eu me atrevo porque você levou o meu carro no domingo e não o devolveu, nem atendeu as minhas ligações durante cinco dias. Eu me atrevo porque já estou por aqui de ser usada e abusada. Acredite, estou farta. Acabou. Isso acaba aqui.

– Estava *nevando*. Você não ia querer que eu me arriscasse a vir dirigindo de Nova York debaixo de uma tempestade de neve. Podia ter tido um acidente. Podia ter...

– Telefonado – interrompeu Mac. – Mas, deixando isso de lado, não houve tempestade nenhuma, foi só uma poeirinha de neve que não chegou nem a um centímetro. E isso foi no domingo.

– O Ari não me deixou voltar para casa dirigindo. Ele me convidou para ficar, então fiquei. – Linda deu de ombros. – Passamos uns dias juntos. Fomos ao teatro e fizemos compras. Por que não posso ter uma vida?

– Pois que tenha. Bem longe daqui.

– Não seja infantil, Mackensie. Deixei o meu carro com você.

– Deixou um carro que eu não poderia usar, mesmo que tivesse se preocupado em deixar também as malditas chaves.

– Eu esqueci. Não é de se admirar, dada a pressa com que me pôs para fora naquele dia. E não seja malcriada. – Linda se desmanchou em lágrimas, deixando belas gotinhas escorrerem dos olhos azuis abatidos. – Como pode me tratar desse jeito? Como pode querer que eu perca uma oportunidade de ser feliz?

Isso não vai funcionar, disse Mac a si mesma, apesar de estar com um embrulho no estômago. Não vai funcionar desta vez.

– Sabe que eu me fazia essas perguntas, mas invertendo os papéis. Nunca consegui encontrar uma resposta.

– Desculpe, desculpe. Estou *apaixonada*. Você não sabe o que é sentir isso por alguém. Como tudo perde a importância quando estamos juntos. Foi só um carro, Mackensie.

– Foi o *meu* carro.

– E olha o que você fez com o meu! – Mesmo com as lágrimas reluzindo no rosto, a raiva aflorou. – Você mandou que o rebocassem para aquele... aquele buraco asqueroso. E aquele homem horrível o está mantendo refém.

– Então pague o resgate – sugeriu Mac.

– Não entendo como pode ser tão má comigo. Isso é porque nunca se permitiu ter sentimentos. Você tira fotos de sentimentos, mas não os tem. E agora quer me punir porque eu tenho.

– Ok. – Mac voltou a se abaixar, pegou as coisas da mãe que estavam espalhadas e as meteu na bolsa. – Não tenho sentimentos. Sou uma péssima filha. E, por isso mesmo, quero que saia daqui.

– Preciso de dinheiro para pegar o meu carro.

– Não vai ser comigo que vai conseguir.

– Mas... você tem que...

– Não. – Enfiou a bolsa na mão de Linda. – Essa é a questão, mãe. Eu não tenho que fazer nada e não vou fazer. O problema é seu. Resolva-o.

Os lábios e o queixo de Linda tremiam. Não era manipulação, pensou Mac, não totalmente. Ela sentia mesmo aquilo. Acreditava que era uma vítima.

– Como vou para casa?

Mac pegou o telefone.

– Vou chamar um táxi.

– Você não é minha filha.

– O pior, para nós duas, é que sou, sim.

– Vou esperar lá fora, no frio. Não quero ficar nem mais um minuto no mesmo cômodo que você.

– O táxi vai pegá-la na porta da mansão. – Mac se virou e fechou os olhos quando ouviu a porta bater. – Isso, quero um táxi para a propriedade dos Browns. O mais depressa possível.

Com o estômago se revirando, Mac foi trancar a porta. Precisava acrescentar aspirina ao plano de relaxamento do fim daquele dia de trabalho. Uma caixa devia ser suficiente. Talvez tomasse a aspirina e fosse deitar no quarto escuro, tentando dormir para afastar os sentimentos que aparentemente não tinha.

Primeiro tomou a aspirina com um copo de água gelada para suavizar a aspereza que tinha na garganta. Depois se sentou no chão da cozinha.

Foi o máximo que conseguiu.

Ficaria ali até os joelhos pararem de tremer, até a cabeça parar de latejar. Até que a necessidade de explodir num choro convulsivo passasse.

Quando o telefone tocou, ergueu o braço e conseguiu alcançá-lo na bancada. Viu que era o número de Parker.

– Estou bem.

– E eu estou aqui.

– Eu sei. Obrigada. Mas estou bem. Chamei um táxi para ela. Deve chegar em poucos minutos. Não a deixe entrar.

– Ok. Estou aqui – repetiu. – Para o que você precisar.

– Parker, ela nunca vai mudar, então eu que tenho que mudar. Não sabia que ia ser tão doloroso. Pensei que fosse me sentir bem e realizada. Talvez até um pouco triunfante. Mas não. Estou me sentindo péssima.

– Não seria você se não ficasse magoada. Você fez a coisa certa, talvez pensar assim ajude. Fez o que era certo para você. E a Linda vai contra-atacar, como você bem sabe.

– Queria estar irritada. – Cansada e chorosa, Mac apertou o rosto contra os joelhos dobrados. – É tão mais fácil quando estou furiosa com ela... Por que isso me deixa de coração partido?

– Ela é sua mãe. Nada pode mudar isso. Você também fica arrasada quando a deixa usá-la.

– Isso é pior. Mas tem razão.

– O táxi chegou. Ela está indo.

– Ok. – Mac fechou os olhos de novo. – Estou bem. Amanhã nos falamos.

– Se precisar de mim antes disso, me ligue.

– Ligo, sim. Obrigada.

Não teve entusiasmo suficiente para o banho de espuma, as velas e o vinho, mas tomou uma chuveirada quente. Vestiu sua calça de flanela mais velha, confortável e macia. Não queria mais dormir e pensou que um trabalho pesado podia ser a solução. Ia limpar o quarto, arrumar o guarda-roupa, a cômoda, esfregar bem o banheiro.

Já tinha passado da hora de fazer essas tarefas domésticas e elas a manteriam ocupada por um bom tempo. Talvez dias. E o melhor de tudo: era uma purificação, pensou, um ato simbólico que acompanharia a atitude que teve com Linda.

Que o velho fosse embora e o novo chegasse. Tudo ficaria limpo e organizado quando terminasse essas tarefas. Uma nova vida ordenada.

Abriu o guarda-roupa, encheu as bochechas de ar e soprou como se enchesse um balão. O único jeito seria fazer como nos programas de reformas na TV. Ponha tudo à vista, selecione, jogue fora.

Talvez pudesse apenas queimar tudo e começar de novo. Queimar pontes parecia ser um tema corrente na sua vida. Abriu os braços, pegou uma boa quantidade de roupa e a jogou em cima da cama. Na terceira leva, perguntou-se por que precisava de tanta roupa. Era uma doença, isso sim. Ninguém precisa de quinze camisas brancas.

Cinquenta por cento, decidiu. Era a sua meta. Eliminaria cinquenta por cento do armário. E compraria aqueles belos cabides acolchoados. Arrumaria tudo por cores. E teria caixas

transparentes, empilháveis, para os sapatos. Como Parker.

Quando todo o seu guarda-roupa já estava amontoado na cama e no sofá, ficou surpresa. Não devia ter comprado os cabides e as caixas primeiro? E também um daqueles kits organizadores de armários. Divisórias de gavetas. Agora, tudo que tinha era uma enorme e terrível bagunça e nenhum lugar para dormir.

– Por Deus, como posso gerenciar uma empresa, *ser* a empresa, e não ser capaz de organizar a minha própria vida? Esta é a sua vida, Mackensie Elliot. Pilhas e pilhas de coisas com as quais não sabe o que fazer.

Precisava resolver isso. Mudar, lidar com as coisas. Puxa, tinha posto a própria mãe para fora da sua casa! Com certeza poderia lidar com roupas, sapatos e bolsas. Ia cortar a tralha da sua vida e da cabeça. Seria minimalista, decidiu.

Ia se tornar zen.

A casa, a vida e o maldito armário seriam espaços de paz e tranquilidade. Tudo em caixas de sapatos transparentes.

Começando agora. Hoje era um novo dia, um novo começo, e ela seria uma nova Mackensie Elliot, mais forte, mais inteligente e formidável. Desceu a escada com um brilho nos olhos, para ir buscar sacos do lixo.

Ouvir baterem à porta foi uma surpresa tão grande que Mac chegou a estremecer de alívio. Era Parker, pensou. Graças a Deus. O que mais precisava agora era dos superpoderes da Garota Organizada.

Com olhos insanos e o cabelo todo arrepiado, foi abrir a porta.

– Parker... ah! Claro. Perfeito.

– Você não atendeu o telefone. Sei que está chateada – prosseguiu Carter. – Mas, se me deixar entrar, só por alguns minutos, vou explicar tudo.

– Claro. – Ela ergueu as mãos. – Por que não? É só a cereja do bolo. Vamos tomar um drinque.

– Não quero beber.

– Claro, está dirigindo. – Ela agitou os braços no ar, enquanto se encaminhava para a cozinha. – Eu não vou dirigir. – Pousou uma garrafa de vinho na bancada e pegou um saca-rolhas. – E aí? Não tem nenhum encontro esta noite?

– Mackensie.

De alguma forma, pensou enquanto lutava com a rolha, ele conseguia transformar o seu nome num pedido de desculpas e ao mesmo tempo na insinuação de uma ligeira reprovação. O sujeito tinha lá suas habilidades.

– Sei o que deve ter parecido. O que provavelmente pareceu. Como pareceu. – Foi até o outro lado da bancada. – Mas não era nada. Corrine... Deixe que eu faça isso – propôs ao vê-la atrapalhada com a rolha.

Ela se limitou a lhe mostrar o dedo do meio.

– Ela apareceu lá sem mais nem menos.

– Vou lhe dizer uma coisa. – Ela segurou a garrafa entre os joelhos, e sua raiva foi crescendo à medida que puxava a rolha. – Só porque tivemos uma briga, porque achei que devíamos

estabelecer alguns limites racionais, não significa que, cinco minutos depois, você tivesse que entreter a sua ex-namorada sexy e misteriosa.

– Eu não estava. Ela não é. Mas que droga – resmungou ele se aproximando para tirar a garrafa das mãos de Mac justo quando ela, enfim, conseguiu soltar a rolha.

O punho dela bateu em cheio no queixo de Carter, fazendo-o recuar.

– Está se sentindo melhor agora?

– Eu não pretendia... O seu rosto estava no caminho. – Deixando a garrafa na bancada, tapou a boca para conter a súbita gargalhada que podia se tornar histérica. – Meu Deus, isso está cada vez mais ridículo.

– Podemos nos sentar?

Ela balançou a cabeça e foi até a janela.

– Não me sento quando estou abalada. Nem discuto calma e racionalmente.

– Acha que a segunda parte é novidade para mim? Você foi embora. Fugiu sem me dar chance de explicar a situação.

– Eis um lado da questão. Você é livre. Nunca conversamos sobre exclusividade.

– Achei que isso estivesse subentendido. Estávamos dormindo juntos. Sejam quais forem os limites que queira impor, estou com você. Só com você. E espero que seja recíproco. Se isso faz de mim um sujeito tradicional e empolado, paciência.

Mac se voltou para ele.

– Empolado. Não é um termo que se ouça com frequência, pelo menos não com esse sentido. E não faz, Carter, não faz de você um sujeito empolado. Faz de você um sujeito decente. Estou tentando dizer que, por um lado, eu não tinha nenhum motivo para ficar chateada. Mas isso é basicamente uma besteira. O outro lado é que tivemos um desentendimento e, quando fui tentar consertar as coisas, você estava com ela.

– Eu não estava com ela. Ela estava lá.

– Ela estava lá. Você ia lhe servir um vinho. Deu o meu vinho a ela.

– Não dei o seu vinho a ela.

– Bem, já é alguma coisa.

– Não dei vinho nenhum. Disse que ela tinha que ir embora. Eu a fiz chorar. – Lembrando a cena, ele coçou a nuca. – Mandei-a embora aos prantos e você não atendeu minhas ligações. Se ao menos tivesse esperado, se tivesse entrado e me dado a chance...

– Você nos apresentou, todo educado.

Ele se deteve e olhou para ela, franzindo a testa.

– Eu... É.

– Por causa disso, tive vontade de bater em você até a morte com a maldita garrafa. "Oi, Mac, esta é a mulher com quem morei por cerca de um maldito ano e sobre a qual tomo o maior cuidado de não lhe contar quase nada." E ela ali, com aquele decote e aquele cabelo perfeito, ronronando para que você servisse uma bela taça do vinho que a idiota aqui tinha levado.

– Eu...

– Sem mencionar que já tínhamos nos encontrado umas horas antes no departamento de

sapatos da Nordstrom.

– Quem? Como é? Quando?

– A sua amiga em comum, aquela fulana, já tinha nos apresentado, quando ela e a sua ex estavam na *minha* loja de sapatos durante a *minha* sessão terapêutica. – Só de lembrar isso, Mac ficou furiosíssima. – Ela, com aqueles malditos sapatos vermelhos de salto alto e uma única sobrancelha sarcasticamente erguida, *me* examinou com um sorriso de superioridade. – Apontou um dedo para Carter. – Um sorriso de *superioridade* exibido por aqueles lábios esculpidos à perfeição. Mas deixei Corrine e a atitude dela para lá. Ia comprar a minha fabulosa bota azul e a adorável sandália prateada, uma garrafa de um bom vinho para levar para a sua casa, depois de ter parado no balcão da MAC para comprar um delineador novo e retocar um pouco a maquiagem, porque queria estar bonita quando chegasse, ainda mais depois de ter visto como ela era incrível. E ainda teve aquele fantástico blazer da DKNY, e as caxemiras que estavam em promoção. Motivo pelo qual vou me tornar zen. Bem, também tem um pouco a ver com o reboque e o meu turbilhão emocional, mas essa é a raiz de tudo.

Completamente desnorteado, Carter soltou um longo suspiro.

– Mudei de ideia, posso tomar uma taça de vinho?

– E não sei como você pôde pensar, por um minuto sequer, que eu ia ficar por ali – prosseguiu ela, pegando a taça. – O quê? Esperava que eu a enfrentasse, que começássemos a nos bater?

– Não, essa era a ideia do Bob.

– Se estivesse usando o único cérebro que os homens parecem ir emprestando uns aos outros, teria me apresentado como a mulher com quem estava saindo, e não como se eu fosse uma garota de entregas.

– Tem toda razão. Foi uma indelicadeza. A minha única desculpa é que eu estava completamente desnorteado. Foi tudo muito confuso e sem explicação e deixei queimar o queijo quente.

– Você fez um *sanduíche* para ela?

– Não, fiz para mim. Ou melhor, estava fazendo quando ela chegou e esqueci que ele estava na grelha, com o fogo ligado, porque ela... – Percebendo de repente que dizer o que tinha acontecido entre a chegada de Corrine e o sanduíche queimado não seria particularmente uma ideia boa, Carter tomou um longo gole de vinho. – Ela me interrompeu. De toda forma, entendi direito? Você encontrou Corrine e Stephanie Gorden quando estava fazendo compras?

– Foi o que eu disse.

– Tem coisa aí – murmurou ele. – Com certeza isso explica... – Terreno complicado outra vez, percebeu Carter. – Posso dizer apenas, e é o principal, que eu não a queria ali. Queria você. Estou apaixonado por você.

– Não venha falar de amor quando estou no meio de uma crise. Quer que eu fique ainda mais doida?

– Isso é possível? Mas não, não quero.

– Ela estava vestida para matar.

– Como é? O que disse?

– Não pense que não sei por que ela deu uma "passada lá". Ela me lançou uma olhadela e pensou, *pfff*, até parece que não consigo superar essa daí. Vestiu uma roupa sedutora e foi até a sua casa dar em cima de você. Não negue.

Ele quis sumir dali. Teve que se esforçar genuína e fisicamente para permanecer onde estava.

– Estava fazendo um sanduíche. Isso não conta? Estava fazendo um sanduíche e pensando em você. Como poderia esperar ou me preparar para vê-la chegar e me dar um beijo?

– Ela *beijou* você?

– Ah, meu Deus, devia ter comprado a coisa reluzente. Ela só... Tudo isso foi porque ela me pegou desprevenido.

– E você arranjou um pedaço de pau enorme para se defender das investidas indesejadas dela?

– Eu não... Está com ciúmes? É sério que está com ciúmes por causa daquilo?

Mac cruzou os braços.

– Aparentemente sim. E não pense que isso é um elogio.

– Desculpe, não consigo evitar. – Ele sorriu. – Ela não significa nada para mim. Penso em você o tempo todo.

– Muito engraçado. – Mac pegou o vinho dele e tomou um gole. – Ela é linda.

– É mesmo.

O olhar de Mac o fulminou.

– Você não entende nada mesmo, não é? Precisa da lista do Bob para saber que agora é o momento de me dizer algo como "ela não é nada comparada a você"?

– Ela não é. Nunca foi.

– Ora, por favor. Com lábios de picada de abelha, olhos cor de ameixa e aqueles peitões... – Tomou mais um gole e lhe devolveu a taça. – Sei que é superficial detestá-la por sua aparência, mas é que não tenho nada de mais e ela tem um monte de coisas... Entendo que o tenha pegado desprevenido. Mas a verdade, Carter, é que ela me surpreendeu. Nas duas vezes. Tudo que sei é que teve uma relação séria com aquela mulher, que moraram juntos e ela o abandonou. Não foi você, foi ela. Você a amava e ela o magoou.

– Não a amava. E, quanto a ela ter me magoado, acho que tem mais a ver com as circunstâncias. Já entendi que tornei essa história mais complicada e mais importante por ter evitado falar dela. Não foram os meus melhores momentos. Eu a conheci numa festa na casa dos Gordens, os amigos em comum. Eu tinha voltado havia poucos meses. Começamos a sair, de forma casual no princípio, e depois ficou mais sério.

– Começaram a dormir juntos. Estou acompanhando a sua semântica, professor.

– Humm. Ela pensava que eu acabaria voltando para Yale e não entendia por que eu queria lecionar aqui, ficar aqui. Mas no início isso era algo pequeno, sem muita importância. Morar juntos simplesmente aconteceu.

– Como uma coisa dessas simplesmente acontece?

– Ela estava se mudando para um apartamento maior. Alguma coisa deu errado, já não lembro bem os detalhes. Mas ela já tinha avisado ao proprietário da casa em que morava e teve que sair de qualquer jeito. Eu tinha aquele espaço todo, e seria apenas por algumas semanas, talvez um

mês. Até que encontrasse outro lugar. E de alguma forma...

– Ela não encontrou outro lugar.

– Eu deixei que acontecesse. Era bom ter alguém ali com quem jantar, ou com quem sair para jantar. Na verdade, pensando nisso agora, vejo que jantávamos fora com frequência. Eu gostava da companhia, de ter alguém com quem voltar para casa. De fazer sexo com regularidade. E aparentemente preciso do Cyrano.

– Todo mundo gosta de fazer sexo com regularidade.

– Pensei em pedi-la em casamento. Depois percebi que só tinha pensado nisso porque era o esperado. Todo mundo presumia que... Depois me senti culpado porque não queria pedi-la em casamento. Morava com ela, dormia com ela, pagava as contas, fazia...

Como um guarda de trânsito, Mac levantou o braço.

– Você pagava as contas dela?

Ele deu de ombros.

– No início ela estava tentando economizar para comprar a própria casa e depois... virou um hábito. O que quero dizer é que morávamos juntos quase como se fôssemos casados, e eu não a amava. Eu queria. Ela deve ter sentido isso e eu conseguia ver que ela não estava inteiramente feliz. Começou a sair mais. Por que teria que ficar trancada em casa quando eu estava enterrado em livros e papéis? Ela percebeu que eu não seria o que ela queria que eu fosse, nem lhe daria o que desejava, então arranjou outra pessoa.

Ele ficou olhando para a taça de vinho em cima da bancada.

– Talvez eu não a amasse, mas é doloroso e humilhante ser trocado. Ser traído. Ela teve um caso e não percebi nada. O que não teria acontecido, com certeza, se eu prestasse mais atenção nela. Corrine me deixou e, embora tenha sido doloroso e embaraçoso, também foi um alívio.

Mac precisou de um tempo para absorver aquilo tudo.

– Deixe-me fazer um resumo. Essa é uma fórmula básica que conheço muito bem. Ela manipulou você para que lhe desse um lugar para morar... pelo qual não precisaria pagar.

– Não podia lhe cobrar um aluguel.

– Não arcava com nenhuma despesa doméstica e ainda o convencia, com o maior jeitinho, a pagar as contas dela. Você provavelmente lhe emprestava dinheiro uma vez ou outra, e nunca mais o via de volta. Comprava coisas para ela, como roupas e joias. Se você se recusasse, ela o amaciava com lágrimas ou sexo e conseguia o que queria.

– Bem, acho que sim, mas...

– Deixe-me terminar. Quando ela se cansou disso, ou viu algo mais reluzente, mentiu, enganou, traiu, e depois jogou a culpa em você, por não ter se preocupado o suficiente. Foi mais ou menos assim?

– Foi, mas isso não tem a ver com...

Mac ergueu o braço de novo.

– É a Linda. Ela é a... Corrinda. Faz o mesmo estilo da minha mãe, só que numa versão mais jovem. Vivi a vida inteira nesse ciclo, exceto pelo sexo. E sei que quem está de fora enxerga isso com mais facilidade. Você e eu, Carter, somos dois otários. E o pior é que deixamos que nos

convençam de que temos culpa pelo comportamento egoísta e degradante deles. Se eu soubesse disso tudo, não teria... ah, teria sim. Teria reagido exatamente do mesmo jeito, porque é um reflexo condicionado. É o fator Linda.

– Isso não invalida o fato de que ajudei a criar aquela situação e permiti que ela continuasse, apesar de não amá-la.

– Eu amo a minha mãe. Sabe Deus por quê, mas amo. Mesmo quando sinto raiva, ressentimento e frustração, eu a amo. E sei que ela, apesar do egoísmo, do abuso e da manha, também me ama, à sua maneira estranha. Ou, pelo menos, gosto de pensar assim. Mas nunca tivemos um relacionamento saudável. Nunca teremos o que eu quero. E a culpa não é minha. Corrinda, como a chamarei para sempre a partir de agora, também não foi culpa sua.

– Queria muito não ter deixado que isso magoasse você. Se eu tivesse lidado melhor com as coisas...

– Da próxima vez que a encontrarmos, pode me apresentar apropriadamente como a mulher com quem está envolvido.

– E estamos? – Aqueles serenos olhos azuis fitaram os dela. – Estamos envolvidos?

– Isso já é o suficiente? Você consegue entender que estou tentando lidar com o fato de o meu armário emocional estar entulhado, desorganizado e uma bagunça? E que não sei de quanto tempo precisarei para pô-lo em ordem?

– Estou apaixonado por você. O que não significa que quero que esteja comigo ou que fique comigo porque acha que é o esperado. Quero estar aqui quando tiver posto tudo em ordem, e enquanto faz isso. Quero saber que será verdade quando disser que me ama.

– Se isso acontecer, se eu for capaz, vai ser a primeira vez que direi isso a um homem. E será verdade.

– Eu sei. – Carter pegou a mão dela e a beijou. – Posso esperar.

– Esta foi uma semana das mais estranhas! – Levou as mãos ao rosto. Parecia certo tê-lo ali com ela. – Acho melhor irmos lá para cima para terminarmos de fazer as pazes.

capítulodezessete

ELA O BEIJOU NA ESCADA E SENTIU que aquele dia tão longo estava terminando em paz.

– Não é de espantar que tenhamos atração um pelo outro. – Deu-lhe um abraço pouco antes de segurar a sua mão e continuar subindo. – Nós dois temos o gene do otário. Deve ser algum tipo de feromônio.

– Fale por você. Prefiro pensar em nós como pessoas que naturalmente se importam com os outros e pensam o melhor deles.

– É isso aí. Otário. – Deu-lhe um sorriso, mas parou de repente quando viu o choque se estampar no rosto dele. – O que foi? O que... Ai, meu Deus!

Ficou parada ao lado dele olhando os restos deixados pela passagem de um tornado em seu quarto.

– Eu esqueci. Eu... me esqueci de dizer que na verdade sou uma espiã internacional, uma agente dupla. E que o meu arqui-inimigo invadiu a casa mais cedo à procura de um código secreto. A batalha travada foi terrível.

– Gostaria de acreditar nisso.

– É zen.

– O arqui-inimigo?

– Não, o objetivo final. Olhe, por que não vai lá para baixo até eu enfurnar isso tudo de volta no armário? Não vai levar muito tempo.

– É como uma pequena loja – disse Carter, meio espantado. – Uma butique.

– É, para uma insanidade temporária. – Mac pegou um punhado de roupas. – Sério, me dê dez minutos. Não é tão ruim quanto parece.

– Admiro o seu otimismo. Mackensie, lamento que essa história a tenha perturbado tanto.

– Como é que você...

– Tenho mãe e duas irmãs. Reconheço os sinais de um furioso ataque de arrumação.

– Ah... – Ela largou as roupas de novo no sofá. – Tinha esquecido que você tem conhecimento das estruturas básicas.

– Vou ajudar a guardar tudo em algum lugar, já que, em parte, também fui causador do problema.

– Não. Sim. Quero dizer, você foi, sim, em parte causador do problema. Uma espécie de ponta do iceberg. Mas sob a superfície é que estava o resto... efetivamente maciço do iceberg – acrescentou. – Como o *Titanic*. Desde a visita desastrosa que minha mãe me fez até a história da

Corrinda...

– Vai mesmo chamá-la assim?

– Vou. Bom, você conhece essa parte da trama, mas o desfecho, a pressão final do dedo no gatilho, volta para Linda.

Aproximou-se da cama e pegou uma pilha de roupas.

– Ela não trouxe o meu carro de volta, porque fazer isso significaria trazer a si mesma de volta quando estava se divertindo muitíssimo em Nova York. Então, resolveu não atender o telefone.

Depois de pendurar as roupas, virou-se e deu com Carter parado logo atrás dela com outra pilha nas mãos.

– Obrigada. Também não se lembrou de deixar as chaves do carro dela comigo, portanto eu não poderia usá-lo se quisesse. Ontem de manhã, eu estava pronta para cometer um crime, mas tive uma conversa animadora com a Laurel, que não engole sapo de jeito nenhum. Admiro tanto isso nela... E, depois dessa conversa, mandei rebocar o carro da minha mãe para uma garagem, uma oficina mecânica.

– Brilhante! Consequências adequadas para um comportamento inadequado.

– Essa observação é a cara do Dr. Maguire. Talvez seja apropriado, mas também foi maldade, principalmente porque o cara conhece o Del e concordou em cobrar da Linda as despesas com reboque e diária.

– Mas já que o seu carro está aí na frente, deduzo que ela acabou o trazendo de volta. Deve ter ficado furiosa com essa história de reboque.

– Furiosa é pouco. A coisa ficou feia. Muito feia. E descobri que, mesmo que você tenha razão, que eu esteja fazendo a coisa certa, não é nada fácil. Tipo um soco na cara – acrescentou ela, com um sorrisinho. – Em suma, pulando os detalhes, acabei chamando um táxi para minha mãe e literalmente bati a porta na cara dela.

– Ótimo. Ela vai pensar duas vezes antes de aprontar outra como essa.

– Isso, sim, é otimismo. O mais puro otimismo. Ela nunca pensa duas vezes, Carter. Ainda vão acontecer milhões de coisas como essas. Eu é que tenho que aprender a lidar com isso. Seguir em frente e continuar levando esses tapas na cara sem entregar os pontos.

– Mas você vai conseguir.

– Tenho que conseguir. E, afinal de contas, resolvi descontar minha irritação arrumando toda essa bagunça. Comecei fazendo uma bagunça maior ainda, mas com o objetivo de deixar tudo limpo e impecável. O que acaba sendo uma forma simbólica de me livrar de velhos hábitos e conceitos. Assim...

Mac tomou um susto quando se virou com mais uma pilha de roupas nas mãos e viu o próprio reflexo no espelho.

– Céus, pareço saída de uma instituição para relaxados e desgrenhados em fase terminal. Você não podia ter me dito que o meu cabelo estava dando a impressão de que dois gatos tinham brigado em cima dele?

– Eu gosto do seu cabelo.

Mac tentou ajeitá-lo com as mãos.

– Sabe, isso é só mais um motivo para aumentar a minha irritação. Eu estava ótima naquela noite em que fui à sua casa. As vendedoras da MAC trabalharam direitinho. Ainda por cima fiz umas comprinhas na La Perla e era o que eu estava usando. Foi um pequeno baque para o meu cartão de crédito, mas, agora que fechamos o trabalho com os Seamans, ele vai se recuperar direitinho. Mesmo assim eu...

– Vocês conseguiram o trabalho? – Carter a ergueu do chão e girou com ela nos braços. – Isso é... Caramba!

– Eu devia ter esperado uma reação assim.

– Comprei uma garrafa de champanhe para comemorar esse trabalho. Mas não a trouxe comigo.

– Você comprou champanhe para comemorar comigo? – Ela quase chegou a sentir as próprias pupilas assumirem o formato de corações quando olhou para ele. – Você é o cara mais fofo do mundo.

– Vamos comemorar amanhã.

– Amanhã à noite tenho evento.

– Então na primeira oportunidade. Parabéns! Isso é fantástico.

– Fantasticamente fantástico para ser bem redundante. É o evento do ano e vai nos fazer testar toda a nossa capacidade, vai nos levar a desenvolver novas ideias.

– Vocês devem... O que é La Perla?

O sorriso de Mac foi se abrindo devagar.

– Quer dizer que mãe e duas irmãs não lhe ensinaram tudo sobre as mulheres? Ainda precisa aprender umas coisas, professor. Vá lá para baixo.

– Não quero ir lá para baixo. – Carter baixou a cabeça para lhe dar um beijo de leve. – Estava com saudade. Saudade do seu rosto. De tocar você. Veja como abrimos um espaço na cama. Parece suficiente para nós dois.

– Vá lá para baixo – insistiu ela, pondo um dedo em seu peito para empurrá-lo. – Eu aviso quando puder subir. Você vai me agradecer.

– Por que não posso simplesmente agradecer agora e...

– Fora daqui!

E lhe deu um empurrão.

Carter ficou andando de um lado para outro no estúdio, observando as fotografias, folheando revistas de noivas. Perguntava-se qual seria o termo para descrever o que estava acontecendo dentro dele, aquela mistura de alegria intensa e impaciência quase incontrolável. Mackensie estava lá em cima e isso era maravilhoso. Mackensie estava lá em cima, e ele não. Isso o estava deixando louco.

Foi até a porta pra ver se estava trancada, pensando se deveria pegar um vinho. Não estava com vontade de beber, mas ela...

– Por que você não sobe?

Graças a Deus, pensou ele, e o vinho ficou onde estava.

Pelas sombras e pela luz bruxuleante, percebeu que ela tinha acendido velas. Havia no ar um

leve perfume sedutor. Carter se deu conta de que devia ter levado o vinho.

Depois, quando entrou no quarto, o seu coração parou.

Em meio às sombras, à luz dourada, ao perfume que pairava no ar, Mac estava deitada na cama, virada para ele, com a cabeça apoiada num braço dobrado. Tinha feito alguma coisa no cabelo que o deixou sedoso, e tinha pintado a boca e os olhos de um jeito exótico. No seu corpo esguio e lindo havia os traços sinuosos de uma delicada renda preta.

– Isso – disse ela, fazendo um gesto com a mão livre – é La Perla.

– Ah, obrigado.

Ela o chamou usando apenas o indicador.

– Por que não vem até aqui para ver mais de perto?

Carter se aproximou e disse:

– Você me deixa sem fôlego.

Sentou-se e passou a mão pelo corpo dela, acompanhando as suas curvas.

– Estava usando isso naquela noite?

– A-hã.

– Se eu soubesse, você não teria conseguido chegar até o carro.

– Verdade? Por que não me mostra o que teria feito se soubesse?

Ele se inclinou e roçou os lábios dela com os seus por um breve instante. Depois a beijou com sofreguidão. Uma necessidade imediata, uma urgência selvagem tomou conta dele, exigindo pressa. Ele engoliu um arquejo abafado e quis mais.

Excitação, desejo e amor cresciam dentro dele, transformando-se numa ânsia desesperada por aquela boca que estava sob a sua, aquele corpo que estava sob o seu. O gosto dela, já ao primeiro toque, ateou fogo ao seu sangue.

A boca ia conquistando enquanto as mãos exploravam.

O corpo de Mac explodiu sob o seu, arqueando-se, contorcendo-se à medida que tentava tirar sua camisa. Ela a arrancou pela cabeça para atirá-la longe, arranhando a pele dele com as unhas em sua pressa. Rolou com ele na cama, com a respiração ofegante, enquanto os corpos se misturavam, um buscando o outro, buscando um prazer mais sombrio, mais profundo, que lambuzava a pele, machucava o coração.

Toque, gosto, posse.

Ser desejada assim, necessária assim, e desejar e precisar em troca parecia impossível para Mac. Era como ser queimada viva, sentindo, tendo consciência de cada centímetro do próprio corpo, que pegava fogo. Que ia sendo consumido.

Carter a virou, deixando-a de costas, erguendo os quadris dela. E a penetrou. Sem fôlego, ela não conseguiu gritar.

Atordoada, meio zonza, indefesa, ela se apoiou e agarrou os lençóis embolados como se eles fossem uma tábua de salvação. As mãos dele pegaram as suas para erguer seus braços acima da cabeça. E a penetrou de novo, de novo, de novo. Era um ritmo forte, primitivo, que os levou ao clímax e acabou.

Quando o corpo dele desabou sobre o seu, as mãos dela continuaram contraídas. À luz

bruxuleante das velas, que incidia sobre aqueles corpos emaranhados, Carter virou a cabeça e a beijou com incrível ternura.

Mac continuou deitada, imersa numa espécie de deslumbramento.

– Não fui muito delicado – murmurou ele. – Será que eu...

– Sabe de uma coisa? – atalhou ela, sorrindo na penumbra. – Vou voltar à Nordstrom. Vou comprar todo o estoque de La Perla que encontrar por lá. O que tiver do meu tamanho vai ser meu. Nunca mais vou usar outra coisa.

– Já que vai sair, talvez pudesse comprar umas vitaminas. Um estoque inteiro. E uns minerais também.

Ela riu e se virou de lado enquanto ele fazia a mesma coisa. Seus rostos quase se tocaram.

– Você tem uns olhos tão serenos... Ninguém diria que é um animal na cama.

– Você é que tem esse corpo que me faz desejá-la. Está com frio?

– Agora não. É bem provável que nunca mais volte a sentir frio. Você pode ficar aqui?

– Posso.

– Ótimo. Estou lhe devendo uns ovos mexidos.

Com as mãos na cintura, Emmaline ficou parada no meio daquele caos que era agora o quarto de Mac.

– Nunca me passaria pela cabeça que você e Carter fossem adeptos do sexo selvagem.

– Pois somos. Mas tenho que dar um jeito nisso tudo sozinha.

– A pergunta que não quer calar: por quê?

– Estou organizando isso aqui.

– Neste mundo, organizar geralmente significa pôr as coisas em seus lugares.

– É exatamente o que vai acontecer. Quer para você? Nunca uso essa bolsa.

Emma precisou desviar de pilhas de roupas e acessórios, chegando a pisar em algumas coisas, para pegar a carteira marrom.

– Tem cor de cocô ressecado. Vai ver que não usa porque ela é feia.

– É mesmo, não sei onde eu estava com a cabeça naquele dia. Jogue naquela pilha ali, são as coisas que vão embora – acrescentou Mac, apontando para a tal pilha.

Emma foi até lá para jogar a bolsa.

– Você não quer mais esses sapatos?

Mac se virou e viu a amiga examinar um pé dos seus escarpins altíssimos verde-limão.

– Eles me matam – disse ela. – Fico cheia de bolhas sempre que tento usá-los.

– Mas eles são fantásticos.

– Também acho, mas acabo não usando por causa das bolhas. – Mac balançou a cabeça ao ver o brilho nos olhos da amiga. – Eles não cabem em você.

– Eu sei. Mas não é certo a Laurel e a Parker calçarem o mesmo número e nós duas ficarmos de fora. É uma injustiça. – Ainda segurando o sapato, ela girou, olhando ao seu redor. – Como é que você e Carter transam aqui?

– Damos um jeito. Ultimamente tenho ido para a casa dele. Mas só porque ele fica querendo ajudar sempre que vê essa bagunça. Não dá para ter um homem se metendo em arrumação de armários e cômodas. Ele começou a contar os meus sapatos.

– Eles nunca entendem os sapatos.

– Por falar nisso, põe esse aí na pilha das coisas que vão ficar. É aquela. Eles são lindos demais para irem embora. Vou usar quando for ficar muito tempo sentada.

– Sábia decisão.

– Está vendo, isso é uma coisa que ele nunca entenderia. Ia ficar com aquele vinco de preocupação entre as sobrancelhas.

– Vincos de preocupação à parte, vocês estão se entendendo?

– Está tudo ótimo. Quase perfeito. Não sei por que fiquei tão mexida e doida por causa disso. E essa blusa? Ela é muito parecida com essa outra. Eu devia me desfazer de uma delas, mas de qual?

Emma analisou as duas blusas.

– São pretas. Não há limite para blusas pretas. Elas fazem parte de um guarda-roupa básico.

– Está vendo? Foi por isso que pedi que você viesse.

– Quem tinha que vir era a Parker, Mac. Você disse que começou essa arrumação na quinta. Da semana passada.

– De jeito nenhum. Se a Parker olhar isso, o sistema nervoso dela vai implodir. Ela vai ficar em coma por meses. Eu não faria isso com ela. Além do mais, encomendei umas coisas. Caixas para sapatos, cabides e aquele negócio cheio de ganchos para pendurar bolsas ou cintos. Acho que foi isso. Dei uma olhada nesses acessórios para organizar armários, mas achei tudo muito confuso. E ainda por cima estou me livrando de 25 por cento do que tenho. A ideia era que fossem cinquenta, mas isso foi antes de eu recobrar o bom senso.

– Mas já faz quase uma semana que você está trabalhando nisso.

– É que não tenho tido muito tempo. Tem o trabalho, o Carter e minha estranha relutância em subir aqui. Mas vou meter a cara essa noite.

– Não vai encontrar o Carter?

– Hoje ele tem reunião de pais e professores. Além disso, a gente não se vê todas as noites.

– Claro que não. Só nas que acabam em "a" ou "o". Você parece feliz. Ele a faz feliz.

– Faz mesmo. Mas teve uma coisinha.

– Ai, ai.

– Não! Foi só uma besteirinha de nada. Ele perguntou se eu não queria deixar algumas coisas lá. Algumas coisas minhas.

– Tipo uma muda de roupas, uma escova de dentes. Mac...

– Eu sei. Eu *sei*. É normal e demonstra consideração. Mas começo logo a ficar mexida e doida. Não fiz nada, mas bem que quis. E olhe só para as minhas coisas. É uma quantidade enorme. Se eu começar a misturar com as dele, como vou saber onde estão? E como vai ser se eu levar alguma coisa para lá e depois precisar dela aqui?

– Você sabe perfeitamente o que está procurando: está tentando descobrir defeitos, barreiras, impedimentos. Sabe disso, não sabe?

– Saber que procuro essas coisas não significa que elas não existam. Estou começando a me acostumar a estar com ele, um casal oficial, e agora ele me vem oferecer espaço no seu armário? Estou tentando dar conta do meu.

– E fazendo um ótimo trabalho.

Mac observou as pilhas.

– É um processo em andamento.

– Igualzinho a você. Igualzinho à sua relação com o Carter. Pessoas e relações nunca deixam de ser um processo em andamento.

– Sei que você está certa. É só que... Quero ver tudo arrumado. – Mac suspirou, passando os olhos pelas pilhas. – Quero ver a minha vida organizada e me sentir no controle. Ter alguma clareza. Quero saber o que estou fazendo com essa história, do mesmo jeito que sei o que faço no trabalho.

– Você o ama?

– Como é que a gente sabe disso? Vivo me fazendo essa pergunta e a resposta é sempre sim. Amo, sim. Mas as pessoas estão o tempo todo se apaixonando e se desapaixonando. A primeira parte é empolgante, mas a segunda é horrível. Atualmente tudo está indo superbem e eu adoraria que continuasse assim.

– Você faz ideia do quanto eu gostaria de estar apaixonada por um homem que me amasse?

– Não acho que esteja correndo para pegar os buquês que você mesma faz.

– Pois está muito enganada. Se eu tivesse o que você tem agora, não estaria aqui parada, no meio desse caos, tentando organizar a minha vida. Estaria louca para começar uma vida. Se você...

Emma parou de falar quando ouviu a porta da frente bater.

– Ei, Mac, está em casa?

– O que o Jack está fazendo aqui?

– Ah, esqueci. Aqui em cima! – gritou Mac. – Ele vinha falar com a Parker, aí disse a ela para lhe pedir que passasse aqui. Já que eu estava toda atrapalhada com esses acessórios para organizar armários, achei que seria uma boa ideia consultar um arquiteto.

– Você quer que um arquiteto, um homem... *Jack*... organize o seu armário?

– Não, quero que ele me dê uma ideia do que usar para organizá-lo.

Emma a olhou de um jeito estranho.

– Agora você penetrou no território da Parker.

– Talvez, mas já viu o armário dela? Parece uma foto de revista. Provavelmente é como o da rainha da Inglaterra. Só que sem aqueles chapéus esquisitos. Jack! Você é exatamente quem eu queria ver.

O rapaz ficou parado na porta, usando jeans, camiseta e botas. Era alto. Uma figura muito máscula.

– Não quero entrar aí. Não se deve tocar em nada na cena de um crime.

– O único crime nesse quarto é aquilo – disse Mac, apontando para o armário. – Um armário vazio com uma barra idiota para pendurar coisas e uma prateleira. Você tem que me ajudar.

– Eu disse que você precisava projetar o armário quando fizemos a reforma da casa.

– Naquela época eu estava com pressa, agora não estou. Sei que preciso de pelo menos duas barras, certo? Uma mais baixa. E mais prateleiras. Talvez umas gavetas.

Jack deu uma olhada ao redor.

– Você vai precisar de um barco maior.

– Estou pagando pelo meu erro. Não precisa tripudiar.

Ele entrou no quarto com os polegares enfiados na passadeira do cinto.

– Tem bastante espaço.

– Tem, sim, e isso é parte do problema. Tendo todo esse espaço, me senti na obrigação de preenchê-lo. Você pode dar um jeito?

– Claro que posso. Aliás, um kit da Home Depot pode dar um jeito nisso.

– Andei dando uma olhada lá, mas queria alguma coisa mais... Mais.

– Podíamos aproveitar para revestir de cedro. Você tem bastante espaço para pôr uns modulados aí. Colocar uma barra menor na lateral, talvez algumas prateleiras com compartimentos ali. Não sei, vou pensar. Conheço um cara que pode fazer isso para você.

Mac abriu o maior sorriso.

– Viu só? Eu sabia que você podia resolver o problema.

– Mas enfiar toda essa tralha lá dentro de volta é problema seu.

– É óbvio. E já que está aqui...

– Você quer que eu projete o seu armário de vassouras?

– Não, mas obrigada assim mesmo. Quero um ponto de vista masculino.

– Isso eu posso lhe dar.

– O que significa quando você diz a uma mulher que ela devia deixar algumas coisas na sua casa?

– Que levei uma paulada na cabeça?

– Reação bem típica – resmungou Emma.

– Ei, foi ela que perguntou.

– É uma mulher com quem você tem um envolvimento exclusivo, uma relação íntima – explicou Mac.

– E agora ela quer deixar aqueles estranhos produtos femininos no banheiro. Depois vai precisar de uma gaveta. Quando menos se esperar, vai sair comprando travesseiros para a cama e sua cerveja vai ter que dar espaço para os refrigerantes diet e os iogurtes light que ela vai botar na geladeira. E, pronto, no domingo à tarde você vai para feiras de antiguidade em vez de assistir ao jogo.

– E isso é o fim do mundo? – perguntou Emma. – Claro que ela pode rolar na sua cama, rasgar os lençóis, mas, que diabos, não pode deixar uma escova de dentes no *seu* banheiro? Nem ocupar uns centímetros numa gaveta? Isso já é exagero, já é demais. Não seria melhor então deixar o dinheiro em cima da cômoda e deixar as coisas bem claras?

– Uau, não foi isso que eu...

– Por que ela deveria se sentir à vontade? Por que deveria esperar que você abrisse algum espaço

na sua vida para as necessidades dela? Que Deus não permita que essa mulher interfira no seu precioso tempo, no seu espaço sagrado. Vocês são patéticos – disse ela. – Os dois. – E foi embora feito uma bala.

Jack ficou olhando para o vão da porta.

– O que aconteceu? Por que ela ficou tão brava comigo?

– Na verdade, é comigo. O problema sou eu.

– Na próxima vez, me avise com antecedência para eu poder aparar o que sobrar para mim. Ela anda... saindo com alguém que está lhe dando dor de cabeça?

– Não. Não está saindo com ninguém em particular. Eu é que estou e ela está chateada porque acha que não dou a isso... a ele... o devido valor. Mas está enganada. Eu dou, sim. Por outro lado, Emma tem toda razão quando diz que o meu processo mental segue a mesma espiral descendente que você acabou de descrever. E é isso mesmo. É patético.

– Não é necessariamente uma espiral descendente. Talvez você queira o iogurte ou ir a uma feira de antiguidade. Depende.

– De quê?

– De quem está deixando as coisas na sua gaveta. Tem cerveja aí?

– Tem, sim.

– Então vamos tomar uma. Vou esboçar alguma coisa. Se gostar, mando um cara que conheço vir aqui medir tudo, e pronto.

– Isso vale uma cerveja.

– Então, você e Carter Maguire...

– Eu e Carter Maguire – disse ela quando começaram a descer a escada. – Acha estranho?

– Por que acharia?

– Sei lá. Talvez porque a gente meio que se conheça desde a escola, quando eu estava na minha fase artística de plena liberdade de espírito e ele era um nerd. E, quando eu tive aquela quedinha obrigatória pelo Del, o Carter estava dando aula particular para ele.

– Você foi a fim do Del?

– Pelos cinco minutos obrigatórios – respondeu ela, pegando a cerveja. – Aliás, acho que foram só três minutos. Para Emma é que durou cinco.

– Emma... humm.

– E acabei reparando nele. Quero dizer, em Carter. Tipo, ah, olha só aquele cara. É superinteligente. De repente chegamos ao momento atual e passou a ser, *ah*, olha só aquele cara! É engraçado.

– Pelo visto, isso está lhe fazendo muito bem.

– Está mesmo, quase sempre – disse Mac, entregando-lhe um copo de cerveja e brindando. – Quando não é assustador. Eu nunca amei antes. Já tive tesão, tive uns namoros, mas amor é outro patamar ao mesmo tempo ótimo e apavorante. Hoje à noite ele tinha uma reunião na escola, o que é mais uma coisa esquisita e engraçada. Eu apaixonada por um professor. Com ph.D. Logo eu que sou a única de nós todos que não fez faculdade. Fiz cursos de fotografia e de administração, mas não vivi essa coisa de alojamento, campus e tudo o mais. E agora estou

completamente envolvida com um cara que dá notas em dissertações, passa dever de casa, comanda debates sobre Shakespeare. Sabe o que acaba de me ocorrer? Que você faria mais sentido.

– Eu? – perguntou Jack, atônito. – Faria?

– Não precisa fazer essa cara apavorada. Só estou dizendo que você seria uma escolha mais lógica. Nós dois pensamos em imagens, conceitos. Precisamos visualizar para criar. Nós dois temos nosso próprio negócio, lidamos com clientes. Temos pais divorciados e meios-irmãos, embora os seus pais sejam muito gente boa. Temos um círculo de amigos comuns e fobia de compromissos. E gostamos de uma cervejinha de vez em quando. Além do mais – percebeu ela –, nossos nomes rimam.

– Tem razão. Vamos transar.

Mac riu.

– Perdemos o timing.

– É, acho que perdemos.

Rindo, ela deixou o copo de lado.

– Você nunca tentou nada.

– Se eu tivesse tentado, o Del teria me espancado até a morte com uma pá. Ninguém mexe com as garotas dele.

– Mas ele sabe que todas nós fazemos sexo.

– Só que prefere fingir que não. E nenhuma de vocês transou comigo, para minha infelicidade. Esse é o problema.

– Acho que você tem razão. Além disso, apesar de parecermos, pela lógica, o par perfeito, íamos acabar brigando por causa de espaço em gavetas e nos odiando. Carter dá espaço. Ele tem a capacidade inata de se abrir e aceitar.

– E está apaixonado por você – comentou Jack. – Então, como vai ser? Quem vai tirar as fotos do casamento quando a fotógrafa estiver caminhando até o altar?

– Altar? – Mac engasgou com a cerveja. – Nunca mencionei a palavra altar. Eu não... Nós não... De onde tirou a ideia de que estamos pensando em casamento? De onde saiu isso?

– Ah, sei lá. – Ele girou no banquinho, apontando para as paredes cobertas de fotos de casamentos. – Talvez o fato de estar cercado por tantos olhos apaixonados.

– Isso é trabalho. Essas fotos são trabalho. Não é porque penso em casamentos que vou ficar pensando num casamento para mim.

– Tudo bem, não precisa surtar.

– Não estou surtando. Só estou... – Mac respirou fundo, foi até a escrivaninha e voltou trazendo um bloco bem grande e um lápis. – Ande, faça o seu esboço. Faça por merecer essa cerveja.

Ela passou o resto da noite às voltas com o seu planejamento. À medida que montes e pilhas se tornaram mais manuseáveis, seu nível de estresse foi diminuindo e começou a dar lugar a uma sensação de dever cumprido. Em breve teria de volta um espaço para viver, o que era o melhor de

tudo, pensou. Sentia que estava no controle agora.

Era bom passar a noite sozinha, lidar com as suas próprias coisas, ter o seu espaço. Podia fazer isso e, ao mesmo tempo, sentir saudade de Carter. Na verdade, essa atitude mostrava que estava encarando o relacionamento numa boa.

Amava-o, gostava de estar com ele, mas estava contente por passar um tempo consigo mesma. Por outro lado...

Quando o telefone tocou, foi verificar quem era no visor.

Linda.

Mac fechou os olhos e disse a si mesma que não daria para evitar a mãe para sempre. Deixar de atender às ligações seria uma atitude infantil. Era melhor confrontá-la e se manter firme, decidiu.

– O que foi, mãe?

– Mackensie, você precisa vir aqui! Por favor, venha imediatamente.

O alarme disparou, passando por cima do aborrecimento, e o coração de Mac saltou de medo.

– O que foi? O que aconteceu?

– Depressa. Ah, você tem que vir aqui. Não sei o que fazer.

– Está ferida? Você...

– Estou. Estou ferida, sim. Por favor, me ajude. Preciso de você. Por favor.

– Ligue para a emergência. Estou a caminho.

Saiu voando de casa. Só teve tempo de pegar um casaco. Dezenas de imagens, cada uma mais catastrófica que a outra, passavam pela sua cabeça. Uma tentativa de suicídio, um acidente, um assalto.

As estradas estavam cheias de gelo e perigosas, pensou, enquanto se arriscava, pisando no acelerador em meio àquela chuva desagradável e fria. Linda, que, na melhor das hipóteses, era uma motorista cuidadosa, podia ter arruinado aquele carrinho de brinquedo dela e...

Não, é claro que não. Ela ligou de casa, não do celular. Estava em casa.

Mac se esforçava para manter o controle da direção, segurando firme o volante com as mãos que queriam tremer ao fazer uma curva numa velocidade nada segura.

Derrapou na ladeira diante da casa de boneca da mãe em Cape Cod e correu pelo escorregadio caminho até a porta. Encontrou-a destrancada. A ideia do assalto entrou com ela na casa.

Linda teria sido estuprada? Teria apanhado?

Pulou um vaso de rosas quebrado no chão e foi para a sala, onde encontrou a mãe caída no chão, chorando.

– Mãe! Mãe, estou aqui. – Deixou-se cair ao lado dela, numa busca frenética por machucados. – Onde está doendo? O que ele fez? Você chamou a polícia, a ambulância?

– Ah! Eu quero morrer! – Linda encostou o rosto devastado, coberto de lágrimas, no ombro de Mac. – Não consigo suportar.

– Não, não diga isso. Não é culpa sua. Vou ligar pedindo ajuda e vamos...

– Não me deixe aqui!

– Não vou deixar. Não vou, não. – Embalou a mãe, fazendo um carinho na sua cabeça. – Vai ficar tudo bem, prometo.

– Como? Ele foi embora. Ele me deixou aqui.

– Você viu bem como ele era? Você o conhecia?

– Achei que conhecesse. Confiei nele de todo *coração*. E agora ele se foi.

– Quem? – A raiva que agora fervilhava dentro dela apagava o medo. – Quem fez isso com você?

– Ari, é claro. Ari. Achei que eu significasse alguma coisa para ele, já que me disse que eu trouxe a luz de volta à sua vida. Ele disse um monte de coisas para mim e então fez isso. Como ele pôde fazer isso comigo? Como pôde ser tão cruel?

– Tudo bem. Vai ficar tudo bem. Ele vai pagar por isso.

– Ele disse que foi uma emergência. Não tinha *tempo*. Tinha que ser esta noite. Que diferença alguns dias poderiam fazer? Como é que eu podia saber que meu passaporte estava vencido?

– O quê? – Mac deu um salto para trás. – Do que está falando? O que ele fez exatamente?

– Foi para Paris. Para Paris, Mac. Viajou sem mim. Ligou do avião. Disse que tinha que ir esta noite. Eram negócios que não podiam esperar, como me prometeu que faria, até eu resolver a questão do passaporte. Negócios. – A raiva ardia em meio à torrente de lágrimas. – Mentira. É outra mulher, eu sei. Alguma vadia francesa. Ele me prometeu e agora foi embora!

Mac se levantou devagar enquanto Linda chorava, com o rosto coberto pelas mãos.

– Você me chamou aqui, a esta hora da noite, e me deixou pensar que estava ferida...

– E estou. Olhe para mim!

– Estou olhando. Vejo uma criança mimada e zangada, fazendo pirraça porque as coisas não saíram do jeito que ela queria.

– Eu o *amo*.

– Você não sabe o que isso significa. Meu Deus, eu quase me matei para chegar aqui.

– Eu precisava de você. Precisava de alguém. Você nunca vai entender o que é isso.

– Espero que não. Tem água e vidro pelo chão. É melhor limpar.

– Você não vai embora, não é? Não vai me deixar aqui sozinha desse jeito.

– Vou, sim. E, da próxima vez, nem venho. Pelo amor de Deus, Linda, cresça.

Chutou um caco de vidro que estava no caminho e saiu dali.

capítulodezoito

MAC PREPAROU O EQUIPAMENTO que usaria no ensaio e verificou as anotações enquanto Carter, sentado diante da bancada da cozinha, corrigia trabalhos de alunos. Lá de cima, vinha a barulheira da pregadeira elétrica.

– Não é possível que você consiga se concentrar com tanto barulho!

– Dou aula para adolescentes. – Com um lápis vermelho, Carter escrevia uns comentários na margem de um dos trabalhos. – Se for preciso, consigo me concentrar em meio a uma guerra termonuclear.

Curiosa, Mac espiou por cima do ombro dele.

– Esse aí tirou B. Nada mau.

– E, para esse aluno, é um grande progresso. Ele está despertando. Está pronta?

– Ainda tenho um tempinho. Desculpe por ter me esquecido de dizer que tinha trabalho hoje à noite.

– Você já pediu desculpas. Não tem problema.

– Casamento no Dia dos Namorados é sempre o máximo do máximo. Parker e eu temos que estar presentes em cada etapa do ensaio de hoje. E amanhã também. – Mac se inclinou para lhe dar um beijo. – As pessoas do meu ramo tendem a trabalhar nessa data.

– Entendo.

– Vou mandar um daqueles cartões eletrônicos bem melosos para você. E comprei uma coisa. Um passo fundamental para mim, já que é o meu primeiro presente de Dia dos Namorados.

Foi até a escrivaninha e tirou um embrulho fininho da gaveta.

– Vou lhe dar isso agora para o caso de essas coisas demorarem mais do que o esperado e você resolver ir embora.

– Vou esperar. Comprou um presente para mim? – Carter tirou os óculos e os pôs de lado. – É o segundo que me dá. Teve o cardeal – acrescentou.

– Aquilo foi mais uma lembrancinha. Isso aqui é um presente. Abra.

Ele desfez o laço e abriu a caixa. *Como gostais*.

– Achei interessante porque ele está bem surrado. Parece que já foi lido milhares e milhares de vezes.

– Verdade. É perfeito – disse ele, segurando o queixo de Mac para aproximar o rosto dela do seu. – Obrigado. Quer o seu agora?

– Sabe qual a minha resposta? Dãã.

Carter tirou da pasta uma caixinha embrulhada em papel branco com uma fita vermelha reluzente. O tamanho e o formato do presente fizeram o coração de Mac quase sair pela boca.

– Carter...

– Você é a minha namorada. Abra.

Ela desembrulhou o presente com o coração disparado. Prendeu a respiração e levantou a tampa da caixinha, mas voltou a deixá-la cair quando viu o brilho dos brincos que havia ali dentro.

Dois minúsculos brilhantes em forma de coração pendiam da base de um terceiro, formando um trio delicado e elegante.

– Meu Deus, Carter, são lindos. São... Uau!

– Não posso deixar de dar o crédito a quem merece: Sherry me ajudou a escolher.

– São incríveis. Adorei. Eu... – As palavras ficaram presas. Incapaz de pronunciá-las, Mac lhe deu um abraço. – Obrigada. Sem dúvida alguma, sou sua namorada. Ah, tenho que experimentar esses brincos.

Virou-se para tirar as argolas que usava e substituí-las pelos brincos novos. Correu até o espelho que ficava do outro lado da sala.

– Ah! Uau! Como brilham! – exclamou, balançando a cabeça e vendo-os reluzir.

– Colocá-los agora mesmo significa que você gostou...

– Só se eu fosse louca para não gostar! Que tal?

– Uma luzinha, se comparados aos seus olhos. Mas ficou bonito.

– Você me deixa sem saber o que dizer, Carter. Nunca sei o que... esperar. – Inspirada, correu para pegar o tripé. – Vou me atrasar, mas brincos fantásticos como presente do Dia dos Namorados justificam qualquer falta de pontualidade. Até Parker me daria folga por esse motivo.

– O que está fazendo?

– Só vai levar dois minutinhos. Fique parado ali – disse ela, tirando a câmera da sacola.

– Quer tirar uma foto minha? – perguntou Carter, se remexendo no banquinho ao vê-la preparar a câmera. – Sempre saio tão pouco natural nas fotos...

– Vou dar um jeito nisso. Não se esqueça de que sou uma profissional – retrucou ela, sorrindo por trás da câmera enquanto ajustava o tripé. – Você está uma graça...

– Assim só me deixa mais sem jeito.

Mac escolheu o ângulo e o enquadrou.

– A luz está boa, acho. Vamos ver. – Pegou o disparador e se aproximou. – Agora, feliz Dia dos Namorados. – Passou os braços pelo pescoço de Carter e colou os lábios nos dele.

Entregou-se por completo, deixando que ele a puxasse mais para perto de si.

Capturou o momento e, ao recuar um pouco, olhando nos olhos dele, capturou aquele também.

– Agora – murmurou, virando o rosto, mas sem se afastar do dele –, sorria. – Mais uma vez, acionou o disparador. – Pronto. – Quando voltou a fitá-lo, esbarrou no nariz de Carter. – Não foi tão ruim assim...

– Talvez devêssemos tentar novamente – retrucou ele, pondo a mão na nuca de Mac. – Acho que pisquei bem na hora...

– Tenho que ir agora – disse Mac, rindo. Afastou-se e, antes de soltar a câmera do tripé, verificou as fotos que acabara de tirar.

– Não vai me deixar ver?

– Não antes de eu acabar de mexer nelas. Então, pode considerar o resultado como a segunda parte do seu presente.

– Tinha esperanças de ganhar a segunda parte quando você terminasse o trabalho de hoje.

– Ora, Dr. Maguire – replicou Mac, guardando a câmera no estojo. – Tudo bem... Podemos pensar num presente em três etapas.

Ele se levantou para ajudá-la a vestir o casaco. Mac pegou a bolsa com o equipamento.

– Agora, você tem que esperar...

– Sou bom nisso – disse ele, abrindo a porta para ela.

Aparentemente, era mesmo, pensou Mac, e seguiu para a mansão a passos rápidos.



– Não sei como sair dessa, mas tem que haver um jeito.

– Mac – disse Parker, erguendo uma taça de champanhe contra a luz, para ver se estava bem limpa, antes de colocá-la na mesa da família da noiva. – É só um jantar.

– Não é, não. Você sabe que não é só isso. É aquela história de ir conhecer a família. Um jantar *em família*.

– Faz dois meses que você está namorando o Carter. Já está na hora.

– Onde está escrito isso? – perguntou Mac. – Quero ver em que livro de regras isso está escrito. – E foi jogando os guardanapos de um jeito que Parker, suspirando, teve que arrumá-los direito. – Quando um homem a leva para conhecer a mãe, você sabe muito bem o que isso quer dizer.

– Claro que sei. Quer dizer que ele deseja que as duas mulheres mais importantes da vida dele se conheçam. Quer exibir as duas...

– Não quero ser exibida. Não sou um poodle. Por que não podemos ficar do jeito que estamos? Ele e eu.

– Isso se chama relacionamento. Procure no dicionário.

Laurel se meteu na conversa quando entrou trazendo uma bandeja com frutas e queijos.

– Se vai criar tanto caso com essa história, Mac, por que simplesmente não recusou?

– Alô-ô, brincos de brilhante! – exclamou Mac, erguendo ambas as mãos e apontando para os corações pendentes. – Fiquei atordoada com tanto brilho. Além do mais, ele foi esperto, perguntando se eu podia ir, como quem não quer nada, depois que eu disse que tínhamos um evento bem mais cedo hoje e que podíamos fazer alguma coisa mais tarde. Fiquei sem saber o que fazer.

– Babaca!

– Acha que não sei disso? E o fato de saber disso, mesmo tendo plena consciência de que a origem de tudo é a minha "mãefobia", não diminui em nada a realidade da babaquice...

– Claro que não – concordou Parker. – Você devia ter dito exatamente isso a Carter.

– É importante para ele. Deu para perceber apesar do tom quase de descaso que ele usou. Ele

merece alguém que vá a um desses jantares de família para conhecer a mãe. Eu preferia que fosse mais tarde, ou no fim de semana passado que agora já tivesse terminado... Mas parece que eles estavam na Espanha. Só que isso não tem a mínima importância porque, se tivesse sido na semana passada, eu ia querer que já tivesse acontecido na anterior...

– Sabemos muito bem disso... – afirmou Laurel. – Porque estamos acompanhando tudo.

– Cada vez que acho que entendi alguma coisa, e que me entendi também, aparece algo novo. E vocês sabem muito bem que todos eles vão ficar me observando, falando de mim.

– Pessoalmente, acho que seria melhor fazer isso logo de uma vez – disse Laurel, dando um passo atrás para examinar a mesa. – Mergulhe de cabeça nessa piscina familiar. É mais fácil e mais rápido que entrar na água aos pouquinhos.

– Isso me parece bom – observou Mac depois de um instante de silêncio.

– Você é boa no trato com as pessoas – acrescentou Parker. – Consegue fazê-las falar de si mesmas, perceber como são. Faça isso.

– Essa ideia também é boa. E pense positivo: quem sabe esse lindo casamento íntimo não acabe sendo uma farra de bêbados que dure a noite toda?

– O pai da noiva me pareceu do tipo que apronta – comentou Laurel.

Animada, Mac passou os braços pelos ombros das amigas.

– É só ter pensamentos positivos. Acho que devíamos descer e ajudar Emma a terminar a decoração. Já está quase na hora.

Não houve nenhuma farra de bêbados e Mac não teve desculpas. Ficou feliz por ter marcado com Carter na casa dos pais dele, pois, assim, teria que ir dirigindo sozinha, o que lhe dava algum tempo para se acalmar.

Mergulhar na piscina, pensou. E era ótima nadadora. Em geral. Seguiu as instruções que Carter tinha lhe dado, cheias de indicações bem precisas, e chegou ao bairro bonito e bem cuidado.

Exatamente o que esperava, percebeu. Uma sólida casa da Nova Inglaterra, bem no estilo classe média alta. Nos amplos gramados, alguma neve que já começava a derreter. Velhas árvores, cheias de personalidade, cercas vivas aparadas, grades impecáveis.

Tudo tinha uma aparência digna, sem ser exagerado. Tudo parecia coisa de rico, mas sem ostentação.

Meu Deus, o que estava fazendo ali?

Engolindo em seco, tomou a esquerda da alameda de duas pistas e estacionou atrás do Volvo de Carter. Quantos carros, pensou. Havia muitos deles perto da casa sólida, de dois andares, com uma varanda bem confortável na frente.

Já ia baixando o para-sol para verificar a maquiagem no espelhinho quando lhe ocorreu que alguém podia estar olhando. Iam achar que ela era vaidosa e fútil. Céus, disse Mac a si mesma, controle-se.

Saiu do carro e deu a volta para pegar as flores. Pensou e repensou nesse simples gesto mais de dez vezes. Levar uma corbelha que sobrou de um casamento para a dona da casa. Seria de mau

gosto?

As amigas lhe disseram que seria delicado e atencioso, mas...

Agora, era tarde demais.

Subiu os degraus da varanda, arrependeu-se vagamente de não ter verificado a maquiagem, e bateu.

Dois segundos depois, a porta se abriu. Mac não estava esperando, mas sentiu uma pontinha de alívio quando viu o rosto familiar de Sherry.

– Oi! Ah, uau! Olhem só isso! Mamãe vai amar. Seja bem-vinda ao hospício Maguire – disse a moça, fazendo Mac entrar. – É o Wii – acrescentou, apontando para o local de onde vinham os gritos. – O jogo. Demos a papai de presente de Natal. Nick e Sam, o meu cunhado, estão ganhando dos meninos no beisebol. Deixe que eu seguro isso para você tirar o casaco. Quase todo mundo está lá no salão. Ah, está usando os brincos! Não são incríveis? Espere aí, deixe eu pendurar seu casaco.

Sherry devolveu a corbelha para Mac e guardou o seu casaco. E, percebendo que ainda não tinha conseguido dizer uma única palavra, a moça sorriu.

– Mamãe está lá às voltas com o jantar. Ela está nervosa. Você também? Quando conheci a família do Nick, fiquei tão nervosa que me escondi no banheiro por uns dez minutos. Nunca me passou pela cabeça que Georgia, a mãe do Nick, *também* estivesse nervosa. Mais tarde, ela me contou que trocou de roupa três vezes antes de eu chegar. Fiquei bem aliviada. Então, saiba que mamãe está nervosa. Pode ficar aliviada.

– Obrigada. Fico, sim.

Enquanto ia entrando atrás de Sherry, Mac percebeu que havia gente e movimento num grande espaço iluminado. Carter ria com um homem bonito, de cabelo branco e barba bem cuidada. Ela sentiu o cheiro bom de comida sendo preparada.

Um momento, foi tudo que lhe ocorreu. Um momento tranquilo em família. Nunca tivera essa experiência pessoalmente, mas podia reconhecê-la.

– Ei, gente! Mac chegou.

O movimento parou. A imagem ficou congelada. E todas as atenções se voltaram para ela.

Carter foi o primeiro a se mexer, saindo da bancada onde estava apoiado e vindo em sua direção.

– Conseguiu chegar – disse, dando-lhe um beijinho por cima dos lírios brancos e das rosas perfumadas. Como ela estava segurando a corbelha, ele pôs a mão no seu ombro e se virou. – Esta é a Mackensie, mamãe.

A mulher que veio lá do fogão tinha um rosto forte, com olhos claros. Tinha um sorriso educado, acolhedor. E, Mac notou, uma pequena dose de reserva.

– Finalmente! É um prazer conhecê-la.

– Obrigada por me receber, Sra. Maguire – disse Mac entregando-lhe a corbelha. – É do evento de hoje. Emma, que a senhora conhece, é responsável pelas flores. Achamos que a senhora gostaria delas.

– São lindíssimas. – Pam inclinou a cabeça para sentir o perfume das flores. – E muito

cheirosas. Obrigada. Sherry, ponha a corbelha na mesinha de centro, por favor. Assim vamos poder ficar olhando para elas. Que tal uma taça de vinho?

– Seria ótimo.

– Sirva uma taça para Mac, Diane.

– Esta é a minha irmã, Diane – disse Carter.

– Oi. Cabernet ou Pinot? Vamos ter frango no jantar.

– Um Pinot, obrigada.

– Meu pai, Michael Maguire. Pai!

– Seja bem-vinda – exclamou o homem dando-lhe um forte aperto de mãos. – Irlandesa?

– Em parte.

– Minha avó tinha o cabelo como o seu. Brilhante como um pôr do sol. Então, é fotógrafa?

– Sou. Obrigada – disse Mac quando Diane lhe trouxe a taça de vinho. – Minhas sócias e eu temos uma empresa de casamentos. Ora, o senhor sabe, já que vamos fazer o casamento de Sherry.

– Bom, como pai da noiva, tudo o que faço é pagar as contas – retrucou ele, com um risinho maroto.

– Ah, pai...

Mike Maguire piscou o olho para Mac ao ver Sherry revirando os olhos na sua direção.

– No fim de tudo, mandamos um brinde junto com a nota fiscal.

O riso dele era intenso.

– Gosto da sua garota, Carter.

– Eu também.

Quando se sentaram à mesa para jantar, Mac já tinha uma boa noção de quem era quem. O pai gostava de rir. Adorava a família e era adorado por ela. Embora ele fosse o médico, era a sua mulher quem controlava o pulso de todos ali. Davam a impressão de trabalhar em equipe, e parecia ser uma equipe bem forte. Mas, nos momentos decisivos, era Pam quem assumia as rédeas.

Sherry era o bebê: um punhado de energia e alegria, amorosa e apaixonada. O noivo dela se comportava como um filho e era tratado como tal. Mac supunha que o óbvio encantamento que ele tinha pela moça lhe valera pontos importantíssimos.

Diane, a mais velha, fazia mais o gênero mandona. Parecia feita para ser mãe e seus filhos brilhavam, mas ela se mostrava vagamente descontente. Não era tão jovem, nem estava começando uma vida, como Sherry; tampouco era satisfeita e segura de sua posição como a mãe. O marido dela parecia não esquentar com nada e era um verdadeiro palhaço com as crianças. Mac percebia que esse jeito tranquilo do marido quase sempre irritava Diane.

Compreendeu as dinâmicas e as personalidades, como formavam e reformavam imagens. Ali estava algo que era uma tradição para eles: conversar, num jantar em família aos domingos, com trechos e passagens das suas vidas circulando pela mesa como o purê de batatas.

Ela era a incógnita. O elemento externo que, ao menos por enquanto, alterava a imagem.

– Os fins de semana devem ser os dias de mais trabalho para vocês – comentou Pam.

– Em geral, são mesmo. Mas também fazemos vários eventos noturnos em dias de semana.

– E há muito trabalho durante o dia também – interveio Carter. – Tem todo o planejamento. Não é só chegar lá com a câmera. E também há muita coisa a se fazer depois do evento. Já vi alguns dos álbuns feitos pela Mackensie. São verdadeiras obras de arte.

– Agora tudo é digital – disse Diane, dando de ombros e enfiando o garfo no frango em seu prato.

– A maior parte, sim. Ainda trabalho com filme de vez em quando. O jantar está maravilhoso, Sra. Maguire. A senhora deve adorar cozinhar.

– Gosto de produzir grandes almoços ou jantares. E me chame de Pam. Também gosto da ideia de quatro mulheres, quatro amigas, criando e administrando uma empresa juntas. Ter o próprio negócio exige muita resistência e muita dedicação, além de criatividade.

– Mas é um trabalho muito alegre – disse Sherry. – Como se fosse uma constante comemoração. Flores, vestidos lindos, música, champanhe.

– Os casamentos estão ficando cada vez mais elaborados. Tanto tempo, tanto estresse, tantas despesas para um único dia... – observou Diane erguendo um ombro enquanto os cantos dos lábios pendiam numa expressão de desagrado. – As pessoas ficam mais preocupadas em saber quem senta onde ou que cor de fita usar do que com o próprio sentido do casamento. E os noivos ficam tão cansados e estressados com todos os preparativos que o grande dia acaba sendo uma lembrança meio turva.

– Você já teve o seu dia, Di – atalhou Sherry com um ligeiro brilho no olhar. – Agora, estou tendo o meu.

– E tudo que estou dizendo é que, na hora que cheguei ao altar, estava tão exausta que mal me lembro de ter dito "sim".

– Mas disse – emendou o marido, sorrindo. – E estava linda ao fazer isso.

– Pode até ser...

– Você tem toda razão – atalhou Mac. – Pode ser uma coisa extremamente cansativa. E o que deveria ser o dia mais intenso e importante da sua vida corre o risco de acabar se tornando um anticlímax, algo até chato. É para evitar isso que nós trabalhamos. Pode ter certeza de que, se tivesse contado com as minhas sócias quando estava planejando o seu casamento, o seu dia não teria sido nada turvo.

– Na verdade, não quero criticar o seu trabalho. Só estou dizendo que, se as pessoas envolvidas não se sentissem obrigadas a fazer uma superprodução, bom, elas não precisariam de empresas como a sua para se encarregar de tudo.

– Provavelmente – replicou Mac com toda calma. – Mesmo assim, a noiva vai se estressar, se preocupar, às vezes ficar até obcecada, mas pode deixar os detalhes por nossa conta. Tantos quantos quiser. Ela... Desculpe, Nick – acrescentou, sorrindo. – Ela é o centro das atenções e, para nós, é o centro das atenções durante todos os meses que antecedem o casamento. É isso que nós fazemos.

– Tenho certeza de que são ótimas. Na verdade, tudo que ouvi a seu respeito e a respeito da empresa só faz recomendá-las. Só acho que, quanto mais simples, melhor.

– É tudo uma questão de gosto e de personalidade, não é? – comentou Pam, estendendo a cestinha de pães. – Alguém quer mais?

– Eu não quero nada simples. Quero um casamento divertido.

– Já entendemos. – Mac deu um sorrisinho para Sherry. – Mas um casamento simples pode ser melhor, dependendo do gosto e da personalidade da noiva. Mesmo uma coisa simples exige cuidado com os detalhes. Hoje mesmo fizemos uma cerimônia pequena e bem simples. Foi no final da manhã. Não houve cortejo; só a irmã da noiva. Ela tinha nas mãos um pequeno buquê e usava flores no cabelo em vez de véu. Depois, tivemos um brunch com champanhe e um trio de jazz para as pessoas dançarem. Foi lindo. A noiva parecia radiante. E calculo que a Votos tenha dedicado cerca de 150 horas de trabalho para que tudo saísse do jeito que ela queria. Tenho certeza de que ela vai se lembrar de cada momento desse dia.



Bem mais tarde, os dois foram para a casa de Carter. Só quando já estavam lá dentro, ele a abraçou.

– Obrigado. Imagino que seja um verdadeiro teste para os nervos enfrentar uma horda daquelas... e passar por um verdadeiro interrogatório.

– Tudo o que posso dizer é "ufa". Acha que passei no teste?

– Sem dúvida.

Mac se agachou para fazer um carinho no gato que tinha vindo recebê-los.

– A sua família é muito legal. Imaginei que fosse. Vocês se amam. É evidente.

– Verdade. Será que devo pedir desculpas por Diane? Ela adora encontrar defeito em tudo.

– Eu entendo perfeitamente porque muitas vezes faço a mesma coisa. Só que, em geral, não expresso. Gostei deles. Mesmo de Diane. São todos tão normais... Me dá vontade de ter uma família.

– Podemos dividir a minha. E adoraria poder dizer isso sem deixar você com essa cara.

– Eu também. Esse é o meu calcanhar de aquiles. Não tem nada a ver com você.

– Isso é babaquice!

Mac ficou de queixo caído. Ele nunca usava aquele linguajar.

– É...

– Calcanhar de aquiles coisa nenhuma! Você tem é mania de encarar o casamento por um único ângulo. E, com isso, tudo o que vê é fracasso.

– Talvez seja verdade. Provavelmente é. Mas por você, com você já desloquei esse ângulo mais do que com relação a qualquer outra pessoa. Não sei se tenho condições de ir além.

– Não quero forçar a barra, mas não vou mentir e dizer que não pensei nisso. Que não pensei em construir uma vida com você. É difícil olhar para dentro de mim e saber, sem qualquer disfarce, que é isso que quero. E olhar para você e saber que acha que é incapaz de fazer isso.

– Não quero magoá-lo. Não sei se consegue entender que tenho mais medo de magoar você do que a mim mesma.

– Não preciso da sua proteção. – Carter estendeu a mão e deu uma batidinha nos brincos de

brilhante que ela estava usando. – Quando lhe dei isso, você pensou que talvez houvesse uma aliança de noivado naquela caixa. E pareceu apavorada.

– Carter...

– O que você diria se fosse mesmo? Não precisa responder. Chamamos isso de pergunta retórica. Vou lhe fazer uma promessa, aqui e agora. E talvez isso possa deixá-la mais tranquila. Não vai haver nenhuma aliança e nenhum pedido enquanto você não quiser.

– Você é bom demais para mim.

– Sou obrigado a repetir: Isso é babaquice!

– É verdade. Sinceramente, tenho pensado bastante sobre mim mesma. Eu deveria ficar de joelhos, Carter, pedindo para você ficar comigo. Mas não consigo. É uma coisa que está entranhada bem aqui – disse ela, levando o punho cerrado ao peito. – E, cada vez que isso parece que está começando a afrouxar, só um pouquinho, algo o empurra para dentro de novo. Você é muito mais do que eu mereço.

– Não faça isso comigo – replicou ele, segurando-a pelos ombros. – Não me ponha num lugar em que não quero estar.

– Não sei o que eu teria dito se houvesse uma aliança naquela caixa. O que me deixa apavorada. Não faço ideia e nem sei se teria dito a coisa certa ou errada para nós dois. Preciso ver isso. Sei que não é o ângulo certo. Mais que isso, a lente está com defeito, e eu *sei* que está. – Ela recuou um pouco. – Quero mudar, e isso é um primeiro passo.

– É um começo. Eu aceito. Por enquanto.

– Você não devia aceitar nada. É isso que estou dizendo.

– Não me diga o que fazer ou quem amar. Você é a pessoa que eu quero. Vai continuar sendo amanhã e daqui a cinquenta anos.

– Nunca fui "a" pessoa. Para ninguém.

Carter se aproximou.

– Você vai se acostumar com isso. – Ergueu o rosto de Mac e a beijou.

– Por quê? Por que eu?

– Porque a minha vida se abriu e se encheu de cores quando você entrou nela novamente.

Mac o abraçou com força, apertou o rosto contra o ombro dele, tomada pela emoção.

– Se você pedisse, eu não conseguiria dizer não.

– Isso não basta. Nem para você, nem para mim. Quando eu pedir, você tem que querer dizer "sim".

capítulodezenove

MAC OUVIU UMA PANCADA, o ruído de uma respiração, e abriu um dos olhos. Toda aconchegada ali na cama, viu Carter tentando achar os sapatos.

– Que horas são?

– É cedo. Volte a dormir. Consegui levantar, tomar banho e ficar quase pronto até tropeçar em alguma coisa e acordar você.

– Sem problema. Tenho que levantar mesmo e começar a cuidar da vida – disse ela, mas os olhos voltaram a se fechar.

Com os sapatos nas mãos – e mancando de leve –, ele contornou a cama e lhe deu um beijo no topo da cabeça. Com um murmúrio de prazer, Mac voltou a dormir.

Quando despertou, o sol já brilhava.

Percebeu que não tinha acordado cedo e tratou de se levantar. Mas uma das vantagens de ter o próprio negócio – e não ter nenhum compromisso agendado para a manhã – era poder dormir um pouco mais. Já estava se encaminhando para o banheiro quando balançou a cabeça e voltou para fazer a cama.

Era a nova Mac, disse consigo mesma. A Mackensie Elliot organizada em todos os setores da vida pessoal e profissional. A Mac com o novo armário incrivelmente bem planejado onde havia espaço para tudo – e tudo estava no seu devido lugar.

Afofou os travesseiros, esticou os lençóis, ajeitou o edredom com todo cuidado. Está vendo, disse a si mesma, como fazia agora toda manhã, foram só dois minutinhos. Com um meneio de cabeça que demonstrava a sua satisfação, passou os olhos pelo quarto.

Não havia roupas emboladas em lugar nenhum, nem sapatos chutados para debaixo de alguma cadeira nem sequer bijuterias espalhadas no tampo da cômoda. Aquilo sim era o quarto de uma mulher adulta, de bom gosto e que tinha tudo sob controle.

Tomou banho e, depois, não se esqueceu de pendurar a toalha. De volta ao quarto, se permitiu o prazer de abrir o guarda-roupa e ficar parada ali, só olhando.

– É isso aí...

As roupas estavam todas penduradas, separadas por cor e tipo. Cada par da sua incrível coleção de sapatos ficava agora dentro de caixas plásticas transparentes, empilhadas de acordo com seu conteúdo. Sapatos para noite, para o dia a dia, sandálias, botas – saltos altos, fechados ou abertos na frente, com tachas ou anabela.

Que beleza!

Bolsas, também separadas por tipo e cor, ficavam bem à mão dentro de divisórias que formavam nichos. Nas gavetas de um branco reluzente do armário embutido, estavam echarpes e cachecóis – antes embolados ou empilhados – agora dobrados com cuidado. O mesmo acontecia com os suéteres, as meias e a lingerie.

Daquele jeito, vestir-se tinha se tornado um prazer, livre de qualquer estresse. Nada de buscas desesperadas, nada de palavrões, nada de ficar tentando descobrir onde teria enfiado a blusa azul de punho francês e acabar pegando outra da mesma cor porque não conseguia encontrar a que estava procurando.

Isso porque agora a blusa azul de punho francês estava exatamente onde deveria estar.

Vestiu uma regata branca, um pulôver marinho de gola V e uma calça jeans: o traje perfeito para trabalhar pela manhã e para a sessão de fotos do início da tarde. Satisfeita, já ia saindo, mas voltou para pôr o pijama no cesto de roupa suja.

Ia descendo quando Emma apareceu na porta da frente.

– Meu café acabou. Pode me ajudar?

– Claro. Estava justamente... Ah, Carter deve ter feito café antes de sair.

– Não quero odiá-la por ter alguém que prepara o café enquanto você dorme, mas preciso de cafeína para despertar o meu lado altruísta – disse Emma, servindo-se de uma caneca e inspirando o cheiro do primeiro gole. – Isso é vida. Agora sim estou bem de novo.

Mac também pegou uma caneca e bebericou café concordando com a amiga.

– Quer vir ver o meu guarda-roupa?

– Bom, já é a terceira vez que vou vê-lo. Com certeza é o rei dos armários.

– O rei é o da Parker.

– O dela é o deus dos armários. O seu é o rei. A noiva de sábado ligou – prosseguiu Emma. – Acha que quer mudar as flores da daminha. Em vez de uma cesta de pétalas de rosa, uma pomander rosa-claro.

– Mas ela não tinha trocado a pomander pela cesta?

– Tinha. E também o buquê cascata pelo braçado e, depois, voltou ao cascata – disse Emma fechando os grandes olhos castanhos e balançando a cabeça. – Estou louca para ver esse casamento pelas costas...

– Ela é do tipo que confirma a opinião da irmã de Carter...

– Sherry?

– Não, a mais velha. Aquela que diz que casamentos são estressantes demais, elaborados demais... Que as pessoas fazem o maior estardalhaço, mas, no fundo, é um dia como outro qualquer.

– É "o" dia. Além do mais, como bem sabe, é o nosso ganha-pão.

– Concordo. Mas essa noiva vai ser um caso complicado. Ela me ligou ontem e mandou por fax uma foto que viu numa revista. Quer que eu a reproduza no sábado. Tudo bem, sem problemas... Só que o vestido dela é completamente diferente, assim como o feitio do corpo, o arranjo da cabeça, o penteado. Ah, claro... E acontece que não temos um arco em pedra de um antigo castelo irlandês para servir de pano de fundo para a pose. Pelo menos, não é algo que a gente possa

conseguir assim, de uma hora para outra.

– São só os nervos. Os nervos de uma controladora fanática. Preciso de outra dose e, depois, tenho que ir trabalhar – disse Emma, levando a caneca embora. – Pode deixar que a trago de volta.

– Isso é o que você sempre diz...

– Vou devolver a coleção completa – prometeu Emma, e saiu porta afora.

Quando ficou sozinha, Mac se virou para abrir um armário. Um pouco de açúcar e algo em conserva, pensou ela, junto com o café. Ao abrir a porta, viu uma maçã vermelha reluzente diante da caixa de biscoitos. No bilhete encostado nela estava escrito: *Me coma também!*

Soltou uma gargalhada. Pegou a maçã e botou o bilhete em cima da bancada. Que fofo, pensou, mordendo a fruta. E engraçado... O que poderia fazer a não ser casar com ele a essa altura?

Ela o destruiu com a lingerie La Perla e preparou para ele um jantar de verdade. Ela, "A fotógrafa!".

Correu até a mesa de trabalho para ligar o computador. Não tinha se esquecido da terceira parte do presente. Só não tinha decidido ainda que foto seria e que apresentação escolheria.

– Eu devia estar trabalhando, devia estar trabalhando – murmurou. – Mas só vai levar um minutinho.

Levou mais de quarenta, mas Mac conseguiu escolher a foto – uma daquelas imagens de rostos colados, logo depois de um beijo. Ele parecia tão à vontade e tão feliz... E ela, bem ali ao lado... Ficou toda pensativa analisando o resultado. Ajustada, editada, impressa e emoldurada. Para fazer tudo certinho, pôs a foto numa caixa, amarrou-a com uma fita vermelha e enfiou um raminho de lírios-do-vale de seda no laço.

Encantada, imprimiu outra foto para si mesma e escolheu uma moldura. Guardou o resultado numa gaveta. Não queria que ficasse à mostra até ele ter visto o presente.

Ligou o som bem baixinho. Começou a trabalhar, feliz com o mundo em geral. Só parou quando o despertador tocou, avisando que estava na hora de se preparar para a sessão de fotos no estúdio.

Retratos de noivado. Ela, médica; ele, músico. Mac tinha algumas ideias em mente e pediu ao noivo que trouxesse a guitarra. Pano de fundo em cinza médio, os noivos sentados no chão e...

Com uma almofada tipo futon nas mãos, ela se virou quando a porta se abriu de repente. Era a sua mãe, que irrompeu estúdio adentro, usando um casaco novo de vison prateado.

– Olhe, Mackensie! – exclamou ela, dando uma voltinha e parando numa pose de modelo.

– Não pode ficar aqui agora – disse Mac com toda calma. – Meus clientes já devem estar chegando.

– Mas eu sou uma cliente. Vim para uma consulta. Cheguei mais cedo, mas o resto do grupo está vindo aí. Ah, Mac! – disse Linda correndo para a filha, com um andar de passarela, uns sapatos fantásticos e aquele suntuoso casaco de pele. – Vou me casar!

Envolvida no abraço perfumado da mãe, Mac apenas fechou os olhos.

– Parabéns. De novo.

– Ah, não faça assim... – retrucou Linda se afastando. Por meio segundo, fez uma cara

emburrada e, depois, deu mais uma voltinha, rindo. – Fique feliz. Fique feliz por mim. Estou radiante! Veja o que o Ari me trouxe de Paris.

– É lindo, o casaco.

– Não é mesmo? – Inclinando a cabeça, Linda roçou a pele do casaco com o queixo. – Mas não é só isso!

Estendeu a mão, movendo os dedos. No terceiro deles, havia um imenso diamante quadrado engastado num aro de platina.

Que pedra!, pensou Mac. Acho que nunca vi nada tão grande.

– Impressionante – disse ela.

– Meu queridinho... Ficou tão triste sem mim... Ligava de Paris duas vezes por dia – acrescentou Linda, abraçando o próprio corpo e dando mais uma voltinha. – Claro que não falei com ele nos três primeiros dias. Foi maldade não ter me levado junto. E também é claro que me recusei a vê-lo assim que ele voltou.

– Claro – concordou Mac.

– Ele implorou que eu fosse a Nova York. Mandou o carro com motorista para me buscar e o carro estava *cheinho* de rosas brancas. Tinha também uma garrafa de Dom Pérignon. Mas, antes disso, ficou mandando dúzias e dúzias de rosas todos os dias. Todos os dias! Tive que me render e ir encontrá-lo. Ah, foi tão romântico...

Linda fechou os olhos e cruzou os braços diante do peito.

– Como num sonho ou num filme. Jantamos os dois sozinhos, em casa. À luz de velas. Ele mandou preparar os meus pratos favoritos, e teve mais champanhe, mais rosas. Então Ari disse que não podia viver sem mim e me deu isso. Já viu coisa igual?

Mac ficou fitando a mãe que admirava o próprio anel.

– Desejo que sejam muito felizes juntos. Verdade. E fico contente vendo você tão feliz agora – disse ela. – Mas tenho uma sessão de fotos.

– Ora! – exclamou Linda, com um gesto. – Remarque isso, pelo amor de Deus. É uma ocasião importantíssima. Sua mãe vai se casar.

– Pela quarta vez, mãe.

– Pela última vez. Com o homem certo. E quero que vocês façam o casamento, é claro. Preciso que façam o melhor que puderem. O Ari disse que o preço não importa. Quero alguma coisa fabulosa, romântica e elegante. Sofisticada e luxuosa. Andei pensando num vestido rosa pálido. Acho que Valentino seria perfeito para mim. Ou quem sabe algo vintage, com um ar de Hollywood de antigamente. E um chapéu incrível em vez de um véu.

Com os olhos brilhando, Linda passou a mão pelo cabelo.

– Posso usar um coque bem elegante e pedir que o Ari compre para mim uns brincos maravilhosos para compor o conjunto. Diamantes rosa, talvez. E montes de rosas brancas e cor-de-rosa por todo lado. Vou lá falar com a Emmaline. Os convites precisam ser enviados imediatamente. Tenho certeza de que Parker pode cuidar disso. E tem o bolo. Quero algo bem grande. O Taj Mahal dos bolos de casamento. Portanto, é a própria Laurel que vai ter que fazer. E...

– Quando? – atalhou Mac.

– Quando o quê?

– Quando pretende se casar?

– Ah, em junho. Quero ser uma noiva de junho. Quero primavera, jardins e...

– Junho *agora*? Daqui a três meses? Estamos com a agenda lotada.

– E daí? – exclamou Linda com um sorriso radiante, descartando esse tipo de detalhe. – Sou sua mãe. Troquem alguma data. Agora...

– Não fazemos isso com os clientes, mãe. Não podemos estragar o casamento de alguém só porque, na última hora, você resolveu se casar em junho.

No rosto de Linda, o que se viu foi surpresa e uma mágoa sincera. Mac sabia que o sentimento era verdadeiro.

– Por que você tem que ser assim tão cruel comigo? Por que tem que estragar tudo? Não pode me ver feliz?

– Claro que posso. Estou contente por você. Só não posso lhe dar o que quer.

– Isso é para me punir. Você não quer que eu seja feliz.

– Não é verdade.

– Então o que é? Vou me casar e a minha filha é sócia de uma empresa que realiza casamentos. É mais que natural eu querer que você cuide disso.

– Mas não dá para ser em junho. Há meses, na verdade, há quase um ano que estamos com todos os dias do mês tomados.

– Ouviu o que eu disse? Dinheiro não é problema. Ele vai pagar o que vocês pedirem. Tudo o que precisa fazer é trocar uma data qualquer.

– Não é uma questão de dinheiro, nem é tão simples assim trocar uma data qualquer. É uma questão de compromisso e integridade. Não podemos lhe dar o que quer quando quer pura e simplesmente porque alguém já pediu isso antes.

– E essa gente é mais importante que eu? Mais importante que a sua mãe?

– Alguém já marcou a data, encomendou os convites, planejou tudo. Portanto, neste caso, essa pessoa é, sim, mais importante que você.

– Vamos ver... – disse Linda. A raiva tornou a sua voz mais aguda; os olhos dela se transformaram em lâminas cortantes. – Todo mundo sabe que a empresa é da Parker. É ela que decide tudo. Vocês vão fazer o que ela mandar.

Saiu a toda em direção à porta, mas se virou para acrescentar:

– Você devia ter vergonha de me tratar desse jeito.

Exausta, Mac foi até a escrivaninha e pegou o telefone assim que a mãe bateu a porta.

– Desculpe – disse, quando Parker atendeu. – Quero pedir desculpas desde já. Minha mãe está indo até aí. Acho que você vai ter que enfrentar essa barra.

– Tudo bem.

– Ela vai se casar de novo.

– Ora, estou chocada!

Mac riu, embora as lágrimas fizessem os seus olhos arderem.

– Obrigada. Ela quer fazer aqui, em junho.

– Então não dá. Está tudo lotado.

– Eu sei. Foi exatamente o que eu disse, mas, ao que parece, você é a minha patroa. De todas nós, aliás.

– Estou sempre dizendo isso. Pode deixar que eu resolvo. Sem problemas.

– Para mim é um problema, sim.

– Já que sou a patroa, estou me encarregando do caso. Dou notícias.

No escritório da mansão, Parker se levantou e foi até o espelho. Examinou a própria aparência, ajeitou o cabelo, retocou o batom – e sorriu porque parecia que estava se preparando para uma batalha.

Não via a hora.

Não teve pressa alguma em descer, mesmo com a campainha tocando várias vezes, insistentemente. Parou para arrumar uma rosa numa jarra em cima da mesa do saguão e só então, exibindo um sorriso tranquilo no rosto, abriu a porta.

– Oi, Linda. Já soube da novidade. Parabéns!

– Ela não perdeu tempo – replicou Linda, entrando na casa e dando uma olhadela rápida ao seu redor. – Deve ser estranho abrir a própria casa para estranhos por dinheiro.

– Na verdade, gosto muito disso – disse Parker indicando, com um gesto, a sala de visitas. – Podemos nos sentar ali.

Tirando o casaco, Linda se dirigiu a um sofá. Jogou a pele no braço dele, com um ar negligente, sentou-se, recostou-se e cruzou as pernas.

– Sei que devia ter procurado você primeiro, mas os sentimentos me levaram à minha filha antes. Queria compartilhar com ela a minha felicidade.

– Claro. – Parker puxou uma cadeira e, imitando a pose da outra, sentou-se e cruzou as pernas. – Você deve estar empolgadíssima. Esse anel é uma maravilha.

– Não é mesmo? – O prazer voltou a reinar quando Linda ergueu a mão para admirar a joia. – O Ari é tão atencioso, tão romântico... Ele me cativou completamente.

– Acho que a Mac mencionou que ele mora em Nova York. Então, você vai se mudar daqui.

– Logo, logo. Tenho mil coisas para ver antes. A minha casa, as minhas coisas.

– E Eloisa. Imagino que ela esteja adorando a ideia de ficar em Nova York nas férias, quando não estiver com o pai. – Parker fez um ligeiro movimento com a cabeça diante do olhar inexpressivo da mãe de Mac.

– Ah, Eloisa já está pronta para deixar o ninho. É claro que vamos ter um quarto para quando ela for nos visitar. Pelo menos até ela ter o próprio apartamento. Nesse meio-tempo, preciso planejar o casamento. Nem me passaria pela cabeça a ideia de ter outra pessoa fazendo isso a não ser você. Queremos que seja uma cerimônia condizente com a posição e o status do Ari, é claro. Ele é um homem muito importante e, já que estamos falando de negócios, está disposto a pagar pelo que vocês tiverem de melhor. Vou falar com as outras meninas sobre o que diz respeito à área de atuação de cada uma delas, mas, uma vez que estou aqui, posso lhe dar uma ideia geral do que estou querendo.

– A Votos não tem condições de preparar o seu casamento, nem de realizar a cerimônia aqui, Linda. Não temos nenhuma data livre em junho. Na verdade, estamos lotados para todo o verão e também para o outono.

– Você é uma mulher de negócios, Parker – retrucou Linda, espalmando as mãos. – Estou lhe oferecendo um evento da maior importância, algo que vai atrair muita atenção para esta empresa e, tenho certeza, vai lhes trazer muitos clientes no futuro. O Ari conhece gente importante, ou seja, estou falando de clientes *de peso*. Como tenho motivos sentimentais para que o casamento seja aqui, na casa de uma velha amiga, de quem ainda sinto muita falta, vamos compensar vocês pelo prazo tão reduzido. Quanto acha que custaria para arranjar uma data em junho? Digamos, no terceiro sábado?

– Tem toda razão, sou uma mulher de negócios – disse Parker, e viu Linda abrir um sorriso de satisfação. – Forneço serviços para clientes. Temos uma cliente marcada no terceiro sábado de junho. Assinamos um contrato com ela. Quando dou a minha palavra, não volto atrás. Você deveria pensar na possibilidade de se casar em Nova York. Se quiser, posso lhe dar os nomes de outras empresas de casamentos.

– Não quero nome nenhum. Eu disse que queria me casar aqui. É importante para mim, Parker. Quero me casar num lugar em que me sinta em casa; num lugar ao qual eu esteja ligada, com pessoas que amo e em quem confio cuidando de todos os detalhes. Quero...

– Chorar não vai adiantar nada – atalhou Parker num tom frio, quando viu a outra com os olhos cheios de lágrimas. – E não me interessa o que você quer. Você não vai se casar aqui. Portanto – acrescentou ela, levantando-se –, se já terminamos, tenho muitas coisas a fazer.

– Você sempre se achou melhor que todos nós, olhando de cima para baixo como se fosse muito mais importante. Uma Brown, de Connecticut. E o que você é agora, alugando essa mansão, rodando por aí servindo drinques e fazendo coisinhas para os outros?

– Sou uma Brown, de Connecticut, continuando a tradição de uma família bem antiga e honrada e me sustentando – respondeu Parker, estendendo o casaco para Linda. – Acompanho você até a porta.

– Quando eu contar ao Ari como vocês me trataram, ele vai acabar com essa sua empresa. Vocês não vão conseguir fazer nem festinhas de criança aqui. Vamos arruiná-las.

– Ah, Linda! Você nem imagina como fico feliz em ouvir isso porque, assim, posso dizer uma coisa que está entalada há muitos anos, ao longo dos quais tenho visto você sabotar e manipular emocionalmente a minha melhor amiga, além de sufocá-la ou ignorá-la, de acordo com os seus caprichos.

A surpresa fez a cor desaparecer do rosto da outra.

– Não pode falar comigo desse jeito!

– Pois já falei. Agora vou até o fim. Você não é bem-vinda nesta casa. Na verdade, nunca foi. Era simplesmente tolerada. Mas isso acabou. Só voltará a passar por esta porta se a Mac quiser. Agora, saia da minha casa, entre no carro e vá embora da minha propriedade.

– E pensar que eu queria lhes fazer um favor...

Parker ficou parada na porta, observando Linda entrar no carro. Quando chegasse na metade

do caminho até o portão, avaliou a moça, Linda já estaria convencida do que dissera. Tinha tentado lhes fazer um favor. Esperou até o carro desaparecer na alameda e pegou um casaco para ir até o estúdio de Mac.

A amiga a recebeu na porta.

– Parks, eu...

– Não venha me pedir desculpas. Vai me deixar furiosa! – exclamou Parker. Passando os olhos pelo estúdio, viu o pano de fundo, as almofadas no chão. – Tem a sessão de fotos de noivado, não é? Daqui a pouco – percebeu ao olhar o relógio. – Vou ser rápida.

– Como foi?

– Não vamos pegar o trabalho.

– Ela chorou ou gritou?

– Um pouco de cada. E teve ainda tentativas de suborno e insultos.

– É impressionante! Ela é impressionante. Acredita mesmo que o mundo inteiro gira ao seu redor. – Cansada de tudo aquilo, Mac esfregou os olhos. – A essa altura, já distorceu a história toda. Estava só nos fazendo um favor, tentando dar uma força para a nossa empresa. No fundo, ficou até aliviada por não podermos assumir o casamento, porque era algo grande demais para o porte do nosso negócio.

– Ela já estava começando a argumentar isso quando saiu pela porta.

– Isso é uma verdadeira arte. Quem sabe desta vez dure? O casamento, quero dizer. É evidente que o sujeito tem dinheiro, e muito...

– E o melhor de tudo? Ela vai se mudar para Nova York.

– Não tinha pensado nisso – disse Mac depois de um breve silêncio. – Essa informação passou batida. É sem dúvida um detalhe importantíssimo. – Apesar de tudo, ela suspirou e apoiou a cabeça no ombro da amiga. – Ah, meu Deus! Ela me deixa exausta...

– Eu sei – retrucou Parker abraçando-a com força. – Fique tranquila – acrescentou.

– Vou ficar.

– Quer vir tomar sorvete depois da sessão de fotos?

– Quem sabe...

– Os clientes chegaram. Vou deixar você trabalhar.

– Parker! Mesmo que tivéssemos alguma data livre...

– Ah, querida! – replicou a outra em tom animado, já a caminho da porta. – De jeito nenhum!

Abanando a cabeça, Mac determinou que não se sentiria culpada. Pelo menos até o fim da sessão.

Carter enfiou na pasta uma pilha de testes para corrigir. Seu dever de casa, pensou. Será que os alunos faziam ideia da quantidade de trabalho que um professor ainda tinha para executar depois de cada aula?

No quadro, às suas costas, tinha escrito um minirroteiro para os textos que precisava ler naquela noite.

Explorem e comparem as atitudes e filosofias de Rosalinda e Jaques com relação ao amor. Por que ambos as mantêm?

O otimista e o pessimista, pensou Carter; a melancolia e a alegria. O que pretendia com esse estudo aprofundado da peça era levar os alunos a perceberem o que havia sob a superfície daquilo que podia parecer uma leve comédia romântica, repleta de piadas e brincadeiras espirituosas.

Por trás de tudo aquilo, acreditava ele, o seu verdadeiro objetivo era fazer os estudantes pensarem.

– Desculpe. Dr. Maguire?

Carter ergueu os olhos e avistou uma mulher parada à porta.

– Eu mesmo. Posso ajudar?

– Sou Suzanne Byers, a mãe do Garrett.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Byers. Entre, por favor.

– Tinha esperanças de encontrá-lo antes que fosse embora. Não vou tomar muito o seu tempo.

– Tudo bem.

– Não pude vir na reunião de pais. Estava de cama, com gripe. Queria muito ter estado presente, principalmente para falar com o senhor. Acho que sabe que o Garrett não foi muito bem ano passado. E não tem se saído melhor este ano.

– Na minha opinião, ele progrediu consideravelmente. Está encontrando o próprio caminho. É um ótimo aluno. A participação nas aulas melhorou muito, bem como as notas e os resultados das provas neste último semestre.

– Eu sei. É por isso mesmo que queria falar com você. O pai dele e eu andamos pensando em tirá-lo do colégio.

– Espero que não façam isso. O Garrett...

– Andamos... – atalhou a mulher. – No passado. Estudávamos com ele, fazíamos ameaças, oferecíamos recompensas, tentamos professores particulares. Nada funcionava e achamos que estávamos jogando dinheiro fora com as mensalidades. Isso até alguns meses atrás. Foi como se ele tivesse tido um estalo. Garrett agora fala de livros. Estuda de verdade. Ficou sinceramente desapontado porque tirou um B no último trabalho. Fiquei uns dez minutos sem fala quando ele me disse que ia tirar A no próximo.

– É perfeitamente possível. Potencial, ele tem.

– O Garrett fala muito do senhor. Dr. Maguire diz isso, Dr. Maguire acha aquilo... As notas que tira nas outras matérias também estão melhorando... Não ficaram ótimas de uma hora para outra, mas estão bem melhores. Foi o senhor que conseguiu isso.

– Foi o Garrett que conseguiu isso.

– O senhor... o levou a conseguir. E ele está conseguindo. Tem falado em se inscrever no seu curso de escrita criativa ano que vem. Acha que talvez queira ser escritor. – Os olhos da mulher ficaram marejados. – Ele passou raspando no último ano. Tivemos que ir conversar com o diretor. E agora ele anda falando em Shakespeare e achando que pode vir a ser escritor...

Piscou os olhos para espantar as lágrimas e Carter ficou só ali parado, sem saber o que dizer.

– Ele diz que o senhor é muito legal para alguém que é assim tão genial. Gostaria que soubesse,

Dr. Maguire, que, o que quer que ele faça, o que quer que venha a ser na vida, Garrett nunca vai esquecê-lo. E queria lhe agradecer por isso.



Carter apareceu no estúdio de Mac com uma pizza gigante e andando a passos lépidos. Ela estava sentada no sofá, com os pés em cima da mesinha de centro.

– Pizza – disse ele, entrando na cozinha para pôr a caixa em cima da bancada. – Sabia que você tinha uma sessão de fotos à tarde e tenho uma pilha de trabalhos para corrigir. Então, pensei em pizza. Além do mais, é uma comida alegre. Tive um dia realmente ótimo.

Mac deu um ligeiro grunhido e ele se aproximou preocupado.

– Você está bem?

– Estou. Em boa parte. Pizza. Tenho um pote de sorvete no estômago. Talvez até dois...

– Sorvete? – perguntou ele, sentando-se na mesinha. – Teve alguma festa?

– Não. Talvez. Acho que depende da sua definição de festa. Conte como foi esse seu dia realmente ótimo.

Carter se levantou para lhe dar um beijo e voltou a se sentar.

– Oi, Mackensie.

– Oi, Carter. Você está com um sorriso radiante.

– Tive um daqueles momentos especiais. É um dos meus alunos. Ele era um caso difícil, daquele tipo que senta e liga um botão na cabeça que o leva para qualquer lugar que seja, menos para a sala de aula.

– Ah, sei. Eu tinha esse botão. Era bem útil, ainda mais durante as aulas sobre a Guerra Revolucionária ou sobre impostos. Essas acionavam o botão automaticamente. Seu aluno-problema se saiu bem hoje?

– Ele vem se saindo bem ultimamente. Está quase encontrando um outro botão, aquele que aciona interesses e ideias. Dá para ver nos olhos dele, do mesmo jeito que dava para ver o botão que o desligava.

– Sério?

– Garrett é o tipo de aluno que faz o professor trabalhar um pouco mais. E, quando a gente encontra esse outro botão, é muito gratificante. Foi ele que tirou B no trabalho que corrigi no Dia dos Namorados. Ou na véspera. Penso nessa ocasião como um dia muito especial.

– Ah, eu lembro. Que bom para o Garrett.

– A mãe dele me procurou hoje. Em geral, quando os pais vêm nos ver, não é para trazer uma maçã. Pois ela me trouxe um pomar inteiro. Veio me agradecer.

– Agradecer? – Curiosa, Mac ergueu a cabeça. – E isso é um pomar inteiro?

– É. A questão não é ensinar fatos e teorias, ou atribuir notas e conceitos. É... encontrar o botão. Consegui encontrar o do Garrett e ela foi me agradecer por isso. Agora é você que está com um sorriso enorme.

– Você mudou uma vida. Você muda vidas.

– Isso também já é exagero...

– Não. É verdade. Eu documento vidas ou, pelo menos, partes delas. E isso é importante, tem o seu valor. Mas você as transforma, o que é impressionante. Vou pegar um pedaço de pizza para você. Mas não dá para comer também – disse Mac, levantando-se. – Meu estômago está cheio de sorvete.

– Por que comeu um pote inteiro, ou talvez dois?

– Ah... – Ela deu de ombros entrando na cozinha com Carter em seu encalço. – Pura gula.

– Você me disse que recorre ao sorvete em momentos de turbilhões emocionais.

Mac olhou para trás enquanto pegava um prato.

– Às vezes esqueço que você ouve muitíssimo bem. Digamos apenas que não tive um dia lá muito bom. Ou talvez tenha tido – acrescentou, depois de pensar por um instante. – Depende do ponto de vista.

– Me conte.

– Não é nada de importante. E você tem a pizza pela frente. Quer uma taça de vinho para acompanhar?

– Só se você também tomar uma e me contar o que aconteceu. Podemos passar os próximos minutos girando em torno dessa história ou você pode poupar tempo e dizer tudo logo de uma vez.

– Tem razão. Ficar enrolando para contar faz com que ela pareça mais importante do que realmente é. – Mais um mau hábito a ser descartado, pensou. – Minha mãe vai se casar de novo.

– Ah! – Carter observou o rosto de Mac que servia o vinho. – E você não gosta do sujeito.

– Não faço a menor ideia. Nunca o vi na vida.

– Entendo.

– Não. Não entende, não. – A moça pousou a mão sobre a dele por um instante. – Não consegue entender que uma mãe possa se casar sem que a filha tenha dado uma olhadinha no noivo. Duvido que a Eloisa já o tenha visto ou que tenha passado pela cabeça da Linda que seria normal isso acontecer. Seja como for, o Elliot/Meyers/Barrington... Céus, nem sei qual vai ser o nome de casada dela dessa vez... Os nomes Elliot/Meyers/Barrington não tiveram jantares em família, portanto nos apresentar esse novo marido não é uma prioridade.

– Lamento que isso a deixe chateada.

– Não sei exatamente o que acontece. Não sei por que ainda me espanto. A última vez que a vi foi quando ela ligou, histérica, à meia-noite, e fui voando para lá, debaixo de uma senhora tempestade de neve, achando que ela tivesse sido estuprada, atacada ou sabe-se lá o que mais.

– O quê? Quando foi isso? – perguntou Carter segurando a mão de Mac. – Ela ficou ferida?

– Ah, foi... naquela noite da reunião de pais, e não, ela não teve nada. A não ser no seu próprio mundinho. Ela estava toda encolhida no chão, *morrendo* porque o Ari, o noivo atual, tinha embarcado para Paris numa viagem de negócios e não a levara junto. Eu já estava a ponto de ligar para a polícia, chamar uma ambulância, e ela lá fazendo um escândalo por causa de Paris. Dei meia-volta e vim embora. Ponto para mim porque, pelo modus operandi habitual, eu, toda magoada, teria tratado de acalmá-la e levá-la para a cama.

– Por que não me contou isso antes?

– Sei lá. – Mac suspirou, balançando a cabeça. – Não sei mesmo. Não me orgulho nada desses momentos "mãe e filha", então acho que tentei não pensar mais naquilo. Saí de lá dizendo que, da próxima vez que ela ligasse, não me abalaria. Disse umas coisas muito duras e vim para casa.

– Essas coisas precisavam ser ditas e você precisava vir embora.

– Tem razão em ambos os casos – concordou Mac. – E hoje ela me aparece aqui com o novo casaco de pele e um diamante do tamanho de uma geladeira, como se nada tivesse acontecido. E a gente estava falando de botões que ligam e desligam... Ela vai se casar em junho. Claro que o Ari foi perdoado em função do casaco de pele, do diamante e do pedido de casamento. E a Linda quer que a Votos faça o casamento. Só que junho é um verdadeiro desfile de noivas por aqui. Estamos com a agenda lotada. Resultado: muita raiva e ataques de fúria. Aí, ela foi procurar a Parker. Essa foi a melhor parte. Parker a fez calar a boca e a botou para fora de casa. Depois, veio a sessão sorvete. Prefiro o seu dia – acrescentou, tomando um gole de vinho.

– Ela devia saber que as datas estavam todas tomadas.

– Não necessariamente. Na verdade, isso não lhe passaria pela cabeça. Ela não consegue ver nada além do que quer. Nada mais existe. E a raiva, a surpresa e até mesmo a mágoa que experimenta quando esses desejos lhe são negados são sinceras. Ela tem a maturidade emocional de uma mosquinha de frutas, encorajada por uma mãe que incentivava todos os seus caprichos e que lhe ensinou que ela era o centro do universo. Linda é o produto dessas atitudes.

– O que não significa que ela possa tratar você desse jeito.

– Mas pode. Ela se permite fazer o que quer. Sou responsável pelas minhas reações. E venho trabalhando isso. Garrett e eu estamos demonstrando algum progresso. Ela não conseguiu o que queria.

– Mas isso não é o ponto central da questão: é apenas um resultado. Ela vai repetir o mesmo ciclo. Vai voltar e magoar você. E, quando isso acontecer, sua mãe vai ter que se ver comigo.

– Você não vai fazer isso, Carter. É uma atitude muito carinhosa, mas...

– Não tem nada de carinhoso. Ela vai ter que se ver comigo.

Mac lembrou-se do dia em que ele levou um soco de um bêbado furioso.

– Sei que você é capaz de se safar. Mas a mãe é minha e tenho de aprender a lidar com ela.

– Uma boa dose de DNA não faz dela sua mãe.

Depois de um instante de silêncio, Mac concordou:

– Verdade. Não faz mesmo.

capítulovinte

Começou a nevar lá pelo final da manhã e, na hora do almoço, o mundo fora do estúdio era uma tempestade de neve. Ela caía, rápida e pesada, acabando com o breve período de degelo do final de fevereiro. Março, pensou Mac, estava chegando com presas e garras de leão.

A neve que caía sem parar, em espirais, e o assobio do vento que soprava furioso lhe davam vontade de se encolher debaixo de uma manta, com um livro e uma caneca de chocolate quente na mão. Só que tinham um ensaio marcado para as cinco. Pelo visto, a noiva supercontroladora de sábado não conseguira impor a sua vontade à Mãe Natureza.

Sabendo o que fazer em tais circunstâncias, Mac se preparou para se agasalhar e proteger bem todo o equipamento antes de ir para a mansão. Arrumou as anotações, abriu a gaveta à procura de mais cartões de memória e viu a sua foto com Carter, junto com a caixa em que tinha colocado a foto emoldurada para ele.

– Só falta entregar a terceira parte do presente – disse em voz alta, e, para o próprio prazer, pôs a que pretendia guardar para si em cima da mesa de trabalho. – Como um lembrete – decidiu.

Ia subir para trocar de roupa, mas teve de correr para atender o telefone.

– Oi, professor? Onde você está?

– Em casa. As aulas do turno da tarde foram suspensas. A coisa está feia por lá. Precisei passar aqui para pegar algumas coisas, inclusive o gato. Não quero deixá-lo porque posso não conseguir voltar amanhã.

– Não – disse ela, levando o telefone até a janela. Viu as árvores sendo balançadas e sacudidas por violentas rajadas de vento. – Não saia de novo com esse tempo. Fique em casa, quentinho e a salvo, assim não preciso me preocupar com você circulando por aí. De qualquer jeito, estou me aprontando para ir até a mansão. Temos um ensaio às cinco.

– Com essa nevasca?

– Temos planos de emergência, que incluem até o sacrifício ritual de uma galinha.

– Eu poderia ajudar. Exceto com a galinha.

– Claro que poderia, ou poderia acabar atolado na neve ou derrapando e batendo numa árvore. Já eu só preciso andar uns 100 metros. – Enquanto falava, foi olhando as roupas que poderia usar e escolheu uma calça de veludo bem grosso e um suéter de gola rulê. – A essa hora, a Parker deve estar falando com o diretor do Serviço Nacional de Meteorologia por telefone.

– Está brincando!

– Não, só exagerando um pouco. – Sentou-se para tirar as meias grossas que usava em casa e,

depois, prendendo o telefone entre o ombro e a cabeça, tirou também a calça de flanela. – Se for preciso, faremos um ensaio por teleconferência ou um virtual caso os clientes tenham alguma habilidade com o computador. Vamos usar pás e enxadas e limpar a neve do chão. Já fizemos isso antes. A menos que venha aí uma tempestade de neve daquelas, temos um casamento amanhã. Quem sabe você não pode ser meu acompanhante? E traga o gato. Vocês dois podem passar o fim de semana aqui.

– Combinado. Prefiro passar a noite com você a corrigir trabalhos de alunos.

Mac enfiou a calça de veludo.

– Prefiro estar com você a encarar uma noiva histérica que tenta controlar tudo.

– Acho que você venceu. Trate de se agasalhar. Que tal me ligar mais tarde, quando tudo por aí tiver acabado? Você pode me contar como foi.

– Ligo, sim. Ah, espere um pouco. Algum desses trabalhos que você vai corrigir é do Garrett?

– Na verdade, sim.

– Tomara que ele tire A. Nos vemos amanhã.

Mac desligou o telefone, tirou o moletom e enfiou o suéter. Pegou a bolsinha de maquiagem e um par de botas de cano curto para o caso de a noiva insistir em enfrentar a neve.

Cinco minutos depois, curvou o tronco para encarar as gélidas rajadas de vento no caminho que levava à mansão. Seria um milagre, pensou, se uma tempestade não se formasse nas próximas horas. E, mesmo no caso de um milagre, o percentual de convidados ausentes ia ser bem alto. Mac precisaria usar toda a sua habilidade para conseguir tirar algumas fotos incríveis da cliente.

Ou, quem sabe, uma bebida alcoólica.

Deixou tudo no vestíbulo, bateu os pés e sacudiu a neve da roupa. Deu uma olhada na cozinha de Laurel.

A amiga estava de pé, cobrindo a segunda de três camadas do bolo com um glacê rosa pálido.

– Espere aí. Que eu me lembre, o bolo era todo desenhado, com glacê branco, flores cor-de-rosa e lilás e os tradicionais bonequinhos dos noivos no alto.

– Ela mudou para uma cobertura drapeada, em rosa pálido, com um buquê de violetas inglesas no topo. Acho que você não leu a minha mensagem... ou, sinceramente, quando chegamos enfim a essa decisão, acho que não mandei mais mensagem nenhuma.

– Não tem problema. Vou incluir nas minhas anotações – disse Mac, pegando seus papéis para fazer isso. – Quantos possíveis noivos acha que ela teve antes de decidir casar com esse de amanhã?

– Fico arrepiada só de pensar. De doze a dezoito...

– Damos conta dessa quantidade.

– Claro. Mas não tenho tanta certeza com relação à noiva – replicou Laurel, começando a cobrir a terceira camada. – A Parker está às voltas com ela praticamente desde que caiu o primeiro floco de neve. A Emma está na loja, cuidando das flores.

– A daminha vai mesmo levar uma pomander?

– Até agora, vai. Minha missão era combinar o glacê com a cor das rosas. – Laurel interrompeu o trabalho para pegar o botão de flores que Emma tinha lhe dado e o comparou com o tom do

bolo. – Acho que consegui. Agora saia daqui. Ainda tenho que encarar uns bons hectares de pasta cor-de-rosa e branca antes de arrumar esse neném.

– Vou ajudar a Parker.

No escritório, Parker estava deitada no chão, de olhos fechados, com o fone de ouvido, falando num tom calmo, tranquilizador.

– Eu sei, Whitney. Não é justo. Mas... Não, não estou criticando você. No seu lugar, estaria me sentindo do mesmo jeito. Aliás, estou me sentindo assim também. – Abriu os olhos, viu Mac e voltou a fechá-los. – Estou à sua disposição. Todas nós estamos. E temos umas ideias que talvez... Whitney! Pare, por favor! Agora me ouça. Pare e respire fundo. Respire. Só me ouça. Não podemos controlar o clima. Algumas coisas na vida são assim. O importante é o que fazemos quando elas acontecem. Uma dessas coisas é que você vai se casar com o homem que ama e os dois vão começar uma nova vida juntos. O clima não pode atrapalhar isso.

Entreouvindo a conversa, Mac abriu a porta do escritório e pegou uma garrafa d'água para a amiga.

– Não chore, querida. Ouça o que vou lhe propor. Vamos cuidar de tudo hoje. Às cinco horas, fazemos uma teleconferência com você, Vince, as madrinhas, os padrinhos e os pais de vocês dois. Poderemos repassar cada passo do que vai acontecer amanhã. Espere, espere um pouco. Primeiro, temos que pensar no dia de hoje. Vamos repassar tudinho, passo a passo, por mais demorado que seja. Sei que você estava ansiosa, esperando o jantar de ensaio desta noite.

Com os olhos fechados, ficou só ouvindo por um bom tempo.

– Claro, Whitney, mas concordo com a sua mãe e com o Vince. Não vale a pena vocês todos se arriscarem pelas ruas tentando chegar aqui ou ao restaurante. Mas já entrei em contato com uma das nossas fornecedoras. Se você concordar, ela pode entregar um jantar maravilhoso para vocês, já que mora a uns dois quarteirões daí. Ela entrega e se encarrega de tudo. Whitney, você pode enfrentar a situação fazendo uma festa ou uma tragédia. Falei com a sua mãe e ela ficou animadíssima com a ideia.

Mac se agachou e deu uma batidinha com a garrafa na mão de Parker, que pegou a água, mas não bebeu.

– Ela vai ter a casa cheia e fazer uma festa com a filha. Com jantar, vinho, família e amigos, gente que vai ficar para dormir, tudo muito aconchegante. Você vai ter um jantar de ensaio diferente e só seu e, assim, vai transformar um inconveniente em algo maravilhoso e divertido.

– Cara, você é boa nisso – sussurrou Mac.

Parker voltou a abrir os olhos e os revirou.

– Isso mesmo. Deixe que eu me preocupo com as coisas para amanhã. Prometo que, de um jeito ou de outro, vamos lhe dar um dia fabuloso. E, o que é mais importante, você vai se casar com o Vince. Agora, quero que relaxe e curta a festa. Vamos nos divertir com isso. Ligo mais tarde. Claro. Prometo. Vá ajudar a sua mãe.

Parker tirou o fone de ouvido.

– Céus!

– Aposto que ela não está mais preocupada com pomanders a essa altura.

– Não. Está ocupada demais xingando todos os deuses. – Parker se sentou, abriu a garrafa e tomou uma boa quantidade de água. – Não a culpo por estar irritada. Quem não ficaria? Mas casar no inverno significa contar com a possibilidade de neve. Será que ela não sabe o que é março em Connecticut? Mas, na cabeça dela, a neve é uma ofensa pessoal que só pretende estragar a vida dela. Temos um placar de doze a dezoito.

– Já fiquei sabendo.

– Vamos precisar do limpa-neve para a entrada dos carros e para o estacionamento, e também temos que tirar a neve das alamedas, das portas e das varandas. – Bebeu mais um pouco da água e fez o que tinha aconselhado a Whitney. Respirou fundo. – As equipes da prefeitura estão nas ruas, portanto teremos que confiar no trabalho deles.

– Uns quatro por quatro?

– A empresa pode trocar a limusine por um Hummer. O noivo está pensando em abandonar a limusine e usar o próprio SUV para trazer os padrinhos. Falei com todos os substitutos. Não devemos ter nenhum problema.

– Acho melhor eu pegar uma pá.

Por volta das oito, quando a neve tinha se reduzido consideravelmente, Mac estava sentada na cozinha com as amigas, devorando uma tigela de ensopado que a Sra. G. tinha preparado.

– Quando é que ela volta para casa? – perguntou. – Nosso estoque já está no fim.

– No dia 1º de abril – respondeu Parker –, como sempre. Vamos dar conta de tudo. Inclusive de amanhã. Acabei de falar com uma noiva felicíssima e ligeiramente bêbada. Todos eles estão se divertindo muito. Têm um aparelho de karaokê.

– Está tudo em cima. A meteorologia prevê céu claro para amanhã, com a temperatura subindo uns três graus. O vento já está diminuindo. O bolo está no cooler e ficou uma maravilha.

Emma fez um gesto com a cabeça, indicando Laurel.

– As flores também.

– Amanhã, logo de manhã, os meninos vão estar aqui para tirar a neve da alameda e limpar a entrada e as varandas – disse Parker. – Então, podem tirar isso da lista.

– Graças a Deus! – exclamou Emma, do fundo do coração.

– Pedi ao pai da noiva para tirar fotos da festa de ensaio com a câmera digital dele. Vamos brincar com elas, pôr algumas engraçadas num dos pequenos álbuns. Vai ser um presente para a noiva. E agora – disse Mac, levantando-se – vou para casa, relaxar o meu corpo dolorido num banho quente.

Foi para casa sob a neve bem mais fina, com as luzes do caminho reluzindo. Lembrou-se de Carter, que a levara para caminhar na neve em vez de deixá-la ficar emburrada.

Ia ligar para ele. Mergulhar naquela banheira quente, com uma taça de vinho, umas velas acesas... e Carter ao telefone. Como será que ele reagiria à ideia de fazer sexo por telefone?, pensou e ouviu o próprio riso. Ele sempre a surpreendia. Vai ver era uma fera no sexo por telefone.

Entrou e ficou ouvindo o silêncio. Gostava daquela calma; gostava do seu espaço. Engraçado como Carter não atrapalhava nem quando estava ali. Simplesmente fazia tudo parecer dos dois. A calma deles, o espaço deles.

Ideia estranha.

Olhou para a foto na mesa de trabalho enquanto tirava o casaco. Talvez não fosse tão estranha assim. Os dois ficavam muito bem juntos.

Era bem gostosa essa fase que estavam vivendo, pensou ela, subindo a escada. Não havia um padrão estabelecido, não exatamente; apenas ficavam naquele espaço confortável. Numa espécie de ordem e bem-estar.

Entrou no quarto, jogou as botas de que acabou nem precisando na direção do armário. Tirou os brincos e os deixou cair em cima da cômoda.

Parou, exalando com força e olhando ao seu redor. Não tinha feito a cama de manhã. As roupas estavam jogadas na cadeira. As meias também. O lindo armário... Não chegava a estar uma catástrofe, pensou, mas por que tinha posto a blusa cinza junto com as brancas? E o lugar da saia preta era com as outras saias, e não na parte dos casacos. E havia um o casaco de Carter.

Tinha voltado aos velhos hábitos, percebeu com desagrado. Agora, possuía um lugar para cada coisa, então era só *pôr* essa coisa em seu devido lugar. Controlar o próprio espaço, as próprias coisas, a própria...

Vida, pensou.

Porque ela era a bagunça em pessoa, admitiu. Porque a vida também era. Porque o casaco de Carter estava pendurado junto com os dela. Que importância tem isso? Meias são perdidas, lençóis ficam embolados. A mãe era uma egoísta e o pai não estava nem aí.

E às vezes neva no dia dos ensaios de casamento.

O que foi mesmo que a Parker tinha dito?

Há coisas na vida que escapam ao nosso controle. Podemos fazer disso uma festa ou uma tragédia.

Ora, pensou Mac, você podia se recusar a dar o passo seguinte. Podia se recusar a ficar com o que mais quer só porque tem medo de vir a perder isso um dia...

Desceu a escada correndo, pegou a foto.

– Ele simplesmente apareceu – disse baixinho, observando o ar de ambos ali juntos, naquela moldura. – Ele simplesmente apareceu na minha vida e tudo mudou.

Ergueu os olhos, viu a foto de três garotinhas sob uma abóbada de rosas brancas. E uma borboleta azul pousada num raminho de dentes-de-leão.

Exalou e o ar saiu com tanta força que ela levou a mão ao coração. É claro. É claro. Estava tudo tão claro. Bastava ela ter olhado ali.

– Ah, meu Deus. O que estou esperando?

Com o gato aquecendo seus pés e a música tocando bem baixinho, Carter se estirou no sofá da sala com um livro e uma dose de uísque.

Já tivera outras noites de inverno desse jeito, com o gato e um livro por companhia depois de terminar o trabalho. Aquilo lhe bastava.

Adoraria acender a lareira. É claro que, antes, precisava ter uma lareira. Mas o fogo daria um belo toque de civilização à condição de estar em casa. Um certo toque de seriado de TV.

O professor e o gato, diante do fogo, lendo, numa noite de neve.

Podia quase ver a foto que Mackensie tiraria, e a ideia o deixou tão contente quanto entretido.

Queria que ela estivesse ali com ele. Recostada no outro braço do sofá para que ele pudesse ver o rosto dela sempre que erguesse os olhos do livro. Compartilhando com ele a quietude de uma noite de inverno e o fogo imaginário.

Um dia, pensou; quando ela estiver pronta. Parte dele ficou pronta assim que voltou a vê-la; não havia como negar isso. Assim que olhou, amou – parafraseando Rosalinda. E logo, logo, todo o resto dele se igualou a essa parte. Mas ela não tinha aquela fagulha, aquela velha chama que ele guardava dentro de si e que só esperava poder se reacender.

De homem para mulher, desta vez; não de garoto para menina.

Não a criticava por precisar de mais tempo.

– Bom, talvez um pouco, sim – disse, dirigindo-se a Tripé. – Nem tanto por precisar de mais tempo, mas por não confiar em si mesma. Como uma mulher que tem tanto amor dentro de si pode não confiar nesse sentimento? Eu sei, eu sei, a mamãe querida, o papai ausente. As cicatrizes são muitas.

Então, esperaria. Continuaria a amá-la, a ficar com ela. E esperaria.

Voltou ao livro, deixando que a calma e a sequência da história o embalassem. Ergueu o copo, tomou um golinho do uísque. Tomou um susto quando bateram à porta. A mão tremeu, derramando bebida na camisa.

– Ai, droga!

Tirou os óculos e os deixou em cima da mesa junto com o livro. Tripé reclamou quando Carter tirou os pés de debaixo dele para se levantar.

– A culpa não é minha. É dessa pessoa louca o bastante para sair à rua numa noite dessas.

Levantou-se com alguma relutância. De repente, ocorreu-lhe que alguém poderia ter sofrido um acidente e vindo à sua casa em busca de ajuda. Apressou o passo, imaginando derrapagens e batidas naquelas ruas escorregadias. Quando abriu a porta, Mac se atirou em seus braços.

– Carter!

– Mackensie. – Sentiu o estômago embrulhar. – O que foi? Aconteceu alguma coisa?

– Tudo. – A moça virou a cabeça e o beijou com força. – Aconteceu tudo.

– A propriedade? – O fogo lhe voltou à mente. – Houve um incêndio? Ou...

– Não – respondeu ela, sem querer soltá-lo. – Você me encontrou.

– Está gelada. Entre. Aqui dentro está bem mais quente. Precisa se sentar. Seja lá o que tenha acontecido, vamos...

– Esqueci as luvas. – Ela riu e voltou a beijá-lo. – Esqueci de ligar o aquecedor do carro. Esqueci de fazer a cama. Não sei por que achei que isso era importante.

– Você bateu a cabeça? – perguntou ele, inclinando-se para fitá-la nos olhos. Não lhe pareceram

em choque, mas havia algo meio selvagem neles. – Andou bebendo? E saiu dirigindo nessas condições? Não pode...

– Não andei bebendo nada. Pensei em tomar um vinho e fazer sexo por telefone dentro da banheira, mas isso foi antes de eu perceber que não tinha feito a cama nem posto as meias no cesto de roupas. Mas – prosseguiu ela, farejando o ar – alguém andou bebendo. É uísque? Você toma uísque?

– De vez em quando. Com esse frio, essa neve e... Espere um pouco.

– Está vendo? Você sempre me surpreende. Carter toma uísque nas noites de neve. – Mac se virou para o outro lado e, depois, voltou à posição anterior. – E pode levar um soco na cara. Compra brincos de brilhantes e ri com o pai na cozinha. Ah, como eu queria ter trazido a câmera... Assim, poderia capturar esse momento e mostrá-lo a você. Preciso de outra chance, quando não estiver lutando com os nervos e o desejo. Mas tenho uma coisa para você.

Tirou a caixa do bolso grande do casaco.

– Terceira parte do presente.

– Pelo amor de Deus! Você veio dirigindo até aqui com esse tempo horrível só para me dar uma foto? Podia ter se machucado, sofrido um acidente. Você...

– É, podia mesmo. Essas coisas acontecem. Mas não aconteceram e estou aqui. Abra.

Carter passou a mão pelo cabelo dela.

– Deixe eu tirar o seu casaco.

– Posso tirar o casaco sozinha. Ande, abra. Veja – disse ela, tirando o casaco e jogando-o no corrimão da escada. – É isso que faço. Jogo o casaco de qualquer maneira. Você nem se importa. Talvez um dia venha a se importar. E daí? Abra, Carter!

Ele desfez o laço e abriu a caixa. Ela sorria, com o rosto colado ao seu. Carter lembrou-se daquele beijo, de como ela gostou do presente que ele lhe dera. O calor que veio depois e a sensação do rosto dela roçando o seu.

– É linda!

– É mesmo. Fiquei com uma do beijo. Você nem sabia que eu tinha batido uma foto. É um beijo incrível, uma imagem belíssima. Mas essa aqui... Essa aqui somos nós. Olhando. Olhando para a frente. Hoje, depois do trabalho, depois de lidar com coisas que não podem ser controladas, que não podem ser previstas, boas ou ruins, alegres ou tristes... E ainda teve a história do armário... Fiz a maior bagunça com as minhas saias e o seu casaco estava lá.

– Ah, devo tê-lo pendurado quando...

– Pouco importa. É exatamente isso. Não importa que a minha mãe seja a minha mãe, ou que as coisas nem sempre funcionem como a gente quer. O que conta são os momentos. Sei disso melhor que ninguém, mas nunca o apliquei na minha vida. Não comigo mesma. O que conta são as pessoas, o que elas sentem, as relações que estabelecem, quem são quando estão sozinhas ou com alguém. Tudo isso é importante, e tanto faz se o momento passa depressa. Talvez seja assim justamente porque ele passa. O que importa é que você é a borboleta azul.

– Sou... o quê?

– Ah, vamos lá, professor. Dr. Maguire. Você entende tudo de metáforas, analogias e

simbolismos. Voou para a minha vida e simplesmente pousou aqui de forma inesperada. Talvez por um milagre. E o quadro se formou. Só levei um instante para perceber isso.

– Não... Ah, a foto. Aquela que você tirou quando era menina.

– Epifanias. Tive uma naquele instante, e tive outra hoje à noite. Quero isso. – Mac tirou a foto da mão dele. – Quero... Aqui. – Olhou ao redor e escolheu um lugar numa das prateleiras de livros. – É isso que quero. Ela fica perfeita aqui, não fica?

Carter sentiu um aperto no coração.

– Fica. Foi feita para esse lugar.

– Não vem com garantia. Por que viria? Não é um carro ou um computador. É vida, é algo bagunçado e pode quebrar. É uma promessa: vou tentar. Quero prometer que vou tentar, Carter.

Mac voltou para junto dele e pegou o seu rosto com ambas as mãos.

– Carter Maguire, eu amo você.

Quando o punho que apertava o seu coração se afrouxou e o soltou, Carter a fitou, baixando os olhos.

– Pode dizer isso de novo?

– É a primeira vez que digo isso a alguém... Quero dizer, assim, desse jeito. Não sei por que achei que ia ser tão difícil. Não é. Amo você. Amo quem nós somos juntos. Amo quem acho que podemos ser. Vou fazer besteiras. E você também. Afinal, você não é perfeito. Vamos nos magoar e vamos rir juntos. Vamos fazer amor e vamos brigar. Quero que a gente prometa que um não vai abrir mão do outro. Que os dois vão tentar tudo o que for possível.

Os lábios dele se aproximaram dos dela. Aquela era a promessa, pensou Carter. Tudo o que ele vinha esperando. Mackensie estava ali e ela o amava.

– Estou tão feliz por você não ter feito a cama...

O riso dela saiu abafado porque a sua boca ainda estava colada à dele. Logo, porém, Mac inclinou a cabeça para trás.

– Esse foi apenas um dos elementos que se juntaram para formar o momento de absoluta clareza. E eu precisava lhe contar isso. Não dava para esperar. É você que sabe esperar.

– E valeu a pena. Veja o que consegui.

– Quero lhe dizer uma coisa. No Dia dos Namorados, no nosso Dia dos Namorados, quando não tinha um anel dentro da caixa, parte de mim ficou desapontada. Foi isso que me assustou. Agora, não estou mais assustada.

Ele a fitou nos olhos e o que viu fez o seu coração dar pulos de alegria.

– Quero uma vida com você, Mackensie.

– Estou pedindo para pedir a minha mão.

Delicadamente, Carter roçou os lábios na testa dela.

– Amo o seu rosto, e as suas mãos – disse ele, dando um beijo em cada uma das palmas. – O jeito como você pega a câmera ou como fica toda curvada diante do computador. Tenho dezenas de imagens e momentos seus na cabeça. No coração. Quero mais uma vida inteira. Case-se comigo.

– Sim.

– Sim. – Ele a puxou para si num abraço apertado. – Ela disse sim! Vamos nos casar em junho.

Mac recuou.

– Em junho? Está tudo lotado. É... – Quando ele deu um risinho, ela estreitou os olhos. – Engraçadinho...

Rindo, ele a abraçou mais uma vez.

– Vou reservar a primeira data livre, se for bom para você.

– Combinado. Falando em nome das minhas sócias, deixe que eu lhe diga que a Votos fica empolgadíssima em fornecer os seus serviços e promete que você terá um casamento perfeito.

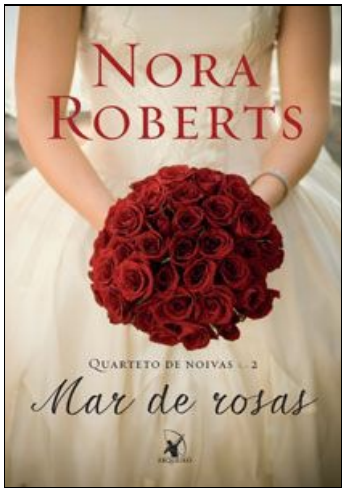
– Tenho você. Isso já é perfeito.

Mac o abraçou com força enquanto se beijavam. Depois, deitou a cabeça no ombro dele e suspirou.

Lá da prateleira, os dois rostos sorriam para ela. Momentos vêm e vão, pensou. É o amor que une todos eles para formar uma vida.

E ela tinha amor.

leiaumtrecho dopróximolivrodasérie



Mar de rosas

capítuloum

COM A CABEÇA ATORDOADA POR TANTOS detalhes, muitos deles embaralhados, Emma deu uma olhada na agenda enquanto tomava sua primeira xícara de café. As reuniões com clientes a deixavam tão animada quanto o café forte e doce. Contente com isso, recostou-se na cadeira do seu aconchegante escritório para reler as anotações que tinha acrescentado junto ao nome de cada cliente.

A experiência lhe ensinara que a personalidade do casal – ou, para ser mais exata, a da noiva – ajudava a determinar o tom da reunião, o objetivo a que visavam. Para Emma, as flores eram a alma de um casamento. Fossem elegantes ou alegres, elaboradas ou simples, as flores significavam romance.

Sua tarefa era dar aos clientes toda a alma e todo o romance que desejassem.

Suspirou, espreguiçou-se e sorriu para o vaso de minirrosas sobre a escrivaninha. A primavera é o máximo, pensou. A temporada de casamentos estava à toda – o que significava dias ocupadíssimos e longas noites imaginando e projetando arranjos, tendo que criar não apenas para os casamentos *desta* primavera, mas também para os da próxima.

Adorava a continuidade quase tanto quanto o próprio trabalho.

Foi isso que a Votos deu a ela e às suas três melhores amigas: continuidade, trabalho recompensador e a sensação de realização pessoal. E ela tinha que lidar com flores, viver entre as flores, praticamente nadar em flores todos os dias.

Divagando, examinou as mãos com aqueles pequenos arranhões e cortes minúsculos. Às vezes pensava neles como cicatrizes de batalhas, em outras, como medalhas de honra. Hoje pela manhã tudo que queria era não ter se esquecido de marcar a manicure.

Olhou para o relógio, fez as contas. Novamente animada, pulou da cadeira. Foi até o quarto e pegou um moletom vermelho para vestir por cima do pijama. Tinha tempo de ir até a mansão antes de se vestir e se preparar para o dia de trabalho. A Sra. Grady já devia ter preparado o café da manhã e, assim, Emma não precisaria ver o que havia na despensa ou preparar algo para comer.

A sua vida, pensou ao descer correndo a escada, era cheia de coisas fantásticas.

Ao passar pela sala que usava como área de recepção e reuniões, deu uma rápida olhadela no aposento, dirigindo-se para a porta. Trocaria as flores da decoração antes da primeira reunião, mas, ah, aqueles lírios orientais tinham desabrochado de um jeito tão lindo...

Saiu da antiga casa de hóspedes da propriedade dos Browns, que agora era a sua casa e o escritório da Arranjos, a sua parte da Votos.

Respirou fundo aquele ar de primavera. E estremeceu.

Droga! Por que não podia estar um pouco menos frio? Pelo amor de Deus, já era abril! A época das cravinas. Vejam só como os amores-perfeitos que tinha plantado pareciam entusiasmados. Recusou-se a deixar a manhã gelada – e ainda por cima estava começando a chuviscar – estragar o seu bom humor.

Encolheu-se dentro do casaco com capuz, enfiou no bolso a mão que não estava segurando a caneca de café e saiu andando em direção à mansão.

Ao seu redor, tudo voltava à vida, pensou. Olhando bem de perto, era possível ver a promessa do verde nas árvores, o vestígio do que ia se transformar em delicados botões de cornisos e de cerejeira. Aquelas cravinas estavam querendo brotar e os crocos já tinham nascido. Talvez ainda houvesse neve nesse início de primavera, mas o pior tinha passado.

Em breve seria hora de remexer na terra, trazer algumas das suas belezas da estufa e deixá-las à mostra. Emma acrescentaria os buquês, os festões e as guirlandas, mas nada superava a Mãe Natureza quando se tratava de fornecer a paisagem mais tocante para um casamento.

E, na sua opinião, nada superava a paisagem da propriedade dos Browns.

Os jardins, verdadeiras vitrines, mesmo nessa época, em breve iam explodir em cores, flores, cheiros, convidando as pessoas a passear pelos caminhos sinuosos ou sentar num banco, relaxando ao sol ou à sombra. Parker a encarregara – daquele jeito dela de dar incumbência aos outros – de supervisioná-los, e assim todo ano ela podia se divertir plantando algo novo ou ficando de olho na equipe de jardineiros.

Terraços e pátios criavam áreas externas adoráveis, perfeitas para casamentos e outros eventos, recepções junto à piscina ou nos terraços, cerimônias sob o caramanchão coberto pela roseira, na pérgula ou talvez até às margens do lago à sombra de um salgueiro.

Tem tudo aqui, pensou Emma.

E a mansão em si? Existiria lugar mais gracioso, mais bonito? O lindo tom de azul, com aqueles toques quentes de creme e amarelo. Todo aquele traçado variado dos telhados, as janelas em arco,

os parapeitos rendados das varandas só aumentavam seu encanto e sua elegância. E, na verdade, a varanda da entrada parecia feita para abrigar folhagens exuberantes ou cores e texturas elaboradas.

Quando criança, ela pensava naquela propriedade como uma terra de conto de fadas, que tinha inclusive um castelo.

Agora aquele era o seu lar.

Dirigiu-se à antiga casa da piscina, onde sua sócia Mac morava e mantinha seu estúdio fotográfico. Enquanto se encaminhava para lá, a porta da casa se abriu. Com um sorriso radiante, Emma acenou para o rapaz magro, meio descabelado, usando um paletó de Tweed, que saía.

– Bom dia, Carter.

– Oi, Emma.

A família de Carter e a sua eram amigas desde que ela se entendia por gente. Agora, Carter Maguire, ex-professor de Yale, que atualmente lecionava literatura inglesa no ensino médio da escola local, estava noivo de uma das melhores amigas que ela tinha no mundo.

A vida não era apenas boa, pensou Emma. Era um incrível mar de rosas.

Enlevada por essa ideia, saiu quase dançando na direção de Carter, puxou-o pela lapela e, ficando na ponta dos pés, lhe deu um beijo bem estalado.

– Uau! – exclamou ele, ficando até um pouco vermelho.

– Ei! – Com os olhos sonolentos, o cabelo vermelho brilhando na penumbra, Mac estava recostada no umbral da porta. – Está tentando conquistar o meu homem?

– Quem dera. Eu bem que o roubaria, mas você o enfeitiçou e se apoderou dele.

– Exatamente.

– Bom – disse Carter, sorrindo para as duas –, esse sem dúvida é um bom jeito de começar o dia. O conselho de classe que vou ter agora não vai ser nem de longe tão agradável assim.

– Diga que está doente – propôs Mac, toda dengosa. – Vou lhe dar uma coisa agradável.

– Ah... Bom... Tchau.

Emma abriu o maior sorriso quando ele se dirigiu apressado até o carro.

– Meu Deus, como ele é *fofo* – comentou.

– É mesmo.

– E olhe só para você, a Garota Feliz...

– A Noiva Feliz. Quer ver meu anel de novo?

– Oh! – exclamou Emma toda solícita ao ver Mac mexer os dedos. – Ah!

– Está indo tomar café?

– Essa é a ideia.

– Espere um pouco. – Mac se inclinou para dentro de casa, pegou um casaco, saiu e fechou a porta atrás de si. – Ainda não comi nada, só tomei café, portanto...

Quando começaram a caminhar juntas, Mac franziu as sobrancelhas.

– Essa caneca é minha.

– Quer que eu devolva agora?

– Sei por que estou tão animada nessa manhã horrível, e é a mesma razão pela qual não tive

tempo de tomar café. É o chamado "vamos tomar banho juntos".

– A Garota Feliz também é a Vaca Exibida.

– Com muito orgulho. Por que você está tão animada? Tinha um homem na sua casa?

– Infelizmente, não. Mas tenho cinco clientes marcados para hoje. É um ótimo jeito de começar a semana, que, ainda por cima, vem depois do magnífico fim de semana com aquele casamento ao estilo chá das cinco. Foi uma graça, não foi?

– O casal sexagenário trocando seus votos e festejando, cercados pelos filhos e os netos de cada um. Não foi só uma graça, mas também uma perspectiva tranquilizadora. Uma segunda vez para ambos. E lá estavam eles, prontos para fazer tudo de novo, desejando se unir e compartilhar a vida. Tirei umas fotos ótimas. Mas mesmo que não tivessem ficado boas, acho que aqueles filhos malucos iriam querer todas.

– Por falar em malucos, temos que conversar sobre as flores do seu casamento. Dezembro pode estar longe – disse Emma, estremecendo –, mas o tempo passa depressa, você sabe.

– Ainda nem decidi como vão ser as fotos de noivado. Não vi vestidos nem pensei em cores.

– Eu fico ótima com tons fortes e brilhantes – disse Emma, piscando várias vezes os olhos.

– Você fica ótima até de estopa. E eu que sou a Vaca Exibida, né?

Mac abriu a porta do saguão de entrada e, como a Sra. Grady tinha voltado das férias de inverno, lembrou-se de limpar os pés no capacho.

– Assim que eu encontrar o vestido, começamos a pensar no resto.

– Você é a primeira de nós a se casar. E vai ser aqui.

– Verdade, vai ser interessante ver como vamos nos sair organizando um casamento e *sendo parte* dele.

– Sabe que pode contar com a Parker para cuidar de toda a logística. Se há alguém que consegue fazer as coisas funcionarem direito, esse alguém é ela.

Entraram na cozinha e o caos estava instalado ali. Enquanto Maureen Grady, a retidão em pessoa, trabalhava diante do fogão, com movimentos eficientes e o rosto plácido, Parker e Laurel estavam paradas uma diante da outra.

– Temos que fazer – insistia Parker.

– Merda, merda, merda.

– Isso é trabalho, Laurel. E no trabalho você faz o que o cliente quer.

– Eu vou lhe dizer o que gostaria de servir para essa cliente...

– Pare com isso. – Parker, com o cabelo castanho preso num rabo de cavalo, já estava usando um terninho azul-escuro próprio para as reuniões com clientes. Os seus olhos faiscavam de impaciência. – Olhe, já fiz uma lista das coisas que ela escolheu com número de convidados, as cores e as flores. Você nem vai precisar falar com ela. Eu vou intermediar.

– Pois vou lhe dizer o que pode fazer com a sua lista...

– A noiva...

– A noiva é uma babaca. Uma idiota. Uma mimada que deixou bem claro, quase um ano atrás, que não queria os meus serviços nem precisava deles. Ela pode se danar, porque não vai sentir nem o cheiro dos meus bolos agora que se deu conta da própria estupidez.

Vestindo uma calça de pijama de algodão, a camiseta que tinha usado para dormir e com o cabelo ainda todo despenteado, Laurel se deixou cair numa das cadeiras da mesa posta para o café da manhã.

– Você precisa se acalmar. – Parker se abaixou para pegar uma pasta, que Laurel provavelmente tinha jogado no chão. – Aqui tem tudo de que você precisa – falou, pondo a pasta em cima da mesa. – Já garanti à noiva que vamos dar um jeito, então...

– Então você cria e prepara um bolo de casamento de quatro andares, mais um bolo para o noivo e uma seleção de sobremesas para duzentas pessoas. Tudo isso de hoje até sábado, sem nenhuma preparação prévia, quando tem três outros eventos no fim de semana e uma festa noturna daqui a três dias.

Com cara de poucos amigos, Laurel pegou a pasta e, num gesto deliberado, a atirou no chão.

– Você está sendo infantil.

– Ótimo, sou infantil.

– Meninas, suas amiguinhas chegaram para brincar – interveio a Sra. Grady, quase cantarolando, num tom de voz exageradamente doce, e os olhos risonhos.

– Ah, ouvi minha mãe me chamar – disse Emma, pronta para sair da cozinha.

– Nada disso! – exclamou Laurel. – Escutem só. É o casamento Folk-Harrigan no sábado, à noite. Com certeza vocês lembram que a noiva torceu o nariz só de pensar na possibilidade da Confeitaria da Votos fornecer o bolo ou qualquer sobremesa. Como ela *esnobou* a mim e a todas as minhas sugestões, insistindo em dizer que a prima, uma chef doceira em Nova York, que estudou em Paris e fazia bolos para ocasiões *importantes*, iria cuidar de toda essa parte.

– Vocês se lembram do que ela me disse?

– Ah. – Emma chegou um pouco para o lado porque o dedo de Laurel estava apontado direto para o seu coração. – Não das palavras exatas.

– Pois eu lembro. Ela disse, com aquele ar de deboche, que tinha certeza de que eu podia perfeitamente dar conta da *maioria* dos eventos, mas queria o *melhor* para o seu casamento. Disse isso na minha cara!

– O que foi muito grosseiro, sem dúvida – começou Parker.

– Ainda não terminei – atalhou Laurel, entre dentes. – Agora, em cima da hora, parece que a prima fantástica fugiu com um dos seus clientes. Dela, a prima. O maior escândalo, já que o tal cliente, pelo que se diz, conheceu a prima fantástica quando encomendou a ela um bolo para a festa de noivado *dele*. Agora que ninguém sabe por onde eles andam, a noiva quer que eu salve a festa dela.

– É isso que fazemos aqui. Laurel...

– Não estou falando com você – disse, fazendo um gesto na direção de Parker e se voltando para Mac e Emma. – Estou falando com elas.

– O quê? Você disse alguma coisa? – perguntou Mac, abrindo um largo sorriso. – Desculpe, deve ter entrado água nos meus ouvidos no banho, não estou ouvindo nada.

– Sua covarde! Em.

– Hã...

– O café está pronto! – A Sra. Grady traçou um círculo com o dedo. – Todas sentadas. Omeletes de clara com torradas de pão preto. Sentem, sentem. Comam.

– Não vou comer até...

– Vamos nos sentar – interveio Emma, procurando um tom apaziguador. – Deixe-me pensar só um pouco. Vamos sentar e... Uau, Sra. G., isso está com uma cara ótima. – Pegou dois pratos pensando neles como escudos, enquanto atravessava a cozinha até a mesa do café. – Não vamos esquecer que somos uma equipe.

– Porque não foi você que foi insultada. Nem é você que vai ter trabalho extra.

– Na verdade, vou ter, sim. Ou melhor, já tive. A noiva Whitney foi uma terrorista. Posso me lembrar dos pesadelos que tive com ela, mas essa história fica para outro dia.

– Também já tive a minha cota – acrescentou Mac.

– Ah, então agora voltou a ouvir? – resmungou Laurel.

– Ela é grosseira, cheia de frescura, mimada, difícil e desagradável – prosseguiu Emma. – Normalmente, quando planejamos a festa, mesmo com os problemas que possam surgir e as esquisitices de alguns casais, me agrada pensar que os estou ajudando a montar o cenário do dia que, para eles, é o começo do "felizes para sempre". Nesse caso em particular, não me espantaria nada que só durasse dois anos. Ela foi grosseira com você e não acho que tenha sido deboche, acho que foi desprezo mesmo. Não gosto dela.

Visivelmente satisfeita com aquele apoio, Laurel lançou um sorriso sarcástico para Parker e começou a comer.

– Mas é preciso ressaltar que somos uma equipe. E as clientes, mesmo as babacas debochadas, precisam ser atendidas. Essas já são boas razões para se fazer isso – prosseguiu Emma, vendo Laurel fazer uma careta para ela. – Mas tem uma ainda melhor: vai mostrar a essa grossa, debochada e desagradável a doceira brilhante que você é, mesmo quando trabalha sob pressão.

– Parker já tentou usar esse argumento.

– Ah! – Emma cortou uma fina fatia da sua omelete. – Mas é verdade.

– Eu poderia pôr a tal da prima ladra de homens no chinelo.

– Não tenho a menor dúvida. Pessoalmente, acho que ela teria que implorar, pelo menos um pouquinho.

– Gostei da ideia – disse Laurel. – Ela podia suplicar.

– Acho que posso conseguir isso – atalhou Parker, pegando seu café. – E também já avisei que, para darmos conta de um imprevisto como esse, precisaremos cobrar uma taxa extra de mais 25 por cento. Ela se agarrou a isso como a uma tábua de salvação e ficou lacrimejando, toda agradecida.

Os olhos azuis de Laurel brilharam.

– Ela chorou?

Parker inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha para a amiga.

– E então?

– Embora a parte do choro me agrade bastante, ela ainda vai ter que aceitar o que eu propuser e gostar.

– É claro.

– Só peço que me avise o que decidir – pediu Emma. – Vou providenciar as flores e a decoração das mesas – prosseguiu, lançando um sorriso compreensivo para Parker. – Que horas ela ligou para falar dessa história toda?

– Às 3h20 da manhã.

Laurel se aproximou de Parker e deu um tapinha em seu ombro.

– Sinto muito.

– Essa é a minha parte no negócio. Vamos conseguir superar isso. Sempre conseguimos.

s o b r e a a u t o r a

© Bruce Wilder



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios por vários de seus livros, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. O jornal *The New Yorker* já a chamou de "a romancista favorita dos Estados Unidos".

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

s u m á r i o

prólogo
capítulo um
capítulo dois
capítulo três
capítulo quatro
capítulo cinco
capítulo seis
capítulo sete
capítulo oito
capítulo nove
capítulo dez
capítulo onze
capítulo doze
capítulo treze
capítulo catorze
capítulo quinze
capítulo dezesseis
capítulo dezessete
capítulo dezoito
capítulo dezenove
capítulo vinte
leia um trecho do próximo livro da série
sobre a autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro

Um conto de fadas contemporâneo

NORA ROBERTS



QUARTETO DE NOIVAS ~ 2

Mar de rosas

ARQUEIRO

Mar de rosas



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Nora Roberts

Quarteto de noivas – 2

Mar de rosas



https://t.me/StarBooksDigital
https://t.me/SBDLivros

Título original: *Bed of Roses*
Copyright © 2009 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna
preparo de originais: Rachel Agavino
revisão: Clarissa Peixoto e Flávia Midori
diagramação: Valéria Teixeira
capa: Miriam Lerner
imagem de capa: Getty Images
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549m

Roberts, Nora, 1950—
Mar de rosas [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Janaína Senna]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital Tradução de: Bed of roses Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-274-1 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Casamento. 3. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título.

14-10137

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para amigas

E tenho fé de que todas as flores
Apreciem o ar que respiram
– WORDSWORTH

O amor é como uma amizade em chamas
– BRUCE LEE

prólogo

Para Emmaline, o romance torna as mulheres especiais. Faz com que todas sejam bonitas e transforma os homens em príncipes. Com romance, a vida de uma mulher é tão imponente quanto a de uma rainha, porque o seu coração passa a ser precioso.

Flores, luz de velas, longos passeios ao luar num jardim isolado... Só a ideia a fez suspirar. *Dançar* ao luar num jardim isolado: para ela, *isso* era o auge do romantismo.

Podia até imaginar a cena: o cheiro das rosas de verão, a música vindo das janelas abertas de um salão de baile, a luz que deixava tudo com um contorno prateado, como nos filmes. O modo como seu coração pulsaria (como pulsava agora quando ela visualizava tudo aquilo).

Ansiava por dançar ao luar num jardim isolado.

Tinha 11 anos.

Podia ver tão claramente como deveria ser – como *seria* – que descreveu a cena, nos mínimos detalhes, para suas melhores amigas.

Quando passavam a noite na casa umas das outras, ficavam horas e horas conversando sobre todo tipo de coisas, ouvindo música ou assistindo a filmes. Podiam ficar acordadas quanto tempo quisessem, até a noite *inteira*. Embora nenhuma delas tivesse conseguido isso. Não nessa época.

Quando iam dormir na casa de Parker, podiam ficar sentadas ou brincar na varanda do quarto até meia-noite, se o clima estivesse bom para isso. Na primavera, sua estação favorita, Emma adorava ficar naquela varanda sentindo o cheiro dos jardins da mansão dos Browns e da grama fresca, se o jardineiro a tivesse aparado naquele dia.

A Sra. Grady, a governanta, aparecia trazendo leite e biscoitos. Às vezes, bolinhos. De vez em quando, a Sra. Brown ia até lá para ver o que as meninas estavam fazendo.

Na maior parte do tempo, porém, as quatro ficavam sozinhas.

– Quando eu for uma mulher de negócios bem-sucedida de Nova York, não vou ter tempo para romance. – Laurel, que tinha os cabelos louros rajados de verde por conta de uma aplicação de suco industrializado de limão, exercitava seu senso estético nos cabelos ruivos e brilhosos de Mackensie.

– Mas você *precisa* ter – insistiu Emma.

– Hum-hum. – Com a ponta da língua para fora de tão compenetrada, Laurel continuava fazendo uma trança fina e bem comprida no cabelo de Mac. – Vou ser como a tia Jennifer. Ela diz para a minha mãe que não tem tempo para casamento, que não precisa de um homem para se sentir completa e coisas assim. Mora no Upper East Side e vai a festas com a Madonna. Meu pai diz que ela faz o tipo poderosa. Também vou fazer e irei a festas com a Madonna.

– Até parece – disse Mac, debochando. O puxão que levou na trança só a fez rir ainda mais. – Dançar é legal, e acho que não tem nenhum problema viver um romance, contanto que não nos deixe idiotas. É só nisso que minha mãe pensa. Além de dinheiro. As duas coisas, acho. É mais ou menos assim: como conseguir romance e dinheiro ao mesmo tempo?

– Mas isso não é romance de verdade. – Emma fez um carinho na perna de Mac ao dizer essa frase. – Acho que romance é quando fazemos coisas um para o outro só porque estamos apaixonados. Adoraria ter idade para me apaixonar. – Emma deu um suspiro profundo. – Deve ser o máximo.

– Devíamos beijar um garoto para ver como é.

Todas pararam e encararam Parker, que estava deitada na cama de bruços, vendo as amigas brincarem de salão de beleza.

– Devíamos escolher um garoto e fazer com que nos beijasse. Já temos quase 12 anos. Precisamos ver se gostamos.

Laurel estreitou os olhos.

– Tipo uma experiência?

– Mas quem iríamos beijar? – perguntou Emma.

– Vamos fazer uma lista. – Parker se virou na cama para pegar o caderno novo na mesinha de cabeceira. Ele tinha um par de sapatos cor-de-rosa na capa. – Vou anotar o nome de todos os meninos que conhecemos. Depois, marcamos quais gostaríamos de beijar ou não e por quê.

– Isso não parece nada romântico.

Parker lançou um sorrisinho para Emma.

– Temos que começar de algum modo. E listas sempre ajudam. Mas acho que não podemos incluir parentes, como o Del – disse ela, referindo-se ao próprio irmão – ou os irmãos da Emma. Além disso, os irmãos da Emma são muito mais velhos.

Abriu o caderno numa folha em branco.

– E então?

– Às vezes eles enfiam a língua na nossa boca.

A declaração de Mac provocou gritinhos, exclamações e mais risos.

Parker saiu da cama e foi se sentar no chão ao lado de Emma.

– Ok, depois de fazer a lista principal, podemos dividir em duas: sim e não. Em seguida, escolhemos alguém da lista "sim". Se conseguirmos beijar o garoto que escolhemos, vamos ter que contar como foi. E se ele meter a língua na nossa boca, teremos que descrever como é.

– E se o garoto escolhido não quiser nos beijar?

– Em... – Prendendo a última trança, Laurel balançou a cabeça. – É claro que ele vai querer. Você é linda e trata os garotos de um jeito normal. Algumas meninas ficam completamente idiotas perto deles. Mas você não. Além do mais, já está começando a ter peitos.

– Eles gostam de peitos – disse Mac, com ar de entendida. – De qualquer jeito, se ele não beijar, você beija. Não acho que isso seja um problema.

Emma achava que era. Ou deveria ser.

Mas criaram a lista e isso foi suficiente para fazê-las rir. Laurel e Mac imitavam um ou outro

garoto naquela situação imaginária. E *isso* as fazia rolar de rir pelo chão, a ponto de o Sr. Peixe sair correndo do quarto e ir se enroscar na saleta de Parker.

A menina escondeu o caderno quando a Sra. Grady chegou com leite e biscoitos. Depois, tiveram a ideia de brincar de banda de rock. Todas foram remexer no closet e nas gavetas de Parker em busca das roupas certas para o palco.

Acabaram dormindo umas no chão, outras atravessadas na cama. Umas encolhidas, outras espalhadas.

Emma acordou antes de o sol nascer. O quarto estava escuro, iluminado apenas pela luminária da mesinha de cabeceira de Parker e por uma réstia de luar que entrava pela janela.

Alguém a cobrira com uma manta leve e pusera um travesseiro debaixo de sua cabeça. Alguém sempre fazia isso quando elas dormiam na casa umas das outras.

O luar a atraiu e, ainda meio sonhando, foi para a varanda. O ar fresco, com cheiro de rosas, roçou seu rosto.

Ficou olhando os jardins com bordas prateadas onde a primavera se instalara em cores brandas e formas delicadas. Quase podia ouvir a música. E se ver dançando por entre as rosas, as azaleias e as peônias, que ainda conservavam as pétalas e o perfume em botões bem fechados.

Chegava quase a ver seu parceiro, aquele que a fazia girar na dança. Uma valsa, pensou, suspirando. Tinha que ser uma valsa, como nos livros de histórias.

Isso, sim, era romance, pensou Emma, e fechou os olhou para inspirar o ar da noite.

Um dia, prometeu a si mesma, saberia como era aquilo.

capítuloum

Com a cabeça atordoada por tantos detalhes, muitos deles embaralhados, Emma deu uma olhada na agenda enquanto tomava sua primeira xícara de café. As reuniões com os clientes a deixavam tão animada quanto o café forte e doce. Contente com isso, recostou-se na cadeira de seu aconchegante escritório para reler as anotações que tinha acrescentado junto ao nome de cada casal.

A experiência lhe ensinara que a personalidade dos noivos – ou, mais precisamente, da noiva – ajudava a determinar o tom da reunião, a direção a seguir. Para Emma, as flores eram a alma de um casamento. Fossem elegantes ou alegres, elaboradas ou simples, elas eram o romance.

Seu trabalho era dar aos clientes toda a alma e todo o romantismo que desejassem.

Suspirou, espreguiçou-se e sorriu para o vaso de minirrosas sobre a escrivaninha. A primavera é o máximo, pensou. A temporada de casamentos estava à toda – o que significava dias ocupadíssimos e longas noites imaginando e projetando arranjos, tendo que criar não apenas para os casamentos *desta* primavera, mas também para os da próxima.

Adorava a continuidade quase tanto quanto o próprio trabalho.

Foi isto que a Votos deu a ela e às suas três melhores amigas: continuidade, trabalho recompensador e realização pessoal. E ela tinha que lidar com flores, viver entre flores, praticamente nadar em flores todos os dias.

Divagando, examinou as mãos com aqueles pequenos arranhões e cortes minúsculos. Às vezes pensava neles como cicatrizes de batalhas; em outras, como medalhas de honra. Nesta manhã, tudo o que queria era não ter se esquecido de marcar a manicure.

Olhou para o relógio, fez as contas. Pulou da cadeira, novamente animada. Foi até o quarto e pegou um moletom vermelho para vestir por cima do pijama. Tinha tempo de ir até a mansão antes de se vestir e se preparar para o dia de trabalho. A Sra. Grady já devia ter feito o café da manhã e, assim, Emma não precisaria ver o que havia na despensa ou preparar alguma coisa para comer.

Sua vida era cheia de coisas fantásticas, pensou, ao descer correndo as escadas.

Ao passar pela sala que usava como área de recepção e reuniões, deu uma rápida olhadela no aposento, dirigindo-se para a porta. Trocaria as flores da decoração antes da primeira reunião, mas, ah, aqueles lírios orientais tinham desabrochado de um jeito tão lindo...

Saiu da antiga casa de hóspedes da propriedade dos Browns, que agora era a sua casa e o escritório da Arranjos – a sua parte da Votos.

Respirou fundo aquele ar de primavera. E estremeceu.

Que droga! Por que não podia estar um pouco menos frio? Pelo amor de Deus, já era abril! Época de narcisos. Vejam só como os amores-perfeitos que tinha plantado pareciam entusiasmados. E ainda por cima estava começando a chuviscar, mas Emma se recusou a deixar que a manhã gelada estragasse seu bom humor.

Encolheu-se dentro do agasalho com capuz, enfiou no bolso a mão que não estava segurando a caneca de café e saiu andando para a mansão.

Ao seu redor, tudo voltava à vida, pensou. Olhando bem de perto, era possível ver a promessa do verde nas árvores, o vestígio do que ia se transformar em delicados botões de cornisos e de cerejeira. Aqueles narcisos estavam querendo brotar e os crocos já tinham nascido. Talvez ainda houvesse neve nesse início de primavera, mas o pior tinha passado.

Em breve seria hora de remexer na terra, trazer algumas das suas belezas da estufa e deixá-las à mostra. Emma acrescentaria os buquês, os festões e as guirlandas, mas nada superava a Mãe Natureza quando se tratava de fornecer a paisagem mais emocionante para um casamento.

E, na sua opinião, nada superava a paisagem da propriedade dos Browns.

Os jardins, verdadeiras vitrines, mesmo nessa época, em breve iam explodir em cores, flores, odores, convidando as pessoas a passear pelos caminhos sinuosos ou sentar num banco, relaxando ao sol ou à sombra. Parker a encarregara – daquele jeito dela de dar incumbência aos outros – de supervisioná-los, e assim todo ano ela podia se divertir plantando algo novo ou ficando de olho na equipe de jardineiros.

Terraços e pátios criavam áreas externas adoráveis, perfeitas para casamentos e outros eventos, recepções junto à piscina ou nos terraços, cerimônias sob o caramanchão coberto pela roseira, na pérgula ou talvez até às margens do lago à sombra de um salgueiro.

Tem tudo aqui, pensou Emma.

E a mansão em si? Existiria lugar mais gracioso, mais bonito? O lindo tom de azul, com aqueles toques quentes de creme e amarelo. Todo aquele traçado variado dos telhados, as janelas em arco, os parapeitos rendados das varandas só aumentavam seu encanto e sua elegância. E, na verdade, a varanda da entrada parecia feita para abrigar folhagens exuberantes ou cores e texturas elaboradas.

Quando criança, ela pensava naquela propriedade como uma terra de conto de fadas, que tinha inclusive um castelo.

Agora aquele era o seu lar.

Dirigiu-se à casa da piscina, onde sua sócia Mac morava e mantinha seu estúdio fotográfico. Enquanto se encaminhava para lá, a porta da casa se abriu. Com um sorriso radiante, Emma acenou para o rapaz magro, meio descabelado, usando um paletó de tweed, que saía.

– Bom dia, Carter.

– Oi, Emma.

A família de Carter e a sua eram amigas desde que ela se entendia por gente. Agora, Carter Maguire, ex-professor de Yale, que atualmente lecionava literatura inglesa no ensino médio da escola local, estava noivo de uma das melhores amigas que ela tinha no mundo.

A vida não era apenas boa, pensou Emma. Era um incrível mar de rosas.

Enlevada por essa ideia, saiu quase dançando na direção de Carter, puxou-o pela lapela e, na ponta dos pés, lhe deu um beijo bem estalado.

– Uau! – exclamou ele, corando um pouco.

– Ei! – Com os olhos sonolentos e o cabelo vermelho brilhando na penumbra, Mac estava recostada no umbral da porta. – Está tentando conquistar o meu homem?

– Quem dera. Eu bem que o roubaria, mas você o enfeitiçou e se apoderou dele.

– Exatamente.

– Bom – disse Carter, sorrindo para as duas –, este é sem dúvida um ótimo jeito de começar o dia. O conselho de classe que vou ter agora nem de longe vai ser tão agradável.

– Diga que está doente – propôs Mac, toda dengosa. – Vou lhe dar uma coisa agradável.

– Ah... Bom... Tchau.

Emma abriu o maior sorriso quando ele se dirigiu apressado até o carro.

– Meu Deus, como ele é *fofo* – comentou.

– É mesmo.

– E olhe só para você, a Garota Feliz...

– A Noiva Feliz. Quer ver meu anel de novo?

– Oh! – exclamou Emma, toda solícita ao ver Mac mexer os dedos. – Ah!

– Está indo tomar café?

– Essa é a ideia.

– Espere um pouco. – Mac se inclinou para o interior de casa, pegou um casaco, saiu e fechou a porta atrás de si. – Ainda não comi nada, só tomei café, portanto...

Quando começaram a caminhar juntas, Mac franziu as sobrancelhas.

– Essa caneca é minha.

– Quer que eu a devolva agora?

– Sei por que estou tão animada nessa manhã horrível, e é a mesma razão pela qual não tive tempo de tomar café. É o chamado "vamos tomar banho juntos".

– A Garota Feliz também é a Vaca Exibida.

– Com muito orgulho. Por que você está tão animada? Tinha um homem na sua casa?

– Infelizmente, não. Mas tenho cinco clientes marcados para hoje. É um ótimo jeito de começar a semana, que, ainda por cima, vem depois do magnífico fim de semana com aquele casamento ao estilo chá das cinco. Foi uma graça, não foi?

– O casal sexagenário trocando seus votos e festejando, cercados pelos filhos e os netos de cada um. Não foi só uma graça, mas também uma perspectiva tranquilizadora. Uma segunda vez para ambos. E lá estavam eles, prontos para fazer tudo de novo, desejando se unir e compartilhar a vida. Tirei umas fotos ótimas. Mas mesmo que não tivessem ficado boas, acho que aqueles filhos malucos iriam querer todas.

– Por falar nisso, temos que conversar sobre as flores do seu casamento. Dezembro pode estar longe – disse Emma, estremecendo –, mas o tempo passa depressa, você sabe.

– Ainda nem decidi como vão ser as fotos de noivado. Não vi vestidos nem pensei em cores.

– Eu fico ótima com tons fortes e brilhantes – disse Emma, piscando várias vezes os olhos.

– Você fica ótima até de estopa. E eu que sou a Vaca Exibida, né?

Mac abriu a porta do saguão de entrada e, como a Sra. Grady tinha voltado das férias de inverno, lembrou de limpar os pés no capacho.

– Assim que eu encontrar o vestido, começamos a pensar no resto.

– Você é a primeira de nós a se casar. E vai ser aqui.

– Verdade, vai ser interessante ver como vamos nos sair organizando um casamento e *fazendo parte* dele.

– Sabe que pode contar com a Parker para cuidar de toda a logística. Se há alguém que consegue fazer as coisas funcionarem direito, esse alguém é ela.

Entraram na cozinha e o caos estava instalado ali.

Enquanto Maureen Grady, a retidão em pessoa, trabalhava diante do fogão, com movimentos eficientes e o rosto plácido, Parker e Laurel estavam paradas uma diante da outra.

– Temos que fazer – insistia Parker.

– Merda, merda, merda.

– Isso é trabalho, Laurel. E no trabalho você faz o que o cliente quer.

– Eu vou lhe dizer o que eu gostaria de servir para essa cliente...

– Pare com isso. – Parker, com o cabelo castanho preso num rabo de cavalo, já estava usando um terninho azul-escuro próprio para as reuniões com clientes. Os olhos dela faiscavam de impaciência. – Olhe, já fiz uma lista das coisas que ela escolheu, com número de convidados, as cores e as flores. Você nem vai precisar falar com ela. Eu vou intermediar.

– Pois vou lhe dizer o que pode fazer com a sua lista...

– A noiva...

– A noiva é uma babaca. Uma idiota. Uma mimada que deixou bem claro, quase um ano atrás, que não queria os meus serviços nem precisava deles. Ela pode se danar, porque não vai sentir nem o cheiro dos meus bolos agora que se deu conta da própria estupidez.

Vestindo uma calça de pijama de algodão, a camiseta que tinha usado para dormir e com o cabelo ainda todo despenteado, Laurel se deixou cair numa das cadeiras da mesa posta para o café da manhã.

– Você precisa se acalmar. – Parker se abaixou para pegar uma pasta, que Laurel provavelmente tinha jogado no chão. – Aqui tem tudo de que você precisa – falou, pousando a pasta em cima da mesa. – Já garanti à noiva que vamos dar um jeito, então...

– Então você cria e prepara um bolo de casamento de quatro andares, mais um bolo para o noivo e uma seleção de sobremesas para duzentas pessoas. Tudo isso de hoje até sábado, sem nenhuma preparação prévia, quando tem três outros eventos no fim de semana e uma festa noturna daqui a três dias.

Com cara de poucos amigos, Laurel pegou a pasta e, num gesto deliberado, a atirou no chão.

– Você está sendo infantil.

– Ótimo, sou infantil.

– Meninas, suas amiguinhas chegaram para brincar – interveio a Sra. Grady, quase cantarolando, num tom de voz exageradamente doce, e os olhos risonhos.

– Ah, ouvi minha mãe me chamar – disse Emma pronta para sair da cozinha.

– Nada disso! – exclamou Laurel. – Escutem só. É o casamento Folk-Harrigan no sábado à noite. Com certeza vocês lembram que a noiva torceu o nariz só de pensar na possibilidade de a Confeitaria da Votos fornecer o bolo ou qualquer sobremesa. Como ela *esnobou* a mim e a todas as minhas sugestões, insistindo em dizer que a prima, uma *chef pâtissier* em Nova York, que estudou em Paris e fazia bolos para ocasiões *importantes*, ia cuidar de toda essa parte. Vocês se lembram do que ela me disse?

– Ah. – Emma chegou um pouco para o lado porque o dedo de Laurel estava apontado bem direto para o seu coração. – Não das palavras exatas.

– Pois eu lembro. Ela disse, com aquele ar de deboche, que tinha certeza de que eu podia perfeitamente dar conta da *maioria* dos eventos, mas queria o *melhor* para o seu casamento. Disse isso bem na minha cara!

– O que foi muito grosseiro, sem dúvida – começou Parker.

– Ainda não terminei – atalhou Laurel, entre dentes. – Agora, em cima da hora, parece que a prima fantástica fugiu com um dos clientes dela. Dela, a prima. O maior escândalo, já que o tal cliente, pelo que se diz, conheceu a prima fantástica quando encomendou a ela um bolo para a festa de noivado *dele*. Agora que ninguém sabe por onde eles andam, a noiva quer que eu salve a festa dela.

– É isso que fazemos aqui. Laurel...

– Não estou falando com você – disse, fazendo um gesto na direção de Parker e se voltando para Mac e Emma. – Estou falando com elas.

– O quê? Você disse alguma coisa? – perguntou Mac, abrindo um largo sorriso. – Desculpe, deve ter entrado água nos meus ouvidos no banho, não estou ouvindo nada.

– Sua covarde! Em.

– Hã...

– O café está pronto! – A Sra. Grady traçou um círculo com o dedo. – Todas sentadas. Omeletes de clara com torradas de pão preto. Sentem, sentem. Comam.

– Não vou comer até...

– Vamos nos sentar – interveio Emma, procurando um tom apaziguador. – Deixe-me pensar só um pouco. Vamos sentar e... Uau, Sra. G., isso está com uma cara ótima. – Pegou dois pratos pensando neles como escudos, enquanto atravessava a cozinha até a mesa do café. – Não vamos esquecer que somos uma equipe.

– Porque não foi você que foi insultada. Nem é você que vai ter trabalho extra.

– Na verdade, vou ter, sim. Ou melhor, já tive. A noiva Whitney foi uma terrorista. Posso me lembrar dos pesadelos que tive com ela, mas essa história fica para outro dia.

– Também já tive a minha cota – acrescentou Mac.

– Ah, então agora voltou a ouvir? – resmungou Laurel.

– Ela é grosseira, cheia de frescura, mimada, difícil e desagradável – prosseguiu Emma. – Normalmente, quando planejamos a festa, mesmo com os problemas que possam surgir e as esquisitices de alguns casais, me agrada pensar que os estou ajudando a montar o cenário do dia

que, para eles, é o começo do "felizes para sempre". Nesse caso em particular, não me espantaria nada que durasse só dois anos. Ela foi grosseira com você e não acho que tenha sido deboche, acho que foi desprezo mesmo. Não gosto dela.

Visivelmente satisfeita com aquele apoio, Laurel lançou um sorriso sarcástico para Parker e começou a comer.

– Mas é preciso ressaltar que somos uma equipe. E as clientes, mesmo as babacas debochadas, precisam ser atendidas. Essas já são boas razões para se fazer isso – prosseguiu Emma, vendo Laurel fazer uma careta para ela. – Mas tem uma ainda melhor: você vai mostrar a essa grossa, debochada e desagradável a doceira brilhante que você é, mesmo quando trabalha sob pressão.

– Parker já tentou usar esse argumento.

– Ah! – Emma cortou uma fina fatia da sua omelete. – Mas é verdade.

– Eu poderia pôr a tal da prima ladra de homens no chinelo.

– Não tenho a menor dúvida. Pessoalmente, acho que ela teria que implorar, pelo menos um pouquinho.

– Gostei da ideia – disse Laurel. – Ela podia suplicar.

– Acho que posso conseguir isso – atalhou Parker, pegando seu café. – E também já avisei que, para darmos conta de um imprevisto como esse, precisaremos cobrar uma taxa extra de 25 por cento. Ela se agarrou a isso como a uma tábua de salvação e ficou choramingando, toda agradecida.

Os olhos azuis de Laurel brilharam.

– Ela chorou?

Parker inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha para a amiga.

– E então?

– Embora a parte de choro me agrade bastante, ela ainda vai ter que aceitar o que eu propuser e gostar.

– É claro.

– Só peço que me avise o que decidir – pediu Emma. – Vou providenciar as flores e a decoração das mesas – prosseguiu, lançando um sorriso compreensivo para Parker. – Que horas ela ligou para falar dessa história toda?

– Às 3h20 da manhã.

Laurel se aproximou de Parker e deu uma palmadinha em seu ombro.

– Sinto muito.

– Essa é a minha parte no negócio. Vamos conseguir superar isso. Sempre conseguimos.

Elas sempre conseguiam, pensou Emma enquanto borrifava água nos arranjos da sua sala. Acreditava que isso nunca iria mudar. Deu uma olhadinha na foto emoldurada por um porta-retrato branco simples: três garotinhas brincando de casamento no jardim, num dia de verão. Ela tinha sido a noiva naquele dia, com um buquê de dentes-de-leão e um véu de renda. Ficara tão

encantada quanto suas amigas ao ver a borboleta azul pousar numa das flores de seu ramalhete.

Mac estava lá também, é claro; só que atrás da câmera, capturando o momento. Emma considerava um verdadeiro milagre terem transformado sua brincadeira favorita de infância num negócio próspero.

Os dentes-de-leão tinham ficado no passado, pensou ela, afofando os travesseiros. Mas quantas vezes tinha visto o mesmo encantamento, o mesmo olhar extasiado no rosto de uma noiva ao lhe entregar o buquê feito para ela? Só para ela.

Esperava que a reunião que estava prestes a começar resultasse num casamento na próxima primavera, exatamente com esse mesmo olhar extasiado no rosto da noiva.

Deu uma ajeitada nas suas pastas, nos álbuns e livros, depois foi até o espelho ver como estava o cabelo, a maquiagem e o terninho.

A boa imagem era prioridade na Votos.

Virou-se para atender o telefone.

– Arranjos da Votos – disse em tom alegre. – Sim, como vai, Roseanne? Claro que me lembro de você. Seu casamento está marcado para outubro, certo? Não, não é cedo demais para tomar essas decisões.

Enquanto falava, pegou um bloquinho na escrivaninha e o abriu.

– Podemos agendar uma reunião para a próxima semana, se for conveniente para você. Pode trazer uma foto do seu vestido? Ótimo. E, se já tiver escolhido os modelos ou as cores das damas... Hã-hã. Posso ajudá-la com tudo isso. Que tal segunda, às duas?

Anotou o compromisso no bloco e deu uma olhadinha para trás porque ouviu um carro estacionando.

Uma cliente ao telefone, outra à porta.

Meu Deus, como *adorava* a primavera!

Emma levou a última cliente do dia ao local onde deixava expostos arranjos e buquês de flores artificiais, bem como várias amostras que havia disposto em mesas e prateleiras.

– Fiz isto depois que recebi seu e-mail com a foto do vestido, o que me deu uma ideia básica de quais são as suas cores e flores favoritas. Sei que já me disse que preferiria um buquê que fosse uma enorme cascata, mas...

Emma tirou da estante um arranjo de lírios e rosas envolto por uma fita branca-perolada.

– Só queria que visse este antes de decidir.

– É lindo! E essas são as flores de que mais gosto. Mas não me parece, como posso dizer... grande o bastante.

– Pensando nas linhas do seu vestido, no corte da parte de baixo e nas belas aplicações de pedras no corpete, o buquê mais contemporâneo ficaria um espetáculo. Mas escolha o que quiser, Miranda. Esse outro buquê é bem mais próximo do que tem em mente.

Emma pegou o arranjo em cascata na estante.

– Ah, ele parece um jardim!

– É, parece, sim. Deixe-me mostrar algumas imagens – propôs Emma, abrindo uma pasta de onde tirou duas fotos.

– É o meu vestido! Com os buquês!

– Minha sócia Mac é uma fera no Photoshop. Essas fotos podem lhe dar uma boa ideia de como cada buquê vai ficar com o vestido. Não tem como escolher errado. É o seu dia e cada detalhe deve ser do jeitinho que planejou.

– Mas você está certa. – Miranda examinou bem as duas fotos. – O maior parece que... Bem, ele esconde o vestido. Já o outro parece que foi feito para ele. É elegante sem deixar de ser romântico. Ele é romântico, não acha?

– É, sim. Tem os lírios com esse toque cor-de-rosa contrastando com o branco das rosas e nuances do verde-pálido... Tem a fita branca com o brilho perolado... Acho que, se gostar da ideia, poderíamos fazer arranjos só com os lírios para as damas, talvez amarrados com uma fita cor-de-rosa.

– Acho que... – Miranda parou diante de um grande espelho antigo, de corpo inteiro, que ficava num canto do aposento, segurando o buquê de demonstração. Ao ver o reflexo, seu sorriso se abriu como uma flor. – Parece feito por fadinhas criativas. Adorei.

Emma anotou a composição do arranjo no caderninho.

– Fico feliz que tenha gostado. Podemos trabalhar em cima disso. Usarei jarros transparentes nas mesas principais, assim os buquês se manterão frescos e também farão parte da decoração durante a recepção. Agora, para o que você vai jogar, pensei em usar apenas rosas brancas e fazê-lo um pouco menor. – Emma pegou outra amostra. – Envolto com fitas brancas e cor-de-rosa.

– Seria perfeito. Está sendo muito mais fácil do que eu imaginei!

Satisfeita, Emma fez mais algumas anotações.

– As flores são importantes, mas também podem ser divertidas. Não tem como escolher errado, lembre-se disso. Por tudo que já me disse, sinto que o tom do casamento é de um romance moderno.

– É isso mesmo que estou querendo.

– A sua sobrinha, que vai levar as flores, tem 5 anos, não é?

– Acabou de completar 5 no mês passado. Está animadíssima com a ideia de jogar as pétalas de rosa pelo caminho.

– Imagino. – Emma registrou em sua mente a possibilidade de usar uma almofadinha perfumada. – Que tal essa cesta, forrada com cetim branco, entrelaçado com minirrosas brancas, usando mais uma vez umas fitas cor-de-rosa e brancas? As pétalas seriam de rosas com os mesmos tons das fitas. Podemos fazer uma coroa para ela, com rosinhas cor-de-rosa e brancas. Dependendo do vestido que ela for usar, e do gosto de vocês, pode ser uma coroa simples ou com fitas caindo na parte de trás.

– Com certeza com as fitas. Ela é toda vaidosa. Vai ficar encantada. – Miranda pegou a coroa que Emma havia feito como exemplo. – Ah, Emma, parece mesmo uma pequena coroa. Digna de uma princesa!

– Exatamente. – Quando Miranda pôs o arranjo na própria cabeça, Emma sorriu. – Uma menininha de 5 anos muito vaidosa vai ficar nas nuvens com ela. E você será sua tia predileta para o resto da vida.

– Ela vai ficar lindinha. Sim, vamos fazer tudo o que propôs. A cesta, a coroa, as fitas, as rosas, as cores.

– Perfeito. Você está tornando tudo mais fácil para mim. Agora, temos que pensar na sua mãe e nas suas avós. Podemos fazer arranjos para o pulso ou broches, usando as rosas, os lírios ou ambos. Mas...

Sorrindo, Miranda tirou a coroa da cabeça.

– Cada vez que você diz "mas" está prestes a apresentar algo fantástico. Então diga: mas o quê?

– Achei que poderíamos dar uma modernizada no clássico porta-ramalhete.

– Não faço a menor ideia do que seja isso.

– É um pequeno buquê, como este, carregado dentro de um suporte para que as flores se mantenham frescas. Poderíamos pôr apoios nas mesas a que elas forem se sentar, dando mais destaque às mesas delas em relação às demais. Podemos usar os lírios e as rosas em miniatura, mas talvez com as cores invertidas. Rosas cor-de-rosa e lírios brancos, com um toque de verde-pálido. Se isso não combinar com os vestidos, usamos todas as flores brancas. E o porta-ramalhetes pode ser pequeno, não muito sofisticado. Eu usaria um como este aqui, em prata, bem simples, sem qualquer ornamento. Depois podemos gravar neles a data do casamento, os nomes de vocês e os delas.

– É como se elas fossem ter seus próprios buquês. Uma espécie de miniatura do meu. Ah, minha mãe vai...

Ao ver que Miranda estava ficando com os olhos marejados, Emma lhe estendeu a caixa de lenços que tinha sempre à mão.

– Obrigada. Vou querer isso também. Tenho que pensar nos monogramas e gostaria de falar sobre isso com o Brian.

– Leve o tempo que precisar.

– Mas vou querer. E com cores invertidas, acho, porque assim vai parecer que os buquês são mais delas. Vou me sentar aqui um minutinho.

Emma a acompanhou até um canto com pufes e deixou a caixa de lenços perto de Miranda.

– Vai ficar lindo.

– Sei que vai. Posso imaginar. É como se realmente pudesse ver e ainda nem começamos a falar dos arranjos, dos centros de mesa e de todo o resto. Mas posso ver direitinho. Tenho que lhe dizer uma coisa.

– Diga.

– Minha irmã, a dama de honra, sabe? Ela nos pressionou muito para contratarmos a Felfoot. Sempre foi *o lugar* para se fazer casamentos em Greenwich. E é lindo.

– É mesmo uma maravilha. E eles fazem um trabalho fabuloso.

– Mas Brian e eu caímos de amores por este lugar aqui. O espaço em si, o ambiente, o jeito como vocês quatro trabalham juntas... Era exatamente o que queríamos. Toda vez que venho

aqui ou me reúno com uma de vocês, confirmo que estávamos certos. Vamos ter um casamento incrível. Desculpe-me – disse Miranda, secando os olhos mais uma vez.

– Não se desculpe. – Emma lhe estendeu mais um lenço. – Para mim isso é um elogio, e nada me deixa mais feliz do que ter uma noiva sentada à minha frente chorando de alegria. Que tal se tomarmos uma taça de champanhe para relaxar um pouco antes de passarmos para as flores das lapelas?

– É sério? Emmaline, se eu não estivesse loucamente apaixonada pelo Brian, pediria *você* em casamento.

Soltando uma gargalhada, Emma se levantou.

– Volto já.



Um pouco depois, Emma se despediu da animada noiva e, cansada porém feliz, foi para o escritório com uma caneca de café na mão. Miranda estava certa, pensou, enquanto organizava todos os detalhes. Ela teria um casamento espetacular. Com uma abundância de flores, de estilo contemporâneo e toques românticos. Velas e o brilho cintilante de fitas e rendas. Tons rosados e branco, com toques de azul e verde só para criar contraste e intensificar o efeito. Um prateado suave e vidros transparentes para dar mais ênfase. Linhas longas e luzes de conto de fadas.

Enquanto rascunhava os detalhes do contrato, felicitava-se pelo dia extremamente produtivo que tivera. E, como teria que acordar cedo para começar a fazer os arranjos da cerimônia noturna do meio da semana, decidiu ir dormir logo.

Resistiria à tentação de ir ver o que a Sra. G. tinha feito para o jantar. Prepararia ela mesma uma salada, talvez uma massa. Iria se acomodar para ver um filme ou dar uma folheada nas suas revistas e ligaria para a mãe. Assim, terminaria tudo a tempo de ter uma noite relaxante e dormiria por volta das onze.

Estava imprimindo o contrato quando ouviu o telefone e, pelo toque, soube que era a linha particular. Deu uma olhada no visor e sorriu.

– Oi, Sam.

– Oi, minha linda. O que está fazendo em casa quando deveria estar comigo?

– Estou trabalhando.

– Já passou das seis. Largue isso, querida. Adam e Vicki estão dando uma festa. Podíamos ir jantar antes. Passo aí para buscar você em uma hora.

– Ei, espere. Eu disse a Vicki que não poderia ir hoje. Tive um dia muito cheio e ainda preciso de mais uma hora antes de...

– Você vai ter que comer, não vai? E, se passou o dia todo trabalhando, merece se divertir um pouco. Venha se divertir comigo.

– Isso é muito fofo, mas...

– Você não quer que eu vá à festa sozinho, não é? Podemos dar uma volta, tomar um drinque, dar umas boas risadas. Saímos de lá a hora que você quiser. Não parta meu coração, Emma.

Ela ergueu os olhos para o teto vendo seu plano de dormir cedo ir por água abaixo.

– Não posso jantar, mas encontro você por volta das oito.

– Passo para buscá-la nesse horário.

E vai querer entrar quando vier me trazer em casa, pensou Emma. Mas isso não vai acontecer.

– Não precisa. Eu o encontro lá. Assim, se quiser vir embora e você estiver se divertindo, pode ficar.

– Se é o melhor que posso conseguir, combinado. Nos vemos lá.

capítulodois

EMMA GOSTAVA DE FESTAS. Gostava de ver gente e de conversar. Divertia-se escolhendo a roupa que ia vestir, se maquiando, lutando para arrumar o cabelo. Afinal, era mulher.

Gostava de Adam e Vicki – na verdade, foi ela que apresentou os dois, quatro anos antes, quando ficou claro na sua cabeça que Adam seria melhor como amigo que como amante.

O casamento foi organizado pela Votos.

Até que tinha uma quedinha por Sam, pensou Emma, suspirando ao estacionar o carro diante de um edifício contemporâneo de dois andares e virar o retrovisor para retocar a maquiagem.

Era bom sair com ele para jantar, ir a uma festa, a um show. O problema era o termômetro de emoções. No dia em que se conheceram, Emma lhe deu uma sólida nota 7, com grandes possibilidades de melhorar. Além disso, achou-o esperto e divertido, e ficou impressionada com sua boa aparência. No entanto, o beijo do primeiro encontro fez o termômetro despencar para um mísero 2.

A culpa não era dele, admitiu, enquanto saía do carro. Faltava *algo mais*. Fez outras tentativas. Alguns outros beijos – beijar era uma das suas atividades prediletas. Mas ele nunca conseguiu superar aquele 2 – e olha que estava sendo generosa.

Não é nada fácil dizer a um homem que você não tem intenção de dormir com ele. Há sentimentos e egos em jogo. Mas precisou fazer isso. O problema, ao que parecia, era que ele não havia acreditado.

Quem sabe não encontrava na festa alguém que pudesse apresentar a ele?

Assim que entrou no ambiente preenchido por música, vozes e luzes, sentiu o humor melhorar. Ela adorava uma festa!

Olhou em volta e viu um monte de gente conhecida.

Cumprimentou alguns com beijinhos, outros com abraços e foi procurar os anfitriões. À distância, reconheceu uma prima emprestada e acenou. Addison, pensou, e fez sinal para indicar que dali a pouco voltaria para falar com ela. Solteira, divertida, belíssima. Combinaria com Sam.

Daria um jeito de apresentá-los.

Encontrou Vicki na espaçosa cozinha da casa, conversando com amigos e reabastecendo uma bandeja com aperitivos.

– Emma! Achei que você não pudesse vir.

– É só um pulinho. Você está incrível.

– Você também. Ah, obrigada! – exclamou a moça, pegando o buquê de tulipas rajadas que Emma tinha levado para ela. – São lindas!

– “Caramba, estamos na primavera!” é uma frase que não me sai da cabeça. Esse buquê mostra que tenho razão. Quer uma ajuda?

– De jeito nenhum. Deixe-me pegar uma taça de vinho para você.

– Só meia. Estou dirigindo e realmente não vou poder ficar muito tempo.

– Então, meia taça de Cabernet. – Vicki deixou as flores em cima da bancada para liberar as mãos. – Veio sozinha?

– Na verdade, meio que combinei de encontrar o Sam.

– Ahhh! – exclamou Vicki, alongando-se bastante.

– Não, não tem nada a ver.

– Ah.

– Olhe, isso você pode deixar que eu faço – disse Emma ao ver a amiga pegar um vaso para pôr as flores. – O que acha de Addison e Sam?

– Estão juntos? Não tinha percebido.

– Não, é só uma especulação. Acho que se dariam bem.

– Claro. Acho que sim. Mas vocês combinam tanto, digo, você e Sam...

Emma fez um muxoxo.

– Onde está o Adam? Não o vi lá na sala.

– Provavelmente no terraço, tomando uma cerveja com Jack.

– Jack está aqui? – Emma mantinha as mãos ocupadas e foi em tom casual que disse: – Preciso ir lá dar um oi para eles.

– Estavam falando de beisebol da última vez que os vi. Sabe como eles são.

Sabia perfeitamente. Conhecia Jack Cooke havia mais de uma década, desde que ele e o irmão de Parker, Delaney, dividiram um quarto em Yale. E Jack passava muito tempo na casa dos Browns. Recentemente tinha se mudado para Greenwich e aberto sua pequena e exclusiva empresa de arquitetura.

Ele também dera o maior apoio quando os pais de Parker e Del morreram no acidente com seu avião particular. E tinha sido uma espécie de salva-vidas quando elas decidiram abrir a Votos, refazendo o projeto da casa da piscina e da casa de hóspedes para adequá-las às necessidades da empresa.

Era praticamente da família.

Sem dúvida iria lá falar com ele antes de ir embora.

Com a taça de vinho na mão, virou-se bem na hora em que Sam entrava. Como era bonito, pensou. Alto, com um físico invejável e sempre com aquele brilho nos olhos. Talvez só um pouquinho artificial, o cabelo sempre impecavelmente cortado e as roupas com caimento perfeito, mas...

– Aí está ela. Oi, Vic. – Mostrando-se ainda mais perfeito, entregou à anfitriã uma garrafa de Cabernet, cumprimentou-a com um beijo no rosto e abriu um sorriso caloroso para Emma. – Estava mesmo procurando você.

Beijou-a com tanto entusiasmo que quase conseguiu mais alguns pontos em seu termômetro de emoções.

Emma conseguiu se afastar um pouquinho e pôs a mão livre no peito dele, para que nem pensasse em beijá-la de novo. Abriu um sorriso e disse de forma amistosa:

– Oi, Sam.

Com o cabelo louro-escuro despenteado pelo vento e um casaco de couro aberto sobre um jeans desbotado, Jack entrou, vindo do terraço. Olhou para Emma com as sobrancelhas erguidas e um sorrisinho nos lábios.

– Oi, Em. Não quero interromper.

– Jack! – exclamou ela, afastando-se mais um pouco do outro. – Você conhece o Sam, não conhece?

– Claro. Como vai?

– Bem. – Sam se virou e passou o braço pelos ombros de Emma. – E você?

– Não tenho do que reclamar. – Jack pegou uma batata chip e a mergulhou num molho. – Como vão as coisas lá na mansão? – perguntou a Emma.

– Estamos cheias de trabalho. A primavera é, por excelência, a estação dos casamentos.

– A primavera é, por excelência, a estação do beisebol. Vi a sua mãe um dia desses. Ainda é a mulher mais bonita que já existiu.

O sorriso casual de Emma se abriu, brilhando como um raio de sol.

– É mesmo.

– Ela se recusa a deixar seu pai para ficar comigo, mas a esperança é a última que morre. Bem, até logo. Tchau, Sam.

Quando Jack saiu, Sam se virou para ela. Conhecendo bem aquele movimento, Emma se virou também, evitando ficar presa entre ele e a bancada.

– Eu já não me lembrava que tinha tantos amigos em comum com Vicki e Adam. Conheço quase todo mundo aqui. Preciso dar um oi para algumas pessoas. Ah, aí está alguém que eu queria muito que você conhecesse.

Entusiasmada, pegou Sam pela mão.

– Você já conhece minha prima Addison?

– Acho que não.

– Há meses que eu não a via. Vamos lá falar com ela para que eu possa apresentá-los.

E saiu puxando-o pela festa.

Jack pegou umas castanhas e ficou conversando com um grupo de amigos, enquanto observava Emma conduzir pela multidão o Jovem Executivo a Ser Exibido. Ela estava simplesmente... deslumbrante, pensou.

E não era só sexy. Tinha aqueles olhos amendoados, o corpo curvilíneo, a pele dourada, o cabelo cacheados e os lábios carnudos e macios. Linda de morrer! Sem contar o calor e a luz que pareciam emanar dela. Um pedaço de mau caminho.

Além disso, pensou Jack, era quase uma irmã de seu melhor amigo.

De qualquer forma, era raro vê-la sem que estivessem por perto as amigas, alguém da família ou um monte de gente. Ou, como hoje, com um cara qualquer.

Uma mulher com a aparência de Emmaline Grant estava sempre acompanhada por um cara.

Mas olhar não tira pedaço... Jack apreciava linhas e curvas, tanto nas construções quanto nas mulheres. E, na opinião dele, Emma era arquitetonicamente perfeita. Comeu mais castanhas, fingiu que prestava atenção na conversa e a fitou deslizando pelo aposento com aquele balanço no andar.

O modo como ela parava, cumprimentava as pessoas, esperava, ria ou sorria parecia casual, observou Jack. Ao longo dos anos, porém, meio que fez um estudo a seu respeito. Ela tinha um propósito.

Com a curiosidade aguçada, ele se afastou do grupo e se misturou a outras pessoas, a fim de mantê-la em seu campo de visão.

O tal do Sam não parava de acariciar as costas dela e passou o braço pelos seus ombros. Emma sorria bastante para ele, fitando-o com aqueles cílios espessos. Mas sua linguagem corporal, bem... também tinha estudado a linguagem corporal dela... e não havia sinal algum de receptividade.

Ouviu quando ela gritou *Addison!* e, antes de abraçar uma loura muito bonita, deu aquela risada que fazia seu sangue ferver.

Começaram a conversar, rindo daquele jeito que as mulheres fazem, mantendo a distância apropriada para se examinarem antes de começarem a fazer os famosos elogios uma à outra.

Você está linda! Emagreceu, não foi? Adorei o cabelo. Pelo que notara, esse ritual tão particularmente feminino sofria umas variações, mas o tema era sempre o mesmo.

Emma achou um jeito de ficar numa posição que deixasse o cara que estava com ela de frente para a loura.

Foi então que entendeu tudo. Ela recuou uns centímetros, ergueu uma das mãos e deu uns tapinhas no braço de Sam. Queria se livrar dele e pensou que a loura pudesse distraí-lo.

Quando ela escapou dali, indo em direção à cozinha, Jack levantou seu copo de cerveja, como num brinde.

Bela jogada, Emmaline, pensou. Bela jogada.

Ele saiu cedo da festa. Tinha uma reunião no café da manhã, às oito horas, e depois o dia seria cheio, com direito a visitas e inspeções a obras. Em algum momento no meio disso tudo, ou talvez no dia seguinte, precisaria arranjar um tempinho para rascunhar algumas ideias para as mudanças que queria fazer no estúdio de Mac, agora que ela estava noiva de Carter e os dois moravam juntos.

Não sabia bem como faria isso sem descaracterizar as linhas e a forma da construção. Mas queria pôr as ideias no papel e brincar um pouco com elas antes de mostrar qualquer coisa a Mac.

Ainda não tinha se acostumado com essa história de Mac se casar... e com Carter. Era

impossível não gostar dele, pensou. Os dois não tiveram muito contato quando estudaram em Yale, junto com Del. Mas o cara era gente boa.

Além disso, ele fazia os olhos de Mac brilharem. E era isso que importava.

Com o rádio ligado no volume máximo, ficou repassando mentalmente as ideias para criar um espaço extra que servisse de escritório para Carter fazer... o que quer que professores de inglês fizessem em seus escritórios.

Enquanto dirigia, a chuva que ficara inconstante o dia todo reapareceu na forma de uma neve fraquinha. *Abril na Nova Inglaterra*, pensou.

Seus faróis iluminaram um carro parado à beira da estrada e ele viu uma mulher de frente para o capô aberto, com as mãos na cintura.

Jack parou, saltou e, com as mãos nos bolsos, aproximou-se de Emma.

– Há quanto tempo!

– Que droga! Ele morreu do nada. Simplesmente parou! – Ela agitava os braços, frustrada. Jack se afastou um pouco para não ser atingido pela lanterna em sua mão. – E está nevando. Está *vendo* isso?

– Estou, sim. Já verificou o combustível?

– Não ando por aí sem gasolina. Não sou idiota. É a bateria ou o carburador. Talvez uma dessas mangueiras ou correias.

– Bem, isso já reduz bastante o leque de possibilidades...

Ela deu um suspiro profundo.

– Que droga, Jack! Sou florista, não mecânica.

Ele riu.

– Boa justificativa. Já acionou o seguro?

– Vou fazer isso. Mas achei melhor dar uma olhada antes para ver se não era algo simples e óbvio. Por que não fazem essas partes dos carros mais simples e óbvias para facilitar a vida dos motoristas?

– Por que as flores têm nomes latinos tão estranhos que ninguém consegue pronunciar? Sempre me pergunto isso. Posso dar uma olhada? – indagou ele, estendendo a mão para pegar a lanterna. – Caramba, Emma, você está congelando!

– Teria vestido uma roupa mais quente se soubesse que acabaria parada na beira da estrada no meio da noite, em plena tempestade de neve.

– Mal está nevando. – Jack tirou o casaco e o ofereceu a ela.

– Obrigada.

Emma se enrolou no casaco enquanto ele se debruçava sobre o motor.

– Quando foi a última vez que fez uma revisão nele?

– Não sei. Tem um tempinho.

Jack virou-se para ela e lançou-lhe um olhar penetrante com aqueles seus olhos de um tom cinza-fumaça.

– Esse seu tempinho deve ter sido nunca. Os cabos da bateria estão corroídos.

– O que isso quer dizer? – Emma se aproximou e enfiou a cabeça sob o capô, ao lado dele. –

Você sabe consertar?

– Posso...

Eles se viraram um para o outro. Tudo o que ele conseguia ver eram aqueles olhos castanhos amendoados e, por um instante, até perdeu a fala.

– O que foi? – perguntou Emma, seu hálito morno atingindo os lábios dele.

– O quê? – Que diabos estava fazendo?, pensou. Ergueu-se, tratando de se afastar da zona de perigo. – O que posso fazer é uma chupeta para que você consiga chegar em casa.

– Ah, claro, que bom. Muito bom.

– Depois você vai ter que levá-lo à oficina.

– Claro. É a primeira coisa que vou fazer. Prometo.

A voz dela ficou um pouco mais alta, o que o fez se lembrar do frio.

– Entre no carro, vou tentar ligar aqui. Não dê a partida e não mexa em nada até eu mandar.

Jack foi buscar o próprio carro e o deixou de frente para o dela. Enquanto pegava os cabos, ela saiu de novo.

– Vim ver o que você vai fazer – explicou Emma. – Caso eu precise me virar sozinha algum dia.

– Está bem. Temos os cabos e as baterias. Tem o lado positivo e o negativo. Não vá confundi-los porque, se ligar ao contrário...

Ele prendeu um na bateria, deu um gemido meio estrangulado e começou a tremer. Em vez de se assustar, Emma riu e deu um tapa no braço dele.

– Seu idiota. Eu tenho irmãos. Conheço bem as suas gracinhas.

– Esses irmãos deveriam ter lhe ensinado a fazer uma chupeta numa bateria arriada.

– Acho que ensinaram, mas não prestei atenção. Tenho um conjunto desses cabos no porta-malas, junto com outros materiais para emergências. Mas nunca precisei usar nada disso. As peças do seu carro brilham mais que as do meu – acrescentou ela, franzindo a testa para o motor.

– Acho que até o fogo do inferno é mais brilhante que o seu motor.

Ela deu um suspiro profundo.

– Agora que vi isso, não tenho como discutir.

– Volte para o carro e ligue o motor.

– Ligar? Está de brincadeira – disse ela.

– Quando ele pegar, se é que vai pegar, não o desligue.

– Entendido.

Lá dentro, Emma cruzou os dedos e virou a chave. O carro engasgou e roncou, fazendo Jack estremecer, mas por fim voltou à vida.

Emma pôs a cabeça para fora e deu um sorriso.

– Funcionou!

Jack pensou que aquele sorriso era tão poderoso que seria capaz de ressuscitar uma centena de baterias mortas.

– Vamos deixar carregando por uns minutinhos e depois eu a acompanho até em casa.

– Não precisa. É contramão para você.

– Prefiro acompanhá-la para ter certeza de que não vai ter problemas de novo pelo caminho.

– Obrigada, Jack. Sabe-se lá quanto tempo eu ficaria aqui parada se você não tivesse aparecido. Já estava me amaldiçoando por ter ido àquela festa quando tudo o que queria esta noite era ver um filme e dormir cedo.

– Então por que foi?

– Porque sou uma boba – respondeu, dando de ombros. – Sam não queria ir sozinho e, bem, eu gosto de festas, então achei que não custava nada encontrá-lo lá e ficar uma horinha.

– Sei. E como saíram as coisas com a loura?

– O quê?

– A loura que você empurrou para ele.

– Não empurrei ninguém. – Emma desviou os olhos. Depois, virou-se de novo para ele. – Ok, empurrei mesmo, mas só porque achei que iam gostar um do outro. E gostaram. Foi uma boa ação que fez valer a saída de hoje à noite. Se não fosse o carro ter enguiçado na beira da estrada... Acho injusto. E meio embaraçoso, já que você percebeu.

– Pelo contrário. Fiquei impressionado. Isso e o molho foram as coisas de que eu mais gostei esta noite. Vou desconectar os cabos, vamos ver se a bateria segura a carga. Se der tudo certo, espere eu entrar no meu carro antes de sair.

– Ok, Jack. Fico lhe devendo essa.

– Fica mesmo. – Ele sorriu antes de se afastar.

Como o motor continuou funcionando, Jack fechou o capô do carro dela e do seu, jogou os cabos no porta-malas, sentou-se ao volante, acendeu os faróis e fez sinal para ela seguir.

Foi atrás de Emma em meio à neve fina que continuava caindo, tentando não pensar naquele instante sob o capô quando o hálito dela aqueceu seus lábios.

Ela deu uma buzinada amistosa quando chegaram à estradinha da propriedade dos Browns. Ele reduziu a marcha e parou. Ficou vendo as lanternas traseiras brilharem na escuridão e desaparecerem na curva do caminho que seguia para a casa de hóspedes.

Permaneceu ali um pouco mais, no escuro, antes de dar meia-volta e pegar o rumo de casa.

Pelo retrovisor, Emma viu Jack parado no início da estradinha. Hesitou, perguntando-se se não deveria tê-lo convidado para entrar e tomar um café.

Provavelmente sim – era o mínimo que poderia ter feito –, mas agora era tarde demais. Sem dúvida tinha sido melhor assim.

Não era muito sensato receber alguém àquela hora da noite, e ainda por cima, um amigo da família que fazia seu termômetro de emoções atingir a pontuação máxima. Especialmente porque ainda estava sentindo um formigamento na barriga por causa daquele instante ridículo sob o capô, quando quase se humilhou, agarrando-o.

Isso nunca podia acontecer.

Pensou em ir contar essa maldita confusão para Parker, Laurel ou Mac – ou, o que seria ainda melhor, para as três juntas. Mas isso também não podia acontecer. Determinadas coisas não se

devem compartilhar nem com nossas melhores amigas. Especialmente porque Mac e Jack tiveram um rolo tempos atrás.

Suspeitava que Jack houvesse tido rolos com muitas mulheres.

Não o censurava, pensou, ao estacionar. Ela também gostava de ter companhia masculina. Gostava de sexo. E às vezes uma coisa levava a outra.

Além do mais, como alguém podia achar o amor da sua vida se não procurasse por ele?

Desligou o carro, mordeu o lábio e virou a chave novamente. Ele fez uns barulhos bem desanimadores, meio indecisos, e então pegou.

Devia ser um bom sinal, pensou, desligando-o mais uma vez. Mas tinha que levá-lo à oficina o mais rápido possível. Pediria uma indicação de mecânico para Parker, já que ela sempre sabia de tudo.

Entrou em casa e foi buscar uma garrafa d'água para levar para o quarto, no andar de cima. Graças a Sam e à maldita bateria não conseguiria dormir às onze, mas pelo menos iria deitar à meia-noite. O que significava que não havia desculpa para deixar de fazer o exercício que planejara para a manhã seguinte.

Sem desculpa, repetiu para si mesma.

Deixou a água na mesinha de cabeceira, ao lado de um vaso com frésias e foi se trocar. Então percebeu que ainda estava com o casaco de Jack.

– Ah, não, que droga!

Tinha um cheirinho tão bom, pensou. Um misto de couro e de Jack. Aquele não era um cheiro que lhe proporcionaria sonhos tranquilos. Levou-o para a outra ponta do cômodo e o pendurou no encosto de uma cadeira. Agora teria que devolver o casaco, mas pensaria nisso mais tarde.

Uma das meninas talvez precisasse fazer algo na cidade e poderia levá-lo. Não era por covardia que delegaria essa tarefa. Era uma questão de eficiência.

Não tinha nada a ver com covardia. Via Jack o tempo todo. O tempo *todo*. Só não havia motivo para ir à cidade só para isso se alguém já tivesse que ir mesmo. Com certeza ele tinha outros casacos. Não precisaria deste imediatamente. E, se era tão importante, por que não pedira de volta?

A culpa era dele.

Já não tinha dito a si mesma que pensaria nisso mais tarde?

Vestiu uma camiseta para dormir e foi ao banheiro para iniciar seu ritual noturno. Tirar a maquiagem, limpar, tonificar e hidratar a pele, escovar os dentes e o cabelo. Essa rotina diária e seu belo banheiro normalmente faziam com que relaxasse. Amava as cores alegres, a banheira adorável, a prateleira com vasos verde-claros onde punha as flores que tivesse colhido.

As de agora eram mininarcisos, para comemorar a primavera. Mas sua aparência alegre parecia zombar dela. Irritada, apagou a luz.

Prosseguiu com o ritual tirando da cama a pequena montanha de travesseiros, pondo de lado as almofadas bordadas e afofando os travesseiros que usava para dormir. Enfiou-se debaixo do edredom, aninhando-se para sentir o lençol macio em contato com a pele, o aroma calmante das frésias perfumando o ar e...

Merda! Ainda dava para sentir o cheiro do casaco.

Com um suspiro, virou-se de costas.

E daí? Qual o problema de ter pensamentos libidinosos a respeito do melhor amigo do irmão da sua melhor amiga? Não era nenhum crime. Pensamentos libidinosos eram absolutamente normais e razoáveis. Na verdade, até faziam bem. Era saudável. *Gostava* de ter pensamentos libidinosos.

Por que uma mulher normal não deveria ter pensamentos desse tipo com um homem sexy, lindíssimo, de corpo fantástico e olhos que eram como fumaça misturada a neblina?

Seria louca se não os tivesse.

Agora, concretizá-los, sim, *seria* uma loucura. Mas tinha todo o direito de fantasiar.

Gostaria de saber o que Jack teria feito se ela tivesse se aproximado só mais um centímetro quando estavam ambos sob o capô do carro, e se o tivesse beijado.

Como todo homem, pensou, iria retribuir. E teriam passado alguns minutos bem interessantes e abrasadores na beira da estrada, sob a neve fina. O corpo esquentando, o coração acelerando com os flocos caindo sobre eles e...

Não, não, já estava romantizando tudo. Por que fazia isso? Sempre passava da luxúria saudável para o romance. Esse era o seu problema e certamente estava enraizado na maravilhosa história de amor dos seus pais. Como poderia não querer aquilo para si também?

Trate de esquecer, ordenou-se. Com Jack não encontraria nada parecido com "felizes para sempre".

Então, estavam excitados, abraçados na beira da estrada. Mas... depois desse beijo impulsivo e sem dúvida eletrizante, teriam ficado sem jeito um com o outro.

Aí seriam obrigados a se desculpar ou tentar fazer algum tipo de piada a respeito do que havia acontecido. As coisas entre eles ficariam estranhas e tensas.

O fato era que estava muito tarde para se deixarem levar pela luxúria. Eram amigos, a coisa mais próxima que existe de ser da família. Não dá para ter um caso com amigos ou parentes. Melhor era deixar essas ideias bem guardadinhas só para si mesma e continuar procurando o amor de verdade.

Desses que duram para sempre.

capítulotrês

Tomada por ressentimento e autopiedade, Emma foi se arrastando até a academia de ginástica da mansão. O ambiente refletia o estilo eficiente de Parker e seu indiscutível bom gosto, coisas que, nesse momento, Emma detestava amargamente.

A TV de tela plana transmitia a CNN bem baixinho enquanto Parker, com os fones de ouvido, ia acumulando quilômetros no transport. Com cara de poucos amigos para o aparelho de musculação, Emma tirou a camiseta. Deu as costas para ele e também para a bicicleta reclinada, para os pesos da prateleira, para a estante de DVDs com aqueles treinadores animados ou carrancudos, prontos para acompanhá-la numa sessão de ioga ou pilates, torturá-la com uma daquelas bolas de exercício ou intimidá-la com tai chi.

Desenrolou um dos colchonetes e se sentou com a intenção de se alongar. Mas acabou só ficando deitada mesmo.

– Bom dia – disse Parker sem interromper o exercício. – Foi dormir tarde?

– Há quanto tempo está nesse aparelho?

– Quer usá-lo? Estou quase acabando. Só vou desacelerar.

– Detesto este lugar. É uma câmara de tortura com piso reluzente e pintura bonita, mas ainda assim uma câmara de tortura.

– Vai se sentir melhor depois de 2 ou 3 quilômetros.

– Por quê? – Deitada de bruços, Emma estendeu os braços. – Quem disse? Quem foi que decidiu, de uma hora para outra, que as pessoas precisam percorrer quilômetros todo santo dia ou que faz bem se contorcer em posições nada naturais? Acho que são as mesmas pessoas que vendem esses detestáveis aparelhos e que desenham essas minúsculas roupas de ginástica bacaninhas como a que você está usando.

Emma olhou com uma cara emburrada para a legging cinza-escura e o top cor-de-rosa e cinza da amiga.

– Quantas roupas de ginástica estilosas desse tipo você tem?

– Milhares – respondeu Parker, seca.

– Viu? Se não tivessem convencido você a percorrer vários quilômetros todo dia e a se contorcer em posições antinaturais, porque isso vai deixá-la com um corpão, não gastaria todo esse dinheiro com roupinhas de ginástica. Em vez disso, poderia doá-lo a boas causas.

– Mas essa calça de ioga deixa a minha bunda linda.

– Deixa, claro, mas a única pessoa que está vendo a sua bunda sou eu. Qual a graça disso?

– Satisfação pessoal. – Parker diminuiu o ritmo e parou. Desceu do aparelho e passou uma

toalhinha com álcool para limpá-lo. – O que está havendo, Em?

– Já disse: odeio esta sala e tudo o que ela representa.

– Isso você já disse mesmo, mas conheço esse tom. Você está irritada, coisa que não acontece com frequência.

– Fico irritada como qualquer outra pessoa.

– Não. – Parker pegou uma toalha, enxugou o rosto, depois tomou um gole de água da sua garrafinha. – Você está sempre animada, otimista, de bom humor, até quando se queixa de algo.

– Jura? Nossa, isso deve ser irritante.

– Só de vez em quando – disse Parker indo até o aparelho de musculação.

Começou um exercício para a parte superior do corpo que fazia parecer moleza. Emma sabia que não era bem assim. Sentindo mais uma pontada de ressentimento, resolveu sentar-se.

– Estou irritada. Estou completamente irritada esta manhã. Ontem à noite...

Parou de falar quando Laurel entrou, o cabelo preso num coque, o corpo esguio enfiado num top e numa bermuda de ciclista.

– Vou tirar da CNN – anunciou –, não dou a mínima para as notícias. – Pegou o controle remoto e trocou para um canal de rock pauleira.

– Pelo menos abaixe o volume – pediu Parker. – Emma vai nos contar por que acordou completamente irritada hoje.

– Em nunca fica irritada. – Laurel pegou um colchonete e o desenrolou no chão. – Chega a ser irritante.

– Viu? – Como já estava no chão, Emma achou melhor começar o alongamentos. – Vocês são minhas melhores amigas e durante todos esses anos me deixaram circular por aí irritando as pessoas.

– Só nós devemos nos irritar com isso, já que somos quem passa mais tempo com você. – Laurel começou uma série de abdominais.

– Tem razão. Nesse caso, que se danem. Meu Deus, vocês duas fazem isso todos os dias mesmo?

– Parker faz, porque é obsessiva. Eu venho três vezes por semana. Quatro, se estiver me sentindo com mais energia. Hoje costuma ser um dos meus dias de folga, mas como consegui bolar um desenho perfeito para aquela noiva enjoada, fiquei motivada.

– Já tem alguma coisa para me mostrar? – perguntou Parker.

– Viu? Obsessiva. – Laurel mudou de exercício. – Mais tarde. Agora quero saber sobre a irritação de Emma.

– Como consegue fazer isso? – grunhiu Emma, cada vez mais irritada. – É como se alguém estivesse puxando você com uma corda invisível.

– Barriga tanquinho, querida.

– Odeio você.

– Não dá para culpá-la por isso. Acredito que sua irritação tenha a ver com homens, não é? – prosseguiu Laurel. – Então, quero todos os detalhes.

– Na verdade...

– Minha nossa, o que está acontecendo aqui? É o Dia das Mulheres na Academia dos Browns?

Mac entrou, tirando o casaco de moletom com capuz.

– Acho que essa é a cereja do bolo do Dia do Inferno. – Laurel fez uma pausa. – O que está fazendo aqui?

– Venho de vez em quando.

– De vez em quando você olha para uma foto da academia e considera que já malhou.

– Estou desenvolvendo um novo hábito. Pela minha saúde.

– Que mentira – disse Laurel, rindo.

– Ok, é mentira. É que tenho certeza de que não quero um vestido de noiva com alças. E quero mostrar braços e ombros bonitos. – Virou-se para o espelho e se curvou. – Até que são razoáveis, mas preciso melhorar. – Soltou um suspiro e tirou a calça de moletom. – E estou me tornando uma noiva obsessiva e meticulosa. Estou me odiando por isso.

– Mas você vai ser uma noiva obsessiva e meticulosa que vai ficar incrível no vestido. Veja só o que estou fazendo – disse Parker.

Mac franziu a testa.

– Estou vendo, mas não acho que vou gostar de fazer isso.

– Você só precisa manter o ritmo e a suavidade. Vou diminuir um pouquinho a resistência.

– Está achando que sou frouxa?

– Só quero evitar reclamações e choro amanhã se começar no mesmo nível que eu. Faço isso três vezes por semana.

– Você tem mesmo os braços e os ombros bem torneados.

– Além disso, fiquei sabendo por uma fonte segura que minha bunda fica ótima nessa legging. Vamos lá, mantendo o ritmo e com suavidade. Três séries de quinze repetições – disse Parker incentivando Mac com uns tapinhas. – Espero que essa seja a última interrupção. Emma, você tem a palavra.

– Ela nem conseguiu sair do chão... – observou Mac.

– Shhhh. Emma está irritada hoje porque...

– Fui a uma festa na casa de Adam e Vicki ontem. Os MacMillians, sabem? Pensei em não ir porque o dia tinha sido cheio, e hoje não vai ser diferente. Foi um dia bastante produtivo, especialmente a última reunião. Depois passei um tempo redigindo os contratos e fazendo umas anotações e decidi que ia preparar um jantarzinho, ver um filme e dormir cedo.

– Quem foi o cara que ligou e a convenceu a sair? – indagou Mac, a expressão franzida por causa do exercício.

– Sam.

– O nerd que consegue ser bem atraente apesar dos óculos Buddy Holly?

– Não – respondeu Emma, balançando a cabeça para Laurel. – Esse é o Ben. Sam é o que tem uma agência de publicidade e um sorriso lindo.

– Aquele com quem você disse que não ia sair mais – acrescentou Parker.

– É, e não saí com ele. Não exatamente. Não aceitei o convite para jantar, nem deixei que ele viesse me buscar. Mas... está certo, acabei cedendo quanto a ir à festa e combinei de encontrá-lo lá. Há duas semanas disse com todas as letras que não iria transar com ele, mas pelo visto Sam

não acreditou em mim. Mas a Addison estava lá, aquela minha prima de terceiro grau, por parte de pai. Ela é maravilhosa, bem o tipo dele. Então os apresentei e acho que deu tudo certo.

– Devíamos passar a vender também o serviço de cupido – propôs Laurel, começando a fazer os exercícios de pernas. – Mesmo que só trabalhássemos com os caras de que Emma quer se livrar, já duplicaríamos os rendimentos.

– Livrar-se de alguém tem uma conotação meio negativa. Eu apenas redireciono as pessoas. Enfim... Jack estava lá.

– Nosso Jack? – perguntou Parker.

– Ele mesmo, o que acabou sendo a maior sorte para mim. Saí de lá cedo e, no meio do caminho de casa, meu carro enguiçou. Tossiu, engasgou e acabou morrendo. Estava uma escuridão terrível e começou a nevar. Fiquei lá *congelando* justo na parte mais deserta da estrada.

Como os exercícios para pernas não pareciam horríveis, Emma começou a imitar os movimentos de Laurel.

– Você precisa instalar o OnStar – recomendou Parker. – Depois passo para você as informações.

– Não acham meio assustador deixar que saibam exatamente onde você está? – indagou Mac, ofegante com a terceira série do exercício – E acredito que eles consigam ouvir tudo, mesmo se não apertarmos o botão. Eles ficam ouvindo, isso sim.

– Claro, eles adoram ficar ouvindo pessoas desafinadas cantar a música do rádio. Devem ganhar o dia com isso! Para quem você ligou? – Parker perguntou a Emma.

– Acabei não ligando para ninguém. Jack apareceu antes que eu pensasse nisso. Deu uma olhadinha e descobriu que era a bateria. Fez uma chupeta. Ah, e me emprestou o casaco, que me esqueci de devolver. Com isso, em vez de ter uma agradável noite calma e serena, tive que me esquivar dos lábios de Sam, procurar alguém para quem redirecioná-lo e acabei num frio cortante na beira da estrada quando tudo o que eu queria era comer uma boa salada e ver um filme romântico. Agora vou ter que levar o carro para a oficina e ir à casa do Jack para devolver o casaco. E estou completamente assoberbada hoje. Não tenho como fazer isso. Então estou irritada porque...

Ela hesitou ao virar para fazer o exercício com a outra perna.

– Não dormi direito, preocupada com tudo o que devo fazer hoje e me amaldiçoando por ter cedido e saído ontem. – Deu um suspiro. – E agora que contei os motivos, vejo que não vale a pena ficar irritada.

– Carro enguiçado é sempre um saco – disse Laurel. – De noite e na neve então... não tem nada pior. Você tem toda razão de estar irritada.

– Jack fez questão de deixar claro que a culpa era toda minha, e o pior é que é mesmo, já que não fiz revisão no carro. Nunca. E isso foi uma chatice. Mas ele foi uma mão na roda. Ele e o casaco. Depois, veio me seguindo até em casa para garantir que eu chegaria bem. Enfim, o que passou passou. Agora preciso achar alguém para fazer uma revisão no carro e consertar o que for necessário. Tenho vários homens na família que provavelmente poderiam resolver isso para mim, mas não quero ouvir outro sermão por ter sido negligente e blá-blá-blá, blá-blá-blá. Então,

Parker, aonde devo levá-lo?

– Sei bem como é isso. Como sei. – Mac expirou e parou de fazer suas repetições. – Você devia ir na oficina daquele cara que rebocou o carro da minha mãe no inverno. Aquele amigo do Del, sabe? Quem quer que enfrente Linda quando ela está furiosa tem a minha aprovação.

– Concordo – reforçou Parker. – E ele tem o selo de aprovação do Delaney Brown. Del é tão maníaco com o carro que não deixa qualquer um pôr as mãos nele. A oficina é a Kavanaugh's. Vou pegar o telefone e o endereço para você.

– O dono se chama Malcolm Kavanaugh – acrescentou Mac. – É bem interessante.

– Sério? Ora, ora, talvez uma bateria estragada não seja tão ruim assim. Vou tentar entrar em contato com ele na semana que vem. Mas alguma de vocês por acaso vai à cidade, a algum lugar próximo ao escritório de Jack? Não tenho mesmo como sair hoje.

– Devolva no sábado – sugeriu Parker. – Ele está na lista de convidados do casamento da noite.

– Ah, que ótimo! – exclamou Emma, olhando com repulsa para o transport. – Já que estou aqui, melhor suar um pouco.

– E eu? – perguntou Mac. – Já fiquei sarada?

– O resultado é impressionante. Agora, malhando os bíceps – comandou Parker. – Vou lhe mostrar como é.



Por volta das nove da manhã, Emma já tinha tomado uma chuveirada, se vestido e estava exatamente onde queria: na sua mesa de trabalho, cercada de flores.

Para comemorar as bodas de ouro dos pais, seus clientes queriam que o casamento original fosse recriado, mas que a recepção acontecesse no jardim. Isso tornaria tudo ainda melhor!

Tinha afixado num quadro as fotos do álbum do casamento, uns esboços e gráficos, bem como uma lista das flores, de vasos e outros acessórios. Em outro quadro, havia pendurado o esboço que Laurel fizera de um bolo elegante e simples, com três camadas, decorado com narcisos amarelo e tulipas de um rosa esmaecido. Do lado, havia uma foto dos bonecos encomendados pela família para o topo e que os representavam no dia do casamento com tanta perfeição que era possível até ver a renda da saia da noiva.

Cinquenta anos juntos, pensou Emma, olhando as fotografias. Todos os dias e noites, aniversários e Natais. Os nascimentos, as mortes, as brigas, as gargalhadas.

Para ela, aquilo era mais romântico que o campo açoitado pelo vento e os castelos de contos de fadas.

Daria a eles seu jardim. Um mundo de jardins.

Começou com os narcisos, arrumando-os em vasos forrados com musgo, depois acrescentou tulipas e jacintos e finalizou com algumas pervincas. Meia dúzia de vezes encheu um carrinho de mão que usava para transportar as flores até a câmara fria e dela para a área de trabalho.

Misturou fertilizante em litros de água e encheu alguns grandes vasos cilíndricos. Tirou espinhos dos caules, cortando-os em água corrente e começou a fazer os arranjos com

esporinhas, goivos, bocas-de-leão, nuvenzinhas de mosquitinhos e rendadas folhas de aspargos. Cores suaves e vivas, dispostas em diferentes alturas para criar a ilusão de um jardim de primavera.

O tempo foi passando.

Fez uma pequena pausa: girou os ombros, relaxou o pescoço, abriu e fechou os dedos.

Criou uma base com um suporte esponjoso úmido e o cobriu com folhas de limoeiro, as quais ainda pulverizou, para deixá-las mais brilhantes.

Escolheu umas rosas, tirou as folhas e os espinhos dos caules e não esboçou reação alguma quando se espetou. Cortou os caules na altura ideal para reproduzir o primeiro dos cinquenta buquês que seriam como o que a noiva tinha carregado meio século antes.

Ia fixando as flores de dentro para fora, prendendo cada uma com fita adesiva. Arrancar, cortar, juntar, levando em conta as várias cores de rosas escolhidas pela noiva.

Está bonito, pensou Emma, satisfeita. Quando pôs o suporte no vaso de vidro baixo, disse a si mesma: Maravilhoso!

– Agora só faltam 49.

Decidiu fazer um intervalo antes de continuar.

Levou a sacolinha com os restos das flores para suas composteiras e foi tirar a seiva verde acumulada nos dedos e sob as unhas na pia do lavabo.

Como recompensa pela manhã de trabalho, pegou uma Coca-Cola Zero e um prato com salada de macarrão e foi se sentar no pátio lateral. Seus jardins não podiam competir – ainda – com o que estava criando. De toda forma, tinha que levar em conta que os pombinhos tinham se casado no sul da Virgínia. Só preciso de algumas semanas, pensou, satisfeita ao ver os brotos verdes da primavera e as folhas novas das plantas perenes.

A neve da noite anterior era uma vaga lembrança diante do céu azul e da temperatura agradável.

Viu Parker fazendo uma visita guiada com um grupo de clientes em potencial, cruzando um dos terraços em direção à mansão. Parker apontava a pérgula e o roseiral. Os clientes teriam que imaginar as rosas brancas abundantes, as glicínias luxuriantes, mas Emma sabia que os canteiros de amor-perfeito e pervinca que tinha plantado já faziam uma vista e tanto. No lago, salpicado de vitórias-régias, os salgueiros começavam a recuperar o tom esverdeado.

Perguntou-se se aqueles noivos teriam, no futuro, uma florista atarefada, preparando cinquenta buquês para a comemoração de suas bodas de ouro. Teriam filhos, netos e bisnetos que os amariam tanto a ponto de lhes dar uma festa como essa?

Seus músculos doloridos pelo exercício e o trabalho daquela manhã fizeram-na soltar um pequeno gemido. Então esticou as pernas para pôr os pés na cadeira da frente, ergueu o rosto em direção ao sol e fechou os olhos.

Sentiu o cheiro da terra, aquele penetrante aroma vegetal, ouviu um pássaro cantando em celebração ao dia.

– Você precisa parar de trabalhar como uma escrava.

Levou um susto – teria cochilado? – e piscou ao ver Jack. Com a cabeça vazia, viu-o enrolar um pouco de macarrão no garfo e pôr na boca.

– Está bom. Tem mais?

– O quê? Ai, meu Deus! – Em pânico, Emma checou as horas e deu um suspiro, aliviada. – Devo ter cochilado uns minutinhos. Ainda preciso fazer 49 buquês.

Jack franziu as sobrancelhas que emolduravam seus olhos cinzentos.

– Vão fazer um casamento para 49 noivas?

– Humm, não. – Ela meneou a cabeça, tentando organizar as ideias. – São bodas de ouro, com a recriação do buquê original, um para cada ano. O que você está fazendo aqui?

– Preciso do meu casaco.

– Ah, claro. Desculpe por ter me esquecido de devolver ontem à noite.

– Não tem problema. Eu tinha uma reunião aqui por essas bandas. – Pegou mais um pouco do macarrão. – Tem mais disso? Não almocei ainda.

– Tenho, sim. Estou lhe devendo pelo menos um almoço. Sente-se aí, vou buscar um prato para você.

– Eu aceito. E não me importaria de ganhar também uma dose de cafeína, quente ou fria.

– É para já. – Examinando-o, Emma ajeitou o cabelo que tinha se soltado. – Você parece um pouco cansado.

– Minha manhã foi bem puxada. E ainda tenho que visitar outra obra daqui a 45 minutos. Como era no caminho, resolvi...

– Bem prático. Já volto.

Estava cansado mesmo, pensou Jack, esticando as pernas. Não exatamente por causa do trabalho nem pela acareação com o inspetor esta manhã, coisa que teria feito melhor se não tivesse dormido tão pouco. Mas ficar virando de um lado para outro na cama, tentando evitar os sonhos eróticos com uma mulher de olhos de espanhola teria deixado qualquer um cansado.

Então, é claro, tinha que bancar o idiota masoquista e dar uma passadinha lá com a desculpa de ir buscar o casaco.

Quem poderia imaginar que ela pareceria tão sexy dormindo ao sol?

Agora que ele tinha visto essa cena, seus sonhos seriam ainda menos tranquilos.

O que tinha que fazer era deixar isso de lado. Ia marcar um encontro com uma loura ou uma ruiva qualquer. Teria vários encontros com louras ou ruivas até pôr Emma de volta na lista de Proibidas.

Era esse o lugar dela.

Emma veio se aproximando, com o casaco no braço e uma bandeja nas mãos.

Ao olhar para ela, Jack percebeu que tinha um tipo de beleza que deixava os homens sem palavras. Quando Emma sorriu, sentiu como se tivesse sido atingido por um raio.

Mentalmente tentou produzir uma placa de Proibido Ultrapassar.

– Trouxe o pão de azeitona da tia Terry – disse Emma. – É divino. E escolhi cafeína fria.

– Está ótimo. Obrigado.

– De nada. É bom ter companhia quando se faz um intervalo – disse ela, sentando-se de novo. – No que está trabalhando atualmente?

– Várias coisas ao mesmo tempo – respondeu Jack, provando o pão. – Você tem razão: é divino.

– É uma receita secreta da tia Terry. Mas você disse que está com um trabalho aqui perto, não é?

– Alguns. Estou indo agora para um que parece interminável. Há dois anos essa cliente queria dar uma repaginada na cozinha, o que acabou dando vontade de renovar completamente o banheiro principal, que agora conta com um ofurô, uma banheira de hidromassagem e um boxe com chuveiro a vapor tão grande que cabem seis pessoas.

Emma franziu as sobrancelhas sobre seus fabulosos olhos e deu uma garfada no macarrão.

– Chique, hein?

– Achei que fosse me pedir também uma piscina coberta, mas agora quer reformar a área externa. Decidiu-se por uma cozinha de verão ao lado da piscina. Viu numa revista e cismou que não pode mais viver sem uma.

– Como é que pode?

Ele deu um risinho e comeu.

– Ela tem 26 anos. O marido, 58, e gosta de fazer todas as vontades dela. E ela tem muitas!

– Tenho certeza de que ele a ama e, se tem dinheiro, por que não deixá-la feliz?

Jack limitou-se a dar de ombros.

– Por mim, está ótimo. Assim tenho uma graninha para a cerveja e uns aperitivos.

– Cínico! – exclamou ela, apontando o garfo para ele antes de pegar mais um bocado do macarrão. – Sei que ela é uma espécie de troféu para esse cretino de meia-idade.

– Aposto que é isso que a ex dele pensa, mas para mim são apenas clientes.

– Quando se trata de amor e casamento, acho que a idade não deve importar. O que conta são as pessoas e o que sentem uma pela outra. Talvez ela o faça se sentir mais jovem, mais disposto, tenha despertado algo de novo dentro dele. Se fosse só sexo, por que se casaria com ela?

– O que posso dizer é que uma mulher com a aparência dela pode ser muito persuasiva.

– Pode ser, mas já fizemos aqui muitos casamentos em que a diferença de idade dos noivos era significativa.

Jack mexeu o garfo no ar e depois o enfiou no macarrão, imitando-a.

– A festa e o casamento em si não são a mesma coisa.

Emma se recostou na cadeira e tamborilou na mesa.

– Você tem razão, mas a celebração é uma espécie de prelúdio, é o início ritual e simbólico da vida a dois, então...

– Eles se casaram em Las Vegas.

Jack continuou comendo, com cara de paisagem, enquanto tentava conter o riso.

– Muita gente se casa em Las Vegas. Não quer dizer que não possam passar muitos anos felizes juntos, plenamente realizados.

– Mas o sujeito estava vestido de Elvis.

– Agora você já está inventando. E mesmo que não estivesse, essas escolhas são indicativas de bom humor, da capacidade de se divertir juntos, o que, a meu ver, são ingredientes importantes para que um casamento seja bem-sucedido.

– Boa saída. Ótimo macarrão. – Ele se voltou para o terraço principal, onde Parker tinha se sentado com os potenciais clientes. – Parece que a coisa lá está indo bem.

– Teremos cinco eventos aqui nesta semana e uma despedida de solteira, que organizamos, mas será em outro lugar.

– Venho para o evento de sábado à noite.

– É amigo da noiva ou do noivo?

– Do noivo. A noiva é um monstro.

– Meu Deus, é mesmo – concordou ela, rindo. – Ela me trouxe uma foto do buquê da melhor amiga. Não queria que eu o copiasse, de forma alguma. O dela tem um estilo completamente diferente, mas contou as rosas e me avisou que no dela queria pelo menos mais uma. Jurou que vai contar.

– E vai mesmo. Posso garantir que, mesmo que façam o melhor trabalho possível, ela vai encontrar algum defeito.

– É, já sabemos disso. Faz parte. Trabalhamos com anjos, monstros e quaisquer seres que possam existir entre os dois extremos. Mas hoje não preciso pensar nela. Hoje é um bom dia.

Jack sabia que era verdade. Ela parecia relaxada e tinha uma aura luminosa. Como de costume, aliás.

– Isso porque vai fazer cinquenta buquês?

– É. E por saber que a senhora que faz bodas de ouro vai gostar deles. Cinquenta anos de casados... Consegue imaginar isso?

– Não consigo imaginar cinquenta anos de nada.

– Não é verdade. Deve achar que suas construções vão durar cinquenta anos. De preferência, mais.

– É verdade – concordou Jack. – Mas é uma construção.

– O casamento também. Uma construção de vidas. Que exige trabalho, cuidado, manutenção. E esse casal é a prova de que é possível. Agora preciso voltar ao trabalho. Acabou o recreio.

– Também tenho que ir. Levo essas coisas lá para dentro. – Pôs a louça na bandeja e se levantou. – Está trabalhando sozinha hoje? Onde estão os seus duendes?

– Virão amanhã. Vai ser um caos quando começarmos a arrumar as flores dos eventos do fim de semana. Hoje estou só na companhia de 3 mil rosas e uma abençoada tranquilidade. – Abriu a porta para ele.

– Três *mil*? Sério? Seus dedos vão cair.

– Tenho dedos fortes. E, se precisar de ajuda, chamarei uma das outras para vir arrancar espinhos.

Jack deixou a bandeja na bancada da cozinha e então, como sempre acontecia, pensou que a casa dela tinha um cheirinho de campo.

– Boa sorte, então. E obrigado pelo almoço.

– De nada. – Foi levá-lo até a porta, onde ele se deteve.

– E o carro?

– Ah, a Parker me deu o nome de um mecânico. Da oficina Kavanaugh's. Vou ligar para ele.

– Ele é bom. Telefone logo. Nos vemos no sábado.

Enquanto andava até o carro, ficou imaginando-a de volta às rosas. Pensava nela sentada por

horas, inebriada com seu aroma, tirando os espinhos e depois... fazendo sabe-se lá o que era preciso fazer para montar os buquês que as mulheres carregavam durante o casamento.

Lembrou-se de vê-la ao sol ao chegar, com o rosto erguido, os olhos fechados e aqueles lábios sedutores ligeiramente entreabertos, como se estivesse tendo um sonho muito agradável. O cabelo preso para cima, deixando à mostra os brincos compridos de prata.

Por um momento breve, porém intenso, pensou em se inclinar e beijar aquela boca. Podia ter feito uma brincadeira, recorrendo à história da Bela Adormecida. Emma era bem-humorada, teria achado graça.

No entanto, era também um pouco geniosa, pensou ele. Embora não fosse de demonstrar muito.

De qualquer modo, agora não importava; perdera a oportunidade. Partir em busca das louras e ruivas era uma ideia melhor que deixar avançar essa coceira desconfortável que sentia toda vez que estava com Emma.

Amiga era amiga; namorada era namorada. Era possível ficar amigo de uma namorada, mas tentar o contrário era um terreno meio perigoso.

Estava quase chegando ao local da obra quando percebeu que tinha esquecido o casaco.

– Merda. Que *merda*!

Agora estava parecendo um desses idiotas que esquecem alguma coisa na casa de uma mulher de propósito, só para ter a desculpa de voltar lá e tentar marcar pontos. E não era nada disso.

Ou era?

Merda. Talvez fosse.

capítuloquatro

No sábado, às duas e quinze, Emma já tinha sua tropa alinhada, pronta para transformar os cômodos usados no alegre casamento da manhã, de temática caribenha, no evento que ela secretamente chamava de Explosão Parisiense.

– Tudo certo – disse Emma, pondo-se na ponta dos pés, calçados com tênis que lhe permitiam mais agilidade. – A noiva vai querer todas as cestas, os vasos e centros de mesa que sobraram. Vamos ajudá-los a levar o que não foi distribuído para os convidados. Beach e Tiffany, podem tirar as grinaldas e as coroas de dentro e de fora? Comecem pelo pórtico, depois venham para dentro. Tink, você e eu vamos começar a trocar a decoração do salão principal. Quando o pórtico estiver pronto para receber as novas flores me avisem. As suítes da noiva e do noivo já foram reorganizadas. A noiva vai chegar às três e meia para fazer o cabelo e a maquiagem, vestir-se e tirar umas fotos na suíte. A entrada, o vestíbulo e a escada devem estar prontos às 15h20, e o salão principal às 16h. As varandas, a pérgula, os pátios, às 16h45, e o salão de baile, uma hora depois. Se precisarem de ajuda, venham falar comigo ou com a Parker. Vamos lá, mãos à obra.

Com Tink ao seu lado, Emma partiu como uma bala. Sabia que Tink era confiável quando estava disposta – ou seja, em cerca de 75 por cento do tempo. Mas Emma só precisava mostrar ou explicar algo a ela uma vez. Era uma florista talentosa, quando queria. Além do mais, tinha uma força que chegava a dar medo.

Miúda e musculosa, com o cabelo preto reluzente, com um corte meio selvagem e umas mechas cor-de-rosa por causa da primavera, Tink saiu como um furacão para cuidar dos ornamentos da lareira.

As duas tiraram de lá as peças, guardaram-nas em caixas, arrastaram, levantaram, puxaram, tiraram os candelabros com velas cor de laranja, as grinaldas de buganvília, os vasos com folhas de samambaia e palmeira.

Tink fez um barulhinho com seu indefectível chiclete. E então torceu o nariz fazendo tilintar a argolinha de prata que usava nele.

– Se a pessoa quer palmeiras e essas merdas, por que não vai logo para a praia?

– Se fizessem isso, não nos pagariam para reproduzir a praia.

– É, tem razão.

Quando recebeu o sinal, Emma saiu do salão e foi até o pórtico. Usou metros e metros de tule para os laços e revestimentos, espalhou toneladas de rosas brancas, criando assim uma entrada magnífica para a noiva e seus convidados. Os coloridos vasos com hibiscos e orquídeas cederam lugar a enormes urnas brancas com milhares de lilases.

– O casal um e todos os seus convidados já se foram – disse Parker, que vestia uma roupa simples, cinza, e estava com o BlackBerry numa das mãos, o rádio preso no bolso e o fone de ouvido pendurado. – Meu Deus, Emma, está fantástico.

– É, está tomando forma. A Noiva Monstro não queria os lilases porque os achava muito simples, mas consegui uma foto que a convenceu – disse, dando um passo atrás para apreciar.

– Ok. Excelente.

– Ela estará aqui em vinte minutos.

– Vamos dar conta.

Emma foi correndo até a escada, onde Tink e Tiffany trabalhavam. Mais tule e rosas brancas, entremeadas a luzinhas coloridas, e longas grinaldas de rosas a cada 30 centímetros. Perfeito.

– Ok, Beach, vá cuidar dos arranjos da entrada e da mesa de presentes. Também já podemos trazer as primeiras peças do salão principal.

– Posso emprestar o Carter para isso. Pedi que trabalhasse no salão de baile, mas posso dispensá-lo.

– Foi providencial a Mac ter arranjado um noivo forte e prestativo. Aceito.

Com a ajuda de Carter e de Beach, que era bem fortinha, Emma transportou jarros, vasos, cestas, plantas, grinaldas, coroas e velas.

– A NM está chegando! – gritou Parker pelo fone de ouvido, fazendo Emma soltar um gemido. A Noiva Monstro.

Deu uns últimos retoques na lareira, muito elegante com as velas brancas e prateadas, as rosas brancas e os lisianthus lilás, antes de sair correndo para fazer os arranjos da parte de fora da casa.

Pôs mais lilases em urnas, carregou enormes cestas prateadas com copos-de-leite violeta e brancos, nas cadeiras do corredor, forradas de branco, pendurou buquês de flores com fitas prata pendendo deles e bebeu tanta água que parecia que estava morrendo.

– Jura que isso é o melhor que consegue fazer?

Passando as mãos pelas costas doloridas, Emma se virou e deu de cara com Jack.

Ele estava com as mãos nos bolsos de um belíssimo terno cinza; os olhos protegidos por óculos de sol.

– Ela queria que fosse simples.

Jack riu, meneando a cabeça.

– Está incrível, com um ar de sofisticação francesa.

– Isso mesmo. – Emma apontou para ele. – Era exatamente o que eu pretendia. Espere aí! – Sentiu o pânico se agitar em seu peito como um cachorro que perdeu o osso. – O que está fazendo aqui? Que horas são? Não podemos estar tão atrasadas assim. Parker... – interrompeu-se quando conferiu as horas. – Ai, graças a Deus. Você é que está muito adiantado.

– É. Parker disse ao Del que, já que eu vinha, podia chegar mais cedo para ajudar. Por isso estou aqui.

– Venha comigo. Tink! Tenho que ir buscar os buquês. Preciso de uns dez minutos, depois passo para o salão de baile.

– Entendido.

– Pode me ajudar a trazê-los. Vou lá agora – disse no fone. – Ah, Parker, ponha um Xanax no champanhe dela. Não tenho como ir mais rápido. Só preciso de dez minutos. Peça a Mac para distraí-la.

Saiu correndo, enfiou-se na van que usava para transporte e se acomodou ao volante.

– Vocês sempre fazem isso? – perguntou Jack. – Essa história de drogar a noiva?

– Nunca fizemos, embora às vezes tenhamos vontade. Mas, convenhamos, nesse caso seria um favor a todos. Ela quer ver o buquê imediatamente porque, se não ficar encantada com ele, vai rodar a baiana. Laurel me disse hoje cedo que a Mac contou que a NM fez a cabeleireira chorar e ainda brigou com a dama de honra. Parker é que teve que acalmar os ânimos, claro.

– O que é NM?

– Pense um pouco – propôs Emma, saltando da van para correr até seu escritório.

Ele a seguiu, pensando.

– Nojenta e Metida. Noiva Malvada. Noiva Monstro.

– Bingo! – Abriu a porta da câmara fria. – Tudo o que está do lado direito vai. Um buquê em cascata e doze para as acompanhantes. Confira se estão os doze. – Deu um tapinha numa das caixas. – Sabe o que é isto?

– Um buquê. Todo lilás. Bem bonito por sinal. Nunca tinha visto nada parecido.

– É couve.

– Está brincando!

– Uma couve ornamental lilás e verde. As cores da noiva são lilás e prateado. Usamos nos arranjos muitas nuances de prateado e tons que vão do lilás mais pálido até um púrpura fechado, além de muito branco e verde.

– Caramba! Você usou couve nos buquês. Não contou a ela, não é?

– Só vou contar depois que ela ficar encantada com eles. Bem, buquês, flores de lapela, pomanders, cestas para as duas daminhas, duas coroas de rosas brancas e alfazema e vasos de mão. Tudo certo. Vamos levar.

– Você nunca se cansa das flores? – perguntou Jack enquanto transportavam os buquês dentro das caixas.

– De jeito nenhum. Está sentindo o cheiro da alfazema? E das rosas?

– Impossível não sentir, dadas as circunstâncias. Bem, imagine que um sujeito a convide para sair. É o primeiro encontro, ou uma ocasião especial, e ele lhe traz flores. O que diz? "Ah, flores. Que maravilha!"

– Eu o acharia muito gentil. Nossa, todos os músculos do meu corpo estão suplicando por uma taça de vinho e um banho quente. – Alongou-se enquanto Jack fechava o porta-malas da van. – Vamos lá deixar a Noiva Monstro encantada. Ah, espere um instante. O seu casaco, aquele que me emprestou, está lá dentro.

– Venho buscá-lo depois. Diga, ela ganhou uma rosa a mais que a melhor amiga?

Emma não entendeu na hora, mas depois se lembrou do que havia contado a ele.

– Ganhou dez a mais. Ela vai ter que se render ao meu trabalho. Ok, Parker, está certo. Já estou indo. – Enquanto falava, o alerta de mensagem tocou. – O que foi agora? Pode ler para mim? Não

consigo pegá-lo enquanto dirijo. Está preso na minha saia, debaixo do casaco aqui do lado.

Ele levantou a ponta do casaco e, ao virar o rádio para ler, roçou os dedos na pele de Emma, que quase deu um gritinho, mas continuou olhando para a frente, como se nada estivesse acontecendo.

– É da Mac. Diz "MANM"!

– MANM? – perguntou Emma. Os dedos de Jack continuavam tocando a pele acima da sua cintura, o que a distraía. – Ah... Morte à Noiva Monstro.

– Quer que eu responda? Quem sabe não damos algumas sugestões de como fazer isso?

Emma não conseguiu conter o riso.

– Não precisa, obrigada.

– Bonito casaco – disse ele, arrumando-o.

Ela parou em frente à casa.

– Se me ajudar a levar isso lá para cima não conto a Parker nem dou bronca quando você fugir para tomar cerveja antes do casamento.

– Combinado.

Levaram as caixas para o foyer. Ele parou um momento e examinou o local.

– O trabalho que fez aqui está incrível. Se ela não se render ao seu trabalho, é ainda mais idiota do que acho que é.

– Shhh! – sussurrou ela, contendo uma gargalhada e revirando os olhos. – A essa hora, membros da família ou amigos podem estar circulando por aí.

– Ela sabe que não a suporto. Já lhe disse isso.

– Ai, Jack. – Dessa vez riu enquanto subia depressa a escada. – Não diga ou faça nada que a deixe irritada. Antes de abrir a boca, lembre-se da Ira de Parker.

Equilibrando em uma das mãos a caixa que carregava, abriu a porta da suíte da noiva.

– Até que enfim você apareceu, Emmaline! Meu Deus, como quer que eu tire as fotos oficiais sem o buquê? Estou com os nervos à *flor da pele*. Você sabia que eu queria vê-lo antes, para o caso de querer alguma alteração. Sabe que horas são? Você tem ideia?

– Sinto muito, não ouvi uma palavra do que disse. Estou atordoada. Você está espetacular, Whitney!

Essa parte, pelo menos, era verdade. Com uma saia quilométrica, um universo de pérolas e continhas brilhando no véu e no corpete, o cabelo louro com reflexos preso em cima com uma tiara, a Noiva Monstro estava magnífica.

– Obrigada, é que tenho andado uma pilha, preocupada com o buquê. Se ele não for perfeito...

– Acho que está do jeitinho que você queria.

Com bastante cuidado, Emma ergueu aquela enorme cascata de rosas brancas. Quando os olhos da noiva se arregalaram, parabenizou-se mentalmente, mas manteve o tom profissional.

– Alterei um pouco a temperatura para que as rosas ficassem parcialmente abertas. E acrescentei só uns toques de verde e umas contas prateadas para dar destaque aos botões. Sei que havia falado em longas fitas prata, mas, honestamente, acho que iam diminuir o destaque das flores e das formas. No entanto, se ainda quiser, posso pôr as fitas num minutinho.

– A prata daria um tom reluzente, mas... talvez você tenha razão – acrescentou, estendendo a mão para pegar o buquê.

Ali ao lado, a mãe da noiva juntou as palmas das mãos, como se rezasse, e as levou até a boca.

Era sempre um bom sinal.

Whitney se virou para se olhar no espelho de corpo inteiro. E abriu um sorriso. Emma foi até ela e sussurrou algo em seu ouvido. E o sorriso se abriu ainda mais.

– Pode contar mais tarde – sugeriu Emma. – Agora, deixarei você com Mac.

– Vamos tentar entre aquelas janelas ali, Whitney? A luz está maravilhosa. – Mac mostrou o polegar para Emma pelas costas da noiva.

– Meninas – disse Emma –, é a vez de vocês.

Distribuiu os buquês, os ramalhetes, os vasos de mão e encarregou a mãe do noivo de arrumar as pomanders e as cestas de flores das daminhas.

Deu um passo atrás novamente e olhou para Jack.

– Uau!

– Vindo dela, aquele "talvez tenha razão" mostra que ficou encantada com o seu trabalho.

– É, eu entendi. Posso me virar sozinha agora. Vá tomar a sua cerveja. Carter está por aí em algum lugar. Vá corrompê-lo.

– Eu até tento, mas ele é osso duro de roer!

– As flores das lapelas – disse ela, já andando. – E tenho que verificar o salão de baile depois. – Checou as horas. – Fomos pontuais até agora. Obrigada, se não tivesse me ajudado a carregar e transportar tudo, estaria atrasada.

– Posso levar as flores das lapelas lá para cima. Aproveito para ver o Justin e fazer umas piadas sacanas sobre prisão e algemas.

– Boa ideia. Faça isso.

Como lhe sobraria algum tempo, Emma atravessou o salão principal e foi até a varanda.

Satisfeita com algumas mudanças que fizera, subiu para o salão de baile, onde sua equipe estava trabalhando. Arregaçou as mangas e pôs mãos à obra.

Enquanto isso, pelo fone de ouvido, de tempos em tempos recebia de Parker uma posição de como estavam as coisas, até que ela começou a fazer a contagem regressiva.

Os convidados estão chegando. A maioria está sentada ou na varanda.

A sessão oficial de fotos terminou. Mac já está a caminho da próxima tomada.

Dentro de dois minutos os avós vão precisar ser acompanhados. Vou me encarregar de trazer os rapazes para o andar de baixo. Laurel, prepare-se para a passagem.

– Entendido – respondeu Laurel em tom seco. – Em, o bolo está montado e pronto para a decoração da mesa.

Os rapazes já estão com a Laurel, anunciou Parker logo depois que Emma terminou de ajeitar uma bancada com hortênsias. *A mãe do noivo entra acompanhada pelo outro filho daqui a um minuto. A mãe da noiva está na varanda, seu acompanhante também é o filho. Os padrinhos estão se enfileirando. Quando eu der o ok, a música muda.*

Emma voltou para a porta de entrada, fechou os olhos por dez segundos e então a abriu e viu

todo o espaço. Respirou fundo.

Uma explosão de Paris, pensou, mas em grande estilo. Branco, prata, púrpura e toques de verde para contrastar e fazer tudo brilhar sob o perfeito céu de abril. Observou o noivo e seus acompanhantes tomarem seus lugares diante da pérgula repleta de flores.

– Pessoal, somos o *máximo*! Está perfeito. Agora vão até a cozinha comer e beber alguma coisa.

Sozinha, deu uma última circulada pelo aposento enquanto Parker mandava os padrinhos seguirem, um a um. Suspirou, esfregou as costas, a nuca, as mãos. E foi calçar os sapatos de salto enquanto Parker dava à Noiva Monstro sua deixa.

Jack não sabia como elas conseguiam; sempre. Em algumas ocasiões era chamado para dar uma mãozinha, arrastando e carregando coisas, atendendo no bar ou servindo as mesas. Como o pagamento invariavelmente era comida, bebida e música da melhor qualidade, não se importava nem um pouco.

Mas ainda não conseguia entender como elas conseguiam organizar tudo tão bem.

Parker era tão onipresente e tão sutil que ele suspeitava que ninguém percebia que ela podia, num momento, ajudar o padrinho com o brinde e, no seguinte, já estar oferecendo lenços de papel à mãe da noiva, sem deixar de lado a coordenação do serviço de bufê do salão principal, como uma espécie de general comandando suas tropas durante uma batalha.

Mac também surgia por todo lado, de forma igualmente discreta, registrando momentos informais dos padrinhos e dos convidados, ou tirando uma rápida foto posada dos noivos.

Laurel entrava e saía, seguindo as indicações recebidas pelos fones de ouvido que todas elas usavam, ou talvez algum tipo de linguagem gestual. Talvez fosse telepatia. Ele não descartava essa hipótese.

E Emma, é claro, estava sempre a postos para resolver tudo, caso um convidado derramasse vinho na toalha de mesa ou o pajem entediado resolvesse beliscar as daminhas.

Duvidava que alguém percebesse ou entendesse que essas quatro mulheres literalmente seguravam a onda juntas, fazendo os malabarismos necessários e passando a bola uma para a outra com a habilidade de jogadores profissionais.

Assim como imaginava que ninguém percebia a logística e o timing perfeito por trás do simples gesto de conduzir os convidados do salão principal ao salão de baile. Jack ficou ali enquanto Laurel, Emma e sua equipe se reuniam em torno da mesa grande para recolher os buquês e os vasinhos de mão.

– Quer uma ajuda? – perguntou a ela.

– O quê? Ah, não, obrigada, está tudo sob controle. Tink, seis de cada lado e as cestas na ponta. Deixamos tudo aqui por umas duas horas e depois desmontamos e levamos embora. Beach e Tiff, apaguem as velas e deixem acesas metade das luzes de cima.

– Posso cuidar disso – disse Tink quando Emma pegou o buquê da noiva.

– Se uma única rosa estragar, a noiva dará um chilique. Melhor ela cortar a minha garganta que

a sua. Vamos, a primeira dança está começando.

Enquanto as flores eram levadas para o andar de cima pela escada dos fundos, Jack foi até o principal espaço de recepção. Entrou no salão de baile no meio da primeira dança oficial. Os noivos tinham escolhido "I Will Always Love You", que ele achava meio batida, numa versão excessivamente orquestrada. Alguns convidados assistiam de pé, naquele salão coberto de flores, ao passo que outros haviam se sentado às mesas estrategicamente dispostas em torno da pista de dança.

As portas que davam para o terraço estavam abertas, como se convidassem as pessoas a ir lá para fora. Pensou em fazer isso, assim que conseguisse uma taça de vinho.

Quando viu Emma sair novamente, mudou um pouco seus planos. Desceu pela escada dos fundos, levando duas taças de vinho.

Ela estava sentada no segundo degrau e saltou como uma mola quando ouviu seus passos.

– Ah, é só você – disse, tornando a se sentar.

– Só eu e o vinho.

Ela suspirou e girou o pescoço.

– Aqui na Votos não bebemos quando estamos trabalhando. Mas... posso me censurar amanhã. Passe essa taça para cá.

Ele se sentou ao lado de Emma e lhe deu uma das taças.

– Como estão indo as coisas?

– Eu é que deveria perguntar, afinal você é um convidado.

– Do ponto de vista do convidado, está maravilhoso. Tudo me parece perfeito, tem gosto perfeito, um aroma perfeito. As pessoas estão se divertindo e não fazem a menor ideia de todo o trabalho nos bastidores, num timing preciso que deixaria um maquinista suíço no chinelo.

– É exatamente isso que procuramos. – Ela bebeu o vinho e fechou os olhos. – Ai, Deus, como é bom!

– Como está se comportando a Noiva Monstro?

– Até que não está sendo muito problemática. É difícil ser uma megera quando todos estão dizendo que você está linda e que estão felizes por você. Ela contou mesmo as rosas do buquê e ficou bem feliz. Parker remediou umas possíveis crises, e Mac mereceu um gesto de aprovação pelas fotos dos noivos. Se o bolo e os doces de Laurel também forem aprovados, acho que posso dizer que atingimos nossos objetivos.

– Laurel fez aquelas miniporções de crème brûlée?

– Claro.

– Vocês valem ouro. Ouvi muitos elogios às flores.

– Sério?

– Vi até umas caras admiradas, no bom sentido, claro.

Emma fez uns movimentos com os ombros para relaxá-los.

– Então tudo valeu a pena.

– Espere aí.

Jack se sentou no degrau de cima, atrás dela, e pôs as mãos em seus ombros.

– Não precisa se... Esqueça o que eu ia dizer. – E se deixou relaxar sob as mãos dele. – Vá em frente.

– Parece que você pôs cimento aqui, Emma.

– É o resultado de uma semana com cerca de sessenta horas de trabalho.

– E três mil rosas.

– Ah, se acrescentar os outros eventos, podemos dobrar esse número facilmente.

Ele deslizou os dedos pela nuca de Emma, arrancando-lhe um gemido. Quando sentiu uma espécie de bolo no estômago, Jack percebeu que este não era exatamente um favor que estava fazendo a si mesmo.

– E como foi a celebração das bodas de ouro?

– Ah, uma maravilha. Eram quatro gerações. Mac tirou fotos incríveis. Quando o casal dançou pela primeira vez, não tinha ninguém no salão que não estivesse chorando. Esse vai ser um dos meus eventos favoritos de todos os tempos.

Ela suspirou novamente.

– Você precisa parar com isso. O vinho e as suas mãos mágicas vão acabar me fazendo dormir aqui mesmo na escada.

– Você não terminou ainda?

– Nem em sonho. Tenho que ir buscar o buquê que a noiva vai jogar e ajudar com os bolos. E ainda tem as bolas de sabão que queremos fazer lá fora. Daqui a uma hora, começaremos a tirar a decoração do salão principal, guardando em caixas os centros de mesa e os arranjos.

Sua voz ficou um pouco mais lânguida, um pouco mais sonolenta quando ele massageou seu pescoço.

– Humm... temos que carregar tudo isso e os presentes e tirar os arranjos da parte externa. Como temos outro evento amanhã de tarde, ainda precisamos arrumar o salão de baile.

Ele se torturou, descendo as mãos até os bíceps de Emma e trazendo-as de volta para seus ombros.

– Então, deveria relaxar enquanto pode.

– E você deveria estar aproveitando a festa lá em cima.

– Gosto de ficar aqui.

– Eu também, o que faz de você uma má influência, me trazendo vinho e fazendo massagem na escada. Tenho que voltar para substituir Laurel no patrulhamento. – Ela se virou e deu uma palmadinha nas mãos de Jack antes de se levantar. – O bolo será servido em meia hora.

Ele ficou de pé quando Emma começou a andar.

– Que tipo de bolo vai ser?

Ela parou, virou-se e ficou bem de frente para ele. Seus olhos, aqueles profundos olhos aveludados, tinham um ar tão sonolento quanto sua voz.

– Laurel o batizou de Primavera Parisiense. Ela usou um lindo tom esmaecido de lavanda e cobriu com rosas brancas e raminhos de lilases, pôs uma fita de chocolate ao leite e...

– Estava querendo saber do recheio.

– Ah, é branco com merengue italiano. Imperdível, viu?

– Deve superar o crème brûlée.

Emma tinha cheiro de flores, mas Jack não conseguia distinguir quais seriam. Era um buquê misterioso e exuberante. Seus olhos eram escuros, suaves, profundos, e a boca... teria um gosto tão bom quanto o do bolo de Laurel?

Que inferno aquilo!

– Olhe, isso com certeza não é lá muito apropriado, portanto, peço desculpas de antemão.

Pegou-a pelos ombros novamente e a puxou mais para perto. Viu então aqueles olhos escuros, suaves, profundos, se arregalarem de espanto um segundo antes de seus lábios tocarem os dela.

Emma não se afastou e também não riu, como se achasse que era brincadeira. Em vez disso, deixou escapar um gemido como aquele que soltara quando ele estava massageando sua nuca... só que esse parecia mais um suspiro.

Emma o segurou pela cintura e entreabriu aqueles lábios apetitosos.

Assim como seu cheiro, seu gosto era misterioso, essencialmente feminino. Escuro, quente, sensual. Quando sentiu as mãos dela subirem por suas costas, Jack a apertou mais, só um pouco mais.

Depois mudaram de ângulo, o beijo foi ficando mais intenso e Emma deixou transparecer nos gemidos o prazer que sentia.

Jack pensou em levá-la para o andar de cima, entrar no primeiro quarto que encontrasse para concluir o que havia começado por impulso.

O rádio tocou na cintura de Emma e os dois se assustaram. Ela abafou um gritinho e em seguida disse:

– Ah, bem... – Pegou depressa o rádio e leu a mensagem. – É a Parker. Preciso ir. Tenho que... ir. – Deu-lhe as costas e subiu correndo.

Sozinho, Jack desceu e, com duas goladas, tomou o vinho que tinha sido deixado de lado. Decidiu dar uma volta lá fora e perder o restante da festa.



Emma estava grata pelo fato de o trabalho a ter mantido tão ocupada que não lhe dera tempo para pensar. Ajudou na limpeza do incidente que envolveu o pajem e os éclairs de chocolate, entregou o buquê para a noiva jogar, rearrumou a mesa do bolo para facilitar na hora de servir, depois foi desmontar a decoração do salão principal.

Arrumou os centros de mesa e outros arranjos que seriam transportados e supervisionou sua transferência para os recipientes adequados.

Quando sopraram as bolas de sabão e a última dança terminou, foi para os pátios e as varandas desmontar tudo.

Não viu Jack em lugar algum.

– Está tudo bem? – perguntou Laurel.

– O quê? Ah, está sim. Foi tudo perfeito. Só estou cansada.

– Eu também. Pelo menos o evento de amanhã será mais leve. Viu o Jack?

– O quê? – Emma levou um susto tão grande que pareceu um ladrão ouvindo um alarme disparar. – Por quê?

– Eu o perdi de vista. Tinha pensado em suborná-lo com uns doces para que ajudasse na arrumação, mas acho que ele fugiu.

– Bem capaz. Não prestei muita atenção.

Sua mentirosa! Por que estava mentindo para a amiga? Isso não podia ser um bom sinal.

– Parker e Mac estão se despedindo dos retardatários – comentou Laurel. – Vão se encarregar da verificação de segurança. Quer que eu ajude a levar essas coisas para a sua casa?

– Não, está tudo sob controle.

Emma guardou o que restava para levar de volta para a câmara fria. A maior parte seria doada para o hospital e, com o que sobrasse, faria uns arranjos para enfeitar sua casa e a das amigas.

Fechou o porta-malas.

– Até amanhã.

Foi até a porta, descarregou a van e guardou as flores e as grinaldas.

Por mais que desse ordens expressas para sua mente se manter calma e vazia, ela continuava obsessivamente pensando numa única coisa.

Jack a beijara.

O que isso significava?

Por que tinha que *significar* alguma coisa?

Um beijo era só um beijo. Tinha sido apenas uma coisa momentânea. Nada mais.

Preparou-se para dormir, tentando se convencer de que não era nada além disso.

Mas, quando um beijo era tão explosivo assim, era difícil classificá-lo como "nada além disso".

Teve que admitir que era alguma coisa a mais. E não sabia o que fazer. O que era bem frustrante, pois *sempre* sabia o que fazer quando se tratava de homens, beijos e excitação. Simplesmente sabia.

Foi para a cama dizendo a si mesma que, mesmo que não conseguisse dormir, ficaria deitada no escuro até encontrar uma solução.

Porém estava tão exausta que, em poucos segundos, caiu num sono profundo.

capítulocinco

Emma deu conta do evento de domingo, das reuniões de segunda, além de fazer ajustes no planejamento de algumas das próximas celebrações, porque as noivas tinham mudado de ideia.

Cancelou os encontros com dois caras bem legais, mas com quem agora ela não tinha a menor vontade de sair. Ocupou essas horas fazendo levantamento de estoque e encomendando fitas, alfinetes, recipientes e outros materiais.

E perguntando-se se deveria ligar para Jack e fazer algum comentário breve, discreto, sobre o beijo ou fingir que nada daquilo tinha acontecido.

Ficou oscilando entre essas duas opções e uma terceira, que envolvia a ideia de ir até a casa de Jack e transar com ele. Acabou não fazendo nada; só ficou mais confusa.

Aborrecida consigo mesma, chegou cedo para uma reunião da equipe marcada para aquela tarde. Entrou pela cozinha de Laurel, onde a amiga estava arrumando um prato de cookies junto com uma bandeja com frutas e queijo.

– Estou sem Coca-Cola Zero – declarou Emma, abrindo a geladeira para pegar uma lata. – Aliás, estou sem praticamente nada, porque sempre esqueço que a bateria do meu carro arriou.

– Ligou para a oficina?

– Bem, pelo menos disso eu me lembrei há uns dez minutos. Quando confessei, diante do interrogatório de especialista que o mecânico começou a fazer, que tinha o carro há quatro anos e nunca fiz uma revisão, não me lembrava da última vez, se é que houve alguma, em que tinha mandado trocar o óleo, verificar algum chip de computador de bordo e outras coisas de que agora não me lembro, ele disse que passaria aqui para rebocá-lo.

Com ar de vítima, abriu a Coca-Cola e começou a beber direto da lata.

– Eu meio que tive a impressão de que estava mantendo meu carro refém e que o tal sujeito vinha libertá-lo. Eu me senti ainda mais idiota do que com Jack. Quero um cookie.

– Sirva-se.

Foi o que Emma fez.

– Agora vou ficar sem carro até ele decidir me devolver. Se é que vai devolver, não tenho certeza se tem essa intenção.

– Já ficou sem carro mais de uma semana por causa da bateria.

– Verdade, mas eu tinha a ilusão de ter um carro porque ele estava estacionado ali. Acho que vou ter que pegar a van para ir ao mercado e aos zilhões de outros lugares em que tenho que passar. Acaba de me ocorrer que a van está comigo há um ano a mais que o carro, talvez ela seja a próxima a se rebelar.

Laurel jogou uns lindos confeitos em tom pastel na bandeja dos cookies.

– Sei que é uma ideia meio maluca, mas talvez, quando o seu carro ficar pronto, você possa mandar a van para a oficina.

Emma mordiscou o cookie.

– O cara da oficina sugeriu isso. Estou precisando de colo. Que tal um jantar e um filminho hoje à noite?

– Você não vai sair?

– Cancelei o encontro. Não estou muito a fim.

Chocada, Laurel soprou o cabelo que lhe caía nos olhos para ver melhor a amiga.

– *Você* não está a fim de sair com um cara?

– Preciso começar a trabalhar cedo amanhã. Tenho seis buquês para preparar, sete com o da noiva. O que dá umas boas seis ou sete horas de trabalho. A Tink vai chegar mais cedo, para ganharmos tempo. Mas ainda tenho que preparar todo o restante para o evento de sexta à noite. E passei a maior parte da manhã processando as flores.

– Isso nunca impediu você de sair antes. Tem certeza de que está se sentindo bem? Estou achando você meio abatida.

– Não, não, está tudo bem. Só não estou... a fim de sair com um homem.

– Mas isso não me inclui. – Delaney Brown entrou na cozinha e levantou Emma do chão para lhe dar um beijo estalado. – Humm, cookies de açúcar.

– Pegue um para você – disse Emma, rindo.

Ele pegou um cookie da bandeja, dando um risinho para Laurel.

– Considere que isso é parte dos meus honorários.

Conhecendo-o bem, Laurel pegou um saquinho e começou a enchê-lo com cookies.

– Veio para a reunião?

– Não, só tinha que tratar de umas questões legais com a Parks.

Já que a cafeteira estava ali e ele também, Del se aproximou dela.

Ele e Parker tinham o mesmo cabelo castanho-escuro, os mesmos olhos azul-escuros. O que Laurel definiria como "os traços refinados dos Browns" eram apenas um pouco mais acentuados no rosto de Del. Com o terno cinza risca de giz, os sapatos italianos e a gravata Hermès, ele era a imagem perfeita do advogado bem-sucedido. O herdeiro dos Browns de Connecticut.

Tendo terminado seu trabalho, Laurel tirou o avental e o pendurou num cabide. Del se apoiou na bancada da cozinha.

– Ouvi dizer que você rodou a baiana no casamento dos Folks, no fim de semana passado.

– Você os conhece? – indagou Emma.

– Os pais dela são nossos clientes. Não tive o prazer de conhecer a nova Sra. Harrigan, embora, pelo que Jack diz, "prazer" talvez seja um exagero.

– Vai conhecê-la quando eles entrarem com o processo de divórcio – comentou Laurel.

– Sempre otimista...

– Ela é um pesadelo. Mandou uma lista de críticas para Parker hoje de manhã. Um e-mail enviado de Paris, em plena lua de mel.

– Está brincando! – exclamou Emma, atônita. – Deu tudo certo. Foi tudo perfeito.

– O champanhe poderia estar mais gelado, o serviço do bufê poderia ser mais rápido, o céu poderia estar mais azul e a grama, mais verde.

– Que vaca! Eu lhe dei dez rosas a mais. Não uma, mas *dez* – disse Emma, balançando a cabeça. – Mas não tem importância. Todos os que estavam aqui e que eram seres humanos de verdade sabem que tudo saiu perfeito. Ela não pode estragar isso.

– Essa é a minha garota! – exclamou Del, erguendo um brinde a Emma com a xícara de café.

– Bom... por falar em Jack, você o viu? Quer dizer, vai vê-lo?

– Amanhã. Vamos até a cidade para ver os Yankees.

– Será que você pode levar o casaco que ele deixou aqui? Ou que eu esqueci de devolver. Bom, acontece que o casaco ficou comigo, e ele deve estar querendo de volta. Posso ir buscá-lo, está no meu escritório.

– Eu passo lá e pego o casaco quando estiver indo embora.

– Bom. Está ótimo. Afinal, já que você vai encontrar com ele mesmo...

– Sem problema. Melhor eu ir. – Pegou o saquinho e o balançou ligeiramente olhando para Laurel. – Obrigado pelos cookies.

– Vou descontar uma dúzia dos seus honorários, incluindo o que você comeu.

Del deu um risinho cínico e foi embora.

Laurel esperou alguns segundos e, então, apontando na direção de Emma, disse:

– Jack.

– O quê?

– Jack.

– Não – Emma apressou-se a dizer, pondo a mão no peito. – Emma. Em-ma.

– Engraçadinha. Conheço você muito bem. Falou "bom" três vezes em menos de um minuto.

– Não falei, não. E mesmo que tivesse falado, o que tem isso?

– E então, o que está acontecendo entre você e Jack?

– Nada. Absolutamente nada. Não seja ridícula. – Ela sentiu a mentira queimando a própria língua. – Você não pode contar nada para ninguém.

– Se não posso contar, é porque tem alguma coisa.

– Não é nada. Provavelmente não é nada. Eu é que estou exagerando. Droga! – exclamou Emma, enfiando na boca de uma vez só a metade do cookie que ainda estava segurando.

– Você está comendo como uma pessoa normal. Há algo de errado no Emmaniverso. Conte logo.

– Antes você tem que jurar que não vai dizer nada para Parker ou para Mac.

– Ai, que jogo duro. – Laurel cruzou os indicadores diante da boca e os beijou, dizendo: – Eu juro.

– Ele me beijou, ou, melhor, nós nos beijamos, mas foi ele que começou, e não sei o que teria acontecido depois, porque Parker me chamou. Tive que ir, e ele foi embora. Pronto, foi isso.

– Espere aí, fiquei surda logo depois que você disse que Jack a beijou.

– Ah, qual é? Isso é sério – replicou Emma, mordendo o lábio. – Ou não. Será que é?

– Nem parece a Em que eu conheço. Você é mestre em lidar com homens e situações românticas ou sexuais.

– Eu *sei*. Acontece que foi Jack. Não contava que... – ela agitou os braços – ... tivesse que lidar com ele desse jeito. Mas estou fazendo um drama. Foi só um momento, só as circunstâncias. Só uma coisa que aconteceu. Agora acabou. Não é nada.

– Emma, você tem tendência a romancear os homens, os relacionamentos potenciais, mas nunca fica tão atrapalhada com isso. E você está toda confusa.

– Porque é o Jack! Imagine só: você está parada ali, cuidando da sua vida, fazendo os bolos e Jack aparece e beija você assim, do nada. Ou o Del. Você também ficaria confusa.

– O único motivo que levaria qualquer um dos dois a entrar aqui seria beliscar os meus doces. Como Del acabou de fazer. Quando foi que isso aconteceu? Na noite em que seu carro enguiçou?

– Não. Mas quase. Naquele dia teve um segundo... Acho que foi justamente esse segundo que fez com que tudo acontecesse. Durante o casamento de sábado.

– Ok, ok, você disse que Parker a chamou. E como foi? Que nota você daria a esse beijo na célebre escala de Emmaline Grant?

Emma suspirou, ergueu um dos polegares e passou a mão por uma linha imaginária.

– Bateu no topo da faixa vermelha e estourou o termômetro.

Laurel assentiu, com os lábios contraídos.

– Sempre desconfiei disso. Tem uma aura de faixa vermelha cercando Jack. E o que vai fazer?

– Não faço ideia. Ainda não decidi. Isso mexeu muito comigo. Preciso recuperar o equilíbrio para pensar no que fazer. Ou no que não fazer.

– Então vai me contar tudo, e também tem que me avisar quando a lei do silêncio for anulada.

– Tudo bem, mas por enquanto nem uma palavra – disse Emma, pegando a bandeja com o queijo. – Está na hora de virarmos empresárias.

A sala de reuniões da Votos ficava na antiga biblioteca. Os livros continuavam ali, emoldurando o aposento e, de vez em quando, abrindo espaço para fotos e recordações. A sala mantinha seu ar acolhedor, sua elegância, mesmo sendo usada agora para negócios.

Parker estava sentada à grande mesa marchetada, com o laptop e o BlackBerry à mão. Como as reuniões com clientes e as visitas à propriedade já tinham acabado, ela pendurou o paletó do terninho nas costas da cadeira. Mac estava sentada diante dela, com as pernas compridas bem esticadas, usando uma calça jeans e o suéter que funcionavam como seu uniforme de trabalho.

Quando Emma pôs a bandeja em cima da mesa, Mac se esticou um pouco para pegar um cacho de uvas.

– Estão atrasadas, meninas.

– Del passou pela cozinha. Antes de começar, quem está a fim de um jantar e um filminho hoje à noite?

– Eu, eu! – exclamou Mac, levantando a mão. – Carter tem um daqueles negócios de professor, e isso me livra do risco de ficar trabalhando até ele chegar. Tive um dia cheio.

– Por acaso não tenho nada marcado para hoje – disse Laurel, pondo o prato de cookies ao lado da bandeja.

Parker limitou-se a pegar o telefone interno e apertar uma tecla.

– Oi, Sra. G, dá para nós quatro jantarmos aqui hoje? Está perfeito. Obrigada. – Desligou e acrescentou: – Vamos comer frango, e adorar.

– Por mim tudo bem – disse Mac, mordendo uma uva.

– Então vamos lá, o primeiro item da pauta é Whitney Folk Harrigan, também conhecida como Noiva Monstro. Como Laurel já sabe, recebi um e-mail com uma lista de vários pontos que, segundo ela, deveríamos melhorar.

– Vaca. – Mac se levantou de novo, dessa vez para passar um pouco de queijo de cabra num biscoito de alecrim. – Arrebentamos nesse trabalho.

– Nós deveríamos era ter arrebentado a cara dela – observou Laurel.

– Whitney acha, e isso não está necessariamente em ordem de importância, que – Parker abriu uma pasta para ler o e-mail que tinha imprimido – o champanhe não estava gelado como deveria, o serviço na hora do jantar foi bem lento, os jardins poderiam estar mais floridos e coloridos, a fotógrafa passou tempo demais registrando a festa quando é a noiva que merece mais atenção, e as opções de sobremesas não eram tão variadas nem tão bem apresentadas quanto ela esperava. Acrescenta ainda que se sentiu apressada e/ou deixada de lado pela cerimonialista em alguns momentos. Espera que a gente receba essas críticas no mesmo espírito com que estão sendo feitas.

– A minha resposta é... – disse Mac, mostrando o dedo médio.

– Bem sucinta – concordou Parker. – No entanto, respondi em nome de todas nós, agradecendo seus comentários e dizendo que esperávamos que ela e Justin aproveitassem bastante Paris.

– Vaselina – murmurou Laurel.

– Claro. Eu poderia ter respondido o seguinte: Cara Whitney, você é uma babaca. Aliás, esse foi meu primeiro impulso. Mas me contive. No entanto, ela foi promovida à categoria de Noiva Monstro Vaca.

– Ela deve ser muito infeliz. De verdade – disse Emma, e as amigas se voltaram para fitá-la. – Qualquer pessoa capaz de estragar uma festa de casamento como a que fizemos para ela só pode ser infeliz por natureza. Se não estivesse com tanta raiva, teria pena dela. Vou ter pena quando a raiva passar.

– Bom, raiva, pena, ou seja lá que porra for, o importante é que tivemos quatro novas visitas à casa marcadas por causa daquela festa, e acho que ainda teremos mais.

– Parks disse "porra" – observou Mac com um risinho e comendo mais uma uva. – Está furiosa mesmo.

– Mas vou superar, principalmente se marcarmos mais quatro eventos por causa do trabalho fantástico que fizemos no sábado. Por enquanto, estou botando Whitney no meu recém-projetado Armário de Desgraças, onde tudo vai fazê-la parecer mais gorda, todas as estampas vão ser de bolinhas e as únicas cores possíveis serão marrom-escuro e bege-cadáver.

– Isso é que é maldade – comentou Laurel. – Adorei!

– Vamos adiante – disse Parker. – Del e eu nos reunimos para discutir algumas questões legais e financeiras da empresa. Está chegando a época de renovar o contrato de sociedade, o que inclui a

porcentagem destinada à Votos pelos eventos externos realizados por qualquer uma das sócias. Se alguém quiser discutir mudanças no contrato, inclusive nessas porcentagens, a hora é esta.

– Está funcionando, não está? – indagou Emma, olhando para suas sócias. – Acho que nenhuma de nós fazia ideia de que íamos chegar aonde chegamos quando criamos a Votos. E não apenas em termos financeiros, o que sem dúvida é muito mais do que eu teria ganho, a esta altura, se tivesse aberto a minha própria loja. Mas, Noiva Monstro Vaca à parte, tanto juntas quanto individualmente, construímos uma reputação. A porcentagem é justa, e na verdade a cota de Del por sua parte na propriedade está bem abaixo do que ele poderia ter pedido. Estamos todas fazendo o que gostamos de fazer, com pessoas queridas. E ganhamos muito bem.

– Acho que o que a Em está dizendo é: estou dentro. – Mac pegou mais uma uva e acrescentou: – Assino embaixo.

– Contem comigo – disse Laurel. – Haveria algum motivo para mudar o contrato? – perguntou ela, dirigindo-se a Parker.

– Por mim, não, mas o conselho de Del, no seu papel de advogado, é que cada uma de vocês lesse novamente o contrato, expressasse qualquer ressalva e desse sugestões antes da renovação.

– Sugiro que Del prepare os papéis, que a gente assine tudo e abra uma garrafa de Dom Perignon.

Mac apontou para Emma, concordando.

– Aprovado.

– Por unanimidade – declarou Laurel.

– Vou falar com ele. Também tive uma conversa com nosso contador.

– Antes você do que eu – disse Laurel.

– Sem dúvida – concordou Parker, sorrindo e tomando um gole de água. – Tivemos um primeiro trimestre bem sólido. Nesse ritmo, devemos aumentar nosso lucro líquido em cerca de doze por cento com relação ao ano passado. Sugiro que consideremos reaplicar parte disso na própria empresa. Portanto, se alguma de vocês, ou todas, tiver alguma necessidade, algum capricho ou algum desejo egoísta de mais equipamento, ou alguma ideia sobre algo que a Votos pudesse estar precisando, vamos tratar de descobrir em que gastar nosso dinheiro e quanto, exatamente.

Emma levantou a mão antes que qualquer uma das outras tivesse tempo de reagir.

– Andei pensando nisso, principalmente depois que examinei meu trabalho do último trimestre. O nosso maior evento vai ser na primavera, com o casamento da filha dos Seamans. Só as flores vão ultrapassar a capacidade da minha câmara fria, o que significa que vamos ter que alugar outra por vários dias. Quem sabe não consigo encontrar uma usada, o que poderia, a longo prazo, sair muito mais barato do que pagar um aluguel.

– Ótimo – disse Parker, tomando nota. – Faça uma pesquisa de preços.

– Considerando esse evento e o crescimento que temos observado nos negócios – prosseguiu Emma –, talvez seja hora de comprar outra coisa que geralmente alugamos: as cadeiras extras para o jardim. Assim, quando fizermos um evento externo, *nós* alugaremos essas cadeiras para o cliente e embolsamos o dinheiro. E...

– Você andou pensando mesmo – comentou Mac.

– Andei. E já que Mac está planejando reformar sua casa, aumentando o andar de cima para abrigar seu grande amor, por que não aproveitar e aumentar também a área de trabalho, o espaço do estúdio? Ela precisa de mais lugar para estocar material, um verdadeiro quarto de vestir em vez daquele lugarzinho que mais parece um provador. E, já que estou com a mão na massa, aquela copa da cozinha de Laurel é simplesmente inútil, já que temos a da cozinha principal. Com uma reforma, ela poderia ter ali uma cozinha auxiliar, com mais um forno, um freezer e mais espaço para guardar as coisas.

– Bom, vamos deixar as sugestões por conta da Emma – disse Laurel.

– E Parker precisa de um sistema de segurança computadorizado para monitorar todas as áreas públicas da casa.

– Acho que você gastou o tal aumento do lucro líquido várias vezes – observou Parker, depois de um instante.

– Gastar é a parte divertida de ganhar dinheiro. A sua função, Parker, é nos impedir de fazer loucuras. Mas acredito que deveríamos fazer pelo menos algumas dessas coisas e botar as outras numa lista para serem feitas assim que possível.

– Então, desempenhando minha função, diria que a história da câmara fria faz sentido. Veja o que consegue encontrar. E, já que temos que ver com Jack como incluir a câmara fria no espaço que você tem, podemos lhe pedir que nos dê alguma ideia sobre os acréscimos a serem feitos no estúdio de Mac e a reforma da copa. – Parker foi anotando mais coisas enquanto falava. – Eu mesma já tinha pensado em comprar os móveis e comecei a pesquisar os preços. Vou fazer umas projeções para saber em que pé estamos. Assim poderemos decidir por onde começar.

Fazendo que sim com a cabeça, passou ao outro item da reunião:

– Os próximos eventos é que vão nos ajudar a pagar nossas esperanças e nossos sonhos. A festa de casamento de sexta-feira. Elas me mandaram hoje seus votos e o roteiro da cerimônia. Depois de tirar cara ou coroa, ficou decidido que Allison, que a partir de agora será a Noiva Um, chega às três e meia da tarde, e Marlene, a Noiva Dois, às quatro. A Noiva Um fica com a suíte das noivas; a Noiva Dois, com a dos noivos. Como elas têm a mesma dama de honra, ela vai ficar revezando entre as duas suítes. O irmão da Noiva Um é padrinho, então, vamos usar a saleta do segundo andar para ele e para o pai da noiva, se necessário. O padrinho vai ficar ao lado da Noiva Um durante a cerimônia; e a dama de honra, ao lado da Noiva Dois.

– Espere um pouco. – Pediu Mac, que digitava todos os detalhes no laptop. – Pode prosseguir.

– As duas sabem exatamente o que querem e fazem questão de seguir um roteiro, então, no que me diz respeito, está sendo bastante fácil lidar com elas. A mãe da Noiva Um e os irmãos da Noiva Dois não estão lá muito felizes com a oficialização do relacionamento, mas estão cooperando. Mac, talvez você deva caprichar para tirar fotos que incluam essas pessoas, como as clientes esperam.

– Sem problemas.

– Ótimo. Emma, e as flores?

– Elas pediram uma coisa fora do convencional, porém feminino. Nenhuma das duas quer

carregar um buquê, então decidimos usar um arranjo de cabeça em Allison e pentes de flor em Marlene. Uma guirlanda para a dama de honra, que vai estar segurando quatro rosas brancas. Elas vão trocar rosas brancas durante a cerimônia, assim que a vela da união for acesa. E cada uma também vai dar uma rosa à própria mãe. Os homens vão usar rosas brancas na lapela. Acho que vai ficar bem bonito.

Emma abriu os projetos dos arranjos, tomando uns goles da Coca-Cola Zero.

– Elas queriam um ar campestre nos arranjos e centros de mesa. Estou usando mosquitinhos e margaridas coloridas, margaridas comuns e gérberas, ramos de flores de cerejeira, morangos silvestres e assim por diante. Vai ter ainda um pouquinho de tule e umas guirlandas que estou fazendo, formando cadeias de margaridas. Solitários para as rosas, durante a cerimônia. Muitas luzinhas e velas, o salão principal e o salão de baile dando continuidade à aparência natural dos arranjos. Vai ser simples e bem delicado, acho. Se uma de vocês puder me ajudar a carregar tudo, será ótimo, porque não vou dar conta de fazer isso sozinha.

– Eu posso – disse Laurel. – O bolo é de baunilha, recheado com mousse de framboesa e coberto com merengue italiano. Elas queriam que também houvesse ali umas flores simples, combinando com os arranjos de Emma. Só vou precisar pôr as flores no bolo por volta das cinco, então, estou disponível. Fora isso, elas querem cookies sortidos e confeitos em tons pastel.

– Temos, então, o roteiro-padrão para sexta-feira à noite – acrescentou Parker –, excluindo o buquê e a história da liga. Ensaio quinta à tarde; assim, se houver algum problema, teremos tempo de acertar tudo.

Sempre que Emma pensava em seus pais, em como tinham se conhecido, se apaixonado, tudo parecia um conto de fadas.

Era uma vez uma jovem de Guadalajara, que cruzou o continente até a grande cidade de Nova York para trabalhar na empresa do tio, cuidando de casas e de filhos de gente que precisava, ou queria, que suas casas ou seus filhos fossem cuidados por outras pessoas. Mas Lucia tinha outros sonhos: uma casinha bonita em vez de um apartamento barulhento; árvores e flores em vez de asfalto. Trabalhava muito, sempre com a esperança de, um dia, ter sua própria casa, talvez uma lojinha, onde venderia coisas bonitas.

Um dia seu tio lhe falou de um conhecido seu que morava a quilômetros dali, num lugar chamado Connecticut. O tal homem tinha perdido a esposa, portanto seu filho pequeno não tinha mãe. Ele havia deixado a cidade em busca de uma vida mais tranquila, e talvez porque as lembranças fossem muito dolorosas na casa em que morou com a mulher. Como ele escrevia livros, precisava de um lugar tranquilo, e como viajava muito, precisava de alguém de confiança para cuidar do menino. A mulher que fazia isso havia três anos, desde a triste morte da esposa, estava querendo voltar para Nova York.

Então, Lucia enfrentou uma mudança radical e deixou a cidade grande para ir morar na mansão de Phillip Grant e seu filho, Aaron.

O homem era bonito como um príncipe e dava para ver que amava o filho. Mas havia em seus olhos uma tristeza que tocou o coração de Lucia. O menino havia passado por tantas mudanças em apenas 4 anos de vida que ela entendeu perfeitamente sua timidez. Cozinhava para os dois, cuidava da casa e tomava conta de Aaron enquanto o homem escrevia seu livro.

Logo ela se apaixonou pelo menino, e ele por ela. Nem sempre Aaron se comportava bem, mas Lucia teria ficado triste se não fosse assim. À noite, ela e Phillip geralmente conversavam sobre Aaron, livros ou interesses em comum. Sentiria falta daquelas conversas, do patrão, quando ele viajasse a trabalho.

Certas vezes, olhava pela janela para ver Phillip brincar com Aaron, e seu coração batia mais forte.

Não sabia, no entanto, que ele fazia a mesma coisa com frequência. Pois tinha se apaixonado por ela, como ela se apaixonara por ele. Phillip tinha medo de lhe dizer isso, achando que ela pudesse deixá-los. E ela temia lhe falar, pensando que ele podia mandá-la embora.

Um dia, porém, na primavera, sob os ramos arqueados e floridos de uma cerejeira, enquanto o menininho que ambos amavam brincava no balanço, Phillip segurou a mão de Lucia. E a beijou.

Quando as folhas das árvores vestiram as cores vivas do outono, os dois estavam casados. E viveram felizes para sempre.

Seria de espantar que ela fosse tão romântica?, perguntou-se Emma, parando a van na movimentada rua de mão dupla da casa dos pais num domingo à tardinha. Como alguém que cresceu com aquela história, com aquelas pessoas, poderia não desejar a mesma coisa para si?

Seus pais se amaram por 35 anos e criaram quatro filhos no amplo casarão vitoriano. Construíram ali uma vida boa, sólida e duradoura.

Emma não tinha a mínima intenção de ter menos que isso.

Tirou da van o arranjo que tinha feito e se dirigiu apressada até a porta da casa para o jantar familiar. Estava atrasada, pensou, mas tinha avisado que chegaria mais tarde. Segurando o vaso com um dos braços, abriu a porta e entrou numa casa saturada das cores sem as quais sua mãe não poderia viver.

A caminho da sala de jantar, foi penetrando no barulho tão colorido quanto as paredes e os tecidos.

À mesa grande estavam seus pais, seus dois irmãos, sua irmã, suas cunhadas, seu cunhado, suas sobrinhas e sobrinhos e comida suficiente para alimentar o pequeno exército que eles haviam construído.

– Oi, mamãe – disse Emma, dirigindo-se primeiro a Lucia. Deu-lhe um beijo no rosto, pôs o arranjo de flores sobre o bufê, e deu a volta na mesa para beijar Phillip. – Oi, papai.

– *Agora* é hora de jantar – disse Lucia e sua voz ainda guardava o calor e a música do México. – Sente-se logo, antes que esses porquinhos acabem com toda a comida.

O sobrinho mais velho de Emma fez uns grunhidos de porco e uma careta quando ela veio se sentar ao seu lado. Aaron lhe passou uma travessa.

– Estou faminta. – Ela assentiu e, com um gesto, indicou que a travessa podia seguir adiante, enquanto seu irmão Matthew erguia uma garrafa de vinho. – Vamos, me contem tudo o que está

acontecendo – disse Emma.

– Primeiro as notícias importantes.

Do outro lado da mesa, sua irmã Celia pegou a mão do marido. Antes que ela pudesse abrir a boca, Lucia soltou um gritinho de felicidade.

– Você está grávida!

Celia riu.

– Pronto, acabou a surpresa. Rob e eu estamos esperando o quinto e, definitivamente, último membro da família para novembro.

Todos à mesa começaram a lhes dar parabéns, enquanto o menorzinho da família, entusiasmado, batia com a colher na cadeirinha alta. Lucia se levantou de um salto para abraçar a filha e o genro.

– Ah, não há notícia melhor que a chegada de uma criança. Phillip, vamos ter outro bebê.

– Cuidado. Da última vez que você me disse isso, Emmaline chegou nove meses depois.

Rindo, Lucia se pôs às costas do marido, passou os braços pelo seu pescoço e encostou o rosto no dele.

– Agora o trabalho duro fica por conta das crianças e nós ficamos só com as brincadeiras.

– Em ainda não fez a parte dela – observou Matthew, erguendo as sobrancelhas para a irmã.

– Ela está esperando por um homem que seja tão bonito quanto o pai e que não seja tão chato quanto o irmão – retrucou Lucia, olhando feio para o filho. – E eles não dão em árvores.

Emma deu um sorrisinho debochado para o irmão e cortou uma primeira fatia de leitão assado.

– Mesmo assim, continuo passeando pelos pomares – disse, com uma vozinha doce.

Depois que os outros saíram, ficou mais um pouco para dar uma volta pelo jardim com o pai. Foi com ele que aprendeu tudo sobre flores e plantas, e também a amá-las.

– Como está o livro? – perguntou.

– Uma droga.

– É o que você sempre diz – retrucou Emma, rindo.

– Porque nessa fase é sempre verdade. – Enquanto andavam, Phillip passou o braço pela cintura da filha. – Mas os jantares em família e mexer com a terra me ajudam a deixar a droga de lado por algum tempo. E, depois, quando retomo o trabalho, as coisas nunca me parecem tão ruins quanto eu achava antes. E você, como está, moça bonita?

– Ótima. Ótima mesmo. Temos andado ocupadas. No começo da semana fizemos uma reunião porque os lucros estão aumentando e me passou pela cabeça que somos... que sou uma pessoa de sorte por fazer o que gosto e com as melhores amigas que tive na vida. Você e mamãe sempre nos diziam que, se descobríssemos o que gostávamos de fazer, trabalharíamos bem e felizes. Eu descobri.

Virou-se quando a mãe veio atravessando o gramado com um casaco na mão.

– Está muito frio, Phillip. Quer pegar uma gripe para eu ter que ouvir você se queixando o tempo todo?

– Pronto, descobriu o meu plano – disse ele, deixando a mulher agasalhá-lo.

– Encontrei Pam ontem – começou Lucia, referindo-se à mãe de Carter. – Ela está tão

empolgada com o casamento... Também fico muito feliz por ver duas das pessoas de quem mais gosto se apaixonarem. Pam sempre foi uma boa amiga e me defendeu quando algumas pessoas ficaram escandalizadas por seu pai se casar com a empregada.

– Ninguém entendeu que eu estava sendo muito esperto, afinal ela passaria a fazer todo o trabalho de graça.

– O típico ianque pragmático – retrucou Lucia se aconchegando junto dele. – Um verdadeiro feitor de escravos.

Vejam só esses dois, pensou Emma. Como se entendem perfeitamente.

– Jack me disse outro dia que você era a mulher mais linda do mundo, e que ele está esperando para fugir com você.

– Não deixe que eu me esqueça de lhe dar uma surra na próxima vez em que o vir – observou Phillip.

– Jack é o mais charmoso dos galanteadores. Talvez eu faça vocês brigarem por mim – acrescentou Lucia, erguendo o rosto para o marido.

– Não seria melhor uma massagem nos pés?

– Temos um trato. Quando você encontrar um homem que lhe faça uma boa massagem nos pés, abra bem os olhos, Emmaline. Muitos defeitos desaparecem diante dessa habilidade.

– Vou me lembrar disso. Agora tenho que ir. – Abriu os braços para enlaçar os pais. – Amo vocês.

Olhou para trás enquanto se afastava e viu o pai pegar a mão da mãe sob os galhos da cerejeira, com os botões ainda bem fechadinhos.

E viu que ele a beijou.

Não, pensou Emma, eu só podia ter nascido romântica. Eu só podia querer isso, pelo menos parte disso, para mim.

Entrou na van e ficou pensando naquele beijo na escada dos fundos da mansão dos Browns.

Talvez tivesse sido apenas um flerte ou curiosidade. Talvez apenas química. Mas estaria perdida se fingisse que aquilo não tinha acontecido. Ou se deixasse Jack fingir.

Estava na hora de encarar os fatos.

capítuloseis

No seu escritório, no segundo andar da antiga câmara municipal que ele havia reformado, Jack aprimorava um projeto no computador. Estava trabalhando na ampliação do estúdio de Mac, mas, como nem ela nem Carter estavam com muita pressa, ele podia caprichar, recriar e revisar a estrutura como um todo e cada detalhe mais complicado.

Agora que Parker queria um segundo projeto para fazer ampliações tanto no primeiro quanto no segundo andares, ele tinha que rever não apenas os detalhes e o desenho, mas a reforma inteira. Em sua opinião, seria melhor fazer tudo de uma vez, mesmo que isso significasse jogar fora seu projeto original.

Ficou brincando com linhas e áreas livres, com o jogo de luz como parte integrante do espaço maior que continuaria sendo um estúdio. Remanejando os atuais espaços para os clientes se arrumarem e para Mac guardar seu material e ampliando a metragem quadrada de ambos, poderia aumentar o banheiro, acrescentar um chuveiro, coisa que achava que ia agradar a todos, dar a Mac o vestiário que ela queria e duplicar o espaço de que ela agora dispunha para guardar seu material.

O escritório de Carter no segundo andar...

Recostou-se, bebeu alguns goles de água e tentou pensar como um professor de inglês. O que ele iria querer e de que poderia precisar para um local de trabalho? Eficiência e um certo toque tradicional, já que se tratava de Carter. Estantes de livros embutidas, cobrindo a parede inteira. Duas paredes assim. Com portas de vidro, decidiu ele, deslocando-se em sua própria área de trabalho em forma de U para tentar fazer um rápido esboço à mão. E com parte inferior em madeira para ele guardar material de escritório, trabalhos de alunos.

Nada descolado nem com muito brilho. Não para Carter.

Madeira escura, pensou Jack, com aquele ar de móveis ingleses antigos. Mas com janelas bem amplas para combinar com o restante da construção. Um telhado em duas águas para dar uma quebra nas linhas. Uma ou duas claraboias. Fazer uma saliência nessa parede, formando uma janela mais projetada para o exterior. Acrescentar algum ponto de interesse, criando uma área em que se possa sentar.

Um lugar para onde um homem pudesse fugir quando a mulher estivesse irritada ou simplesmente quando quisesse dar um cochilo depois do almoço.

Pôr aqui uma porta de vidro e acrescentar uma varanda. Nada muito grande. Quem sabe o cara não ia querer tomar um conhaque e fumar um charuto? Seria bem possível.

Parou por um instante, voltou para o jogo que estava na tela à sua esquerda. Enquanto as ideias

iam se formando em sua cabeça, ficou vendo o lance infeliz de Phillies no time do Red Sox.

Que droga.

Voltou mais uma vez ao desenho. E pensou em Emma.

Soltando um palavrão, passou a mão pelo cabelo. Vinha tendo sucesso na tentativa de não permitir que ela invadisse seus pensamentos. Era bom nessa história de compartimentalizar. Trabalho, jogo de beisebol, de vez em quando trocar de canal para ver o que estava acontecendo em outros jogos. Emma estava em outro compartimento, um que devia permanecer fechado.

Não queria pensar nela, não era nada bom pensar nela. Tinha cometido um erro, é claro, mas também não era nenhuma catástrofe. Beijou uma garota, só isso.

Mas que beijo!, pensou. Mesmo assim, foi só uma dessas coisas que acontecem. Um momento... Mais alguns dias para deixar a poeira baixar e tudo voltaria ao normal.

Emma não era o tipo de mulher que cobraria nada dele.

Além do mais, ela tinha entrado no jogo. Jack franziu a testa, tomou mais uns goles de água. É, tinha mesmo. Por que, então, ela iria criar caso?

Já eram bem grandinhos; haviam se beijado e pronto.

Se ela estivesse esperando um pedido de desculpas, que esperasse sentada. Teria simplesmente que lidar com isso... e com ele. Ele e Del eram próximos, e ele era muito amigo das outras três que formavam o quarteto. Além do mais, com essa história de reforma que Parker tinha lhe proposto, passaria mais tempo na mansão pelos próximos meses.

Passou a mão pelo cabelo novamente. Pois é, já que era assim, os dois teriam que lidar com o que aconteceu.

– Diabos!

Esfregou o rosto e ordenou que seu cérebro voltasse ao trabalho. Com o cenho franzido, ficou observando os meros traços do esboço que tinha feito. De repente estreitou os olhos.

– Espere um pouco, espere um pouco.

Se incluísse ali umas vigas, formando uma espécie de pérgula a partir do escritório, criaria um pátio parcialmente coberto nos fundos, o que lhes daria uma área externa que não possuíam, privacidade e, potencialmente, um pequeno jardim ou uma área verde. Certamente Emma teria algumas ideias a esse respeito.

Isso daria um toque especial à forma e às linhas da construção e ampliaria o espaço útil sem aumentar em quase nada o custo da obra.

– Você é um gênio, Cooke – disse a si mesmo.

Assim que começou a criar o novo projeto, alguém bateu à porta dos fundos.

Ainda pensando no desenho, levantou-se e percorreu toda a área do andar de cima da empresa, que era sua casa. Convencido de que era Del ou um de seus outros amigos, e torcendo para eles terem trazido a própria cerveja, abriu a porta que dava para a cozinha.

Ela estava parada ali, sob a luz da lâmpada que ficava acima da porta. E cheirava a campos enluarados.

– Emma.

– Queria falar com você. – Ela passou por ele como uma flecha, jogou o cabelo para trás e se

virou. – Está sozinho?

– Hum... estou.

– Ótimo. Que diabos deu em você?

– Como assim?

– Não banque o engraçadinho. Não estou com clima para gracinhas. Você ficou me paquerando, me ajudou com o carro, fez massagem nos meus ombros, comeu o macarrão que eu preparei, me emprestou o casaco e então...

– Acho que devia ter me limitado a dar um tchauzinho quando passei por você na estrada. Ou deixado você tremer até ficar azul de frio. E eu estava com fome.

– Isso não muda nada – esbravejou ela e atravessou a cozinha, entrando pelo amplo corredor, sempre falando e gesticulando. – E de um jeito bem conveniente você deixou de fora a massagem nos ombros e o "e então".

Jack não teve alternativa senão ir atrás dela.

– Você parecia estressada e toda travada. E na hora achou tudo muito normal.

Voltando-se de repente, ela estreitou aqueles olhos castanhos aveludados.

– E então?

– Ah, claro, teve um "e então". Você estava ali, eu estava ali, "e então"... Eu não a agarrei e você não tentou fugir. Nós só... – *Beijar* de repente lhe pareceu uma palavra forte demais. – Nossos lábios se tocaram por um instante.

– "Se tocaram"! Quantos anos você tem? Doze? Você me beijou.

– Nós nos beijamos.

– Mas foi você que começou.

Jack sorriu.

– Quantos anos você tem? Doze?

Ela soltou um som sibilante bem baixinho que deixou Jack arrepiado.

– Começou, sim, Jack. *Você* foi pegar vinho para mim, *você* ficou todo aconchegado na escada, massageando meus ombros. *Você* me beijou.

– Culpado de todas as acusações. Mas você correspondeu ao beijo. E depois saiu correndo como se eu tivesse lhe arrancado um pedaço.

– Parker me chamou. Eu estava *trabalhando*. Você sumiu. E desde então não apareceu mais.

– Sumi? Eu fui embora. Você fugiu como se os cães dos infernos estivessem na sua cola, e Whitney conseguiu acabar com a minha paciência. Então, fui embora. Além disso, por mais estranho que pareça, eu trabalho, exatamente como você, e passei a última semana ocupado. Não sumi coisa nenhuma. Deus do céu, não acredito que eu esteja dizendo isso. – E respirou fundo. – Que tal a gente se sentar um pouco?

– Não quero sentar. Estou furiosa demais para me sentar. Não se faz uma coisa dessas e vai embora.

E já que ela apontou o dedo para ele num gesto de acusação, Jack fez o mesmo.

– Você que foi embora.

– Sabe muito bem que não é disso que estou falando. Rádio, Parker, trabalho. – Mais uma vez

ela fez um gesto dramático com as mãos. – Não *fui* a lugar nenhum. Só tive que sair dali porque a Noiva Monstro Vaca decidiu que eu tinha que inspecionar o buquê que ela ia jogar antes que ela se dignasse a fazer isso e insistiu que eu ficasse parada ali ao lado. Ela esgotou a paciência de todo mundo, mas eu não fui embora coisa nenhuma. – Encostando a mão no peito dele, Emma lhe deu um leve empurrão. – Você foi. E isso foi muito grosseiro.

– Céus! Você agora vai me dar uma bronca? Quero dizer, já está dando. Beijei você. Confesso. Você tem essa boca, e eu a queria, o que estava muito claro para mim. – Os olhos dele reluziram, como nuvens carregadas de raios e trovões. – Como você não gritou por socorro, eu a beijei, pode me enforcar por isso.

– Mas o problema não é o beijo. É, mas não é. O problema é o motivo, o depois e o quê.

– O quê? – exclamou ele, arregalando os olhos.

– Isso mesmo. Mereço algum tipo de resposta razoável.

– Onde... você esqueceu o onde, por isso vou incluir um. Onde está a pergunta razoável? Encontre essa pergunta e vou fazer o possível para encontrar uma resposta razoável. É isso.

Emma estava fervendo de raiva. Ele não sabia que uma mulher podia ferver de verdade. Nossa, como aquilo era sexy.

– Se você não pode falar disso como um adulto, então...

– Quer saber de uma coisa? Dane-se.

Se ia se ferrar por ter feito aquilo uma vez, poderia perfeitamente se ferrar por fazer duas vezes. Ele a agarrou, erguendo-a do chão. O som que ela fez bem poderia ser o começo de um "motivo", mas, antes que ela pudesse pronunciar as palavras, ele a beijou. Usou os dentes para lhe dar uma mordida rápida, impaciente, que fez os lábios de Emma se abrirem de surpresa ou para corresponder. Jack não estava em condições de se preocupar com isso, não no momento em que sua língua encontrou a dela, não quando o gosto de Emma se infiltrou em seus sentidos como um fio elétrico na corrente sanguínea.

Ele enfiou os dedos nos cabelos dela, gloriosos e selvagens, puxando-os, fazendo com que a cabeça dela se inclinasse para trás.

Pare. Era o que ela pretendia dizer. Mas era como mergulhar no verão. No calor e na umidade. Todos os pensamentos sensatos desapareceram quando o corpo dela passou subitamente da raiva à surpresa e à reação febril.

Quando ele ergueu os olhos e disse seu nome, Emma se limitou a balançar a cabeça, puxando-o de volta para si.

Por um momento impetuoso, as mãos dele a percorreram, incitando, excitando, a ponto de Emma quase perder o fôlego.

– Deixe-me... – murmurou ela ao perceber que ele estava todo atrapalhado com os botões da sua blusa.

– Ok. – Ele a deixaria fazer muito mais que isso.

Quando as mãos dele cobriram o seu coração acelerado, Emma o puxou para o chão.

Carne macia, músculos firmes e uma boca faminta. Ela arqueou o corpo sob o dele e em seguida rolou, para ficar por cima. Atirou longe a camiseta que ele usava e começou a mordiscar seu

peito. Com um gemido, ele a puxou para cima para beijar sua boca, seu pescoço, num desespero frenético que não ficava nada atrás do dela própria.

Meio enlouquecido, ele a virou de costas, pronto para arrancar-lhe as roupas. O braço de Emma bateu no chão com força, fazendo um barulho que mais parecia um tiro. Ela viu estrelas.

– Ai, meu Deus!

– O que foi? Emma? Merda. Cacete. Desculpe. Deixe eu ver.

– Não. Espere. – Aturdida, sentindo um formigamento, e ainda meio abobalhada, Emma conseguiu se aprumar. – Só vou ficar com dor de cotovelo. Rá, rá, rá. Ai, meu Deus! – repetiu ela.

– Sinto muito mesmo. Venha aqui.

Arrasado, Jack começou a massagear o antebraço dela para aliviar as fisgadas que imaginou que ela estivesse sentindo, ao mesmo tempo fazendo esforço para estabilizar sua respiração.

– Está rindo?

– Não. Claro que não. Estou com tanto tesão que não consigo respirar direito.

– Está rindo, sim – afirmou Emma, apontando para o peito dele com o indicador do braço que não estava machucado.

– Não. Estou lutando para me controlar e não rir. – Essa seguramente era a primeira vez, pensou ele, que acontecia algo desse tipo quando ele estava tão excitado. – Está melhor? Um pouco melhor pelo menos? – perguntou, e cometeu o erro de fitar seus olhos.

O riso brilhava neles, como um reflexo dourado no fundo castanho. Perdeu a luta e, relaxando, simplesmente caiu na gargalhada.

– Sinto muito.

– Por quê? Você se mostrou tão requintadamente fino.

– É o que todas as mulheres me dizem. Você foi a única que preferiu o chão quando tenho um sofá ótimo logo ali e, no alto da escada, uma boa cama. Mas você não conseguiu se controlar por tempo suficiente para que eu pudesse conduzi-la até uma superfície mais macia.

– Só os fracos precisam de superfícies macias para fazer sexo.

Ele continuou olhando para ela, com um sorriso provocante.

– Não sou fraco, mocinha – disse, sentando-se. – Vamos tentar de novo?

– Espere. – Ela espalmou a mão no peito de Jack. – Hum, belo peitoral, por sinal. Mas espere. – Erguendo o braço que ainda doía, pôs para trás o cabelo. – Jack, o que estamos fazendo?

– Se eu tiver que explicar isso, vou dizer que estou fazendo a coisa errada.

– Não, é sério. Quero dizer... – Emma baixou a cabeça e viu sua própria camisa desabotoada e o sutiã branco de renda insinuante à mostra. – Olhe para nós dois. Olhe para mim.

– Pode acreditar, era o que estava fazendo. Estou. E gostaria de continuar fazendo. Você tem um corpo que me deixa louco. Eu só quero...

– Eu sei, já entendi essa parte. Também quero, mas, Jack, não podemos simplesmente... sair do rumo aqui.

– Na minha opinião, estamos entrando no rumo. Só me dê cinco minutos que farei nosso ponto de vista se encaixar. Um. Pode me dar um.

– Provavelmente não precisa nem de trinta segundos. Mas não – acrescentou ela ao vê-lo sorrir.

– De verdade. Não podemos fazer isso dessa forma. Não podemos de forma alguma. Acho. – Tudo dentro dela faiscava e *queria*. – Não tenho certeza. Precisamos pensar, refletir, ponderar sobre o assunto. Jack, nós somos amigos.

– E estou me sentindo ainda mais amigável a seu respeito.

Com um ar terno, Emma pôs a mão no rosto dele.

– Somos amigos.

– Somos, sim.

– Mais que isso, temos um círculo de amigos em comum. Muitos amigos em comum. Então, por mais que eu quisesse dizer "que se dane, vamos testar o sofá, depois a cama e talvez pudéssemos disputar a melhor de três no chão..."

– Emmaline. – Os olhos dele assumiram um tom profundo, de fumaça escura. – Está me matando assim.

– Fazer sexo não é a mesma coisa que dar um beijo na escada. Mesmo que seja um beijo incrível. Então, temos que pensar duas vezes antes de decidir qualquer coisa. Eu me recuso a deixar de ser sua amiga, só porque agora adoraria que estivesse nu, Jack. Você é muito importante para mim.

Jack suspirou.

– Queria que não tivesse dito isso. Você é muito importante para mim. Sempre foi.

– Então, vamos nos dar um pouco mais de tempo para pensar nisso tudo. – Ela se afastou um pouco e começou a abotoar a camisa.

– Não sabe como fico triste em vê-la fazendo isso.

– Sei, sim. Fico tão triste quanto você. Não se levante – disse ela, pondo-se de pé e indo pegar a bolsa que largara quando ele a agarrou. – Se servir de consolo, vou ter uma noite horrível refletindo sobre o que poderia ter acontecido se não tivéssemos parado para pensar.

– Não me serve de consolo, porque vai acontecer o mesmo comigo.

– Bom... – começou Emma, virando-se para ele antes de sair. – Foi você quem começou.



Na manhã seguinte, depois da noite horrível, exatamente como previra, Emma foi buscar algum conforto com as amigas e as panquecas da Sra. Grady. Mas antes negociou consigo mesma. Poderia comer as panquecas, mas só se antes encarasse a temível academia.

De mau humor, foi se arrastando até a mansão, sem a dose de cafeína que costumava tomar. No caminho, fez um desvio e foi até o estúdio de Mac. Não via motivo para a amiga não ir sofrer junto com ela.

Sem pensar, foi entrando na cozinha. Mac estava ali, de calcinha de algodão estilo shortinho e uma regatinha, apoiada na bancada com um largo sorriso e uma xícara de café. E Carter estava diante dela, com a mesma pose e o mesmo sorriso, vestindo seu blazer de tweed.

Deveria ter batido, pensou Emma imediatamente. Tinha que lembrar que era preciso bater à porta, agora que Carter também morava ali.

Mac a viu e ergueu a xícara com a maior naturalidade.

– Olá!

– Desculpe.

– Está sem café novamente?

– Não, é que eu...

– Tem de sobra aqui – disse Carter. – Fiz uma garrafa cheia.

Emma lançou-lhe um olhar tristonho.

– Não sei por que vai se casar com ela e não comigo.

Carter deu de ombros, embora tenha ficado com as pontas das orelhas rosadas.

– Bom, talvez se as coisas não derem certo...

– Ele se acha um fofo – interrompeu Mac, secamente. – E a desgraça é que é mesmo. – Inclinou-se para a frente e o puxou pela gravata.

O beijo foi leve e doce aos olhos de Emma. O tipo de beijo matinal entre amantes que sabem que têm todo o tempo de mundo para beijos mais intensos, mais quentes.

Sentiu uma inveja horrível daquela leveza e doçura.

– Vá para a escola, professor. Vá iluminar as mentes jovens.

– Essa é a ideia – retrucou ele, pegando sua pasta e passando a mão no reluzente cabelo de Mac. – Vejo você mais tarde. Tchau, Emma.

– Tchau.

Ele abriu a porta, virou-se e deu com o ombro no batente.

– Merda – murmurou ele, fechando a porta atrás de si.

– Ele faz isso umas três vezes por... O que foi, Emma? – perguntou Mac. – Você está toda vermelha.

– Não foi nada – respondeu Emma, percebendo que estava esfregando o cotovelo e lembrando o que havia acontecido. – Só dei uma passada aqui a caminho da câmara de tortura. Pensei em implorar para a Sra. G fazer panquecas depois do sofrimento.

– Só me dê dois minutos para eu me trocar.

Mac subiu a escada apressada, enquanto Emma ficou andando de um lado para outro. Tinha que haver uma forma simples, sutil e sensível de explicar a Mac o que tinha acontecido entre Jack e ela. O que estava acontecendo. E de pedir que pusesse abaixo a regra que dizia ser proibido fazer sexo com os ex das amigas.

Mac e Jack eram amigos, então, isso deveria contar. O mais importante, porém, o maior atenuante era o fato de Mac estar totalmente apaixonada por Carter. Ela ia até se casar, caramba. Que tipo de amiga atrapalharia a outra com a regra de não se relacionar com o ex quando estava prestes a se casar com o Sr. Adorável?

Seria muito egoísmo, intolerância e mesquinharia.

– Vamos, antes que eu mude de ideia. – Mac entrou correndo na cozinha, com um casaco de capuz aberto por cima de um top e uma calça de ciclista. – Consigo até sentir meus bíceps e tríceps se fortalecendo. Vou ficar com braços poderosos!

– Por que você tem que ser assim? – perguntou Emma.

– Assim como?

– Somos amigas desde *bebês*. Não entendo por que se chatear tanto se nem quer ficar com ele.

– Com quem? Com Carter? Quero, sim. Você não tomou café hoje de manhã, não é?

– Se eu tomar café meu cérebro vai despertar e vai me dar razões para não fazer exercício. E essa não é a ideia.

– Entendo. Mas por que está chateada comigo?

– Não estou chateada com você. Você é que está chateada comigo.

– Então peça desculpas e eu a perdoarei – disse Mac abrindo a porta e saindo.

– Por que eu deveria pedir desculpas? Eu não deixei que fosse adiante. – Emma bateu a porta atrás de si.

– O que você não deixou ir adiante?

– Não deixei... – Gemendo, Emma pressionou os olhos com os dedos. – É a falta de cafeína. Estou confusa. Comecei pela metade. Ou talvez pelo fim.

– Exijo saber o motivo de estar chateada com você para tentar ficar bem. Sua vaca.

Emma respirou fundo e prendeu o ar.

– Eu beijei Jack. Ou ele me beijou. Ele que começou. E depois sumiu, então fui até a casa dele para lhe dar um esporro e ele fez de novo. Aí eu fiz de novo. Depois ficamos rolando pelo chão e começamos a tirar nossas roupas até que bati com o cotovelo. Com toda força. E isso me fez recobrar os sentidos. Então não deixei que fosse adiante, por isso não tem motivo para ficar chateada.

Desde a primeira frase, Mac ficou olhando para Emma boquiaberta.

– O quê? Como é que é? – Bateu numa orelha com a palma da mão e balançou a cabeça como se quisesse tirar água do ouvido. – *O que foi?*

– Não vou falar tudo de novo. O importante é que não deixei ir adiante e já pedi desculpas.

– Para o Jack?

– Não... Bem, também... mas para você. Estou pedindo desculpas a você.

– Por quê?

– Pelo amor de Deus, Mac, por causa da *regra*.

– Ah, sim. – Mac parou, pôs as mãos na cintura e ficou olhando para o horizonte. – Não, ainda estou confusa. Vamos tentar assim. – Fez uns gestos exagerados com as mãos, fingindo que estava apagando algo. – Eis o quadro, está inteiramente limpo. Vamos começar de novo. Você e Jack... Uau... Só um minuto para eu assimilar... Pronto. Você e Jack ficaram e deram um amasso!

– Não foi um amasso. Ele beija muito bem, como você deve saber.

– Eu?

– E não me arrependo de tê-lo beijado. Não mesmo, porque foi completamente inesperado. Tudo bem, não completamente, já que tinha sentido algo quando estávamos sob o capô.

– Sob o capô? Como é que é? Ah, o carro. Caramba, só alguém que conhece você a vida inteira é capaz de interpretar metade do que está dizendo.

– Mas eu não esperava que ele fosse me levar uma taça de vinho quando eu estava fazendo um rápido intervalo, sentada na escada dos fundos, pensando.

– Vinho, escada dos fundos... – murmurou Mac. – Noiva Monstro Vaca. O casamento.

– Depois ele fez uma massagem nos meus ombros, então eu *tinha* que ter adivinhado, mas fui obrigada a ir embora. Tinha que voltar para a recepção e então ficamos ali de pé, e ele me beijou. Aí Parker me passou uma mensagem pelo rádio e precisei ir e me dei conta do que tinha feito. Não foi exatamente uma traição. Você tem o Carter.

– E o que *eu* tenho a ver com isso tudo?

– Mas eu não dormi com ele, e isso é o que importa.

Um pássaro passou voando e cantando como um doido. Sem nem olhar para ele, Emma deu um tapa no próprio quadril e fez uma careta.

– O beijo foi de surpresa, nas duas vezes. E o fato de rolarmos no chão, foi só o calor do momento. Não deixei que fosse adiante, então, tecnicamente, não quebrei a regra, mas estou me desculpando assim mesmo.

– Aceitarei de bom grado as suas desculpas se me disser que raios eu tenho com isso.

– É a regra dos ex.

– Os... Ah, a regra dos *EX*. Mas ainda está confuso para mim... Espere. Você acha que Jack e eu tivemos... Você acha que eu transei com Jack? Com Jack Cooke?

– Claro, Jack Cooke.

– Nunca transei com Jack Cooke.

Emma apontou para ela.

– Já, sim.

Mac apontou também.

– Não mesmo, e ninguém melhor que eu mesma para dizer com quem fiz ou deixei de fazer sexo. E com Jack, definitivamente, nunca fiz. Nunca rolei pelo chão com ele, nem tiramos a roupa.

– Mas... – Perplexa, quase sem forças, Emma deixou os braços penderem ao lado do corpo. – Mas quando ele começou a aparecer aqui com o Del, nas férias e nos feriados da faculdade, vocês dois...

– Foi só uma paquera. Ponto final. Do mesmo jeito que começou, acabou. Nunca estivemos juntos entre lençóis, rolando no chão, na parede ou em nenhuma outra superfície, muito menos sem roupas. Está claro?

– Sempre achei...

Mac ergueu as sobrancelhas.

– Podia ter me perguntado.

– Não podia, porque, *droga*, eu queria ficar com ele, mas você já estava ficando, então eu não podia, e achei o que achei. E quando ficou claro que vocês eram só amigos novamente, a regra entrou em vigor. Foi o que pensei.

– E tinha uma queda por Jack esse tempo todo?

– De vez em quando. Eu a canalizava para outras coisas, ou a reprimi, por causa da regra. Mas recentemente foi ficando mais problemático, digo, essa história de canalizar e reprimir. Deus! – Emma deu um tapa no próprio rosto. – Como sou idiota.

– Sua vadia! – exclamou Mac, com a cara fechada e os braços cruzados. – Você quase fez sexo com um homem com quem eu nunca fiz. Que tipo de amiga você é?

Emma baixou um pouco a cabeça e esboçou um sorriso.

– Eu pedi desculpas.

– Posso até perdoar você, mas só depois que me contar todos os detalhes, de forma coerente, sem deixar passar nada. – Pegando no braço da amiga, Mac fez o resto do percurso até a mansão correndo. – O que significa que será depois do café, ou seja, depois de malharmos.

– Podíamos pular essa parte da malhação e ir direto tomar café.

– Não, eu estou super a fim de puxar ferro. – Mac entrou pela porta lateral da mansão e foi até a escada. Quando chegaram ao terceiro andar, viram Laurel e Parker saindo da academia. – Em beijou Jack e eles quase fizeram sexo.

– O quê? – perguntaram as duas, em uníssono.

– Não posso falar disso agora. Ainda não tomei café. Não posso falar disso até tomar um e comer pelo menos uma panqueca. – Com uma cara de insatisfação, Emma foi para o elíptico.

– Panquecas. Vou pedir para a Sra. G fazer – disse Laurel de saída.

– Jack? Jack Cooke? – perguntou Parker.

Mac flexionou os braços e foi fazer sua musculação.

– Foi o que eu disse.

Quando se sentaram à mesa, e Emma já tomava sua primeira xícara de café, Mac ergueu a mão.

– Deixe que eu conto a primeira parte, porque vou ser mais rápida e você já terá normalizado suas células cerebrais quando eu tiver acabado. Bom, Emma tinha tesão por Jack, mas achava que ele e eu havíamos tido um rolo, que incluía sexo, anos atrás, então, por causa da regra de não envolvimento com os ex, ela sofreu em silêncio.

– Não estava sofrendo esse tempo todo.

– Sou eu que estou contando. Então, na recepção do casamento da Noiva Monstro Vaca, Jack mandou essa: "Ah, você está tão estressada, vou fazer uma massagem nos seus ombros", e depois tascou-lhe um baita beijo. Aí Parker mandou uma mensagem pelo rádio chamando-a.

– Ah, então foi por isso que achei que tinha algo errado com você. Obrigada, Sra. G. – Parker lançou um sorriso para a Sra. G e pegou uma panqueca da travessa que ela havia deixado sobre a mesa.

– Então, ontem à noite, depois de esperar uma semana inteira, ela foi até a casa de Jack tirar satisfação. Uma coisa levou a outra e eles acabaram rolando no chão, nus.

– Seminus. Talvez nem isso. Eu diria que um quarto nus – calculou Emma. – Se tanto.

– Hoje de manhã nossa amiga me pediu desculpas por quase ter feito sexo com meu ex imaginário.

– É assim que deve ser – interveio a Sra. Grady. – Nenhuma amiga deve se insinuar para o homem da outra, mesmo que ela tenha lhe dado um pé na bunda.

– Pois foi mais ou menos isso que aconteceu – começou Emma, encolhendo-se diante do olhar frio da Sra. Grady. – Pedi desculpas e interrompi as coisas antes que efetivamente...

– Isso porque é uma boa menina, de coração honesto. Agora coma um pouco de fruta. Está fresquinha. O sexo fica melhor quando se tem uma alimentação saudável.

– Sim, senhora – respondeu Emma, pegando um pedacinho de abacaxi.

– O que não entendo é o motivo de você achar que Mac teria dormido com Jack – disse Laurel, pondo calda na sua panqueca. – Se tivesse feito isso, teria se gabado e falaria disso até querermos matá-la.

– Não, eu não ia fazer isso.

– Naquela época, teria feito, sim.

Mac pensou um pouco.

– É verdade. Naquela época eu teria feito isso. Mas amadureci.

– E foi quente o bastante?

– Extremamente. Jack atingiu o grau máximo lá na escada. Depois, bateu o recorde.

Ainda comendo, Parker assentiu.

– Ele beija excepcionalmente bem.

– É mesmo. Ele... Como é que você sabe?

Parker se limitou a dar um sorriso, e Emma ficou boquiaberta.

– *Você*? Você e Jack? Quando? Como?

– Que coisa mais desagradável – murmurou Mac –, essa história de outra das minhas melhores amigas se envolver com meu ex imaginário...

– Foram dois beijos, no meu primeiro ano em Yale, depois que nos encontramos por acaso numa festa e ele me acompanhou de volta ao dormitório. Foi muito bom. Mas por mais que o beijo dele seja incrível, foi meio como beijar meu irmão. E por mais que o meu beijo também seja incrível, creio que ele se sentiu como se estivesse beijando a irmã. Então deixamos essa história para lá. Provavelmente isso não acontece entre vocês.

– O que fizemos não parece nada com o que os irmãos fazem. Por que nunca nos contou que havia beijado Jack?

– Não sabia que tínhamos que informar sobre cada cara que já beijamos. Mas posso fazer uma lista.

Emma riu.

– Tenho certeza disso. E você, Laurel? Teve alguma coisa com Jack que queira nos contar?

– Sinto-me muito aborrecida e rejeitada por ter que confessar que não. Não tivemos nem mesmo algo imaginário. Ele podia ao menos ter me paquerado uma vezinha só nesses anos todos. Que safado! E você, Sra. G?

– Deu-me beijos muito bons sob o visgo em alguns Natais. Mas como não sou dessas que deixam o sujeito se apaixonar e o abandonam, eu o liberei logo para não partir seu coração.

– Eu diria que Em planeja laçá-lo com uma corda bem apertada – observou Mac, arqueando as sobrancelhas. – E acho que ele não conhece nenhuma prece contra o terrível poder de Emmaline.

– Não sei. Preciso pensar. É complicado. Ele é amigo. Nosso amigo. E o melhor amigo do Del.

Del é seu irmão – prosseguiu, dirigindo-se a Parker – e quase um irmão para nós também. Somos todos amigos *e* parceiros de trabalho. Del é nosso advogado, e Jack nos socorre quando precisamos dele. Além do mais, ele está projetando as reformas. Temos todas essas relações, e todas conectadas.

– E nada conecta mais as relações que o sexo – sentenciou Mac.

– Exatamente. O que aconteceria se acabássemos enveredando por esse caminho e as coisas não dessem certo? Ficaríamos desconfortáveis um com o outro, o que faria os demais ficarem incomodados também. Temos um bom equilíbrio, não é? Não vale a pena desequilibrar as coisas por causa de sexo.

– Não precisa fazer sexo imediatamente – comentou a Sra. Grady, meneando a cabeça. – Vocês, jovens, pensam demais! Vou lavar a louça.

Emma fechou a cara.

– Ela acha que estou sendo uma idiota, mas só o que quero é que ninguém saia magoado.

– Então, dite as regras do jogo. O que esperam um do outro e como vão lidar com possíveis problemas.

– Que tipo de regras são essas?

Parker deu de ombros.

– Isso é você quem tem que decidir, Em.

capítulosete

EM SUA MESA DE TRABALHO, com uma relaxante música new age de fundo, Emma preparava uma embalagem para entrega. Para a despedida de solteira do meio da semana, fora da empresa, decidiu que faria algo divertido e feminino. As gérberas cairiam como uma luva.

Deu uma olhada no último arranjo e cortou a extremidade inferior dos caules na água. Frescas e lindas, pensou, transferindo as flores para uma mistura de água, fertilizante e conservantes.

Levou a primeira leva de flores para a câmara fria, a fim de que se reidratassem. Quando ia transferir a segunda leva, ouviu Parker chamá-la.

– Estou aqui dentro!

Parker entrou e viu as flores, as folhagens, as cestas e as ferramentas.

– São para a despedida de solteira da McNickey?

– Isso mesmo. Olhe só as cores dessas gérberas. Vão de tons mais pálidos até os mais vibrantes. Vão ficar perfeitas!

– O que vai fazer com elas?

– Para o centro de mesa, vou usar três vasos com arbustos simetricamente podados, cobertos com folhas de limoeiro. Trabalharei com flores-de-cera, acácias e fitas. A cliente quer outros arranjos, um mais elaborado para a mesa da entrada, outro com velas, para pôr na lareira, e algo delicado, cheiroso e bonito para o vestíbulo. Preciso estar com tudo pronto antes da minha reunião das onze. Estou preparando tudo.

– Festivo e feminino – observou Parker, examinando a mesa de trabalho. – Sei que está abarrotada de coisas para fazer, mas será que daria para incluir outro evento externo na sua programação?

– Quando?

– Na próxima quinta-feira. Eu sei... – disse Parker quando Emma a olhou com frieza. – A cliente ligou para o número geral da empresa e como eu sabia que você estava atoladíssima, não repassei a ligação. Ela veio ao casamento dos Folk-Harrigan. Disse que não conseguia esquecer as flores, o que é mais um ponto a nosso favor e contra a Noiva Monstro Vaca.

– Só está dizendo isso para que eu aceite.

– É verdade. Ela pensou em comprar umas flores cortadas e pôr em vasos, mas depois que viu seu trabalho, ficou fascinada. Não consegue esquecer como eram bonitas.

– Pare com isso.

– Como eram maravilhosas, criativas, perfeitas.

– Parker, sua desgraçada.

– Ela não conseguiu dormir, comer ou fazer qualquer outra coisa de maneira normal depois que viu o que você podia fazer com as flores.

– Eu odeio você. Que tipo de evento vai ser? Sabe o que ela está querendo?

O sorriso que Parker esboçou era, ao mesmo tempo, presunçoso e compreensivo, o que para Emma era uma das maiores qualidades da amiga.

– É um chá de bebê, e acho que quer algo parecido com o que está fazendo aqui. A não ser pelo arranjo para a lareira. Quer algo bem feminino, pois o bebê é menina. Acho que está esperando muito cor-de-rosa. Mas me disse que confia no seu bom gosto.

– Está muito em cima. Preciso ver o que minha fornecedora teria condições de entregar. E tenho que ver como está a agenda da semana que vem.

– Já fiz isso. Tem o dia cheio na segunda, mas tem um intervalo na terça. Na quarta pode começar a planejar o evento da sexta; na quinta, o de sábado. Tink vem ajudar você nesses dois dias, então não acha possível assumirem mais esse compromisso? É para a nora dela – acrescentou Parker. – Vai ser sua primeira netinha.

Emma suspirou.

– Você sabia que eu acabaria aceitando.

– É, sabia – respondeu Parker, dando uns tapinhas no ombro da amiga. – Se precisar de mais ajuda, pode ligar para Tiffany ou Beach.

– Tink e eu nos viramos sozinhas. – Emma transportou mais uma leva para a câmara fria e voltou para finalizar o trabalho. – Vou ligar para a cliente assim que terminar aqui para ter certeza do que ela quer. Depois vou cuidar para que tudo transcorra da melhor forma possível.

– Deixei o nome e o telefone dela em cima da mesa.

– Como era de se esperar. Mas não pense que isso vai sair de graça, viu?

– Qual o seu preço?

– Ligaram lá da oficina. O carro já foi consertado, mas não tenho como ir buscá-lo hoje. E amanhã também tenho um dia cheio.

– Eu faço isso.

– Sabia que faria. – Olhando para a bandeja repleta de flores, Emma coçou a nuca. – Posso dedicar o tempo que vai me poupar ao evento da futura vovó.

– Vou ligar para tranquilizá-la e direi que em breve você entrará em contato. Aliás, falou com Jack?

– Não. Estou em fase de reflexão e meditação. Se falasse com ele agora, começaria a pensar que ia adorar me jogar em cima dele. O que, na verdade, é o que estou pensando neste exato momento, já que tocou no assunto.

– Quer que eu a deixe uns instantes sozinha?

– Muito engraçadinha. Eu disse a ele que tínhamos que pensar, então eu estou pensando. – Franziu a testa e disse, num tom um pouco afetado: – Sexo não é tudo.

– Como você pratica mais que eu, e tem mais oportunidades de continuar praticando, tenho que me curvar perante seus conhecimentos.

– Isso é porque não intimido ninguém – disse Emma, olhando de rabo de olho para Parker. – E

não receba isso como um insulto.

– Não me importo de intimidar as pessoas. Isso me poupa tempo. Aliás – prosseguiu, dando uma olhada no relógio –, tenho que ir agora. Vou à cidade me encontrar com uma noiva. Mac está indo fazer uma entrega. Vou correr para tentar pegar uma carona com ela e pedir que me deixe na oficina. Devo estar de volta às quatro. Não se esqueça de que temos uma reunião marcada para o fim da tarde, às seis e meia.

– Está tudo anotado na minha agenda.

– Vejo você mais tarde, então. Obrigada, Emma. Obrigada mesmo – acrescentou Parker e saiu correndo.

Quando se viu sozinha, Emma limpou sua mesa de trabalho antes de passar o antisséptico que ela usava como outras mulheres usam creme para as mãos. Depois de tratar dos cortes e arranhões, foi se preparar para a reunião.

Satisfeita com a seleção de arranjos, os álbuns de fotos e as revistas, ligou para o número que Parker tinha deixado ali... e fez a alegria da futura vovó. Enquanto conversavam, Emma foi fazendo anotações, cálculos do número de minirrosas e dos copos-de-leite que usaria. As rosinhas seriam cor-de-rosa; os copos-de-leite, brancos. Fez mais cálculos mentais para saber quanto gastaria de material para projetar o arranjo maior. Copos-de-leite, rosas do tipo Bianca e rosas cor-de-rosa em botão para fazer arranjos.

Se tivesse conseguido interpretar corretamente o desejo da cliente, a ornamentação devia ser doce, feminina, mas com toques elegantes. Além disso tudo, anotou também a hora e o lugar da entrega, e prometeu à futura avó enviar por e-mail o contrato detalhado até o meio da tarde.

Calculando o tempo que lhe restava, deu uma ligada rápida para sua fornecedora e depois foi depressa trocar a roupa de trabalho por um terninho.

Enquanto retocava a maquiagem, ficou pensando se Jack estaria refletindo, ponderando sobre aquele assunto.

De impulso, sentou-se diante do computador para mandar-lhe um e-mail.

Continuo pensando. E você?

Clicou para enviar antes que pudesse mudar de ideia.

Jack estava no escritório, verificando as mudanças que o sócio fizera num projeto. Aqueles clientes não paravam de mudar de ideia. Eles queriam algo imponente, pensou, e tinham lhes dado isso. Também queriam seis lareiras. Até decidirem que precisavam de nove. E de um elevador.

A última mudança dizia respeito à piscina. Queriam que ela fosse coberta para que pudesse ser usada o ano todo e que se ligasse à casa por meio de um caminho também coberto.

Belo trabalho, Chip, pensou ele, apesar de ter feito umas pequenas mudanças. Avaliou o resultado, depois foi dar uma olhada nos desenhos do engenheiro civil.

Ótimo, decidiu. Muito, muito bom. A dignidade do estilo colonial georgiano não havia sido

comprometida. E o cliente poderia dar suas braçadas no inverno.

Todos ficariam felizes.

Ia mandar um e-mail para explicar os desenhos e submetê-los à aprovação do cliente quando viu que tinha recebido uma mensagem de Emma.

Clicou para abri-lo e leu a única linha escrita.

Estaria de brincadeira?

Era uma luta fazer com que seus pensamentos não girassem em torno dela – particularmente em torno dela nua. Tudo o que fizera de manhã tinha lhe tomado o dobro do tempo habitual *porque* estava pensando nela.

Decidiu, no entanto, que não fazia sentido lhe dizer isso. Como deveria responder? Inclinou a cabeça e sorriu ao apertar a tecla "responder".

Estou pensando que você deveria vir aqui esta noite usando apenas uma capa com reforço acolchoado para os cotovelos.

Depois de apertar "enviar", recostou-se e ficou imaginando, em detalhes, como Emma ficaria vestida apenas com uma capa. Talvez com um sapato de salto bem alto. Vermelho. E quando ele desamarrasse o cinto...

– Terra chamando Jack.

Com a mente ainda ocupada em abrir aquela capa – curta e preta –, Jack ficou olhando para Del.

– Ei, onde é que você estava?

– Ah... só trabalhando. Em alguns projetos. – Merda. Tentou ativar o protetor de tela. – E você, não tem nada para fazer?

– Estou a caminho da câmara, e seu café é melhor que o de lá.

Del foi até a máquina que ficava em cima da bancada e se serviu de uma xícara de café.

– Pronto para perder?

– Perder o quê?

– É a Noite do Pôquer e sinto que estou com sorte.

– Noite do Pôquer.

Com as sobrancelhas erguidas, Del ficou olhando para ele.

– Em que diabos está trabalhando? Parece até que está em outra dimensão!

– O que mostra minha incrível habilidade de concentração neste projeto. É o mesmo que farei esta noite com o pôquer. Vai precisar de algo mais do que essa sensação de que está com sorte.

– Faço uma aposta de 100 pratas por fora.

– Fechado!

Del ergueu um brinde para o amigo e tomou um gole.

– Como estão indo as reformas do quarteto?

– Dei umas mexidas no projeto de Mac e Carter e gostei bastante. Só preciso aprimorar um pouco mais.

– Que bom. E está fazendo progressos com Emma?

– O quê? Estou o quê?

– A outra câmara fria da Emma.

– Ainda não. Mas... não deve ser lá muito complicado.

Então, por que estava sendo?, pensou Jack. Por que se sentia mentindo para o melhor amigo?

– O simples sempre dá certo. Tenho que ir bancar o advogado. – Del deixou a xícara ali e se dirigiu para a porta. – Vejo você mais tarde. Ah, e tente não chorar quando tiver que me pagar as 100 pratas. Vai ser meio vergonhoso.

Jack mostrou o dedo médio, o que fez Del ir embora rindo.

Depois de esperar por dez segundos inteiros, de orelha em pé para tentar perceber se o amigo tinha ido embora mesmo, Jack voltou ao e-mail.

Ainda não havia nenhuma resposta de Emma.

Como podia ter esquecido que era a Noite do Pôquer? Esse tipo de coisa estava mais do que gravada em sua memória. Pizza, cerveja, charutos, cartas. Só homens. Uma tradição, talvez até um ritual, que ele e Del haviam criado ainda na faculdade.

A Noite do Pôquer era sagrada.

E se ela dissesse que viria? Que bateria à sua porta esta noite?

Pensou em Emma com a capa preta e os saltos altos vermelhos.

Pensou nos seus bons amigos, na cerveja gelada e nas cartas.

É claro que só havia uma resposta, pensou. Se ela respondesse dizendo que viria, teria que arranjar uma desculpa.

Diria a Del que estava com uma diarreia violenta.

Nenhum homem, morto ou vivo, poderia culpá-lo.

Mac virou-se para Parker, que estava no carro ao seu lado, indo para Greenwich.

– E aí? Agora que estamos só nós duas, diga-me o que acha dessa história de Emma e Jack.

– Os dois são adultos, solteiros e saudáveis.

– Ah! Quero saber o que você acha de verdade.

Parker deixou escapar um suspiro e terminou com uma risada meio reticente.

– Não tinha percebido nada, e olha que me acho bem esperta para essas coisas. E se eu achei estranho, imagino que deve ter sido estranhíssmo para vocês também.

– Estranhíssimo no mau sentido?

– Não, não. Só no sentido de inusitado. Nós somos quatro; e eles, dois: Jack e Del. Juntos, somos seis. Bem, sete, com Carter, mas isso tudo remonta a um período pré-Carter. Há anos que participamos da vida pessoal e profissional uns dos outros. Se pensarmos em Del e nós quatro, isso acontece desde sempre. Mas já tem o quê? Mais de uma década que Jack se juntou a nós. Quando a gente pensa num homem como irmão, fica mais difícil admitir que nem todos do mesmo grupo sintam a mesma coisa. Para mim, é quase tão estranho quanto se uma de nós o detestasse.

– É isso que está deixando Emma preocupada.

– Já percebi.

– Eles estão na maior paixão, o que é ótimo, mas algum dia as coisas vão esfriar. Talvez aconteça antes com um do que com o outro, o que é bem esquisito. – Mac deu uma olhada nos retrovisores antes de passar para a outra pista. – Será que aquele ainda está em plena paixão fica magoado ou se sente traído de alguma forma?

– Sentimentos são sentimentos. Não consigo entender por que as pessoas culpam os outros pelo que elas mesmas sentem.

– Talvez seja complicado mesmo, mas é o que acontece. E Emma é supersensível nesse ponto. Leva o maior jeito com os homens, tiro o meu chapéu para ela, mas *morre de pena* do cara se não... sente nada por ele. Você sabe como é.

– Sei, sim. – Como já estavam perto da oficina, Parker voltou a calçar os sapatos que havia tirado ao se sentar. – Ela acaba saindo com o cara uma segunda vez, uma terceira, uma quarta... mesmo que já tenha percebido, no primeiro encontro, que não se interessava por ele. Isso tudo só porque não quer magoá-lo.

– Mesmo assim, ela já namorou mais que nós três juntas. No período pré-Carter – acrescentou Mac. – E quase sempre consegue dispensar o sujeito sem causar danos ao seu ego. Pode acreditar, ela leva jeito.

– Mas com Jack é diferente, os dois são muito próximos. Ela o adora.

– Você acha...

– Todas *nós* o adoramos – atalhou Parker.

– Ah, nesse sentido é verdade.

– Deve ser difícil terminar uma relação com alguém por quem você tem o maior carinho. E no caso de Emma, ela está tentando resolver essa questão antes que essa história fique mais séria. Ela nem considera a possibilidade de magoá-lo.

– Às vezes, eu adoraria ser tão gente boa quanto Emma, mas nem sempre. Dá muito trabalho – observou Mac, enquanto estavam paradas no sinal.

– Mas você é assim em várias ocasiões. Já eu intimido os outros.

Mac deu um risinho debochado.

– Ah, verdade. Morro de medo de você, Parks – disse ela, arrancando quando o sinal abriu. – Mas você consegue ser bem assustadora quando veste o manto de Parker Brown, uma dos Browns de Connecticut. E basta abaná-lo um pouquinho para um monte de gente cair fulminada.

– Fulminada, não. Talvez temporariamente sem sentidos.

– Você acabou com Linda – comentou Mac, referindo-se à própria mãe.

– Aquilo foi obra sua. Foi você que a enfrentou.

Mac negou com a cabeça.

– Já a havia enfrentado antes. Talvez não como dessa última vez, com tanta firmeza. Mas se fui eu que comecei, quem liquidou com ela mesmo foi você. E ainda teve Carter, que, meu Deus, *bonzinho* como é, não se deixa afetar pelas coisas que ela apronta. Além disso, Linda está sendo paparicada pelo noivo rico dela lá em Nova York. Resultado? Minha vida ficou bem mais fácil.

– Vocês se falaram depois daquele dia?

– Engraçado você perguntar isso. Ela ligou hoje de manhã e falou comigo como se aquela briga feia nunca tivesse acontecido. Ela e Ari meio que decidiram fugir para casar. Os dois pombinhos estão indo de avião para o lago de Como no mês que vem, e o casamento vai ser na *villa* de um dos maiores amigos de Ari, assim que Linda tiver planejado todos os detalhes, o que, acredito, é a ideia que ela faz de fugir para casar.

– Meu Deus, só falta você me dizer que o tal amigo é o George Clooney. Acho que vou a esse casamento.

– Antes fosse. De qualquer jeito, não acredito que sejamos convidadas. Ela praticamente só telefonou para deixar bem claro que o casamento dela vai ser muito melhor do que se fosse organizado pela Votos.

– E o que você disse?

– *Buona fortuna*.

– Disse isso mesmo?

– Claro. E fiquei me sentindo ótima. É verdade, eu lhe desejo sorte. Se ela for feliz com esse tal de Ari, finalmente vai me deixar em paz. Então... – Mac dobrou em uma rua, mais uma e outra ainda e parou o carro no estacionamento da oficina de Kavanaugh. – Está tudo perfeito. Quer que eu espere, só por garantia?

– Não, pode ir. Nós nos vemos na mansão para a reunião de hoje à noite.

Parker desceu do carro e ajeitou o portfólio na mão enquanto olhava o relógio. Bem na hora.

Passou os olhos pelo prédio comprido que abrigava o que parecia ser vários escritórios ligados a uma oficina enorme. À medida que ia chegando mais perto, começou a ouvir o zumbido de alguma espécie de compressor e, pela porta aberta, viu as pernas, os quadris e boa parte do torso do mecânico que trabalhava num carro erguido por um elevador.

Deu umas espiada nas prateleiras, que continham, pelo que presumiu, peças e outras parafernálias, conjuntos de ferramentas. Viu também tanques e mangueiras.

Sentiu cheiro de óleo e de suor, o que não chegava a incomodá-la. Eram cheiros de trabalho, odores produtivos, algo que aprovava, principalmente depois que viu o carro de Emma parado ali no estacionamento, limpíssimo e lustroso.

Curiosa, resolveu ir até lá. Os cromados reluziam ao sol e, pelas janelas, percebeu a meticulosa atenção dada a cada detalhe.

Se o motor do carro estiver tão bom, pensou ela, quanto a aparência dele, passaria a trazer o seu para essa oficina em vez de levá-lo à autorizada para a próxima revisão.

Atravessou o pátio, dirigindo-se ao escritório para pagar a conta e pegar a chave.

Ali dentro, uma mulher com o cabelo mais laranja que ruivo estava sentada numa banqueta, diante da parte mais curta do balcão em forma de L, digitando com dois dedos no teclado de um computador.

Tinha as sobrancelhas franzidas e a boca meio retorcida, de um jeito que fez Parker logo perceber que ela e o computador não se entendiam lá muito bem.

A mulher parou, olhou para Parker por cima de uns óculos verdes-claros.

– Pois não?

– Vim buscar o carro de Emmaline Grant.

– Você é Parker Brown?

– Sou.

– Ela disse que era você que viria buscar o carro.

Como a mulher não se mexia e continuava só a fitá-la por cima dos óculos, Parker sorriu de um jeito educado e perguntou: – Quer ver minha identidade?

– Não. Ela disse como você era quando eu perguntei. E você é exatamente do jeito que ela descreveu.

– Bom, então, se puder me dar a conta...

– É o que estou preparando – disse a outra, remexendo-se no banquinho e recomeçando a digitar. – Não quer se sentar? Não vai demorar muito. Seria mais rápido se eu pudesse simplesmente preencher um bloquinho de recibos, mas Mal insiste em ser desse jeito.

– Tudo bem.

– Se quiser beber alguma coisa, tem umas máquinas logo ali depois daquela porta.

Parker pensou na cliente que encontraria, na distância até a loja de noivas e no trânsito.

– Você disse que não ia demorar.

– E não vai. Só estou dizendo... O que que essa maldita criatura quer de mim? – exclamou a mulher, passando as unhas compridas e vermelhas pelo cabelo laranja todo arrepiado. – Por que ela não cospe essa droga logo de uma vez?

– Será que eu... – principiou Parker, debruçando-se no balcão para olhar a tela. – Acho que já sei o que é. Aponte a setinha para esse lugar e clique com o mouse – prosseguiu ela, batendo com o dedo num ponto da tela. – Ótimo. Está vendo onde está escrito imprimir? Clique aí. Pronto. Agora clique em ok.

Parker voltou à posição inicial quando a impressora deu sinal de vida.

– É isso aí.

– Clique aqui, clique ali... Como é que a gente pode lembrar onde clicar primeiro? – Mas, pela primeira vez, ela olhou por cima do balcão e sorriu. Seus olhos eram de um verde tão forte e cativante quanto o aro dos óculos. – Obrigada.

– De nada.

Parker pegou a nota, soltou um ligeiro suspiro quando começou a lê-la: bateria nova, regulagem, distribuidor, troca de óleo, correias, alinhamento e balanceamento das rodas, pastilhas de freio.

– Não estou vendo a cobrança do polimento.

– É de graça para os clientes novos. Cortesia da casa.

– Que simpático – disse Parker, pagando a conta e enfiando a sua via num dos compartimentos da bolsa. Pegou as chaves. – Obrigada.

– Não há de quê. Volte sempre que precisar.

– Acho que vou voltar, sim.

Saiu do escritório e foi se dirigindo ao carro de Emma, destravando o alarme.

– Ei, espere aí.

Ela parou e se virou. Reconheceu as pernas, os quadris e o torso que vira debaixo do tal carro lá na garagem. Agora via também um peitoral e os ombros. A brisa leve da primavera soprava um cabelo escuro, que estava precisando de um corte, despenteado pelo trabalho ou por relaxamento. Parker achou que aquele cabelo combinava com as linhas retas e fortes do rosto do homem e com a sombra escura, o que demonstrava que fazia uns dois dias que ele não se barbeava.

Percebeu tudo aquilo num só relance, como percebeu também os contornos rígidos da boca dele e o verde intenso dos olhos que transmitiam um gênio forte.

Teria baixado os olhos se não houvesse sido forçada a olhar para cima quando ele parou à sua frente. Ergueu um pouco a cabeça, encarou aqueles olhos e disse no tom mais tranquilo que seria capaz de adotar: – Sim?

– Você acha que só precisa de uma chave e de uma carteira de motorista?

– Como é?

– Os cabos da sua bateria estavam completamente corroídos; o seu óleo, pegajoso. Seus pneus estavam baixos e as malditas pastilhas de freio tinham praticamente desaparecido. Aposto que não passa um dia sem se encher desses cremes caríssimos.

– Não estou entendendo...

– Mas não se dá o trabalho de cuidar do próprio carro. Isso aí estava uma verdadeira desgraça, minha senhora. É provável que a senhora passe mais tempo cuidando desses sapatos do que da manutenção dele.

Seus sapatos? O que ele tinha a ver com os seus sapatos?, pensou Parker. Mas manteve um tom calmo, ostensivamente calmo.

– Acho ótimo ver a paixão que o senhor tem pelo seu trabalho, mas duvido que seu patrão aprove o jeito como fala com os clientes.

– O patrão sou eu e não vejo problema nenhum nisso.

– Ah, entendo. Sabe, Sr. Kavanaugh, o senhor tem um sistema de trabalho bem interessante. Agora, com licença, eu tenho que ir.

– Não existe desculpa para o seu descaso com esse veículo. Eu o deixei impecável, Srta. Grant, mas...

– Brown – atalhou ela. – Srta. Brown.

O rapaz estreitou os olhos, observando o seu rosto.

– A irmã de Del. Devia ter percebido. Quem é Emmaline Grant?

– Minha sócia.

– Ótimo. Transmita a ela o que eu lhe disse. Esse carro é ótimo, merece ser mais bem-tratado.

– Pode deixar, transmito, sim.

Parker estendeu a mão, mas ele foi mais rápido e abriu a porta. Ela entrou, pôs a bolsa no banco do carona, prendeu o cinto. Depois, ergueu um bloco de gelo entre ambos com um "Obrigada".

Ele sorriu e retrucou, mais rápido que um raio:

– Vá para o inferno, é o que quer dizer. Dirija com atenção – acrescentou, e fechou a porta.

Parker virou a chave na ignição e se viu levemente desapontada quando o motor ronronou como um gatinho. Quando ia saindo, olhou pelo retrovisor: ele estava parado no mesmo lugar,

vendo-a se afastar.

Um grosso, pensou ela, incrivelmente grosso. Mas, aparentemente, era bom no que fazia.

Quando estacionou perto da loja de noivas onde se encontraria com a cliente, tirou da bolsa o BlackBerry para mandar um e-mail para Emma.

Em. O carro está pronto. Está lindo e funcionando como eu nunca vi desde que você o comprou. Está me devendo mais que a conta. Falamos disso hoje à noite. P.



Em casa, Emma estava aproveitando o tempo entre um cliente e outro para redigir contratos bem detalhados. Adorou as escolhas da última cliente, a noiva de dezembro. Cores, cores e mais cores, pensou. Seria um prazer trabalhar em pleno inverno com coisas tão quentes e intensas.

Mandou o contrato para a cliente aprovar, com cópia para o arquivo da Votos. Sorriu ao ver surgir um e-mail de Jack. Depois soltou uma risada quando o leu.

– "Uma capa com reforço acolchoado para os cotovelos". Ótimo. Vamos ver...

Você vai ter que escolher entre os meus reforços acolchoados de cotovelo em renda vermelha e o conjunto de veludo preto. Ou posso simplesmente lhe fazer uma surpresa. Vou experimentar os dois mais tarde com a minha coleção de capas. Tem uma que é a minha favorita. Ela é preta, com um brilho que a faz parecer sempre... molhada.

Infelizmente hoje não vai dar para mim. Mas isso nos dá um pouco mais de tempo para pensar.

– Isso deve lhe dar alguns momentos – murmurou ela, e clicou em "enviar".

capítulo oito

Às seis horas, Emma entrou na cozinha, vindo do vestíbulo, enquanto Parker chegava pelo corredor.

– Parece até que cronometramos! Tudo bem, Sra. G?

– Salada Caesar com tiras de frango grelhado – anunciou a Sra. Grady. – Vocês vão comer aqui mesmo. Não vou pôr a mesa da sala de jantar porque sei que vão ficar entrando e saindo, pegando uma coisa ou outra.

– Sim, senhora. Trabalhei direto, nem parei para almoçar. Estou faminta.

– Tomem uma taça de vinho – prosseguiu a Sra. Grady, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Parker. – Essa aí está precisando.

– Não estou precisando nada – retrucou Parker, mas pegou uma das taças que a Sra. Grady tinha enchido. – Sua conta.

Emma olhou direto para a última linha e franziu a testa.

– Uau! Acho que mereço isto.

– Talvez. Mas *eu* não merecia a bronca do dono da oficina que me confundiu com você.

– Oh, oh! Em que hospital ele está? Acho que devo mandar umas flores.

– Ele escapou ileso. Em parte porque eu estava em cima da hora e não tinha tempo para lhe dar uma surra. Por outro lado, seu carro também estava um luxo, por dentro e por fora. Cortesia para clientes novos, o que foi um ponto a favor dele. – Depois de uma pausa e de mais um gole de vinho, Parker prosseguiu, dirigindo-se à Sra. G:

– A senhora conhece todo mundo, não é?

– Querendo ou não. Sentem-se e comam. – Quando todas já estavam sentadas, a Sra. Grady se acomodou numa das banquetas e pegou também uma taça de vinho. – Quer informações sobre o jovem Malcolm Kavanaugh? Ele não é nada fácil. Filho de militar. O pai morreu lá do outro lado do oceano quando ele ainda era pequeno. Tinha uns 10 ou 12 anos, acho. O que pode ter contribuído para ele ser desse jeito. A mãe teve muito trabalho para mantê-lo na linha. Ela trabalhava como garçonete lá no Artie's da avenida principal. Era irmã do dono e foi por isso que veio para cá quando perdeu o marido.

A Sra. Grady tomou um gole de vinho e recuou um pouquinho na banqueta para contar o resto da história:

– Como vocês devem saber, Artie Frank é o maior babaca e a mulher dele, uma chata, esnobe. O que diziam era que Artie decidiu assumir a criação do sobrinho, e o garoto fez o que pôde para se livrar das garras dele. No que fez muito bem – acrescentou ela, com certo tom de desprezo. – Ele

se mandou, para participar de corridas de carro ou moto, qualquer coisa assim. Acho que também andou fazendo algum trabalho no cinema. Pelo que sei, teve sucesso nisso. E fez questão de que a mãe ficasse com parte de tudo o que estava conseguindo.

– Bom, acho que isso depõe a favor dele – admitiu Parker.

– Ele se acidentou numa dessas cenas de cinema e acabou ganhando algum dinheiro por causa disso. Usou a indenização para comprar a oficina, uns três anos atrás. E também comprou uma casinha para a mãe. Construiu um negócio sólido, pelo que me disseram, e continua sendo uma pessoa difícil.

– Para mim, ele teve sucesso com a oficina graças à sua habilidade com motores, e não com clientes.

– Você ficou mesmo furiosa – comentou Emma.

– Consigo superar isso desde que ele continue trabalhando bem. – Parker olhou para a porta por onde Laurel vinha entrando. – E pronto.

– O café e os biscoitos já estão lá. Algumas de nós não têm tempo para ficar sentadas, comendo e fazendo fofoca antes de uma hora marcada com um cliente – disse Laurel, franzindo a testa e passando os dedos pelo cabelo. – E ainda por cima bebendo.

– Parker estava irritada porque...

– Já ouvi essa história toda – atalhou Laurel, servindo-se de meia taça de vinho. – Quero novidades. Como andam as coisas com Jack?

– Acho que estamos fazendo sexo virtual. Ainda é o comecinho das preliminares, por isso não sei exatamente o rumo que isso tudo vai tomar.

– Nunca fiz sexo virtual. Nunca gostei de alguém a ponto de fazer isso – disse Laurel, balançando a cabeça, pensativa. – Isso parece bem estranho. Gosto de um cara o bastante para fazer sexo de verdade, mas não virtual?

– Porque é um jogo – observou Emma, levantando-se para dar a Laurel metade da sua salada. – Você pode gostar de um homem a ponto de querer ir para a cama com ele, mas pode não querer brincar com ele.

– Faz sentido, de um jeito estranho, mas faz. – Laurel assentiu, atacando a salada. – Aliás, no que se refere a homens, tudo o que você diz faz sentido, de um jeito estranho.

– E é óbvio que ela gosta de Jack o bastante para brincar com ele – acrescentou Parker.

– Jack tem senso de humor, uma das coisas de que sempre gostei nele. E que acho atraente. – Os lábios dela se curvaram mostrando um sorriso espontâneo. – Vamos ver até que ponto levamos essa brincadeira adiante.

Na sala de estar, diante de uma mesa com café e *macarons* feitos por Laurel, Parker comandou a reunião com o casal de noivos e suas respectivas mães.

– Como expliquei a Mandy e Seth, nós da Votos vamos moldar nossos serviços para atender às suas necessidades. Para que tudo saia do jeito que vocês querem. Nosso objetivo, tanto em

conjunto quanto individualmente, é lhes oferecer o casamento perfeito. *Seu* casamento perfeito. Ora, quando nos falamos pela última vez, vocês ainda não tinham marcado a data, mas sabiam que queriam que fosse à noite e no jardim.

Começaram a tratar de datas, mas Emma mal os ouvia.

Ficava se perguntando se Jack já teria visto o e-mail.

A noiva queria romantismo. Não era isso que todas queriam?, pensou Emma. Mas o que chamou sua atenção foi quando ela disse que iria usar o vestido de noiva da avó.

– Trouxe uma foto – declarou Mandy –, mas Seth não pode ver. Então...

– Que tal uma cerveja, Seth?

Ele olhou para Laurel com um risinho.

– Seria ótimo.

– Por que não vem comigo? Vou pegar uma para você. Quando acabar, pode voltar que estaremos à sua disposição novamente.

– Obrigada – disse Mandy, pegando uma pasta grande quando Laurel saiu da sala seguida por Seth. – Sei que parece bobagem.

– De jeito nenhum – atalhou Parker, estendendo a mão para pegar a foto. Sua expressão polida era agora radiante. – Ai, é lindo! Simplesmente deslumbrante! Fim dos anos 1930, início dos 1940, não é?

– Você é boa nisso – observou a mãe da noiva. – Meus pais se casaram em 1941. Ela tinha apenas 18 anos.

– Desde pequena sempre disse que me casaria com o vestido de noiva da vovó. Ele precisa ser ajustado ao meu corpo, e também de alguns consertos, mas vovó cuidou muito bem dele.

– Tem alguma costureira em mente?

– Andamos pensando em Esther Brightman.

Observando a foto com atenção, Parker fez um gesto de aprovação.

– Ela é um gênio. É exatamente quem eu indicaria para esse tipo de trabalho. Mandy, você vai ficar incrível. E, se quiser, poderíamos bolar toda a cerimônia com base no vestido. O glamour da época, com classe. O toque romântico, com estilo. Para o noivo e os padrinhos, fraques em vez dos tradicionais smokings.

– Nossa! Uau! Será que ele vai concordar? – perguntou a Mandy, dirigindo-se à futura sogra.

– Ele vai concordar com qualquer coisa que você queira, meu anjo. Eu, pessoalmente, adoro a ideia. Devíamos procurar vestidos vintage para as damas e as madrinhas.

Emma ficou olhando a foto e de repente alguma coisa lhe ocorreu. Algo fluido, pensou; linhas inspiradas no estilo déco, com a leveza da seda. Ergueu os olhos para observar Mandy e chegou à conclusão de que a futura noiva ia ficar tão bem naquele vestido quanto a avó.

– Posso fazer uma réplica do buquê – disse Emma, quase falando sozinha.

– O quê?! – exclamou Mandy, interrompendo-se no meio de uma frase e voltando a atenção para Emma.

– O buquê... se você quiser, posso fazer uma réplica. Vejam como ela foi esperta, como foi inteligente contrabalançando as linhas fluidas do vestido com uma meia-lua de copos-de-leite

bem grandes. Vocês têm o véu e a tiara?

– Temos, sim.

– Pelo que vejo aqui, ele acabava com uma grinalda de lírios-do-vale. Se gostar da ideia, posso fazer isso também. Só queria mencionar esses detalhes antes que Seth voltasse. Para vocês pensarem a respeito.

– Adoro a ideia! E você, mamãe?

– Minha mãe vai se debulhar em lágrimas. E eu também. Adorei.

– Falaremos mais detalhadamente sobre isso quando tivermos nossa reunião particular. Até lá, enquanto escolhem os vestidos das damas e das madrinhas, se puderem me emprestar as fotos para que eu faça umas cópias ou se quiserem digitalizar e me mandar por e-mail, já posso ver que tipo de flores sua avó escolheu para elas.

Emma devolveu a foto para Mandy.

– Melhor ficar com você.

– Mac, por que não dá a Mandy uma visão geral do que pretende fazer em matéria de fotografia?

– Primeiro, quero ver se reproduzimos o retrato oficial da sua avó. É um clássico e belíssimo. Mas, esta noite, podíamos conversar sobre o que quer para as fotos do noivado.

Iam passando por todos os estágios, passo a passo, com um ritmo que tinham desenvolvido ao longo dos anos. Enquanto falavam das fotos, do bolo, da comida, Emma anotava algumas palavras-chave que a ajudariam a formar uma ideia da noiva, do noivo e do que eles desejavam.

E se seus pensamentos se desviavam na direção de Jack algumas vezes, tratava de lembrar a si mesma que era excelente em fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Quando ela e as sócias levaram os clientes até a porta, estava pronta para escapulir e ver se Jack havia respondido ao e-mail.

– Bom trabalho – disse. – Vou para casa abrir uma pasta relativa a esse evento. Então...

– Tem só mais uma coisa que eu queria dizer – interrompeu Parker. – Quando fui à loja hoje, achei um vestido para Mac.

– Como é que é? – perguntou Mac, olhando para ela. – *Meu* vestido?

– Conheço você e sei bem o que está procurando. E como ele estava lá, dizendo "Sou da Mac", lancei mão dos meus contatos e o trouxe para que você desse sua aprovação. Talvez tenha me equivocado, mas acho que vai querer ao menos experimentá-lo.

– Você trouxe um vestido de noiva para eu experimentar? – Estreitando os olhos, Mac apontava para Parker. – Não era você quem sempre dizia que as noivas deviam provar centenas de vestidos antes de se decidir?

– É, mas você não é como a maioria das noivas. Você sabe de cara o que vai cair bem ou não. Se não gostar, não tem problema. Por que não vamos dar uma olhada nele? Está lá em cima, na suíte da noiva.

– Ah, *temos* que ir lá vê-lo! – exclamou Emma, emocionada com a ideia. Agarrou a mão de Mac e a puxou. – Esperem, precisamos de champanhe. Mas Parker já deve ter pensado nisso também.

– A Sra. G já deve ter levado lá para cima.

– Champanhe e um possível vestido de noiva? – murmurou Mac. – O que estamos esperando? Não vai ficar chateada se eu não gostar, hein? – acrescentou quando já começavam a subir a escada.

– Claro que não. Se não gostar, só vou perceber como o meu gosto é infinitamente superior ao seu. – Com um risinho, Parker abriu a porta da suíte da noiva, onde a Sra. Grady estava servindo as taças de champanhe.

– Ouvi vocês subindo – disse, voltando-se para Parker.

Mac olhava para o vestido pendurado no cabide.

– É lindo – murmurou. – Ele é...

– Tomara que caia – completou Parker. – Achei que ficaria muito bem em você. O corte ligeiramente em A vai favorecer seu tipo físico. Sei que estava inclinada a escolher algo completamente sem adornos, mas acho que estava enganada. O tecido de organza por cima da seda dá um quê de romantismo e suaviza os contornos. E as costas?

Parker pegou o cabide e virou o vestido.

– Eu amei! – exclamou Emma, dando um passo à frente. – O babado vai até o chão, saindo da organza. É fabuloso! Provocante, mas sem exageros. Além disso, o caimento na bunda deve ficar perfeito...

– Na verdade vai até parecer que tem uma – concluiu Laurel. – Vá prová-lo, antes que eu faça isso.

– Só um segundo, este é um momento especial. Ok, é o meu momento. – Mac desabotoou a calça e a deixou cair no chão. Enquanto tirava a roupa, Emma fez um movimento com o dedo indicando que a amiga virasse de costas.

– Não fique de frente para o espelho. Assim vai ficar vendo enquanto o veste e vai perder o efeito surpresa.

– Largando as roupas no chão – observou a Sra. Grady, meneando a cabeça e abaixando-se para pegar. – Não mudou nada. Bom, tratem de ajudá-la a se vestir – ordenou, afastando-se com um sorriso.

– Ah, acho que vou chorar – disse Emma, fungando, enquanto Parker ajeitava o vestido.

– Não tinham do seu tamanho, então vai ficar um pouco grande.

– É por isso que estou aqui. – A Sra. Grady mostrou sua almofadinha de alfinetes. – Vamos fazer uns ajustes para que possa se ver melhor nele. É uma pena que sempre tenha sido essa coisinha feia.

– Pode me insultar, só não me espete.

– Por ora, já basta – decidiu a Sra. Grady, dando uma volta para avaliar o corpete e ajeitar o reluzente cabelo ruivo de Mac. – Temos que tirar partido das nossas qualidades.

– Conte até três e depois se vire, Mac – propôs Emma, que estava com as duas mãos sobre a boca. – Olhe para você!

– Ok!

Mac inspirou, expirou, depois se virou para o espelho de corpo inteiro onde já tinha visto tantas noivas admirarem o próprio reflexo. A única coisa que conseguiu dizer foi:

– Ah!

– Isso diz tudo – afirmou Laurel, piscando com os olhos cheios de lágrimas. – É... isso aí. Está perfeito.

– É... Eu... Caramba, sou uma noiva. – Mac pôs uma das mãos no peito e virou de lado. – Ah, olhem só a parte de trás. É alegre, feminina, e mostra que eu *até tenho* bunda. – Pelo espelho, olhou para Parker. – Parks.

– E aí? Não sou boa nisso?

– É a melhor! Esse é o meu vestido de noiva. Ai, Sra. G.

– Só estou chorando de alegria por não ter mais que cuidar de quatro solteironas – disse ela, enxugando as lágrimas.

– Umas flores no cabelo. Um arranjo de flores do campo em vez de véu – sugeriu Emma.

– Acha mesmo? – perguntou Mac, franzindo os lábios e se olhando no espelho, tentando imaginar. – Pode ficar bom. Acho que vai ficar muito bom.

– Vou lhe mostrar umas ideias. E, como sabe, penso a partir das linhas do vestido. Adoraria ver buquê grande, talvez amarrado à mão. Talvez possa também carregá-lo no braço. – Emma dobrou um braço e mostrou como seria com a outra mão. – Ou podemos fazer um buquê em cascata, como se fosse uma queda-d'água. Com cores exuberantes e quentes de outono, e... estou me precipitando.

– Não. Meu Deus, está planejando o meu casamento, Emma. Acho que preciso de um drinque.

Laurel lhe deu sua taça de champanhe e foi para junto dela.

– Com certeza esse lhe cai bem melhor do que qualquer um que usou nas nossas antigas brincadeiras de Casamento.

– E o que é melhor: não coça.

– Vou fazer para você um bolo de comer rezando.

– Caramba, assim fico com água na boca.

– Virem para cá todas vocês – ordenou a Sra. Grady tirando uma câmera do bolso. – Nossa ruiva não é a única que sabe tirar fotos. Ergam as taças. É isso aí, minhas meninas – murmurou pouco antes de registrar o momento.

Enquanto as meninas tomavam champanhe e falavam sobre as flores do casamento, Jack abria uma cerveja e se preparava para depauperar seus amigos no pôquer.

Tentava não pensar no último e-mail de Emma.

– Como oficialmente é a primeira Noite do Pôquer de Carter, vamos tentar não humilhá-lo. – Del deu um tapinha amistoso no ombro do novato. – Pegar seu dinheiro é uma coisa, deixá-lo constrangido é outra bem diferente.

– Vou ser cuidadoso – prometeu Jack.

– Posso ficar só olhando.

– E onde ficaria a diversão e os lucros? Para nós, quero dizer – brincou Del.

– Ah, sim – disse Carter.

Estavam reunidos no porão de Del, que, na opinião de Jack, era o sonho de todo menino, com um bar em estilo antigo em que era possível tomar uma cerveja de Galway, uma mesa de sinuca, uma TV de tela plana – que era só uma TV auxiliar, porque havia outra maior na sala do outro lado da casa. Havia também uma jukebox antiga, videogames e duas máquinas do clássico Pinball. Para completar, poltronas de couro e sofás onde as disputas aconteciam, e a mesa de pôquer estilo Las Vegas pronta para entrar em ação.

Não era difícil entender por que ele e Del eram amigos.

– Se você fosse uma garota – disse Jack para Del –, eu o pediria em casamento.

– Não. Só iria querer fazer sexo comigo e depois nunca mais ligaria.

– Talvez você tenha razão.

Já que tinha uma pizza ali, Jack pegou um pedaço. Raspar toda a grana dos amigos era um trabalho que dava fome. Enquanto comia, ficou observando o grupo. Dois advogados, um professor, um arquiteto, um cirurgião, um paisagista e... um mecânico, o último jogador que acabara de chegar.

Um grupo interessante, pensou. Com algumas variações, porque de tempos em tempos incorporava um novo integrante, como Carter, ou porque alguém não podia comparecer em determinado dia. A tradicional Noite do Pôquer havia começado quando ele e Del se conheceram, na faculdade. As caras iam mudando, mas os fundadores permaneciam.

Comer, beber, contar mentiras, falar de esportes. E tentar ganhar o dinheiro dos amigos.

– Todos já chegaram. Quer uma cerveja, Mal? – perguntou Del.

– Quero, sim. Como vai? – disse, dirigindo-se a Jack.

– Indo. Temos um novato, Carter Maguire. Carter, este é Malcolm Kavanaugh.

Mal o cumprimentou.

– E aí, cara?

– Prazer em conhecê-lo. Você é o Kavanaugh? Da oficina?

– O próprio.

– Você guinchou o carro da minha futura sogra.

– Ah, é? Ela que me chamou?

– Não. O nome dela é Linda Barrington.

Mal estreitou os olhos.

– Ah, sei. O BMW conversível. O 128i.

– Hum. Acho que sim.

– Ótimo carro. E ela é uma mulher interessante – disse Mal sorrindo e erguendo sua cerveja de novo. – Boa sorte.

– A filha não é como a mãe – explicou Del.

– Sorte a sua – disse Mal. – Eu a conheci... a filha. Mackensie, não é? É uma gata. Ela trabalha com essa coisa de casamento e tem um Cobalt que acabei de revisar.

– Essa é a Emma – corrigiu Del.

– Isso mesmo. Tinha que ser presa por maus-tratos a veículos. Conheci sua irmã quando ela foi

lá buscar o carro – disse a Del, e riu. – É gata também. Mesmo quando dá aquele olhar congelante.

– Então... Emma não foi buscar o carro?

Mal olhou para Jack.

– Não, a outra que foi. A *Srta. Brown*. – Tomou um gole da cerveja. – A que diz "desculpe" com tom de "foda-se".

– Essa é a Parker – confirmou Del.

– A abusadora de carros é tão bonita quanto as outras duas?

– Todas elas são – murmurou Jack.

– Pena não tê-la conhecido também.

– Antes que eu tenha que bater em Mal por ter pensamentos libidinosos com minhas irmãs, a biológica e as de consideração, melhor começarmos o jogo – propôs Del.

– Em um minutinho me junto a vocês – disse Jack, indo verificar o e-mail pelo celular, enquanto os outros se sentavam à mesa.



Faltava pouco para a meia-noite quando Emma chegou em casa. Em meio aos planos e às ideias para o casamento de Mac, o tempo voara.

Foi entrando aos pulos, animada com a noite que tiveram e um pouco tonta por causa do champanhe.

O casamento de Mac.

Já podia até ver como ela ficaria perfeita naquele belíssimo vestido e com a cascata de flores nos braços. E ela, Parker e Laurel seriam as damas de honra. Vermelho para si mesma, dourado outonal para Parker, abóbora para Laurel. Ah, e teria uma rica paleta de cores outonais para trabalhar com as flores.

Seria um desafio, pensou Emma subindo a escada. Parker tinha acertado em trazer a questão à tona, assim podiam começar a planejar o que seria feito. Organizar um casamento era uma coisa. Organizá-lo e participar dele era outra bem diferente.

Precisariam de ajuda, de mais substitutas, mas não só iriam conseguir, como "iriam arrasar".

Aproveitando o bom humor, foi fazer seu ritual noturno. Depois de ajeitar a cama e alisar os lençóis, sorriu em aprovação. Mostrava com isso uma grande maturidade. Tinha passado a noite com as amigas, num misto de trabalho e prazer, e não negligenciou seus afazeres noturnos.

O que provava que era uma adulta sensata.

Cruzando os dedos das duas mãos, saiu correndo até o escritório para verificar o e-mail.

– Eu sabia!

Clicou para abrir a última mensagem de Jack.

Agora está jogando sujo. Obrigado.

Adoro surpresas. Gosto especialmente de desembrulhá-las, por isso me ofereço para ajudá-la a tirar a capa. Gosto de saborear as surpresas aos poucos, criar um clima de suspense. Então, vou desencapar você bem devagar. Centímetro a centímetro.

– Aaai! – exclamou Emma. – Minha nossa!

E depois, vou querer dar uma boa olhada, por um bom tempo. Antes de tocar em você. Centímetro a centímetro.

Quando, Emma?

– Que tal agora mesmo?

Fechou os olhos e imaginou Jack tirando essa capa preta brilhosa que ela nem tinha. Num quarto iluminado por luz de velas. Ao fundo, uma música grave e sensual... o baixo pulsando no mesmo ritmo do sangue em suas veias.

Os olhos dele, perigosos como uma fumaça diabólica, percorriam o seu corpo até deixá-lo coberto de suor. Em seguida, suas mãos, fortes, decididas, lentas, seguiam a trilha do seu calor a partir do veludo dos cotovelos, descendo até...

– Mas que bobagem! – exclamou, ajeitando-se na cadeira.

Podia ser uma bobagem, pensou, mas tinha conseguido deixá-la excitada. Ele havia conseguido.

Precisava responder à altura.

Gosto de brincar, e não me importo se tiver que me sujar.

Surpresas são divertidas, e ser a surpresa é ainda melhor. Nesse caso, gosto de ser desembrulhada devagar. As pontas dos dedos pacientemente desatando o nó do cinto, as mãos cuidadosamente abrindo a capa até encontrar ali dentro a tão esperada surpresa.

Mas em outras vezes quero esses dedos, essas mãos, rompendo barreiras. Rápidos, gulosos, talvez até um pouco rudes.

Em breve, Jack.

A questão não era mais "se", pensou.

Era "quando".

Emma acabou de podar os três arbustos e, enquanto Tink se encarregava de preparar uma entrega, foi dar uma olhada em suas anotações e seus esboços.

– Seis pequenos buquês, incluindo o que a noiva vai jogar no evento de sexta. Seis arranjos para dispor em pedestais, dezoito centros de mesa, uma pomander de rosas brancas, guirlandas e festões para a pérgula – murmurou ela, acompanhando a lista que tinha feito. – Vou precisar de você por pelo menos três horas amanhã. Quatro seria melhor.

– Vou sair hoje à noite e espero ter sorte. – Com as mãos ocupadas, Tink fez uma bola de chiclete, que estourou. – Posso chegar por volta de meio-dia.

– Se puder ficar até as quatro, acho que daremos conta. E mais quatro horas na quinta. Cinco, se quiser. Tiffany vai vir na quinta e Beach está disponível na sexta o dia inteiro. Se você puder vir, pelo tempo que for, na sexta de manhã, vai me ajudar bastante. Podemos começar a arrumação para o evento às três. Sábado tem outra dobradinha. Temos que começar a preparação do primeiro às oito. Da manhã, Tink.

Tink revirou os olhos e continuou arrancando espinhos.

– O primeiro termina às três e meia, e tudo tem que estar pronto para o segundo por volta das cinco e meia. No domingo, tem um evento só, mas dos grandes, marcado para as quatro. Então, precisamos começar às dez ou dez e meia.

– Vou tentar encaixar a minha vida nos intervalos – disse Tink, com ar de vítima.

– Você vai conseguir. Vou levar de volta para a câmara fria o que você já preparou e buscar no estoque o material necessário para os arranjos. – Quando ela pegou o engradado e se virou, Jack estava entrando.

– Ah... Oi.

– Oi. Como vão as coisas, Tink?

– Emma está comandando suas escravas.

– Verdade, ela está sempre sendo maltratada – retrucou Emma. – Você bem poderia consolá-la enquanto levo isso de volta para a câmara fria.

Meu Deus, pensou, ele ficava *lindo* naquelas roupas que usava para trabalhar no canteiro de obras. As botas, o jeans desbotado, a camisa com as mangas arregaçadas acima do cotovelo.

Adoraria lhe dar só uma mordidinha.

– Não quer que eu ajude? – Ergueu do chão outro engradado e foi se encaminhando para a câmara fria.

– Estamos meio enlouquecidas esses dias – disse Emma. – Um evento externo no meio da semana e quatro no fim de semana. O casamento de sábado é monstruoso, no bom sentido. – Pôs no chão o engradado que carregava e, com um gesto, mostrou a Jack onde ele devia pôr o seu. – Agora tenho que...

Num gesto rápido, ele a virou, deixando-a na ponta dos pés. Emma passou os braços pelo pescoço dele num misto de instinto e resposta, no momento exato em que a boca de Jack procurou a dela.

O cheiro selvagem e intenso de flores saturava o ar, exatamente como o desejo e o prazer saturavam o próprio corpo. Voracidade e urgência se espalhavam pelo seu sangue.

Nada de mordidinha, pensou ela, e muito menos rápida. O que ele queria era gole após gole.

– A porta fecha por dentro?

Emma passou os dedos pelo cabelo, voltando a aproximar sua boca da dele.

– Que porta?

– Emma, você está me matando. Deixe-me só...

– Ah, essa porta. Não, espere aí. Droga. Só mais um – balbuciou ela, pegando o rosto de Jack com ambas as mãos e simplesmente mergulhando no beijo, no perfume, no desejo. Depois, voltou a si.

– Não dá. Tem a Tink. E... – suspirou, lamentando e olhando ao redor. – E aqui não tem espaço nenhum.

– A que horas ela vai embora? Eu volto.

– Não sei ao certo, mas... Espere aí.

Desta vez foi ele que segurou seu rosto e a fitou bem nos olhos.

– Por quê?

– Não... Não consigo pensar em nenhum motivo, mas pode ser porque perdi milhares de células cerebrais durante esse beijo. Não consigo lembrar se tenho alguma coisa marcada para mais tarde. Minha cabeça está completamente oca.

– Volto às sete. Trazendo alguma coisa para a gente comer. A menos que você me ligue desmarcando. Às sete, aqui.

– Ok, certo. Vou olhar a agenda quando recuperar a capacidade de pensar. Mas...

– Às sete – repetiu Jack, e a beijou mais uma vez. – Se precisarmos conversar, vamos conversar.

– Talvez tenha que ser em frases curtas, assertivas e palavras de uma ou duas sílabas.

– Que seja. – O sorriso que ele lhe lançou fez surgir uma nova onda de calor na barriga dela. – Precisa levar alguma coisa daqui?

– Preciso, mas não consigo lembrar o quê. Só um segundo. – Enfiou as mãos no cabelo, fechou os olhos. – Ah, claro, essas e essas outras. Mas agora você tem mesmo que ir embora. Não vou conseguir trabalhar se ficar pensando em você, nesses beijos, em sexo, nada disso.

– E eu não sei? Às sete – repetiu ele e a ajudou a levar as flores para fora.

– Eu... volto a falar com você sobre isso – disse-lhe Emma quando ele pôs as flores na sua bancada de trabalho. – Assim que estiver menos... ocupada.

– Ótimo. – Aqueles olhos cinzentos e quentes se detiveram nela apenas um instante a mais. – Até qualquer hora, Tink.

– Ah, com certeza – respondeu ela, ajeitando mais uns poucos caules enquanto Jack saía e depois enfiando-os no recipiente que os prenderia. – Quando você e Jack começaram com isso?

– Com o quê? Ah, Tink! – Balançando a cabeça, Emma se virou para as prateleiras para escolher o recipiente adequado para o arranjo da lareira que tinha planejado. – Nós não...

– Se você me disser que ele não lhe deu o maior beijaço quando estavam lá nos fundos, vou afirmar que você é uma mentirosa.

– Não entendo por que você... – Idiota, disse Emma consigo mesma, estendendo a mão para pegar a espuma floral. – Como você sabe?

– Porque seus olhos ainda estavam meio vidrados quando vocês voltaram. E ele parecia um cara que tinha conseguido umas poucas migalhas quando estava preparado para dar uma mordida

bem grande.

– Mordida. Rá, rá!

– Por que vocês não estão juntos? Ele é tão legal.

– Eu... Nós... Sabe, sexo não é uma coisa que me incomode. Quero dizer, falar sobre sexo, pois, se fazer sexo mesmo não mexe com você um pouquinho que seja, é porque tem alguma coisa errada. Mas isso me incomoda.

Tink assentiu com ar sensato, prosseguindo com seu trabalho.

– Passar de amigos a "algo mais" tem uma vantagem: você sabe para quem está tirando a roupa.

– Isso é verdade. Mas pode ser bem estranho, sabe? Depois.

– Só se um dos dois for um babaca – disse Tink toda animada, fazendo mais uma bola de chiclete. – Então, o meu conselho é: não seja babaca.

– De um jeito meio estranho, você tem razão – retrucou Emma, mergulhando a esponja na água. – Preciso ver uma coisa na minha agenda.

– Ok. Vou marcar essa transa para hoje à noite – disse Tink às costas de Emma. – Amanhã você vai ser a feliz senhora das flores.

Acertou de novo, pensou Emma.

Pela agenda, viu que tinha a noite livre. Havia marcado a data com um grande X depois das cinco da tarde – seu jeito de lembrar a si mesma que não devia aceitar convites para sair. Era trabalho demais para ainda ter um encontro.

Mas aquilo não ia ser exatamente um encontro, concluiu. Ele passaria lá, trazendo alguma coisa para comerem, e então... veriam. Não precisava trocar de roupa ou pensar no que deveria usar, nem...

Quem ela achava que estava enganando? É claro que tinha que se preocupar com o que usar. O que quer que fosse acontecer com Jack não ia acontecer com ela usando aquelas roupas de trabalho e com as unhas verdes de tanto mexer em caules e folhas.

Além do mais, precisava pôr flores frescas e velas no quarto. E ficaria mais relaxada se pudesse tomar um belo banho de espuma. Escolher a roupa era fundamental para uma noite como aquela. E não só o que ficaria por cima, mas também o que ficaria por baixo.

Fechou a agenda.

Pensando bem, um encontro que não era exatamente um encontro dava mais trabalho que um de verdade.

Apressou-se em voltar para as flores. Tinha que terminar o trabalho do dia, dar o melhor de si à cliente. E ainda por cima precisava de muito tempo livre antes das sete para deixar tudo perfeito, mas parecendo absolutamente natural.

capítulonove

Pôs um vestido de estampa alegre. Casual, simples e sensível para combinar com um suéter curto, decidiu Emma.

A roupa de baixo é que era fatal.

Satisfeita com o resultado, deu mais uma última olhadinha no espelho antes de dar uma inspecionada geral no quarto. Velas para uma iluminação mais suave e acolhedora, lírios e rosas para impregnar o ar com cheiro de romance. O som também já estava preparado para tocar uma seleção de músicas calmas e românticas.

Tinha afofado os travesseiros e fechado as cortinas.

Decididamente tinha ali um reduto de sedução feminina. E estava orgulhosa de sua criação.

Agora, só faltava o homem.

Desceu para verificar se tudo estava mesmo bem preparado. Vinho, taças, velas, flores. A música desse ambiente também permaneceria baixa, mas escolheu um ritmo mais animado que o reservado lá para cima. Ligou o som, ajustou o volume, depois foi acender as velas previamente distribuídas pela sala.

Tomariam vinho e conversariam, pensou. Depois comeriam e continuariam conversando. Conversar nunca fora um problema para eles. Apesar de saberem como a noite ia acabar – talvez justamente por isso –, poderiam conversar, relaxar e simplesmente aproveitar a companhia um do outro antes de...

Quando a porta se abriu, Emma deu meia-volta, com os nervos à flor da pele. Era Laurel.

– Oi, Em, pode me ajudar a juntar... – Laurel se interrompeu e ergueu as sobrancelhas, dando uma boa olhada na sala. – Vai ter um encontro. Um encontro com direito a sexo!

– O quê? O que há de errado com você? De onde tirou essa...

– Há quanto tempo nos conhecemos? Desde sempre. Tem velas novas pela casa. E música para as preliminares.

– Estou sempre pondo velas novas; e gosto dessa seleção de músicas.

– Então deixe-me ver que calcinha e sutiã está usando.

Emma deu uma gargalhada.

– Não. Queria minha ajuda para que mesmo?

– Isso pode esperar. Aposto 20 pratas que está usando lingerie sexy. – Laurel se aproximou decidida e começou a puxar o vestido da amiga até que esta empurrou sua mão.

– Pare com isso.

– Você tomou um banho de espuma daqueles que significam "hoje tem" – prosseguiu Laurel,

farejando-a. – Estou sentindo o cheiro.

– E daí? De vez em quando tenho encontros. E às vezes com direito a sexo. Sou uma mulher adulta. Não tenho nada com isso se você não faz sexo há pelo menos seis meses.

– Cinco meses, duas semanas e três dias. Mas quem liga para isso? – Laurel parou de falar, inspirou exageradamente, apontou para Emma e então disse: – Você vai ter um encontro sexual com Jack.

– Pare. Quer parar com isso? Está me deixando nervosa.

– Quando é que ele chega? Qual é o plano?

– Daqui a pouco, e ainda estou montando meu plano. Mas ele não inclui você aqui. De jeito nenhum. Vá embora.

Ignorando a ordem, Laurel cruzou os braços.

– Está com a lingerie branca que diz "sou uma boa moça, mas também posso ser má" ou a preta que sugere "só estou usando isso para que você arranque, garotão"? Preciso saber!

– É a vermelha, com rosas pretas – disse Emma, olhando para cima.

– Vamos precisar chamar os paramédicos. Se estiver viva amanhã, tem como fazer três miniarranjos para mim? Pode ser com flores do campo. Vou ter uma reunião e um ar primaveril pode dar o tom do que acredito ser o desejo dessa cliente.

– Claro. Agora vá embora.

– Estou indo. Já estou indo.

– No caminho de casa, vai parar para contar a Mac e em seguida a Parker.

Laurel se deteve diante da porta e pôs para trás uma mecha de cabelo que lhe caía no rosto.

– Óbvio. E vou perguntar à Sra. G se pode fazer omelete para o café da manhã, quando você nos contará todos os detalhes.

– Vou ter um dia cheio amanhã.

– Eu também. Às sete tomamos café e teremos o boletim sexual. Boa sorte hoje à noite.

Resignada, Emma suspirou e decidiu não esperar por Jack para tomar a primeira taça de vinho. O problema das amigas, pensou a caminho da cozinha, é que elas nos conhecem bem demais. Não há segredos entre...

Parou com a garrafa na mão. Jack era um amigo. Jack a conhecia muito bem. Será que ele...? E se ele...?

– Que merda!

Serviu-se de uma generosa taça de vinho. Mas antes que pudesse tomar o primeiro gole, ouviu alguém bater à porta.

– Tarde demais – murmurou.

Era tarde para mudar o que quer que fosse. Teria que ver no que ia dar e lidar com as consequências.

Deixou o vinho e foi atender.

Ele também tinha trocado de roupa, observou Emma. O jeans tinha sido substituído por uma calca cáqui; a camisa de cambraia dera lugar a uma mais alinhada. Nas mãos, tinha uma sacola grande do restaurante chinês de que ela mais gostava e uma garrafa do seu Cabernet favorito.

Que fofo, pensou Emma. Certamente era uma das vantagens de serem amigos.

– Você estava falando sério quando disse que traria o jantar – comentou ela, pegando a sacola. – Obrigada.

– Sei que gosta de escolher um pouquinho, pouquinho mesmo, de cada coisa. Por isso trouxe um jantar bem sortido. – Ele a segurou pela nuca e se inclinou para beijá-la. – Oi de novo.

– Oi. Tinha acabado de me servir uma taça de vinho. Quer também?

– Aceito. Como foi o trabalho? – perguntou ele, seguindo-a até a cozinha. – Estava bem atarefada mais cedo, quando estive aqui.

– Já acabamos. Os próximos dias vão ser bem corridos, mas também vamos dar conta. – Emma encheu outra taça e a ofereceu a Jack. – E a sua cozinha de verão?

– Vai ficar o máximo. Não sei se os clientes vão usá-la para valer, mas vai ser fantástica. Tenho que falar com você das obras daqui. Da sua segunda câmara fria. Deixei uns esboços preliminares com a Parker quando passei aqui, e o projeto para Mac está finalizado. Depois de passar um tempinho na sua câmara fria hoje, ficou fácil entender por que precisa de outra. Gostei do vestido.

– Obrigada. – Olhando para ele, deu uma bicadinha no vinho. – Imagino que tenhamos outras coisas para conversar também.

– Por onde quer começar?

– Continuo achando um exagero, mas percebi que na verdade são só duas coisas, e as duas surgem do mesmo ponto. Somos amigos. Somos, não somos, Jack?

– Somos, sim, Emma.

– Então, em primeiro lugar, acho que amigos devem falar a verdade um para o outro. Ser honestos. Se nos dermos conta, depois dessa noite, de que não foi como esperávamos, ou se um de nós achar que foi bom, mas que já deu, temos que dizer ao outro. Sem ressentimentos.

Foi sensata, direta, não fez rodeios ou ficou disfarçando. Perfeita.

– Por mim, tudo bem.

– Em segundo lugar, temos que continuar amigos – prosseguiu Emma, olhando para ele enquanto falava, com ar de preocupação. – Isso é o mais importante. Seja como for, o que quer que aconteça, temos que nos prometer que continuaremos a ser amigos. Não é só por você e por mim, mas por todos que estão ligados a nós. Podemos dizer que isso é só sexo, Jack, mas nunca é. Gostamos um do outro; nos importamos um com o outro. Não quero que nada mude isso.

Ele passou a mão pelo cabelo dela.

– Quer selar um juramento com sangue ou cuspe? – perguntou ele, fazendo-a rir. – Eu prometo, Emma. Porque você está certa. Amigos. – Ele beijou suas bochechas, depois encostou de leve os lábios nos dela.

– Amigos. – Emma repetiu os gestos dele e se viram frente a frente, olhos nos olhos, com os lábios quase se tocando. – Jack? Como não aconteceu nada entre nós todos esses anos?

– Não faço a menor ideia. – Seus lábios tomaram os dela novamente, e ele a pegou pela mão. – Estávamos na praia – principiou ele, encaminhando-a para a escada.

– O quê?

– Tínhamos ido passar uma semana na praia. Todos nós. Um amigo do Del nos emprestou a casa, a casa dos pais, imagino, nos Hamptons. Acho que foi no verão anterior à criação da empresa de vocês.

– Ah, sim, eu lembro. Foram umas férias ótimas.

– Certa manhã, bem cedinho, como não estava conseguindo dormir, fui andar na praia. E vi você. Por um minuto, não, um segundo ou dois na verdade, não me dei conta de que era você. Estava com uma canga colorida amarrada na cintura e o vento a soprou revelando as suas pernas. Por baixo, estava usando um biquíni vermelho.

– Você... – Emma precisou literalmente reprimir um suspiro. – Você se lembra do que eu estava vestindo?

– Lembro, sim. E lembro que seu cabelo estava mais comprido do que hoje em dia, batendo no meio das costas. Seus cachos indomáveis balançavam com o vento. Estava descalça. Toda aquela pele dourada, as cores selvagens, os cachos rebeldes... quase fizeram meu coração parar de bater. Pensei: essa é a mulher mais linda que eu já vi. E desejei aquela mulher de um jeito que eu nunca tinha desejado nenhuma outra antes.

Ele se deteve e se virou um pouco, ao passo que Emma continuava fitando-o.

– Então percebi que era você. Você foi andando em direção à praia, com a espuma da água passando pelos seus pés descalços, batendo em seus tornozelos, nas panturrilhas. E desejei você. Pensei que fosse perder a cabeça.

Emma percebeu que não seria capaz de prender a respiração por muito mais tempo. Não seria capaz de pensar. Não queria pensar.

– Se tivesse se aproximado e me olhado do jeito que está me olhando agora, eu teria sido sua.

– Valeu a pena esperar. – Ele lhe deu um beijo demorado, lento, profundo, depois foi com ela até o quarto. – Que lindo! – disse ele, quando notou as flores e as velas.

– Acho que até amigos precisam ser paparicados. – Como isso a acalmaria e criaria um clima, começou a acender as velas.

– Ficou ainda melhor – disse, sorrindo quando ela ligou o som.

Emma se virou para ele, lá do outro lado do quarto.

– Vou ser honesta com você, Jack, como prometemos fazer. Tenho um fraco por histórias românticas, por rituais, por gestos. Também tenho um fraco por paixão, dessas fulminantes e doidas. Quero você das duas formas. E esta noite, serei sua, do jeito que você quiser.

Aquelas palavras e Emma ali de pé, iluminada pela luz das velas, o deixaram inteiramente seduzido.

Jack foi andando em sua direção, e ela fez o mesmo. Encontraram-se no meio do quarto. Ele passou os dedos pelo seu cabelo, afastando-o do rosto e, bem devagar, baixou a cabeça, procurando seus lábios. Essa noite faria tudo o que estivesse ao seu alcance para explorar os fracos de Emma.

Ela cedeu, o corpo lânguido, inteiramente rendido, e correspondeu àquele beijo. O calor ia ficando mais intenso, e o desejo crescia só de pensar no que viria pela frente. Quando ele a ergueu para levá-la para a cama, aqueles olhos escuros pareciam inebriados.

– Quero tocar cada parte do seu corpo com o qual venho sonhando. – Lentamente, enfiou a mão por baixo do vestido dela e foi subindo pela coxa. – Cada parte do seu corpo.

Beijou-a mais uma vez, agora com um desejo de posse, enquanto seus dedos roçavam a pele dela por cima da renda que mal a cobria. Ela se curvou ao seu toque, oferecendo mais.

Os lábios de Jack vieram descendo pelo seu pescoço, entre sussurros, e ele começou a tirar seu suéter. Depois, num movimento rápido, brusco, ele a virou para morder seu ombro. Quando a ergueu para abrir o zíper do vestido, Emma virou a cabeça para trás, com um sorriso cheio de segredos.

– Quer ajuda?

– Acho que consigo.

– Também acho. E, já que não estou em condições de fazer isso eu mesma, tire a camisa.

Ele obedeceu, sob o olhar dela.

– Sempre gostei de ver você andando por aí sem camisa no verão. Agora estou gostando ainda mais. – Emma se virou de novo. – Tire a minha roupa, Jack. E toque o meu corpo. Inteiro.

Sob o seu corpo, ela se mexia, com movimentos lânguidos e provocantes, enquanto ele tirava seu vestido pela cabeça. Emma sentiu um prazer enorme ao ver os olhos dele percorrendo todo o seu corpo.

– Você é fantástica – disse Jack, acompanhando com os dedos as bordas da renda vermelha, as minúsculas pétalas pretas. – Talvez eu demore um pouco.

– Não temos pressa.

Quando ele baixou a cabeça novamente, Emma se deixou levar pela sensação de estar sendo explorada.

Centímetro a centímetro, dissera ele, e Jack era um homem de palavra. Ele foi tocando, provando, levando todo tempo do mundo até que os arrepios de Emma viraram tremores e o ar perfumado ficou mais espesso.

Curvas generosas, pele dourada à luz das velas, o cabelo espalhado pela cama em cachos exuberantes de seda preta. Jack sempre tinha reparado na beleza de Emma, mas naquela noite ela era um banquete, disposta a deixá-lo saboreá-la.

Cada vez que Jack voltava àqueles lábios macios e atraentes, ela cedia um pouco mais. Ele a ergueu, bem devagar, sentiu que ela subia e subia, depois se esticou toda e voltou a se deitar.

Viu-se inundada por uma sensação doce, quente, adorável.

– Agora é minha vez – disse Emma, erguendo-se para passar os braços pelo pescoço dele, colar os lábios nos seus.

Foi mudando de posição, tocando seu corpo por toda parte. Agora era ela que explorava aqueles ombros fortes, o peito firme, a barriga rija. E começou a baixar o zíper da calça para deixá-lo inteiramente nu.

– É melhor...

– Pode deixar – disse Emma.

Pegou uma camisinha na mesa de cabeceira. Demorou-se lhe dando prazer com o próprio ato de pôr o preservativo. Suas mãos e seus lábios pousavam em cada músculo que estremecia, até

que ele a agarrou pelo cabelo e a puxou para si.

– Agora.

– Agora.

Ela deslizou para baixo, curvou o corpo e fez com que ele a penetrasse.

Um arrepio a percorreu inteira, forte, intenso, fazendo seu sangue ferver, quando ela começou a se mexer. Fez isso bem devagar, para extrair cada gota de prazer, com os olhos sempre pregados nos dele.

Jack a agarrou pelos quadris, lutando para deixá-la prosseguir naquele ritmo torturante. Ao passar as mãos por aquele corpo em glorioso abandono, seu desejo só fazia aumentar diante daquela visão. A pele de Emma brilhava como poeira de ouro, incandescente, e aqueles olhos de veludo negro reluziam à luz bruxuleante. Seu coração batia como tambores selvagens enquanto ela fazia o que bem entendia. Envolvendo-o com os braços, ela estava toda trêmula.

Jack se ergueu e a virou de frente. Ao ver que ela tinha se assustado, empurrou seus joelhos para cima.

– Agora é a minha vez.

Deixou para lá o controle.

Aquele prazer lânguido, que aumentava aos poucos, explodiu em verdadeiro frenesi. Emma soltou um gritinho de espanto quando ele começou a penetrá-la com movimentos rápidos e fortes. Rendida, excitada, ia correspondendo passo a passo. Veio então o orgasmo, que a preencheu completamente, e depois a deixou vazia.

Ficou deitada ali, desamparada, estremecendo, enquanto Jack prosseguia até gozar.

Ele deixou o corpo cair sobre o dela, inerte. Sentiu que ela tremia debaixo dele. Sentiu os batimentos acelerados do seu coração e mesmo assim ela ergueu a mão para acariciar suas costas, num gesto de afeto que era a cara de Emma.

Jack cerrou os olhos por um instante. Tinha perdido o fôlego e provavelmente a cabeça. Ficou ali respirando Emma, absorvendo a sensação do seu corpo, agora inteiramente relaxado, sob o dele.

– Bom, já que prometemos ser honestos – começou Jack. – Devo dizer que não foi lá essas coisas.

Ali debaixo, ela riu e beliscou a bunda dele.

– É, que pena. Acho que não temos química.

Ele deu um risinho e ergueu a cabeça.

– Nenhuma química mesmo. Por isso explodimos o laboratório.

– Laboratório... Caramba, pusemos o prédio abaixo. – Emma soltou um suspiro longo e profundo, deslizando as mãos para baixo. – Nossa, você tem uma bunda linda, se é que posso dizer isso.

– Claro que pode. E fique sabendo, querida, você também.

– Olhe só para nós – disse ela, sorrindo.

Ele a beijou de mansinho e a beijou de novo de um jeito levemente carinhoso.

– Está com fome? Eu estou faminto. Que tal comida chinesa fria?

– Por mim está ótimo.



Comeram na bancada da cozinha, pegando o macarrão, a carne de porco com molho agridoce e o frango xadrez direto das caixas de papelão.

– Por que você come assim?

– Assim como?

– Em porções microscópicas.

– Bem – disse Emma, enrolando um único fio de macarrão enquanto ele enchia sua taça de vinho. – Comecei com isso para implicar com meus irmãos e acabou se tornando um hábito. Cada vez que ganhávamos alguma guloseima, um sorvete, uma bala, ou qualquer outra coisa, eles comiam de uma vez só a parte deles. E ficavam loucos quando viam que eu ainda tinha a minha. Aí eu começava a comer mais lentamente para fazer render, o que os deixava ainda mais furiosos. De toda forma, agora como menos e, desse jeito, aproveito mais.

– Aposto que sim. – Jack enfiou na boca o garfo com uma enorme quantidade de macarrão. – Sabe, sua família faz parte do seu charme.

– Ah, é?

– Sua família provavelmente explica em parte o motivo de você ser tão atraente, quero dizer, são todos... fantásticos – concluiu, sem encontrar uma palavra melhor. – São todos fantásticos.

– Tenho sorte. De nós quatro... bem, nós seis, se contarmos você e Del, sou a única que ainda tenho a família toda. Os Browns eram maravilhosos. Você não chegou a conhecê-los direito, mas, quando criança, eu passava tanto tempo aqui quanto em casa. E eles eram maravilhosos. Ficamos todos arrasados quando eles morreram.

– Del estava devastado. Eu gostava muito deles. Eram divertidos e interessantes. Pessoas envolventes. Perder os pais tão de repente, os dois, de um dia para o outro, deve ser terrível. O divórcio dos pais é bem difícil para uma criança, mas...

– É duro. Foi brabo para Mac viver isso, e depois acontecer de novo. E mais uma vez. Para Laurel, acho que foi uma bênção. Ela era adolescente, e do nada os pais se separaram. Ela quase nunca os vê. Também não deve ter sido fácil para você.

– Foi duro, mas poderia ter sido bem pior. – Ele deu de ombros e comeu mais um pouco. Aquele não era um assunto no qual ele gostava de se estender. Para que ficar falando a respeito de algo tão doloroso e que não podia ser mudado? – Tanto meu pai quanto minha mãe fizeram um grande esforço para não me pôr um contra o outro, e conseguiram manter as coisas entre eles civilizadas. E acabaram conseguindo estabelecer uma relação cordial.

– Os dois são gente boa e amam você. É isso que importa.

– Estamos nos saindo bem. – Ele tinha aprendido que "se sair bem" por vezes tinha que ser o suficiente. – Além disso, acho que a distância ajuda. Minha mãe tem uma segunda família, meu pai também. – Seu tom parecia tranquilo, embora ele nunca tivesse conseguido lidar bem com o fato de cada um ter seguido seu caminho e ido viver sua vida. – Tudo ficou mais fácil quando

entrei para a faculdade. E mais ainda quando decidi me mudar para cá.

Tomou um gole de vinho olhando para ela.

– Sua família, por outro lado, é como uma daquelas bolas feitas com elásticos, com todos entrelaçados, formando um núcleo sólido. – Pensou por um instante. – Vai contar a eles o que aconteceu?

Emma piscou.

– Ah, não sei. Se me perguntarem... Mas não sei por que algum deles o faria.

– Talvez fosse um pouco embaraçoso.

– Eles gostam de você. E sabem que faço sexo. Talvez fiquem surpresos. Quero dizer, eu estou surpresa. Mas não acredito que isso seja um problema.

– Que bom. Isso é bom.

– As meninas não acharam nada de mais.

– As meninas? – Aqueles olhos cor de fumaça se arregalaram. – Contou a elas que íamos transar?

– Somos mulheres, Jack – disse Emma.

– Verdade.

– E eu achava, antes, que você e Mac já tinham ficado.

– Ei!

– Bem, era o que eu achava, então, tive que falar com ela por causa da regra, mas esclarecemos essa história e todas ficaram sabendo que para mim Jack e sexo eram elementos que podiam conviver perfeitamente na mesma frase.

– Nunca transei com Mac.

– Agora eu sei disso. Mas eu não sabia que você tinha beijado a Parker.

– Foi há muito tempo. E não foi exatamente... Ok, foi um beijo, mas não funcionou – disse ele, pondo mais um pedaço de carne de porco na boca.

– *E* também beijou a Sra. G. Seu galinha.

– Isso, sim, poderia ter dado certo. Acho que não tivemos tempo suficiente.

Emma sorriu e pegou um pouquinho do frango.

– O que Del acha?

– De eu ter beijado a Sra. Grady?

– Não. De você e eu. Disso aqui.

– Não sei. Não sou mulher.

Ela se deteve com a taça a meio caminho da boca.

– Você não falou sobre isso com ele? Mas é o seu melhor amigo.

– Meu melhor amigo ia querer arrebentar minha cara se sonhasse que eu pensava em tocar você. Imagine se soubesse a respeito do que acabamos de fazer lá em cima.

– Ele também sabe que eu faço sexo.

– Não tenho certeza disso. Para ele, é como se isso ficasse em outra dimensão. Em outra dimensão, Emma faz sexo. – Jack balançou a cabeça. – Então, não acho que ele saiba de verdade.

– Se formos continuar com essa história, não vou lidar com isso como se fosse um caso ilícito.

Ele vai acabar sabendo. É melhor você lhe dizer alguma coisa, antes que ele descubra. Porque, se não contar e ele descobrir, *aí sim* ele vai querer arrebentar a sua cara.

– Vou achar um jeito de fazer isso. Só tem mais uma coisa, já que estamos falando sobre o assunto. Como estamos juntos dessa forma, gostaria de saber que não estamos juntos com mais ninguém dessa mesma forma. Isso para você é um problema?

Emma tomou um gole de vinho tentando entender por que ele precisava perguntar aquilo.

– Quer selar um juramento com sangue ou cuspe? – Quando ele riu, ela sorveu mais um pouco. – Se estou com um homem, não saio com mais ninguém. Isso não apenas é grosseiro e contrário aos meus princípios, como também pode gerar muitos problemas.

– Ótimo. Então somos só você e eu.

– Só você e eu – repetiu ela.

– Preciso estar no trabalho às sete.

Pronto, já começou, pensou Emma. Levanto cedo amanhã, querida. Foi maravilhoso. Ligo para você.

– Se importa se eu ficar, já que vou ter que acordar por volta das cinco?

Emma deu um sorriso.

– Não, não me importo.



Quando finalmente foram vencidos pelo sono, Jack descobriu que Emma gostava de dormir aconchegada. Era o tipo de mulher que ficava coladinha, abraçada com o parceiro.

Ele normalmente era um homem que gostava de ter seu espaço. Isso não permitia que se visse preso, de forma literal ou metafórica.

No entanto, descobriu que, sob tais circunstâncias, aquilo não importava.

Emma dormiu como uma pedra. Em um minuto passou do estado de alerta para o sono profundo. Já ele ia se desligando aos poucos, repassando os acontecimentos do dia e programando os do dia seguinte, enquanto o corpo relaxava.

Então deixou-se ficar pensando. Emma estava com a cabeça aninhada na curva do seu ombro, o braço passado pela sua cintura e uma perna entre as suas.

Umas seis horas depois, ele acordou, quase na mesma posição, com o alarme do celular tocando. Sentiu o cheiro do cabelo de Emma, o que fez com que ela fosse o primeiro pensamento consciente do seu dia.

Tentou se afastar sem acordá-la, o que a fez se aconchegar ainda mais. Tentou de novo, apesar de seu corpo ter respondido àquele gesto com alegria.

– Hum? – murmurou Emma.

– Desculpe, tenho que ir.

– Que horas são?

– Um pouco depois de cinco.

Ela bocejou de novo, depois moveu-se para encostar os lábios nos de Jack.

– Ainda posso dormir mais uma hora. Pena que você não.

Jack tinha conseguido mudá-la de posição, ficando cara a cara com ela, que lhe fazia um carinho lento e preguiçoso na bunda.

– Tem duas coisas que considero realmente vantajosas neste instante.

– Quais?

– Uma é ser o chefe, o que significa que não serei despedido por chegar atrasado. A outra é um hábito que tenho de ter sempre uma muda de roupa no porta-malas. Se eu for direto daqui, ganho quase uma hora.

– Bem conveniente. Quer café?

– Vou querer, sim – respondeu Jack, rolando para cima dela.

capítulodez

Enquanto tiffany cuidava de outra embalagem para entrega, Emma terminava o terceiro buquê com amarração artesanal. Adorava a combinação de tulipas, ranúnculos e hortênsias. E embora entremear os fios com pequenos cristais nas flores estivesse acabando com seus dedos, sabia que tinha feito bem em sugerir isso. Também tinha acertado na ideia de usar renda e pérolas para envolver os caules.

Com todos aqueles passos, os detalhes, a precisão requerida, e mesmo com sua experiência, cada buquê levou quase uma hora para ficar pronto. Pensou então que era uma privilegiada por desfrutar de cada minuto daquilo que fazia.

Para ela, não existia trabalho melhor no mundo. E, nesse exato instante, quando começava a montagem do buquê seguinte e Tiffany trabalhava em silêncio do outro lado da bancada, com uma música e o perfume impregnando o ar, sentiu-se a mulher mais sortuda do planeta.

Manipulava as flores, acrescentando tulipas em várias alturas, fazendo ajustes, intercalando ranúnculos para criar a forma que desejava. Depois, as pérolas davam o tom brilhante que queria. E assim o tempo ia passando.

– Quer que eu comece a fazer os arranjos de mesa?

– Hein? – perguntou Emma, erguendo a cabeça. – Ah, desculpe, estava viajando aqui. O que disse?

– Estão muito bonitos com todas essas texturas. – Enquanto admirava o trabalho, Tiffany tomava um gole d'água. – Ainda falta um depois desse. Se quiser, posso começar a fazer, mas não sou muito boa na amarração dos buquês. Posso fazer os centros de mesa. Tenho a lista e o modelo.

– Vá em frente. – Emma atou os caules e cortou o excesso de plástico com um alicate. – Tink ainda não chegou... Já devia estar aqui, está atrasada. – Trocou o alicate por uma tesoura de poda e cortou os caules. – Se você puder fazer os centros de mesa, vou encarregá-la de começar os arranjos para os pedestais.

Emma envolveu os talos na renda e fez o acabamento com as pérolas. Pôs o buquê no vaso e o levou para a câmara fria e depois foi lavar as mãos de novo, para começar a fazer o último buquê.

Quando Tink chegou, bebendo refrigerante direto da garrafa, Emma se limitou a erguer as sobrancelhas.

– Está atrasada. Blá-blá-blá – zombou Tink. – Ficarei até mais tarde se precisar de mim. – E bocejou. – Fui deitar, quer dizer, dormir, depois das três. Sabe aquele cara? O Jake? É o Homem de Aço, em todos os bons sentidos. Então, hoje de manhã... – Tink se interrompeu, soprou uma

mecha de cabelo cor-de-rosa que lhe caiu no rosto e inclinou a cabeça. – Mais alguém se deu bem essa noite. Jack, não é? Maneiro!

– Posso ter me dado bem, mas já terminei quatro buquês. Se quiser continuar a ter dinheiro para comprar refrigerante, melhor começar o seu trabalho.

– Está certo. Ele é tão bom quanto parece?

– Não estou reclamando, estou?

– Quem é Jack? – quis saber Tiffany.

– Você sabe. É aquele que tem uma bunda linda e olhos cinzentos – disse Tink indo lavar as mãos.

– *Esse* Jack? – Boquiaberta, Tiffany parou, com uma hortênsia nas mãos. – Uau! Não estava sabendo de nada!

– Ainda é novidade, está sabendo em primeira mão. Vão repetir? – perguntou Tink.

– Ao trabalho – murmurou Emma. – Veio aqui para trabalhar.

– Vão – concluiu Tink. – Lindo buquê – acrescentou. – As tulipas parecem ter vindo do planeta Zorth, mas são bem românticas. Por onde devo começar?

– Pelos arranjos para pedestal que vão ficar na varanda. Vai precisar...

– De hortênsias, tulipas e ranúnculos – interrompeu-a Tink, remexendo nas flores e folhas, lembrando a Emma o motivo de tê-la contratado.

Às cinco, dispensou Tiffany, deixou Tink fazendo seu trabalho mágico com as flores e parou para descansar as mãos e clarear a mente. Foi até o estúdio de Mac.

A amiga vinha saindo, com a bolsa da máquina fotográfica pendurada no ombro e uma lata de Coca-Cola Zero na mão.

– Às cinco e meia temos ensaio! – gritou Emma.

– Estou indo para lá. – Mac caminhou até ela.

– Pode contar à noiva que os arranjos de amanhã estão incríveis, se me permite dizer. – As duas se encontraram no meio do caminho. – Foi um longo dia e amanhã tem mais.

– Ouvi dizer que a Sra. G fez lasanha. Uma quantidade enorme. Carter e eu estamos pensando em encher a cara.

– Estou dentro. Na verdade, pensar em lasanha me deixa inspirada. Tink está terminando a parte dela. Vou dar uma ajuda a você e Parker com o ensaio, depois, mais tarde, compenso essa uma hora ou duas que tiver gastado.

– É uma boa ideia.

Emma olhou para si mesma, com aquelas roupas de trabalho.

– Estou muito desarrumada?

Mac deu uma boa inspecionada na amiga enquanto tomava um gole da Coca.

– Está com cara de quem teve um dia cansativo. A noiva vai ficar empolgada com você.

– Acho que está certa. Não quero ir me limpar sabendo que depois vou ter que voltar a me trocar. – Deu o braço para Mac e dirigiram-se para a mansão. – Sabe o que eu estava pensando hoje? Que sou a mulher mais sortuda do mundo.

– Jack é tão bom assim? Soltando uma gargalhada, Emma bateu com o quadril no de Mac.

– É, sim, mas estava pensando em outra coisa. Estou cansada, minhas mãos estão doloridas, mas passei o dia todo trabalhando no que amo. Recebi uma ligação hoje de tarde depois de ter enviado minhas flores para o evento que organizamos fora daqui, o chá de bebê, sabe? A cliente estava exultante ao telefone, disse que teve que ligar assim que viu as flores para me dizer como estavam fantásticas. Quem mais recebe tantos elogios, Mac? – Ela suspirou e ergueu o rosto em direção ao sol. – Esse trabalho nos dá muita alegria.

– Embora em geral eu concorde, é disso que eu gosto em você. Você consegue esquecer todas as Noivas Monstro, todas as Mães Loucas, todos os Padrinhos Bêbados, todas as Madrinhas Vadias e só se lembra das coisas boas.

– É que normalmente tem mais coisas boas.

– Verdade. Apesar do pesadelo que foi a sessão de fotos de noivado de hoje. Antes que eu pudesse tirar a primeira foto, o casal feliz teve uma briga horrorosa. Meus ouvidos ainda estão doendo.

– Odeio quando isso acontece.

– Odeia? Gritos, lágrimas, saídas bruscas, voltas súbitas. Acusações, ameaças, ultimatos. Mais lágrimas, desculpas, maquiagem desfeita, vergonha e uma terrível sensação de constrangimento. Eles arruinaram o meu dia. E, ainda por cima, por causa dos olhos vermelhos e inchados, tivemos que remarcar a sessão.

– De toda forma, esse drama todo faz o dia ficar mais interessante. E agora, é isso aí. – Emma apontou para o noivo do dia seguinte que vinha se aproximando da casa brincando de rodar no ar sua futura esposa.

– Merda. Estão adiantados. Continue andando, continue andando – murmurou Mac passando a latinha para Emma e tirando a câmera da bolsa.

– Estão ansiosos para que chegue o dia – observou Emma. – E felizes.

– São encantadores – acrescentou Mac, ajustando o zoom para fazer algumas fotos. – Falando em encanto, olhe só quem acabou de estacionar.

– Ah – exclamou Emma que, ao reconhecer o carro de Jack, instantaneamente pôs a mão no cabelo.

– Ele já viu você em dias piores.

– Ah, muito obrigada. Nós dois íamos ter um dia muito atarefado, por isso, não esperava...

Ele estava tão bonito... com aquela calça cáqui e uma camisa de algodão listrada, o que significava que tinha se reunido com clientes e trabalhado no escritório, e não visitado obras. O porte elegante, o cabelo brilhando à luz do sol, o sorriso rápido e fascinante, tudo contribuía para que... humm.

– Minha bunda fica muito grande com essa calça – sussurrou para Mac. – Não me importo, porque ela é só para trabalhar, mas...

– Ela não deixa sua bunda grande coisa nenhuma. Eu diria se deixasse. Sabe o moletom vermelho estilo corsário? Ele deixa sua bunda grande.

– Lembre-me de queimá-lo. – Emma devolveu a lata de refrigerante para Mac e abriu um sorriso quando Jack se aproximou.

– Oi, meninas.

– Cara – respondeu Mac –, preciso voltar ao trabalho. Vejo vocês depois.

E foi embora.

– É um ensaio – explicou Emma.

– Você não tem que participar?

– Só vou dar uma ajuda. Já terminou seu trabalho por hoje?

– Já. Tive que encontrar um cliente que mora perto daqui, então eu... Estou atrapalhando?

– Não. Não – disse ela afobada, ajeitando o cabelo. – Só estava descansando um pouco, e pensei em ajudar no ensaio caso precisassem de mim para alguma coisa.

Jack enfiou as mãos nos bolsos.

– Estamos meio estranhos um com o outro.

– É verdade. Estamos. Vamos parar com isso. Venha cá. – Ela ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo decidido. – Estou feliz que tenha passado aqui. Estou trabalhando desde as oito horas e queria dar uma parada. A Sra. G fez lasanha. Fica para o jantar?

– Claro.

– Então, por que não joga um charme para cima dela, toma uma cerveja e nos vemos lá dentro assim que tivermos terminado?

– Vou fazer isso. – Ele pôs as mãos no rosto de Emma e se inclinou para beijá-la de novo. – Você tem cheiro do seu material de trabalho. É muito bom. Nos vemos lá dentro.

Quando se afastaram, ela deu um sorriso.

Emma entrou na mansão e sentiu o delicioso aroma do jantar da Sra. Grady, que dava uma bela e irreverente risada. Aquela combinação aumentou ainda mais seu bom humor. Ouviu que Jack estava contando o que parecia ser o finalzinho de uma história de trabalho.

– Então, quando entendeu, ela disse: "Ah, mas você não pode simplesmente *mudar* o lugar da porta?"

– Ela não fez isso!

– Acha que eu mentiria para você?

– Todos os dias e duas vezes aos domingos. Você mudou a porta de lugar?

– Mudamos, o que vai custar o dobro do preço do armário pelo qual ela se apaixonou. Mas é o cliente quem manda.

Ele tomou um gole da cerveja, e seus olhos se voltaram para Emma quando ela entrou na cozinha.

– Como foi?

– Fácil e divertido, o que é sempre um bom sinal antes da cerimônia para valer. Eles estão contando com a sorte, pois a previsão do tempo para amanhã diz que só deve chover à noite, e não vamos usar os toldos. Portanto, estamos de dedos cruzados.

Como se estivesse em sua própria casa, Emma pegou uma taça de vinho.

– Estão ensaiando o jantar. Mas acho que teremos um bem melhor aqui – disse, farejando o ar. – O cheiro está delicioso, Sra. G.

– A mesa está posta – disse a Sra. Grady acabando de arrumar uma salada. – Vocês vão comer na sala de jantar como pessoas civilizadas.

– Parker e Mac logo estarão aqui. Mas não vi a Laurel.

– Está fazendo uns testes na cozinha dela, mas já sabe a que horas vou servir o jantar.

– Vou mandar uma mensagem para ela.

– Está certo. Jack, já que veio de penetra, não quer ajudar levando essa salada lá para a mesa?

– Sim, senhora. Oi, Carter.

– Olá, Jack. As garotas já estão vindo, Sra. G.

Ela lançou um olhar carregado para Carter.

– Ensinou alguma coisa que preste hoje?

– Gosto de acreditar que sim.

– Já lavou as mãos? – perguntou ela.

– Sim, senhora.

– Então pegue o vinho e vá se sentar. E nada de beliscar até todos estarem à mesa.

Serviu uma refeição estilo família na enorme sala de jantar com pé-direito alto e janelas avantajadas. Como fazia parte das Regras da Sra. Grady, os celulares foram desligados e Parker deixou seu BlackBerry na cozinha.

– A tia da noiva de domingo deu uma passada aqui – começou Parker. – Trouxe o *chuppah* que acabou de fazer na noite passada. É uma verdadeira obra de arte. Deixei lá em cima. Emma, talvez você queira dar uma olhada para saber se é preciso fazer alguma alteração nos arranjos. Carter, o filho mais velho da cunhada da tia é seu aluno. Ele se chama David Cohen.

– O David? É um menino brilhante que normalmente exercita sua criatividade atrapalhando as aulas. Semana passada me entregou um trabalho sobre o livro *Ratos e homens* no estilo comédia em pé.

– E como ele se saiu? – indagou Mac.

– Não tenho certeza como Steinbeck se sentiria a respeito disso, mas dei um 10.

– É um livro tão triste... Por que temos que ler tantas histórias tristes na escola? – quis saber Emma.

– Minha turma de primeiro ano está lendo *A princesa prometida*.

– Por que não tive professores como você? Gosto de livros alegres, com final feliz. E olhe só você, com a sua Buttercup.

Mac revirou os olhos.

– É, sou mesmo uma princesa. Uma verdadeira Buttercup. Tenho a sensação de que o evento de amanhã vai ser um conto de fadas. Com todas essas luzes piscando, as velas, as flores brancas...

– Tink reclamou dizendo que vai ficar cega com tanto branco. Mas está lindo. Umas poucas horas a mais esta noite e estará tudo pronto. Todas aquelas amarras e fiações exigiram um grande esforço da equipe. Além do mais... Ui! – Ela ergueu a mão para mostrar os arranhões e machucados.

– Nunca imaginei que ser florista era uma profissão arriscada. – Jack pegou a mão de Emma e a examinou. – Mas você tem suas feridas de guerra. – Ele beijou os nós dos dedos dela.

Houve um longo instante de silêncio, acompanhado de olhares interrogativos.

– Parem – ordenou Jack com um meio sorriso no rosto.

– Já deviam estar esperando por isso – retrucou Laurel, ainda olhando para eles e espetando o garfo na salada. – Teremos que nos acostumar. Acho que você devia se deitar com ela bem aqui na nossa frente para que o impacto visual faça com que nos habituemos.

– Espere aí! Só um minuto! – exclamou Mac, com a mão para cima. – Deixem-me pegar a câmera.

– Pode me passar a lasanha? – pediu Jack.

Recostando-se na cadeira, Parker tomou um gole de vinho.

– Pelo que estamos vendo, esses dois estão só fazendo graça com a nossa cara. Ficam fingindo que estão juntos e depois, pelas costas, riem de termos caído nessa história.

– Aaahh... – murmurou Mac. – Que esperta!

– Sou mesmo – concordou Parker. – Agora, falando sério, nenhum dos dois faz o tipo envergonhado. Certamente não são tímidos para dar alguma demonstração de afeto na frente dos amigos. – Ela deu de ombros com um sorrisinho no rosto. – Por isso estou inclinada a pensar que isso não passa de uma piada.

– Beije-a – ordenou a Sra. Grady –, ou eles não vão deixá-los em paz.

– E não comerão a lasanha – decidiu Laurel e, batendo palmas, entoou: – Beija! Beija! Beija!

Mac engrossou o coro e deu uma cotovelada em Carter para que fizesse o mesmo, mas ele se limitou a rir e menear a cabeça.

Desistindo, Jack se virou para Emma, que não parava de rir, puxou-a para si e lhe deu um beijo, arrancando saudações e aplausos dos que estavam à mesa.

– Parece que alguém resolveu dar uma festa e se esqueceu de me chamar.

A algazarra sumiu quando todos se viraram para a porta e viram Del. Ele encarava Jack, e ergueu a mão para impedir que Parker se levantasse.

– Que droga é essa que está acontecendo aqui?

– Estamos jantando – respondeu Laurel com ar indiferente. – Se quiser comer, vai precisar ir buscar um prato.

– Não, obrigado – disse ele, assumindo o mesmo tom. – Parker, tenho que ver uma papelada com você. Mas faremos isso em outro momento, já que estão no meio de algo que aparentemente não é da minha conta.

– Del...

– Você e eu – prosseguiu ele, interrompendo a irmã, sem deixar de olhar para Jack um segundo sequer – também temos algo a tratar mais tarde.

Quando ele saiu batendo a porta, Parker soltou um longo suspiro.

– Você não contou a ele.

– Estava pensando em como ia fazer isso... Não – confessou Jack. – Não contei. Preciso resolver essa questão – disse, voltando-se para Emma.

– Vou com você. Posso...

– Melhor não. Talvez demore um pouco, então... Ligo para você amanhã. Desculpe – concluiu, levantando-se.

Depois que ele saiu, Emma levou cerca de dez segundos para reagir.

– Pelo menos tenho que tentar. – Pulou da cadeira e foi atrás de Jack.

– Ele ficou bem furioso – observou Mac.

– É claro que ficou furioso. Seu equilíbrio perfeito foi destruído. – Laurel deu de ombros quando Parker a olhou de cara feia. – Em parte é por isso. E o fato de Jack não ter lhe contado nada só piorou as coisas. Ele tem o direito de estar furioso.

– Posso ir atrás deles – sugeriu Carter. – Para tentar mediar as coisas.

– Os mediadores sempre acabam levando um soco na cara vindo de ambos os lados.

Ele deu um sorriso sem graça para Mac.

– Não seria a primeira vez.

– Não, deixe que eles se entendam. – Parker suspirou novamente. – É o que fazem os amigos.

A preocupação de Emma deteve Jack ali por uns bons dez minutos e com isso ele não conseguiu alcançar Del ainda dentro da propriedade. Mas sabia para onde ele tinha ido. Para casa, onde podia xingar, vociferar e refletir sozinho.

Bateu à porta com a certeza de que Del atenderia. Por um motivo bem simples: Jack tinha a chave e não hesitaria em usá-la caso fosse preciso. Além do mais, Delaney Brown não era do tipo que fugia de um confronto.

Quando Del abriu abruptamente a porta, Jack o encarou.

– Se tentar me bater, vou revidar. Vamos acabar os dois machucados, sem resolver nada.

– Vá se foder, Jack!

– Ok, vou me foder. E vá se foder você também, Del, por ser um estúpido que...

Como estava distraído, levou um soco na cara, mas sua reação imediata foi revidar. Ficaram os dois parados ali na porta, com a boca sangrando.

Jack limpou a sua.

– Quer que a gente continue a se esmurrar lá dentro ou aqui fora?

– Quero saber que diabos estava fazendo com as mãos em Emma.

– Quer ouvir sobre isso dentro ou fora de casa?

Del se virou e foi pisando duro até sua grande sala pegar uma cerveja.

– Há quanto tempo está dando em cima dela?

– Não estou dando em cima dela. Nós dois quisemos isso. Caramba, Del, ela é uma mulher adulta, pode fazer suas próprias escolhas. Parece até que sou um canalha desvirginando a mocinha inocente.

– Veja lá como fala – advertiu Del, com um ódio nos olhos que parecia letal. – Você transou com ela?

– Vamos começar do começo? – Com certeza esse não foi o melhor ponto de partida, Cooke, pensou ele.

– Sim ou não, porra?

– Sim, porra. Transei com ela, ela transou comigo. Transamos um com o outro.

– Eu devia encher você de porrada – disse Del, com um brilho assassino nos olhos.

– Pode tentar. Vamos acabar os dois na emergência. E quando eu sair de lá, vou continuar transando com ela. – Um ímpeto igualmente mortal tomou conta de Jack. – Isso não é da sua conta!

– O cacete que não é!

Como achava que Del tinha mais razão que ele, Jack assentiu.

– Ok, dadas as circunstâncias, é da sua conta, sim. Mas não tem o direito de decidir com quem podemos ou não sair.

– Há quanto tempo?

– Foi de repente. Eu percebi, nós percebemos, acho, há umas duas semanas.

– Umas duas semanas – repetiu Del, enfatizando bem as palavras. – E não me disse uma palavra a respeito.

– É, não disse, talvez para evitar levar uma porrada na cara. – Jack abriu bruscamente a geladeira e pegou uma cerveja. – Sabia que você não ia gostar nada dessa história e não achava um jeito de explicar.

– Aparentemente não teve o menor problema em explicar para todas as outras pessoas.

– Não, não tive. Com certeza porque não me dariam um soco na cara por transar com uma mulher bonita, interessante e *desejável*.

– Ela não é qualquer mulher, é a Emma.

– Sei disso. – Um sentimento de frustração parecia querer substituir a raiva. – Sei quem ela é, e sei também o que sente por ela. Por todas elas. E foi por isso que me mantive afastado até... recentemente – concluiu ele, encostando a garrafa gelada no queixo machucado. – Sempre tive uma queda por ela, mas deixava isso de lado. "Não vá se meter nisso, Jack." Porque você não ia gostar, Del. Você é o meu melhor amigo.

– Você tinha uma queda por várias mulheres.

– Verdade – disse Jack num tom neutro.

– Emma não é o tipo de mulher com a qual você pode ficar transando até resolver procurar outra novidade. Ela é do tipo para quem se faz promessas, com quem se deve fazer planos.

– Meu Deus, Del, estou me acostumando a... Nunca tinha feito planos ou promessas. Planos mudam, não é? Promessas são quebradas. Deixar as coisas fluírem era mais honesto. Ficamos juntos apenas uma noite. Ainda estamos vendo no que vai dar. E deixe-me fazer uma ressalva. Mesmo que tenha namorado muitas mulheres, nunca menti para elas ou as tratei de forma desrespeitosa.

– E April Westford?

– Caramba, Del, estávamos na faculdade ainda, e ela me perseguia. Era uma doida. Ela tentou invadir nossa casa. Estragou a pintura do meu carro com uma chave. E fez o mesmo no *seu* carro.

Del tomou um gole da cerveja e, depois de uma pausa, disse:

– Está certo, com essa você tem razão. Mas Emma é diferente. Ela é diferente.

– Deixe-me continuar, Del. Sei que ela é diferente. Você acha que não gosto dela? Que é só sexo? – Sem conseguir ficar parado, Jack ficava indo e voltando do bar até a bancada da cozinha. Estava sem coragem de dizer quanto gostava dela. As coisas já estavam bem complicadas a ponto de seu melhor amigo estar lhe dando um sermão a respeito de promessas e de como Emma era diferente.

– Sempre gostei da Emma. De todas elas. Você sabe disso. Cacete, você sabe muito bem disso.

– Você fez sexo com as outras também?

Jack deu um longo gole na sua cerveja e pensou em jogar a bosta no ventilador.

– Eu beijei a sua irmã. A Parker, já que agora você considera todas elas suas irmãs. Na época da faculdade, uma vez, quando nos encontramos numa festa.

– Você deu em cima da Parker? – A expressão de Del agora era de absoluto espanto. – Será que eu sei mesmo quem você é?

– Não dei em cima dela. Encostei meus lábios nos dela. Foi o que me pareceu na época. Depois, como me senti beijando *minha própria* irmã, e ela teve a mesma sensação, demos umas boas risadas e não passou disso.

– Tentou alguma coisa com Mac depois? Ou com Laurel?

Seu olhar era duro, inflamado; retesou os dedos como se fosse dar outro soco.

– Ah, claro, experimentei todas elas. É isso que eu faço. Vou trocando de mulher como se elas fossem sacos de batatas fritas que eu depois amasso e jogo no chão com as sobras que ficaram ali dentro. Quem você pensa que eu sou?

– Nesse momento, não faço a menor ideia. Devia ter me contado que pensava em Emma dessa forma.

– Ah, claro, estou vendo que devia. "Ei, Del, estou pensando em fazer sexo com Emma. O que você acha?"

Não foi a raiva nem o espanto que se estamparam no rosto de Del dessa vez: ele ostentava uma expressão fria, congelada, o que, para Jack, era bem pior.

– Vamos tentar ver as coisas de outra forma. Como se sentiria se tivesse sido você no meu lugar entrando na casa hoje à noite? Tente imaginar isso, Jack.

– Eu ficaria furioso e me sentiria traído. Quer que eu diga que estraguei tudo? Pois eu estraguei tudo. Mas posso tentar ver sob qualquer ângulo que as coisas não vão mudar. Você acha que não sei como se sente? O papel que assumiu depois que seus pais morreram? E o que cada uma delas significa para você? Eu estava com você quando tudo aconteceu, Del.

– Isso não tem nada a ver com...

– Tem a ver, sim. – Jack fez uma pausa e depois prosseguiu, mais calmo. – Sei que não importa que Emma tenha a família dela. Ela faz parte da sua.

Um pouco daquele gelo começou a derreter.

– Fique sabendo de uma coisa: se a fizer sofrer, vou tratar de fazer o mesmo com você. Não se esqueça disso.

– Parece justo. Estamos acertados em relação a isso?

– Ainda não.

– Avise-me quando estivermos – disse Jack, largando a cerveja pela metade.



Como não podia fazer nada, na sexta de manhã, Emma resolveu se concentrar em terminar o trabalho para o evento da noite. Ela e sua equipe tinham começado cedo, concebendo e criando os arranjos de flores para os outros eventos do fim de semana.

No final da tarde, foi tirar as flores da câmara fria, pondo outras lá dentro, e arrumar a van para que sua equipe desse início à decoração da casa e das varandas.

Quando a recepção começasse, voltaria para terminar o que tinha deixado para fazer ela própria.

Um pouco antes da chegada da noiva, ela e Beach enfeitaram o pórtico com jardineiras cheias de enormes hortênsias brancas.

– Belíssimo. Perfeito. Vá lá dentro ajudar Tiffany com o hall. Vou trabalhar com Tink.

Saiu apressada, calculando o tempo e verificando os vasos e arranjos pelos quais passava. Na varanda, subiu numa escada para pendurar uma bola de rosas brancas no meio da pérgula.

– Não achava que fosse gostar disso – disse Tink arrastando os arranjos de pé para o seu lugar. – O branco é tão, sabe?, *branco*. Mas ficou bem interessante, meio mágico. E aí, Jack? Putz, quem bateu em você?

– Del e eu trocamos uns socos. Fazemos isso de vez em quando.

– Meu Deus do céu!

Se estava esperando que Emma se sentisse lisonjeada ao vê-lo com a cara roxa, ficaria desapontado. Mostrando seu aborrecimento, ela desceu da escada e pôs as mãos na cintura.

– Por que os homens acham que podem resolver as coisas com violência?

– Por que as mulheres acham que podem resolver as coisas comendo chocolate? É da natureza humana.

– Tink, vamos terminar as guirlandas. Chocolate, pelo menos, faz a gente se sentir bem – retrucou Emma, continuando a fazer seu trabalho. – Um soco na cara, não. Conseguiram acertar as coisas assim?

– Não completamente. Mas foi um começo.

– Ele está bem? – perguntou Emma, apertando os lábios e olhando para Jack. – Sei que Parker tentou ligar, mas ele estava no tribunal o dia todo.

– Ele me bateu primeiro. – Jack pegou a escada das mãos dela, levou-a para o local que Emma indicou e tocou nos lábios inchados. – Ai!

Revirando os olhos, ela lhe deu um selinho.

– Não tenho tempo para ficar com pena de você agora, mas prometo arranjar um espaço na minha agenda mais tarde, caso queira ficar.

– Só dei uma passada aqui para lhe dizer que as coisas não estão... exatamente resolvidas, mas já

estou me mandando. Sei que está cheia de trabalho nesse fim de semana.

– Estou mesmo. E tenho certeza de que você vai encontrar algo bem melhor para fazer que ficar circulando por aqui.

Ele estava se sentindo culpado, um pouco infeliz e também irritado, percebeu Emma. Ia precisar de amigos e familiares por perto.

– Mas... se quiser ficar circulando por aqui, tudo bem. Pode ir chamar Carter, ou ir lá para casa. Vou dar uma escapulida na hora da recepção para terminar umas coisas para o evento de amanhã.

– Por que não deixamos as coisas simplesmente acontecerem?

– Por mim tudo bem. – Ela deu um passo atrás, examinou a pérgula, depois passou um braço na cintura de Jack. – Gostou do resultado?

– Não sabia que existiam tantas flores brancas no mundo. Está elegante e ao mesmo tempo criativo.

– Exatamente. – Virou-se para ele, passou os dedos em seu cabelo e encostou os lábios no canto daquela boca machucada. – Preciso ir verificar como está o salão principal e o de baile.

– Vou ver se Carter pode sair para brincar comigo.

– Vejo você mais tarde se...

– Se – concordou ele e abandonou a dor para lhe dar um beijo de verdade. – Ok. Vejo você mais tarde.

Ela riu e saiu em disparada para o interior da mansão.

capítuloonze

NO FIM DA NOITE, COM A CÂMARA fria repleta de buquês, centros de mesa e arranjos para o resto do fim de semana – e consciente de que teria que levantar às seis para terminar o que faltava –, Emma mal conseguiu chegar até o sofá, onde desabou.

– Vai ter que repetir tudo isso amanhã, não é? – perguntou Jack. – Duas vezes.

– Ahã.

– E mais uma vez no domingo.

– Ahã. Terei que trabalhar por umas boas duas horas no domingo antes de começar a arrumar a decoração do primeiro evento. Mas minha equipe pode terminar os arranjos restantes do domingo enquanto me dedico aos de sábado. As duas celebrações do sábado.

– Ajudei vocês algumas vezes, mas na verdade nunca... É assim todo fim de semana?

– No inverno o ritmo diminui um pouco – respondeu Emma, aconchegando-se e tirando os sapatos. – O período de abril a junho é o mais movimentado, e há outra alta temporada de setembro a outubro. Mas normalmente é assim mesmo, todo fim de semana.

– Fui dar uma olhada na sua câmara fria quando você estava trabalhando. Definitivamente, você precisa de outra.

– Preciso mesmo. Quando começamos, nenhuma de nós imaginava que o negócio cresceria desse jeito. Não, não é verdade. Parker imaginou. – Ao pensar nisso, ela deu um sorriso. – Parker sempre acreditou. Eu só pensava que poderia ganhar a vida fazendo o que gostava. – Ia relaxando aos poucos, movendo os dedos dos pés doloridos. – Nunca pensei que chegaríamos a ter que fazer malabarismo para dar conta de todas as nossas funções individuais e também dos eventos, das responsabilidades, dos clientes, dos ajudantes. É incrível.

– Poderiam contratar mais ajudantes.

– Talvez. Não acha que acontece o mesmo com você? – Emma fechou os olhos quando ele pôs seus pés no colo e começou a massagear os dedos e as solas cansados. – Lembro-me de quando você abriu sua empresa. Era só você, praticamente. Agora tem uma equipe e sócios. Quando não está desenhando os projetos, vai visitar as obras ou se reunir com clientes. Quem tem empresa própria não tem hora para começar ou acabar as tarefas.

Emma voltou a abrir os olhos e o fitou.

– E cada vez que contratamos alguém, mesmo quando é a melhor coisa, a coisa certa a se fazer pelo trabalho e por si mesmo, é como se tivesse deixando de lado alguma coisa.

– Já disse a mim mesmo várias vezes que deveria contratar Chip e depois desisti pela mesma razão. O mesmo aconteceu com Janis e depois com Michelle. Agora contratei um estagiário para

o verão.

– Isso é ótimo. Quero dizer, isso acaba nos transformando na geração mais velha, não é? Acho difícil lidar com isso.

– Ele só tem 21 anos. Fiquei me sentindo um velho quando o entrevistei. Que horas você começa a trabalhar amanhã?

– Deixe-me ver... Acho que seis. Seis e meia, talvez.

– Tenho que deixar você dormir um pouco. – Como quem não quer nada, Jack percorreu com mão a panturrilha de Emma. – Está muito ocupada no fim de semana. Então, se quiser, podemos sair na segunda.

– Sair? Está falando em sair de casa? – perguntou ela, gesticulando. – Para algum lugar onde trazem comida e é possível se divertir?

Ele sorriu.

– Que tal jantar e depois ir ao cinema?

– Jantar e cinema? Essa ideia caiu do céu.

– Então caio do céu na segunda e venho pegar você. Que tal às seis e meia?

– Está ótimo. Muito bom. Quero perguntar uma coisa. – Emma se sentou espreguiçando-se prazerosamente. – Você ficou me esperando até depois da meia-noite e agora vai para casa para que eu possa dormir um pouco?

– Seu dia foi longo – começou Jack, dando uma beliscada na perna dela. – Deve estar cansada.

– Nem tanto – disse ela, agarrando-o pela camisa e puxando-o para si.

Na noite de segunda-feira, Laurel acompanhava até a porta uns clientes que tinham vindo para uma reunião. Os noivos de setembro estavam levando várias amostras de bolo. Mas ela sabia que acabariam optando pelo bolo de creme italiano. Assim como sabia que a noiva preferiria o formato Fantasia Real, ao passo que o noivo ia escolher o Mosaico Esplendoroso.

A noiva ganharia, não tinha dúvida, mas era bom ver um homem se interessar genuinamente por esses detalhes.

Falaria depois com a noiva sobre a possibilidade de fazer um bolo Mosaico para o futuro marido, que seria uma espécie de complemento ao bolo de casamento.

Todos sairiam ganhando, pensou.

– Só me avisem quando se decidirem. Mas não se preocupem se mudarem de ideia. Temos bastante tempo pela frente. – Ela manteve o sorriso no rosto e o ar despreocupado, mesmo quando viu Del se aproximando.

Era o protótipo do advogado bem-sucedido, pensou, com seu terno de corte impecável, aquela pasta perfeita e os belos sapatos.

– Parker está no escritório dela – informou. – Acho que deve estar com tempo livre.

– Ok. – Ele entrou, fechando a porta atrás de si. – Ei, não vai falar comigo? – perguntou quando a viu subir a escada.

Laurel virou-se para trás para olhar para ele.

– Foi o que acabei de fazer.

– Mal e porcamente. Eu é que deveria estar chateado. Você não tem motivo nenhum para estar com esse ar de arrogância.

– Eu estou com ar de arrogância? – Ela fez uma pausa, esperando que ele a alcançasse na escada.

– Não esperava que meus amigos e minha família mentissem para mim, ou que mentissem por omissão. E quando fizeram isso...

Laurel pressionou o indicador com força no ombro dele e em seguida o ergueu.

– Em primeiro lugar, eu não sabia que *você* não sabia. Nem Parker, Mac ou Carter. Aliás, nem Emma. Então isso é algo que deve ser resolvido entre você e Jack. Em segundo... – prosseguiu ela, cutucando-o de novo quando Del tentou interrompê-la. – Concordo com você.

– Se tiver um minuto para... Você concorda comigo?

– Concordo. E, se estivesse no seu lugar, teria ficado magoada e furiosa também. Jack deveria ter lhe dito que Emma e ele estavam juntos.

– Bom, está certo. Obrigado... ou desculpe. O que preferir.

– Seja como for...

– Merda.

– Seja como for – repetiu Laurel –, você precisa se perguntar o motivo de seu melhor amigo não ter lhe contado. Deveria repensar a sua atitude da outra noite, tentar entender por que chegou lá todo tenso, tendo um ataque de mau humor.

– Ei, espere aí!

– É o meu ponto de vista, e é por isso que acho que Jack não lhe contou nada, embora não concorde com a atitude dele. Você teria despejado todo o peso de Delaney Brown em cima dele.

– E o que isso significa exatamente?

– Se não sabe, por mais que eu lhe diga, não vai fazer qualquer diferença.

Del pegou a mão de Laurel para detê-la quando a viu se mover.

– Ei, vai pular fora agora?

– Ok. Delaney Brown não aprova. Delaney Brown sabe mais que os outros. Delaney Brown vai manipular e conduzir tudo até fazer com que você fique aonde ele bem entender, para o seu próprio bem, claro.

– Isso é cruel, Laurel.

Ela suspirou e abrandou o tom.

– Não é, não. Sei que você faz tudo com a melhor das intenções, querendo o bem dos seus amigos e da sua família. Só que, Del, você tem sempre tanta certeza de que sabe o que é melhor para os outros...

– Agora você vai me dizer que essa história do Jack e da Emma é ótima para os dois?

– Não sei. – Ele ergueu as mãos, com as palmas voltadas para cima. – E não quero achar que sei. Tudo o que sei é que, por ora, eles estão gostando de estar juntos.

– Você não achou nem um pouco estranho? Não lhe pareceu que estava entrando numa realidade paralela?

Laurel não conseguiu conter o riso.

– Não exatamente. É um pouco...

– É como... se de repente eu desse em cima de você. Como se eu simplesmente resolvesse de uma hora para outra: "É isso, quero fazer sexo com a Laurel."

A brandura se foi junto com o riso.

– Você é um idiota mesmo!

– Que foi? *O que eu disse*? – perguntou ele enquanto ela subia a escada irritada. – Estava falando de uma realidade paralela – murmurou ele e dirigiu-se ao escritório da irmã.

Parker estava sentada à mesa, exatamente onde Del esperava que ela estivesse, falando ao telefone ao mesmo tempo que trabalhava no computador.

– É exatamente isso. Sabia que podia contar com você. Eles vão querer 250. Pode entregar aqui para mim que eu levo. Muito obrigada. Para você também. Tchau.

Tirou o fone da orelha.

– Acabo de encomendar 250 patinhos de borracha.

– Por que isso?

– Os clientes querem que eles estejam na piscina no dia do casamento. – Ela se recostou, tomou um gole d'água direto da garrafa e olhou para o irmão com ar de compaixão. – Como vai?

– Já estive melhor, mas também já estive pior. Laurel acabou de dizer que concorda que Jack foi um cretino por não ter me contado nada, mas aparentemente a culpa é toda minha, já que sou Delaney Brown. Eu manipulo as pessoas?

Parker o examinou cuidadosamente.

– É uma pegadinha?

– Cacete. – Ele largou a maleta na mesa e foi até a máquina de café.

– Ok, é sério. Claro que manipula. Assim como eu. Nós resolvemos problemas e somos ótimos em encontrar soluções e respostas. Quando fazemos isso, direcionamos, por assim dizer, as pessoas para essas soluções e respostas.

Ele se virou para a irmã e tentou ler suas feições.

– Faço isso com você, Parks?

– Del, se não tivesse me manipulado, até certo ponto, no que se refere à nossa propriedade, resolvendo tudo depois que nossos pais morreram, eu não estaria aqui encomendando 250 patinhos de borracha. Eu não teria começado esse negócio. Nenhuma de nós teria.

– Não é a esse tipo de coisa que estou me referindo.

– Está perguntando se algum dia já me forçou a fazer alguma coisa que eu não quisesse fazer e você tenha insistido porque era algo que queria que eu fizesse? Não. Sinto muito que tenha descoberto a história de Jack e Emma daquela forma, mas acho que a situação é estranha para todos nós. Ninguém percebeu como isso começou. Acho que nem mesmo eles.

– Não sei se vou me acostumar com isso. – Ele se sentou e tomou um gole de café. – Quando conseguir me acostumar, talvez já tenha terminado.

– Nossa, como você é romântico!

Ele deu de ombros.

– Jack nunca teve nada sério com uma mulher. Não é exatamente um cafajeste, mas também não é do tipo que fica muito tempo num relacionamento. Ele não a magoaria de propósito. Não é do seu feitio, mas...

– Talvez você pudesse apostar um pouco mais nos seus dois amigos – disse Parker, girando a cadeira de um lado para o outro. – Acredito que se duas pessoas se aproximam é por algum motivo. Caso contrário, eu não poderia fazer o meu trabalho. Às vezes dá certo, às vezes não, mas sempre tem um motivo.

– Com isso está querendo me dizer para deixar de ser um babaca e agir como um amigo.

– É – respondeu ela, sorrindo. – Essa é a minha resposta, a minha solução, a minha tentativa de manipular você. Como me saí?

– Muito bem. Acho que tenho que ir falar com a Emma.

– Isso seria ótimo.

– Mas antes, temos que dar uma olhada nesses papéis – disse Del, abrindo a pasta.

Vinte minutos depois, deu uma batidinha na porta de Emma e percebeu que estava aberta.

– Em?

Ouviu uma música, ou o que ele achava que fosse uma música de fundo que ela ouvia para trabalhar, com harpas e flautas. Então, entrou e dirigiu-se ao ateliê. Sentada, Emma arrumava uns botões de rosa cor-de-rosa numa cesta branca.

– Em.

Ela deu um pulo.

– Que susto! Não ouvi você chegar.

– Estou atrapalhando?

– Estava só adiantando uns arranjos para o chá de bebê desta semana. Del – prosseguiu ela, levantando-se –, você está muito zangado comigo?

– Nem um pouco. Menos que nada. – Ficou envergonhado de saber que ela achava isso. – Com Jack, de zero a dez, posso dizer que meu aborrecimento está na faixa dos sete. E isso porque já melhorou um pouco.

– Quero que saiba que, quando Jack transou comigo, eu também queria transar com ele.

– Talvez pudéssemos usar um código para esse assunto. Por exemplo: você e Jack estavam escrevendo um livro juntos ou fazendo experiências no laboratório.

– Está zangado porque estávamos fazendo experiências no laboratório ou porque não lhe contamos?

– Ele não me contou. De toda forma, é uma mistura das duas coisas. Estou tentando lidar com o fato de haver essas experiências no laboratório e estou irritadíssimo por ele não ter me contado que você e ele estavam...

– Alinhando os tubos de ensaio? Etiquetando placas de Petri?

Franzindo a testa, ele enfiou as mãos nos bolsos.

– É, acho que também não gosto desse código usando terminologia de laboratório. Só quero que você fique bem, e feliz.

– Estou bem. E feliz. Apesar de saber que vocês se agrediram por causa disso. Na verdade, talvez

isso tenha me deixado ainda mais feliz. Fico lisonjeada de ter homens se esmurrando por minha causa.

– Foi um impulso momentâneo.

Emma se aproximou dele, pôs as mãos em seu rosto e lhe deu um beijo na bochecha.

– Tente não fazer isso de novo. É algo que afeta meus dois rostos preferidos. Vamos sentar lá fora no pátio dos fundos, tomar um refrigerante e agir como amigos.

– Ok.



Enquanto isso, Jack tinha ido ao estúdio de Mac e abria as plantas com o projeto de ampliação.

– É o mesmo desenho que mandei por e-mail, só que mais detalhado e com as pequenas mudanças que você queria.

– Olhe, Carter! Você vai ter seu próprio escritório.

Carter fez um cafuné no cabelo curto e reluzente de Mac.

– Tinha certa esperança de que fôssemos continuar dividindo um único local de trabalho.

Mac riu, debruçando-se sobre as plantas.

– Veja só o meu provador. Quero dizer, o provador dos clientes. Nossa, adorei esse espaço externo que vamos ganhar. Quer uma cerveja, Jack?

– Não, obrigado. Tem algo mais inocente?

– Claro. Coca-Cola Zero.

– Eca. Prefiro água.

Enquanto ela ia até a cozinha, Jack explicava os detalhes do projeto para Carter.

– Essas estruturas embutidas vão lhe proporcionar uma boa quantidade de prateleiras para livros ou o que mais quiser: arquivos, material de escritório...

– O que é isso? Uma lareira?

– Foi um dos pedidos de mudança da Mac. Ela me disse que todo professor doutor merece ter uma lareira no escritório. É um modelo compacto, a gás. Assim, o ambiente terá uma fonte extra de calor.

Carter olhou para Mac, que voltava com uma garrafa d'água e duas cervejas.

– Você mandou fazer uma lareira para mim.

– É. Deve ter sido o amor que me levou a fazer isso. – Ela lhe deu um beijo e se abaixou para pegar Tripé, seu gato de três patas, no colo.

Deve mesmo, pensou Jack ao vê-la sentada com o gato aninhado em seu colo.

Enquanto discutiam os detalhes e escolhiam materiais, ele ficou se perguntando como deveria ser sentir esse vínculo com outra pessoa, a certeza de querer estar com ela.

Sem dúvida eles deviam pensar que aquela era a sua cara-metade. A pessoa com quem queriam morar, construir um futuro, talvez até ter filhos. E compartilhar um gato.

Como podiam ter certeza? Ou pelo menos acreditar o suficiente a ponto de correr os riscos?

Esse era, para ele, um dos grandes mistérios da vida.

– Quando podemos começar? – perguntou Mac.

– Amanhã vou solicitar as licenças. Estão pensando em algum empreiteiro específico?

– Hum... a empresa que fez a primeira reforma foi boa. Ainda estão no ramo?

– Sou eu que a administro, em nome do proprietário. Posso entrar em contato amanhã e pedir que faça um orçamento.

– Você é o máximo, Jack. – Mac lhe deu um soco amistoso no braço. – Quer ficar para jantar? Fizemos massa. Posso ligar para ver se Emma está a fim.

– Obrigado, mas vamos sair.

– Ohn!

– Pare com isso – disse Jack, balançando a cabeça e rindo.

– Não posso me impedir de achar fofo que meus amigos estejam juntos.

– Vamos arranjar algo para comer e pegar um cineminha.

– Ohn!

Ele riu de novo.

– Já vou indo. Vejo você na Noite do Pôquer, Carter. Prepare-se para perder.

– Eu poderia já dar o dinheiro agora. Assim pouparíamos tempo.

– É tentador, mas prefiro a satisfação de depená-lo na mesa. Deixo você dar o lance – acrescentou, encaminhando-se para a porta. – Podem ficar com as cópias das plantas.

Um segundo antes de avistar Del, ouviu Mac fazer "oh, oh".

Eles se detiveram, um de frente para o outro, a uns cinco passos de distância.

– Esperem! – gritou Mac. – Se forem se esmurrar de novo, vou lá pegar minha câmera.

– Vou mantê-la de boca fechada – prometeu Carter.

– Ei! Esperem! Eu estava falando a sério – disse ela, antes de Carter a arrastar para dentro.

Jack pôs as mãos nos bolsos.

– Isso é a maior estupidez.

– Talvez. Provavelmente.

– Olhe, já batemos um no outro e dissemos tudo o que queríamos dizer, tomando uma cerveja. De acordo com as regras, já era para ter terminado.

– Não é uma partida de jogo.

Jack sentiu a tensão em seus ombros diminuir. Aquilo era mais a cara de Del.

– Podemos fazer isso amanhã? Tenho um encontro agora.

– Está esquecendo outra regra: amizade acima da pegação.

Um sorriso amistoso surgiu no rosto de Jack.

– Você acabou de chamar a Emma de pegação, percebeu?

Boquiaberto, Del passou a mão pelo cabelo.

– Está vendo como isso é complicado? Só disse isso porque não estava pensando na Emma como a Emma, e porque tenho agido como um babaca.

– É, já tinha percebido. Caso contrário, teria que dar outro soco na sua cara. Os Yankees jogam em casa amanhã à noite.

– Você dirige.

– Ahã! Vamos chamar o Carlos. Eu me encarrego de bancar o motorista e você se encarrega da grana para gorjeta e da cerveja. O cachorro-quente a gente divide.

– Está certo. – Del pensou por um instante e acrescentou: – Você me daria um soco na cara por causa dela?

– Já fiz isso.

– Não foi por causa dela.

Será mesmo?, pensou Jack.

– Não sei.

– É uma boa resposta – decidiu Del. – Vejo você amanhã.



Já que o jantar e o filme de ação deram tão certo, marcaram um segundo encontro oficial para a semana seguinte. Os inúmeros compromissos de trabalho impediam que passassem mais tempo juntos, mas se organizaram para estabelecer o que chamavam de amistosa comunicação apimentada a distância, acrescida de e-mails provocadores.

Emma não tinha certeza se aquela relação se baseava no sexo ou na amizade, mas dava para sentir que ambos estavam tentando encontrar o equilíbrio perfeito.

Estava acabando de se arrumar para a noitada quando Parker apareceu e gritou por ela do pé da escada.

– Já estou descendo. As flores que você pediu estão num vaso lá nos fundos. Ainda não consigo entender, no entanto, por que você tem que fazer favores para as pessoas.

– A mãe da noiva quer que eu dê uma passada lá para revisar tudo. Então, é o que vou fazer. Não vai demorar muito.

– Eu poderia ter economizado seu tempo se tivesse conseguido passar lá para deixar as flores, mas me atrasei com a última reunião do dia. – Emma desceu apressada, parou de frente para a amiga e deu uma voltinha. – Como estou?

– Belíssima. Como era de se esperar.

Emma riu.

– O cabelo preso para cima ficou bom, não é? Deixei meio bagunçado, como se estivesse prestes a se soltar.

– Ficou ótimo. Assim como o vestido. Esse vermelho carregado cai muito bem em você. E preciso acrescentar que a malhação está valendo a pena.

– Ai, preferiria não ouvir essa parte. Isso significa que vou ter que continuar me exercitando. Levo uma echarpe ou um suéter? – perguntou, segurando cada um numa das mãos.

– Para onde vão?

– A um vernissage. De um artista local, moderno.

– A echarpe é mais artística e você é muito esperta.

– Sou?

– A maior parte das pessoas vai estar de preto, então esse vestido vermelho vai atrair todas as

atenções. Você devia dar aulas.

– Se é para se produzir, melhor ser notada, não acha? Gostou dos sapatos?

Parker examinou aqueles sapatos de salto agulha com uma sensual tira de tornozelo.

– São um arraso! Ninguém que tenha um cromossomo Y vai dar bola para os quadros.

– Só tenho interesse em chamar atenção de um cromossomo Y.

– Está feliz, não é, Emma?

– Claro, porque eu sou feliz. Estou me relacionando com um homem interessante que me faz rir e estremecer, um homem que ouve atentamente o que digo e que me conhece bem o bastante, o que me deixa ser eu mesma, sem precisar de filtro. E o mesmo acontece com ele. Sei que ele é divertido, engraçado, esperto, que não tem medo de trabalho, valoriza suas amizades, é obcecado por esportes. E... bem, e todas as outras coisas que a gente simplesmente sabe quando conhece alguém há mais de dez anos, como é caso do Jack.

Emma foi até seu ateliê.

– Algumas pessoas talvez possam pensar que assim não há o prazer da descoberta ou a excitação, mas estão erradas. Sempre há coisas novas a descobrir e ainda podemos contar com a estabilidade de saber que realmente nos entendemos. Com ele, sinto-me confortável e excitada ao mesmo tempo. Escolhi tulipas cor-de-rosa e íris. Acho que ficou alegre, feminino, primaveril.

– Ficou, sim, está perfeito. – Parker esperou que Emma tirasse as flores do vaso e as amarrasse com um laço branco.

– Posso acrescentar uns lisianthus, se quiser um pouco mais de volume.

– Não, está ótimo. Impecável! Emma – começou Parker enquanto a amiga envolvia o arranjo num papel translúcido e brilhante –, Jack sabe que está apaixonada por ele?

– O quê? Não. Eu nunca disse... Bom, é claro que amo Jack. Nós *todas* o amamos.

– Mas nenhuma de nós pôs um vestido vermelho e sapatos sexy para sair à noite com ele.

– Ah, bem, isso é só... porque queria sair arrumada.

– Não é só por isso. Em, você vai sair com Jack. Você está transando com Jack. Era o que eu achava que sabia. Mas o que acabei de ouvir, e a sua cara... Querida, eu conheço você. Está apaixonada por ele.

– Por que está dizendo isso? – perguntou Emma, meio aflita. – Esse tipo de coisa é que confunde a minha cabeça, pois deixa tudo mais meloso e complicado.

Parker a fitava com a cabeça inclinada e as sobrancelhas erguidas.

– Desde quando acha que estar apaixonada deixa tudo meloso e complicado?

– Desde que comecei a sair com Jack. Gosto de como as coisas estão. Estou num relacionamento excitante com um homem excitante e não... não espero nada mais que isso. Porque sei que ele é assim. Não é do tipo que fica planejando o que vamos fazer daqui a cinco anos, ou daqui a cinco semanas. Estamos... curtindo o agora.

– Sabe, é estranho que tanto você quanto Del, que é a pessoa mais próxima dele, tenham tão pouca confiança nele.

– Não é isso. É que nessa área em particular, Jack não parece procurar algo... permanente.

– E quanto a você?

– Vou aproveitar o momento – respondeu Emma, decidida. – Não vou me apaixonar por ele porque sabemos muito bem o que aconteceria. Eu começaria a criar fantasias românticas, a pensar nele, em nós dois, e ia querer que ele...

Parou e pôs a mão na barriga.

– Parker, sei bem como é ter alguém se sentindo assim a nosso respeito, quando não sentimos o mesmo. É tão ruim para a pessoa que não está apaixonada quanto para a que está.

Ela meneou a cabeça.

– Não, decididamente não vou seguir por esse caminho. Só vamos sair algumas vezes por um tempo. Não vou me apaixonar.

– Está certo. – Para tranquilizá-la, Parker pôs a mão em seu ombro. – Se está feliz, também estou.

– Estou feliz.

– É melhor eu me apressar. Obrigada pelo arranjo.

– De nada.

– Vejo você amanhã na reunião sobre o casamento da Seaman.

– Tenho tudo anotado na agenda. Sei que querem dar uma volta pelos jardins para ver como estão agora e ter uma ideia do que vão querer nesses espaços em abril. Levarei um par de jardineiras com hortênsias azuis que tenho mantido na estufa. Estão exuberantes e vão impressioná-los. Tenho também outras cartas na manga – acrescentou, levando Parker até a porta.

– Você sempre tem. Divirta-se esta noite.

– Pode deixar.

Emma fechou a porta e, virando-se, apoiou as costas nela.

Podia enganar a si mesma, admitiu. Com certeza podia enganar Jack. Mas nunca enganaria Parker.

É claro que estava apaixonada. Talvez estivesse apaixonada por Jack há anos e resolvera se convencer de que era só tesão, o que já seria complicado, mas paixão? Era fatal.

Sabia exatamente que tipo de amor queria, um amor que se infiltra nos ossos, se enraíza no coração e floresce no corpo. Queria um amor que durasse para sempre.

Queria alguém com quem pudesse viver dia após dia, noite após noite, ano após ano, queria casa, família, brigas, conforto, sexo, tudo.

Sempre soube que queria isso do parceiro, o amante, o pai dos seus filhos.

Mas por que tinha que se apaixonar por Jack?

Quando finalmente sentia todas essas coisas que esperou a vida toda para sentir, por que tinha que ser justamente por aquele homem que ela conhecia tão bem? Bem o bastante para entender que ele era alguém que queria ter seu próprio espaço, seguir seu próprio caminho e que considerava o casamento uma aposta de longo prazo.

Sabia de todas essas coisas a respeito dele e ainda assim tinha se apaixonado.

Se ele soubesse, ficaria... atordoado?, pensou. Não, talvez esta fosse uma palavra pesada demais. Ficaria preocupado, se sentindo culpado, o que seria pior. Com muita delicadeza, daria um jeito

de se afastar.

E isso a deixaria mortificada.

Não havia motivo para ele ficar sabendo. Só seria um problema se ela deixasse virar um problema.

Então, não iria deixar, decidiu.

Tinha tanta habilidade para lidar com homens quanto para lidar com flores. Continuariam exatamente como estavam, e se em algum momento aquilo lhe causasse mais dor que prazer, ela é que se afastaria.

Depois, iria superar.

Afastou-se da porta e se dirigiu para a cozinha para tomar um copo d'água. A garganta estava seca e um pouco arranhada.

Iria superar, assegurou a si mesma. De que adiantava se preocupar tanto com isso agora, se ainda estavam juntos?

Bom... sempre podia tentar fazê-lo se apaixonar por ela. Se sabia como impedir que um homem se apaixonasse por ela, ou sabia como convencê-lo a se desencantar quando ele achava que estava apaixonado, por que não conseguiria fazer o contrário?

– Espere aí, estou me confundindo.

Respirou fundo e tomou um gole d'água.

– Se eu fizer com que ele se apaixone por mim, seria um sentimento legítimo? Caramba, é muita doideira. Vamos a um vernissage. É isso, só isso.

Ficou aliviada quando ouviu baterem à porta. Agora podia parar de pensar e de se preocupar com tudo isso.

Iam sair e se divertir juntos. O que tivesse que acontecer depois, aconteceria.

capítulodoze

A SATISFAÇÃO SUBSTITUIU a preocupação. O que Emma viu nos olhos de Jack ao abrir a porta era exatamente o que estava pretendendo.

– Preciso de um momento de silêncio – disse ele – para fazer minha prece de agradecimento.

Com um sorriso brando e sensual, ela retrucou:

– Então, deixe que eu lhe diga que é muito bem-vindo. Não quer entrar?

Aproximando-se um pouco mais, ele passou os dedos pelos ombros dela e foi descendo pelo braço. Aqueles olhos acinzentados estavam pregados nela.

– Acabei de ter uma ideia. Que tal eu entrar e a gente esquecer essa história de vernissage?

– Ah, não! – exclamou Emma, empurrando-o e se afastando. Entregou-lhe a echarpe, virou-se de costas e deixou que ele a envolvesse nos ombros dela. – Você me prometeu pinturas estranhas, péssimo vinho e canapés empapados.

– Bem que poderíamos voltar lá para dentro – disse ele, inclinando-se para roçar o seu pescoço com a boca e o nariz. – Faço uns desenhos eróticos, tomamos um bom vinho e pedimos uma pizza.

– Hum, por que escolher? – rebateu Emma enquanto os dois se dirigiam para o carro. – Primeiro, o vernissage e, depois, os desenhos eróticos...

– Se não tem outro jeito... – disse Jack. Mas parou junto do carro, puxou-a para si e lhe deu um beijo estonteante. – Adorei a sua roupa. Você está incrível.

– Era essa a intenção. – Ela acariciou o suéter cinza que ele estava usando por baixo da jaqueta de couro. – Gosto da sua roupa, Jack.

– Já que estamos tão bonitos, é melhor nos exibirmos por aí. – Ele se sentou ao volante e acrescentou, com um sorriso: – Como foi o fim de semana?

– Cheio, como previsto. E um sucesso, porque Parker convenceu os clientes a alugarem tendas para o sábado. Quando começou a chover, ninguém precisou sair correndo. Foi até melhor. Pusemos mais velas e mais algumas flores do meu estoque de emergência. Resultado: havia aquela luz suave e o perfume das flores com a chuva tamborilando nas tendas. Ficou lindo.

– Incrível que tudo tenha corrido bem. Eu estava na obra nova sábado à tarde e, para nós, foi impossível! Quero dizer, tivemos que sair correndo.

– Gosto dessas chuvas de primavera. O barulho, o cheiro... Nem todas as noivas pensam assim, mas conseguimos que a de sábado ficasse realmente feliz. E como foi a Noite do Pôquer?

Fitando a estrada que os faróis iluminavam em meio à escuridão, Jack fechou a cara.

– Não quero falar sobre isso!

Emma riu.

– Pelo que me disseram, Carter levou até o seu relógio.

– O cara nos enganou direitinho com aquela história de "não sei jogar muito bem" e com aquele ar todo honesto. É uma verdadeira fera.

– Ah, sei... Carter, uma verdadeira fera...

– É mesmo. Jogue com ele para você ver...

– Você é um mau perdedor.

– O pior é que sou mesmo...

Com um ar divertido, Emma se recostou no banco do carro.

– E então, fale um pouco sobre a artista da exposição.

– Ah, claro... Seria bom mesmo. – Ficou um instante em silêncio, tamborilando no volante. – Ela é amiga de um cliente. Acho que já disse isso.

– Disse, sim. – Ela estava querendo saber sobre a obra, mas, pelo tom de voz dele, percebeu que era melhor mudar de rumo. – É sua amiga também?

– Mais ou menos. Saímos juntos algumas vezes. Poucas. Talvez várias.

– Ah, sei. – Apesar de curiosíssima, Emma manteve um tom desinteressado. – É uma ex...

– Não exatamente. Nunca fomos... Saímos por algumas semanas. Já faz mais de um ano. Na verdade, quase dois. Foi só uma coisa passageira que acabou logo.

Vê-lo assim tão sem jeito deixou-a ao mesmo tempo interessada e lisonjeada.

– Não precisa ficar constrangido, Jack. Sempre desconfiei que você já tinha dormido com outras mulheres.

– Dormi, sim. E Kellye – ele pronunciou o nome acentuando o "e" final – é uma delas. É uma mulher... interessante.

– E artística.

Ele retorceu um pouco os lábios, deixando Emma mais intrigada.

– Isso você é que vai decidir.

– Então por que terminaram? Ou será que estou sendo indiscreta?

– A coisa foi ficando um pouco intensa demais para o meu gosto. Ela é do tipo decidida, cobradora.

– Exigia atenção demais? – perguntou Emma, com uma pontinha de frieza na voz.

– *Exigia* muita dedicação. Mas, seja como for, acabou.

– E vocês dois continuaram amigos.

– Nem tanto. Mas encontrei com ela uns dois meses atrás, e não houve problemas. Depois, ela me avisou do vernissage e percebi que não faria mal nenhum ir até lá. Principalmente com você para me proteger.

– É comum você precisar de proteção contra mulheres?

– Sempre – respondeu ele, fazendo-a rir novamente.

– Não se preocupe – replicou Emma, dando-lhe uns tapinhas na mão que estava na alavanca do câmbio. – Estou aqui para isso.

Depois de estacionarem, saíram andando pelo ar fresco da noite de primavera. Uma brisa erguia

as pontas da echarpe de Emma. As lojinhas que ela gostava de ver já estavam fechadas, mas os bistrôs ainda tinham bastante movimento. Vários clientes enfrentavam o frio para jantar na varanda com velas nas mesas.

Sentiu cheiro de rosas e de molho de tomate.

– Sabe o que ainda não fiz para você? – indagou.

– Tenho uma listinha, mas acho que preciso rever alguns dos itens mais importantes.

Ela o cutucou com o cotovelo.

– Cozinhar. Sou boa na cozinha quando tenho tempo. Preciso seduzi-lo com minhas fajitas.

– Quando e onde quiser – disse ele, parando diante da galeria. – Chegamos. Tem certeza de que não preferiria cozinhar?

– Arte – replicou ela, entrando.

Não. Não exatamente, foi o que logo lhe passou pela cabeça. A primeira coisa que viu, além de várias pessoas paradas, com um ar concentrado, foi uma tela branca gigantesca atravessada por uma única linha preta, larga e meio turva.

– É uma marca de pneu? Uma única marca de pneu numa estrada branca, ou a divisão de... uma coisa qualquer?

– É uma linha preta numa tela branca. E vamos precisar de uns drinques – afirmou Jack.

– Ahã...

Enquanto ele ia buscar as bebidas, Emma começou a circular pela sala. Parou para olhar outra tela, onde havia uma corrente preta retorcida com dois elos quebrados, intitulada *Liberdade*. Outra ainda exibia o que parecia ser uma série de pontos pretos, mas que, vistos mais de perto, se revelavam um punhado de letras minúsculas.

– Fascinante, não é mesmo? – Um homem usando óculos de aro escuro e um suéter preto de gola rulê tinha se aproximado. – A emoção, o caos.

– Hum... é...

– A abordagem minimalista da intensidade e da confusão. Brilhante! Poderia passar horas analisando essa tela e ver algo diferente a cada instante.

– Depende da disposição que der às letras.

– Exatamente! – exclamou ele, com um sorriso radiante. – O meu nome é Jasper.

– Emma.

– Já viu *Nascimento*?

– Não ao vivo.

– Acho que é o melhor trabalho dela. Está logo ali. Adoraria saber o que pensa dele.

Quando fez o gesto indicando o caminho, roçou no cotovelo de Emma. Ela percebeu que estava sendo sondada.

– Que tal um vinho?

– Na verdade... já tenho a minha taça – respondeu ela quando Jack se aproximou trazendo sua bebida. – Jack, este é Jasper. Estávamos admirando... *Babel* – acrescentou, lendo o título da obra.

– Uma confusão de linguagem – observou ele, pondo a mão de leve, mas de um jeito possessivo, no ombro de Emma.

– Claro. Se me derem licença...

– Acabei com a festa dele – disse Jack, vendo o outro se afastar. Provando o vinho de péssima qualidade, ficou olhando a tela à sua frente. – Parece um daqueles kits de ímãs que as pessoas compram para pôr na porta da geladeira.

– Graças a Deus! Graças a Deus! Achei que estivesse vendo realmente alguma coisa aí.

– Ou que alguém deixou cair as peças de um jogo de formar palavras.

– Pare com isso – atalhou Emma, tendo que respirar fundo para conter uma gargalhada. – Jasper acha essa tela brilhante em seu caos minimalista.

– Bom, parece a cara de Jasper... Por que não...

– Jack!

Emma se virou para ver surgir da multidão uma ruiva de mais de 1,80 metro, com os braços abertos. Estava usando um vestido preto bem justo que deixava à mostra quilômetros de pernas e tinha uns seios firmes que quase saltavam pelo decote. Cada passo que dava era acompanhado pelo tilintar de umas dez pulseiras prateadas que trazia num dos pulsos.

E quase massacrou Emma quando atirou os braços ao redor do pescoço de Jack para colar na dele aquela boca vermelha e assassina.

O máximo que Emma pôde fazer foi segurar a taça de vinho dele antes que ela caísse no chão.

– Sabia que você viria – disse a ruiva baixinho, quase num soluço. – Nem imagina como isso é importante para mim. Não faz ideia.

– Ah... – replicou ele.

– A maioria dos que estão aqui não me *conhece*. Nenhum deles esteve *dentro* de mim.

Céus! Meu Deus!

– Ok. Que tal... – balbuciou Jack, tentando se desvencilhar daqueles braços que apertavam seu pescoço como um garrote. – Quis vir até aqui e lhe dar parabéns. Deixe-me que lhe apresente... Kellye, você está me sufocando!

– Estava com *tanta* saudade... E esta noite significa muito para mim. Agora mais ainda. – Lágrimas dramáticas brilharam em seus olhos e os lábios dela tremiam de emoção. – Agora que está aqui, sei que posso enfrentar esta noite com todo esse estresse, todas essas *solicitações*. Ah, Jack, Jack, fique junto de mim. Bem juntinho.

Um pouco mais perto que isso e *estaria* dentro dela.

– Kellye, esta é Emmaline. – Já em desespero, Jack agarrou os pulsos da ruiva, tentando tirá-los do seu pescoço. – Emma...

– Muito prazer em conhecê-la – disse Emma, num tom animado, entusiasta, estendendo-lhe a mão. – Você deve...

Kellye recuou, como se houvesse sido apunhalada. Depois, virou-se para Jack, exclamando:

– Que ousadia! Como pôde fazer isso? Trazer *essa mulher* aqui? Só para esfregá-la na minha cara? Seu desgraçado! – E saiu como uma bala, afastando do caminho a multidão fascinada.

– Ok, foi bem divertido. Vamos embora – disse Jack. Pegou a mão de Emma e foi puxando-a em direção à saída. – Que roubada! A maior roubada – acrescentou quando conseguiu respirar um pouco de ar fresco. – Acho que ela perfurou minhas amígdalas com a língua. Você não me

protegeu...

– Verdade. Estou tão envergonhada...

Ainda puxando Emma pela mão na calçada, ele a fitou estreitando os olhos.

– E você achou engraçado?

– Também sou uma cobra. Tenho um coração de pedra. Estou mais envergonhada ainda. – Precisava parar e rolar de rir. – Céus, Jack! O que estava pensando?

– Quando uma mulher tem o poder de perfurar as amígdalas de um homem com a língua, ele para de pensar. E ainda tem aquele jeito quando ela... Eu quase disse em voz alta... – Passou a mão pelo cabelo, analisando o rosto radiante de Emma. – Fomos amigos por tanto tempo! Isso é meio perigoso.

– Em nome da amizade, vou lhe pagar um drinque. Você merece – respondeu Emma, segurando a mão dele. – Não acreditei quando você disse que ela era decidida e coisas do gênero. Achei que era só uma típica manifestação do homem anticompromisso. Mas *decidida* é pouco para Kellye. Além do mais, a pintura dela é ridícula. Sinceramente, acho que ela devia namorar Jasper. Ele a adoraria.

– Vamos para o outro lado da cidade tomar aquele drinque – sugeriu Jack. – Quero evitar qualquer possibilidade de encontrá-la outra vez – acrescentou, abrindo a porta do carro para Emma. – Você não ficou nem um pouco constrangida com aquela situação?

– Não. Para me deixar constrangida, é preciso muito mais que isso. Se tivesse percebido ali um mínimo de sinceridade que fosse, teria pena dela. Mas Kellye é tão falsa quanto a arte que produz. E também deve ser igualmente esquisita.

Dando a volta até a porta do motorista, Jack perguntou:

– Por que diz isso? Por que acha que ela é falsa?

– O que contava ali era o drama, e ela bem no meio da cena. Talvez sinta alguma coisa por você, mas seus sentimentos mais fortes são em relação a si mesma. Além do mais, com certeza ela me viu quando pulou no seu pescoço. Sabia que estávamos juntos e foi por isso que armou todo aquele show.

– Criar uma situação constrangedora para ela mesma? Por que alguém faria isso?

– Ela não estava nem um pouco constrangida. Estava em êxtase – respondeu Emma, virando a cabeça e percebendo o espanto nos olhos dele. – Os homens não percebem mesmo esse tipo de coisa, não é? Acho tão interessante... Ela estava sendo a estrela da própria tragédia romântica, Jack, e foi ficando cada vez mais empolgada. Aposto que, hoje à noite, por causa dessa cena, vai vender muito mais daquela besteirada que ela chama de arte.

Enquanto ele seguia dirigindo em silêncio por alguns instantes, Emma estremeceu.

– E tudo isso acabou com o seu ego, não foi?

– Só uns arranhões superficiais. Comparando isso ao medo de ter dado motivo para ela me interpretar mal e merecer efetivamente aquele showzinho tão divertido – acrescentou ele, dando de ombros –, acho que prefiro os arranhões.

– Com certeza. Afinal... tem alguma outra ex-nós-andamos-saindo-juntos que você queira me apresentar?

– De jeito nenhum. – Ele se virou para fitá-la e as luzes dos postes reluziram nos tons de dourado e de cobre do seu cabelo. – Mas quero deixar claro que, em sua maioria, as mulheres que namorei não eram loucas.

– O que depõe a seu favor...



Escolheram um pequeno bistrô e dividiram um prato de fettuccine alfredo. Emma o deixava mais relaxado, pensou Jack, o que era estranho, porque ele sempre se achou um cara bastante tranquilo. Mas ficar com ela, só conversando sobre o assunto que lhes passasse pela cabeça, fazia qualquer problema ou preocupação que pudesse estar enfrentando desaparecer por completo.

Mais estranho ainda era o fato de ficar simultaneamente excitado e relaxado junto de uma mulher. Não conseguia se lembrar de ter experimentado essa combinação de sensações com ninguém antes de Emma.

– Como é possível – perguntou ele – que, em todos esses anos de convivência, você nunca tenha cozinhado para mim?

Enrolando um único fio da massa no garfo, ela retrucou:

– Como é possível que, em todos esses anos de convivência, você nunca tenha me levado para a cama?

– Ah! Quer dizer que só cozinha para homens em troca de sexo?

– É uma boa política – respondeu ela, sorrindo, e mordiscando a massa. – Cozinhar me dá um trabalho danado. Tem que valer a pena.

– Que tal amanhã? Posso fazer o trabalho valer a pena.

– Claro que pode. Mas amanhã não vai dar. Não vou ter tempo de ir ao mercado. Sou muito chata com a escolha dos ingredientes. Na quarta-feira ainda fica meio em cima, mas...

– Tenho um compromisso de trabalho na quarta à noite.

– Bom, é melhor mesmo ficar para a semana que vem. Diferentemente de Parker, não tenho a agenda na cabeça, reforçada pelo BlackBerry sempre nas mãos, mas acho que... Ah! Cinco de Maio. Estamos quase em maio. Altas festas de família. Lembra? Você foi a uma delas.

– A maior festança do ano!

– Uma tradição na família Grant. E, em termos de cozinha, nem se fala... Vou dar uma olhada na agenda e depois falo com você.

Emma se recostou na cadeira, com a taça de vinho na mão.

– Quase maio. O melhor dos meses.

– Para casamentos?

– Bom, é um mês ótimo para isso, mas estou pensando de um modo geral. Azaleias, peônias, lilases, glicínias. Tudo começa a brotar e a florescer. E posso começar a plantar algumas espécies anuais. A Sra. G vai colocar no jardinzinho da cozinha. Tudo recomeça e volta. Qual o seu mês favorito?

– Julho. Um fim de semana na praia. O sol, a areia, o surfe. Os jogos de beisebol. Os dias longos,

as churrasqueiras a todo vapor...

– Hum, nada mau também. O cheiro da grama recém-aparada...

– Não tenho grama para aparar.

– Ah, o menino da cidade – disse Emma, apontando para ele.

– Esse é o meu lugar.

Ambos estavam brincando com a massa no prato. Emma se inclinou para a frente. Mal percebiam as conversas que ocorriam ao seu redor.

– Já pensou em ir morar em Nova York?

– Já. Mas gosto daqui. Tanto para viver quanto para trabalhar. E estou perto o bastante para ir ver os Yankees, os Knicks, os Giants, os Rangers.

– Ouvi dizer que lá também tem coisas como balé, ópera e teatro.

– Verdade? – exclamou Jack, exagerando na expressão de espanto. – Que coisa estranha...

– Você é uma peça, Jack, sabia?

– Admito.

– Acho que nunca lhe perguntei isso. Por que escolheu arquitetura?

– Segundo minha mãe, comecei a construir prédios de dois andares quando tinha 2 anos. Acho que virou uma mania. Gosto de imaginar como usar o espaço ou modificar uma estrutura já existente. Como utilizar aquilo melhor? Você vai morar ali, trabalhar ali, se divertir ali? E o que cerca aquele espaço, que finalidade pode ter? Quais são os melhores materiais, os mais interessantes, os mais práticos? Quem é o cliente e o que ele está procurando de verdade? De certo modo, não é muito diferente do que você faz.

– Só que as suas obras duram mais.

– Tenho que admitir que sofro vendo o meu trabalho ir desaparecendo e terminar. Não acha isso chato?

Emma pegou um pedacinho de pão.

– É claro que existe algo especial com a transitoriedade. O que acontece é que só o temporário faz aquilo ser mais imediato, mais pessoal. Uma flor desabrocha e você pensa: Ai, que linda! Ou você projeta e cria um buquê, e acha que ficou deslumbrante. Não sei se o impacto e a emoção seriam os mesmos se a gente não soubesse que aquilo só vai durar algum tempo. Um prédio tem que durar; o seu jardim tem que cumprir seus ciclos.

– E desenhar paisagens? Já pensou nisso?

– Provavelmente por menos tempo que você pensou em morar em Nova York. Gosto de trabalhar no jardim, ao ar livre, sob o sol, vendo o que plantei ali ressurgir no ano seguinte, ou florescer durante toda a primavera e o verão. Mas sempre que chega uma remessa do meu fornecedor, é como se eu estivesse ganhando uma caixa de brinquedos novinha em folha.

Seu rosto adquiriu um ar sonhador.

– Cada vez que entrego o buquê a uma noiva, vejo a reação dela ou os convidados admirando os arranjos, penso: fui eu que fiz isso. E mesmo que já tenha feito o mesmo arranjo antes, o resultado nunca fica igual. Portanto, é algo sempre novo.

– E nunca fica entediante. Antes de conhecer você, achava que o que as floristas faziam era

enfiar flores em vasos.

– Antes de conhecer você, eu achava que arquitetos passavam o tempo todo sentados diante de pranchetas. Veja como já aprendemos...

– Poucas semanas atrás, não me passaria pela cabeça que estaríamos sentados aqui, desse jeito – disse Jack, pousando a mão sobre a de Emma, movendo ligeiramente os dedos e com os olhos pregados nos dela. – E que, antes do final da noite, eu já soubesse que ia descobrir o que existe debaixo desse vestido lindo.

– Poucas semanas atrás... – Por baixo da mesa, Emma passou o pé bem devagar pela perna dele. – Eu nunca teria imaginado que escolheria esse vestido com a intenção de deixar que você o tirasse. É por isso que...

Debruçou-se um pouco mais sobre a mesa, fazendo a luz dourada da vela dançar em seus olhos, e os seus lábios roçaram os de Jack.

– Não tem nada embaixo do vestido.

Ele continuou a fitá-la, penetrando naqueles olhos ardentes e maliciosos. De repente, ergueu a mão livre.

– A conta, por favor!

Jack precisou se concentrar na estrada, especialmente porque parecia estar tentando quebrar o recorde mundial de velocidade. Emma o deixava louco com aquele jeito de se sentar bem recostada, com as pernas incríveis à mostra, fazendo o vestido subir levemente pelas coxas.

Ela se debruçou – deliberadamente, é claro – e, no único segundo em que Jack ousou tirar os olhos da estrada à frente, teve a magnífica visão dos seios dela surgindo daquele vermelho tão sexy.

Emma pareceu estar um tanto atrapalhada com o rádio, mas virou a cabeça o suficiente para lhe dar um sorriso de fêmea felina e, depois, voltou a se recostar no banco. Cruzou as pernas novamente. O vestido subiu mais um centímetro.

Ele teve medo de perder a cabeça.

Fosse qual fosse a música que começou a tocar no rádio, tudo o que lhe chegava aos ouvidos era o som do baixo. Aquele som vigoroso, penetrante. O resto lhe parecia apenas ruído, estática.

– Você está pondo vidas em risco – disse Jack, e ela apenas riu.

– Poderia tornar tudo ainda mais perigoso. Poderia lhe dizer o que quero que faça comigo. Como quero que me coma. Hoje, estou a fim de ser comida. De ser usada – prosseguiu ela, passando um dos dedos para cima e para baixo bem no meio do corpo. – Poucas semanas atrás, ou há mais tempo ainda, você teria se imaginado me comendo, Jack? Me usando?

– Claro. A primeira vez foi depois daquele dia que a vi na praia. Só que, quando imaginei isso, era noite e eu fui correndo para a água, surfar. Dava para sentir o gosto da sua pele e do sal. Senti os seus seios nas minhas mãos, na minha boca, onde quer que a água nos tocasse. Depois, eu a levava para a areia, enquanto as ondas quebravam, até que tudo o que você conseguia dizer era o

meu nome.

– Foi há bastante tempo – disse Emma, com a voz meio rouca. – Bastante tempo para imaginar. Só sei de uma coisa: precisamos voltar à praia.

O riso poderia ter aliviado um pouco a ansiedade, mas acabou tornando-a mais forte ainda. Mais uma diferença, pensou Jack: uma mulher que podia fazê-lo rir e ao mesmo tempo deixá-lo incrivelmente excitado.

Saiu da estrada e entrou na longa alameda da propriedade dos Browns.

Havia luz no terceiro andar, em ambas as alas da mansão, e uma claridade branda na janela do estúdio de Mac. E, logo ali adiante, graças a Deus, a lâmpada da entrada da casa de Emma e o abajur que ela deixara aceso lá dentro.

Ao frear o carro, Jack já estava soltando o cinto de segurança. Antes mesmo que Emma pudesse fazer o mesmo, ele deu um jeito de agarrá-la e começou a beijá-la.

Pegou os seus seios, se deu o prazer de passar as mãos por aquelas pernas, por baixo do vermelho tão sedutor.

Conseguiu baixar um dos ombros do vestido, mas bateu com o joelho na alavanca do câmbio.

– Ai! – exclamou Emma, rindo baixinho. – Temos de acrescentar joelheiras àqueles protetores de cotovelos.

– Droga de carro pequeno. É melhor a gente entrar antes de se machucar para valer.

Emma o segurou pela jaqueta, puxando-o para junto de si e voltaram a se beijar com sofreguidão.

– Depressa.

Saíram do carro, cada um por um lado, e correram ao encontro um do outro. Mais um riso baixinho e um gemido desesperado ressoaram no silêncio. E lá foram eles, trôpegos, tateando, se beijando sem parar.

Com um puxão, Emma arrancou a jaqueta de Jack enquanto ambos giravam como um casal de dançarinos loucos. Quando chegaram diante da casa, ela simplesmente o empurrou contra a porta. A sua boca devorava a dele, só parando por um instante quando as suas mãos puxaram o suéter, as unhas arranhando a pele, até ela conseguir atirá-lo longe.

Os saltos altos e a posição em que estavam deixavam a boca de Emma na altura da mandíbula dele. Dando-lhe umas mordidas, ela tirou o cinto de Jack e também o jogou longe.

Ele teve problemas com a maçaneta às suas costas, e os dois entraram quase caindo. Dessa vez, foi ele que a empurrou contra a porta, ergueu os braços dela e segurou os seus pulsos com ambas as mãos. Mantendo-a assim, imobilizada, levantou a saia do vestido e a olhou, já bastante excitada. E a respiração entrecortada de Emma se transformou num grito quando ele a levou bem depressa ao clímax.

– Quanto será que você aguenta?

Quase sem fôlego, o corpo ainda em chamas, ela o fitou diretamente nos olhos.

– Tudo o que você tiver para dar.

Jack a ergueu de novo, entre gemidos e gritos, cobrindo todo o seu corpo com as mãos e a boca. O fogo a envolveu, lambeu toda a sua pele quando ele arrancou-lhe o vestido para deixar seus

seios à mostra e abocanhá-los. Tudo o que Emma queria, até mais do que poderia imaginar, com vigor e com urgência, ele usou para explorar o seu corpo.

Possuí-la, pensou ela. Será que ele sabia? Será que fazia ideia?

Desejar já era o bastante, desejar desse jeito, ser desejada desse jeito. Conseguiria fazer com que isso bastasse. E, desejando-o, sentindo-se louca por ele, ela se apoiou na porta e passou uma das pernas por sua cintura.

– Quero mais.

Ela o consumiu. No momento que precedeu a penetração, o seu olhar, o seu jeito, a sensação que vinha dela, o seu gosto o consumiram. Depois, num novo tipo de loucura, ele a empurrou para a porta, e ambos se chocaram mil vezes contra ela. O cabelo de Emma se soltou dos grampos que o prendiam, enquanto ela repetia o nome dele sem parar.

O orgasmo foi brutal e glorioso.

Jack não saberia dizer se ainda estava em pé ou se o seu coração voltaria a bater normalmente. Ele continuava martelando em seu peito, tornando o simples ato de respirar um desafio.

– Ainda estamos vivos? – conseguiu perguntar enfim.

– Acho... Acho que não poderia me sentir assim se não estivesse. Mas acredito que, a certa altura, minha vida passou diante dos meus olhos.

– E eu estava lá?

– Em todas as cenas.

Jack se concedeu ainda mais um minuto e depois recuou. Pôde ver que ainda estava de pé. E ela também – afogueada e radiante, e inteiramente nua, a não ser pelos sapatos incrivelmente sexy, de saltos altíssimos.

– Céus, Emma, você é... Nem sei como dizer. – Voltou a tocá-la, mas, desta vez, de uma forma quase reverente. – Não vamos subir ainda...

– Ok. – Quando ele a pegou pelos quadris, erguendo-a do chão, ela passou as duas pernas pela cintura dele. – Consegue chegar até o sofá?

– Vou tentar.

Ele a carregou até lá e ambos se deixaram cair, os corpos emaranhados.

Duas horas depois, quando finalmente subiram, os dois pegaram no sono.

Emma sonhou e, no sonho, estavam dançando no jardim, ao luar. O ar da primavera era suave e cheirava a rosas. A lua e as estrelas prateavam as flores que estavam por toda parte. Seus dedos se entrelaçaram quando eles se viraram e, então, ele levou aqueles dedos à boca para beijá-los.

Quando ela ergueu o rosto, quando sorriu para ele, viu as palavras nos seus olhos antes mesmo que ele as pronunciasse.

– Eu te amo, Emma.

No sonho, seu coração desabrochou como as flores.

capítulotreze

Preparando-se para a reunião com as Seamans, Emma encheu as jardineiras da entrada da mansão com enormes hortênsias. O azul intenso cria um efeito impressionante, pensou ela, dramático, romântico e atraente. Como as cores da noiva eram azul e pêssego, contava que as hortênsias se encarregassem do impacto inicial.

Cantarolando, voltou para a van para descarregar os vasos de tulipas brancas – as flores favoritas da noiva – que disporia nos lados dos degraus da entrada. Elas criariam uma imagem mais doce que a do azul intenso, mais branda e delicada. A seu ver, era uma bela mistura de textura, forma e estilo.

Uma prova do que a noiva poderia esperar.

– Em!

Inclinada sobre as jardineiras, com os braços cheios de tulipas, Emma virou a cabeça na direção do chamado. E Mac apertou o disparador da câmera.

– Perfeita!

– As flores estão. Espero conseguir me arrumar antes da reunião. Nossa melhor cliente precisa ser recebida impecavelmente. – Emma ajeitou os vasos em seus lugares e prosseguiu: – Temos que verificar todos os detalhes.

Vestida com um tailleur num tom de verde tão intenso quanto o dos seus olhos, Mac se plantou na frente da amiga.

– Não tem mais muito tempo para ficar embelezando a propriedade.

– Está quase pronto. Este é o último. – Emma respirou fundo, deixando-se inebriar com as flores e seus aromas. – Meu Deus, que dia maravilhoso!

– Nossa, está animada, hein?

– Tive um encontro incrível ontem à noite. Com direito a comédia, drama, conversa e sexo. Estou me sentindo... energizada.

– E está com os olhos brilhando.

– É provável – disse, apoiando a cabeça no ombro de Mac. – Sei que é muito cedo e ainda nem falamos ou chegamos perto de falar em amor. Mas... Você sabe, Mac, que tenho aquele sonho recorrente com a noite enluarada, as estrelas...

– Você dançando no jardim. – Instintivamente, Mac passou o braço pela cintura da amiga. – Claro, você fala nisso desde que éramos pequenas.

– Sonhei com isso ontem à noite e Jack estava no sonho. Eu dançava com ele. É a primeira vez que tenho esse sonho, ou imagino essa cena, sabendo quem é o meu par. Não acha que isso quer

dizer alguma coisa?

– Que está apaixonada.

– Foi o que Parker disse ontem à noite antes do meu encontro com ele. Eu neguei, dizendo que não estava nada. Mas, como sempre, é claro que ela estava certa. Acha que sou louca?

– Quem disse que o amor é coisa de gente sã? Você meio que já passou por isso antes.

– É. Mais ou menos – atalhou Emma. – Queria me apaixonar, esperava me apaixonar. Mas agora que aconteceu, é mais forte do que eu imaginava. E olha que eu imaginava muito. – Emma deu um passo para o lado, rodou, fez uma pirueta. – Estou tão feliz!

– Vai contar a ele?

– Claro que não. Ele entraria em pânico. Você conhece o Jack.

– É – disse Mac, cautelosa. – Conheço.

– Estou tão feliz! – repetiu Emma, pondo a mão no coração. – Posso continuar do jeito que está. Ele sente alguma coisa por mim. Uma mulher sabe quando um homem sente algo por ela.

– Isso é verdade.

– Então, vou ficar feliz, pensando que ele pode vir a se apaixonar por mim.

– Emma, quer que eu diga a verdade? Não sei como ele pode resistir ao seu charme. Está na cara que vocês combinam. E, se você está feliz, também estou.

Mas Emma conhecia muito bem aquele tom, aquelas expressões, o que se passava no coração da amiga.

– Está com medo que eu me machuque. Consigo perceber isso no seu tom de voz. Porque nós sabemos como o Jack é. Mac, você não queria se apaixonar por Carter.

– Tem razão. – Mac deu um leve sorriso e passou os dedos nas pontas do cabelo da outra. – Eu não queria, mas aconteceu, então preciso deixar de ser cética.

– Muito bem. Agora tenho que ir me arrumar para ficar com cara de profissional. Diga a Parker, por favor, que já terminei e que estarei de volta em vinte minutos.

– Pode deixar. – Visivelmente preocupada, Mac ficou vendo a amiga se afastar apressada.



Uma hora depois, vestida com um terninho elegante e sapatos de salto baixo, Emma levava a noiva, a mãe de olhos de lince e a encantada irmã da mãe para conhecer os jardins.

– Vocês podem ver que teremos uma grande variedade de espécies florescendo na próxima primavera. Agora elas não estão ainda tão exuberantes quanto vocês precisariam ou gostariam que estivessem.

– Não sei por que não podem esperar até maio ou junho – murmurou Kathryn Seaman.

– Mãe, não vamos discutir isso de novo.

– Seja como for, está na época das tulipas, que sei que são suas flores favoritas – disse Emma, voltando-se para Jessica. – Vamos plantar mais nesse outono, brancas e pêssego. Você vai ter um mar de tulipas e de jacintos azuis. Também vamos encher muitos vasos brancos com rosas cor de pêssego, esporinhas, bocas-de-leão, goivos e hortênsias. Todas as cores combinando com o

branco para realçar mais. Pensei em cobrir de rosas essa área aqui de trás.

Virou-se sorrindo para Kathryn.

– Prometo que vai ficar como um jardim de mundo da fantasia, tão rico, exuberante e romântico quanto você deseja para o casamento da sua filha.

– Bem, já vi o seu trabalho, por isso acredito no que diz. – E dirigiu-se a Mac com um gesto de assentimento. – As fotos do noivado ficaram exatamente como disse que seriam.

– Ajuda muito ter um casal tão belo e perdidamente apaixonado.

– E nos divertimos muito também... – confessou Jessica. – Além do mais, fiquei me sentindo uma princesa de conto de fadas.

– Estava parecendo uma princesa mesmo – respondeu a mãe. – Muito bem, vamos falar das varandas.

– Vocês se lembram dos esboços que apresentamos? – começou Emma, abrindo caminho.

– Também já vi o seu trabalho – disse Adele, a tia da noiva, examinando as varandas. – Estive em três casamentos aqui e todos estavam lindos.

– Obrigada – respondeu Parker, com um sorriso educado por conta do elogio.

– Na verdade, o que fizeram aqui, tudo o que criaram, tem me inspirado a abrir um negócio parecido. Passamos parte do ano na Jamaica, um lugar que tem sido muito procurado para casamentos e que é perfeito para abrir uma empresa sólida, de qualidade e que ofereça pacotes com todos os serviços incluídos.

– Está falando sério? – perguntou Kathryn.

– Sim, tenho pensado seriamente no assunto. Meu marido vai se aposentar – disse Adele para Parker –, e estamos querendo ficar ainda mais tempo na nossa casa de veraneio de lá. Acho que seria um excelente investimento, e também divertido.

Ela deu uma piscadinha para Emma e sorriu.

– Agora, se eu conseguir seduzir você com a promessa de ilimitadas flores tropicais e as suaves brisas de uma ilha, vai ser o primeiro tijolo da minha construção.

– Tentador – disse Emma, com a mesma naturalidade –, mas a Arranjos, minha parte da Votos, já me mantém muito ocupada. Se levar adiante esses seus planos, tenho certeza de que todas nós ficaremos felizes em tirar qualquer dúvida que tenha. Agora, vamos ver as outras áreas...

Depois da reunião, as quatro estavam desabadas na sala.

– Meu Deus! – disse Laurel, esticando as pernas. – Essa mulher sem dúvida sabe como testar os conhecimentos de alguém. Estava me sentindo mais uma vez como se fosse o próprio evento, e não apenas uma visita para falar sobre ele.

– A menos que haja qualquer objeção, gostaria de propor que não marcássemos nada da sexta da semana anterior até o domingo depois da cerimônia. O porte e o escopo desse casamento compensam em muito a perda desses dias. Além do mais, ele nos trará muita propaganda e divulgação boca a boca, atraindo mais clientes – disse Parker, chutando os sapatos para longe. –

Isso nos dará uma semana inteira para nos concentrarmos exclusivamente nele.

– Graças a Deus. – Emma deu um suspiro longo e aliviado. – Com essa quantidade de flores e de trabalho de paisagismo, os vários tipos de buquê e arranjos, os centros de mesa, as guirlandas, as árvores ornamentais, eu teria que contratar mais pessoas para me ajudar. Mas com a semana toda voltada para esse único evento, acho que dá para me virar com a equipe de sempre. Posso pensar em mais alguém só para ajudar na decoração, mas prefiro fazer isso pessoalmente e com gente que eu já conheço.

– Concordo com a Emma – disse Laurel. – Os bolos, as barrinhas, os chocolates personalizados são a parte mais elaborada e que exigem mais trabalho. Se tiver a semana toda para fazer isso sem me preocupar com mais nada, vou poder até dormir umas horinhas.

– Então somos três – complementou Mac, erguendo a mão. – Eles querem documentar com fotos todos os ensaios, inclusive o jantar, então, se tivéssemos outro evento na sexta, eu teria que arranjar um fotógrafo para me substituir, já que estaria com os Seamans. Do jeito que as coisas estão, vou ter que contratar dois fotógrafos para o evento em si, mais um cinegrafista. E ter o domingo livre significa que não precisaremos nos matar nem sacrificar os ajudantes tirando coisas de um casamento para pôr as do outro.

– E nem mencionamos o que eles esperam de você... – disse Emma, dirigindo-se a Parker.

– Então, estamos todas de acordo – concluiu Parker. – Vou dizer à mãe da noiva que teremos a agenda da semana livre só para podermos dedicar todo nosso tempo, toda nossa atenção e nossos talentos ao casamento da filha dela. Ela vai adorar isso.

– Ela gosta de nós – observou Emma. – A ideia de uma empresa fundada e administrada por quatro mulheres a atrai.

– Parece que atrai a irmã dela também. Quem mais a sorrateira Adele tentou aliciar a ir com ela para a Jamaica? – perguntou Laurel.

As quatro levantaram a mão.

– E nem sequer percebeu como estava sendo grosseira – acrescentou Parker. – É a *nossa* empresa. Não somos contratadas. A Votos é nossa.

– Foi grosseira, sim, mas não acho que tenha sido por mal. – Emma deu de ombros. – Prefiro me sentir envaidecida. Ela considera minhas flores fabulosas, os bolos e doces de Laurel, sensacionais, e a coordenação de Parker, incomparável. Como se não bastasse, Mac deu um show com as fotos de noivado.

– Foi mesmo – concordou Mac. – Dei um show.

– Vamos aproveitar esse momento para nos parabenizar pelo nosso trabalho brilhante e pelo nosso talento. – Parker ergueu a garrafa d'água para brindarem. – Depois, voltemos ao trabalho.

– Também gostaria de aproveitar o momento para agradecer a Emma pela diversão da noite passada.

Emma fitou Laurel sem entender nada.

– Como é?

– Fui para a varanda respirar um pouco de ar fresco ontem à noite antes de ir dormir e vi um carro chegando na maior correria. Por um minuto pensei: "Xiii, alguma coisa aconteceu." Mas

não, não era nada disso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Emma, tapando o rosto com as mãos. – Ai, meu Deus!

– Quando vi que ninguém saiu dali de dentro cuspindo sangue, que na verdade ninguém saiu, pensei em correr e me preparar para oferecer os primeiros socorros. Mas de repente duas portas do carro se abriram. Emma saiu por um lado, Jack pelo outro.

– Você *viu* tudo?

Laurel fez uma cara sarcástica.

– E aí? – incentivou Mac. – Precisamos saber o resto.

– E aí vocês devem imaginar. Eles se agarraram feito animais.

– Ah, fizemos isso... também – lembrou-se Emma.

– Depois aconteceu aquela cena clássica de pegação na porta de entrada.

– Puxa, faz tanto tempo que ninguém me encosta na porta... – comentou Parker e, com um ligeiro arrepio, enfatizou: – Muito tempo mesmo.

– Pelo que vi, Jack é bom nisso. Mas a nossa menina não fica para trás.

– Caramba, Laurel!

– Ela tirou o casaco dele e jogou longe. Depois fez o mesmo com o suéter.

– Ai, ai, ai! – exclamou Mac.

– Mas o Oscar vai para a cena do cinto. Ela puxou o cinto como se fosse um chicote... – Laurel movia o braço imitando a amiga. – Depois, o fez alçar voo.

– Acho que vou precisar de outra garrafa d'água.

– Infelizmente, Parker, depois disso eles entraram.

– Estraga-prazeres – murmurou Mac.

– O resto eles deixaram por conta da minha... imaginação fértil. Então, quero agradecer a você, Emmaline, por essa cena que vi da varanda. Menina, só aplaudindo de pé.

Diante do aplauso entusiasmado, Emma disse apenas:

– Agora, deixo vocês com a espiã e seus pensamentos libidinosos. Preciso trabalhar.

– Contra a porta – sussurrou Parker. – Confesso que estou com inveja.

– Eu até ficaria com inveja dela pela transa contra a porta, mas não: no momento estou declaradamente numa fase de jejum sexual.

– Jejum sexual? – repetiu Mac, voltando-se para Laurel.

– Isso mesmo. Como estou na fase de jejum sexual, também estou em jejum de encontros, porque nos últimos meses os achei uma chatice – comentou, dando de ombros. – Para que fazer algo que está nos aborrecendo?

– Pelo sexo? – sugeriu Mac.

Com os olhos apertados, Laurel apontou os dedos como uma arma para a amiga.

– Só está dizendo isso porque tem com quem transar regularmente.

– É – concordou Mac. – Tenho mesmo feito isso.

– É uma grosseria vir se gabar disso para nós, que não temos feito o mesmo – disse Parker.

– Mas tenho transado por amor. – Mac acentuou tanto a última palavra que Laurel caiu na gargalhada.

– Agora está me deixando enjoada.

– Não sou a única que está desse lado. Emma me disse que você está certa, Parks. Ela está apaixonada pelo Jack.

– É claro que ela está apaixonada pelo Jack – interrompeu Laurel. – Se não estivesse, não teria transado com ele.

– Hum, odeio desapontá-la, Sra. Ingenuidade, mas Emma já fez sexo com homens por quem não estava apaixonada. E – prosseguiu Mac – já recusou gentilmente ir para cama com uma quantidade de homens maior que a soma de todos os casos que nós três já tivemos na vida.

– Era exatamente a isso que estava me referindo. O que acontece quando nós quatro saímos juntas? Somos quatro mulheres atraentes, portanto, é natural conseguirmos ser paqueradas. Mas com Emma a coisa é diferente. Os homens ficam rodando em volta dela feito moscas.

– Não entendo...

– É mesmo – assentiu Parker. – Ela não precisa transar com alguém só por se sentir atraída. Tem muitas opções. E é mais seletiva que promíscua. Se fosse só tesão, ela poderia resolver essa questão com outro, porque com Jack seria mais complicado e arriscado.

– É por isso que ela esperou tanto tempo para agir – observou Mac. – Não entendo... Bom, entendo, sim – corrigiu-se. – Que droga, odeio quando perco a chance de acertar antes de vocês.

– Agora que ela se deu conta de algo que eu poderia ter lhe dito há algumas semanas, me pergunto o que vai fazer.

– Ela teve aquele sonho da dança no jardim – contou Mac –, e estava com o Jack.

– É, a coisa está séria. Não é só uma paixão – disse Laurel –, é *a* paixão.

– Ela está lidando bem com isso. Disse que vai aproveitar o momento.

O silêncio foi geral.

– Acho que o amor nunca está errado – começou Parker. – Seja ele passageiro ou eterno.

– Todas sabemos que Emma sempre quis que fosse eterno – observou Mac.

– Mas não dá para se ter um amor eterno sem antes passar pela fase inicial, pela incerteza de ser passageiro.

– E se não der certo – acrescentou Laurel, olhando para as amigas –, estamos aqui para apoiá-la.



No seu ateliê, Emma tratava de assuntos burocráticos enquanto fazia uma máscara facial de hidratação e limpeza profunda. Quantas mulheres tinham a sorte de poder se dedicar aos cuidados com a pele enquanto trabalham? E de ficar descalças, com a Norah Jones cantando nos fones de ouvido?

E quantas dessas sortudas teriam feito sexo selvagem, duas vezes, na noite anterior, com um homem incrível?

Apostava que não muitas. Não mesmo.

Enquanto a máscara agia, preparou um pedido para os fornecedores contendo espuma para arranjos, tiras de plástico, arame, pedras translúcidas e coloridas. Depois, deu uma olhada no site

para ver se achava alguma promoção e acrescentou ao pedido folhas de espuma e três dezenas de bases pequenas.

Isso ia bastar por um tempo, pensou, enviando o pedido. Em seguida, contatou seu fornecedor de velas para saber o que ele tinha a lhe oferecer.

– Emmaline! Está em casa?

– Mãe? Estou aqui em cima – respondeu, salvando os pedidos no carrinho de compras antes de se levantar. Foi encontrar a mãe na escada. – Oi!

– Oi, minha querida. Está com o rosto cor-de-rosa.

– Eu... Ah, tinha esquecido. – Rindo, Emma deu umas batidinhas com os dedos nas bochechas. – Tenho que tirar isso do rosto. Estava comprando velas e me distraí. – Foi até o banheiro para tirar a máscara. – Está de bobeira?

– Trabalhei de manhã, e agora estou livre como um passarinho. Então, resolvi passar para ver minha filha antes de ir para casa. – Lucia pegou o potinho da máscara facial. – Ela é boa?

– Diga você o que achou do resultado. É a primeira vez que estou usando. – Emma terminou de lavar o rosto com água fria, depois deu umas batidinhas para secar.

Lucia franziu os lábios.

– Você é tão bonita que fica difícil saber se isso se deve aos bons genes que herdou de mim ou se tem a ver com esse potinho.

Emma sorriu. Examinou o próprio rosto no espelho acima da pia, passando de leve os dedos nas bochechas e no queixo.

– Dá uma sensação boa. O que sempre ajuda.

– Você me parece radiante – acrescentou Lucia, enquanto Emma borrifava o tônico e passava o hidratante. – Mas, pelo que tenho ouvido, isso também não é efeito do potinho.

– São os bons genes?

– Ou alguma outra coisa boa. Sua prima Dana foi até a livraria hoje de manhã. Parece que uma grande amiga dela, a Livvy... Você conhece a Livvy, não é?

– Um pouco.

– Livvy saiu com o novo namorado para jantar e adivinhe só quem ela viu sentada num canto reservado, do outro lado do restaurante, dividindo um vinho, uma massa e tendo um conversa íntima com um belo arquiteto?

Emma estremeceu.

– Quantas chances tenho?

Lucia ergueu e baixou as sobrancelhas.

– Vamos lá para baixo pegar alguma coisa para beber. Prefere café ou algo gelado?

– Algo gelado.

– Jack e eu fomos a um vernissage juntos – começou Emma quando estavam descendo a escada. – O evento foi um verdadeiro fiasco, mas a história é ótima.

– Pode me contar depois. Primeiro, fale da massa e do vinho.

– Comemos a massa e tomamos vinho depois do vernissage. – Na cozinha, Emma pegou copos e os encheu de gelo.

– Está sendo evasiva.

– É. – Rindo, Emma fatiou um limão. – O que é uma bobagem, pois você obviamente já deve imaginar que Jack e eu estamos juntos.

– Está sendo evasiva porque acha que não aprovo?

– Não. Talvez. – Emma abriu a água com gás de que a mãe tanto gostava, encheu os copos e acrescentou umas rodelas de limão.

– Está feliz? Já vi a resposta no seu rosto, mas pode me dizer sim ou não.

– Sim.

– Então, por que acha que eu não iria aprovar?

– É que é um pouco estranho, não é? Depois de todo esse tempo...

– Algumas coisas precisam de mais tempo que outras. – Lucia dirigiu-se para a sala e sentou no sofá. – Adoro essa salinha. As cores, os cheiros... Sei que esse é um lugar que faz você feliz.

Emma foi se sentar ao lado da mãe.

– É mesmo.

– Está feliz com seu trabalho, com sua vida, com sua casa. E tudo isso faz com que uma mãe, mesmo mais velha como eu, durma bem de noite. Agora, se além de tudo isso está com um homem que por coincidência é alguém de quem eu gosto, fico ainda mais feliz. Você precisa levá-lo lá em casa para jantar.

– Ah, mãe. Só estamos... saindo.

– Ele já jantou lá outras vezes.

– Sim, jantou. Mas foi como amigo do Del, e eram aqueles almoços no quintal ou festas. E você não está me pedindo para levar o amigo do Del para jantar.

– Por que de repente ele não pode mais comer a minha comida ou tomar uma cerveja com seu pai? Não sei se sabe, *nina*, mas entendo o que significa estar "saindo".

– Tudo bem.

– Ele pode ir no Cinco de Maio. Pode convidar todos os seus amigos. Vamos assar o porco na churrasqueira. E não estou me referindo ao Jack.

– Ok – disse Emma, rindo. – Estou apaixonada por ele, mãe.

– Eu sei, querida. – Lucia puxou Emma, fazendo-a encostar a cabeça em seu ombro. – Vi no seu rosto.

– Ele não está apaixonado por mim.

– Então, ele não é tão esperto quanto pensei que fosse.

– Ele gosta de mim. Você sabe. Ele gosta de mim e existe uma enorme atração tanto da parte dele quanto da minha. Mas não está apaixonado. Ainda.

– Essa, sim, é a minha menina – disse Lucia.

– Você acha... pouco honesto tentar deliberadamente fazer um homem se apaixonar?

– Você pretende mentir, fingir ser quem você não é, enganar, fazer promessas que não vai cumprir?

– Claro que não.

– Então, por que seria pouco honesto? Se eu não tivesse feito seu pai se apaixonar por mim, não

estaríamos aqui sentadas na sua linda salinha.

– Você... fez isso mesmo?

– Ah, eu estava tão apaixonada... Não havia a menor esperança, ou pelo menos era o que eu pensava. Ele era tão bonito, tão gentil, tão doce e engraçado com seu filhinho... Era muito solitário e me tratava bem, com respeito, com dignidade... e, à medida que fomos nos conhecendo melhor, também passou a me tratar com amizade. Eu queria que ele superasse aquilo tudo, que me visse como mulher, que me levasse para a cama, mesmo que só por uma noite.

Emma sentia que seu coração romântico mal cabia no peito.

– Ah, mãe.

– O que foi? Achou que você tivesse inventado isso? A necessidade, o desejo? Eu era jovem, e ele, de uma classe social mais alta. A riqueza e a posição eram barreiras, ou pelo menos eu achava que fossem. Mas não custava nada sonhar. E talvez mexer um pouco os pauzinhos – acrescentou Lucia com um sorriso misterioso. – Tentava ficar o mais bonita possível, fazer suas comidas favoritas, ouvir quando ele precisava de um ombro amigo. E eu sabia fazer isso tudo muito bem. Quando ele tinha que sair, sempre lhe dizia que a gravata não estava reta, mesmo quando estava, só para eu poder arrumar. Continuo fazendo isso – murmurou ela. – Ainda tenho vontade de fazer. Sabia que existia algo entre nós dois que ia além daquele laço de união que era o amor pelo menininho, podia sentir isso, podia ver em seus olhos que havia algo mais que amizade e respeito. Tudo o que eu podia fazer então era lhe mostrar, de pequenas formas, que eu era dele.

– Mamãe, isso é tão... Você nunca me contou essa história antes.

– Nunca precisei. Seu pai era muito cuidadoso comigo, a ponto de não tocar na minha mão ou sustentar meu olhar por muito tempo. Até aquele dia em que eu estava debaixo da cerejeira e o vi se aproximar. Ele vinha até mim e eu soube que ali, refletido em seus olhos, estava o meu coração. – Ao dizer isso, Lucia pôs a mão no peito. – Ah, estava caída a seus pés. Como ele poderia não perceber? Quando percebeu, seu coração ficou entregue, como o meu.

– É isso que quero.

– É claro.

Emma precisou piscar para afastar as lágrimas.

– Não acho que vou conseguir isso arrumando a gravata de Jack.

– São pequenas coisas, Emma. Os gestos, os momentos. E o mais importante de tudo: mostrei meu coração. E o entreguei a ele, mesmo quando acreditava que ainda não podia ou queria aceitá-lo. Eu o entreguei assim mesmo, como um presente. Mesmo que fosse parti-lo. Fui muito corajosa. O amor exige muita coragem.

– Não sou tão corajosa quanto você.

– Acho que está enganada. – Lucia passou o braço pelo ombro da filha e a abraçou. – Muito enganada. Mas, por ora, é tudo novo, não é? Novo, radiante e feliz. Então, aproveite.

– É o que estou fazendo.

– E leve-o para a festa.

– Está certo.

– Agora, vou para casa para deixar você voltar a trabalhar. Vão se encontrar?

– Esta noite não. Tivemos uma reunião interminável hoje: o casamento da filha dos Seamans.

Lucia mexeu os olhos para cima e para baixo.

– Ah, o *grande* casamento.

– É, o grande casamento. E tenho umas coisas burocráticas para resolver, arrumar e planejar até de noite e um dia cheio amanhã. Ele tem uma reunião de trabalho amanhã de noite, mas vai tentar dar uma passada aqui depois e...

– Sei o que esse "e" significa – disse Lucia, com uma risada. – Tenha uma boa noite de sono hoje então. – Deu uns tapinhas no joelho de Emma e se levantou.

– Estou tão feliz que tenha vindo aqui. – Emma deu um abraço apertado na mãe. – Dê um beijo no papai por mim.

– Por você e por mim. Acho que ele vai me levar para jantar fora hoje. Vamos dividir um vinho e uma massa, tendo uma conversa íntima. Para mostrar que não estamos enferrujados.

– Como se isso pudesse acontecer.

Emma foi até a porta se despedir da mãe. Depois, em vez de voltar a trabalhar, deixou a porta aberta para que o ar da primavera entrasse e foi dar uma volta pelos jardins.

Botões bem fechados, flores recém-abertas, brotos tenros. O início de um novo ciclo, pensou. Andando pelas estufas, ficou feliz com seu trabalho. Sementes que havia plantado no inverno eram agora plantinhas jovens e cresciam sadias. Começaria a aclimatá-las nos próximos dias.

Deu a volta e parou para encher os comedouros dos pássaros que compartilhava com Mac. O ar tinha começado a refrescar quando voltou para casa. Vai fazer frio depois que o sol se puser, pensou.

Num impulso, pegou uma vasilha. Descascou, cortou e despejou ali alguns cubos com verduras do verão que tinha congelado. Deixou a panela no fogo, e foi terminar seus afazeres.

Uma hora depois, desceu para mexer o caldo e olhou pela janela quando ouviu um barulho de carro. Surpresa e satisfeita, correu até a porta para receber Jack.

– Oi!

– Tive uma reunião, mas consegui resolver as coisas depressa, por isso, terminou mais cedo. Deixei meu casaco aqui de novo, então pensei em passar para pegá-lo quando estivesse indo... Está cozinhando?

– Fui dar uma volta e, como peguei um pouco de friagem, fiquei com vontade de tomar uma sopinha. Tem bastante, se estiver interessado.

– Na verdade, estava... Tem um jogo esta noite, então...

– Eu tenho televisão. – Aproximou-se dele e ajeitou sua gravata com um sorriso misterioso. – E permito que ela transmita jogos.

– Sério?

Emma deu um puxão na gravata.

– Deixo você provar a sopa. Se não gostar, devolvo o seu casaco e você vai assistir ao jogo em casa.

Voltou para a cozinha e mexeu mais um pouco a sopa. De rabo de olho, pôde ver que Jack tinha ido atrás dela.

– Abra a boca e feche os olhos.

Ele fez exatamente o que ela mandou, então Emma levou a colher com uma provinha até seus lábios.

– Está boa – disse ele, erguendo a sobrancelha, surpreso. – Está ótima. Como é que eu nunca soube que você fazia uma sopa tão gostosa?

– Nunca tinha vindo buscar seu casaco depois de terminar uma reunião mais cedo. Quer ficar para jantar?

– Quero, obrigado.

– Só fica pronto daqui a uma hora, mais ou menos. Por que não abre uma garrafa de Cabernet?

– Ok. – Ele se inclinou para beijá-la. Deteve-se uns instantes e depois lhe deu outro beijo, suave, lento. – Estou feliz de ter passado aqui.

– Eu também.

capítulocatorze

As bandeiras do México e dos Estados Unidos exibiam orgulhosas as suas cores, já que a mãe mexicana e o pai americano de Emma combinavam duas culturas para celebrar o Cinco de Maio.

Todo ano, no amplo quintal, podia-se jogar boliche na grama e badminton ou até brincar num pula-pula inflável ou num minitoboágua. Amigos, parentes e vizinhos divertiam-se e competiam enquanto outros lotavam as mesas de piquenique, fartando-se com as travessas de porco ou frango, tortilhas quentes, tigelas de feijão vermelho ou de chili, guacamole ou molho de pimenta tão forte que chegava a arranhar a garganta.

Havia galões de refresco, de cerveja Negra Modelo ou Corona, tequila e *frozen* margaritas para animar ainda mais a festa.

Sempre que passava lá no Cinco de Maio, Jack ficava espantado com a quantidade de gente que podia comer na casa dos Grant. E a variedade de fajitas e hambúrgueres, de feijão, arroz e salada de batatas. Além de pudins ou torta de maçã.

Aos seus olhos, a comida era apenas um símbolo da combinação perfeita que havia entre Phillip e Lucia.

Ficou tomando a sua cerveja e olhando alguns dos convidados que dançavam ao som do trio de violões e marimbas.

Ao seu lado, Del tomou um gole da própria cerveja.

– Que festa, hein?

– Eles não medem esforços para que tudo saia fantástico.

– E aí, é estranho estar aqui este ano, na casa dos pais da namorada?

Jack ia negar, por uma questão de princípio, mas, que diabo, era Del.

– Um pouco. Mas, até agora, não vi nenhuma forca por aí.

– Ainda é cedo demais...

– Ah, só você mesmo para me tranquilizar, Brown. É impressão minha ou tem pelo menos o dobro de crianças do ano passado? No ano retrasado... – emendou ele. – Não pude vir no ano passado.

– Talvez. Acho que nem todos são parentes. Mas Celia está grávida de novo.

– É, Emma me disse. Está sozinho?

– Estou – respondeu Del, com um sorrisinho. – Nunca se sabe, não é mesmo? Olhe só aquela loura de vestido azul. Que pernas...

– Verdade. As pernas de Laurel são sempre fantásticas.

Del engasgou com a cerveja.

– Não... Ah... – foi tudo que conseguiu dizer quando a moça se virou, sorriu e ele pôde vê-la melhor. – Quase não a vejo de vestido. – E, num gesto deliberado, voltou o rosto para o outro lado. – Mas, por aqui, tem um monte de morenas charmosas, de louras legais e até algumas ruivas bem sexy. E muitas delas estão sozinhas. Só que, para você, os dias de sondar o terreno já terminaram.

– Estou namorando. Não fiquei cego nem estou morto. – A ideia lhe deu um certo frio na espinha.

– Onde está Emma?

– Foi ajudar alguém com alguma história de comida. Não estamos grudados um no outro.

– Ok – retrucou Del, erguendo uma sobrancelha.

– Tenho meus amigos, Emma tem os dela, e alguns são amigos em comum. Não precisamos ficar juntos o tempo todo numa festa.

– Claro – disse Del, tomando mais um gole de cerveja, com um ar contemplativo.

– E... aquele cara que ela está beijando na boca neste exato momento é amigo dela, seu ou em comum?

Jack se virou e ainda viu o final do beijo entre Emma e um sujeito que parecia um daqueles deuses nórdicos. Ela estava rindo e gesticulando de forma expressiva. Depois, pegou o Thor pela mão e o levou até um grupo de pessoas.

– Aparentemente, não é um dos seus – comentou Del.

– Por que não... – começou Jack, mas não concluiu o pensamento porque Lucia parou diante deles.

– Vocês deviam estar comendo em vez de ficar parados aí, só fazendo pose.

– Estou considerando todas as possibilidades – respondeu Del. – Vou ter de tomar uma decisão séria no caminho daqui até onde estão a torta de maçã e o pudim.

– Também tem tartelete de morango e empanadas.

– Está vendo? Não dá para fazer nada assim, de forma precipitada.

– Que tal provar um pouco de cada e, depois, decidir o que vai querer? Olhe ali – prosseguiu Lucia sorridente, apontando para Mac e Carter, que se aproximavam. – Mackensie! Que bom que conseguiram vir!

– Desculpe chegarmos assim tão tarde. A sessão de fotos demorou um pouco mais que o esperado – disse Mac, beijando Lucia.

– Mas você veio! Isso é que importa. E você também! – acrescentou a dona da casa abrindo os braços para abraçar Carter.

Ele a ergueu um pouquinho do chão, numa demonstração de um afeto que vinha de longa data.

– Já faz anos que não aparece no Cinco de Maio.

– A festa está bem maior – respondeu ele, com um sorriso.

– Porque a família cresceu. Seus pais estão aqui, com os filhos de Diane. Sherry e Nick também vieram – prosseguiu Lucia, referindo-se à irmã caçula de Carter. – Diane e Sam não devem demorar. Sua futura sogra me disse que os planos para o casamento estão correndo muito bem, Mac.

– É. As coisas estão se ajeitando.

– Deixe-me ver seu anel de novo. Ah! – exclamou ela, abrindo um sorriso para Carter depois de observar o diamante. – Você escolheu bem. Venha comigo, Carter. Celia ainda não o viu – acrescentou, e, dirigindo-se a Mac: – Vá comer alguma coisa, pegar uma bebida.

Mas Carter não se moveu.

– Não venho a essa sua festa há... talvez uns dez anos. Já tinha esquecido como era. Parece até Carnaval.

– A melhor da região – observou Del. – Os Grants ou são parentes ou conhecidos de todo mundo. Inclusive, ao que parece, do nosso mecânico e parceiro de pôquer. Oi, Mal!

– Oi – respondeu o outro, aproximando-se. Era uma figura sombria, usando um jeans velho e uma camiseta preta. Segurava pelo gargalo duas garrafas de cerveja. – Quer uma, Maverick? – perguntou, dirigindo-se a Carter.

– Claro. Não sabia que conhecia os Grants.

– Faz uns seis ou oito meses que eles vêm levando os carros lá na oficina. E, quando você se dá conta, já está contando a Lucia a história da sua vida, comendo o pão de milho que ela faz e torcendo para ela largar o marido e fugir com você para Maui.

– O pior é que é verdade – observou Jack.

– Ela pediu que eu passasse aqui depois do trabalho, porque iam festejar o Cinco de Maio no quintal. Pensei que fosse um churrasco, talvez um pouco mais caprichado, com cerveja mexicana e tortillas – acrescentou Mal, meneando a cabeça. – Tem alguém que não esteja aqui?

– Acho que conseguiram trazer todo mundo.

– Desculpem a demora – disse Emma, aproximando-se apressada, com uma margarita na mão. – Houve alguns imprevistos.

– É. Vi um deles.

Depois de sorrir para Jack com um ar meio intrigado, ela se virou para Malcolm.

– Olá, sou Emmaline.

– O Chevrolet Cobalt.

– Eu... – Emma arregalou os olhos com um ar de arrependimento. – Isso mesmo. Você deve ser Malcolm.

– Mal – respondeu ele, olhando-a de alto a baixo. – Sabe, sorte sua ser parecida com sua mãe, com quem espero me casar. Caso contrário, ia repetir o puxão de orelhas que dei em sua sócia pensando que fosse você.

– Sei que mereço. Embora tenha aprendido a lição e esteja sendo bem mais cuidadosa. Você fez um trabalho fantástico. É bom nisso, sabe? Será que teria tempo para fazer uma revisão na minha van? Posso levá-la até lá na semana que vem.

– Não é só fisicamente que você se parece com ela, não é verdade?

Emma sorriu, tomando mais um gole de margarita.

– Você está precisando de um prato – observou. – E com bastante comida.

– Por que não me mostra... – começou Mal, mas se deteve quando notou o sinal de alerta nos olhos de Jack e o carinho que a mão dele fez no cabelo de Emma, numa demonstração de posse. –

Bom, acho que vou circular um pouco por aí.

– Eu também – decidiu Carter.

Del fez um muxoxo.

– Acho que a cerveja acabou – disse, agitando a garrafa que tinha nas mãos. – Em, quem é aquela morena alta? De blusa rosa e jeans justinho?

– Ah, é a Paige. Paige Haviller.

– Solteira?

– É.

– Até mais tarde.

– Ele devia ter me perguntado se ela tem alguma coisa na cabeça – observou Emma quando Del se afastou. – Em meia hora ou menos, ele vai estar de saco cheio.

– Depende do que eles fizerem nessa meia hora.

– Acho que tem razão – disse ela, rindo. Pegou a mão de Jack e a apertou. – Está ótimo, não é?

– Nunca consegui entender como eles conseguem fazer isso tudo.

– Passam várias semanas trabalhando e contratam um verdadeiro pelotão para ajudar a organizar os jogos e as atividades. E Parker ajuda na coordenação. Falando nisso, eu...

– Quem era aquele cara?

– Aquele cara? Tem um monte de gente aqui. Que tal me dar alguma pista?

– Aquele que você beijou ainda agora.

– Preciso de mais pistas.

Aquela reação só fez piorar as coisas para Jack.

– Aquele que parece o príncipe da Dinamarca.

– O príncipe da... Ah, deve ser Marshall. Foi um dos motivos de eu demorar tanto para voltar.

– Isso eu vi.

Emma inclinou a cabeça. Uma ligeira linha tinha se formado entre suas sobrancelhas.

– Ele demorou a chegar. Com a esposa e o filhinho recém-nascido. Depois, veio me procurar e fui brincar com o bebê por uns instantes. Algum problema?

– Não. – Idiota. – Del estava me enchendo o saco e acabei entrando na pilha. Mas vamos voltar a fita. Estávamos falando de...?

– Marshall e eu saímos juntos anos atrás. Fui eu que o apresentei à esposa. E fizemos o casamento dos dois há um ano e meio mais ou menos.

– Entendi. Desculpe.

– Ele não agarrou o meu traseiro como uma artista maluca fez com você – replicou Emma, sorrindo.

– Azar o dele.

– Por que não andamos um pouco por aí, para conversar com algumas pessoas?

– Boa ideia.

– Ah! – exclamou Emma assim que começaram a andar. – Por falar em ideias, preciso lhe dizer uma coisa. Já que tenho mil coisas para fazer na cidade amanhã, talvez fosse mais prático eu dormir na sua casa hoje. Parker veio comigo, já que ambas tínhamos que chegar mais cedo para

ajudar, mas ela pode voltar com Laurel. Assim, eu não precisaria ficar indo para cá e para lá.

– Dormir lá em casa?

Emma ergueu as sobrancelhas e, sob elas, os seus olhos ficaram mais frios.

– Posso dormir no sofá se você não quiser companhia.

– Não. Só achei que você teria que voltar para casa. Em geral, começa a trabalhar bem cedo.

– Amanhã começo na cidade, e nem tão cedo assim. Mas se tiver algum problema...

– Não. – Jack se deteve e a virou. Ficaram então de frente um para o outro. – Tudo bem. É ótimo. Mas não vai precisar de algumas coisas... para amanhã?

– Pus umas coisas no carro quando tive essa ideia.

– Então, está combinado – disse ele, inclinando-se para beijá-la.

– Acho que está precisando de outra cerveja.

Depois se virou de súbito, ao ouvir a voz do pai dela.

Phillip estava sorrindo. Aparentemente, sem nenhum motivo especial, pensou Jack. A menos que você fosse o sujeito que estava acabando de combinar que ia dormir com a filha dele.

– Negra Modelo, certo? – disse o anfitrião, oferecendo-lhe uma garrafa.

– Isso mesmo. Obrigado. A festa está fantástica, como sempre.

– É a minha favorita do ano – replicou Phillip, passando o braço pelos ombros de Emma. Como quem não quer nada. Um gesto afetuoso. Demarcando território. – Começamos a tradição quando Lucia estava grávida de Matthew. Eram só os amigos, a família, as crianças. Agora nossos filhos cresceram e têm a própria família.

– Você está bem sentimental – disse Emma e, erguendo o rosto, roçou o queixo do pai com os lábios.

– Ainda vejo você correndo pelo gramado com seus amigos, tentando loucamente ganhar prêmios no lançamento de argolas ou quebrar uma das pinatas. Exatamente como sua mãe, você dá cor e vida a tudo.

– Papai...

Phillip voltou os olhos diretamente para Jack.

– O homem que recebe essa cor e essa vida é um sortudo. E quem dá valor a isso é um sujeito sensato.

– Papai... – repetiu Emma, mas, agora, havia um tom de alerta na sua voz.

– Isso é coisa que não aparece todo dia – disse ele, batendo com a ponta de um dos dedos no nariz da filha. – Vou dar uma olhada na churrasqueira. Não confio nos seus irmãos e nos seus tios por tanto tempo assim. Jack – acrescentou, com um aceno de cabeça, antes de se afastar.

– Desculpe. Ele não consegue se conter...

– Tudo bem. Minha camisa ficou encharcada de suor?

Rindo, Emma o abraçou pela cintura.

– Não. Por que não vamos mostrar a essas crianças como se quebra uma pinata?

Mais tarde, sentaram-se no gramado para ver alguns adolescentes que tinham improvisado uma partida de futebol. Parker se juntou a eles, tirando as sandálias e ajeitando a saia do vestido de verão.

– Assistir futebol à noite – observou Jack. – Não é a sua cara.

– Você joga? – indagou Emma.

– Não é o meu esporte. Podem me dar um taco, uma bola de futebol americano, uma cesta... Mas gosto de ver.

– Você gostava de qualquer coisa, contanto que tivesse uma bola no meio – disse Mac, deixando-se cair na grama ao lado dos outros três e puxando Carter consigo. – Comi demais. Mas também, com toda essa comida na minha frente...

– Ah, que jogada lamentável – murmurou Emma quando um passe saiu errado. – Será que ele acha que a bola tem olhos ou radar?

– Você gosta de futebol?

– Fui da equipe do colégio no campeonato estadual – respondeu ela, olhando para Jack.

– Sério?

– Éramos as capitãs – acrescentou, apontando com o polegar para si e para Parker.

– Eram craques... – disse Laurel, ajoelhando-se na grama ao lado de Parker. – Mac e eu íamos a todos os jogos e ficávamos com pena das adversárias. Vá até lá – acrescentou, cutucando Parker com o cotovelo. – Entre nesse jogo e mostre a eles...

– Hum. Quer tentar? – perguntou Emma.

– Já faz uns dez anos, Em!

Emma ficou de joelhos e pôs as mãos nos quadris.

– Está dizendo que somos velhas demais para encarar esses pernas de pau? Está dizendo que... não leva mais jeito?

– Que droga! Um gol...

– Vamos lá!

Como Parker, Emma tirou as sandálias.

Fascinado, Jack ficou olhando as duas mulheres se dirigirem para o campo, usando aqueles lindos vestidos primaveris.

Houve certa discussão, algumas vaias e assobios.

– O que está acontecendo? – perguntou Mal, que vinha chegando.

– Emma e Parker vão acabar com aqueles pernas de pau – respondeu Laurel.

– Está brincando? Isso deve ser bem interessante.

Foram se instalar na grama iluminada pelos holofotes. O time adversário é que ia repor a bola em jogo. As duas mulheres se entreolharam. Emma ergueu três dedos e, depois, dois. Parker riu, dando de ombros.

A bola subiu pelos ares. Emma tocou para Parker, que rebateu e saiu correndo entre três adversários com tamanha habilidade que as vaias de antes se transformaram em torcida entusiasmada.

Ela girou o corpo, fez uma finta e lançou a bola para o outro lado do campo onde Emma correu

para recebê-la. E esta marcou com um chute de efeito que deixou o goleiro boquiaberto.

Ela e Parker ergueram os dois braços e gritaram.

– Elas sempre fazem isso – disse Mac, dirigindo-se aos demais. – Sem qualquer modéstia. Vamos lá, Sabiás!

– É o nome do time feminino de futebol – explicou Carter. – A ave-símbolo do estado.

Parker já se preparava para sair do campo quando Emma a pegou pelo braço e Jack a ouviu dizer: – Mais um.

A outra fez que não com a cabeça; Emma insistiu. Parker segurou a saia do vestido e, sabe-se lá o que a amiga lhe disse ao ver o seu gesto, mas a ex-capitã começou a rir.

Posicionaram-se diante de um time que, agora, demonstrava muito mais respeito. Lutaram, marcaram, obrigaram os adversários a recuar.

O sorriso de Jack ficou mais largo quando Emma deslocou um jogador da outra equipe com um tranco de ombro. E ficou linda fazendo aquilo, percebeu ele: com um tantinho de violência. Sentiu uma onda de desejo percorrer o seu ventre quando ela partiu para cima do jogador que estava com a bola e o desarmou – Céus! Olhe só para isso! –, deixando o pobre rapaz desequilibrado.

Muito atenta, Parker pulou para não alcançar a bola e, com a saia esvoaçando, fez o lançamento com uma cabeçada certeira.

– Ora, ora... – murmurou Malcolm.

– Cuidado aí! – gritou Parker quando Emma recebeu o passe. – Aí!

Com uma pedalada, ela evitou as tentativas do adversário de desarmá-la. De bicicleta, devolveu a bola a Parker, que chutou entre as pernas do goleiro.

Braços erguidos, um grito, e Parker passou o braço pelos ombros da amiga.

– Missão cumprida?

– Mais que cumprida – disse Emma, respirando fundo. – Não temos mais 17 anos, mas ainda estamos em forma. Foi merecido.

– Vamos deixar os vencedores. Cumprimentaram mãos que se levantavam, agradeceram os aplausos e saíram do campo.

– Menina – disse Jack, segurando a mão de Emma para fazê-la se sentar novamente ao seu lado –, você é craque mesmo!

– Claro! – replicou Emma, estendendo o braço para pegar a garrafa de água que Malcolm lhe oferecia. Antes mesmo que pudesse tomar um gole que fosse, sua boca estava às voltas com a de Jack.

O beijo recebeu mais aplausos.

– Sou escravo – murmurou ele, com os lábios ainda colados aos dela – de uma mulher capaz de executar uma bicicleta fantástica!

– Verdade? – replicou Emma, mordiscando de leve o lábio inferior dele. – Precisava ver meu chute de efeito...

– Qualquer dia desses. Onde você quiser.

Quando Parker vinha deixando o campo, Mal interceptou o seu trajeto e lhe ofereceu uma das

duas garrafas de cerveja que tinha nas mãos.

– Quer?

– Não, obrigada.

Desviando dele, pegou uma garrafa de água num dos baldes de gelo.

– Onde você faz ginástica?

– Em casa.

– Óbvio. Você tem uma agilidade incrível. Pratica algum outro esporte?

– Toco piano.

Tomando um gole da sua cerveja bem devagar, Mal ficou observando Parker, que se afastava.



Mais tarde, Laurel foi se sentar nos degraus da varanda da casa dos Grants, com os cotovelos dobrados atrás da cabeça, os olhos semicerrados. Um silêncio a invadiu, bem como o cheiro de grama que vinha do jardim. As estrelas do céu primaveril brilhavam por toda parte.

Ouviu passos, mas não abriu os olhos, torcendo para que a visita que estava indo embora seguisse em frente, sem atrapalhar aquele seu momento de solidão.

– Está tudo bem?

Que falta de sorte, pensou, e abriu os olhos para fitar Del.

– Tudo. Só resolvi ficar sentada aqui.

– Estou vendo.

Ele se sentou ao seu lado.

– Já me despedi das pessoas. Parker continua lá dentro, ou lá fora, fazendo o seu famoso balanço para ver se não ficou faltando nada. Tomei tequila demais para me preocupar com isso.

Ele a observou com mais atenção.

– Levo você para casa.

– Dei a chave do carro para Parker. É ela que vai dirigir. Não há necessidade de equipe de resgate, senhor.

– Ok. Pelo que ouvi dizer, as Sabiás voltaram à ativa há algumas horas. Pena que não vi.

– E arrasaram, como sempre. Achei que você estivesse ocupado com outra coisa qualquer – disse Laurel, olhando por trás das costas dele, de um lado para outro, com movimentos exagerados. – Sozinho, Delaney? Com todas as possibilidades que havia hoje aqui? Não acredito que as Sabiás fizeram gols e você não...

– Não vim aqui para isso.

Ela lhe deu um leve empurrão, fazendo um ruído de descrédito.

Os lábios dele se retorceram num sorriso relutante.

– Minha querida, você está bêbada.

– Estou mesmo. Vou ficar com ódio de mim amanhã, mas agora? Estou com uma sensação ótima. Nem lembro quando foi a última vez que bebi tanta tequila ou tanto sei lá o quê. Podia ter marcado o meu golzinho.

– Como?

– E não estou me referindo ao futebol. – Laurel caiu na gargalhada e deu mais um empurrão em Del. – Um cara bem gracinha chamado... não lembro o nome dele... ficou todo interessado. Mas estou em jejum sexual.

Ainda sorridente, ele ajeitou uma mecha loura do cabelo de Laurel, pondo-a atrás da orelha.

– Ah, é?

– Verdade. Estou bêbada e estou naquilo que acabei de dizer e que não quero ter que repetir. – Balançou a cabeça, voltando a soltar a mecha de cabelo que ele acabara de ajeitar, e lhe deu um sorrisinho. – Você não está planejando fazer sexo, está?

– Não – respondeu Delaney, e o sorriso se apagou de seu rosto.

Laurel voltou a fazer aquele ruído de descrédito, recostou-se novamente e abanou a mão diversas vezes, mandando-o sair dali.

– Vá embora.

– Só vou ficar sentado aqui até Parker aparecer.

– Será que você nunca se cansa de tentar salvar as pessoas, Sr. Brown? Sr. Delaney Brown?

– Não estou tentando salvar você. Só estou sentado aqui.

Está certo, pensou ela. Só sentado. Numa linda noite de primavera, com esse céu todo estrelado e o perfume das primeiras rosas se espalhando pelo ar...

Emma estacionou atrás do carro de Jack e pegou a bolsa bem grande que tinha levado. Desceu, fechou o porta-malas e sorriu quando ele se esticou para pegar a sacola com as coisas de que ela precisava para dormir fora.

– Não vai perguntar o que tem aí dentro?

– Para dizer a verdade, pensei que estivesse bem mais pesada.

– Eu me contive. Nem perguntei a que horas você tem que levantar amanhã.

– Por volta das oito. Não é tão cedo assim.

Emma enfiou o braço no dele e saiu balançando aqueles dois braços enlaçados.

– Vou pagar pela hospitalidade preparando o café da manhã. Tem alguma coisa em casa?

– Provavelmente. – Subiram a escadinha que levava à porta dos fundos do apartamento em cima do escritório.

– Morar e trabalhar no mesmo lugar facilita muito as coisas, não é? Embora às vezes ache que acabamos trabalhando mais do que se os espaços fossem bem definidos. Adoro esse prédio. Ele tem personalidade.

– Eu me apaixonei completamente – observou Jack abrindo a porta.

– É perfeito para você. O estilo e a tradição pelo lado de fora, as linhas simples e o espaço bem equilibrado do lado de dentro – acrescentou ela, entrando na cozinha.

– Por falar em linhas e espaço, ainda estou tentando encontrar palavras para descrever aquele show de futebol.

– É bem provável que um impulso momentâneo deixe as minhas coxas arrebentadas amanhã.

– Acho que elas vão aguentar perfeitamente. Já lhe disse que tenho um fraco por mulheres que praticam esportes?

– Nem precisava – replicou Emma, seguindo-o até o quarto. – Sei que você tem um fraco por mulheres e um fraco por esportes.

– Junte os dois e estou perdido...

– Vira escravo de uma mulher que sabe dar uma bicicleta – prosseguiu ela, ficando na ponta dos pés para lhe dar um beijo. – Você devia ter me visto com o uniforme do time.

– Ainda tem esse uniforme?

Emma riu. Pôs a sacola em cima da cama e abriu o zíper.

– Na verdade...

– Aí dentro?

– Infelizmente, não. Mas tenho isto aqui – acrescentou, tirando algo bem transparente, curto e preto. – Se estiver interessado...

– Acho que esse dia vai ser fechado com chave de ouro.

Pela manhã, Emma preparou torradas com queijo e, cortando uma maçã em fatias, criou uma consistência um pouco crocante, com um sabor levemente adocicado.

– Incrível! Uma artista com as flores, craque no futebol e fantástica na cozinha.

– Sou muitas coisas – disse ela, sentando-se diante dele no pequeno recuo perto da janela que era onde ele fazia as refeições. Achou que o lugar estava precisando de flores, algo forte e brilhante, numa floreira de cobre. – Agora, os ovos acabaram e o leite está quase no fim. Tenho mesmo que ir ao mercado hoje. Se quiser compro isso para você, ou qualquer outra coisa que queira.

Emma percebeu o sobressalto, a hesitação que precedeu a resposta de Jack.

– Não, obrigado. Tenho que fazer umas compras essa semana. Como estão as coxas?

– Tudo bem. – Ela decidiu não criar caso com a relutância do namorado em permitir que ela comprasse uma droga de uma caixa de ovos. – Acho que o transport está funcionando. Como mantém a forma?

– Vou à academia três ou quatro vezes por semana, jogo basquete, esse tipo de coisa.

Ela lhe lançou um olhar meio de esguelha, com um quê de acusação.

– Aposto que adora. A academia, digo.

– Gosto, sim.

– Parker também. Acho que vocês dois não batem muito bem...

– É maluquice se manter em forma?

– Não. A maluquice é *gostar* de fazer isso. Eu faço, mas, na minha opinião, é uma tarefa, uma obrigação, um mal necessário. Como couve-de-bruxelas.

Um ar divertido iluminou os olhos de Jack.

– Couve-de-bruxelas é um mal necessário?

– Claro! Todo mundo sabe disso, embora nem todos admitam. São umas bolinhas verdes de pura coisa ruim. Exatamente como agachamento é uma forma de tortura inventada por gente que não precisa praticar esse exercício. Filhos da mãe!

– A sua filosofia sobre ginástica e nutrição é fascinante.

– Sinceramente, pode ser mesmo – disse ela, tomando o último gole do café. – Pelo menos, no verão posso usar a piscina. É uma sensação gostosa, e é divertido. Bom, é melhor eu ir tomar um banho, já que fiquei com a barriga no fogão quente enquanto você tomava o seu. Vou andar bem depressa para você não se atrasar. – E, olhando o relógio que ficava em cima do fogão, acrescentou: – Depressa mesmo.

– Olha... Não precisa correr, não. É só bater a porta dos fundos quando sair.

Animada, Emma sorriu.

– Então, vou tomar mais um café antes de entrar no chuveiro.

Aquilo lhe permitia ficar um pouco mais por ali, tomando o seu café, tomando o seu banho. Enrolada na toalha, passou creme na pele e, depois, pegou o hidratante facial.

Quando estava começando a se maquiar, viu Jack surgir no banheiro e percebeu que os seus olhos se detiveram na coleção de tubos e potinhos espalhada pela bancada da pia. Ele conseguiu disfarçar, mas não havia dúvida quanto à estranheza que se via em seu olhar – e não havia como negar que aquilo a magoou profundamente.

– Tenho que ir. – O toque da mão dele em seu cabelo foi doce como o beijo que os dois trocaram. – A gente se vê mais tarde?

– Claro.

Já sozinha, Emma terminou a maquiagem, penteou o cabelo, vestiu-se e arrumou suas coisas.

Quando ficou pronta, voltou ao banheiro e vasculhou escrupulosamente a pia e a bancada, até ter certeza de que não havia vestígio da sua presença no espaço dele.

– Não precisa se apavorar, Jack – murmurou consigo mesma. – Está tudo direitinho. Do seu jeito.

Antes de sair, parou e escreveu um bilhete no quadro que havia na cozinha.

Jack. Esqueci que tenho compromisso hoje à noite. Depois a gente vê o que faz. Emma.

Precisava de um tempo.

Verificou a porta, para ver se estava mesmo trancada e levou a sacola até o carro. Quando se viu ao volante, pegou o celular e ligou para Parker.

– Oi, Emma, estou na outra linha com...

– É rapidinho. Será que podemos ter uma noite só nós quatro?

– Qual é o problema?

– Nada de mais. Só estou precisando de uma noite com minhas amigas.

– Em casa ou em outro lugar?

– Em casa. Não estou a fim de sair.

– Pode deixar. Vou providenciar tudo.

– Obrigada. Estou chegando daqui a uma ou duas horas.

E desligou.
Amigas, pensou ela. Elas nunca deixam a gente na mão.

capítuloquinze

– Acho que exagerei...

Depois de um dia inteiro de trabalho, durante o qual passou e repassou mentalmente milhares de detalhes, Emma ficou mais calma.

– Bom, a gente é que vai decidir – disse Laurel, ocupando seu lugar na sala de estar do terceiro andar e, depois, mordendo uma fatia da fantástica pizza que a Sra. G fazia em casa.

– Ele não fez nada de errado. Não disse nada de errado. Estou chateada comigo mesma.

– Está certo, mas é mais fácil para você ficar chateada consigo mesma do que com os outros. Mesmo quando os outros fizeram por merecer – observou Mac, servindo-se de uma taça de vinho e oferecendo a garrafa a Laurel.

– Nem pensar. Preciso me desintoxicar de umas doses de tequila. Talvez leve alguns dias.

– Não é verdade – replicou Emma, olhando de cara feia para as amigas por cima da sua fatia de pizza. – Parece até que sou uma imbecil.

– Imbecil, não. Só é tolerante e compassiva – disse Mac, enchendo a taça que a amiga tinha estendido em sua direção. – Portanto, quando fica chateada com alguém é porque teve bons motivos.

– Não sou assim tão palerma – insistiu Emma.

– Você não é palerma; só não é tão malvada quanto a gente – observou Laurel.

– Posso muito bem ser má.

– Claro que pode – observou Mac, incentivando Emma com uns tapinhas no ombro. – Tem as ferramentas e a capacidade. Mas raramente tem coragem de ser.

– Eu...

– Ser legal por natureza não é uma falha de caráter – atalhou Parker. – Gosto de pensar que todas somos assim.

– Exceto eu – disse Laurel, erguendo a lata de Coca-Cola Zero.

– Exatamente. Mas por que não nos conta o que a deixou tão chateada, Emma?

– Vai parecer a maior bobagem. Sem importância alguma. – Ficou olhando a taça de vinho e depois o esmalte rosa cintilante das suas unhas dos pés. – É que ele protege tanto o seu espaço, a sua casa... Na verdade, nunca diz nada, mas existe uma fronteira invisível cercando a área. Mas ele disse, sim. Você deve se lembrar, Mac.

– Me dê uma pista...

– Quando você decidiu reformar o quarto no inverno passado. Aquela história do closet. Ficou louca porque Carter deixou algumas coisas na sua casa. E, quando Jack chegou, concordou com

você. Falou à beça sobre o que acontece quando a gente deixa alguém com quem está envolvido ganhar território.

– Mas, no geral, era brincadeira. Você ficou furiosa – acrescentou Mac, lembrando o tal momento. – Simplesmente foi embora.

– Jack disse que as mulheres começam deixando coisas espalhadas pela bancada do banheiro e, depois, pedem uma gaveta. Quando menos se espera, elas já se instalaram. Como se deixar uma escova de dentes significasse que você está pronta para passar no caixa da Tiffany...

– Ele deu um ataque porque você quis deixar uma escova de dentes lá? – indagou Laurel.

– Não. Sim. Não exatamente, porque nunca falei de escova de dentes. É o seguinte: mesmo que estejamos num lugar pertinho da casa dele, é para cá que voltamos. Ontem à noite, perguntei se podia dormir lá porque tinha que estar na cidade de manhã e ele... hesitou.

– Talvez porque a casa não estivesse em condições de receber uma namorada – sugeriu Mac. – Ele tinha que lembrar se havia meias sujas espalhadas ou revistas de sacanagem pelo chão. Ou até se tinha trocado os lençóis nos últimos dez anos.

– Não era nada disso. A casa dele está sempre arrumada, o que deve ser parte do problema. Ele gosta das coisas nos seus devidos lugares. Como Parker.

– Ei!

– É verdade – disse Emma, mas com um sorriso que era tanto um carinho quanto um pedido de desculpas. – Tem gente que é assim. O que eu queria saber é: você acharia legal se um cara dormisse aqui e talvez deixasse uma escova de dentes? Com certeza ia arranjar um lugar para guardar a tal escova.

– Que cara? Pode me dar o nome, o endereço e uma foto?

Emma já havia relaxado o suficiente para rir.

– Estou falando na teoria... Depois, quando estávamos tomando café da manhã, mencionei que tinha que passar no mercado e que, já que ele estava sem ovos e leite, poderia comprar, se ele quisesse. E, mais uma vez, lá veio a hesitação. O mesmo tipo de ahns e huns antes do "não, obrigado". O pior, porém, foi quando ele subiu. Eu estava me maquiando e, podem me chicotear por isso, minhas coisas estavam em cima da bancada. Jack olhou para aquilo de um jeito... chateado e... alerta. Avisei que ia parecer bobagem.

– Não é bobagem, não – observou Parker. – Isso fez você se sentir uma intrusa.

– É – concordou Emma, fechando os olhos. – Exatamente. Não acho que tenha sido intencional ou que ele tenha feito aquilo conscientemente, mas...

– Isso não importa. Na verdade, desconsiderar o inconsciente é a pior coisa possível.

– É – repetiu Emma, lançando à amiga um olhar cheio de gratidão. – Obrigada.

– E o que você fez? – perguntou Laurel.

– O que eu fiz?

– É, Emma: o que você fez? Disse que ele podia ficar tranquilo? Que aquilo era apenas uma escova de dentes ou um tubinho de rímel?

– Ele saiu para trabalhar e passei meia hora garantindo que não tinha deixado nem um pingo de rímel no seu preciosíssimo espaço.

– Ah, claro! Isso lhe daria uma lição – acrescentou Laurel. – Eu teria tirado o sutiã, pendurado dentro do box e deixado um bilhetinho sarcástico escrito no espelho com batom. Rá, rá... E teria saído para comprar uma embalagem econômica de absorventes internos só para botar em cima da bancada. *Assim* ele teria entendido.

– Mas isso não seria reforçar a ideia de que ele tem razão?

– Não, porque ele não tem razão. Vocês estão dormindo juntos. Seja de quem for a cama que entrou na dança, o outro precisa ter algumas coisinhas básicas à mão. Você fica brava se ele deixa a escova de dentes ou o barbeador na sua casa?

– Ele não deixa. Nunca.

– Ah, espere aí! Não me diga que ele nunca esquece...

– Nunca.

– Meu Deus! – exclamou Laurel, deixando-se cair de novo no sofá. – Obsessivo, não?

Mac levantou a mão, com um sorrisinho meio tímido.

– Só quero dizer que eu era um pouco assim. Não tão... ok, obsessiva. Esquecia ou deixava alguma coisa na casa de Carter, e ele fazia o mesmo. Mas o que fez a ficha cair foi aquele dia que você mencionou, Em. O casaco dele, o estojo do barbeador, o sei lá o que dele, tudo misturado com as minhas coisas. O problema não eram as coisas em si, mas o que aquilo significava. Ele está aqui. Está aqui de verdade. Não é só uma questão de sexo. Não é uma relação ocasional. É real. – Mac deu de ombros, abriu as mãos espalmadas. – Entrei em pânico. Tinha aquele homem maravilhoso que me amava e estava apavorada. É provável que Jack esteja se sentindo assim.

– Eu nunca mencionei a palavra amor.

– Talvez devesse – sugeriu Parker, remexendo-se para pôr o pé em cima do sofá. – Fica mais fácil saber como jogar quando as cartas estão na mesa. Se ele não sabe quais são os seus sentimentos, Emma, como pode levá-los em consideração?

– Não quero que ele leve meus sentimentos em consideração. Quero que ele sinta o que sente, que seja quem é. Ora, se não fosse assim, eu não o amaria. – Suspirou e tomou um gole de vinho. – Por que sempre achei que estar apaixonada seria algo maravilhoso?

– E é mesmo, depois que começa a entender as coisas – disse Mac.

– Parte do problema é que eu já o conheço tão bem que reparo em todos os pequenos... – Emma bufou e tomou mais um gole de vinho. – Acho que tenho que deixar de ser tão sensível e de romantizar tudo.

– Você tem que sentir o que sente, ser quem é.

Quando Parker usou as próprias palavras que ela usara antes, Emma piscou.

– Acho que sim, não acham? E acho que talvez deva conversar com Jack sobre tudo isso.

– Pois eu prefiro a embalagem econômica de absorventes. Ela dispensa palavras – retrucou Laurel, dando de ombros. – Mas, se você quer ter uma atitude madura...

– Não é que eu queira, mas já cansei de passar quase metade dos dias chateada. Também preciso ver aonde uma conversa sensata pode nos levar. Na semana que vem, talvez. Acho que nós dois precisamos de um tempinho.

– Devíamos ter uma noite sem homens e sem trabalho uma vez por mês.

– Mas fazemos isso – observou Mac.

– Só por coincidência, o que é bom. Mas, agora que metade do grupo está envolvida com homens, devíamos oficializar a coisa. Uma injeção de estrogênio.

– Sem homens, sem trabalho – repetiu Emma, assentindo com um gesto. – Parece...

O telefone de Parker deu sinal de vida e ela checou o visor.

– Willow Moran, primeiro sábado de junho. Deve ser coisa rápida. Oi, Willow! – disse, então, com entusiasmo, levantando e saindo da sala. – Problema algum. É para isso que estou aqui.

– Bom, praticamente sem trabalho. E mais pizza para mim – observou Laurel, pegando uma segunda fatia.

Apesar de umas poucas interrupções, Emma achou que a noite havia sido exatamente o que ela precisava. Algum espaço, um tempinho com as amigas. Foi para casa sentindo um cansaço agradável. Quando ia subir, passou os olhos na agenda dos dias seguintes e percebeu que mal teria tempo de respirar. Ótimo! Também estava precisando muito disso.

Entrou no quarto, pegou o celular que não tinha levado consigo de propósito e viu que havia uma mensagem de voz de Jack. Teve um sobressalto. Mais que depressa, decidiu deixar o celular onde estava. Não devia ser nada urgente, caso contrário, ele teria ligado para a mansão.

Podia esperar até o dia seguinte.

A quem ela estava querendo enganar?

Sentou-se na cama para ouvir a tal mensagem.

Oi. Desculpe, mas fiquei com saudade. Olhe, Del e eu vamos prosseguir com o plano de corromper Carter e arrastá-lo para um jogo domingo. Achei que talvez pudesse passar aí no sábado. Quem sabe não lhe dou uma mãozinha? Poderia até retribuir o que você fez hoje e preparar o seu café da manhã antes de sequestrarmos Carter. Ligue quando der. Vou ficar trabalhando nuns desenhos para a sua reforma, portanto...

O que você está vestindo?

Aquilo a fez rir. Ele sempre conseguia fazê-la rir, pensou. Era uma mensagem bem legal. Interessada, carinhosa, engraçada.

O que mais podia querer?

Tudo, admitiu Emma. Queria tudo.

Aquilo podia esperar. Emma disse a si mesma que estava ocupada demais para a tal conversa madura. Maio significava uma agenda repleta de casamentos e chás de panela, além do Dia das Mães. Quando não estava mergulhada em flores até o pescoço, estava planejando os arranjos do próximo evento.

Com uma agenda daquelas, o melhor mesmo era Jack vir à sua casa quando os dois estivessem disponíveis. Considerou também que devia ser grata por estar saindo com um homem que não reclamava por ela trabalhar até tarde e nos fins de semana e que, além disso, podia lhe dar uma ajuda quando estava por perto.

Numa tarde de maio, quando, lá fora, caía o maior temporal, Emma estava trabalhando sozinha. Graças a Deus. Os ecos das conversas entre Tink e Tiffany estariam retinindo em seus ouvidos. Mas, agora, as trovoadas, o barulho da chuva e do vento haviam diminuído.

Terminou o buquê da dama de honra e se levantou para esticar o corpo. Ao se virar, pulou de susto quando viu Jack.

O grito se transformou em riso.

– Céus! Você me assustou! – exclamou ela, pondo a mão no coração.

– Desculpe. Desculpe. Bati e chamei, mas é difícil superar a cólera divina...

– Você está encharcado.

– Deve ser por causa da chuva – disse Jack, passando a mão pelo cabelo que pingava. – Acabou com a minha última visita a uma obra, então, aproveitei a oportunidade e resolvi dar um pulinho aqui. Que lindo! – acrescentou, fazendo um aceno de cabeça na direção do buquê.

– Está mesmo, não é? Eu ia justamente levá-lo para a câmara fria e começar a trabalhar no da noiva. Por que não se seca e toma um café?

– Era exatamente isso que eu queria ouvir. – Avançou para lhe dar um beijo e passou as mãos pelas suas costas. – Trouxe os desenhos para você dar uma olhada. Quando tiver um minuto. Se o tempo permitir, começamos a reforma da casa de Mac na segunda de manhã. Bem cedo. Pode ir se preparando.

– Que legal! Eles já sabem?

– Passei no estúdio antes. Quer um café?

– Não, obrigada.

Emma foi até a câmara fria e, na volta, se postou diante das flores com seus apetrechos e começou a criar mentalmente o que pretendia fazer.

Ergueu os olhos quando ele voltou.

– Na verdade, nunca vi você trabalhando, nessa fase. Atrapalho?

– Claro que não. Sente-se aí. Converse comigo.

– Vi sua irmã hoje.

– Ah, é?

– Nós nos encontramos lá na cidade. Não precisa de um desenho ou, pelo menos, de um esboço?

– Em geral, uso ambas as coisas, mas esse... – replicou Emma, batendo com um dedo numa das têmporas. – Rosas spray brancas e esse viburnum bem clarinho para dar um destaque. Formando uma ligeira cascata. Vai ficar suave e romântico quando eu conseguir fazer essas mocinhas se abrirem completamente.

Jack ficou olhando enquanto Emma ia juntando as flores, passando arame por elas com a trilha sonora dos trovões ao fundo.

– Achei que você tinha dito que era um buquê...

– E é.

– Então, para que o vaso?

– Encharquei a espuma, prendi o suporte. Está vendo isso aqui? – perguntou ela, inclinando o

vaso. – Desse jeito, posso trabalhar com as flores aí dentro e obter o formato certo, fazer a cascata como planejei.

– Como você faz quando estão trabalhando juntas?

– Hein?

– Ficam todas enfileiradas? Tipo esteira de linha de produção?

– Sim e não. Ficamos todas sentadas aqui, mas cada uma trabalha no arranjo que eu tiver determinado. Não é assim, tipo, faço uma parte, passo para Tink continuar...

Ficou ali trabalhando em silêncio, um silêncio apenas pontuado pelo barulho da chuva e das trovoadas.

– Precisa de uma bancada em forma de L – disse Jack, observando o espaço, as ferramentas, os tubos de sustentação. – Em forma de U talvez seja até melhor. Com vasilhames e gavetas abaixo e acima da bancada. Você trabalhava praticamente sozinha quando projetei esse lugar. Mas as coisas mudaram. Além disso, você precisa de espaço na parte de baixo, para uma caixa com rodízios, para os resíduos orgânicos, e outra para os não orgânicos. Seus clientes vêm aqui quando você ou uma das meninas está trabalhando?

– Claro que sim. Às vezes eles passam aqui – respondeu ela, chupando o polegar que havia espetado num espinho.

– Ok.

Jack se levantou, deixando Emma intrigada.

Quando voltou, mais uma vez encharcado, trazia um caderno que ela deduziu que tinha ido buscar no carro.

– Pode continuar seu trabalho – disse ele. – Só vou fazer uns ajustes no projeto que já tinha começado. Vamos remover essa parede.

– Remover? – exclamou Emma, voltando-se para Jack. – A parede?

– Recuá-la, para ampliar a sua área de trabalho e de exposição. Vai melhorar a circulação e criar um espaço de trabalho mais eficaz. É muita coisa para fazer sozinho... Desculpe – disse ele, erguendo os olhos do projeto. – Estava pensando alto. Que chatice...

– Não tem problema.

Mas Emma pensou que era meio esquisito: os dois ali, trabalhando juntos, numa tarde chuvosa.

Por algum tempo, continuaram o que estavam fazendo, em silêncio, embora ela tenha descoberto que Jack resmungava o tempo todo quando estava com um lápis na mão. Mas aquilo não a incomodava. Só ficou espantada ao perceber que ainda tinha coisas a aprender sobre ele.

Quando terminou, Emma ergueu o buquê e o virou e revirou para analisá-lo por todos os ângulos. De repente, viu que ele a estava fitando.

– Vai parecer mais cheio e mais suave quando as rosas se abrirem.

– Você é rápida.

– Essas coisas não exigem muito trabalho. – Levantou-se e dirigiu-se ao espelho de corpo inteiro. – O vestido tem um monte de detalhes bem intricados. Assim, um buquê mais simples e mais leve vai combinar com ele. Sem fitas, sem nada pendurado. Só a discreta cascata. Ela vai segurá-lo aqui, na altura da cintura, com ambas as mãos. Vai ficar...

Deu com os olhos de Jack que a fitavam pelo espelho e percebeu que ele tinha a testa ligeiramente franzida.

– Não se preocupe – disse Emma. – Não estou treinando.

– Hein?

– Tenho que levar isso para a câmara fria.

Quando saiu para levar o buquê e colocá-lo no lugar, ouviu a voz dele dizendo:

– Estava pensando que o branco fica bom em você... Ou fica bem? Seja como for... tudo fica bem em você. E também me ocorreu que nunca usa flores. Provavelmente porque seria muito corriqueiro. Então, talvez eu tenha cometido um erro...

Emma se pôs de pé, cercada pelo cheiro das flores.

– Um erro?

– É. Já volto.

Ela meneou a cabeça ao vê-lo sair de novo. Deixou a câmara fria e fechou a porta. Tinha que limpar a área de trabalho. Depois, precisava repassar as anotações para o dia seguinte.

– Sempre experimento os buquês – disse, quando ouviu que ele vinha entrando. – Para ter certeza de que não ficaram incômodos de segurar, para verificar se a forma, a mistura de cores e de texturas deram certo.

– Claro. Entendo. Sempre pego a marreta pelo menos uma vez em cada obra, só para criar um vínculo com a construção.

– Tudo bem, eu só queria... – Parou de falar quando se virou e viu uma caixa fina e comprida nas mãos dele. – Oh!

– Tive uma reunião na cidade e isso aqui praticamente me chamou lá da vitrine, gritando: "Ei, Jack! Emma precisa de mim." Aí eu pensei: "Claro que precisa." Então...

– Trouxe um presente para mim! – exclamou ela, quando ele lhe estendeu a caixa.

– Você disse que gostava de ganhar flores.

Ela abriu a caixa.

– Ah, Jack!

A pulseira reluzia com as cores fortes das pedras lapidadas, cada uma delas no formato perfeito de uma rosa.

– Mas você não usa flores...

Emma ergueu os olhos onde se viam nitidamente a surpresa e o prazer.

– Pois vou passar a usar. É lindo. Simplesmente lindo – disse, tirando a joia do estojo e pondo-a sobre o pulso. – Estou encantada...

– Também fiquei. O joalheiro me mostrou como é feito o trabalho. O engaste fica aqui, por isso não dá para vê-lo.

– Obrigada. É... Ah, olhe só as minhas mãos...

Estavam sujas e arranhadas por causa do trabalho. Ele as pegou e as beijou.

– Sempre olho para elas. Muito.

– Sou grossa e você me dá flores – disse Emma, aninhando-se nos braços dele. – Tenho que ser grossa mais vezes. – Com um suspiro, fechou os olhos. – A chuva parou – murmurou ela. E

recuou. – Tenho que limpar isso aqui e ir ajudar no ensaio de hoje à noite. Mas depois podemos tomar um drinque, talvez comer alguma coisa ali no pátio. Se quiser ficar, é claro.

– Quero ficar. – Seu olhar se tornou subitamente mais intenso fitando o rosto dela. – Emma. Acho que nunca lhe disse quanto você é importante para mim.

– Eu sei que sou – replicou ela, erguendo-se para lhe dar um beijinho. – Eu sei.



Mais tarde, quando Emma já tinha saído para a mansão, ele vasculhou a cozinha e encontrou o que precisava para preparar uma rápida refeição para os dois. Era perfeitamente capaz de cozinhar se fosse preciso, pensou. E não contava que Emma tivesse que cozinhar para ele quando estivesse na casa dela.

Como acontecia quase sempre, percebeu.

Era até capaz de preparar uma comidinha bem caprichada: saldo positivo de ter namorado uma *sous-chef* algum tempo atrás.

Um pouco de alho e azeite de oliva, umas ervas, tomates picados e teriam uma massa deliciosa. Nada de mais.

Já tinha preparado o café da manhã para Emma, não tinha?

Uma vez só.

Por que, de repente, lhe ocorria que estava abusando dela, agindo como se ela estivesse à sua disposição como tantas vezes achou que os outros faziam?

Sabia por quê. Sabia exatamente por quê, admitiu, enquanto ia cortando e picando as coisas.

A expressão do rosto dela quando seus olhos se encontraram no espelho; aquela fração de segundo de mágoa que logo foi substituída pela irritação.

Não estou treinando.

Estava *mesmo* pensando nas flores, na pulseira. Mas os instintos de Emma não a enganaram inteiramente. Em algum ponto dentro de si, ele se sentiu... desconfortável. Ou... sabe-se lá o quê. Mas vê-la ali, segurando o buquê foi... um susto, tinha que admitir. Só por um segundo, mas foi.

E ele a magoara, ferira seus sentimentos. Essa era a última coisa que queria no mundo.

Ela o havia perdoado, ou deixado para lá. Não por causa da pulseira, pensou. Emma não era do tipo que ficava insinuando que queria presentes, ou que ficava emburrada por qualquer bobagem.

Ela era... Emma.

Talvez às vezes não lhe desse o devido valor... Mas ia parar com isso agora que tinha se dado conta dessa atitude. Teria mais cuidado, e pronto. Só porque estavam juntos havia...

O susto foi tão grande que Jack chegou a cortar o dedo. Sete semanas. Não, quase oito, o que significavam dois meses. Praticamente toda a estação.

Um quarto do ano.

Fazia muito tempo que não contava em meses a duração de seu relacionamento com uma única mulher.

Mais algumas semanas e teriam passado a primavera inteira juntos, e começando o verão.

E percebeu que estava achando aquilo bom. Mais que bom.

Não havia mais ninguém com quem quisesse ficar.

Era uma sensação gostosa. Fosse lá o que isso significasse, era uma sensação gostosa saber que Emma logo estaria de volta e que os dois iam jantar ali fora, no pátio.

Serviu-se de uma taça de vinho e começou a refogar o alho.

– Ao resto da primavera – disse, erguendo a taça. – E, depois, ao verão.



"Alerta vermelho!" Do alto da escada, com as mãos cheias de guirlandas delicadas, Emma inclinou a cabeça para ler a mensagem no rádio que tinha pendurado na calça.

– Droga! Droga! Alerta vermelho. Você vai ter que terminar as guirlandas, Beach. Tiff, os festões. Tink, assuma o controle.

Quando estava descendo a escada às pressas, Jack veio ver o que estava acontecendo.

– Cuidado! Afinal, não é uma emergência nacional.

– Sempre é, quando Parker manda um alerta vermelho. Venha comigo. Às vezes, umas mãos a mais, principalmente masculinas, podem ser muito úteis. Se for só coisa de mulher, você talvez possa voltar e ajudar a cobrir as cadeiras. Que droga! Eu estava no prazo.

– Vai dar tempo.

Emma atravessou o terraço a toda, subiu a escada – que ainda precisava ser decorada – e passou pela porta do corredor onde ficava a Suíte da Noiva.

O clima era de histeria geral.

Um grupinho de pessoas se apinhava no corredor, cada qual numa etapa da sua preparação. Vozes se erguiam tão estridentes que só cachorros poderiam ouvi-las. Lágrimas escorriam como vinho derramado.

No meio daquilo tudo, Parker parecia uma ilha de tranquilidade num mar revolto. Mas Emma pôde perceber o desespero corroendo-a pelas bordas.

– Gente, gente! Vai dar tudo certo. Vocês só precisam se acalmar e me ouvir. Por favor, Sra. Carstairs, sente-se aqui. Sente-se e respire fundo.

– Mas a minha filhinha, a minha filhinha...

Carter foi abrindo caminho – que alma caridosa! – e pegou pelo braço a mulher que choramingava.

– Venha até aqui. Sente-se.

– Alguém precisa fazer alguma coisa! Alguém precisa fazer alguma coisa!

Emma reconheceu a mãe da noiva. Ela não estava chorando – ainda –, mas tinha o rosto vermelho como um pimentão. No exato momento em que se aproximava para tirá-la – a ela ou a quem quer que precisasse de ajuda – das mãos de Parker, um apito estridente cortou o ar, gerando um silêncio chocado.

– Tudo bem, gente! Vamos parar com isso! – exclamou Laurel. Estava usando um avental sujo

de algo que parecia calda de framboesa.

Parker surgiu na porta.

– Por que não se senta um pouco com sua esposa, Sr. Carstairs? Noivo, Carter vai acompanhar você e os padrinhos de volta para a suíte. Laurel vai levar a senhora e seu marido lá para baixo, Sra. Princeton. Para tomar um chá. Só preciso de uns quinze minutos. Jack, será que você pode ajudar Laurel? Vamos trazer um chá para o Sr. e a Sra. Carstairs aqui em cima mesmo.

– Poderia ser um uísque? – indagou o Sr. Princeton.

– Claro. Basta dizer a Jack o que deseja. Emma, vou precisar de você na Suíte da Noiva. Quinze minutos, pessoal. Fiquem todos calmos, por favor.

– O que aconteceu? – perguntou Emma.

– Atualização rápida: duas damas de honra estão com uma ressaca braba, e uma delas vomitou gloriosamente no banheiro ainda há pouco. A mãe do noivo teve um faniquito quando foi ver o filho na suíte dele, o que deixou a mãe da noiva furiosa. As duas não se dão muito bem. Trocaram insultos, os ânimos se exaltaram, e continuaram assim até as duas virem brigando até a Suíte da Noiva. Ao que parece, a confusão fez a madrinha, grávida de oito meses, entrar em trabalho de parto.

– Ai, meu Deus! Ela está em trabalho de parto? Agora?

– É o casamento dos Braxton Hicks. – O rosto de Parker era um modelo de determinação e força de vontade. – E vai acontecer. O marido dela ligou para o médico e a madrinha o convenceu a nos deixar controlar o tempo entre as contrações por ora. Ela está com Mac, a noiva e o restante do cortejo que não está vomitando ou gemendo. As únicas que estão mantendo o controle são a madrinha e a noiva. Além de Mac. Então...

Parker respirou fundo e abriu a porta do aposento.

A madrinha estava recostada no divã que havia ali dentro, pálida, mas aparentemente calma, com a noiva – apenas de corpete e ligas, coberta por uma daquelas capas de salão de beleza – ajoelhada ao seu lado. Na outra extremidade do aposento, Mac oferecia uma compressa gelada a uma das damas de honra.

– Como você está? – perguntou Parker, aproximando-se da mulher grávida a passos largos. – Quer que eu chame o seu marido?

– Não. É melhor ele ficar com Pete. Estou bem. Não aconteceu nada nos últimos dez minutos.

– Quase doze – disse a noiva, entregando o cronômetro a Parker.

– Ai, Maggie, me desculpe.

– Pare de dizer isso – rebateu a noiva, acariciando o ombro da amiga. – Vai dar tudo certo.

– Você devia terminar o cabelo e a maquiagem. Devia...

– Isso pode esperar. Tudo pode esperar.

– Na verdade, é uma boa ideia – disse Parker num tom de voz que conseguiu ser, a um só tempo, ríspido, profissional e animador. – Se não estiver se sentindo confortável aqui, Jeannie, podemos ir para o meu quarto. É bem mais tranquilo.

– Não, estou bem aqui. De verdade. E adoraria ver tudo. Acho que ele adormeceu de novo – acrescentou, dando uns tapinhas na barriga. – Sinceramente, Jan está pior que eu.

– Sou uma idiota – disse Jan, muito pálida, fechando os olhos. – Pode me bater, Maggie...

– Vou mandar subir um chá com torradas. Vai ser bom para todas. Nesse meio-tempo, Emma e Mac estarão aqui para ajudá-las. Volto logo. Se vier mais alguma contração – acrescentou baixinho, dirigindo-se a Emma –, chame-me pelo rádio.

– Com certeza. Venha, Maggie, vamos deixar você maravilhosa. – Ela ajudou a noiva a se levantar e a entregou à cabeleireira. Cronômetro na mão, dirigiu-se então à futura mamãe. – Quer dizer que é um menino, Jeannie?

– É. O primeiro. Ainda faltam quatro semanas. Fiz o pré-natal quinta-feira. Está tudo bem. Nós dois estamos ótimos. E minha mãe?

Emma levou alguns segundos para lembrar que Jeannie era irmã do noivo.

– Está bem. Aflita e emocionada, claro, mas...

– Ela está arrasada – atalhou Jeannie, rindo. – Bastou ver Pete de smoking para ela desmoronar. Dava para ouvir os lamentos daqui.

– O que, é óbvio, deixou minha mãe furiosa – acrescentou Maggie, acomodada na cadeira de salão. – De repente, estavam brigando como dois pitbulls. Jan correu para vomitar no banheiro e Shannon se encolheu toda.

– Agora está tudo bem – disse a tal Shannon, uma moreninha que tomava algo que parecia ser Ginger Ale.

– Chrissy estava legal, então resolveu levar as crianças lá para fora. A essa altura, já devia ter voltado...

Considerando que, quanto a este aspecto, estava tudo sob controle, Emma deu uma olhada em Maggie.

– Pelo visto, passamos a marca dos quinze minutos. Se Shannon estiver livre, cuidará do cronômetro enquanto vou procurar Chrissy e as crianças. Dama, menina das flores, menino que vai carregar as alianças...

– Ah, por favor, faça isso. Muito obrigada. Tudo isso é muito louco.

– Já tivemos situações bem piores – disse Emma. Entregou o cronômetro a Shannon, deu mais uma olhada em Jeannie. O rosto da futura mamãe tinha recuperado a cor. Ela parecia tranquila. – Você assume aqui, Mac?

– Sem problemas. Ei, que tal tirar umas fotos?

– Você é cruel – murmurou Jan.

Emma saiu quase correndo. Avistou a mãe do noivo no terraço, soluçando, com o rosto escondido num lenço de papel, enquanto o marido lhe dava uns tapinhas no ombro, dizendo:

– Ora, vamos, Edie. Pelo amor de Deus!

Desviou-se e dirigiu-se para a escadaria principal. Parker já vinha descendo.

– Condição atual?

– Acho que baixamos para o amarelo. Jeannie não teve mais nenhuma contração, uma das sobreviventes recuperada, a outra... não sei, não. A noiva está fazendo o cabelo e saí para procurar uma das damas e as crianças.

– Estão na cozinha, tomando leite com biscoitos. Cuide da menina das flores e do pajem, e

mande a dama subir. A Sra. G está preparando chá com torradas. Quero ver como está o noivo e dizer ao papai aflito que está tudo bem.

– Estou indo. A mãe do noivo está lá no terraço, aos prantos.

– Deixe que cuido dela – replicou Parker, empinando o queixo.

– Boa sorte.

Emma desceu correndo e já ia para a cozinha quando Jack apareceu, vindo do salão principal.

– Por favor, diga que não é verdade que uma mulher está dando à luz aí em cima?

– Aparentemente, essa crise já passou.

– Ah, graças a Deus.

– E os pais da noiva?

– Carter se encarregou deles. Parece que ele é professor de um dos sobrinhos do casal. E a mãe foi retocar a maquiagem ou coisa do gênero.

– Ótimo. Tenho que mandar a última dama subir e cuidar da menina das flores e do pajem.

– Boa sorte.

Detendo-se por um instante, Emma o encarou.

– Pelo que me lembro, você leva muito jeito com crianças.

– É, mais ou menos. Eles são apenas pequenos.

– Se puder se encarregar do pajem, que tem 5 anos, e distraí-lo por uns quinze minutos vai ajudar bastante. Assim que tudo estiver resolvido, pode entregá-lo na Suíte do Noivo. Vou cuidar da menina, ajudá-la a se vestir. – Deu uma olhada no rádio quando sentiu que ele vibrava. Depois, soltou um suspiro. – Mantendo-se no amarelo. Ainda bem.

– Essas crianças não têm pais? – indagou Jack indo atrás dela até a cozinha.

– Têm, e os dois fazem parte do cortejo. São irmãos. Gêmeos. A dama que está com eles é a mãe da menina. O pai do pajem é o padrinho do noivo, então pode entregar o menino lá em cima daqui a dez ou quinze minutos. É só dar mais um tempinho até as coisas se acalmarem. Assim que eu tiver terminado de arrumar a menina das flores, volto lá para fora para terminar a decoração do espaço externo. Depois...

Parou, abriu um sorriso feliz e seguiu para a cozinha.

Uma hora mais tarde, a noiva e suas damas estavam devidamente embelezadas; o noivo e seus padrinhos, devidamente arrumados. Enquanto Mac organizava os respectivos acompanhantes para as fotos formais e Parker mantinha as respectivas mães longe uma da outra, Emma terminou a decoração externa.

– Quer um emprego? – perguntou a Jack, que ajudava a cobrir a última fileira de cadeiras.

– De jeito nenhum. Não sei como vocês conseguem fazer isso todo fim de semana.

Emma prendeu uns cones com as peônias mais claras em determinadas cadeiras.

– Não tem a menor chance de sentir tédio. Tink! Você tem que ir para casa se trocar. Os convidados estão chegando.

– Terminamos aqui.

– Parker calcula que só teremos uns dez minutos de atraso, o que é um milagre. Tem comida para todo mundo na cozinha quando tudo estiver pronto. Volto em quinze minutos. Vá se servir

de um drinque, Jack.

– Era exatamente o que eu estava planejando.

Emma voltou vinte minutos depois. As roupas de trabalho haviam sido substituídas por um discreto terninho preto. Começou a prender *boutonnières* e a voz de Parker soou nos seus fones de ouvido.

– Cortejo da noiva pronto. Começar a introdução da música. Recepcionistas, estejam a postos para guiar as pessoas.

Ouviu a contagem regressiva aproveitando para ajeitar algumas lapelas e brincar com o noivo. Viu Parker levando as famílias aos seus lugares e Mac se posicionando para as fotos.

Tirou um momento, um momentinho só, para admirar a vista da parte externa. As capas brancas das cadeiras eram um pano de fundo perfeito para as flores. Todos aqueles tons de verde e de rosa, indo dos mais claros aos mais intensos, destacando-se contra o brilho do tule e da renda.

Mas o seu momento acabou assim que o noivo ocupou seu lugar e as mães – uma, toda chorosa; a outra, talvez um pouco alta por causa do uísque – foram acompanhadas até o lugar onde iam ficar.

Emma se virou para pegar os buquês e distribuí-los enquanto Parker arrumava o cortejo da noiva.

– Vocês estão lindas! Tudo certo, Jeannie?

– Ele acordou, mas está se comportando.

– Maggie, você está simplesmente deslumbrante!

– Ah, por favor... – replicou a noiva agitando uma das mãos diante do rosto. – Não imaginei que fosse ficar assim, mas estou nervosíssima. Estou praticamente competindo com a minha futura sogra.

– Inspire, expire – disse Parker. – Bem devagar. Sem forçar nada.

– Ok, ok, Parker. Se algum dia eu precisar declarar guerra a alguém, você vai ser o meu general. Emma, as flores estão... Inspirar, expirar. Pai...

– Não comece – atalhou ele, apertando a mão da filha. – Quer que eu a leve até o altar chorando feito um bebê?

– Vamos lá – disse Parker, enxugando delicadamente os olhos da noiva por baixo do véu. – Levante a cabeça e sorria. Ok, número um, pode entrar.

– Vejo você do outro lado, Mags. – Jan, ainda um tanto pálida, mas com um sorriso radiante no rosto, começou a andar em direção ao altar.

– Número dois... Pode ir.

Tendo terminado o seu trabalho por ora, Emma saiu dali deixando Parker comandar o espetáculo.

– Preciso admitir – disse Jack, postando-se ao lado dela – que não achei que vocês fossem conseguir dar conta. Não com tanta facilidade. Estou mais que impressionado: estou praticamente atônito.

– Já tivemos coisa pior.

– Ora, ora! – exclamou ele, quando viu que os olhos dela estavam marejados.

– É... Às vezes essas coisas me tocam. Acho que foi o jeito como a noiva conseguiu se controlar, afinal, foi uma crise atrás da outra, e começou a desmoronar no "seu" momento. Mas ela está aguentando firme. Olhe só aquele sorriso. E o olhar do noivo para ela. – Emma suspirou. – Às vezes essas coisas me tocam... – repetiu.

– Acho que merece isso – disse Jack, estendendo-lhe uma taça de vinho.

– Nossa, se mereço. Obrigada.

Passou o braço no dele, recostou a cabeça no seu ombro e ficou assistindo ao casamento.

capítulodezesseis

Depois do evento, foram descansar um pouco na sala. Apreciando cada instante, Emma tomava sua segunda taça de vinho naquela noite.

– Aparentemente, não houve nenhum problema – observou, mexendo os ombros e os dedos dos pés. – E é isso que importa. Por várias semanas, os convidados vão ter histórias para contar das ressacas, do bate-boca das mães e do alarme falso sobre o nascimento do bebê. É esse tipo de coisa que faz de cada casamento um evento único.

– Eu não teria acreditado que alguém seria capaz de chorar por quase seis horas seguidas, praticamente sem fazer uma pausa – disse Laurel, tirando duas aspirinas da cartela para em seguida engoli-las com um pouco de água com gás. – Dava para pensar que era o funeral do filho dela, e não o casamento.

– Vou ter que tratar no Photoshop uma quantidade absurda de fotos em que ela aparece. E mesmo assim... – interrompeu-se Mac, dando de ombros. – Uma mulher cuja futura sogra literalmente uiva na hora do "sim" tem que ser muito corajosa.

Virando a cabeça para trás, Mac fez uma torturante e perfeita imitação do pranto da Sra. Carstairs.

– Ai, minha cabeça – reclamou Laurel. – Estou com dor de cabeça.

Sentado no braço do sofá, Carter sorriu para Mac, embora tenha também passado a mão no ombro de Laurel tentando confortá-la.

– Não sei vocês, mas essa mulher me deixou assustado – comentou ele.

– Acho que parte disso tem a ver com o incidente com o neto que está para nascer. Foi muita coisa para ela.

– Alguém devia ter lhe dado um Valium – disse Laurel para Emma. – Estou falando sério. Fiquei esperando a hora que ela ia se agarrar ao bolo, como se ele fosse uma pira funerária.

– Caramba, que foto isso não daria, hein? – disse Mac, suspirando. – Uma pena!

– Carter, Jack – chamou Parker, erguendo sua garrafa d'água. – Vocês deram uma ajuda e tanto. Se eu soubesse que a mãe do noivo era uma chorona, teria tomado as devidas precauções, mas ela se comportou bem no ensaio. Parecia até bastante entusiasmada.

– Aposto que alguém a drogou – disse Laurel.

– Que tipo de precauções teriam sido? – perguntou Jack.

– Ah, temos uma enorme gama de estratagemas – respondeu Parker, com um sorriso que dava a entender que aquilo era secreto. – Talvez eu não tivesse sido capaz de fazê-la parar de chorar durante a cerimônia, mas teria impedido que aborrecesse os noivos quando estavam se vestindo.

Se Pete e Maggie não tivessem mantido a cabeça fria, teríamos um desastre nas mãos. Manter ocupadas as pessoas que têm um perfil exageradamente emocional, atribuindo-lhes algumas tarefinhas, costuma funcionar.

– Agora sei o que me impediu de chorar – concluiu Jack.

– Amanhã teremos que nos virar sem as tropas de reserva – disse Mac, dando um chute carinhoso em Carter. – Vão nos trocar pelos Yankees.

– Falando em amanhã, vou subir e desmaiar na minha cama para ver se consigo levantar para o próximo evento – anunciou Laurel, pondo-se de pé. – Boa noite, crianças.

– É a nossa deixa. Vamos nos mandar, professor. Nossa, meus pés estão me matando.

Carter se virou e apontou para as próprias costas. Com uma risada, Mac se agarrou nele para se deixar ser carregada.

– Isso é que é amor – disse ela, dando um sonoro beijo no topo da cabeça do noivo. – Da parte dele pela oferta, da minha por confiar em que o Sr. Sem Jeito não vai tropeçar e me derrubar. Nos vemos amanhã.

– Que fofos – comentou Emma, sorrindo ao vê-los sair. – Nem Linda Assustadora consegue embaçar o brilho deles.

– Ela ligou para Mac hoje de manhã – contou Parker.

– Inferno!

– Para dizer que mudou de ideia e espera que Mac e Carter estejam presentes em seu casamento, na Itália, semana que vem. Fez o drama de sempre, apelando para o sentimento de culpa quando Mac disse que seria impossível ir à Itália de uma hora para outra.

– Mac não me contou essa história.

– Não queria que isso interferisse no evento. Linda, é claro, ligou justo quando Mac estava organizando as coisas para o casamento desta manhã. Mas o que importa é que você tem razão: ela não consegue embaçar o brilho deles. Antes do Carter, uma ligação como essa teria deixado a Mac na maior fossa. Claro que não foi agradável, mas ela superou e conseguiu deixar a história de lado.

– O Poder de Carter vence o Poder de Linda. Tenho que dar um enorme beijo nele.

– Se quiser, pode dar em mim, pois vou vê-lo amanhã – sugeriu Jack.

Ela se inclinou na direção dele e lhe deu um selinho.

– Que mão de vaca!

– É um beijo para um amigo. Ok, levante-se, vamos para casa.

– Temos reunião às oito, hein? – Parker fez questão de lembrar.

– Eu sei, eu sei – disse Emma, abafando um bocejo. – O que acha de me carregar nas costas? – perguntou a Jack.

– Acho que assim é melhor. – Com um gesto deliberadamente teatral, ele a pegou no colo.

– Uau, também acho. Boa noite, Parker.

– Boa-noite.

Com uma pontinha de melancolia, Parker viu Jack levar Emma no maior estilo galã de antigamente.

– Grande saída! – exclamou Emma, encantada, antes de dar um beijo no rosto de Jack. – Não precisa me levar no colo o caminho todo.

– Acha que vou deixar Carter levar a melhor? Você não entende nada de competição. É bom que Mac esteja tão feliz – acrescentou ele. – Presenciei algumas ligações da Linda para ela. É duro de ver.

– Eu sei. – De um jeito preguiçoso, Emma acariciou o cabelo castanho-claro de Jack. – Ela é a única pessoa de quem eu efetivamente não gosto. Antes eu tentava achar desculpas para as coisas que ela faz, mas acabei percebendo que não há desculpa possível.

– Uma vez ela deu em cima de mim.

Emma teve um sobressalto.

– Como é? A mãe de Mac fez o quê?

– Foi há muito tempo. Na verdade, teve outra vez, que não foi há tanto tempo assim. Então, ela deu em cima de mim duas vezes. Na primeira, eu ainda estava na faculdade e vim passar umas semanas aqui no verão. Íamos todos a uma festa, e eu disse que passava para buscar Mac. Ela não tinha carro na época. Foi a mãe dela que abriu a porta e me deu as boas-vindas de um jeito que as mães normalmente não fazem. Depois, me encurralou num canto até Mac descer. Foi, digamos... interessante, e com certeza assustador. Linda Assustadora. É um bom apelido.

– Quantos anos você tinha? Uns 20? Ela devia se envergonhar. Ou ser presa. Agora gosto menos ainda dela. Não pensei que isso fosse possível.

– Eu sobrevivi. Mas, se ela tentar algo de novo, conto com você para me proteger. E vai ter que se esforçar bem mais do que naquele dia com a Kellye Assustadora.

– Um dia desses ainda vou dizer cara a cara o que penso a respeito dela. Estou me referindo a Linda, não a Kellye. E se ela se atrever a aparecer no casamento de Mac para tentar aprontar uma das suas, vou reagir com violência.

– Posso assistir?

Emma encostou a cabeça no ombro dele.

– Vou ligar para a minha mãe amanhã só para dizer que ela é maravilhosa. – Beijou de novo o rosto dele. – E você também. Essa é a primeira vez que sou carregada no colo sob o luar.

– Na verdade, está nublado.

Ela sorriu.

– Não do meu ponto de vista.

Jack analisou todas as suas cartas. Até o momento, a noite tinha sido boa para ele, mas o par de dois não parecia nada promissor. Passou a vez; ficou esperando as apostas surgirem. O Dr. Rod apostou 25 dólares. Ao seu lado, Mal passou. Del apostou suas fichas. Frank, o paisagista, fez o mesmo. O advogado Henry passou.

Jack hesitou por um instante e pôs os 25 dólares na mesa.

Del queimou a primeira carta e virou o flop. Ás de paus, dez de ouros, quatro de ouros.

Um possível flush, um possível straight. E ele só tinha um mísero par de dois.

Rod apostou mais 25.

Carter passou. Del e Frank pagaram para ver.

Seu idiota, pensou Jack, mas estava com um pressentimento. Alguns pressentimentos valem 25 dólares.

Pôs suas fichas na mesa.

Del queimou uma carta e virou a seguinte. Dois de ouros.

Agora a mesa estava ficando interessante. Mesmo assim, sabendo como Rod jogava, ficou atento.

E Rod apostou mais 25. Del dobrou a aposta.

Frank passou. Jack pensou na trinca de dois. Mas continuava com um pressentimento.

E pagou os 50 dólares.

– Que bom que não se assustaram. Estou tentando conseguir alguma coisa. O bolo ainda precisa melhorar – disse Rod, com um risinho. – Acabei de ficar noivo.

Del olhou ao redor.

– Sério? Estamos sendo abatidos como moscas.

– Meus parabéns – disse Carter.

– Obrigado. Ponho mais 50. De repente, pensei: o que estou esperando? Então me joguei de cabeça. Shell está louca para dar uma olhada na casa da sua irmã. Quem sabe você não pode me dar o desconto dos companheiros de pôquer?

– Sem chance – disse Del, contando as fichas. – Mas pago os seus 50. Para ver o que deve ser o fim do pôquer e dos charutos para você.

– Caramba, Shell não é assim. Sua vez, Jack.

Com certeza, tem um par de ases. Rod nunca blefava ou, quando tentava, ficava evidente para todo mundo. Um par de ases ou umas cartinhas de ouros. Mesmo assim...

– Eu pago. Considere isso um presente de noivado.

– Obrigado. Estamos pensando em junho. Shell quer toda aquela papagaiada. Pensei que poderíamos ir para alguma ilha, pegar sol, pegar umas ondas e casar. Mas ela quer tudo a que tem direito.

– É assim que começa – observou Mal, com voz soturna.

– Você também vai se casar, não é, Carter?

– Mac é do ramo. Elas fazem um ótimo trabalho. É tudo muito especial, personalizado.

– Não precisa se preocupar com isso – disse Mal, dirigindo-se a Rod. – Não vai ter escolha mesmo. Basta aprender a repetir "está ótimo, amor" para tudo o que ela perguntar se você gostou, se você quer ou se vai fazer.

– Sabe bastante para quem nunca passou pela experiência, hein?

– Quase passei, mas não disse "está ótimo, amor" tantas vezes quanto era necessário. – Mal deu uma olhada para a ponta do seu charuto. – Felizmente.

– Vou gostar de me casar – disse Rod, ajeitando os óculos. – Sossegar um pouco. Imagino que esteja se encaminhando para essa direção, Jack.

– O quê?

– Já está saindo com a florista gata há um tempinho. Não está mais na pista.

Del mordeu a ponta do charuto.

– Estamos jogando pôquer ou vamos começar a falar do cartório que Rod deve escolher? Três jogadores para a quinta carta.

Del virou a última carta, mas Jack estava tão ocupado reparando em Rod que não se deu conta.

– Aposto tudo.

– Interessante, Rod. – Sem esboçar qualquer reação, Del soltou uma baforada do charuto. – Cubro a aposta. E você, Jack? Vai ou não?

– O quê?

– É a sua vez, cara.

– Claro. – Ele estava fora da pista? O que aquilo *queria dizer*? Jack tomou um gole de cerveja e se obrigou a se concentrar. Então viu que a última carta era um dois de copas. – Eu vou.

– Tenho uma trinca de ases.

– Então ganhei de você – disse Del, mostrando as cartas –, porque tenho um flush. E de ouros, como o da aliança que você pôs no dedo da sua amada. E a maior carta é o rei.

– Filho da puta! Achei que tivesse uma quadra de dez.

– Achou errado. E você, Jack?

– O quê?

– Cacete, Jack, mostre as cartas ou saia do jogo.

– Desculpe – disse ele, voltando a si. – Lamento muito pelos ouros. Mas tenho esses dois que com este par somam quatro. Acho que essa é minha.

– Conseguiu uma quadra de dois na quinta carta? – Rod meneou a cabeça. – Você é um desgraçado de um sortudo.

– É, sou um desgraçado de um sortudo.

Depois do jogo, Jack embolsou os 50 dólares de cada jogador e foi com Del para a varanda bater papo.

– Como está tomando outra cerveja, imagino que esteja pensando em dormir aqui.

– A ideia me ocorreu – disse Jack.

– Mas você faz o café da manhã.

– Tenho uma reunião bem cedo, então o café estará pronto às seis.

– Tudo bem. Tenho um caso de divórcio. Cara, odeio quando uma amiga me pressiona para tratar do divórcio dela. Odeio com todas as forças esse tipo de caso.

– Quem é a amiga?

– Você não conhece. Saímos algumas vezes na época da escola. Ela acabou casando com esse cara e se mudou para New Haven uns cinco anos atrás. Tem dois filhos.

Balançou a cabeça e tomou um gole de cerveja.

– Agora não conseguem nem olhar um para a cara do outro, e ela se mudou de volta e está na casa dos pais até decidir o que vai fazer da vida. Ele está puto por ela ter resolvido voltar para cá, o que vai dificultar bastante a questão das visitas às crianças. – Rolou a garrafa para a esquerda. – Ela está puta porque deixou sua carreira de lado para assumir o papel de mãe e dona de casa. – Rolou a garrafa para a direita. – Ele não sabia valorizá-la, ela não entendia a pressão que ele tinha que suportar. O de sempre.

– Achei que não pegasse mais casos de divórcio.

– Se você já tocou nos peitos de uma mulher e ela entra no seu escritório pedindo ajuda, é meio difícil dizer não.

– É verdade. Não é o tipo de coisa que aconteça na minha profissão, mas você tem razão.

Del deu um risinho sacana e tomou mais um gole de cerveja.

– Ou talvez eu tenha pegado em mais peitos que você.

– Podíamos contar para ver quem ganha.

– Se consegue se lembrar de todos os peitos que já passaram pelas suas mãos, então não foram tantos assim.

Jack riu e se recostou na cadeira.

– Tínhamos que ir a Las Vegas.

– Para pegar mais peitos?

– Para... ir a Las Vegas. Passar alguns dias nos cassinos e ir a shows de striptease. É, então, acredito que peitos fariam parte da viagem. Seriam só uns dias.

– Você odeia Las Vegas.

– *Odiar* é uma palavra forte demais. Tenho uma ideia melhor, então. Que tal irmos para St. Martin, St. Barts ou algum lugar parecido? Jogaríamos, iríamos à praia. Poderíamos até fazer pesca submarina.

Del franziu as sobrancelhas.

– Está querendo pescar? Pelo que eu saiba, você nunca pôs as mãos numa vara de pesca.

– Para tudo há uma primeira vez.

– Está querendo pôr o pé na estrada?

– Só tenho pensado em tirar uns poucos dias para descansar. O verão está chegando. Fiquei trancado no escritório trabalhando durante todo o inverno e a semana que eu passaria em Vail foi reduzida a três dias. Por isso pensei em descontar agora.

– Talvez eu possa me organizar para um fim de semana prolongado.

– Ótimo. Vamos fazer isso. – Satisfeito, Jack tomou mais um gole de cerveja. – Estranha essa história do Rod.

– O quê?

– De ficar noivo tão de repente.

– Ele já está com a Shelly há uns dois anos. Não foi tão de repente.

– Mas nunca deu nenhuma pista de que estava pensando em se casar – insistiu Jack. – Não acho que ele tenha nascido para isso. Quero dizer, um cara como o Carter, tudo bem. Ele se enquadra bem no tipo. Chega em casa todo dia depois do trabalho, calça uma pantufa...

– Uma pantufa?

– Você sabe o que estou querendo dizer. Ele é desses que chega em casa, faz um jantarzinho, acaricia o gato de três patas, vê um pouco de televisão, trepa com a Mac se estiverem num bom dia...

– Você sabe que tento não pensar nas palavras "Mac" e "trepar" juntas numa mesma frase.

– Acorda na manhã seguinte e faz tudo de novo – prosseguiu Jack com um tom que mais parecia uma declamação. – Adicione-se a isso um casal de filhos daqui a algum tempo e talvez um cachorro de um olho só para combinar com o gato de três patas. As trepadas vão diminuir, porque agora há crianças correndo pela casa. A pesca submarina e os shows de striptease ficaram no passado, já que é preciso fazer excursões aos centros comerciais, aqueles verdadeiros pesadelos, contratar uma babá, ter uma medonha minivan e economizar para a faculdade dos filhos. E, meu Deus – Jack ergueu as duas mãos –, meu Deus, chegam os 40 anos, o sujeito vira treinador de uma liga infantil e provavelmente está com uma bela barriga, afinal quem consegue ir à academia quando se tem que passar no mercado para comprar pão e leite? Aí, num piscar de olhos já está com 50 anos, meio cochilando numa poltrona reclinável enquanto assiste a reprises de *Law and Order*.

Del ficou em silêncio por um minuto, só observando o rosto de Jack.

– É um interessante resumo dos próximos vinte anos da vida de Carter. Espero que um dos meninos tenha o meu nome.

– É assim que as coisas acabam acontecendo, não acha? – Que pânico era esse, esse alerta que crescia em seu peito? Não queria pensar a respeito. – A parte boa é que Mac não vai procurar você para cuidar do divórcio porque provavelmente vai dar tudo certo no casamento deles. Ela não é do tipo que surta porque o marido sai uma vez por semana para a Noite de Pôquer ou que enche o saco com aquele drama de "você nunca me leva a lugar nenhum".

– E Emma é desse tipo?

– O quê? Não. Não estou falando de Emma.

– Não?

– Não. – Jack respirou fundo, propositadamente, e percebeu que estava meio chocado com as bobagens que tinha dito. – Está tudo bem com Emma. Bem mesmo. Estava só generalizando.

– E em geral o casamento consiste em poltronas reclináveis, minivans e no fim dessa vida que levamos?

– Pode ser também uma poltrona da marca La-Z-Boy e uma perua, dessas que cabem uma família grande. Acho que elas estão voltando ao mercado. O que quero dizer é que Mac e Carter vão gostar de tudo isso. Então... bom para eles. Mas isso não é para todo mundo.

– Acho que depende da dinâmica.

– A dinâmica muda. É por isso que vai tratar de um divórcio amanhã. – Mais calmo, Jack deu de ombros. – As pessoas mudam, assim como os elementos, as circunstâncias e a situação que envolve tudo isso.

– É verdade, mudam mesmo. E os que querem manter o relacionamento vão se adaptando a essas evoluções.

Aturdido e inexplicavelmente incomodado, Jack fechou a cara para o amigo.

– De repente você virou um defensor do casamento?

– Nunca fui um oponente. Descendo de uma longa linhagem de casais que deram certo. Imagino que seja preciso ter muita coragem ou uma fé cega para se meter numa coisa como essa, além de muito esforço e uma flexibilidade considerável para seguir em frente. Se levarmos em conta Mac e Carter e a história de vida de cada um, eu diria que ela fica com a parte da coragem, ao passo que ele contribui com a fé cega. É uma boa combinação.

Del fez uma pausa e ficou contemplando sua cerveja.

– Está apaixonado por Emma?

O pânico voltou, mas Jack o engoliu junto com a cerveja.

– Eu disse que não tinha nada a ver com ela. Ou conosco. Nada disso tem.

– Que mentira, Jack! Estamos sentados aqui, tomando uma última cerveja depois de uma noite em que você se deu bem e eu saí depauperado. Em vez de estar se vangloriando, está falando de casamento e pesca submarina. Duas coisas pelas quais nunca demonstrou interesse.

– Estamos sendo abatidos como moscas. Foi você mesmo que disse.

– Disse, sim. Porque é o que está acontecendo. Com Tony aconteceu há uns três anos, talvez quatro. Frank embarcou nessa ano passado. Rod está noivo. E não deixe de acrescentar Carter. Não estou envolvido com ninguém em particular no momento, nem Mal, pelo que sei. Sobraram você e Emma. Por isso, seria de espantar que a notícia do casamento de Rod não deixasse você na dianteira.

– Talvez eu esteja começando a pensar nas expectativas dela, afinal de contas, trabalha nesse ramo.

– Nesse ramo, só, não. Ela trabalha numa empresa de casamentos.

– Ok, é isso. Ela pertence a uma grande família, unida e aparentemente feliz. E embora a festa e o casamento sejam coisas diferentes, uma coisa leva a outra. Uma das melhores amigas de infância vai se casar. Você sabe como são essas quatro, Del. São como unha e carne. Elas podem ter suas atividades individuais, mas são inseparáveis. Como disse, você e Mal estão na pista e, pelo que sei, Laurel e Parker também. Mas Mac? Isso muda as coisas. E agora, um dos meus amigos de pôquer vai lá falar com elas sobre os preparativos para o casamento dele. Isso *muda* as coisas.

Ele falava, gesticulando com a cerveja na mão.

– Se *eu* estou pensando nisso, é claro que ela também deve estar.

– Você poderia agir de forma radical e introduzir o assunto numa conversa com ela.

– Ter uma conversa sobre isso é como dar um passo adiante.

– Ou um passo atrás. Em que direção você quer ir, Jack?

– Está vendo? Você está me fazendo essa pergunta. – Para enfatizar ainda mais o que dizia, Jack apontou para o amigo. – Com certeza ela também deve estar se fazendo. E o que eu tenho que responder?

– Mais uma vez, tente algo radical. Que tal a verdade?

– Não sei qual é a verdade. – Ok, pensou, é exatamente isso que está me deixando em pânico. –

Por que acha que estou apavorado?

– Acho que é você que vai ter que descobrir. Você nunca respondeu à questão principal: está apaixonado por ela?

– Que droga, como se pode saber uma coisa dessas? Mais que isso: como é que se sabe que as coisas vão continuar desse jeito?

– Coragem, fé cega. Você tem ou não tem. Mas pelo que estou vendo, meu camarada, a única pessoa que o está pressionando é você mesmo. – Del cruzou as pernas e tomou o resto da cerveja. – Pense nisso.

– Não quero machucá-la. Não quero decepcioná-la.

Ouça o que está dizendo, pensou Del. Já mergulhou de cabeça e não percebe.

– Também não quero ver isso acontecer – disse Del num tom casual. – Porque ia odiar ter que arrebentar a sua cara.

– Ia me odiar ainda mais por arrebentar a sua por tentar arrebentar a minha.

Continuaram se insultando amigavelmente enquanto tomavam a saideira.



Como queria inspecionar de perto a ampliação do estúdio de Mac, Jack tentava passar lá todos os dias. Com isso, tornou-se um espectador da vida de Mac e Carter.

Todas as manhãs ele os via na cozinha. Um deles alimentava o gato, o outro fazia o café. Em determinado momento, Carter saía com sua pasta com o laptop e Mac ia trabalhar no estúdio.

Se sua visita fosse de tarde, podia ver Carter vindo da mansão em direção ao estúdio, mas, pelo que notou, isso nunca acontecia quando Mac estava com clientes. O cara devia ter um radar, concluiu Jack.

Ocasionalmente, um deles, ou os dois, vinha ver os progressos da obra, fazia perguntas, oferecia café ou uma bebida gelada, dependendo da hora em que passava por lá.

Esse ritmo o fascinava tanto que um dia deteve Carter para comentar.

– As aulas terminaram, não é?

– E o verão de diversões começou.

– Percebi que tem ido até a mansão muitas vezes.

– O estúdio tem andado bem cheio de gente por esses dias. E barulhento. – Carter olhou na direção da obra, de onde vinha barulho de serras e furadeiras. – Dou aula para adolescentes, então tenho uma alta tolerância para confusão, mesmo assim, não consigo entender como ela consegue trabalhar em meio a essa balbúrdia. Nada parece incomodá-la.

– O que você faz o dia todo? Fica bolando testes-surpresa para o próximo semestre?

– O que é encantador nos testes-surpresa é que posso repeti-los por anos a fio. Tenho vários arquivos.

– Ah, sim, acredito. E então o que faz?

– Na verdade, uso um dos quartos de hóspedes como um escritório temporário. É silencioso e a Sra. Grady sempre me arranja algo para comer.

– Está estudando?

Carter assumiu uma postura que Jack identificou como ligeiramente constrangida.

– Estou meio que tentando escrever um livro.

– Puta merda! Sério?

– O resultado deve estar uma merda mesmo. Partes dele provavelmente estão. Mas resolvi me dedicar a isso neste verão.

– Que legal! Como sabe quando ela está livre, quero dizer, que os clientes foram embora? Ela liga para avisar que já pode voltar para casa?

– Ela tenta agendar os clientes de manhã se tem que fazer sessão de estúdio e, enquanto durarem as obras, tem transferido a maior parte das reuniões para a mansão. Dou uma olhada na agenda dela para não voltar no meio de uma sessão, estragar o clima e acabar com sua concentração. É um sistema bem simples.

– Parece que está funcionando para vocês.

– Por falar em funcionar, não esperava que fosse ver resultado tão depressa – comentou Carter, apontando para o estúdio. – Todo dia tem uma coisa nova por aqui.

– O tempo está ajudando e as vistorias já acabaram, por isso pudemos estabelecer um bom ritmo. É uma excelente equipe. Eles deveriam... Desculpe – disse, quando o celular tocou.

– Pode atender. Também tenho que começar minha tarefa.

Jack pegou o celular enquanto Carter se afastava.

– Cooke. Isso, estou na obra dos Browns. – Enquanto falava, foi se aproximando do barulho. – Não, não podemos simplesmente... Se é o que eles querem, precisamos desenhar as mudanças e conseguir uma nova licença.

Ouvia tudo sem parar de caminhar.

Suas visitas de trabalho também lhe deram um bom panorama da rotina básica de Emma. Os clientes iam e vinham pontualmente no início da semana. Lá para quarta e quinta, ela recebia as encomendas. Eram caixas e mais caixas de flores. A essa hora devia estar trabalhando nelas, pensou. Começava cedo, sozinha. Tink ou outra de suas ajudantes provavelmente chegaria mais tarde para fazer o que quer que lhe fosse atribuído.

No meio do dia, quando sobrava um tempinho, fazia uma pausa e ia se sentar no pátio. Estando por ali, Jack aproveitava para ficar um pouco com ela.

Que homem podia resistir a Emma sentada sob a luz do sol?

E lá estava ela, percebeu. Não no pátio, mas ajoelhada no chão, com o cabelo preso por um chapéu, cavoucando a terra com uma pá.

– Diga a eles que dentro de duas ou três semanas – prosseguiu Jack, e Emma se virou, ergueu a aba do chapéu e lhe deu um sorriso. – Estou saindo daqui em poucos minutos. Vou falar com o mestre de obras. Estarei no escritório em algumas horas. Não tem problema.

Desligou o celular e deu uma olhada geral nos montes de plantas.

– Já não tem flores o bastante?

– Nunca. Queria pôr aqui na frente mais algumas anuais. Vão ficar bem vistosas lá das áreas onde os eventos acontecem.

Ele se agachou e lhe deu um beijo.

– Você, sim, está bem vistosa. Achei que estaria trabalhando lá dentro.

– Não consegui resistir, e isso não vai me tomar muito tempo. Posso trabalhar uma hora a mais no fim do dia, se for preciso.

– Vai estar muito ocupada no fim do dia?

Emma inclinou a cabeça e, sob a aba do chapéu, lançou-lhe um olhar fulminante.

– Depende da proposta.

– Que tal irmos jantar em Nova York? Em algum lugar onde os garçons sejam esnobes, a comida, um absurdo de cara e onde você vá tão bonita que eu não vou me importar com mais nada.

– Definitivamente não estarei ocupada no fim do dia.

– Ótimo. Passo às sete para buscá-la.

– Estarei pronta. Mas já que está aqui... – Emma passou os braços em volta do pescoço dele e lhe deu um beijo profundo, lânguido. – Para que possa esperar até lá – murmurou ela.

– Arrume uma mala.

– O quê?

– Ponha o que precisar para uma noite e reservarei uma suíte de hotel em Nova York. Vamos esticar o nosso programa.

– Sério? – perguntou ela, fazendo uma dancinha. – Me dê dez minutos e faço a mala agora mesmo.

– Então, estamos combinados.

– Tenho que estar de volta cedo, mas...

– Eu também. – Desta vez foi ele quem a beijou, segurando seu rosto com as mãos e puxando-a para si. – Para que *você* possa esperar até lá. Sete horas, ok? – repetiu ele e se levantou.

Satisfeito com a própria ideia e com a reação dela, Jack pegou o celular e, dirigindo-se para a sua caminhonete, pediu que seu assistente fizesse as reservas.

capítulodezessete

– Disse a ele que faria a mala em dez minutos. Como sou mentirosa! – Depois de terminar sua jornada de trabalho diária, de hidratar e perfumar cada parte do seu corpo, Emma dobrou uma camisa e pôs na mala. – Obviamente a roupa para usar no quarto do hotel não era importante, mas...

Virou-se e ergueu uma camisola branca de seda para saber a opinião de Parker.

– O que acha?

– É maravilhosa! – Dando um passo à frente, Parker passou a mão na delicada renda que emoldurava o corpete. – Quando a comprou?

– No inverno passado. Não consegui resistir e disse a mim mesma que a usaria ainda que sozinha e em casa. Mas é claro que não fiz isso. Ela tem esse robe combinando. Adoro robes sensuais de hotel, mas este é tão romântico... Quero vestir algo romântico depois do jantar.

– Então está perfeito.

– Nem ao menos sei onde vamos jantar ou dormir. Estou adorando isso. Estou amando a sensação de ser surpreendida. – Fez uma rápida pirueta e pôs o robe na mala. – Quero champanhe e luz de velas e, quanto à sobremesa, vou ser absolutamente indulgente comigo mesma. E quero que ele me olhe à luz das velas e diga que me ama. Não posso evitar.

– Por que deveria?

– Porque devia estar satisfeita com a ideia de ser surpreendida, de estar com um homem que planejou uma noite como essa. Ele me faz feliz. Isso devia bastar.

Enquanto Emma continuava a fazer a mala, Parker chegou perto dela e afagou seus ombros.

– Não precisa impor limites a si mesma, Emma. Se está sentindo isso, tudo bem.

– Não imponho limites. Não acho que eu faça isso. Sei que tenho uns altos e baixos a respeito desse relacionamento, então, só estou tentando adequar as minhas expectativas. Tenho que agir como me propus a fazer quando comecei a sair com ele. – Virando-se, Emma apertou as mãos da amiga. – Disse que queria me divertir e que aceitaria as coisas como elas fossem. Sou apaixonada por ele há muito tempo, mas isso é coisa minha. Na verdade, só estamos juntos há uns dois meses. Não é preciso ter pressa.

– Emma, desde que conheço você, ou seja, desde sempre, nunca a vi ter medo de dizer o que está sentindo. Por que está com medo de dizer ao Jack?

Emma fechou a mala.

– Se eu contar e ele não estiver preparado, pode se sentir obrigado a dar um passo atrás, voltar a ser só meu amigo. Acho que eu não iria suportar isso, Parker. – Ela se virou e encarou a amiga. –

Acho que não quero pôr em risco nosso relacionamento de agora. Pelo menos, não ainda. Então, vou aproveitar nossa noite, sem fazer qualquer tipo de pressão. Caramba, preciso me vestir. Bom, estarei de volta às oito, oito e meia no máximo. Se por acaso ficarmos presos no trânsito...

– Ligo para Tink e a obrigo a sair da cama. Sei como fazer isso. Ela fica encarregada da entrega da manhã e de começar o trabalho.

– Obrigada. – Confiante nas habilidades da amiga, Emma se enfiou no vestido. – Mas estarei aqui a tempo. – Virou-se de costas para que Parker fechasse o zíper.

– Linda cor. Cítrico. Dá raiva saber que não cai bem em mim. Em você fica deslumbrante. – Pelo espelho, olhou nos olhos de Emma e passou os braços pela cintura dela para abraçá-la. – Aproveite bastante.

– Pode deixar.

Vinte minutos depois, quando abriu a porta para Jack, ele a fitou com um grande sorriso no rosto.

– Que excelente ideia a minha. Devia ter proposto isso antes. Você está simplesmente estonteante.

– Estou fazendo jus a um lugar onde os garçons são esnobes e a comida um absurdo de cara?

– Muito mais. – Ele pegou sua mão e beijou o pulso que ostentava a pulseira reluzente que tinha lhe dado.

Até o trânsito em Nova York a deixou impressionada: era perfeito, tanto nas situações em que fluía quanto nos congestionamentos. A luminosidade do dia ia dando lugar a um entardecer suave. Tinham a noite toda pela frente, pensou ela.

– Sempre acho que tenho que vir à cidade mais vezes – observou Emma. – Para me divertir ou fazer compras, para dar uma olhadinha nas floristas e nos mercados. Nem de longe venho aqui tanto quanto gostaria. Então, quando venho, fico bem empolgada.

– Você nem perguntou aonde estamos indo.

– Não importa. Adoro surpresa, espontaneidade. No meu trabalho, como no seu, aliás, tudo tem que ser tão programado... Então, isso que estamos fazendo é como uma espécie de minifférias mágicas. Se me prometer comprar um champanhe, não vai ficar faltando nada.

– Tudo o que você quiser.

Quando Jack estacionou diante do Waldorf, ela ergueu as sobrancelhas.

– E as excelentes ideias não param de lhe ocorrer.

– Achei que fosse gostar de algo tradicional.

– Acertou em cheio.

Emma esperou na calçada que o carregador pegasse as malas e depois deu a mão a Jack.

– Obrigada, de antemão, pela noite maravilhosa.

– De nada, de antemão. Só vou fazer o check in e pedir que levem as malas lá para cima. O restaurante fica a três quarteirões daqui.

– Podemos ir a pé? Está uma noite tão bonita.

– Claro. Só vou demorar uns cinco minutos.

Emma deu uma volta pelo saguão; ficou admirando as vitrines das lojas, os magníficos arranjos

florais, as pessoas entrando e saindo, até que Jack se juntou a ela e, passando a mão em suas costas, perguntou: – Pronta?

– Absolutamente. – Deu a mão para ele e foram andando pela Park Avenue. – Tenho uma prima que se casou no Waldorf, antes de existir a Votos, é claro. Foi uma festa formal, ultrachique, como os Grants tendem a fazer. Eu tinha 14 anos e fiquei muito impressionada. Ainda consigo me lembrar das flores. Eram montanhas de flores. As rosas amarelas foram o destaque. Suas damas de honra estavam vestidas de amarelo também e pareciam biscoitos amanteigados, mas as flores, ah... Montaram uma pérgula toda elaborada enfeitada com rosas amarelas e glicínias bem no salão de baile. Isso deve ter exigido um exército de floristas. Mas é a coisa de que mais me lembro, então deve ter valido a pena.

Ela sorriu para Jack.

– O que mais o atrai num edifício a ponto de deixá-lo impressionado?

– Várias coisas. – Jack dobrou a esquina para o lado leste; Nova York fervia ao redor. – Mas quer saber honestamente? Um dos maiores impactos para mim foi a primeira vez que vi a propriedade dos Browns.

– Sério?

– Havia muitas mansões em Newport, onde cresci, e algumas com uma arquitetura incrível. No entanto, essa propriedade tem algo a mais que a distingue das outras. O equilíbrio e suas linhas, uma grandeza discreta, a segurança de combinar dignidade com toques de fantasia.

– Ela é exatamente assim – concordou Emma. – Dignidade e toques de fantasia.

– Quando se anda pela mansão, é possível sentir imediatamente que há pessoas morando ali. Ela tem vida e, mais que isso, as pessoas que moram ali amam aquela casa e o terreno à sua volta. Ela toda. Por isso continua a ser um dos meus lugares favoritos de Greenwich.

– Com certeza é um dos meus.

Ele virou de novo, agora para abrir a porta do restaurante. Assim que pôs os pés lá dentro, Emma notou que o ritmo e a pressa da rua tinham desaparecido. Até o ar parecia mais calmo.

– Bela escolha, Sr. Cooke – elogiou ela baixinho.

O maître fez um aceno elegante com a cabeça.

– *Bonjour, mademoiselle, monsieur*.

– Cooke – disse Jack de um jeito meio inexpressivo que lembrava James Bond. Ela teve que morder as bochechas por dentro para não cair na gargalhada. – Jackson Cooke.

– Sr. Cook, *bien sûr*, queiram me acompanhar.

Foi abrindo caminho em meio a elaborados arranjos florais e velas bruxuleantes, entre o brilho da prata e do cristal sobre toalhas de linho branco com a neve. Sentaram-se com toda a esperada pompa e circunstância e lhes ofereceram um coquetel.

– A senhora prefere champanhe.

– Muito bem. Vou avisar ao sommelier. Tenham uma noite agradável.

– Já estou tendo – disse Emma, inclinando-se para Jack. – Muito agradável.

– Todos ficaram olhando quando você passou.

Ela deu um sorriso sexy e provocante.

– Somos um casal muito atraente.

– E agora todos os homens desse restaurante têm inveja de mim.

– Isso só faz com que a noite seja ainda mais divertida. Mas, prossiga, não quero interrompê-lo.

Olhando à sua volta, Jack viu o sommelier se aproximar.

– Deixe-me voltar a falar de você.

Depois de escolher a garrafa, que foi aprovada com veemência pelo especialista, Jack pegou as mãos de Emma.

– Bom, onde eu estava mesmo?

– Fazendo eu me sentir incrivelmente especial.

– Uma tarefa fácil, considerando-se o que tenho diante de mim.

– Agora está me fazendo perder a cabeça. Prossiga, por favor.

Ele riu e beijou a mão dela.

– Adoro estar com você. Você deixa meu dia muito melhor, Emma.

O que estava acontecendo com ela?, perguntou a si mesma. Bastara ouvir a frase "adoro estar com você" para seu coração ficar aos pulos.

– Por que não me conta como foi o seu dia?

– Bem, descobri o mistério de Carter.

– Havia um mistério?

– Para onde ele vai e o que ele faz? – começou Jack, e contou sobre a rotina que vem observando lá estúdio. – Só estou lá por curtos períodos – prosseguiu –, mas eles variam entre parte da manhã e finalzinho da tarde. Então, minhas astutas observações se basearam em fatias diferentes do dia deles.

– E a que conclusões chegou?

– Nenhuma, mas elaborei várias teorias. Estaria ele saindo sorrateiramente para ter encontros tórridos com a Sra. Grady ou teria se deixado capturar por um ciclo desesperado e destrutivo de apostas on-line feitas em seu laptop?

– Talvez as duas coisas.

– Verdade, Carter é um sujeito eficiente. – Jack fez uma pausa para aprovar o selo da garrafa que lhe era mostrada. – A dama vai provar o champanhe.

Assim que o ritual de tirar a rolha se iniciou, Jack se inclinou para se aproximar de Emma.

– E logo ali, está a nossa amada Mackensie, sem saber de nada, confiando no sujeito e trabalhando como uma escrava. Poderia o aparentemente inocente e afável Carter Maguire estar escondendo vergonhosos segredos? Eu tinha que descobrir.

– Você usou um disfarce e o seguiu até a mansão?

– Pensei nisso, mas tive que descartar a ideia. – Ele esperou o sommelier pôr uma prova do champanhe na taça de Emma. Ela deu uma bicadinha, fez uma pausa, e por fim lançou para o especialista um sorriso que derreteu sua pose gelada e profissional.

– Está maravilhoso. Obrigada.

– É um prazer, *mademoiselle* – respondeu ele, servindo a taça habilmente. – Espero que aprecie cada gole. *Monsieur*... – Deixou a garrafa no gelo e, com uma reverência, afastou-se.

– Muito bem, como conseguiu solucionar o mistério de Carter?

– Só me dê um minuto. Perdi o fio da meada diante do virtuosismo com que ele verteu o champanhe na sua taça. Ah, sim, meu método foi engenhoso: perguntei a ele.

– Diabólico.

– Ele está escrevendo um livro. Coisa que você já deve estar sabendo – concluiu Jack.

– Eu os vejo todos os dias, ou quase. Mac me contou, mas o seu método é muito mais divertido. Está há anos escrevendo esse livro, quando tem um tempo livre. Mac deu um empurrão para que ele trabalhasse nisso durante o verão em vez de dar aulas de apoio. Acho que ele é bom.

– Já leu o original?

– Esse não, mas ele tem uns contos e ensaios publicados.

– Tem? Ele nunca disse nada. Esse é outro mistério de Carter.

– Não acredito que seja possível saber tudo a respeito de uma pessoa, mesmo conhecendo-a há muito tempo ou muito bem. Tem sempre um lado oculto que nos escapa.

– Acho que somos prova disso.

Ela o fitou com um sorriso cálido e tomou mais um gole do champanhe.

– Acho que somos.

– Os garçons não são esnobes o bastante. Como você os encantou, estão querendo agradá-la.

Com a colher, Emma pegou um tiquinho do suflê de chocolate que sugeriu que dividissem.

– Para mim eles alcançaram o nível perfeito de esnobismo – disse ela, aproximando a colher dos lábios. Com um gemido quase silencioso mostrou o que tinha achado da sobremesa. – Está quase tão bom quanto o de Laurel, e o dela é o melhor que já provei.

– *Provar* é uma palavra muito operacional. Por que não come simplesmente?

– Estou saboreando – respondeu ela, pegando mais uma quantidade ínfima com a colher. – Nós fizemos uma refeição de cinco etapas. – Suspirou, olhando para o café à sua frente. – Estou me sentindo como se tivesse feito uma pequena viagem a Paris.

Com um dedo, Jack acariciou o dorso da mão dela. Emma nunca usava anéis, pensou. Por causa do seu trabalho e porque não queria chamar atenção para as próprias mãos.

Engraçado é que ele achava que era uma das partes mais atraentes nela.

– Já esteve lá?

– Em Paris? – perguntou ela, saboreando mais um pouquinho do suflê. – Da primeira vez era pequena demais para me lembrar de alguma coisa. Tem uma foto da minha mãe empurrando meu carrinho pelos Champs-Élysées. Fui de novo com 13 anos, com Parker e seus pais, Laurel, Mac e Del. No último minuto, Linda disse que Mac não poderia ir, com a desculpa de que ela teria feito alguma coisa errada. Foi horrível. Mas a mãe de Parker falou com ela e ajeitou as coisas. Nunca nos disse como fez isso. Foi muito divertido. Passamos uns dias em Paris e, depois, duas incríveis semanas na Provença.

Permitiu-se comer mais uma colherzinha do suflê.

– E você?

– Del e eu fizemos uma viagem pela Europa, estilo mochilão, nas primeiras férias da faculdade. Foi uma experiência e tanto.

– Ah, eu me lembro. Vocês mandaram um monte de postais, fotos e uns e-mails engraçados de cybercafés. Nós quatro também íamos fazer isso, mas quando os Browns morreram... foi uma barra, e havia tanta coisa para resolver... Parker canalizou tudo isso para a organização de uma empresa, a Votos. E acabamos nunca fazendo a viagem.

Ela se recostou na cadeira.

– Eu realmente não aguento nem mais um pouquinho.

Jack fez sinal para que o garçom levasse a conta.

– Mostre-me um dos seus lados ocultos.

– De que lado está falando?

– Uma coisa que eu não saiba a seu respeito.

– Ah, sim – disse Emma, rindo, e tomando um gole de café. – Humm, deixe-me ver... Já sei. Você não deve saber que fui a campeã do condado de Fairfield no concurso de soletração.

– Não acredito. Isso é sério?

– É, sim. Na verdade, cheguei a passar para a fase da competição estadual e não ganhei por muito pouco – contou ela, mostrando para ele o polegar e o indicador separados por um espaço mínimo. – Faltava isso para vencer quando fui eliminada.

– Qual era a palavra?

– Autocéfalo.

Jack estreitou os olhos.

– Essa palavra existe mesmo?

– Vem do grego e significa ser independente de uma autoridade externa, particularmente uma autoridade patriarcal – explicou e soletrou a palavra. – Por causa da pressão do momento, soletrei um "e" no lugar do segundo "a", e perdi. De todo modo, continuo fera em palavras-cruzadas.

– Sou melhor em matemática – disse Jack.

Ela se inclinou na direção dele e pediu:

– Agora, conte-me um dos seus.

– Tenho um bom – começou ele, pondo o cartão de crédito dentro do porta-conta de couro que havia sido posto discretamente ao lado de seu cotovelo. – É bem parecido com ser campeã de soletração.

– Cabe a mim julgar.

– Fiz o papel de Curly, quando montamos *Oklahoma* no colégio.

– Fala sério! – exclamou Emma, apontando para ele. – Já ouvi você cantar. Até que leva jeito. Mas não sabia que tinha interesse por atuar.

– Não tenho nenhum. Meu interesse era por Zoe Malloy, que era cotada para interpretar a Laurey. Eu era louco por ela. Por isso, dei tudo de mim quando cantei "Surrey with the Fringe on Top" e acabei conseguindo o papel.

– E conseguiu ficar com a Zoe?

– Consegui. Foram umas poucas semanas maravilhosas. Depois, ao contrário de Curly e Laurey, nós terminamos. E esse foi o fim da minha carreira de ator.

– Aposto que fez um ótimo caubói.

Ele deu um sorriso brincalhão.

– Bem, com certeza essa foi a impressão de Zoe.

Com a conta paga, ele se levantou e estendeu a mão para Emma.

– Vamos voltar pelo caminho mais longo – propôs ela, entrelaçando os dedos nos dele. – Aposto que está uma noite linda.

Estava mesmo. Era uma noite quente e estrelada, e mesmo o tráfego intenso contribuía para deixar as ruas mais resplandecentes. Passearam, caminhando por alguns quarteirões até chegar de volta à grandiosa porta de entrada do hotel.

Muita gente circulava por ali, vestidas com roupa de trabalho, ou jeans, ou arrumados para sair à noite.

– Sempre ocupados – disse ela. – Como num filme em que ninguém nunca diz "corta".

– Quer tomar um drinque antes de subir?

– Hum, não. – Apoiou a cabeça no ombro dele quando estavam a caminho do elevador. – Já tenho tudo o que quero.

No elevador, ficaram abraçados, olhos nos olhos, e Emma sentiu sua pulsação acelerar, subindo mais e mais, a cada andar que passava.

Quando ele abriu a porta do quarto, Emma entrou e se viu em meio à luz de velas. Numa mesa coberta com uma toalha branca, um balde de prata mantinha gelada uma garrafa de champanhe. Uma única rosa vermelha foi posta num vaso fino e por todo lado havia velas em *réchauds* bruxuleando dentro de suportes de vidro. Uma música de fundo soava como um delicado sussurro.

– Ah, Jack.

– Como isso tudo veio parar aqui?

Rindo, ela pôs as mãos no rosto dele.

– Você acabou de transformar um belo encontro noturno num encontro noturno dos meus sonhos. É incrível. Como conseguiu fazer isso?

– Pedi ao maître que avisasse ao hotel quando nos trouxessem a conta. Está pensando que só você sabe planejar as coisas?

– Bem, gostei do seu planejamento. – Ela lhe deu um beijou bem demorado. – Gostei muito.

– Tinha um pressentimento de que ia gostar. Devo abrir a garrafa?

– Claro que deve. – Ela foi até a janela. – Olhe essa vista! Tudo continua reluzindo e agitado, e nós dois estamos aqui.

A garrafa abriu com o estouro característico. Jack encheu as taças e foi se juntar a ela, que propôs um brinde: – A um excelente planejamento.

– Conte-me mais alguma coisa – pediu Jack, acariciando o cabelo dela só com as pontinhas dos dedos. – Algo novo.

– Outro lado oculto?

– Já conheço agora a campeã de soletração e a habilidosa jogadora de futebol. São facetas suas bem interessantes.

– Acho que já descobriu todas as minhas habilidades secretas – observou, passando um dedo na gravata dele. – Fico me perguntando se você saberia lidar com meu lado negro.

– Não quer me testar?

– Às vezes, quando estou sozinha à noite, depois de um dia longo... especialmente se estou chateada. Ou no limite... – interrompeu-se e ergueu a taça para tomar mais um gole. – Não sei se devo confessar uma coisa como essa.

– Estamos entre amigos.

– Verdade. Mesmo assim, muito poucos homens são capazes de entender algumas necessidades femininas. E alguns não conseguem lidar com o fato de que há certas necessidades que eles não conseguem satisfazer.

Jack tomou um longo gole do champanhe.

– Ok, não sei se estou com medo ou fascinado.

– Uma vez pedi a um cara com quem eu estava saindo que viesse me encontrar de noite para praticarmos uma atividade em particular. Ele não estava preparado para aquilo. Nunca voltei a pedir isso a ninguém.

– Tem a ver com algum tipo de "ferramenta"? Sou bom com ferramentas.

Ela meneou a cabeça e foi encher sua taça até a borda, depois ficou com a garrafa na mão como um convite.

– O que faço é o seguinte... – Verteu o líquido borbulhante na taça dele. – Primeiro, levo uma enorme taça de vinho para o meu quarto. Depois, acendo velas. Visto alguma coisa macia e confortável, algo que me deixe relaxada, me sentindo... feminina. Então, vou para a cama com todos os travesseiros arrumados, porque estou prestes a embarcar numa jornada só para mim mesma. E quando estou pronta... quando estou pronta para mergulhar... assisto ao meu DVD de *Um romance do outro mundo.*

– É um filme pornô?

– Não, não é um filme pornô. – Rindo, Emma lhe deu um tapinha no braço. – É uma incrível história de amor. Juliet Stevenson fica devastada quando o homem que ela ama, Alan Rickman, morre. É uma dor inconsolável. Ah, é insuportável ver seu sofrimento. – Com os olhos irradiando emoção, Emma levou a mão ao pescoço. – Eu choro horrores. Depois ele volta como um fantasma. Ele a ama tanto... É de cortar o coração, e também faz a gente rir.

– Corta o seu coração e a faz rir ao mesmo tempo?

– É. Homens não conseguem entender isso. Não vou lhe contar a história toda, só posso dizer que é dolorosa, encantadora, triste e positiva. É inexplicavelmente romântica.

– E é isso que você faz, em segredo, na sua cama à noite, quando está sozinha?

– É. Centenas de vezes. Tive que substituir o DVD duas vezes.

Nitidamente perplexo, Jack tomava o champanhe olhando para ela com atenção.

– Um cara morto é romântico?

– Caramba, estamos falando do Alan Rickman. E sim, nesse caso, é maravilhosamente romântico. Depois de assistir ao filme e chorar, durmo feito um bebê.

– O que acha de *Duro de matar*? Ele também atua em *Duro de matar*. Esse sim é um filme para se ver centenas de vezes. Talvez pudéssemos fazer uma sessão dupla qualquer dia desses. Se você conseguir lidar com isso. Escolha uma noite da próxima semana. Mas vai ter que ter pipoca. Não dá para assistir a *Duro de matar* sem pipoca.

– Me parece justo. Aí veremos do que você é feito. – Ela roçou os lábios nos dele. – Vou trocar de roupa. Já, já estou de volta. Quem sabe você não leva o champanhe para o quarto?

– Posso fazer isso.

No quarto, ele tirou o blazer e a gravata e ficou pensando nela. Nas surpresas que reservava, suas facetas e camadas ocultas.

Era muito curioso pensar que era possível conhecer uma pessoa por dentro e por fora e descobrir que havia muito mais para se conhecer. E quanto mais se conhece aquela pessoa, mais se tem vontade de saber sobre ela.

Num impulso, ele pegou a rosa que estava no vaso e a deixou em cima do travesseiro.

Quando ela reapareceu à luz das velas, Jack perdeu o ar. O cabelo preto estava solto sobre a seda branca, a pele macia e dourada contrastava com a renda branca. E aqueles olhos escuros e profundos fitavam os seus, pensou.

– Você disse algo a respeito de um encontro noturno dos sonhos, não foi? – ele conseguiu articular.

– Queria representar bem o meu papel.

À medida que ela vinha se aproximando, a seda ia tomando a forma das suas curvas. Quando o abraçou daquele jeito que só Emma sabia fazer, seu cheiro impregnou o ar como o aroma das velas.

– Já agradeci a você pelo jantar?

– Já.

– Bem... – Ela mordiscou o lábio inferior de Jack, bem de levinho, antes de beijá-lo. – Obrigada novamente. E pelo champanhe? Já agradeci?

– Acho que sim.

– Pelo sim, pelo não... – Com um suspiro, sua boca encontrou a dele. – E obrigada pela luz de velas, pela rosa, pela longa caminhada, pela vista. – Ela mexia o corpo contra o dele, conduzindo-o numa dança lenta, circular.

– De nada.

Ele a puxou para mais perto, de modo que o corpo de Emma pressionou o seu. O tempo passava enquanto giravam, as bocas pregadas uma na outra, os corações batendo no mesmo compasso.

Ela se embebia daquele cheiro, daquele gosto. Eram tão familiares e tão novos... Seus dedos acariciaram o cabelo de Jack, castanho com mechas douradas pelo sol. Curvou-se de repente,

trazendo-o mais para perto de si.

Deitaram-se juntos nos lençóis brancos macios, inebriados com o perfume daquela única rosa vermelha. Mais suspiros, mais movimentos de sonho. Um toque leve acendeu toda a pele dela. Ela acariciou o rosto de Jack e se abriu para ele, de corpo e alma, arrebatada pelo fogo de uma paixão alimentada pelo romantismo.

Aquilo era tudo o que ela queria, tudo com que sempre sonhou. A doçura e a paixão. E se entregava cada vez mais, sentindo-se inteiramente embriagada pelo amor.

Aquela pele tão quente roçando a sua provocava nela uma sensação de alegria tranquila que contrastava com a pulsação cada vez mais acelerada. Jack encostou os lábios em seu peito, na altura do coração que batia por causa dele.

Será que sabia que era por isso? Podia sentir?

Quando ele a tomou, lentamente, seu nome, apenas o seu nome, inundou o coração de Emma.

Ela nublava a mente de Jack como uma névoa prateada, borbulhava em seu sangue como o champanhe. Cada movimento lânguido, cada sussurro, cada toque o seduziam, deixando-o em transe.

Quando Emma chegou ao clímax, elevando-se como uma onda, murmurou o nome dele em meio a um suspiro. E sorriu.

Algo dentro dele parecia querer sair.

– Você é tão bonita – murmurou. – Inacreditavelmente bonita.

– Eu me sinto bonita quando você me olha.

Jack passou de leve a mão em seu seio e viu os olhos dela reagirem com um brilho de prazer. Substituiu a mão pela boca. Passava delicadamente a língua e os dentes ali e sentiu que o corpo dela tremia com uma necessidade de prazer renovada.

– Como desejo você... – Com a respiração entrecortada, ela arqueava o corpo sob o dele. – Você é tudo o que desejo, Jack.

Ela o envolveu com seu corpo, tomando-o, movendo-se com um ritmo lento, saboreando aquele compasso. Entregue, ele se abandonou dentro dela.

Saciado, Jack apoiou o rosto no peito de Emma e deixou o pensamento vagar.

– Você não tem a menor chance de matar o trabalho para ficarmos por aqui amanhã?

– Hum. – Ela passava os dedos pelo cabelo de Jack. – Não desta vez. Mas gostei muito da ideia.

– Do jeito que estão as coisas, vamos ter que acordar de madrugada.

– Prefiro ficar acordada direto a dormir apenas umas horinhas.

Ele ergueu a cabeça e sorriu para ela.

– Que engraçado. Estava pensando a mesma coisa.

– Seria uma pena desperdiçar o resto do champanhe e todos esses morangos cobertos com chocolate.

– Um crime. Fique exatamente aí. Não se mexa. Vou buscá-los.

Ela se espreguiçou e suspirou.
– Não vou a lugar nenhum.

capítulodezoito

CINCO MINUTOS DEPOIS QUE EMMA chegou em casa, Mac apareceu na sua porta.

– Esperei até ele ir embora – disse Mac, subindo a escada. – Foi uma tarefa hercúlea. – Franziu o cenho quando entrou no quarto de Emma. – Está desfazendo a mala. Pondo tudo no lugar certo. Odeio esse nível de eficiência. Por que nem ao menos uma de vocês pode ser desleixada como eu?

– Você não é desleixada. É um pouco relaxada com seu espaço pessoal.

– É, gostei da definição. Relaxada com meu espaço pessoal. Bom, agora chega de falar de mim. Conte-me tudo. Afinal, deixei meu amor sozinho com sua tigela de cereais só por isso.

Segurando o vestido usado na noite anterior, Emma deu uma voltinha de felicidade.

– Foi maravilhoso. Cada minuto.

– Detalhes, detalhes, detalhes.

– Um elegante restaurante francês, champanhe, uma suíte no Waldorf.

– Caramba, isso tudo é a sua cara. Um encontro em alto estilo, outro casual, talvez com um piquenique na praia, sob a luz do luar, vinho tinto e velas dentro de pequenas conchas.

Emma fechou a mala vazia.

– Por que não estou saindo com você?

– Seríamos um casal encantador, com certeza – retrucou Mac, passando um braço pelo ombro da amiga e virando-se para o espelho a fim de admirar seu reflexo: Emma com seu jeans rasgado e uma regatinha, ela com uma calça de moletom e a camiseta com que havia dormido. – Estonteante, na verdade. Bom, podemos deixar isso como plano B caso as coisas não deem certo.

– É sempre bom ter uma alternativa. Ai, Mac, meu Deus, foi uma noite perfeita! – Ela se virou, deu um abraço apertado na amiga e deu mais uma voltinha. – Nós não dormimos. Nem um segundo. É incrível pensar que temos tanto assunto, tantas coisas para descobrir um a respeito do outro. Conversamos durante todo o jantar, depois fomos dar uma longa caminhada. Ele tinha pedido que levassem champanhe para o quarto, acendessem velas, pusessem uma música de fundo.

– Uau!

– Tomamos mais champanhe, conversamos e fizemos amor. Foi tão romântico... – Fechou os olhos e abraçou a si mesma, com um gemidinho. – Depois, conversamos, bebemos mais champanhe e fizemos amor de novo. Tomamos café da manhã à luz de velas e...

– Fizeram amor mais uma vez.

– Sim. Quando voltamos para casa, com a capota do carro abaixada, pegamos um engarrafamento horrível e não demos a menor importância. Nada nos aborrecia. Nada podia nos

afetar. – Deu outro abraço em si mesma. – Mac? Sou uma pessoa feliz a maior parte do tempo.

– É, o que às vezes chega a ser irritante.

– Eu sei, o que é uma pena. De toda forma, sou uma pessoa feliz, mas nunca soube que podia ser tão feliz assim. Não sabia que podia me sentir desse jeito. Como se só quisesse pular e dançar e rodar e cantar. Como Julie Andrews no alto da montanha em *A noviça rebelde*.

– Ok, mas não faça isso porque seria ainda mais irritante.

– Eu sei, por isso estou fazendo só por dentro. Por mais que eu tenha imaginado muitas vezes como seria estar perdidamente apaixonada, não fazia a mais remota ideia de que seria assim.

Ela se deixou cair na cama e ficou rindo, olhando para o teto.

– Você se sente assim o tempo todo com Carter?

Mac se sentou ao seu lado.

– Nunca pensei que fosse me apaixonar de verdade. Nunca fiquei procurando por isso ou pensando nessas coisas como você disse que fazia. Sob certos aspectos, foi tudo meio inesperado, mas sob outros, desabou em cima de mim como uma pilha de tijolos. Ainda é um choque perceber que tenho isso dentro de mim, não a parte de rodar e cantar, porque, mesmo por dentro, esse tipo de coisa me irrita. Mas tenho esse ímpeto de pular e dançar. E existe outra pessoa que sente o mesmo *por mim*. Conte-me sobre o seu choque.

Emma se aproximou para pegar a mão de Mac.

– Não sei se Jack sente o mesmo por mim, desse jeito que sinto por ele. Sei que ele se importa comigo. Sei que sente algo. E tenho tanto para dar, Mac. Preciso acreditar que todo esse amor que sinto... vai criar raízes, por assim dizer. Achava antes que o amava, mas agora penso que é um tipo de paixão misturado a desejo. Porque é bem diferente.

– Não pode dizer a ele?

– Uns dias atrás, eu diria que não. Não queria destruir tudo, não queria pular etapas. Na verdade, eu disse que não quando conversei sobre isso com Parker. Mas, agora, acho que posso. Acho que devo. Só preciso descobrir como e quando.

– Eu fiquei assustada quando Carter disse que me amava. Não fique chateada se isso o assustar um pouco, pelo menos no princípio.

– Não acho que temos que esperar algo quando dizemos a alguém que o amamos. Acho que falamos porque temos algo a oferecer.

– Você desfaz a mala assim que volta da viagem. E é naturalmente feliz. Além de sábia a respeito do amor. Fico surpresa por nós três não nos reunirmos para lhe dar uma boa surra de tempos em tempos.

– Não poderiam fazer isso. Vocês me amam.

Mac se virou e ficaram de frente uma para a outra.

– Amamos, sim. Estou feliz por você. Todas nós estamos.

– Então, como pode dar errado?

Batidas na porta interromperam Emma, que estava no meio do processamento da entrega da manhã. Resmungando um pouco, deixou as flores e se encolheu quando viu Kathryn Seaman e a irmã pelo vidro da porta. Suada e desarrumada como estava, não tinha como impressionar clientes tão importantes.

Sem ter outra saída, forçou-se a estampar um sorriso no rosto e abriu a porta.

– Sra. Seaman, Sra. Lattimer, que prazer em vê-las.

– Peço desculpas por aparecer assim, sem avisar, mas Jessica e suas amigas escolheram os vestidos. Então, quis trazer para você uma amostra do tecido.

– Ah, perfeito. Por favor, entrem. Gostariam de beber alguma coisa? Talvez um chá gelado? Está tão quente...

– Eu adoraria – disse Adele, de imediato –, se não for incomodar.

– Imagina, de jeito nenhum. Por que não se sentam para ficarem mais confortáveis? Volto em um minuto.

Chá, pensou Emma correndo até a cozinha. Rodelas de limão e copos apresentáveis. Merda, merda. Um pratinho com uns cookies. Graças a Deus tinha a caixa de emergência providenciada por Laurel. Pôs tudo numa bandeja e passou a mão no cabelo para ajeitá-lo.

Pegou o brilho labial de emergência numa prateleira da cozinha, passou um pouco nos lábios e nas bochechas para ficarem coradas.

Como isso era o melhor que podia fazer nessas circunstâncias, respirou fundo duas vezes para garantir um aspecto mais tranquilo. Voltou a passos lentos e encontrou as duas mulheres falando sobre o local em que recebia seus clientes.

– Kate estava comentando que você tem um ateliê muito agradável. Ela tem razão.

– Obrigada.

– E lá em cima são os cômodos particulares?

– Isso mesmo. Acaba não sendo só conveniente, mas muito prático.

– Percebi que sua sócia, Mackensie, está ampliando o estúdio.

– Está, sim. – Emma serviu o chá, e ficou de pé, já que nenhuma das duas mulheres parecia inclinada a se sentar.

– Mac vai se casar em dezembro, e eles vão precisar de mais espaço na área privada, por isso resolveram fazer a obra no estúdio todo.

– Deve ser tão empolgante! – Tomando um gole do chá, Adele continuou vagando pelo aposento, mexendo nas flores, observando as fotos. – Estou pensando em vocês planejando o casamento de uma das sócias.

– A senhora tem razão. Somos todas amigas desde crianças.

– Reparei numa foto aqui. É você e duas de suas sócias?

– Isso mesmo, Laurel e Parker. Nós adorávamos brincar de Casamento – contou Emma, sorrindo para a fotografia. – Eu era a noiva nesse dia, e Mac, como se previsse o futuro, era a fotógrafa oficial. Ela sempre conta que foi nesse momento, da borboleta azul, que teve certeza de que queria ser fotógrafa.

– Que adorável! – Kathryn virou-se para Emma e disse: – Interrompemos o seu trabalho e

estamos tomando muito do seu tempo.

– É sempre bom fazer uma pausa inesperada.

– Espero que esteja sendo sincera – acrescentou Adele –, porque estou louca para ver onde trabalha. Estava fazendo arranjos hoje? Algum buquê?

– Ah... Bem, na verdade, estava processando uma entrega da manhã, e é por isso que estou tão desarrumada.

– Sou uma cara de pau e vou pedir para ver onde você trabalha.

– Ah, é claro. – Emma lançou um olhar para Kathryn. – Não se preocupe.

– Eu já vi o local onde trabalha.

– Verdade, mas não enquanto eu estava trabalhando – observou Emma, indicando-lhes o caminho. – Processar significa... Bem, vocês vão ver. – Apontou para sua bancada de trabalho.

– Olhe só as flores! – exclamou Adele, chegando a corar de emoção e se aproximando da bancada. – Ah, e que aroma têm as peônias...

– São as favoritas da noiva – contou Emma. – Vamos usar esse maravilhoso vermelho vivo para o buquê, contrastando com o cor-de-rosa em vários matizes, do mais forte aos mais pálidos. Vai ter uma amarração manual com uma fita vinho pontilhada de rosa. As damas vão levar o mesmo buquê, só que em tamanho menor, com variações de tons de rosa.

– E como as mantêm conservadas nesses baldes?

– Em uma solução que as hidrata e nutre. Esse é um passo importante para mantê-las frescas, e para que durem um pouco mais depois da cerimônia. Deixo-as na câmara fria até começarmos a modelagem propriamente dita.

– Como você...

– Adele. – Kathryn estalou a língua. – Está fazendo um interrogatório outra vez.

– Tudo bem, tudo bem. Faço muitas perguntas, eu sei. Mas é que estou pensando seriamente nessa ideia de abrir uma empresa de organização de casamentos na Jamaica. – Assentindo, Adele deu mais uma boa olhada no aposento. – O que você tem aqui é uma combinação perfeita, por isso acho difícil conseguir aliciá-la a vir comigo.

– Mas fico feliz em responder suas perguntas. De toda forma, para dar uma visão geral do modelo da empresa, Parker é a pessoa mais indicada.

– Estamos indo para deixá-la trabalhar – disse Kathryn, pegando sua bolsa. – Tome a amostra.

– Ah, que cor linda. Parece uma folha primaveril vista através de uma gota de orvalho. É perfeita para um casamento de conto de fadas. – Emma se virou para seu expositor e escolheu uma tulipa de um branco sedoso. – Vejam como o branco fica reluzente ao lado deste verde-água!

– É, fica mesmo. Assim que tivermos a aprovação dos desenhos definitivos, enviaremos os esboços. Obrigada, Emma, por ter nos dedicado esse tempo.

– Estamos aqui para assegurar que Jessica tenha um casamento perfeito.

– Viu? – disse Adele, dando uma cutucada no braço da irmã. – Esse é exatamente o tipo de atitude que quero oferecer. Na verdade, acho que O Dia Perfeito é um nome maravilhoso para o meu negócio.

– Eu gosto – aprovou Emma.

– Fique com o meu cartão, caso mude de ideia – insistiu Adele. – Prometo lhe dar dez por cento a mais do que ganha por ano hoje em dia.



– Estou tentando não me aborrecer por ela ter tentado contratar você de novo. – Parker tirou os sapatos depois da segunda reunião.

– Quanto ela ofereceu para se mudar para a Jamaica? – perguntou Emma.

– Disse que me dava um cheque em branco, ao que respondi que aquilo era um erro rudimentar. Ninguém vale um cheque em branco, especialmente quando se está desenhando o projeto da empresa.

– Ela nada em dinheiro – comentou Laurel. – Sei que isso não faz diferença para uma empresa em termos práticos, mas está acostumada a nadar em dinheiro.

– A ideia é boa. Abrir uma empresa de organização de casamentos exclusiva e com tudo incluído num destino muito procurado para esse fim. E ela é esperta de tentar aliciar pessoas que já têm uma sólida experiência na área. Mas tem que criar um orçamento e se manter dentro dele.

– Por que nós mesmas não fazemos isso? – indagou Mac. – Não estou dizendo para fazermos as malas e nos mudar para a Jamaica, para Aruba ou para outro lugar qualquer, mas poderíamos abrir uma filial da Votos em algum lugar exótico. Seria um arraso!

– Vamos arrasar é com *você*! – rebateu Laurel, fazendo um revólver imaginário com a mão e fingindo disparar. – Não acha que já temos trabalho suficiente?

– Pensei nisso também.

Laurel estava de boca aberta, olhando para Parker.

– Espere aí, vamos voltar a fita.

– São só umas ideias ainda não alinhavadas que tenho para o futuro.

– Quando aperfeiçoarem a técnica de clonagem humana, não é?

– Penso em fazermos uma franquia e não uma filial – explicou Parker. – Com especificações bem detalhadas. Mas ainda não bolei todos os detalhes nem pensei nos possíveis problemas. Se eu fizer isso, e quando fizer, discutiremos juntas. E todas teremos que estar de acordo. Mas, por ora, você tem razão, já temos trabalho suficiente. Exceto a terceira semana de agosto que até agora não tem nada marcado.

– Eu percebi isso. Ia perguntar o motivo – disse Emma, esticando-se para aliviar uma dorzinha na base da coluna. – Achei que tinha me esquecido de anotar.

– Não, não temos nenhum evento nessa semana porque resolvi deixá-la livre. Mas posso mudar isso, caso vocês não se interessem por uma semana de descanso na praia.

Fez-se um momento de silêncio e, em seguida, as três se levantaram de um salto e fizeram uma dancinha de felicidade. Laurel pegou a mão de Parker e a puxou para se juntar a elas.

– Eu aceito, caso queira saber.

– Já podemos fazer as malas? Hein? Hein? – perguntou Mac.

– Protetor solar, biquíni e um misturador para fazer margaritas. Do que mais poderíamos precisar? – disse Laurel, virando-se depressa para Parker, sem parar de se mexer. – Férias!

– Para onde vamos? – Emma quis saber. – Que praia?

– O que importa? – retrucou Laurel, deixando-se cair no sofá de novo. – Vamos para a praia. Vai ser uma semana inteira sem ter que modelar massa de açúcar. Deixe-me secar a lágrima que escorreu do meu olho.

– Os Hamptons. Del comprou uma casa lá.

– Del comprou uma casa nos Hamptons? – exclamou Mac, erguendo os braços. – Ai, Del!

– Na verdade, a Brown Ltda. comprou. Os papéis que ele vinha trazendo para discutir comigo tinham a ver com isso. Surgiu a possibilidade de comprar esse imóvel. Era um bom investimento. Não disse nada, pois não sabia se ia dar certo, mas agora está tudo resolvido. Então, todos nós podemos fazer as malas para passar uma semana de férias na praia no fim de agosto.

– Todos? – repetiu Laurel.

– Nós quatro e Carter, Del e Jack, é claro. A casa tem seis quartos e oito banheiros. Tem espaço de sobra para todo mundo.

– Jack está sabendo disso? – perguntou Emma.

– Sabia que Del estava pensando em comprar a casa, mas não falamos das férias de agosto. Nós dois concordamos que seria uma bobagem falar em tirar uma semana de férias se não tivéssemos fechado o negócio. Agora já está tudo certo.

– Tenho que contar ao Carter. Eba! – Mac deu um beijo estalado em Parker e saiu correndo.

– Isso é maravilhoso. Vou anotar na minha agenda e desenhar um monte de coraçõezinhos e sóis cheios de raios. Passeios pela praia sob o luar. – Emma abraçou Parker. – É quase tão perfeito quanto dançar no jardim numa noite enluarada. Vou ligar para o Jack.

Quando ficaram sozinhas, Parker olhou para Laurel.

– Alguma coisa errada?

– O quê? Não. Caramba, o que poderia estar errado? Praia, uma semana. Acho que estou em choque. Precisamos de roupas de banho novas.

– Você tem toda razão.

Laurel se levantou de um salto.

– Vamos fazer compras.



Assim que teve a inspiração, Emma não deixou que passasse. Teve que fazer um certo malabarismo e deu sorte de conseguir que sua cliente fosse flexível o bastante para aceitar se reunir com ela em uma hora, o que deixou sua tarde de segunda livre.

Planejou fazer uma surpresa para Jack mudando de forma radical o encontro que normalmente tinham de noite.

De saída, deu uma passada na mansão para ir até o escritório de Parker, que andava de um lado para outro, com o fone no ouvido, e revirou os olhos quando viu Emma entrar.

– Tenho certeza de que a intenção da mãe de Kevin não foi criticá-la ou insultá-la. Você está absolutamente certa, é o seu casamento, o seu dia, a escolha é sua. Tem todo o direito de... Ah, sim, ele é adorável, Dawn, e muito educado. Eu sei... eu sei.

Parker fechou os olhos e fingiu que ia se estrangular.

– Ah, por que não me deixa cuidar disso para você? Seria menos um estresse para você e Kevin. E às vezes alguém de fora consegue explicar melhor que... Tenho certeza de que não era a intenção dela. Sim, claro. Eu também ficaria irritada. Mas... Mas... Dawn! – Seu tom de voz endureceu um pouco. Só o suficiente para calar qualquer outra reclamação da noiva, percebeu Emma. – Você tem que lembrar, acima de tudo, acima de qualquer detalhe, complicação ou desentendimento, que esse dia e tudo o que o envolve será seu e de Kevin. E tem que se lembrar de que estou aqui para fazer com que esse dia seja do jeito que vocês querem.

Dessa vez, Parker olhou para o teto.

– Por que não propõe a Kevin que saiam para jantar, só vocês dois? Posso reservar uma mesa aonde quer que... Ai, adoro esse restaurante! – Parker anotou o nome num bloquinho. – Que tal às sete? Vou providenciar isso para você agora mesmo. E falo com a mãe dele hoje à noite. Amanhã tudo vai estar resolvido. Não se preocupe com nada. Falo com você em breve. Claro, Dawn, estou aqui para isso mesmo. Ótimo. Perfeito. Ahã. Tchau.

Parker levantou um dedo.

– Só mais um minuto. – Enquanto ligava para reservar uma mesa no restaurante escolhido pela noiva, tirou o fone de ouvido. Deu um suspiro profundo, deixou escapar um curto mas entusiasmado gritinho, depois assentiu. – Agora estou melhor. Muito melhor.

– Dawn está tendo problemas com a futura sogra?

– É. A mãe do noivo não entende e nem aprova quem a noiva escolheu para levar as alianças.

– Mas ela não tem nada com...

– O Fava, o bulldog francês da noiva.

– Ah, tinha me esquecido disso. – Emma franziu o cenho. – Espere aí. Eu sabia disso?

– Provavelmente não, já que ela só me disse há poucos dias. A mãe do noivo acha uma idiotice, disse com todas as letras que vai ser vergonhoso e indigno. A noiva, então, concluiu que a futura sogra odeia cachorros.

– Ele vai usar smoking?

Parker esboçou um sorriso.

– Até agora, que eu saiba, só uma gravata-borboleta. Ela quer o cachorro, terá o cachorro. Então, vou ter que chamar a mãe do noivo para tomar um drinque comigo, pois certas coisas é melhor fazer pessoalmente e com a ajuda de álcool, para tentar acalmar os ânimos.

– Boa sorte. Estou indo à cidade. Quero fazer uma surpresa a Jack e preparar o jantar, então só devo voltar amanhã de manhã. Mas também verei se você e Laurel deixaram sobrar alguma roupa sexy de verão nas lojas de Greenwich.

– Talvez ainda encontre um top frente única. E quem sabe também uma sandalinha?

– Vou encontrá-los. Vou passar no mercado e no horto. Está precisando de alguma coisa? Posso trazer amanhã de manhã.

– Vai passar pela livraria?

– Vou para a cidade; o que minha mãe diria se eu não passasse por lá?

– Verdade. O livro que encomendei já chegou.

– Eu pego para você. Se lembrar de mais alguma coisa, dê uma ligada para o meu celular.

– Ok. Divirta-se. – Enquanto Emma saía, Parker verificou seu BlackBerry. Suspirou. Depois ligou para a mãe de Kevin.



Encantada por poder ter algumas horas livre, Emma passou primeiro no horto. Deu-se ao luxo de simplesmente passear e aproveitar antes de começar seu trabalho de seleção.

Gostava tanto dos cheiros – de terra, plantas, verde – que tinha que se controlar para não sair comprando um pouco de cada. Mas prometeu a si mesma que voltaria na manhã seguinte para escolher umas plantas para a propriedade dos Browns.

Por ora, queria pensar que tipo de vaso combinaria com a entrada dos fundos da casa de Jack. Achou duas jardineiras estreitas num tom de bronze envelhecido e decidiu que eram perfeitas para ladear a porta da cozinha.

– Nina? – chamou ela, gesticulando para a gerente. – Vou levar essas duas.

– São lindas, não acha?

– São mesmo. Pode pedir que levem para o meu carro? Está bem aqui na frente. Vou precisar também de terra adubada. Só preciso escolher as plantas.

– Fique à vontade.

Emma encontrou exatamente o que estava querendo. Uma variedade de vermelhos e roxos intensos com toques de dourado para dar destaque.

– Maravilhoso – comentou Nina, quando Emma se aproximou do caixa com seu carrinho. – Cores fortes, lindas texturas. E esse heliotrópio está com um perfume delicioso. É para um casamento?

– Não, na verdade é um presente para um amigo.

– Amigo de sorte. Já levamos tudo para o carro.

– Obrigada.

Na cidade, circulou pelas lojas, comprou uma sandália e uma saia fresquinha, e, pensando num verão de anos atrás, uma echarpe com estampado vistoso para usar de canga.

Entrou na livraria, cumprimentou a moça do caixa que estava registrando um produto.

– Oi, Emma! Sua mãe está lá atrás.

– Obrigada.

Encontrou a mãe abrindo caixas com livros que tinham acabado de chegar. Assim que viu a filha, Lucia deixou a mercadoria de lado.

– Que surpresa boa.

– Resolvi sair para gastar dinheiro – disse Emma se inclinando para beijar o rosto da mãe.

– Minha atividade favorita. Ou quase. Comprou alguma coisa que a tenha deixado feliz ou... –

interrompeu-se e tocou na pulseira de Emma. – Ou só está feliz?

– As duas coisas. Vou fazer um jantar para Jack, então ainda tenho que passar no mercado. Mas achei uma sandália lindinha, que, é claro, fui obrigada a estrear.

Emma deu uma voltinha para mostrar a nova aquisição.

– É uma *graça*!

– E... – Emma passou os dedos pelos brincos de ouro para fazê-los balançar.

– Ah, que lindos.

– Também comprei uma saia bem de verão estampada com flores vermelhas. Uns dois tops, uma echarpe e... mais umas coisinhas.

– Essa é a minha menina! Vi Jack hoje de manhã. Acho que ele disse que vocês iam ao cinema à noite.

– Mudança de planos. Vou preparar para ele os seus escalopes. A Sra. G tinha uma peça fatiada no congelador, então eu implorei que me desse para poder deixar marinando a noite toda. Está lá fora no carro, dentro de uma bolsa térmica. Pensei em fazer também umas batatas assadas com alecrim, aspargos e um pão com azeite. O que acha?

– Bem masculino.

– Ótimo, essa é a ideia. Não consegui que Laurel fizesse uma sobremesa. Ela está atolada de trabalho. Pensei então em comprar um sorvete e servir uns morangos.

– Um jantar masculino e equilibrado. É alguma data especial?

– Em parte quero agradecer pela incrível noite que passamos em Nova York, mas também... Vou dizer a ele, mãe. Vou dizer o que sinto por ele, que estou apaixonada. Parece quase um crime ter tanta coisa aqui dentro – pôs a mão no coração – e não contar a ele.

– O amor exige coragem – disse Lucia. – Vejo que quando ele diz o seu nome fica com uma expressão de felicidade. Estou contente que tenha me contado. Agora posso mandar boas vibrações para vocês dois hoje à noite.

– Eu agradeço. Ah, e você está com um livro que Parker encomendou? Fiquei de levar para ela.

– Vou lá buscar. – Lucia passou o braço pela cintura da filha e as duas saíram do estoque. – Você me liga amanhã? Quero saber como foi o jantar.

– Claro, assim que puder.

– Emma?

Ela ergueu os olhos e sorriu, tentando desesperadamente se lembrar de onde conhecia a bela moreninha que a chamara.

– Oi.

– É você? Oi, Emma.

De repente se viu envolvida num abraço entusiasmado, sendo balançada de um lado para o outro. Atordoada, retribuiu de um jeito amistoso, enquanto lançava à mãe uns olhares interrogadores.

– Rachel, você voltou da faculdade? – exclamou Lucia, toda sorridente, dando uma pista à filha. – Parece que foi ainda na semana passada que Emma ia trabalhar como babá para seus pais.

– Verdade, mal posso...

– Rachel? Rachel Monning? – disse Emma, desvencilhando-se do abraço e fitando aqueles olhos azul-claros. – Meu Deus! Olhe só isso! Nem a reconheci. Você cresceu e está linda. Quando deixou de ter 12 anos?

– Já faz algum tempo. O bastante para ter entrado na faculdade. Ah, Emma, você está incrível. Aliás, sempre foi. Não consigo acreditar que nos encontramos assim, desse jeito. Estava mesmo pretendendo ligar para você.

– Está na faculdade agora? Voltou para casa para as férias de verão?

– É. Ainda falta um ano. Estou trabalhando em Estervil, no setor de relações públicas. Hoje é meu dia de folga e passei aqui porque estou precisando de um livro sobre planejamento de casamentos. Fiquei noiva.

Rachel ergueu a mão para exibir o brilho do diamante.

– Noiva? – repetiu Emma, depois de um instante em que a surpresa a deixou sem palavras. – Mas você brincava com suas Barbies há dez minutos...

– Acho que está mais para dez anos – disse Rachel, com o rosto iluminado pelo riso. – Você precisa conhecer Drew. Ele é incrível. Mas claro que você vai conhecê-lo, vamos nos casar no próximo verão. Depois que eu me formar. E quero mesmo que você cuide das flores, bom... de tudo. Pelo que minha mãe diz, a Votos é "o" lugar. Dá para acreditar? Vou me casar e você vai fazer o meu buquê. Lembra que fazia aqueles buquês de lenço de papel para mim? Pois agora vai ser de verdade.

Emma sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Odiou-se por isso, mas foi o que sentiu.

– Estou tão feliz por você. Quando foi?

– Há duas semanas, três dias e... – Rachel olhou o relógio – dezesseis horas. Ah, adoraria poder ficar mais tempo, mas tenho que pegar o livro e ir embora correndo, senão vou me atrasar. – Deu outro abraço em Emma. – Vou ligar para você e falaremos de flores, bolos, tudo. Tchau, Sra. Grant. Até logo.

– Rachel Monning vai se casar.

– É – disse Lucia, dando uns tapinhas no ombro da filha. – Vai.

– Tomei conta dela. Fazia tranças no seu cabelo e a deixava ir para a cama mais tarde. Agora vou preparar as flores do casamento dela. Meu Deus, mãe...

– Ei – replicou Lucia sem se preocupar em disfarçar o riso. – Você não vai passar essa noite com um homem maravilhoso?

– É. Verdade. Tem razão. Cada um tem seu caminho. Mas... meu Deus.

Conseguiu esquecer o trabalho de babá e essa história de casamento para terminar as compras. Mal tinha saído do mercado, teve outro encontro surpreendente.

– *Buenas tardes, bonita!*

– Rico! – Em vez de um abraço, ganhou dois beijos carinhosos, um de cada lado do rosto. – Como você está?

– Melhor agora que encontrei você.

– Por que não está voando para algum lugar fantástico?

– Acabo de voltar de uma viagem à Itália. Meu chefe levou a família inteira à Toscana para uns dias de férias.

– Ah, que vida dura essa de piloto particular. E como vai Brenna?

– Terminamos há uns dois meses.

– Ah, sinto muito. Não fiquei sabendo.

– As coisas são assim mesmo – disse ele, dando de ombros. – Deixe-me carregar isso para você. – Pegou os sacos de compras e deu uma espiada dentro deles enquanto se dirigiam até o carro. – Hum, parece bom. Muito melhor que o jantar de lanchonete que espera por mim.

– Ah, coitadinho... – Emma riu, abrindo a porta do lado do carona. – Ponha aqui, por favor. O banco de trás já está bem cheio.

– Estou vendo – disse Rico, olhando as plantas e as sacolas. – Parece que você terá uma noite bem ocupada. Mas, se quiser mudar de ideia, posso levá-la para jantar – acrescentou ele, passando o dedo pelo braço de Emma num gesto insinuante. – Ou, melhor ainda: lhe dar aquela lição de pilotagem sobre a qual tanto falávamos.

– Obrigada, Rico, mas estou saindo com alguém.

– Ah, devia ser comigo. Fique à vontade para mudar de ideia a esse respeito também. Quando quiser, é só me ligar.

– Se isso acontecer, você vai ser o primeiro da lista. – Emma lhe deu um beijo de leve no rosto e se dirigiu à porta do outro lado. – Lembra de Jill Burke?

– Hum... Uma lourinha que costuma rir muito?

– Isso mesmo. Ela também está solteira agora.

– Ah, é?

– Que tal ligar para Jill? Aposto que ela adoraria uma aula de pilotagem.

Rico abriu um sorriso que deu mais brilho ao seu olhar. Emma lembrou por que gostava tanto de estar com ele. Entrou no carro e acenou para se despedir, enquanto se afastava.

Pensando nas jardineiras, nas plantas, nas compras, resolveu estacionar nos fundos do prédio de Jack, o mais perto possível dos degraus da entrada. Inclinando a cabeça, examinou a varandinha diante da porta da cozinha e assentiu com um gesto. Com certeza as jardineiras ficariam muito bem ali, muito bem mesmo.

Ansiosa para começar, deu a volta para passar pela porta da frente. O vidro bisotado da porta e as janelas altas da fachada traziam uma bela claridade para o interior do prédio, dando uma sensação de estilo e conforto à sala de recepção. Jack fez bem em manter aquele ambiente aconchegante em vez de refinado, pensou ela. Aquilo dava ideia de uma dignidade calma, serena, ao passo que nos escritórios individuais e ambientes bem-planejados, como ela bem sabia, geralmente reinava o caos.

– Oi, Michelle.

– Emma. – A mulher que trabalhava no computador, diante de uma mesa impecavelmente organizada, parou o que fazia e virou a cadeira. – Como vai?

– Estou ótima. E você, como vão as coisas?

– Vinte e nove semanas e contando – respondeu Michelle, dando uns tapinhas na barriga de

grávida. – Está tudo bem conosco. Adorei sua sandália.

– Eu também. Acabei de comprar.

– É linda. Para o encontro de segunda à noite, certo?

– Exatamente.

– Você chegou um pouco cedo.

– Mudança de planos. Jack está ocupado? Na verdade, ainda não lhe disse nada sobre isso.

– Ele ainda não voltou. Está meio atrasado, teve um problema numa obra. Não está nada feliz com alguns caras da equipe do empreiteiro, nem com o novo inspetor da prefeitura. Na verdade, não anda feliz com praticamente nada.

– Ah! – exclamou Emma, fazendo uma careta. – Pelo visto, nessas circunstâncias, meu novo plano vai ser excelente ou péssimo.

– Dá para contar?

– Claro. Pensei em fazer um jantar e surpreendê-lo com isso e com algumas floreiras na varandinha ali de cima. Um jantar e um filme em casa em vez de... sairmos.

– Se quer minha opinião, é uma ótima ideia. Acho que ele vai ficar animado com um jantar feito em casa depois de um dia como este. Você pode ligar para verificar, mas talvez ele apareça aqui por volta das três com o tal inspetor.

– Por que simplesmente não pagamos para ver? O problema, Michelle, é que não tenho a chave.

Por um breve instante, Michelle demonstrou surpresa.

– Ah, pode deixar, não tem problema. – Abriu uma gaveta da escrivaninha e pegou a cópia que tinha ali.

– Tem certeza de que não vai ter problema?

Que humilhação, pensou Emma, ter que fazer essa pergunta.

– Não sei por que teria. Você e Jack são amigos há anos e agora estão...

– É, estamos – disse Emma, num tom deliberadamente animado. – Mas tem um segundo problema. As duas jardineiras que eu trouxe pesam mais de 20 quilos cada uma.

– Chip está lá atrás. Vou chamá-lo.

– Obrigada, Michelle – disse Emma, pegando as chaves. – Você foi uma salvação.

Fechou os dedos em volta da chave e voltou para os fundos da casa. Não havia por que se sentir constrangida, disse a si mesma. Não tinha motivo para se sentir envergonhada porque o homem com quem estava saindo havia quase três meses e que conhecia por mais de dez anos não tinha pensado em lhe dar uma chave.

Pelo amor de Deus, aquilo não era um símbolo. Jack não a estava trancando do lado de fora, estava apenas...

Ah, pouco importa. Ia seguir em frente com seus planos para a noite. Dar flores a ele, preparar um jantar e dizer que o amava.

E, droga, ia pedir uma chave.

capítulodezenove

PASSOU UMA HORA INTEIRA toda feliz, organizando mantimentos, arrumando os girassóis que havia trazido do estoque para enfeitar a bancada da cozinha e, depois, fazendo os arranjos nas floreiras.

Tinha razão em achar que ficariam perfeitas ladeando a porta. Uns focos de cor forte, profunda, decidiu, começando a enfiar ramos de sálvia vermelha por trás dos heliotrópios roxos. A combinação de plantas que havia escolhido proporcionaria a Jack cor e flores em todas as estações, e tudo ficaria ainda mais exuberante quando as lobélias brotassem e o doce álisso começasse a transbordar das floreiras.

Seria uma boa forma de lhe dar boas-vindas sempre que ele subisse a escada. E seria também uma lembrança viva da mulher que havia preparado essa recepção, pensou com um sorrisinho.

Sentando-se sobre os calcanhares, observou o resultado.

– Modéstia à parte, ficou maravilhoso.

Depois de empilhar os vasos já vazios e o papel celofane, tratou de reproduzir o arranjo na segunda floreira.

Será que ele teria um regador? Provavelmente não. Devia ter pensado nisso, mas as flores resistiriam bem até ele comprar um. Feliz por estar revolvendo a terra com as mãos, começou a cantarolar, acompanhando a música que vinha do rádio. Enquanto trabalhava, ocorreu-lhe que as jardineiras da entrada precisavam de mais vigor. Tentaria arranjar mais algumas coisinhas, talvez na semana seguinte.

Quando terminou, varreu a terra que caíra no chão e levou as bandejas de plástico, os vasos e as ferramentas de jardinagem para o carro. Limpando as mãos, ergueu os olhos para admirar o trabalho que havia feito.

Sempre achou que flores eram um elemento essencial numa casa. Agora Jack tinha as dele. E sempre acreditou que flores plantadas com amor ficavam muito mais bonitas. Se fosse verdade, aquelas ali ficariam perfeitas até a primeira geada mais forte.

Quando olhou a hora, desceu correndo a escada. Tinha que se lavar e preparar o jantar, principalmente porque havia decidido acrescentar um aperitivo ao cardápio.

Sujo, suado e ainda furioso com o bombeiro que sumira e o inspetor da prefeitura, novato e cheio de pose, Jack seguiu para os fundos do prédio.

Queria tomar um banho, uma cerveja e talvez um punhado de aspirinas. Se o empreiteiro não

demitisse o babaca do bombeiro – que, por acaso, também era seu cunhado –, *ele* que explicasse o atraso ao cliente. *Ele* que se entendesse com o tal inspetor que resolveu criar caso por causa da porta de entrada que estava uma fração de centímetro mais para fora que o estipulado.

Ok, talvez primeiro a aspirina, depois a chuveirada e só então a cerveja.

Quem sabe aquilo não melhorasse um dia que havia começado às seis da manhã, com um telefonema de um cliente furioso porque, quando entregaram o balcão do seu bar, ele estava medindo 1,72 metro em vez de 1,75 metro?

Não que o cliente não tivesse razão. Ele próprio ficou para morrer. Se no projeto está 1,75 metro, tem que ser 1,75 metro no trabalho feito, e não o que o sujeito decidisse fazer...

E depois disso o dia só piorou, pensou Jack, tentando relaxar um pouco os ombros tensos. Se era para trabalhar doze horas por dia, queria ao menos terminar com a sensação de ter feito alguma coisa em vez de ficar circulando pela cidade inteira apagando um incêndio aqui, outro ali.

Na última virada do trajeto, sentiu-se satisfeito por o escritório já estar fechado e por poder ficar em casa, onde ninguém – por favor, meu Deus! – viria lhe pedir para consertar, negociar ou discutir alguma coisa.

Quando avistou o carro de Emma, lutou para refletir, apesar da dor de cabeça. Será que tinha feito alguma confusão? Será que combinaram de se encontrar ali para ir à cidade?

Não, não, só um jantar, talvez um filme – que ele pretendia trocar por um DVD – e, depois, poderia relaxar e descansar. Mas tinha esquecido de telefonar para Emma, dizendo-lhe que estava atolado em meio a crises e reclamações.

Mas, se ela estivesse por ali, em algum ponto da cidade, sempre poderia...

Sua cabeça deu um nó quando ele reparou que a porta dos fundos estava aberta, com uma floreira de cada lado. Ficou parado por um instante e depois tirou os óculos escuros com um gesto brusco. Ao descer da caminhonete, ouviu a música que saía pela porta.

De onde teriam vindo aquelas plantas?, perguntou-se Jack sentindo que uma nova irritação se juntava à dor de cabeça já latejante. E, droga, por que a porta estava aberta?

Queria ligar o ar-condicionado, tomar um banho quase frio e ter uns míseros cinco minutos para se livrar das piores coisas do dia. Agora tinha flores que precisaria se lembrar de regar, e havia alguém em casa que exigiria a sua atenção e com quem teria que conversar.

Subiu os degraus se arrastando, olhou feio para as plantas, empurrou a porta de tela.

E lá estava ela, cantando junto com o rádio – que ressoava aumentando a sua dor de cabeça –, preparando alguma coisa no fogão quando ele pretendia pedir uma pizza. A cópia das suas chaves estava em cima da bancada, junto de um vaso com uns girassóis imensos que chegavam a queimar seus olhos.

Emma sacudiu a frigideira com uma das mãos, estendeu a outra para pegar uma taça de vinho. Foi então que o viu.

– Ai! – exclamou, rindo, e quase soltando a frigideira. – Não ouvi você entrar.

– Claro que não, já que está fazendo a vizinhança inteira ouvir... Meu Deus, é ABBA?

– O quê? Ah, a música. Está um pouco alta. – Sacudiu a frigideira mais uma vez e reduziu o fogo. Com um movimento ágil, deslocou-se para o lado, pegou o controle remoto e diminuiu o

volume. – Música para cozinhar. Achei que fosse lhe fazer uma surpresa com um jantar prontinho. Só mais um minuto e os escalopes ficam prontos. O molho já está. Então, vai poder comer daqui a pouco. Quer uma taça de vinho?

– Não, obrigado. – Estendeu a mão por sobre a cabeça de Emma para pegar um frasco de aspirina no armário.

– Foi um dia difícil – observou ela, passando a mão pelo braço de Jack, que lutava para abrir o frasco. – Michelle me disse. Por que não se senta um pouco, para se recuperar?

– Estou imundo. Tenho que tomar um banho.

– Bom, nesse ponto, tem toda razão – disse Emma, ficando na ponta dos pés para lhe dar um beijinho. – Vou arranjar um pouco de água gelada para você.

– Pode deixar – respondeu Jack, indo até a geladeira. – Foi Michelle que lhe deu a chave?

– Ela disse que você ia ficar até mais tarde numa obra e que estava tendo um dia péssimo. Eu tinha essa comida no carro, então... – Deu mais uma sacudidela na frigideira e desligou o fogo. – Tem um bom bife marinando. Carne vermelha deve fazer a sua cabeça melhorar. Pode ir tomar seu banho e relaxar. Ou, então, deixo para preparar o jantar um pouco mais tarde, se quiser se deitar até melhorar.

– O que é tudo isso, Emma? – Mesmo com o volume mais baixo, aquela música estava lhe dando nos nervos. Passou a mão no controle e desligou o som. – Foi você que trouxe esses vasos para cá?

– Chip fez o trabalho pesado. Fiquei com a melhor parte, escolhendo as floreiras e as plantas. – Borrifou os escalopes com uma mistura de coentro, alho e limão, e despejou o molho que tinha preparado. – Ficaram lindos ao lado da porta, não é? Queria fazer alguma coisa para lhe agradecer por Nova York e, quando a inspiração veio, juntei umas coisinhas e pus o pé na estrada. – Pôs a tigela vazia na pia, virada de cabeça para baixo. E o sorriso desapareceu do seu rosto. – Mas errei nos cálculos, não é?

– Tive um dia péssimo, é só isso.

– E, óbvio, eu vim piorar tudo.

– É. Não... – replicou Jack pressionando a cabeça com os dedos como se quisesse perfurar as próprias têmporas. – Foi um dia horrível. Só preciso relaxar um pouco. Você devia ter ligado perguntando se eu queria... fazer isso.

Sem pensar, de um jeito puramente mecânico, ele pegou a cópia das chaves e as enfiou no bolso.

Foi como se tivesse dado um tapa nela.

– Não se preocupe, Jack. Não guardei nada meu no armário ou numa gaveta sequer. A escova de dentes continua na minha bolsa.

– Do que você está falando?

– A minha invasão se limitou à cozinha, e não vai acontecer de novo. Não saí para fazer uma cópia das suas preciosas chaves e espero que não brigue com Michelle por isso.

– Ah, pelo amor de Deus, Emma!

– Pelo amor de Deus digo *eu*! Faz ideia da humilhação que foi ter que dizer a ela que não tenho a chave daqui? Saber que estamos juntos desde abril e que você ainda não confia em mim?

– Não é uma questão de confiança. É que eu nunca...

– Mentira, Jack. Pura mentira. Sempre que fico aqui, o que, aliás, é bem raro, já que é o *seu* espaço, tenho que prestar a maior atenção para não esquecer nem um grampo, porque, senão, sabe-se lá o que vai ser depois. Uma escova de cabelo? Uma camiseta? Num piscar de olhos, eu me sentiria bem-vinda aqui.

– Mas você é! Não seja ridícula. Não quero brigar.

– Que pena... Porque eu quero. Você está irritado porque estou aqui; porque invadi o seu espaço e me senti à vontade. E isso me diz que estou perdendo meu tempo, que estou desperdiçando meus sentimentos, porque mereço coisa melhor.

– Olhe, Emma, isso tudo me pegou num mau momento.

– Não é uma questão de momento, Jack. Não mesmo. É sempre assim. Você não me deixa ficar aqui porque isso teria um ar de compromisso.

– Meu Deus, Emma. Assumi um compromisso com você. Não existe outra pessoa. Nunca houve ninguém desde que toquei em você.

– Não tem nada a ver com outra pessoa. O problema é com você e comigo. Você me quer, mas só nos seus termos, dentro do seu... projeto – disse ela, gesticulando. – Enquanto ficarmos desse jeito, tudo bem. Mas, para mim, chega. Não dá para continuar assim, se não posso pegar um copo de leite para você ou esquecer um maldito batom no seu banheiro. Ou lhe dar umas malditas plantas sem que você fique irritado.

– Leite? Que leite? Pelo amor de Deus, não sei do que você está falando...

– Não dá para continuar se o simples fato de preparar a porra de um jantar para você parece um crime. – Pegou a travessa com os escalopes e a jogou na pia. Só se ouviu o barulho de louça quebrando.

– Ok, basta.

– Não basta, não. – Emma se virou, afastando-o com ambas as mãos. Seus olhos estavam turvos pelas lágrimas de raiva e de tristeza, e a sua voz, embargada. – E não vou aceitar o que não é o bastante. Estou apaixonada por você e quero que também esteja. Quero viver com você. Casamento, filhos, um *futuro*. E então? Então, isso não basta. Nem de longe. Acontece que você tinha razão. Tinha toda razão. A gente dá a mão, elas querem o braço...

– O quê? Como é? Espere!

– Mas não se preocupe, não precisa fugir. Sou responsável por meus sentimentos, minhas necessidades e minhas escolhas. E acabou. Essa história acabou.

– Ei, espere! – Jack não sabia como a sua cabeça ainda não tinha explodido. Talvez já tivesse... – Só me dê um minuto para pensar...

– Não tem mais o que pensar. E não me toque – disse Emma, quando ele fez um gesto na direção dela. – Nem pense em encostar a mão em mim. Você teve a sua chance. Eu lhe dei tudo o que tinha. Se precisasse de mais alguma coisa, eu teria encontrado e lhe dado também. É assim que eu amo. É a única forma de amar que conheço. Mas não posso dar o que não é desejado, nem valorizado. E não estou sendo.

– Fique brava! – exclamou ele. – Quebre a louça! Mas não fique parada aí dizendo que não

quero você, que não sei lhe dar valor.

– Não do jeito que eu quero ou que preciso. E, ainda por cima, tentar não querer, Jack? Tentar não amar você do único jeito que sei amar? Isso está me fazendo sofrer muito – acrescentou ela, pegando a bolsa. – Fique longe de mim.

Jack meteu a mão na porta de tela e ficou segurando, para impedi-la de sair.

– Quero que se sente. Você não é a única que tem algo a dizer.

– Pouco importa o que você quer. Já não ligo mais. Eu disse para ficar longe de mim!

Nesse instante, Emma ergueu o rosto para ele. Não havia raiva nem irritação nos seus olhos. Isso Jack poderia ter ignorado até resolverem aquela história. Mas não podia fazer nada diante do sofrimento.

– Emma, por favor...

Ela apenas balançou a cabeça e, passando por ele, correu para o carro.

Não sabia como tinha conseguido controlar as lágrimas. Só sabia que não conseguia enxergar por causa delas e precisava voltar para casa. Precisava da sua casa. Suas mãos queriam tremer e, para evitar isso, agarrou o volante com mais força. Cada respiração doía. Como era possível? Como o simples ato de inspirar podia arder tanto assim? Ouviu o próprio gemido e apertou bem os lábios para que não viesse mais nenhum. Parecia até um animal ferido.

Não ia se permitir sentir aquilo. Não agora. Ainda não.

Ignorando o telefone que tocava insistentemente, manteve os olhos fixos na estrada.

A barragem não resistiu: as lágrimas começaram a rolar assim que ela entrou na alameda da mansão. Emma as enxugou, com um gesto rápido, impaciente, até que tivesse se aproximado do meio-fio e estacionado.

Então o tremor começou. Tremia tanto que seu corpo se sacudia quando ela saiu do carro, trôpega, e começou a subir a rampa. Conseguiu entrar. Estava a salvo, em casa, quando veio o primeiro soluço.

– Emma? – disse a voz de Parker lá de baixo. – O que está fazendo em casa tão cedo? Achei que fosse...

Em meio às lágrimas, Emma viu Parker subir a escada correndo.

– Parker!

E logo se sentiu abraçada, um abraço forte e apertado.

– Ah, Emma. Ah, querida. Venha comigo.

– O que está acontecendo? O que...? Ela está ferida? – Como Parker, a Sra. Grady acorreu o mais depressa possível.

– Fisicamente, não. Vou levá-la lá para cima. Pode ligar para Mac?

– Claro. Não chore, querida – disse a Sra. Grady, acariciando o cabelo de Emma. – Agora, você está em casa. Vamos cuidar de tudo. Suba com a Parker.

– Não consigo parar. Não consigo fazer isso parar.

– E nem precisa. – Passando o braço pela cintura da amiga, Parker a levou escada acima. – Chore quanto quiser, enquanto precisar. Vamos lá para a sala de estar. Para a nossa sala.

Quando começaram a subir para o terceiro andar, Laurel veio correndo ao seu encontro. Sem dizer nada, limitou-se a abraçar Emma pelo outro lado.

– Como pude ser tão idiota?

– Não foi, não – murmurou Parker. – Você não é idiota.

– Vou pegar um pouco de água – disse Laurel. Parker assentiu com um gesto e levou Emma até o sofá.

– Dói tanto... tanto... tanto... Como alguém consegue aguentar isso?

– Não sei.

Quando todas se sentaram, Emma se enroscou e deitou a cabeça no colo de Parker.

– Eu tinha que chegar em casa. Tudo o que queria era chegar em casa.

– Pois, agora, você está em casa – disse Laurel, sentando-se no chão e entregando a Emma lenços de papel.

Escondendo o rosto nos lenços, ela caiu em prantos. A tristeza e a dor latejavam no seu peito, retorciam o seu ventre. Soluços doloridos continuaram a arranhar a sua garganta até que se esgotaram. Mas as lágrimas ainda lhe escorriam pelo rosto.

– Parece até uma doença terrível – observou ela, apertando os olhos por um instante. – Como se eu nunca fosse ficar boa novamente.

– Tome um gole d'água. Vai ser bom – disse Parker, ajudando-a a se erguer um pouco. – E tome também essa aspirina.

– É como uma gripe forte. – Emma bebeu a água, respirou fundo e engoliu o comprimido que a amiga lhe estendia. – Daquelas que, mesmo depois que terminam, a gente se sente fraca, indisposta, desamparada.

– Tem chá e sopa aqui. – Como Laurel, Mac sentou no chão. – Foi a Sra. G que trouxe.

– Ainda não. Obrigada. Mas ainda não dá.

– Não foi só uma briga – arriscou Laurel.

– Não. Não foi só uma briga. – Exausta, Emma recostou a cabeça no ombro de Parker. – E o pior é que a culpa foi toda minha.

– Não se culpe – atalhou Laurel, apertando ligeiramente a perna da amiga. – Nem pense nisso.

– Não estou tentando livrar a cara dele, pode acreditar. Mas fui eu que armei a confusão toda. E, hoje à noite, principalmente hoje à noite, estava querendo... Na verdade, criei a maior expectativa – emendou ela –, com relação a coisas que não iam acontecer. Conheço Jack, e, mesmo assim, me joguei de cabeça.

– Por que não nos conta o que aconteceu? – perguntou Mac.

– Está bem.

– Tome um pouco de chá antes – disse Laurel, estendendo-lhe a xícara.

Emma tomou um gole, soltou o ar pela boca e disse:

– Tem uísque aqui dentro.

– A Sra. G mandou você tomar. Disse que vai ajudar.

– Parece remédio. E acho que é mesmo – acrescentou, depois de mais um gole. – Como podem imaginar, ultrapassei os limites dele. Não acho esses limites aceitáveis. Por isso, terminamos. Precisávamos terminar porque não consigo viver assim.

– Que limites são esses? – indagou Parker.

– Jack não me dá espaço – respondeu Emma, meneando a cabeça. – Queria fazer alguma coisa para ele. Com toda certeza, parte disso era para mim, mas queria fazer algo especial. Então, fui até a estufa – começou Emma.

Quando terminou o chá, a dor continuava a incomodando, mas bem de leve.

– O momento crucial foi quando tive de dizer a Michelle que não tinha a chave da casa dele. Parte de mim recuou, dizendo "pare".

– Mas por quê? – perguntou Laurel.

– Era exatamente o que o resto de mim dizia. Estamos juntos, somos um casal. E, além disso, bons amigos. Qual o problema de ir à casa dele e preparar um jantar surpresa? Mas eu sabia. Aquela outra parte de mim sabia. Talvez fosse uma espécie de teste. Não sei. Pouco importa. E talvez fosse mais que isso: a gota d'água, o meu limite. Porque passei na livraria e vi Rachel Monning. Lembra-se da Rachel, Parker? Fui babá dela.

– Tenho uma vaga lembrança.

– Ela vai se casar.

– Você foi babá *dela*? Hoje em dia é permitido casar aos 12 anos?

– Rachel já está na faculdade. Vai se formar no ano que vem. E, depois, vem o casamento. Que, aliás, ela quer fazer aqui. E, quando consegui superar o choque, tudo o que me veio à cabeça foi: também quero. Quero o que essa menina de quem cuidei tem. Que droga! Quero o que vejo no rosto dela. Toda aquela alegria, aquela confiança, aquela vontade de começar uma vida nova junto com o homem que ela ama. Por que eu não deveria querer isso? Por que não mereço isso também? Querer se casar é tão legítimo quanto não querer...

– Ensinando o padre a rezar a missa... – observou Mac.

– Pois bem, é isso que quero. Quero o compromisso, o trabalho, os filhos e tudo o mais. Tudo. Sei que também quero um conto de fadas. Dançar num jardim à luz da lua, mas é só... Ora, é como um buquê ou um lindo bolo. Um símbolo. Quero o que isso simboliza. Mas ele não... – Recostou-se no sofá e fechou os olhos por um instante. – Nenhum de nós está errado. Simplesmente não queremos a mesma coisa.

– Foi o que ele disse? Que não queria o que você quer?

– Jack ficou bravo quando me viu lá na casa dele – respondeu ela, dirigindo-se a Parker. – Bravo, não. Pior. Ficou chateado. Fui muito presunçosa.

– Ah, pelo amor de Deus! – murmurou Mac.

– Bom, eu presumi. Presumi que ele adoraria me ver, me ter ali, disposta a cuidar um pouco dele depois de um dia longo e difícil. Tinha levado comigo o DVD de *Um romance do outro mundo*. Outro dia, brincando, combinamos de fazer uma sessão dupla para ele entender por que gosto tanto desse filme. Depois, íamos ver *Duro de matar*.

– Alan Rickman – observou Laurel, com um aceno de cabeça.

– Exatamente. Levei girassóis e vasos – Nossa! Eles estavam tão lindos... E estava quase terminando de preparar os aperitivos quando ele chegou. Demorei um pouco para entender. "Quer um vinho? Por que não vai relaxar um pouco?" Céus! Que burrice! De repente, tudo ficou claro como água. Ele... pegou a cópia da chave e enfiou no bolso.

– Sacanagem – observou Laurel, com uma raiva contida. – Isso foi uma grandessíssima sacanagem.

– A chave dele – declarou Emma. – O direito dele. Então, eu disse tudo o que pensava, como me sentia e que já não dava mais para tentar *não* querer e *não* sentir. Disse que eu o amava. E tudo o que ele conseguiu dizer foi me pedir um minuto para pensar...

– E a burra é você...

Emma quase conseguiu esboçar um sorriso diante do tom enojado de Mac.

– E, depois, ainda ouvi coisas como "você me pegou desprevenido", "não contava com isso" e até mesmo "não é a melhor hora"...

– Ai, meu Deus!

– Isso foi antes de eu dizer que o amava, mas pouco importa. Então, terminei tudo e vim embora. Dói tanto... Acho que ainda vai doer por um bom tempo.

– Ele ligou – disse Mac.

– Não quero falar com ele.

– Imaginei. Queria saber se você estava aqui. Se tinha chegado bem. Não estou tentando defendê-lo, pode acreditar. Mas ele parecia bastante abalado.

– Estou me lixando. Não quero nem saber. Se eu o perdoar agora, se voltar atrás, me acomodando ao que ele pode me dar, vai ser o fim. Preciso superar essa história antes – disse Emma, voltando a se encolher no sofá. – Só preciso esquecer. Não quero vê-lo nem falar com ele até conseguir. Ou, pelo menos, até eu me sentir mais forte.

– Então, pronto! Vou desmarcar seus compromissos de amanhã.

– Ah, Parker...

– Você está precisando de um dia de folga.

– E ficar de bobeira?

– Exatamente. Agora, precisa de um bom banho quente, e vamos requentar essa sopa. Depois da primeira crise de choro... vai ter outra.

– Vai – suspirou Emma. – É verdade...

– E, então, vamos botar você na cama. Vai dormir quanto quiser.

– Mas, quando acordar, vou continuar amando Jack.

– Vai.

– E essa tristeza vai continuar.

– Vai.

– Mas vou estar um pouquinho mais forte.

– Claro que vai.

– Vou preparar o seu banho. Tenho uma receita infalível – disse Mac, levantando-se. Inclinou-se, deu um beijo na amiga e acrescentou: – Estamos todas aqui.

– Vou cuidar da sopa e pedir à Sra. G que faça um balde daquelas batatas fritas incríveis. Sei que é um clichê – disse Laurel, apertando novamente a perna de Emma. – Mas é por um bom motivo.

– Obrigada.

Emma fechou os olhos e procurou a mão de Parker quando ficaram sozinhas na sala.

– Sabia que podia contar com vocês.

– Sempre.

– Ai, meu Deus, Parker. Ai, meu Deus, a segunda crise está chegando.

– Tudo bem – sussurrou a outra, acariciando as costas da amiga que tinha recomeçado a chorar. – Tudo bem.



Enquanto Emma chorava, Jack bateu à porta de Del. Precisava fazer alguma coisa, caso contrário, iria direto para a casa dela. Se ela já não tivesse deixado bem claro que não queria saber dele – e tinha –, Mac se encarregou de fazê-lo.

Del abriu a porta.

– O que houve? Meu Deus, Jack, você está um lixo!

– Combina perfeitamente com o que estou sentindo.

– Cara! – exclamou o outro, franzindo a testa. – Se veio aqui para afogar numa cerveja uma briga com a Emma...

– Não foi só uma briga...

Del olhou melhor para o amigo e deu um passo atrás.

– Vamos tomar uma cerveja.

Jack fechou a porta às suas costas e, então, reparou que o amigo estava de terno e gravata.

– Vai sair?

– Ia, sim. Só um minuto. Pegue uma cerveja. Tenho que dar um telefonema.

– Eu deveria dizer que não tem problema, que o assunto pode esperar. Mas não.

– Pegue a cerveja. Já volto.

Jack pegou duas garrafas e foi para o terraço dos fundos. Mas não se sentou. Aproximou-se do parapeito e ficou olhando a escuridão. Tentou lembrar se já tinha se sentido assim antes. Chegou à conclusão de que, a não ser quando acordou no hospital com uma concussão, um braço quebrado e algumas costelas fraturadas depois de um acidente de carro, a resposta era não.

E, mesmo nessa ocasião, o sofrimento foi apenas físico.

Então lembrou. Houve um momento em que se sentiu assim antes, ou quase assim. O estômago embrulhado, a cabeça atordoada, inteiramente confuso. Foi quando seus pais mandaram que se sentasse, de um jeito muito civilizado, e lhe disseram que iam se divorciar.

"Não tem nada a ver com você", disseram. "Nós ainda o amamos e vamos amá-lo para sempre. Mas..."

Naquela hora, seu mundo virou de pernas para o ar. Por que, então, o que sentia agora parecia pior? Por que era pior entender que Emma podia deixá-lo e tinha feito isso? Podia, e deixou,

pensou Jack, porque ele a tinha feito se sentir *péssima* quando deveria ter feito tudo o que estivesse ao seu alcance para que ela se sentisse o *máximo*.

Ouviu a porta se abrindo.

– Obrigado – disse, quando Del apareceu. – De verdade.

– Eu deveria dizer que não tem problema, mas não.

Jack esboçou um sorriso.

– Céus, Del, ferrei com tudo. Ferrei com tudo e nem sei exatamente como. Tudo o que sei é que a magoei. De verdade. Então pode arrebentar a minha cara como prometeu. Mas vai ter que esperar até eu contar a história toda.

– Pode deixar. Eu espero.

– Ela disse que me ama.

– Qual é, Jack?! – exclamou Del, tomando um gole de cerveja. – Você não é nenhum idiota. Vai me dizer que não sabia?

– Não exatamente... Não tinha certeza. As coisas apenas aconteceram e... Não! Não sou nenhum idiota! Sabia que estávamos caminhando para alguma coisa. É isso. Mas, de repente, tudo se precipitou e fiquei sem chão. Não consegui reagir, descobrir como lidar com a situação ou o que dizer. E ela ficou tão magoada, tão magoada e furiosa que nem me deu uma chance de tentar. É raro Emma ficar furiosa. Você a conhece. Quase nunca explode. Mas, quando acontece, não há nada que se possa fazer.

– Por que ela explodiu?

Jack retomou a cerveja, mas continuou de pé.

– Tive um dia péssimo, Del. Um daqueles dias que fazem o inferno parecer a Disney World. Cheguei em casa imundo, irritado e com uma senhora dor de cabeça. Quando abri a porta, lá estava ela. Dentro de casa.

– Não sabia que tinha lhe dado uma chave. Que progresso, Cooke...

– Não dei. Ela pegou uma cópia com Michelle.

– Hum! Ultrapassou o limite, não foi?

Jack estancou e fitou o amigo.

– É assim que eu sou? Qual é!

– É exatamente assim que você é. Com as mulheres.

– E isso faz de mim um monstro? Um psicopata?

Del se recostou no parapeito.

– Não. Talvez um tanto fóbico. Mas e aí?

– Bom, eu estava imundo e o meu humor combinava perfeitamente com minha aparência. Chego e encontro Emma lá dentro. Ela tinha posto umas floreiras no terraço. Por que está rindo?

– Estou só imaginando o susto que você levou...

– Meu Deus! Ela estava cozinhando, tinha flores na bancada, a música estava aos berros e a minha cabeça estourando. Se pudesse, voltaria atrás. Voltaria mesmo. Jamais a teria magoado.

– Eu sei.

– Ela ficou magoada e furiosa porque... estou sendo um babaca. Sem dúvida alguma. Mas, em

vez de brigar, talvez gritar um com o outro de vez em quando, pôr as cartas na mesa... As coisas tomaram outro rumo. – Como a dor de cabeça estava querendo recomeçar, Jack esfregou a garrafa gelada nas têmporas. – De repente, tudo mudou: não confio nela, não a recebo bem na minha casa. Ela disse que não estava aguentando mais. Que me ama e quer...

– Quer o quê?

– O que você acha? Casar, ter filhos, o pacote completo. Fiquei tentando aguentar firme, evitar que minha cabeça explodisse, porque, só assim, eu ia conseguir *pensar*. Mas ela não me deu tempo. Não me deixou assimilar o que tinha acabado de dizer. Terminou comigo. Terminou tudo. Disse que seu coração estava partido. Gritou. E foi embora chorando.

O rosto de Emma não lhe saía da cabeça, a tal ponto que ele estava cheio de remorso.

– Tudo o que eu queria era que ela se sentasse por um minuto. Que me desse um minuto. Só queria recuperar o fôlego e poder pensar. Mas ela não quis. Disse para eu ficar longe dela. Preferia que tivesse me dado um tiro a ver o olhar que ela me lançou quando me disse para ficar longe.

– Então foi isso? – indagou Del, depois de um breve silêncio.

– Acha pouco?

– Já fiz essa pergunta antes e você não me respondeu. Vou repetir agora. E, desta vez, diga sim ou não. Está apaixonado por ela?

– Ok. – Jack tomou um bom gole de cerveja. – Estou. Acho que precisei de um belo pé na bunda para perceber isso. Estou, sim. Eu a amo. Mas...

– Quer consertar o estrago?

– Acabei de dizer que a amo. Por que não iria querer?

– Quer saber como fazer isso?

– Que inferno, Del! – exclamou ele, bebendo mais um pouco. – Claro! Já que você é tão esperto, como é que eu conserto todo esse estrago?

– Rastejando.

– Posso fazer isso – disse Jack, com um suspiro.

capítulovinte

JACK COMEÇOU A RASTEJAR pela manhã. Tinha na cabeça o discurso que passou a noite toda editando, revisando e aumentando. O problema, pelo que podia imaginar, seria conseguir fazer com que ela o ouvisse.

Ela ouviria, disse a si mesmo, ao se dirigir à propriedade dos Browns. Era Emma. Ninguém era mais gentil, mais generoso, que ela, e não era esse um dos tantos motivos pelos quais a amava?

Tinha sido um idiota, mas ela o perdoaria. Tinha que perdoá-lo porque... era Emma.

Ainda assim, sentiu um embrulho no estômago quando viu o carro dela estacionado na mansão. Não tinha ido para casa.

Não teria que encarar apenas ela, pensou, sentindo um verdadeiro frio na espinha, mas as quatro. E, de quebra, a Sra. Grady.

Eram capazes de arrancar o seu fígado.

E sem dúvida estava merecendo. Mas, caramba, por que tinha que lidar com as quatro de uma vez? Que merda!

– Aceite, Cooke – murmurou ele e saiu do carro.

A caminho da porta, pensava se um condenado tinha essa mesma sensação de desgraça e terror ao percorrer o último trecho do corredor da morte.

– Controle-se, cacete. Elas não vão matar você.

Mutilar talvez; com certeza teria que enfrentar um embate verbal.

Pela força do hábito, já ia abrir a porta quando se deu conta de que, agora que era *persona non grata*, tinha perdido esse direito. Tocou a campainha.

Pensou que podia amaciar a Sra. G. Ela gostava dele, de verdade. Podia começar implorando sua piedade e depois...

Parker veio atender. Ninguém, pensou ele, absolutamente ninguém conseguia amaciar Parker Brown.

– Hum... – começou ele.

– Oi, Jack.

– Quero... Eu preciso ver Emma. Pedir desculpas por... tudo. Se eu puder falar com ela por alguns minutos e...

– Não.

Era uma palavra tão pequena, pensou ele, dita de forma tão fria.

– Parker, eu só quero...

– Não, Jack. Ela está dormindo.

– Posso voltar outra hora, ou esperar, ou...

– Não.

– Isso é tudo o que tem a me dizer? Simplesmente não?

– Não – repetiu ela, sem nenhum traço de ironia ou humor. – Isso não é tudo o que vamos lhe dizer.

Mac e Laurel se postaram atrás dela. Tinha que admitir, por aquele plano de batalha, que o adversário era superior. Não tinha a menor chance, a não ser se render.

– O que quer que venham a dizer, eu mereço. Querem que eu admita que errei? Eu errei. Que sou um idiota? Pois sou. Que...

– Pensei em algo como canalha egoísta – comentou Laurel.

– Sou isso também. Talvez tenha havido algumas razões, talvez tenham sido as circunstâncias, mas nada disso importa. Com certeza não para vocês.

– Não mesmo – confirmou Mac, adiantando-se. – Não se você magoou a melhor pessoa que conhecemos.

– Não posso consertar isso, não posso ajeitar as coisas se não me deixarem falar com ela.

– Ela não quer falar com você. Ela não quer ver você – disse Parker. – Não agora. Não posso dizer que sinto muito por ver que também está machucado. Dá para ver que está, mas não lamento por isso. Não agora. Nesse momento, temos que pensar em Emma, não em você. Ela precisa de tempo, precisa que você a deixe em paz. Então, é isso que vai fazer.

– Por quanto tempo?

– Quanto for necessário.

– Parker, se ao menos você ouvisse...

– Não.

Jack a encarava, quando Carter veio da cozinha em direção ao hall. Ele lhe lançou um breve e compadecido olhar, depois se virou e foi embora.

A solidariedade masculina só chegava até ali.

– Não pode simplesmente fechar a porta.

– Posso e é o que vou fazer. Mas vou lhe dar algo antes, porque amo você, Jack.

– Ai, caramba, Parker.

Por que simplesmente não arrancavam seu fígado?, pensou ele. Seria menos doloroso.

– Amo você. Você não é simplesmente *como* um irmão para mim. Você *é* um irmão para mim. Para todas nós. Por isso, vou lhe dar uma coisa. E vou acabar o perdoando.

– Eu já não sei se concordo com isso – atalhou Laurel. – Tenho as minhas ressalvas.

– Vou perdoar você – prosseguiu Parker – e seremos amigos de novo. Mas o mais importante é que Emma vai perdoá-lo. Ela vai encontrar um jeito de fazer isso. Mas até lá, até que ela esteja pronta, você vai deixá-la em paz. Não vai ligar, tentar entrar em contato ou tentar vê-la. Não vamos contar a ela que você esteve aqui hoje de manhã, a menos que ela pergunte. Não vamos mentir para ela.

– Você não vai poder vir aqui, Jack. – A voz de Mac traiu uma pequena nota de compaixão. – Se tiver algum problema ou questão a ser resolvida com a obra no estúdio, vamos resolver por

telefone. Você não vai poder vir aqui até que Emma seja capaz de lidar bem com essa história.

– Como vão saber se ela já está bem? – perguntou ele. – Acham que ela vai dizer: "Ei, meninas, já não me importo se Jack aparecer por aqui"?

– Nós saberemos – disse Laurel, curta e grossa.

– Se você gosta dela, vai lhe dar todo o tempo que for necessário. Preciso que dê a sua palavra.

Ele passou a mão pelo cabelo enquanto Parker aguardava sua resposta.

– Está bem. Vocês, todas vocês, a conhecem melhor que ninguém. Se estão dizendo que é disso que ela precisa, é porque é disso que ela precisa. Vocês têm a minha palavra que vou deixá-la em paz até... até.

– E... Jack? – acrescentou Parker. – Aproveite esse tempo. Pense sobre o que realmente quer, sobre o que realmente precisa. Quero a sua palavra para mais uma coisa.

– Quer que eu assine com sangue?

– Uma promessa bastará. Quando ela estiver pronta, vou ligar para você. Vou fazer isso por você e por ela, mas só se prometer vir aqui falar comigo antes de ir falar com ela.

– Tudo bem. Eu prometo. Mas podem entrar em contato de vez em quando só para me dar notícias dela? Para eu saber como ela...

– Não. Até logo, Jack. – Parker fechou a porta, calmamente, na cara dele.

Do outro lado, Mac deixou escapar um suspiro.

– Não acho que estou sendo desleal se disser que senti um pouco de pena dele. Sei como é ser um completo imbecil nesse tipo de situação. Ter alguém apaixonado por você e ser um cretino com a pessoa.

Laurel assentiu.

– É, você sabe. Tire um minutinho para sentir um pouco de pena dele. – Ela esperou, deu uma olhada no relógio e disparou: – Pronto?

– É, acho que deu.

– Acho que também vou dedicar um minuto a ele, afinal, o cara parecia péssimo. – Laurel olhou para a escada. – Mas ela está pior. Vamos até lá vê-la.

– Já vou. Acho que deveríamos nos ater à nossa rotina o máximo que pudermos – sugeriu Parker. – Ela só vai se sentir pior se as coisas se acumularem, se isso afetar os negócios. Então, por ora, vamos trabalhar e, se houver atrasos ou surgir imprevistos, vamos tentar mantê-la fora disso até que esteja recuperada.

– Se precisarmos de uma ajuda extra, podemos pedir socorro a Carter. Meu homem é o melhor.

– Você não se cansa de se gabar disso? – perguntou Laurel.

Mac pensou um pouco.

– Na verdade, não. – Passou um braço pelos ombros da amiga. – Acho que foi por isso que senti um pouco de pena de Jack, e sinto tanto por Emma. O amor pode ferrar bastante com você antes que descubra como conviver com ele. E uma vez que você descobre, fica se perguntando como conseguiu viver até ali sem ele. Acho que preciso ir dar um baita beijo em Carter. Voltarei de tarde para ver como ela está – acrescentou Mac já se dirigindo para a cozinha. – Liguem se ela precisar de mim antes disso.

– “O amor pode ferrar bastante com você antes que descubra como conviver com ele.” – Laurel estreitou os lábios. – Sabe, acho que podíamos pôr essa frase no nosso site.

– É um bom mote.

– Ela tem razão a respeito de Carter. Ele é o melhor. Mas esse homem não vai entrar na minha cozinha enquanto eu estiver trabalhando. Não quero ter que machucá-lo, Parker. Me avise se Em precisar de outro ombro para se lamentar ou se você precisar de um soldado na frente de batalha com as noivas.

Parker assentiu e subiu a escada.



Lá em cima, Emma se obrigava a sair da cama e parar de ficar sentindo pena de si mesma. Mas, em vez disso, abraçou o travesseiro e encarou o teto.

Suas amigas tinham fechado as cortinas, o que fez com que o quarto permanecesse escuro e silencioso. Elas a estavam tratando como uma inválida: fazendo tudo para ela. E ainda puseram travesseiros extras e um vaso com frésias na mesinha de cabeceira. Ficaram sentadas ali com ela até que pegasse no sono.

Devia se envergonhar, disse a si mesma. Devia se envergonhar de ser tão dependente, tão fraca. Mas só conseguia ficar grata por tê-las ali, por entenderem as suas necessidades.

Mas esse era outro dia. Precisava se mexer, lidar com a realidade. Corações partidos se curavam. Talvez as marcas ficassem para sempre, como cicatrizes, mas iam sarar. As pessoas viviam e trabalhavam, riam e comiam, andavam e falavam sem ligar para essas marcas.

Para muitos, as cicatrizes chegavam a desaparecer e podiam voltar a amar.

Mas quantas dessas pessoas tinham uma proximidade tão grande com aquele que havia partido seu coração a ponto de ter que vê-lo com frequência? Quantas dessas pessoas o consideravam como parte integrante de um tapete que podia ser inteiramente destruído caso esse fio fosse puxado?

Não tinha a opção de eliminar Jack da sua vida. De não vê-lo mais ou só se deparar com ele em determinadas ocasiões.

Por isso que relacionamentos amorosos no local de trabalho eram sempre cheios de riscos, concluiu. Quando acabavam mal, era preciso encarar a dor diariamente. Nove horas por dia, cinco dias na semana. Ou você se demite, pede transferência, se muda para outra cidade. Tenta escapar para poder se curar e seguir adiante.

Não era uma opção para ela porque...

Jamaica. A oferta de Adele.

Não seria apenas outro trabalho, nem outra cidade, mas outro país. Um começo inteiramente novo. Podia continuar a fazer o trabalho que amava, mas seria uma nova pessoa. Não se envolveria em relacionamentos complicados, não teria laços que a amarrassem. E não teria que encarar Jack quando ele desse uma passadinha na mansão nem correria o risco de encontrá-lo por acaso no mercado. Também não seriam convidados para as mesmas festas.

Não haveria os olhares de compaixão daqueles que sabiam das cicatrizes em seu coração.

Poderia fazer um bom trabalho com todas aquelas flores tropicais... Seria uma primavera e um verão eternos. Talvez tivesse uma casinha na praia, onde poderia escutar toda noite o barulho das ondas do mar.

Sozinha.

Mexeu-se quando ouviu a porta se abrindo.

– Estou acordada.

– Quer café? – Parker foi até a cama, levando uma xícara e um pires. – Eu trouxe, caso quisesse.

– Obrigada. Muito obrigada, Parker.

– Que tal tomar café da manhã? – Foi abrir as cortinas para deixar a luz entrar.

– Não estou com fome.

– Tudo bem. – Parker se sentou ao lado dela na cama e pôs para trás uma mecha de cabelo que caía na bochecha de Emma. – Conseguiu dormir?

– Consegui, sim. Acho que foi como uma válvula de escape. Agora estou me sentindo péssima e embotada. Uma estúpida. Não estou sofrendo por causa de uma doença fatal. Não estou com fraturas ou hemorragia interna. Ninguém morreu, caramba. E nem sequer tenho forças para sair da cama.

– Não passou nem um dia inteiro ainda.

– Vai dizer para eu dar tempo ao tempo. Que vai passar.

– E vai mesmo. Algumas pessoas dizem que separação é pior que a morte. Acho que é verdade. E acho que é bem parecido o que acontece quando se perde um amor tão grande, tão profundo. – Os olhos de Parker, calorosos e azuis, irradiavam compaixão. – Vai ter que passar pelo luto.

– Por que não posso simplesmente ficar com raiva? Xingá-lo de babaca, canalha ou outra coisa qualquer? Não posso pular a parte do luto e simplesmente odiá-lo? Nós todas podíamos sair, tomar um porre e ficar falando mal dele.

– Você não é assim, Emma. Se eu achasse que isso lhe faria bem, íamos tirar o dia de folga para ir beber e falar mal dele agora mesmo.

– Faria isso? – Enfim dando um sorriso, Emma se recostou nos travesseiros e ficou examinando o rosto da amiga. – Sabe o que eu estava pensando aqui no meu oceano de autopiedade um pouco antes de você chegar?

– O quê?

– Que eu deveria aceitar a proposta de Adele. Poderia ir para a Jamaica e ajudá-la a tocar seu negócio. Faria isso bem. Sei como montar uma empresa como essa, saberia geri-la. Ou pelo menos saberia encontrar a pessoa certa para cuidar da gestão. Seria um recomeço tranquilo para mim, e eu poderia fazer dar certo. Poderia fazer o negócio deslanchar.

– Claro que poderia. – Levantando-se, Parker foi até a janela de novo ajeitar as cortinas. – É uma decisão importante para se tomar, especialmente quando se está passando por um período de instabilidade emocional.

– Andei me perguntando como, meu Deus, eu poderia lidar com a perspectiva de ver Jack o tempo todo. Aqui, na cidade, nos eventos. Ele é convidado para um dos nossos eventos pelo

menos uma vez por mês. Todos nós temos tantos conhecidos em comum, nossas vidas são tão interligadas... Mesmo quando chegar um tempo em que eu puder pensar nele, em nós, sem... – Emma fez uma pausa para tentar se controlar. – Sem querer chorar, como vou conseguir lidar com tudo isso? Sabia que poderia ser dessa forma, sabia que isso podia acontecer, mas...

– Mas – repetiu Parker assentindo e se virando para ela.

– Então fiquei deitada aqui imaginando que podia aceitar a proposta, começar do zero, construir algo novo. A praia, o clima, um novo desafio a enfrentar. Pensei nisso por cerca de cinco minutos. Não, na verdade devem ter sido três. Aqui é minha casa, esta é minha família, é você, somos nós. Trata-se de mim. Então, tenho que descobrir um jeito de lidar com isso.

– Fico muito furiosa com ele por ter levado você a pensar numa coisa dessas, mesmo que por apenas três minutos.

– Mas, se eu tivesse decidido que isso seria o melhor para mim, você teria que me deixar ir.

– Teria tentado argumentar com você. Ia fazer planilhas, destacar os pontos principais, desenhar gráficos e mapas, fazer muitas e muitas listas. E ainda poria tudo num DVD.

As lágrimas voltaram a surgir nos olhos de Emma.

– Amo tanto você, Parker.

Parker se sentou de novo e envolveu a amiga num abraço bem apertado.

– Vou levantar, tomar um banho e me vestir. Vou tentar achar uma forma de enfrentar essa situação.

– Combinado.



Conseguiu sobreviver àquele dia e ao dia seguinte. Fez arranjos, criou buquês, encontrou clientes. Chorava e, quando a mãe passou para vê-la, chorou um pouco mais. Mas enxugou as lágrimas e foi em frente.

Lidou com crises, conseguiu aguentar a solidariedade verbal e não verbal da sua equipe quando estava preparando um evento. Viu noivas segurando suas flores, indo ao encontro do homem que amavam.

Viveu e trabalhou, riu e comeu, andou e falou.

Embora houvesse um vazio dentro dela que nada parecia capaz de preencher, Emma o perdoou.

Chegou à reunião do meio da semana com alguns minutos de atraso.

– Desculpem. Queria esperar a entrega da remessa para o evento de sexta à noite. Tiffany estava vendo isso, mas eu queria checar especialmente os copos-de-leite coloridos. Vamos usar muitas deusas-verdes e, antes de começar o trabalho, eu queria ver se o tom delas combina com o das orquídeas.

Foi até o aparador e pegou uma Coca-Cola Zero.

– Perdi alguma coisa?

– Ainda não. Na verdade, você é que vai começar – respondeu Parker. – Já que na sexta temos o maior evento da semana e que as flores acabaram de chegar... Algum problema?

– Com as flores, não. Chegou tudo o que pedi e a aparência delas está ótima. A noiva queria alguma coisa ultracontemporânea com um toque de rústico. Copos-de-leite verdes, cymbidium, de um amarelo-esverdeado bem suave, com alguns lírios brancos para destacar as cores no buquê. As dez, isso mesmo, dez damas vão levar três deusas-verdes presas, formando um pequeno buquê. Mais um pequeno buquê de lírios brancos e um arranjo de cabeça de orquídeas para a menina das flores. Em vez de pulseira de flores ou porta-buquês, a mãe da noiva e a mãe do noivo vão levar uma única orquídea. Haverá vasos para tudo isso nas mesas do jantar e da recepção.

Emma baixou a tela do laptop.

– Também teremos deusas-verdes nas floreiras da entrada com bambus, orquídeas, pencas de amarantos pendentes e...

Baixou a tampa do computador.

– Preciso fugir do assunto de negócios por uns minutinhos. Primeiro, só para dizer que amo vocês, e que não sei o que teria feito sem vocês três na semana passada. Devem ter ficado de saco cheio de me ver me arrastando e choramingando...

– Fiquei mesmo – disse Laurel, erguendo a mão e acenando. O que fez Emma rir. – Na verdade, você se arrasta sem classe alguma. E ainda tem muito o que aprender quanto a choramingar. Espero que melhore no futuro.

– Vou tentar me esforçar. Mas nesse meio-tempo acabou. Estou bem. E como Jack não passou por aqui nem tentou me ligar, mandar e-mail ou sinal de fumaça, imagino que vocês tenham dito a ele para não fazer isso.

– Fizemos, sim – confirmou Parker.

– Obrigada por isso também. Eu precisava de tempo e distância para digerir tudo o que aconteceu e, bom, sair do buraco. Como também não vi sinal de Del, deduzo que vocês lhe pediram que ficasse longe por algum tempo.

– Parecia a melhor coisa a fazer – disse Mac.

– É provável que vocês tenham razão. Mas o fato é que somos todos amigos. Somos uma família. E temos que voltar a ser assim. Portanto, se vocês descobrirem um jeito de indicar que o campo está livre, podem mandar o sinal. Jack e eu podemos esclarecer as coisas, se for necessário, e tudo pode voltar ao normal.

– Se acredita que já está preparada...

– Estou, sim – disse ela, fazendo um aceno de cabeça na direção de Parker. – Então, passando ao vestíbulo...

Jack se sentou à mesinha do café.

– Obrigado por vir me encontrar, Carter.

– Estou me sentindo um espião. Tipo agente duplo – disse o outro, examinando o chá-verde à sua frente. – Acho que gosto disso.

– E então, como ela está? O que anda fazendo? O que está acontecendo? Diga alguma coisa, Carter, qualquer coisa. Já faz dez dias. Não posso falar com ela, não posso vê-la, nem mandar mensagens ou e-mail. Por quanto tempo vou ter que...? – ele se interrompeu, franzindo a testa. – Isso sou eu?

– Exatamente.

– Meu Deus, não aguento ficar perto de mim. – E, erguendo os olhos para a garçonete, pediu: – Morfina, por favor, dose dupla.

Ela reagiu com uma risada.

– Que tal um chá desses? – propôs Carter.

– Não cheguei a esse ponto. Ainda. Um café. Como ela está, Carter?

– Está bem. Há muito trabalho nessa época. Junho é... na verdade, é uma loucura. Ela está dedicando muitas horas ao trabalho. Todas estão. E Emma passa muito tempo em casa. Em geral, uma delas vai até lá, pelo menos por alguns instantes, à noite. A mãe de Emma também apareceu e sei que o encontro foi bem emocionante. Mac me contou. Esse é o papel do agente duplo. Emma não toca no assunto comigo. Não sou exatamente o inimigo, mas...

– Entendo. Também não tenho ido à livraria porque acho que Lucia não vai querer me ver.

Dividido entre o aborrecimento e a tristeza, Jack se recostou no banco.

– Del também não pode ir até lá. Por decreto da Parker. Meu Deus, parece até que eu a traí, a espanquei ou... É, estou tentando justificar. Como posso lhe dizer que lamento muito se não posso falar com ela?

– Você pode ir treinando o que vai dizer quando puder.

– Tenho feito muito isso. Com você é assim também, Carter?

– Na verdade não estou proibido de falar com Mac.

– O que estou querendo dizer é...

– Eu sei. É assim mesmo. Ela é a luz. Antes, você podia sair tateando no escuro ou se virar na penumbra. Aliás, nem sabia que estava na penumbra porque sempre tinha sido desse jeito, mas de repente ela é a luz. Tudo muda.

– E se a luz se apaga ou, o que é ainda pior, se você é imbecil o bastante para apagá-la, tudo fica infinitamente mais escuro que antes.

Carter se debruçou um pouco sobre a mesa.

– Acho que para ter a luz de volta, você precisa lhe dar motivo para isso. O que você diz é uma coisa, mas o importante é o que você faz.

Jack assentiu e pegou o celular que tinha tocado.

– É a Parker. Ok. Ok. É? – disse ele quando atendeu. – Ela está... O quê? Sinto muito. Ok. Obrigado, Parker. Ok, estarei aí.

Desligou o telefone.

– As portas se abriram. Tenho que ir, Carter. Há coisas que preciso...

– Claro, vá. Eu cuido disso aqui.

– Obrigado. Meu Deus, estou meio enjoado. Deseje-me sorte.

– Boa sorte, Jack.

– Vou precisar. – Levantou-se e dirigiu-se para a porta quase correndo.

Chegou à mansão exatamente na hora em que Parker havia marcado. Não queria irritá-la. O crepúsculo vinha descendo de mansinho, acompanhado do perfume de flores. Suas mãos estavam suadas.

Pela segunda vez em anos, tocou a campainha.

Parker veio abrir. O terninho cinza e o coque baixo na nuca lhe mostraram que ela ainda estava em clima de trabalho. Bastou vê-la, tão perto, tão jovial, tão linda, para Jack perceber como tinha sentido sua falta.

– Oi, Parker.

– Entre, Jack.

– Já andava me perguntando se voltaria a ouvir você dizer isso.

– Ela está pronta para falar com você. Então estou pronta para deixar que fale com ela.

– Será que você e eu voltaremos a ser amigos?

Ela o fitou, depois segurou o rosto dele com ambas as mãos e lhe deu um beijo.

– Você está péssimo, o que é um ponto a seu favor.

– Antes de falar com Emma, queria dizer que eu morreria se perdesse vocês. Você, Laurel, Mac. Morreria.

Desta vez, Parker passou os braços pela cintura dele e deixou que ele a abraçasse.

– A família perdoa. – Deu-lhe um abraço mais apertado antes de se afastar. – Que escolha temos? Vou lhe dar duas opções, Jack. E você vai fazer a sua escolha quando for ver Emma. A primeira: você não a ama...

– Parker, eu...

– Não, não me diga nada. Se você não a ama, se não pode lhe dar o que ela quer e precisa ter, não apenas por ela, mas também por você mesmo, termine tudo com uma conversa clara. Ela já o perdoou e vai aceitar isso. Não lhe prometa o que você não pode ou não quer lhe dar. Isso é algo que ela jamais vai superar, e você jamais será feliz. Segunda opção: se você a ama, se pode lhe dar o que ela quer e precisa ter, não apenas por ela, mas por você mesmo, posso lhe dizer como agir, o que vai fazer toda a diferença.

– Então me diga.

Emma ficou trabalhando até tarde e sozinha, como vinha fazendo quase toda noite. Isso logo ia passar, pensou. Sentia falta de gente, de conversa, de movimento. Estava praticamente pronta para voltar a sair da zona de segurança. Esclarecer as coisas, decidiu. Dizer o que precisava ser dito e então voltar a ser ela mesma.

Percebeu que também sentia falta da velha Emma.

Levou o trabalho recém-terminado para a câmara fria e voltou para limpar sua bancada de trabalho.

A batida à porta a deteve. Antes mesmo de abri-la, sabia que era Jack. Não havia ninguém mais

eficiente que Parker.

Ele estava carregando uma enorme braçada de dálias de um vermelho forte. O coração de Emma deu um pulo.

– Oi, Jack.

– Emma... – suspirou ele. – Emma... – repetiu. – Sei que é banal trazer flores para preparar o terreno, mas...

– Elas são lindas. Obrigada. Entre.

– Tem tanta coisa que eu queria dizer...

– Preciso pôr essas flores na água. – Virou-se, foi até a cozinha para pegar um vaso, um frasco do adubo que ela sempre mantinha já preparado e uma tesoura. – Compreendo que haja coisas que você queira dizer, mas tem algo que preciso dizer antes.

– Tudo bem.

Emma começou a cortar os caules sob água corrente.

– Primeiro, quero pedir desculpas.

– Não! – exclamou Jack, num tom de voz um tanto alterado. – Não faça isso.

– Vou pedir desculpas pelo jeito como agi e pelo que disse. Para começar porque, quando me acalmei, compreendi que você não estava bem, estava exausto, irritado. E eu, de forma muito deliberada, ultrapassei um limite.

– Não quero um maldito pedido de desculpas.

– Mas está recebendo um. Então, trate de lidar com isso. Eu estava com raiva porque você não me deu o que eu queria. – Emma começou a arrumar as flores, uma a uma. – Devia ter respeitado os seus limites, mas não fiz isso. Você foi grosso, portanto, isso seria culpa sua, mas eu o provoquei, então a culpa é minha. O mais importante, porém, é que prometemos um ao outro que continuaríamos amigos, e não mantive minha palavra. Quebrei essa promessa e sinto muito. – Nesse momento, Emma olhou para ele. – Lamento tanto por isso, Jack...

– Tudo bem. Já terminou?

– Não exatamente. Continuo sendo sua amiga. Só precisava de algum tempo. É muito importante para mim continuarmos amigos.

– Emma – começou ele, pondo a mão sobre a dela na bancada da cozinha. No entanto, ela retirou a mão e tratou de se ocupar com as flores.

– São lindas mesmo. Onde as conseguiu?

– Com seu fornecedor. Liguei, implorei, disse que eram para você.

Emma sorriu, mas manteve a mão fora de alcance.

– Está vendo? Como podemos não ser amigos se você tem a ideia de fazer algo assim? Não quero nenhum sentimento ruim entre nós. Ainda nos gostamos, vamos deixar todo o resto para trás.

– É o que você quer?

– É.

– Então está bem. Suponho que agora vamos tratar do que eu queria dizer. Vamos dar uma volta. Preciso de um ar fresco para começar.

– Claro.

Orgulhosa de si mesma, Emma deixou de lado a tesoura e o vaso.

Assim que chegaram ao lado de fora, ela enfiou as mãos nos bolsos. Podia perfeitamente fazer isso, pensou. Estava fazendo, e bem. Mas não conseguiria se ele a tocasse. Não estava pronta para isso, ainda.

– Naquela noite – começou ele –, eu estava exausto, irritado e tudo o mais, só que você não estava enganada quando disse o que disse. Eu, por minha conta, não tinha entendido. Não mesmo. Que eu tinha erguido todos aqueles escudos e barreiras. Tenho pensado nisso desde então. No por quê. A melhor ideia que tive é que quando meus pais se separaram e eu fiquei com o meu pai, havia coisas... de outras mulheres. No banheiro ou pela casa. Aquilo me deixava chateado. Eles tinham se separado, mas...

– Eram seus pais. Claro que aquilo o deixava chateado.

– Nunca superei o divórcio deles.

– Ah, Jack.

– Um clichê, mas é verdade. Eu era criança, vivia despreocupado e de repente... Um dia eles se amavam, eram felizes. De repente não se amavam mais nem eram felizes.

– Essas coisas nunca são tão fáceis, não é algo que se decide e pronto.

– Isso é lógica e razão. Não é o que eu sentia. Recentemente me ocorreu que eles eram capazes de se comportar de forma civilizada, de construir uma vida boa e feliz separados, sem viver numa guerra constante e sem fazer de mim uma vítima. Peguei isso e distorci o seu sentido. Não faça promessas, não construa um futuro porque sentimentos mudam e acabam.

– É verdade. Você não está errado, mas...

– Mas – atalhou ele – deixe que eu diga isso a você. Mas se você não pode confiar em si mesmo e em seus próprios sentimentos, se não pode se arriscar nesse sentido, de que serve tudo isso? É um salto, e acho que, se você decide saltar, se você diz que vai fazer isso, tem que saber o que está fazendo. É melhor ter certeza porque você não é a única pessoa envolvida e não é só o agora. Você tem que acreditar para dar o salto.

– Tem razão. Agora entendo melhor por que as coisas... Bom, o porquê.

– Acho que nós dois entendemos melhor. Sinto muito por ter feito você não se sentir acolhida. Sinto muito por você estar achando que ultrapassou um limite ao tentar fazer alguma coisa para mim. Alguma coisa que eu deveria ter valorizado. Que eu valorizo – emendou Jack. – Tenho regado as plantas.

– Ótimo.

– Você tinha... Meu Deus, senti tanta saudade... Não consigo me lembrar de nada que pensei em dizer, que ensaiei. Não consigo lembrar porque estou olhando para você, Emma. Você tinha razão. Eu não soube lhe dar o devido valor. Será que pode me dar outra chance? Por favor, me dê outra chance.

– Jack, não podemos voltar atrás e...

– Voltar atrás, não, seguir adiante. – Pegando-a pelo braço, ele a virou para ficarem frente a frente. – Seguir adiante. Tenha dó de mim, Emma. Me dê outra chance. É só você que eu quero.

Preciso da sua... luz – disse ele, lembrando-se da palavra usada por Carter. – Preciso do seu coração e do seu riso, do seu corpo, do seu cérebro. Não me dispense, Emma.

– Começar daqui quando nós dois queremos coisas diferentes, precisamos de coisas diferentes... Não seria certo para nenhum de nós. Não posso fazer isso.

Quando os olhos dela se encheram de lágrimas, ele a puxou para si.

– Deixe-me tentar. Deixe-me dar o salto. Por sua causa, Emma, eu acredito. Com você não é só o agora, é amanhã e o que quer que ele traga. Amo você. Amo você.

Quando a primeira lágrima rolou, ele se moveu um pouco junto com ela.

– Amo você. Estou tão apaixonado por você que nem consegui perceber. Não consegui ver porque isso é tudo, você é tudo. Fique comigo, Emma, fique comigo.

– Estou com você. Quero... O que você está fazendo?

– Dançando com você – respondeu ele, levando a mão dela aos lábios para beijá-la. – No jardim, à luz da lua.

O coração de Emma estremeceu, pulou no seu peito e todos os pedacinhos se juntaram.

– Jack.

– E estou lhe dizendo que a amo. Estou lhe pedindo para construir uma vida comigo. – Ele a beijou enquanto giravam, deslizavam. – Estou lhe pedindo para me dar o que preciso, o que quero, embora eu tenha demorado tanto para descobrir isso. Estou lhe pedindo para se casar comigo.

– Casar com você?

– Casar comigo. – O salto foi tão fácil, a aterrissagem tão suave e certeira... – Viver comigo. Acordar comigo, plantar flores para mim e provavelmente me lembrar de regá-las. Vamos fazer planos e mudá-los à medida que o tempo for passando. Vamos construir um futuro. Vou lhe dar tudo o que eu tiver e, se precisar de mais alguma coisa, vou buscar e lhe dar também.

Emma ouviu suas próprias palavras voltarem para ela no ar perfumado, sob o luar, enquanto o homem que ela amava a fazia girar numa valsa.

– Acho que acabou de fazer exatamente isso. Acabou de me dar um sonho.

– Diga que sim.

– Tem certeza?

– Até que ponto você me conhece?

Sorrindo, ela piscou os olhos para secar as lágrimas.

– Muito bem.

– Eu lhe pediria para se casar comigo se não tivesse certeza?

– Não, não pediria. Até que ponto você me conhece, Jack?

– Muito bem.

Ela procurou os lábios dele, toda entregue à felicidade.

– Então, sabe qual é a minha resposta.

Na varanda do terceiro andar, as três mulheres estavam paradas olhando, abraçadas pela cintura. Atrás delas, a Sra. Grady suspirou.

Quando Mac fungou, Parker enfiou a mão no bolso para pegar um pacote de lenço de papel. Ofereceu um a Mac, um a Laurel, um à Sra. Grady e pegou um para si mesma.

– Que lindo – Mac conseguiu dizer. – Eles estão tão lindos. Olhem só essa luz, o tom prateado, as sombras das flores, o brilho e a silhueta formada por Jack e Emma juntos.

– Você está pensando em fotos – disse Laurel, secando os olhos. – O que há ali é romance de verdade.

– Não só em fotos. Em momentos. Esse é o momento de Emma. Sua borboleta azul. E provavelmente não deveríamos estar aqui olhando. Se eles nos virem, o encanto vai se quebrar.

– Eles só conseguem ver um ao outro. – Parker pegou a mão de Mac e a de Laurel, e sorriu quando sentiu que a da Sra. Grady tinha pousado em seu ombro.

Aquele momento estava sendo exatamente como deveria ser.

As três ficaram olhando, vendo Emma dançar, na noite branda de junho, ao luar, no jardim, com o homem que ela amava.

sobreaautora

© Bruce Wilder



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios por vários de seus livros, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. O jornal *The New Yorker* já a chamou de "a romancista favorita dos Estados Unidos".

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett *Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de William P. Young *A farsa, A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown *Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento* e *À primeira vista,* de Nicholas Sparks *Julieta*, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams *O nome do vento* e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br
 facebook.com/editora.arqueiro
 twitter.com/editoraarqueiro
 instagram.com/editoraarqueiro
 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

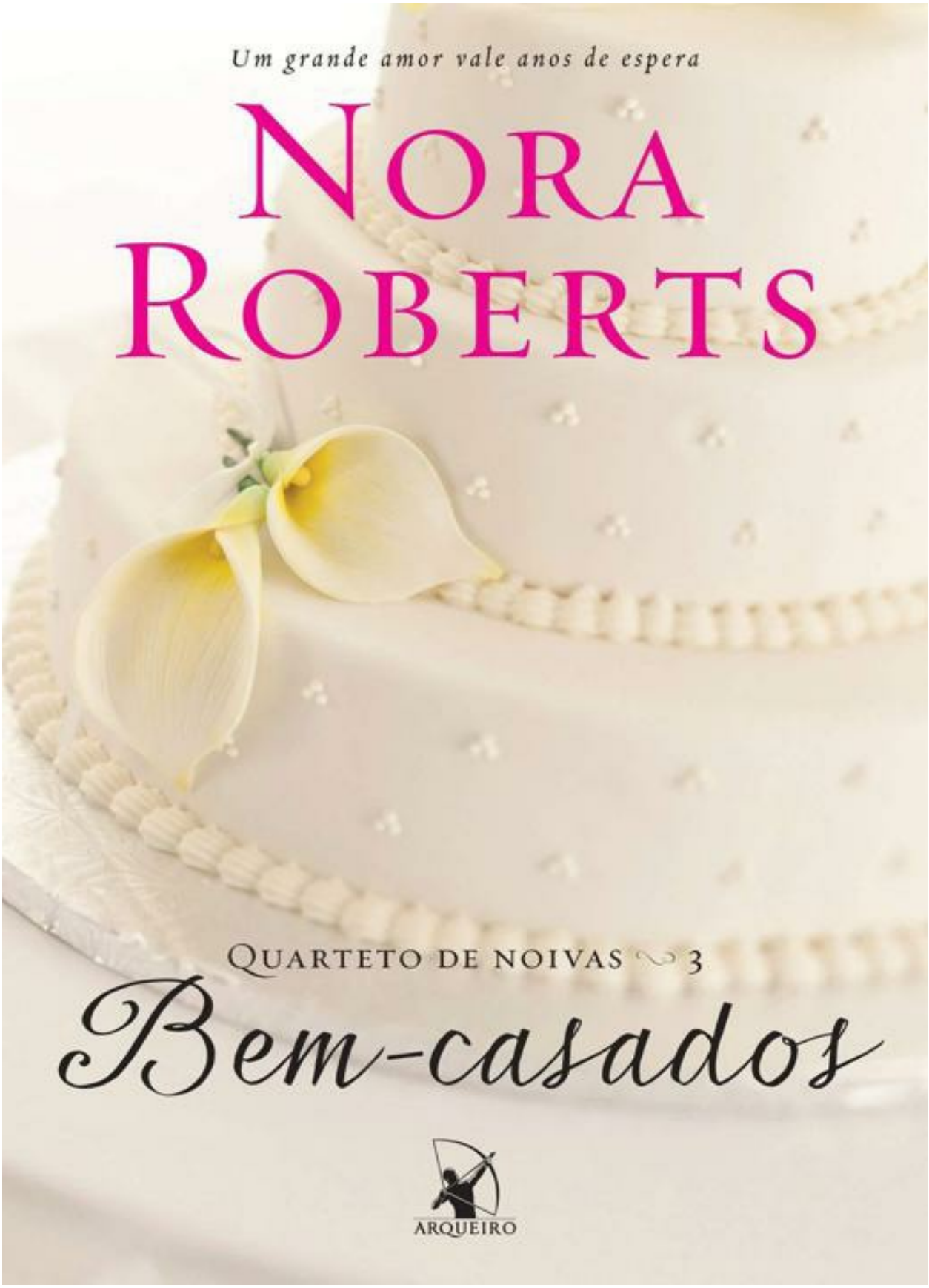
s u m á r i o

Créditos
prólogo
capítulo um
capítulo dois
capítulo três
capítulo quatro
capítulo cinco
capítulo seis
capítulo sete
capítulo oito
capítulo nove
capítulo dez
capítulo onze
capítulo doze
capítulo treze
capítulo catorze
capítulo quinze
capítulo dezesseis
capítulo dezessete
capítulo dezoito
capítulo dezenove
capítulo vinte
sobre a autora
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro

Um grande amor vale anos de espera

NORA ROBERTS



QUARTETO DE NOIVAS ~ 3

Bem-casados

ARQUEIRO

Bem-casados



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Nora Roberts

Quarteto de noivas 3

Bem-casados



Star Books Digital

https://t.me/StarBooksDigital
https://t.me/SBDLivros

Título original: *Savor the moment*

Copyright © 2010 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase *preparo de originais:* Taís Monteiro *revisão:* Flávia Midori e Cristhiane Ruiz *diagramação:* Valéria Teixeira *capa:* Miriam Lerner *imagem de capa:* Comstock Images *Stockbyte* Getty Images *adaptação para ebook:* SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549b

Roberts, Nora, 1950—
Bem-casados [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Maria Clara de Biase]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Savor the moment Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-306-9 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. II. Título.

14-13409

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meu irmão Jim,
o doceiro da família

Eu canto os riachos, os botões, pássaros e
caramanchões;
As flores de abril, maio, junho e julho, Eu canto os mastros
com fitas, romarias, festividades
e orgias,
Os noivos, as noivas e os seus bolos de casamento.
– Robert Herrick

Na verdade, pergunto-me, o que tu e eu fizemos Até nos
amarmos?
– Donne

prólogo

Quando o último ano do ensino médio chegava ao fim, Laurel McBane se deu conta de um fato incontestável.

O baile de formatura era um inferno.

Durante semanas todos só falavam de quem poderia convidar quem, quem realmente tinha convidado quem – e quem tinha convidado o quem alheio, provocando tristeza e histeria.

Na opinião dela, na época do baile as garotas sofriam da agonia do suspense e de uma passividade constrangedora. Os corredores, as salas de aula e o pátio eram tomados por emoções que iam da euforia causada pelo convite feito por determinado rapaz a lágrimas amargas pela ausência de convite de outro.

Tudo girava em torno de "um cara", algo que Laurel considerava estúpido e desmoralizante.

E depois a histeria continuava, intensificando-se pela busca de vestido e sapatos e a discussão febril sobre o uso dos cabelos presos ou soltos. Limusines, festas pós-baile, suítes de hotel – e o sim, não ou talvez do sexo.

Laurel teria ignorado tudo isso se suas amigas, especialmente Parker Brown, não tivessem se unido contra ela.

Agora sua poupança – todo o dinheiro recebido em incontáveis horas trabalhando como garçonete – sofrera uma baixa considerável por causa do saque para comprar um vestido que ela provavelmente nunca mais usaria, os sapatos, a bolsa e todo o resto.

Também podia culpar as amigas por isso. Tinha sido arrastada às compras por Parker, Emmaline e Mackensie, e gastara mais do que deveria.

A ideia que Emma sugerira, de pedir dinheiro aos pais para o vestido, não era, na opinião de Laurel, uma opção. Podia ser uma questão de orgulho, mas as finanças tinham se tornado um assunto muito delicado na família McBane desde o fiasco dos investimentos de risco do pai e o pequeno problema da auditoria da Receita Federal.

Não pediria nada a nenhum dos dois. Ganhava o próprio dinheiro havia muitos anos.

Disse a si mesma que aquilo não importava. Não tinha chegado nem perto de economizar o suficiente para as mensalidades do Instituto de Culinária ou suas despesas em Nova York, apesar do tempo que passara no restaurante depois da escola e nos fins de semana. O preço de ficar linda por uma noite não mudava nada disso – e, nossa, ela realmente estava linda.

Ajeitou os brincos enquanto, do outro lado do quarto, Parker e Emma testavam penteados em Mac, que cortara os cabelos em um ato impulsivo que lembrou a Laurel a travessia do rio Rubicão por Júlio César. Elas experimentaram grampos, spray com *glitter* e presilhas decoradas

no que tinha restado dos fios ruivos de Mac enquanto as três falavam sem parar ao som de Aerosmith.

Laurel gostava de ouvi-las assim, quando estava um pouco à parte. Talvez especialmente quando se sentia um pouco à parte. Tinham sido amigas a vida toda e agora – com ou sem rito de passagem – as coisas estavam mudando. No outono, Parker e Emma iriam para a universidade, e Mac ficaria trabalhando e estudando fotografia.

Com o fim do sonho de cursar o Instituto de Culinária por motivos financeiros e o mais recente colapso conjugal dos pais, Laurel se conformara em ir para uma faculdade comunitária em regime de meio período. Fazer cursos de negócios, imaginava. Tinha de ser prática. Realista.

Mas não ia pensar nisso agora. Podia muito bem aproveitar o momento, o ritual que Parker, do seu jeito, planejara.

Parker e Emma iriam ao baile de formatura na escola particular em que estudavam, e ela e Mac iriam ao seu na pública, mas elas tinham aquele tempo juntas, para se vestir e se maquiar. Os pais das duas primeiras esperavam lá embaixo, onde haveria fotografias, exclamações de orgulho como "Ah, vejam só as nossas filhas!", abraços e olhos marejados.

A mãe de Mac era egocêntrica demais para se importar com o baile da filha, o que, considerando o temperamento de Linda, só podia ser uma coisa boa. E os pais de Laurel? Bem, eles estavam concentrados demais nas próprias vidas, nos próprios problemas, para se importarem de saber onde a filha estava ou o que faria naquela noite.

Ela se acostumara a essa atitude. Até mesmo preferira que fosse assim.

– Só os brilhos de fada – decidiu Mac, inclinando a cabeça de um lado para outro para avaliar. – Meio Sininho. No bom sentido.

– Acho que você tem razão. – Parker, com os cabelos castanhos lisos e brilhantes descendo em cascata pelas costas, assentiu com a cabeça. – Despretensioso com um toque de rebeldia. O que acha, Em?

– Acho que precisamos realçar mais os olhos, torná-los mais dramáticos. – Os olhos de Emma, sonhadores e de um castanho profundo, se estreitaram enquanto ela pensava. – Consigo fazer isso.

– Então faça. – Mac deu de ombros. – Mas não demore muito, está bem? Ainda tenho que me preparar para a fotografia da turma.

– Estamos dentro do horário. – Parker olhou para seu relógio. – Ainda temos meia hora antes de... – Ela se virou e viu Laurel. – Nossa, você está linda!

– Uau, está mesmo! – Emma bateu palmas. – Eu sabia que o vestido tinha que ser esse. O rosa brilhante realça seus olhos azuis.

– Acho que sim.

– Só está faltando uma coisa. – Parker correu até a cômoda e abriu a gaveta que continha sua caixa de joias. – Esta presilha de cabelo.

Laurel, a garota magra com um vestido cor-de-rosa brilhante, os cabelos clareados pelo sol arrumados em cachos longos e soltos – por insistência de Emma –, deu de ombros.

– Tudo bem.

Parker encostou a presilha nos cabelos de Laurel em ângulos diferentes.

– Anime-se! – ordenou. – Você vai se divertir.

Por Deus, pare com isso, Laurel!

– Eu sei. Desculpe. Seria muito mais divertido se nós quatro fôssemos ao mesmo baile, principalmente porque estamos lindas de morrer.

– Sim, seria. – Parker decidiu puxar alguns dos cachos para os lados e prendê-los atrás. – Mas vamos nos encontrar depois e nos divertir muito. Quando tudo acabar, vamos voltar para cá e conversar sobre a noite. Aqui, dê uma olhada.

Ela virou Laurel para o espelho e as garotas avaliaram a própria aparência e a das amigas.

– Eu realmente estou linda – comentou Laurel, fazendo Parker sorrir.

Depois de uma batidinha rápida, a porta se abriu. A Sra. Grady, governanta de longa data dos Browns, pôs as mãos nos quadris para fazer uma inspeção.

– Vocês estão bem – disse ela. – O que era de esperar depois de todo esse alvoroço. Terminem com isso e desçam para as fotos. Você. – Ela apontou o dedo para Laurel. – Precisamos ter uma conversinha, minha jovem.

– O que eu fiz? – perguntou Laurel olhando de uma amiga para outra enquanto a Sra. Grady se afastava a passos largos. – Eu não fiz nada.

Mas, como a palavra da governanta era lei, Laurel correu atrás dela.

Na sala de estar da família, a Sra. G. se virou, de braços cruzados. *Vem sermão aí*, pensou Laurel, com o coração aos pulos, tentando se lembrar de algo que pudesse ter feito para merecer uma repreensão da mulher que, durante toda a adolescência, fora mais mãe para ela do que sua própria mãe.

– Então – começou a Sra. Grady. – Acho que agora todas vocês se consideram adultas.

– Eu...

– Bem, pois não são. Mas estão chegando lá. Vocês quatro andam por aqui sob meus cuidados desde que usavam fraldas. Isso vai mudar um pouco, já que cada uma vai seguir a própria trajetória. Pelo menos por um tempo. Um passarinho me contou que seu caminho é Nova York e aquela faculdade chique de culinária.

O coração de Laurel deu mais um pulo e então ela sentiu uma pontada de tristeza.

– Não, eu... err... vou continuar trabalhando no restaurante e tentar fazer alguns cursos na...

– Não, não vai. – Mais uma vez, a Sra. G. lhe apontou um dedo. – Agora, é melhor uma garota da sua idade em Nova York ser esperta e cuidadosa. E, pelo que eu soube, se você quiser se dar bem naquela faculdade, tem de se esforçar muito. É muito mais do que fazer biscoitos e coberturas bonitas.

– É uma das melhores, mas...

– Então você vai ser uma das melhores. – A Sra. G. enfiou a mão no bolso e entregou um cheque a Laurel. – Isto vai dar para as despesas do primeiro semestre: mensalidades, um lugar decente para morar e comida suficiente para manter seu corpo funcionando. Faça bom uso disto, menina, ou vai se ver comigo. Se fizer o que acho que é capaz de fazer, falaremos sobre o próximo semestre no momento oportuno.

Laurel olhou para o cheque em sua mão, perplexa.

– A senhora não pode... Eu não posso...

– Eu posso e você pode. Está decidido.

– Mas...

– Não acabei de dizer que está decidido? Se você me decepcionar, juro que a coisa vai ficar feia. Parker e Emma estão indo para a faculdade e Mackensie está decidida a se dedicar em tempo integral à fotografia. Seu caminho é outro, portanto o siga. É o que quer, não é?

– Mais do que tudo. – Lágrimas começaram a brotar nos olhos e ela sentiu um nó na garganta. – Sra. G., não sei o que dizer. Vou lhe pagar. Vou...

– É claro que vai. Vai me pagar se tornando alguém na vida. Agora isso depende de você.

Laurel atirou os braços ao redor da governanta.

– A senhora não vai se arrepender. Vou fazê-la sentir orgulho de mim.

– Sei disso. Bem, agora vá acabar de se arrumar.

Laurel continuou agarrada a ela por mais um instante.

– Nunca me esquecerei disso – sussurrou. – Nunca. Obrigada. Obrigada, obrigada!

Ela correu para a porta, ansiosa para dar a notícia às amigas, então se virou, jovial e radiante.

– Mal posso esperar para começar.

capítuloum

Sozinha, ouvindo Norah Jones sussurrar pelo iPod, Laurel transformou um painel de fondant em uma amostra de renda elegante e comestível. Não ouvia de fato a música: usava-a mais para preencher o ambiente do que como entretenimento, enquanto posicionava com cuidado o painel sobre a segunda de quatro camadas.

Recuou para ver o resultado e deu a volta no bolo em busca de defeitos. Os clientes da Votos esperavam perfeição, e era isso que pretendia lhes dar. Satisfeita, fez um sinal afirmativo com a cabeça e pegou uma garrafa de água para bebericar enquanto alongava as costas.

– Duas prontas, duas por vir.

Olhou para o quadro em que afixara várias amostras de renda antiga e o esboço do design final do bolo que a noiva de sexta-feira à noite aprovara.

Tinha que finalizar mais três designs, dois para sábado e um para domingo – mas isso não era novidade. Na Votos, empresa de organização de casamentos e eventos que administrava com as amigas, junho era um mês movimentado.

Em poucos anos, elas haviam transformado uma ideia em uma companhia bem-sucedida. Às vezes um pouquinho bem-sucedida demais, pensou Laurel, motivo pelo qual estava fazendo renda de fondant quase à uma da manhã.

Isso era ótimo, concluiu. Adorava seu trabalho.

Todas elas tinham suas paixões. A de Emma eram as flores, a de Mac a fotografia, a de Parker os detalhes. E a dela, os bolos. E os doces, refletiu. E os chocolates. Mas, acima de tudo, os bolos.

Voltou ao trabalho e começou a estender o painel seguinte. Por hábito, prendera os cabelos louros brilhantes, a fim de que não a atrapalhassem. O avental que usava sobre a calça e a camiseta de algodão estava coberto de amido de milho e os sapatos para cozinha mantinham seus pés confortáveis depois de horas em pé. As mãos, após anos amassando, enrolando e erguendo, eram hábeis e rápidas. Ao começar o próximo padrão, seu rosto angular e bem definido se tornou sério.

Quando se tratava de sua arte, a perfeição não era apenas um objetivo. Para a confeitaria da Votos, era uma necessidade. Um bolo de casamento era mais do que assar e decorar, mais do que glacê e recheio. Assim como as fotos que Mac tirava eram mais do que imagens e os arranjos e buquês que Emma criava eram mais do que flores. Os detalhes, o planejamento e os desejos que Parker conciliava eram, no final, maiores do que a soma de suas partes.

Juntos, os elementos se tornavam um acontecimento único, a celebração da jornada que duas pessoas tinham decidido trilhar juntas.

Era romântico, sem dúvida, e Laurel acreditava em romance. Pelo menos na teoria. Além disso, acreditava em símbolos e comemorações. E em um bolo realmente fabuloso.

O deleite suavizou suas feições quando ela completou a terceira camada, e seus olhos azuis profundos se enterneceram ao ver Parker à porta.

– Por que não está na cama?

– Detalhes. – Parker traçou um círculo com um dedo acima da própria cabeça. – Não conseguia parar de pensar. Há quanto tempo está aí trabalhando?

– Algum tempo. Tenho que terminar para o fondant se acomodar durante a noite. E amanhã preciso montar e decorar os dois bolos de sábado.

– Quer companhia?

Elas se conheciam bem o suficiente para Parker saber que, se Laurel dissesse não, ela não deveria se ofender. E, muitas vezes, quando ela estava mergulhada no trabalho, a resposta era negativa.

– Claro.

– Adorei o design. – Parker, como Laurel fizera, circundou o bolo. – A delicadeza do branco sobre branco, o efeito das alturas diferentes de cada camada, a complexidade de todas elas. Realmente parecem painéis diferentes de renda. Antigo, vintage, esse é o tema da nossa noiva. Você acertou em cheio.

– Vamos pôr fita azul-clara em volta do pedestal – disse Laurel, começando o último painel. – E Emma vai espalhar pétalas de rosas brancas na base. Vai ficar o máximo.

– É bem fácil trabalhar com essa noiva.

Confortável em seu pijama e com os cabelos castanhos compridos soltos em vez de presos em um rabo de cavalo elegante ou um coque que costumava usar para trabalhar, Parker preparou a chaleira. Um dos privilégios de administrar o negócio de casa, com Laurel morando lá – e Emma e Parker também vivendo na propriedade –, eram aquelas visitas tarde da noite.

– Ela sabe o que quer – comentou Laurel, escolhendo uma ferramenta para aparar as bordas do painel. – Mas é aberta a sugestões, e até agora não agiu como uma maluca nenhuma vez. Se continuar assim durante as próximas 24 horas, definitivamente vai conquistar o cobiçado status de Melhor Noiva da Votos.

– Eles pareciam felizes e relaxados no ensaio ontem à noite, o que é um bom sinal.

– Ahã. – Laurel continuou o padrão com furos e pontos posicionados com precisão. – Então, mais uma vez, por que não está dormindo?

Parker suspirou enquanto colocava água para esquentar no pequeno bule de chá.

– Acho que eu estava aproveitando o momento. Relaxando na varanda com uma taça de vinho. Dava para ver as casas de Mac e Emma. As luzes estavam acesas lá, e era possível sentir o cheiro dos jardins. Estava tão silencioso, tão bonito... As luzes se apagaram, primeiro as de Emma e um pouco depois as de Mac. Pensei em nossos planos para o casamento de Mac, e que Emma acabou de ficar noiva. E relembrei todas as vezes que brincamos de Casamento, nós quatro, quando éramos crianças. Agora isso é real. Fiquei sentada lá na escuridão, em silêncio, e desejei que meus pais estivessem aqui para ver isso. Ver o que fazemos e quem somos agora. Fiquei paralisada. – Ela parou para medir o chá. – Senti um misto de tristeza por eles terem partido e

alegria por saber que se orgulhariam de mim. De nós.

– Eu penso muito neles também. Todas nós pensamos. – Laurel continuou a trabalhar. – Eles foram uma parte essencial de nossas vidas, e há muitas lembranças deles aqui. Então, entendo o que você quer dizer.

– Eles iam ficar muito felizes por Mac e Carter e por Emma e Jack, não iam?

– Iam, sim. E o que fizemos aqui, Parker? É incrível. Iam ficar muito orgulhosos com isso também.

– Que sorte você estar acordada trabalhando. – Parker colocou as ervas no bule e tirou-o do fogo. – Você me acalmou.

– Disponha. Sabe quem também tem sorte? A noiva de sexta-feira. – Ela afastou uma mecha de cabelos dos olhos enquanto assentia com a cabeça. – O bolo ficou sensacional. E quando eu fizer a parte de cima, os anjos vão chorar de alegria.

– Nossa, Laurel, você precisa se orgulhar mais do seu trabalho.

Laurel sorriu.

– Dane-se o chá. Estou quase terminando aqui. Vamos tomar uma taça de vinho.



De manhã, após seis horas de sono profundo, Laurel fez uma sessão rápida na sala de ginástica antes de se arrumar para o trabalho. Ficaria presa na cozinha durante a maior parte do tempo, mas antes de o dia começar havia a reunião de cúpula que precedia cada evento.

Ela desceu rapidamente a escada de sua ala no terceiro andar para o nível principal da espaçosa casa e foi para a cozinha da família, onde a Sra. Grady arrumava uma bandeja de frutas.

– Bom dia, Sra. G.

A governanta levantou as sobrancelhas.

– Você parece animada.

– E estou. Me sinto ótima. – Ela fechou as duas mãos e flexionou os músculos. – Quero café. Muito.

– Parker já subiu com o café. Você pode levar estas frutas, os pães e os bolos. Coma alguma fruta. Não é bom começar o dia com pão doce.

– Sim, senhora. Alguém mais já chegou?

– Ainda não, mas vi Jack sair com a picape agora há pouco, e Carter deve estar chegando com aqueles olhos de cachorrinho triste na esperança de um café da manhã decente.

– Vou parar de atrapalhar.

Laurel pegou as bandejas e as equilibrou com a experiência da garçonete que já tinha sido.

Levou-as para cima, para a biblioteca que agora servia de sala de reunião da Votos. Parker estava sentada à grande mesa, com o serviço de café no aparador. Como sempre, seu celular Blackberry estava ao alcance da mão. O rabo de cavalo elegante deixava seu rosto à mostra e a blusa branca transmitia profissionalismo enquanto ela bebericava o café e estudava os dados no laptop com os olhos azul-escuros que Laurel sabia que não deixavam escapar nada.

– Provisões – anunciou Laurel. Ela pousou as bandejas e pôs uma mecha de cabelo à altura do queixo atrás da orelha antes de obedecer à Sra. Grady e se servir de uma pequena tigela de frutas

silvestres. – Senti sua falta na sala de ginástica hoje. Acordou a que horas?

– Às seis, o que foi bom, porque a noiva de sábado ligou um pouco depois das sete. O pai dela tropeçou no gato e talvez tenha quebrado o nariz.

– Nossa!

– Ela está preocupada com o pai, mas também com a aparência dele no casamento e nas fotos. Vou ligar para a maquiadora e ver o que ela pode fazer.

– Sinto muito pela falta de sorte do pai da noiva, mas, se esse for o maior problema neste fim de semana, será uma sorte.

Parker ergueu um dedo.

– Não brinque com isso.

Mac entrou calmamente, alta e esguia, de jeans e camiseta preta.

– Olá, garotas.

Laurel franziu os olhos ao notar o sorriso fácil e os olhos verdes sonolentos da amiga.

– Você está com cara de quem acabou de transar.

– Acabei de transar espetacularmente, obrigada por reparar. – Ela se serviu de café e pegou um *muffin*. – E você?

– Você é má...

Com uma risada, Mac desabou na cadeira e esticou as pernas.

– Prefiro meu exercício matinal à sua esteira e seus aparelhos de musculação.

– Má e mesquinha – disse Laurel, e comeu uma framboesa.

– Eu adoro o verão quando o amor da minha vida não tem de se levantar e sair cedo para instruir mentes jovens. – Ela abriu o laptop. – Agora que estou satisfeita de todos os modos possíveis, vamos ao trabalho.

– O pai da noiva de sábado à tarde talvez tenha quebrado o nariz – contou Parker.

– Droga. – Mac franziu a testa. – Se eles quiserem, posso disfarçar bastante com o Photoshop, mas isso é uma tapeação. As coisas são como são e isso torna a lembrança divertida. Na minha opinião.

– Vamos ver o que a noiva vai achar quando ele voltar do médico.

Parker ergueu os olhos quando Emma entrou apressada.

– Não estou atrasada. Ainda faltam vinte segundos. – Com os cachos pretos balançando, ela se dirigiu ao aparelho de café. – Eu acabei dormindo de novo. Depois.

– Ah, eu também odeio você – murmurou Laurel. – Precisamos de uma nova regra. Ninguém se gabar em reuniões de trabalho de ter feito sexo quando metade de nós não tem com quem fazer.

– Apoiado – exclamou Parker no mesmo instante.

– Droga.

Sorrindo, Emma pôs uma porção de frutas em uma tigela.

– O pai da noiva de sábado à tarde talvez tenha quebrado o nariz.

– Droga – repetiu Emma, sinceramente preocupada.

– Vamos lidar com isso quando tivermos mais detalhes, mas, seja como for, eu e Mac ficaremos responsáveis pelo assunto. Eu a manterei informada – disse Parker, dirigindo-se a Mac.

– Agora, sobre o evento de hoje à noite... Todas as damas de honra, parentes e convidados de fora da cidade chegaram. A noiva, a mãe dela e as damas de honra virão aqui às três para fazer o cabelo e a maquiagem. A mãe do noivo tem hora marcada em outro salão e deve chegar às quatro, junto com o pai dele. O pai da noiva virá com a filha. Nós os manteremos felizes e ocupados até a hora das fotos. Mac?

– O vestido da noiva é uma beleza. Romântico vintage. Vou dar destaque a ele.

Enquanto Mac delineava seus planos e horários, Laurel se levantou para pegar uma segunda xícara de café. Tinha feito algumas anotações e continuou a tarefa quando Emma assumiu o comando da reunião. Como a maior parte do trabalho de Laurel estava terminado, ela interferiria quando e onde fosse necessário.

Essa era uma rotina que elas tinham aperfeiçoado desde que a Votos deixara de ser um conceito e se transformara em realidade.

– Laurel – disse Parker.

– O bolo está pronto, e ficou lindo. É pesado, por isso precisarei de ajuda para levá-lo até o lugar da recepção, mas o projeto não exige nenhuma montagem no local. Precisarei que você ponha a fita e as pétalas de rosa, Emma, quando ele já estiver lá, mas só na hora de servir. Eles optaram por não ter bolo do noivo, e escolheram vários doces e chocolates em forma de coração. Também já estão prontos, e os serviremos em porcelana branca com papel rendado combinando com o estilo do bolo. A toalha da mesa do bolo é azul-clara, rendada. A faca e a espátula foram fornecidas pelos noivos. Eram da avó da noiva e vamos ter de ficar de olho nelas.

Laurel deu um gole no café e continuou:

– Hoje vou trabalhar nos bolos de sábado durante a maior parte do dia, mas devo estar livre às quatro, se alguém precisar de mim. No fim do evento, os auxiliares vão pôr as sobras de bolo em caixas e amarrá-las com fitas azuis em que gravamos os nomes dos noivos e a data. Farão o mesmo com o que restar dos chocolates ou doces. Mac, eu gostaria de tirar uma foto do bolo para meus arquivos. Nunca tinha feito esse design.

– Certo.

– E, Emma, preciso das flores para o bolo de sábado à noite. Pode trazê-las quando vier se vestir para o evento de hoje?

– Sem problemas.

– Agora, falando sobre o lado pessoal... – Mac ergueu a mão pedindo atenção. – Ninguém mencionou que o novo casamento da minha mãe é amanhã, na Itália. Felizmente estamos a muitos quilômetros de distância, em nosso lar aqui em Greenwich, Connecticut. Ela me ligou hoje às cinco e pouco da manhã, já que Linda não entende o conceito de fuso horário e... bem, vamos admitir... não dá a mínima para isso.

– Por que você não deixou tocar? – perguntou Laurel enquanto Emma estendia a mão para afagar a perna de Mac em uma demonstração de solidariedade.

– Porque ela simplesmente continuaria telefonando e estou tentando lidar com ela. Desta vez nos meus termos, pra variar um pouco. – Mac passou os dedos pelos cabelos ruivos vibrantes. – Houve, conforme o esperado, lágrimas e recriminações porque ela decidiu que me quer lá. Ao contrário de uma semana atrás, quando não queria. Como não tenho a menor intenção de pegar

um avião para vê-la se casar pela quarta vez, sobretudo porque tenho um evento hoje à noite, dois amanhã e outro no domingo, ela parou de falar comigo.

– Se ao menos isso fosse durar...

– Laurel – murmurou Parker.

– Estou falando sério. Você tem que dizer a ela o que pensa – lembrou Laurel a Parker. – Eu não fiz isso e agora só posso lamentar.

– O que eu agradeço – disse Mac. – Do fundo do coração. Mas, como pode ver, não me acovardei, não estou me sentindo culpada nem irritada. Acho que há uma vantagem em encontrar um homem sensato, amoroso e confiável de verdade. Uma vantagem além do maravilhoso sexo matinal. Todas vocês estiveram do meu lado quando precisei lidar com Linda, tentaram me ajudar a suportar as exigências e a insanidade dela. Acho que Carter só conseguiu equilibrar as coisas, e agora sou capaz de lidar com isso. Queria que vocês soubessem.

– Eu mesma faria sexo com ele todos os dias de manhã apenas por isso.

– Tire o olho, McBane. Mas agradeço pela consideração. Então... – Ela se levantou. – Quero trabalhar um pouco antes de precisar me concentrar no evento de hoje. Depois vou dar uma passada aqui para tirar algumas fotos do bolo.

– Espere, eu vou com você. – Emma se levantou. – Volto logo com a equipe e trago as flores, Laurel.

Depois que elas foram embora, Laurel continuou sentada por mais algum tempo.

– Ela estava mesmo falando sério.

– Sim, estava.

– E ela tem razão. – Laurel aproveitou o último momento para se recostar e relaxar com seu café. – Foi Carter quem girou a chave na fechadura. Eu me pergunto como é ter um homem capaz de fazer isso, de ajudar dessa maneira sem pressionar. Capaz de amar assim. Acho que a invejo mais por isso do que pelo sexo. – Ela deu de ombros e se levantou. – É melhor eu ir trabalhar.

Laurel não teve tempo de pensar em homens nos dias que se seguiram. Não teve tempo nem energia para pensar em amor e romance. Podia estar mergulhada até o pescoço em casamentos, mas aquilo era trabalho, e um trabalho que exigia foco e precisão.

Seu bolo Renda Antiga, que ela demorara quase três dias para criar, teve seu momento sob os holofotes – antes de ser cortado e devorado. Na tarde de sábado, ela apresentou seu fantástico Pétalas Claras, com centenas de pétalas cor-de-rosa de pasta americana em relevo, e, na noite de sábado, o Jardim de Rosas, com camadas de rosas vermelhas entremeadas com bolo de baunilha e cobertura de glacê cremoso.

Para o evento menor e mais informal da tarde de domingo, a noiva havia escolhido o Frutas de Verão. Laurel o tinha assado, feito o recheio, a montagem, a cobertura e o desenho em forma de cesta. Agora, enquanto a noiva e o noivo diziam os votos no terraço lá fora, ela completava o projeto arrumando frutas frescas e folhas de hortelã sobre as camadas.

Atrás de Laurel, os ajudantes concluíam a decoração da mesa para o brunch. Ela usava um

avental sobre uma roupa quase da mesma cor das framboesas que selecionara.

Deu um passo para trás e estudou as linhas e o equilíbrio do bolo. Depois escolheu um cacho de uvas cor de champanhe para pôr sobre uma camada.

– Parece delicioso.

Laurel franziu as sobrancelhas enquanto agrupava algumas cerejas. Interrupções durante o trabalho eram comuns, mas isso não significava que gostasse delas. Além do mais, não esperava que o irmão de Parker aparecesse durante um evento.

Então lembrou a si mesma que ele ia e vinha quando bem entendia.

Mas quando viu a mão dele se aproximando de um dos recipientes, afastou-a rapidamente com um tapa.

– Tire as mãos daí.

– Como se algumas amoras fossem fazer falta.

– Não sei onde suas mãos estiveram. – Ela arrumou três folhas de hortelã, ainda sem se dar ao trabalho de olhar para ele. – O que você quer? Estamos trabalhando.

– Eu também estou. Mais ou menos. Na qualidade de advogado. Tinha que deixar uma papelada aqui.

Ele cuidava de todos os assuntos legais delas, tanto como pessoas físicas quanto como pessoas jurídicas. Laurel sabia muito bem que ele lhes dedicava muitas horas, frequentemente do próprio tempo livre. Mas se não o repreendesse, quebraria uma longa tradição.

– E programou sua vinda para poder pegar alguma coisa do bufê.

– Acho que mereço alguns privilégios.

Ela se deu por vencida e se virou. A escolha dele de vestir jeans e camiseta não o tornava menos que um advogado de alto nível. Não na opinião dela. Delaney Brown, da família Brown de Connecticut, pensou Laurel. Alto, atraente e esguio, tinha os fartos cabelos castanhos apenas um pouquinho mais longos do que o estilo dos advogados poderia ditar.

Ele fazia aquilo de propósito? Laurel imaginava que sim, porque era um homem que sempre tinha um plano na manga. Os olhos eram azul-escuros e profundos como os de Parker, mas, embora Laurel o conhecesse desde sempre, quase nunca conseguia ler o que havia por trás deles.

Na opinião dela, ele era bonito demais para o próprio bem e atraente demais para o bem de qualquer pessoa. Também era inabalavelmente leal, discretamente generoso – e irritantemente superprotetor.

Agora estava ali, sorrindo para ela, um sorriso rápido e fácil, com um desarmante lampejo de humor que Laurel imaginava ser uma arma letal no tribunal. Ou na cama.

– Salmão cozido frio, empanado de frango à florentina, legumes de verão grelhados, panquecas de batata, vários tipos de quiche, caviar com acompanhamento completo, pães e doces variados e um arranjo de frutas e queijos. Temos, ainda, bolo de sementes de papoula recheado com geleia de laranja, cobertura de glacê com licor Grand Marnier encimado por frutas frescas.

– Eu quero.

– Espero que consiga passar uma boa conversa no pessoal do bufê – retrucou Laurel.

Ela alongou os ombros e fez movimentos circulares com a cabeça e o pescoço enquanto escolhia as próximas frutas silvestres.

– Está dolorida?

– O entrelaçamento da cesta me deixou com o pescoço e os ombros em frangalhos.

Ele ergueu as mãos e depois as enfiou nos bolsos.

– Jack e Carter estão por aqui?

– Em algum lugar. Não os vi hoje.

– Acho que vou procurá-los.

– Ahã.

Mas ele atravessou a sala e foi até as janelas olhar para o terraço enfeitado com flores, as cadeiras forradas de branco e a bela noiva de frente para o noivo sorridente.

– Eles vão trocar as alianças – comentou Del.

– Foi o que Parker acabou de me dizer. – Laurel deu um tapinha em seus fones de ouvido. – Estou a postos. Emma, o bolo está pronto para você.

Ela posicionou um cacho de amoras na camada superior.

– Faltam cinco minutos – anunciou, começando a encher sua cesta com as frutas restantes. – Vamos servir o champanhe e os drinques. Acenda as velas, por favor.

Ela começou a erguer a cesta, mas Del foi mais rápido.

– Eu levo isso.

Laurel deu de ombros e foi ligar o interruptor da música ambiente que tocaria até a orquestra assumir posição.

Eles começaram a descer a escada dos fundos, passando pelos funcionários uniformizados que subiam com os acepipes para o breve coquetel. Isso entreteria os convidados enquanto Mac fazia as fotos formais dos noivos, dos padrinhos e da família.

Laurel entrou na cozinha, onde o serviço de bufê estava a todo vapor. Acostumada ao caos, ela passou por eles, pegou uma tigela pequena, encheu-a de frutas e a entregou a Del.

– Obrigado.

– Só fique fora do caminho. Sim, eles estão prontos – disse ela a Parker pelo microfone acoplado aos fones de ouvido. – Sim, trinta. No lugar. – Ela olhou de relance para o pessoal do bufê. – Dentro do horário. Ah, Del está aqui. Ahã.

Inclinado sobre o balcão, comendo as frutas, ele observou Laurel enquanto ela tirava o avental.

– Está bem, saindo agora.

Del se afastou do balcão para segui-la enquanto Laurel se dirigia ao vestíbulo, que em breve se transformaria em seu espaço extra de refrigeração e armazenagem. Ela soltou os cabelos, jogou-os para o lado e balançou a cabeça para arrumá-los enquanto ia lá para fora.

– Aonde estamos indo?

– Eu vou ajudar a conduzir os convidados para dentro. Você vai para algum lugar longe daqui.

– Eu gosto daqui.

Foi a vez dela de sorrir.

– Parker me disse para me livrar de você até a hora da limpeza. Vá procurar seus amiguinhos, Del, e se vocês se comportarem direitinho, poderão comer depois.

– Está bem, mas se eu tiver de ajudar na limpeza, vou querer um pedaço daquele bolo.

Eles se afastaram: Del seguiu na direção da casa da piscina que fora reformada e agora servia

de estúdio e lar de Mac e Carter, e Laurel foi para o terraço, onde a noiva e o noivo trocavam seu primeiro beijo de casados.

Laurel olhou para trás uma vez – apenas uma. Conhecia-o desde sempre – tinha sido o destino, supôs. Mas a culpa era toda dela, e o problema era seu também, por ter se apaixonado por ele quase desde o primeiro momento.

Permitiu-se dar um suspiro antes de fixar um sorriso radiante e profissional no rosto e ajudar a conduzir os convidados à recepção.

capítulodois

MUITO TEMPO DEPOIS DE o último convidado ir embora e o pessoal do bufê recolher suas coisas, Laurel se jogou no sofá da sala de estar da família com uma merecida taça de vinho.

Não sabia ao certo onde os homens poderiam estar – talvez de volta às suas tocas com um engradado de cerveja –, mas era bom, muito bom, relaxar apenas com as mulheres, em relativo sossego.

– Foi um ótimo fim de semana. – Mac ergueu a taça em um brinde. – Quatro ensaios, quatro eventos. Nenhum problema em nenhum deles. Nem por um instante. Isso é um recorde.

– O bolo estava maravilhoso – acrescentou Emma.

– Você comeu apenas uma garfada – observou Laurel.

– Uma garfada deliciosa. Além disso, hoje foi lindo, o filho pequeno do noivo como o padrinho. Ele era muito fofo. Fiquei com os olhos cheios d'água.

– É uma bela família. – Parker estava sentada com os olhos fechados e o celular no colo. – A gente vê pessoas que já têm filhos se casando de novo e pensa "Puxa, isso vai dar problema". Mas aqueles ali? A gente vê que ela e o menino são loucos um pelo outro. Foi lindo.

– Tirei umas fotos espetaculares. E o bolo estava incrível – acrescentou Mac. – Talvez eu escolha o de sementes de papoula para o meu.

Para aliviar as cãibras, Laurel encolheu e esticou os dedos dos pés.

– Na semana passada você queria o de creme italiano.

– Talvez eu devesse escolher amostras de bolo. Pequenas versões de vários tipos, modelos diferentes. Seria uma orgia gastronômica, o que ainda renderia fotografias maravilhosas.

Laurel ergueu um dedo.

– Vá se ferrar, Mackensie. Vá se ferrar.

– Por que você não escolhe o de creme italiano? Não é seu favorito?

Mac apertou os lábios e assentiu com a cabeça para Emma.

– Tem razão. E tem tudo a ver comigo. E você, já sabe qual vai escolher?

– Não consigo nem pensar nisso. Ainda estou me acostumando com o noivado. – Emma olhou o diamante em seu dedo com um sorriso presunçoso. – Além disso, quando eu me envolver com os planos e detalhes, acho que vou surtar. Então deveríamos adiar esse momento o máximo possível.

– Sim, também acho – concordou Laurel com um suspiro.

– De qualquer modo, antes você precisa do vestido. – Parker manteve os olhos fechados. – O vestido sempre vem primeiro.

– Parem com isso – murmurou Laurel.

– Quase não pensei nisso, só umas mil vezes – acrescentou Emma. – Olhei só meio milhão de fotografias. Vou usar um de princesa. Quilômetros e quilômetros de saia. Provavelmente com um corpete tomara que caia, já que meus seios são maravilhosos.

– Isso é verdade, são mesmo – concordou Mac.

– Com certeza nada de simplicidade. Luxo é meu lema. Quero tiara e cauda. – Seus olhos escuros brilharam com o pensamento. – E, como vamos encaixá-lo no próximo mês de maio, vou criar um buquê incrível e, sim, luxuoso, para mim. Em tom pastel, eu acho. Talvez. Provavelmente. Tons românticos de tirar o fôlego.

– Isso é porque ela não consegue nem pensar nisso – ironizou Laurel.

– Todas vocês em cores claras – continuou Emma, sem se perturbar. Ela deu um suspiro longo e sonhador. – E quando Jack me vir, ficará sem fôlego. Vocês sabem, aquele momento único em que olhamos um para o outro e é como se o mundo parasse. Apenas por um minuto, um minuto incrível.

Sentada no chão, ela encostou a cabeça na perna de Parker.

– Não tínhamos mesmo ideia de como era isso quando crianças, em todas aquelas vezes que brincamos de Casamento. Não entendíamos o que esse momento único e incrível significava. Temos sorte de vê-lo com tanta frequência.

– É o melhor trabalho do mundo – murmurou Mac.

– É o melhor trabalho do mundo porque nós somos as melhores. – Laurel levantou o tronco o suficiente para brindar. – Organizamos tudo para as pessoas terem esse tal momento único. Você terá o seu, Em, orquestrado até o último detalhe por Parker, cercado de arranjos de flores feitos por você mesma e fotografado por Mac. E celebrado com um bolo que criarei apenas para você. Um luxuoso. Eu garanto.

– Ohn. – Os olhos escuros de Emma ficaram marejados de lágrimas. – Por mais que eu ame Jack, e o amo muito, não poderia estar tão feliz quanto estou agora com vocês.

Mac entregou um lenço de papel à amiga.

– Ainda sou a primeira, e também quero um bolo só para mim – disse ela a Laurel. – Se ela vai ter um, eu também vou.

– Posso pôr camerazinhas e minitripés ao redor das camadas.

– E que tal pequenas pilhas de livros no de Carter? – Mac riu. – Bobo, mas apropriado.

– Combina com o tema das suas fotos de noivado. – Emma secou os olhos. – Adorei a composição: você e Carter no sofá com as pernas entrelaçadas, ele com um livro no colo e você parecendo que tinha acabado de abaixar sua câmera depois de tirar a foto dele. Vocês dois sorrindo um para o outro. O que me leva a perguntar sobre nossa foto de noivado. Quando, onde, como?

– Fácil. Você e Jack na cama, nus.

Emma estendeu o pé para dar um leve chute em Mac.

– Pare com isso.

– Acho bem apropriado – opinou Laurel.

– A gente não fica só fazendo sexo!

– É claro que não. Também ficam pensando em fazer – comentou Parker, abrindo um olho.

– Nós temos um relacionamento completo – insistiu Emma. – O que inclui muito sexo. Mas falando sério...

– Tenho algumas coisas em mente. Devíamos dar uma olhada em nossas agendas e programar alguma coisa – disse Mac.

– Agora?

– Claro. Parks deve ter nossas agendas no celular dela – retrucou Mac, e estendeu a mão para o aparelho.

Parker abriu os dois olhos e a encarou com ar de ameaça.

– Toque nisso e você morre.

– Meu Deus! Vamos consultar minha agenda no estúdio. De qualquer modo, seria bom nos reunirmos com os rapazes, e temos que saber da disponibilidade do Jack.

– Ótimo.

– Onde eles estão? – perguntou Laurel.

– Lá embaixo, com a Sra. G. – respondeu Emma. – Comendo pizza e jogando pôquer; pelo menos esse era o plano.

– Ninguém convidou a gente para comer pizza e jogar pôquer. – Laurel deu de ombros enquanto os olhares se voltavam para ela. – Tudo bem, não quero comer pizza nem jogar pôquer porque estou gostando de ficar aqui com vocês. Mas ainda assim...

– Seja como for... – Mac se levantou. – Nessas circunstâncias, conseguirmos nos reunir pode demorar algum tempo. Vamos só pensar nas ideias e depois consultar as agendas.

– Acho ótimo. Bom trabalho, garotas – disse Emma, levantando-se.

Quando elas saíram, Laurel se alongou.

– Preciso de uma massagem. Devíamos contratar algum massagista pela empresa, para ficar disponível em tempo integral. Um cara chamado Sven. Ou Raoul.

– Vou pôr isso na lista. Por enquanto, você pode ligar para Serenity e marcar um horário.

– Mas se tivéssemos um cara chamado Sven... Acho Sven um nome melhor que Raoul... Então eu poderia receber uma massagem agora e ir relaxada para a cama depois. Quantos dias faltam para as férias?

– Muitos, infelizmente.

– Você diz isso agora, mas, quando estivermos livres e soltas nos Hamptons, ainda estará com esse celular na mão o tempo inteiro.

– Posso largá-lo quando quiser.

Laurel retribuiu o sorriso de Parker.

– Você vai comprar uma bolsa à prova d´água para poder nadar com ele.

– Deviam fazer um modelo à prova d´água. A tecnologia já deve ser capaz disso.

– Bem, vou deixá-la a sós com seu verdadeiro amor, mergulhar em uma banheira de água quente e sonhar com Sven – disse Laurel, rolando para fora do sofá. – É bom ver Emma e Mac tão felizes, não é?

– É.

– Falo com você de manhã.

O banho quente fez milagres, mas a deixou bem desperta, e não relaxada e sonolenta. Em vez de passar uma hora tentando dormir, Laurel ligou a TV na sala só para ter companhia e depois se sentou na frente do computador para checar a agenda da semana. Procurou receitas – era tão viciada nisso quanto Parker no celular – e encontrou algumas que valia a pena marcar para alterar e personalizar depois.

Ainda sem sono, sentou-se em sua cadeira favorita com o bloco de desenho. A cadeira tinha sido da mãe de Parker e sempre fazia Laurel se sentir confortável e segura. Ela cruzou as pernas sobre a almofada macia, com o bloco no colo, e pensou em Mac. Em Mac e Carter. Em Mac e no fabuloso vestido de noiva que escolhera – ou que Parker encontrara para ela.

Linhas simples e elegantes, pensou, que combinavam com o corpo longilíneo e esguio de Mac. Não muito exagerado, apenas com um pequeno toque de sedução. Fez o esboço de um bolo que refletia essa ideia – clássico e simples. E imediatamente o descartou.

Linhas simples para o vestido, sim, mas Mac também tinha a ver com cor e brilho, singularidade e ousadia. E esse, percebeu, era um dos motivos porque Carter era louco por ela.

Tão arrojada! Um casamento colorido no outono. Camadas quadradas em vez das tradicionais redondas, coberto com o glacê preferido de Mac. Tingido. Sim, sim. De dourado-escuro. E com flores de outono – ela as faria maiores, com pétalas largas e detalhadas – castanho-avermelhadas, laranja queimado e verde-azeitona.

Cor, textura e forma para agradar ao olhar da fotógrafa, e romântico o suficiente para qualquer noiva. Coroado por um buquê e com um rastro de fitas dourado-escuras. Toques de branco em tiras finas, para realçar toda a cor.

Outono de Mac, pensou, sorrindo enquanto acrescentava detalhes. O nome era perfeito para o bolo – referia-se à estação e ao modo como a amiga caíra de amores, qual as folhas de uma árvore.

Laurel afastou o rascunho para vê-lo de longe e sorriu, satisfeita.

– Eu sou um arraso. E agora estou com fome.

Levantou-se e apoiou o bloco de desenho aberto sob uma luminária. Na primeira oportunidade, decidiu, o mostraria a Mac para saber a opinião da noiva. Mas, se conhecia a amiga, ouviria um grande e feliz "Uau!".

Merecia um lanche – talvez uma fatia de pizza fria, se tivesse sobrado alguma. O que lamentaria de manhã, disse a si mesma ao sair, mas não podia evitar.

Ela estava acordada e com fome. Um dos privilégios de administrar a própria empresa e a vida era poder fazer o que queria de vez em quando.

Avançou na escuridão, em meio ao silêncio, guiada por seu conhecimento da casa e pela luz da lua que entrava pelas janelas. Atravessou sua ala e começou a descer a escada, tentando se convencer a trocar a pizza fria por uma saudável porção de frutas frescas e um chá de ervas.

Tinha que acordar cedo para malhar antes da fornada de segunda-feira. À tarde, três casais estavam marcados para provas, então precisava se preparar e estar com tudo limpo.

Depois, ainda teria uma reunião à noite, com toda a equipe e uma cliente, para acertar os detalhes de um casamento no inverno. Em seguida, estaria livre para fazer o que precisava ser

feito – ou o que bem entendesse.

Graças a Deus dera um tempo nos encontros, por isso não precisava se preocupar em se arrumar para sair – e com o que vestir –, ter assunto e decidir se queria ou não fazer sexo.

A vida era mais fácil assim, concluiu, ao virar na base da escada. Mais fácil, mais simples e menos tensa com encontros e sexo fora de jogo.

Topou de frente com uma forma sólida – uma forma masculina – e cambaleou para trás. Praguejando, estendeu os braços para se proteger. As costas da sua mão bateram com força em um corpo, e dessa vez quem praguejou não foi ela. Enquanto caía, agarrou um tecido e ouviu-o se rasgar enquanto a forma sólida masculina desabava em cima dela.

Ofegante e com a cabeça dolorida no ponto em que batera na escada, ela ficou esparramada no chão como um trapo. Mesmo zonza e sem enxergar direito, Laurel reconheceu a forma e o cheiro de Del.

– Meu Deus, Laurel? Caramba, você se machucou?

Ela puxou o ar para respirar, espremida sob o peso dele – e com certa área desse peso pressionada muito intimamente entre suas pernas. Por que diabo ela estivera pensando em sexo? Ou na falta dele?

– Quer sair de cima de mim? – conseguiu dizer.

– Estou tentando. Você está bem? Não a vi. – Del se afastou um pouco e os olhos dos dois se encontraram sob a luz azulada do luar. – Ai!

Como a movimentação dele aumentou a pressão, algo no corpo de Laurel começou a pulsar.

– Saia. De cima. De mim. Agora.

– Está bem, está bem. Perdi o equilíbrio. Além disso, você agarrou minha camisa e me levou junto. Eu só tentei segurá-la. Espere um instante, deixe-me acender a luz.

Laurel ficou exatamente onde estava, esperando a respiração voltar ao normal, esperando que partes de seu corpo parassem de pulsar. Quando Del acendeu a luz, a claridade a fez fechar os olhos.

– Ah – disse ele, e pigarreou.

Laurel estava esparramada na escada, com as pernas abertas, usando uma regata branca fina e uma calcinha boxer vermelha. As unhas dos pés estavam pintadas de rosa-choque. Del decidiu que se concentrar nos dedos dos pés de Laurel era melhor do que nas pernas, ou no modo como a camiseta lhe assentava ou... em qualquer outra coisa.

– Deixe-me ajudá-la a se levantar.

E a pôr um roupão comprido e grosso.

Meio sentada massageando a nuca, ela lhe fez um sinal com a mão indicando que não precisava de ajuda.

– Droga, Del, o que você estava fazendo se esgueirando pela casa?

– Eu não estava me esgueirando. Estava andando. Por que você estava se esgueirando?

– Eu não estava... Pelo amor de Deus! Eu moro aqui.

– Eu também morava – murmurou ele. – Você rasgou a minha camisa.

– Você fraturou o meu crânio.

A irritação se transformou em preocupação no mesmo instante.

– Eu a machuquei mesmo? Deixe-me ver.

Del se abaixou e apalpou a nuca de Laurel antes que ela pudesse se mexer.

– Você caiu com muita força, mas não está sangrando.

– Ai! – Pelo menos o toque tirou sua atenção da camisa rasgada e da musculatura dentro dela. – Pare de apertar.

– Acho melhor irmos pegar um pouco de gelo para você.

– Está tudo bem. Eu estou *bem*. – Desconcertada, sem dúvida, pensou, e desejando que ele não estivesse tão desgrenhado, desarrumado e ridiculamente sexy. – O que diabo você está fazendo aqui no meio da madrugada?

– Ainda não é nem meia-noite.

Del a fitou direto nos olhos, procurando sinais de choque ou trauma, supôs ela. A qualquer instante iria medir a droga da sua pulsação.

– Isso não responde à pergunta – retrucou Laurel.

– Eu estava com a Sra. G. Bebendo cerveja. Cerveja suficiente para decidir que... – Ele apontou para cima. – Ia dormir em um dos quartos de hóspedes em vez de dirigir bêbado.

Laurel não podia discutir com ele por ser sensato – particularmente porque sempre era.

– Então... – Ela o imitou e apontou para cima.

– Levante-se para eu ter certeza de que está bem.

– Não sou eu que estou bêbada.

– Não, é você que está com o crânio fraturado. Ande logo.

Ele encerrou o assunto pondo as mãos sob os braços de Laurel e colocando-a de pé um degrau acima, o que fez com que os rostos dos dois ficassem quase no mesmo nível.

– Não estou vendo nenhum xis em seus olhos nem passarinhos voando em círculos em volta da sua cabeça.

– Engraçadinho.

Ele deu aquele sorriso.

– Eu ouvi alguns passarinhos piando quando você bateu em mim com as costas da mão.

Laurel não pôde evitar sorrir mesmo enquanto fazia uma careta.

– Se eu soubesse que era você, teria batido com mais força.

– Essa é a minha garota.

E não era exatamente assim que ele a via?, pensou Laurel com uma mistura de irritação e desapontamento. Apenas uma de suas garotas.

– Vá dormir para curar sua bebedeira e pare de ficar se esgueirando por aí.

– Para onde você vai? – perguntou ele enquanto Laurel se afastava.

– Para onde eu quiser.

Era o que Laurel costumava fazer, pensou ele, e uma das coisas que mais gostava nela. A menos que considerasse o modo como a bunda dela ficava naquela calcinha boxer vermelha.

O que ele não estava fazendo. Só queria se certificar de que os pés dela estavam firmes. E suas pernas lindas também.

De forma decidida, Del se virou e subiu a escada para o terceiro andar. Seguiu na direção da ala de Parker e abriu a porta para o quarto que ocupara durante a infância e a adolescência.

Não estava igual. Não esperava ou queria que estivesse. Quando as coisas não mudavam, tornavam-se estagnadas e obsoletas. As paredes, agora de um verde suave e fosco, exibiam quadros bonitos com molduras simples em vez dos pôsteres de esportes de sua juventude. A cama de dossel, um lindo móvel antigo, fora de sua avó. Herança, pensou ele, não era o mesmo que estagnação.

Tirou o dinheiro e as chaves do bolso, jogou-os sobre a travessa em cima da cômoda e depois se olhou no espelho.

Estava com a camisa rasgada nos ombros, os cabelos desgrenhados e, salvo engano, uma leve marca que os nós dos dedos de Laurel tinham lhe deixado no rosto.

Ela sempre havia sido durona, pensou ele tirando os sapatos. Durona, forte, e não tinha medo de quase nada. A maioria das mulheres teria gritado, não teria? Mas não Laurel – ela lutava. Se a empurrassem, ela empurrava de volta. Com mais força.

Tinha que admirá-la por isso.

O corpo dela o surpreendera. Podia admitir isso, pensou enquanto tirava a camiseta rasgada. Não que não soubesse como era o corpo dela. Abraçara-a inúmeras vezes ao longo dos anos. Mas abraçar uma amiga era totalmente diferente de se deitar em cima de uma mulher no escuro.

Totalmente diferente.

E algo em que era melhor não pensar muito.

Ele terminou de se despir e puxou a colcha – obra de sua bisavó – da cama. Programou o despertador antigo de corda na mesa de cabeceira e apagou a luz.

Quando fechou os olhos, a imagem de Laurel deitada na escada surgiu em sua cabeça e não foi mais embora. Ele rolou de um lado para outro, pensando nos compromissos do dia seguinte. E viu Laurel se afastando em sua calcinha boxer vermelha.

– Que se dane.

Um homem tinha o direito de se concentrar no que quisesse quando estava sozinho no escuro.



Como de costume nas manhãs de segunda-feira, Laurel e Parker chegaram à academia de ginástica da casa quase na mesma hora. Parker começou sua série de ioga enquanto Laurel se dedicou à corrida na esteira. Como ambas levavam a rotina de exercícios a sério, não se falaram muito.

Quando Laurel se aproximou do quinto quilômetro, Parker deu início à série de pilates. Nesse momento, Mac apareceu se arrastando e lançando seu costumeiro olhar de desprezo para os aparelhos de musculação.

Divertida, Laurel começou a desacelerar. A conversão de Mac a uma rotina regular de exercícios provinha de sua determinação em ficar com braços e ombros fabulosos no vestido de noiva tomara que caia.

– Você está ótima, Mac! – gritou Laurel enquanto pegava uma toalha.

Mac apenas curvou os lábios.

Laurel estendeu um colchonete no chão para se alongar enquanto Parker dava a Mac algumas dicas de boa forma. Quando ela começou a fazer exercícios livres com halteres, Parker estava

empurrando Mac para o aparelho elíptico.

– Eu não quero.

– Uma mulher não chega a lugar nenhum só com treinamento de resistência. Quinze minutos de exercícios cardiovasculares e quinze de alongamento. Laurel, que mancha roxa é essa?

– Que mancha roxa?

– No seu ombro.

Parker se aproximou e pôs o dedo no hematoma exposto pela camiseta nadador.

– Ah, eu caí debaixo do seu irmão.

– Oi?

– Ele estava andando no escuro quando desci para tomar um chá, que acabou virando pizza fria e refrigerante. Ele trombou comigo e me derrubou.

– Por que ele estava andando no escuro?

– Foi exatamente isso que eu perguntei. Estava tomando cerveja com a Sra. G. Dormiu em um dos quartos de hóspedes.

– Eu não sabia que ele estava aqui.

– Ainda está – disse Mac. – O carro dele está estacionado lá na frente.

– Vou ver se já acordou. Quinze minutos, Mac.

– Droga. Quando vou começar a sentir a endorfina? – perguntou Mac a Laurel. – Como vou saber quando isso acontecer?

– Como você sabe quando está tendo um orgasmo?

– Ah, é? – Mac se animou. – É assim?

– Infelizmente não, mas o princípio de saber quando chega lá é o mesmo. Vai tomar café da manhã aqui?

– Acho que sim. Eu mereço. Além do mais, se eu chamar Carter para vir aqui, ele poderá convencer a Sra. G. a fazer rabanadas.

– Então faça isso. Quero lhe mostrar uma coisa.

– O quê?

– É só uma ideia.

Passava um pouco das sete quando Laurel, já arrumada para o trabalho e com o bloco de desenho na mão, entrou na cozinha.

Presumira que Del tinha ido embora, mas lá estava ele, encostado no balcão com uma caneca de café fumegante. Na bancada à sua frente estava Carter Maguire, em posição quase idêntica.

Ainda assim, os dois eram muito diferentes. Mesmo de jeans e camiseta rasgada, Del transmitia uma elegância masculina, enquanto Carter exalava uma doçura desarmante. Nada meloso, pensou ela – odiaria isso –, mas uma bondade inata.

E apesar da falta de jeito de Del à noite, ele era ágil e atlético, enquanto Carter tendia a ser atrapalhado.

Mesmo assim, ambos eram muito fofos.

Era óbvio que a firme Sra. Grady não era imune a isso. Estava ao fogão – as rabanadas tinham vencido – com os olhos brilhantes e as bochechas um pouco coradas. Feliz em ter os rapazes por perto, pensou Laurel.

Parker veio do terraço enfiando o celular no bolso e viu a amiga.

– A noiva de sábado à noite. Nervosismo básico. Tudo certo. Emma e Jack estão a caminho, Sra. G.

– Bem, se vou cozinhar para um exército, é melhor alguns dos soldados se sentarem. Fique com as mãos bem longe daquele bacon, rapaz – avisou ela a Del. – Até estar sentado à mesa como uma pessoa civilizada.

– Só estou tentando ajudar a adiantar as coisas. E aí, Laurel, como está a cabeça?

– Ainda sobre meus ombros.

Ela pousou o bloco de desenho e pegou a jarra de suco.

– Bom dia. – Carter sorriu para Laurel. – O que houve com sua cabeça?

– Del a bateu na escada.

– Depois que ela me bateu e rasgou minha camisa.

– Porque você estava bêbado e me derrubou.

– Eu não estava bêbado. E foi você que caiu.

– Essa é a versão dele.

– Sentem-se e se comportem – ordenou a Sra. G. Ela se virou quando Jack e Emma entraram. – Você está com as mãos limpas? – perguntou a ele.

– Sim, senhora.

– Então pegue isto e vá se sentar.

Ele aceitou a travessa de rabanadas e as cheirou profundamente.

– E eles vão comer o quê?

Ela sorriu e lhe deu um tapinha.

– E aí? – disse ele a Del.

Os dois eram amigos desde a faculdade, e ficaram unidos como irmãos desde que Jack se mudara para Greenwich a fim de abrir o próprio escritório de arquitetura. Ele se acomodou em um canto, lindo como um astro de cinema com seus cabelos louro-escuros ondulados, olhos escuros e sorriso fácil.

Como ele estava de terno, Laurel imaginou que devia ter uma reunião com um cliente no escritório em vez de em alguma obra.

– E essa camisa rasgada? – disse ele a Del enquanto pegava uma fatia de bacon.

– Obra de Laurel.

Jack levantou as sobrancelhas para ela.

– Malvada.

– Ridículo.

Eles sorriram um para o outro enquanto Mac entrava.

– Meu Deus! É melhor que isto valha a pena. Venha cá. – Agarrou Carter, puxou-o para perto e lhe deu um beijo ruidoso. – Eu fiz por merecer.

– Você está toda... rosada – murmurou ele, e inclinou a cabeça para beijá-la de novo.

– Parem com essa besteira e se sentem antes que a comida esfrie.

A Sra. G. deu um tapinha no braço de Carter enquanto levava o bule de café para a mesa.

Laurel sabia que a governanta adorava aquilo. Tinha uma prole inteira com que se preocupar e

a quem dar ordens. Ficava feliz com a presença deles, com o barulho que faziam, e quando se fartava os colocava para fora de sua cozinha. Ou se retirava para seus aposentos em busca de um pouco de paz e silêncio.

Mas, por enquanto, com o cheiro de café, bacon e canela, as travessas se esvaziando enquanto os pratos se enchiam, as coisas estavam exatamente como a Sra. G. queria.

Laurel entendia a necessidade de alimentar o desejo – até mesmo a paixão – de pôr comida na frente de uma pessoa e incitá-la a comer. Era vida e conforto, autoridade e satisfação. E quando você preparava esse alimento com as próprias mãos, usando a própria habilidade, era, de um modo muito real, amor.

Ela achava que havia aprendido um pouco sobre isso bem ali, quando a Sra. G. lhe ensinara a abrir e sovar massa ou a reconhecer se um pão já estava assado. Mais do que os princípios básicos da pastelaria, aprendera que acrescentar um pouco de amor e orgulho à mistura fazia a massa crescer melhor.

– A cabeça está bem? – perguntou Del.

– Está, não graças a você. Por quê?

– Porque você está calada.

– E dá para falar? – retrucou ela enquanto as conversas se cruzavam à mesa.

– Posso fazer uma consulta profissional?

Ela o olhou com cautela enquanto mordia uma rabanada.

– Que consulta?

– Preciso de um bolo.

– Todos precisam de bolo, Del.

– Esse deveria ser seu slogan. Dara vai voltar da licença-maternidade e pensei em fazer uma festinha de boas-vindas para ela no escritório, para comemorar a chegada do bebê e tudo o mais.

Dara era a assistente jurídica de Del, e fazer esse tipo de coisa era a cara dele.

– Quando?

– Hã... quinta-feira.

– Nesta quinta? – Isso também era a cara dele, pensou Laurel. – Que tipo de bolo?

– Um bom.

– Só faço desse tipo. Me dê alguma dica. Quantas pessoas?

– Umas vinte.

– Simples ou recheado?

Ele lhe lançou um olhar suplicante.

– Me ajude, Laurel. Você conhece a Dara. Faça o que achar melhor.

– Ela é alérgica a alguma coisa?

– Não. Acho que não. – Del encheu a caneca de café de Laurel um instante antes que ela pensasse em fazer isso. – Não precisa ser espetacular. Só um bolo bonito para uma festinha no escritório. Eu poderia comprar um no mercado, mas... seria isso que eu ganharia – disse ele, apontando para o olhar carrancudo de Laurel. – Posso buscá-lo na quarta-feira depois do trabalho, se você conseguir tempo para fazê-lo.

– Vou conseguir, porque gosto da Dara.

– Obrigado. – Ele estendeu o braço para acariciar a mão de Laurel. – Agora tenho que correr. Venho pegar aquela papelada na quarta-feira – acrescentou, dirigindo-se a Parker. – Me dê uma ligada para falar sobre as outras coisas quando resolver. – Ele se levantou e foi até a Sra. G. – Obrigado.

Então lhe deu primeiro um beijo rápido e espontâneo na bochecha. Depois veio o abraço, aquele que sempre fazia o coração de Laurel derreter. Forte, com os olhos fechados, apenas um leve balanço. Os abraços de Del eram *significativos*, pensou ela, e tornavam-no irresistível.

– Pelo menos finja que se comporta – ordenou a Sra. Grady.

– Isso eu sei fazer. Vejo vocês depois.

Ele acenou para o resto do grupo e depois saiu pelos fundos.

– Também é melhor eu ir andando, Sra. G. – disse Jack. – A senhora é a deusa da cozinha. A imperatriz dos epicuristas.

Ela deu uma gargalhada.

– Vá trabalhar.

– Estou indo.

– É melhor eu também me mexer. Vou com você – falou Emma.

– Na verdade, gostaria da sua opinião sobre uma coisa – disse Laurel a Emma antes que ela pudesse se levantar.

– Então tenho que tomar mais café – retrucou ela. Então se virou para ajeitar o nó da gravata de Jack e depois a puxou até que os lábios deles se encontrassem.

– Tchau.

– Vejo você à noite. Passo aqui para deixar aqueles planos revisados, Parker.

– Quando quiser.

– Devo sair? – perguntou Carter quando Jack foi embora.

– Pode ficar, e até dar sua opinião. – Laurel foi buscar rapidamente seu bloco de desenho. – Ontem à noite de repente tive uma ideia para o bolo de casamento.

– Meu bolo? Nosso bolo? – corrigiu Mac em seguida, sorrindo para Carter. – Quero ver! Quero ver!

– Apresentação – disse Laurel, muito séria – é um lema da confeitaria da Votos. Por isso, embora a inspiração para este desenho provenha principalmente da noiva...

– Eu!

– ...também leva em conta o que a desenhista vê como as qualidades que atraem o noivo para a dita noiva, e vice-versa. Então, acho que temos uma combinação de tradicional e não tradicional tanto na forma quanto no sabor. Além disso, a desenhista conhece a noiva há mais de vinte anos e desenvolveu um afeto sincero e profundo pelo noivo. Tudo isso entra no conceito, mas a desenhista garante que quaisquer críticas ao referido conceito serão aceitas com elegância.

– Que papo furado. – Parker revirou os olhos. – Você vai ficar uma fera se a noiva não gostar.

– Mas apenas porque, se ela não gostar, é uma idiota. O que significa que sou amiga de uma idiota há mais de duas décadas.

– Deixe-me ver o maldito desenho.

– Posso ajustar o tamanho assim que você definir sua lista de convidados. O conceito atual

serve duzentas pessoas.

Laurel abriu o bloco e ergueu o esboço.

Não precisou ver Mac prender a respiração para saber. A resposta estava na admiração e no prazer que perpassaram o rosto da amiga.

– As cores são bem fiéis ao que seria o resultado final, e você pode ver que eu gostaria de fazer vários tipos de bolo e recheios. O seu de creme italiano, o de chocolate com framboesas que é o favorito de Carter, o bolo branco, talvez com baba de moça. Isso é só um exemplo de como podemos realizar sua fantasia de ter várias amostras de bolo no casamento.

– Se Mac não gostar, eu fico com ele – anunciou Emma.

– Ele não tem a ver com você. É de Mac, se ela quiser. As flores podem ser mudadas para as que você e Emma escolherem para os buquês e arranjos – acrescentou Laurel –, mas eu manteria a paleta de cores. Você não combina com cobertura branca, Mac. Você é colorida.

– Por favor, goste dele – murmurou Mac para Carter.

– Como eu poderia não gostar? É maravilhoso. – Ele olhou de relance para Laurel e abriu um sorriso doce. – Além disso, ouvi falar em chocolate com framboesas. Se isso estiver aberto a votação, tem o meu voto.

– O meu também – completou Emma.

– Acho melhor você esconder esse esboço – disse Parker a Laurel. – Se nossas clientes o virem, começarão a se estapear por esse bolo. Você acertou de primeira, Laurel.

Mac se levantou e se aproximou para pegar o bloco e estudar o desenho.

– A forma, as texturas, as cores... Ah, as fotografias que vamos tirar! O que você levou em conta – acrescentou, desviando o olhar para Laurel.

– É difícil pensar em você sem pensar em fotografias.

– Adorei. Você sabia que eu ia amar. Você me conhece. – Ela pôs os braços ao redor de Laurel, apertou-a com força e depois fez uma dancinha. – Obrigada, obrigada, obrigada.

– Deixe-me dar uma olhada nisso – falou a Sra. Grady.

Ela tirou o bloco da mão de Mac, examinou o esboço com olhos e lábios apertados, então assentiu com a cabeça e fitou Laurel.

– Ótimo trabalho. Agora, todos vocês, fora da minha cozinha.

capítulotrês

NA QUARTA-FEIRA, LAUREL FEZ malabarismos com forno, provas, reuniões e sessões de desenho. A geladeira e o freezer estavam cheios de recheios, coberturas e camadas, tudo devidamente etiquetado, que ela usaria para criar os bolos e as sobremesas para os eventos do fim de semana. E ainda tinha mais a fazer.

Com a TV da cozinha sintonizada em *Núpcias de escândalo* pelos sussurros e diálogos, Laurel acrescentou gemas de ovos, uma a uma, à mistura fofa de manteiga e açúcar na tigela. Seu quadro exibia fotos dos designs da semana e um cronograma das amostras a serem provadas.

Depois de incorporar todas as gemas à receita, com muito cuidado, acrescentou a mistura de farinha e fermento que já havia peneirado três vezes, alternando-a com o leite que medira.

Estava batendo claras e sal em uma tigela separada quando Mac entrou.

– Estou ocupada.

– Desculpe. Preciso de biscoitos. Tem alguns aí que possa me dar, por favor?

– A Sra. G. não tem nenhum?

– Não são para comer. Quero dizer, não para *eu* comer. Preciso deles para uma sessão de fotos daqui a algumas horas. Tive uma ideia na qual se encaixariam superbem. Emma me deixou levar algumas flores.

Laurel arqueou as sobrancelhas ao sorriso suplicante de Mac enquanto acrescentava um quarto das claras em neve à massa.

– Que tipo de biscoitos?

– Só vou saber quando vir o que você tem. Você sempre tem biscoitos.

Resignada, Laurel apontou com a cabeça.

– Na geladeira. Anote o que levar no quadro de estoque.

– Há outro quadro? Um quadro de biscoitos?

Laurel começou a acrescentar as claras restantes.

– Agora temos dois homens em nosso mundo. Eles são famosos por estarem sempre pedindo biscoitos.

Mac inclinou a cabeça e fez beicinho.

– Você dá biscoitos ao Carter?

– Eu daria ao Carter meu amor e minha devoção se você não tivesse chegado primeiro, amiga. Então, em vez disso, dou biscoitos. Ele vem aqui quase todos os dias desde o fim do ano letivo para trabalhar em seu livro.

– E para comer biscoitos sem levar nenhum para casa, pelo visto. Ah, o grosso de chocolate –

anunciou Mac com a cabeça e os ombros dentro da geladeira. – Grande como a minha mão, tradicional, e ficará ótimo nas fotos. Vou levar seis. Bem, sete, porque vou comer um agora.

Ela pegou uma caixa pequena para transportá-los enquanto Laurel despejava massa em fôrmas untadas.

– Quer um? – Quando Laurel fez que não com a cabeça, Mac deu de ombros. – Não sei como você consegue resistir. As fotos que vou tirar hoje são das suas provas.

– Certo. Anotei na lista.

– Adoro esse filme. – Mac deu uma mordida em um biscoito e depois desviou os olhos da TV para o mostruário. – Que design é esse? Não está no meu álbum.

Laurel bateu as fôrmas contra o balcão para eliminar bolhas de ar.

– É um modelo novo. – Ela levou as fôrmas ao forno e programou o timer. – Para a assistente jurídica de Del. Ela está voltando da licença-maternidade e ele quer dar uma festinha na empresa.

– Que gentil da parte dele.

– Fui eu que fiz o bolo.

– O que também é gentil da sua parte, Srta. Irritadinha.

Laurel começou a resmungar e depois se obrigou a parar.

– Droga. Sou mesmo a Srta. Irritadinha. Deve ser por causa da carência de sexo. Ela tem seu lado bom e seu lado ruim, e essa é a inevitável parte ruim.

– Talvez você precise de um amigo colorido. – Com ar sábio, Mac apontou para Laurel com o restante do biscoito. – Alguém com quem colocar o sexo em dia de vez em quando.

– Ótima ideia. – Laurel fingiu um sorriso radiante e ansioso. – Posso ficar com o Carter? Por favor?

– Não. Nem mesmo por biscoitos.

– Egoísta, é isso que você é.

Ela começou a limpar a área de trabalho. Notou que o próximo item na lista eram as flores cristalizadas para o bolo de sexta-feira.

– Deveríamos ir fazer umas comprinhas – sugeriu Mac. – Comprar uns sapatos novos, de repente.

Laurel considerou a ideia.

– Sim. Sapatos são ótimos substitutos para sexo. Vamos marcar. Logo. Ah, aí está a mulher capaz de organizar quase tudo – disse ela quando Parker entrou a passos largos. – Mas ela está com aquela cara séria de quem vai falar de negócios.

– Que bom que você também está aqui, Mac. Vou fazer um chá.

Laurel e Mac trocaram olhares.

– Ô-ou – murmurou Mac.

– Não é nada grave. Não muito – retrucou Parker.

– Não tenho tempo para nada que seja muito. Preciso fazer zilhões de rosas e violetas cristalizadas.

– Você pode ir cuidando disso enquanto eu faço o chá.

Não adianta protestar, pensou Laurel, e foi buscar os racks de arame, as assadeiras, as tigelas e os ingredientes.

– Sabem a Mia Stowe, a noiva de janeiro? – começou Parker.

– Um grande e farto casamento grego – comentou Mac. – A mãe da noiva é grega e os avós ainda vivem na Grécia. Querem um evento enorme, extravagante e tradicional.

– Sim, isso mesmo. Bem, parece que os avós decidiram, no impulso, fazer uma visita. A avó quer verificar alguns detalhes do casamento, porque pelo jeito nunca perdoou totalmente o genro por ter trazido sua filha para os Estados Unidos e não confia em nós ou em qualquer pessoa para realizar o tipo de casamento que ela quer.

– Que a avó quer – disse Laurel, pegando as flores comestíveis que Emma tirara da geladeira.

– Isso. A mãe da noiva está em pânico. A noiva está desnorteada. A avó exige uma festa de noivado. E, sim, eles estão noivos há seis meses, mas isso não quer dizer nada para a senhorinha.

– Então que façam a festa.

Laurel deu de ombros e começou a cortar cabos.

– Ela quer que seja aqui, para ver nosso trabalho, aprovar o local, nossos serviços e assim por diante. E quer que seja na semana que vem.

– Semana que vem? – disseram Mac e Laurel em uníssono.

– Estamos com a agenda lotada. Totalmente – salientou Laurel.

– Não na terça-feira à noite. – Parker ergueu as duas mãos em um gesto de paz. – Sim, eu sei que é uma loucura, acreditem em mim. Acabei de passar quase uma hora ao telefone com a mãe da noiva, histérica, e com a noiva, que está no meio do fogo cruzado. Nós temos condições de fazer isso. Verifiquei com o bufê e consegui reservar uma banda. Liguei para Emma e ela vai se encarregar das flores. Eles querem alguns retratos de família formais e outros informais. Mas os formais vão ser nosso trunfo – disse ela a Mac. – E algumas sobremesas gregas tradicionais, junto com um bolo de casamento diferente do escolhido.

– Diferente do escolhido?

Parker apenas espalmou as mãos diante da irritação de Laurel.

– A noiva é totalmente contra a reprodução do modelo real. E esse evento vai ter muito menos gente. Só 75 pessoas, mas eu planejaria para cem. Ela falou que deixará o modelo e o sabor por sua conta.

– Que gentileza da parte dela.

– Ela realmente está em um impasse, Laurel. Lamento muito por ela. Vou cuidar do resto, mas preciso de vocês duas. – Ela pôs uma xícara de chá sobre o balcão enquanto Laurel mergulhava uma flor em claras de ovos batidas e água. – Eu disse que ligaria para ela depois de consultar minhas sócias.

Laurel sacudiu o excesso de claras de ovos e secou o botão de rosa com papel-toalha antes de polvilhá-lo com açúcar extrafino.

– Você reservou a banda.

– Posso cancelar. Uma por todas e todas por uma.

Laurel pôs a primeira flor sobre o rack de arame.

– Acho que farei baclavás. – Ela olhou de relance para Mac. – Você topa?

– Vamos fazer dar certo. Entendo tudo de mães malucas. Quão diferente uma avó maluca pode ser? Vou pôr isso na minha agenda e falar com Emma sobre as flores. Quando escolher o

bolo, me avise.

– Obrigada, Mac.

– É isso que nós fazemos – disse ela a Parker. – Tenho uma sessão de fotos – acrescentou, e saiu de novo.

Parker pegou sua xícara de chá.

– Vou conseguir alguém para ajudar você, se precisar. Sei que detesta isso, mas é só se precisar.

Laurel mergulhou a flor seguinte na mistura de claras.

– Vou dar um jeito. Tenho camadas e recheios extras no freezer justamente para essas ocasiões. Acho que vou fazer algo para calar a boca da avó grega. Talvez o Valsa da Primavera.

– Ah, eu adoro esse. Mas, pelo que me lembro, é muito trabalhoso.

– Vai valer a pena. Tenho o fondant e posso fazer as flores com antecedência. Mia tem duas irmãs mais novas, não tem?

– Duas irmãs e um irmão. – O sorriso de Parker se alargou. – E, sim, estamos pensando na mesma coisa: plantar as sementes para futuros negócios. Se você fizer uma lista, posso me encarregar das compras.

– Combinado. Ligue para a mãe da noiva e a faça chorar de gratidão.

– Deixe comigo. Ei, que tal uma festinha do pijama com direito a filminho?

– Melhor proposta de hoje. Vejo você depois.

Laurel continuou a cobrir as flores, pensando que os únicos encontros que tinha atualmente eram com sua melhor amiga.

Com as camadas de bolo assadas e embrulhadas no freezer para descansar e as flores cristalizadas secando no rack, Laurel se preparou para a prova. Na sala de estar ao lado da cozinha, pôs os álbuns de modelos junto com as flores que Emma lhe arranjara. Arrumou em leque os guardanapos de coquetel com o logotipo da Votos e distribuiu facas, colheres, xícaras de chá, taças de vinho e champanhe.

De volta à cozinha, cortou vários bolos em fatias retangulares finas e as arrumou em uma travessa. Em pequenos pratos de vidro, pôs quantidades generosas de diferentes coberturas e recheios.

Depois disso, deu um pulinho no banheiro para retocar a maquiagem e ajeitar os cabelos. Em seguida abotoou o casaco curto e trocou os calçados de cozinha por sapatos de salto alto.

Quando os clientes tocaram a campainha, estava pronta pra recebê-los.

– Steph, Chuck, que bom ver vocês de novo! Como foi a sessão de fotos? – perguntou enquanto fazia um gesto para que entrassem.

– Divertida – disse Stephanie, uma morena animada, dando o braço ao noivo. – Não foi?

– Foi. Quando parei de ficar nervoso.

– Ele odeia posar para fotos.

– Sempre me sinto meio atrapalhado – cumprimentou Chuck, um tímido rapaz de cabelos louros cor de areia, abaixando a cabeça ao sorrir. – Geralmente sou.

– Mac me pediu para dar um biscoito a ele, porque eu contei a ela que havíamos comido

biscoitos em nosso primeiro encontro. Quando tínhamos 8 anos.

– Só que eu não sabia que aquilo era um encontro.

– Eu sabia. Agora, dezoito anos depois, tenho você.

– Bem, espero que tenha sobrado espaço para o bolo. Que tal um pouco de champanhe? Ou vinho?

– Aceito um pouco de champanhe. Nossa, eu adorei este lugar – exclamou Steph, entusiasmada. – Amo tudo nele. Ah, esta é a sua cozinha? Onde você faz os bolos?

Laurel fazia questão de levar os clientes ao local de trabalho, para que eles sentissem a atmosfera e vissem a chama brilhar.

– É. Antes era usada como cozinha de apoio, ou para os serviços de bufê. Agora é toda minha.

– É linda. Eu gosto de cozinhar, e sou bem boa nisso. Mas fazer bolos... – Steph agitou a mão de um lado para outro.

– É preciso prática, e paciência.

– O que é isso? Ah, são tão bonitas!

– Flores cristalizadas. Acabei de fazê-las. Elas têm que descansar por algumas horas à temperatura ambiente.

Por favor, não toque nelas, pensou Laurel.

– São comestíveis?

– Sim. Acho melhor não usar flores ou enfeites não comestíveis em um bolo.

– Talvez devêssemos fazer algo assim, Chuck. Com essas flores.

– Tenho vários modelos que as utilizam. E posso personalizá-los para vocês. Por que não entram e se sentam? Vou buscar o champanhe e aí poderemos começar.

Era fácil quando os clientes tendiam a ficar satisfeitos como aqueles, concluiu Laurel. Eles pareciam inclinados a adorar tudo, inclusive um ao outro. O mais difícil, percebeu depois dos primeiros dez minutos, seria escolher a opção que, entre todas, os deixaria mais felizes.

– É tudo delicioso. – Steph espalhou um pouco de musse de chocolate branco sobre favas de baunilha. – Como as pessoas conseguem escolher?

– A melhor parte é que não há escolhas erradas. Você gosta do sabor de café? – perguntou Laurel a Chuck.

– Não dá para não gostar de todos.

– É uma boa opção para um bolo de noivo, e fica uma delícia com ganache de chocolate. Bem másculo – disse ela com uma piscadela. – E esse modelo parece um coração entalhado em uma árvore, com as datas e os nomes de vocês escritos.

– Ah, adorei esse! Você gostou? – perguntou Steph a Chuck.

– É bem legal. – Ele inclinou a foto para ver melhor. – Não sabia que eu podia ter um bolo.

– Você decide. Não há escolhas erradas.

– Vamos fazer isso, Chuck. Ele pode ficar com o masculino e eu com um bolo de noiva totalmente feminino.

– Combinado. Esse é o de ganache, certo? – Ele o provou e sorriu. – Ah, sim. Aprovado.

– Oba! Isto também é divertido. As pessoas dizem que planejar um casamento é uma dor de cabeça enorme, que não vamos parar de brigar e de nos irritar um com o outro. Mas estamos

curtindo muito.

– As dores de cabeças, as brigas e as irritações são a nossa parte do acordo.

Steph sorriu e depois ergueu as mãos.

– Muito bem, o que você me propõe? Acertou em cheio com o Chuck.

– Vamos lá. Casamento Dia dos Namorados. Bem romântico. Agora, você gostou da ideia das flores cristalizadas, mas esse desenho usa pasta de açúcar. Ainda assim, acho romântico, divertido e muito, muito feminino.

Laurel encontrou a fotografia no álbum e a mostrou.

Steph levou as mãos à boca.

– Minha nossa! Uau!

Isso que é reação, pensou Laurel.

– Cinco andares separados por cavilhas, para dar esse aspecto aberto e arejado ao bolo. E as cavilhas são cobertas com pétalas de pasta de açúcar. Há mais pétalas e botões espalhados sobre os andares para dar uma ideia de opulência. Essas são hortênsias – prosseguiu Laurel –, mas posso usar qualquer tipo de flor. Pétalas de rosa, flores de cerejeira, o que quiserem. Quaisquer cores ou tons. Geralmente uso glacê real nesse modelo, e o saco de confeitar em cada andar para formar a coroa. Mas repito que posso personalizar. Usar fondant para uma aparência mais lisa, fazer fitas ou pérolas, brancas ou na cor das flores.

– Essas são as minhas cores preferidas, azul e lavanda. Você sabia disso. Sabia e me mostrou o bolo perfeito. – Steph deu um suspiro reverente. – É lindo!

– Sim – concordou Chuck. – Mas sabem do que mais? É realmente um encanto. Como Steph.

– Ah, Chuck.

– Tenho que concordar. Se vocês gostarem desse estilo, podem escolher mais de um sabor e recheio.

– Eu não gosto, apenas. *Adoro* esse bolo. É ele. Ainda podemos pôr alguma coisa em cima? Os bonecos dos noivos?

– Claro.

– Perfeito. Porque quero nós dois em cima. Posso tomar outra taça de champanhe?

– Com certeza.

Laurel se levantou para servi-la.

– Você não pode tomar uma também? Não é permitido?

Laurel olhou para trás e sorriu.

– Eu sou sócia neste negócio, e adoraria uma tacinha.

O champanhe e os clientes a deixaram de ótimo humor. E como o dia estava encerrado, Laurel decidiu se servir de uma segunda taça acompanhada de uma travessa de frutas e queijos. Relaxada, sentou-se ao balcão e ficou bebericando, beliscando e fazendo a lista de compras para Parker.

Doces gregos levavam toneladas de manteiga e muitas, muitas nozes. Ela teria que fazer massa filo, coisa que detestava, mas trabalho era trabalho. Mel, amêndoas, pistaches, nozes, farinha para pães.

Já que estava fazendo a lista, não faria mal algum incluir os itens básicos e os produtos que

logo teria que pedir ao seu atacadista.

– Esse é o tipo de trabalho que eu gostaria de ter.

Laurel ergueu os olhos e viu Del à porta. Um típico advogado, pensou ela, com um terno risca de giz cinza feito sob medida, uma gravata elegante com um nó perfeito e uma pasta de couro sóbria.

– Pense que esta parte do dia só chega depois que você fica em pé por dez horas.

– Talvez valha a pena. O café está fresco?

– Não, mas ainda está bom.

Ele se serviu.

– Parker disse que você deveria pensar em "sexy, lacrimoso ou bobo". Seja lá o que isso signifique.

O filme para hoje à noite, concluiu Laurel.

– Certo. Quer ver seu bolo?

– Sem pressa. – Ele se aproximou e usou a faca de Laurel para espalhar um pouco de Camembert em um biscoito de alecrim. – Bom. O que tem para o jantar?

– Isso que você está comendo.

Del franziu as sobrancelhas em uma expressão desaprovadora.

– Você precisa se alimentar melhor, especialmente depois de uma jornada de dez horas de trabalho.

– Sim, papai.

Ignorando o sarcasmo, Del comeu uma fatia de maçã.

– Eu poderia ter lhe trazido algo, já que parte da jornada foi dedicada a mim.

– Não foi nada de mais, e se eu quisesse algo poderia ter feito, ou pedido à Sra. G.

Apenas uma das suas garotas, pensou ela com a frustração surgindo.

– De algum modo, nós, mulheres adultas, conseguimos sobreviver sem você se intrometendo em nossas escolhas nutricionais.

– O champanhe deveria ter melhorado o seu humor. – Ele inclinou a cabeça para olhar a lista de compras dela. – Por que não usa o computador?

– Porque já estou fazendo à mão, porque não tem impressora aqui embaixo e porque eu não quero. O que você tem a ver com isso?

Divertido, ele se encostou no balcão e cruzou os braços.

– Você precisa de um cochilo.

– Você precisa de um cachorro.

– Eu preciso de um cachorro?

– Sim, para ter uma vida com a qual se preocupar, na qual se intrometer e à qual dar ordens.

– Gosto de cachorros, mas já tenho você. – Ele parou e riu. – Isso não soou bem. Além do mais, "se intrometer" é o que as avós fazem, portanto não é o termo adequado. Meu trabalho é me preocupar com você, não só como advogado e sócio passivo da empresa, mas também porque vocês são as minhas garotas. E a quanto lhe dar ordens, isso só funciona na metade das vezes, embora já seja uma porcentagem muito boa.

– Você é um canalha presunçoso, Delaney.

– Posso ser – concordou ele, e experimentou o queijo Gouda. – E você é uma mulher mal-humorada, Laurel, mas não a culpo por isso.

– Sabe qual é o seu problema?

– Não.

– Justamente. – Ela lhe apontou um dedo enquanto descia do banco. – Vou pegar o bolo.

– Por que está com raiva de mim? – perguntou ele, seguindo-a até a câmara frigorífica.

– Não estou com raiva, estou irritada.

Ela pegou o bolo que já pusera em uma caixa. Poderia ter se virado e a empurrado para as mãos dele, mas mesmo irritada tomava cuidado com seu trabalho.

– Certo. Por que está irritada, então?

– Porque você está no meu caminho.

Ele ergueu as mãos em um sinal de paz e deu um passo para o lado para Laurel poder passar e pôr o bolo sobre o balcão. Ela ergueu a tampa e apontou para a caixa.

Com cautela, porque ele próprio já estava ficando irritado, Del se aproximou e olhou para dentro. E não pôde deixar de sorrir.

O bolo redondo de duas camadas – dois andares, corrigiu-se mentalmente – era branco e brilhante, decorado com símbolos coloridos da vida atual de Dara. Pastas, carrinhos de bebê, livros de direito, chocalhos, cadeiras de balanço e laptops. No centro, uma espirituosa caricatura da mãe segurando uma pasta em uma das mãos e uma mamadeira na outra.

– Ficou ótimo. Perfeito. Ela vai adorar.

– A parte de baixo é bolo branco, com recheio de creme. A de cima é de chocolate com merengue suíço. Tome cuidado para não desmontá-lo.

– Certo. Muito obrigado.

Quando ele foi pegar a carteira, Laurel ficou furiosa.

– Não vou aceitar seu dinheiro. Qual é a droga do *seu* problema?

– Eu só queria... Qual é a droga do seu problema?

– Qual é o meu problema? Vou lhe dizer. – Laurel pôs a mão no peito dele e o empurrou para trás. – Você é irritante, arrogante, metido a santo e condescendente.

– Nossa! Tudo isso só porque eu quis pagar por um bolo que lhe pedi para fazer? Pelo amor de Deus, esse é o seu trabalho! Você faz bolos e as pessoas lhe pagam por isso.

– Em um minuto você se intromete, e, sim, o termo certo é *se intromete*, porque não estou tendo o tipo de jantar que aprova e no instante seguinte puxa sua carteira como se tivesse contratado a minha ajuda.

– Não é nada disso. Que droga, Laurel.

– Como alguém consegue dar conta de tantos papéis? – Ela ergueu os braços. – Grande irmão, consultor jurídico, sócio, paizão. Por que não escolhe apenas *uma* dessas funções?

– Porque exerço mais de uma. – Del não gritou como ela, mas seu tom estava igualmente exaltado. – E não sou o paizão de ninguém.

– Então pare de controlar a vida de todos.

– Não ouvi ninguém mais reclamar, e ajudar você a controlar a sua vida é parte do meu trabalho.

– Do ponto de vista jurídico e empresarial, sim, mas não do pessoal. Deixe-me lhe dizer uma coisa, e tente enfiar isso na sua cabeça dura de uma vez por todas: não sou seu animal de estimação, não sou responsabilidade sua, não sou sua irmã, não sou sua garota. Sou uma adulta, livre para fazer o que quiser, quando quiser, sem pedir sua permissão ou aprovação.

– E eu não sou seu saco de pancadas – retrucou Del. – Não sei o que deu em você, mas pode me dizer ou ir descontar em outra pessoa.

– Quer saber o que deu em mim?

– Sim, quero.

– Vou lhe mostrar.

Talvez fosse o champanhe. Talvez fosse apenas loucura. Ou o olhar perplexo e irritado no rosto dele. Mas Laurel seguiu o impulso latente nela há anos.

Agarrou-o pelo nó perfeito da elegante gravata e o puxou para baixo enquanto lhe segurava os cabelos e o trazia para a frente. Em seguida, colou a boca à dele em um beijo ardente e frustrado que fez seu coração saltar no peito enquanto sua mente sussurrava: *eu sabia!*

Ela o fez perder o equilíbrio – era essa sua intenção –, o que obrigou Del a levar as mãos aos quadris dela e cravar os dedos neles por um momento glorioso e inebriante.

Laurel se entregou ao momento, para explorar, saborear e absorver. Sabores e texturas, calor e desejo, tudo a seu dispor. Obteve exatamente o que queria e depois o empurrou para longe.

– Pronto. – Ela jogou os cabelos para trás enquanto Del a olhava. – O céu não desabou, o mundo não acabou, nenhum de nós foi atingido por um raio ou queimou no inferno. Não sou sua maldita irmã, Delaney. Acho que agora deixei isso claro.

Ela saiu a passos largos da cozinha, sem olhar para trás.

Excitado, atônito e ainda bastante irritado, Del ficou exatamente onde estava.

– O que foi isso? O que diabo foi isso?

Começou a ir atrás dela e então parou. Aquilo não ia acabar bem, ou acabaria... Era melhor não pensar nisso até conseguir organizar os pensamentos. Ponto final.

Franziu a testa ao olhar para a meia taça de champanhe. Perguntou-se quanto ela bebera antes de ele chegar. Então, como sua garganta estava incomumente seca, pegou a taça e engoliu o resto.

Deveria ir embora, ir para casa e esquecer aquilo tudo. Atribuir o incidente a... alguma coisa. Descobriria o que quando seu cérebro voltasse a funcionar direito.

Tinha ido buscar o bolo, só isso, lembrou a si mesmo enquanto fechava e prendia a tampa da caixa com todo o cuidado. Laurel havia provocado uma briga e depois o beijado para provar alguma coisa. Isso era tudo.

Agora ele iria para casa e a deixaria ruminando o que quer que fosse.

Pegou a caixa. Simplesmente iria para casa e tomaria uma longa ducha fria.

capítuloquatro

Ela tentava não focar muito nisso. Um cronograma insano de casamentos no verão a ajudou a não pensar no que fizera, pelo menos em quatro a cada cinco minutos. Só que grande parte do seu trabalho era solitária e lhe dava tempo demais para pensar e se perguntar como podia ter feito algo tão estúpido.

Ele tinha merecido, é claro. E merecia havia muito tempo. Mas, no fundo, quem ela castigara com aquele beijo além de si mesma?

Porque agora aquilo não era só teoria ou especulação. Agora conhecia a sensação, o que sentiria se cedesse – apenas por um instante – a Del. Nunca mais conseguiria se convencer de que beijá-lo de verdade não chegava aos pés de beijá-lo em sua imaginação.

Tinha pagado para ver, e vira. Não havia como voltar atrás.

Se ao menos ele não tivesse me deixado tão irritada, pensou enquanto corria para ajudar a preparar as coisas no breve intervalo entre os dois eventos de sábado. Del, o enervante Del com seus "Por que você não faz isso assim?", "Por que não está comendo direito?". E depois pegando sua carteira grande e grossa como se...

E tinha que admitir que aquilo não fora justo. Ela o havia pressionado, provocado e instigado. Tinha procurado briga.

Montou a peça de centro no topo do gracioso bolo dourado e branco que chamava de Sonhos Dourados. Considerava-o uma de suas criações mais extravagantes, com a saia em camadas sedosas e rosetas em espiral.

Não era muito de seu gosto, refletiu, arrumando algumas das rosetas extras ao redor da base, espalhadas sobre a toalha de mesa dourada brilhante. Provavelmente ela não era sonhadora ou extravagante.

Era pragmática, pensou. Realista. Não era romântica como Emma, livre como Mac ou otimista como Parker.

Afinal, lidava com fórmulas, certo? Podia testar quantidades e ingredientes, mas no final precisava aceitar que certos componentes simplesmente não se misturavam. Insistir em juntar itens incompatíveis acabava produzindo algo intragável. Quando isso acontecia, a única coisa a fazer era admitir o erro e seguir em frente.

– Maravilhoso. – Com um olhar rápido de aprovação para o bolo, Emma pousou sua cesta. – Estou com as velas e as flores da mesa. – Ela consultou seu relógio de pulso e deixou escapar um breve "ufa". – Estamos dentro do horário. Está tudo arrumado aqui dentro e lá fora, e Mac está quase acabando a sessão de fotos anterior à cerimônia.

Laurel se virou para fitar o Salão de Baile, surpresa por tantas coisas terem ficado prontas enquanto ela pensava em suas preocupações. Mais flores, mais velas ainda por acender, várias mesas espalhadas e cobertas com o dourado brilhante e o azul de verão escolhidos pela noiva.

– E quanto ao salão principal?

– O pessoal do bufê está concluindo o trabalho, mas minha equipe já terminou.

Emma arrumou as velas longas, as menores decorativas e as flores com suas mãos hábeis de florista.

– Jack está entretendo os padrinhos do noivo. É bom tê-lo ajudando.

– Sim. Você acha isso estranho às vezes?

– O quê?

– Você e o Jack. Às vezes acha esquisito o fato de se conhecerem há anos como amigos e depois terem dado uma reviravolta tão drástica no relacionamento de vocês?

Emma deu um passo para trás e depois para a frente de novo a fim de mudar em um milímetro a posição de uma rosa.

– Às vezes acho surpreendente, mas, mais do que isso, assustador quando penso no que não teria acontecido se tivéssemos seguido em frente em vez de dar essa reviravolta. – Ela ajeitou um dos grampos que mantinham no lugar seus fartos cabelos cacheados. – Você não acha isso estranho, acha?

– Não. Eu meio que me pergunto se é estranho isso não ser estranho. – Laurel parou e balançou a cabeça. – Deixa para lá. Estou com a cabeça em outro lugar. – Com certo alívio, ouviu o sinal de Parker em seu fone de ouvido. – Aviso de dois minutos. Se estiver tudo bem aqui, vou descer para ajudar no alinhamento.

– Pode ir. Eu vou logo depois de você.

Laurel tirou o avental e soltou os cabelos enquanto descia rapidamente e chegava ao ponto de controle trinta segundos adiantada. Aquilo não era muito do seu gosto, pensou de novo, mas precisava admitir que a noiva sabia o que fazia. Seis damas de honra estavam alinhadas sob as ordens de Parker, resplandecentes em seus vestidos dourados de saia rodada e com os formidáveis buquês de dálias azuis e rosas brancas criados por Emma. A própria noiva, uma visão magnífica em seu vestido de seda lustrosa, pérolas brilhantes e lantejoulas reluzentes na cauda, estava radiante ao lado do pai, muito elegante de fraque e gravata branca.

– A mãe do noivo está a postos – murmurou Parker para Laurel. – A mãe da noiva está sendo escoltada agora. Damas! Lembrem-se de sorrir. Caroline, você está espetacular.

– Eu me sinto espetacular. Estou pronta, papai – disse ela.

– Não me deixe nervoso.

Ele pegou a mão da filha e a apertou contra os lábios.

Parker fez o sinal de mudança de música para que a orquestra de cordas que a noiva escolhera começasse a tocar a da entrada.

– Número um, vá. Cabeça erguida! Sorria! Você está linda. E... número dois. Cabeças erguidas, meninas.

Laurel alisou saias, ajustou enfeites de cabeça e finalmente foi para o lado de Parker a fim de ver a noiva seguir seu caminho margeado de flores.

– *Espetacular* é a palavra – comentou Laurel. – Achei que poderia ser demais, quase espalhafatoso. Mas ficou um centímetro aquém disso, muito elegante.

– Sim, mas confesso que ficarei feliz em não ver ouro ou dourado por um mês. Temos vinte minutos antes de conduzir os convidados ao salão principal.

– Vou tirar dez minutinhos para dar uma caminhada. Preciso de uma pausa.

Imediatamente, Parker se virou.

– Você está bem?

– Sim, só preciso de uma pausa.

Um tempo para clarear as ideias, pensou Laurel dando uma volta. Um tempo longe das pessoas. Àquela altura a equipe de auxiliares estava na cozinha comendo antes de voltar ao trabalho, por isso seguiu o caminho longo, passando pelos terraços laterais e jardins onde poderia apreciar o silêncio e a opulência das flores de verão.

Emma tinha distribuído urnas e vasos aqui e ali com lobélias muito azuis e marias-sem-vergonha cor-de-rosa para aumentar ainda mais a quantidade de flores. A linda casa vitoriana estava decorada para o casamento com as dálias azuis e as rosas brancas preferidas da noiva ao redor do pórtico de entrada e grinaldas de tule e renda aumentando o romantismo.

Na opinião de Laurel, mesmo sem aquilo a casa era romântica. O azul suave e discreto com adornos cor de creme e dourado-claro. As linhas do telhado, os bonitos detalhes dourados traziam esse romantismo e um toque de fantasia e nobreza. Desde que se lembrava, fora uma segunda casa para ela. Agora, é claro, era seu lar. E aquela construção adorável ficava bem perto da casa da piscina e da casa de hóspedes onde suas amigas moravam e trabalhavam.

Não podia imaginar aquilo diferente, mesmo com a adição recente de Carter e Jack, mesmo com o anexo ao estúdio de Mac quase pronto para torná-lo um lar para dois.

Não, não podia se imaginar sem a propriedade, a casa, o negócio que construíra com as amigas e, bem, a comunidade que haviam criado ali.

Tinha que pensar nisso, no motivo pelo qual tinha aquilo tudo.

Certamente em virtude do próprio trabalho duro, e do trabalho duro das amigas. Da visão de Parker. O cheque que a Sra. G. lhe entregara naquele dia, tantos anos atrás – e a confiança tão valorizada quanto o dinheiro –, tinha aberto a porta.

Mas não era só isso.

A casa, a propriedade, tudo o que havia nela tinham ficado para Parker e Del quando os pais deles faleceram. Del também dera um salto de fé, tão vital quanto o da Sra. G. ao preencher aquele cheque.

Aquela era a casa dele, refletiu Laurel, parada estudando as linhas, a graça e a beleza da construção. Mas ele a cedera a Parker. Havia detalhes legais, modelos de negócios, projeções, porcentagens, contratos – mas o ponto principal era o mesmo.

A irmã dele – não, todas as quatro, que ele gostava de chamar de O Quarteto – tinha desejado algo, pedido, e ele lhe dera. Del acreditara nelas e as ajudara a transformar um sonho em realidade. Não fizera isso tendo em mente porcentagens ou projeções, mas porque as amava.

– Droga.

Irritada consigo mesma, Laurel passou a mão pelos cabelos. Detestou descobrir que fora

injusta, mal-humorada e burra.

Ele não merecia ter ouvido as coisas que lhe dissera – e as dissera porque ficar irritada com ele era mais fácil do que se sentir atraída por ele. E beijá-lo? Burra era pouco.

Agora tinha que se redimir, se proteger e recuperar sua reputação. Isso não ia ser fácil.

Mas tinha sido ela quem passara dos limites e quem tinha sentimentos a ser resolvidos. Portanto, era ela quem tinha que consertar a situação.

Ouviu Parker ordenar que se acendesse a vela da união e se desse início ao solo vocal. *Tempo esgotado*, disse a si mesma. Descobriria como resolver aquilo depois.

Como Laurel não confiava em mais ninguém para cortar o complicado modelo de bolo, posicionou-se ao lado da mesa em que ele estava. Esperou a noiva e o noivo cortarem a primeira fatia – como os instruíra – e darem pedaços na boca um do outro enquanto Mac imortalizava o momento. Então, quando a música e a dança continuaram, ela assumiu o comando.

Com uma faca de chef, cortou as decorações laterais.

– Droga, isso não parece certo.

Ela olhou de relance para Jack enquanto começava a fatiar e transferir o bolo para pratos de servir.

– Isso foi feito para ser comido.

– Olho para algo assim e penso que se fosse obra minha, eu teria que estar bem longe quando fosse demolido. E mesmo assim talvez ainda caísse no choro.

– Dói nas primeiras vezes, mas não é como construir uma casa. Você não a levanta sabendo que vai acabar sendo derrubada por uma bola de demolição. Quer um pedaço?

– É claro que sim.

– Espere até enchermos as primeiras bandejas. – O que, concluiu ela, lhe daria tempo para sondá-lo. – Então, Del não vem jogar com você esta noite?

– Acho que ele tem um compromisso.

Com uma mulher, supôs Laurel. Mas isso não era da sua conta e não era o que queria saber.

– Imagino que hoje em dia vocês andem muito ocupados para se verem sempre.

– Na verdade, jantamos juntos na quinta-feira.

Depois do beijo, pensou ela.

– Então, quais são as novidades, as fofocas?

Laurel esboçou um sorriso, tentando decifrar a expressão de Jack.

– Os Yankees estão numa boa fase – disse ele, e lhe sorriu de volta.

Nenhum embaraço, concluiu, nenhum sorriso sem graça. Ela não sabia se devia se sentir ofendida ou aliviada por Del não ter comentado o incidente com o melhor amigo.

– Aqui – falou, entregando-lhe uma generosa fatia de bolo.

– Obrigado. – Ele comeu um pedaço. – Você é um gênio.

– Isso é verdade.

Satisfeita por ter cortado fatias suficientes por ora, ela passou pelos convidados para examinar a mesa de sobremesas e o bolo do noivo.

A música era animada e a pista de dança estava cheia. Com as portas do terraço abertas para a noite agradável, os convidados também dançavam lá.

Parker se aproximou dela.

– Para sua informação, o bolo está fazendo um sucesso enorme.

– Bom saber. – Laurel deu uma olhada na mesa de sobremesas mais próxima e calculou que os doces deveriam durar até a última dança. – Ei, aquela é a mãe da noiva? – Ela apontou com a cabeça para a pista. – Ela dança bem.

– Ela era dançarina profissional. Dançou na Broadway.

– Dá para notar.

– Foi assim que ela e o marido se conheceram. Ele era um patrocinador, foi assistir a um ensaio e, segundo ele, se apaixonou por ela à primeira vista. Ela dançou até o segundo filho deles nascer e, alguns anos depois, começou a dar aulas particulares.

– Que lindo. Mas, falando sério, como você se lembra de tudo isso?

Parker continuou a examinar a sala com olhos de águia, à procura de algum problema.

– Do mesmo modo que você se lembra de todos os ingredientes daquele bolo. O noivo e a noiva pediram uma hora a mais.

– Ai, ai.

– Eu sei, mas todos estão se divertindo muito. A banda concordou. Vamos distribuir as lembranças na hora programada, portanto não haverá nenhum problema quanto a isso. Então vamos deixá-los dançar, ora.

– Vai ser uma noite longa. – Ela reavaliou as sobremesas. – Vou pegar mais alguns doces.

– Precisa de ajuda?

– Acho que sim.

– Vou bipar Emma. Ela e Carter devem estar livres. Vou lhes pedir para descerem.

Quase à uma da manhã, enquanto a turma da limpeza se concentrava no Salão de Baile, Laurel completou a vistoria da Suíte da Noiva. Recolheu grampos esquecidos, um pé de sapato perdido, uma bolsa de maquiagem de couro cor-de-rosa e um sutiã de renda. O sutiã podia ser indício de uma rapidinha durante a recepção, ou da necessidade de uma convidada de libertar os seios.

Os itens iriam para a caixa de achados e perdidos de Parker – sem perguntas.

Ao levá-los para fora, encontrou a amiga.

– Parece que estamos todas livres. Pode deixar que eu levo isso. Reunião relâmpago da equipe.

Todos os músculos do corpo de Laurel se contraíram em protesto.

– Hoje?

– Rapidinho. Tenho uma garrafa de champanhe quase cheia para diminuir o sofrimento.

– Está bem, está bem.

– Na nossa sala. Daqui a alguns minutos.

Não adiantava reclamar, pensou Laurel, dirigindo-se à sala para se acomodar no sofá.

Alongou-se. Gemeu.

– Sabia que você chegaria primeiro. – Como não conseguiu pegar o lugar no sofá, Mac deitou

no chão. – O padrinho deu em cima de mim e Carter achou isso engraçado.

– Sinal de que é um homem confiante.

– Acho que sim. Mas o fato é que antes de Carter quase ninguém dava em cima de mim nos eventos. Isso não parece certo. Não estou disponível.

– Por isso é paquerada. – Com um suspiro, Laurel tirou os sapatos. – Acho que os homens têm um radar embutido. Indisponível é mais sexy.

– Porque são cafajestes.

– É claro que sim.

– Eu ouvi isso – disse Emma ao entrar. – E acho que é cínico e mentiroso. Você foi paquerada porque está linda, e agora que está com Carter está mais feliz e extrovertida, portanto mais atraente. – Ela desabou em uma cadeira e puxou as pernas para cima. – Quero ir para a cama.

– Você e todas nós. Temos que nos reunir amanhã para o ensaio de domingo. Por que isto não pode esperar, o que quer que seja?

– Porque... – Parker entrou e apontou para Laurel. – Tenho algo que fará todas vocês irem dormir um pouco mais felizes. – Ela tirou um envelope do bolso. – O pai da noiva nos deu um bônus. Embora eu, é claro, tenha recusado delicadamente, ele fez questão. Nós demos à sua garotinha o casamento dos sonhos dela, demos a ele e à esposa uma noite extraordinária, e ele quis demonstrar sua gratidão.

– Que bom. – Mac bocejou. – Ótimo mesmo.

– São 5 mil dólares. – Parker sorriu quando Laurel se aprumou no sofá. – Em dinheiro – acrescentou, pegando as notas e as balançando para elas.

– Isso é muita, muita gratidão. Tão verdinhas... – comentou Laurel.

– Posso tocar nas notas antes de você guardá-las? – perguntou Mac. – Antes de investi-las na empresa?

– Achei que poderíamos ficar com o dinheiro. Talvez eu esteja apenas muito cansada, mas é a minha opinião. Mil dólares para cada uma e mil para Carter e Jack dividirem. Parker acenou com as notas. – Vocês decidem.

– Voto a favor. – Emma ergueu a mão. – Fundos para o meu casamento!

– Segundo voto a favor. Ou terceiro. Passe para cá – ordenou Mac.

– Por mim está ótimo. – Laurel agitou os dedos. – Mil dólares viriam a calhar.

– Então está decidido. – Parker entregou a Laurel o champanhe aberto. – Sirva enquanto eu conto o dinheiro. – Ela se ajoelhou no chão.

– Isto é muito, muito bom. Champanhe e dinheiro em espécie no final de um longo dia. – Mac pegou uma taça e a passou para Emma. – Vocês se lembram do nosso primeiro evento oficial? Quando terminou, abrimos uma garrafa, comemos sobras do bolo e dançamos. Nós quatro e Del.

– Eu beijei o Del.

– Todas nós beijamos o Del – salientou Emma enquanto brindava com Mac.

– Não, quero dizer que o beijei outro dia. – Laurel se ouviu dizendo isso com um pouco de choque seguido de um alívio considerável. – Sou muito burra.

– Por quê? Isso é só... – Mac pestanejou e então entendeu. – Ah, você *beijou* o Del. Bem... Nossa!

– Eu estava irritada e insatisfeita, e ele veio buscar o bolo. Ele foi *tão* Del – contou ela com um rancor que achava já ter passado.

– Já fiquei irritada com o Del e nem por isso o beijei – comentou Emma.

– Não foi nada de mais. Não para ele. Nem se deu ao trabalho de contar ao Jack. O que quer dizer que não significou nada. Não comente com o Jack – ordenou a Emma. – Porque ele devia ter falado alguma coisa e não falou, portanto não teve importância nenhuma.

– Você só nos contou agora.

Laurel franziu as sobrancelhas para Mac.

– Porque eu... tinha que pensar sobre isso.

– Mas significou alguma coisa para você – murmurou Parker.

– Não sei. Foi um impulso, um momento de insanidade. Eu estava irritada. Não é que estivesse de fato interessada nele. Ah, droga – sussurrou, apoiando a cabeça nas mãos.

– Ele retribuiu o beijo? Beija bem? – quis saber Mac enquanto Emma a chutava. – Só estou perguntando.

– Não. Mas ele não estava esperando. Foi mais por causa da raiva.

– O que ele disse? Não me chute de novo – avisou Mac a Emma.

– Nada. Não lhe dei chance de falar. Vou consertar isso – prometeu a Parker. – A culpa foi minha, embora ele estivesse sendo irritante e condescendente. Não fique chateada.

– Não estou chateada, não com isso. Estou me perguntando como pude ser tão cega. Eu a conheço tão bem... Como pude não perceber, ver ou saber que você sentia alguma coisa pelo Del?

– Eu não sinto. Está bem, eu sinto, mas não fico pensando nele dia e noite. É algo que vem e passa. Como uma alergia. Só que em vez de me fazer espirrar, faz com que eu me sinta uma idiota. – A aflição se refletiu em sua voz. – Sei que você é discreta, mas mesmo assim preciso pedir: por favor, não conte para ele que eu disse isso. Eu não ia falar nada, mas simplesmente saiu. Parece que tenho dificuldade em controlar meus impulsos.

– Não vou contar nada a ele.

– Ótimo, ótimo. Não foi nada, de verdade. Só lábios encostando um no outro.

– Não foi um beijo de língua? – Mac saiu do alcance de Emma e depois se encolheu sob o olhar reprovador dela. – O que foi? Fiquei curiosa. Todas nós ficamos, ou não estaríamos aqui à uma da manhã falando sobre isso com 5 mil dólares em dinheiro sobre a mesa.

– Tem razão – concluiu Laurel. – Não deveríamos estar falando sobre isso. Só toquei no assunto para ser totalmente sincera com vocês. Agora podemos esquecer isso, pegar nosso bônus e ir para a cama. Na verdade, agora que lhes contei, não sei por que fiquei tão perturbada com isso. Não foi nada.

Ela fez um gesto amplo – amplo demais, percebeu – e abaixou as mãos de novo.

– É óbvio que não foi nada, e Del com certeza não vai perder o sono por isso. Ele nem contou ao Jack... Ou a você. Certo? – perguntou a Parker.

– Não falo com ele desde o início da semana, mas não, não me contou nada.

– Ouçam. – Ela conseguiu dar uma risada fraca. – Estou agindo como se fôssemos adolescentes, e não agi assim nem quando *éramos*. Agora chega. Vou pegar meu dinheiro e ir para a cama.

Ela recolheu uma das pilhas que Parker contara.

– Então não vamos pensar mais nisso, está bem? Vamos apenas... agir normalmente. Está tudo... normal. Então, boa noite.

Quando ela se retirou, apressada, suas três amigas se entreolharam.

– Não teve nada de normal nisso – comentou Mac.

– Não foi *a*normal. Só diferente. – Emma pousou a taça e pegou seu dinheiro. – E ela está sem graça. Deveríamos deixar isso para lá, assim ela não fica constrangida. Podemos fazer isso?

– A questão é se *ela* pode – disse Parker. – Acho que vamos descobrir.

Parker deixou o assunto para lá – por ora. Esperou o evento de domingo passar, respeitando o espaço da amiga. Mas na segunda-feira arranjou uma hora em sua agenda em que sabia que Laurel estaria na cozinha preparando a festa decidida no último minuto.

Quando entrou e encontrou Laurel estendendo massa filo, soube que o momento era perfeito.

– Vim dar uma mãozinha.

– Está tudo sob controle.

– A maior parte dessa obra-prima grega ficou sob sua responsabilidade. Posso dar uma ajuda ao menos na limpeza. – Ela foi juntar as tigelas sujas. – Poderíamos arranjar um auxiliar de cozinha para você.

– Eu não quero um auxiliar de cozinha. Eles acabam atrapalhando. Aliás, é por isso que não tenho um.

– Estou considerando a ideia. – Parker começou a encher o lava-louças. – Pensando em talvez achar alguém para treinar, para ficar responsável por parte do trabalho braçal.

– Bendito seja o dia em que isso acontecer.

– Temos que decidir se preferimos continuar como estamos ou crescer. Crescer significa contratar auxiliares. Poderíamos oferecer mais eventos em dias de semana se aumentássemos a equipe.

Laurel fez uma pausa.

– É isso que você quer?

– Não sei. É só algo em que penso de vez em quando. Às vezes acho que sim, às vezes definitivamente não. E às vezes acho que talvez. Seria uma grande mudança. Precisaríamos ter funcionários fixos em vez de apenas pessoal de apoio. Na verdade, estamos nos saindo muito bem. Mas uma mudança pode abrir outros caminhos.

– Eu não sei se estamos... Espere um minuto. – Laurel estreitou os olhos às costas de Parker. – Você está usando isso como uma metáfora, uma indireta, ou ambas, para aquela coisa do Del.

Nós nos conhecemos bem demais, pensou Parker.

– Talvez. Pensei muito nisso e acabei ficando obcecada com o que aconteceria se você e Del se entendessem. Ou não.

– E?

– Não cheguei a conclusão nenhuma. – Parker se virou. – Amo vocês dois, e isso não vai mudar. E, por mais que eu esteja no centro do universo, isso não tem nada a ver comigo. Mas

seria uma mudança.

– Eu não mudei. Veja, estou aqui no mesmo lugar. Firme, sem mudanças.

– A mudança já foi feita, Laurel.

– E aí eu mudei de novo – insistiu Laurel. – Voltei ao que era. Por Deus, Parks, foi só um beijo.

– Se tivesse sido só um beijo, você teria me contado imediatamente, e não feito piada sobre o assunto. – Ela fez uma pequena pausa, dando a Laurel uma chance de argumentar, mesmo sabendo que ela não seria capaz. – Isso a deixou preocupada, o que significa que foi algo mais. Ou você está se perguntando se foi algo mais. Você se importa com ele.

– É claro que eu me importo com ele. – Confusa, Laurel ergueu e agitou o rolo de abrir massa. – Todas nós nos importamos. E, sim, isso é parte do problema. Ou da situação. Não é tanto um problema. – Ela continuou a estender a massa até ficar fina como papel. – Todas nós gostamos de Del, e ele gosta de todas nós. Às vezes a ponto de eu querer lhe dar um soco no olho, principalmente quando nos trata como uma coisa só. Como se fôssemos um corpo com quatro cabeças.

– Às vezes...

– Sim, eu sei, às vezes somos. Mas é frustrante ser parte do todo e ele me ver como uma pessoa de quem precisa cuidar. Não quero que cuidem de mim.

– Ele não consegue evitar.

– Também sei disso. – Ela ergueu os olhos e encontrou os de Parker. – Para aumentar a frustração, ele está nervoso, eu estou nervosa, e o problema, a situação... Prefiro situação a problema.

– Como quiser.

– A situação é totalmente culpa minha. E deve ser estranho para você me ouvir falar assim.

– Um pouco. Estou trabalhando para melhorar isso.

– Não é que eu esteja morrendo de amores, perdidamente apaixonada ou algo grave assim. É só uma...

– Situação.

– Exatamente. E, como eu fiz o que fiz, já estou resolvendo isso.

– Ele beija tão mal assim?

Laurel lhe lançou um olhar inexpressivo enquanto pegava a tigela de recheio.

– Eu tomei a iniciativa e agora que superei o constrangimento estou me sentindo melhor. Na verdade, aquilo foi só parte da briga, que aconteceu por culpa minha. Na maior parte, pelo menos. Ele não devia ter tentado me pagar pelo bolo. Foi a gota d'água quando eu já estava irritada. Você não tentaria me pagar por um maldito bolo.

– Não. – Ainda assim, Parker ergueu um dedo. – Então me deixe ver se entendi. Você não quer que ele a veja, por assim dizer, como mais um biscoito no pacote, mas também não quer que ele se ofereça para pagar pelo seu trabalho, porque isso é insultante.

– Você tinha que estar lá para entender.

– Dá para esquecer por um minuto que ele é meu irmão?

– Não sei se consigo.

– Vamos tentar. – Para manter a conversa casual, Parker se encostou no balcão. – Você está

atraída por ele. Vocês dois são bonitos, interessantes e desimpedidos. Por que não estaria?

– Porque é o Del.

– O que há de errado com o Del?

– Nada. Olhe, isto é estranho. – Ela pegou sua garrafa d'água e depois a pousou de novo sem beber. – Não é lógico, Parker, e não é algo que você possa resolver por mim. Nós vamos ficar bem, quero dizer, Del e eu. Já superei e duvido que ele tenha pensado por um minuto sequer sobre o assunto. Agora saia daqui para eu poder me concentrar neste baclavá.

– Está bem. Mas conte-me se acontecer algo mais.

– Não conto sempre?

Contava, até agora, pensou Parker, mas não disse nada.

capítulocinco

Crescer em uma família cheia de mulheres dera a Del certos princípios básicos a seguir. Um deles, que se aplicava ao momento, refletiu, era que se um homem não entendia o que estava acontecendo, e a falta de compreensão significava encrenca, certa distância era recomendável.

Sentia que a mesma regra se aplicava a... relacionamentos pessoais entre homens e mulheres, o que estranhamente, dadas as circunstâncias, também era o caso.

Mantivera-se longe de Laurel e, embora isso não tivesse lhe proporcionado uma maior compreensão da situação, só podia esperar que a tivesse acalmado.

Não achava ruim brigar, porque, de um lado, as discussões mantinham o dinamismo das coisas e, de outro, muitas vezes desanuviavam o ambiente. Mas gostava de conhecer as regras da luta. Nesse caso, não tinha a menor ideia de quais eram.

Estava acostumado ao mau gênio de Laurel, a seu temperamento impulsivo. E os ataques verbais a ele não eram nenhuma novidade.

Mas beijá-lo do nada? Isso era totalmente inédito. Não conseguia parar de pensar nisso, e pensar não o ajudara a chegar a conclusão nenhuma.

O que o deixava muito irritado.

Conclusões, soluções, alternativas, acordos – tudo isso fazia parte do seu trabalho. E ele simplesmente não conseguia juntar as peças desse quebra-cabeça de sua vida pessoal.

No entanto, não podia manter distância para sempre. Não só gostava de aparecer quando podia, como o fluxo constante do negócio com Parker e a sociedade na empresa exigiam atenção.

Uma semana era tempo suficiente para as coisas se acalmarem, decidiu. Eles teriam que lidar um com o outro. De alguma forma. E fariam isso, é claro. Não era tão difícil. Não era nada difícil, disse a si mesmo enquanto virava o carro para a longa entrada de automóveis da propriedade. Eles só haviam tido uma briga – com elementos incomuns. Laurel tentara provar um argumento. De certo modo, ele entendera. Tendia a pensar nela – em todas elas – como responsabilidade sua, e isso a irritava.

Ela que ficasse aborrecida à vontade por ele ser responsável por todas. Era o irmão de Parker e o advogado delas. E, em virtude de circunstâncias que nenhum deles podia controlar ou mudar, era o chefe da família.

Mas tentaria ser mais sutil em relação a essa responsabilidade.

Embora não se intrometesse nos assuntos dela a cada cinco minutos.

Ainda assim, disse a si mesmo, poderia tentar se conter um pouco. Sem dúvida ela deixara seu ponto de vista claro. Não era irmã dele. Mas isso não significava que não era parte da família e,

droga, ele tinha todo o direito de...

Pare, ordenou a si mesmo. Não chegariam a lugar nenhum se fosse falar com ela já procurando encrenca. Era melhor estudar o terreno e deixá-la conduzir a conversa.

Então poderia trazê-la de volta ao lugar no qual os dois se encaixavam. Sutilmente, lembrou a si mesmo.

De onde diabo tinham vindo todos aqueles carros? Era terça-feira à noite, e não conseguia se lembrar de nada programado na Votos. Deu a volta para estacionar ao lado do estúdio de Mac, saiu e olhou para a casa com uma careta. Sem dúvida estava acontecendo algum evento. Podia ver o trabalho de Emma nos arranjos de flores elaborados ao redor do pórtico e ouvir – até mesmo a distância – o alarido e as vozes da festa.

Por um momento, limitou-se a ficar onde estava, observando. Luzes brilhavam nas janelas, transformando a casa em uma celebração de boas-vindas. Hospitalidade com um toque de elegância. Sempre tinha sido assim. Seus pais adoravam receber pessoas – em pequenas reuniões íntimas e em festas grandes e elegantes. Supunha que Parker adquirira suas habilidades de forma natural. No entanto, quando chegava inesperadamente em casa – e ainda era a casa dele –, sentia aquela rápida pontada, aquela tristeza profunda pelo que perdera. Pelo que todos eles haviam perdido.

Pegou o caminho que contornava a casa e optou por entrar pela porta lateral, com fácil acesso à cozinha da família.

Esperara encontrar a Sra. Grady lá, fazendo alguma coisa no fogão, mas só havia uma luz acesa no cômodo vazio. Foi até a janela e ficou observando alguns dos convidados reunidos no terraço e passeando pelos jardins.

Julgou que eles estavam relaxados, sentindo-se em casa, impressionados. Infundir essas qualidades em um evento era outra das habilidades de Parker, ou da combinação do Quarteto.

Avistou Emma e reconheceu alguns funcionários do bufê carregando toalhas, flores e arranjos. Um ajuste de última hora, presumiu. Rápido e eficiente, notou, enquanto Emma conversava com alguns dos convidados. Era toda sorrisos e calor humano. Ninguém diria que sua mente já estava concentrada na próxima tarefa.

Emma e Jack, refletiu. Isso é que era um ajuste de última hora para ele. Seu melhor amigo e uma das suas garotas. Enquanto pensava nisso, Jack saiu carregando uma bandeja com velas pequenas. Ajudando, reparou Del, como todos eles faziam de vez em quando. Mas aquilo era diferente, disse a si mesmo, ao lhe ocorrer que era a primeira vez desde que os dois tinham se tornado um casal que os observava sem que se dessem conta da sua presença.

Os olhares que trocavam, sim, eram diferentes. O modo como Jack roçava a mão no braço dela, de forma casual e íntima, como um homem fazia quando precisava tocar em algo que amava.

O que havia entre eles era uma coisa boa, concluiu. E acabaria se acostumando com isso.

Enquanto isso, estava ali e havia uma festa. Bem que poderia ir para o Salão de Baile e ajudar também.

Ela havia trabalhado arduamente, pensou Laurel, e poucas coisas eram mais gratificantes do que ver sua obra sendo devorada. Agora que o bolo fora cortado e os pratos de sobremesa estavam arrumados, deixou o serviço para o pessoal do bufê e tirou um minuto para tomar fôlego. A música tocava e os que não estavam aglomerados ao redor das mesas de sobremesas aproveitavam. Dezenas de outras pessoas estavam sentadas às mesas, a maioria ainda bebendo ouzo.

Oba!

Maravilha, maravilha, pensou. *Tudo sob controle*. E o momento perfeito para escapulir por cinco minutos e tirar os sapatos. Olhou ao redor em busca de possíveis problemas enquanto se dirigia à porta.

– Srta. McBane?

Faltava tão pouco..., pensou ela, mas se virou e deu seu sorriso profissional.

– Pois não? Em que posso ajudá-lo?

– Nick Pelacinos – apresentou-se ele, estendendo-lhe a mão. – Primo da noiva.

E definitivamente lindo, observou Laurel, ao cumprimentá-lo. Um deus grego bronzeado com olhos cor de âmbar derretido e um furinho no queixo.

– Prazer em conhecê-lo. Espero que esteja se divertindo.

– Seria um idiota se não estivesse. Vocês fizeram uma festa maravilhosa. Sei que deve estar ocupada, mas minha avó gostaria de dar uma palavrinha com você. Ela está reunida com seus súditos ali.

Ele apontou para a mesa principal, cheia de pessoas, bebidas, comida e flores – e inquestionavelmente comandada pela matriarca de cabelos grisalhos e olhar penetrante. *A famosa avó*, pensou Laurel.

– Claro.

Ela o acompanhou, perguntando-se se deveria pedir reforços a Parker.

– Em geral ela e meu avô só vêm aos Estados Unidos a cada um ou dois anos – disse-lhe Nick. – Normalmente exigem que os visitemos, de modo que esta viagem é um acontecimento importante para a família.

– Entendo.

– Pelo que sei, você e suas sócias conseguiram organizar tudo isto em menos de uma semana. Incrível! Sério. Eu ajudo a administrar os restaurantes da família em Nova York, então tenho uma boa ideia do esforço que isto exigiu.

Ela reviu mentalmente o relatório que Parker fizera da família.

– Papa's. Comi no de West Side.

– Precisa voltar lá, e me avise quando for. O jantar é por minha conta. *Yaya*, vovó, aqui está a Srta. McBane.

A mulher inclinou a cabeça de maneira régia, com o mais leve dos movimentos.

– Estou vendo.

– Srta. McBane, minha avó, Maria Pelacinos.

– Stephanos. – Maria deu um tapinha no braço do homem ao seu lado. – Deixe a moça se sentar.

– Por favor, não se incomode – disse Laurel.

– Levante-se, levante-se.

Ela fez um sinal para o homem sair e apontou para a cadeira.

– Aqui, perto de mim.

Nunca discuta com um cliente, lembrou Laurel a si mesma, e se acomodou na cadeira vazia.

– Ouzo – pediu a mulher, e quase de imediato um copo foi posto em sua mão.

Ela o colocou na frente de Laurel.

– Vamos brindar ao seu baclavá.

Erguendo o próprio copo, ela arqueou uma sobrancelha imperial para Laurel. Sem ter muita escolha, Laurel levantou o copo, se preparou e bebeu. Depois, conhecendo o costume, bateu com o recipiente na mesa.

– Opa.

Ganhou uma rodada de aplausos e um gesto de aprovação de Maria.

– Você tem talento. É preciso mais do que mãos e ingredientes para fazer comida de qualidade. São necessários um coração aberto e uma boa cabeça. Sua família é grega?

– Não, senhora.

– Ah. – Ela ignorou a resposta. – Todos têm família grega. Vou lhe dar minha receita de *lathopita*, nossa torta grega de semolina, e você a fará para o casamento da minha neta.

– Eu adoraria. Obrigada.

– Acho que você é uma boa moça. Então dance com meu neto. Nick, convide a moça para dançar.

– Na verdade, eu tenho que...

– É uma festa. Vá dançar! Ele é um bom rapaz, e bonito. Tem um bom emprego e é solteiro.

– Bem, nesse caso... – disse Laurel, fazendo Maria rir.

– Vá, vá dançar. A vida é mais curta do que você pensa.

– Ela não vai aceitar um não como resposta.

Nick estendeu-lhe a mão.

Uma dança, pensou Laurel. Era só o que seus pés doloridos aguentariam. E realmente queria aquela receita.

Deixou Nick conduzi-la à pista enquanto a banda começava a tocar uma música lenta.

– Pode não parecer – começou ele enquanto a pegava nos braços –, mas minha avó lhe fez um grande elogio. Ela provou um pouco de tudo e está convencida de que você é grega, porque não poderia ter feito sobremesas gregas tradicionais com tanta habilidade se não fosse. – Ele a girou elegantemente. – E você e suas sócias salvaram a família de uma enorme discussão. Obter a aprovação dela para este local não foi fácil.

– E se *yaya* não está feliz...

– Exatamente. Você costuma ir muito a Nova York?

– De vez em quando... – Os saltos de Laurel a deixavam quase da mesma altura dele, e isso proporcionava um bom equilíbrio para a dança, concluiu. – A Votos nos mantém perto de casa. Também deve ser assim com você. Trabalhei em restaurantes enquanto estudava, e antes de o nosso negócio decolar. É uma área que exige muito.

– É um ciclo de crises, drama e caos. Ainda assim, *yaya* está certa. A vida é mais curta do que pensamos. Se eu ligar para você um dia desses, talvez possamos nos afastar um pouco do trabalho.

Pausa nos encontros, lembrou Laurel a si mesma. Mas... podia ser uma boa ideia acabar com isso para exterminar sua obsessão por Del.

– Talvez possamos.

A música terminou, e com alarde e aplausos a banda passou para a tradicional dança circular grega. Laurel começou a se afastar, mas Nick continuou a lhe segurar a mão.

– Você não pode perder essa.

– Eu preciso mesmo ir. Além disso, só a assisti em eventos, nunca a dancei.

– Não se preocupe, eu vou conduzi-la.

Antes que Laurel pudesse arranjar mais uma desculpa, outra pessoa pegou sua mão livre e ela estava no círculo.

Que se dane, decidiu. *É uma festa*.

Del apareceu durante a dança lenta e olhou ao redor automaticamente, procurando Parker. Ou foi o que disse a si mesmo. Viu Laurel quase de imediato.

Dançando. Com quem ela estava dançando? Não deveria estar dançando com um homem que ele não conhecia... Deveria estar trabalhando.

Será que levara um acompanhante? Parecia que eles se conheciam, considerando o modo como se moviam juntos – e como ela sorria para ele.

– Del, eu não esperava que você aparecesse hoje.

Parker se aproximou dele a passos largos e lhe deu um beijo na bochecha.

– Só passei aqui para... Quem é aquele?

– Quem?

– Com Laurel. Dançando.

Confusa, Parker olhou e viu a amiga na multidão.

– Não sei ao certo.

– Ele veio com ela?

– Não. É um dos convidados. Estamos dando uma espécie de recepção pós-noivado e pré-casamento. Longa história.

– Desde quando vocês dançam nos eventos?

– Depende das circunstâncias. – Ela o olhou e comentou em voz baixa, sob o som da música e das vozes: – Hum, eles ficam bem juntos.

Del apenas deu de ombros e pôs as mãos nos bolsos.

– Não é muito inteligente encorajarem os convidados a paquerar vocês.

– *Encorajar* é uma palavra discutível. Em todo caso, Laurel sabe cuidar de si mesma. Ah, eu adoro quando eles fazem a dança tradicional – acrescentou quando a música mudou. – É tão alegre! Olhe para Laurel! Ela pegou o jeito.

– Ela sempre foi boa com os pés – resmungou Del.

Laurel ria e não aparentava nenhuma dificuldade com os passos ou o ritmo. Parecia diferente, pensou Del. Não sabia exatamente *como*. Não, não era isso; *ele* a estava vendo de um modo

diferente. Estava olhando para ela através daquele beijo. Aquilo tinha mudado as coisas – e a mudança o deixava desconfortável.

– Preciso dar outra circulada.

– O quê?

– Preciso dar outra circulada – repetiu Parker, inclinando a cabeça para estudá-lo com atenção.

Del franziu as sobrancelhas.

– O que foi? Por que está me olhando assim?

– Nada. Se quiser, pode se misturar aos convidados. Ninguém nessa multidão vai se importar. Ou, se quiser algo para comer antes da sobremesa, pode descer até a cozinha.

Ele começou a dizer que não queria nada, mas percebeu que isso não era totalmente verdade. Não sabia o que queria.

– Talvez. Só estou dando uma passada. Não sabia que vocês estavam trabalhando hoje. Ou a maioria de vocês – corrigiu-se quando Laurel passou girando.

– Foi algo de última hora. Ainda temos mais um tempo pela frente. Se quiser, pode ir para a sala e me esperar lá.

– Acho que vou andando.

– Bem, se mudar de ideia, vejo você depois.

Del decidiu que queria uma cerveja, e se a quisesse sem a obrigação de ajudar, teria que pegar na cozinha da família em vez de nos bares do evento.

Devia apenas ir para casa e beber lá, disse a si mesmo ao começar a descer a escada. Mas não queria ir para casa, não com a imagem de Laurel dançando como se tivesse nascido na Grécia. O jeito, então, era pegar uma cerveja, encontrar Jack e ficar ali por uma hora. Carter também devia estar por perto. Beberia uns goles, encontraria os amigos e se divertiria um pouco com eles.

O melhor modo de tirar uma mulher da cabeça de um homem era sentar e beber uma cerveja com os amigos.

Voltou à cozinha da família e encontrou uma Samuel Adams na geladeira. Exatamente o que ele precisava. Depois de abri-la, olhou pela janela de novo para ver se conseguia avistar um dos amigos. Mas no terraço, agora iluminado por velas e luzes coloridas, só havia estranhos.

Deu um gole na bebida e ficou pensando. Por que diabo estava inquieto? Havia um monte de coisas que podia estar fazendo além de ficar ali em uma cozinha vazia, bebendo e olhando para estranhos pela janela.

Devia ir para casa e pôr o trabalho em dia. Ou se lixar para o trabalho e assistir a um jogo. Estava tarde demais para ligar para alguém com um convite para jantar ou beber – e, droga, não estava a fim de ficar sozinho.

Com os sapatos nas mãos, caminhando em silêncio, Laurel entrou na cozinha. Ficar sozinha era exatamente o que queria. Em vez disso, viu Del em pé à janela parecendo o homem mais solitário do mundo.

Aquilo não combinava com o que sabia dele. Nunca pensara em Del como um solitário. Ele conhecia todo mundo e vivia cercado por tantas pessoas que muitas vezes ela se perguntava por que ele não escapava para algum lugar em busca de um pouco de paz.

Mas agora Del parecia totalmente só, isolado e triste.

Parte dela quis se aproximar, abraçá-lo e consolá-lo pelo que quer que estivesse lhe dando aquele ar melancólico. Em vez disso, seu instinto de sobrevivência falou mais alto e ela começou a sair da cozinha.

Del se virou e a viu.

– Desculpe, não sabia que você estava aqui. Precisa falar com Parker?

– Não. Eu encontrei com ela lá em cima. – Del ergueu as sobrancelhas ao vê-la descalça. – Acho que toda aquela dança maltratou seus pés.

– Hã? Ah... Não dancei tanto assim, mas em um fim de dia como este o cansaço se acumula. – Laurel decidiu superar logo aquilo e se desculpar: – Já que você está aqui, quero dizer que passei dos limites na outra noite. Não devia tê-lo atacado daquele jeito.

Má escolha de palavras, pensou.

– Entendo que você tenha certo senso de... dever – continuou ela, embora quase não tivesse conseguido pronunciar a última palavra. – Gostaria que não tivesse, e não posso evitar ficar irritada com isso assim como você não pode evitar agir dessa forma. Portanto, é inútil brigar por causa disso.

– Ahã.

– Se isso é o melhor que você pode fazer, vou considerar tudo coisa do passado.

Del ergueu um dedo enquanto tomava outro gole de cerveja. E a observou.

– Não exatamente. Estou me perguntando por que sua irritação assumiu aquela forma em particular.

– Olhe, você estava agindo do modo como sempre age, e isso me irritou, então eu disse coisas que não deveria ter dito. Como as pessoas fazem quando estão irritadas.

– Não estou me referindo ao que você disse, mas ao que fez.

– É tudo parte de um todo. Eu estava louca de raiva. Desculpe. É pegar ou largar.

Agora ele estava sorrindo e ela sentiu o sangue começar a entrar em ebulição.

– Você já ficou louca de raiva de mim antes, mas nunca me beijou assim.

– É como os meus pés.

– Não entendi.

– É um efeito cumulativo. É irritante quando você age como um sabichão, e, como faz isso há anos, a irritação aumentou, e aí... aquilo foi para provar o que eu penso.

– E o que você pensa? Acho que não entendi.

– Não sei por que você está dando tanta importância a isso. – Ela sentiu a irritação aumentar, assim como o calor da vergonha em suas bochechas. – Somos adultos. Foi só um beijo e uma alternativa não violenta a lhe dar um soco na boca. Que é o que eu deveria ter feito, em vez disso.

– Muito bem, vamos ver se eu entendi direito. Você estava irritada comigo. Disse que a irritação aumentou ao longo dos anos. E que suas ações foram uma alternativa a me dar um soco no rosto. É isso?

– Sim, Excelência, chegou bem perto. Quer que eu pegue uma Bíblia e jure sobre ela? Pelo amor de Deus, Del!

Ela foi até a geladeira e a abriu para pegar uma garrafa d'água. Era provável que existisse

alguém que a irritasse mais que Delaney Brown, mas naquele momento ele encabeçava a lista. Ela abriu a tampa da garrafa com um giro raivoso do pulso enquanto se virava e se chocou contra ele.

– Pare com isso.

Ela teria chamado aquilo de pânico, mas seu temperamento seguiu um rumo diferente.

– Você abriu a porta. A real e a metafórica. – Del apontou para a geladeira aberta. – Aposto que agora também está irritada.

– Sim, agora estou irritada.

– Bom. Já que estamos na mesma sintonia e eu sei como isso funciona...

Ele a agarrou pelos braços e a puxou para cima até que Laurel ficasse na ponta dos pés.

– Nem pense em...

Foi tudo o que ela conseguiu dizer antes de seu cérebro parar de funcionar.

O calor, o encontro de bocas, contrastava com o ar frio em suas costas. Ela se sentiu presa entre o gelo e o fogo, incapaz de se mover em qualquer uma das direções enquanto ele a mantinha equilibrada naquela fina e frágil fronteira.

Então Del deslizou as mãos para baixo, em direção à cintura dela, e o beijo lentamente se transformou em pura luxúria. O corpo de Laurel amoleceu e sua mente ficou enevoada quando ele a puxou apenas um pouco mais para perto.

O som que Del ouviu-a emitir, uma espécie de ronronar, não indicava raiva, mas rendição. A surpresa que Laurel guardava, como um presente embrulhado há anos, se abriu. Del desejou afastar aquelas camadas cuidadosa e minuciosamente e descobrir mais.

Laurel mudou de posição e acabou derramando a água gelada da garrafa nos dois. Del se afastou e olhou para as camisas molhadas de ambos.

– Opa.

Laurel piscou, perplexa. Mesmo quando Del sorriu, ela se afastou atabalhoadamente. Gesticulou com a garrafa, o movimento desastrado o suficiente para derramar mais água.

– Bem, então... agora estamos empatados. Preciso voltar. Preciso. – Ela passou a mão na camisa molhada. – Droga.

Virou-se e fugiu.

– Ei. Você esqueceu os sapatos...

Mas ela já tinha saído.

Del fechou a geladeira e pegou a cerveja que pusera sobre o balcão.

Estranho, pensou ao se encostar de novo no balcão da cozinha silenciosa. Sentia-se melhor. Na verdade, sentia-se muito bem.

Examinou os sapatos que Laurel deixara no chão. Achou-os sexy, sobretudo quando comparados aos trajes de trabalho que ela usava. Perguntou a si mesmo se aquilo fora uma combinação deliberada ou um impulso.

E não era um pouco estranho estar pensando nos sapatos dela? Mas já que estava... Divertido, ele abriu a gaveta para pegar um caderno de anotações.

Estamos empatados?, pensou enquanto escrevia um bilhete. Não estava interessado em um empate.

De manhã, Laurel optou por nadar em vez de se exercitar na sala de ginástica. Disse a si mesma que só queria uma mudança, mas teve que admitir que a alteração de planos permitia evitar Parker até pensar no que falar. Ou decidir se diria alguma coisa.

Provavelmente era melhor deixar aquilo para lá, decidiu, ao dar uma virada olímpica na piscina para iniciar outra volta. Na verdade, não havia nada para contar. A veia competitiva de Del era muito forte. Ela o havia beijado, por isso ele a beijara de volta. Em dobro. Del era assim. Decidira colocá-la em seu lugar – isso era típico dele.

E aquele sorriso? Deu um impulso mais forte para outra volta. Aquele sorriso estúpido, presunçoso e superior? *Isso* também era típico dele. *Idiota*. Era ridículo acreditar que sentia algo por ele. Só havia perdido a cabeça por um minuto. Ou quase uma década. Mas quem estava contando? Tinha se curado. Estava bem. Tudo normal.

Quando chegou ao fim da raia de novo, fechou os olhos e se deixou afundar. Depois das voltas exaustivas, a sensação de leveza era perfeita. Deixar-se levar, como se fosse em sua vida pessoal. E aquilo era bom, realmente bom. Não precisava de forma, função e estrutura em todas as áreas.

Era bom ser livre para fazer o que queria quando o dia terminava ou, no caso, antes de começar. Não ter que dar satisfações a ninguém além de si mesma. Não precisava de tudo determinado e definido. Nem mesmo queria que fosse assim. Del – a situação com Del – fora apenas um acidente. Agora tudo estava bem, pensou. Tudo melhor.

Mergulhou a cabeça, jogou os cabelos para trás ao alcançar a escada e deu um grito quando Parker se aproximou com uma toalha.

– Meu Deus, você me assustou. Não sabia que estava aí.

– Então fomos duas a nos assustar. Por um minuto me perguntei se deveria pular e tirar você da água.

Laurel pegou a toalha.

– Eu só estava me deixando levar. Fazendo uma mudança no ritmo acelerado dos últimos dias. Acho que nós nunca nos deixamos levar o suficiente, só isso.

– Certo, vou pôr isso na lista.

Laurel riu e enrolou a toalha na cintura.

– Não duvido nada. Por que já está vestida? Que horas são?

– Quase oito. Imagino que você está se deixando levar há algum tempo.

– Acho que sim. Foi uma noite agitada.

– Foi mesmo. Você viu Del?

– Por quê? Sim, mas por quê?

– Porque ele estava aqui e por algum tempo você se ausentou do seu posto sem licença.

– Não me ausentei do meu posto, capitã. Só fiz um intervalo.

– E trocou de camisa.

Algo parecido com culpa começou a tomar conta de Laurel.

– Ela estava suja. Por quê?

– Curiosidade. – Parker estendeu-lhe um envelope. – Isto estava no balcão da cozinha. A Sra. G. me pediu para lhe entregar.

– Bem, por que ela apenas não... Ah.

Laurel parou ao reconhecer a letra de Del.

– Não quer saber o que diz? Eu quero. – Parker ficou parada bloqueando o caminho e sorrindo alegremente. – Se eu quisesse ser educada, voltaria lá para dentro e lhe daria privacidade para ler isso. Mas não sou assim tão madura.

– Não é nada. Tudo bem.

Sentindo-se uma tola, Laurel abriu o envelope.

> Você pode pensar que isto acabou, mas está enganada. Sequestrei seus sapatos. Entre em contato comigo em até 48 horas ou será o fim dos Prada.

Laurel emitiu um som entre uma risada e um xingamento enquanto Parker lia por cima do seu ombro.

– Ele levou seus sapatos?

– Aparentemente sim. O que devo fazer? – Laurel balançou o bilhete. – Decidi que ia me deixar levar pela corrente e agora ele está cheio de joguinhos. Acabei de comprar aqueles sapatos.

– Como foram parar com ele?

– Não é o que você está pensado. Eu os tirei, ele estava lá e os esqueci depois de... nada. Foi uma espécie de pagamento na mesma moeda.

Parker assentiu com a cabeça.

– Na sua moeda ou na dele?

– Não foi nada disso, mente suja. Eu me desculpei por atacá-lo, mas ele não se satisfez com isso e começou a me interrogar. Uma coisa levou a outra na geladeira. É difícil explicar.

– Obviamente.

– Ele só está bancando o espertinho. Pode ficar com os malditos sapatos.

– É mesmo? – Parker sorriu, os olhos plácidos. – Porque isso me faria pensar, e talvez ele também, que você está com medo de lidar com a questão. Com ele. Com qualquer parte disso.

– Pois não estou, e não me venha com essa. – Laurel tirou a toalha do corpo para esfregá-la furiosamente nos cabelos. – Eu só não quero ficar remexendo nisso.

– Porque é difícil se deixar levar quando as coisas estão remexidas.

– Isso mesmo. De qualquer modo, tenho sapatos melhores. Não vou lhe dar o gostinho de entrar no jogo bobo dele.

Parker sorriu de novo.

– Os homens são tão bobos...

Laurel revirou os olhos.

– Ele é seu irmão – murmurou, e andou a passos largos na direção da casa.

– Sim, é. – Parker se perguntou quanto tempo demoraria para sua melhor amiga ceder. Mais de 24 horas, disse a si mesma. *Menos de 48*.

O celular em seu bolso tocou. Ela olhou para o visor enquanto atravessava o gramado.

– Bom dia, Sybil. Em que posso ajudá-la?

capítuloseis

Sempre havia um modo de obter informações. Na opinião de Parker, informações não eram apenas poder, mas o caminho para a eficiência – e, em seu mundo, a eficiência governava tudo. Para fazer algo bem-feito e com eficiência, primeiro tinha que se inteirar dos detalhes e dos fatos.

E, sempre que possível, fazer várias coisas ao mesmo tempo.

No caso do sequestro dos sapatos, a primeira tarefa do dia era levar Del para dar uma volta de carro. Isso não seria difícil, particularmente porque optara por usar o mecânico dele para a manutenção do próprio automóvel. Malcolm Kavanaugh podia ser um homem simplório e arrogante, mas era ótimo no que fazia, e isso era o mais importante. E ajudava o fato de ser amigo de Del.

Com um fim de semana repleto de eventos, começando com o ensaio naquela noite, ela podia muito bem dizer a Del que precisava de uma carona porque nenhuma das sócias estava com tempo para levá-la.

É claro que podia telefonar para meia dúzia de outras pessoas ou chamar um táxi, pensou enquanto retocava o batom. Mas o favor faria Del se sentir o grande irmão – um papel de que ele gostava – e lhe daria a oportunidade de sondá-lo, já que Laurel se fechara.

Examinou o conteúdo de sua bolsa e depois a agenda em seu celular.

Falar com Del. Buscar o carro. Almoçar com clientes, pegar as roupas na lavanderia, ir ao supermercado, voltar lá pelas quatro e meia e se preparar para o ensaio.

Deu uma voltinha diante do espelho. Os clientes eram importantes, e como haviam marcado o almoço no clube de campo que frequentavam, era importante se vestir corretamente.

O vestido de verão amarelo-claro unia com perfeição o casual e o profissional, pensou ela. Joias discretas, mas a mãe da cliente, com seus olhos de águia, veria que eram verdadeiras, o que contaria a seu favor. Deixara os cabelos soltos para variar um pouco e transmitir um ar jovial e amigável. Nada estava exagerado, nada chamava atenção demais. Uma organizadora de casamentos nunca ofuscava o brilho da noiva. Satisfeita, acrescentou um suéter branco fino para enfrentar o ar-condicionado se os clientes decidissem almoçar dentro do clube.

Dez minutos antes da hora marcada com seu irmão, ela desceu a escada. A casa que adorava parecia muito grande e silenciosa àquela hora da manhã, sem nenhum cliente agendado, nenhum evento que exigisse seu tempo e sua atenção. As flores de Emma perfumavam o ar em grandes arranjos ou lindos mostruários pequenos, e algumas das fotos de Mac se misturavam com as obras de arte nas paredes.

Ela havia mudado pouca coisa ali: apenas levara os itens mais pessoais para seus aposentos

particulares ou para os de Laurel. Ainda assim, a casa continuava muito parecida com um lar feliz que testemunhara centenas de comemorações. E discussões, pensou ela, ajeitando uma tigela. Risos, lágrimas, dramas e tolices.

Não se lembrava de já ter se sentido solitária naquela casa, ou desejado estar em outro lugar.

Olhou para o relógio de pulso, fez um cálculo mental e decidiu ir falar com Laurel.

Encostada no balcão, a amiga amassava fondant. Perto dela, seis camadas de bolo já assadas esperavam em suas grades. Como Laurel escolhera um programa de entrevistas matutino em vez de música, Parker percebeu que ela queria se distrair.

– Vou dar uma saída – anunciou Parker. – Precisa de alguma coisa?

Laurel a olhou de relance.

– Essa cor ficou linda em você.

– Obrigada. Faz com que eu me sinta radiante.

– E *está* radiante. Você poderia me trazer uns 2 quilos de morangos? Bem frescos. Não compre todos totalmente vermelhos e maduros. Traga misturados. Assim não precisarei sair à tarde.

– Sem problemas. – Parker pegou o celular para incluir o pedido na lista. – Tenho mesmo que passar no mercado depois da reunião com Jessica Seaman e a mãe dela, no almoço.

– Certo.

Laurel parou de amassar e cruzou as mãos.

– A mãe da noiva quer discutir o cardápio e as músicas. Isso é para amanhã à noite? – perguntou enquanto Laurel polvilhava a superfície do balcão com amido de milho.

– É. Seis andares, fondant, saia plissada e orquídeas de pasta de goma combinando com a flor predominante. – Ela estendeu a primeira folha de fondant. – Ué, eu pensei que seu carro estivesse na oficina.

– Está, e já ficou pronto. Del vai me deixar lá.

– Ah.

Franzindo as sobrancelhas – à menção de Del ou por causa das bolhas de ar que avistou –, Laurel furou as pequenas bolhas com um alfinete.

– Algum recado para ele ou seus sapatos?

– Engraçadinha. – Trabalhando rápido, Laurel ergueu o fondant com as duas mãos e o pôs sobre a primeira camada. – Você poderia lhe dizer para parar de ser tão ridículo e devolver os meus sapatos.

– Está bem.

– Não, não diga nada. – Ela deu de ombros e depois alisou o topo e os lados do fondant, eliminando mais bolhas de ar. – Não preciso dos sapatos. Já os esqueci.

– Claro.

Laurel pegou um cortador de pizza e o balançou na direção da amiga.

– Conheço seus joguinhos, Parker. Você está tentando me irritar para eu ligar para ele e falar sobre isso. Não vai funcionar.

– Está bem. – Parker sorriu tranquilamente enquanto Laurel passava o cortador ao redor da base do bolo para tirar o excesso de fondant. – Ele vai chegar daqui a um minuto. Vou trazer seus morangos.

– Tamanhos e formas variados – disse Laurel.

– Certo.

Parker voltou para a frente da casa, feliz em saber que conseguira fazer o que planejara. Laurel trabalharia durante o resto do dia pensando em Del e nos sapatos.

Saiu, pôs os óculos escuros e desceu pelo caminho de pedestres justamente quando Del chegava.

– Bem na hora – comentou ele.

– Você também.

– Somos Browns. Obcecados com pontualidade.

– Eu considero isso uma virtude e uma habilidade. Obrigada por me levar, Del.

– Sem problemas. Vou visitar um cliente e depois encontrar com Jack para o almoço. Está tudo certo.

– Multitarefa. A chave para tudo. Sapatos novos? – perguntou ela.

– Não. – Ele a olhou de relance enquanto fazia a curva para sair da entrada de veículos. – Por quê?

– É que fiquei sabendo que você adquiriu uns sapatos novos sensacionais recentemente.

– Ah. – Os cantos da boca de Del se torceram em um sorriso divertido. – Não são do meu tamanho. Além disso, andar por aí de salto alto dá cãibras nos meus dedos.

Ela o cutucou no braço.

– Levando os sapatos de Laurel. Quando vai parar de se comportar como se tivesse 12 anos?

– Nunca. – Ele pôs a mão no coração como se fizesse um juramento. – Ela está irritada ou achando graça?

– As duas coisas, e ao mesmo tempo nenhuma das duas. Eu diria que ela está confusa.

– Missão cumprida, então.

– Isso é tão a sua cara! Por que quer confundi-la?

– Foi ela que começou.

Parker abaixou os óculos para olhá-lo por cima do aro.

– Acho que você acabou de regredir para os 8 anos. Começou o quê?

Ele lhe retribuiu o olhar.

– Posso ter 8 anos, mas conheço você e seu bando. Você sabe o que ela começou e agora está tentando me convencer a contar meu lado da história.

– Não tenho que convencê-lo e você não precisa me contar. Desculpe – acrescentou ela quando seu telefone tocou. – Oi, Shawna! Acabei de falar com Laurel e ela estava na cozinha terminando o seu bolo. Vai ficar lindo. Certo. Ahã. Não, não, não se preocupe. Vou ligar para meu agente de viagens e... Hum, isso foi engenhoso. Você tem o novo número do voo dele? Sim.

Durante a conversa, ela pegou um bloco e uma caneta e repetiu a informação enquanto anotava.

– Vou dar uma conferida, só para ter certeza de que está no horário, e providenciar que um carro o busque e traga para o ensaio. Não, isso não será um problema. Deixe comigo. Vejo você hoje à noite. Relaxe, está tudo sob controle. Vá fazer suas unhas e não se preocupe com nada. Sim, eu também. Tchau. – Parker virou-se para Del e explicou, enquanto deixava o bloco de lado:

– O voo do padrinho do noivo foi cancelado. Ele está sendo realocado em outro. Vai chegar um pouco atrasado hoje à noite.

– Por um minuto eu fiquei preocupado.

– Laurel está certa. Você é um sabichão.

– Foi isso que ela disse?

Dando de ombros com indiferença, Parker guardou o celular.

– Ok, ok, seus métodos de tortura são eficientes e cruéis. Laurel mudou as regras do jogo, e agora estou pensando se devo me adaptar a elas. Não tenho certeza de que é uma boa ideia, mas... Bem, é uma ideia. O que você acha?

– Acho que vocês dois estão tentando ficar no comando e por isso vão brigar como cães raivosos ou se apaixonarem loucamente. Talvez as duas coisas, porque ambos estão partindo de sentimentos fortes e duradouros um pelo outro. E esses sentimentos vão mudar se vocês... se adaptarem.

– Não quero brigar nem me apaixonar loucamente. Só estou explorando uma possível nova dinâmica. Isso é estranho para você?

Interessante ambos lhe fazerem a mesma pergunta, pensou ela.

– Ainda não sei. Quando Laurel entrar em contato com você para falar sobre os sapatos, o que ela fará, embora pense que não, não tripudie.

– Só em meu íntimo. – Ele entrou no estacionamento da oficina. – Ela vai falar comigo?

– Ela adora daqueles sapatos. Além disso, decidirá que não falar com você é deixá-lo vencer. – Parker se inclinou e lhe beijou a bochecha. – Obrigada pela carona.

– Posso esperar você. Mal deve estar por aqui em algum lugar, então posso fazer hora com ele até você terminar.

– Não é preciso. – Se Del falasse com Malcolm, Malcolm saberia que ela estava lá e certamente teria algo a dizer. Preferia evitar isso, e a ele também. – Eu liguei antes, então eles sabem que eu estou a caminho.

– É claro que ligou. Bem, se encontrar com Mal, diga que eu falo com ele no pôquer hoje à noite.

– Ahã. Apareça para jantar na semana que vem. – Ela saiu do carro. – Faremos uma grande refeição em família. Vou ver a agenda de todos e aí aviso que noite é melhor, se você estiver livre.

– Combinado. Ei, Parker, você está bonita.

Ela sorriu.

– Só tire os olhos dos meus sapatos.

Fechou a porta à risada dele e entrou no escritório da oficina.

A mulher cansada com cabelos cor de abóbora e óculos de aro verde sentada atrás do balcão usando o telefone fez um leve sinal com a cabeça indicando que Parker entrasse. Algumas perguntas discretas tinham desvendado que se tratava da mãe de Malcolm.

Não que isso fosse particularmente importante, mas Parker gostava de saber com quem estava lidando.

– Certo, amanhã à tarde. A partir das duas. Olhe, meu amigo, a peça acabou de chegar e o rapaz só tem duas mãos. – Ela revirou os olhos muito verdes, da mesma cor dos do filho, para

Parker enquanto bebia um gole de refrigerante direto da garrafa. – Quer que seja rápido ou direito? Ele avisou que demoraria um dia para a peça chegar. Eu ouvi. Talvez devesse comprar uma americana. Se ficar pronto antes, eu ligo. É o melhor que posso fazer. Sim, tenha um ótimo dia. Idiota – acrescentou ao desligar. – Todos acham que o mundo gira ao redor deles – comentou ela com Parker. – Todos são o centro do maldito universo.

Então ela suspirou e depois sorriu – um sorriso singularmente doce.

– Você está lindíssima e jovial hoje.

– Obrigada. Vou encontrar com uma cliente.

– Estou com sua conta aqui. Fechei e imprimi depois que você ligou. Estou pegando o jeito desse maldito computador.

Parker se lembrou do primeiro encontro delas e da frustração da Sra. Kavanaugh. "Você realmente consegue ganhar tempo depois que aprende o programa."

– Bem, agora só demoro um terço do tempo que levava para digitar as coisas. Aqui está.

– Ótimo.

Parker se aproximou para olhar.

– Eu conheci a sua mãe, sabia?

– Ah, é?

– Agora que estou reparando melhor, você tem o jeito dela. Sua mãe era uma verdadeira dama. Do tipo que não precisa ser esnobe para mostrar isso.

– Ela teria gostado dessa descrição. – Satisfeita com a conta, Parker pegou seu cartão de crédito. – Acho que a senhora também conhece Maureen Grady. É a governanta da casa, e de todos nós, desde que me entendo por gente.

– Sim, eu a conheço um pouco. Acho que quando você permanece em Greenwich por algum tempo, acaba conhecendo quase todo mundo. Meu filho joga pôquer com seu irmão.

– Joga – confirmou Parker, e assinou a tira de papel do cartão de crédito. – Na verdade, Del me deu uma carona até aqui. Ele pediu para dizer ao Malcolm que fala com ele no pôquer hoje à noite.

Pronto, pensou. *Dever cumprido*.

– Você mesma pode dizer – observou a Sra. Kavanaugh enquanto Malcolm entrava pela porta lateral da oficina, limpando as mãos em uma bandana vermelha.

– Mãe, preciso de você para... – Ele se interrompeu e abriu um sorriso lento. – Olá. Prazer em vê-la.

– A Srta. Brown veio buscar o carro dela. – A mãe de Malcolm pegou as chaves e, para a consternação de Parker, as atirou para o filho, que as agarrou com uma das mãos. – Leve-a até lá fora.

– Não é preciso. Eu só...

– Faz parte do serviço.

Malcolm andou até a porta da frente do escritório e a segurou para que Parker passasse.

– Obrigada, Sra. Kavanaugh. Foi bom vê-la de novo.

– Volte quando quiser.

– Na verdade – começou Parker, quando eles saíram –, estou com um pouco de pressa,

então...

– Tem um encontro?

– Uma reunião.

– É uma pena desperdiçar um vestido desses em uma reunião de negócios, mas eu a levo lá.

Malcolm cheirava ao seu trabalho, o que não era nem de longe tão desagradável quanto ela imaginara. Sua calça jeans tinha um buraco em um dos joelhos e manchas de graxa na coxa. Parker se perguntou se ele usava uma camiseta preta para que as manchas não aparecessem.

Os cabelos de Malcolm eram quase tão pretos quanto a camiseta e caíam livremente ao redor do rosto de linhas bem definidas. Parker notou que ele não havia se barbeado, mas o resultado o fazia parecer mais perigoso do que desmazelado.

– Você tem uma bela máquina. – Quando chegaram ao veículo, Malcolm balançou as chaves, encarando-a. – E cuida bem dela. Nós revisamos tudo por conta própria porque é a primeira vez que pegamos no carro, mas de qualquer modo eu não poderia lhe cobrar nada. Você mantém o seu bebê limpo e polido.

– As ferramentas funcionam melhor quando são bem cuidadas.

– As pessoas deveriam viver de acordo com essas palavras. A maioria não faz isso. Então, tem algum compromisso depois da reunião?

– Como? Ah... alguns serviços de rua... e depois trabalho.

– Você algum dia não tem reuniões, serviços de rua e trabalho?

– Raramente. – Parker sabia quando um homem a paquerava, mas não conseguia se lembrar da última vez que isso a deixara aturdida. – Agora eu preciso mesmo das chaves. O carro não vai funcionar sem elas.

Ele as pôs na mão aberta de Parker.

– Se você tiver um desses raros momentos, me dê uma ligada. Posso levá-la para passear na minha máquina.

Enquanto Parker tentava pensar em uma resposta, ele ergueu o polegar e indicou uma grande, robusta e brilhante motocicleta.

– Acho melhor não. Realmente acho melhor não.

Malcolm apenas sorriu.

– Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar. – Ele esperou um segundo enquanto Parker entrava no carro. – É a primeira vez que a vejo com os cabelos soltos. Combinam com o vestido.

– Hum. – *Por Deus, Parker*, pensou ela, *o gato comeu sua língua?* – Obrigada pelo serviço.

– Não há de quê.

Ela fechou a porta, girou a chave e, com uma genuína sensação de alívio, foi embora. O homem, decidiu ela, simplesmente a desestabilizava.

Aquilo era uma bobagem, disse Laurel a si mesma, e deveria ser enfrentado. Ignorar Del e seu jogo infantil a princípio soara como uma boa ideia, mas quanto mais pensava, mais lhe parecia uma fuga. E daria uma vantagem a ele, o que ela nunca permitiria.

Guardou seu plano para si mesma. Como sua presença não era necessária no ensaio, seu

contato com as amigas estaria limitado. Ficou na cozinha, fazendo o recheio e a cobertura para o bolo Morangos de Verão de sábado à tarde. Examinou seu quadro e seu cronograma e tentou não se sentir culpada por sair de fininho da própria casa.

Tirou o avental, depois praguejou. Não iria à casa de Del enfrentar aquela situação toda suada e desarrumada. Dava para tomar um banho antes.

Subiu a escada dos fundos, foi até sua ala e tomou uma ducha. Se maquiar também não tinha nada de mais. Era apenas o básico. E também tinha o direito de usar brincos e uma blusa bonita, não tinha? Não era um crime querer ter a melhor aparência possível em qualquer circunstância.

Recusando-se a continuar discutindo consigo mesma, desceu usando a escada dos fundos novamente, com a intenção de sair sem ser vista. Estaria em casa antes que sua ausência fosse notada.

– Aonde você vai?

Pega em flagrante.

– Ah. – Ela se virou e viu a Sra. Grady na horta. – Só tenho que fazer uma coisa. Uma coisinha.

– Bem, então é melhor que faça. Essa blusa é nova, não é?

– Não. Sim. Mais ou menos. – Ela *detestou* sentir o calor da culpa subindo por sua nuca. – Não faz sentido comprar uma blusa e não usá-la.

– Não mesmo – concordou a Sra. Grady com expressão plácida. – Então vá e se divirta.

– Eu não vou... Deixe para lá. Não vou demorar.

Ela circundou a casa e foi na direção do seu carro. Uma hora, no máximo, e então estaria...

– Oi. Está saindo?

Por Deus, aquilo parecia uma comunidade de espiões. Ela esboçou um sorriso para Carter.

– Estou. Tenho uma coisa para resolver. Volto logo.

– Está bem. Vou implorar à Sra. G. por um cozido. Vamos descongelá-lo mais tarde, caso esteja interessada.

– Obrigada, mas já comi uma salada. Façam bom proveito.

– Faremos. Você está bonita.

– E daí? – Ela balançou a cabeça. – Desculpe, desculpe. Eu estava distraída. Tenho que ir.

Ela pulou para dentro do carro antes que encontrasse mais alguém.

Enquanto se afastava em alta velocidade, ocorreu-lhe que deveria ter ido à casa de Del durante o dia, enquanto ele estivesse fora. Sabia onde escondia a chave extra e conhecia o código do alarme, embora fosse provável que ele o mudasse de tempos em tempos, por segurança. Ainda assim, podia ter arriscado, entrado e encontrado seus sapatos. Deixado um bilhete para *ele*, pensou. *Isso* teria sido inteligente.

Agora era tarde demais. Mas talvez Del não estivesse em casa, pensou. Ele tinha uma vida social intensa – amigos, clientes, encontros. Sete e meia de uma bela noite de verão? Sim, provavelmente tinha um ótimo encontro – bebidas, jantar, depravação. Ela poderia entrar, encontrar os sapatos e lhe deixar um bilhete engraçado.

Caro sequestrador de sapatos, conseguimos fugir e chamamos o FBI. Uma equipe tática está a

caminho. Os Pradas.

Del riria, concluiu. Ele não gostava de perder – quem gostava? –, mas riria. E seria o fim da história.

Desde que ela não fizesse o alarme disparar e acabasse ligando para ele e solicitando sua presença como advogado. *Pensamento positivo*, aconselhou a si mesma, e se preparou para seguir o novo plano enquanto dirigia.

E o viu desabar como um suflê malfeito ao avistar o carro de Del na entrada de veículos.

Ah, tudo bem, de volta ao Plano A.

Del tinha uma casa maravilhosa, que ela admirava desde que fora construída. Provavelmente era grande demais para um homem só, mas entendia a necessidade de espaço. Sabia que Jack a desenhara levando em consideração pedidos muito específicos de Del. Não era tradicional demais nem moderna demais. Bastante iluminada, com espaço de sobra. E a profusão de seixos de rio e a inclinação dos telhados triplos proporcionavam o tipo de elegância casual que combinava com o proprietário.

E ela estava enrolando, admitiu.

Saiu do carro, foi direto para a porta da frente e tocou a campainha.

Alternou o peso de um pé para o outro e bateu com a mão no joelho. Percebeu que estava nervosa. Por Deus! Estava nervosa em ver um homem que conhecia desde sempre, com quem havia brigado e brincado a vida toda. Eles tinham até se casado algumas vezes – quando Parker o azucrinara, subornara ou chantageara para fazer o papel do noivo em suas brincadeiras infantis de Casamento. E agora ela estava com os nervos à flor da pele.

Isso a tornava uma covarde, pensou. Odiava ser uma covarde.

Tocou a campainha de novo, com mais força.

– Desculpe, você veio tão rápido, e eu estava just... – Del, com a camisa aberta no peito, onde algumas gotas d'água brilhavam, e os cabelos escuros molhados, parou e ergueu a cabeça. – Você não é o entregador do China Palace.

– Não, e eu vim para... O China Palace não entrega nesta região.

– Entrega, se você defendeu o filho do dono em um caso de porte de drogas e o fez entrar em um programa de recuperação em vez de numa cela. – Ele sorriu e enfiou um polegar no bolso da calça jeans, cujo zíper estava fechado, mas com o botão ainda aberto. – Oi, Laurel. Entre.

– Não vim fazer uma visita. Estou aqui por causa dos meus sapatos. Apenas vá buscá-los e irei embora antes que seu arroz com camarão frito chegue.

– Eu pedi porco agridoce.

– Boa escolha. Meus sapatos.

– Entre. Vamos discutir os termos.

– Del, isto é um absurdo.

– Eu gosto de coisas absurdas de vez em quando. – Para resolver a questão, ele pegou a mão de Laurel e a puxou para dentro. – Então, quer uma cerveja? Comprei umas Tsingtao para beber com a comida chinesa.

– Não, eu não quero uma cerveja chinesa. Quero meus sapatos.

– Desculpe, mas eles estão em um local secreto até que os termos do resgate sejam estabelecidos e cumpridos. Você sabia que eles gritam como loucos quando seus saltos finos são torcidos? – Ele fechou as mãos em punhos e as torceu para demonstrar. – É horripilante.

– Eu sei que você acha que está sendo engraçado, e tudo bem, não está totalmente errado. Mas eu tive um dia muito longo. Só quero meus sapatos.

– Você merece uma Tsingtao depois de um dia muito longo. E olhe, o jantar chegou. Por que não vai para o terraço dos fundos? Está agradável lá fora. Ah, no caminho pegue umas cervejas na geladeira. Oi, Danny, como vai?

Ela podia argumentar, pensou Laurel. Podia até mesmo fazer uma cena. Mas nada disso lhe devolveria seus sapatos. Ela só os veria de novo quando Del quisesse. O jeito era manter a calma, decidiu rangendo os dentes de leve enquanto começava a se dirigir à cozinha. Ao se afastar, ouviu Del e o entregador falando sobre beisebol. Aparentemente, alguém em algum lugar fizera um arremesso sem chance de rebatida na noite anterior.

Ela entrou na cozinha espaçosa de Del, agora banhada pela luz suave do anoitecer. Sabia que ele não usava o espaço apenas para guardar cerveja e receber comida chinesa. Tinha algumas especialidades – pequenas refeições sofisticadas destinadas a seduzir mulheres – e sabia fazer boas omeletes na manhã seguinte.

Ao menos era o que haviam lhe contado.

Abriu a geladeira e pegou duas cervejas – já que estava lá, beberia uma também. Laurel sabia onde ficavam as coisas ali quase tão bem quanto em sua própria cozinha, então abriu o freezer para pegar duas canecas geladas e notou uma conveniente seleção de ensopados e sopas da Sra. G. em recipientes etiquetados.

A mulher alimentava o mundo.

Estava servindo a segunda cerveja quando Del entrou com as sacolas.

– Pronto, estou tomando uma cerveja. Considero os termos cumpridos. Quando eu terminar, você me dá meus sapatos.

O olhar de Del transmitiu uma leve pena.

– Acho que você não entendeu bem a situação. Eu tenho algo que você quer, portanto eu estabeleço os termos.

Ele empilhou alguns pratos e guardanapos e depois tirou de uma gaveta dois pares de hashis.

– Eu disse que não queria jantar.

– Guiozas. – Ele balançou uma das sacolas. – Você sabe que são seu ponto fraco.

Del estava certo em relação a isso, e a ansiedade combinada com o cheiro da comida abriu o apetite de Laurel.

– Está bem. Uma cerveja e um guioza.

Ela levou as bebidas para a mesa no terraço, com vista para o gramado e os jardins.

A água da piscina cintilava. A uma das margens havia um charmoso gazebo que abrigava uma grande churrasqueira. Del era conhecido por ser bastante territorialista em relação a ela, manejando-a nas festas de verão que oferecia, nas quais os convidados jogavam bocha animadamente e mergulhavam na piscina.

Del era um bom anfitrião, refletiu ela. Devia ser uma característica hereditária.

Ele apareceu com uma bandeja cheia de caixas de papelão e pratos. Pelo menos havia abotoado a camisa, notou Laurel. Ela queria não gostar tanto do físico dele. Conseguiria controlar sua reação emocional se não o achasse tão atraente.

Ou vice-versa.

– Achei que fosse comer isso assistindo a algum canal esportivo e cuidando de alguma documentação. Assim é melhor. – Ele pôs um prato e talheres na frente dela e abriu as caixas. – Teve ensaio hoje, certo? – Sentou-se e começou a tirar amostras de cada caixa. – Como foi?

– Acho que tudo bem. Elas não precisavam de mim, então fiquei adiantando algumas coisas para o fim de semana.

– Eu vou à cerimônia no domingo – comentou Del. – Fiz faculdade com Mitchell e redigi o contrato de união homoafetiva deles. – Ele começou a comer enquanto Laurel bebericava sua cerveja. – Então, como é o bolo?

– Massa de chocolate com recheio de musse de chocolate branco e cobertura de chocolate.

– Ameaça tripla.

– Eles gostam de chocolate. Tudo isso combinado com camadas alternadas de botões de gerânios vermelhos em bandejas de espuma floral. Emma está fazendo corações de gerânios entrelaçados para pôr em cima. Esta é a hora em que eu pergunto sobre o seu dia?

– Não precisa ser desagradável.

Laurel suspirou, porque ele tinha razão.

– Você roubou os meus sapatos – salientou ela, e cedeu ao cheiro da comida.

– *Roubar* é uma palavra forte.

– Eles são meus e você os levou sem permissão.

Ela mordeu um guioza. Deus, realmente aquele era seu ponto fraco.

– Quanto eles valem para você?

– São apenas sapatos, Del.

– Ora, por favor. – Ele emitiu um som desdenhoso enquanto agitava uma das mãos. – Eu tenho uma irmã. Sei o valor que vocês dão aos sapatos.

– Está bem, está bem, o que você quer? Dinheiro, bolos, serviços domésticos?

– Todas opções viáveis. Mas, para começar, isto está bom. Você deveria experimentar a carne agridoce.

– Como assim "isto está bom"? Isto? – Ela quase engasgou com a cerveja. – Como se isto fosse algum tipo de encontro?

– Duas pessoas, comida, bebida, uma bela noite. Elementos de um encontro.

– É só uma visita. Para um resgate. É... – Ela se interrompeu porque o nervosismo voltou. – Tudo bem, vamos deixar as coisas claras. Eu sinto que comecei uma coisa. Uma coisa ou...

– Outra? – sugeriu ele.

– Está bem, uma coisa ou outra. Porque eu estava irritada e agi impulsivamente, e então você retribuiu o impulso. E, conhecendo você como conheço, agora vejo que o comentário sobre estarmos empatados foi um desafio. Você não conseguiu deixar para lá, e aí levou meus malditos sapatos. E agora tem a comida chinesa, a cerveja e todo o espetáculo do anoitecer, quando nós

dois sabemos muito bem que você nunca pensou em mim dessa maneira.

Ele considerou a afirmação dela por um momento.

– Isso não é totalmente verdade. A verdade é que eu tentei não pensar em você dessa maneira.

Ela se recostou na cadeira, perplexa.

– Como você lidaria com isso?

– Hum.

Ele ergueu uma das mãos e a virou para um lado e depois para o outro.

Laurel olhou para ele.

– Vá se ferrar, Del.

capítulosete

Ele não podia dizer que aquela era a reação que havia esperado, mas com Laurel isso acontecia com bastante frequência.

– Por que exatamente você mandou que eu me ferrasse?

– Porque é a coisa certa a dizer. Você é bom em dizer a coisa certa, a não ser quando diz a errada. De qualquer forma, em geral é a certa, só que eu não queria ouvi-la.

– Você deveria ser advogada.

– Vou comer outro guioza – murmurou Laurel.

Ela sempre o divertia, pensou Del. Exceto quando o irritava. O que provavelmente era a mesma coisa.

– Você se lembra de quando nós ficamos juntos na casa dos pais de Emma no feriado do Cinco de Maio?

– É claro que lembro. – Ela olhou para a cerveja com uma careta. – Eu tinha bebido muita tequila, o que era natural naquelas circunstâncias, já que era um feriado de origem mexicana. Enfim, você bancou o irmão mais velho e ficou sentado comigo nos degraus da varanda da frente.

– Ficar preocupado com uma amiga um pouco alterada pela tequila não é bancar o irmão mais velho. Mas seja como for... – Ele colocou alguns pedaços de carne agridoce no prato de Laurel usando os próprios hashis. – Mais cedo eu e Jack estávamos por lá e eu estava dando uma olhada na multidão, como você faz.

– Como *você* faz.

– Certo. De repente vi um vestido azul com um belo par de pernas e... – Ele fez um gesto vago que deu a Laurel uma clara ideia do que vinha depois do *e*. – Pensei: "Bonitas, realmente muito bonitas", e comentei isso com o Jack. Ele disse que as pernas e o resto pertenciam a você. Foi um choque e tanto, admito. – Ele avaliou a reação de Laurel e achou que ela tinha ficado surpresa. – Para ser bem sincero, admito que aquela não foi a primeira vez. Então, se essa foi ou não a coisa certa a dizer, foi a verdadeira.

– Eu não sou apenas um par de pernas.

– Não, mas ainda assim elas são muito bonitas. Você é uma mulher bonita. Isso também é verdade. Algumas pessoas têm uma queda por guiozas, outras por mulheres bonitas.

Laurel olhou para além dele, na direção da escuridão que aumentava.

– Isso deveria me deixar irritada.

– Você também é uma das minhas amigas mais antigas e mais importantes. – O tom dele deixou de ser de provocação. – Isso é importante. Muito.

– É.

Ela afastou seu prato antes de ficar nauseada.

– Acho que também é correto dizer que algo inesperado, ou pelo menos surpreendente, aconteceu quando você agiu por impulso na outra noite.

Com a escuridão aumentando, as luzes do jardim e do pátio emitiam um brilho suave, e o gemido misterioso de uma ave aquática ecoou a distância. Del achou aquilo estranhamente romântico, e de algum modo adequado.

– Você está sendo muito delicado em relação a isso.

– Bem, este é nosso primeiro encontro – disse ele, fazendo-a rir.

– Eu só vim por causa dos sapatos.

– Não, não veio.

Laurel suspirou.

– Talvez não, mas eu planejava entrar de fininho quando você tivesse saído para um encontro de verdade, pegar meus sapatos e lhe deixar um bilhete espirituoso.

– Então teria perdido tudo isto. E eu também.

– Lá vem você de novo – murmurou ela. – Acho que parte do motivo para eu estar aqui é resultado direto da minha carência de sexo.

Divertido, ele pegou sua cerveja.

– E como está sendo?

– Tranquilo. Provavelmente estou um pouco mais... Qual é o termo? Inquieta. Mais inquieta que de costume.

– Em consideração à nossa amizade, eu poderia levá-la lá para cima e acabar com essa inquietação. Mas isso não funciona para mim.

Laurel começou a dizer que podia muito resolver sozinha a própria inquietação, mas decidiu que era informação demais, até mesmo entre amigos. Então, em vez disso, deu de ombros.

– Esta situação não é como a de Jack e Emma – disse ele.

– Jack e Emma não estão inquietos. Eles estão...

– Calma, apressadinha – interrompeu Del com delicadeza. – Não foi isso que eu quis dizer. Eles eram amigos. São amigos, mas se tornaram amigos o quê? Dez, doze anos atrás? Isso é muito tempo, mas nós dois temos praticamente uma vida inteira de amizade. Não somos só amigos, mas uma família. Não de um modo ilegal e incestuoso que torne esta conversa assustadora, mas uma família. Uma tribo – decidiu ele. – Pode-se dizer que somos da mesma tribo.

– Tribo. – Ela testou aquilo. – Você tem pensado sobre isso. E não posso discordar de nada.

– O que é uma boa mudança. Estamos falando sobre mudanças, e não apenas para nós, mas também para a tribo.

– Aposto que você é o chefe. – Com os cotovelos na mesa, Laurel apoiou o queixo na mão. – Sempre acaba sendo o chefe.

– Você pode ser o chefe se me vencer na queda de braço.

Ela era forte – orgulhava-se disso. Mas também conhecia suas limitações.

– E sendo o chefe da tribo, já decidiu como isto deve ser.

– Pode-se dizer que eu tenho uma ideia. O esboço de uma ideia.

– Você é tão parecido com Parker! Talvez isso seja parte da questão. Se ela fosse homem, ou se nós fôssemos gays, estaríamos casadas. O que significaria que eu nunca mais precisaria ter encontros. Então, minha irritação é a principal causa da entressafra sexual. E, muito provavelmente, desta conversa.

– Quer ouvir a ideia?

– Quero, mas dispenso o interrogatório a seguir.

– Daremos um mês.

– Um mês para quê?

– O ajuste. Começarmos a enxergar um ao outro dessa maneira. Podemos sair, ficar em casa juntos, bater papo, interagir um com o outro, fazer coisas divertidas. Ter encontros, como as pessoas fazem quando estão entrando em uma dinâmica diferente. E considerando nossa conexão com a tribo, e o que presumo que seja um desejo mútuo de limitar danos potenciais à nossa ligação atual...

– Quem está bancando o advogado agora?

– Considerando isso – prosseguiu ele –, a entressafra sexual continuaria, embora ela não me dê nenhum prazer. Literalmente.

– Você também entraria na entressafra sexual?

– É justo.

– Hum. – Laurel trocou a cerveja por água. – Faremos todas as coisas normais que adultos independentes fazem de comum acordo, mas não faremos sexo um com o outro nem com outras pessoas?

– Essa é a ideia.

– Durante trinta dias.

– Não me lembre disso.

– Por que trinta?

– É um tempo razoável para decidirmos se queremos dar o próximo passo. É um grande passo, Laurel. Você é importante demais para mim para que eu o apresse.

– Namorar é mais difícil que fazer sexo.

Ele riu.

– Que tipo de caras você tem namorado? Vou facilitar as coisas: que tal irmos ao cinema depois do evento de domingo? É só um cinema.

Ela inclinou a cabeça.

– Quem escolhe o filme?

– Vamos negociar. Não pode ser sentimental demais.

– Nem de terror.

– Combinado.

– Talvez você deva redigir um contrato.

Ele reagiu à ironia dando de ombros.

– Se você tiver uma ideia melhor, sou todo ouvidos.

– Não tenho nenhuma. Nunca pensei que chegaríamos ao ponto de eu precisar de uma ideia. Que tal apenas dormirmos juntos e ficarmos quites?

– Tudo bem. – Quando Laurel ficou boquiaberta, ele sorriu. – Não só a conheço como sei o que é um blefe quando ouço um.

– Você não sabe de tudo.

– Não, não sei. Acho que isso é parte da questão e que seria melhor darmos um tempo e descobrirmos. Eu topo se você topar.

Laurel estudou o rosto atraente e familiar, os olhos calmos, a postura tranquila.

– Provavelmente vamos querer nos matar durante metade do tempo.

– Isso não será nenhuma novidade. Você topa ou não, Laurel?

– Topo.

Ela estendeu a mão para selar o acordo.

– Acho que isto merece mais que um aperto de mãos. –Del pegou a mão dela e a fez se levantar da cadeira ao mesmo tempo em que também se punha de pé. – Além disso, deveríamos ver como é quando nenhum de nós está irritado.

Um pequeno arrepio, tanto de antecipação quanto de nervosismo, subiu pela espinha de Laurel.

– Talvez eu esteja.

– Não. Não há nenhuma ruguinha aqui. – Del passou a ponta de um dedo entre as sobrancelhas dela. – Isso é revelador.

– Espere – pediu Laurel quando ele desceu as mãos pelos seus braços. – Agora estou constrangida. Não é um bom sinal se estou pensando demais e...

Ele calou-a puxando-a para perto e roçando os lábios nos dela lenta e suavemente.

– Ou... – murmurou Laurel, subindo as mãos pelos ombros de Del até seus braços ficarem ao redor do pescoço dele.

Mais surpresas, pensou Del ao experimentar tranquilidade e exploração em vez de apenas fogo e impulso. Doçura e calma envoltos em camadas de familiaridade e novidade. Ele conhecia o cheiro e a forma de Laurel, mas o gosto dela, maduro e sedutor, unia o que era ao que poderia ser.

Del não se apressou, prolongando o momento, puxando-a para mais perto ainda, saboreando a nova mistura de sensações.

Laurel se entregou a ele, aproveitando cada segundo do acontecimento que imaginara dezenas de vezes. Um fim de dia, luzes suaves, o leve sussurro de uma brisa de verão. Fantasias tolas de uma menina apaixonada, desejos transformados ao longo do tempo na necessidade de uma mulher.

Agora as fantasias tinham se transformado em realidade e os desejos estavam sendo satisfeitos. Durante o beijo, sentiu a necessidade de Del aumentar junto com a dela. Não importava o que acontecesse, aquele momento, aquele fim de dia, seria sempre dela.

Quando os lábios deles se separaram, Del permaneceu próximo a Laurel.

– Há quanto tempo você acha que isso estava aí? – perguntou.

– Difícil dizer.

Não podia contar a ele.

– É.

Del encostou os lábios novamente nos dela, testando, provocando, depois se aprofundando até

ambos ficarem ofegantes.

– É melhor eu ir buscar os seus sapatos.

– Certo.

Mas ela o puxou de volta, reavivando o calor, gemendo quando Del desceu as mãos pela lateral de seu corpo e lhe agarrou os quadris.

Ele quase fraquejou, mas se conteve.

– Sapatos – conseguiu dizer. – Libertar os reféns. Você realmente precisa ir. Para casa.

Excitada e abalada, ela se encostou na grade do terraço.

– Eu avisei que namorar é mais difícil que fazer sexo.

– Nós não somos de recusar desafios. Você tem uma bela boca. Sempre gostei dela. Gosto ainda mais agora.

Laurel curvou os lábios em um sorriso.

– Venha cá e repita isso.

– Melhor não. Voltarei daqui a um minuto com os sapatos.

Ela o observou sair e pensou que seria um mês realmente longo.

Entrar de fininho em casa deveria ser mais simples do que sair. Carter e Mac estariam enfiados no canto deles, assim como Emma e Jack. A Sra. G. estaria em seu aconchegante apartamento assistindo TV com os pés para cima e um bule de chá do lado, ou teria saído com algumas amigas. Parker provavelmente ainda estava trabalhando, mas em sua própria suíte, com roupas confortáveis.

Laurel estacionou, tranquilizada pelas luzes no estúdio e na casa de hóspedes. Só queria ficar no próprio espaço, sozinha, e pensar em tudo o que havia acontecido, tudo o que mudara ou começara a mudar naquela noite.

Seus lábios ainda formigavam pelo contato com os dele; sua pele ainda estava arrepiada. Sua única opção era dançar conforme a música. Se tivesse um diário, encheria a página do dia de corações e flores.

Depois a rasgaria em mil pedacinhos, porque aquilo era constrangedor. Mas ainda assim, o faria.

Sorrindo ante a ideia, entrou em casa e, com cuidado e em silêncio, trancou a porta. Não subiu a escada nas pontas dos pés, mas quase.

– Chegando agora?

Ela não gritou, mas chegou perto disso. Virou-se, ficou boquiaberta ao ver Parker e depois desabou sentada nos degraus.

– Meu Deus! Nossa! Você está mais assustadora do que um Rottweiler. O que está fazendo?

– O que *eu* estou fazendo? – Parker agitou a embalagem em sua mão. – Desci para tomar um iogurte e estou subindo para o meu quarto. O que *você* está fazendo se esgueirando pela escada?

– Eu não estava me esgueirando. Estava andando. Em silêncio. Você tem iogurte no minibar lá em cima.

– Eu estava sem mirtilos, e queria comer mirtilos. Algum problema?

– Não, não. Meu Deus... – Laurel respirou com dificuldade e levou a mão ao coração. – Você quase me matou de susto.

Dessa vez Parker apontou com sua colher.

– Você está com cara de culpada.

– Não estou.

– Está, sim. Conheço uma cara de culpada quando vejo.

– Eu não estou com cara de culpada nenhuma. Por que deveria? Não tenho hora para chegar, tenho, mãe?

– Viu? Culpada.

– Está bem, está bem, abaixe essa colher. – Laurel ergueu os braços em rendição. – Só fui à casa do Del pegar meus sapatos.

– Laurel, eu sei disso. Você está com eles na mão.

– Certo. Certo. Bem, são ótimos sapatos, e eu os queria de volta. – Ela os acariciou afetuosamente. – Ele pediu comida chinesa. Guiozas.

– Ah.

Parker fez um sinal afirmativo com a cabeça e foi se sentar ao lado de Laurel.

– Eu não ia ficar, mas fiquei, e aí nos sentamos no terraço e falamos sobre eu tê-lo beijado, e depois sobre ele me ter beijado. Isso eu não tinha lhe contado. Parece mais estranho falar sobre esse assunto com você do que com ele.

– Supere isso.

– Estou tentando, não estou? De qualquer modo, acabamos falando sobre o que deveríamos fazer em relação a isso. Ele teve uma ideia.

– É claro.

Parker sorriu enquanto enfiava a colher no iogurte.

– Não é nenhuma surpresa pra você porque os dois são farinha do mesmo saco. Eu disse a ele que se nós duas fôssemos gays, estaríamos casadas.

Parker assentiu novamente com a cabeça enquanto comia.

– Deu para notar.

– Nós conversamos e concordamos em fazer o que os casais fazem, exceto sexo.

Parker ergueu as sobrancelhas e lambeu sua colher.

– Vocês vão namorar, mas não fazer sexo?

– Por trinta dias. A teoria é que então saberemos se realmente queremos continuar ou se é só... Enfim. Sei que isso é razoável e adulto, mas nós sabemos que queremos fazer sexo agora.

– Primeiro vocês vão dar um tempo para se certificar de que ainda gostarão um do outro se e quando fizerem.

– É, o combinado foi esse. Mas tem mais. Tribos, minhas pernas etc., mas no final das contas vamos ver como tudo funciona. Você realmente concorda com isso?

Parker bateu de leve com os nós dos dedos na cabeça de Laurel.

– É claro que sim, e se não concordasse você deveria me mandar para o inferno e não me intrometer. Quer um pouco de iogurte?

– Não, obrigada. Comi guiozas. – Ela apoiou a cabeça no ombro de Parker. – Fico feliz por não

ter conseguido entrar sem ser vista.

– Fique ainda mais por eu ter decidido ser magnânima e não me sentir ofendida por você ter tentado fazer isso.

– Você é minha melhor amiga.

– É verdade. Eu sou. Del é um bom homem. Sei que às vezes é mandão porque... somos farinha do mesmo saco. E sei que ele tem defeitos, mas é uma ótima pessoa. – Ela pôs brevemente a mão sobre a cabeça de Laurel. – Ele a merece. Agora nós duas temos que fazer um pacto: quando você precisar se queixar dele ou ele precisar se queixar de você comigo, nós duas lidaremos com isso da mesma forma que lidamos com qualquer outra reclamação sobre homens. Você não ficará constrangida nem eu ficarei ofendida por ele ser meu irmão.

– Combinado.

Elas juraram enganchando os dedos mindinhos.

– Agora vou subir e terminar umas coisas. – Parker se levantou. – Você sabe que se não contar a Emma e Mac elas ficarão magoadas.

– Vou contar.

Laurel se levantou para ir com Parker para o terceiro andar.

Sinceridade total, decidiu Del, e marcou de se encontrar com Jack para exercícios matinais. Como a palavra era total, pediu que Jack chamasse Carter para ir junto. Del começou com exercícios cardiovasculares enquanto Carter se aproximava de uma esteira com óbvia apreensão.

– Eu evito fazer esse tipo de coisa em público. Pessoas podem se ferir.

– Comece devagar e vá acelerando depois de alguns minutos.

– Para você é fácil falar.

– Senti falta deste lugar. – Em solidariedade, Jack foi para o aparelho ao lado do de Del. – Ter uma sala de ginástica em casa é conveniente, mas a gente sente falta da agitação do grupo. E das muitas mulheres atléticas com roupas diminutas. Eu estou noivo, mas não morto – disse ele ao ver o olhar de Del.

– Não entendo andar em uma esteira quando há calçadas lá fora. – Agarrando a barra com uma das mãos por precaução, Carter gesticulou vagamente. – E elas não se movem sob seus pés.

– Acelere, Carter. As lesmas estão ultrapassando você. Como está minha Macadâmia?

– Está bem. – Franzindo as sobrancelhas, Carter aumentou um pouco a velocidade. – Reunião da equipe hoje de manhã e uma sessão de fotos no estúdio. Talvez seja melhor eu ficar fora do caminho por algumas horas.

– Não vai demorar muito para você ter sua sala de professor – falou Jack. – Depois passaremos para o novo espaço de Emma e o de Laurel.

– Falando em Laurel, estamos namorando. – Ele ouviu o "uff" à esquerda e olhou. – Você está bem, Carter?

– Só perdi o equilíbrio. Hum, por namorando, quer dizer um com o outro?

– Essa seria a minha definição.

– Essa seria minha deixa para pular na sua garganta e exigir saber o que você pretende se

aproveitando de uma das minhas garotas.

Del desviou o olhar para Jack enquanto aumentava a velocidade.

– Ao contrário de você, eu não agi na surdina nem escondi isso.

– Eu não agi na surdina nem escondi nada, só demorei um pouquinho para descobrir como contar. E como vou me casar com um dos membros do Quarteto, tenho certos privilégios e deveres. Se você está dormindo com Laurel...

– Não estou dormindo com ela. Nós estamos namorando.

– Certo, e vocês vão só ficar de mãos dadas, admirar a lua e ouvir músicas românticas.

– Por algum tempo. Nenhum comentário? – perguntou ele a Carter.

– Estou ocupado demais tentando me manter em pé. – Carter agarrou a barra com uma das mãos de novo. – Acho que a primeira coisa que me ocorre dizer é que isso é uma mudança drástica de situação.

– Foi o que eu pensei no início, mas agora não tenho tanta certeza. Parece que isso está em ebulição há algum tempo.

– Eu nunca imaginaria – disse Jack, aumentando a velocidade para acompanhar o ritmo de Del. – Como ocorreu essa mudança radical?

– Nós tivemos uma briga que terminou com Laurel me dizendo e demonstrando que eu não era irmão dela. E não sou mesmo. Então estamos namorando e eu só queria que vocês soubessem.

– Certo. Cinco quilômetros?

– Isso aí. Acelere, Carter – ordenou Del.

– Ah, meu Deus – retrucou Carter.

Domingo de manhã, Laurel deixou seu trabalho na cozinha e se dirigiu rapidamente ao andar de cima para a reunião pré-evento. Quando descobriu que as três sócias já estavam lá, ergueu uma das mãos.

– Não estou atrasada. – E, como já tomara duas xícaras de café naquela manhã, pegou uma garrafa d'água. – Só para vocês saberem, está chovendo.

– A previsão é de que a chuva pare no meio da manhã – afirmou Parker. – Mas estamos preparadas para levar tudo para dentro se isso não acontecer.

– Os arranjos são bem simples – interpôs Emma. – Se parar de chover até o meio-dia, tudo estará pronto lá fora à uma da tarde, caso contrário poderemos mudar para o salão principal, providenciar rapidamente um grande arranjo na lareira e acrescentar velas. Estamos preparadas para ambos os casos. As duas suítes ficarão prontas às dez horas.

– Os noivos devem chegar às onze.

– Vou alternar o local das fotos formais. – Mac fez um sinal afirmativo com a cabeça para Parker. – Os dois noivos têm irmãs para ajudá-los, o que é bom. Posso tirar ótimas fotos dessa interação. Fotografar homens significa menos tempo gasto com cabelo e maquiagem, e cada qual tem apenas um convidado de honra, portanto devo acabar essa etapa entre meio-dia e 12h15.

– Os convidados chegarão às 12h30 para um coquetel rápido – leu Parker em sua agenda. –

Depois nos alinharemos à uma hora para a cerimônia ao ar livre, os convidados de honra percorrerão o corredor juntos e então os noivos se aproximarão de cada lado. Tempo de cerimônia: vinte minutos. Mac tira fotos para postagem, o pessoal do bufê serve os aperitivos.

– Isso também vai ser bem rápido. Deve levar uns quinze minutos.

– Imagino que às 13h45 os noivos serão anunciados e começarão o bufê do brunch e os brindes. O DJ anunciará a primeira dança às 14h30. O bolo será cortado às 15h30.

– Todos os doces estão prontos para a mesa de sobremesas. Terminarei o bolo por volta das dez e o levaremos para o Salão de Baile. Vamos fornecer a faca e a espátula. O casal feliz pediu que a camada superior fosse removida e embalada para eles levarem para casa.

– Certo. A dança continuará das 15h45 às 16h15. Então entregaremos as lembranças e anunciaremos a última dança. Ficaremos livres às 16h30. Alguma preocupação? Possíveis desastres?

– Não da minha parte. Eles são muito fofos e devem fotografar bem.

– Escolheram usar gerânios grandes e alegres na lapela, para combinar com o bolo – acrescentou Emma. – Uma gracinha.

– Eles mesmos escreveram o script para a cerimônia. – Parker deu um tapinha em sua pasta. – Encantador. Vamos ter muitas lágrimas. Laurel, e da sua parte?

– Só preciso que Emma me entregue a camada de cima do bolo.

– Está pronta, no refrigerador. Vou buscar para você.

– Então estamos todas bem.

– Por que a pressa? – Mac apontou um dedo quando Laurel começou a se levantar. – Agora que falamos de negócios, vamos para a vida pessoal. Alguma novidade sobre o Del?

– Nenhuma. Estive com vocês há apenas oito horas.

– Ele não telefonou? – perguntou Emma. – Não deixou uma mensagem nem nada?

– Me enviou uma lista de sugestões de filmes para hoje à noite.

– Ah. – Emma tentou não parecer decepcionada. – Que gentileza.

– Isso se chama praticidade – corrigiu Laurel. – E é Del. Sou eu. Não espero bilhetinhos graciosos e pequenas mensagens sensuais.

– Mas elas são engraçadas – murmurou Emma. – Jack e eu já trocamos muitos recadinhos sensuais. Ainda trocamos.

– Com que roupa você vai? – perguntou Mac.

– Não sei. É um cinema. Algo próprio para a ocasião.

– Mas Del vai estar vestido para o casamento – salientou Emma –, então você não pode usar nada simples demais. Que tal aquela blusa azul decotada amarrada nas costas? Fica ótima em você. Com as calças capri brancas que eu gostaria de poder usar, mas que fazem minhas pernas parecerem curtas. E os sapatos de salto gatinho.

– Está bem, obrigada por me vestir.

– Fico feliz em ajudar – disse Emma com um sorriso radiante de quem tinha reconhecido o sarcasmo.

– Nós fizemos um bolão – informou Parker. – Ninguém acha que vocês conseguirão esperar um mês inteiro para cair na cama. Carter acha que essa força de vontade vai durar no máximo 24

horas.

– Vocês estão fazendo apostas sobre quando eu vou fazer sexo com Del?

– Exatamente. E você não pode participar – disse ela quando Laurel começou a falar de novo. – Conflito de interesses. Eu aposto em dezesseis dias, não por causa da força de vontade, mas da teimosia, caso isso a influencie a me ajudar a aumentar os fundos para o meu casamento.

– Isso não é justo – comentou Emma.

– Qual é o valor da aposta?

– Cem dólares cada um.

– Quinhentos dólares no total? Sério?

– Seiscentos, contando a Sra. G.

– Nossa...

– Nós começamos com 10 dólares cada. – Emma deu de ombros, pegou um morango e começou a mordiscá-lo. – Mas aí Mac e Jack continuaram aumentando a aposta. Tive que obrigá-los a parar quando chegamos a 100. Parker está responsável pelo dinheiro.

Laurel ergueu uma sobrancelha desafiadora.

– E se nós fizéssemos sexo e não contássemos a ninguém?

– Ora, por favor. – Mac revirou os olhos. – Em primeiro lugar, você nunca conseguiria guardar esse segredo. Em segundo, mesmo que conseguisse, nós saberíamos.

– Odeio quando você está certa. E ninguém apostou nos trinta dias?

– Ninguém.

– Muito bem, eis a minha proposta, e acho que tenho o direito de fazer uma, já que se trata da minha potencial vida sexual: vocês me deixam participar, eu aposto 100 dólares e, se chegarmos aos trinta dias, o dinheiro é meu.

Todas começaram a objetar, mas Parker as calou com um sinal de mão.

– Vocês sabem que é uma aposta justa.

– Todos conhecem o espírito competitivo dela – queixou-se Mac. – Vai se conter apenas para ganhar a aposta.

– Nesse caso, terá merecido. Passe os 100 dólares para cá.

– Certo. – Alegremente, Laurel esfregou as mãos. No fim das contas, a entressafra sexual valeria a pena. – Tenho um bolo para cobrir. – Ela fez um rápido giro à porta. – Vejo vocês depois, tolinhas.

– Veremos quem é tolo – disse Parker depois que Laurel saiu dançando. – Muito bem, senhoritas, vamos trabalhar.

capítulooito

Era estranho sair com Del como namorada e não como amiga. Tranquilo em muitos níveis, descobriu Laurel, o que provavelmente era bom. Nenhum deles tinha que ouvir a história da vida do outro, porque ambos já a conheciam.

Não o bolo todo, pensou Laurel, *mas a maioria das camadas*. O que tornava ainda mais divertido provar partes do recheio.

Sabia que Del havia colaborado para a revista jurídica *Law Review* em Yale, que tinha jogado beisebol antes de se formar e que o direito e os esportes eram duas de suas paixões. Mas não fazia ideia de que ele ficara em dúvida sobre qual das duas carreiras seguir.

– Eu nunca imaginei que você levava o beisebol profissional a sério.

As *coisas que se descobre em um terceiro encontro*, refletiu Laurel.

– Muito a sério. Tanto que guardei isso só para mim.

Eles caminharam pelo parque tomando sorvete de casquinha enquanto o luar do verão se debruçava sobre o lago – um programa que Laurel considerava o final perfeito para um jantar a dois.

– Qual foi o ponto decisivo? – quis saber ela.

– Eu não era bom o suficiente.

– Como sabe? Eu o vi em ação quando jogou na Academia e algumas vezes em Yale, e depois em jogos de *softball*. – Com as sobrancelhas levemente franzidas, Laurel estudou o perfil de Del enquanto eles caminhavam. – Posso não levar o beisebol a sério como *algumas* pessoas, mas conheço as regras. Você sabia o que estava fazendo.

– Claro. E eu era muito bom. Mas muito bom não é bom o suficiente. Talvez eu pudesse ter sido se me dedicasse integralmente a isso. Conversei com alguns olheiros da equipe técnica dos Yankees.

– Mentira! Sério? Eu não sabia. Você foi procurado pelos olheiros dos Yankees? Por que eu não sabia disso?

– Eu nunca contei a ninguém. Tive que decidir. Ou seria um advogado realmente bom ou um jogador de bola decente.

Ela se lembrou de tê-lo visto jogar desde... sempre, percebeu. Sem muito esforço, traçou um quadro mental de Del atuando na Liga Mirim quando criança.

Nossa, ele era uma graça...

– Você amava o beisebol.

– Ainda amo. Só que percebi que não amava o suficiente para me dedicar inteiramente a ele, e

desistir de tudo por isso. Então, eu não era bom o suficiente.

Sim, ela entendia isso muito bem. Perguntou a si mesma se também conseguiria ter feito a escolha racional e sensata de desistir de algo que amava e queria.

– Já se arrependeu disso?

– Todos os verões. Por uns cinco minutos. – Ele passou o braço pelos ombros de Laurel. – Mas sabe de uma coisa? Quando eu for velho e estiver sentado na cadeira de balanço na varanda, contarei aos meus bisnetos que um dia fui procurado pelos olheiros dos Yankees.

Laurel teve dificuldade em visualizar a imagem, mas a ideia a fez sorrir.

– Eles não vão acreditar em você.

– É claro que vão. Vão me adorar. E adorar meu bolso cheio de doces. E você? Algum arrependimento?

– Provavelmente tenho muito mais que você.

– Por quê?

– Porque você e Parker parecem sempre saber que direção seguir. Então, vejamos. – Ela deu uma mordida na casquinha enquanto pensava. – Vamos lá. Às vezes eu me pergunto como seria se eu tivesse ido para a França e ficado lá. Aberto minha própria e exclusiva *pâtisserie* enquanto tinha muitos casos amorosos.

– É claro.

– Eu criaria bolos para reis e estrelas, e comandaria minha equipe com pulso de ferro. *Allez, allez! Imbeciles! Merde!*

Del riu dos muitos gestos inegavelmente franceses de Laurel e se esquivou do sorvete de casquinha.

– Eu seria um terror, e também um gênio, conhecida no mundo inteiro, voando em jatinhos para lugares sensacionais a fim de fazer bolos de aniversário para princesinhas.

– Você detestaria isso. A não ser pelos palavrões em francês.

Mais do que satisfeita, ela atirou o resto do seu sorvete no lixo.

– É provável que sim, mas é algo em que penso às vezes. Ainda assim, estaria basicamente fazendo o que faço agora. Eu não tive que escolher.

– É claro que teve. Entre trabalhar sozinha ou em sociedade, em casa ou em uma aventura europeia. Essas também são escolhas importantes. Sabe, se você tivesse ido para a França, teria definhado longe de nós.

Deus, aquilo era totalmente verdade. Mas, fiel à narrativa, ela negou com a cabeça.

– Eu estaria ocupada demais com meus muitos casos amorosos e meu ego inflado. Pensaria com carinho em vocês vez por outra; quando estivesse indo a Nova York, passaria por aqui para encantar a todos com minha petulância europeia.

– Você tem uma petulância europeia.

– Tenho?

– Às vezes resmunga ou xinga em francês quando está trabalhando.

Ela parou e franziu as sobrancelhas.

– Eu faço isso?

– De vez em quando, e com uma pronúncia perfeita. É divertido.

– Por que nunca ninguém me disse isso?

Del pegou a mão de Laurel e entrelaçou os dedos aos dela enquanto eles se afastavam do lago.

– Talvez porque achassem que você sabia, já que era você que resmungava e xingava.

– Talvez.

– E se você tivesse ido, pensaria nisto, no que está fazendo aqui, agora.

– É verdade. Ainda assim, em outras ocasiões imagino que tenho uma bela padaria em uma vila na Toscana, onde só chove à noite e criancinhas encantadoras vêm implorar por doces. Isso é muito bom.

– E aqui estamos nós, ainda em Greenwich.

– De modo geral, é um bom lugar para estar.

– E este momento? – Ele ergueu o rosto de Laurel para beijá-la. – É próximo da perfeição.

– Isto parece quase fácil demais – comentou ela enquanto eles voltavam para o carro.

– Por que deveria ser difícil?

– Não sei. Eu só desconfio naturalmente do que é fácil demais. – Quando chegaram ao carro, ela se virou e se encostou na porta a fim de olhar para Del. – Quando as coisas correm muito bem, sei que há algo prestes a desabar na minha cabeça. Bem ali na esquina, um piano sendo içado para fora de uma janela.

– Então você o evita.

– Se você não estiver atento quando, *plaft*, o cabo se partir, será esmagado pelo piano.

– Na maioria das vezes, o cabo não se parte.

– Na maioria das vezes – concordou Laurel, batendo com um dedo no peito dele. – Mas só é preciso uma vez. Então é melhor ficar atento, olhando para cima, só por precaução.

Del ergueu uma das mãos e pôs uma mecha de cabelos de Laurel atrás da orelha dela.

– Aí você pode tropeçar na calçada e quebrar o pescoço.

– Isso é verdade. Desastres podem acontecer em qualquer lugar.

– Você se sentiria melhor se eu começasse uma briga? – Ele pôs as mãos no carro dos dois lados de Laurel e se inclinou para roçar os lábios nos dela. – Se a atacasse um pouco, para que isso não fosse tão fácil?

– Depende do ataque. – Ela o puxou para um beijo mais profundo. – Mais 24 dias – murmurou. – Talvez isso não seja tão fácil quanto pensei, afinal.

– Já faz quase uma semana. – Del abriu a porta para ela. – E há 800 dólares em jogo.

Isso era verdade, pensou ela, enquanto Del contornava o carro para se sentar ao volante. Ele insistira em pôr 100 dólares no bolão.

– Algumas pessoas diriam que nossa tribo é um pouco íntima demais ao começar a fazer apostas sobre quando faremos sexo – comentou Laurel.

– Essas *algumas* não são da nossa tribo. E falando em tribos, por que não reunimos a nossa para o Quatro?

– Que quatro? Ah, Quatro de Julho. Meu Deus, está quase chegando.

– Poderíamos jogar bola, fazer cachorros-quentes e ver os fogos de artifício no parque. Vocês não têm nenhum evento nesse dia.

– Não fazemos nenhum evento no Quatro de Julho, não importa quanto implorem ou tentem

nos subornar. Tradição da Votos. Temos direito a uma folga – suspirou ela. – Um dia inteiro longe da cozinha. Sou totalmente a favor.

– Ótimo, porque já comentei com a Parker sobre reunir todo mundo.

– E se eu dissesse não?

Ele sorriu.

– Então sentiríamos a sua falta.

Laurel estreitou os olhos para ele, mas os lábios se curvaram para cima.

– Suponho que eu já tenha uma função.

– Talvez tenha havido uma menção a um bolo patriótico. E pensamos em ir ao Grantry's ouvir um pouco de música depois.

– Não vou ser a motorista. Se fizer o bolo, vou querer beber.

– É justo. Designaremos o Carter – decidiu Del, fazendo-a rir. – Cabemos todos na van de Emma.

– Por mim está ótimo.

Estava tudo bom para ela, pensou enquanto Del virava na entrada de veículos.

Ficaria bem atenta a pianos sendo içados em janelas.

Laurel se decidiu pelo tema fogos de artifício, o que significava usar muito algodão-doce. Talvez fosse tolice despender tanta energia para um piquenique no parque com amigos, mas também era bem divertido, pensou ela enquanto transferia os fios aquecidos da máquina para a grade de madeira.

Usaria os fios para formar vulcões no bolo já tingido de vermelho, branco e azul. Acrescentaria algumas bandeiras de pasta de goma e seria um sucesso.

Divertindo-se com a tarefa, começou a formar os fogos de artifício com os fios de açúcar, que tornou flexíveis apenas com um toque de cera de abelha.

Recuou para examinar a primeira formação e quase gritou quando viu um homem à porta.

– Desculpe, desculpe. Eu não quis interromper seu trabalho. Tive medo de atrapalhar. Nick Pelacinos, da festa de noivado de última hora, lembra?

– Claro. – Ele segurava um buquê de flores de verão que a fez pensar: *Ô-ou*. – Como vai?

– Bem. Sua sócia disse que eu podia entrar, que você não estava trabalhando, mas...

– Ah, este bolo não é de trabalho.

– Deveria ser. – Ele se aproximou. – Divertido.

– É, sim. Algodão-doce é de brinquedo.

– E suas mãos estão cheias dele, então que tal eu colocar isto bem ali?

Ele atravessou a cozinha para tirar as flores do caminho.

– São lindas. – Ela havia flertado com ele? Sim. Mais ou menos. – Obrigada.

– Eu trouxe a receita de *lathopita* da minha avó.

– Ah, ótimo.

– Ela me deu ordens expressas para entregá-la pessoalmente. – Ele tirou do bolso um cartão com a receita e o colocou ao lado do buquê. – E para lhe trazer flores.

– Isso é muito delicado da parte dela.

– Ela gostou de você.

– Também gostei dela. Aceita um café?

– Não, obrigado. A terceira ordem dela foi que eu convidasse você para jantar, o que eu já pretendia fazer, de qualquer maneira, mas ela gosta de levar o crédito.

– Ah. Isso é muita gentileza de vocês dois, mas comecei a sair com alguém recentemente. Bem, a parte de sair é recente. Mais ou menos.

– Minha avó e eu estamos desapontados.

Ela deu um meio sorriso.

– Ainda posso ficar com a receita?

– Desde que eu possa dizer a ela que você só negou meu convite porque está perdidamente apaixonada por outra pessoa.

– Combinado.

– E... – Ele pegou uma caneta, virou o cartão com a receita e escreveu algo. – Meu número. Me dê uma ligada se as coisas mudarem.

– Pode deixar. – Ela tirou um fio de açúcar da grade e o estendeu para ele. – Prove.

– Ótimo. Um prêmio de consolação vai bem.

Eles sorriram um para o outro enquanto Del entrava.

– Oi. Desculpe, eu não sabia que você estava com um cliente.

Constrangedor, pensou Laurel.

– Hã... Delaney Brown, este é Nick...

– Pelacinos – completou Del. – Demorei um minuto para lembrar.

– Del, claro. – Nick estendeu a mão. – Já faz algum tempo. Como vai?

Ou nada constrangedor, decidiu Laurel ao ver os dois bastante à vontade um com o outro.

– Falei com Terri e Mike há algumas semanas – disse Del. – Está interessado em comprar um bolo de casamento?

– Eu? Não. Tenho uma prima que vai se casar daqui a alguns meses.

– A avó de Nick veio da Grécia para fazer uma visita – interpôs Laurel, caso eles tivessem esquecido que ela estava lá. – Fizemos um pré-evento para ela ter uma ideia de como trabalhamos.

– Sim, eu estava aqui no dia – retrucou Del.

– Você devia ter participado da festa. Foi boa.

– Apareci só para dar uma olhada. Você estava com Laurel na pista de dança. – Del fitou-a de relance, de forma deliberada. – Foi uma grande noite.

Laurel voltou a manipular o algodão-doce.

– Que me rendeu uma receita da matriarca – disse ela com um sorriso doce como o algodão. – Para mim, foi uma noite ótima.

– É melhor eu ir andando. Vou dizer à minha avó que fiz a entrega.

– Diga-lhe que gostei muito e tentarei deixá-la orgulhosa no casamento.

– Pode deixar. Foi bom vê-la de novo, Laurel. Até mais, Del.

– Vou acompanhá-lo até lá fora.

Enquanto eles saíam da cozinha, Del perguntou:

– Qual é o seu handicap agora?

Laurel franziu as sobrancelhas até perceber que Del estava falando de golfe. Balançou a cabeça e acrescentou mais açúcar à receita. Não é que ela quisesse que o momento fosse constrangedor ou tenso. Sentir ciúme era o mesmo que ser fraco, egoísta, irritante.

Mas um pouquinho – como cera de abelha em algodão-doce – não fazia mal nenhum.

Afinal de contas, Nick a convidara para sair. Até deixara seu número de telefone num lugar onde ela pudesse vê-lo sempre que pegasse a receita de *lathopita*. O que, pensando bem, fora muito inteligente da parte dele.

É claro que Del não sabia disso, mas podia *inferir*, não podia? E, assim, ficar um pouco irritado ou algo do tipo em vez de perguntar como iam as coisas e começar a falar sobre golfe.

Homens, pensou – ou melhor, homens como Del –, não entendiam as nuances de um relacionamento.

Ele voltou alguns instantes depois.

– Ficou ótimo – disse, apontando com a cabeça para o bolo enquanto abria um armário. – Quer uma taça de vinho? Vou tomar uma.

Quando Laurel deu de ombros, ele abriu uma garrafa e serviu os dois.

– Eu não sabia que você apareceria hoje.

Ela ignorou o vinho por ora e continuou acrescentando o brilho dos fogos de artifício ao bolo.

– Vou dormir aqui, já que todos sairemos daqui amanhã. A Sra. G. vai com algumas amigas, mas nos encontrará lá. Está levando comida suficiente para alimentar todo o vilarejo.

– Sim, eu sei.

Ele deu um gole no vinho e a observou.

– Flores, hein?

Ela deu de ombros e continuou a trabalhar.

Casualmente, obedecendo a um velho hábito, Del abriu uma lata para pegar um biscoito.

– Ele não é o seu tipo.

Ela parou o que estava fazendo e arqueou as sobrancelhas.

– Não? Homens atraentes e atenciosos que trabalham no ramo alimentício e adoram suas avós não são meu tipo? Ainda bem que você me avisou.

Del deu uma mordida no biscoito.

– Ele joga golfe.

– Meu Deus! Imperdoável!

– Duas vezes por semana. Todas as semanas.

– Pare. Você está me assustando.

Ele apontou para ela com o biscoito e depois deu outra mordida.

– E ele gosta de filmes artísticos. Com legendas e simbolismos, sabe?

Ela parou para tomar um gole de vinho.

– Vocês namoraram? O rompimento foi ruim?

– Engraçadinha. Acontece que conheço alguém que o namorou.

– Existe alguma pessoa que você não conheça?

– Sou advogado da prima dele, Theresa, e do marido dela. De qualquer maneira, Nick é mais o tipo de Parker, exceto pelo fato de o horário dele ser tão louco quanto o dela, o que faria com que eles nunca conseguissem se encontrar.

– Parker não gosta tanto assim de filmes artísticos.

– Não, mas os entende.

– E eu não entendo porque não estudei em Yale?

– Não, porque eles a irritam.

Isso era verdade, mas ainda assim...

– Existem outras coisas que chamam atenção num homem além de preferências cinematográficas e golfe. Ele é um bom dançarino – disparou Laurel, e odiou o tom defensivo em sua voz. – Eu gosto de dançar.

– Está bem.

Del se aproximou e a abraçou.

– Pare com isso. Ainda não terminei o bolo.

– Está com uma cara boa. Você parece ainda melhor e também tem um cheiro delicioso. – Ele fungou o pescoço de Laurel. – Açúcar e baunilha. Eu não reconheci Nick quando você estava dançando com ele. – Virou-a com delicadeza, primeiro para a direita e depois para a esquerda. – Estava muito cheio. E eu só tinha olhos para você. Realmente só tinha olhos para você.

– Isso é muito bom de ouvir – murmurou Laurel.

– E é a pura verdade. – Del abaixou a cabeça para roçar os lábios nos dela. – Olá, Laurel.

– Olá, Del.

– Se der aquelas flores para a Parker, comprarei outras para você.

Aquilo era a medida perfeita de cera de abelha no açúcar.

– Está bem.

Feriados – os de verdade, sem trabalho, eram tão raros que o relógio biológico de Laurel a despertou às seis horas em ponto. Ela começou a se levantar da cama e depois lembrou que não precisava. Então se aconchegou de novo com o mesmo tipo de euforia desconcertada de uma criança ao ver um dia inesperado de neve.

Suspirou, fechou os olhos de novo e pensou em Del em outra cama, convenientemente próxima.

Podia se levantar e se esgueirar para o quarto dele, para a cama dele. Apostas encerradas.

Afinal de contas, era o Dia da Independência. Por que não ser independente? Ele não iria reclamar ou gritar por ajuda. Ela poderia vestir algo mais sexy do que regata e calcinhas boxer. A camisola azul ficaria bem. Ou talvez a de seda floral em tons pastel ou...

Pensando nisso, adormeceu de novo.

Oportunidade perdida, pensou ao descer para a cozinha da família quase três horas depois. Provavelmente tinha sido melhor assim, porque os outros sem dúvida se sentiriam triunfantes por ela e Del terem perdido a aposta. Esse era o melhor modo de lhes mostrar que ambos eram adultos com força de vontade e bom senso. Dali a algumas semanas seriam um casal, portanto

aquilo não tinha tanta importância assim.

Os cheiros do café da manhã e as vozes enchiam a cozinha. E lá estava ele, lindo e parecendo relaxado, tomando café e brincando com a Sra. G. Laurel só pôde desejar ter ido em frente com aquele pensamento do início da manhã.

– Pronto, ela acordou – anunciou Mac. – Bem na hora. Estamos tomando um lauto café da manhã de feriado, o que, graças aos poderes persuasivos de Del, inclui waffles belgas.

– Hummm...

– Minha ideia é a seguinte: não fazermos nada o dia inteiro além de comer e engordar, e depois ir ao parque, continuar comendo e engordando. Inclusive você – acrescentou Mac, apontando para Parker.

– Nem todos têm a mesma tendência a engordar. Vou dar uma arrumada no meu escritório. Isso me relaxa.

– Seu escritório já está arrumado como a Vila da Obsessão – salientou Emma.

– Enquanto implica com a garota, termine de pôr a mesa – ordenou a Sra. Grady. – Não tenho o dia inteiro.

– Vamos comer no terraço porque... é feriado. – Mac pegou uma pilha de pratos e balançou a cabeça quando Carter começou a tirá-los dela. – Não, querido. Pegue algo inquebrável.

– Boa ideia.

– Vamos beber Mimosas, como adultos. – Emma entregou a cesta de pão a Carter. – Isto é um prelúdio para nossas férias no mês que vem, quando todos os dias serão feriados.

– Eu fico responsável pelo bar – falou Jack, pegando o champanhe e um jarro de suco de laranja.

– Alguém deveria ter me acordado. Eu a teria ajudado, Sra. G.

– Está tudo sob controle. – A governanta agitou sua espátula. – Leve o resto lá para fora. Estará tudo pronto daqui a dois minutos.

– Belo início de dia. – Laurel olhou de relance para Del enquanto eles levavam as travessas para fora. – Foi ideia sua?

– Por que ficar dentro de casa em um dia como este?

Laurel se lembrou da frequência com que eles tinham divertidas refeições de verão no terraço quando ela os visitava na infância. Flores, comidas gostosas e companhia agradável em lindas e preguiçosas manhãs.

Eles já tinham agrupado algumas mesas para acomodar todos, e as haviam coberto com toalhas bonitas. Sim, havia flores, comidas gostosas e o brilho do cristal à luz do sol da manhã.

Laurel se esquecera de como era não ter nada mais urgente no dia do que se divertir.

Pegou a taça que Jack lhe ofereceu.

– Obrigada. – Deu um gole. – Você poderia ter seguido essa carreira.

Jack lhe deu um puxão de brincadeira nos cabelos.

– É sempre bom ter uma segunda opção.

Quando a Sra. G. apareceu com a última travessa, Del a pegou dela.

– A senhora, na posição de rainha dos waffles, tem que se sentar à cabeceira da mesa.

É claro que ela o adorava, pensou Laurel ao vê-lo só se dar por satisfeito quando a Sra. Grady

já estava sentada com uma Mimosa na mão.

Aproximou-se e beijou a bochecha dele.

– Bom trabalho.

Seria assim dali em diante, percebeu. Não a parte dos waffles belgas e Mimosas no terraço. Mas aquele grupo, aquela família. As mesmas vozes, os mesmos rostos em feriados e refeições improvisadas.

Vozes cruzavam a mesa junto com a comida. Uma fatia de waffle para Emma, frutas para Parker enquanto ela conversava com Carter sobre um livro que ambos tinham lido recentemente. Montes de chantili para Mac, Del discutindo com Jack sobre a escalação para um jogo de beisebol.

– No que está pensando, menina? – perguntou a Sra. Grady a Laurel.

– Em nada de especial. É uma boa mudança.

A Sra. Grady se inclinou e abaixou a voz.

– Vai mostrar para eles o desenho que acabou de fazer?

– Será que eu devo?

– Termine de comer primeiro.

De repente, Mac bateu com a colher em sua taça.

– Eu gostaria de anunciar que depois do café da manhã vamos visitar a nova Biblioteca Carter Maguire. Carter e eu levamos milhões de livros lá para cima ontem à noite, por isso espero muitos elogios, com alguns reservados para o arquiteto.

Ela ergueu sua taça na direção de Jack.

– Foram mais do que milhões de livros – corrigiu-a Carter. – Mas ficou ótima. Ótima mesmo, Jack.

– Não há nada que me agrade mais do que clientes satisfeitos. – Ele olhou para Emma. – Bem, quase nada.

– E fim das marteladas, serraduras e pintura! Não que a gente esteja reclamando – disse Mac. – Mas, nossa, que legal!

– As marteladas e todo o resto vão começar na porta ao lado na semana que vem – preveniu-a Jack.

– Protetores de ouvido – sugeriu Mac a Emma. – Altamente recomendados.

– Posso aguentar. Por um novo refrigerador e espaço de trabalho, eu supero o barulho.

– Vamos ter que trabalhar por algum tempo enfileiradas no seu espaço, Laurel.

– Ela não vai parar de resmungar. – Mac agitou seu garfo. – Eu sou uma santa, mas ela não vai parar de resmungar.

– Provavelmente – disse Laurel dando de ombros enquanto terminava seu waffle.

– Vamos isolar a área de trabalho da sua cozinha – garantiu-lhe Jack. – Ficar o máximo possível fora do seu espaço.

– Ainda assim ela não vai parar de resmungar. É da natureza dela.

Laurel lançou um olhar frio para Mac, depois se levantou e entrou.

– O que foi? O que foi? Eu estava brincando. Na maior parte.

– Ela não está com raiva. Se estivesse, teria arrancado sua cabeça. – Parker olhou na direção da

casa. – Ela vai voltar.

– É verdade. Você não está com raiva, está? – perguntou Mac apontando o garfo para Del. – Se Laurel estiver com raiva você também ficará em solidariedade a ela, porque estão namorando.

– Se isso é uma regra, é uma regra feminina.

– Não é uma regra feminina. É uma regra dos casais – retrucou Mac, então olhou para Emma para confirmação.

– Sim, é – disse Emma. – Se você tem amor à vida.

– Eu não estou com raiva, portanto, se ela estiver, vai ter que superá-la.

– Você não sabe mesmo como isso funciona – concluiu Mac. – Parker, você deveria anotar algumas dessas normas para ele. As regras são os fios que compõem o tecido. O tecido de Del está cheio de buracos.

– Essas regras são femininas, dos casais ou do Quarteto?

– Na verdade, é tudo a mesma coisa – falou Parker. – Vou lhe escrever um memorando. – Ela olhou de relance quando Laurel voltou com seu bloco de desenho. – Mas no momento o assunto é irrelevante.

– Qual é o assunto? – quis saber Laurel.

– Raiva e a regra da ofensa.

– Ah. Eu não estou com raiva ou ofendida, só a estou ignorando. – Ela deu a volta na mesa até chegar a Carter. – Isto é para você, não para ela. Só para você.

– Está bem. – Ele deu uma olhada para Mac. – Isto é permitido?

– Depende.

– Ela não tem o direito de dizer nada a esse respeito. Se gostar, é seu. O bolo do noivo.

Laurel posicionou o bloco de modo que Mac não pudesse vê-lo e o abriu para Carter.

Observou o rosto dele e viu exatamente o que esperava: o rápido brilho de puro prazer.

– É maravilhoso. Não poderia ser mais perfeito e eu nunca tinha pensado nisso.

– O que é?

No momento em que Mac perguntou e mudou de posição, Laurel fechou o bloco com toda a rapidez.

Isso provocou algumas risadas ao redor da mesa enquanto Mac praguejava. Então ela mudou de tática e adotou uma expressão triste e suplicante.

– Por favor? Por favorzinho?

Laurel entreabriu o bloco.

– Só vou mostrar pelo Carter. Não por você.

– Está bem.

Laurel terminou de abrir o bloco e ouviu Mac prender a respiração antes de conseguir pronunciar um trêmulo "Oh".

Jack esticou o pescoço para dar uma olhada.

– É um livro. Bonito. Tudo a ver.

– Não é apenas um livro. É *Como gostais*. De certo modo, é nosso livro, não é, Carter?

– Eu estava lecionando sobre ele quando nós começamos a sair juntos. Está até aberto na fala de Rosalind. Veja. – Ele passou o dedo pela página. – "Assim que se olharam, amaram-se."

– Ai, que lindo! – Emma se inclinou para olhar melhor. – Adorei a fita marcadora com os nomes deles.

– Estou pensando em tirar o de Mac. Vou manter apenas o de Carter – comentou Laurel. – Sim, só o dele. Carter Maguire, ph.D.

– Você não vai me tirar do bolo. Você me ama.

Laurel fez um som de desdém.

– Ama, sim – insistiu Mac, levantando-se. – Desenhou o bolo perfeito para a minha cara-metade. Você me ama. – Ela agarrou Laurel em um abraço e fez uma dancinha com ela.

– Talvez eu ame o Carter.

– É claro que ama. Quem não amaria? Obrigada, obrigada – sussurrou ao ouvido de Laurel. – Você se superou.

– Você *quase* merece – murmurou Laurel em resposta, depois riu e abraçou Mac com força.

– Me deixem dar uma olhada nisso enquanto vocês cuidam da louça. Quando terminarem, a comida está pronta para ser embalada e levada para o parque. Precisarão carregar as cestas para fora.

– Todos deverão estar na cozinha da família às três e meia para embalar – anunciou Parker. – Depois, designarei missões específicas para cada um. O carregamento da van será às quatro horas, o que inclui comida, cadeiras dobráveis, mantas, equipamento esportivo e pessoas. Destinei assentos para o transporte – acrescentou ela, limitando-se a inclinar a cabeça ao ouvir os suspiros. – Isso evitará discussões. Eu dirijo. – Desta vez ela ergueu uma das mãos. – Sou a única sem namorado aqui, e como tal devo suscitar compaixão, ser favorecida e obedecida.

– Que tal se você arrumasse um encontro? – sugeriu Emma. – Posso lhe arranjar um em cinco segundos.

– É muita gentileza sua, mas não. Nem pensar. – Parker se levantou e começou a empilhar os pratos. – Vamos acabar logo com isso, porque ainda tenho que fazer uma agradável e relaxante eliminação de arquivos.

– Isso é lamentável – comentou Mac, balançando a cabeça enquanto pegava uma travessa.

– Quem você poderia arranjar em cinco segundos? – perguntou Jack.

Emma lhe lançou um olhar divertido por cima do ombro enquanto carregava os pratos para dentro.

– Já vou entrar – disse Del a Laurel. – Só preciso fazer uma coisa primeiro.

– Se você demorar mais do que cinco minutos, vou dar com uma panela na sua cabeça.

Quando Del tirou o celular do bolso, a Sra. Grady ergueu os olhos do bloco de desenho de Laurel.

– O que você está tramando?

– Só estou cuidando da minha irmã.

Ele se afastou e começou a teclar.

Aquilo não era exatamente como arrebanhar gado, mas era quase, deduziu Laurel. Ali estavam pessoas bem-sucedidas, que dirigiam os próprios negócios, lecionavam para os jovens do país e

representavam cidadãos no tribunal de justiça – e nenhuma delas conseguia chegar a um lugar ao mesmo tempo que as outras.

Uma dúzia de itens essenciais foi lembrada no último minuto e depois apanhada dentro da casa. Houve debates sobre o sistema de carregamento da van e os assentos destinados por Parker.

Laurel tirou um refrigerante de um dos *coolers* e, depois de abri-lo, foi se sentar em um dos muros baixos do jardim enquanto o caos reinava.

– Por que você não está lá dando um jeito naquilo? – perguntou ela a Parker quando a amiga se sentou ao seu lado.

– Eles estão se divertindo. – Ela estendeu a mão para pegar a bebida. – E incluí vinte minutos extras no tempo de carregamento.

– É claro. Você ficou mesmo eliminando arquivos a tarde toda?

– Algumas pessoas fazem palavras cruzadas.

– Quantos telefonemas recebeu?

– Cinco.

– Um feriado e tanto.

– Eu gosto disso. As coisas também parecem estar dando certo para você.

Laurel seguiu o olhar de Parker e observou Del mudando o lugar de uma cesta e um par de cadeiras dobráveis.

– Nós não tivemos nenhuma briga. Isso chega a ser irritante.

– Ah, vocês vão voltar a brigar. – Parker acariciou o joelho de Laurel e depois se levantou. – Tudo bem, pessoal, hora de sair. Todos em seus lugares.

Del fechou a porta de trás da van e se aproximou para dar a mão a Laurel.

– Você vai se sentar do meu lado. Minha irmã providenciou isso.

– Vai estar muito cheio. Talvez eu tenha que me sentar no seu colo.

Del sorriu enquanto ela entrava na van.

– Esperemos que sim.

capítulonove

Graças à programação de Parker, eles chegaram cedo o suficiente para encontrar um bom local para montar – nas palavras de Laurel – acampamento. Abriram as cadeiras, espalharam as mantas e tiraram as cestas e os *coolers* da van.

Del jogou uma bola no colo de Laurel.

– Campo direito.

– Eu sempre fico empacada no campo direito – queixou-se ela. – Quero jogar na primeira base.

Apesar do status de namorados, ele a olhou com pena.

– Encare isso, Laurel: você joga como uma garotinha. A maioria dos arremessos será no campo interno, por isso preciso de Parker na primeira base.

– Parker é garota.

– Mas não joga como uma. Jack fica com Emma e Mac, e Carter será o juiz para que ninguém saia machucado. Além disso, ele será justo. Completaremos o resto com pessoas aleatórias, e como alguns vão ser visados por todos, até que... E lá vem meu recebedor.

Laurel acompanhou o olhar de Del.

– Você chamou Malcolm Kavanaugh?

A luz da competitividade brilhou nos olhos de Del.

– Ele tem habilidades importantes, e isso equilibra as coisas.

– No jogo?

– Não. Você sabe, com Parker.

– Parker? – Choque, divertimento e depois sua própria dose de pena passaram pelo rosto de Laurel. – Você arranjou um encontro para Parker? Meu Deus, Del, ela vai matar você.

– Por quê? – Distraidamente, ele ficou jogando a bola para a mão com a luva. – Eu não estou pedindo que ela se case com ele. Só vamos passar um tempo juntos.

– Vai ser o seu funeral.

– Por quê? – perguntou ele de novo. – Ela tem algum tipo de problema com... Oi, Mal.

– Oi. – Ele pegou a bola que Del lhe atirou e a jogou de volta. – Como estão as coisas? – falou, dirigindo-se a Laurel.

– Vamos descobrir.

– Joguinho de bola, comida grátis... – Malcolm, que usava uma calça jeans surrada, camiseta branca e óculos escuros, bateu uma bola com o bastão que levara. – Muito bom. Minha mãe está com a Sra. Grady e algumas amigas. – Ele apoiou o bastão no ombro. – Então, qual é a escalação?

– Você na terceira base, como rebatedor de limpeza.

– Ótimo.

– Laurel no campo direito, na largada. Ela é péssima em pegar a bola, mas uma boa batedora.

– Não sou péssima em pegar a bola. – Ela bateu em Del com a luva. – Continue assim e não teremos nenhum problema em vencer aquela aposta.

Quando ela se afastou a passos largos, Mal ensaiou um *swing*.

– Que aposta?

Laurel foi direto para onde Mac estava.

– Quero trocar com você. Quero jogar no time do Jack.

– A vadia do jogo. Por mim tudo bem, mas é melhor você falar com o Jack.

Ela foi até onde Jack estava sentado, anotando sua escalação.

– Troquei de lugar com Mac. Estou no seu time.

– Trocando a ruiva pela loira. Muito bem, deixe-me ver... Você vai ficar no campo direito, na largada.

Filho da mãe. Ele e Del haviam se comunicado por telepatia? Laurel estreitou os olhos.

– Por que o campo direito?

Jack fitou-a de relance e ela o *viu* reconsiderar sua resposta.

– Você tem um braço forte.

Laurel apontou para ele.

– Boa resposta.

– Por que você... Ei, aquele é o Mal? Del chamou o Mal? – Jack mostrou os dentes. – Então é assim que ele quer jogar?

– Vamos acabar com ele.

Jack se levantou e bateu a palma da mão na de Laurel.

– Esse jogo já está ganho. Somos o time da casa. Vamos escolher o campo.

Laurel se saiu bem no campo direito. E não porque ninguém tivesse batido uma bola em sua direção, mas porque estava *preparada*.

Depois de eles pegarem três bolas lançadas fora, ela trocou a luva por um bastão e encarou Del no montículo.

Ele piscou para ela e Laurel respondeu arreganhando os dentes. Então fez um forte *swing* para o ar e errou a bola. Ele tentou enganá-la com um arremesso baixo e para fora, mas ela se manteve firme. Chegou à terceira com fôlego suficiente para uma sólida rebatida de base. Quando alcançou a primeira base, atirou seu capacete para o lado.

– Del chamou Mal para equilibrar as coisas para você.

– O quê? – Ao lado da base, Parker, que esperava agachada, se aprumou. – Está brincando? Tipo um encontro por piedade?

– Isso, e Mal é um ótimo jogador. Achei que você iria querer saber.

– Tem toda a razão. – Parker lançou um olhar fulminante na direção do montículo em que Del se preparava para o arremesso. – Ele me paga.

Na quarta entrada, o time de Del estava ganhando por cinco a três. Laurel foi obrigada a admitir que ele tinha razão sobre Malcolm e suas habilidades. Agora Mal se encontrava na

segunda depois de uma rebatida dupla e o arremesso bem-sucedido atrás dele levou Del à base do batedor. Aplausos e clamores irromperam do público que se reunira. Laurel viu Del se posicionar e Jack ignorar a primeira sugestão do recebedor, um menino de 12 anos.

Del arremessou uma bola rápida. Ou pelo menos pareceu rápida para Laurel. Pareceu ainda mais rápida quando ele bateu na bola com o bastão e ela voou no ar. Em sua direção.

– Droga. Ah, droga.

Ouviu alguém gritando – talvez ela mesma – enquanto corria para seguir o caminho da bola, mas seu coração batia tão forte que ela não soube dizer quem era.

Ergueu sua luva e rezou.

Quando a bola bateu na luva, ninguém ficou mais surpreso do que Laurel. Ela atirou para cima a bola e a luva e ouviu os gritos e os aplausos da multidão. Também viu que Mal já saíra da sua base e corria para a terceira. Então Laurel fez um arremesso forte e certeiro para as mãos erguidas de Emma. A bola, no entanto, bateu na luva de Emma um pouco de lado e tarde demais.

Do júbilo ao desgosto em menos de cinco segundos, pensou Laurel.

Beisebol era um saco.

– Boa pegada, Laurel.

– Não precisa ficar com pena, Jack – murmurou ela enquanto eles saíam da entrada e Mal permanecia na terceira.

– Quem está com pena? Del caprichou naquela bola. Se você não a tivesse pegado, estaríamos mais atrás ainda. Nós os detivemos.

Ele lhe deu um soquinho fraternal no ombro.

– Foi uma boa pegada – retrucou ela, assentindo com a cabeça, satisfeita.

Talvez, afinal de contas, o beisebol não fosse um saco.

Voltou a ser quando eles perderam por sete a quatro, mas ela ficou feliz em saber que não era péssima em pegar a bola.

– Você jogou bem. – Del lhe atirou uma lata de refrigerante. – Duas rebatidas simples e uma corrida impulsionada. Além disso, me roubou dois possíveis *home runs*.

– Você não devia ter dito que eu era péssima em pegar a bola.

– Geralmente é.

Ele deu um tapinha na aba do boné de Laurel em um gesto fraternal como o soco no braço que Jack lhe dera. Laurel atirou o boné para o lado e agarrou a camisa de Del.

– Acho que você está se esquecendo de uma coisa.

Ela o puxou para baixo e lhe deu um beijo profundo. Depois, achou graça quando o gesto provocou aplausos daqueles que estavam sentados nas mantas ou nas cadeiras.

– Não, eu me lembrei disso. – Del pôs os braços despreocupadamente ao redor da cintura dela. – Mas obrigado pela iniciativa.

– Ora, ora, *isso* não é uma surpresa? – Hillary Babcock, uma das amigas da Sra. Grady, deu um sorriso radiante para Del e Laurel. – Eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo! Maureen, você não me conta nada!

– O que eu não conto, você descobre.

– Mas isso é *importante*. Sempre pensei em vocês dois como irmãos, praticamente, e aí estão,

cheios de romantismo.

– Laurel pegou uma bola de longa distância. – Del mudou de posição para passar o braço pelos ombros dela. Massageou de leve o bíceps da namorada como se para acabar com uma leve irritação. – Ela merece uma recompensa.

Hillary riu.

– Da próxima vez, me chame! Mas, falando sério, há quanto tempo estão juntos? Olhem para vocês. – Ela deu o sorriso radiante de novo e seus olhos começaram a lacrimejar de leve. – Parece que foi ontem que essas quatro garotas e Del corriam por este parque com o resto das crianças, e agora são adultos. E estão todos com seus pares, também! Ah, Maureen, você deveria convencer essas garotas a fazerem um casamento triplo. Não seria maravilhoso?

– Hilly, o rapaz apenas beijou a moça. Isso não significa que eles vão começar a fazer a lista de convidados. Por que você não come um pouco de salada de batata? Está no *cooler*, bem ali.

– Sim, é claro. Kay, este deve ser seu filho, Malcolm. Também já é um adulto! E está com Parker. Isso não é ótimo?

Mal observou o rosto de Parker enquanto respondia:

– Ela é uma excelente jogadora de beisebol, mas eu não cheguei nem a beijar a moça. Ainda.

– Na verdade, Mal não está com...

Um olhar fulminante de Parker para o irmão interrompeu a explicação dele. Deliberadamente, ela deu um passo para a frente. Consciente de que eles estavam bem na linha de visão de Del, Parker pressionou o corpo contra o de Mal, jogou os braços ao redor do pescoço dele e lhe deu um longo, lento e ostensivo beijo.

Depois recuou e esfregou os lábios um no outro.

– Isso deve resolver a questão.

Mal segurou os quadris dela.

– Acho que deveríamos jogar outra partida.

Ela deu um leve sorriso a Mal, lançou um olhar frio para Del e foi ajudar a tirar o conteúdo de uma cesta.

– O que foi aquilo? – perguntou Del, agachando-se ao lado dela. – O que diabo foi aquilo?

– O quê? Ah, aquilo? Eu só estava tentando manter as coisas *equilibradas*. Não era essa a ideia, querido irmão?

– Pelo amor de Deus, Parker, eu só... Mal é meu amigo, então por que não chamá-lo? Além disso, você disse que era a única sem namorado.

– E foi muita gentileza da sua parte me arranjar um encontro sem ao menos me perguntar se eu estava interessada. – Ela o cutucou com o dedo quando ele começou a falar. – É melhor você não se intrometer na minha vida ou vou dormir com ele só para tornar sua vida um inferno.

Del empalideceu.

– Você não seria capaz.

– Não me desafie. – Ela o cutucou de novo. – Não me desafie.

– Hora de dar uma caminhada. – Laurel puxou o braço de Del. – Hora de dar uma caminhada *mesmo*. Há coisas que nem você consegue evitar – murmurou enquanto o arrastava para longe.

– Qual é o problema dela?

– Parker está irritada com você, é claro. Eu avisei que ela ficaria.

Del desviou de um *frisbee* que passou voando e depois parou.

– Ela não teria ficado se você não tivesse lhe contado. Por que fez isso?

– Porque Parker é minha amiga e eu estava irritada com você antes dela. Eu teria contado mesmo que não estivesse com raiva, mas esse foi um fator secundário. Você não pode tirar da manga um encontro para ela sem que ela saiba, porque assim me obriga a fazer isso.

– Outra regra. Talvez seja melhor ela me mandar um maldito memorando.

Laurel deu uma sacudidela na mão dele.

– Você devia saber que não era para fazer isso.

– Como assim? Foi ela quem o agarrou e beijou daquele jeito, na frente de todo mundo.

– Sim, ela devia tê-lo arrastado para os arbustos e feito isso longe dos olhos dos outros, mas você conhece Parker. Ela é atrevida.

– Você acha isso engraçado? – Ele parou e a olhou de alto a baixo. – Ela deu em cima dele em público, está furiosa comigo e agora ainda tenho que conversar com o Mal. Isso não tem graça nenhuma.

– Não. Você não tem que conversar com o Mal. Deixe isso para lá, Sr. Conserta Tudo. Eles são adultos.

– Vocês têm as suas regras, eu tenho as minhas.

– Às vezes eu tenho vontade de... – Ela virou o rosto para o outro lado e depois olhou de novo para Del. – Com quantos homens você "conversou" quando se tratava de mim?

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Passado é passado.

– Talvez você devesse ter uma conversinha consigo mesmo.

– Acredite, eu já fiz isso e pareceu não adiantar nada. Agora tomei gosto por você.

– Tomou gosto por mim?

– Sim. Você entende de sabores e sabe que alguns deles são irresistíveis. Como o seu.

Ela deu um leve suspiro e depois emoldurou o rosto dele com as mãos.

– Está quase perdoado. Vamos pelo caminho mais longo. Isso vai abrir nosso apetite.

Quinze minutos depois, Laurel concluiu que eles conheciam muita gente. A simples caminhada ao redor do parque se transformou em encontros e cumprimentos, com a parte um tanto desagradável de ter que lidar com a curiosidade daqueles que os viam como um casal pela primeira vez. As especulações chegavam zumbindo a seus ouvidos como mosquitos.

– Pelo menos a Sra. Babcock foi direta e perguntou.

Del a olhou de relance enquanto eles seguiam o caminho de volta.

– Perguntou o quê?

– "O que está acontecendo entre eles? Estão namorando? Dormindo juntos? O que Delaney Brown está fazendo com Laurel McBane? Quando começou?" Tenho a sensação de que eu deveria ter escrito uma declaração de imprensa.

– As pessoas gostam de saber sobre a vida dos outros, especialmente se há qualquer indício ou

possibilidade de sexo ou escândalo.

– Posso sentir os olhares às minhas costas. – Como se para afugentá-los, ela girou os ombros para trás. – Isso não o incomoda nem um pouco?

– Por que incomodaria? Aliás, vamos lhes dar um motivo para olhar.

Ele a virou e lhe deu um beijo ardente.

– Pronto. Perguntas respondidas. Vamos comer um pouco daquela salada de batata.

Era mais fácil para Del, concluiu Laurel, porque ele sabia lidar melhor do que ela com as pessoas. Além disso, fazia parte da família Brown, de Connecticut, e isso tinha alguma importância em Greenwich. Para Laurel o sobrenome dele não fazia a menor diferença – ao menos na maior parte do tempo –, e ela suspeitava que o próprio Del só se lembrava dele quando lhe era útil. Mas, de qualquer forma, os outros faziam essa associação.

Del tinha o sobrenome, a posição, a riqueza. O primeiro programa deles em público como um casal serviu para lembrá-la de que ele era mais do que seu amigo de infância e amante potencial.

Sexo e escândalo, pensou. Bem, houvera ambos em sua família, não houvera? Supôs que algumas pessoas se lembrariam disso e especulariam, durante coquetéis e partidas de tênis no clube de campo, sobre as chances de ela haver se interessado por Del em virtude de seu sobrenome, sua posição e sua riqueza.

Isso não a incomodava muito e ela não deixaria que incomodasse, pensou Laurel. A menos que repercutisse nele ou em Parker.

– Você está séria. – Mac lhe deu uma cotovelada. – Pensamentos profundos não são permitidos em feriados nacionais.

– Não são tão profundos. – Mas já que ela havia falado nisso... – Já se perguntou o que nós duas estamos fazendo aqui?

Mac lambeu glacê dos dedos.

– De um modo zen?

– Não, aí seria um pensamento profundo demais. Você e eu, em particular. As crianças da escola pública com famílias desfeitas e infância difícil.

– A minha foi mais difícil.

– Sim, esse prêmio é seu.

– É. – Por um momento, Mac estudou seu copo de plástico com limonada. – Falando em dificuldades, Linda voltou ontem.

– Você não disse nada.

Mac deu de ombros.

– Isso não me afeta mais. Além disso, ela está morando em Nova York com o novo marido e ainda está zangada comigo. É uma boa distância.

– Que continue assim.

– Isso não importa muito, porque realmente tirei a sorte grande.

Ela olhou para Carter, que falava com alguns alunos que o haviam encontrado na multidão.

– Ele é ótimo mesmo – concordou Laurel. – Nós tivemos professores assim tão gatinhos?

– O Sr. Zimmerman, de história.

– Ah, sim, o Zim. Muito gatinho, mas gay.

Com os olhos verdes arregalados, Mac abaixou o copo.

– Ele era gay?

– Com certeza. Você devia estar num de seus períodos na Academia quando isso veio à tona.

– Perdi muitas coisas boas indo de um lado para outro toda hora. Bem, gay ou hétero, ele esteve presente em vários dos meus sonhos adolescentes. Ao Zim.

– Ao Zim – repetiu Laurel, batendo com sua lata no copo de Mac.

– Enfim – continuou Mac –, eu e você.

– Veja a Emma. A família dela é superunida. Eles são numerosos, mas firmes como rochas. Privilegiados, sem dúvida. E Parker. Os Browns são donos de Greenwich. Já você, mãe maluca, pai ausente. Nunca sabendo se as coisas iam dar certo ou não. E eu, com meu pai e seu probleminha com a Receita Federal, sem falar da amante. Estávamos quase falidos e ninguém dizia nada. Mal conseguimos manter a casa e minha mãe ficou mais irritada por ter que despedir os empregados do que pela existência da amante. Tempos estranhos.

Mac cutucou o braço de Laurel com o cotovelo, em solidariedade.

– Nós os superamos.

– Sim. E ainda estamos aqui. Pensando em retrospecto, acho que eu não imaginei que estaria. Eu estava envergonhada, confusa e zangada, e pensei que iria embora assim que fizesse 18 anos.

– Você foi, de certo modo. Foi estudar em Nova York, conquistou o próprio espaço. Nossa, aquilo foi estranho, pelo menos para mim. Ter uma amiga solteira e não totalmente falida morando em Nova York. Nós passamos por algumas fases interessantes. Quando não estávamos nos matando de trabalhar.

Laurel puxou os joelhos para cima e apoiou o queixo neles para manter os olhos em Mac.

– Você e eu sempre trabalhamos duro. Não quero dizer que Emma e Parker ficavam de papo para o alto, mas...

– Elas tinham segurança financeira – completou Mac, assentindo com a cabeça. – Nós, não. Mas tínhamos a elas, por isso conseguimos.

– Sim, tem razão. Conseguimos.

– Então acho que não penso muito nessas coisas. Chegamos aqui, e é isso que importa. E, olhe, você também tirou a sorte grande. Del é um prêmio e tanto.

Laurel ergueu a cabeça e estudou Del.

– Ainda não o reivindiquei.

– Sei que eu coloquei dinheiro nisso, mas preciso saber, Laurel: o que diabo você está esperando?

– Sabe, estou me fazendo a mesma pergunta.

Mais tarde, quando o primeiro jorro de luz inundou o céu, Del se sentou atrás de Laurel e puxou-a para perto, envolvendo-a com os braços. Era tudo cor, som e espetáculo.

Não importava como chegara ali, pensou Laurel. Era exatamente onde queria estar.

Pôr tudo de volta no carro foi quase tão trabalhoso quanto tirar, mas depois Parker os levou a uma boate local. À porta, entregou as chaves do carro a Carter.

– Del vai pagar a primeira rodada – anunciou.

– Vou?

– Vai, e o dinheiro da nossa motorista eleita não será aceito aqui. – Ela olhou de relance para trás e viu Malcolm entrar atrás deles. – É melhor garantirmos umas mesas.

Eles juntaram algumas e se sentaram. Depois que fizeram os pedidos de bebida, as mulheres foram em massa para o banheiro feminino.

– O que vocês acham que elas fazem lá, em grupo? – perguntou Mal.

– Falam da gente – sugeriu Jack. – E traçam estratégias.

– Já que temos um minuto, achei que deveria lhe dizer que Parker só fez aquilo mais cedo porque estava irritada comigo – falou Del.

Mal sorriu placidamente para o amigo.

– Tudo bem. Talvez você devesse irritá-la de novo.

– Ah. Sabe, eu não contei a ela que tinha convidado você e ela acabou tendo a impressão errada.

Com toda a calma, Mal passou o braço pelas costas da cadeira dele.

– É? E que impressão foi essa?

– Que eu tinha armado um encontro entre vocês.

– Sua irmã tem dificuldade em arranjar encontros?

– Não. É claro que não.

– Então eu não me preocuparia com isso.

A banda começou a tocar enquanto os drinques chegavam – e as mulheres apareceram logo em seguida.

– Quero dançar! Vamos, Jack – chamou Emma, agarrando a mão dele e o puxando.

– Mas a cerveja acabou de chegar.

– Primeiro vamos dançar. Depois, a cerveja.

– Boa ideia. – Del se levantou e chamou Laurel. – Já faz tempo que não dançamos.

– Muito bem, vamos ver do que você é capaz.

– Nossa vez, Carter – convocou Mac.

– Eu danço muito mal – lembrou-lhe ele.

– Você precisará dançar no casamento, então está na hora de treinar.

– Hum, tudo bem.

Mal esperou um instante, se levantou e estendeu a mão para Parker.

– Realmente você não precisa... – disse ela.

– Você sabe dançar, não sabe? – perguntou ele.

– É claro que sei, mas...

– Não tem medo de dançar comigo, tem?

– Isso é ridículo. – Claramente irritada, ela se levantou. – Isto não é um encontro e peço desculpas por antes, mas eu estava...

– Irritada com Del. Eu entendi. Então vamos tomar alguma coisa. Isso não fará mal algum.

A música era rápida e animada, mas ele lhe deu um pequeno giro inesperado e depois a puxou para perto. Então começou a se mover.

Mal tinha ritmo, e ainda assim Parker demorou um minuto para acompanhar seus passos. Precisava admitir que ele a pegara desprevenida de novo.

– Alguém fez aulas de dança – comentou ela.

– Não, alguém apenas descobriu que dançar é um bom modo de conseguir mulheres. – Ele a girou de novo e então seus corpos se juntaram. – E trabalhos. Cenas de brigas são pura coreografia, e eu atuei muitas vezes como dublê em cenas de briga.

– Trabalhos e mulheres.

– Sim. A vida é melhor com essas duas coisas.

Perto deles, Laurel estalou os dedos diante do rosto de Del.

– Pare de olhar para eles.

– Eu só estava... conferindo.

– Olhe para mim.

Laurel pôs os dedos em forquilha na frente dos próprios olhos e depois os apontou para os dele.

Del a segurou pelos quadris e puxou-a para mais perto.

– Você estava longe demais.

– Entendi. – Ela cruzou as mãos na nuca de Del e pressionou os quadris contra os dele. – Que tal assim?

– Muito melhor. – Ele aproximou a boca da dela. – Embora isto esteja acabando comigo.

– Você consegue aguentar.

Ela mordiscou o lábio superior dele.

– Definitivamente está me matando. Venha, vamos nos sentar.

Laurel pensou na última vez em que ela e as amigas tinham ido a uma boate. Só as quatro, lembrou-se, em um lugar badalado na cidade. Todas sem namorado, apenas querendo sair para dançar. Muitas coisas podiam mudar em alguns meses, refletiu.

Agora havia oito deles espremidos, gritando para se fazerem ouvir por cima da música. De vez em quando Del passava as mãos pelos cabelos de Laurel ou as descia pelas costas dela. Não sabia – não tinha como saber – o que aquele toque distraído provocava no corpo dela.

Del a fazia querer se enroscar nele, ronronando – ou arrastá-lo para a van, onde poderiam ficar a sós. Era patético quanto ansiava por ele e como ele podia afetá-la com tão pouco.

Se Del tivesse ideia de como Laurel estava apaixonada por ele... seria gentil. E isso a destruiria.

Era melhor, muito melhor, os dois irem com calma, como ele dissera no início. Talvez alguns desses sentimentos se acalmassem. Quem sabe encontrariam um meio-termo para que ela não se sentisse tão sobrecarregada pelo próprio coração.

Ele olhou em sua direção e sorriu, fazendo-a estremecer.

Tantas coisas podiam mudar..., pensou Laurel. E contudo, se levasse em conta suas aflições, muitas podiam permanecer iguais.

Logo depois da meia-noite, eles estavam novamente empilhados na van, com Carter atrás do volante. Laurel ouviu as vozes abafadas ao redor, o ritmo do dia diminuindo. Mas ainda havia

lua, estrelas e uma longa noite pela frente.

– Amanhã tenho um jantar com um cliente – disse-lhe Del. – E depois pôquer. Por que você não pensa no que gostaria de fazer no nosso próximo encontro?

– Claro.

– Você poderia sentir saudades de mim nesse meio-tempo.

– Poderia.

Quando Carter virou para a casa dele, Del ergueu o rosto de Laurel para um beijo.

– Por que não pensa nisso?

Ele se posicionou para sair e cutucou Parker no ombro.

– Você não está mais irritada comigo.

Ela o olhou longamente.

– Só não estou porque ele ganhou o jogo e é um bom dançarino. Mas faça isso de novo e vai se ver comigo.

– Você se divertiu. – Ele lhe beijou a bochecha. – Obrigado pela carona. Vejo todos vocês depois. Vocês, homens, antes. No pôquer, hoje à noite.

Ele saiu, acenou e depois andou pela calçada até sua porta.

Laurel hesitou durante quase 500 metros.

– Pare! Pare! Pare o carro.

– Ah, querida, você está enjoada? – perguntou Emma, aprumando-se no banco e se virando.

– Não, não, é só que... Isto é ridículo. Tudo isto é ridículo. Dane-se a aposta. Vou para a casa de Del. Vão embora sem mim.

Ela ignorou os aplausos e bateu a porta.

– Espere. – Carter pôs a cabeça para fora. – Eu levo você lá. Só...

– Não, obrigada. Pode ir.

Então ela se virou e começou a correr.

capítulodez

AO JOGAR AS CHAVES na pequena tigela sobre a cômoda e pôr o celular para carregar, Del pensou em dar umas braçadas na piscina antes de ir para a cama. Uma atividade física para abrandar a frustração sexual e ajudá-lo a dormir. Tirou a camisa e os sapatos e foi à cozinha pegar uma garrafa d'água.

Aquela espera era a coisa certa a fazer. Laurel ocupava um lugar importante demais em sua vida para apressar esse passo entre eles.

Ela não era apenas uma mulher interessante e atraente. Era Laurel. A forte, inteligente, divertida e resiliente Laurel McBane. Tinha muitas das qualidades que ele admirava em uma mulher – e tudo em um pacote sexy.

Durante todos aqueles anos, refletiu, considerara aquele pacote proibido. Agora que ela... ele... eles tinham acabado com essas restrições, Del a desejava mais do que imaginara.

O que era mais um motivo para a espera.

Ser impulsivo era ótimo – ele adorava agir por impulso. Mas não quando se tratava de alguém tão importante quanto ela, e em tantos níveis. Devagar e com sensatez, lembrou a si mesmo. Aquilo estava dando certo, não estava? Em um curto período de tempo, tinham descoberto coisas um sobre o outro que nenhum dos dois ficara sabendo em todos aqueles anos de convivência.

Haviam passado o feriado juntos, como tinham feito em inúmeros outros – mas de uma forma totalmente nova, com uma abordagem bem diferente. Esse era o tipo de coisa a que precisavam se dedicar antes de darem o próximo passo.

Por ele, tudo bem – era bom nisso.

Perguntou-se se o mês algum dia chegaria ao fim.

Nade, ordenou a si mesmo um instante antes de o toque insistente da campainha na porta da frente o fazer voltar correndo pela casa.

O pânico o invadiu à primeira visão de Laurel, de olhos arregalados e com o rosto vermelho.

– Houve um acidente? Onde está Parker? – Ele a agarrou, procurando ferimentos, enquanto sua mente se acelerava. – Ligue para a emergência, e eu vou...

– Não, não houve acidente nenhum. Está tudo bem. Estão todos bem. – Ela lhe fez um sinal para recuar e tomou fôlego. – O caso é o seguinte: você não pode contar hoje, e na verdade é amanhã, portanto não pode contar isso. Ou o primeiro dia, porque é o primeiro.

– O quê? Você está bem? Onde estão todos? O que aconteceu?

– Não aconteceu nada. Eu voltei. – Ela ergueu uma das mãos como se para acalmá-lo e passou a outra pelos cabelos. – Na verdade, é só uma questão matemática, e hoje já é amanhã, porque

passou da meia-noite. É isso. Além do mais, não contamos os fins de semana. Quem conta os fins de semana? Ninguém. Cinco dias úteis, é o que todos dizem.

O pânico se transformou em confusão.

– Sobre o quê?

– Tudo. Preste atenção. – Laurel apontou um dedo para ele. – Acompanhe meu raciocínio.

– Bem, eu faria isso se soubesse de que diabo você está falando.

– Apenas me escute, está bem? – Ela começou a tirar as sandálias que calçara depois do jogo de beisebol, mas parou. – É assim que isso funciona: a gente tira o primeiro dia, hoje e os fins de semana. Então restam dez dias, o que pela maioria das definições dão duas semanas. – Enquanto as palavras saíam de forma confusa, ela gesticulava, primeiro com uma das mãos e depois com a outra. – Além do mais, não acho que as pessoas realmente se refiram a trinta dias quando dizem um mês. Um mês tem quatro semanas. Vinte e oito dias, sete vezes quatro. Isso é apenas matemática básica. Então, se a gente tirar as duas semanas que não contam em virtude dos fins de semana e tudo o mais, na verdade estamos atrasados.

– Atrasados com... ah. – A compreensão trouxe alívio, divertimento e gratidão de uma só vez. – Ahã. Não sei se entendi direito. Pode repetir?

– Não. Eu fiz os cálculos. Acredite em mim. Então voltei, porque estamos atrasados.

– Não podemos admitir isso, podemos?

– Os números não mentem. Agora temos a parte da múltipla escolha: a) você me leva para casa; b) eu chamo um táxi; ou c) eu fico.

– Deixe-me pensar. Letra c.

Ele a agarrou e a beijou.

– Resposta correta. – Laurel deu um pulo e pôs as pernas ao redor da cintura dele. – Definitivamente, a resposta correta. – Ela buscou a boca dele de novo em um beijo apaixonado e urgente. – Mas agora estou ficando louca. É melhor você estar ficando louco também.

– Eu não parava de pensar em você, de desejar você. – Ele começou a subir a escada. – Só conseguia pensar nisso. Graças a Deus pela regra dos cinco dias úteis.

– É o padrão da indústria – conseguiu dizer Laurel enquanto seu coração começava a bater mais forte. – Nós fizemos uma tempestade num copo d'água a respeito disso. Do sexo. Não consigo pensar direito quando estou obcecada, e não consigo pensar em mais nada quando quero estar com você. Fico imaginando como vai ser, mas não quero pensar demais. Só quero que aconteça. Agora não paro de falar. Está vendo? Louca.

– Então vamos ficar loucos juntos.

Quando se abaixou para deitar na cama com Laurel, ela lhe envolveu a cintura com as pernas e começou a passar as mãos nas costas dele. Sentiu as primeiras pontadas de desespero quando suas bocas se encontraram de novo. Uma onda de calor a invadiu, tão rápida e intensa que quase a fez perder o fôlego. Tinha sido uma espera longa demais, assim como a curiosidade e a vontade.

Ela agarrou os quadris de Del e arqueou o corpo para cima quando os dentes dele lhe arranharam levemente o pescoço e despertaram dezenas de terminações nervosas. Tentou abrir a calça jeans dele, mas Del agarrou as mãos dela e as afastou.

– Rápido demais.

– Já parece uma eternidade.

– Então o que é um pouco mais? – Ele recuou e, à luz do luar, começou a lhe desabotoar a blusa. – Passei muito tempo sem olhar para você, de certa maneira. Quero apreciá-la. Apreciar o toque. E o sabor.

Del abriu a blusa e passou os dedos pela pele de Laurel.

Tocá-la foi como finalmente decifrar um quebra-cabeça, ver pela primeira vez sua beleza e sua complexidade. Os ângulos do rosto de Laurel, as curvas do corpo dela, agora à disposição dele para explorar.

Quando Laurel foi em sua direção, ele a puxou para cima a fim de tirar a blusa dela e saborear a pele macia de seus ombros. Abriu o fecho do sutiã e ouviu o pequeno suspiro que ela deu antes que ele descesse as tiras por seus braços. Laurel inclinou a cabeça para trás em um convite ao beijo.

Lento, ardente, profundo, com as línguas deslizando uma pela outra enquanto ele a abaixava de novo para fitar seus olhos azuis intensos e passava os dedos de leve nos seios dela. Laurel estremeceu e a reação o fez sentir um forte calor no baixo-ventre.

– Permita-me – murmurou, e fechou a boca sobre o seio dela.

O prazer fez sua pele queimar e percorreu todo o corpo dela quando Laurel se entregou às mãos e à boca de Del. Ele quis explorar – e explorou – todos os desejos e vulnerabilidades dela a cada centímetro ardente e torturante, como se conhecesse todos os seus segredos.

– Eu queria isto. Queria você – murmurou ela.

– Agora nós temos. Temos um ao outro.

Del puxou a calça de Laurel para baixo, deslizando a boca sobre a barriga e as coxas dela. Uma eternidade de tempo se passou, e então parou.

Agora, pensou Laurel. *Agora*.

Parecia que tudo nela se abrira para ele, e todo o seu corpo estava quente e receptivo. *Devagar*, ordenou Del a si mesmo, embora sua necessidade tivesse quase chegado ao limite, e usou as mãos para levá-la ao orgasmo.

Observou o prazer transformar os olhos azuis dela em cristais e saboreou-lhe o gemido ao tomar-lhe a boca com a sua.

Finalmente, quando os olhos dos dois se encontraram de novo, Del deslizou para dentro dela e se manteve lá por algum tempo enquanto ambos estremeciam.

Ela disse o nome dele em um sussurro ofegante e depois arqueou o corpo para acolhê-lo.

Não havia mais dúvidas, apenas fascinação enquanto eles se moviam juntos. *Finalmente*, pensou Laurel, *finalmente*. E se deixou levar.

Ficou deitada sob o corpo de Del, fraca e feliz, com os lábios espremidos contra os ombros dele, sentindo o coração bater.

Tinha-o deixado no comando, e ele terminara tão exausto e satisfeito quanto ela. Laurel passou uma das mãos nas costas dele e desceu pelas nádegas apenas porque podia.

– A ideia foi minha.

Ele conseguiu dar uma fraca risada.

– Uma ótima ideia. – Mudou de posição para puxá-la para o seu lado. – Sim, isto é bom.

– Se usarmos meu raciocínio matemático como argumento, não perderemos a aposta.

– Acho que, nessas circunstâncias, podemos perder que ainda saímos ganhando.

Laurel concluiu que não poderia estar mais feliz.

– Acho que você tem razão. – Ela deu um suspiro satisfeito. – Tenho que acordar muito cedo.

– Está bem – respondeu ele, mas envolveu-a com os braços, indicando-lhe que ela ainda não iria a lugar algum.

Laurel ergueu o rosto para o último beijo.

– A espera valeu a pena?

– Definitivamente.

Ela fechou os olhos e dormiu nos braços dele.



Laurel desejou ter uma lanterna. E uma escova de dentes. Tatear no escuro na manhã seguinte nunca era fácil, pensou. Pelo menos achara seu sutiã e um pé de sapato. Deu um gemido de satisfação quando seus dedos tocaram o elástico de sua calcinha.

Uma camisa, um pé de sapato e uma calcinha. E sua bolsa estava no andar de baixo, onde a deixara. Lá encontraria pastilhas de hortelã e vouchers de empresas de táxi.

Daria tudo por um café. Seria capaz de matar só para sentir o cheiro de café.

Engatinhando, continuou sua busca e exclamou um "arrá" mental quando encontrou o outro pé de sapato.

– O que você está fazendo aí no chão?

– Desculpe. – Ela se sentou sobre os calcanhares. – Estou procurando o resto das minhas roupas. Eu lhe disse que precisava acordar cedo.

– Cedo que horas? Meu Deus, ainda não são nem cinco horas.

– Bem-vindo ao mundo da confeitaria. Ouça, se eu pudesse acender a luz por apenas trinta segundos, conseguiria encontrar tudo o que preciso e você poderia voltar a dormir em paz.

– Você não está de carro.

– Vou chamar um táxi lá embaixo. Peguei tudo a não ser... – A luz se acendeu, fazendo-a semicerrar os olhos antes de cobrir o rosto com uma das mãos. – Você podia ter me avisado. Só um segundo.

– Você está... interessante.

– Aposto que sim. – Ela podia muito bem visualizar a cena. Nua, com os cabelos totalmente desgrenhados, agachada no chão segurando a roupa de baixo e os sapatos.

Por que ele não tinha um sono mais pesado?

– Dois segundos. – Ela avistou sua blusa e ponderou sobre o que era mais digno: rastejar até lá e pegá-la ou ficar em pé e ir buscá-la.

Rastejar, concluiu, nunca era digno.

A nudez não tinha importância. Ele a vira nua. Mas não de manhã, quando não estava nem de longe com sua melhor aparência.

E, droga, desejou que ele parasse de lhe sorrir daquele modo.

– Volte a dormir.

Levantou-se e foi buscar a blusa. Os sapatos saíram voando quando ele a agarrou e puxou para a cama.

– Del, tenho que ir.

– Provavelmente isto não vai demorar muito. – Ele rolou para cima dela, sem deixar qualquer dúvida de que os cabelos dela não o tinham desencorajado nem um pouco.

Quando Del ergueu os quadris de Laurel e deslizou para dentro dela, Laurel concluiu que havia coisas ainda melhores do que café pela manhã.

– Acho que tenho alguns minutos.

Ele riu, esfregando o nariz na curva do ombro dela.

Laurel deixou Del crescer dentro dela, devagar, macio, suave, ascendendo com pulsações rápidas e exalando alívio. Tudo nela ficou quente e relaxado, com ele preenchendo seu corpo e seu coração.

A queda, tão suave quanto a ascensão, a fez desejar poder se enroscar com ele e dormir de novo.

– Bom dia – murmurou Del.

– Hummm. Eu ia dizer que lamentava tê-lo acordado, mas acontece que não lamento.

– Eu também não. Acho que seria melhor acharmos suas roupas para eu poder levá-la em casa.

– Vou pegar um táxi.

– Não, não vai.

– Não seja bobo. Não há motivo nenhum para você se levantar, se vestir, dirigir até lá e voltar quando eu posso muito bem chamar um táxi.

– O motivo é que você passou a noite na minha cama.

– Bem-vindo ao século XXI, Sir Galahad. Eu vim sozinha até aqui, então posso...

– Sabe, você está em uma posição muito estranha para começar uma briga. – Del se apoiou nos cotovelos a fim de olhar para ela. – Se esperar mais dez minutos, poderei lhe dar mais um motivo para não pegar um táxi.

– Esse é um tempo de recuperação bastante otimista.

– Quer ver quem está certo?

– Me deixe levantar. E, já que você está todo galante, que tal me arranjar uma escova de dentes?

– Tudo bem. Posso até pôr um pouco de café em dois copos para viagem.

– Se me arrumar um café, pode me levar a qualquer lugar.

Em menos de quinze minutos, e munida de um grande copo de café, Laurel saiu.

– Está chovendo. Um dilúvio, na verdade – corrigiu ela. Como não tinha percebido isso? – Del, não...

– Pare de discutir.

Del pegou a mão de Laurel e correu com ela para o carro. Ensopada, ela entrou e balançou a cabeça quando ele foi para trás do volante.

– Não estou brigando.

– Certo. Discutindo, então?

– Melhor – admitiu ela. – Eu só queria evitar que você passe a se sentir obrigado a me levar em casa ou qualquer coisa desse tipo. Se sigo um impulso, devo lidar com o que está ligado a ele. Como transporte.

– Eu adorei o impulso, mas, apesar disso, quando estou com uma mulher, eu a levo em casa. Pense nisso como uma Regra Fundamental dos Browns.

Ela realmente pensou enquanto tamborilava os dedos no próprio joelho.

– Então, se você seguisse um impulso, eu seria obrigada a levá-lo em casa.

– Não. E não, eu não considero isso machista, mas elementar. – Ele a fitou de relance, com os olhos sonolentos enquanto dirigia na manhã chuvosa. – Igualdade de direitos, salário, escolha, oportunidades e por aí vai. Sou a favor disso. Mas, quando estou com uma mulher, eu a levo em casa. E, quando estou com uma mulher, não gosto da ideia de ela dirigir sozinha por aí no meio da noite ou às cinco e meia da manhã se houver um modo de evitar isso.

– Porque você tem um pênis.

– Sim, tenho. E faço jus a ele.

– E o pênis protege contra acidentes, problemas mecânicos e pneus furados?

– Sabe o que sempre achei interessante, e às vezes frustrante, em você? Você consegue transformar o simples em complexo.

Era verdade, mas isso não alterava o ponto principal.

– E se eu tivesse meu próprio carro?

– Não tem.

– Mas e se tivesse?

– Acho que descobriremos quando isso acontecer.

Ele virou na entrada de veículos.

– Essa resposta foi muito vaga.

– Foi, não foi? Que tal eu lhe fazer uma concessão? Não vou levá-la até a porta.

Ela ergueu a cabeça.

– Mas vai ficar sentado aqui até que eu entre?

– Sim, vou. – Ele se inclinou, pôs as mãos em concha no queixo de Laurel e a beijou. – Vá assar um bolo.

Ela começou a descer do carro, mas então voltou e lhe deu um beijo mais longo e muito mais gratificante.

– Tchau.

Correu para a porta e depois se virou, encharcada, para lhe acenar enquanto entrava.

Depois, sozinha em meio ao silêncio, encostou-se na porta e relaxou. Fizera amor com Del. Dormira na cama dele, acordara a seu lado. Uma vida inteira de sonhos se tornara realidade em uma noite, e agora, só, ela podia relaxar, rir como louca, envolver o próprio corpo com os braços, sentir-se tola e totalmente maravilhosa.

Nada do que havia imaginado chegara perto daqueles momentos, e agora ela podia recordar cada um deles e saboreá-lo.

O que aconteceria depois era uma incógnita, mas naquele momento tinha o que sempre desejara.

Ela quase flutuou escada acima, a caminho do quarto. Tinha um dia cheio pela frente, mas tudo o que queria era deixar os compromissos para lá e se jogar na cama, chutar os sapatos para o alto e chafurdar.

Não podia ignorar sua agenda, mas ao menos podia chafurdar em um longo banho de chuveiro. Tirou as roupas molhadas, pendurou-as e tirou a presilha que usara para conter os cabelos rebeldes. Ainda sorrindo, foi para debaixo do jato quente.

Estava se deleitando com o vapor e o perfume do banho quando percebeu um movimento do lado de fora do boxe e por pouco o grito que deu não rachou o vidro.

– Nossa, Laurel, sou só eu. – Mac abriu um pouco a porta. – Eu bati, depois gritei, mas você estava ocupada demais cantando para me ouvir.

– Muitas pessoas cantam no chuveiro. O que você quer?

– Não muitas cantam *I've Got Rhythm*.

– Eu não estava cantando isso. – Estava? Agora a canção ficaria na sua cabeça o dia inteiro. – Você está deixando o calor sair. Saia daqui.

– Por que você está demorando tanto? – perguntou Emma ao entrar.

– Cadê a Parker?

– Na sala de ginástica – respondeu Emma a Mac. – Mas contei a ela o que está acontecendo.

– Pelo amor de Deus, suas idiotas, vocês não perceberam que estou tomando banho?

– Que cheiro bom – comentou Mac. – Você já está limpa. Saia. Vamos ter panquecas no café da manhã em homenagem à história do sexo antecipado.

– Não tenho tempo para panquecas.

– A Sra. G. as fará.

– Mas nós acabamos de comer waffles.

– Ah, tem razão. Omeletes, então. Omeletes para ouvir histórias sobre sexo no café da manhã. Dez minutos – decretou Emma. – Os homens estão banidos da cozinha.

– Eu não quero...

Mas Mac fechou a porta do boxe. Laurel afastou os cabelos molhados dos olhos. Podia sair de fininho para a própria cozinha, mas elas simplesmente iriam lá atazaná-la. Resignada, desligou o chuveiro e pegou uma toalha.

Quando entrou na cozinha, vinte minutos depois, encontrou Mac e Emma já acomodadas, a mesa posta e a Sra. Grady ao fogão.

– Ouçam, tenho um dia realmente cheio pela frente, por isso...

– O café da manhã é a refeição mais importante do dia – retrucou Mac, com entusiasmo.

– Falou a rainha das tortinhas prontas. Bem, preciso começar a trabalhar.

– Você não pode esconder isso da gente. – Emma agitou um dedo. – Nós contamos tudo para você, e a Sra. Grady já está fazendo as omeletes para histórias sexuais, certo, Sra. Grady?

– Estou. Bem que você poderia se sentar – disse ela a Laurel. – Caso contrário, elas não a deixarão em paz. E como fiquei sabendo que só voltou para casa há cerca de meia hora, também quero saber de tudo.

Bebendo seu suco, Laurel olhou de um rosto para outro.

– Vocês têm algum tipo de radar?

– Temos – respondeu Parker ao entrar. – E para eu ter sido convocada aqui antes da *minha* chuveirada, é melhor que você tenha uma história muito boa.

De short de ginástica e com uma camiseta folgada, ela encheu uma xícara de café.

– Imagino que Del não tenha lhe dado as costas e a mandado embora ontem.

– Isso é muito bizarro. – Laurel pegou o café da mão de Parker. – Vocês sabem disso.

– Tradições são tradições, mesmo quando bizarras. Alegremente, Parker pegou outra xícara. – Então, o que aconteceu?

Laurel se sentou e deu de ombros.

– Perdi a aposta.

– Oba! – Emma saiu correndo para o lado dela. – Também perdi, mas algumas coisas são mais importantes do que dinheiro.

– Quem ganhou, Parker? – quis saber Mac.

Parker se sentou e olhou com uma careta para seu café.

– Malcolm Kavanaugh.

– Kavanaugh? – Já que estava ali, Laurel pegou uma torrada. – Como ele entrou na aposta?

– Alguém lhe contou e ele me pressionou no jogo de beisebol. Eu disse que não, mas ele é insistente. Além disso, falou que apostaria 200 dólares como multa por atraso e escolheu o dia 5 de julho.

– Quer dizer que ele acertou na mosca? – perguntou Mac. – Sujeito de sorte.

– Sim, sujeito de sorte. Achei que ele não tivesse chance nenhuma, já que estávamos todos indo embora juntos. Não esperava que Laurel saltasse da van e saísse correndo.

– Isso foi romântico. – Emma sorriu. – Toda corada e cheia de pressa. O que aconteceu quando você chegou lá?

– Ele abriu a porta.

– Desembuche – insistiu Mac, apontando um dedo para ela.

– Não precisa ficar com vergonha por Del ser meu irmão. Nós somos amigas há quase tanto tempo quanto ele é meu irmão. Portanto, isso é perda de tempo.

– Coma – ordenou a Sra. Grady, e serviu as omeletes.

Obedientemente, Laurel deu uma mordida.

– Eu usei a matemática a nosso favor.

– Como assim? – perguntou Emma.

– Usei os dias do mês que não contam. É uma fórmula complicada, mas consegui fazê-la funcionar. Quando ele conseguiu entender o raciocínio, concordou que fazia sentido e que podíamos simplesmente perder a aposta de forma deliberada. Então foi isso que fizemos.

– Fins de semana, certo? – Mac engoliu um pedaço de omelete. – Pensei nisso. Fins de semana não contam.

– Exatamente. E o primeiro e o último dia também não. Isso é mais complexo, mas é a ideia central. No entanto, para ser justos, já que não estabelecemos esses termos, combinamos de perder. Então nós...

Bizarro ou não, aquelas quatro mulheres eram suas amigas.

– Foi maravilhoso. Eu estava preocupada com a possibilidade de ficar nervosa, de ser estranho. Mas não fiquei e não foi. Ele não teve pressa e não me deixou ter pressa, então foi lento e suave. Ele foi...

Quando ela se interrompeu, Parker suspirou.

– Se você acha que eu vou ficar sem graça se disser que meu irmão é um amante bom e atencioso, está enganada. Sabe, isso não é só habilidade. Também é um sinal de respeito e afeição pela parceira.

– Ele me fez sentir que nada mais importava além de nós dois, do aqui e agora. E depois pude dormir com ele, me sentindo absolutamente segura e à vontade. Essa sempre foi a parte mais difícil para mim. Confiar o suficiente, eu acho, para passar a noite com a pessoa.

Emma afagou a coxa de Laurel sob a mesa.

– Essa é uma ótima história.

– Tivemos uma pequena questão hoje de manhã.

– Uma questão sexual? – quis saber Mac.

– Isso também, mente suja – respondeu ela. – Precisei encontrar minhas roupas no escuro para poder chamar um táxi e voltar. Dia cheio. Mas ele acordou, o que levou a uma questão sexual apesar de meus cabelos estarem como os de uma pessoa que tinha acabado de acordar.

– Detesto isso – murmurou Emma. – Devia existir um tratamento instantâneo para cabelos de quem acabou de acordar.

– Então ele insistiu em me trazer para casa.

– É claro.

Laurel revirou os olhos para Parker.

– Vocês dois têm esse código de conduta inabalável. Por que ele deveria se levantar, se vestir e me trazer em casa quando eu poderia ter vindo sozinha?

– Em primeiro lugar, porque você estava na casa dele. Em segundo, porque estava na cama dele. Isso é simplesmente ter boas maneiras e não ameaça sua independência.

– Regra Prática dos Browns?

Parker esboçou um sorriso.

– Acho que poderíamos chamar assim.

– Foi como ele chamou. Bem, espero que estejam satisfeitas, porque agora preciso trabalhar.

– Todas nós precisamos. Preciso processar meio milhão de lírios que chegarão agora de manhã. E a equipe de obras começa hoje.

– Aqui também? – perguntou Laurel.

– Aqui também, segundo Jack. – Emma olhou de relance para seu relógio. – A qualquer minuto.

– Agora você viverá momentos interessantes – disse-lhe Mac. – E barulhentos.

– Vai valer a pena. Vou ficar dizendo a mim mesma que vai valer a pena. Obrigada pelo café da manhã, Sra. G.

– Foi uma boa história, devidamente recompensada.

– Se as coisas ficarem muito confusas no meu espaço, posso vir trabalhar um pouco aqui?

– Pode. Emmaline e Mackensie, vocês pediram a história, agora vão lavar a louça. Vou dar uma caminhada pelo jardim antes de as marteladas começarem.

Parker saiu da cozinha com Laurel.

– Ser feliz é o que importa na vida. Lembre-se de que eu gosto de ver você e Del felizes quando ficar envergonhada em relação à história de vocês de novo.

– Estou tentando. Me avise se eu começar a fazer alguma coisa para estragar isso, está bem?

– Pode ter certeza. – O telefone dela tocou. – E aí temos a campainha de abertura. Vejo você depois, Laurel. Bom dia, Sarah. Como nossa noiva está se sentindo hoje?

capítuloonze

Os lírios de Emma perfumavam o ar e se abriam em cores brilhantes de verão: escarlate, amarelo, rosa-choque e branco. A noiva, que considerara um horário marcado por engano na manicure na manhã do feriado de Cinco de Julho um desastre, posava radiante para Mac enquanto Parker ajeitava a roupa e a gravata mal arrumadas de um padrinho do noivo.

Depois de verificar se alguma emergência exigia sua atenção ou ajuda, Laurel foi cuidar do destaque do bolo – um vaso de açúcar que moldara a partir de uma tigela hexagonal e enchera de lírios em miniatura.

Suas flores não deviam nada às de Emma, pensou Laurel – em execução ou tempo gasto. Havia modelado pasta de goma com um rolo de pastel coberto com fita de gorgorão texturizado e depois cortado meticulosamente cada pétala. O resultado, depois que ela uniu os caules e os mergulhou em fino glacê real, era ao mesmo tempo encantador e elegante.

No Salão de Baile, ignorou o burburinho da arrumação e estudou o bolo. Mais pétalas texturizadas adornavam cada camada – uma dança circular de cores fortes – e ainda havia outras espalhadas sobre a tábua do bolo, em um belo toque orgânico.

Enquanto ela erguia a tampa da caixa que continha o destaque do bolo, alguém esbarrou ruidosamente em uma cadeira. Laurel nem pestanejou.

Foi o que Del notou. Era como se o barulho, os gritos e o movimento não tivessem existido. Ele a observou pôr o vaso de flores sobre a camada superior, dar um passo para trás a fim de conferir o posicionamento e depois tirar uma de suas ferramentas da caixa para traçar uma linha – não, canalizar, corrigiu-se. Laurel canalizou algumas linhas perfeitas ao redor do vaso para lhe servirem de base, com mãos firmes como as de um cirurgião.

Ela circundou a mesa de novo e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Está lindo.

– Ah. – Ela deu um passo para trás. – Não sabia que você estava aí. Nem que apareceria aqui.

– Foi o único modo em que consegui pensar para ter um encontro de sábado à noite com você.

– Isso foi bacana.

Ele passou o polegar no rosto de Laurel.

– Estou suja de glacê?

– Não. Só estou admirando seu rosto. Quantas flores há aí?

– Umas cinquenta.

Ele olhou ao redor, para os arranjos.

– Parece que você e Emma combinaram pétala por pétala.

– Nós nos esforçamos para isso. Bem, até agora está tudo tranquilo, então talvez eu possa...

– Código vermelho! – gritou Emma pelo fone de ouvido de Laurel.

– Droga. Onde?

– No salão principal. Precisamos de todo mundo.

– Estou a caminho. Código vermelho – disse ela a Del enquanto corria para a escada. – A culpa foi minha. Eu falei que estava tudo tranquilo. *Sei* que não devo falar isso.

– Qual é o problema?

– Ainda não sei.

Ela chegou ao segundo andar por um lado enquanto Parker vinha correndo de outro.

– Briga entre a madrasta e a mãe da noiva. Mac e Carter estão mantendo a noiva ocupada e sem saber de nada.

Laurel tirou a presilha dos cabelos e a enfiou no bolso do blazer.

– Achei que as duas tivessem estabelecido uma trégua.

– Aparentemente, terminou. Del, ainda bem que está aqui. Talvez precisemos de você.

Quando eles se aproximaram, ouviram o som de gritos vindo do salão principal. Depois, algo sendo quebrado. Então alguém gritou.

– Talvez você tenha que chamar a polícia – comentou Del.

Eles entraram correndo e viram Emma, com os cabelos se soltando das presilhas, tentando desesperadamente separar as duas mulheres. Os cabelos da madrasta estavam encharcados de champanhe que a mãe da noiva atirara.

– Sua vaca! Vou acabar com você!

Em meio à confusão, Emma derrapou em seus sapatos de salto e caiu sentada no chão enquanto as mulheres partiam uma para cima da outra.

Mancando e com um hematoma no olho, Emma se levantou com dificuldade ao mesmo tempo que Parker e Laurel corriam para separar as duas. Laurel agarrou a que estava mais próxima enquanto ambas disparavam xingamentos como metralhadoras.

– Parem com isso! Parem agora! – Laurel se esquivou de um soco e depois, com o antebraço, bloqueou uma cotovelada. O golpe foi tão forte que o impacto se refletiu até seu ombro. – Eu disse para *pararem!* Pelo amor de Deus, é o casamento da filha de vocês.

– É o casamento da *minha* filha – gritou a mulher que Parker e Emma tentavam conter. – *Minha* filha. *Minha!* Não dessa vadia destruidora de lares.

– Vadia? Vadia? Sua louca desgraçada, vou acabar com sua última plástica!

Emma resolveu o problema da mãe da noiva se sentando em cima dela enquanto Laurel agarrava sua oponente.

Ao mesmo tempo que Del arriscava a própria pele se colocando entre as duas mulheres, Laurel avistou reforços chegando. Jack e – estranhamente – Malcolm Kavanaugh correram para o meio da confusão.

Ajoelhada no chão, Parker falava com calma e firmeza com a mãe da noiva, cuja irritação já dava lugar a uma explosão de lágrimas.

Enquanto isso, Laurel sussurrou no ouvido da madrasta:

– Isso não vai resolver nada, e se você se importa com a Sarah, deixe para lá. Está me ouvindo? Se quer brigar, faça isso em outro momento, em outro lugar.

– Eu não fiz *nada* e ela atirou champanhe no meu rosto. Veja meus cabelos, minha maquiagem, meu *vestido*.

– Vamos cuidar disso. – Ela olhou de relance para Parker, que fez um sinal afirmativo com a cabeça. – Del, preciso que você leve duas taças de champanhe para o meu quarto e depois conduza... Desculpe, eu esqueci seu nome.

– Bibi – retrucou a madrasta em um gemido. – Está tudo arruinado. Tudo arruinado.

– Não, nós vamos resolver isso. Del, pode levar o vestido da Bibi lá para baixo e entregar à Sra. G. para que dê um jeito nele? Venha comigo, Bibi. Vamos cuidar de tudo.

Enquanto ela levava a mulher embora, Parker repetia a mesma ladainha para a mãe da noiva.

– Emma vai levá-la a um lugar onde possa se recompor. Eu estarei lá em alguns minutinhos.

– Não diga nada a Sarah – soluçou a mãe. – Não quero deixá-la chateada.

– É claro que não. Vá com a Emma. – Depois, quando a mulher já estava distante o suficiente, murmurou: – Não quer deixá-la chateada...

– Uma festa sensacional até agora – comentou Mal.

Parker ajeitou o paletó de seu terninho e alisou a saia.

– O que você está fazendo aqui?

– Só vim buscar o meu dinheiro da aposta.

– Não tenho tempo para isso agora. – Ela o dispensou virando-se para um dos auxiliares. – Peça que recolham todos os cacos de vidro e sequem o champanhe derramado. Se algo mais tiver sido quebrado ou danificado, informe a alguém da equipe de Emma para que eles possam resolver. Jack, você pode ir procurar o PDN? Preciso falar com ele em meu escritório. Imediatamente.

– Claro. Me desculpe por ter demorado tanto. Eu estava lá fora quando ouvi o alerta.

– Eu fiz bico como leão de chácara em Los Angeles – disse-lhe Mal. – Caso você queira que alguém seja expulso da festa.

– Muito engraçado, e não totalmente fora de questão. O PDN, Jack, obrigada. Mac – chamou pelo microfone enquanto se afastava a passos largos.

– Ela realmente não para – comentou Mal enquanto a observava atravessar a sala e sair pela porta.

– Você ainda não viu nada – retrucou Jack. – Vamos encontrar o PDN.

– O que diabo vem a ser um PDN?

Em seu quarto, Laurel examinou o vestido de seda cor de damasco que mandara Bibi tirar. Pôde ouvir o barulho do chuveiro e os soluços através da porta do banheiro.

Algumas manchas, uma costura rasgada... Podia ter sido pior, concluiu. A Sra. G. daria um jeito naquilo. E, segundo o plano de emergência para situações semelhantes, sabia que Parker teria uma equipe de cabeleireiros e maquiadores a caminho.

Sua missão, e não tinha outra escolha além de aceitá-la, era manter Bibi calma, ajudá-la a se

recompor e ouvi-la choramingar, xingar e/ou se queixar. Além disso, precisava fazê-la prometer – se necessário com um pacto de sangue – que se comportaria durante o resto do evento.

Alisando os próprios cabelos em desalinho, atendeu à batida na porta.

– Duas taças, como ordenado. – Del entrou para colocá-las sobre a mesa e olhou na direção do banheiro. – Como estão as coisas?

– Bem, ela passou dos soluços para as lamúrias. Eis o vestido. Não está muito ruim. Parker ficou de avisar à Sra. G., então ela estará esperando.

– Certo. – Ele estendeu a mão para ajeitar o brinco esquerdo de Laurel. – Há algo mais que eu possa fazer?

– Pode ir falar com Mac, apenas para se certificar de que a noiva foi poupada de tudo isso. Parker ia inventar uma desculpa para um pequeno atraso. – Fazendo um cálculo mental, Laurel massageou o ponto de tensão em sua nuca. – Perdemos vinte minutos, então imagino um atraso de dez ou quinze minutos. Estamos nos saindo bem. Ela desligou o chuveiro – observou. – É melhor você ir.

– Estou indo. A propósito, belo bloqueio – disse ele, erguendo o braço para demonstrar.

Rindo, ela o empurrou e fechou a porta. Respirou fundo, foi até o banheiro e bateu.

– Está tudo bem aí?

Quando abriu a porta, Bibi estava com o melhor roupão de Laurel e os cabelos louro-escuros pingando água nos ombros. Seus olhos vermelhos e inchados brilhavam com mais lágrimas.

– Olhe para mim. Estou horrível.

– Isto deve ajudar.

– É veneno?

– Champanhe. Sente-se e se acalme. Estamos arrumando seu vestido e alguém virá ajeitar seus cabelos e maquiá-la daqui a alguns minutos.

– Ah, graças a Deus. – Bibi tomou um grande gole da bebida. – Graças a Deus e a você. Eu me sinto péssima. Enjoada. Estúpida. Doze anos. Estou casada com Sam há doze anos. Isso não tem significado nenhum?

– É claro que tem. – *Acalmar*, pensou Laurel, lembrando-se da diretriz da Votos: acalmar, amenizar, agradar.

– Eu não destruí o lar de ninguém. Eles já estavam separados quando nos conhecemos. Bem, não tecnicamente, não de maneira oficial, mas quase. Ela me odeia porque sou mais jovem. Ela é a primeira esposa, e eu sou a esposa troféu. É ela quem usa esses rótulos. E doze anos... quero dizer... bem... *droga*.

– Nunca é fácil lidar com esses relacionamentos, essas ligações...

– Eu tentei. – Os olhos vermelhos de Bibi imploravam por compreensão. – Realmente tentei. E eles se divorciaram antes de ficarmos noivos. Bem, um pouco antes. Eu amo a Sarah. Amo de verdade. E Brad é ótimo. Os dois são ótimos juntos. Quero que sejam felizes.

– Isso é o mais importante.

– Sim. – Bibi suspirou e tomou outro gole. – Eu assinei um acordo pré-nupcial. Não me envolvi com ele por dinheiro, embora ela afirme o contrário. Nós simplesmente nos apaixonamos. Não é algo que se possa evitar, não é? Não é possível escolher por quem, quando

ou como nos apaixonamos. Apenas acontece. Ela está irritada e tudo o mais porque seu segundo casamento não deu certo e o nosso deu. Lamento todo esse trabalho. Sarah não precisa saber, precisa?

– Não. Pelo menos não hoje.

– Eles nem estavam mais dormindo na mesma cama. Quando conheci Sam, dormiam em quartos separados, tinham vidas separadas. Isso é como estar separado, não é?

Laurel pensou nos próprios pais.

– Acho que sim.

– Talvez eu tenha sido o motivo pelo qual Sam finalmente pediu o divórcio, mas o fato de eles estarem infelizes não foi culpa minha. Foi melhor dar esse passo do que continuarem infelizes, não acha?

– Sim, acho. – *Doze anos*, pensou Laurel. Não era pouco tempo. – Bibi, você tem um bom casamento e um bom relacionamento com sua enteada. Pode sair dessa história por cima.

– Ela gritou comigo. Atirou champanhe no meu rosto. Rasgou o meu vestido.

– Eu sei. Eu sei. – *Acalmar, acalmar*, pensou Laurel de novo. – Você pode tomar a iniciativa de recuar, de deixar tudo para lá e se concentrar em Sarah. Ajudar a tornar este dia o mais importante da vida dela.

– Sim. Sim, você tem razão. Lamento muito o que aconteceu.

– Não se preocupe com isso. – Laurel se levantou para atender à batida na porta. – E daqui a quinze minutos você estará perfeita.

– Eu... eu nem perguntei seu nome.

– Laurel.

– Laurel. – Bibi esboçou um sorriso trêmulo. – Obrigada por me ouvir.

– Sem problemas. Agora vá se arrumar de novo.

Então ela abriu a porta para o cabeleireiro.

A noiva, felizmente alheia ao drama nos bastidores, estava com seu pai enquanto as madrinhas andavam na direção da pérgula cheia de flores. Algumas noivas brilhavam, pensou Laurel, e aquela sem dúvida se encaixava nesse caso, com as camadas transparentes do véu balançando ao sabor da brisa.

Mac mudava de ângulo de tempos em tempos para captar todo aquele brilho de alegria e antecipação quando Sarah virou a cabeça e sorriu para o pai.

– Bem, aqui vamos nós.

A música mudou para a da noiva. Laurel viu Sam olhar na direção de Parker e fazer um leve sinal afirmativo com a cabeça. Agradecimento ou reconhecimento – talvez ambos. Então ele conduziu a radiante filha na direção do noivo.

– Até agora, tudo bem – murmurou Del ao lado de Laurel.

– Vai dar tudo certo. Talvez tenha sido melhor as duas brigarem antes do início do casamento e extravasado aquilo.

– Não vai haver mais nenhum problema. – O tom de Parker foi frio como o inverno. – Pelo

menos não dessa fonte.

– O que você falou para o pai? – perguntou Del.

O sorriso de Parker poderia congelar uma chama.

– Digamos apenas que estou confiante de que a mãe e a madrasta da noiva se comportarão de um modo civilizado e a Votos será compensada pelo custo adicional de cabeleireiro e maquiagem, reparos de vestido e todos os danos. – Ela acariciou o peito de Del. – E não precisaremos de seus serviços para cobrá-lo.

– Preciso ir terminar a montagem. – Laurel olhou para seu relógio. – Considerando-se tudo, não estou muito atrasada.

– Quer ajuda? – perguntou-lhe Del.

– Não. Vá... pegar uma cerveja ou o que quiser.

Laurel voltou à cozinha, onde havia paz e silêncio, onde ela podia se sentar por apenas alguns minutos. Ouvir Bibi a deprimira, e precisava afastar esse sentimento.

Casamentos infelizes, lares desfeitos, o encanto por outra mulher. Conhecia exatamente o resultado da junção desses ingredientes ruins – e quanto tempo o sabor amargo durava.

Sem dúvida Sarah provara um pouco dessa mistura, talvez em mais de uma ocasião. Contudo, continuava irradiando alegria de braço dado com o pai, o mesmo que fora infiel à mãe e quebrara os votos que ela mesma estava prestes a fazer.

Sim, Laurel entendia de casamentos infelizes, mas não compreendia nem podia aceitar usar essa infelicidade como desculpa ou justificativa para ser infiel.

Por que as pessoas simplesmente não terminavam o casamento? Se queriam estar com outra pessoa, ou algo novo, por que não acabavam a relação em vez de enganar, mentir, aceitar a situação?

O divórcio não poderia ser mais doloroso para um casal, ou para as crianças envolvidas na história, que a mentira, o fingimento, a raiva. Mesmo depois de todos aqueles anos, parte dela desejava que seus pais tivessem se separado em vez de fingir estar casados.

– Bem, vim ver se você estava precisando de ajuda, por causa daquele problema. – A Sra. Grady estava com as mãos plantadas nos quadris. – E aqui está você, sem fazer nada.

– Eu já ia começar.

Com os lábios contraídos, a Sra. Grady ergueu o queixo de Laurel e fitou-a nos olhos.

– Qual é o problema?

– Nenhum. Nenhum mesmo.

A Sra. Grady tinha um modo de usar as sobrancelhas em certas expressões que tinham significados não verbais muito claros. No momento, elas diziam: “Mentira.”

– É só que tudo aquilo que aconteceu me deixou nervosa. Não é nada.

– Não é a primeira vez que você precisa resolver uma briga desse tipo. E não será a última.

– Não. Não foi exatamente a briga. Depois que passa, é até engraçado. Parker não vai pensar assim por alguns dias, mas na verdade a situação teve momentos impagáveis.

– Você está fugindo do assunto.

– Não é nada de mais. Acabei ficando responsável pela madrasta. Acho que ela estava triste e envergonhada, por isso acabou me contando como tinha se envolvido com o pai da noiva quando

ele estava meio, mas não totalmente, separado. Que ele e a primeira esposa não estavam mais juntos, mas apenas morando na mesma casa.

– A maioria dos homens que quer experimentar alguma novidade diz esse tipo de coisa.

– Sim, o que é uma desculpa esfarrapada, uma mentira. De qualquer forma, acho que acredito na madrasta. Mas por que isso importa? Por que deveria não ter nada de mais se envolver com alguém prestes a sair de um casamento? Afinal de contas, a pessoa ainda está casada, não está?

– Isso é verdade – concordou a Sra. Grady. – Mas a vida raramente é uma questão de verdade e mentira, sem o mais ou menos no meio.

– Então por que diabo as pessoas não terminam o casamento se vão se envolver com alguém?

Em um gesto mais prático do que confortador, a Sra. Grady alisou os cabelos de Laurel.

– Segundo minha experiência, elas têm seus motivos para as piores coisas.

– Ela está lidando bem com isso. A noiva. Lembro-me das reuniões, das provas e do ensaio. Está claro que ela ama os pais. E a madrasta. Como as pessoas administram isso?

– Nem sempre elas precisam tomar partido, Laurel.

– Sim, é verdade. Eu, por exemplo, nunca tive chance de tomar partido ou não, porque ambos estavam tão errados... – Ela não tinha precisado explicar aos próprios pais que havia mudado. – E, mesmo agora, se penso em que lado ficar, seria eu de um lado e eles do outro. É ridículo, mas parte de mim ainda se irrita por eles dois terem sido tão... negligentes.

– Você está zangada com eles quando o que deveria sentir é pena. Eles é que saíram perdendo.

– Eles gostam da vida que têm agora. – Ela deu de ombros. – Seja como for, a esta altura isso realmente não é da minha conta.

– Laurel Anne. – A Sra. G. pôs as mãos em concha no rosto de Laurel, usando um nome e um gesto que quase nunca empregava. – Eles sempre serão seus pais, portanto isso sempre será da sua conta.

– Sempre ficarei decepcionada com eles?

– Isso cabe a você decidir, não é?

– Acho que sim. – Ela deu um longo suspiro. – Muito bem, chega de remoer sentimentos. Preciso cuidar do bolo do noivo e do resto das sobremesas.

– Eu estou aqui, então vou lhe dar uma mãozinha com isso.

Juntas, elas carregaram várias caixas para o salão de baile.

– Sempre fiquei deslumbrada com as flores – comentou a Sra. Grady ao olhar ao redor da sala. – Nossa Emma tem um toque mágico. Adoro as cores desta. Não há nada pálido nela, é tudo vivo e vibrante. Bem, olhe aquilo. – Ela foi estudar o bolo de casamento. – Falando em toque mágico, você se superou neste, Laurel.

– Acho que é meu bolo de verão favorito. Vou guardar um pedaço para a senhora.

– Pode guardar. Bolo de casamento dá sorte.

– Ouvi dizer. Sra. G.? A senhora já pensou em se casar de novo ou...

A governanta riu, deliciada.

– Ah, eu tenho alguns encontros de tempos em tempos. Não estou senil. Mas casamento? – Ela foi ajudar Laurel com as sobremesas. – Eu já tive isso. Tive o meu Charlie. Minha alma gêmea.

– A senhora acredita nisso? – perguntou Laurel. – Que há alguém específico para cada um de

nós?

– Sim, para algumas pessoas há alguém do início ao fim. Para essas, é impossível achar um novo amor, alguém que conquiste seu coração. Já outras, quando as coisas não dão certo ou quando elas perdem alguém, conseguem ser felizes em outra relação.

– Pois é. Nem sempre somos únicos. – Ela pensou em Del e se forçou a afastar esse pensamento. – Ainda sente falta dele? Do Charlie?

– Todos os dias. Vai fazer 33 anos em novembro. Sinto saudade dele todos os dias. Mas eu o tive, não tive? Ele foi meu único amor. Nem todos podem dizer isso. Você pode.

Lentamente, Laurel desviou o olhar.

– Ele foi seu escolhido desde o início. Você demorou tempo demais para ir atrás dele.

Por que negar isso?, pensou Laurel. Por que fingir para alguém que entendia tanto das coisas?

– Isso é assustador.

A Sra. Grady deu uma risada.

– É claro que é. Você quer segurança? Compre um cachorro. O amor foi feito para ser assustador.

– Por quê?

– Porque onde não há medo, não há emoção.

– Se isso é verdade, estou quase morrendo de emoção. – Ela inclinou a cabeça e aguçou os ouvidos. – Esse é o sinal de Parker. Hora do coquetel e jantar.

– Vá ajudá-la. Posso terminar isto.

– Tem certeza?

– Gosto de dar meu toque de vez em quando. Vá.

– Obrigada. Obrigada – repetiu Laurel, pondo a mão sobre a da Sra. Grady. – Vou fazer com que receba aquele pedaço de bolo.

Sozinha, a Sra. Grady balançou a cabeça e suspirou. Suas garotas sabiam tudo sobre casamentos, mas o amor dava um nó na cabeça delas.

Então, mais uma vez, pensou que o objetivo do amor era esse mesmo.

Depois que a festa terminou, Laurel se juntou aos outros no terraço para relaxar um pouco. Del pôs uma taça de champanhe em sua mão.

– Você merece.

– E como! Obrigada. Onde está Parker?

– Tinha algo para fazer. – Mac esticou as pernas e dobrou os dedos dos pés cansados. – Vai descer logo. Lamento ter perdido a batalha das mães. Soube que valeu cada centavo do preço do ingresso.

– Foi breve, mas brutal.

Laurel bocejou e pensou em travesseiros fofos e lençóis frescos.

– Vocês já se meteram em muitas brigas? – perguntou Mal.

– Levei um soco no rosto uma vez – disse Carter, movendo o maxilar.

– Acho que teve sua graça – decidiu Mal. – A comida estava ótima. O bolo também.

Ele ergueu sua cerveja em um brinde a Laurel e depois observou Parker vir com a aparência de quem passara o dia tomando chá em vez de organizando algumas centenas de pessoas.

– Seu dinheiro da aposta – disse ela, entregando-lhe um envelope.

– Obrigado. – Ele colocou o envelope no bolso de trás da calça. – Então vocês vão fazer tudo isso de novo amanhã?

– Sim, para uma festa enorme – gemeu Emma. – Em geral temos eventos menores aos domingos, mas nesta época do ano aparecem uns muitos grandes. E, por falar nisso, vou para a cama.

– É melhor eu levar minha garota para casa. – Jack se levantou e pegou a mão de Emma. – Vou deixar a picape na oficina na segunda, Mal.

– Certo. É melhor eu ir também.

– Obrigada pela ajuda. – Mac se espreguiçou. – Vamos, professor. Vamos para casa desabar na cama.

– Ainda não consigo me mexer. – Satisfeita por estar perto de Del, Laurel apoiou a cabeça no ombro dele. – Preciso de um minuto. Tchau, Mal – acrescentou, depois fechou os olhos.

– Eu o acompanho até lá fora. Vejo o resto de vocês amanhã – acrescentou Parker, virando-se para conduzir Mal ao redor da casa.

Com a cabeça ainda no ombro de Del, Laurel abriu os olhos.

– Eu sabia que a educação faria isso.

– Hã?

– Parker se sentiria obrigada a acompanhar Malcolm se eu não quisesse sair do seu lado. Eles ficam bem juntos.

– O quê? Ora, por favor!

Ela fez um esforço para clarear seu cérebro confuso, desistiu e fechou os olhos de novo.

– Desculpe. Eu esqueci com quem estava falando. É claro que eles não se sentem atraídos um pelo outro, que não há nada rolando ali sob a superfície.

– Ele não faz o tipo dela.

– Exatamente. Me ajude a levantar, por favor.

– Se ele não é o tipo dela, por que a conversa sobre atração e coisas rolando na superfície?

– Eu devia estar falando de mim. – Ela riu quando Del a puxou para cima. – Eu fico toda atraída por você quando está por perto.

– Muito bem. Um ótimo modo de desviar minha atenção.

– E é verdade. – Ela chegou a cambalear de cansaço. – Vai dormir aqui?

– Esse era o plano.

Del olhou de relance para a porta quando Malcolm e Parker se aproximavam da escada e Laurel soube muito bem que ele estava pensando em ir embora apenas para... agir como sempre agia quando se tratava de Parker.

– Veja, eu estou aqui, toda atraída por você.

Laurel subiu um degrau à frente dele a fim de que suas bocas se nivelassem para um beijo.

– Meu bem, você está quase dormindo em pé.

– É verdade, o que me torna uma péssima companhia para um sábado à noite.

– Gosto de olhar para a frente, para domingo de manhã.

– Um encontro de domingo de manhã parece perfeito – disse Laurel enquanto eles subiam a escada. – Especialmente porque o evento é à noite, por isso não tenho que acordar de madrugada. Que tal às oito?

– Combinado.

– Você pode me encontrar debaixo do chuveiro.

– Um encontro matinal debaixo do chuveiro? Melhor ainda.

Ela o puxou para o quarto e depois se lembrou de trancar a porta – algo que raramente fazia. Algo que quase nunca tinha motivo para fazer. Foi até as portas do terraço.

– Gosto de mantê-las abertas nas noites de verão. Você se incomoda?

– Não. Ainda não ouvi Parker entrar. Ela ainda está lá fora?

Laurel revirou os olhos e considerou as opções. Voltou-se para o outro lado, despiu o paletó do terninho e abriu lentamente o zíper da saia.

– Talvez eu não esteja tão cansada, afinal de contas. – Ela pisou para fora da saia, ficando apenas de camisa, calcinha e salto alto. – A menos que você esteja.

– Minha energia está se renovando.

– Deve ser o ar fresco.

E, indo na direção de Del, esforçou-se muito para distraí-lo. Era o mínimo que podia fazer por uma amiga, pensou enquanto as mãos dele trabalhavam.

capítulodoze

PARKER ENFIOU A CABEÇA na cozinha de Laurel.

– Tem um minuto?

– Tenho. Achei que você tivesse uma reunião e uma visita agendadas.

– Já fiz as duas coisas.

Laurel esfregou favas de baunilha na mistura de leite e açúcar em sua caçarola e acrescentou as favas.

– Como foi?

– Na reunião nós definimos vários detalhes e acrescentamos outros. A visita levou à reserva do último domingo que tínhamos disponível em maio deste ano. – Ela olhou para o vestíbulo e a chapa de madeira compensada que o separava das batidas e dos sons. – Não está tão barulhento quanto achei que poderia ser.

– Não se eu mantiver a TV ou o rádio ligado e fingir que são sons de fundo de um evento. Podia ser pior. Bem, foi pior durante a demonstração, então está quase tranquilo.

– E vai valer a pena, não vai? Todo o espaço extra?

– É o que fico repetindo para mim mesma.

– O que está fazendo?

– Creme de confeiteiro.

– Quer beber alguma coisa refrescante?

– Seria bom.

Laurel preparou uma vasilha com pedras de gelo para a última etapa do creme enquanto Parker servia dois copos de limonada.

– Nenhum encontro hoje à noite, certo?

– Nenhum. Os rapazes vão ver o jogo dos Yankees e comer cachorros-quentes.

Laurel ergueu os olhos e arqueou as sobrancelhas.

– Noite das garotas?

– Estou pensando nisso. Principalmente porque acho que encontrei o vestido de casamento de Emma.

Laurel fez uma pausa.

– Sério?

– Bem, sei o que ela está procurando e parece que comecei uma tradição com o de Mac. Gostaria de fazer uma surpresa para ela hoje à noite, para que possa experimentá-lo e ver como fica.

– Conte comigo.

– Tem mais uma coisa sobre a qual eu queria falar.

– Pode falar.

Laurel mexeu a mistura quando começou a ferver.

– Fiquei sabendo que Jack convidou Malcolm Kavanaugh para ir conosco à casa de praia em agosto.

– É? – Enquanto pensava no que tinha ouvido, Laurel tirou a caçarola do fogo e a cobriu. Quebrou quatro ovos na borda de uma tigela no balcão, depois mais quatro, separou as claras das gemas e colocou as últimas na tigela. – Acho que eles se tornaram bons amigos. Além disso, há muito espaço lá, não é? Mal posso esperar para ver o lugar. Ficar de pernas para o alto e aproveitar a glória das férias até... Desculpe – disse ela quando Parker ergueu uma das mãos. – Eu me deixei levar pela ideia de fazer o que quiser durante dias e noites a fio.

– Continuando, acabei de falar pelo telefone com Del, que me jurou por tudo na vida que não teve nada a ver com o convite.

– Bem, você brigou com ele por causa da história do feriado.

– Briguei mesmo. E talvez tenha que fazer o mesmo com Jack.

– Coitado!

Divertindo-se com a ideia, Laurel acrescentou açúcar e amido de milho aos ovos já misturados e continuou a bater.

– Você não fica com o braço cansado?

– Fico.

– O destino de Jack está traçado. Droga. – Ela parou de falar quando seu telefone tocou. – Espere um instante.

Acostumada com conversas interrompidas, Laurel julgou que a mistura de ovos e açúcar já estava no ponto, então tirou a fava de baunilha do leite e colocou a panela de volta no fogo. Enquanto esperava que fervesse de novo, bebeu um pouco de limonada e ouviu Parker resolver o problema de uma futura noiva.

Vários problemas, concluiu. Quando o leite levantou fervura, despejou metade dele sobre a mistura de gemas e voltou a bater.

– Deixe comigo – disse Parker ao telefone. – Vejo você e sua mãe no dia 21 às duas. Claro. Tchau. – Olhou para Laurel. – Nem queira saber.

– Eu não quero. – Ela despejou a mistura da tigela na caçarola e começou a mexer. – Não posso parar agora, mas estou ouvindo.

– Onde eu estava?

– Na parte em que o destino de Jack está traçado.

– Isso. Se vou ser obrigada ou não a ferir nosso querido Jack vai depender do fato de ter sido uma armação.

– Você acha que nosso querido Jack ao menos pensaria em armar um encontro entre você e Malcolm?

– Não, mas Emma, sim.

– Se ela tivesse feito isso, me diria. Não conseguiria se conter. Provavelmente me faria jurar

segredo, o que eu faria. Mas haveria a brecha na lei. Eu teria que lhe contar a verdade se você perguntasse.

– Estou perguntando.

– E a resposta é não. Emma não me disse nada, portanto eu a declaro, assim como Jack, inocente de todas as acusações. Você não tem nenhum problema com Mal, tem?

– Nada específico. Só não gosto de encontros arranjados.

– Nenhuma de nós gosta, motivo pelo qual jamais tentamos fazer isso. Você sabe, Parker.

Parker se levantou, foi até a janela e voltou para se sentar de novo.

– Sempre há exceções, sobretudo quando algumas de nós estão cegas de amor e com planos de casamento.

Laurel reparou que a amiga mexia os dedos nervosamente, o que quase nunca fazia, se é que alguma vez o tinha feito.

– Até onde sei, não é esse o caso. Você terá que me imaginar erguendo a mão em juramento, porque ainda não posso parar de mexer.

– Tudo bem. Jack será poupado. E suponho que haverá ainda mais espaço, já que você e Del vão ficar no mesmo quarto.

Ela franziu as sobrancelhas olhando para sua limonada. Laurel parou de bater e tirou a caçarola do fogo.

– Qual é o próximo problema? – perguntou Laurel.

– Preciso decidir se devo fazer algo para que Malcolm não fique com a impressão errada ou se espero para agir apenas se ele confundir as coisas.

Laurel passou o creme por uma peneira, despejando-o na tigela que colocara por cima das pedras de gelo.

– Quer saber minha opinião?

– Quero.

– Acho que levantar o assunto antes da hora é que daria a impressão errada, ou o deixaria irritado a ponto de dar em cima de você assim mesmo. Acho que ele é do tipo que gosta de um desafio. Eu deixaria isso para lá.

– Sensato.

– Sei ser sensata.

Laurel pegou os cubos de manteiga que já separara e, começando a bater de novo, os acrescentou um por um ao creme.

– Muito bem. Vou apenas ver Malcolm como um amigo dos rapazes e deixar isso para lá.

– É o mais sábio a fazer. – Laurel pousou o batedor de ovos e esfregou seu braço. – Eu gosto de Mal. Não o conheço muito bem, mas vou com a cara dele.

– Ele parece ser uma pessoa agradável.

– Além de ser um gato.

– Desculpe, mas você não está dormindo com o meu irmão?

– Estou, e espero continuar dormindo. Mas os caras gatos existem para ser vistos. E, se você me disser que não reparou, vou ser obrigada a usar essas pedras de gelo para apagar seu fogo.

– Ele não faz meu tipo. Está rindo de quê?

– Del disse a mesma coisa.

Desafio e irritação se revelaram no rosto de Parker.

– Ah, é mesmo?

– Falou daquele jeito dele, porque na mente superprotetora de Del ninguém faz o tipo da irmãzinha. Mas, quando ele disse isso, achei que estava certo, e é por isso que eu gosto de Malcolm.

Parker tomou um longo gole de limonada.

– Você não gosta do meu tipo?

– Não seja estúpida, Parker. Ele é sexy, interessante e diferente dos caras com quem você costuma se envolver... Isso poderia ser divertido para você. Talvez devesse deixá-lo ficar com a impressão errada.

– Você está cega de amor.

– Acho que sim.

– E por que isso a preocupa?

Laurel parou de massagear os dedos e apontou um deles para Parker.

– Você está mudando de assunto.

– Estou, mas continua sendo uma boa pergunta.

– Acho que sim – admitiu Laurel. – Nunca amei ninguém além dele. Saber que sinto tudo isso por Del e ter certeza de que ele apenas gosta de mim... Gosta muito, mas há uma grande diferença entre gostar e amar. É assustador, como me disseram que o amor deve ser, mas isso não o torna menos assustador.

– Ele nunca a magoaria. E essa é a coisa errada a dizer – percebeu Parker imediatamente. – Você não quer que ele saiba que você sente tudo isso?

– Não. Porque ele nunca me magoaria, e tentaria muito não fazer isso.

– O que a magoaria mais ainda.

– Sim, com certeza. Estou fazendo o possível para viver o momento. Acho que estou conseguindo, pelo menos durante a maior parte do tempo. Ainda assim, não posso deixar de pensar nas armadilhas.

E nos pianos sendo erguidos sobre a minha cabeça, pensou.

– Um conselho sensato: às vezes, quando estamos procuramos a armadilha, damos de cara na parede.

– O pior é que eu sei que você está certa... Muito bem. – Laurel agitou as mãos. – Estou vivendo o momento. Estou praticamente zen.

– Continue assim. Vou ligar para Mac e preparar as coisas para mais tarde. Às seis está bom?

– Perfeito.

Parker se levantou, então soltou um suspiro.

– Me dê só uma provinha? Por favor? É crueldade não me deixar provar.

Laurel pegou uma colher, mergulhou-a no creme quente e estendeu-a à amiga.

– Ah, meu Deus! – Parker fechou os olhos. – Valeu cada batida. Droga! – murmurou quando seu telefone tocou.

– Você já pensou em simplesmente não atender?

– Já, mas não sou nenhuma covarde. – Ela olhou para o visor enquanto saía da cozinha. – Parker da Votos falando. Como vai, Sra. Winthrop?

A voz de Parker mal sumira no corredor quando Del apareceu vindo de outra direção.

– Bem, isto aqui está muito agitado hoje – comentou Laurel.

– Por que nunca notei como você fica sexy de avental?

Ele se aproximou para beijá-la, mas ela viu seu movimento na direção da tigela de creme e lhe deu um tapa na mão.

– Quer me arranjar problemas com a vigilância sanitária?

Ela pegou uma colher e lhe deu uma prova como fizera com Parker.

– Bom. Muito bom. Mas seu gosto é melhor.

– Muito gentil, mas isso é tudo o que vai ganhar. – Ela pôs a tigela fora de alcance. – Pensei que você ia assistir ao jogo com seus amiguinhos.

– E vou. Marquei de encontrar Jack e Carter aqui e depois vamos buscar o Mal.

– Você vai ao jogo de limusine de novo.

Isso é tão típico de Del, pensou ela.

– O que há de errado em ir de limusine ao jogo? Assim você pode beber cerveja, não se preocupa com estacionamento e não se frustra com o trânsito. É tudo de bom.

– Eu devia ter usado uma colher de prata – comentou ela, tirando a colher de Del e a colocando na pia.

– Só por isso eu poderia não lhe dar seu presente.

Curiosa e desconfiada, ela se virou.

– Que presente?

Ele abriu sua pasta e tirou uma caixa.

– Este. Mas talvez você seja espertinha demais para merecê-lo.

– Os espertinhos também merecem presentes. Qual é a ocasião?

– Nenhuma em especial. É só algo de que você precisa, espertinha. – Del o entregou a ela. – Abra.

Laurel admirou o papel da Mulher Maravilha e o grande laço vermelho antes de rasgá-los impiedosamente. Então franziu as sobrancelhas. Parecia algum tipo de computador portátil ou gravador enorme.

– O que é?

– Um bloco de notas eletrônico com gravador de voz acoplado. Aqui. Já o configurei.

Del tirou o aparelho da caixa com um brilho nos olhos que indicou a Laurel que era algo que ele mesmo queria.

– Em vez de escrever suas listas – começou a explicar Del –, faça isto. Aperte "gravar". – Ele pressionou a tecla e depois disse "ovos". – Está vendo? – Virou o aparelho para mostrar a palavra escrita no visor. – Depois você aperta a tecla "selecionar" e vai para a lista.

Certo, pensou Laurel, ele atraíra seu interesse.

– Que lista?

– A lista que você terá quando terminar de apertar isto. – Ele pressionou outra tecla. – Isto imprime e, melhor ainda, organiza os itens em categorias. Sabe, como laticínios ou condimentos,

seja o que for.

Agora ela estava realmente interessada.

– Sério? Como?

– Não sei como. Talvez haja alguém aí dentro fazendo isso. Tem a função Biblioteca, que permite acrescentar itens especializados que ainda não existam no programa. Você usa muitos ingredientes incomuns.

– Deixe-me experimentar. – Ela pegou o aparelho e apertou "gravar". – Favas de baunilha. – Franziu os lábios ao ver o visor. – Diz pudim de baunilha.

– Provavelmente não tem favas de baunilha na Biblioteca, porque a maioria das pessoas compra baunilha em essência.

– É verdade. Mas posso inserir isso?

– Pode, e aí da próxima vez o item já estará disponível. E é possível inserir as quantidades também, como três dúzias de ovos ou quantas favas de baunilha compraria. Elas realmente vêm em favas?

– Vêm, ué – murmurou Laurel, estudando seu presente. – Você me comprou um gravador de listas de cozinha.

– Sim. É magnético, então você pode colocá-lo na porta de uma das geladeiras ou onde preferir.

– A maioria dos homens compraria flores.

Ela viu o constrangimento que causara nele.

– Você quer flores?

– Não. Quero isto. É um ótimo presente. – Laurel ergueu os olhos para ele. – É um ótimo presente mesmo, Del.

– Que bom. Não fique com ciúme, mas também comprei um para a Sra. G.

– Aquela bruxa.

Ele sorriu e a beijou de novo.

– Preciso correr para entregar isto para ela e depois ir embora, ou chegarei atrasado.

– Del – chamou Laurel antes de ele fechar a porta. Ele lhe comprara um aparelho para a cozinha, um prático e divertido. Todo o corpo dela queria dizer que o amava. Apenas três palavras, apenas uma frase, pensou. Mas não podia. – Divirta-se no jogo.

– É o que pretendo fazer. Falo com você depois.

Laurel deu um pequeno suspiro, se sentou para esperar o creme esfriar e começou a brincar com seu presente.

A noite das garotas era o evento favorito delas. Frequentemente envolvia jantar e DVDs, pipoca, fofocas, e sempre a paz e o conforto de estar com as amigas em uma tradição que remontava à infância. A adição do possível vestido de casamento de Emma era... a cereja do bolo. Antecipando uma noite relaxante, Laurel terminou o trabalho do dia pondo em ordem a cozinha. Quando estava quase acabando, Emma entrou.

– Achei que poderia encontrá-la aqui.

– Já estou finalizando.

– Tenho um pedido de *cupcakes*, duas dúzias. Para daqui a duas semanas – acrescentou Emma rapidamente. – Pelo menos a cliente não pediu muito em cima da hora. É minha prima. Chá de bebê de uma colega de trabalho. A única recomendação é que sejam fofos.

– Menino ou menina?

– Surpresa, portanto nada que especifique o sexo. O que você quiser.

– Está bem. Vou pôr no quadro.

– Obrigada. – Emma acrescentou o pedido e a data ao quadro de tarefas de Laurel. – O que é isto? – Ela deu um tapinha no bloco de notas eletrônico.

– Del me deu de presente.

– Ah, que gentil! O que é?

– É muito legal. Olhe só. – Ela foi até o aparelho e apertou "gravar". – Manteiga sem sal. Veja, é assim. Eu aperto isso e o item vai para a lista.

Emma só ficou olhando.

– Isso é um presente?

– É. Sei que você acha que um presente de um homem precisa brilhar. Mas posso colar algumas lantejoulas com cola quente se isso a fizer se sentir melhor.

– O presente não precisa brilhar. Também pode cheirar bem. Seja como for, foi bastante atencioso da parte dele, e se você gostou, é um bom presente. Qual é a ocasião?

– Nenhuma.

– Ah, apenas um presente fora de data? Isso definitivamente o faz subir de nível.

– Vai cair em seu placar quando eu lhe disser que ele também comprou um para a Sra. G.

– Bem... – Emma pôs as mãos nos quadris e fez uma expressão pensativa. – Sinto muito, mas caiu para a categoria lembrança. Um presente deve ser único. Foi uma lembrança atenciosa. Já isto sim, minha amiga, é um presente. – Ela ergueu o braço para balançar o bracelete que Jack lhe dera. – Os brincos que Carter deu para Mac no Dia dos Namorados também. Acho que Del precisa de um pouco de treino.

– Precisaria, se fosse seu namorado.

– Del *é* seu namorado!

Com uma risada, Emma agarrou Laurel e começou a dançar com ela em um círculo.

– Parece que estamos de volta à escola. Tem de haver outro termo.

– Por que estão dançando? – perguntou Parker ao entrar.

– Del e Laurel estão namorando e ele lhe deu uma lembrança. Sinto muito, mas não se encaixa na categoria presente. Olhe.

Parker se aproximou.

– Ah, eu já conheço. Quero um.

– É claro que quer – disse Emma com um suspiro. – Você é irmã dele. Mas o consideraria um presente, especialmente se ele também desse um para a Sra. G?

– Hum. De fato isso o coloca numa área nebulosa. Mas foi um gesto atencioso e é algo muito apropriado para Laurel.

– Está vendo? – Emma ergueu um dos dedos, triunfante. – Foi o que eu disse. Aí está Mac.

Mac, precisamos de alguém para desempatar uma questão.

– Que questão? O que estamos fazendo aqui? Hoje é a noite das garotas.

– Precisamos esclarecer uma coisa primeiro. Isso é um presente ou uma lembrança? – indagou Emma, apontando para o aparelho.

– O que diabo vem a ser isso?

– Está vendo? É uma lembrança. Se fosse um presente de verdade, você não precisaria perguntar o que é. Parker, diga a Del para comprar algo bonito para Laurel.

– Não. Parem com isso. – Laurel deu um empurrão em Emma, mas teve que rir. – Eu *gostei* disso. Se você gosta de uma coisa, todas as regras deixam de existir e é um presente.

– O que diabo vem a ser isso? – perguntou Mac de novo.

– Um bloco de notas eletrônico para organizar listas de compras e tarefas – explicou Parker. – Também quero um. Por que Del não comprou para mim também? Eu gosto de presentes.

– Lembrança – insistiu Emma.

– Você não precisa de outro organizador – disse Laurel a Parker.

Mac continuou a olhar com a testa franzida para o aparelho.

– Pelo amor de Deus, não mostre isso ao Carter. Ele vai querer um e depois vai querer que eu o use.

– Del comprou um para a Sra. G. também, portanto é provável que Carter o veja – comentou Emma.

– Droga.

– Chega de controvérsias em relação ao meu brinquedo novo. Vou subir.

– A Sra. G. vai fazer pizza? – perguntou Emma. – Pensei o dia inteiro na pizza dela e em uma grande quantidade de vinho.

– Vamos ter tudo isso, mas primeiro precisamos fazer uma coisa.

– Desde que não seja trabalho. – Emma agarrou o braço de Parker. – Já estou pronta para carboidratos, álcool e amigas.

– Não é exatamente trabalho. Acontece que trouxe algo hoje para sua aprovação. Você precisa ver isso.

– O que você... Ah! Ah! – Emma se aproximou de Parker e começou a girá-la em uma dança. – Meu vestido de casamento? Você encontrou meu vestido?

– Talvez. E para seguir uma tradição recente, vamos para a Suíte da Noiva.

– Essa é a melhor surpresa. A melhor.

– Se você não gostar... – começou Parker enquanto Emma subia a escada.

– Ainda será a melhor surpresa – interrompeu ela. – Ai, estou nervosa. – Ela parou do lado de fora do cômodo. – Nervosa de verdade. Muito bem, lá vamos nós. – Estendeu a mão para a porta e a puxou de volta. – Não consigo abrir. Alguém me ajude.

Laurel obedeceu.

– Entre – disse, e deu um empurrão na amiga.

Emma ficou boquiaberta e depois levou uma das mãos aos lábios.

Parker nunca errava. O vestido era a cara de Emma. Romântico, extravagante, com um quê de sensualidade no brilho do corpete tomara que caia. Um jardim de rosas de tecido florescia no

branco intenso da saia drapeada e ao longo da cauda estilo princesa.

– É um vestido de conto de fadas – conseguiu dizer Emma.

– Tome um gole disto. – A Sra. Grady, que estava esperando com champanhe, entregou uma taça a Emma. – O champanhe não a deixará chorar.

– É o vestido mais lindo do mundo.

– Você precisa experimentá-lo. Tire a roupa, Em – ordenou Laurel. – Parker e eu a ajudaremos. Mac vai fotografá-la.

– A saia. – Com reverência, Emma passou as pontas dos dedos pelo tecido. – Parece uma nuvem. Tem movimento. Ah, vejam a parte de trás. – Pequenos botões de rosas brancos escondiam o zíper. – Impossível existir vestido mais perfeito para uma florista.

– Ele implorou: "Me leve para a Emma!" – falou Parker enquanto ela e Laurel a ajudavam a vesti-lo.

– Não olhe agora! – exclamou Laurel quando Emma começou a virar a cabeça para o espelho. – Só quando acabarmos.

– Precisa de alguns ajustes – disse a Sra. Grady, aproximando-se com alfinetes enquanto Mac circulava com sua câmera.

– Laurel, a cauda precisa de um pouco de... Sim, isso – aprovou Mac. – Ah, Em. Simplesmente maravilhoso.

– Preciso ver!

– Espere – murmurou a Sra. Grady, terminando de alfinetar.

Em seguida, deu um passo para trás e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Pronto? – perguntou Emma.

Então prendeu a respiração e se virou.

Mac registrou aquele momento de encanto, o brilho das lágrimas de alegria.

– Durante toda a minha vida – murmurou Emma –, desde que éramos garotinhas, sonhei com isto. E aqui estou eu, em meu vestido de noiva. E é exatamente como esperei que fosse.

– Você parece uma princesa – falou Laurel. – Sério, Emma, você está deslumbrante.

Emma estendeu o braço e tocou no espelho com as pontas dos dedos.

– Sou eu. Vou usar este vestido para me casar com o homem que amo. Isso não é maravilhoso?

– Bom trabalho. – Laurel passou o braço pelos ombros de Parker. – Ótimo trabalho. – Ela pegou o lenço de papel que a amiga lhe ofereceu e enxugou os olhos. – Vamos brindar à noiva.

– Me dê a câmera, Mackensie – ordenou a Sra. Grady –, para eu tirar uma foto de vocês quatro. Que belo quarteto – acrescentou ela, e registrou o momento.

Mais tarde, comendo pizza e bebendo champanhe, elas mergulharam nos planos para o casamento.

– Vou chamar minha mãe e talvez minha irmã para ir à loja ver o vestido quando eu fizer a primeira prova. Vou chorar de novo. Todas nós vamos.

– Eles reservaram dois arranjos de cabeça. Um para cabelos presos e outro para cabelos soltos. Sua mãe pode ajudá-la a decidir.

– Parker, você pensa em tudo. – Emma piscou e fungou. – Não, não quero começar de novo.

Ah, o buquê que vou criar para esse vestido! E minhas três damas de honra... Acho que quero lavanda... – disse Mac. – Diferentes estilos, mas os mesmos tons. Branco e lavanda para as flores. Suave, suave, suave e romântico. Velas brancas por toda parte.

– Uma mistura de flores reais e de pasta de açúcar para o bolo – ponderou Laurel.

– Isso! Olhem! Parker está fazendo anotações. Parker está fazendo anotações sobre meu casamento.

– É claro que estou.

– Quero programar a sessão de fotos do noivado para a semana que vem – falou Mac. – Uma sessão noturna, sexy e envolvente. Aqui nos jardins.

– Nos jardins. Perfeito. Tenho as melhores amigas do universo.

– Eu gostaria de acompanhá-la na primeira prova – acrescentou Mac. – Tirar algumas fotos suas e de sua mãe.

– Você poderia fazer isso aqui. – Laurel tomou um gole de champanhe. – Que tal marcarmos a primeira prova aqui e trazer os arranjos de cabeça? O que acha, Parker?

– Acho ótimo. – O rosto de Parker se iluminou à ideia. – É claro que podemos fazer isso.

– Então Mac poderá tirar as fotos que quiser e sua mãe poderá participar de uma primeira reunião oficial: dar uma olhada nas coisas que decidimos, saber suas ideias *etc.*

– Acho ótimo – falou Parker.

– Às vezes eu mando bem.

– Então vamos fazer isso pela sua mãe: o tratamento de clientes VIP da Votos.

– Ela vai adorar. Eu vou adorar. Lá vou eu de novo.

Laurel entregou outro lenço de papel a Emma.

– Pense nos sapatos.

– Sapatos?

– Sapatos para usar com o vestido.

– Ah. Sapatos.

– Olhe, ninguém chora por causa de sapatos. Eu procuraria algo com apenas um toque de brilho, um pouco de sensualidade e totalmente fabuloso.

– Precisamos ir às compras. Você ainda não tem seus sapatos de casamento, não é, Mac?

– Ainda não.

– Está aberta a temporada de caça a sapatos de casamento! – gritou Emma. – Nossa, isso é divertido.

– Espere até começar a escolher convites, cartões e tudo o mais, e começar a ficar obcecada com as fontes. Nunca pensei que eu ficaria obcecada com as fontes. – Mac balançou a cabeça. – Mas fiquei. É como um vício. Estou vendo esse olhar, Laurel – disse Mac, apontando um dedo para ela. – Essa superioridade divertida de quem acredita que nunca vai se entregar a isso como nós. Mas vai. Escreva o que eu estou dizendo. Um dia as fontes tirarão seu sono.

– Acho que não. De qualquer modo, não vou me casar.

– Mas não acha que você e Del... em algum ponto... – começou Emma.

– Só estamos namorando há um mês.

– E daí? – disse Mac. – Vocês se conhecem há uma eternidade.

– E você está apaixonada por ele – acrescentou Emma.

– Não estou pensando nisso.

– Em estar apaixonada ou em passar o resto da vida com ele? – perguntou Parker.

– Não é... Não estou fazendo planos tão para a frente.

– Pare com isso – ordenou Parker.

– É muito difícil.

– Parar o quê? – Emma olhou de uma para a outra. – O que é difícil?

– Laurel dizendo o que nos falaria se o cara não fosse meu irmão. Assim você me ofende.

– Droga, Parker, isso é golpe baixo.

– Não é, não, só estou sendo sincera. Quer que eu saia?

– Ora, pare com isso. – Fechando a cara, Laurel bebeu mais champanhe. – Você sempre joga sujo nas discussões. Está bem, está bem. Sim, estou apaixonada por ele. Sempre fui, então talvez, na verdade, eu *esteja* pensando no futuro. Passei grande parte da vida tentando esquecê-lo e não consegui. Por isso, se algum dia chegarmos ao ponto de falar sobre o resto de nossas vidas, é claro que vou me jogar de cabeça, ou o clichê que preferirem. Mas o fato é que são necessárias duas pessoas para chegar a esse estágio.

– Por que você acha que ele não a ama? – perguntou Emma.

– Eu sei que ele me ama. Ama todas nós. É diferente comigo agora, mas não é... – Por Deus, admitir isso era degradante até mesmo perante suas amigas mais íntimas. – É difícil amar alguém mais do que a pessoa ama você, e isso é algo com que preciso lidar. Meus sentimentos, minha responsabilidade.

– Eu entendo. – Mac estendeu o braço e apertou a mão de Laurel. – Eu deixei Carter se sentir assim. Não queria estar apaixonada, não queria dar esse passo, então me contive. Sei que isso o magoou.

– Eu não estou magoada. Bem, talvez esteja um pouco, mas pode ser só orgulho. Estou feliz com nossa relação. Sei que essa felicidade pode não durar para sempre, mas isso é mais do que eu esperava ter.

– Estou surpresa por suas expectativas serem tão baixas. Você sempre pensou grande.

– Isso em relação a coisas pelas quais posso trabalhar ou competir. Mas não é assim com o amor, é? Não é como um prêmio ou um jogo. Nós brincávamos de Casamento. Agora trabalhamos com isso. Mas quando se trata do nosso próprio, não é brincadeira ou trabalho. Não preciso do vestido, da aliança ou das fontes – acrescentou com um sorriso para Mac. – Mas acho que preciso saber que sou a escolhida. Não posso fazer nada para ser a escolhida dele. Ou sou ou não sou.

– Isso faz todo o sentido – murmurou Emma.

– Nenhuma outra mulher foi escolhida por ele – disse-lhe Parker. – Eu saberia.

– Nem mesmo Cherise McConnelly?

– Ah, meu Deus! – Parker deu de ombros de forma zombeteira. – O que ele estava pensando? Além disso... – acrescentou ao ver a sobrancelha erguida de Laurel.

– Considerando Cherise, eu diria que o gosto dele melhorou consideravelmente comigo. – Laurel pegou outra fatia. – Então, há esperança para o sujeito.

capítulotreze

QUANDO JACK E DEL se sentaram nos bancos do bar The Willows, a bartender se aproximou.

– Parece que acertei a dupla de hoje.

– Como vai, Angie?

– Não tenho do que me queixar, o que é mais do que posso dizer em relação a metade das pessoas que se sentam nesses bancos. O que vão querer beber?

– Uma Pellegrino – disse Del.

– Vou tomar uma Sam Adams.

– É para já. Vieram apenas tomar alguma coisa? – perguntou ela enquanto colocava um copo debaixo da torneira e colocava gelo em uma taça de água.

– Isso – respondeu Jack. – Este aqui tem um encontro.

– Tem? Quem é a sortuda desta noite?

– Vou jantar com Laurel.

– McBane? – Uma leve surpresa se revelou nos olhos de Angie. – Um encontro de verdade?

– É.

– Uma mudança e tanto. – Conhecendo as preferências de Del, ela acrescentou uma fatia de limão à água gasosa e depois colocou as duas taças sobre o balcão. – Ouvi algumas especulações sobre o assunto, mas achei que fossem apenas boatos.

– Ah. Por quê?

– Porque você conhece Laurel há décadas e nunca rolou nada. Já faz algum tempo que não a vejo por aqui, mas soube que o negócio dela está sendo um sucesso estrondoso.

– Sucesso estrondoso define bem.

– Fui a alguns casamentos lá. Alto nível. Mas sua irmã é assim, não é? – acrescentou Angie, limpando o balcão com um pano branco. – Sempre de primeira classe. Ainda sentimos falta de Laurel aqui. A melhor chef confeiteira que já tivemos. Então, Jack, como vai Emma e como estão os planos para o casamento?

– Ela está ótima. Conseguiu achar o vestido, o que aparentemente é a chave para o paraíso.

– Ouça o que eu digo: deve haver algo na água daquele lugar. Primeiro Mac, depois Emma. – Angie deu uma piscadinha para Del e bateu com o dedo na lateral da taça dele. – Tome cuidado com o que bebe.

Ela foi atender outro cliente enquanto Jack ria.

– Não pareça tão surpreso, cara. – Jack apontou com a taça para Del. – Isso é uma progressão muito natural.

– Estamos namorando há um mês e planos de casamento são uma progressão natural?

Jack deu de ombros.

– Mac, Emma e depois Laurel. É como se fosse um casamento triplo.

– Laurel não pensa assim. – Não fora observado que ele a conhecia há décadas? – Casamentos são um negócio. Ela é uma empresária. Uma empresária séria e ambiciosa.

– Assim como as outras. Pessoas sérias e ambiciosas se casam o tempo todo. – Ele estudou Del por cima da borda de sua taça. – Isso realmente nunca lhe ocorreu?

– "Ocorreu" é uma palavra de sentido bem amplo – respondeu Del de forma evasiva. – Ainda estamos nos ajustando à mudança em nosso relacionamento. Não sou contra o casamento. Na verdade, sou um grande fã dessa instituição. Só não pensei nisso a sério ainda.

– Talvez esteja na hora de uma pequena inversão de papéis entre mim e você, considerando o interrogatório que me fez quando Emma e eu ficamos juntos. Quais são exatamente as suas intenções em relação à minha irmã postiça?

– Eu pretendo jantar com ela.

– E pretende se dar bem depois?

– Seria um bobão se não pretendesse. Estamos aproveitando essa nova fase. É... nova – decidiu. – Para os dois. Ela é importante para mim, sempre foi. Você sabe disso. Só que agora tem uma importância diferente. Mas não estou pensando em contratar minha irmã para planejar o casamento.

– Nunca ou ainda não?

– Meu Deus, Jack.

Como sua garganta ficara subitamente seca, Del tomou um longo gole d'água.

– É uma pergunta justa.

– Você só pensa em casamento – murmurou Del. – Talvez haja mesmo algo na água de lá. Seja como for, não sei. Eu não tinha pensado sobre isso. E agora não consigo tirar o assunto da cabeça. Olhe, eu conheço Laurel. Ela não está pensando em se casar, muito menos porque Mac e Emma vão fazer isso. Estamos falando de uma garota que foi para Nova York e Paris sozinha para estudar. Droga, ela pensou seriamente em se mudar para Paris, estava trabalhando aqui para economizar dinheiro para isso quando...

– Sim, eu sei. – Havia um brilho zombeteiro nos olhos de Jack. – Tudo mudou quando os seus pais morreram.

– Na época Laurel adiou seus planos de ir para Paris. – Ele não se esquecera disso; nunca se esqueceria. – Ela não teria abandonado Parker, e agora que penso sobre isso, vejo que também ficou por minha causa. Então a ideia de Parker dominou todas elas.

– Planos mudam.

– Sim, mudam. Mas o que quero dizer é que Laurel sempre teve o próprio rumo, sempre seguiu seus instintos em vez de ir com a corrente. Se as coisas tivessem sido diferentes, ela estaria morando em um elegante bairro boêmio em Paris gerenciando a própria padaria sofisticada.

– Acho que não. – Jack balançou a cabeça. – Acho que aquelas quatro são muito ligadas, e que foi isso que a manteve aqui. Talvez ela fosse para Nova York, mas não para a Europa. A atração das outras três é muito forte.

– Eu disse quase a mesma coisa para ela não faz muito tempo, meio que de brincadeira.

Jack comeu uma das amêndoas do prato que Angie pusera sobre o balcão.

– Acho que percebi isso antes de Emma e eu começarmos a nos enxergar de outra forma. Mas agora que estou morando lá e vivo no meio delas, vejo que elas têm quase uma conexão psíquica. Às vezes um pouco assustadora, para falar a verdade. – Ele ergueu sua cerveja em um brinde. – Isso é amor, cara, o mais amplo e profundo tipo de amor.

– Sempre foi. – Del pensou por um momento. – Ainda digo que isso não é algo em que Laurel esteja pensando, mas se estivesse, as outras três saberiam. Você poderia sondar Emma.

– De jeito algum. Nem mesmo por você. Se eu tocar nesse assunto, isso levará a uma discussão sobre o que eu acho sobre vocês, se eu poderia sondar *você*. – Jack comeu outra amêndoa. – O fim da história vai ser uma loucura.

– Você não deixa de ter razão. Além do mais, isso apenas chamaria atenção para a ideia. Por enquanto estamos em um caminho tranquilo, então por que mexer em time que está ganhando?

Jack sorriu.

– Foi o que pensei em relação a Emma e a mim.

– Você precisa parar com isso.

– Admito que é divertido cutucá-lo em pontos vulneráveis. Mas falando em mim e em Emma, você será o padrinho, não é?

– Claro. Faço questão.

– Ótimo. Porque isso é praticamente a única coisa que preciso resolver. Na maioria das vezes só preciso sorrir e dizer que está ótimo quando Emma me conta o que elas decidiram em relação ao casamento. Parker me falou que a lua de mel ficará a meu cargo e me deu o contato de um agente de viagens que parece ser o melhor e todo um pacote de informações sobre Bora Bora, que segundo ela é um lugar para onde Emma sempre quis ir e, além disso, é exótico e romântico. Então acho que vamos para lá.

Intrigado, Del estudou Jack por cima de sua água gasosa.

– Você quer ir para Bora Bora?

– Sabe que quero? Assim que vi os informativos, pensei: "Ei, é isso aí." Sua irmã é um pouco assustadora, Del.

– Às vezes ela é.

– Carter recebeu um pacote sobre a Toscana, que tinha aqueles CDs para os dois aprenderem italiano.

Del teve que rir.

– Acho que já está tudo resolvido.

– Pelo jeito, sim. Ih, tenho que correr. Recebi um e-mail antes de sair do escritório. Emma está com vontade de cozinhar.

– Eu fico com a sua cerveja.

– Obrigado.

– Ah, Jack, o terno do casamento ficou bem em você.

– É confortável. Quem poderia imaginar? Vejo você depois.

Não era apenas o casamento que combinava com ele, refletiu Del. Era toda a vida com Emma:

lar, família, jantares juntos no fim de um longo dia. Eles acabariam precisando de mais espaço na pequena casa de hóspedes. Conhecendo Jack, ele imaginaria alguma solução.

A propriedade estava se tornando uma espécie de comunidade. Pensando sobre isso, Del concluiu que era algo que teria agradado e divertido seus pais.

– Sua mesa está pronta, Sr. Brown. – O maître tinha ido até o bar. – Gostaria de se sentar ou prefere esperar sua companhia aqui?

Del olhou para seu relógio. Laurel estava atrasada, ou Mac, que a deixaria lá a caminho de uma sessão de fotos, perdera a hora.

– Ela deve chegar a qualquer minuto. Vou para a mesa.

Del decidiu se adiantar e pedir uma garrafa de vinho, e mal tinha feito a escolha quando ouviu seu nome: – Olá, sumido!

– Deborah. – Ele se levantou para cumprimentá-la e trocou um leve e amigável beijo com a mulher que conhecia havia anos. – Você está ótima. Como estão as coisas?

– Maravilhosas. – Ela atirou para trás sua cabeleira ruiva brilhante. – Acabei de passar dois meses na Espanha, as últimas semanas em Barcelona.

– Negócios ou lazer?

– Ambos, muito de ambos. Vou me encontrar com minha mãe e irmã para pôr as novidades em dia. Cheguei cedo, como sempre. Elas estão atrasadas, como sempre.

– Sente-se, espere comigo.

– Eu adoraria, Delaney. – Ela lhe deu um sorriso brilhante quando ele puxou uma cadeira. – Não o vejo desde... quando? Acho que desde o Baile da Primavera. O que você tem feito?

– Nada tão interessante quanto Barcelona.

Quando o sommelier apareceu com a garrafa para aprovação, Del olhou para o rótulo e assentiu com a cabeça.

– Bem, me atualize. Quem está fazendo o que e quem está com quem? Qual é a última fofoca sensacional?

Del sorriu enquanto provava o vinho que o sommelier pusera na taça.

– Acho que você precisará de sua mãe e irmã para isso. Está perfeito – disse ao homem, e apontou para a taça à frente de Deborah.

– Você é muito discreto. Sempre foi. – Ela provou o vinho. – E tem um ótimo gosto para vinhos. Vamos, me conte alguma coisa. Ouvi dizer que Jack Cooke está noivo. Confirme ou negue.

– Isso eu posso confirmar. Ele e Emmaline Grant marcaram o casamento para a próxima primavera.

– Emma? É mesmo? Bem, a eles. – Ela ergueu sua taça. – Embora muitas mulheres solteiras possam lamentar. Obviamente, eu estive fora de circulação nos últimos tempos. Nem sabia que eles estavam namorando.

– Acho que tudo aconteceu bem rápido.

– Estou feliz por eles. E você, achou estranho? Quero dizer, Emma é como uma irmã e Jack é seu melhor amigo.

– Tive um momento ou dois de estranheza – admitiu Del. – Mas eles formam um ótimo casal.

Me conte sobre Barcelona. Nunca fui lá.

– Precisa ir! As praias, a comida, o vinho, o romance... – Ela sorriu. – O romance está no ar.

Quando Laurel entrou, eles estavam rindo, inclinados sobre a mesa na direção um do outro. Aquilo a fez parar imediatamente, como se tivesse esbarrado em uma parede de vidro – e estivesse do lado errado dela.

Del parecia tão relaxado, pensou. Não, *eles* pareciam tão relaxados... e maravilhosos – os dois. Se Mac tivesse entrado com ela, poderia ter tirado uma foto, captado aquele momento, aquela imagem de duas pessoas bonitas tomando vinho e rindo à luz de velas.

Qualquer um pensaria que eles eram um casal, perfeitamente adequados um ao outro, totalmente em sintonia.

– Laurel. Oi.

– Oi, Maxie. – Laurel forçou um sorriso para a garçonete, que parou. – Noite cheia.

– Nem me fale. – Maxie revirou os olhos. – Eu não sabia que você vinha. Vamos arrumar um lugar para você.

– Na verdade, vim me encontrar com uma pessoa.

– Ah, certo. Não deixe Julio vê-la. – Ela deu uma piscadinha ao falar sobre o chef. – Em uma noite como esta, ele ficará tentado a arrastá-la de volta para a cozinha. Sentimos sua falta aqui.

– Obrigada.

– Tenho que ir. Falo com você depois.

Laurel assentiu com a cabeça e depois se esgueirou para o toalete a fim de se dar um minuto. Estupidez, disse a si mesma, estupidez perder o equilíbrio porque Del estava tomando uma bebida com uma amiga. Estupidez se sentir um pouco *inferior* porque alguns anos atrás estivera lá nos fundos, na cozinha, trabalhando em vez de sentada a uma mesa. Criara sobremesas fantásticas para casais como Delaney Brown e Deborah Manning.

– Não há nada de errado nisso – murmurou, e pegou seu batom enquanto se recriminava diante do espelho.

Orgulhava-se do trabalho que fizera ali, e do dinheiro que ganhara para ajudar a abrir a Votos. Orgulhava-se de seu talento, e de esse dom lhe permitir ter um negócio, ganhar a vida, criar algo que fazia as pessoas felizes.

Havia cuidado de si mesma, aberto seu próprio caminho, e, Deus, nada era mais importante para ela do que isso.

Mas doía lembrar – e não podia evitar – que de certo modo sempre estaria do lado errado daquela parede de vidro.

– Isso não importa. – Guardou o batom e tomou fôlego. – Simplesmente não tem importância.

Confiança, lembrou a si mesma, era como batom: tudo o que você tinha que fazer era aplicar.

Saiu do toalete, virou-se na direção do salão e começou a se dirigir para a mesa.

Ok, pensou, ajudou consideravelmente o modo como os olhos de Del brilharam ao vê-la. Ele se levantou e lhe estendeu a mão enquanto Deborah mudava de posição e olhava para cima.

Laurel percebeu a momentânea dificuldade em dar nome àquele rosto. Afinal, ela e Deborah não frequentavam os mesmos círculos.

– Laurel, você se lembra de Deborah Manning, não é?

– Claro. Oi, Deborah.

– Laurel. Que bom vê-la de novo. Del acabou de me contar sobre Emma e Jack. Você deve estar planejando um bolo espetacular.

– Tenho algumas ideias.

– Adoraria ouvi-las. Casamentos são muito divertidos. Pode se sentar? Del, precisamos de outra taça.

Mas Deborah percebeu rapidamente a gafe e sua pele impecável de ruiva corou.

– Estou me sentindo uma idiota. – Ela riu enquanto se levantava. – Del estava esperando você. Ele foi gentil em me fazer companhia.

– Tudo bem. – *Olhe como eu sou madura*, pensou Laurel. – Pode ficar, terminar seu vinho. É só arranjarmos outra cadeira.

– Não, não. Eu estava aguardando minha mãe e minha irmã. Vou ligar para elas, me certificar de que não me deram o bolo. Obrigada pelo vinho, Del.

– Foi bom vê-la, Deborah.

– Igualmente. Bom apetite.

Ela se afastou, mas não antes de Laurel notar seu olhar perplexo e especulativo.

– Me atrasei – disse Laurel alegremente. – A culpa foi toda da Mac.

– Valeu a pena esperar. – Del puxou a cadeira para ela. – Você está linda.

– Eu estava pensando o mesmo de você.

Com a eficiência pela qual o restaurante era conhecido, um garçom retirou a taça de Deborah, substituiu-a por outra e serviu o vinho de Laurel. Ela provou e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Muito bom.

Pegou o cardápio que o garçom lhe ofereceu, mas não o abriu.

– Oi, Ben.

– Oi, Laurel. Fiquei sabendo que você estava aqui.

– O que recomenda para hoje?

– O vermelho coberto com caranguejo, salteado em redução de vinho branco e servido com arroz de jasmim e aspargos.

– Fechado. E, de entrada, uma pequena salada da casa.

– Boa ideia – disse Del. – O que mais você recomenda?

– O filé suíno com molho de mel e gengibre, acompanhado de batatas e salada niçoise com vegetais grelhados.

– Perfeito. Também quero a salada.

– Ótimas escolhas.

Ele mal havia se afastado quando outro garçom pôs sobre a mesa o pão de azeitona que era a especialidade da casa e o molho.

– Sabe, o serviço aqui é sempre bom – comentou Del. – Mas com você é melhor.

– Nós cuidamos de quem gostamos.

Ela mordiscou o pão.

– Tinha esquecido que você trabalhou aqui, ou não pensei nisso quando sugeri que viéssemos.

Teremos que pedir sobremesa, para você poder avaliar seu substituto.

– Acho que agora é o substituto do meu substituto.

– Quando você tem o melhor, é difícil se contentar com menos. Sente falta disso tudo? Quero dizer, de trabalhar com uma equipe, da energia, da sensação de caos controlado?

– Nem sempre era tão controlado. E não sinto falta. Gosto de ter meu próprio espaço, e os horários do restaurante são de matar.

– Como se você tivesse muito tempo disponível agora.

– Bem, é o *meu* tempo, e isso faz uma diferença enorme. Ah, parece que a mãe e a irmã de Deborah chegaram.

Ela ergueu sua taça na direção de uma mesa próxima e Del viu as três mulheres se sentando.

– Provavelmente elas não estavam atrasadas, ou pelo menos não muito. Ela tende a chegar cedo.

– Sei – retrucou Laurel de modo casual, tranquilo, *maduro*. – Vocês namoraram.

– Por pouco tempo, há séculos.

– Espero que não tenha saído com ela enquanto estava casada. Foi depois do divórcio?

Del assentiu.

– Eu fui advogado dela no divórcio. Não namoro clientes, e tenho uma política sobre namorar ex-clientes em casos de divórcio. É uma má ideia.

– Penny Whistledown – salientou Laurel. – Eu lembro que você cuidou do divórcio dela *e* a namorou alguns anos depois.

– É por isso que sei que é uma má ideia.

– Ela parecia muito carente. Quando não conseguia encontrá-lo em casa ou no escritório, não parava de ligar para a Parker perguntando onde você estava. – Ela tomou outro gole do vinho. – Isso, Sr. Advogado, foi um grande erro de julgamento da sua parte.

– Culpado da acusação. Você também teve os seus.

– Negativo. Mantenho distância de homens carentes.

– Erros de julgamento, quero dizer. Drake... não... Deke não sei de quê. Quantas tatuagens ele tinha?

– Oito, eu acho. Talvez nove. Mas ele não conta. Eu tinha 16 anos e queria irritar meus pais.

– Aquilo me irritou.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Sério?

– Sério. Ele apareceu durante quase todo o verão, com camisetas rasgadas e botas de motociclista. Usava um brinco e acho que praticava seu sorriso afetado na frente do espelho.

– Você se lembra dele melhor do que eu.

Laurel fez uma pausa enquanto Ben servia as saladas e enchia novamente as taças.

– Sabemos demais sobre o passado amoroso um do outro. Isso pode ser perigoso.

– Não vou usar o seu contra você, se não usar o meu contra mim.

– Justo e razoável – concluiu ela. – Sabe, as pessoas estão se perguntando o que estamos fazendo, o que há entre nós.

– Que pessoas?

– Aqui, esta noite. Pessoas que você conhece. – Ela apontou levemente com a cabeça para a mesa em que as três mulheres fingiam não estar falando sobre eles. – E pessoas que me conhecem.

– Isso a incomoda?

– Não. Não muito. Talvez um pouco. – Ela deu de ombros e se concentrou em sua salada. – Isso é natural, sobretudo quando um de nós é um Brown.

– É natural porque estou sentado aqui com a mulher mais bonita do salão.

– Boa. Essa foi muito boa. Uma resposta-padrão bem popular.

Del pôs sua mão sobre a dela na mesa.

– Sei para quem estou olhando.

Encantada, Laurel virou a mão para entrelaçar os dedos nos dele.

– Obrigada.

Que pensem o que quiserem, disse a si mesma. Ela tinha o que sempre quisera bem ali.

Eles comeram, provaram os pratos um do outro, beberam vinhos de boa qualidade e falaram sobre o que lhes vinha à cabeça. Sempre haviam conseguido conversar sobre tudo, pensou Laurel. Ela se viu capaz de derrubar aquela parede de vidro ao redor deles, deixar todas as pessoas do outro lado e saborear o momento.

Ben pôs três minissuflês sobre a mesa.

– Com os cumprimentos de Charles, o chef doceiro. Ele soube que você estava aqui e quis lhe preparar algo especial. Ele está um pouco nervoso – acrescentou Ben, abaixando a voz enquanto se inclinava para ela.

– Sério?

– É difícil encontrar alguém à sua altura, Laurel. Se você preferir outra coisa...

– Não, está ótimo. Eles são lindos. – Ela provou primeiro o de chocolate, com uma colherada de chantili. Então fechou os olhos e sorriu. – Maravilhoso. Experimente isto – disse a Del, e depois provou o de baunilha. – Realmente maravilhoso.

– Ele adoraria vir conhecê-la.

– Por que eu não vou lá falar com ele depois que terminarmos de comer esta coisa sensacional?

– Ele vai ganhar o dia. Obrigado, Laurel.

Ela experimentou o último suflê enquanto Ben se afastava.

– Hum, o de limão é perfeito. A mistura certa de ácido e doce.

– Antes você observou que estava aqui com um Brown. Mas sou eu que estou aqui com a Diva das Sobremesas.

– Diva das Sobremesas. – Laurel ia dar uma gargalhada, mas parou e apenas sorriu. – Gostei. Posso mandar fazer uma placa. Deus, tenho que trabalhar loucamente amanhã, mas não quero ferir os sentimentos dele – acrescentou, dando outra colherada em um dos suflês. – Ouça, só vou demorar alguns minutos.

– Vou com você.

– Tem certeza?

– Eu não perderia isso – disse Del, e se levantou para pegar a mão dela.

– A esta altura a cozinha já vai estar mais calma – falou Laurel. – A correria do jantar terminou. Mas não toque em nada. Julio é capaz de ficar louco. Se ele ameaçar filetá-lo como uma truta, não leve para o lado pessoal.

– Eu conheço o Julio. Já falei com ele várias vezes quando veio até a mesa.

Laurel olhou para Del enquanto eles se aproximavam da cozinha.

– Então não o conhece.

Ela abriu a porta.

"Calma", dissera Laurel. Estava claro que eles tinham percepções diferentes do termo. Del teve a impressão de que pessoas se moviam por toda parte ao mesmo tempo, e o nível de ruído – vozes altas, tilintar de pratos, golpes de faca, chiado da grelha – era simplesmente esmagador.

O vapor se erguia no ar denso pelo calor e pela tensão.

Julio encontrava-se em frente a uma das bocas do enorme fogão, com seu avental e chapéu de chef, praguejando sem parar em vários idiomas.

– Não conseguem decidir? – vociferou. – Precisam de mais tempo? – Ele proferiu uma série de xingamentos em espanhol que carregaram o ar já pesado. – "Não quero cogumelos, quero cenouras extras." Idiotas! Onde está meu maldito prato? Droga!

– Certas coisas nunca mudam – comentou Laurel alto o suficiente para ele ouvir.

Julio, um homem macérrimo com sobrancelhas pretas protuberantes sobre olhos castanhos injetados, se virou.

– Não fale comigo.

– Não vim falar com você. – Ela se aproximou do jovem que parara de salpicar molho de framboesa ao redor de uma fatia de bolo de chocolate em um prato de sobremesa. – Você deve ser o Charles.

– Não fale com o Charles enquanto ele não terminar. Está pensando que isto é um clube?

Charles revirou os olhos no lindo rosto moreno, cor de café recém-moído.

– Espere só um minuto, por favor.

Ele finalizou o prato espalhando framboesas e acrescentou biscoitos finos ao redor de uma tigela de pavê. Como se por um sinal secreto, uma garçonete os pegou e saiu.

– Estou tão honrado em conhecê-la... Muito prazer.

– Seus suflês são maravilhosos, especialmente o de limão. Obrigada.

O rosto dele se iluminou, pensou Del, como se Laurel tivesse acendido uma luz.

– Gostou deles? Quando eu soube que estava aqui, quis fazer algo especial. O de limão. Gostou do de limão?

– Especialmente do de limão. Forte e ao mesmo tempo refrescante.

– Ainda não está no cardápio. É novo. Estou trabalhando nele.

– Acho que já está perfeito. Imagino que não me daria a receita dele.

– A senhorita... – Ele ficou sem fôlego. – A senhorita quer minha receita? Vou anotá-la. Agora. Vou anotá-la, Srta. McBane.

– Laurel.

– Laurel.

Del jurou que o nome dela saiu dos lábios do homem como uma prece. Ele se apressou em ir

anotar a receita e Laurel se virou para Del.

– Volto logo.

Quando ela se afastou com Charles, Del enfiou as mãos nos bolsos e olhou ao redor. Julio bebeu um gole d'água e olhou para ele.

– Medalhões de porco.

– Isso mesmo. Estavam ótimos.

– Sr. Brown. – Julio o reconheceu, depois olhou para Laurel e então novamente para Del. Disse: – Hum.

Ele tampou a garrafa antes de ir a passos largos até onde Laurel estava debruçada com Charles.

– Ainda estou furioso com você.

Ela deu de ombros.

– Você me abandonou.

– Eu o avisei com bastante antecedência *e* vim em meu tempo livre para ajudar a treinar meu substituto.

– Seu substituto. – Ele praguejou e cortou o ar com uma das mãos. – Um inútil. Ele chorava.

– Algumas pessoas choram quando você as atormenta por muito tempo.

– Não preciso de bebês chorões na minha cozinha.

– Você tem sorte em poder contar com o Charles. Terá mais sorte ainda se ele o aguentar e ficar.

– Ele está indo bem. Não chora. Não responde com ousadia.

– Dê tempo ao tempo. Vou lhe dar aquela receita, Charles. Acho que é uma boa troca.

Ela pôs na bolsa a que Charles lhe entregara.

– Obrigado por vir falar comigo. Significou muito para mim.

– A gente se fala. – Ela apertou a mão de Charles e depois se virou novamente para Julio. – O vermelho estava fabuloso. – Deu-lhe um beijo na bochecha. – Seu filho da mãe.

Julio deu uma risada tão estrondosa quanto suas imprecações.

– Talvez eu a perdoe.

– Talvez eu o permita. Boa noite.

Quando eles saíram do restaurante, Del passou a mão pelas costas de Laurel.

– Aquilo que você fez foi muito gentil, com ambos.

– Sei ser gentil.

– Você é suflê de limão, Laurel. A mistura certa de ácido e doce.

Quando Del levou a mão dela aos lábios para beijá-la, Laurel piscou para ele.

– Bem, alguém vai se dar bem hoje.

– Eu esperava por isso.

capítulocatorze

LAUREL SE MOVEU O MAIS silenciosamente possível no escuro, a caminho do banheiro, para pôr um sutiã esportivo e uma bermuda de ciclista. Teve que se lembrar de separar sua roupa de ginástica na noite anterior, quando Del dormiu lá.

Era isso que Parker teria feito, pensou enquanto se vestia.

Prendeu os cabelos, calçou as meias e depois decidiu sair com os tênis na mão. Ao abrir a porta, sufocou um grito. Del estava sentado ao lado da cama, iluminado pela luz da mesa de cabeceira.

– O que é isso? Você tem ouvidos biônicos? Eu não fiz barulho nenhum.

– Não foi bem assim. Vai malhar? Boa ideia. Vou me vestir e ir com você.

Já que ele estava acordado mesmo, Laurel se sentou e calçou os tênis.

– Você pode deixar algumas coisas aqui da próxima vez.

Ele esboçou um sorriso.

– Alguns integrantes da nossa tribo são reservados em relação a essas coisas.

– Eu não.

– Ótimo. Eu também não. Isso torna tudo mais fácil. – Ele olhou para o relógio e estremeceu. – Na maioria das vezes.

– Pode voltar a dormir. Não vou usar isso contra você ou achar que é fraco. Ou mole. Ou preguiçoso.

Del a fitou com os olhos semicerrados.

– Encontro você na sala de ginástica.

– Está bem.

Ela saiu pensando que aquele era um bom modo de começar o dia. Implicar com Del, depois fazer uma hora de exercícios, seguida de um banho quente, café e muito trabalho.

Na verdade, era perfeito.

Na sala de ginástica, encontrou Parker já fazendo sua série cardiovascular com a televisão ligada na CNN.

– Bom dia! – gritou.

– Bom dia. Você parece muito bem-disposta.

– E estou. – Laurel pegou um colchonete e o estendeu no chão para se alongar. – Del virá malhar.

– O que explica sua boa disposição. Como foi o jantar?

– Bom. Muito bom. A não ser...

– O quê?

Laurel olhou de relance para a porta.

– Não sei quanto tempo ele vai levar para chegar. Depois eu conto. – Enquanto se alongava, ela estudou a regata e a legging de Parker. A calça marrom-escura e a camiseta floral eram ao mesmo tempo práticas e femininas. – Acho que eu deveria comprar roupas de ginástica novas. A maioria das minhas já está bem velha.

Ela foi até o segundo aparelho elíptico.

– Há quanto tempo você está aí?

– Acabei de completar meia hora.

– É melhor eu correr para alcançar você.

– Sem chance. Quando eu completar 5 quilômetros, farei minha série de pilates.

– Posso fazer 5 e acompanhar seu pilates com um pouco de ioga. Talvez faça 6 quilômetros. Comi suflê ontem à noite.

– Valeu o quilômetro extra?

– E mais alguns. Eles estão com um ótimo chef doceiro no The Willows.

– Charles Barker.

– Você sabe de tudo?

– Sei – disse Parker com satisfação. – E completei meu quinto quilômetro.

Parker limpou o aparelho e trocou o noticiário por música.

– Bom dia, senhoritas.

De short de moletom velho e camiseta desbotada, Del pegou uma garrafa d'água para si mesmo e outra para Laurel e depois se dirigiu ao aparelho de Parker.

– Obrigada – disse Laurel quando ele pôs a garrafa no suporte.

– Precisa se hidratar. O que ela fez?

– Parker? Cinco quilômetros. Vou fazer 6.

Ele se aproximou e programou o aparelho.

– Vou fazer 8, mas não usarei isso contra você. Nem vou achá-la fraca.

– Oito? – Ela assentiu com a cabeça. – Eu topo.

Competitiva, pensou Parker, alongando-se no colchonete antes de começar sua série de abdominais. Bem, não podia falar nada deles. Ela mesma era assim – e já desejava ter feito alguns quilômetros extras só porque eles fariam.

Eles ficavam tão bem juntos! Será que sabiam disso? Não apenas fisicamente, refletiu. Mas no modo como se moviam, se conectavam.

Queria tanto que dessem certo... Mais, queria que fossem tão importantes um para o outro que chegasse a doer.

Desejava o mesmo para Mac e Emma, mas aquilo era mais. Tratava-se de seu irmão e sua irmã em todos os aspectos, menos no sangue. Aquelas eram as duas pessoas mais importantes de sua vida, e queria muito que fossem felizes. Seria um presente para ela, quase tanto quanto para eles.

Acreditava totalmente que cada pessoa, cada coração, tinha um complemento. Um par. Alguém certo para ela. Sempre acreditara nisso e sabia que essa crença inabalável era o motivo de ser boa no que fazia.

– Um já foi! – anunciou Laurel.

– Você começou antes de mim.

– Isso não é problema meu.

– Muito bem, então. – Parker observou Del se mover energicamente. – Chega de ser bonzinho.

Parker balançou a cabeça e começou outra série de abdominais.

Eles haviam passado do quinto quilômetro, com Del na liderança, quando Mac se arrastou para dentro.

– Lá está ele. – Ela mostrou os dentes para o aparelho de musculação multiuso. – O inimigo – acrescentou ironicamente para Parker, que terminava sua sessão com posições básicas de ioga para se alongar. – Você já terminou, não é? Dá para perceber pelo seu olhar orgulhoso.

Parker juntou as palmas das mãos em uma posição de prece.

– Meu rosto reflete a paz centrada de minha mente e meu corpo.

– Vá se catar, Parks. Ei, não olhem agora, mas tem um homem aqui.

– Eles estão em uma competição de 8 quilômetros.

– Meu Deus, mas por quê? Por que alguém iria querer se esfalfar naquele monstro por 8 quilômetros? Mas, então, o que acha? – Ela deu uma volta para mostrar a regata esportiva e a calça corsário de ioga. – Eu estava desanimada e fiz umas comprinhas para me inspirar.

– Bonitas e funcionais. Parabéns.

Parker terminou plantando bananeira, o que fez Mac inclinar a cabeça.

– Agora que tenho as roupas, acha que consigo fazer isso?

– Se quiser tentar, eu a ajudarei.

– Não, é melhor não. Vou me machucar e fiquei de chamar Carter para nadar quando terminasse minha tortura autoimposta. Você já o viu nadar?

– Hum. – Parker desfez o movimento e depois se aprumou. – Posso tê-lo visto enquanto saía para o terraço. Não que eu estivesse olhando para ele com cobiça, é claro.

– Ele inspira um pouquinho de cobiça. Fica uma graça de roupa de banho. Mas o fato é que quando entra na água ele subitamente se torna o Sr. Gracioso em vez do sujeito estabanado de sempre. – Depois de programar o aparelho, ela começou a fazer flexões de bíceps. – Por que será?

– Talvez porque não haja nada em que esbarrar ou tropeçar na água.

– Hum, pode ser. De qualquer modo, quando eu terminar de maltratar a mim mesma aqui, nós dois vamos dar umas braçadas. Natação é um exercício civilizado. Provavelmente o único. Falando em coisas graciosas – acrescentou baixando a voz e apontando com o queixo para os aparelhos elípticos –, eles são uma fofura.

Parker fez que sim com a cabeça enquanto pendurava a toalha ao redor do pescoço e bebia água.

– Pensei a mesma coisa mais cedo. – Ela consultou o relógio. – Sabe, tenho tempo para umas braçadas antes de começar o dia. Reunião às dez horas, com toda a equipe.

– Marcado.

– Vejo você lá. Ah, Mac? Seus ombros estão maravilhosos.

– Sério? – O rosto dela se iluminou de prazer e esperança. – Não está dizendo isso só porque

me ama e está me vendo sofrer?

– Maravilhosos – repetiu Parker, e saiu para ir buscar seus trajes de banho.

– Maravilhosos – murmurou Mac, e começou a exercitar os tríceps.

– Quase 6,5 quilômetros. – Del pegou sua água e deu um longo gole. – Olhe, você ficou para trás.

– Estou me poupando para a arrancada final.

Laurel enxugou o suor do rosto. Não havia como alcançá-lo, mas podia fazê-lo se esforçar para vencer.

Olhou-o de relance. O suor formara um V escuro na camiseta dele que fez o corpo de Laurel se contrair de desejo. Usou isso para se esforçar um pouco mais.

Os cabelos de Del haviam escurecido nas têmporas e a umidade produzira cachos sensuais. Os braços dele brilhavam, os músculos saltavam.

Ele devia estar todo salgado, pensou Laurel. Escorregadio. Essa energia, essa força e resistência estariam por cima dela, por baixo, por todo o seu corpo. Dentro dela.

Sua respiração começou a se acelerar – não só pelo esforço do exercício –, e ela alcançou o sexto quilômetro.

Del a encarou e Laurel viu nos olhos dele o que vibrava dentro dela. Aquela necessidade pulsante e primitiva. Seus batimentos acompanharam o ritmo da música, seu corpo funcionava em harmonia com a máquina.

Ela sorriu devagar e falou, ofegante:

– Vou alcançar você.

– Não lhe sobrou força suficiente.

– Sobrou bastante.

– Você está sem fôlego.

– Você também. Posso terminar com um sprint. E você?

– Fique observando.

Do outro lado da sala, Mac revirou os olhos e, decidindo que havia coisas das quais nem mesmo as amigas mais íntimas deviam participar, esgueirou-se para fora da sala.

Nenhum dos dois pareceu notar.

Del desacelerou um pouco e Laurel entendeu que a competição havia terminado e a dança sexual – quente e primitiva – começara.

Eles terminariam juntos.

– Vamos ver sua arrancada – disse ele.

– É isso que você quer?

– É isso que eu quero.

– Então fique olhando.

Ela acelerou com vigor, até ficar ao mesmo tempo excitada e perplexa por sentir aquele prazer misterioso surgir. Quando Del mais uma vez ajustou seu ritmo ao dela, Laurel ouviu o próprio gemido.

Fechou os olhos e deixou a sensação invadi-la, todo o calor e a torturante necessidade, toda a ansiedade antecipatória.

Eles terminaram juntos.

Com a respiração acelerada e irregular, Laurel abriu os olhos e o encarou. Sentia uma sede que a água não podia saciar. Quando desceu do aparelho, suas pernas estavam bambas.

– Vou desistir da ioga – falou.

– Faz muito bem.

Del enganchou os dedos no sutiã esportivo de Laurel e a puxou para ele.

A boca dele encobriu a dela febrilmente, embotando seu raciocínio e levando-a ao delírio. Necessidade e ânsia – as dele tão profundas e desesperadoras quanto as dela, o que por si só já era excitante. Outra forte onda de calor a invadiu e Laurel se perguntou como algum deles conseguiria interrompê-la.

– Temos que nos apressar. Temos que nos apressar. – Ela se soltou de Del, lutando por ar. Por um momento intenso, eles ficaram apenas olhando um para o outro. – Venha me pegar!

Então ela disparou para a porta e ouviu a respiração ofegante dele junto com uma risada enquanto corria na direção do quarto.

Ele a pegou e passou com ela pela porta.

Ainda rindo, Laurel se virou e o empurrou contra a porta para fechá-la e depois devorou a boca dele com a sua.

– Deus. Ah, meu Deus – conseguiu dizer, tirando a camiseta de Del e a jogando para o lado. Então passou as mãos pelo peito dele. – Você está todo suado e escorregadio, e... – Ela o lambeu. – Salgado. Isso me deixa louca. Rápido – exigiu, e começou a abaixar o short dele.

– Não tão rápido. – Ele mudou de posição e a empurrou contra a porta. Tirou-lhe o sutiã, jogou-o para trás por sobre o ombro e então encheu as mãos com os seios de Laurel.

Ela arqueou a cabeça para trás com as carícias dele em seus mamilos.

– Eu não posso.

– Pode, sim. A corrida ainda não terminou. Não sei o que você faz comigo, mas quero mais. Quero você.

Ela pegou o rosto de Del com as duas mãos e começou a beijá-lo novamente.

– Você pode ter tudo o que quiser. Tudo o que quiser. Só não pare de me tocar. Não pare.

Del não conseguia parar. Como poderia tirar as mãos e a boca daquele corpo firme, daquela pele macia e quente? Laurel se apertou contra ele, murmurando contra seus lábios, incitando-o a fazer o que quisesse, obter o que precisasse.

Nunca outra mulher o excitara assim, não até o ponto em que tudo o que ele podia fazer era sentir o sangue latejando, pulsando sob sua pele. Desejo era um nome simples demais para o que ela lhe provocava. Paixão era pouco.

Ergueu os braços de Laurel acima da cabeça dela e os prendeu contra a porta enquanto lhe sugava a boca e o pescoço. Então desceu pelo corpo, deleitando-se. O desejo só aumentou.

A bermuda de ciclista de Laurel era colada à pele, modelando os quadris e as coxas. Ele as tirou e continuou a descer até serem as próprias mãos que a modelavam, até não haver nenhuma barreira entre aquele calor úmido e os lábios, a língua dele.

O orgasmo a arrebatou, confundindo os seus sentidos e obscurecendo sua visão. Suas pernas perderam a firmeza, mas ele a segurou com mais força.

Del fez o que queria. Obteve o que precisava.

Laurel não conseguia encontrar ar em meio à torrente de prazer, não era capaz de encontrar equilíbrio no escuro. Só conseguia sentir o bombardeio de sensações que a faziam estremecer a cada investida.

Mais uma vez, Del ergueu as mãos de Laurel acima da cabeça dela e as prendeu. Depois, olhando-a nos olhos, penetrou-a.

Laurel atingiu o orgasmo de novo, em uma longa e chocante perda de controle. Então Del mergulhou nela até a onda de prazer começar a aumentar de novo, impossivelmente.

Os pulsos de Laurel escorregaram das mãos de Del e então ela agarrou os ombros dele com firmeza até senti-lo começar a perder o controle. Viu-o observá-la enquanto eles começavam a corrida, ganhavam velocidade e seguiam o mesmo ritmo.

E terminavam juntos.

Ficaram esparramados no chão, fracos e satisfeitos demais para se mover. Quando recuperou a capacidade de falar, Laurel suspirou.

– Nós ficaremos ricos.

– Hã?

– Ah, esqueci. Você já é rico. *Eu* ficarei rica e você ficará milionário.

– Ok.

– Estou falando sério. Acabamos de descobrir uma motivação infalível para exercícios. Sexo selvagem. Seremos ricos como Bill Gates. Escreveremos um livro. Lançaremos DVDs e infomerciais. Toda a população dos Estados Unidos, e depois a mundial, ficará sarada e sexualmente satisfeita. Graças a nós.

– Os DVDs e infomerciais terão demonstrações de sexo selvagem?

– Apenas nas versões para adultos. E podemos usar muita névoa, iluminação inteligente e ângulos da câmera para manter a elegância.

– Meu bem, uma das características do sexo selvagem é não ser elegante.

– Para objetivos de nossa produção, será. Não é pornografia o que estamos fazendo aqui. Pense nos milhões, Delaney. – Ela virou de bruços para poder ver o rosto dele. – Milhões de pessoas fora de forma lerão nosso livro e verão nossos DVDs ou infomerciais e pensarão: "Caramba, eu também posso ter isso?" Então fundaremos o Clube Motivacional de Saúde McBane-Brown para oferecer um espaço seguro e harmonioso aos membros. Lançaremos franquias. Eles vão pagar, Del. Ah, sim, vão pagar muito dinheiro por isso.

– Por que seu nome vem primeiro no Clube Motivacional de Saúde?

– A ideia foi minha.

– Isso é verdade, mas você não a teria se eu não tivesse abalado suas estruturas.

– Eu abalei as suas também.

– Com toda a certeza. Venha cá. – Del a puxou até ela ficar sobre o peito dele. – Seu nome pode vir primeiro.

– Ótimo. Combinado. Nosso curso terá vários DVDs para níveis diferentes. Como ioga para iniciantes, esse tipo de coisa. Iniciante, intermediário e avançado. Não queremos que ninguém se machuque.

– Vou começar a cuidar da papelada.

– Faça isso. Deus, 8 quilômetros e sexo selvagem. Era para eu estar exausta, mas me sinto capaz de fazer tudo isso de novo e depois... Ah, droga.

– O quê?

– O tempo! Oito quilômetros e sexo selvagem demoram mais que 8 quilômetros e ioga. Tenho que tomar banho.

– Eu também.

Ela lhe deu um pequeno beliscão no ombro.

– Só uma chuveirada rápida. Estou atrasada.

– Laurel, todo homem tem seus limites. Acho que já atingi o meu.

Ela se levantou e puxou os cabelos para trás.

– Fraco – disse, e então correu para o banheiro.

Quando terminou a fornada da manhã, Laurel ficou em dia com o cronograma. Havia optado pelo DVD *A ceia dos acusados* e arrumado os doces para as dez horas em um belo prato enquanto o diálogo de Nick e Nora irradiava do aparelho na cozinha.

O ar tinha um cheiro agradável de açúcar e café forte e transmitia a alegria das margaridas de Emma.

Ela estava estendendo o braço para desamarrar o avental quando Parker entrou.

– Ah, você terminou. Vim ajudá-la na arrumação.

– Está com cinco minutos de sobra? Nem parece programação da Parker que eu conheço.

– Os clientes remarcaram para as dez e meia.

Laurel fechou os olhos.

– Eu me matei para seguir o cronograma. Você poderia ter avisado.

– Eles acabaram de ligar... Tudo bem, há vinte minutos. Mas assim ninguém se atrasa.

– Você não avisou a ninguém.

– Adoro essa blusa – disse Parker animadamente. – É quase um pecado cobri-la com um terninho.

– Esse tipo de coisa só funciona com clientes distraídos. – Laurel deu de ombros e pegou o paletó que tirara antes de começar a trabalhar. – Mas realmente a blusa é linda.

– Nós não estamos atrasadas! – exclamaram Mac e Emma ao entrarem correndo juntas.

– Não, mas o cliente está – disse-lhes Laurel. – A espertinha da Parker guardou a informação só para ela.

– Apenas por vinte minutos.

– Nossa. Não sei se fico chateada ou aliviada. Preciso de um estimulante. – Mac abriu a geladeira para pegar uma Pepsi Diet. Então... – Abriu a tampa e tomou um grande gole enquanto estudava Laurel. – Aposto que você está se sentindo livre e relaxada.

– Estou bem. Por quê?

– Ah, aposto que está muito mais do que bem. Aposto que está se sentindo fabulosa depois daquele exercício. Exercício entre aspas, é bom que se diga.

– Por acaso você pôs uma câmera escondida no meu quarto?

– Eu nunca seria tão grosseira. Além do mais, quem precisa de uma câmera oculta? Vocês dois estavam enviando tantas vibrações de sexo selvagem que precisei sair antes que me atingissem e eu pulasse em cima de vocês para um ménage à trois.

– É mesmo? – perguntou Parker, arrastando as palavras.

– Bem, provavelmente não em relação ao ménage. Eu iria preferir você, gostosa.

Ela deu uma piscadela safada para Parker.

– Pensei que eu fizesse mais o seu tipo – disse Emma.

– Eu sou uma vagabunda. Seja como for, os dois estavam na sala de ginástica e a coisa começou a esquentar. Estavam falando de sexo usando linguagem de academia.

– Não estávamos.

– Ah, eu entendi muito bem sobre o que vocês estavam falando – afirmou Mac, apontando um dedo para ela. Fico excitada só de pensar.

– Sim, você é uma vagabunda – decidiu Laurel.

– Uma vagabunda que está noiva, não se esqueça disso. Mas eu deveria lhe agradecer, porque descarreguei minha frustração sexual inesperada em Carter depois que nadamos. E ele deveria lhe agradecer também.

– Disponham.

– O papo está muito interessante, mas... – Parker deu um tapinha em seu relógio. – Precisamos arrumar as coisas no salão.

– Espere. – Emma ergueu uma das mãos, como um guarda de trânsito. – Apenas uma pergunta, porque tenho que tirar as flores da van. Você realmente tem disposição para fazer sexo depois de malhar?

– Leia o livro. Assista ao infomercial.

– Que livro? – quis saber Emma enquanto Laurel levava os doces para fora da cozinha. – Que infomercial?

– As flores – disse Parker, e depois carregou o serviço de café.

– Droga. Não falem nada enquanto eu não voltar. Na verdade, você tem que me ajudar a trazer as flores para dentro.

– Mas eu quero...

Emma apenas emitiu um som de interrupção e ergueu um dedo para Mac.

– Está bem, está bem.

No salão, Laurel e Parker arrumaram os quitutes e as bebidas.

– Então, já é mais tarde?

– Mais tarde do que o quê? – perguntou Laurel.

– Mais tarde do que era antes, quando você disse "mais tarde".

– Sim, é mais tarde. – Laurel ajeitou o leque de guardanapos. – Quantos clientes?

– Noiva, mãe e pai da noiva, noivo, madrasta do noivo. Cinco.

– Certo. O pai do noivo era viúvo. Ele não vem?

– Está viajando. Não precisa me contar. Tudo bem. Não, é claro que não está tudo bem. Digo isso porque sou sua amiga e não quero que se sinta mal.

– Você é uma filha da mãe. – Laurel teve que rir. – Não é que eu não queira lhe contar. É só que eu me sinto meio ridícula em relação a isso. Especialmente agora, depois do sexo selvagem.

– Foi selvagem? – perguntou Emma ao entrar com uma caixa repleta de lírios vermelhos. – Que tipo de exercício foi? Quanto durou? Seja específica. Parker, anote tudo.

– Oito quilômetros no aparelho elíptico.

– Meu Deus... – Suspirando, Emma começou a levar os vasos para fora e arrumá-los. – Esqueça. Eu ficaria morta depois de 8 quilômetros de qualquer coisa, e então Jack faria sexo selvagem com outra pessoa. Isso só me deixaria pau da vida. Há modos mais fáceis de fazer sexo selvagem.

– Eu me pergunto – começou Parker – se é possível ou talvez concebível que todos nós estejamos um pouco obcecadas com sexo neste momento.

– A culpa é dela. – Mac foi ajudar Emma com as flores. – Você entenderia se estivesse na sala de ginástica com todas aquelas vibrações sexuais ao seu redor.

– Nós não estávamos falando sobre sexo – observou Laurel.

– Quando paramos? – perguntou Emma.

– Antes de você entrar. Estávamos falando sobre outra coisa.

– Melhor assim, porque não vou correr 8 quilômetros em um aparelho. Que outra coisa?

– O jantar da noite passada. A parte anterior ao jantar. Eu me atrasei. A culpa foi sua – disse ela, apontando para Mac.

– O quê? Não deu para evitar. A sessão de fotos no estúdio demorou mais do que o previsto e eu não conseguia encontrar meus sapatos. Além disso, foi só um atrasinho. Dez, quinze minutos no máximo.

– Tempo suficiente para Deborah Manning se sentar com Del à mesa que ele reservou para nós e tomar uma taça do nosso vinho.

– Eu achava que ela estivesse na Espanha.

– Então anda muito mal informada. – Laurel abriu um leve sorriso para Parker. – Obviamente ela não está na Espanha e estava tomando vinho com Del.

– Ele não tem nenhum interesse nela.

– Costumava ter.

– Isso foi há anos, e eles só saíram algumas vezes.

– Eu sei. – Laurel ergueu as mãos antes de Parker continuar. – Eu sei, o que é um dos motivos por que me senti meio ridícula. Eu não fiquei com ciúme dela, nem estou agora. Se estivesse me sentiria ainda mais ridícula, porque é claro que ele não estava interessado nela dessa maneira. E acho que ela também não.

– Então qual é o problema? – perguntou Emma.

– É só que... quando entrei e os vi juntos, tomando vinho, rindo... Eles pareciam um ótimo casal.

– Não, não pareciam – retrucou Parker, balançando a cabeça.

– Você não viu. Eles estavam lindos, harmoniosos e perfeitos.

– Não. Lindos e harmoniosos, tudo bem. Perfeitos, não. Eles ficam bem juntos porque os dois são bonitos. Isso não é o mesmo que perfeitos.

– Que observação profunda – concluiu Mac. – E entendo exatamente o que quer dizer. Às vezes eu fotografo casais e eles saem lindos, parecem ótimos juntos. Mas eu sei que não são *perfeitos*. Não posso mudar ou corrigir isso. Porque não são e ponto final.

– Isso.

– Certo. Eles pareciam muito bem juntos. Vamos nos ater a isso. E, apenas por um minuto, eu me senti paralisada, deslocada. Isso é ridículo. – Laurel passou a mão com força pelos cabelos. – Foi como olhar através de uma parede de vidro. Eu estava do meu lado e eles, do outro.

– Isso é insultante, para vocês três. – Emma parou de arrumar as flores para cutucar Laurel no ombro. – E nenhum de vocês merece isso. Deborah é uma boa pessoa.

– Quem é Deborah?

– Você não a conhece bem – disse Emma a Mac. – Mas ela é uma boa pessoa.

– Eu não falei que não era. Também não a conheço bem. Só estou comentando que não acho que algum dia ela tenha servido mesas ou suado em uma cozinha de restaurante – argumentou Laurel.

– Isso é esnobismo às avessas.

Laurel deu de ombros.

– É claro que é. Eu falei que me sentia ridícula em relação a esse assunto. E já superei. De verdade. Sei que é um problema meu, e não gosto disso. Mas foi o que senti naquele momento. Quando ela percebeu que ele ia jantar comigo, que estávamos juntos, vi aquele lampejo de "que porra é essa?" em seu rosto antes que ela conseguisse disfarçar. Mas ela foi muito gentil. A culpa dos meus sentimentos não é dela, o que torna a situação ainda pior. Enfim, depois disso tivemos um jantar ótimo. Então, parte de mim se sentiu ainda mais ridícula por causa da reação que eu tive. Odeio me sentir ridícula.

– Ótimo. – Parker assentiu com a cabeça. – Porque, quando você odeia algo, para de fazê-lo.

– Estou tentando parar.

– Então... Devem ser os clientes – disse Parker quando a campainha tocou. – Droga, quase esqueci. Emma, livre-se daquelas caixas. Laurel, você está usando seus sapatos de cozinha.

– Merda. Volto logo.

Laurel saiu correndo do salão, com Emma atrás dela carregando as caixas vazias.

Parker ajeitou o paletó do seu terninho.

– Você quase não falou nada.

– Porque já estive atrás da tal parede de vidro – explicou Mac. – Sei como ela se sentiu. É preciso algum tempo e esforço para vencer isso, mas ela vai conseguir.

– Não quero que haja nenhum tipo de parede entre nós.

– Nunca haverá, Parks. Não entre nós quatro. É diferente entre ela e Del, mas ela vai vencer isso.

– Certo. Fale comigo se achar que ela está se sentindo assim.

– Prometo que sim.

– Certo – repetiu Parker. – Está na hora do show – falou, então correu para atender a porta.

capítuloquinze

Mais tarde naquela semana, e com considerável prazer, Laurel se encontrou com a irmã de Carter e o noivo dela. Sherry Maguire era tão empolgante e agradável quanto o champanhe que Laurel mantivera gelado.

Desde a primeira reunião sobre o evento – o dia em que Carter havia substituído Nick e retomado contato com Mac –, a palavra-chave para o casamento, que aconteceria no outono, fora *diversão*.

Laurel planejava aplicar o raciocínio também ao bolo.

– Estou tão animada! – Sherry fez uma dancinha em sua cadeira. – Tudo está indo tão bem! Não sei o que eu faria sem Parker, sem todas vocês. Provavelmente Nick me deixaria louca.

– *Mais* louca, você quer dizer – retrucou ele, sorrindo.

Ela riu e o cutucou.

– Eu não falo sobre o casamento mais de cem vezes por dia. Ah, minha mãe comprou o vestido dela. É tão bonito! Eu descartei todos os vestidos típicos de mãe da noiva que experimentou até que ela finalmente desistiu. – Sherry deu mais uma vez sua risada contagiante. – É vermelho, um vermelho vivo com alças brilhantes e uma saia esvoaçante que ficará ótima na pista de dança. Porque, querida, ela sabe dançar. Vou sair com a mãe do Nick amanhã para procurar o dela. E *não* vou aceitar um modelito matrona, do tipo que passa despercebido. Mal posso esperar para fazê-la ceder à minha vontade.

Encantada, Laurel balançou a cabeça.

– E algumas noivas se preocupam com a possibilidade de serem ofuscadas.

Sherry descartou a ideia com um gesto de mão.

– Todos no nosso casamento estarão maravilhosos. Só tenho que me certificar de que serei mais sensacional que eles.

– Não tem nenhuma chance de não ser – afirmou Nick.

Sherry se virou para ele.

– Estão vendo por que sou louca por ele?

– Claramente. Que tal uma taça de champanhe? – ofereceu Laurel.

– Não posso, mas obrigado – disse Nick. – Vou trabalhar hoje à noite.

– Médicos sob o efeito de champanhe não são bem-vistos na sala de emergência. – Sherry se agitou, entusiasmada. – Mas *eu* não vou trabalhar nem dirigir hoje, porque Nick vai me deixar em casa a caminho do hospital.

Laurel encheu uma taça de champanhe.

– Café? – perguntou a Nick.

– Perfeito.

Ela o serviu e depois se sentou.

– Preciso dizer que trabalhar com vocês dois e suas famílias tem sido muito divertido para todas nós. Acho que estamos tão ansiosas pela chegada de setembro quanto vocês.

– Então estão *muito* ansiosas. E depois vocês têm o casamento do próximo Maguire, em dezembro. – Sherry fez outra dancinha rápida em sua cadeira. – Carter vai se casar! Ele e Mac são... bem, são simplesmente perfeitos um para o outro, não são?

– Eu os conheço desde sempre e posso afirmar com toda a sinceridade que ela nunca foi mais feliz. Só isso já me faz amá-lo, mas, em se tratando de Carter, há muitos outros motivos para adorá-lo.

– Ele é mesmo fantástico.

Os olhos de Sherry ficaram marejados e ela piscou rapidamente.

– Uau, um gole de champanhe e já estou toda sentimental.

– Então vamos falar sobre o bolo. – Laurel pôs os cabelos atrás das orelhas antes de se servir de uma xícara de chá. – O que tenho aqui são várias amostras para vocês experimentarem. Bolos, recheios, coberturas. Pelo tamanho de sua lista de convidados, eu recomendaria um modelo de cinco andares, de tamanhos graduados. Podemos misturar bolos, recheios e coberturas ou escolher um tipo só. O que quiserem.

– Eu sou péssima nisso, porque nunca consigo decidir. Quando acabarmos aqui, vocês não estarão mais ansiosas pelo casamento – preveniu-a Sherry.

– Duvido muito. Por que não lhes mostro o desenho que tenho em mente? Se não gostarem, tentaremos mais alguns até encontrarmos o que é mais adequado para vocês.

Laurel não fazia um desenho para cada cliente, mas Sherry era da família agora. Ela abriu seu bloco e mostrou o modelo.

– Ah, meu Deus. – Sherry olhou e pestanejou de novo. – As camadas, os andares, não são redondos. São... como se diz mesmo?

– Hexagonais – disse Nick. – Muito legal.

– São como caixas de chapéu! Caixas de chapéu elegantíssimas, com essas flores no meio, e todas essas cores. Como os vestidos das damas de honra. Não brancos e formais, o que também seria lindo, mas não seria...

– Divertido? – sugeriu Laurel.

– Sim! Exatamente. Esse é *divertido*, mas lindo também. Você o desenhou com exclusividade para nós dois?

– Só se vocês tiverem gostado.

– Eu *amei*. Você também amou, não é? – perguntou Sherry a Nick.

– Achei lindo. E, puxa, isto é muito mais fácil do que eu havia esperado.

– A cobertura é de fondant. A princípio achei que poderia ser formal demais, mas quando pensei em tingir cada andar para combinar com as cores escolhidas para as damas de honra, pareceu mais adequado ao seu estilo.

Enquanto Sherry dava um sorriso radiante olhando para o desenho, Laurel se recostou e

cruzou as pernas.

Nick tinha razão. Aquilo era muito mais fácil do que o esperado.

– As flores acrescentam cor, por isso é ousado, alegre e nada formal. Vou trabalhar junto com Emma, para que as minhas flores combinem com o que ela pensou, e colocaremos outras sobre a mesa do bolo. Eu pensei em canalizar em dourado, mas posso mudar se você preferir. Gosto da interação do dourado com as outras cores, então achei que poderíamos usar uma toalha dourada para a mesa do bolo, realçando tudo. Mas...

– Pare! – Sherry ergueu uma das mãos. – Não me dê mais opções. Amei esse bolo, amei tudo nele. É a nossa cara. Quero dizer, você acertou em cheio. Depois, se dirigindo a Nick: – Veja nosso bolo, que lindo.

Ela bateu sua taça na xícara de Nick em um brinde.

– Ótimo. Agora olhe para o outro lado, por favor, enquanto eu tenho um comportamento totalmente não profissional. – Com um sorriso, Laurel ergueu suas mãos em punho. – *Yes*!

Sherry deu outra risada.

– Nossa, você se envolve *mesmo* com seu trabalho.

– Sim. E tenho que lhe dizer: eu realmente queria esse desenho para você, e para mim. Estou louca para executá-lo. Ai, ai – suspirou, esfregando as mãos uma na outra. – Muito bem. Agora, voltando ao modo profissional.

– Eu gosto muito de você – falou Sherry de repente. – Quero dizer, eu não a conheço tão bem quanto conheço Emma ou Parker, ou mesmo Mac, com quem passei a conviver mais depois que ela e Carter começaram a namorar. Enfim, quanto mais conheço você, mais a aprecio.

– Obrigada. – Laurel sorriu. – Isso é totalmente recíproco. Agora vamos comer um pouco de bolo.

– Essa vai ser minha parte favorita – comentou Nick, e estendeu a mão para pegar uma amostra.

A escolha dos sabores do bolo demorou muito mais e envolveu mais discussões e considerações do que o design da parte exterior. Laurel os orientou na decisão, e eles acabaram escolhendo opções tão maravilhosas quanto o próprio design.

– Como saberemos qual é qual? – perguntou Sherry quando eles se preparavam para ir embora. – Tipo, qual é o de maçã com recheio de caramelo, ou o de chocolate com café e recheio de damasco, ou o...

– Vou cuidar disso, e os garçons oferecerão os acompanhamentos completos ao passar pelo salão ou servir às mesas. Se quiser mudar alguma coisa, é só me avisar.

– Não diga isso – avisou Nick, e Sherry riu de novo.

– Odeio admitir, mas ele tem razão. É melhor pensar que isso está gravado em pedra. Espere até minha mãe e meu pai receberem as amostras. – Ela balançou a caixa que Laurel lhe dera. – Obrigada, Laurel, por tudo. – Deu-lhe um abraço apertado. – Agora vamos correr para dar um oi a Carter e Mac antes de sair.

– Acho que eles não estão em casa. – Laurel olhou para seu relógio. – Ela tinha uma sessão de fotos ao ar livre e ia deixá-lo no Coffee Talk. Ele vai encontrar um amigo. Bob, talvez?

– Ah. Bem, fica para a próxima.

Laurel os acompanhou até lá fora para se despedir e concluiu que aquela fora uma de suas reuniões mais gratificantes. Não só adoraria criar aquele bolo, como Sherry e Nick estavam felizes com ele, e um com o outro, pensou, ao ver o modo como se beijaram ao se aproximar do carro.

Os dois estavam em completa sintonia, pensou Laurel, embora o ritmo de Sherry tendesse a ser mais acelerado e o de Nick, mais calculado e cuidadoso. Eles se complementavam, e o melhor de tudo era que obviamente aproveitavam a companhia um do outro.

O amor era lindo, considerou, mas estar em sintonia era muito importante a longo prazo.

Perguntou-se se ela e Del tinham isso. Talvez não fosse possível saber com certeza quando se fazia parte da situação. Sim, eles tinham um ao outro, mas conseguiriam encontrar um modo de equilibrar seus temperamentos diferentes?

– Ah, eles já foram... – Parker correu lá para fora a tempo de ver o carro de Nick fazer a curva para a estrada. – Droga. Fiquei presa ao telefone e...

– Presa ao telefone? Estou chocada! Não acredito!

– Ah, cale a boca. A noiva de sexta-feira acabou de descobrir que não está com um sério problema de nervos ou com alguma doença no estômago.

– Está grávida.

– Exatamente. Ficou um pouco apavorada, um pouco comovida e um pouco estupefata. Eles haviam planejado engravidar daqui a um ano, mas a família começará a aumentar muito mais cedo que isso.

– Como o noivo está encarando a situação? – perguntou Laurel, sabendo que a noiva teria contado tudo a Parker.

– Por um momento ele ficou sem fala, tipo "como assim?", e agora está animado. E, pelo jeito, muito atencioso quando ela tem enjoos matinais.

– Isso diz muito sobre um homem: ele ficar por perto quando você está vomitando.

– Nesse aspecto ele merece uma medalha de ouro. A noiva contou para os pais dela, e o noivo para os dele, mas pararam por aí. Ela queria meu conselho sobre contar ou não às damas de honra, às madrinhas ou aos outros convidados. Seja como for, eu esperava descer antes de Sherry e Nick irem embora. Como foi tudo?

– Não poderia ter sido melhor. Foi um daqueles momentos em que a gente simplesmente não consegue se imaginar fazendo outra coisa. Na verdade, acho que deveríamos entrar e fazer um brinde a nós mesmas com o champanhe que abri para Sherry por sermos tão boas.

– Gostaria de poder fazer isso, então guarde uma taça para mim. Tenho uma reunião em Greenwich. Volto em algumas horas.

– Certo. Eu já acabei por hoje. Talvez dê uma nadada e depois tome uma tacinha.

– Agora você está tentando me deixar com inveja. E conseguiu.

– Outro sucesso para o meu dia.

– Filha da mãe.

Divertida, Laurel observou Parker ir até o carro com um terninho de verão amarelo-claro e sapatos de salto alto cor-de-rosa.

Perguntou-se se Emma acabara de trabalhar. Poderiam nadar juntas e depois ficar à toa bebendo champanhe antes de Jack chegar em casa. Estava bem-humorada demais para ficar

sozinha.

Pensou nos próprios sapatos de salto alto – um modelo elegante para a reunião – e na caminhada até a casa de hóspedes. Poderia entrar e telefonar, mas se Emma ainda não tivesse terminado as tarefas do dia, seria mais fácil convencê-la pessoalmente. O melhor, então, era trocar de sapatos e ir até a casa dela seduzi-la com a ideia da piscina e do champanhe.

Voltou para dentro, pôs seus sapatos confortáveis e saiu pelos fundos da casa.

O final de tarde quente do início do verão realmente pedia uma nadada, decidiu. Ouviu o zumbido de abelhas no jardim, sentiu o cheiro da grama recém-cortada e das flores. Tudo parecia preguiçoso e eterno.

No dia seguinte, àquela altura, elas estariam prontas para o ensaio do evento de sexta-feira à noite, pensou. E depois se seguiriam dias inteiros sem espaço para momentos preguiçosos.

Então desfrutaria disso agora. Das cores, dos cheiros e dos sons do verão, daquela sensação de eternidade. Talvez devesse telefonar para Del, ver se ele queria ir até lá. Eles poderiam se sentar lá fora, acender a churrasqueira, comer ao ar livre e apreciar a noite e a companhia dos amigos.

Mais tarde fariam amor com as portas do terraço abertas. Ainda tinha tempo para fazer um bolo rápido de morango.

Entusiasmada com o plano, contornou a casa. Viu primeiro o estúdio de Mac e o pequeno e belo carro esportivo estacionado na frente. Um instante depois, a loira bonita se preparando para abrir a porta que Mac não se dera ao trabalho de trancar.

– Linda! – Ela gritou o nome repentinamente, e ficou satisfeita quando a mulher se sobressaltou.

A mãe de Mac, que usava um vestido de verão esvoaçante e sandálias de tiras de saltos médios, virou-se.

O breve lampejo de culpa no rosto dela deu a Laurel outra dose de prazer secreto.

– Laurel. Você quase me *matou* de susto – falou, balançando os cabelos louros agitados pelo vento de modo que emoldurassem seu rosto indiscutivelmente deslumbrante.

Pena que por dentro ela não fosse nem um pouco bonita, pensou Laurel, indo em sua direção.

– Cheguei hoje de Nova York, mais cedo. Vim de carro para encontrar umas amigas e passei aqui para ver Mac. Não a vejo há *séculos*.

Ela estava com um bronzeado delicado e brilhante, provavelmente obtido em alguma praia italiana no iate de seu novo marido. A maquiagem estava perfeita, o que fez Laurel pensar que ela parara para retocá-la antes de "passar" ali.

– Mac não está em casa.

– Ah, bem, então vou dar um oi para o Carter. – Ela agitou uma das mãos de um modo ensaiado que fez o sol refletir nos enormes diamantes de suas alianças de casamento e noivado. – Ver o que meu futuro genro anda aprontando.

– Ele está com Mac. Não há ninguém para ver, Linda. Você deveria voltar para Nova York.

– Tenho alguns minutos sobrando. Não precisa ser... tão profissional – retrucou Linda, dando uma olhada rápida de alto a baixo no terninho de Laurel. – Sapatos interessantes.

– Parker deixou muito claro que você não é bem-vinda aqui, Linda.

– Foi só uma coisa de momento. – A mulher descartou o comentário dando de ombros, mas o

mau humor avivou seus olhos. – Esta é a casa da minha filha.

– Tem razão, e na última vez que você apareceu ela mandou você ir embora. Pelo que sei, Mac não mudou de ideia a esse respeito. Sei que Parker também não.

Linda torceu o nariz.

– Só vou esperar lá dentro.

– Tente abrir aquela porta, Linda, e eu acabo com a sua raça. Isso é uma promessa.

– Quem diabo você pensa que é? Você não é nada. Acha mesmo que pode vir aqui com seu terninho de liquidação e esses sapatos horrorosos e me *ameaçar*?

– Foi o que acabei de fazer.

– Você só está aqui porque Parker se sente obrigada a lhe dar um teto. Não tem nenhum direito de me dizer como agir.

– Quero ver você me dizer isso depois que eu a fizer se esborrachar no chão. Volte para Nova York e para seu marido da vez. Eu aviso a Mac que esteve aqui. Se ela quiser vê-la, entrará em contato.

– Você sempre foi fria e detestável, mesmo quando era criança.

– Certo.

– Não era de admirar, com aquela mãe maluca. Ela gostava de fingir que era melhor que todo mundo, mesmo enquanto seu pai tentava dar o golpe na Receita Federal e transar com qualquer uma *menos* ela. – Linda sorriu. – Pelo menos ele tinha algum sentimento.

– Acha que me importo por você e meu pai terem transado em algum quarto de motel vulgar?

Mas ela se importava, pensou Laurel enquanto seu estômago se contraía.

– Uma suíte no Palace – retrucou Linda. – Antes de as contas dele serem bloqueadas, é claro.

– Só porque foi no Palace, não deixa de ter sido vulgar. Você não tem nenhuma importância para mim, Linda. Nunca teve. Nós três a tolerávamos por causa de Mac. Agora não somos mais obrigadas a fazer isso. Então, precisa de ajuda para ir até seu carro ou prefere fazer o caminho sem mancar?

– Você acha que ter conseguido levar Delaney Brown para a cama a torna um deles? – Dessa vez Linda riu, um trinado radiante. – Ah, sim, eu sei tudo sobre isso. Muitas pessoas sabem, e *adoram* falar.

– Nossa, você já deve estar entediada com sua nova conquista para perder tempo tomando conta da minha vida sexual.

– Sua vida? – Linda arregalou os olhos com deboche e pena. – Ninguém está interessado na sua vida. As pessoas só querem saber da família Brown, especialmente quando um deles decide se divertir. Na verdade, eu a admiro pela tentativa. Quem não tem um sobrenome importante, ou dinheiro, precisa fazer o que for preciso para obtê-los.

– Precisa? – disse Laurel com frieza.

– Um homem como Del? – continuou Linda. – É claro que ele iria dormir com você. Homens vão para a cama com qualquer mulher que saiba jogar o jogo; você devia ter aprendido isso com seu pai. Mas se acha que ele vai ficar com você, ou se casar com você, que pena. Um Brown não vai se casar com alguém que não seja da classe dele, querida. E você não tem nenhuma classe.

– Bem, sobre a última parte, eu diria que isso nos torna iguais, exceto por... eca. – Os joelhos

dela tremeram. Teve de se esforçar para mantê-los firmes. – Vou lhe pedir mais uma vez para ir embora ou a farei ir com minhas próprias mãos. O que me faz quase torcer para que não obedeça.

– Não há nada aqui que me interesse. – Balançando os cabelos mais uma vez, Linda andou a passos largos para seu carro e depois deslizou para trás do volante. – As pessoas estão rindo de você. – Ela virou a chave e ligou o motor. – Vão rir ainda mais quando ele terminar com você.

Então acelerou e foi embora.

Laurel perdeu a vontade de nadar e beber champanhe. Não queria mais comer ao ar livre com os amigos. Ficou onde estava, para se certificar de que Linda iria mesmo embora.

Agora ela estava com dor de cabeça e nauseada. Iria dormir para evitar pensar naquilo, disse a si mesma. Nada que a mulher falara significava nada.

Droga.

Percebendo que estava quase chorando, tentou se conter e pegou o caminho de casa. Não tinha dado mais que dez passos quando Emma a chamou. Laurel apertou os olhos com força na esperança de que a ameaça das lágrimas não se concretizasse.

– Meu Deus, como está quente! Adoro esse clima! – Emma estendeu os braços. – O verão é meu amigo. Achei que nunca terminaria para poder dar uma saída. – No minuto em que viu o rosto de Laurel, seu sorriso desapareceu. Ela acelerou o passo e pegou a mão da amiga. – O que houve?

– Nada. É só uma dor de cabeça. Eu ia entrar para tomar um remédio e me deitar até passar.

– Hum. – Com os olhos cheios de preocupação, Emma a estudou longamente. – Conheço essa cara. Não é só uma dor de cabeça. Você está chateada.

– Estou chateada por estar com dor de cabeça.

Emma apenas mudou de posição e pôs o braço ao redor da cintura de Laurel.

– Então vamos para casa juntas e eu ficarei enchendo o seu saco até você me contar o que aconteceu para ficar com dor de cabeça.

– Pelo amor de Deus, Emma, todo mundo tem dor de cabeça. É por isso que existem remédios. Vá se meter com suas flores e me deixe em paz. Que coisa irritante...

– Como se isso fosse adiantar. – Ignorando o dar de ombros mal-humorado de Laurel, Emma manteve o braço onde estava e acompanhou o ritmo de Laurel. – Você e Del brigaram?

– Não. E meu humor, minhas dores, meus dias, minhas noites, minha *vida* não giram apenas em torno de Del.

– Hum, então há algo mais. Ou alguém. Você bem que poderia me contar logo. Sabe que não a deixarei em paz enquanto não abrir o bico. Não me faça torturá-la para arrancar a informação de você.

Laurel quase riu, mas em vez disso suspirou. Quando Emma achava que uma amiga estava sofrendo, grudava nela feito cola.

– Acabei de discutir com Linda, a Monstra, só isso. Ela faz qualquer um ficar com dor de cabeça.

– Ela esteve aqui? – Emma parou imediatamente e olhou para o estúdio de Mac. – Mac e Carter saíram, não é?

– Saíram. Quando vi Linda, não parecia que isso a impediria de entrar.

– Não impediria. Ela teve a cara de pau de vir aqui depois de Parker lhe dizer com todas as letras para sumir da vida dela? O que a Parker...

– Parker está em uma reunião.

– Ah. Então foi só você que a viu. Queria ter aparecido antes para ela conhecer a verdadeira ira de Emmaline.

Que, quando despertada, pensou Laurel, era implacável, mais ainda por ser rara.

– Eu me livrei dela.

– Sim, mas obviamente isso a chateou. Vá se sentar no terraço enquanto eu pego uma aspirina e uma bebida gelada para você. Depois, vai me contar exatamente o que aconteceu.

Ela podia argumentar, mas isso não só seria inútil como tornaria a situação mais importante do que era. Ou deveria ser.

– Quero raios de sol.

– Ótimo, então vá se sentar ao sol. Droga, o pessoal da obra ainda está aqui?

– Não, foi embora há algum tempo.

– Bom, então vai estar tranquilo lá. Eu não entendia muito bem como Mac e Carter conseguiam viver em um lugar em obra até eles começarem a trabalhar na minha casa e no seu vestíbulo. Ex-vestíbulo. Aqui, sente-se.

Laurel obedeceu enquanto Emma entrava correndo na casa. Pelo menos deixá-la se preocupar com aspirina e bebidas lhe daria tempo para se acalmar. Disse a si mesma para considerar a fonte, lembrando-se de que Linda gostava de criar tumulto e era particularmente boa nisso quando contrariada.

Aquilo não ajudou.

Sentou-se e remoeu aqueles pensamentos até Emma aparecer de novo com uma bonita bandeja contendo chá gelado e biscoitos.

– Assaltei seus suprimentos – disse ela. – Biscoitos são indispensáveis. – Ela passou o frasco de aspirina para Laurel. – Tome duas e desembuche.

– Tive uma reunião ótima. Com Sherry e Nick.

– Eles são uma graça de casal.

– E muito felizes. Realmente me deixaram de ótimo humor. Eu estava indo até sua casa para ver se você queria dar uma nadada e tomar o champanhe que eu tinha aberto para a reunião quando vi Linda prestes a entrar na casa de Mac.

– E lá se foi seu ótimo humor. E meu champanhe.

– É. Ela começou do mesmo modo de sempre. Sorrisão, toda inocente. "Deu uma passada" porque veio ver umas amigas.

Laurel pegou um biscoito e o mordiscou enquanto continuava a história.

– Você disse que acabaria com a raça dela? – perguntou Emma com satisfação. – Ah, como eu gostaria de ter visto isso... O que ela respondeu?

– Basicamente que eu não tinha voz aqui, que só estou aqui por consideração da Parker...

– Que besteira.

– Usou meus pais para me atacar. Disse, entre outras coisas, que sou fria como minha mãe e

que foi por isso que meu pai foi para a cama com ela.

– Puxa, querida...

– Eu sempre achei que ele devia ter uma queda pela Linda. Praticamente todos os maridos infiéis do condado têm, mas...

– Isso machuca – completou Emma.

– Eu não sei. Não sei se machuca. Acho que só me chateia e desaponta. O que, pensando bem, é uma estupidez.

– Mas é Linda.

– Pois é. – Não havia nada mais precioso do que uma amiga que a entendia perfeitamente. – Eu ignorei o que ela disse. Não ia deixá-la me tirar do sério. Então tive de contra-atacar e a mandei ir embora de novo, ou eu a obrigaria.

– Boa!

– Então ela usou Del para me atingir.

– Como assim?

– Que todo mundo está falando de nós dois, rindo de mim, que ele nunca levaria a sério alguém como eu. Que não sou da classe dele, da classe dos Browns.

– Vaca maldosa. – Emma fechou a mão. – Queria dar um soco na cara dela. *Não* vá me dizer que acreditou em uma só palavra do que ela disse, ou terei que dar um soco em *você*.

– Agora estou apavorada. – Laurel suspirou de novo. – Não é uma questão de acreditar, Emma. Sei o tipo de pessoa que ela é, e que é exatamente isso que pensa. E sei que, mesmo se não pensasse, falaria só para me atingir. Mas o fato é que... O fato é que ele *é* Delaney Brown, por isso as pessoas estão falando e especulando, e algumas provavelmente rindo.

– E daí se estiverem?

– Eu sei, e é isso que digo para mim mesma. – Ela odiou, odiou que as lágrimas estivessem fazendo seus olhos arderem de novo, dessa vez os enchendo e transbordando. – Na maior parte do tempo é assim que eu penso: "E daí?" Mas em outros momentos...

– Isso é insultante para Del tanto quanto para você.

– Talvez. Nós nunca conversamos sobre se o nosso relacionamento é sério, ou se vai durar. Só falamos sobre o presente. Eu geral eu sou boa nisso, porque quando estamos juntos é muito bom. Mas às vezes...

– Acha que Del está com você porque você está disponível?

– Não. – Ela enxugou as lágrimas com impaciência. – Não, é claro que não.

– Acha que é só por causa do sexo?

– Não.

– Ou que ele dá alguma importância ao fato de seu sobrenome não ter o mesmo peso que o dele?

Laurel balançou a cabeça em uma negativa.

– Emma, sei quando estou sendo ridícula, mas saber nem sempre faz alguém parar de ser. Gostaria de não ter esse ponto fraco e Deus sabe que adoraria não ter deixado Linda atingi-lo. Mas é assim que as coisas são.

– Todas nós temos pontos fracos. – Ela pôs a mão sobre a de Laurel. – Especialmente quando

amamos alguém. É por isso que precisamos das amigas.

– Ela me fez chorar. Veja o nível da minha fraqueza. Eu ia subir para o meu quarto e me debulhar em lágrimas se você não tivesse me impedido. Quando penso em como eu ficava frustrada quando Mac deixava Linda controlá-la emocionalmente...

Ela suspirou.

– A mulher é uma cobra – comentou Emma.

– Com certeza. Bem, pelo menos eu a expulsei da propriedade.

– Da próxima vez eu é que vou expulsar. Você, Parker e Mac tiveram sua chance. Quero ter a minha.

– É justo. Obrigada, Emma.

– Está se sentindo melhor?

– Estou, sim.

– Vamos dar aquela nadada.

– Está bem – retrucou Laurel, assentindo com a cabeça rapidamente. – Vamos afogar minha autopiedade.

Mais tarde, já mais fortalecida, ela se sentou em seu escritório. Precisava dar uma olhada em uns papéis, e, como dispunha de algum tempo, resolveu aproveitá-lo para isso.

Cuidou de seu arquivo, de faturas e contas, ao som de Bon Jovi. Depois foi dar uma olhada nos sites de alguns fornecedores.

Precisava de mais sacos de confeitar, caixas para transportar bolos e doces e talvez algumas folhas de transfer. Forminhas, pensou, e folhas de papel rendado. Depois de encomendar o que necessitava, começou a estudar ferramentas e itens para exposição de que não precisava, mas com os quais poderia ser divertido brincar.

O orçamento para decoração de bolos da Votos permitia a compra de alguns brinquedinhos, decidiu. Além disso, seria bom ter ferramentas e moldes novos e, por Deus, ela realmente queria aquele cortador duplo.

Seu lado racional a fez se recostar e pensar no preço. Mas quando terminassem o novo depósito, teria espaço para o cortador maior. Seria bem prático, porque ela poderia cortar o dobro de biscoitos, chocolates e ganaches. E ele vinha com quatro moldes.

Poderia vender o que usava agora e que comprara de segunda mão.

Dane-se. Ela merecia. Mas no momento em que clicava em Adicionar ao Carrinho, deu um pulo, culpada, quando Mac disse seu nome.

– Meu Deus, não se aproxime de mim sem fazer barulho quando eu estiver gastando dinheiro que não preciso gastar.

– Está comprando o quê? Ah. – Mac deu de ombros quando viu o site do fornecedor de produtos para confeitaria. – Ferramentas... Todos precisamos delas. Ouça, Laurel...

– Emma lhe contou. – Ela suspirou. – É melhor que não tenha vindo até aqui para se desculpar pelo comportamento de Linda.

– Tenho o direito de me desculpar. – Mac enfiou as mãos nos bolsos. – Minha primeira reação

foi ligar para ela e lhe dizer o que penso dela, mas isso seria lhe dar muita atenção, e isso é o que ela mais gosta depois de dinheiro. Então vou ignorar o ocorrido, assim ela não consegue nada. O que a irritará. Muito.

– Ótimo.

– Sim, mas, como vou ignorar o ocorrido, preciso me desculpar por ele, e você tem que me deixar fazer isso.

– Está bem, desculpas aceitas. – Deliberadamente, Laurel olhou para o relógio e contou até dez. – Agora, assunto encerrado.

– Certo. Sabe o que eu queria? Não ser obrigada a convidá-la para o casamento. Mas sou.

– Vamos conseguir passar por isso.

– Eu sei. Talvez aconteça um milagre e ela se comporte. É, eu sei – acrescentou Mac com uma meia risada quando Laurel revirou os olhos para o teto. – Mas na posição de noiva, posso ter essa fantasia.

– Ela nunca entenderá você. Ou a nós. Azar o dela.

– Realmente. – Mac se abaixou e beijou o alto da cabeça de Laurel. – Vejo você depois.

Qualquer resto de autopiedade desapareceu quando Mac foi embora.

Bastava daquilo, pensou Laurel, e comprou um cortador duplo novo.

capítulodezesseis

Laurel não soube ao certo de onde surgiu o impulso, mas o seguiu e foi até o escritório de advocacia de Del. Embora raramente aparecesse lá por motivos pessoais ou jurídicos, conhecia as instalações.

A majestosa porta da frente da casa antiga se abriu para um também majestoso salão que levava a uma bela recepção, com plantas folhosas em vasos de cobre, mesas antigas, cadeiras enormes e cores neutras aquecidas pelo fluxo de luz.

As salas mantinham a privacidade dos clientes com portas antigas pesadas, lindamente restauradas, e tapetes desbotados pelo tempo salientavam os tons profundos do chão de tábuas corridas largas.

Ela sabia que Del apreciava a mistura de elementos imponentes com itens acolhedores.

Saiu do calor abafado para o ambiente fresco onde Annie, uma mulher que fora sua colega de escola, trabalhava à frente do computador em sua escrivaninha.

Annie mudou de posição e seu sorriso profissional se ampliou em um amigável.

– Olá, Laurel! Como vai? Não a vejo há meses.

– Eles me mantêm acorrentada ao fogão. Ei, você cortou o cabelo. Adorei.

Annie balançou levemente a cabeça.

– Achou ousado?

– Totalmente.

– E o melhor é que só demoro dois minutos para arrumá-los de manhã.

– De resto, como está?

– Estou ótima. Vamos marcar alguma coisa? Tomar um drinque, pôr as novidades em dia.

– Seria ótimo. Trouxe uma coisa para o Del.

Ela ergueu a caixa de papel que carregava.

– Se for parecido com o bolo que você fez para a Dara, acabei de engordar 2 quilos só de olhar. Ele está com uma cliente. Posso...

– Não precisa interrompê-lo – disse Laurel. – Vou deixar com você.

– Não sei se pode confiar em mim.

Laurel deu uma risada e pôs a caixa sobre a escrivaninha.

– Tem bastante para os dois. Precisei vir à cidade, então passei aqui só para trazer isso antes de...

– Só um instantinho – disse Annie quando seu telefone tocou. – Brown e Associados, bom dia.

Laurel se afastou enquanto a recepcionista estava em ligação e foi dar uma olhada nas obras de

arte nas paredes. Sabia que eram originais, de artistas locais. Os Browns sempre tinham sido grandes patronos das artes, envolvidos nos interesses da comunidade.

Ocorreu-lhe que nunca havia pensado muito em como Del montara seu escritório. Fora, lembrou-se, logo depois da morte de seus pais e antes de elas abrirem a Votos. Provavelmente tinham sido suas primeiras clientes.

Na época ela trabalhava no The Willows para conseguir pagar as contas enquanto a Votos fazia seus primeiros eventos. Estivera ocupada demais, supôs, e cansada demais para pensar em como ele devia estar fazendo malabarismos para lidar com o próprio escritório recém-aberto, os detalhes das propriedades dos pais e os aspectos legais da Votos como empresa e sociedade.

Todos eles estavam se virando do jeito que podiam com planos, obrigações, fases de teste e empregos de meio expediente para encher os cofres. Mas Del nunca havia parecido apressado.

A serenidade dos Browns, supôs. Assim como aquela capacidade aparentemente inata de ser bem-sucedidos em tudo o que se propunham a fazer.

Eles haviam sofrido juntos, lembrou. Foram tempos muito difíceis. Mas a dor e as dificuldades produziram uma espécie de cola que os tinha unido.

Laurel fora morar com Parker e nunca realmente olhara para trás. E Del estivera sempre presente, cuidando dos detalhes que haviam escapado a ela. Sim, ela havia percebido, pensou, mas dera-lhe o devido crédito por isso?

Olhou de relance quando alguém passou pela porta. O jovem casal estava de mãos dadas e parecia feliz. Parecia *familiar*, percebeu Laurel.

– Cassie? – Ela fizera o bolo Renda de Noiva para o casamento deles, na primavera. – Oi. E...

Qual era mesmo o nome do noivo?

– Laurel? Olá! – Cassie estendeu a mão amigavelmente. – Que bom ver você! Outro dia Zack e eu mostramos as fotos do nosso casamento para alguns amigos e comentamos que estávamos ansiosos pelo casamento de Fran e Michael daqui a alguns meses na sua casa. Mal posso esperar para ver como será.

Se ela fosse Parker, lembraria exatamente quem eram Fran e Michael, além de todos os detalhes do casamento já definidos até o momento.

Como não era, apenas sorriu.

– Espero que eles estejam tão felizes quanto vocês dois.

– Não sei se isso é possível, porque nós estamos em êxtase.

– Acabamos de comprar nossa primeira casa – contou Jack.

– Parabéns!

– É maravilhoso e assustador ao mesmo tempo, e... Ah! Dara. Todos chegaram na hora.

Laurel supôs que Annie fizera um sinal para Dara, e ela se virou para cumprimentá-los.

– Ah, aquele bolo! – Com uma risada, Dara deu um abraço rápido em Laurel. – Estava tão lindo... e tão delicioso!

– Como está o bebê?

– Ótimo. Tenho centenas de fotos dele. Se você não estiver com pressa, posso lhe mostrar.

– Eu adoraria ver as fotos do bebê – exclamou Cassie. – Adoro bebês – acrescentou com um olhar ansioso para Zack.

– Primeiro a casa, depois o bebê.

– Posso ajudar vocês com a primeira etapa. Venham.

Dara piscou para Laurel e depois se retirou com os clientes.

Laurel ouviu o telefone de Annie tocar de novo – lugar agitado – e decidiu ir embora. Assim que pensou isso, ouviu a voz de Del.

– Tente não se preocupar. Você agiu certo, e farei tudo o que puder para resolver isso rapidamente.

– Fico muito grata, Sr. Brown. Não sei o que seria de mim sem sua ajuda. Isso tudo é tão ...

A voz da mulher falhou.

Embora Laurel tivesse recuado, viu de relance Del e sua cliente, e o modo como ele pôs o braço ao redor dos ombros da mulher enquanto ela lutava contra as lágrimas.

– Desculpe. Achei que já tivesse extravasado tudo em seu escritório.

– Não se preocupe. Quero que volte para casa e tente tirar isso da cabeça.

Del passou a mão para cima e para baixo no braço da mulher. Laurel o vira fazer esse gesto de conforto e apoio – nela, inclusive – inúmeras vezes.

– Concentre-se na sua família, Carolyn, e deixe tudo comigo. Entrarei em contato em breve. Prometo.

– Está bem. E obrigada mais uma vez por tudo.

– Apenas se lembre do que eu lhe disse.

Ao acompanhar a mulher até a porta, ele avistou Laurel. Por um breve momento seu rosto revelou surpresa e depois ele voltou a atenção para a cliente. Murmurou algo que fez a cliente piscar novamente para afastar as lágrimas antes de assentir com a cabeça e ir embora.

– Bem, oi – disse ele a Laurel.

– Eu estou atrapalhando. Me desculpe. Só vim trazer uma coisa para você e então um casal chegou procurando Dara, e eu os conhecia, aí...

– Zack e Cassie Reinquist. Vocês fizeram o casamento deles.

– Meu Deus, você e Parker têm planilhas no lugar de cérebros. Isso é assustador. Seja como for, vou embora para você poder...

– Entre. Ainda tenho alguns minutos antes do próximo cliente. O que trouxe para mim?

– Vou buscar.

Ela voltou para pegar a caixa.

– Desculpe – murmurou Annie, afastando o fone da boca. – Avalanche de demandas judiciais.

Laurel fez um gesto de "não se preocupe" e levou a caixa com ela.

– Você me trouxe um bolo?

– Não.

Laurel entrou com Del na sala, onde a luz do sol se infiltrava pelas janelas altas e mais antiguidades e a escrivaninha – que sabia que fora do pai dele, e antes disso do avô – brilhavam e se destacavam.

Ela pousou a caixa e abriu a tampa.

– São *cupcakes*.

– *Cupcakes*. – Curioso, ele olhou para dentro da caixa, para a dúzia de bolinhos alegremente

decorados. – Estão com uma cara ótima.

– São doces para alegrar. – Laurel estudou o rosto dele. Conhecia aquela expressão assim como Emma dissera conhecer a sua. – Você parece estar precisando de um pouco de alegria.

– Pareço? Bem... – Ele se inclinou para lhe dar um beijo distraído. – Isso me deixa alegre. Que tal um de café para acompanhar os *cupcakes*?

Ela não pretendia ficar – estava com o horário apertado –, mas ele parecia mesmo precisar de um pouco de distração.

– É claro. Sua cliente parecia muito aflita – começou a dizer enquanto Del se dirigia à máquina de café. – Imagino que você não possa falar sobre isso.

– Posso falar em termos gerais. A mãe dela morreu há pouco tempo, depois de uma doença longa e difícil.

– Que pena.

– Ela era a principal cuidadora, e como a condição da mãe lhe exigia bastante dedicação e as duas queriam que ela morresse em casa, Carolyn tirou uma longa licença do trabalho.

– Isso exige muito amor e entrega.

– Sim, exige. Ela tem um irmão na Califórnia. Ele veio algumas vezes e ajudou um pouco. Tem também uma irmã em Oyster Bay, que aparentemente estava ocupada demais para visitar a mãe ou ajudar mais do que algumas vezes por mês, se tanto.

Ele entregou o café a Laurel e se encostou na escrivaninha. Pegou um dos *cupcakes* e o estudou.

– Nem todos têm muito amor e entrega.

– Não, nem todos.

– Havia o plano de saúde, é claro, mas não cobria tudo, e minha cliente tirou dinheiro do próprio bolso para arcar com as despesas extras, até que a mãe descobriu e insistiu em transformar sua conta bancária pessoal em conjunta com a filha.

– O que exige amor e confiança.

– Pois é. – Ele esboçou um sorriso. – Exige.

– Embora deva ter sido terrível passar por isso, parece que sua cliente e a mãe tinham uma relação muito especial.

– Sim, tem razão. A licença foi um fardo financeiro, mas minha cliente e a família dela conseguiram dar um jeito. O marido e os filhos contribuíam quando podiam. Imagine como deve ser cuidar de pais que estão morrendo, que no final já não saem da cama, usam fralda e precisam de alimentação especial e cuidados constantes.

Não era apenas triste, percebeu Laurel. Também era estressante. Muito estressante.

– É, eu imagino. Deve ser uma tensão terrível, física e emocional.

– Foram dois anos no total, e nos últimos seis meses quase 24 horas por dia. Ela lhe dava banho, trocava e lavava suas roupas, lhe dava comida, cuidava de suas finanças, limpava a casa... Além de tudo isso, ainda lia para ela. Então a mãe mudou seu testamento, deixando a casa, com tudo o que havia dentro, exceto alguns itens específicos, e a maior parte dos seus bens, para minha cliente. Agora que ela morreu, a irmã está contestando o testamento. Está acusando minha cliente de influenciar a mãe a seu favor. Está furiosa e disse que ela roubou dinheiro, joias e itens

domésticos, e que jogou a mãe moribunda contra ela.

Quando Laurel não disse nada, Del pousou seu café.

– No início minha cliente queria dar os bens para ela, simplesmente deixá-la ficar com o que quisesse. Não se achava capaz de suportar mais sofrimento e estresse. Mas seu marido e seu irmão, e ele merece crédito por isso, não concordaram.

– Então eles o procuraram.

– A irmã contratou um maldito advogado perfeito para o que ela quer. Vou acabar com eles.

– Aposto que vai conseguir.

– A irmã teve sua chance. Sabia que a mãe estava morrendo, que não lhe restava muito tempo. Mas escolheu não ficar com ela, se despedir, dizer todas as coisas que a maioria das pessoas acha que tem a vida inteira para dizer. Agora quer sua parte, e para isso não se importa em destruir seu relacionamento medíocre com os irmãos e aumentar o sofrimento da irmã. Por quê? Por dinheiro. Não entendo como... Desculpe.

– Não precisa se desculpar. Estou vendo que nunca pensei muito sobre o que você faz. Achava que eram apenas "coisas de advogado".

Ele conseguiu sorrir.

– Eu faço coisas de advogado. Isso é coisa de advogado.

– Não, quero dizer, apenas as coisas de advogado que irritam o resto do mundo. Assine isto, assine aquilo, preencha isto, o "isto" sendo tão complicado e escrito em uma linguagem tão ridícula que se torna ainda mais irritante.

– Nós, advogados, gostamos de nosso jargão jurídico.

– Com ou sem o ridículo jargão jurídico, o que você faz tem a ver com pessoas. Sua cliente ainda vai sofrer, mas o estresse dela diminuiu por causa do seu apoio. O que você faz é muito importante, e eu nunca havia pensado sobre isso.

Ela ergueu uma das mãos para tocar o rosto dele.

– Coma um *cupcake*.

Para agradá-la, imaginou Laurel, ele deu uma mordida. E dessa vez o sorriso chegou aos seus olhos.

– Está gostoso. Alegre. Esse caso realmente mexeu comigo. Acho que não havia percebido quanto até você aparecer e eu poder extravasar.

– Era nisso que estava trabalhando ontem à noite?

– Na maior parte do tempo.

– É por isso que está cansado hoje. Você quase nunca parece cansado. Posso ir à sua casa à noite e lhe preparar algo para comer.

– Você não tem um ensaio hoje e um evento amanhã?

– Posso remanejar as coisas de hoje à noite. Amanhã é amanhã.

– Nesse caso, acho que eu deveria parecer cansado mais vezes. Que tal eu ir à sua casa? Fiquei enterrado aqui ou em casa nos últimos dias. E nem estive com você. Senti saudades.

O coração de Laurel se derreteu e ela foi para os braços dele. O beijo que se seguiu foi tudo, menos distraído. Quando Del pousou o queixo no alto de sua cabeça, o telefone dele emitiu um bipe.

– Meu cliente chegou – murmurou.

– Estou indo. Divida os *cupcakes* com o pessoal.

– Talvez.

– Se você comer todos, vai se sentir mal e vai estar totalmente sem fome no jantar. Embora talvez deva lembrar que sou melhor como confeiteira do que como cozinheira.

– Posso levar uma pizza – disse ele, e a ouviu rir enquanto se afastava.

Antes de mandar o cliente entrar, Del ficou um momento sozinho com seu café, seu *cupcake* e os pensamentos em Laurel. Não pretendera lhe contar tudo sobre a cliente e a situação dela. Não tinha percebido quão irritado estava com aquela situação. E a cliente não lhe pagava para ficar irritado, mas para representar seus interesses.

Ou lhe pagaria, depois que ele acabasse com a irmã dela. Recusara um adiantamento. Podia se dar ao luxo de abrir mão disso e simplesmente não podia aceitá-lo de uma mulher que havia passado por tudo aquilo.

Mas o principal é que não sabia como era bom ter alguém com quem desabafar, alguém que soubesse como aquele caso em particular o afetara.

Ele não precisou se explicar para Laurel. Ela simplesmente entendeu.

Um dom inestimável, refletiu.

E houvera algo no modo como ela tocara no seu rosto – um gesto simples de compreensão – que mexera com ele. Não sabia bem o que era, o que queria dizer, ou ainda o que significava olhar para ela e todas as vezes ver algo *novo*.

Como era possível poder conhecer alguém uma vida inteira e ainda descobrir algo novo?

Teria que pensar sobre isso, disse a si mesmo. Colocou a caixa com os *cupcakes* ao lado da máquina de café e saiu ao encontro do próximo cliente.

Ela deveria tê-lo deixado levar a pizza, pensou Laurel enquanto corria pela cozinha para preparar as coisas. Ainda tinha bolos e outros doces para terminar, e o barulho da obra tinha atingido o auge.

Não havia como fazer o jantar ali.

– Eu posso fazê-lo para você – comentou a Sra. Grady.

– Isso seria trapacear. E estou ouvindo o que não está dizendo.

– Você está ouvindo o que acha que não estou dizendo quando o que realmente não estou dizendo é que seria trapaça se você fingisse que havia feito o jantar.

Laurel parou por um momento e *ansiou* por aceitar a sugestão. Podia muito bem dizer a Del que a Sra. G. preparara o jantar porque Laurel estivera ocupada demais. Ele não se importaria, mas...

– Eu disse que faria. Além disso, a senhora vai sair com suas amigas hoje. – Ela suspirou. – Então, salada do campo com um belo vinagrete balsâmico, linguine de frutos do mar e pão. É bem fácil de fazer, não é?

– É. Você está aflita com isso. E com ele.

– É comida. Sei como sou em relação a isso, mas não consigo ser diferente. Tudo tem que estar

perfeito, o que inclui a apresentação. – Distraidamente, ela ajeitou o grampo que prendia seus cabelos para cima. – Sabe, Sra. G., se algum dia eu tiver filhos, acho que vou levar vinte minutos só para finalizar a apresentação de uma manteiga de amendoim. Todos eles vão precisar de terapia.

– Acho que você vai se sair muito bem nesse quesito.

– Nunca pensei a sério sobre isso. Sobre ter filhos, quero dizer. – Ela pegou as verduras, os tomates-uva, as cenouras que pretendia cortar em tiras, lavar e resfriar antes de preparar a salada. – Sempre há tantas coisas para fazer no presente que nunca pensei muito no futuro.

– E agora está pensando?

A Sra. G. começou a secar as verduras que Laurel lavara.

– Acho que é o tipo de coisa que fica passando pela minha cabeça. Talvez tenha a ver com o relógio biológico.

– Talvez tenha a ver com estar apaixonada.

– Pode ser. Mas é melhor quando as duas pessoas estão apaixonadas e pensando no futuro. Hoje vi aquele casal que se casou aqui na primavera passada. – Ela olhou pela janela enquanto trabalhava, na direção das cores do verão. – Eles estavam no escritório de Del para resolver alguma questão legal sobre a compra de sua primeira casa. Dara estava cuidando disso e surgiu o assunto do bebê. A noiva... bem, esposa, ficou toda sonhadora à ideia de ter um filho e ele disse: "Primeiro a casa, depois o bebê", ou algo desse tipo. O que é bem sensato.

– Os bebês nem sempre vêm quando é sensato.

– Sim, como descobriu a noiva de amanhã. Mas só quero dizer que faz sentido planejar os passos, na ordem lógica. Ser paciente.

– Ir com calma.

A Sra. Grady fez um carinho rápido nas costas de Laurel.

– Pelo menos um pouco. Não preciso de todo o alvoroço, todos os detalhes, todos os enfeites. Basicamente, de tudo o que fazemos aqui. Emma precisa, Parker precisará, e Deus sabe que Mac se deixou levar por isso.

– Sim, e acho que foi uma surpresa para ela.

– Mas eu não preciso. Não tenho necessidade de uma aliança, um papel ou um vestido de noiva espetacular. Para mim, não é a cerimônia, ou todas essas coisas, que importa. É a promessa. É saber que uma pessoa quer que eu faça parte da vida dela. Alguém que me ame, que me ache única. Isso é tudo.

– Com quem acha que Del gostaria de estar hoje à noite além de você?

Laurel deu de ombros.

– Não sei. Sei que ele ficará feliz em estar comigo. Isso pode não ser tudo, mas é o suficiente. – O timer que programara disparou. – Droga, tenho que voltar para a minha cozinha. Não acabei tudo.

– Vou ser sua *sous chef* e não farei nada além disso. Só vou terminar de lavar a louça, secar e guardar para você. Isso não seria trapaça.

– Tem razão. Obrigada.

Enquanto Laurel se afastava rapidamente, a Sra. Grady se perguntou por que ela não pensava

na possibilidade de Del querer a mesma coisa que ela.

– Ah, o amor – murmurou enquanto lavava a louça. – Ninguém que está dentro da situação sabe como lidar com ela.

Como era de esperar, a *única* vez que Laurel precisou que um ensaio fosse tranquilo e rápido, ele se transformou em um circo, com a noiva às lágrimas – por causa dos hormônios, provavelmente –, a mãe do noivo zonza de calor e o padrinho do noivo tonto em virtude de certo exagero na comemoração pré-ensaio. Além disso, a daminha de honra e o pajem que levaria as alianças – irmã e irmão – escolheram o evento para exibir suas desavenças.

Com duas crianças correndo e gritando, a noiva tendo um ataque de choro nos braços da mãe e a mãe do noivo se abanando na sombra, Laurel não conseguia sair de fininho, como planejara.

Parker estava cuidando da situação – todas elas estavam, mas Parker parecia presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Pedindo água para a mãe do noivo, café gelado para o padrinho, conduzindo as crianças e distraindo o noivo preocupado.

A madrinha principal – e mãe das duas crianças briguentas – fazia o possível para restaurar a ordem. Mas, pensou Laurel servindo o chá gelado, a mulher estava em uma situação de inferioridade numérica.

– Onde está o pai? – murmurou ela para Emma.

– Viagem de negócios. O voo atrasou. Ele está a caminho. Vou levar a menina, ver se consigo fazê-la se interessar pela confecção de um pequeno buquê. Talvez você pudesse levar o menino...

– É Carter que é o professor. Ele é que deveria fazer isso.

– Ele está ocupado com o padrinho "ligeiramente bêbado". Acho que seria bom a madrinha ter um descanso, e talvez ela possa ajudar a mãe da noiva a acalmar a filha. Mac e Parker podem lidar com o resto.

– Certo. – Deixando Emma acalmar a mãe, Laurel pôs o chá gelado e os copos sobre a mesa e se aproximou do menino. – Venha comigo.

– Por quê?

– Porque sim.

Ele pareceu entender a resposta, embora tenha franzido as sobrancelhas em sinal de rebeldia. O menino a acompanhou enquanto lançava à irmãzinha olhares que prometiam vingança.

– Não quero usar smoking.

– Eu também não.

Ele deu uma risada sarcástica.

– Meninas não usam smoking.

– Podem usar, se quiserem. – Laurel abaixou os olhos para ele. Tinha uns 5 anos, calculou, e era muito fofo. Ou seria se não estivesse exausto, irritado e mal-humorado. – Mas amanhã todos os homens no casamento vão usar smoking. Espere. Talvez você não tenha idade suficiente para usar um.

– Eu tenho! – Claramente, ele se sentiu insultado. – Tenho 5 anos!

– Puxa, que alívio! – exclamou ela enquanto o levava na direção do lago. – Porque seria

horrível termos que encontrar outro pajem para carregar as alianças, e eles não podem se casar sem as alianças.

– Por quê?

– Porque não. Então, se tivéssemos de arranjar outro menino até amanhã, isso seria muito difícil. Seu papel é muito importante.

– Mais do que o da Tissy?

Tissy, concluiu Laurel, era a irmãzinha.

– A função dela também é muito importante. É um papel de menina, mas o seu é de menino. Ela não vai usar smoking.

– Nem se quiser?

– Não, nem se quiser. Olhe ali – disse ela, e apontou para os lírios.

Perto da margem, um deles servia de flutuador para um gordo sapo verde.

Quando Del chegou, avistou-a no lago, perto das folhas ondulantes do salgueiro, de mãos dadas com um garotinho de cabelos tão claros e brilhantes quanto os dela.

Aquilo fez seu estômago dar um pequeno salto. Já a vira com crianças, lembrou a si mesmo. Casamentos em geral tinham algumas. Mas... havia algo estranho, talvez um pouco onírico, na imagem que formavam ali perto do lago, longe demais para ele ver claramente seus rostos. Apenas aqueles cabelos banhados pelo sol, e as mãos dadas.

Enquanto Del os observava, eles começaram a voltar, o menino olhando para Laurel e ela lhe sorrindo.

– Oi, Del.

Ele desviou os olhos daquela cena e se virou para Carter.

– Oi. Como estão as coisas?

– Agora estão bem. Há dez minutos, péssimas. Estamos prestes a começar. De novo.

– Um daqueles dias.

– Com certeza. Acho que Laurel... Ah, lá vem ela.

Laurel parou ao lado de uma mulher com uma garotinha no colo, trocou uma palavra rápida com ela e ambas riram. Então se inclinou para o menino e lhe murmurou ao ouvido. Ele sorriu como se ela tivesse lhe prometido um estoque de biscoitos para a vida inteira.

Del andou para encontrá-la no meio do caminho.

– Fez um novo amiguinho?

– Parece que sim. Estamos atrasadas.

– Fiquei sabendo.

– Parker vai pôr tudo de volta nos eixos – disse ela, enquanto Parker mandava todos irem para seus lugares.

Del saiu do caminho com Carter enquanto Parker gritava instruções e as outras três mulheres orientavam e alinhavam as pessoas.

Tudo parecia suave como seda para ele, com todos sorrindo. Viu o menino e Laurel trocarem um rápido sorriso enquanto andava na direção da pérgula.

Momentos depois, ela fez um sinal para Del e entrou na casa.

capítulodezessete

DEL A ENCONTROU BASTANTE AGITADA, movendo-se rápido na cozinha principal.

– Estou um pouco atrasada – começou ela. – Isto não é um cronograma da Parker, mas...

Ele ficou na frente dela para fazê-la parar e puxou-a para um beijo longo e ardente. E quando a sentiu relaxar apenas um pouco, apenas o suficiente, parou.

– Oi.

– Bem... oi. O que eu estava dizendo antes de todos os meus neurônios derreterem?

– Algo sobre cronogramas.

– Ah, sim. Isso. Certo. Tenho um belo *sauvignon blanc* gelando. Por que não o abre para bebericarmos enquanto eu faço as coisas?

– Adoro quando minha principal tarefa é abrir o vinho. Qual foi o problema com o ensaio?

– O que *não* foi um problema seria mais adequado. – Ela o olhou por cima do ombro com aqueles olhos azuis penetrantes. – A noiva soube esta semana que está grávida.

– Nossa!

– Eles estão lidando bem com a notícia. Na verdade, transformaram a gravidez inesperada em uma surpresa agradável, em vez de um problema.

– Que bom.

– Sim, mas causou um pouco de estresse, e ela está mais emotiva e muito mais cansada. Teve uma crise de choro, depois as duas crianças tentaram se matar e a mãe do noivo estava fragilizada e ficou zonza de calor. Provavelmente porque estava fragilizada. Acrescente a isso um padrinho que começou a comemoração um pouco antes da hora. Enfim, só mais um dia de trabalho.

Laurel colocou água para ferver para o macarrão, pôs azeite em uma frigideira e depois passou por Del para pegar os ingredientes da salada que deixara preparados com a ajuda da Sra. Grady.

– Ainda bem que eu tinha adiantado um monte de coisas, porque esperava sair de fininho do ensaio e acabei não conseguindo. Obrigada – acrescentou quando Del lhe entregou uma taça.

Depois de dar um gole na bebida, ela começou a descascar e picar alho.

– Eu deveria me sentir culpado por você ainda ter que cozinhar depois de um dia cheio. Quer que eu pique alguma coisa? Tenho alguma experiência nisso.

– Não, está tudo sob controle.

Satisfeito por não precisar fazer nada, ele a observou acrescentar o alho e pimenta em flocos ao azeite.

– Isso é novidade.

– O quê?

– Ver você cozinhar. Quero dizer, esse tipo de comida.

– Ah, eu me meto a fazer isso de vez em quando. Aprendi um pouco com a Sra. G. e trabalhando em restaurantes. É uma mudança de ritmo interessante. Quando dá certo.

– Você sempre parece no comando da cozinha. – Quando ela franziu as sobrancelhas, ele acrescentou: – Era para ser um elogio.

– Acho que é, desde que não me coloque no mesmo saco que Julio.

– Um saco totalmente diferente. Anos-luz de distância.

Ela adicionou um pouco de manteiga ao azeite e pegou os camarões.

– Ótimo. Porque eu não costumo ter, ou querer, companhia na cozinha, mas quase nunca atiro facas.

Acrescentou os camarões ao azeite e depois pôs a massa na água fervente.

– Você consegue lembrar de cabeça tudo o que a receita leva, em que ordem e como?

– Às vezes. Quer uma aula?

– De jeito nenhum. Homem que é homem faz churrasco.

Ela riu e, com uma colher em uma das mãos e um garfo de macarrão na outra, mexeu a frigideira e a panela ao mesmo tempo.

– Passe-me o vinho, por favor.

– Beberrona.

Mas ele passou.

Laurel pousou o garfo de macarrão e depois despejou um copo cheio de vinho na panela dos camarões. Del estremeceu visivelmente.

– Esse é um vinho excelente.

– Então também é excelente para cozinhar.

– Sem dúvida. – As mãos dela eram tão rápidas e competentes! Ele já havia notado isso? – O que vamos comer?

– De entrada, salada do campo. Prato principal, linguine de frutos do mar com acompanhamento de pão de ervas. – Ela parou e tomou um gole de vinho. – Para a sobremesa, *créme brulée*.

Del abaixou sua taça para olhar para ela, sua Laurel, com os cabelos presos para cima como sempre usava quando estava na cozinha.

– Está brincando!

– Sei que você adora *créme brulée*. – Ela deu de ombros enquanto a cozinha se enchia de aromas. – Se vou cozinhar, não custa nada fazer algo que você gosta.

Ocorreu a Del que ele deveria ter lhe levado flores, ou vinho, ou... alguma coisa. E percebeu que não havia pensado nisso porque estava muito acostumado em ir até lá e já vê-la ali.

Da próxima vez não se esqueceria.

Quando o vinho levantou fervura, Laurel abaixou o fogo e tampou a frigideira. Então provou a massa, achou que estava pronta e a escorreu.

Tirou um prato de azeitonas da geladeira.

– Para você ir beliscando – disse ela, enquanto voltava a atenção para a salada.

– Lembra o que eu disse sobre você estar no comando da cozinha?

– Ahã.

– Estar no comando a torna maravilhosa.

Laurel ergueu os olhos e piscou com uma surpresa tão evidente que ele lamentou ainda mais não ter pensado em lhe levar flores.

– Você já ia ganhar o *créme brulée* de qualquer maneira – conseguiu dizer ela.

– Você é linda. Sempre foi. – Ele já havia lhe dito isso, dessa maneira? – Cozinhar apenas ressalta isso, como projetores de luz fazem com um dançarino ou atleta. Isso só me ocorreu agora, talvez porque eu esteja acostumado a vê-la em uma etapa ou outra de seu trabalho como confeiteira. Acho que acabei tomando isso como certo. Preciso ter cuidado para não pensar assim em relação a você.

– Nós não temos que ter cuidado um com o outro.

– Acho que temos. Ainda mais porque estamos muito acostumados um com o outro.

Talvez cuidar fosse mais exato, pensou Del. Não era isso que Laurel estava fazendo agora? Cuidando dele ao lhe preparar algo de que sabia que ele gostava particularmente, e porque sabia que ele havia tido um dia difícil? Aquela *coisa nova* entre eles não tinha a ver com namoro ou sexo. Ou não deveria ter.

Del não sabia – não tinha como saber – para onde eles estavam indo, mas podia começar a prestar mais atenção a como chegariam lá.

– Quer que eu ponha a mesa? – perguntou.

– Já está posta. – O fato de Laurel ter ficado um pouco aturdida o encantou. – Na sala de jantar. Eu pensei, já que...

– Ótimo. E Parker?

– Vai fazer o que toda boa amiga faz e sumir hoje à noite.

– Excelente.

Laurel foi até o fogão, olhou para a frigideira e acrescentou mais manteiga e algumas vieiras antes de adicionar raspas de limão à mistura.

– Está com um cheiro ótimo – comentou Del.

– Não está mau. – Acrescentou algumas ervas frescas e pimenta, e mexeu. – Alguns minutos para terminar de cozinhar e depois mais alguns para descansar. Sem mistério.

– Não do meu ponto de vista.

– Imagino que eu nunca conseguiria escrever um dossiê, sobretudo porque não sei exatamente o que é. Acho que ambos escolhemos carreiras seguras. – Seus olhos encontraram os de Del enquanto ela mexia a salada. – As pessoas sempre vão precisar comer e sempre vão precisar de advogados.

– Quer queiram, quer não, no caso dos advogados.

Laurel riu.

– Eu não disse isso. – Ela tirou um isqueiro de uma gaveta. – Para as velas – explicou. – Você pode levar a salada e acendê-las.

Laurel havia caprichado, notou Del ao carregar a tigela para a sala de jantar. Provavelmente ela não havia pensado nisso dessa maneira, refletiu enquanto estudava os pratos bonitos, as velas em candelabros finos, os girassóis alegres em um vaso de vidro azul. As mulheres em sua vida tinham

uma vocação para tornar as coisas bonitas e confortáveis, cuidar de pequenos detalhes que sempre se fundiam em uma imagem perfeita.

Isso o tornava um homem de sorte.

Muita sorte, corrigiu-se momentos depois, quando eles se sentaram com a salada, o pão quente e o vinho.

– Quando fizermos nossa viagem para a praia... – Del se interrompeu quando ela gemeu. – O que foi?

– Desculpe, é que sempre tenho um pequeno orgasmo quando penso nas férias.

– É mesmo? – Divertido, viu os olhos de Laurel brilharem enquanto ela comia um pouco de salada. – Vou tocar no assunto com mais frequência. Seja como for, quando estivermos lá vou lhe fazer um bife fantástico na grelha. De fato, meu pacto agora é de os homens, apenas os homens, prepararem uma boa refeição. Tudo o que vocês terão que fazer é comer.

– Eu topo. Na verdade, tenho um calendário em meu escritório no qual marco os dias que faltam para as férias. Como eu fazia quando era criança, no fim do ano letivo. Mas sinto assim. Como uma criança perto do verão.

– A maioria das crianças não tem orgasmos quando pensa nas férias de verão. Pelo menos não segundo a minha experiência.

– Você gostava mais da escola do que eu. – Quando Del riu, ela bebeu um gole do vinho. – Eu gosto muito mais do trabalho do que gostava da escola, e ainda assim estou pronta para me afastar dele por algumas semanas. Quero dormir até o sol nascer, me esticar para ler um livro sem pensar que deveria estar fazendo outra coisa. Sem terninhos, saltos altos, reuniões. E você?

– Concordo com a última parte, exceto pelos saltos altos. Não ter que tomar nenhuma decisão mais importante do que beber uma cerveja ou tirar um cochilo. Vai ser ótimo.

– Cochilos – disse ela, suspirando e fechando os olhos.

– Outro orgasmo?

– Não, só um pequeno formigamento. Mal posso esperar. Todos nós ficamos muito surpresos, e felizes, quando Parker nos contou que vocês dois tinham comprado a casa. É maravilhosa?

– Eu gostei dela. Parker comprou às cegas, já que nunca a viu a não ser em fotografias. Foi um bom investimento, especialmente considerando a economia atual. Fizemos um bom negócio.

– Pare de falar como um advogado. É maravilhosa ou não?

– Dos quartos dá para ouvir o barulho do mar, e a vista para a praia de alguns deles é fantástica. Também tem um lago e uma sensação sensacional de isolamento.

– Tá bom, chega. Não aguento mais. – Ela estremeceu e depois se levantou para tirar os pratos de salada. – Volto já.

– Eu posso...

– Não, eu cuido disso. Estou no comando, lembra?

Del encheu a taça dela de novo e se recostou com a sua própria até que ela apareceu com o prato principal. Tinha finalizado o prato com ramos de alecrim e manjericão.

– Laurel, isso está com uma cara incrível.

– Nunca subestime o poder da apresentação.

Ela o serviu e depois a si mesma.

– Uau! – exclamou Del depois da primeira garfada. – Está uma delícia. É impossível eu me sentir culpado agora. Talvez um pouco, já que Parker não está aqui.

– Eu deixei um prato para ela na cozinha. Ela vai descer para buscar.

– Culpa aplacada. – Ele comeu outra garfada. – É claro que, agora que você cozinhou para mim, vou querer que faça isso com mais frequência.

– Podemos chegar a um acordo, se você fizer um churrasco de vez em quando.

– Por mim tudo bem.

– Sabe, eu quase liguei para você ontem à noite. Estava com vontade de comer ao ar livre, mas aí tive a discussão com a Linda e...

– Que discussão?

– Ah, a Parker tinha acabado de sair para uma reunião e eu tinha terminado minhas tarefas do dia, então estava indo à casa da Emma ver se ela queria nadar e dei de cara com Linda na porta de Mac. Entrando, apesar de eles não estarem em casa. Aquilo me irritou.

Del estreitou os olhos, enfurecido.

– Parker tinha dito a ela que não voltasse aqui.

– Sim, e Linda é tão obediente... Seja como for, depois de uma briga horrorosa, eu a expulsei.

– Como foi a briga?

Ele a viu começar a falar e depois se conter e dar de ombros.

– Uma típica cena da Linda. Eu venci, é isso que importa.

– O que ela disse para você?

– Que eu não tinha autoridade para expulsá-la, esse tipo de coisa. Sempre me surpreende que alguém como Linda possa ter participado da criação de uma pessoa como Mac. Não sei se algum dia ela entenderá que a filha não vai mais largar tudo e seguir suas ordens.

Ela não estava propriamente mudando de assunto, mas evitando-o, pensou Del. Ele pôs a mão sobre a de Laurel como se para mantê-la no lugar.

– Ela a chateou.

– Claro, continua sendo Linda. Só o fato de ela existir já é irritante. Ei, podemos conseguir uma ordem de restrição? Com base no fato de ela ser insuportável?

– Por que você não me ligou?

– Para quê? Eu a expulsei.

– Não antes de ela deixá-la chateada.

– Del, se eu ligasse para você sempre que alguém me chateia, nunca sairia do telefone. Ela foi embora e depois Emma e eu fomos dar uma nadada. Mas ela de fato acabou com a minha vontade de comer ao ar livre. Não vamos deixá-la estragar o jantar de hoje também.

– Isso é impossível. Mas, se ela voltar, quero ser informado.

– Está bem.

– Prometa. Vou cuidar dela se voltar aqui, mas para isso tenho que ser informado da sua presença.

– Sem problemas. Prometo. Você não pode mesmo conseguir uma ordem de restrição só por ela ser insuportável?

– Há outros modos de lidar com Linda. Mac não queria que eu os usasse antes. As coisas são

diferentes agora.

– Posso fazer uma pergunta jurídica? Já que tecnicamente ela estava invadindo a propriedade, se eu a tivesse derrubado no chão ela poderia me processar por agressão?

Del riu, porque obviamente a intenção de Laurel era fazê-lo rir.

– É uma questão nebulosa. Além disso, eu a faria ser inocentada no processo.

– Bom saber, porque da próxima vez posso não ser tão educada. Agora vamos falar de algo agradável. Eu encontrei com Sherry Maguire e o noivo dela para uma degustação e a aprovação do design do bolo. Foi muito divertido.

Eles passaram o resto da refeição conversando sobre assuntos casuais, amigos em comum. E nos recônditos da mente Del continuou a se perguntar o que exatamente Linda havia dito ou feito para perturbar Laurel.



Eles decidiram dar uma caminhada depois do jantar – após rirem com o bilhete que Parker deixara na cozinha.

Meus cumprimentos à chef.
Como pagamento pela refeição, lavarei a louça.
Portanto, não lave.
P.

O verão tornava os dias mais longos, e eles caminhavam pelos jardins a uma luz suave e tranquilizante. O calor recente e úmido do dia se erguia do chão apenas o suficiente para ainda aquecer as flores, tornando seus perfumes mais fortes, mais vitais.

Estrelas brilhavam quando Laurel levou Del para o lago para lhe mostrar o sapo. Quando ele se abaixou para ver melhor, ela balançou a cabeça.

– Você está tão empolgado e fascinado quanto Kent, o menino da festa de casamento.

– Um homem nunca é adulto o suficiente para ignorar um bom sapo. É enorme. Eu poderia pegá-lo e correr atrás de você. Como costumava fazer.

– Poderia tentar, mas sou mais rápida hoje em dia. Além disso, você geralmente corria atrás da Emma.

– Ela era mais nova, e gritava mais. Bons tempos. – Ele se sentou sobre os calcanhares e examinou o chão, o verde, as sombras frescas. – Eu gostava de vir aqui para o lago no verão, antes de escurecer, só para ficar sentado aqui. Pensar sobre a vida na companhia do meu cachorro, ver as luzes se acenderem na casa. Olhe, lá está o quarto da Parker. Agora, pelo menos. Costumava ser ali.

Ele apontou.

– Eu lembro. Passei muitas horas felizes naquele quarto. – Ela se sentou ao lado de Del. – Agora é a Suíte da Noiva, então acho que ainda é um quarto feliz, cheio de mulheres. O seu é o

mesmo. Lembro quando você se mudou para o terceiro andar, para ter mais privacidade.

– Fiquei surpreso quando meus pais concordaram. Eles confiavam em mim. Então, é claro que eu *tive* que me mudar lá para cima, embora isso fosse meio assustador. Tive que subornar o cachorro para dormir comigo. Sinto saudades dele.

– Puxa. – Laurel pôs a cabeça no ombro dele. – Era um cachorro ótimo.

– Era, sim. Às vezes penso em arranjar outro, mas então lembro que quase não fico em casa e isso não parece justo.

– Dois cachorros.

Del abaixou a cabeça para olhar para ela.

– Dois?

– Eles fariam companhia um ao outro quando você não estivesse em casa. Poderiam ser amigos, passar o tempo juntos, falar sobre você na sua ausência.

O pensamento o agradou.

– É uma ideia.

Ele se virou, pôs um dos braços ao redor de Laurel e roçou seus lábios nos dela.

– Quando eu fiquei um pouco mais velho, às vezes trazia garotas aqui para dar uns amassos.

– Eu sei. A gente espionava você.

– Não espionavam nada.

– É claro que espionávamos. – Laurel deu uma risada porque ele parecia perplexo e ao mesmo tempo profundamente desconcertado. – Era divertido e educativo, e nos ajudou a saber o que esperar quando chegasse a nossa vez.

– Meu Deus.

– Você passou a mão nos peitos de Serena Willcott aqui.

– Está bem, chega. A temporada de lembranças está encerrada.

– Seus movimentos eram suaves, mesmo naquela época. Aposto que poderia passar as mãos nos meus aqui também. – Laurel pegou a mão dele, deslizou-a para a parte superior de seu tronco e depois a pressionou de leve contra seu seio. – Viu? Você ainda leva jeito para isso.

– Desenvolvi alguns métodos novos desde Serena Willcott.

– É mesmo? Por que não os testa comigo?

Ele se inclinou para ela. Um roçar de lábios, uma carícia, um aperto delicado apenas com as pontas dos dedos.

– Sim, esse é bom.

– Nesse caso, também posso experimentar este. – Ele deslizou o dedo para o botão de cima da blusa de Laurel e o abriu rapidamente. – Nem muito rápido – murmurou junto à boca de Laurel – nem muito devagar. – Abriu o segundo botão, depois o terceiro, parando no meio para passar as pontas dos dedos pela pele recém-exposta.

– Sim, parece que você aperfeiçoou mesmo suas técnicas. – O coração de Laurel já estava aos saltos. Ela emitiu um som de aprovação quando Del percorreu seu pescoço com os lábios e um de surpresa quando a mão dele foi para as suas costas para abrir o sutiã.

– Muito bem – conseguiu dizer. – Deveríamos ir lá para dentro.

– Não. – Ainda a beijando e tocando, ele a deitou na grama. – Aqui.

– Mas...

– Não acho que três garotinhas estejam nos espionando hoje. E eu quero você. Quero você aqui, perto da água, sob a luz das estrelas, na grama, ao ar livre.

Del passou a língua sob o bojo solto do sutiã, no mamilo, provocando um arrepio de desejo em Laurel.

Ele a deixava fraca. Fazia-a querer se entregar a ele e ao que lhe provocava. A grama morna, o ar quente, os movimentos hábeis da mão de Del, assim como seus lábios, a fizeram desejar nada além do que havia ali, naquele instante. Então se entregou a ele e ao momento, enquanto aos seus olhos deslumbrados as estrelas pareciam explodir de vida no céu.

O cheiro dela, sedutor como a noite de verão, o fascinava. Seu sabor, irresistível, o excitava. Ele fez as mãos perambularem, provocarem e darem prazer enquanto a escuridão se acirrava ao redor deles, cobrindo-os. Por sobre os zumbidos da noite de verão, uma coruja iniciou seu chamado de duas notas.

A lua dançava na superfície do lago, e também no corpo de Laurel, enquanto ele a despia.

Ela começou a se sentar para desabotoar a camisa de Del, mas ele a empurrou para baixo.

– Não, ainda não. – Ele percorreu todo o corpo dela com os olhos, a ânsia contida neles provocando outro arrepio na pele de Laurel. – Você não sabe como é linda. Não faz ideia.

Del precisava, ansiava pelo toque, pelo sabor, imediatamente. Tudo dela, tudo dele. Ele a tocou de um modo que os gritos e gemidos de Laurel só aumentaram sua excitação. Ela lhe cravou as unhas, arqueou o corpo e ele continuou estimulando-a.

Agora todas as estrelas explodiram, cegando-a. Ela não conseguia respirar, dominada por todas aquelas sensações. Era maravilhoso estar deitada ali, quase sem ação, nua, enlouquecida, enquanto Del fazia o que bem queria. A camisa dele roçou em seu seio e ela gemeu de novo.

Queria o corpo dele contra o seu desesperadamente, e saber que ele estava vestido e ela nua levava a excitação quase a um pânico delirante.

– Agora. Quero você dentro de mim. Ah, meu Deus, Del.

Ela puxou a camisa dele, o cinto, até que os dois juntos conseguiram despi-lo.

Ela rolou para cima dele e o recebeu.

O prazer a inundou, e estimulou. Laurel jogou a cabeça para trás enquanto se satisfazia. Del tocou os seios dela e depois foi deslizando as mãos para baixo. Então segurou as mãos dela.

A tempestade de prazer se intensificou loucamente e eles saíram dela juntos.



Laurel pretendera provocá-lo e tentá-lo um pouco, preparar o terreno para o que esperava que se seguiria em seu quarto. Agora, pensou, estava deitada nua, satisfeita e exausta à beira do lago em que o sapo gordo coaxava.

Acabara de fazer sexo selvagem ao ar livre com Del num lugar onde eles costumavam brincar quando crianças.

Não sabia muito bem se isso era estranho ou maravilhoso.

– Mão nos peitos? – Del acariciou as costas e as nádegas de Laurel. – Isso é para iniciantes. Isto aqui foi trabalho de profissional.

Laurel teve que rir, embora um pouco ofegante.

– Meu Deus, Del, estamos nus e suados. E se Mac e Carter, ou Emma e Jack, tiverem decidido dar uma caminhada nesta direção?

– Eles não decidiram.

– Mas e se...

– Eles não decidiram – repetiu Del, a voz tão preguiçosa quanto a mão que continuava a acariciá-la. – Além disso, teriam ouvido seus gritos de prazer antes de se aproximarem o suficiente para ver alguma coisa, e então tomariam outra direção, educadamente, suspirando de inveja.

– Eu não gritei de prazer.

– Ah, gritou, sim. Bastante. Fez sons pornográficos profissionais. Aliás, poderia ser uma segunda opção de carreira para você.

– Tenho certeza de que eu não...

Ele rolou para cima dela e começou a beijar um de seus seios. Ela não pôde evitar o suspiro e o gemido.

– Ouviu isso? Não fui eu – disse ele.

Como Del havia apenas roçado de leve, Laurel conseguiu recuperar o fôlego.

– Tudo bem. Bom, é ótimo saber que se a Votos falir posso ganhar a vida dando gemidos pornográficos.

– Você seria uma estrela.

– Talvez você devesse me amordaçar. – Quando ele ergueu a cabeça e sorriu, Laurel sentiu um calor invadi-la. – Não de verdade. Eu estava brincando.

– Vamos manter a opção em aberto. – Ele abaixou a cabeça de novo, mas se afastou para tirar o peso de Laurel. – Se eu tivesse pensado em trazer uma barraca, poderíamos passar a noite aqui.

A ideia a fez rir.

– Quando foi a última vez que você acampou?

– Acho que quando eu tinha 12 anos.

– Sim, isso não é a sua praia. Ou a minha. Acho que precisamos nos vestir e ir para a casa.

– Estamos nus e suados. Mas posso dar um jeito em parte disso.

Ele a abraçou e começou a rolar com ela.

Laurel demorou um pouco para entender o que ele tinha em mente, mas enfim seu cérebro se pôs em ação.

– Não, Del! Você não pode...

Eles atingiram o lago frio enroscados. Laurel engoliu um pouco de água e se debateu para chegar à superfície e cuspi-la. Enquanto fazia isso, Del ria como um lunático.

– Droga! Droga! Seu maluco! Tem sapos aqui. E peixes. Peixes! – gritou ela, como se algo tivesse encostado em sua perna.

Tentou ir para a margem, mas ele a segurou.

– Isto está ótimo.

– Peixes. – Ela o empurrou. – Sapos.

– Nós dois. Eu estou nu no lago com Laurel McBane. E ela está toda escorregadia. Ops – disse

ele quando deslizou as mãos para entre as pernas dela e a segurou.

– Del. – Agora ofegante, Laurel se agarrou a ele. – Vamos nos afogar.

– Vamos ver.

Não se afogaram, mas ela mal teve forças para se arrastar para a grama, onde ficou deitada sem fôlego.

– Nós nunca, *nunca* vimos nada assim pelo binóculo.

Ele se ergueu, chocado.

– Vocês tinham um binóculo?

– É claro que tínhamos. Não conseguiríamos ver detalhes sem um. Mas o sapo não precisa de um, e ele já viu demais.

– Ele não vai dizer nada a ninguém se quiser permanecer vivo.

Ela conseguiu virar a cabeça e olhar nos olhos de Del.

– Agora estamos nus e molhados.

– Mas felizes.

Laurel sorriu.

– Isso eu não posso negar. Mas como vamos entrar na casa?

– Sou um Brown. Tenho um plano.

Laurel vestiu a camisa dele, Del colocou suas calças e o resto eles levaram nas mãos. Ainda molhados, tentando não rir, esgueiraram-se pela porta lateral para correr em direção ao quarto dela.

– Acho que conseguimos – comentou ela, largando as coisas no minuto em que a porta se fechou. – Agora estou congelando. Preciso de um banho quente.

– Sim, parece que precisa. Está com uma cara de quem acabou de fazer sexo no lago.

Del pôs o braço ao redor dela para aquecê-la enquanto eles iam para o banheiro.

– Del? Lembre-me de fazer um treino extra da próxima vez que lhe preparar um jantar.

Ela dormiu como uma pedra, e acordou grogue e desorientada quando o despertador tocou.

– Não, é um engano. Não pode já ser de manhã.

Ela abriu um olho, viu as horas no visor e, com um tapinha resignado, desligou o alarme.

A seu lado, Del murmurou alguma coisa e tentou puxá-la de volta.

– Tenho que levantar. Você deveria voltar a dormir.

– Boa ideia.

Então ele apagou.

Laurel franziu as sobrancelhas, depois se levantou e começou a se vestir no escuro.

Lá embaixo, na cozinha, fez um café e tomou-o puro enquanto examinava a agenda do dia. Era como se estivesse escrita em grego.

Para clarear a mente, serviu-se de uma segunda xícara, acrescentou uma generosa colher de açúcar e pegou um *muffin* da lata. Levou o café e o bolinho para o ar livre, para aproveitar o seu momento preferido do dia, logo antes do amanhecer, antes de a luz vencer a escuridão. Antes de qualquer pessoa ou coisa se mover a seu redor, seu lugar favorito no mundo era todo dela.

Estava cansada, e talvez mais algumas horas de sono tivessem sido uma bênção, mas dificilmente superariam a visão, a sensação que a dominava todas as manhãs.

Deu uma mordida no *muffin*, um gole no café, e sentiu o cérebro começar a clarear enquanto o céu se tornava cor-de-rosa e pálido no leste.

Laurel olhou para o horizonte, em seguida para o verde ondulante, passando pelos jardins, pelos terraços e pela pérgula que Emma e sua equipe logo se ocupariam de decorar.

E viu o leve brilho sobre a água do lago, a vaga sombra das folhas do salgueiro nadando nele.

Pensou na noite anterior e em Del dormindo na cama dela. E sorriu.

Aquele seria um belo dia.

capítulodezoito

FÉRIAS. LAUREL PODIA SENTIR o cheiro delas, quase tocá-las. Estaria livre se em algum momento aquele maldito evento terminasse.

Os eventos nas tardes de domingo tendiam a ser menores. Sofisticados ou casuais, trabalhosos ou tranquilos, os casamentos ou as festas de aniversário eram mais como um belo brunch ou chá elegante, frequentemente terminando cedo o suficiente para os convidados irem para casa assistir a algum jogo ou filme.

Mas não aquele. Não o último evento antes das glórias e do êxtase do início das férias. Às quatro da tarde de domingo, o salão de baile estava abarrotado. Garçons com bandejas de champanhe não paravam de circular. A noiva e o noivo, ambos na casa dos 40, casando-se pela segunda vez, dançavam as músicas antigas tocadas pelo DJ como um casal de adolescentes nas férias de primavera.

– Por que eles não querem ir para casa fazer sexo? – murmurou Laurel para Emma.

– Já estão juntos há três anos e moram juntos há mais de um. Provavelmente fazem sexo quando querem.

– Mas hoje é sexo de núpcias, e eles só podem fazer isso hoje. À meia-noite, perderão essa oportunidade. Deveriam saber disso. Talvez devêssemos avisar.

Emma deu um tapinha no ombro de Laurel.

– Tentador, muito tentador. Mas temos que esperar até as cinco.

Ela consultou o relógio.

– Você está com um Band-Aid da Sininho no dedo.

– Não é fofo? Quase compensou sonhar acordada com as férias e me cortar. Seja como for, faltam 45 minutos, segundo meu relógio. Depois serão duas semanas, Laurel. Quatorze dias de praia.

– Meus olhos ficam marejados quando penso nisso. Mas se eu começar a chorar as pessoas vão pensar que estou comovida com o casamento, então tudo bem. – Ela teve que se forçar a não ficar mudando o peso impacientemente de um pé para o outro. – Todas estamos com as malas prontas – disse ela, estreitando os olhos para Emma.

– Eu estou. Eu estou.

– Então tudo bem. Daqui a 45 minutos colocaremos tudo nos carros. Acho que vamos levar vinte minutos para fazer isso, por causa das coisas de praia e das discussões. Então serão 65 minutos. Mais dez para Parker checar e rechecar suas listas. Setenta e cinco minutos e estaremos na estrada. As férias começam no minuto em que você pega a estrada.

– Sim. – Emma sorriu para o pequeno grupo de convidados a caminho do bar. – Setenta e oito, agora. E, algumas horas depois, estaremos bebendo margaritas na praia. Del vai ter margaritas prontas, não é?

– É melhor que tenha, considerando que já está na praia.

– Bem, alguém tinha que ir na frente, abrir a casa, comprar mantimentos e se certificar de que está tudo em ordem.

– Sim. Agora ele deve estar relaxando com uma cerveja, mas estou tentando não me ressentir disso. Tudo bem, porque daqui a algumas horas faremos isso também. Vamos beber margaritas e nossa maior preocupação será o que comer no jantar.

Deu um beliscão no braço de Parker quando ela se aproximou.

– Ai.

– Só para me certificar de que nenhuma de nós está sonhando. Estamos fazendo uma contagem regressiva para as férias. Duzentos e dezessete minutos até as margaritas na praia.

– Duzentos e setenta e sete. Eles acabaram de pedir uma hora a mais.

Os grandes olhos castanhos de Emma ficaram tristes como os de um cachorrinho.

– Ah, Parker...

– Eu sei, eu sei. Mas é a opção deles, o dinheiro deles, e não podemos dizer não.

– Poderia haver um aviso anônimo de ameaça de bomba. Só uma sugestão – disse Laurel quando Parker lhe lançou um olhar impassível. – Vou começar a transferir os presentes para a limusine. Já passa da hora. Se precisar de mim, me bipe.

A tarefa a manteria ocupada. Depois iria às Suítes da Noiva e do Noivo para se certificar de que tinham sido arrumadas e a seguir para a cozinha, a fim de providenciar as caixas necessárias para as sobras do bolo e dos doces.

– Duzentos e vinte e nove minutos – disse a si mesma.

Às seis em ponto, estava com Parker, Emma, Mac, Jack e Carter se despedindo dos recém-casados e dos últimos convidados.

– Isso, vão com Deus – murmurou baixinho. – Tchau. Continuem a andar.

– Alguém pode ler lábios – comentou Jack.

– Não quero nem saber. – Mas agarrou o braço de Jack e se posicionou ligeiramente atrás dele. – Vão para casa. Vão embora. Pronto, ali estão os últimos. Por que eles estão conversando? Já tiveram *horas* para conversar. Sim, sim, abraço, abraço, beijo, beijo, *vão*, pelo amor de Deus.

– Eles estão entrando nos carros – disse Emma atrás dela. – Está acontecendo mesmo. – Ela agarrou os ombros de Laurel. – Quase na estrada, quase lá, quase desapareceram e... Pronto!

– Férias! – gritou Laurel. – Vamos lá, vão pegar suas coisas!

Ela disparou para dentro e escada acima.

Dali a quinze minutos, usando uma calça cigarrete, camiseta regata, chapéu de palha e sandálias, arrastou suas malas para baixo. Então franziu as sobrancelhas ao ver Parker.

– Como conseguiu ser mais rápida que eu? Eu parecia um raio!

– Tenho muitos talentos. Vou pegar o carro.

A Sra. Grady apareceu enquanto eles colocavam a bagagem no veículo.

– Suprimentos para a viagem – disse ela. – Água fresca, frutas, queijo e biscoitos.

– A senhora é o máximo. – Laurel se virou para lhe dar um abraço. – Mude de ideia e venha conosco.

– Nem pensar. Duas semanas de paz aqui vão me fazer bem. – Com o braço ao redor dos ombros de Laurel, ela estudou Parker. – Parece que vocês duas estão prontas. E lindas também.

– Ratas de praia de Southampton – comentou Parker com um giro elegante. – Vamos sentir saudades.

– Não vão, não. – A Sra. Grady sorriu quando Parker lhe deu um beijo no rosto. – Mas vão ficar felizes em me ver quando voltarem. Lá vem o próximo grupo. – Ela apontou com o queixo enquanto Mac e Carter paravam atrás do carro de Parker. – Não a deixe esquecer de passar bastante filtro solar – avisou ela a Carter. – Nossa ruiva fica parecendo um camarão quando pega sol.

– Estamos levando um estoque.

Ela lhe entregou uma bolsa térmica.

– Comida para a viagem.

– Obrigado.

– Emma está atrasada, é claro. – Parker olhou para seu relógio. – Carter, você está no meio do comboio, então tome cuidado para não ficar para trás.

– Sim, capitã.

– Vocês têm os dados no GPS, por precaução?

– Temos. Estamos prontos. – Mac ajustou a aba de seu boné. – Tudo em ordem.

– São mais ou menos duas horas de viagem – começou Parker.

Laurel a ignorou e olhou na direção da casa de Emma como se quisesse apressá-la com o poder da mente.

– Funcionou! Lá vem ela. Tchau, Sra. G! Se a senhora se sentir solitária, vá nos encontrar lá.

– Acho muito improvável.

– Nada de festas de arromba, hein? – Com uma expressão séria, Parker pôs as mãos nos ombros da Sra. G. – Nada de rapazes vindo dormir aqui. Nada de drogas. Nada de bebida.

– Aí não me sobram muitas opções, não é? – Com uma risada, a Sra. Grady lhe deu um último abraço de despedida e murmurou ao ouvido dela: – Não seja tão boa moça. Divirta-se.

– Diversão é o primeiro item da minha lista.

Laurel entrou no carro enquanto a Sra. Grady passava a última bolsa de comida para Emma e todos continuavam a se abraçar. Ela deu um pulinho de alegria no banco quando Parker se sentou atrás do volante.

– É isso aí!

– É isso aí, minha amiga. – Ela ligou o carro e programou o GPS. – Lá vamos nós!

Laurel deixou escapar um "Uhuuul" enquanto elas pegavam o caminho da estrada.

– Já posso sentir a areia nos pés, a brisa salgada nos cabelos... Você deve estar louca para chegar lá. Em sua própria casa, que ainda não conhece.

– Minha e do Del. Vi muitas fotos, as do corretor e as que o Del tirou.

– Não posso acreditar que você, entre todas as pessoas, mobiliou a casa fazendo compras pelo telefone e pela internet.

– Não havia opção, por causa da falta de tempo. De qualquer maneira, deu tudo certo, ainda mais considerando que a casa é principalmente um investimento. Nós compramos alguns dos móveis que já existiam lá, porque os antigos proprietários não queriam levar a maioria deles. Mas ainda há muito a fazer. Vai ser divertido escolher pequenas coisas, decidir mudar a cor de alguma parede *etc.*

– Qual vai ser a primeira coisa que você vai querer fazer quando acordar amanhã?

– Testar a sala de ginástica e depois andar pela praia com um copo de café enorme. Ou, dependendo, trocar a sala de ginástica por uma corrida na praia.

– E sem o celular.

– Não sei se vou conseguir. Posso ter uma crise de abstinência. E você? O que quer fazer primeiro?

– Esta é a melhor parte: não sei. Não tenho a menor ideia do que quero fazer, ou do que farei. Mac vai tirar fotos. Emma vai se jogar na areia e curtir a vista do mar emitindo sons de felicidade. E você, admita, vai verificar se há mensagens no laptop e no telefone assim que terminar de malhar. Ou correr.

Parker deu de ombros.

– Provavelmente, mas depois pretendo aproveitar muito a vista para o mar e emitir sons de felicidade também.

– E começar uma lista do que quer mudar ou acrescentar na casa.

– Cada um tira férias do jeito que sabe.

– Sim, é verdade. Aliás, obrigada desde já.

– Por quê?

– Pelas duas semanas em uma casa de praia em Southampton. Sim, nós somos sócias e amigas, mas você poderia ter optado por algumas semanas para si mesma.

– O que eu faria sem vocês?

– Essa é uma pergunta que nunca tivemos de responder. – Ela abriu a bolsa e pegou as garrafas d'água. Abriu as duas, pôs a de Parker no suporte para copos e deu uma batidinha nela com a sua. – A nós. Ratas de praia de Southampton.

– A nós.

– Música?

– Com certeza.

Laurel ligou o rádio.

O clima e a paisagem mudaram assim que elas viraram para leste saindo de Nova York e começaram a atravessar a estreita ilha. Laurel abaixou a janela e colocou a cabeça para fora.

– Acho que já posso sentir o cheiro do mar. Um pouco.

– Estamos na metade do caminho. – Parker deu uma mordida em uma fatia de maçã. – Por que você não liga para Del e lhe diz mais ou menos a hora em que vamos chegar?

– Boa ideia, porque até lá já vou estar morta de fome, e louca por uma margarita. Devo lhe pedir para acender a churrasqueira? Também há uma churrasqueira?

– Del também é dono da casa, Laurel.

– É claro que há uma churrasqueira. Hambúrguer, frango ou bifes?

– Quer saber? Primeira noite de férias. Um bife enorme, bem grosso.

– Ok, vou pedir.

Ela pegou o celular e digitou o número de Del.

– Oi. Onde vocês estão? – disse ele.

Laurel olhou para a tela do GPS e informou a localização deles.

– Pegaram algum trânsito?

– Não, saímos mais tarde por causa do trabalho. Fizemos um evento tão bom que eles pediram mais uma hora. Mas estamos indo rápido. Parker colocou Carter no meio do comboio, então ele não tem como ficar para trás. Gostaríamos de encomendar muitas margaritas geladas e bifes enormes e grossos.

– Será um prazer servi-las. Ei, ouça só isto.

Um instante depois ela escutou o som de ondas.

– O mar! Parker, ouça. – Ela encostou o celular no ouvido da amiga. – É o *nosso* oceano. Você está na praia? – perguntou a Del.

– Apenas dando um passeio.

– Divirta-se, mas não exagere antes de chegarmos.

– Vou me controlar. Ah, você sabe se o Mal já está vindo?

– Não. Ele vai hoje à noite?

– Não sei ao certo. Vou ligar para ele. Vejo você em breve.

– Mal posso esperar. – Ela desligou. – Talvez Mal vá hoje à noite.

– Que ótimo.

– Ele é legal, Parker.

– Eu não disse que não era. Só não estou adaptada ainda à mudança na dinâmica do nosso grupo.

– Além disso, ele tem aquele olhar que diz: "E aí, o que está pegando?"

– Exatamente! – Parker tirou uma das mãos do volante e apontou para Laurel. – Detesto isso. Parece que tem uma conotação meio sexual.

– Sim, mas não é de propósito. Lembra aquele cara com quem você saiu algumas vezes, o Geoffrey? Que tinha sotaque britânico e era barão do vinho ou algo no gênero?

– Ele tinha interesse em alguns vinhedos.

– E era fluente em francês e italiano, entendia de cinema, esquiava em San Moritz... Ele se revelou totalmente vulgar, um idiota machista, sob toda aquela cultura e aquele verniz de educação.

– Nossa, é verdade. – A lembrança fez Parker balançar a cabeça e suspirar. – Em geral eu consigo identificar o tipo, mas esse escapou do radar. Olhe.

Laurel virou a cabeça e vislumbrou o oceano.

– Lá está ele – murmurou. – É real. Nós somos tão sortudas, Parker...

Ela pensou a mesma coisa de novo, ao avistar pela primeira vez a casa.

– É aquela?

– Ahã.

– Aquela é a sua casa de praia? Aquela mansão?

– É grande, mas somos muitos.

– É maravilhosa. Parece que está ali desde sempre, e ainda assim é moderna e bem conservada.

– É maravilhosa, sim – concordou Parker. – Eu esperava que não fosse assim só nas fotos. E é tão reservada... Olhe a faixa de areia, a água, o lago, tudo!

Juntas, as duas examinaram as linhas dos telhados, as muitas janelas, o charme dos terraços, a elegância das cúpulas.

Laurel avistou uma quadra de tênis e uma piscina enquanto Parker seguia pela entrada para automóveis até a frente da casa.

Percebeu que eram momentos como aquele que a lembravam que Del e Laurel não eram apenas ricos. Eram riquíssimos.

– Adorei os ângulos dela – comentou. – Vai dar para ver a água, ou do oceano ou do lago, de todos os quartos.

– Parte da propriedade fica em uma área de reserva. Del e eu queríamos que fosse assim, para protegê-la e mantê-la imaculada. Assim que ele a encontrou, soubemos que era a certa.

– Mal posso esperar para ver o resto.

Enquanto Laurel falava, Del apareceu na varanda da frente e começou a descer. Por um momento, ela se esqueceu de tudo.

Ele parecia muito relaxado, de calça cargo, camiseta e descalço. Os óculos escuros não conseguiam esconder o prazer em seu rosto.

Laurel foi a primeira a descer do carro, e Del lhe estendeu a mão ao se aproximar.

– Aqui está você – disse ele, e a cumprimentou com um beijo suave.

– Bela cabana na praia.

– Também achei.

Parker saltou, deu uma longa olhada na casa, depois se virou para o mar e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Bom trabalho.

Del ergueu o braço para passá-lo pelos ombros da irmã e por um momento os três ficaram ali, juntos, com a brisa soprando e a casa à sua frente.

– Acho que vai dar para o gasto – decidiu Del.

Os outros chegaram, e com eles barulho, movimento, coros de aprovação e curiosidade enquanto começavam a tirar as coisas dos carros e levar tudo para dentro.

As primeiras impressões logo vieram – sol e espaço, madeira brilhante, cores suaves. Do lado de fora de todas as janelas havia a imensidão da água e da areia, solidão e santuário, a promessa de um lugar para se sentar ou um caminho para passear.

O pé-direito alto e o acesso fácil aos quartos davam um agradável toque de casualidade à elegância simples dos móveis. Um lugar, pensou Laurel, onde você se sentiria confortável com os pés para cima ou bebendo champanhe em roupas de gala.

Os Browns, admitiu, tinham estilo.

A cozinha lhe trouxe imediatamente uma onda de prazer, com seus longos balcões cor de palha. Os armários exibiam um alegre aparelho de jantar de cerâmica de cores variadas e o brilho de taças. Ao abrir a gaveta de panelas, murmurou sua aprovação à seleção de panelas e frigideiras.

Ao lado das pias, as altas janelas em arco davam para a praia e o barulho das ondas.

– Fliperama! – gritou Jack.

O que significava que devia haver uma sala de jogos em algum lugar, mas no momento ela estava mais interessada na cozinha, na copa arejada e na proximidade do terraço, para as refeições ao ar livre.

Del lhe entregou uma margarita gelada.

– Como prometido.

– Ah, puxa! – Ela deu o primeiro gole. – Oficialmente de férias.

– Já escolhi um quarto. Quer vê-lo?

– Com certeza. Del, este lugar é... muito mais do que eu imaginava.

– De uma forma boa?

– De uma forma surpreendente.

Laurel deu uma olhada para dentro dos cômodos enquanto eles iam passando. Havia um solário – que ela imaginou ser um espaço para passar as manhãs –, sala de estar, lavabos. Depois os dois subiram a escada de piso de madeira para o segundo andar e entraram em um quarto com uma parede inteira de janelas com vista para o mar. No mesmo instante, Laurel se imaginou na cama de ferro de dossel em meio aos lençóis imaculadamente brancos. Cortinas finas flutuavam ao sabor da brisa nas portas que Del abrira para o terraço.

– É lindo. Fantástico. E ouça.

Ela fechou os olhos e se deixou invadir pelo som das ondas.

– Veja isto – disse Del.

Ela o seguiu até o banheiro.

– Ok. – Laurel pôs a mão no braço dele e o acariciou várias vezes. – Ok, eu poderia morar aqui e jamais sair deste quarto.

A enorme banheira reinava na frente da outra parede de janelas e sobre ladrilhos cor de areia dourada. Através do vidro claro, ela viu o chuveiro com suas múltiplas saídas de água, duchas e um banco de mármore.

– Ducha a vapor – falou Del, e ela quase chorou de emoção.

As grandes pias de louça eram da cor e da forma de conchas. A parede aos pés da banheira ostentava uma pequena lareira a gás e uma TV de tela plana, fazendo a imaginação de Laurel voar do preguiçoso descanso na cama para o preguiçoso descanso submersa na água borbulhante.

Armários espelhados refletiam os ladrilhos, o brilho das texturas, a extensão dos balcões e as belas aquarelas nas paredes.

– Este banheiro é maior que o meu primeiro apartamento.

Mac entrou correndo, com os olhos arregalados e agitando os braços.

– O banheiro, o banheiro! É... Nossa, olhem para este! Não importa. O banheiro! – repetiu, e saiu tão rápido quanto entrou.

– Acho que você acertou em cheio – disse Laurel a Del.

Dali a uma hora, com a churrasqueira a pleno vapor, todo o grupo estava reunido no terraço. Ou Laurel presumiu que sim, até olhar ao redor.

– Cadê Parker?

– Em um tour solo pela casa. – Emma suspirou e tomou um gole de sua bebida, que parecia neve derretida. – Fazendo anotações.

– Eu não mudaria nada. – Com óculos de sol enormes e um chapéu de aba larga, Mac balançou os pés descalços. – Absolutamente nada. Não arredaria pé daqui durante as próximas duas semanas se não houvesse tantos outros pontos incríveis nos quais ficar sem fazer nada.

– Temos que ir dar uma olhada na praia.

Jack pegou a mão de Emma e lhe deu um beijo.

– Temos mesmo.

– É uma ótima área para observação de pássaros – comentou Carter. – Vi uma espécie bem rara enquanto caminhava lá mais cedo. E... – Ele parou e corou um pouco. – Opa, o alerta nerd começou a apitar.

– Eu gosto de pássaros – disse Emma, e estendeu o braço para acariciar a mão dele. – Nós o ajudaremos com o jantar quando você quiser, Del.

– Deixem comigo. – Laurel se levantou. – Assim, na próxima vez, outro casal poderá se encarregar de tudo. Vou preparar alguma coisa como acompanhamento para os bifes.

Além disso, ela queria brincar na cozinha.

Parker entrou quando Laurel misturava pedaços de batatas cozidas no vapor com manteiga temperada com alho e endro.

– Precisa de uma mãozinha?

– Está tudo sob controle. Del deve ter parado em algum mercado de produtores locais quando estava vindo para cá. Muito inteligente da parte dele.

– Ele é muito inteligente. – Parker olhou ao redor de novo enquanto falava. – Já estou apaixonada por este lugar.

– Eu também. A vista, a atmosfera, os sons... E a casa... é incrível. O que quer mudar?

– Nada de mais. Ajustar, mais do que mudar. – Ela foi até a janela. Vozes e risos entravam com a brisa. – Adoro esse som. Aposto que aqui é lindo mesmo no inverno.

– Você leu minha mente. Eu estava pensando que quase sempre temos aquele período mais fraco depois dos feriados de fim de ano.

– Sim, eu pensei nisso. Quem sabe? Del parece tão feliz! Parte disso se deve a você.

Laurel parou o que estava fazendo.

– Você acha?

– Acho. Posso vê-lo daqui, trabalhando na churrasqueira, enquanto você está aí arrumando outras coisas. Isso é bom. – Ela olhou para trás. – Isso me deixa satisfeita, Laurel, do mesmo modo como ouvir as vozes aqui de dentro me faz feliz.

– Eu me sinto da mesma forma.

– Que bom. Isso é ótimo para alguém que ama vocês dois. Então... – Ela saiu de perto da janela. – Vamos comer aqui dentro ou lá fora?

– Em uma noite como esta? Lá fora, com certeza.

– Vou começar a pôr a mesa.

Mais tarde, depois da refeição, eles foram caminhar pela praia. Molharam os pés, observaram as luzes dos navios distantes que cruzavam a noite. Quando o ar esfriou, Laurel chegou a pensar

em um longo banho à luz da lareira.

Mas seu pensamento foi interrompido: a sala de jogos os chamava, e o silêncio se transformou em uma cacofonia de silvos e apitos do fliperama.

Jack e Del disputavam o que parecia ser um jogo de vida ou morte quando Laurel se deu por vencida. Deixou-os, voltou para o quarto e tomou um longo banho, sozinha. Quando vestiu uma camisola e foi para o terraço, percebeu que não olhava para seu relógio havia horas.

Aquilo, sim, eram férias.

– Eu estava me perguntando para onde você tinha ido.

Ela olhou para trás e viu Del.

– Tenho que treinar muito antes de jogar com você ou o Jack. Tomei um banho incrível, à luz da lareira, olhando para o oceano. Estou me sentindo como a personagem principal de um romance.

– Se eu soubesse, teria ido com você e teríamos escrito uma cena de amor. – Ele pôs os braços ao redor de Laurel para que ela pousasse a cabeça em seu ombro. – O dia foi bom?

– Não poderia ter sido melhor. Este lugar, esta vista, esta atmosfera, bons amigos.

– Assim que o vi, eu soube. É disto que nós precisamos.

Não "*eu* preciso", notou Laurel. Não Del. Ele estava pensando em termos de *nós*.

– Eu nunca perguntei a Parker, mas sempre quis saber por que vocês dois venderam a casa em East Hampton.

– Nunca poderíamos vender a de Greenwich, que é o nosso lar. Mas a outra... Ambos sabíamos que nunca poderíamos relaxar lá, ou aproveitá-la. É importante para nós podermos nos lembrar de nossos pais na casa. Isso nos traz algum conforto. Mas a casa que tínhamos na praia? Simplesmente não conseguíamos mais ir lá. Este lugar é novo e teremos novas lembranças aqui.

– E vocês precisaram esperar para fazer isso. Dar-se primeiro um pouco de tempo e espaço.

– Acho que sim. Este é um bom lugar e o momento parece certo.

– Parker já está apaixonada pela casa. Sei que isso é importante para você. Ela me disse, mas mesmo que não tivesse dito, eu saberia. Todos nós saberíamos. Então, obrigada por encontrar o lugar certo no momento certo.

– De nada. – Ele pressionou os lábios contra o pescoço dela. – Você está muito cheirosa – murmurou.

– E estou me sentindo ótima. – Laurel sorriu quando ele lhe acariciou as costas. – Sabe de uma coisa? – Ela ergueu o rosto e roçou os lábios nos de Del. – Acho que deveríamos ir escrever aquela cena de amor.

– Boa ideia. – Com um floreio, ele a carregou nos braços. – Acho que deveríamos começar assim.

– Isso não se tornou um clássico à toa.

Poderia ter havido um lugar mais perfeito, um momento mais perfeito e um estado de espírito mais perfeito, mas Laurel não conseguiu imaginar. Seu persistente relógio biológico a acordou antes do amanhecer, mas ela se entregou ao prazer de saber que não precisava se levantar: podia

ficar exatamente onde estava, enroscada com Del, ouvindo a serenata do mar.

Pegou no sono e acordou várias vezes, e mesmo isso foi perfeito, como o nascer do sol no leste. Em pé na varanda, com as cortinas finas esvoaçando às suas costas, Laurel pensou que ele espalhava seus tons de rosa e dourado apenas para ela.

Inspirada, vestiu um short e uma regata e depois desceu correndo a escada externa. Parker estava lá embaixo, vestida da mesma forma que ela, com os cabelos castanho-escuros presos em um longo rabo de cavalo sob um boné branco da moda.

– Você também está acordada.

– Ah, sim.

Laurel ergueu as mãos.

– O que há de errado conosco?

– Nada. Os outros é que estão dormindo nas férias. Nós estamos aproveitando cada segundo delas.

– Tem toda a razão. Aquela praia pede uma corrida.

– É exatamente o que eu penso.

Elas se aqueceram no caminho e depois correram em um ritmo tranquilo na areia. Não precisavam conversar, apenas se exercitar, seguir a linha da costa com as ondas espumando ao seu lado.

Pássaros alçavam voo ou se exibiam na espuma. Provavelmente Carter gostaria de vê-los, pensou Laurel, mas já era o suficiente tê-los ali, planando, piando, bicando enquanto o sol nascente brilhava na água.

Na volta, elas mantiveram o mesmo ritmo da ida, até avistarem a casa. Laurel se aproximou para tocar o braço de Parker enquanto ela desacelerava.

– Olhe só aquilo. É para lá que estamos indo.

– Não me odeie por falar de trabalho, mas estou pensando que este lugar é maravilhoso para casamentos informais.

– Estou com vontade de bater em você.

– Não posso evitar. *É* um lugar fabuloso.

– Quantos telefonemas você recebeu desde que chegamos aqui?

– Só dois. Tudo bem, três, mas eram só coisas fáceis de resolver. E hoje eu corri na praia ao nascer do sol... Agora estou louca por um café. Aliás... a última a chegar faz o café.

Então ela saiu em disparada. Laurel foi rápida na largada, mas já sabia que a tarefa sobraria para ela. Parker corria como um guepardo.

Quando Laurel chegou ao terraço, abaixou-se e colocou as mãos no joelho para tomar fôlego.

– Eu já ia fazer o café de qualquer maneira.

– Ahã.

– Odeio o fato de você mal estar ofegante, mas ainda assim vou fazer o café e omeletes de clara.

– Sério?

– É, me deu vontade.

Os outros começaram a aparecer quando sentiram cheiro de café, provavelmente também

atraídos pela música que Parker ligara em volume baixo.

Del se inclinou sobre o balcão, passando os dedos pelos cabelos desgrenhados de quem acabara de acordar.

– Por que você não está mais na cama comigo?

– Porque já corri 5 quilômetros na areia e tomei minha primeira xícara de café. – Ela lhe entregou uma. – Daqui a pouco vou tomar café da manhã, que posso dividir com você, porque acordei generosa.

Ele deu um gole na bebida.

– Que bom – retrucou, em seguida saiu para o terraço a fim de se jogar em uma espreguiçadeira.

Emma parou de cortar frutas para revirar os olhos de um jeito que dizia: *homens...*

– Ele se safou hoje porque estou de ótimo humor. – Laurel parou ao ouvir o som de um motor e se aproximou da janela. – Quem deve ser?

Lá fora, Parker preparava uma jarra de suco na mesa quando olhou e viu Malcolm Kavanaugh tirando seu capacete. Ele balançou os cabelos enquanto saltava da motocicleta.

– Que linda a sua cabaninha! – gritou ele para Del, e depois subiu a escada. Deu um rápido sorriso para Parker. – Como vai, Pernas? Parece que cheguei a tempo do café da manhã.

Ele combinava com o grupo, pensou Laurel mais tarde. Parker podia achá-lo um pouco irritante, mas ele se encaixava ali.

No meio da manhã, eles foram marcar território na praia com cadeiras dobráveis, cangas, guarda-sóis e isopores. O ar cheirava a maresia e filtro solar.

Laurel tinha cochilado sobre seu livro quando Del a ergueu de sua cadeira.

– O que foi? Pare com isso.

– Hora de um mergulho.

– Se eu quiser mergulhar, usarei a piscina. Pare com isso!

– Você não pode vir à praia e não entrar no mar.

Ele andou com ela nos ombros e depois a jogou na água.

Laurel ainda conseguiu dizer um pequeno palavrão antes de prender a respiração.

A água gelada se fechou sobre sua cabeça e ela sentiu entrar areia em todos os malditos orifícios enquanto se erguia. Del estava em pé com a água à altura da cintura, sorrindo.

– Droga, Del. Está gelada.

– Refrescante – corrigiu ele, em seguida mergulhou na próxima onda.

Laurel, é claro, nem chegou a vê-la. Depois de levar um caixote, começou a se erguer de novo, ofegante e ainda mais cheia de areia, enquanto Del colocava os braços ao redor de sua cintura.

– Você é tão chato, Del...

– Fiz você entrar, não fiz?

– Gosto de olhar o mar e nadar na piscina.

– Nós não temos o mar em casa – salientou ele. – Lá vem outra.

Pelo menos dessa vez ela estava preparada. Subiu com a onda e teve a satisfação de empurrá-lo para baixo. Ele voltou à superfície rindo. Já que estava molhada, cheia de areia e coberta de sal, Laurel tentou ir além da arrebentação. Quando sua pele e seus músculos se aqueceram, admitiu

que Del tinha razão.

Eles não tinham o mar em casa.

Mergulhou de novo, apenas por prazer. Mais uma vez as mãos dele se fecharam ao redor da sua cintura.

– Já estamos bem longe.

– Chato – repetiu ela.

– Talvez.

Ele a abraçou e eles pegaram mais uma onda. Laurel o sentiu dar alguns impulsos fortes para aproximá-los da praia. *Ora, que se dane*, decidiu, e relaxou o corpo contra o dele, deixando-o fazer todo o trabalho.

Observou seus amigos, na areia e dentro da água, e ouviu os sons de vozes, ondas e música.

– Eu poderia voltar à praia sozinha – disse ela a Del. – Como poderia ter entrado na água sozinha, se quisesse.

– Sim, mas aí eu não poderia fazer isto.

Ele a virou e a beijou enquanto a correnteza os levava.

Mais uma vez Laurel admitiu que ele tinha razão.

capítulodezenove

Laurel queria assar alguma coisa. Talvez fosse o leve tamborilar da chuva matinal que batia nas janelas e transformava a praia em uma aquarela perolada – ou apenas consequência dos vários dias sem fazer nada mais na cozinha do que café ou pipoca.

Supôs que acontecia o mesmo com Parker quando ela escapava por algumas horas todos os dias para se debruçar sobre seu laptop, ou com Mac em relação à sua câmera. E Emma não procurara um lugar para comprar flores e espalhar arranjos por toda a casa?

Depois de alguns dias só dormindo, relaxando, caminhando na praia ou aproveitando as sessões de jogos noturnos, só queria pôr as mãos na massa.

Já checara a despensa, notando que Del a conhecia bem o bastante para ter comprado o básico. Com alguma surpresa, percebeu que ele prestara atenção suficiente ao que ela mantinha em sua própria despensa para adquirir itens mais específicos usados na confeitaria profissional.

Mas ele não sabia tudo, pensou Laurel, porque ela estava com vontade de assar tortas.

Fez uma lista mental, sabendo que poderia não encontrar algumas coisas no mercado.

Deixou um bilhete para Parker.

Peguei seu carro emprestado para ir ao mercado.
L.

Depois pescou as chaves e a bolsa e partiu rumo ao que considerou uma pequena aventura.

Na sala de ginástica, Parker observou a chuva enquanto terminava sua série de exercícios cardiovasculares. Não ligara a TV no noticiário, como era seu hábito – uma concessão às férias. Fosse o que fosse que estivesse acontecendo no mundo, teria de esperar até ela voltar para casa.

Exceto suas noivas. Mas, pensou, aquilo não fora tão ruim. Alguns telefonemas e um punhado de problemas que conseguira resolver a distância.

De fato, era bom saber que podia se afastar e ainda assim fazer o que precisava ser feito.

Sorriu ao avistar Mac com a cabeleira ruiva coberta por um boné, o casaco azul brilhando enquanto ela se dirigia com sua câmera à praia banhada pela chuva.

Elas podiam fugir de casa, mas não de quem eram.

Ficou observando-a por mais um momento e depois foi trocar a música por uma mais calma para o resto dos exercícios.

Era tão bom não precisar ser escrava do relógio, não ter que ajustar sua rotina a um compromisso ou mergulhar em uma tarefa!

Optou por usar a barra e começou com alguns *pliées*.

Quando Mal entrou, ela estava com o pé na barra e o nariz no joelho.

– Que flexibilidade – comentou ele, depois ergueu as sobrancelhas quando ela o olhou. – Você se incomoda se eu ficar um pouco aqui?

– Não, é claro que não. – Irritava-a o fato de sempre se sentir desajeitada e sem graça perto dele. Fez um esforço deliberado para ser amigável. – Fique à vontade. Pode trocar de música, se quiser. Não vai atrapalhar em nada.

Ela se recusou a se sentir incomodada.

Mal apenas deu de ombros e se dirigiu aos pesos para fazer exercícios de supino.

– Eu não sabia que alguém mais estava acordado até ouvir a ruiva.

– Mac já está na praia com sua câmera.

Não havia nenhum motivo para não ser civilizada, disse Parker a si mesma.

– Na chuva?

– Parece que não podemos evitar ser quem somos.

Ela se virou para fitá-lo com um sorriso, mas principalmente por suspeitar de que ele olharia para seu traseiro se não fizesse isso.

– Ainda bem. Já vi as fotos dela. Vocês deveriam pendurar algumas aqui.

Aquilo a surpreendeu, porque já planejava fazer isso.

– Sim, deveríamos. Então... quantos quilos você levanta no supino?

– Geralmente 70. Você tem braços fortes – disse ele depois de uma longa olhada. – Consegue levantar quantos?

– Cinquenta, 55, se estiver com disposição.

– Nada mau.

Parker o olhou de esguelha enquanto se alongava. Sem dúvida os braços dele chamavam atenção. Os músculos se contraíam enquanto ele levantava e abaixava os pesos. No bíceps direito havia um másculo nó celta tatuado.

Ela havia jogado o nome dele no Google só por curiosidade.

Respeitava homens que se mantinham em forma. Quando o vira de calção na praia – não que tivesse prestado muita atenção –, soube que ele era um desses.

Parker passou para os abdominais e Mal para flexões de braço. Depois ela treinou um pouco de pilates e ele fez alguns exercícios de peitoral. Mal não era invasivo, de modo que ela quase esqueceu que ele estava lá e finalizou a série com alguns minutos de ioga para se alongar.

Virou-se para pegar uma garrafa d'água e quase esbarrou nele.

– Desculpe.

– Sem problemas. Está bastante sarada, Srta. Brown.

– Tonificada – corrigiu ela. – Sarado está o senhor, Sr. Kavanaugh.

Ele tirou duas garrafas d'água da geladeira e lhe entregou uma. Então imprensou Parker

contra o refrigerador, colocou as mãos em seus quadris e apossou-se facilmente de sua boca com um beijo ardente.

Parker disse a si mesma que foram a estupefação e a surpresa – de onde viera *aquilo*? – que prolongaram o momento. Então ela o empurrou meio passo para trás, tentando recuperar o fôlego.

– Espere um minuto. Só um instante.

– Está bem.

Parker o avaliou de alto a baixo, mas ele não pareceu afetado pelo olhar que intimidava a maioria dos homens. Ainda assim, não se aproximou dela de novo, apenas a encarou com aqueles olhos muito verdes.

Ele a fazia se sentir em um jogo de gato e rato, pensou Parker. E ela não era um rato qualquer.

– Ouça, se você teve a impressão de que eu... porque estão todos em casal e nós...

– Não, foi você que teve. No feriado. Eu lembro muito bem.

– Aquilo não foi... nada.

– Eu gostei. Mas não, não tive impressão nenhuma. Só gostei da sua boca e pensei em ver se minha memória estava boa. E estava.

– Agora que já descobriu que está... – disse ela, empurrando-o para o lado com o cotovelo.

Depois saiu a passos largos.

Emitindo um som que era um misto de divertimento e prazer, Mal foi trocar a música. Rock combinava mais com seus cabelos rebeldes.

Muito entusiasmada com o mercado de produtores locais, Laurel estava tirando suas sacolas do carro. Talvez tivesse exagerado um pouco, mas se as compras a faziam feliz, não via nada de errado nisso. Tinha o suficiente para assar suas tortas, fazer um pouco de pão e um bolo de café – e o que mais lhe desse na cabeça.

– Acho que o tempo está clareando.

Ela se virou e viu Mac subindo a escada da praia com seu casaco corta-vento brilhando com as gotas de chuva.

– Ah, sim, dá para notar.

– Não, sério. Está vendo? Olhe para lá. – Mac apontou para o céu a leste. – Pequenas partes azuis. Sou otimista.

– E está toda molhada.

– Tirei umas fotos ótimas. – Ela se aproximou para ajudar com as sacolas. – Dramáticas, oníricas, melancólicas. Meu Deus, isto é o paraíso. O que você comprou?

– Só umas coisinhas.

Mac espiou dentro das sacolas e deu um sorriso complacente.

– Você vai fazer tortas. Simplesmente não consegue evitar seu lado mestre-cuca.

– Você não pode falar nada, porque não consegue evitar seu lado fotógrafa.

– Emma está falando sobre criar um jardim praiano. Plantar umas sementes de capim-dos-pampas e... Bem, quem sabe. Isso não significa que somos viciadas em trabalho.

– Não. Só que somos produtivas.

– Muito melhor – concordou Mac enquanto elas subiam a escada com as sacolas. – Estou me divertindo como nunca e agora mal posso esperar para passar as fotos para o computador. Também fiz um vídeo. Queria saber o que fazer para convencer Parker e Del a montar um estúdio de revelação.

– Parker acha que o lugar seria perfeito para casamentos informais.

Mac contraiu os lábios, pensando.

– Talvez isso seja ir longe demais. Só que, droga, realmente seria.

– Não a encoraje – ordenou Laurel, e mudou as sacolas de posição para abrir a porta.

Antes que pudesse fazer isso, Del a abriu.

– Aí está você. – Ele pegou uma sacola de cada uma delas. – Precisávamos de suprimentos?

– Eu precisava.

Ele pôs as compras sobre o balcão e se inclinou para dar um beijo rápido em Laurel.

– Bom dia. Ei, Macadâmia, você está toda molhada.

– O tempo está clareando – insistiu ela. – Vou pegar um pouco de café. Viu Carter?

– Rapidinho. Ele estava com um livro desta grossura – informou Del, esticando o polegar e o indicador.

– Isso o manterá ocupado.

Ela se serviu de café e lhes fez uma saudação ao sair.

– Senti sua falta hoje de manhã na cama – disse Del. – Acordei com o barulho da chuva e das ondas e pensei que este era o lugar perfeito para estar. Mas você não estava lá, então não era.

– Eu saí em uma missão.

– Percebi. – Ele pôs a mão dentro de uma sacola e pegou um limão. – Para fazer limonada?

– Torta de limão com merengue, e acho que torta de cereja também. E ainda quero fazer alguns pães, e quem sabe um bolo de café. Manhãs chuvosas são ótimas para assar coisas.

– Puxa, nossas mentes foram em direções totalmente diferentes nesta manhã chuvosa.

Laurel riu enquanto tirava as compras das sacolas.

– Se você tivesse acordado mais cedo, poderíamos ter tido as duas coisas. Não, deixe que eu faço isso. Sei onde quero colocar tudo.

Ele deu de ombros e deixou a tarefa por conta dela.

– Acho que vou para a sala de ginástica, então, especialmente porque vejo tortas em meu futuro. Depois me diga quanto gastou e eu lhe dou o dinheiro.

Ela parou.

– Por quê?

– Você não deveria ter que arcar com esse tipo de gasto – retrucou ele de forma distraída enquanto tirava uma garrafa de Gatorade da geladeira.

– E você deveria?

Laurel não conseguiu interromper a onda de calor que começou a lhe subir pelo corpo.

– Bem, é...

– A sua casa? – completou ela.

– Sim. Mas eu ia dizer que é mais... justo, já que você vai fazer todo o trabalho.

– Ninguém levantou um dedo ontem à noite quando todos nós fomos jantar fora e você sacou o talão de cheques.

– Aquilo foi apenas... Qual é o problema? Outra pessoa pagará a conta da próxima vez.

– Você acha que eu me importo com seu dinheiro? Acha que estou com você porque pode pagar o jantar e tem uma casa como esta?

Ele abaixou a garrafa.

– Meu Deus, Laurel, de onde você tirou isso?

– Não quero que você me pague nada. Não quero que cuidem de mim e que se dane o que você acha que é *justo*. Posso pagar minhas próprias contas e posso pagar minhas malditas compras quando decidir fazer algumas tortas.

– Certo. Estou um pouco confuso com o porquê dessa irritação em relação à minha sugestão de ressarci-la por um punhado de limões, mas, já que isso a incomodou tanto, retiro a oferta.

– Você não entende – murmurou ela enquanto o irônico "Você não é ninguém" de Linda ecoava em sua mente. – Por que entenderia?

– Por que você não me explica?

Ela balançou a cabeça.

– Vou fazer minhas tortas. Isso me faz feliz. – Ela pegou o controle remoto e ligou em uma música ao acaso. – Então, vá malhar.

– A intenção era essa. – Ele pousou a garrafa, segurou o rosto dela com as duas mãos e estudou-o. – Fique feliz – falou.

Beijou-a, pegou a garrafa de novo e saiu.

– Eu estava – murmurou ela. – Vou ficar de novo. – Com determinação, começou a arrumar as compras.

Malcolm apareceu enquanto ela incorporava gordura vegetal à mistura de farinha para a massa.

– Adoro ver uma mulher que sabe o que faz na cozinha.

– Fico feliz com isso.

Ele foi até a cafeteira, avaliou o resto do conteúdo e o jogou fora.

– Vou fazer um café fresco. Você quer?

– Não, já bebi o suficiente.

– Então, o que está fazendo?

– Tortas. – Ela ouviu a irritação em sua voz e se esforçou para escondê-la. – De limão com merengue e de cereja.

– Tenho um fraco por um bom pedaço de torta de cereja. – Depois que ele fez o café, foi até o balcão e examinou os ingredientes. – Você usa limão de verdade na torta?

– Bem, eles não tinham manga. – Ela o olhou enquanto acrescentava água gelada à receita. – O que mais usaria?

– Achei que usasse aquela caixinha com a foto de uma fatia de torta.

Ela relaxou o suficiente para rir.

– Aquilo não entra na minha cozinha, querido. Só suco e raspas de limão de verdade.

– Quem diria... – Ele se serviu de café e espiou para dentro de um armário. – Ih, biscoitos pré-

cozidos. Você se incomoda se eu ficar olhando?

Desconcertada, ela parou o que estava fazendo para fitar Mal.

– Quer me ver fazer tortas?

– Gosto de ver como as coisas funcionam, mas posso ir embora se estiver atrapalhando.

– Só não toque em nada.

– Combinado.

Ele se sentou em um banco do outro lado do balcão.

– Você sabe cozinhar?

Ele abriu um pacote de biscoitos enquanto respondia:

– Quando fui para Los Angeles pela primeira vez, ou aprendia a cozinhar ou morria de fome, então eu aprendi. Faço um molho de tomate ótimo. Talvez eu prepare um para hoje à noite, especialmente se a chuva continuar.

– Mac disse que o tempo está clareando.

Mal olhou para fora da janela, para a chuva constante.

– Ahã.

– Foi isso que eu disse.

Laurel pegou o rolo de massa, um de ótima qualidade, de mármore, que sabia que Del comprara pensando nela. Isso a fez se sentir mal por ter sido grosseira com ele.

Deixou escapar um suspiro enquanto polvilhava a tábua com farinha.

– É difícil ser rico.

Ela ergueu a cabeça e o olhou.

– O quê?

– Mais ainda ser pobre – continuou Mal no mesmo tom tranquilo. – Fui as duas coisas, de certo modo, e ser pobre é mais difícil. Mas a riqueza também tem um ônus. Eu estava me saindo bem em Los Angeles. Não faltava trabalho. Criei uma boa reputação e tinha uma reserva financeira respeitável quando tive aquele acidente. Isso diminuiu o trabalho, mas eles acabaram me dando uma indenização enorme para compensar meu prejuízo.

– Você ficou muito machucado?

– Quebrei alguns ossos que ainda não tinha quebrado e outros que já tinha. – Ele deu de ombros enquanto dava uma mordida no biscoito. – O fato é que eu estava nadando em dinheiro, pelo menos segundo os meus padrões. Muitas outras pessoas acharam o mesmo, e que podiam nadar junto comigo. É impressionante a quantidade de ratos que saem dos bueiros atrás de uma bela fatia do queijo e que ficam irritados quando não conseguem, ou quando não consideram suficiente o que você dá. Isso me deu uma perspectiva totalmente nova sobre quem ou o que era importante ou não.

– É, posso imaginar.

– Del sempre nadou em dinheiro, então a questão é um pouco diferente para ele.

Laurel parou o que estava fazendo.

– Você estava ouvindo?

– Eu estava passando e escutei a última parte. Não tapei os ouvidos nem comecei a assoviar. Mas talvez você não queira a minha opinião.

– Por que eu iria querer?

O tom frio dela não pareceu intimidá-lo nem um pouco.

– Porque eu entendo. Sei como é importante provar que se pode cuidar de si mesmo, conseguir as coisas sozinho. Minhas origens não são as mesmas que as suas, mas não são muito diferentes. Minha mãe fala, eu escuto – acrescentou ele. – Então, conheço um pouco da história.

Ela deu de ombros.

– Isso não é nenhum segredo.

– Mas é chato ser alvo de fofocas, principalmente quando é uma história antiga e não tem nada a ver com você, mas com os seus pais.

– Acho que eu deveria retribuir dizendo que sei que você perdeu seu pai e que sua mãe voltou para cá para trabalhar para o seu tio. E que isso não deu muito certo para você.

– Ele era um canalha. Sempre foi. – Mal pegou seu café e apontou para ela com a caneca. – Como você faz isso? A crosta? É um círculo quase perfeito.

– A prática leva à perfeição.

– Sim, quase tudo na vida exige prática. – Ele observou em silêncio enquanto Laurel dobrava a massa e a colocava na primeira fôrma de torta, desdobrada. – Parabéns. Bem, seja como for, minha opinião...

– Se vou ouvir a sua opinião, você pode me ajudar descaroçando as cerejas.

– Como?

Laurel lhe entregou um grampo de cabelo e pegou outro.

– Assim. – Ela demonstrou enfiando o grampo na base da cereja e fazendo o caroço pular no topo.

Os olhos dele, muito verdes, se iluminaram de interesse.

– Isso é muito criativo. Deixe-me tentar.

Mal foi mais habilidoso do que Laurel esperara, então ela empurrou duas tigelas na direção dele.

– Caroços aqui, cerejas aqui.

– Beleza. – Ele começou a trabalhar. – Del não pensa em dinheiro como a maioria de nós. Ele não é tolo, disso tenho certeza. E é generoso e protetor por natureza. Por criação também, se pelo menos metade do que ouvi sobre os pais dele for verdade.

– Eles eram pessoas maravilhosas. Incríveis.

– É o que dizem por aí. – Ele trabalhava rápido e habilmente com o grampo e o caroço, deixando-a impressionada. – Ele é compassivo e justo. Não é bobo, mas acredita em usar o dinheiro não só para o próprio conforto e prazer, como também para ajudar pessoas, mudar vidas. É um cara incrível.

– É, sim.

– Além disso, não é um idiota, o que conta muito a favor dele. Ei, você não vai chorar, vai? – perguntou Mal cautelosamente.

– Não. Não choro fácil.

– Ótimo. Então, o que quero dizer é que ele comprou esta casa, ou ele e Pernas compraram.

– Vai mesmo continuar chamando a Parker de Pernas?

– Com certeza ela merece. Voltando ao assunto, foi um investimento, é claro. E uma válvula de escape para os dois. Mas eles trazem os amigos. Poderiam ter dito: "Muito bem, férias. Vemos vocês daqui a algumas semanas." Mas não foi isso que fizeram.

– Não, não foi.

Sua boa impressão sobre Mal aumentou muito. Ele entendia, e era grato.

– Então temos esta casa cheia de gente. Eu fiquei um pouco sem graça de vir, mas sou assim. Para Del, é: já que temos este lugar, vamos usá-lo. Sem peso, sem amarras.

– Você está certo. Droga.

Os olhos muito verdes dele fitaram os dela de novo, com uma compreensão que quase a fez "chorar".

– Mas ele não entende que carregamos nossos próprios pesos, nossas próprias amarras. Ele não sente ou vê isso... Se sentisse...

– Ficaria irritado ou ofendido – completou Laurel.

– Sim. Mas às vezes uma mulher precisa comprar seus próprios limões, portanto ele terá que lidar com a irritação e a ofensa.

Laurel terminou a outra crosta e a colocou na segunda fôrma.

– Eu deveria conseguir explicar isso a ele. Acho que o problema é meu.

– Concordo.

– Logo agora que eu estava começando a gostar de você – disse ela, mas sorrindo.

Quando Emma entrou, Laurel estava ensinando-o a fazer merengue.

– Torneio na sala de jogos daqui a uma hora.

– Pôquer? – perguntou Mal, animando-se.

– Ainda em discussão. Jack e Del estão planejando algum tipo de decatlo, e pôquer é uma das modalidades. Estão discutindo o sistema de pontuação. Oba, torta!

– Tenho que terminar isto e depois vou começar a fazer uns pães enquanto Mal prepara um molho de tomate.

– Você sabe cozinhar?

– Prefiro jogar pôquer.

– Ah, bem, eu poderia...

– Nada disso. – Laurel apontou um dedo para Mal. – Temos um acordo.

– Está bem. Mas o torneio não pode começar enquanto eu não terminar aqui. E não vou lavar a louça.

– É justo – concordou Laurel. – Precisamos de uma hora e meia – disse ela, dirigindo-se a Emma. – Se o resto dos participantes quiser comer hoje à noite, terá que esperar por nós.

Laurel tinha levado um timer e o programou para o fim da segunda etapa de descanso do pão. As tortas esfriavam em suas grades e o molho de Mal fervia em fogo brando.

Aquilo parecia ótimo para um dia chuvoso.

Quando Laurel entrou na sala de jogos, percebeu que Del e Jack também não tinham ficado parados.

Haviam montado estações e até mesmo as numerado. A mesa de pôquer, o XBox, o tapete para o Dance Dance Revolution e o temido totó.

Laurel detestava totó.

Várias pessoas tinham entrado e saído da cozinha na última hora, carregando petiscos e bebidas. No bar havia tigelas com batatas fritas, molho mexicano, queijos, frutas e torradas.

Em algum momento na última hora eles também haviam criado um placar e relacionado os nomes.

– Isso parece bem sério.

– Competição não é para covardes – disse Del. – Parker tentou banir os charutos das rodadas de pôquer. Foi derrotada. Estou ouvindo Mal fazendo o jantar.

– Sim, essa parte está sob controle. Vamos precisar de alguns intervalos para checar as coisas.

– É justo.

Sim, ele era bem justo, pensou Laurel. Generoso por natureza, como dissera Mal. Tivera um trabalho considerável ali – para o próprio benefício, é claro, já que o homem adorava jogar. Mas também se certificara de que todos se divertiriam.

Ela curvou o dedo para chamá-lo a um local mais reservado enquanto Mac discutia com Jack sobre as escolhas de videogames.

– Não vou me desculpar pelo que disse, mas pelo modo como disse – começou.

– Tudo bem – retrucou ele.

– Também não quero que nenhum de nós dois pense, jamais, que é sua carteira que deve ser aberta.

O rosto dele revelou frustração.

– Eu não penso. Você não pensa. Isto não é...

– Então é isso que importa. – Laurel ficou na ponta dos pés para tocar os lábios dele de leve com os seus. – Não se esqueça disso. Terá muito com que se preocupar quando eu vencê-lo no torneio.

– Sem chance. O troféu do Primeiro Torneio de Praia Brown Anual já é meu.

– Temos um troféu?

– É claro. Jack e Parker o fizeram.

Laurel olhou na direção do dedo dele. Sobre o console da lareira havia o que poderia ser um pedaço de madeira flutuante ou restos de um naufrágio, com conchas coladas estrategicamente em forma de um biquíni primitivo. Pedaços de algas secas cobriam a "cabeça". Eles também haviam desenhado um rosto com um sorriso selvagem e cheio de dentes.

Ela desatou a rir e se aproximou para olhar mais de perto.

Melhor assim, pensou Del. Laurel tinha se esquecido do que quer que a houvesse afligido mais cedo. No entanto, isso não significava que a questão não poderia ressurgir para afligi-la de novo.

Ele tivera tempo para pensar sobre o que acontecera e achava que tinha uma ideia do motivo, ou pelo menos de parte dele, e de onde aquilo poderia ter vindo.

Também achava que sabia como descobrir.

Olhou para Emma, no bar.

Só precisava aguardar o momento e usar a abordagem adequada.

– Os jogos vão começar – gritou Jack, e ergueu um chapéu. – Todos peguem um número para a primeira rodada.

Ela realmente detestava totó. Seu fracasso foi tão grande que até mesmo Carter a venceu. *Isso*, pensou, era humilhante.

Ainda assim, tinha se saído muito bem no fliperama. Com um pouco de sorte e habilidade, conseguiu ficar um pouco à frente de Jack e Del. Para grande desgosto deles.

Isso era gratificante.

Sentiu que se daria bem no pôquer. Mas no momento Mal e Parker estavam arrasando no competitivo Dance Dance Revolution. Ela precisaria se superar para ter uma mínima chance de conquistar o troféu.

Tomou um gole de vinho enquanto Parker e Mal obtinham duplas de ases em sua segunda de três rodadas.

Droga, estava ferrada.

Talvez fosse injusto pensar que ter Mal ali equilibrava as coisas – mas equilibrava. É claro que Parker era capaz de arranjar alguém se quisesse, mas aquilo era um belo impulso.

Além disso, eles ficavam muito bem juntos.

Muito bem.

E talvez ela devesse voltar a beber água se quisesse chegar ao menos perto de ser um cupido.

Deu de ombros, tomou outro gole e depois se preparou para sua rodada no XBox.

Entrou na rodada final disputando com Mac o quinto lugar depois de arrasar com Jack no Dance Dance Revolution.

– Droga de jogo – murmurou ele. – Acabou com minha posição.

– Você está em quarto lugar. – Emma cutucou a barriga dele. – Eu estou em último. Há algo de errado com isso. Meu controle deve estar com defeito. – Ela arrancou o charuto da mão dele. – Para dar sorte – decidiu, e deu uma tragada. – Argh, não vale a pena.

Depois de quarenta minutos no Texas Hold'Em, Laurel fez um *flush* de copas. Isso a colocaria na frente e possivelmente eliminaria Emma, Mac e até mesmo Carter.

Enquanto a aposta corria na mesa, ela sentiu uma agitação enquanto seus oponentes passavam a vez, um a um. Até chegar a vez de Carter.

Ele pensou, considerou, avaliou... infinitamente, na opinião de Laurel. Então pagou para ver.

– *Flush* de copas com ás – disse ela, revelando as cartas.

– Muito bem – elogiou Del.

– Ah. – Carter ajustou seus óculos, parecendo pesaroso. – *Full house*. Rainhas com sete. Sinto muito.

– Uhul!

Laurel fechou a cara à exclamação de Mac.

– Lamento, mas tenho que torcer por ele. Nós vamos nos casar.

– Talvez você possa ir dar uma olhada no molho – sugeriu Mal.

– Sim, vou lá. – Ela se afastou da mesa. – Foi o estúpido totó.

Na cozinha, Laurel mexeu o molho devagar e depois se dirigiu ao terraço.

A previsão de Mac finalmente se concretizara. O tempo havia clareado. Tinha levado o dia inteiro para isso, mas o céu estava ficando azul de novo. Haveria uma lua mais tarde, e estrelas.

Uma noite perfeita para andar pela praia.

Ela voltou para onde estavam os outros e viu Emma no bar se servindo de uma Coca-Cola Light.

– Você está fora?

– Estou.

– Ótimo, assim não vou ficar em último.

– Eu poderia odiá-la por isso, mas sou magnânima. Jack está nas últimas fichas. Nosso amor não nos agraciou com habilidade e sorte hoje. Mas foi bem divertido de qualquer maneira. Bem, lá se vai o meu homem. Acho que eu deveria ir consolá-lo.

Mais meia hora se passou entre as eliminações, e a contagem ainda levou alguns minutos.

No final, Del se afastou do placar para ir pegar o troféu.

– Senhoras e senhores, temos um empate. Parker Brown e Malcolm Kavanaugh terminaram com 134 pontos cada um.

Mal sorriu para Parker.

– Parece que vamos dividir o prêmio, Pernas.

– Poderíamos ter um desempate, mas estou cansada demais. – Ela estendeu a mão para apertar a dele. – Vamos dividir.

capítulovinte

Del encontrou sua oportunidade de falar com Emma a sós por um bom tempo no dia seguinte, quando sugeriu que os dois fossem de carro à chácara local para ver que tipo de plantas ela gostaria de levar para a casa de praia.

Emma ficou tão empolgada com a ideia que Del se sentiu um pouco culpado. Decidiu que a compensaria deixando-a escolher o que quisesse, mesmo que isso significasse contratar uma equipe de paisagismo local para manutenção.

Emma leu os pensamentos dele no minuto em que entrou no carro.

– O segredo é escolher plantas que não precisem de muita manutenção – começou ela. – Eu adoraria fazer rios inteiros de cores e texturas, mas você não mora aqui. Não faz sentido precisar contratar uma equipe para cuidar das plantas depois, já que você só virá aqui algumas vezes por ano.

– Certo.

O que ela quisesse, repetiu Del para si mesmo. Qualquer coisa.

– Outro segredo é nos atermos a plantas e relva típicas da praia, e buscar uma aparência natural. Vai ser divertido!

– Claro, claro.

– Vai, sim! – Ela riu e lhe deu uma cotovelada. – Vou adorar fazer isso, e será minha pequena retribuição pelas férias. Este lugar é lindo, Del. Estamos todos muito felizes por estar aqui.

– Retribuição? Ora, por favor, Emma.

– É legal fazer algo para demonstrar gratidão. Você não vai conseguir me impedir, portanto nem pense nisso. Nossa, o dia está lindo. Mal posso esperar para começar.

– É bom dar uma escapulida para relaxar de vez em quando. Bom para todo mundo.

– Sem dúvida.

– Para nos livrarmos das preocupações. Todos nós passamos por momentos estressantes, não só no trabalho, mas provenientes de outras fontes também. Laurel, por exemplo, teve sua dose no encontro com Linda.

– Ah, ela lhe falou. Eu não tinha certeza se mencionaria o assunto.

Emma se recostou enquanto uma expressão de raiva surgia em seu rosto.

– Foi muita sorte Laurel ter encontrado Linda antes de ela entrar na casa de Mac e Carter, mas não gostei de saber que ela precisou enfrentar aquela mulher sozinha – disse Del.

– Ela conseguiu lidar com a situação, mas não teve ajuda quando Linda a atacou. Ela ficou muito chateada. Aquela mulher sabe como enfiar o dedo na ferida.

– Nada do que Linda diz tem importância.

– Não, mas palavras magoam, e ela sabe muito bem quais usar. Ela é... uma predadora, e procura os pontos fracos da pessoa. Conseguiu atingir Laurel em cheio. Primeiro com o pai dela, depois com você. Sem dar trégua.

– Mães e pais são os pontos fracos de muita gente. Laurel deveria se orgulhar de quem se tornou apesar deles.

– Concordo, mas é mais fácil para você e para mim porque nós não tivemos que lidar com o "apesar" dos nossos pais. Sempre contamos com o amor e o apoio deles. No caso de Laurel, saber que o pai, além de ser um fraco, tinha um gosto péssimo o suficiente para se envolver com Linda, é difícil de engolir. E, enquanto ainda tentava digerir isso, Linda começou a jogar na cara dela que as pessoas estavam falando e rindo dela pelas costas, que ela estava *delirando* se achava que você algum dia levaria a sério alguém como ela, que todos sabem que ela só está atrás do dinheiro e do status dos Browns, por causa de suas origens.

Emma parou por um momento, fervendo de raiva, e Del permaneceu em silêncio enquanto pensava no que tinha ouvido.

– O que ela disse foi horrível – continuou Emma –, porque tornou Laurel uma interesseira patética e você, um canalha que está transando com a amiga da irmã só porque pode. O pior é que é exatamente assim que Linda pensa, e ela fala tudo isso com conhecimento de causa. Ela conseguiu fazer Laurel chorar, o que é quase impossível. Se Linda não tivesse ido embora quando cheguei lá eu teria... E... Ah, droga, *droga*! Laurel não lhe contou nada disso.

– Ela me falou sobre o encontro com Linda, e sobre tê-la expulsado. Mas omitiu vários pontos importantes.

– Droga, Del, *droga*! Você me fez contar o resto.

– Sim, mas não tenho o direito de saber?

– Talvez, mas eu não tinha o direito de contar. Você me fez trair uma amiga.

– Você não traiu ninguém. – Ele entrou no estacionamento da chácara, parou e se virou para Emma. – Ouça, como posso consertar a situação se não souber?

– Se Laurel quisesse que você consertasse...

– Parece que Laurel se irrita com a ideia de eu consertar qualquer coisa. Mas vamos deixar isso de lado por um minuto. Linda é um problema para todos nós. Mas nesse incidente específico, foi atrás de Laurel. Ela a magoou. Você não disse que teria dado um jeito nela se soubesse na hora?

– Sim, mas...

– Acha que estou com Laurel só porque posso? Que estou dormindo com Laurel porque ela está disponível?

– Não, é claro que não.

– Mas há uma parte dela que acha isso, não é?

– Não cabe a mim responder e não é justo da sua parte me perguntar.

– Está bem, vou reformular a pergunta.

Emma tirou os óculos de sol para poder olhar para ele.

– Não me venha com essa conversa de advogado, Delaney. Estou com muita raiva de você neste momento.

– Eu precisava saber, e ela não me conta. Em parte por orgulho, eu acho, mas também por acreditar um pouco nisso. E talvez a culpa seja minha. Ontem me passou pela cabeça que a discussão das duas tivesse sido nesse sentido, mas precisava de uma confirmação.

– Bom para você.

Emma começou a abrir sua porta. Del pôs a mão no braço dela.

– Emma, ao não saber, ao não lidar com isso, eu a estou magoando. Não quero magoá-la.

– Você deveria ter lhe perguntado diretamente.

– Ela não me contaria. Você sabe que não, não sem eu ter um modo de colocá-la contra a parede. Agora tenho. Droga, eu a ofendi ontem, quando me ofereci para lhe pagar por umas compras que ela fez, porque não sabia de nada. Isso não tem a ver com Linda, embora eu já pretendesse lidar com ela, como vou fazer. Tem a ver comigo e com Laurel.

– Nisso você tem razão. – Ela deixou escapar um suspiro. – Mas você me colocou em uma situação horrível, Del.

– Desculpe, mas ainda preciso lhe pedir que não fale com Laurel sobre isso. Não até eu conversar com ela. Se Laurel não acreditar totalmente que o que temos é real, nosso relacionamento nunca vai funcionar. Nunca vai dar certo. E, se sou responsável por isso, mesmo que em parte, tenho que mudar a situação. Então eu lhe peço que me dê uma chance de consertar.

– Meu Deus, você é bom. Como posso lhe negar isso?

– Eu estou sendo sincero. Laurel e eu precisamos nos desarmar um pouco para descobrir o que há por trás dessa armadura. Quero que você me dê uma chance de fazer isso.

– Eu adoro vocês dois e quero que sejam felizes. Então, acredite em mim, Del, é melhor que consiga. Se estragar tudo, ou a deixar estragar, colocarei a culpa em você.

– É justo. Você vai ficar com raiva de mim?

– Eu o aviso depois que você falar com ela.

Ele se inclinou e beijou a bochecha dela. Dessa vez Emma deixou escapar um suspiro.

– Vamos comprar algumas plantas.

Del tentou ser paciente enquanto Emma demorava uma eternidade para escolher os espécimes. Além disso, sempre que pensava em apressá-la, ela lhe lançava um olhar duro como aço.

No final, eles colocaram no carro o que cabia e providenciaram para que o restante – que não era pouco – fosse entregue.

– Leve-a para dar uma volta na praia – sugeriu Emma. – Para longe de nós. Não tente falar sobre isso dentro ou perto da casa, onde há muitas possibilidades de interrupção. Se você for interrompido, ela terá uma chance de parar para pensar ou se esquivar.

– Bem pensado. Obrigado.

– Não me agradeça. Posso não estar fazendo isso por você. Posso estar fazendo apenas por ela.

– Não importa.

– Acredite em mim: se ela voltar chateada, vou chutar o seu traseiro. Ou fazer o Jack chutar.

– Não sei se ele conseguiria chutar o meu traseiro. Mas você, tenho certeza que sim.

– Tenha isso em mente e não estrague tudo. – Ela parou por um momento. – Você a ama?

– É claro.

Emma se virou para ele.

– Que resposta ridícula. Uma coisa ridícula de se dizer. Eu realmente deveria chutar seu traseiro.

– Por que...

– Não. – Ela balançou a cabeça e olhou direto para a frente. – Chega de lhe dizer o que fazer. Você tem que lidar com isso sozinho, ou não será verdadeiro. Ficarei fora do caminho. Vou cuidar das plantas. É a melhor coisa que posso fazer para vocês dois. – Ela mordeu o lábio inferior. – Não diga "É claro", seu idiota.

– Está bem.

Quando ele parou na casa, Emma cumpriu o prometido. Descarregou as ferramentas que eles haviam comprado e começou a cavar na mesma hora.

Mas os planos de atrair Laurel para um passeio na praia teriam que ser adiados.

– Ela saiu com a Parker. Foram fazer umas compras – disse-lhe Jack. – Parker queria umas coisas para a casa, e tinha uma lista. Também as ouvi falarem sobre brincos. Mac está na piscina, Carter lá embaixo na praia lendo e Mal em algum outro lugar. Eu já ia descer.

– Elas disseram a que horas voltariam?

– Cara, elas foram fazer compras. Pode ser daqui a uma hora ou três ou quatro dias.

– Certo.

– Algum problema?

– Não, não. Só queria saber.

Jack pôs seus óculos escuros.

– Quer ir à praia?

– Sim. Vou descer daqui a pouco.

– Acho melhor ir ver se Emma precisa de alguma ajuda antes de descer. Muito obrigado por isso.

– Espere até o resto das coisas chegar. A maioria não coube no carro.

– Que ótimo.

Depois de uma hora elas ainda não tinham voltado, e Del precisou combater os primeiros vestígios de irritação. Andou pelo terraço e pensou em todas as possibilidades possíveis, como fazia antes de ir ao tribunal.

Ouviu as vozes de Emma, Jack, Carter, Mac e Mal indo e vindo. Avistou-os na praia, dentro do mar, no caminho. Quando escutou o grupo chegando – provavelmente em busca do almoço –, saiu para nadar e pensar mais.

Depois, com a tarde se arrastando, pensou em ligar para o celular de Laurel. Estava quase se rendendo e fazendo isso quando enfim viu o carro de Parker virar na entrada para automóveis.

Desceu enquanto ambas descarregavam uma montanha de sacolas de compras e riam como crianças.

Não tinha nenhuma desculpa para isso, mas estava profundamente irritado.

– Ah, Emma, isso é fabuloso! – gritou Parker.

– Sim, e ainda nem terminei!

– Faça uma pausa e venha ver o que compramos. Foi muito divertido. Olá. – Laurel parou e deu um sorriso para Del. – Apareceu bem na hora de ajudar a carregar tudo isto. E, por favor, vá ligar o liquidificador, porque as compras nos deixaram com vontade de tomar margaritas na praia.

– Eu estava começando a ficar preocupado.

Ele ouviu o tom em sua própria voz e quase estremeceu.

– Ah, pare de reclamar, pai. Tome, segure isto. – Ela lhe empurrou algumas sacolas. – Em, nós descobrimos uma loja de presentes maravilhosa. Temos que voltar!

– Quer dizer que sobrou alguma coisa lá? – perguntou Mal enquanto se aproximava para ajudar também.

– Acho que fomos a todas as lojas em um raio de 80 quilômetros, mas ainda deixamos algumas sobras. Não fique tão irritado. – Laurel riu para Del. – Eu comprei uma coisinha para você.

Sem outra escolha, ele carregou as sacolas escada acima. E teve que recuar quando as mulheres passaram por eles para mostrar as compras.

– Por que não damos uma caminhada na praia? – perguntou ele a Laurel.

– Está brincando? Já andei um milhão de quilômetros. Preciso de uma margarita. Quem está encarregado do liquidificador? – gritou.

– Deixe comigo – ofereceu-se Mal, e foi para a cozinha.

Del olhou para Emma, esperando alguma ajuda. Ela apenas deu de ombros e voltou a admirar a cena.

Vingativa, pensou ele.

– Aqui. – Laurel lhe entregou uma caixa. – Uma lembrancinha.

Já que não podia vencê-las, Del ficou quieto.

– Um móbile – falou ela quando ele terminou de desembrulhar o presente. – De vidro reciclado. – Ela estendeu o braço e passou o dedo em um dos cacos coloridos lisos. – Achei que poderia ficar bom na sua casa, para relembrar os bons tempos.

– É incrível. – Ele deu um tapinha em um caco, fazendo vários tilintarem. – Incrível mesmo. Obrigado.

– Comprei um menor para a minha sala de estar. Não consegui resistir.

Eles começaram a beber margaritas e a falar sobre o jantar. Del não conseguiu fazê-la se mover.

Seja paciente, lembrou a si mesmo.

Foi capaz de seguir o próprio conselho até quase o pôr do sol.

– Caminhada. Praia. Nós dois.

Ele pegou a mão de Laurel e a puxou na direção da porta.

– Mas nós vamos...

– Mais tarde.

– Como você é chato – disse Laurel, mas entrelaçou os dedos nos dele. – Nossa, o dia está

mesmo lindo. Olhe só para o céu. Acho que devo uma visita à praia, já que passei todas aquelas horas fazendo compras. – Ela bateu com um dedo em seu brinco novo. – Mas agora tenho muitas coisas boas para lembrar das férias. Quando estivermos trancados dentro de casa no próximo inverno, poderei olhar ao redor e dizer: o sol vai voltar.

– Eu quero que você seja feliz.

– Neste momento, seu desejo é uma ordem. Eu estou muito feliz.

– Eu precisava falar com você, lhe perguntar uma coisa.

– Claro. – Ela se virou para olhar para a casa que ficara para trás. – Emma estava certa sobre as plantas.

– Laurel, preciso que você preste atenção.

Ela parou.

– Está bem. Qual é o problema?

– Não sei ao certo. Quero que você me diga.

– Ué, não há problema nenhum.

– Laurel. – Del pegou as duas mãos dela. – Você não me contou que Linda falou com você sobre mim. Sobre nós dois. – Ele sentiu as mãos dela se enrijecerem.

– Eu lhe disse que cuidei do assunto. Emma não tinha o direito de...

– Não foi culpa dela. Eu a induzi a falar. Ela achou que você tivesse me contado a história toda, o que você deveria ter feito. Mais importante do que isso, Laurel, deveria ter me contado que achava que alguma parte do que ela falou poderia ser verdade. Se eu disse ou fiz algo para fazê-la pensar assim...

– Não fez. Vamos deixar isso para lá.

– Não. – Ele apertou as mãos de Laurel quando ela tentou soltá-las. – Ela a magoou e, indiretamente, eu também a magoei.

– Esqueça isso, Del. Já passou. Não quero falar sobre Linda.

– Não é sobre ela que estamos falando. Estamos falando sobre nós. Droga, Laurel, não pode ser sincera comigo? Não podemos ser sinceros um com o outro?

– Eu estou sendo sincera. Disse que não havia nada de errado.

– Não há. Não há nada de errado quando você fica tão irritada por eu me oferecer para pagar por umas malditas compras. Ou por um bolo que lhe pedi para fazer. O problema não são essas coisas, mas o que há por trás delas.

– Eu já tinha falado, com todas as letras, que não precisava do seu dinheiro. Não quero você me *contratando*...

– Laurel. – O tom dele, totalmente razoável, a fez parar. – Eu nunca pretendi fazer isso. Nunca. E você deveria saber. Você disse que a relação tinha que ser de igual para igual, mas não pode ser se não me contar o que quer, o que precisa, o que está sentindo.

– Como você pode não saber? – perguntou ela.

– Porque você não me diz.

– Eu não digo? E esse tempo todo? Como você pode olhar para mim, me tocar, estar comigo e não saber? – Laurel se virou para o outro lado e depois para ele de novo. – Certo, certo. Eu sou responsável pelos meus próprios sentimentos e claramente é estupidez da minha parte esperar

que você consiga *perceber*. Você precisa que eu lhe diga, então aí vai. De igual para igual? Nunca haverá igualdade enquanto você apenas gostar de mim e eu for perdidamente apaixonada por você. Sempre fui e você nunca viu isso.

– Espere...

– Não. Quer que eu seja sincera? Eu serei. Você é o único. Sempre foi. Nada, *nada* que eu já tenha feito alterou esse fato. Mudar-me para Nova York, tentar encontrar meu caminho, me tornar *algo* de que pudesse me orgulhar. Meus sentimentos ainda estavam lá. "Só existe Del, e não importa o que eu faça, o que realize, ainda me falta isso." Nunca adiantou tentar sentir algo real e importante por outros homens. Eles apenas preencheram uma lacuna temporária, e todas aquelas relações foram fadadas ao fracasso. Porque nenhum deles era você.

Ela afastou os cabelos do rosto quando o vento os soprou para seus olhos.

– Eu não consegui afastar ou racionalizar esse sentimento, não importava quanto fosse doloroso, humilhante ou apenas irritante. Lidei com isso, e então o mudei. Eu o mudei, Del.

– Tem razão. – Ele estendeu o braço para afastar do rosto de Laurel as lágrimas que ela quase nunca derramava. – Ouça...

– Ainda não terminei. Eu mudei as coisas, mas você ainda está tentando, sempre tentará, *cuidar* delas. De mim. Não quero ser sua responsabilidade. Sua obrigação. Seu animal de estimação. Não vou aceitar isso.

– Pelo amor de Deus, eu não penso assim. Não me sinto assim. Eu te amo.

– Sim, você me ama. Ama todas nós e teve que assumir as rédeas quando os seus pais morreram. Sei disso, Del, eu entendo, e *sinto muito* por você e pelo que precisou enfrentar. Estando com você, entendo mais e sinto mais.

– Isso não tem nada a ver.

– De certo modo, sempre teve. Mas é diferente agora, conosco. Ou deveria ser. Eu me sinto bem com as coisas como elas são, ou pelo menos me sentia. Não acabei de lhe dizer que estou feliz? O que quero? O que preciso? Se eu precisar falar sempre, se tiver de lhe dar uma maldita lista, então *não* será o que quero, o que preciso. Não estou lhe pedindo declarações ou promessas. Posso viver o presente e ser feliz com o momento. Tenho o direito de ficar magoada e chateada quando alguém como Linda me fere. E tenho o direito de guardar isso até a ferida cicatrizar. Não preciso que você me pressione a falar sobre meus sentimentos quando eu nunca o pressiono.

– Pois é – murmurou ele. – Você não pressiona. Por quê?

– Talvez porque eu não queira ouvir as respostas. Não, eu não quero ouvi-las – falou ela antes que Del pudesse retrucar. – Não quero ouvir o que você tem a dizer agora que me abri e me sinto uma tola. Você não pode esperar isso de mim. Preciso me recuperar. Me recompor. Quero ficar sozinha.

Ele a observou correr para a praia. Podia ir atrás dela, pensou. Podia alcançá-la e obrigá-la a ouvi-lo. Mas, se fizesse isso, ela não o escutaria.

Então, deixou-a ir.

Laurel precisava de mais do que palavras, percebeu. E ele *queria* lhe dar mais. Quem se abrira fora ela, pensou, mas ao fazer isso Laurel lhe mostrara muito claramente o que estava dentro *dele*.

Ela correu para se recuperar, se recompor, se acalmar. A verdade é que entendera que aquele momento na praia teria ocorrido em algum momento, em qualquer lugar. Não poderia tê-lo evitado para sempre. Nenhum deles poderia. Melhor que tivesse ocorrido logo do que mais tarde.

Se isso pusesse fim ao seu relacionamento com Del, ela se curaria. Sabia cuidar das próprias feridas, aceitar as próprias cicatrizes.

Ele seria gentil, e ela odiaria isso. Então eles seguiriam em frente. De algum modo.

Subiu para o quarto pela escada externa, esperando evitar todo mundo até a manhã.

Mas suas três amigas já a esperavam.

Emma se levantou.

– Me desculpe por ter falado sobre Linda.

– Não foi culpa sua, e não tem importância.

– Foi, e tem, sim. Me desculpe.

– Foi minha mãe quem detonou a bomba – disse Mac. – Sinto muito.

– Ele é meu irmão. – Parker estendeu a mão. – Sinto muito.

– Bem, somos mesmo um grupo que sente muito. – Laurel se sentou na cama. – Na verdade, não é culpa de ninguém. As coisas são assim, só isso. Mas acho que vou dispensar a diversão e os jogos hoje à noite. Vocês podem arranjar uma desculpa, não é? Dor de cabeça, cansaço das compras, margaritas demais.

– É claro, mas...

Mac parou de falar e olhou para Parker e Emma.

– O que foi? O que houve agora?

– Del foi embora – falou Parker, e se sentou ao lado dela.

– Foi embora? Como assim, *foi embora*?

– Ele disse que voltaria de manhã. Que precisava fazer uma coisa. Deu a entender que era trabalho, mas...

– Ninguém acreditou. – Laurel pôs a cabeça entre as mãos. – Ótimo. Simplesmente ótimo. Eu lhe disse para ir embora. Desde quando ele me escuta? Agora está tudo terminado. Eu é que deveria ter ido embora. Pelo amor de Deus, a casa é dele.

– Ele vai voltar. – Emma se aproximou para afagar as costas de Laurel. – Talvez só quisesse lhe dar um pouco de espaço. Vocês vão fazer as pazes, querida.

– Não vamos fazer as pazes. As coisas que eu disse...

– Todos dizem coisas ruins no calor do momento – observou Mac.

– Eu falei que o amava, que sempre o amei. E que nunca houve mais ninguém. Basicamente, abri meu coração.

– O que ele respondeu? – perguntou Parker.

– Nada, porque foi nesse momento que eu disse que não queria ouvi-lo, que queria ficar sozinha. E saí andando. Na verdade, saí correndo.

– Ele não foi atrás de você? – bufou Emma. – Idiota.

– Não, ele não é idiota. Apenas me conhece o suficiente para saber que eu estava sendo sincera. Só que eu não esperava que ele fosse mesmo embora. Às vezes você conhece uma pessoa durante a vida toda e ainda assim ela a surpreende. Vamos tentar não deixar isso estragar tudo.

Eu ficaria péssima se isso acontecesse. Só quero ir para a cama.

– Nós vamos ficar com você – murmurou Emma.

– Não. Vou para a cama e vocês me farão o favor de sair e fingir que está tudo bem. Situação normal. Eu agradeceria de verdade.

– Certo – disse Parker antes de Emma poder protestar. – Se precisar de companhia ou qualquer coisa, é só bater na minha porta.

– Eu sei. Vou ficar bem e estarei melhor de manhã.

– Se não estiver e quiser ir para casa, iremos.

Parker a puxou para um abraço.

– Ou chutaremos os homens para fora e ficaremos – completou Mac.

– As melhores amigas do mundo. Vou ficar bem.

Quando as três saíram, Laurel continuou onde estava, e sabendo que uma delas voltaria para vê-la dali a uma hora, se obrigou a se levantar e se preparar para ir para a cama.

Tivera suas férias de verão, lembrou a si mesma. Ninguém jamais poderia lhe tirar isso. Tivera o amor de sua vida por uma estação. Nem todos podiam dizer o mesmo.

Laurel sobreviveria. Ainda que ela e Del não pudessem mais ser namorados, sempre poderiam ser uma família, então encontrariam um modo de curar a ferida.

Ficou deitada no escuro sofrendo. Tentou se consolar dizendo a si mesma que aquilo melhoraria com o tempo. Então virou o rosto para o travesseiro e chorou um pouco, porque na verdade não acreditava nisso.

A brisa marinha tocou seu rosto como um beijo doce e suave. Ela suspirou, buscando o sono e o entorpecimento que ele trazia.



– Acorde.

Ela abriu os olhos e viu Del.

– O quê?

– Acorde, ande. Levante-se e venha comigo.

– O quê? – repetiu ela, tentando pensar. A luz era fraca e prateada antes do amanhecer. – O que você está fazendo? Aonde foi? Por que voltou?

– Levante-se.

Ela tentou agarrar o lençol quando Del o afastou, mas não conseguiu.

– Você deixou seus amigos aqui. Foi embora quando...

– Ora, apenas fique calada. Eu a ouvi, e agora é a sua vez. Vamos.

– Para onde?

– Para a praia resolver isso.

– Não vou para a praia com você. Já tivemos nossa conversa, e agora terminou.

– Como você é teimosa, Laurel. Pode andar ou posso arrastá-la, mas vamos à maldita praia. Se me perguntar por quê, juro que vou levá-la à força.

– Preciso me vestir.

Del estudou a camiseta regata e a calcinha boxer dela.

– Você está coberta. Não me provoque, Laurel. Não dormi nada e fiz uma longa viagem de carro. Não estou com disposição.

– Não está com disposição. Isso não é incrível? – Ela colocou as pernas para fora da cama e apoiou os pés no chão. – Tudo bem, faremos isso na praia, já que é tão importante para você.

Laurel lhe deu um tapa na mão quando ele tentou pegar a dela.

– Minha noite também não foi nada boa, e eu ainda não tomei café. Não *me* provoque.

Ela andou a passos largos para o terraço e desceu a escada.

– Você poderia se acalmar – disse Del. – Não há nenhum motivo para ficar irritada.

– Discordo.

– Sim, é uma mania sua. Felizmente, sou mais tranquilo.

– Uma ova. Quem acabou de ameaçar me arrastar para fora da cama no meio da noite?

– Já é quase de manhã. Um horário ótimo. Um novo dia raiando e tudo o mais. – Ele chutou seus sapatos para fora dos pés na base da escada. – Nós não fomos muito mais longe do que isso na noite passada. Geograficamente, quero dizer. Acho que podemos nos sair melhor em outras áreas. Eis um início.

Del a virou e a puxou para um possessivo e ardente beijo. Laurel tentou empurrá-lo, em vão. Ele a soltou quando ela ficou rígida.

– Não – disse Laurel, baixinho.

– Você precisa olhar para mim e me ouvir. E, Laurel, precisa me *escutar*. – Ele a pegou pelos ombros, mas com delicadeza. – Talvez você tenha razão e eu não seja capaz de ver algumas coisas, mas, droga, você não escuta. Então, eu estou aqui olhando, e vendo. Agora é a sua vez de ouvir, e escutar.

– Certo. Está bem. Não precisa ficar zangado. É só...

– Você não pode ouvir se não cala a boca.

– Me mande calar a boca de novo – disse ela, desafiando-o com os olhos.

Ele pôs a mão sobre a boca de Laurel.

– Vou consertar isso. Consertar coisas é o que faço, é assim que eu sou. Se você me ama, terá que aceitar isso.

Então ele abaixou a mão.

– Posso brigar com você – continuou. – Não tenho nenhum problema com isso.

– Que bom pra você.

– Mas detesto magoá-la sendo ou descuidado ou cuidadoso demais. Acho que isso é uma característica dos Browns, tentar manter o equilíbrio.

– Eu sou responsável...

– Pelos seus próprios sentimentos, sim, sim, sim. Não sei se você foi sempre a única. Eu estava acostumado a olhá-la e pensar em você de outra maneira. Então simplesmente não sei.

– Eu sei, Del. Eu entendo. Eu...

– Fique quieta e *escute*. Você mudou o que havia entre nós. Deu o passo, e eu não o vi chegando. Não posso lamentar algo pelo qual sou extremamente grato. Não sei se você foi sempre a única – repetiu ele. – Mas sei que é a única agora, e será no mês que vem, no ano que vem. E será a única pelo resto da minha vida.

– O quê?

– Você me ouviu. Precisa que eu explique de novo? É você.

Laurel olhou para ele, para o rosto que conhecia tão bem. E viu. Naquele momento, seu coração simplesmente alçou voo.

– Eu a amei durante toda a vida, e isso foi fácil. Não sei, não com certeza, há quanto tempo estou apaixonado por você, mas sei que isso não é tão fácil. Mas é certo e é real, e não quero que seja fácil. Quero você.

– Eu acho... – Laurel riu um pouco. – Não consigo pensar.

– Ótimo. Não pense. Apenas escute. Escute e pare, pelo menos uma vez, de tentar projetar o que eu penso e sinto. Achei que a coisa lógica era ir devagar, dar tempo para nós dois nos adaptarmos ao que estava acontecendo entre a gente. Ao que estava acontecendo comigo.

Ele pegou a mão de Laurel e a apertou contra o peito.

– Achei que você também precisasse esperar. Então, estava certa sobre isso. Eu não vi. Deveria ter visto. Mas você também não viu. Não viu quanto a amo, quanto a quero, quanto preciso de você. Se eu quiser um animal de estimação, posso comprar um cachorro, e já tenho uma irmã. Não é assim que penso em você, e com certeza não é assim que quero que pense em mim. Isso nos coloca em uma posição de igualdade, Laurel. É assim que estamos.

– Você realmente está sendo sincero.

– Há quanto tempo você me conhece?

A visão de Laurel ficou turva, mas ela piscou para clareá-la.

– Há muito, muito tempo.

– Então sabe que eu estou sendo sincero.

– Eu te amo tanto! Disse a mim mesma que superaria isso, e era uma grande mentira. Eu nunca conseguiria superar.

– Ainda não terminei. – Ele procurou em seu bolso e viu os olhos de Laurel se arregalarem quando pegou uma caixa e a abriu. – Era da minha mãe.

– Eu sei. Eu... Ah, meu Deus. Del.

– Eu o tirei do cofre há algumas semanas.

– Há algumas semanas – conseguiu dizer Laurel.

– Depois da noite no lago. Tudo já havia mudado de direção, mas depois daquela noite... Na verdade, depois daquele dia em que você foi ao meu escritório, eu soube onde estávamos, ou para onde eu queria que fôssemos. Eu o mandei ajustar para você. Talvez tenha sido um pouco arrogante da minha parte, mas terá que conviver com isso.

– Del. – Ela não conseguia respirar. – Você não pode... É o anel da sua mãe. Parker.

– Eu falei com ela antes de acordar você. Ela adorou a ideia. Pediu que eu lhe dissesse para não ser estúpida. Nossos pais a adoravam.

– Ah, droga. – As lágrimas simplesmente inundaram seu rosto. – Não quero chorar, mas não consigo evitar.

– Você é a única pessoa a quem já pensei em pedir para usar isso. A única que quero que use. Dirigi até Greenwich e voltei para trazer isto para você. Para dá-lo a você, porque você é a única. Case-se comigo, Laurel.

– Não serei estúpida. Primeiro me beije de novo, agora que não desejo mais não amá-lo.

Ela sentiu a brisa marinha na pele e nos cabelos quando os lábios deles se encontraram, e também os batimentos fortes e constantes do coração de Del contra o seu. Então, ouviu os assovios e aplausos.

Ao virar a cabeça para encostar seu rosto no dele, viu o grupo reunido no terraço da casa.

– Parker acordou todo mundo.

– Bem, nosso namoro sempre foi um caso de família. – Ele se afastou. – Pronta?

– Sim. Totalmente pronta.

O anel que Del colocou no dedo dela cintilou aos primeiros raios de sol enquanto o céu do leste se abria como uma rosa. Um momento, pensou Laurel, para saborear. Então, selou aquele instante com outro beijo.

– Esta é a hora certa – disse a Del. – O lugar certo. Diga-me mais uma vez que sou a única.

– Você é a única. – Ele pôs as mãos em concha no rosto dela. – A única.

A única, pensou ela, naquele novo dia. E a única em todos os dias que se seguiriam.

De mãos dadas, eles começaram a subir a escada para partilhar os próximos momentos com a família.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

Felizes para sempre

p r ó l o g o

A DOR VINHA EM ONDAS, forte e cortante, acertando em cheio o coração e deixando-o partido. Em outros dias, as ondas eram lentas e pareciam querer submergi-la, ameaçando afogar sua alma.

As pessoas – gente legal, que gostava dela – diziam que o tempo ia curar tudo. Parker tinha esperanças de que elas estivessem certas, mas parada ali na varanda do seu quarto, ao sol de fins do verão, meses depois da morte súbita e chocante de seus pais, sentia que aquelas ondas caprichosas continuavam seu movimento.

Tentava lembrar que tinha tantas coisas boas... Seu irmão – e não sabia se teria sobrevivido àquele sofrimento sem Del – tinha sido uma rocha a qual podia se agarrar naquele tão vasto oceano de choque e sofrimento. As amigas Mac, Emma, Laurel, que eram uma parte de sua vida, uma parte dela *mesma*, desde a infância. Elas estavam sendo a cola que grudava e mantinha juntos os pedaços estilhaçados de seu mundo. Tinha o apoio constante e inabalável da Sra. Grady, governanta da casa havia anos, uma verdadeira ilha de consolo.

Tinha sua casa. A beleza e a elegância da propriedade dos Brown pareciam-lhe agora de certa forma mais profunda, mais aguda, pois ela sabia que não veria mais os pais circulando pelos jardins. Nunca mais desceria a escada correndo e encontraria a mãe rindo na cozinha com a Sra. G, ou ouviria o pai tratando de um negócio qualquer no escritório.

Em vez de aprender a surfar nessas ondas, tinha a impressão de estar sendo levada cada vez mais para baixo na escuridão.

O tempo, decidiu ela, precisava ser usado, empurrado, posto em *movimento*.

Achava – tinha esperanças – que havia encontrado um jeito não apenas de usar aquele tempo, mas de celebrar o que os pais tinham lhe dado, unir todas aquelas dádivas à família e às amizades.

Ser produtiva, pensou ela quando o ar começou a se encher dos primeiros odores acentuados do outono que se aproximava. Os Browns *trabalhavam*. Construíam, produziam e nunca, nunca descansavam sobre o que haviam conquistado.

Seus pais teriam contado que ela não fizesse menos que aqueles que a precederam.

As amigas talvez achassem que ela tinha enlouquecido, mas Parker havia pesquisado, calculado e traçado um sólido plano de negócios, um modelo consistente. E, com a ajuda de Del,

preparou um contrato justo e razoável.

É hora de nadar, disse consigo mesma.

Simplesmente se recusava a afundar.

Voltou para o quarto e pegou os quatro pacotes volumosos que tinha posto em cima da cômoda. Um para cada uma. Ia entregá-los durante a reunião, embora não tivesse dito às amigas que teriam uma reunião.

Deteve-se por um instante para prender o sedoso cabelo castanho num rabo de cavalo, e depois fitou os próprios olhos, desejando que uma fagulha viesse brilhar naquele azul profundo.

Podia fazer isso. Não, *elas* podiam fazer isso.

Só precisava convencê-las antes de mais nada.

No térreo, encontrou a Sra. Grady dando os últimos retoques no jantar.

A mulher robusta, que estava voltada para o fogão, virou-se e deu uma piscadela para ela.

– Pronta?

– Pelo menos preparada. Estou nervosa. É bobagem, não é? Elas são as minhas melhores amigas.

– É um grande passo que você está pretendendo dar. Um grande passo que está pedindo. Você seria louca se não estivesse meio nervosa. – Aproximou-se e segurou o rosto de Parker entre as mãos. – Aposto em você. Vá em frente. Resolvi caprichar e portanto vocês vão tomar um vinho e comer as entradas no terraço. Minhas meninas agora cresceram.

Ela queria mesmo ser adulta, mas, céus, dentro dela havia uma criança que queria os pais, conforto, amor e segurança.

Saiu, pôs os pacotes em cima da mesa, debruçou-se para pegar a garrafa de vinho no balde de gelo e se serviu.

Depois ficou ali parada, segurando a taça de vinho, olhando, à luz que ia se tornando mais branda nos jardins, para o laguinho e para o reflexo dos salgueiros na superfície da água.

– Nossa! Quero um pouco.

Laurel surgiu com o cabelo louro cortado curtíssimo, decisão que a amiga já lamentava. Ainda estava com o uniforme de chef de sobremesas de um restaurante local bem chique.

Seus olhos azuis se reviraram enquanto ela se servia o vinho.

– Quem poderia imaginar quando troquei meu horário, por causa do nosso encontro, que íamos ter uma reserva de última hora para um almoço para vinte pessoas? A cozinha virou um verdadeiro hospício durante a tarde toda. Agora a cozinha da Sra. G... – soltou um grunhido ao se sentar, depois de ter passado tantas horas em pé – é um oásis de calma que cheira a paraíso. O que vamos ter para o jantar?

– Não perguntei.

– Pouco importa – retrucou Laurel, acompanhando a frase com um gesto. – Mas se Emma e Mac se atrasarem, vou começar sem elas. – Foi então que viu a pilha de pacotes. – O que é aquilo tudo?

– Uma coisa que não podemos começar sem elas. Quer voltar para Nova York, Laurel?

A outra a fitou por sobre a borda da taça.

– Está me despachando?

– Acho que quero saber o que você quer. Está satisfeita com o rumo das coisas? Você voltou por mim, depois do acidente, e...

– Estou vivendo um dia de cada vez, e acho que vou acabar descobrindo. Neste exato momento, não tenho nenhum plano em mente, o.k.?

– Bom...

Parker se interrompeu quando viu Mac e Emma surgirem juntas, rindo.

Emma, pensou ela, tão linda com aquele cabelo cacheado, aqueles olhos escuros exóticos brilhando, divertidos. Mac, com o cabelo ruivo picotado, os olhos verdes maliciosos, alta e magra, com aquele jeans e uma camiseta preta.

– Qual é a piada? – perguntou Laurel.

– Homens. – Mac pôs na mesa as travessas com *brie en crôute* e tortinhas de espinafre que a Sra. Grady tinha depositado em suas mãos quando ela passou pela cozinha. – Os dois que acharam que podiam disputar Emma.

– Até que foi legal – insistiu Emma. – Eram irmãos e vieram até a loja comprar flores para o aniversário da mãe. Uma coisa leva a outra...

– Aparecem homens no estúdio o tempo todo – disse Mac, enfiando na boca uma uva vermelha que pegou na tigela em cima da mesa. – Nenhum deles jamais saiu no braço para ver quem ia sair comigo.

– Tem coisas que nunca mudam – observou Laurel, erguendo a taça na direção de Emma.

– E tem outras que mudam, sim – acrescentou Parker. Precisava começar, tinha que se mexer. – Foi por isso que pedi que viessem todas aqui hoje.

Emma, que ia se servir do queijo brie, se deteve.

– Algum problema?

– Não. Mas eu queria falar com todas vocês ao mesmo tempo. – Decidida, Parker serviu vinho para Mac e Emma. – Vamos sentar.

– Uau! – exclamou Emma.

– Não tem nada de uau – insistiu Parker. – Antes de mais nada, quero dizer que amo vocês muito, sempre amei e sempre vou amar. Passamos juntas por muitas coisas, boas e más. E nos piores momentos, sabia que podia contar com vocês.

– Todas nós podemos contar umas com as outras – disse Emma, inclinando-se para frente e pondo a mão no braço de Parker. – É para isso que servem as amigas.

– É verdade. Quero que saibam o que representam para mim e que se alguma de vocês não topar o que vou propor, seja por que motivo for, nada vai mudar entre nós.

Ergueu a mão antes que alguém pudesse falar o que quer que fosse.

– Vamos começar assim. Você quer ter sua própria floricultura um dia, não é, Emma?

– Sempre foi o meu sonho. Na verdade, gosto de trabalhar na loja, e o patrão me dá bastante liberdade, mas espero, dentro de algum tempo, ter o meu próprio negócio. Mas...

– Deixe os "mas" para depois. Você, Mac, tem talento demais, criatividade demais para passar o dia inteiro tirando fotos de passaporte ou de crianças fazendo pose.

– Meu talento não conhece limites – disse Mac com ar divertido –, mas a gente tem que comer.

– Você preferia ter seu próprio estúdio fotográfico.

– Eu também preferia que Justin Timberlake saísse no braço com Ashton Kutcher por mim, e uma coisa é tão provável quanto a outra.

– Você, Laurel, estudou em Nova York e em Paris com a intenção de se tornar uma chef confeiteira.

– Uma verdadeira sensação internacional.

– E acabou vindo trabalhar no Willows.

A moça engoliu o pedaço de tortinha de espinafre que tinha na boca.

– Ora, mas...

– Em parte, fez isso para ficar comigo depois que perdi mamãe e papai. Já eu – prosseguiu Parker –, estudei porque pretendia ter o próprio negócio. Sempre tive uma ideia do tipo de negócio que seria, mas parecia um sonho maluco. Nunca lhes contei isso. Mas durante esses últimos meses tudo começou a me parecer mais plausível, mais concreto.

– Pelo amor de Deus, Parker, o que é? – perguntou Laurel.

– A minha proposta é abrirmos um negócio juntas. Nós quatro, mas cada qual trabalhando no seu ramo, de acordo com nossa própria área de interesse, nossa própria especialidade, mas juntando todas elas debaixo de um mesmo guarda-chuva, por assim dizer.

– Abrirmos um negócio? – repetiu Emma.

– Lembram que sempre brincávamos de Casamento? Que nos revezávamos nos papéis, usávamos fantasias, planejávamos os temas?

– O que eu mais gostei foi casar com Harold – disse Mac sorrindo ao se lembrar do cachorro dos Brown, que tinha morrido muitos anos atrás. – Ele era tão lindo e tão leal...

– Podíamos fazer isso para valer, transformar a brincadeira de casamento num negócio.

– Fornecendo fantasias e cupcakes, além de cachorros superpacientes para garotinhas? – indagou Laurel.

– Não. Fornecendo um local único e fantástico, esta casa, este quintal. Bolos e doces espetaculares. Buquês e arranjos de tirar o fôlego. Fotos lindas e criativas. Quanto a mim, vou supervisionar cada detalhe para fazer de um casamento, ou de qualquer outro evento importante, o dia mais perfeito da vida dos clientes.

Mal parou para recobrar o fôlego.

– Já tenho milhares de contatos por meio dos meus pais. Bufês, vendedores de vinho, serviços de limusines e de decoração, tudo. E o que não tenho, vou conseguir. Um serviço completo para casamentos e outras datas importantes, e nós quatro com participação igual na sociedade.

– Trabalhar com casamentos... – Os olhos de Emma assumiram um ar sonhador. – Parece fantástico, mas como poderíamos...

– Tenho um projeto. Números, planilhas e respostas para dúvidas jurídicas que vocês possam ter. Del me ajudou a preparar tudo.

– Ele está de acordo com isso? – perguntou Laurel. – Delaney não se importa que você transforme a propriedade, a casa de vocês, em uma empresa?

– Del está me apoiando inteiramente. E o amigo dele, Jack, está disposto a ajudar, reformando a casa da piscina para transformá-la num estúdio fotográfico com um apartamento no andar de

cima, e a casa de hóspedes numa floricultura, também com um apartamento no segundo andar. Podemos transformar a cozinha auxiliar aqui de casa em seu espaço de trabalho, Laurel.

– E viríamos morar aqui, na propriedade? – perguntou Mac.

– É uma opção – respondeu Parker. – Vamos ter muito trabalho e seria muito mais prático que estivéssemos todas aqui. Vou lhes mostrar os números, o projeto, as projeções, as reformas. Mas é claro que isso só faz sentido se todas vocês gostarem do conceito básico. E se não gostarem... bom, vou tentar convencê-las – acrescentou ela, rindo. – E se detestarem a ideia, desisto.

– Uma ova! – exclamou Laurel, passando a mão pelo cabelo curtinho. – Há quanto tempo vem trabalhando nisso?

– A sério? Para valer? Há uns três meses. Tinha que conversar com Del e a Sra. G, porque sem o apoio deles nada aconteceria. Mas quis preparar tudo antes de falar com vocês. É uma empresa – disse Parker. – Seria a nossa empresa, portanto, precisa ser criada desse jeito, a partir da base.

– Nossa empresa – repetiu Emma. – Casamentos. Existe alguma coisa mais feliz que um casamento?

– Ou mais louca – observou Laurel.

– Nós quatro conseguimos lidar com loucura. Parks? – As covinhas de Mac se acentuaram quando ela ergueu a mão. – Eu topo.

– Você não pode assumir um compromisso antes de ver o projeto, os números.

– Posso, sim – replicou Mac. – Quero fazer isso.

– Eu também – disse Emma, pondo a mão em cima das mãos das amigas.

Laurel respirou fundo, reteve o ar nos pulmões e depois o soltou.

– Acho que é por unanimidade. – E pôs a própria mão em cima das outras três. – Vamos arrasar.

SOBRE A AUTORA

© Bruce Wilder



Nora Roberts começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de "a romancista favorita dos Estados Unidos".

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett *Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de William P. Young *A farsa, A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown *Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento* e *À primeira vista,* de Nicholas Sparks *Julieta*, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams *O nome do vento* e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br
 facebook.com/editora.arqueiro
 twitter.com/editoraarqueiro
 instagram.com/editoraarqueiro
 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

prólogo

capítulo um

capítulo dois

capítulo três

capítulo quatro

capítulo cinco

capítulo seis

capítulo sete

capítulo oito

capítulo nove

capítulo dez

capítulo onze

capítulo doze

capítulo treze

capítulo catorze

capítulo quinze

capítulo dezesseis

capítulo dezessete

capítulo dezoito

capítulo dezenove

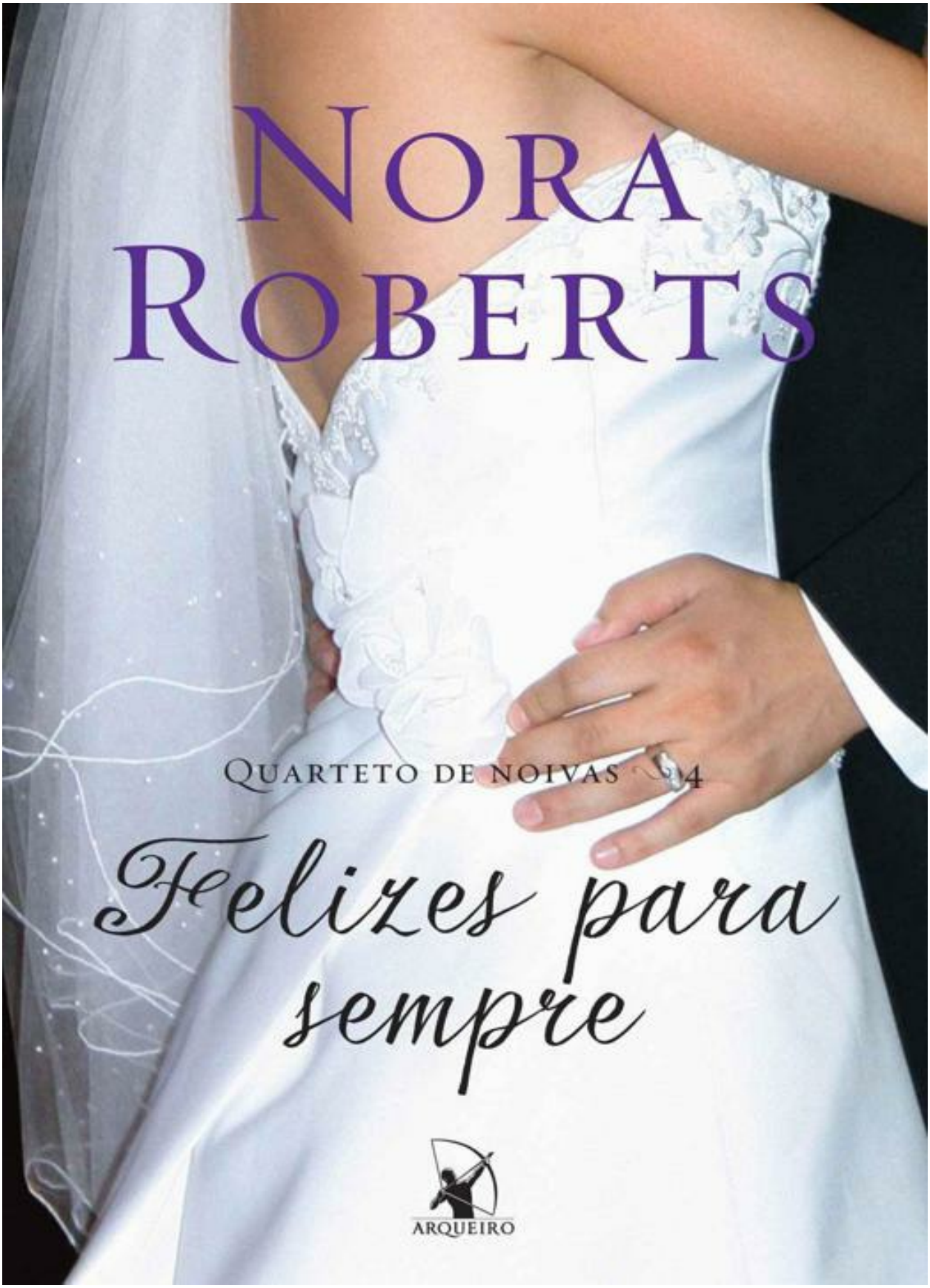
capítulo vinte

Leia um trecho do próximo livro da série

Sobre a autora

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro


NORA
ROBERTS
QUARTETO DE NOIVAS 4
Felizes para sempre
ARQUEIRO

Felizes para sempre



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Nora Roberts

Quarteto de noivas 4

Felizes para sempre



Star Books Digital

https://t.me/StarBooksDigital
https://t.me/SBDLivros

Título original: *Happy Ever After*

Copyright © 2010 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Ana Grillo e Renata Dib

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Miriam Lerner

imagem de capa: © hillaryfox / iStock

ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549f

Roberts, Nora, 1950-Felizes para sempre [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Janaína Senna]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Happy ever after Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-343-4 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

14-15783

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meus meninos,
Bruce, Dan, Jason e Logan.

Lutar pelo amor é bom, mas encontrá-lo
sem luta é melhor.

– WILLIAM SHAKESPEARE

A beleza nasce da ordem.

– WILLIAM KING

p r ó l o g o

A DOR VINHA EM ONDAS, pesada e violenta, acertando em cheio seu coração e deixando-o em pedaços. Em outros dias, as ondas eram lentas e pareciam querer submergi-la, ameaçando afogar sua alma.

As pessoas – gente legal, que gostava dela – diziam que o tempo curava tudo. Parker tinha esperanças de que elas estivessem certas, mas parada ali, na varanda do seu quarto, ao sol do final de verão, meses depois da morte súbita e chocante dos seus pais, sentia que aquelas ondas volúveis continuavam seu movimento.

Tentava lembrar que tinha tantas coisas boas... Seu irmão – e não sabia se teria sobrevivido àquele sofrimento sem Del – tinha sido uma rocha à qual ela se agarrara naquele oceano de estupefação e sofrimento. As amigas: Mac, Emma e Laurel, que faziam parte de sua vida, parte até *dela mesma*, desde a infância. Elas vinham colando e mantendo no lugar todos os pedaços estilhaçados de seu mundo. Tinha o apoio constante e inabalável da Sra. Grady, que trabalhava como governanta em sua casa havia anos, uma verdadeira ilha de consolo.

Tinha sua casa. Agora a beleza e a elegância da propriedade dos Browns lhe pareciam de certa forma mais profundas, mais agudas, pois ela sabia que não veria mais os pais circulando pelos jardins. Nunca mais desceria a escada correndo e encontraria a mãe rindo na cozinha com a Sra. G., nem ouviria o pai tratando de um negócio qualquer no escritório que tinha em casa.

Em vez de aprender a surfar nessas ondas, tinha a impressão de estar sendo puxada cada vez mais para baixo, para a escuridão.

Então decidira que o tempo precisava ser usado, empurrado, posto em *movimento*.

Achava – tinha esperanças – que havia encontrado um jeito não apenas de usar o tempo, mas de exaltar o que os pais tinham lhe dado, de unir todas aquelas dádivas à família e às amizades.

Ser produtiva, concluíra ela quando o ar começava a se encher dos primeiros odores acentuados do outono. Os Browns *trabalhavam*. Construíam, produziam e nunca, nunca achavam que era hora de simplesmente descansar e aproveitar o que já haviam conquistado.

Seus pais não iriam querer que ela fizesse menos que seus antecessores.

As amigas talvez achassem que ela enlouquecera, mas Parker havia pesquisado, calculado e traçado um sólido plano de negócios, um modelo consistente. E, com a ajuda de Del, preparara um contrato justo e razoável.

Era hora de nadar, dissera a si mesma.

Simplesmente se recusava a afundar.

Voltou para o quarto e pegou os quatro pacotes volumosos que tinha posto em cima da cômoda. Um para cada uma. Ia entregá-los durante a reunião, embora não tivesse dito às amigas que fariam uma reunião.

Deteve-se por um instante para prender o cabelo castanho sedoso num rabo de cavalo, depois fitou os próprios olhos até que um brilho surgisse naquele azul profundo.

Ela conseguiria. Não, *elas* conseguiriam.

Só precisava convencê-las primeiro.

No térreo, encontrou a Sra. Grady dando os últimos retoques no jantar.

A mulher robusta, que estava diante do fogão, virou-se e lhe deu uma piscadela.

– Pronta?

– Pelo menos preparada. Estou nervosa. É bobagem, não é? Elas são as minhas melhores amigas.

– É um grande passo que você pretende dar. Um grande passo que está pedindo que elas deem também. Só uma louca não ficaria meio nervosa. – Ela se aproximou e segurou o rosto de Parker entre as mãos. – Aposto em você. Vá em frente. Resolvi caprichar, portanto vocês vão tomar vinho e comer as entradas no terraço. Minhas meninas cresceram.

Ela queria mesmo ser adulta, mas, céus, dentro dela havia uma criança que queria os pais, conforto, amor e segurança.

Saiu, pôs os pacotes em cima da mesa, debruçou-se para pegar a garrafa de vinho no balde de gelo e se serviu de uma taça.

Depois ficou ali parada, segurando a taça de vinho e olhando, à luz que se tornava mais branda nos jardins, para o laguinho e o reflexo dos salgueiros na superfície da água.

– Nossa! Quero um pouco.

Laurel surgiu com o cabelo louro cortado curtíssimo – decisão que a amiga já lamentava. Ainda estava com o uniforme de chef de sobremesas de um restaurante local bem chique.

Seus olhos, claros e azuis, se reviraram enquanto ela se servia do vinho.

– Quando troquei meu horário por causa deste encontro, quem poderia imaginar que teríamos uma reserva de última hora para um almoço com vinte pessoas? A cozinha virou um verdadeiro hospício a tarde toda. A cozinha da Sra. G., por outro lado... – Ela soltou um grunhido ao se sentar, depois de ter passado tantas horas em pé. –... é um oásis de calmaria com aroma de paraíso. O que vamos ter para o jantar?

– Não perguntei.

– Pouco importa – retrucou Laurel, acompanhando a frase com um gesto. – Mas se Emma e Mac se atrasarem, vou começar sem elas.

Foi então que viu a pilha de pacotes.

– O que é aquilo tudo?

– Uma coisa que não podemos começar sem elas. Laurel, você pensa em voltar para Nova York?

A outra a fitou por sobre a borda da taça.

– Está me expulsando?

– Só quero saber o que você pensa. Está satisfeita com o rumo das coisas? Você voltou por minha causa, depois do acidente, e...

– Estou vivendo um dia de cada vez e acho que vou acabar descobrindo o que quero. Neste exato momento, não tenho nenhum plano em mente, OK?

– Bom...

Parker se interrompeu quando viu Mac e Emma surgirem juntas, rindo.

Emma, pensou ela, tão linda com aquele cabelo cacheado, aqueles olhos escuros exóticos brilhando, divertidos. Mac, com o cabelo ruivo repicado, os olhos verdes maliciosos, alta e magra, com aquele jeans e uma camiseta preta.

– Qual é a piada? – perguntou Laurel.

– Homens – falou Mac, colocando na mesa as travessas com folhado de queijo *brie* e tortinhas de espinafre que a Sra. Grady tinha depositado em suas mãos quando ela passara pela cozinha. – Os dois que acharam que podiam disputar Emma no braço.

– Até que foi legal – comentou Emma. – Eram irmãos e vieram até a loja comprar flores para o aniversário da mãe. Uma coisa leva a outra...

– Aparecem homens no estúdio o tempo todo – disse Mac, enfiando na boca uma uva vermelha glaceada que pegara na tigela em cima da mesa. – Nenhum deles jamais saiu no braço para ver quem ficaria comigo.

– Tem coisas que nunca mudam – observou Laurel, erguendo a taça na direção de Emma.

– E tem outras que mudam, sim – acrescentou Parker. Precisava começar, tinha que se mexer. – Foi por isso que pedi que viessem aqui hoje.

Emma, que ia se servir do folhado de queijo, se deteve.

– Algum problema?

– Não. Mas eu queria falar com todas vocês ao mesmo tempo. – Decidida, Parker serviu vinho para Mac e Emma. – Vamos sentar.

– O-ou! – fez Emma.

– Não tem nada de "o-ou" – insistiu Parker. – Antes de mais nada, quero dizer que amo muito vocês, sempre amei e sempre vou amar. Passamos por muitas coisas juntas, boas e más. E nos piores momentos, sabia que podia contar com vocês.

– Todas nós podemos contar umas com as outras – disse Emma, inclinando-se para a frente e pondo a mão sobre a de Parker. – É para isso que servem as amigas.

– É verdade. Quero que saibam o que representam para mim e que, se alguma de vocês não topar o que vou propor, seja por que motivo for, nada vai mudar entre nós.

Ergueu a mão antes que alguém pudesse falar.

– Vamos começar assim. Você quer ter sua própria floricultura um dia, não é, Emma?

– Sempre foi o meu sonho. Na verdade, gosto de trabalhar na loja, e o patrão me dá bastante liberdade, só que espero ter o meu negócio daqui a algum tempo. Mas...

– Deixe os "mas" para depois. Você, Mac, é talentosa demais, criativa demais para passar o dia inteiro tirando fotos de passaporte ou de crianças fazendo pose.

– Meu talento não tem limites – brincou Mac –, mas preciso de um ganha-pão.

– Você preferiria ter seu próprio estúdio fotográfico.

– Eu também preferiria que Justin Timberlake saísse no braço com Ashton Kutcher por mim, e uma coisa é tão improvável quanto a outra.

– Você, Laurel, estudou em Nova York e em Paris com a intenção de se tornar uma chef confeiteira.

– Uma verdadeira sensação internacional.

– E acabou vindo trabalhar no Willows.

A moça engoliu o pedaço de tortinha de espinafre que tinha na boca.

– Ora, mas...

– Em parte, fez isso para ficar comigo depois que perdi mamãe e papai. Já eu – prosseguiu Parker – estudei porque pretendia abrir uma empresa. Sempre tive uma ideia do tipo de negócio que seria, mas parecia um sonho maluco. Nunca lhes contei isso. Mas durante esses últimos meses tudo começou a me parecer mais plausível, mais concreto.

– Pelo amor de Deus, Parker, o que é? – perguntou Laurel.

– A minha proposta é abrirmos um negócio juntas. Nós quatro, mas cada uma trabalhando no seu ramo, de acordo com sua área de interesse, sua especialidade, porém juntando todas elas debaixo de um mesmo guarda-chuva, digamos assim.

– Abrirmos um negócio? – repetiu Emma.

– Lembram que sempre brincávamos de Casamento? Que nos revezávamos nos papéis, usávamos fantasias, planejávamos os temas?

– O que eu mais gostei foi casar com Harold – disse Mac sorrindo ao se lembrar do cachorro dos Browns, que tinha morrido fazia muitos anos. – Ele era tão lindo e tão leal...

– Podíamos fazer isso para valer, transformar a brincadeira de casamento num negócio.

– Fornecendo fantasias e cupcakes, além de cachorros superpacientes para garotinhas? – indagou Laurel.

– Não. Fornecendo um local único e fantástico: esta casa, este quintal. Bolos e doces espetaculares. Buquês e arranjos de tirar o fôlego. Fotos lindas e criativas. Quanto a mim, vou supervisionar cada detalhe para fazer de um casamento, ou de qualquer outro evento importante, o dia mais perfeito da vida dos clientes.

Mal parou para recobrar o fôlego.

– Já tenho milhares de contatos por meio dos meus pais. Bufês, vendedores de vinho, serviços de limusines e de decoração, tudo. E o que não tenho, vou conseguir. Um serviço completo para casamentos e outras datas importantes, e nós quatro com participação igualitária na sociedade.

– Trabalhar com casamentos... – Os olhos de Emma assumiram um ar sonhador. – Parece fantástico, mas como poderíamos...

– Tenho um projeto. Números, planilhas e respostas para dúvidas jurídicas que vocês possam ter. Del me ajudou a preparar tudo.

– Ele está de acordo com isso? – perguntou Laurel. – Delaney não se importa que você transforme a propriedade, a casa de vocês, em uma empresa?

– Del me dá total apoio. E o amigo dele, Jack, está disposto a ajudar, reformando a casa da piscina para transformá-la num estúdio fotográfico com um apartamento no andar de cima, e a casa de hóspedes numa floricultura, também com um apartamento no segundo andar. Podemos transformar a cozinha auxiliar aqui de casa em seu espaço de trabalho, Laurel.

– E viríamos morar aqui, na propriedade? – perguntou Mac.

– É uma opção – respondeu Parker. – Vamos ter muito trabalho e seria mais prático se estivéssemos todas aqui. Vou lhes mostrar os números, o projeto, as projeções, as reformas. Mas

é claro que isso só faz sentido se todas vocês gostarem do conceito básico. E se não gostarem... bom, vou tentar convencê-las – acrescentou ela, rindo. – E se detestarem a ideia, desisto.

– Uma ova! – exclamou Laurel, passando a mão pelo cabelo curtinho. – Há quanto tempo vem trabalhando nisso?

– A sério? Para valer? Há uns três meses. Tinha que conversar com Del e a Sra. G., porque sem o apoio deles nada aconteceria. Mas quis preparar tudo antes de falar com vocês. É uma empresa – disse Parker. – Seria a nossa empresa, portanto, precisa ser formada por todas nós, desde o início.

– Nossa empresa – repetiu Emma. – Casamentos. Existe alguma coisa mais feliz que um casamento?

– Ou mais louca – observou Laurel.

– Nós quatro conseguimos lidar com loucura. Parks? – chamou Mac, com as covinhas de seu rosto se acentuando quando ela estendeu a mão e pousou-a sobre a da amiga. – Eu topo.

– Você não pode assumir um compromisso antes de ver o projeto, os números.

– Posso, sim – replicou Mac. – Quero fazer isso.

– Eu também – disse Emma, pondo a mão em cima das de Mac e Parker.

Laurel respirou fundo, prendeu o ar nos pulmões e depois o soltou.

– Acho que é por unanimidade. – E pôs a própria mão em cima das outras três. – Vamos arrasar.

c a p í t u l o u m

A NOIVA MALUCA LIGOU às 5h28 da manhã.

– Tive um sonho – declarou ela, enquanto Parker continuava deitada no escuro com o BlackBerry.

– Um sonho?

– Um sonho impressionante. Tão real, tão *urgente*, tão cheio de cor e de vida! Tenho certeza que ele significa alguma coisa. Vou ligar para o meu psicanalista, mas queria falar com você primeiro.

– OK.

Com a desenvoltura adquirida pela experiência, Parker esticou a mão e acendeu o abajur da mesa de cabeceira, pondo a luz bem fraquinha.

– Com o que você sonhou, Sabina? – perguntou, pegando o caderninho e a caneta que ficavam perto do abajur.

– Alice no País das Maravilhas.

– Você sonhou com Alice no País das Maravilhas?

– Mais especificamente com o chá das cinco do Chapeleiro Maluco.

– Versão Disney ou Tim Burton?

– O quê?

– Nada – disse Parker, tirando o cabelo da frente do rosto para anotar as palavras-chave. – Continue.

– Bom, havia música e um grande banquete. Eu era Alice, mas usava meu vestido de noiva. E Chase estava incrível de fraque. Ah, as flores eram espetaculares. Todas cantavam e dançavam. Todo mundo estava tão feliz, fazendo brindes a nós dois, aplaudindo... Angelica estava vestida como a Rainha Vermelha e tocava flauta.

Parker anotou “madrinha” para Angelica e continuou a registrar as outras pessoas que ficariam no altar. O padrinho como Coelho Branco; a mãe do noivo como o Gato de Cheshire; o pai da noiva como a Lebre de Março.

O que será que Sabina tinha comido, bebido ou fumado antes de ir para a cama?

– Não é fascinante, Parker?

– Com certeza.

Assim como tinham sido o desenho formado pelas folhas de chá que determinara as cores a serem usadas no casamento, o tarô que previra onde o casal passaria a lua de mel e a numerologia que indicara a única data possível para a cerimônia.

– Acho que talvez meu subconsciente e o destino estejam me dizendo que preciso usar Alice como tema do casamento. Com as fantasias.

Parker fechou os olhos. Embora pudesse mesmo dizer – e agora seria bem adequado – que o chá das cinco do Chapeleiro Maluco combinava perfeitamente com Sabina, o evento ia acontecer em menos de duas semanas. A decoração, as flores, o bolo e os doces, o cardápio, tudo já havia sido escolhido.

– Humm – fez Parker, tentando ganhar tempo para pensar. – É uma ideia interessante.

– O sonho...

– Para mim – atalhou Parker –, é toda a atmosfera de celebração, magia e conto de fadas que você escolheu. É evidente que você tinha toda a razão.

– Verdade?

– Claro. Significa que você está empolgada e feliz e mal pode esperar pelo grande dia. Lembra que o Chapeleiro Maluco preparava o chá das cinco todos os dias? Esse sonho está dizendo que sua vida com Chase vai ser uma comemoração diária.

– Ah! É claro!

– Além disso, quando você estiver diante do espelho na suíte da noiva no dia do seu casamento, estará se vendo com o coração jovem, aventureiro e feliz de Alice.

Caramba, eu sou incrível, pensou Parker, ao ouvir a noiva maluca suspirar.

– É mesmo, tem razão. Você está mais do que certa. Estou tão contente por ter ligado para você. Sabia que você *sabia*.

– É para isso que estamos aqui. Vai ser um casamento lindo, Sabina. Seu dia perfeito.

Depois que desligou, Parker voltou a se deitar por um instante, mas, quando fechou os olhos, a cena do chá das cinco do Chapeleiro Maluco versão Disney não saía de sua cabeça.

Resignada, levantou-se e abriu as portas francesas que davam para a varanda daquele quarto que um dia havia sido de seus pais. Foi recebida pelo ar da manhã e respirou fundo a aurora quando o sol começava a despontar no horizonte.

As últimas estrelas foram sumindo num mundo maravilhosamente quieto, como se tudo houvesse prendido a respiração.

O lado bom de haver noivas malucas e pessoas do gênero era que elas a acordavam ao amanhecer, quando parecia que nada nem ninguém além dela se mexia, que nada nem ninguém além dela presenciava aquele instante em que a noite passava o bastão para o dia e a luz prateada ia assumindo um tom pérola reluzente que – quando tudo voltasse a respirar – se transformaria num ouro claro e luminoso.

Ao voltar para o quarto, deixou as portas abertas. Pegou um elástico na caixinha de prata martelada que ficava em cima da cômoda e fez um rabo de cavalo. Tirou a camisola para vestir a calça de ioga e uma regatinha e apanhou uns tênis de corrida na prateleira da seção esportiva do seu closet impecavelmente organizado.

Prendeu o BlackBerry no cós da calça, ligou o fone de ouvido e foi para a sala de ginástica.

Acendeu as luzes, ligou a TV de tela plana no noticiário e ficou ouvindo sem prestar muita atenção enquanto fazia alguns exercícios de alongamento.

Como de costume, programou o elíptico para 5 quilômetros. Na metade do primeiro quilômetro, começou a sorrir.

Nossa, como adorava seu trabalho! Adorava as noivas malucas, as sentimentais, as obsessivas

e até as noivas-monstro.

Adorava os detalhes e as exigências, as esperanças e os sonhos, a reafirmação de amor e compromisso que ela ajudava a personalizar para cada casal.

Ninguém, pensou ela com determinação, fazia isso melhor que a Votos.

Aquilo que ela, Mac, Emma e Laurel tinham decidido criar já bem tarde numa noite de verão era hoje tudo o que haviam imaginado e muito mais.

E agora, pensou Parker, com o sorriso cada vez mais largo, estavam planejando o casamento de Mac para dezembro, o de Emma para abril e o de Laurel para junho.

Desta vez suas amigas eram as noivas, e ela mal podia esperar para mergulhar fundo naqueles detalhes fantásticos.

Mac e Carter – tradicional com toques artísticos. Emma e Jack – romance, romance, romance. Laurel e Del (Incrível, seu irmão ia se casar com sua melhor amiga!) – moderno e elegante.

Estava cheia de ideias.

Tinha acabado de completar 3 quilômetros quando Laurel entrou.

– Mil luzinhas. Milhares delas, quilômetros, rios de luzinhas brancas minúsculas espalhadas pelos jardins, pelos salgueiros, pelos diversos recantos, pela pérgula.

– Hã? – exclamou Laurel, piscando e bocejando.

– Seu casamento. Romântico, elegante, abundância sem exagero.

– Hã. – Com o cabelo louro preso para cima, Laurel subiu no aparelho ao lado do de Parker. – Ainda estou me acostumando à ideia de ter ficado noiva.

– Sei do que vocês gostam. Já tenho um esboço geral.

– Claro – disse Laurel, sorrindo. – Quantos quilômetros já fez? – perguntou, esticando o pescoço para ver o visor do aparelho da amiga. – Caraca! Quem ligou e a que horas?

– A noiva maluca. Um pouco antes de 5h30. Ela teve um sonho.

– Se me disser que ela sonhou com um novo modelo para o bolo, vou...

– Não se preocupe, já está tudo resolvido.

– Como pude duvidar de você?

Laurel terminou o aquecimento e começou a malhar.

– Del vai botar a casa dele à venda – contou ela.

– O quê? Quando?

– Bom, depois que conversar com você sobre isso. Mas, já que eu estou aqui e você também está... resolvi falar de uma vez. Conversamos a respeito ontem à noite. Aliás, ele volta de Chicago hoje. Bem... aí ele moraria aqui de novo, se você concordar.

– Em primeiro lugar, esta casa é tanto dele quanto minha. Em segundo, você vai ficar – falou Parker, com os olhos brilhando. – Você vai ficar – repetiu Parker. – Eu não queria forçar as coisas e sei que Del tem uma casa fantástica, mas... Meu Deus, Laurel, eu não queria que você se mudasse daqui. E agora não vai.

– Eu o amo tanto que posso até vir a ser a próxima noiva maluca, mas também não queria me mudar daqui. A minha ala tem um tamanho mais que suficiente. Ela *é* praticamente uma casa. E ele adora este lugar tanto quanto você, tanto quanto todas nós.

– Del está voltando para cá – murmurou Parker.

Sua família, pensou ela. Todos aqueles que amava logo estariam juntos. E ela sabia que era isso que criava um lar.

Às 8h59, Parker estava pronta, usando um terninho beringela com caimento impecável e uma blusa branca com leves babados. Levou exatos 55 minutos respondendo a e-mails e mensagens, retornando telefonemas, fazendo novas anotações em vários arquivos de clientes e checando e confirmando entregas com fornecedores para os próximos eventos.

Às 10h em ponto, desceu do escritório que ficava no terceiro andar para o seu primeiro compromisso do dia.

Já tinha feito sua pesquisa sobre os clientes em potencial. Noiva: Deeanne Hagar, artista local cuja obra um tanto onírica tinha sido reproduzida em pôsteres e cartões. Noivo: Wyatt Culpepper, paisagista. Ambos vinham de famílias ricas e tradicionais – setor bancário e imobiliário, respectivamente – e ambos eram os filhos caçulas de pais que estavam no terceiro casamento.

Sem muito esforço, conseguiu descobrir que o casal tinha se conhecido num evento sobre sustentabilidade, que ambos gostavam de ouvir *bluegrass* e adoravam viajar.

Obteve ainda outras informações em sites na internet, no Facebook, em entrevistas para jornais e revistas e com amigos de amigos de amigos. E já planejara começar sua abordagem com um tour pela casa, do qual a mãe do noivo e a da noiva também participariam.

Passando pelo andar térreo, foi observando os diversos ambientes e ficou feliz ao ver os arranjos românticos que Emma havia preparado.

Entrou na cozinha, onde, como era de esperar, a Sra. Grady dava os toques finais na bandeja do café. O chá natural gelado que Parker havia pedido e uma travessa de frutas frescas, além dos biscoitos amanteigados de Laurel, que eram finos como papel.

– Ficou perfeita, Sra. G.

– Está pronta. Quando quiser, é só avisar.

– Vamos colocar no salão principal. Se eles quiserem começar o tour pelos jardins, podemos levá-la lá para fora. Está um dia tão bonito.

Parker já se dispunha a ajudar, mas a Sra. Grady recusou a ajuda com um gesto.

– Pode deixar que eu faço. Só queria dizer que conheci a primeira madrasta da noiva.

– É mesmo?

– Não durou muito, sabe? – Começou a Sra. Grady, passando as bandejas para o carrinho de chá com movimentos precisos. – Se não me engano, nem chegaram a comemorar o segundo aniversário de casamento. Uma mulher bonita e delicada. Apagada como uma lâmpada fraquinha, mas com um coração de ouro. – A Sra. Grady passou as pontas dos dedos na saia do avental. – Ela se casou de novo, com um espanhol, e foi morar em Barcelona.

– Não sei por que perco tempo pesquisando na internet quando poderia simplesmente consultá-la.

– Se tivesse feito isso, eu teria lhe dito que a mãe de Mac andou flertando com o pai da noiva no intervalo entre as esposas dois e três.

– A Linda? Não chega a ser surpresa.

– Bom, todos devem dar graças a Deus por essa história não ter dado certo. Gosto dos

trabalhos da garota – acrescentou ela, já empurrando o carrinho de chá para o salão.

– A senhora os viu?

– Não é a única que sabe usar a internet – retrucou a Sra. Grady com uma piscadela. – Pronto, a campainha. Vá atender. Fisgue mais um cliente para nós.

– O plano é esse.

A primeira coisa que passou pela cabeça de Parker foi que a noiva parecia a versão hollywoodiana de uma artista, com aquele cabelo de um ruivo dourado que lhe batia na cintura e olhos verdes amendoados. A segunda coisa que lhe ocorreu foi que Deeanne ficaria linda de noiva, e junto com esse pensamento Parker se pegou desejando fazer parte daquilo.

– Bom dia! Sejam bem-vindos à Votos. Eu sou Parker.

– Brown, certo? – indagou Wyatt, estendendo a mão para cumprimentá-la. – Só queria lhe dizer que não sei quem projetou o seu jardim, mas é um trabalho de gênio. Adoraria que tivesse sido eu.

– Muito obrigada. Entrem, por favor.

– Esta é minha mãe, Patricia Ferrell. E a mãe de Deeanne, Karen Bliss.

– É um prazer conhecer todos vocês.

Parker já tinha entendido tudo. Wyatt assumira a liderança do grupo, mas de uma forma muito sociável, e as três mulheres lhe davam essa liberdade.

– Por que não sentamos na sala de visitas por uns minutos para nos conhecermos melhor? – sugeriu Parker.

Mas Deeanne já estava circulando pelo salão espaçoso, observando a escadaria elegante.

– Achei que seria sufocante. Achei que daria essa *sensação* – disse ela, virando-se e fazendo sua linda saia de verão ondular. – Analisei sua página na internet. Tudo parecia perfeito, lindo. Mas pensei: não, perfeito *demais*. Ainda não estou convencida de que não seja perfeito demais, mas não é nada sufocante. Nem um pouco.

– O que minha filha poderia ter dito em muito menos palavras, Srta. Brown, é que a sua casa é linda.

– Podem me chamar de Parker – falou ela. – E obrigada, Sra. Bliss. Querem um café? – ofereceu. – Ou um chá gelado?

– Será que não podíamos dar uma olhada por aí antes? – indagou Deeanne. – Principalmente do lado de fora, já que Wyatt e eu queremos um casamento ao ar livre.

– OK, então que tal começarmos lá fora e depois entrarmos pelos fundos? Vocês estão pensando em se casar em setembro – prosseguiu Parker, dirigindo-se à porta que dava para a varanda lateral.

– Daqui a exatamente um ano. É por isso que viemos visitar o local agora, assim podemos ver como ficam a paisagem, os jardins, a luz...

– Temos várias áreas que podem ser utilizadas para casamentos ao ar livre. A preferida, sobretudo para eventos de maior porte, é o terraço do lado oeste e a pérgula, mas...

– Mas? – repetiu Wyatt, enquanto o grupo passeava pela casa.

– Vendo vocês dois, imagino algo um pouco diferente. Algo que fazemos de vez em quando. O lago – disse ela, enquanto se dirigiam para os fundos. – Os salgueiros, a ondulação dos

gramados... Vejo um dossel todo feito de flores e uma passadeira branca fluindo como um rio entre as fileiras de cadeiras, todas elas brancas, enfeitadas de flores. Tudo isso refletido na água do lago. Muitas flores por todo lado, mas nada formal: arranjos mais naturais. Flores do campo, só que em quantidade inimaginável. Minha sócia Emmaline, que é nossa florista e decoradora, é uma verdadeira artista.

Os olhos de Deeanne brilharam.

– Adorei o trabalho dela que vi no site.

– Você pode falar direto com ela se decidir fazer seu casamento aqui ou mesmo se estiver apenas considerando essa possibilidade. Também vejo luzinhas cintilando, velas tremeluzindo. Tudo natural, orgânico, mas suntuoso, brilhante. O caramanchão de Titânia, a rainha das fadas imaginada por Shakespeare. Você usando algo vaporoso – prosseguiu ela, dirigindo-se a Deeanne. – Com certo ar de fada. Sem véu, só o cabelo solto, entremeado de flores.

– Perfeito. Vocês são ótimas, não é mesmo?

– É o que fazemos aqui. Criamos o dia que reflita o que vocês mais querem e quem são, tanto individualmente quanto um para o outro. Vocês não querem nada formal, mas algo leve e onírico. Nem contemporâneo nem antiquado. Querem *vocês*, seguindo para o altar ao som de *bluegrass*, tocada por um trio.

– "Never Ending Love" – acrescentou Wyatt, com um sorriso. – Já decidimos que será essa a música. A sua artista das flores vai trabalhar conosco não apenas na decoração da festa, mas também nos buquês e tudo o mais?

– Absolutamente tudo. Cuidamos só de vocês e tratamos de criar o dia perfeito, até mesmo perfeito demais, para os dois – disse ela, sorrindo para Deeanne.

– Adorei a ideia do lago – murmurou a moça quando estavam parados na varanda, olhando para o terreno da propriedade. – Adorei a imagem que você fez surgir em minha cabeça.

– Porque essa imagem é você, querida – falou Karen Bliss, pegando a mão da filha. – É a sua cara.

– E se a dança for no gramado? – sugeriu a mãe de Wyatt, olhando ao redor. – Também entrei no seu site e sei que vocês têm aqui um magnífico salão de baile. Mas talvez seja possível dançar aqui fora.

– Com certeza. As duas coisas, aliás. O que vocês quiserem. Se estiverem interessados, podemos marcar uma reunião com minhas sócias para discutir esses locais e outros detalhes.

– Que tal darmos uma olhada no resto da propriedade? – propôs Wyatt, inclinando-se para beijar a testa de Deeanne.

Às quatro e meia, Parker estava de volta à sua escrivaninha ajustando planilhas, gráficos e horários. Como os compromissos do dia haviam terminado, o paletó do seu terninho estava pendurado no encosto da cadeira e seus sapatos estavam no chão, debaixo da mesa.

Calculou ter mais uma hora de trabalho com a papelada e considerou aquele um dia incrivelmente tranquilo. O resto da semana prometia ser uma correria enlouquecida, mas, com

um pouco de sorte, por volta das seis poderia trocar de roupa, mimar-se com uma taça de vinho e sentar para fazer uma refeição de verdade.

– Hum? – fez ela, respondendo à batida em sua porta.

– Tem um minuto? – perguntou Mac.

– Por acaso tenho vários aqui comigo, pode ficar com um deles – brincou, girando a cadeira e vendo a amiga com duas sacolas de compras. – Senti sua falta na ginástica hoje de manhã, mas pelo visto você está caprichando no levantamento de peso.

Com um risinho, Mac mostrou o bíceps.

– Nada mau, não é?

– Está sarada, hein, Srta. Elliot? Vai estar com os braços fantásticos no dia do casamento.

Mac se deixou cair numa cadeira.

– Tenho que fazer jus ao vestido que você encontrou para mim. Olhe, jurei não ser uma noiva maluca, uma noiva chorona, nem qualquer versão da noiva chata, mas o dia está chegando e preciso que a rainha das cerimonialistas me passe alguma tranquilidade.

– Vai ser perfeito e vai dar tudo certo.

– Mudei de ideia com relação à primeira dança de novo.

– Isso não tem a menor importância. Pode mudar de ideia até a hora que a cerimônia começar.

– Mas isso é sintomático, Parks. Não consigo me decidir com relação a um detalhe simples como a porcaria de uma música.

– É uma música importante.

– Carter está fazendo aulas de dança?

Parker arregalou os olhos.

– Por que veio perguntar isso para mim?

– Eu *sabia*! Que amor! Você arranjou essas aulas para ele não pisar no meu pé na nossa primeira dança...

– Foi ele quem me pediu. Mas é surpresa, então não vá estragar tudo.

– Fico até emocionada – confessou ela, erguendo os ombros e os soltando com um suspiro de felicidade. – Talvez eu não esteja conseguindo me decidir porque tenho andado emocionada. Bom, mudando de assunto, fiz aquela sessão de fotos de noivado hoje à tarde.

– E como foi?

– Perfeito. Eles são tão fofos que eu me casaria com os dois. Depois fiz a maior burrada quando voltava para casa. Dei uma passada no setor de sapatos da Nordstrom.

– O que eu já tinha sabiamente deduzido pelas sacolas.

– Comprei dez pares. Vou devolver a maioria, mas...

– Por quê?

Mac estreitou os olhos verdes.

– Não incentive a loucura. Mais uma vez, não consegui decidir. Já comprei o sapato do casamento, não é? Todas nós concordamos que ele é perfeito.

– Perfeito e lindo.

– Isso mesmo. Então, por que diabos comprei outros quatro pares?

– Achei que você tivesse dito dez.

– Os outros seis são para a lua de mel. Bom, quatro deles, mas eu estava precisando de um sapato novo para trabalhar. E ele era tão lindo que comprei um em tom de cobre e outro verde-escuro. Mas isso não tem importância.

– Quero ver.

– Primeiro os do casamento. E não diga nada até eu ter enfileirado todos eles – disse Mac, com as duas mãos abertas no ar. – Faça cara de paisagem. Nenhuma expressão, nenhum som.

– Vou me virar e continuar mexendo na minha planilha.

– Antes você que eu – murmurou Mac, e começou a pegar os sapatos.

Parker ignorou o barulho do papel de seda, os suspiros, até que por fim Mac lhe disse que podia olhar.

Então ela se virou e correu o olhar pelos sapatos. Levantou-se, passou para o outro lado da mesa, olhou tudo de novo. Manteve o rosto inexpressivo e não disse uma única palavra. Pegou um dos sapatos, examinou-o com cuidado e o pôs de volta no lugar. Passou então ao seguinte.

– Você está me deixando maluca – disse Mac.

– Fique quieta.

Ela foi até uma pasta de arquivos, de onde tirou a foto de Mac vestida de noiva. Trouxe a foto para junto dos sapatos e assentiu.

– Com toda a certeza! – exclamou, pegando um deles. – Você seria louca se não usasse este aqui.

– Sério? – disse Mac, batendo palmas. – *Sério?* Porque esse aí é o sapato. *O* sapato. Mas fiquei só olhando, virando ele para um lado, para o outro... Ah, mas veja como ele é lindo. O salto é todo cintilante e a tira do calcanhar é tão sexy. Mas não é sexy demais. Não acha?

– É a combinação perfeita de brilho, sensualidade e sofisticação. Vou devolver os outros.

– Mas...

– Vou devolver sim, porque você encontrou o sapato perfeito e tem que ficar com ele. Não deve mais olhar para os outros e precisa se manter longe de sapatarias até depois do casamento.

– Você é tão sensata...

Parker inclinou a cabeça.

– Sou mesmo. E, sendo uma mulher sensata, tenho certeza de que esse aqui pode perfeitamente ser o sapato do casamento de Emma. Vou trocar pelo tamanho dela e vamos ver como fica.

– Mais uma vez, um show de sensatez! – exclamou Mac, pegando o sapato que Parker tinha mostrado. – É mais romântico, faz mais o estilo princesa. Fantástico. Estou exausta.

– Deixe os sapatos de casamento comigo, todos eles. Leve os outros. Ah, e dê uma olhada na agenda quando chegar em casa. Acrescentei algumas reuniões.

– Quantas?

– Das cinco visitas à casa que tive hoje, ficamos com três reuniões marcadas. Uma ainda tem que ir falar com o pai, que é quem vai pagar as contas. E outra ainda está sondando as possibilidades.

– Três em cinco?! – exclamou Mac, comemorando. – U-huuu!

– Estou contando com quatro em cinco, porque a que depende do pai quer que seja aqui, e

quer mesmo. Quanto à quinta, bom, a noiva simplesmente ainda não está preparada para decidir. A mãe quer que o casamento seja feito por nós. E meus instintos me dizem que, nesse caso específico, isso é um ponto negativo. Vamos ver o que acontece.

– Bom, estou empolgadíssima. Três reuniões marcadas e o sapato perfeito para o casamento. Vou para casa cobrir meu homem de beijos, e ele nem vai ficar sabendo que é porque ele está fazendo aula de dança. Obrigada, Parker. Até mais tarde.

Parker se sentou e ficou observando os sapatos em cima da mesa. Pensou em Mac correndo ao encontro de Carter. Pensou em Laurel recebendo Del, que voltaria para casa depois de passar dois dias em Chicago a trabalho. E Emma talvez estivesse sentada no seu pequeno jardim, tomando um vinho com Jack e sonhando com as flores do próprio casamento.

Girou a cadeira para olhar a planilha na tela do computador. Tinha seu trabalho, lembrou a si mesma. Um trabalho que adorava. E que era o mais importante agora.

O BlackBerry tocou e o visor lhe mostrou que outra noiva precisava conversar.

– Sempre tenho vocês – murmurou Parker antes de atender. – Oi, Brenna. O que houve?

capítulodois

PARKER TROCOU OS SAPATOS que Mac havia comprado e, já que andava com a agenda muito apertada, só se permitiu comprar um par para si. Almoçou com uma noiva, a tia favorita que a levaria ao altar e a dama de honra, para conversarem sobre as lembrancinhas, a música e, por coincidência, os sapatos.

Passou por uma loja onde, a pedido de outra noiva, ajudou nas últimas provas dos vestidos das damas, deu palpites em roupas íntimas e arranjos de cabelo, depois se encontrou com outra noiva e seu grupo para participar da escolha dos tecidos. Em seguida, correu até o Coffee Talk para um rápido encontro com Sherry Maguire, a adorável irmã de Carter, que logo iria se casar.

– Diane está cada vez mais chata – declarou Sherry, apoiando o queixo na mão.

– Mas não é o casamento dela.

– Eu sei, eu sei, só que mesmo assim ela está sendo uma chata. Uma desmancha-prazeres. Fica procurando defeito em tudo.

– Sherry, em menos de duas semanas você vai se casar com o homem que ama, não é verdade?

Uma luz se acendeu nos olhos azuis da moça.

– Ah, claro.

– Todos os detalhes desse dia foram pensados para deixar vocês dois felizes, para celebrar esse amor. Não é verdade?

– Ah, meu Deus, foram mesmo. Todas vocês foram incríveis.

– Pois então, fique feliz. Comemore. E se a sua irmã está pegando no seu pé, tudo o que tenho a dizer é que isso é problema dela.

– É exatamente o que Nick diz. – Sherry jogou as mãos para o alto, depois desceu os braços e correu os dedos pelo cabelo louro-dourado. – E minha mãe também. Mas ela está dizendo que não vai comparecer ao ensaio nem ao jantar de ensaio.

Uma chata mesmo, pensou Parker, mas tudo o que fez foi dizer:

– Puxa, que pena. E por quê?

– Ela diz que não foi incluída no casamento. Na verdade, ela não *quis* ser. Eu a chamei para ser minha madrinha, mas ela recusou. Disse que não entendia por que tinha que se meter naquela confusão, por que eu precisava de *duas* madrinhas.

– Sua irmã e sua melhor amiga.

– Exatamente – concordou Sherry, dando um soco na mesa e enfiando a colher no creme que cobria seu café caprichado. – Aí agora resolveu que não vai pagar uma babá só para poder ir ao meu jantar. Eu disse que as crianças também estavam convidadas, aí ela alegou que não vai passar a noite inteira tomando conta de crianças e depois ainda ter que tomar conta delas no

casamento também. Os filhos ficam empolgados demais, segundo diz, e ela vai ficar exausta. Aí nós nos oferecemos para pagar a droga da babá para que ela e Sam pudessem ir. Resultado: ela ficou ofendidíssima. Não consigo convencê-la de jeito nenhum.

– Então pare de tentar.

– Mas ela é minha irmã, Parker. É o meu casamento.

Surgiram lágrimas nos olhos de Sherry e a emoção fez sua voz falhar.

E isso, pensou Parker, vinha acontecendo desde o começo com uma noiva tão doce, entusiasmada e compreensível.

De jeito nenhum ia deixar que estragassem um momento sequer do casamento dela.

– Vou falar com ela.

– Mas…

– Confie em mim, Sherry – disse Parker, pousando a mão sobre as da moça.

– Está bem. – Ela respirou fundo e soltou o ar pela boca, piscando para conter as lágrimas. – Desculpe, sou uma idiota.

– Não é, não. – E para enfatizar essa afirmação, Parker apertou por um segundo a mão de Sherry. – Sei o que estou dizendo porque conheço um monte de idiotas e você simplesmente não se enquadra no grupo. Então, por favor, tire isso da cabeça por enquanto. Esqueça e pense apenas em como as coisas estão indo bem e que, daqui para a frente, só vão melhorar.

– Tem razão. Sabia que você ia fazer eu me sentir melhor.

– É para isso que estou aqui.

Disfarçando sob a mesa, Parker virou o pulso para ver as horas. Ainda podia ficar uns dez minutos.

– E então, já marcaram as datas do spa e do salão, os preparativos finais?

Os dez minutos se estenderam por quase quinze, mas Parker podia compensar esse tempo na viagem de volta para casa, onde tinha uma reunião marcada para o fim da tarde. Nem a chuva que começou a cair quando ia pegar o carro a preocupou.

Tinha tempo bastante para chegar à mansão, se arrumar um pouco, pegar as pastas, verificar as bebidas e repassar os dados das clientes com suas sócias. Para adiantar as coisas, porém, colocou o fone do celular e ligou para Laurel.

– Votos. Confeitaria.

– Oi, sou eu, já estou a caminho. Está tudo pronto?

– Temos café, chá, champanhe, uns canapés simples, porém fabulosos, e chocolates. Emma já aprontou a parte das flores. Todas vamos estar com os nossos portfólios. Nossa, isso foi uma trovoada?

– Foi. Começou a chover ainda agora – respondeu Parker, dando uma olhada para as nuvens carregadas. – Chego em uns vinte minutos. Tchau.

A tempestade havia desabado com toda a força e ela pensou que seria ótimo estar abrigada em algum lugar. Mas logo estaria, consolou a si mesma e, por precaução, reduziu a velocidade, pois a chuva varria seu para-brisa.

Enquanto seguia pela estrada que levava à sua casa, ia repassando mentalmente os detalhes relativos aos novos clientes.

Aconteceu de repente; apenas um borrão em meio ao aguaceiro.

O cachorro – ou o veado, talvez – atravessou correndo. O carro que vinha em sentido contrário tentou desviar e derrapou de traseira. Parker tirou o pé do acelerador e pisou no freio, apesar de seu coração ter voltado ao ritmo normal quando o bicho saiu da sua frente.

Mas o outro carro derrapou de novo e foi direto para cima dela.

Mais uma vez, seu coração deu um pulo. Parker não teve alternativa a não ser virar o volante de um golpe para evitar a batida. Seu carro derrapou e deslizou para o acostamento. Depois foi saindo de traseira, até parar de lado. O outro carro passou a centímetros do dela.

E seguiu seu caminho.

Parker ficou sentada, com as mãos grudadas ao volante, as pernas trêmulas e o coração batendo tão forte que ela chegava a ouvi-lo.

– OK – disse ela, tentando recobrar o fôlego. – Está tudo bem. Ninguém se feriu. Eu não me machuquei.

E já que queria continuar sã e salva, decidiu parar o carro inteiro no acostamento até que a tremedeira passasse. Do jeito que estava, outro veículo podia surgir e bater na lateral do dela.

O máximo que conseguiu foi provocar um chacoalhar e um baque.

Pneu vazio, pensou, fechando os olhos. Perfeito.

Pegou o guarda-chuva no porta-luvas e saiu do carro para ver o que tinha acontecido.

– Ah, não é um pneu vazio – murmurou consigo mesma. – Um só seria pouco. São *dois*. Dois malditos pneus furados.

Ergueu os olhos para o céu e percebeu, chateada, que ele começava a clarear. Naquelas circunstâncias, o brilho suave do arco-íris que se formava numa mísera réstia de sol era um insulto a ela.

Era quase certo que se atrasaria para a reunião, mas pelo menos não chegaria encharcada.

Estava tentando ver o lado bom.

Voltou para o carro e ligou para o socorro mecânico. Como suas mãos ainda tremiam, preferiu esperar mais alguns minutos antes de telefonar para casa.

Decidiu que diria apenas que tinha furado um pneu e estava esperando o sujeito que viria trocá-lo. Poderia muito bem fazer isso sozinha, pensou, mas só tinha um estepe.

Passou a mão na barriga, que a incomodava, então pegou uma pastilha de antiácido na bolsa.

Provavelmente esperaria uma boa meia hora pelo reboque, se tivesse sorte. E depois ainda teria que pedir ao motorista que a levasse em casa ou então precisaria chamar um táxi. Não ia ligar para casa e pedir a uma das sócias que viesse buscá-la. Não queria que elas vissem o carro.

Não antes de uma reunião.

Um táxi, decidiu. Se chamasse um táxi naquele instante, ele deveria chegar junto com o reboque. Era a melhor solução. Se ao menos conseguisse parar de tremer, poderia resolver tudo. Poderia lidar com aquela situação.

Ouviu o barulho de um motor e seus olhos se dirigiram rapidamente para o retrovisor. Mas ficou mais calma e soltou o ar pela boca ao perceber que o condutor já diminuía a velocidade. Era uma moto, que teria espaço suficiente para passar por ela sem bater. Mas não foi o que aconteceu.

Em vez de contornar o carro, a moto parou bem atrás dele.

Um bom samaritano, pensou Parker. Nem todo mundo é como aquele outro motorista: um babaca displicente. Abriu a porta e saiu do carro para dizer ao motociclista que já tinha ligado para o socorro mecânico.

E viu Malcolm Kavanaugh tirando o capacete preto.

Melhor, impossível, pensou ela. Agora ia ser "salva" pelo amigo do irmão e seu atual mecânico, um homem que quase sempre a irritava.

Parker ficou só olhando enquanto ele analisava as condições do carro sob a chuva agora mais fraca que encharcava seu cabelo preto e desordenado. A calça jeans de Malcolm estava rasgada no joelho e tinha manchas de óleo na altura das coxas. A blusa preta e a jaqueta de couro completavam a imagem de *bad boy* sexy feito para o pecado.

E uns olhos, pensou Parker quando ele a fitou, que desafiavam uma mulher a cometer uma loucura. Aliás, mais de uma.

– Você se machucou?

– Não.

Ele a olhou de alto a baixo, como se quisesse comprovar a informação.

– Seu airbag não abriu.

– Eu não estava andando tão depressa assim e não bati em nada. Na verdade, *evitei* ser atingida por um babaca que desviou para não atropelar um cachorro e veio na minha direção. Tive que dar uma guinada para o acostamento e...

– Onde ele está, o outro motorista?

– Seguiu em frente. Quem faz uma coisa dessas? Como alguém pode fazer isso?

Sem dizer nada, Malcolm foi na direção dela e estendeu a mão para pegar a garrafa de água que estava no porta-copos do carro.

– Sente-se. Tome um pouco de água.

– Estou bem. Só estou zangada. Estou muito, muito furiosa.

Ele a empurrou um pouco, com toda a delicadeza, e ela acabou se sentando de lado no banco da frente.

– Como está o seu estepe? – perguntou Malcolm.

– Nunca foi usado, é novinho. Troquei todos os pneus no inverno passado. Que droga!

– Agora vai precisar de dois novos.

Ele se agachou por um instante e aqueles olhos verdes e profundos ficaram no mesmo nível dos dela. Parker levou alguns segundos para perceber que aquele movimento e o tom casual de sua voz provavelmente eram intencionais, para acalmá-la. E já que parecia estar funcionando, ela só podia ficar agradecida.

– Vamos arranjar uns que sejam iguais aos que você já tem – prosseguiu ele. – Quero dar uma olhada no carro enquanto fizermos a troca.

– OK, tudo bem. – Parker tomou um gole de água, e só então percebeu quanto sua garganta estava seca. – Obrigada. Só estou...

– Muito, muito furiosa – completou Malcolm, voltando a se levantar. – O que é normal nessa situação.

– E ainda por cima vou me atrasar. Detesto chegar atrasada. Tenho uma reunião marcada... ai, droga!, para daqui a vinte minutos. Preciso chamar um táxi.

– Não precisa, não – falou ele e, ao olhar para trás, viu o reboque aproximando-se.

– Eles chegaram depressa. Você chegou depressa. Não esperava... – Parou por um instante, pois seu cérebro começava a funcionar de novo. – Você veio assim, de moto?

– Vim assim, de moto – afirmou Malcolm. – Afinal, você pediu socorro por ter sido jogada para fora da estrada. Não chamou a polícia?

– Não anotei a placa, nem sei que carro era. – E aquilo a deixou irritada. *Muito* irritada. – Tudo aconteceu tão depressa, estava chovendo e...

– E teria sido perda de tempo. Mesmo assim, Bill vai tirar umas fotos e registrar a ocorrência por você.

– Está bem. Obrigada – disse ela, levando a mão à testa. – Obrigada mesmo. Acho que estou um pouco atordoada.

– É a primeira vez que a vejo desse jeito. Espere aí.

Malcolm dirigiu-se ao caminhão e, enquanto ele conversava com o motorista, Parker tomou mais uns goles de água e disse a si mesma que precisava se acalmar. Estava tudo bem. Tudo certo. O motorista lhe daria uma carona até em casa e ela nem chegaria atrasada. Estaria lá em dez minutos e ainda lhe sobrariam cinco para se trocar. Contaria a história do pneu furado depois que a reunião acabasse.

Estava tudo certo.

Ergueu os olhos quando Malcolm se aproximou e lhe estendeu um capacete vermelho-vivo.

– Vai precisar disso.

– Por quê?

– Segurança acima de tudo, Pernas. – Ele mesmo pôs o capacete na cabeça de Parker e sorriu com um ligeiro ar de zombaria. – Que gracinha.

– O quê?! – exclamou ela, arregalando os olhos. – Se está pensando que vou subir nessa moto...

– Não quer chegar a tempo para a reunião? Manter a reputação de Rainha da Pontualidade e da Eficiência? Como a chuva parou, não vai nem se molhar.

Ele se debruçou de novo por trás dela, e dessa vez seus corpos esbarraram um no outro. Malcolm surgiu com a bolsa de Parker na mão.

– Acho que vai querer isso. Vamos.

– Será que o motorista... será que ele não pode me levar?

Malcolm prendeu a bolsa dela à moto e passou uma das pernas por cima do assento.

– Não vá me dizer que tem medo de andar de moto. E ainda por cima só por uns 10 quilômetros.

– Claro que não tenho medo.

Ele pôs o capacete, ligou a moto e deu umas duas aceleradas fortes.

– O tempo está passando...

– Pelo amor de... – Ela engoliu as palavras, se aproximou da moto com aqueles saltos altos e, com os dentes cerrados, conseguiu passar uma perna sobre o assento e sentar atrás dele.

Sua saia subiu, expondo metade das coxas.

– Legal.

– Quer fazer o favor de calar a boca?

Ela mais sentiu que ouviu o riso dele.

– Já andou numa Harley, Pernas?

– Não. Por que andaria?

– Então vai ver o que é bom. Melhor segurar firme. Em mim – acrescentou ele, depois de um instante.

Parker pôs as mãos bem de leve no tronco dele, mas quando o rapaz voltou a acelerar o motor – e ela teve certeza de que ele fez isso de propósito –, ela engoliu o orgulho e o agarrou com força.

Por que será que alguém ia querer dirigir uma coisa tão barulhenta, tão perigosa, tão...

E lá estavam eles, voando pela estrada, com o vento fresco, perfumado e *magnífico* soprando em cada pedacinho de seu corpo.

OK, admitiu, era uma sensação e tanto, e seu coração deu um pulo quando ele inclinou a moto numa curva. Apavorante. Como uma montanha-russa, coisa que ela podia admitir ser empolgante, porém nem um pouco necessária.

A paisagem passava numa velocidade incrível. Parker sentia o cheiro da chuva, do mato, do couro da jaqueta dele, e a vibração da moto entre suas pernas.

Tinha algo de sexual. Acrescentava excitação àquela emoção assustadora. Com certeza era por isso que as pessoas andavam de moto.

Quando ele entrou pelo portão de sua casa, Parker teve que se conter para não erguer os braços e sentir o vento nas palmas das mãos.

Quando pararam diante da entrada da mansão, Del vinha saindo.

– Oi, Mal.

– Oi, Del.

– Onde está seu carro, Parker?

– Meu pneu furou na estrada. Malcolm apareceu. O reboque dele está lá resolvendo o problema. Tenho uma reunião agora.

Seu irmão balançou a cabeça, e ela percebeu um ligeiro movimento no canto de sua boca.

– Você andou de moto, Parker.

– E daí? – retrucou a moça, tentando descer da moto com a maior classe, mas os saltos e a saia não ajudaram muito.

Malcolm apenas pulou de seu lugar e a tirou da moto como se fosse um pacote a ser entregue.

– Obrigada. Muito obrigada. Agora tenho que correr senão...

– Vai se atrasar – completou ele, pegando a bolsa dela que tinha ficado presa na moto. – Provavelmente não vai querer usar isso – acrescentou, soltando a tira do capacete e tirando-o para ela.

– Obrigada.

– Você já disse isso. Mais de uma vez.

– Bom... – Sem saber o que fazer, o que não era nada comum, Parker se virou e entrou

correndo.

Ela ouviu Del dizer:

– Entre, vamos tomar uma cerveja.

E tentou não se abalar com a resposta do rapaz.

– Por que não?

Malcolm entrou acompanhando Del e ainda teve tempo de ver Parker, que subia a escada correndo. Que pernas tinha aquela mulher. Dignas de atrizes de Hollywood.

As outras sócias, a loura tranquila, a beldade de cabelo preto e a ruiva esguia, estavam paradas na porta do que ele imaginou ser uma sala de visitas, todas falando ao mesmo tempo.

Era uma cena e tanto.

– Pneu furado – murmurou Del e seguiu em frente.

A mansão dos Browns tinha estilo, pensou Malcolm, tinha classe, tinha o *peso* da tradição, mas mesmo assim, em vez de um museu, conseguia dar a impressão de ser um lar. Imaginou que o mérito era de quem morava ali e dos que haviam morado antes.

Cores aconchegantes, arte que atraía o olhar em vez de deixá-lo desnorteado, cadeiras confortáveis, mesas lustrosas, além de flores, flores e mais flores, misturadas com aquele estilo, aquela classe, aquela tradição.

Mas ele nunca sentira necessidade de enfiar as mãos nos bolsos por medo de deixar a marca de seus dedos em alguma coisa.

Já tinha estado em quase todas as dependências daquela casa, exceto na parte que correspondia ao apartamento de Parker (e não seria nada mal mudar isso), e sempre se sentira à vontade. Mas a parte mais aconchegante e convidativa era sem dúvida a cozinha da Sra. Grady.

E lá estava ela, que se virou do fogão, onde preparava algo que espalhava um cheiro maravilhoso pelo ambiente.

– Ora, ora, é o Malcolm.

– Como vai, Sra. Grady?

– Bem – respondeu ela, erguendo uma sobrancelha ao ver Del pegar umas cervejas na geladeira. – Leve isso lá para fora. Não quero vocês me atrapalhando aqui.

– Sim, senhora – disseram os dois ao mesmo tempo.

– Imagino que vá ficar para o jantar – acrescentou, dirigindo-se a Malcolm.

– Está me convidando?

– Estou, se Delaney esqueceu a boa educação que teve e não o convidou ainda.

– Ele acabou de chegar – resmungou Del.

– Como os outros rapazes já vieram me bajular em troca de um jantar depois da reunião, posso arranjar comida para mais um. Se ele não for chato para comer.

– Se é a senhora quem vai cozinhar, vou agradecer a Deus até se ganhar só um pedacinho.

– Você tem uma língua afiada, não é, meu rapaz?

– É o que as mulheres dizem.

A Sra. Grady soltou uma gargalhada e bateu a colher na borda de uma panela.

– Agora fora daqui, os dois.

Del abriu a geladeira e pegou mais duas cervejas. Entregou três das quatro garrafas a

Malcolm e pegou o celular enquanto saíam.

– Jack, Malcolm está aqui. Vamos tomar umas cervejas. Chame Carter – disse, antes de desligar.

Malcolm reparou que ele ainda estava de terno e, embora tivesse tirado a gravata e aberto o colarinho, tinha toda a pinta de um advogado formado em Yale. Como a irmã, tinha uma cabeleira castanha e espessa e os olhos de um azul enevoado. Os traços dela eram mais brandos, mais suaves, mas qualquer um que não tivesse problemas de visão percebia que eram irmãos.

Del se sentou e esticou as pernas. Tinha um jeito mais descontraído e muito menos pose que a irmã. Com certeza era por isso que tinha se tornado seu companheiro de pôquer e depois, amigo.

Abriram as garrafas e, assim que Malcolm tomou o primeiro gole da bebida gelada, seu corpo relaxou pela primeira vez desde o momento em que pegara as ferramentas de trabalho, doze horas atrás.

– O que aconteceu? – perguntou Del.

– Como assim?

– Não tente me enrolar, Malcolm. Pneu furado uma ova. Se fosse isso, você teria trocado o pneu, ou ela mesma, e Parker não precisaria ter voltado para casa na sua moto.

– O pneu furou mesmo. – Malcolm tomou mais um gole de sua cerveja. – Na verdade, foram dois. Ficaram imprestáveis – acrescentou, dando de ombros.

Não ia mentir para um amigo.

– Pelo que ela disse e pela posição do carro quando cheguei lá, um babaca qualquer invadiu a pista dela para não atropelar um cachorro. Parker teve que jogar o carro no acostamento para não ser atingida. Com o asfalto molhado e talvez por ter feito uma manobra um tanto forçada, ela acabou derrapando, aí furou os dois pneus do lado esquerdo. Pelas marcas no chão, acho que o outro motorista estava correndo muito, o que não era o caso dela. E ele simplesmente se mandou.

– E deixou ela lá? – Era nítida a indignação tanto na voz de Del quanto no seu rosto. – Filho da puta! Ela anotou a placa? Viu a marca do carro?

– Nem uma coisa nem outra. E não a culpo. Isso deve ter acontecido quando a chuva estava mais forte e toda a atenção de Parker estava voltada para o próprio carro. Acho que ela se saiu muito bem. Não bateu em nada, o airbag nem foi acionado... Ela estava abalada e furiosa. Mais furiosa ainda pela possibilidade de chegar atrasada à reunião.

– Mas não se machucou – disse Del, meio falando consigo mesmo. – OK. Onde foi?

– A uns 10 quilômetros daqui.

– E você estava passando de moto?

– Não. – Maldito interrogatório. – Na verdade foi minha mãe que atendeu o telefone e veio me dizer que alguém tinha jogado Parker para fora da estrada. E que ela não tinha como tirar o carro. Então resolvi ir ver como Parker estava enquanto minha mãe mandava Bill sair com o reboque.

– Muito obrigada por isso, Malcolm – falou a Sra. Grady.

Ela se aproximou e pôs uma tigela de amendoins e um prato de azeitonas em cima da mesa.

– Para vocês não ficarem só na cerveja. Seus amigos estão vindo aí – acrescentou, indicando com um gesto de cabeça o gramado, agora na penumbra do crepúsculo. – Você – emendou ela,

dando um tapinha no ombro de Malcolm – tem direito a mais uma cerveja, já que o jantar não vai sair antes de uma hora ou mais. E vão ser só essas duas até você ter estacionado aquela máquina monstruosa no quintal da sua casa.

– Antes disso, nós dois podíamos sair para dançar.

– Olha lá, hein? – retrucou a Sra. Grady com uma piscadela. – Ainda tenho muito pique para essas coisas.

E voltou para dentro da casa, deixando Malcolm com um sorriso no rosto.

– Aposto que tem mesmo.

Ele ergueu sua cerveja na direção de Jack e Carter, cumprimentando-os.

– Exatamente o que o médico me receitou – brincou Jack, abrindo uma garrafa de cerveja.

Jack Cooke era um arquiteto conceituado e colega de faculdade de Del. As botas pesadas e a calça jeans que usava deixaram claro para Malcolm que aquele dia tinha sido mais de trabalho em obras do que no escritório.

A roupa de Jack contrastava com a camisa social e a calça cáqui de Carter. No bolso da camisa dava para ver os óculos de leitura, e Malcolm pôde perfeitamente imaginá-lo sentado no seu novo escritório, corrigindo trabalhos de alunos, com o paletó de tweed de professor Maguire pendurado no armário com todo o cuidado.

Percebeu que formavam um grupo bem heterogêneo: Del no seu terno italiano impecável, Jack com suas botas de canteiro de obra, Carter com seu típico traje de professor, e ele mesmo...

Bom, se soubesse que seria convidado para jantar, teria trocado de calça.

Provavelmente.

– O que houve? – perguntou Jack, pegando um punhado de amendoins.

– Alguém jogou Parker para fora da estrada. Malcolm foi socorrê-la.

– Está tudo bem? – indagou Carter, pondo a cerveja na mesa sem sequer tocá-la. – Ela se machucou?

– Não, ela está bem – assegurou Malcolm. – Foram só dois pneus furados. Nada sério. E por causa disso, acabei ganhando umas cervejas e um jantar. Nada mal, não é?

– Ele convenceu Parker a vir de moto.

Jack bufou e olhou de Del para Malcolm.

– É sério?

– Dos males, o menor – falou Malcolm, agora relaxado, pondo uma azeitona na boca. – Era enfrentar a moto ou se atrasar para a reunião. De qualquer jeito... – prosseguiu ele, jogando outra azeitona na boca –, acho que ela gostou. Tenho que levá-la para andar de moto de verdade.

– OK – disse Del com um risinho. – Boa sorte.

– Acha que não consigo fazê-la subir na moto de novo?

– Parker não é exatamente como a sua mãe motoqueira.

– Olha lá como fala da minha mãe – observou Malcolm, tomando um gole de cerveja. – Aposto 100 pratas que em duas semanas consigo fazê-la andar de moto por uma hora inteirinha.

– Isso é que é jogar dinheiro fora. Desse jeito, vou ter que continuar fornecendo sua cerveja.

– Eu topo – disse Jack, enfiando a mão na tigela de amendoins. – Não tenho nenhum problema em tirar dinheiro de você.

– Feito! – exclamou Malcolm, apertando a mão de Jack para selar a aposta. – Você ainda pode participar – acrescentou ele, dirigindo-se a Del.

– OK – concordou o rapaz e olhou para Carter. – Não vai participar?

– Não, acho que... Na verdade, vou apostar em Malcolm.

O mecânico então o fitou com ar pensativo.

– Talvez você seja mesmo tão inteligente quanto parece.

capítulotrês

PELA EXPERIÊNCIA DE MALCOLM, a maior parte das pessoas não se sentava à mesa numa simples quinta-feira para comer presunto caramelizado, batatas assadas com minicenouras e aspargos delicadamente grelhados. E era bem provável que as poucas pessoas que faziam isso não jantavam à luz de velas, com flores e vinho reluzindo em taças de cristal.

Isso só mostrava, mais uma vez, que a mansão dos Browns não era como a maioria das casas.

Recusou o elegante vinho francês, embora a Sra. Grady não estivesse vigiando. Passara daquela fase em que tomava todas e depois saía de moto havia muito tempo.

Mais cedo, tinha pensado em voltar para casa e descansar do longo dia malhando um pouco, tomando uma chuveirada, enfiando alguma coisa entre duas fatias de pão, abrindo uma cerveja e ficando de bobeira diante da tevê.

Não teria sido nada mal.

Mas precisava admitir que aquilo ali era bem melhor.

Não apenas pela comida – apesar de a Sra. Grady ser uma cozinheira fantástica –, mas o lugar, o pacote completo. Mulheres bonitas, homens de quem gostava e aquela incrível Sra. Grady.

E, acima de tudo, a sempre intrigante Parker Brown.

Considerou que o rosto dela era perfeito para uma iluminação a luz de velas. Elegante, mas não frio, a menos que ela quisesse se mostrar assim. Sexy, porém sutil, como uma pontinha de renda que despontasse por baixo de uma camisa simples.

Além da voz, é claro – baixa e levemente rouca, mas que podia mudar como o tempo, passando de ríspida a branda, de acolhedora a glacial. Ela conseguia o que quisesse com essas nuances. Ao que tudo indicava, sabia muito bem como usá-las.

Parker teve que contar sobre seu quase acidente, e usou tons casuais mesclados a toques de indignação. Se ele próprio não a tivesse visto logo após o episódio, na certa teria engolido a história que ela tentava passar de não ter havido nenhum perigo real e ela apenas estar irritada com o pouco-caso do motorista e por ela mesma ter desperdiçado tanto energia naquilo.

Mesmo com essa encenação, os outros a cercavam de preocupação, faziam-lhe mais perguntas, esbravejavam contra o tal motorista. E demonstravam tanta gratidão a ele que Malcolm chegou a se sentir sufocado.

Imaginou que ele e Parker sentiram o mesmo alívio quando a conversa se desviou para outro assunto.

Gostava de ouvi-los falar, todos eles. O jantar entre amigos – que era mais um jantar em família – demorou um bom tempo, foi bem barulhento e cheio de conversas paralelas. Por ele, tudo bem. Desse jeito não precisava falar muito e, na opinião dele, é quando deixamos uma

pessoa no controle que aprendemos mais sobre ela.

– O que você vai fazer com a mesa de sinuca, Del? – perguntou Jack.

– Ainda não sei.

Ao ouvir aquilo, Malcolm se animou.

– O que há de errado com a mesa de sinuca? – indagou.

– Nada.

– É que Del pôs a casa à venda e está se mudando para cá – contou Carter.

– Vai vender aquela casa? Quando resolveu isso?

– É coisa bem recente – falou Del e arqueou as sobrancelhas, fitando Malcolm, que passava manteiga num dos impecáveis croissants da Sra. Grady. – Por que, está interessado?

– Que diabos eu ia fazer com ela? É grande o bastante para uma família de dez pessoas e ainda teria lugar para os avós lá do Iowa – exclamou ele, cortando mais um pedaço de presunto. – Alguma possibilidade de me vender só a sala de jogos?

– Infelizmente, não. Mas tenho algumas ideias para ela.

– Quando quiser vender as máquinas de pinball, me avise.

– E onde você iria colocá-las? – provocou Jack. – Você mal consegue se mexer naquele apartamentinho em cima da garagem da sua mãe.

– Por peças clássicas, jogo minha cama fora e durmo no chão.

– Os meninos e seus brinquedos – disse Laurel, revirando os olhos para Del. – Você não pode pôr os seus no nosso quarto. Isso já está decidido, Delaney. Nem pense em tentar negociar.

– Eu estava pensando em outro lugar – replicou Del, olhando para a irmã. – Precisamos conversar sobre isso.

– OK. Imaginei que você talvez quisesse reformar um dos sótãos – começou Parker –, mas dei uma olhada por lá e não acho que seria um local seguro para aguentar tanto peso. A não ser que você se desfaça da mesa de ardósia.

– Eu não estava pensando lá no alto. Estava pensando na parte de baixo.

– De baixo? – repetiu Parker. – Onde... Ah, Del! Jura que está pensando num dos porões?

– Quantos sótãos e porões há nesta casa? – perguntou Malcolm, dirigindo-se a Emma num sussurro.

– Três sótãos e dois, não, três porões, contando com aquela casa de máquinas assustadora onde moram os demônios que devoram garotinhas.

– Maneiro.

– É, para um garotinho como Del... – retrucou Emma, estreitando os olhos escuros, que fitavam o outro lado da mesa. – Mas uma menina brincando de caça ao tesouro poderia ficar apavorada para o resto da vida se um garoto malvado, com uma lanterna vermelha, um andar meio trôpego e uma risadinha de maluco aparecesse. – Ela estremeceu e pegou sua taça de vinho, antes de acrescentar: – Até hoje não consigo descer lá.

Malcolm voltou sua atenção para o grupo que o cercava. Parker e Del discutiam a tal história dos porões. Laurel sorria, olhando para seu vinho. Jack pegou mais um croissant e Mac sussurrou alguma coisa no ouvido de Carter, algo que deixou a ponta de suas orelhas avermelhadas.

Interessante.

– Veja bem – disse Del –, vocês usam o porão da ala oeste para guardar os equipamentos de festas: mesas e cadeiras extras e coisas do gênero.

– Estamos comprando mais. Investindo em material próprio – observou Parker. – Com isso, podemos ganhar o aluguel em vez de gastar com ele.

– O que é um bom negócio. Nem sei mais quantas vezes já estive lá embaixo quando ajudei em algum evento. Vocês têm espaço suficiente para montar um showroom.

– Não é uma questão de espaço, Del. É claro que você pode ficar com o espaço – argumentou Parker, franzindo o cenho e fitando seu copo de água e depois o irmão, obviamente avaliando as opções. – Podíamos transferir o nosso depósito para o lado leste, mas mesmo assim...

– Não, não! – exclamou Emma, agitando as mãos. – Fica perto demais da Boca do Inferno.

– E ele continua lá – disse Del em tom soturno. – Esperando por você.

– Odeio você, Delaney. Bata nele, Jack – pediu Emma. – Muito!

– Tá, mas posso acabar este croissant primeiro?

– Leste, oeste – atalhou Parker –, tanto faz. Continua sendo um *porão*. Quase não tem iluminação natural, o teto tem só uns 2 metros de altura, o chão é de concreto, as paredes são de reboco e há canos por toda parte.

– Perfeito para uma Caverna Masculina. Ainda por cima, por que acha que ando tanto com ele? – acrescentou Del, apontando para Jack. – Ele não é apenas um rostinho bonito.

– Reformar um porão cavernoso e transformá-lo numa ADM? O que significa Área de Diversão Masculina, para os leigos – observou Jack, com os olhos já brilhando de entusiasmo. – Claro que posso fazer isso.

– As paredes têm 30 centímetros de espessura – prosseguiu Del. – Portanto, o lugar pode ser usado mesmo durante os eventos, que ninguém vai ouvir nada. – Ergueu a taça de vinho, fez girar ali dentro o restinho da bebida que ainda havia no fundo, olhou para Emma e acrescentou: – Como ninguém ouve os gritos apavorados das meninas que são comidas vivas pelo demônio de olho vermelho.

– Seu filho da mãe! – disse Emma, encolhendo os ombros.

– Que tal irmos dar uma olhada?

– Agora? – perguntou Parker, encarando o irmão.

– Claro.

– Eu não vou descer lá – murmurou Emma.

– Qual é, querida – disse Jack, passando o braço pelo seus ombros. – Estou aqui para protegê-la.

– Isso é o que você está dizendo agora – retrucou a moça, balançando a cabeça.

– Vão vocês, pessoal – disse Mac, agitando sua taça. – Carter e eu só vamos terminar esse vinho porque temos... umas coisas para fazer lá em casa.

– Mas ainda tem a torta de pêssego – atalhou a Sra. Grady.

– Bom... – replicou Mac, sorrindo. – Temos sobremesa em casa, não temos, Carter?

– Pelo visto... – respondeu ele, e mais uma vez suas orelhas ficaram vermelhas.

– Vamos lá, Mal – propôs Del. – Vou levá-lo para fazer um tour nas profundezas e abrir seu apetite para a torta.

– Claro.

Malcolm se levantou depois dos outros e já ia pegando o prato para levá-lo à cozinha.

– Pode deixar isso aí – disse a Sra. Grady com um gesto. – Primeiro vá desfrutar sua aventura.

– Está bem. Foi o melhor presunto que já comi na vida.

– Vou embrulhar um pedaço para você levar.

Ao passar diante da governanta, o rapaz se inclinou um pouco.

– Estou lhe devendo uma dança – sussurrou ele, e a Sra. Grady riu.

– O que foi? – Parker perguntou a ele.

– Assunto particular.

E lá se foi ele pela escada dos fundos. Imaginou que tinha sido por ali que um dia circulara a criadagem. E se perguntou por que Parker estava usando aqueles saltos altos e finíssimos.

Quando Del pressionou o interruptor, luzes florescentes bem fortes se acenderam, revelando um enorme labirinto.

Malcolm reparou no teto baixo, nas paredes inacabadas, nos canos à mostra e, quando penetraram num espaço mais amplo, pôde ver prateleiras, além de pilhas de mesas, cadeiras e banquinhos.

Aquilo era sem dúvida um porão. Com um quê de assustador que era até divertido, e limpíssimo, como a cozinha de um restaurante cinco estrelas.

– Não venham me dizer que vocês têm gnomos que aparecem para limpar tudo durante a noite.

– Não é por ser um depósito que o lugar não deve ficar limpo – observou Parker. – Del, isso aqui é tão deprimente...

– Vejam...

O rapaz se dirigiu para uma passagem, com uma agilidade que Malcolm deduziu ser produto da experiência, abaixou a cabeça por causa dos canos e seguiu pelo labirinto.

– Aqui é a velha casa de máquinas – disse Del, apontando para uma porta de madeira trancada. – Onde os demônios ficam babando e afiando as garras nos ossos de...

– Eu não caí nessa história quando tinha 8 anos... – atalhou Laurel.

– Que pena – retrucou Del, passando o braço pelos ombros da noiva, que o enlaçou pela cintura.

Malcolm acertou o passo para ir andando ao lado de Parker.

– Nossa, é muito espaço.

– Isso aqui já teve algumas encarnações e vários usos. Depósito de material de serviço, como hoje, e meu bisavô teve uma oficina neste porão. Ele gostava de fazer coisas e, pelo que me disseram, precisava de um espaço tranquilo para se refugiar quando minha bisavó ficava muito atacada. Usavam este lugar também para guardar conservas, legumes, tudo o que pudessem estocar durante a colheita. Meu pai contava que os pais dele adaptaram este porão para transformá-lo em abrigo antiaéreo nos anos cinquenta.

Quando chegaram a outro espaço mais amplo, ela parou e pôs as mãos no quadril.

– Ah, Del, isto aqui é *assustador*. Parece até uma catacumba.

– Eu gostei – observou Jack, estreitando os olhos e circulando pelo aposento para observar

tudo. – Tiramos esta parede, aumentamos a abertura. Vigas, colunas. Ali dá para fazer outra janela e ganhar um pouco de luz.

– Você chama aquela fresta de janela? – questionou Laurel.

– Iluminação é a prioridade, e temos como conseguir isso – prosseguiu Jack, olhando para cima. – Vamos ter que refazer o traçado de alguns desses canos para ninguém ter que baixar a cabeça. Como espaço não é problema, posso revestir as paredes com madeira para passar a fiação elétrica por trás dela e instalar mais encanamentos. Coloco um banheiro legal daquele lado e, por uma questão de equilíbrio, um armário embutido do outro. Por mim, vale a pena instalar uma lareira a gás. Além do calor, cria certo clima. E talvez até pudéssemos pôr umas pedras ou uns tijolos naquela parede. Piso de cerâmica, com aquecimento por baixo. Tem aquelas portas tipo abrigo que dão direto lá fora. Quero pensar um pouco no projeto, tirar as medidas, mas dá para fazer. Com certeza dá para fazer.

Del olhou para Parker com uma sobrancelha erguida.

– Se é o que você quer, por mim tudo bem – falou ela.

– Pronto, Cooke, sinal verde.

Jack esfregou as mãos, todo satisfeito.

– Perfeito.

– Agora eles vão começar a falar de paredes e encanamentos – disse Laurel, balançando a cabeça. – E eu vou subir. Ainda nem consegui me livrar do estresse da construção da minha cozinha auxiliar... Que, aliás, foi um trabalho de gênio – acrescentou, dirigindo-se a Jack.

– Nada menos que isso.

– Vou com você. – Parker fez menção de sair junto com Laurel, mas parou. – Jack, será que dá para pôr piso aquecido no nosso depósito?

– Isso e muito mais, minha cara.

– Talvez a gente possa conversar a respeito – retrucou ela, sorrindo.

Quando Malcolm voltou lá para cima – e, caramba, pela descrição de Jack, aquele lugar ia ficar incrível, talvez até mais incrível que o paraíso de testosterona que Del tinha na antiga casa –, a Sra. Grady, Emma, Laurel e Parker já tinham praticamente terminado de lavar a louça.

Ele pegou a mão da Sra. Grady, balançando a cabeça.

– Hã, hã, pode se sentar aqui – disse ele, apontando para um banco que ficava no cantinho do café da manhã. – Quem cozinha não lava. Essa é a lei dos Kavanaugh.

– Sempre gostei da sua mãe.

– Eu também. Quer mais vinho?

– Não, já bebi o bastante. Mas uma xícara de chá até que cairia bem.

– É para já.

Ele foi até o fogão, sacudiu a chaleira e depois empurrou Parker para o lado com o quadril para enchê-la na torneira da pia. Respondeu à altura ao olhar que ela lhe lançou.

– Algum problema?

– Não – respondeu Parker.

– O cheiro do seu cabelo é igualzinho ao das flores brancas que havia debaixo da janela do meu quarto na Flórida. Ele sempre me atrai.

Ele acendeu o fogão e pôs a chaleira no fogo. Quando os outros homens entraram na cozinha, Malcolm estava pegando uma pilha de pratos das mãos de Emma.

– Que azar! – exclamou Del. – Devíamos ter ficado lá embaixo um pouco mais.

– Vocês podem pegar o que ficou lá na mesa – disse Laurel. – Estamos desfalcados, já que Mac e Carter caíram fora para comer aquela sexobremesa.

– Se tivessem esperado mais uma hora, poderiam ter as duas coisas: torta e sexo – observou Malcolm, pegando uma xícara e um pires no armário. – Existe coisa melhor?

E ele não tardou a descobrir que a tal torta era simplesmente fantástica.

Foi sensato ao perceber que era o momento de se levantar da mesa. Del e Jack estavam debruçados sobre uns esboços que o arquiteto traçara num bloco de papel que surgira do nada. E Laurel estava conversando sobre receitas com a Sra. Grady.

– Agora tenho que ir. Obrigado, Sra. Grady.

– Não esqueça da noite do pôquer – disse Del erguendo os olhos. – É em dinheiro vivo.

– Claro, já que vou sair de lá com o seu.

– Dê lembranças minhas à sua mãe – falou a Sra. Grady e, batendo com um dedo na mesa, pediu a Parker: – Pegue o que eu separei para ele levar.

Maravilha, pensou Malcolm. Ele abriu um sorriso para a Sra. Grady quando ela lhe deu uma piscadela, depois seguiu Parker até a cozinha.

– Pelo visto, amanhã vou comer de novo feito um rei – disse ele, pegando o pote.

– A Sra. G. tem uma queda por gente que não é muito regrada. Não foi bem isso que eu quis dizer – apressou-se em acrescentar.

– Não foi bem isso que eu entendi.

– Muito obrigada por toda a ajuda hoje. Você me poupou muito tempo e muito aborrecimento. Vou acompanhá-lo até a porta.

Malcolm percebeu que ela assumira seu tom formal. Um tom que deixava bem claro para um homem que era hora de recuar. De propósito, chegou mais perto dela enquanto cruzavam a casa.

– Em quanto tempo será que meu carro fica pronto?

Agora iam tratar de negócios, pensou ele.

– Minha mãe vai telefonar para você de manhã para acertar a questão dos pneus. Mas, como ele está lá, eu podia aproveitar para dar uma olhada.

– Eu ia marcar uma revisão geral para o mês que vem, mas tudo bem, já que ele está lá...

– O carro estava com algum problema?

– Não. Nenhum.

– Bom, isso facilita as coisas.

Parker estendeu o braço para abrir a porta. Ele se adiantou.

– Obrigada de novo. Vou esperar a ligação de sua mãe amanhã.

Ríspida e seca como um aperto de mão, pensou ele. Ele pousou o recipiente numa mesinha onde havia um vaso cheio de rosas alaranjadas. Às vezes, pensou, o melhor era agir rápido; outras, ir devagar.

E ele agiu rápido. Puxou-a para si de tal forma que seus corpos colidiram. O jeito como ela disse “O que isso significa?!”, como uma professora repreendendo um aluno levado, o fez sorrir

antes de beijá-la.

Foi melhor até do que a torta.

Macio, saboroso, maduro, com um leve toque de surpresa para quebrar o doce. Malcolm sentiu os dedos dela pressionarem seus ombros, e o ligeiro tremor que percebeu poderia ter sido tanto de ofensa quanto de prazer.

Já tinha sentido aquele beijo antes. A primeira vez, quando ela o agarrara e lhe dera um beijo para provocar Del. A outra quando ele seguira os próprios instintos numa visita à casa dos Browns nos Hamptons.

E cada beijo só o fazia querer mais.

Muito mais.

Não se preocupou em ser educado. Ela já devia ter experimentado sua cota dos gentis e refinados, e Malcolm não estava a fim de ser nem uma coisa nem outra. Então se deliciou deixando as mãos percorrerem aquele corpo incrível, e gostou de perceber que aos poucos ela se encostava cada vez mais nele.

Quando ouviu o ligeiro ronronar que brotou da garganta de Parker e o sentiu na própria língua, ele a soltou. Recuou um passo e pegou o pote com a comida.

Sorriu para ela. Foi a primeira vez que a viu atônita, sem fala.

– Tchau, Pernas.

Saiu a passos rápidos, prendeu o recipiente na moto e, quando ligou o motor, olhou para trás para vê-la parada diante da porta aberta.

Era uma imagem e tanto, pensou Malcolm. Parker emoldurada ali, naquele terninho de mulher poderosa, um pouquinho descomposta, cercada por aquele casarão maravilhoso.

Levou a mão ao capacete num gesto de despedida e foi embora levando aquela imagem tão clara na cabeça quanto o gosto dela na língua.

Parker voltou para dentro de casa, fechou a porta, virou-se e tomou o maior susto quando viu Laurel no corredor.

– Será que posso dizer *uau*?

Parker balançou a cabeça. Adoraria ter alguma coisa para fazer com as mãos.

– Ele simplesmente... me agarrou.

– Ah, claro. E isso vale mais um *uau*.

– Ele é atirado, pretensioso e...

– Muito, muito sexy. Digo isso apesar de ser apaixonadérrima pelo seu irmão. E tenho que acrescentar – prosseguiu ela, aproximando-se da amiga – que, já que não fui educada o bastante para desviar os olhos e sair, pude perceber que você não estava exatamente lutando para afastá-lo.

– Ele me pegou de surpresa. Além do mais, eu não daria esse gostinho a ele.

– Não sei, não, ele parecia estar gostando muito. E você, Parker – acrescentou a moça, dando um tapinha no braço da amiga –, parecia agitada, radiante e atordoada.

– Não estou radiante coisa nenhuma.

Laurel se limitou a girar Parker pelos ombros, pondo-a de frente para o espelho do vestíbulo.

– O que estava dizendo?

Talvez seu rosto estivesse mesmo afogueado e seus olhos um tanto atordoados, mas...

– Pura irritação.

– Não vou chamá-la de mentirosa, mas você deve estar pegando fogo por baixo dessa saia.

– OK, OK. Ele beija muito bem, para quem gosta do estilo brusco, arrogante.

– E você pareceu gostar.

– Como eu já disse, ele me pegou de surpresa. E não sei por que continuamos nessa conversa idiota sobre nada. Vou subir.

– Era o que eu ia fazer. Foi por isso que pude ver tão bem assim esse nada.

Começaram a subir a escada juntas, mas, antes de se separarem, Parker parou no patamar.

– Eu estava com a cara de "cai fora".

– O quê?

– Não sou tão idiota assim. Ele se insinuou ligeiramente lá na cozinha. Na verdade, ele sempre se insinua quando nos encontramos, o que é desconcertante, mas consigo lidar com isso. Portanto, quando o levei até a porta, imaginei que ele pudesse tentar alguma coisa.

– Você usou a cara de "cai fora"? – perguntou Laurel de olhos arregalados. – O célebre escudo que repele homens de todas as idades, credos e filiações políticas?

– Exatamente.

– E ele não foi repelido... É imune aos seus poderes... – disse Laurel, dando um tapinha no braço da amiga. – Talvez seja um espécime único.

– Não tem graça nenhuma.

– Claro que ele tem. E ainda por cima é sexy.

– Não estou nem um pouco interessada em graça e sexo com Malcolm Kavanaugh.

– Parker, se você não estivesse interessada o mínimo que fosse, teria se livrado dele como se fosse um pelo na gola do casaco. Malcolm... – começou Laurel, mas fez uma pausa, procurando a palavra certa. – Ele a deixa intrigada.

– Não, ele... É, talvez.

– Estou falando como sua amiga. É ótimo ver você intrigada por um homem, ainda mais porque é um homem de quem eu gosto e que, pelo que percebi, também está intrigado por você.

Parker deu de ombros.

– Ele só quer me levar para a cama.

– Bom, é claro que ele quer levá-la para a cama. Mas não estou convencida desse "só".

– Não vou transar com ele. Temos uma relação profissional.

– Porque ele é seu mecânico?

– Agora ele é o mecânico da Votos, além de ser amigo de Del.

– Suas desculpas são tão esfarrapadas, Parks, que estou começando a achar que está preocupada por querer ir para a cama com ele.

– Não tem nada a ver com sexo. Nem tudo no mundo está relacionado a sexo.

– Mas foi você que levantou o assunto.

Acuada, Parker teve que admitir:

– Mas agora estou *abaixando*. E, de qualquer jeito, tenho tantas coisas em que pensar que não sobra espaço para isso. Estamos com a agenda lotada para amanhã. E para os próximos cinco

dias.

– Verdade. Quer que eu suba também, para ficar um pouco com você?

Parker queria, queria mesmo, o que, a seu ver, só confirmava que ela estava dando importância demais ao assunto.

– Não, obrigada, está tudo bem. E quero adiantar algumas coisas antes de deitar. A gente se vê amanhã.

Subiu sozinha e ligou a televisão para ter um pouco de companhia. Depois de tirar os sapatos, olhou bem para ver se eles estavam sujos ou arranhados. Satisfeita com o que viu, foi colocá-los em seu devido lugar dentro do closet. Pôs o terno no cesto das roupas para lavar a seco e guardou as joias nos compartimentos destinados a elas nas gavetas mais estreitas.

Vestiu uma camisola, um robe e enfiou o telefone no bolso. Pensou em tomar um bom banho quente, mas desistiu, pois banhos assim encorajam sonhos e devaneios. E não estava a fim nem de uma coisa nem de outra.

Preferiu então concentrar-se na agenda do dia seguinte, enquanto limpava, tonificava e hidratava o rosto.

Radiante, pensou ela, lançando um olhar glacial para seu reflexo no espelho. Que palavra besta! Pessoas radiantes... isso não faz o menor sentido.

Laurel andava com o vírus do romance, algo que afetava quase todas as noivas. E um dos sintomas dessa virose era ver tudo e todos através de uma linda névoa de amor.

Bom para elas, pensou Parker, tirando o elástico que prendia seu cabelo. E bom para a Votos, em termos de negócios.

Aliás, por falar em negócios, aproveitaria a hora seguinte para registrar os dados da reunião que tivera naquela tarde e as opções iniciais dos clientes.

Uma lista de cerca de 225 convidados, pensou ao voltar para o quarto com a intenção de ir direto para o laptop que ficava na saleta contígua. Um cortejo de seis pessoas, incluindo a daminha que levaria as flores e que, até lá, em junho, já teria 5 anos.

As flores favoritas da noiva eram peônias; as cores escolhidas, pelo menos por enquanto, eram rosa e verde, em tons suaves.

Suaves, pensou Parker, e mudou de rumo ao abrir as portas da varanda e sair do quarto. Ia só pegar um pouco de ar fresco, absorver um pouquinho daquele ar da noite.

A noiva queria tudo suave e delicado. Pedira a Parker que fosse encontrá-la na loja para ver o vestido que ela havia escolhido – o que deixava claro que aquela moça compreendia que o vestido de noiva é o ponto central que determina o tom, o tema e o clima do casamento.

Todas aquelas camadas adoráveis, vaporosas, o brilho sutil das pequenas pérolas e os graciosos toques de renda.

Tons pastel e peônias, tule cintilante e promessas sussurradas.

Podia até ver. Providenciaria tudo. Era ótima em providenciar coisas.

Não havia motivo para se sentir tão inquieta, tão desconfortável, tão confusa.

Não havia motivo para ficar parada ali, olhando para os jardins molhados pelo orvalho e lembrando da incrível sensação inesperada de uma corrida de moto que não havia durado mais que alguns minutos.

E que tinha sido rápida, perigosa e estupidamente excitante.

Parecida, muito parecida, com o beijo selvagem daquele homem arrogante, ali mesmo na casa dela.

Não estava interessada nessas coisas. De jeito nenhum. Intrigada, talvez. Mas intrigada era algo diferente. Achava os tubarões intrigantes nadando naquele seu silêncio estranho dentro do tanque de um aquário. Nem por isso, porém, estava interessada em mergulhar com eles.

Comparação nada justa, admitiu ela com um suspiro. Não mesmo.

Malcolm podia ser presunçoso, abusado, mas não era um tubarão. Tinha sido tão espontâneo com a Sra. Grady... quase doce, até. E Parker tinha um radar infalível para comportamentos falsos em relação às pessoas que amava. E não houvera um vestígio de falsidade que fosse na atitude de Malcolm.

Além disso, ele era amigo de Del. E seu irmão podia tolerar relações profissionais com gente falsa e tubarões, mas nunca uma relação de amizade.

Então, era óbvio que o problema (se é que havia um) era com ela. Só precisava corrigi-lo. Corrigir, resolver e eliminar problemas era sua especialidade.

Neste caso, bastava encontrar a solução, botá-la em prática e seguir adiante. Primeiro precisava identificar o tal problema, mas tinha uma boa ideia de qual era a sua raiz.

Em algum nível daquele sentir-se intrigada – não estar interessada –, em algum nível *daquele* nível, ela estava atraída.

De um jeito instintivo, estritamente químico.

Ela era humana, era saudável, e Laurel tinha razão, Malcolm era sexy. Daquele seu jeito brusco, primitivo.

Motos e couro, jeans rasgados e sorrisos arrogantes. Mãos firmes e uma boca ávida.

Parker levou a mão à barriga. É, com certeza um tipo de atração. Agora que tinha admitido aquilo, podia descobrir a melhor maneira de eliminá-la.

Como uma bomba.

Como a bomba que havia explodido dentro dela quando ele a agarrou... Agarrou, pensou Parker. Não gostava de ser agarrada.

Ou será que gostava?

– Pouco importa – murmurou ela. Problemas se resolvem com respostas e não com mais perguntas.

Adoraria não ter tantas perguntas na cabeça.

O telefone tocou. Ela enfiou rápido a mão no bolso para pegar o aparelho, como alguém que procurasse uma boia num mar agitado.

– Graças a Deus – murmurou, aliviada.

Não tinha a menor dúvida de que a noiva maluca ia lhe trazer um problema, mas seria algo que ela poderia resolver com toda a eficiência e, ainda por cima, não a deixaria pensar naquele assunto.

– Oi, Sabina! Em que posso ajudá-la?

capítuloquatro

PARKER COMEÇOU A SE PREPARAR para a reunião matinal das sócias com o BlackBerry e o laptop. Sentou-se à grande mesa redonda no cômodo que havia sido a biblioteca de sua casa e onde agora funcionava a sala de reuniões da Votos.

As paredes cobertas de livros e o cheiro acentuado do couro permaneciam, e nos dias fechados de outono ou nas manhãs frias de inverno, acendiam a lareira – exatamente como sempre acontecera desde que ela podia se lembrar. As luminárias que davam a sensação de aconchego às confortáveis poltronas foram de sua avó. Os tapetes, um tanto desbotados e gastos pelo tempo e pelo uso, vinham da geração anterior. Artigos sobre a Votos e as mulheres que dirigiam a empresa, devidamente emoldurados, haviam sido dispostos com bom gosto nas paredes entre as estantes.

Na mesa comprida que ficava ali perto, reluzia o serviço de café de prata que pertencera à sua mãe, e debaixo dele, atrás das portas antigas, ficava um frigobar contendo água e refrigerantes.

Para Parker aquele cômodo era o exemplo perfeito da mistura de tradição e empreendimento, mescla essencial em suas metas pessoais e profissionais.

Deu uma olhada na agenda do dia, que incluía os compromissos matinais, o chá de panela que aconteceria à tarde e o ensaio para o evento de sexta à noite. Seu telefone tocou no momento em que Mac vinha entrando com uma cesta de muffins.

– Laurel já vem. E Emma mandou dizer que não vai se atrasar.

Parker assentiu.

– É a noiva de sexta à noite – explicou. – Bom dia, Cecily! Preparada para o grande dia?

Assentiu de novo quando Mac aproximou o bule de café de sua xícara.

– A-hã. Ah, que gracinha! Claro, podemos fazer isso. Ah, sem dúvida.

Continuou ouvindo, estremeceu ligeiramente.

– Acho que é um gesto muito generoso de vocês dois. Sei que deve estar – observou. – Ouça, estou aqui pensando, só tentando encontrar a solução ideal. Acho que, com o bolo de casamento e o bolo em homenagem ao noivo, um terceiro seria excessivo. Não seria algo tão especial quanto vocês querem. Que tal um cupcake? Em forma de coração, com uma cobertura de glacê bem trabalhada, incluindo os nomes deles. Ficaria perfeito na mesa principal, bem diante deles. Algo exclusivo, só para eles.

Enquanto a noiva falava, Parker começou a digitar com uma só mão no laptop.

– Pode deixar que eu me encarrego disso. Você sabe que Laurel vai caprichar, e o resultado vai ser muito especial.

E limitou-se a abrir um largo sorriso quando Laurel entrou na sala estreitando os olhos após ouvir aquela última frase.

– Qual é a flor favorita de sua irmã? – perguntou ela. – Dálias? Que lindo. Claro que pode se ele quiser. Diga-lhe que basta chegar uns minutinhos antes do horário marcado hoje à noite. Nós também estamos animadas. Não vou dizer nada, prometo. Até mais tarde, então.

– O que é que eu vou fazer de tão caprichado e especial? – perguntou Laurel.

– Um cupcake. Unzinho só – respondeu Parker, erguendo o indicador de uma das mãos. – Em forma de coração. Talvez um pouco maior que o normal, para ter mais impacto. E quem sabe com cobertura de glacê formando dálias e com os nomes Griff e Jaci, o irmão do noivo e a irmã da noiva de sexta à noite, que também vão ser o padrinho e a madrinha. Faz seis meses que os dois estão namorando. O brinde aos noivos vai culminar com o pedido de casamento.

– Por que ele resolveu fazer isso? – perguntou Mac.

– Sei lá. Porque ele está perdidamente apaixonado... porque quer demonstrar que o que sente pela namorada é o que o irmão sente pela irmã dela. Ele pediu a opinião dos noivos primeiro, e os dois *adoraram* a ideia. Estão chorando de alegria e – acrescentou Parker, lançando um olhar glacial a Laurel – ela queria um terceiro bolo. Consegui convencê-la a fazer um cupcake. Portanto, você está me devendo essa.

– Perdi alguma coisa? – indagou Emma, entrando às pressas. – Não estou atrasada.

– Está, sim – emendou Mac –, e o que perdeu foi o amor que está pairando nesta sala.

– Bom, isso não é novidade, ele anda pairando pela casa inteira.

– Só para pôr Emma a par: mais trabalho – disse Parker.

Ela reproduziu a conversa telefônica e o que precisaria ser adicionado à festa. Como imaginava, Emma ficou toda encantada.

– Que coisa mais fofa!

– Não será se ela disser não – observou Laurel.

– Ah, ela não vai dizer não – retrucou Emma, mas pareceu abalada. – Meu Deus! E se disser?

– Vamos observar bem os dois hoje à noite – sugeriu Parker. – Vamos tentar sentir como estão as coisas entre eles. Se acharmos que existe o menor risco, traçaremos um plano B. Bem, próximo assunto: o evento desta tarde. Chá de panela com os convidados chegando às duas horas.

– Elegância e Champanhe – disse Laurel. – É o nome do bolo, já que foi este o clima pedido por aquela esnobe da madrinha que está organizando o chá. Temos um bolo de casamento em tamanho menor, com toques de champanhe, uma grande variedade de cookies, docinhos e chocolates. O bufê vai fornecer todas as comidinhas que as mulheres adoram, o champanhe, o café e o chá. As lembrancinhas incluem bombons em caixas brancas translúcidas, com fitas prateadas contendo monogramas e fixadas por uma presilha de cabelo toda de pedrinhas.

– Trabalhei com rosas brancas, como me pediram – disse Emma, engolindo seu café. – Um buquê em cada mesa, bem contemporâneo, num vaso preto. Tink está terminando a decoração do deque e da pérgula, como combinamos. Vou pôr uns arranjos de rosas brancas nas jardineiras da entrada e nas varandas.

– Pediram aos convidados que viessem de branco – observou Parker. – Nós vamos usar preto, como todos os garçons e o trio de cordas que vai tocar enquanto as pessoas estiverem confraternizando e comendo petiscos. A meteorologia está prevendo um dia de sol, com ventos

brandos, e temperatura máxima de 22 graus. Portanto é bem provável que o chá possa ser feito lá fora, como queríamos. A mesa dos presentes vai ficar debaixo da pérgula. Às 15h, levaremos a cadeira da noiva. E, às 15h15, ela começará a abrir os presentes. Eu me encarrego de anotar quem deu o quê. Lá pelas 16h15, já devemos poder levar os presentes para o carro. E, às 16h45, nos despedimos de todos. Mac?

– A madrinha não quer fotos posadas, o que significa, na verdade, que devo providenciar imagens bem estudadas, nas quais todo mundo, principalmente ela, saia fantástico, feliz, natural e uns 5 quilos mais magro. Ela quer também uma foto da noiva com cada presente e com cada convidado. Quanto a mim, portanto, não há problema.

– Os clientes do casamento Mason-Easterbay devem chegar às 17h30 para o ensaio. Fizeram reserva no Carlotta's para as 19h30. Portanto, têm que ir embora no máximo às 19h. Algum problema quanto a isso?

Diante das respostas negativas, Parker continuou.

– Perguntas, problemas, comentários, observações sarcásticas sobre esse evento?

– Se eu soubesse que haveria a possibilidade de fazermos observações sarcásticas, teria preparado uma – disse Laurel.

– Fora isso, hoje eu talvez precise de uma carona até a oficina para buscar meu carro. Ou então pego um táxi se todo mundo estiver ocupada. A Sra. Kavanaugh vai me ligar agora de manhã e, se Deus quiser, vai dar tempo de fazer tudo. Porque tenho uma reunião aqui às dez – disse e, depois de uma ligeira pausa, acrescentou: – Com Diane, a irmã de Carter.

– Para tratar de quê? – indagou Mac.

– Do fato de ela estar sendo uma vaca. Desculpe, eu não devia chamar sua futura cunhada de vaca. Não na sua frente, pelo menos.

– Não se preocupe. Ela é meio vaca mesmo. Daquele tipo que fica dando indiretas e me dá vontade de partir pra agressão. Com muita frequência.

– Nada está bom para Diane – observou Emma. Sua família era amiga dos Maguire fazia anos.

– O que ela anda aprontando? – perguntou Laurel.

– Está deixando Sherry chateada. Não queria participar do casamento porque é muita confusão, dá muito trabalho.

– Ela vem criando caso com esse casamento há um bom tempo – acrescentou Mac. – Já me deu umas alfinetadas sobre o casamento de Sherry e sobre o meu também. Quem quer ter alguém assim por perto num dia tão especial? Sendo irmã ou não.

– Agora ela começou a dizer que não vem ao jantar de ensaio. Não faz parte do cortejo, não quer arranjar uma babá, não quer vir com as crianças e ter que cuidar delas. Eu diria: "Então, tudo bem, não participe." Mas Sherry quer que ela esteja presente. – E com os olhos brilhando, Parker acrescentou: – Então, ela vai estar.

– É isso aí, puxe as orelhas dela.

Parker sorriu para Laurel.

– Pode contar que vou. Depois que tiver feito isso, estou à disposição de quem precisar da minha ajuda até a hora de ir buscar meu carro.

– Talvez você ganhe mais alguns beijinhos.

– Laurel!

– O que foi? Estava achando que eu ia guardar segredo? – retrucou Laurel, sorrindo, enquanto Mac e Emma insistiam para que ela contasse.

– Malcolm Kavanaugh, no vestíbulo, numa agarração e tanto.

– Ora, ora! – exclamou Mac, erguendo as sobrancelhas.

– Não tem "ora, ora" nenhum. – E, louca para mudar de assunto, Parker assumiu aquele seu tom casual e displicente. – Ele só estava se exibindo.

– E é bom nisso – observou Laurel. – Cheguei a sentir o calor, e estava a uns 5 metros de distância.

– E então, vai se encontrar com ele? – perguntou Emma.

– Se está querendo saber se vou vê-lo quando for buscar meu carro, muito provavelmente vou, sim.

– Ah, qual é? Estou perguntando se vai se encontrar com ele, um encontro romântico – retrucou Emma, sendo mais específica.

– Não. Foi só uma... Ele foi um perfeito idiota, só isso.

– Mas foi você que começou com essa história de beijo – ressaltou Emma, com o dedo em riste. – No feriado de Quatro de Julho.

– Eu estava furiosa com Del. Aquilo foi um erro. Não significa que... – interrompeu-se quando ouviu o telefone tocar.

– Salva pelo viciante BlackBerry – declarou Mac.

– Oi, Buffy.

Aproveitando a deixa, Parker se levantou e saiu do aposento.

– Estavam com tesão. Os dois – contou Laurel, cruzando os braços. – Não tem como negar.

– Malcolm fica mesmo de olho nela. Não dê esse sorrisinho sarcástico – disse Emma, dirigindo-se a Mac. – Ele olha bastante para ela, e Parker tenta não olhar para ele. Com certeza têm tesão um pelo outro.

– Ele tem um arzinho de James Dean.

– O cara das salsichas? – perguntou Mac, franzindo o cenho.

– Caramba, Mac, claro que não. – Laurel revirou os olhos. – O da marca de salsicha é Jimmy Dean. Estou me referindo ao *James*. O *bad boy* cheio de marra.

– Acho ótimo ele conseguir desconcertá-la – prosseguiu Emma. – Nossa Parker não fica desorientada com tanta facilidade, e é isso que faz dela a nossa Parker, mas confesso que gosto quando isso acontece.

– O cara não é um cretino, o que o faz ganhar pontos comigo – falou Laurel, que deu de ombros e se levantou. – Bem, vamos ver no que isso vai dar. Se é que vai dar em alguma coisa. Enquanto isso, temos trabalho a fazer.

Ela parou na hora em que chegou à porta.

– Ah, querem saber o que Parker disse a ele depois desse beijo de tirar o fôlego?

– O quê? – perguntou Mac.

– Absolutamente nada.

Parker podia não ter dito nada a Malcolm naquela hora, mas tinha muita coisa a dizer para a irmã mais velha de Carter na manhã seguinte.

Foi ela mesma receber Diane à porta, estendeu-lhe ambas as mãos e lhe deu um sorriso radiante.

– Di, que bom ver você! Muito obrigada por ter arranjado um tempinho para vir aqui. Como estão as crianças? – acrescentou, levando a moça lá para dentro.

– Estão bem.

– Mac me disse que eles acabaram de ganhar um cachorrinho.

Passou um braço pelos ombros de Diane deliberadamente, como se fossem duas amigas fofocando, e a levou para o salão.

– Meu pai conseguiu me convencer. Mas não é ele quem tem que cuidar do bichinho, é claro.

– É sempre assim, não é mesmo? – prosseguiu Parker, em tom animado. – Se precisar de ajuda, conheço uma adestradora excelente. Ela é fantástica e tem lições em que as crianças podem ir junto, para se envolverem mais. Quer um café?

– Estou tentando cortar a cafeína.

– Eu também tomo muito. Mas temos um chá verde ótimo. Carter disse que é o seu favorito.

Diane desacelerou um pouco o passo, virou-se para Parker e perguntou:

– Carter disse isso?

– É surpreendente o que nossos irmãos percebem e conseguem lembrar, não acha? Vamos sentar. Você está linda, Diane. Como consegue fazer isso?

Diane passou a mão pelo cabelo castanho, admirada. Era uma mulher bonita, mas estava sempre com cara de insatisfeita, o que a deixava feia.

– Entrei para a ioga uns meses atrás, mas tem umas coisas tão absurdas que...

– Ah, eu adoro ioga!

Parker era toda sorrisos ao dizer isso e servir o chá. Não por acaso, havia escolhido um dos melhores jogos de chá da sua avó. Sabia bem que Diane prestava atenção nesses detalhes e dava o maior valor a eles.

– Com apenas quinze minutos de ioga, já consigo me livrar da tensão do dia todo. Fico feliz que esteja dedicando um tempo a si mesma – prosseguiu Parker. – Com o trabalho, a família e tantas obrigações, o dia precisaria ter umas 25 horas. Honestamente, não sei como consegue fazer isso tudo. E ainda venho eu lhe pedir que me ceda um pouco do seu tempo.

– Deduzi que era sobre o casamento de Sherry. Na verdade, não entendo o que isso tem a ver comigo.

– Dá para acreditar que já está quase chegando o dia?

Sem se abalar, Parker tomou um gole de chá antes de prosseguir.

– E depois, como bem sabemos, será a vez de Mac e Carter, o que vai nos transformar numa família – falou, pegando de novo a mão de Diane. – E foi por isso que tive uma ideia.

– Que ideia?

– Vou começar do início e dizer que o mérito é todo de Mac. Você sabe que o que Sherry

mais quer é se divertir no próprio casamento. Quer um dia animado, para comemorar com a família e os amigos. Sabe, Di, muitas noivas ficam obcecadas com pequenos detalhes, com as minúcias. E, é claro, esse é o nosso trabalho. É parte do que oferecemos. Por isso trabalhar para sua irmã é tão estimulante, ela é uma mulher que enxerga as coisas por uma perspectiva mais ampla. Ela vê seus pais, bem, você...

– Eu?

– Você, Sam e as crianças. O que construíram juntos: a vida, a família, a continuidade. Como sabe, não é nada fácil construir isso tudo, e ela percebe o que você conquistou. E tudo isso começa com o casamento propriamente dito, a comemoração desses primeiros passos. Você é a irmã mais velha. Deu esses primeiros passos antes dela e a ajudou, mostrando o caminho a ser seguido. Sua influência sobre ela é enorme.

Diane fungou.

– Sherry nunca dá ouvidos a nada que eu digo.

– Sabe, acho que as pessoas que têm impacto e influência sobre nós em geral não percebem isso. Ainda outro dia... – Ela se interrompeu, balançando de leve a cabeça. – Não quero trair a confiança de ninguém, mas já que estamos em família... Ainda outro dia Sherry me falou da importância que você tem para ela e de quanto valoriza isso. Acho que é mais fácil dizer isso a alguém que não é tão íntima, não é?

Mais uma vez aquele ar espantado, os olhos piscando.

– Ela disse isso?

– Disse, o que me fez perceber... mais uma vez eu estou me adiantando. – Com um riso descontraído, Parker fez um aceno com a mão, como se quisesse afastar aqueles pensamentos. – Foi ideia de Mac. Ela juntou várias fotos de Sherry, de sua família, de Nick e da família dele. Tanto antigas quanto recentes. Uma espécie de retrospectiva cronológica. Mac é tão talentosa... Sei que sou suspeita, mas achei o CD que ela criou maravilhoso. Carinhoso, divertido, encantador, emocionante. A ideia é projetar as imagens durante o jantar de ensaio.

– Ah, mas eu não vou...

– A única coisa que está faltando – atalhou Parker – é um narrador. Um mestre de cerimônias, digamos assim. Alguém que conheça a história desde o começo. Não seus pais, já que vai ser uma surpresa para os dois também. E Mac acrescentou fotos do casamento deles para servir de ponto de partida. Pensei em Carter, já que, além de irmão, ele é professor, portanto, está acostumado a falar em público. Mas quando Sherry e eu conversamos, percebi que não era uma boa ideia. Isso é coisa para irmã. Uma irmã mais velha. Afinal, quem, senão você, tem uma visão mais exclusiva, perspicaz e íntima com relação a Sherry, sua família, Nick e a família dele? Por favor, aceite.

Mais uma vez, Parker estendeu a mão, tocando Diane e tornando aquele contato mais pessoal.

– Sei que é pedir demais e que está tão em cima da hora... mas as coisas foram acontecendo. Precisamos mesmo de você.

– Vocês querem que eu... faça a narração das fotos?

– Querer não é bem o termo, nós precisamos. E não são apenas fotos, é toda uma jornada, Diane. De Sherry e de Nick, claro, mas também de vocês todos. A família é tão importante para

os dois... Durante esses últimos meses pude conhecê-los melhor e compreendi isso. Vai ser o ponto alto da noite. Carter já esboçou um roteiro e está torcendo para que você aceite trabalhar com ele para aprimorar o texto.

– Carter quer que eu... – começou ela, mas se interrompeu, atônita.

– Ah, eu sei que você já tem tantas coisas para fazer e que isso é pedir demais, mas pode contar comigo para ajudar no que for possível, qualquer coisa que você queira ou de que precise. Francamente, não acho que vá precisar de ajuda. Na minha opinião, alguém que consegue administrar uma família como você faz dá conta de qualquer coisa.

– Talvez eu possa fazer, sim, mas preciso ver o CD e o esboço de Carter antes de assumir esse compromisso.

Parker pegou uma pasta que estava em cima da mesa.

– Por acaso tenho uma cópia dos dois aqui mesmo. O CD dura uns doze minutos. Você teria tempo para ver agora?

– Acho... que sim.

– Perfeito, vou só pegar o meu laptop.

Vinte e seis minutos mais tarde, Parker levava o carrinho de chá de volta para a cozinha.

– Pelas penas de canário na sua boca, dá para ver que o ataque foi certeiro – comentou a Sra. Grady, pondo em cima da bancada uma cesta com tomates-cereja recém-colhidos na sua horta.

– Peguei pesado com ela, depois ainda aumentei a dose. Resultado: além de vir ao ensaio e participar do jantar, ela ainda vai narrar o CD que Carter e Mac prepararam. Bendito Carter, que aceitou não ser o mestre de cerimônias... afinal a ideia foi tanto dele quanto de Mac.

– Carter é um bom rapaz. E essa irmã mais velha sempre foi uma pedra no sapato de todo mundo.

– Bom, ela é bonita, mas não tem a vivacidade e aquela confiança natural de Sherry. É inteligente, mas não é tão brilhante quanto Carter, nem chega aos pés dele em termos de delicadeza. É a primogênita, mas, pelo visto, não é a primeira sob outros aspectos. E isso magoa. Só precisei fazer com que ela enxergasse que tinha tanta importância para ele quanto para Sherry – acrescentou Parker, dando de ombros. – E também lhe dizer umas verdades. A família a ama, ela é importante para eles. Algumas pessoas precisam ouvir isso... várias vezes.

– E aposto que não foi nem um pouco ruim o pedido vir de você. “Parker Brown precisa da minha ajuda!”

Mais uma vez, Parker deu de ombros.

– Contanto que funcione... A noiva conseguiu o que queria e merece – prosseguiu, dando uma olhada no relógio. – E eu não me atrasei por conta disso.

Foi ajudar na ornamentação do evento, checou os progressos de Laurel, falou com os fornecedores que chegavam e depois com os encarregados do estacionamento.

Foi até a varanda dar uma última olhada enquanto Mac tirava fotos da decoração e pensou: Elegância e Champanhe por todo lado.

Não tinha muito a ver com o seu gosto pessoal para um chá de panela – e, já que estava planejando três para as amigas, andava cheia de ideias –, mas aquilo ali tinha uma aparência meio déco que era bem atraente, quebrada apenas pelos toques de cor dos arranjos incríveis que

Emma tinha feito.

– Totalmente Gatsby – disse Mac, baixando a câmera.

– Era o que eu estava pensando. Acho que tanto a anfitriã quanto a noiva vão ficar bem satisfeitas.

– Você já fez sua boa ação do dia. Carter me mandou uma mensagem de texto. A irmã dela quer vê-lo depois das aulas hoje para falar sobre o roteiro do jantar de ensaio. Belo trabalho, Parker.

– Acho que ela também vai fazer um belo trabalho. Acho mesmo. Ela estava bastante empolgada quando foi embora.

– Diane, empolgada?! Você botou alguma coisa no chá?

– De certa forma, sim... mas foi o CD que produziu esse efeito. Ela ficou com os olhos marejados em alguns momentos.

Mac ergueu as sobrancelhas.

– Subestimei meu poder. Tem mais alguma coisa para fazer lá dentro?

– Emma está terminando a parte externa. Laurel já terminou seu trabalho e já se entendeu com o fornecedor. Eu vou... – Ela levou a mão ao fone de ouvido. – Já estou a caminho. Nossa anfitriã acabou de chegar. Vou recebê-la e mostrar a decoração.

– Vou circular por aí e, disfarçadamente, tirar umas fotos das pessoas chegando.

Parker concordou com um aceno de cabeça e se dirigiu para a porta da casa.

– Emma, Laurel – chamou ao microfone. – Sinal verde.

Por uma hora, Parker ficou observando enquanto mulheres em terninhos brancos estilosos, vestidos brancos esvoaçantes ou calças brancas elegantíssimas formavam grupos na varanda. Todas tomavam champanhe, conversavam, riam, beliscavam alguma coisa das lindas bandejas de canapés.

Mac circulava entre elas, capturando os momentos. A explosão de felicidade da futura noiva ao jogar a cabeça para trás e rir, o abraço afetuoso de amigas se encontrando, o carinho do brinde entre neta e avó.

Como sempre acontecia, gostava de ver a felicidade espalhada por ali, de senti-la borbulhando no ar como o champanhe, de saber que sua casa podia ser um cenário para a alegria dos outros.

Naquele dia em especial estava feliz por ter a companhia feminina e por haver participado daquela versão individual de um ritual tão importante para as mulheres.

Na hora prevista, pediu às convidadas que se sentassem para almoçar e depois voltou para os bastidores. Em seguida, preparou-se para enfrentar o que quer que fosse quando viu a anfitriã se aproximar tensa.

– Olivia perguntou sobre as brincadeiras. Quer brincadeiras de chá de panela.

Que você vetou, pensou Parker, mas sorriu.

– Posso cuidar disso.

– Ela está querendo brincadeiras *e* prêmios. É claro que não me programei para...

– Não tem o menor problema. Posso providenciar tudo durante o almoço. Que tal três? Acho que é o bastante. Brincadeiras simples e divertidas, com prêmios bonitinhos para as ganhadoras.

– Não quero dar nenhum prêmio que seja cafona ou idiota. Tem que ser alguma coisa que se enquadre no clima da festa.

Puxa!, pensou Parker, e eu que ia pegar aqueles vibradores que brilham no escuro...

– Claro, pode deixar. Vai estar tudo pronto depois do almoço. Vamos lá, divirta-se, não se preocupe com nada.

Deixou a moça entrar na casa e chamou Laurel pelo rádio.

– Preciso que você assuma o meu posto aqui fora. A futura noiva quer brincadeiras e prêmios, preciso de uns quinze minutos para resolver essa história.

– Certo.

– Emma, vou precisar de uma mesinha para pôr os prêmios.

– Ai, pelo amor de Deus!

– Eu sei, eu sei, faça o que der. Em quarenta minutos.

Subiu correndo a escada dos fundos até a sala dos presentes, o local destinado não só a guardar presentes, mas também a embrulhá-los. Um dos armários tinha uma etiqueta: presentes já embrulhados. Passou os olhos por tudo aquilo, refletiu um pouco e pôs os três que escolheu numas sacolinhas brancas trabalhadas e forradas de tecido preto. Num outro armário pegou uma pilha de bloquinhos, lápis e outras coisas de que poderiam precisar.

Desceu também correndo, pôs as sacolas e a caixa com os apetrechos na mesa da sala de jantar e atravessou a cozinha às pressas, entrando na antiga despensa para escolher a bandeja adequada para dispor os presentes.

– O que está procurando? – perguntou a Sra. Grady às suas costas.

– A noiva quer brincadeiras, coisa que a organizadora tinha vetado quando planejamos o chá. Não acho que fique bom botar sacolas brancas numa bandeja branca e não temos uma preta que sirva para isso. Pensei em prata. Ou em vidro. Talvez vidro.

– Experimente os dois.

– Boa ideia. Pode vir comigo para dar palpite?

A Sra. Grady a acompanhou e de repente disse:

– Ah, seu carro já chegou.

– Chegou aonde?

– Aqui, ora.

Parker parou com o cenho franzido.

– Meu carro está aqui?

– Foi entregue há uns vinte minutos. Lavado e polido também. Pus a conta na sua escrivaninha.

– Mas não pedi que entregassem o carro. Eu ia...

– Assim você não precisou perder tempo.

Esse era um detalhe que, aos olhos da Sra. Grady, deixava uma coisa bem clara: Malcolm Kavanaugh não era bobo nem nada.

Parker ficou calada, mas continuou de cenho franzido enquanto dispunha as sacolinhas de presente na bandeja de prata.

– Acho que a de vidro fica melhor. A de prata parece um pouco exagerada. Além disso,

Emma pode espalhar algumas pétalas de rosas brancas no vidro e, com os vasinhos pretos... Quem veio entregar o carro?

A Sra. Grady disfarçou um sorriso.

– Não guardei o nome dele. Quero dizer, deles. Já que o que veio dirigindo estava sendo seguido por outro no reboque.

– Ah. Hum... a de vidro?

– Acho que sim. Ela tem classe, mas é mais sutil que a de prata.

– Era o que eu queria – disse Parker, recuando um passo. – Vou deixar isto aqui e ver se posso ajudar Emma a preparar a mesa.

Já estava se dirigindo para a porta quando acrescentou:

– Eu podia perfeitamente ter ido buscar o carro.

– Claro que podia. O que é que se diz quando alguém nos faz um favor?

Parker suspirou ao perceber o tom de repreensão implícito naquela frase.

– Obrigada. Vou dizer. Na primeira oportunidade.

Que não poderia ser agora. Ou pelo menos foi o que ela disse a si mesma. O evento exigia toda a sua atenção e, por causa das brincadeiras não previstas, acabou se estendendo por mais meia hora, o que reduziu o prazo que elas tinham para preparar o ensaio da noite.

– As brincadeiras foram o maior sucesso – comentou Mac.

– É quase sempre assim.

– Os prêmios eram lindos. Adorei o estojo em couro verde para joias. Alguém que vá passar a lua de mel na Toscana bem poderia usar um desses.

– Talvez alguém tenha sorte – falou Parker, tomando ruidosamente alguns goles de água de uma garrafa. – Conseguimos nos virar muito bem. E nossa anfitriã nem se abalou com o custo adicional dos prêmios, ainda mais porque a meia hora extra de uso da casa saiu de graça para ela.

Deu uma última olhada na varanda. Já tinham retirado todas as mesas, mas a pérgula e as jardineiras continuavam enfeitadas. Bastava arrumar a mesa das bebidas e estaria tudo pronto.

Agora poderia perfeitamente tirar uns cinco minutos para ligar agradecendo. Mas antes precisava ver a nota. Com toda a certeza ele tinha lhe cobrado uma taxa pela entrega.

– Vou só...

Seu telefone tocou.

– Ai, Céus. É a noiva maluca – constatou Parker.

– Graças a Deus não é comigo. Pode atender. Damos conta disso.

A noiva maluca ocupou todo o tempo que ela teria sobrando e lhe deu a chance de pensar.

Parker mandaria um *bilhete* de agradecimento, junto com o cheque de pagamento do serviço e dos pneus. Enquanto realizava o ensaio, decidiu que essa era a forma mais apropriada.

– Cinco minutos antes da hora – disse ela –, o irmão e padrinho do noivo entra com a mãe e a leva até seu lugar. O pai vai logo atrás. Perfeito. O padrinho então se aproxima do noivo e fica à sua esquerda. Faltando três minutos para começar, o irmão da noiva entra com a mãe e a leva até

o seu lugar. Aí fica à direita de George. Vire-se apenas um pouquinho, Sam. Isso. A música muda para a entrada do cortejo da noiva. Wendy, Nikki, Addy... e amanhã vou estar aqui para lhes dar todas as indicações. Não se esqueçam de sorrir, meninas. Depois é a vez de Jaci, a madrinha.

– Ótimo. Quando ela estiver na metade do caminho, é a hora do menino que carrega as alianças. É por aqui, Kevin.

O garoto de 5 anos entrou com a maior pose em meio a risos e aplausos.

– E, agora, a daminha das flores. Muito bom, Jenny, amanhã vai ter flores de verdade na sua cesta. Kevin fica do lado dos rapazes, Jenny fica com as moças. Você vai ficar bem ali, junto com o seu pai, Kevin. Então...

Ela estacou, atordoada, quando olhou para trás e viu Malcolm apoiado numa das jardineiras com um buquê nas mãos. Não dava para ver seus olhos, com o sol refletindo nas lentes dos seus óculos escuros, mas Parker podia ver o seu sorriso muito bem.

– Então... – disse o noivo, rindo –... eu me caso?

– Ainda falta um pouco. A música muda, todos ficam de pé. E a noiva entra acompanhada pelo pai.

Dirigindo-se ao noivo, acrescentou:

– Ela é a mulher mais linda do mundo. É tudo o que você sempre quis e logo, logo vai ser sua.

Fez uma pausa.

– Pare aqui. Como você pediu, sua mãe virá e ficará junto de você e de seu pai. O sacerdote vai perguntar quem entrega essa mulher. O que o senhor diz, Sr. Falconi?

– A mãe dela e eu.

Os dois beijaram a filha, pegaram sua mão e puseram entre as do noivo.

– Perfeito. Agora...

Ela os guiou por toda a cerimônia, insistindo nos destaques, frisando o tempo e a coreografia.

– E aí ele vai dizer que você pode beijar a noiva.

– Essa parte eu já entendi.

O noivo girou a noiva, curvou-a para trás enquanto ela caía na gargalhada e se inclinou para lhe dar um beijo de cinema.

– Se bater um frio na barriga amanhã, Cecily, posso substituí-la sem problemas.

A noiva riu de novo e deu uma piscadela para Parker.

– Minha barriga está bem quente. Mesmo assim, obrigada.

– Ah, não duvido. Nessa hora vocês vão se virar de frente para os amigos e a família, o sacerdote vai apresentá-los pela primeira vez como marido e mulher e todos que não tiverem desmaiado com um beijo desses vão aplaudir. A música muda mais uma vez e vocês começam a sair. Mac vai fotografá-los dali. A partir daqui, os outros membros do cortejo começam a sair em ordem inversa. A daminha das flores e o menino das alianças em primeiro lugar.

Muito bom, pensou ela, ótimo. Se amanhã todos estiverem sorrindo e radiantes como hoje, nem vai precisar fazer sol.

– Logo atrás do cortejo, saem os pais e os avós da noiva, depois os do noivo. Mac vai precisar

de todos vocês para fazer as fotos. Os convidados serão levados para o solário, onde terão canapés e bebidas à sua disposição para distraí-los durante a sessão de fotos.

Ignorou a comichão que sentia na nuca. Tinha *certeza* de que Malcolm a fitava enquanto ela ia determinando os momentos certos e o que deveria ser feito para as apresentações, o jantar, os brindes, o deslocamento para o salão de baile, as primeiras danças, o corte do bolo e assim por diante.

– As suítes da noiva e do noivo estarão disponíveis para os membros do cortejo das quatro horas até o fim da festa. Levaremos os presentes da mesa em que estão expostos até a limusine dos recém-casados. Bem como as flores que eles queiram levar ou dar a outras pessoas. Sei que é muita coisa, mas minha sócia e eu estaremos aqui à disposição de todos vocês, em cada momento da cerimônia. Tudo o que têm a fazer é comemorar e aproveitar.

c a p í t u l o c i n c o

ELA COMANDAVA O ESPETÁCULO como um general de voz aveludada, pensou Malcolm. Circulando por todo lado com aqueles saltos altíssimos e aquele terno preto tão sério. No entanto, era toda sorrisos, como ele pôde perceber, e superagradável.

A não ser quando olhava na direção dele.

Esperou por ela lá fora, sentindo a fragrância daquelas rosas que faziam o buquê que trouxera parecer meio insignificante. E olha que tinha comprado as flores daquela moça meio gótica com piercing no nariz que trabalhava com Emma, de modo que ficava tudo em família.

Emma passou ao seu lado.

– São minhas?

– Foram.

– Mas continuam lindas. Parker ainda vai demorar uns minutos.

– Tenho tempo.

– Pegue um drink se quiser. É o que não falta por aqui. Ou então pode ir esperar lá dentro.

– Estou bem aqui, mas obrigado assim mesmo.

– Tenho que ir. Se passar pelo meu ateliê, vai ver que estamos até aqui de trabalho.

– Tem casamento amanhã?

– Na verdade, não. O casamento deles é na sexta à noite, mas houve um pequeno problema e eles precisaram fazer o ensaio hoje. Tenho um evento externo amanhã e Parker tem duas apresentações da casa. Além disso, temos uma reunião com toda a equipe e uma cliente. E quatro eventos no fim de semana.

– Que mulheres ocupadas! Estou ótimo aqui. Fique à vontade.

– Ela não vai demorar – acrescentou Emma e se afastou a passos rápidos.

Enquanto esperava por mais uns quinze minutos, imaginou que ela não estivesse nem tentando se apressar. Mas Parker apareceu de novo, com aquele andar a passos largos que adotava para parecer despreocupada e, ao mesmo tempo, graciosa.

– Desculpe tê-lo feito esperar – disse Parker. – Se soubesse que pretendia passar por aqui, teria avisado que tínhamos um ensaio.

– Mas não vim ver você.

Ela abriu a boca, mas a fechou sem dizer nada.

– Passei por aqui para ver a Sra. Grady – prosseguiu Malcolm, exibindo as flores. – Para agradecer de novo pelo jantar e pelo sanduíche de presunto que almocei hoje.

– Ah, mas ela saiu.

– Fiquei sabendo.

– Saiu com umas amigas. Foram jantar e depois iam ao cinema. Você lhe trouxe flores.

– Que é o que vocês mais têm por aqui.

– Ela vai adorar e vai lamentar que tenham se desencontrado. Vou pôr as flores na água para ela.

– OK.

Mas quando ela estendeu a mão para pegar o buquê, ele se virou e começou a andar em direção à casa.

– Você não vem? – perguntou Malcolm, olhando para trás.

– Não quero prendê-lo aqui por mais tempo – retrucou Parker, indo atrás dele.

– Não tenho nada programado. E você?

– Na verdade, ia ligar para você – disse ela, esquivando-se da pergunta. – Para agradecer por ter mandado entregar o carro. Não precisava ter se dado o trabalho, mas me ajudou muito.

– Nós dois estamos cheios de agradecimentos a fazer.

– Parece que sim.

Ela foi seguindo na frente em direção à cozinha e, de lá, à despensa. Ele parou, olhou ao redor e exclamou: – Uau! Essa casa aumenta a cada dia.

– Minha família sempre gostou de receber convidados e, em geral, de uma forma que exigia muito espaço.

Ela tirou uma jarra de um armário.

– Del deve estar em casa, se quiser companhia.

– Quer saber de uma coisa? Tenho a impressão de que está tentando se livrar de mim.

– É mesmo? – Ela pôs água na jarra, acrescentou algum conservante e prosseguiu. – Isso seria muita grosseria minha.

– E você não é grosseira.

– Ah, posso ser, sim. Tudo depende das circunstâncias. Mas – acrescentou Parker depois de uma pequena pausa – me fazer um favor, na verdade dois, e trazer flores para uma das pessoas de quem mais gosto não se encaixa nessas circunstâncias.

– Na verdade, quando beijei você, não estava pensando em lhe fazer um favor.

Assim que disse isso, sentiu a temperatura cair uns 10 graus.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Aposto que geralmente funciona. Todo esse gelo – replicou Malcolm. – Mas o frio não me incomoda em nada.

– Tenho certeza de que isso pode ser bem conveniente para você. E também acho que teve a impressão errada.

Quando Parker se virou, ele fez um movimento rápido, que a deixou acuada.

– Não tive, não.

Os olhos dela faiscaram, um relâmpago azul num fundo de gelo.

– Não gosto de ser manipulada.

– Claro que não, você gosta de manipular, e é ótima nisso. Está aí uma coisa que admiro. Quando eu fazia aquelas cenas...

– Cenas?

– Aquelas cenas de filmes. O trabalho de dublê. Bom, mas o que eu ia dizer é que naquela

época eu adorava ver os treinadores de cavalos sempre que podia. Você tem o mesmo tipo de habilidade com as pessoas. É impressionante.

– Eu poderia dizer obrigada, mas acho que já tivemos uma boa dose disso por hoje.

– De nada!

Ele relaxou.

– Gosto da sua casa. Claro, quem não gostaria? Mas o que estou querendo dizer é que gosto do jeito como ela funciona. Gosto de observar e tentar descobrir como as coisas funcionam.

– E como a casa funciona?

– Casa, lar, empresa. Uma tela.

Ao ouvir isso, Parker estacou com uma flor na mão e ficou só olhando para ele.

– Vocês deixam as pessoas pintarem a tela que quiserem. Guiam boa parte das pinceladas, talvez as influenciem em relação a certas cores, mas no fim elas acabam tendo o que querem. É um ótimo trabalho.

– Ob...

O telefone a salvou de mais um obrigada.

– Com licença. Olá, Bonnie. Posso ajudar em alguma coisa?

Ela se distanciou alguns passos. Malcolm pôde ouvir os gritos histéricos do outro lado do telefone antes mesmo de Parker afastá-lo alguns centímetros da orelha.

– Entendo. É, eu...

Ele ficou ouvindo – por que não? – e assumiu o trabalho de pôr as flores na jarra.

– Claro que entendo. Mas acho também que você está muito estressada neste momento. O que é perfeitamente compreensível. Aposto que Richie também está estressado. Veja bem, Bonnie, sua mãe não vai se casar com Richie e, embora eu saiba que ela o adora, ela não o conhece como você. Acho que se ele não tivesse pensado nisso como uma bobagem, uma tradição masculina para arejar a cabeça, nunca teria lhe falado a respeito. Só que ele falou, o que me faz acreditar que para ele isso é só uma brincadeira. O irmão dele só está fazendo o que os irmãos em geral fazem.

Fechou os olhos por um momento e ficou ouvindo, enquanto abria o frasco de antiácido.

– Eu entendo, claro, mas você não vai se casar com o irmão de Richie. Tenho certeza de que nem você nem ele querem que uma coisa tão insignificante como essa provoque um estremecimento na família.

Mais uma vez, ficou só ouvindo.

– É, hum-hum. Richie ama você? Hum-hum. Já lhe deu algum motivo para duvidar disso? Para não confiar nele? O que eu acho não tem a menor importância. O importante é o que você acha, o que você sente. Mas já que perguntou, acho que eu riria de tudo isso e sairia para me divertir com algumas amigas antes de passar a próxima semana inteirinha me preparando para me casar com o homem que eu simplesmente adoro.

Enquanto ela resolvia o problema, Malcolm terminou o arranjo e recuou alguns passos, com as mãos nos bolsos de trás, para avaliar o resultado.

– Ficou muito bom – observou Parker.

– É, não está nada mau. E, então, algum problema?

– Nada de mais.

– O irmão do noivo contratou uma stripper para a despedida de solteiro. E ela teve um desempenho fantástico – acrescentou Malcolm.

– Acho que sim. E a noiva ficou furiosa, instigada pela raiva e pelos conselhos da mãe, que na verdade acha que ninguém é bom o bastante para sua filhinha e, é claro, sempre joga a culpa em Richie.

– Ela queria que você a apoiasse.

– Claro.

– E você, com todo o jeitinho, conseguiu devolver a bola para ela. Belo trabalho, treinadora.

– Se alguém é maduro o suficiente para se casar, também devia ser maduro o suficiente para parar de chorar no colo da mamãe sempre que acontece alguma coisa chata. E se ela não confia naquele noivo tão afável, carinhoso e sincero o bastante para não se atirar em cima de uma stripper uma semana antes do casamento, então ela não devia se casar com ele.

– Mas não foi isso que você lhe disse.

– Porque ela é uma cliente – retrucou Parker, contendo-se. – Eu também não deveria estar dizendo isso para você.

– Não se preocupe, o que é dito na... o que é mesmo este lugar onde nós estamos?

– A despensa.

– Ah, não brinca! – exclamou o rapaz, soltando uma risadinha e olhando mais uma vez o local onde se encontravam. – OK, o que é dito na despensa fica na despensa.

Essa frase fez Parker sorrir. Um sorriso discreto.

– Você conseguiu acalmá-la.

– Pelo menos por enquanto. Eles vão se mudar para Atlanta daqui a uns dois meses. Richie foi transferido. A mãe dela está muito chateada com isso, mas é a melhor coisa que podia acontecer. Acho que esse casamento tem boas chances de dar certo se Bonnie sair da barra da saia da mamãe.

– Você ficou meio tensa.

Parker deu de ombros e pegou a jarra de flores.

– Vou superar.

– Queria lhe perguntar uma coisa.

Ela olhou para trás quando já estavam saindo.

– O quê?

– Você tem uma calça jeans?

– Claro que tenho.

– E tem uma jaqueta de couro, de marca ou não?

– Esse seu interesse pelo meu guarda-roupa é muito estranho.

Parker pôs a jarra em cima da bancada e estendeu um bloquinho e uma caneta para o rapaz.

– Você devia escrever um bilhetinho. Assim ela vai ver o recado e as flores quando chegar em casa.

– Tudo bem, enquanto eu faço isso, vá vestir o jeans e a jaqueta.

– O que isso significa?!

– Adoro o jeito como diz isso. Você vai curtir mais o passeio se não estiver de terninho.

– Gosto desta roupa. E não vou fazer passeio nenhum.

– E eu gosto de como você fica com esse terninho, mas calça jeans é bem mais confortável para andar de moto.

Ele enfiou o polegar no bolso da frente da calça e se apoiou no balcão.

– Está uma noite linda. Nem você nem eu temos nenhum compromisso. Então, vamos dar uma volta. Arejar sua cabeça. Eu lhe pago um jantar.

– Não vou subir naquela moto de novo.

– Não está com medo da moto ou de jantar comigo, está?

– Não é uma questão de medo, mas de preferência.

– Então prove – retrucou ele, sorrindo. – Vamos fazer um trato. Saímos de moto, jantamos num lugar simples, público e trago você de volta para casa. Se não se divertir, ou pelo menos não curtir fazer uma coisa diferente para variar, eu desisto. Para valer.

Dessa vez ela lançou um olhar superior, mas com certo ar divertido.

– Não preciso negociar para fazê-lo desistir, Malcolm.

– Tem toda a razão. – Ele fez uma pausa, enquanto ambos continuavam a se encarar. – Então por que ainda não fez isso?

Boa pergunta, pensou ela. E podia muito bem imaginar a resposta.

– Uma volta de moto, um jantarzinho descontraído e só.

– Foi o que propus.

– Vou me trocar.

Aquela mulher mexia com ele, pensou Malcolm, enquanto rabiscava no bloquinho a frase “A senhora ainda me deve uma dança”. Não sabia exatamente como, mas que mexia, mexia.

Sem dúvida nenhuma, queria pôr as mãos nela, mas Parker Brown não era o tipo de mulher para se partir para cima, abater e fugir. Além do mais, ele prezava muito a amizade do irmão dela.

Saiu da cozinha e ficou circulando pelo térreo.

Se considerasse Parker uma transa casual e seguisse nesse rumo, sabia que Del quebraria a cara dele – ou pelo menos tentaria. Se fosse o contrário, ele faria a mesma coisa. E esse era um dos motivos pelos quais prezava tanto aquela amizade.

Espiou para dentro do que ele imaginou ser a sala de música por causa do piano de cauda que havia ali. As aquarelas que reluziam nas paredes eram com certeza originais e bem bonitas. Mas o que chamou sua atenção foi a coleção de instrumentos dentro de uma estante de vidro elegantíssima.

Violão, violino, várias flautas (talvez um flautim), uma sanfona, um tambor, uma gaita, algo que, se não lhe falhava a memória, era um saltério, um agogô, bongôs e umas poucas coisas que não conseguia identificar de imediato.

Se a estante não estivesse trancada, duvidava que tivesse resistido à vontade de abri-la e experimentar alguns daqueles instrumentos, só para descobrir que som tinham, para ver como funcionavam.

E, supôs, era por isso que ele não considerava Parker uma transa casual. Sentia essa vontade

de abri-la, de ver como ela funcionava.

Uma garota rica – uma mulher de posses, emendou-se – com uma aparência excepcional, um pedigree, relações importantes, inteligência. E trabalhava duro. Talvez mais que qualquer outra pessoa que ele conhecesse. Podia simplesmente sentar aquele traseiro lindo numa bela poltrona, ou pegar um avião para tomar uns drinks em Maiorca, ou cruzar o mar Egeu de barco para bronzear aquelas pernas fantásticas, ou ficar tomando vinho num café parisiense, entre uma saída e outra para fazer compras.

Mas não, ela abrira uma empresa com as amigas de infância, um trabalho que a obrigava a estar sempre à disposição dos clientes.

Aproximou-se do piano e improvisou uns poucos acordes.

E não era pelo dinheiro, tinha certeza. Ela não passava a impressão de ser gananciosa. O dinheiro seria um resultado, uma consequência da empresa, mas não o ingrediente essencial. Ele sabia identificar quando alguém considerava o dinheiro essencial.

É claro que a satisfação contava, mas tinha que haver algo mais.

Queria descobrir o que era.

Percebeu a presença de Parker, um ligeiro calor na própria pele, e se virou. Encontrou-a parada à porta.

Ah, não restava dúvida: queria pôr as mãos nela.

Parker ficava tão bem de jeans quanto com aquelas roupas de empresária. Estava com botas de salto fino e baixo. Usava uma camiseta vermelha debaixo de uma jaqueta de couro, da mesma cor das botas, um marrom escuro. Argolas prateadas brilhavam em suas orelhas.

A típica motoqueira classuda?, pensou ele.

Não, simplesmente alguém com muita classe.

– Sabe tocar?

– Eu? Não – respondeu Malcolm dando de ombros. – Só brinco um pouco. É uma coleção e tanto.

– É verdade. Quase todos eram do meu pai. Ele não tinha nenhum talento para a música e por isso admirava os que tinham.

– Del é bem ruinzinho no piano, ainda mais depois de umas cervejas. E você?

– Piano, violino... com ou sem cerveja. E o saltério.

– Ah, bem que achei que era um saltério. E isso aqui?

Ela se aproximou da estante para ver o que ele mostrava batendo com o dedo no vidro. Era um pequeno instrumento que lembrava uma chave.

– É um berimbau de boca. Você segura entre os dentes ou entre os lábios e dedilha a lingueta. É um instrumento simples, eficaz e muito antigo.

– E isso aqui é um flautim?

– Não, é uma flauta soprano. O flautim é esse outro aqui. Posso ir pegar a chave da estante.

– Não, não precisa.

Ele imaginou vagamente de onde as pessoas tiravam nomes como “flautim” ou “saxofone”.

– Eu só gosto de conhecer o que vejo. Além disso, se você abrir essas portas, vou querer tocar tudo o que tem aí dentro, e vamos acabar não saindo.

Ele se virou de forma que, em vez de ficarem ombro a ombro, os dois ficassem cara a cara.

– Talvez no fim desse passeio de moto eu conheça o que vejo.

– Não é tão complicado assim – replicou Parker, recuando.

– Não é você quem está vendo. Pronta?

Ela assentiu e foi saindo na frente. Pegou a bolsa de alça comprida e a colocou atravessada.

– Sei uma coisa a seu respeito. Você pensa em tudo – disse Malcolm, apontando o tronco dela. – Vai ter que subir na moto e precisa das suas coisas. Então, pôs tudo numa bolsa que não precisa ficar segurando. Esperta. Gosto de gente esperta.

Ele abriu a porta e ficou segurando até ela passar.

– Pois eu gosto de coisas práticas. E isso não é prático – retrucou ela, referindo-se à moto.

– Claro que é. Ela me leva aonde quero ir, consome pouco, e posso estacioná-la em qualquer cantinho.

– Quanto a esses aspectos, concordo com você. Mas duvido que seja prática no inverno em Connecticut.

– Depende.

Malcolm foi pegar o capacete.

– Antes que suba – disse ele, ao entregar o capacete a Parker –, quero jogar limpo. Fiz uma aposta.

– Uma aposta?

– Com Del. Jack e Carter também quiseram participar. Apostei 100 dólares com Del que conseguiria fazê-la subir de novo na moto.

Ele percebeu que os olhos de Parker não demonstraram irritação nem frieza. Só se estreitaram por um segundo.

– Ah, é?

– É. Del disse que nem morta você faria isso. Jack concordou com ele. Ou seja, são dois contra mim. Carter apostou os 100 dele em mim.

Parker girou o capacete nas mãos.

– E está me dizendo isso depois de eu ter aceitado dar uma volta, mas antes de eu ter subido na moto. Ou seja, posso atirar esse capacete na sua cara e mandá-lo para o inferno.

– Pode.

Parker assentiu.

– Carter pode ficar com a parte dele, mas vou querer metade da sua. Mais especificamente, os 100 de Del – propôs ela, pondo o capacete.

– É justo.

Sorrindo, ele subiu na moto. Percebeu que, dessa vez, não precisou dizer para ela se segurar. Com os braços de Parker em volta de seu tronco, ele acelerou o motor.

O coração de Parker disparava, principalmente nas curvas, mas ela não podia negar que gostava daquela sensação. Também não podia negar que tinha querido aquilo, do contrário não estaria ali.

Estava só curiosa, pensou. Agora tinha satisfeito sua curiosidade. Sim, sair pela estrada em meio ao vento era mesmo tão excitante como tinha achado naquele curto primeiro passeio.

Isso não significava que andar de moto viraria um hábito, mas gostava da ideia de poder guardar aquela experiência no arquivo das Coisas Que Eu Fiz.

Gostava de pensar nisso quase tanto quanto gostava da ideia de ganhar os 100 dólares de Del.

Ele merecia.

E, já que era o momento de admitir o que pensava, precisava reconhecer que fora muito inteligente da parte de Malcolm prever a reação dela. Claro que ele podia muito bem estar confiando naquele seu charme controverso para convencê-la a subir na moto mesmo sabendo da aposta. Só não entendia ainda qual o sentido daquilo. Não dizer nada era mais garantido.

Mas não era *esse* o X da questão?, pensou Parker.

Ele não era do tipo que tomava o caminho mais fácil.

Que se dane, decidiu. Aproveitaria a experiência antes que ela fosse apenas uma lembrança arquivada.

Seu prazer aumentou ainda mais quando ele começou a ziguezaguear em direção ao mar. Sentiu aquele cheiro, a umidade e toques de sal. Viu o sol espalhar sua luz vespertina, faiscar bruxuleante nos relevos da ilha Calf e alcançar as velas brancas dos barcos, que tremulavam.

Durante todo esse tempo, a máquina rugia debaixo dela, com uma vibração potente.

As obrigações, os horários e as tarefas se esvaíram de sua mente, sumindo como plumas levadas pelo vento. Seu coração descompassado voltou a bater num ritmo normal e tranquilo, enquanto ela observava gaivotas planando no céu e mergulhando. Se o telefone tocou lá na bolsa, não o ouviu, nem sequer pensou nele.

Perdeu a noção do tempo. Só percebia a brandura da luz e a suavidade do ar quando Malcolm deu meia-volta.

Ele desacelerou quando entraram em Old Greenwich. Turistas e moradores se misturavam na agitada rua principal, atraídos pelas lojas e pelos restaurantes ali perto da praia. Mas o movimento não diminuía a sensação de cidade pequena.

Ele contornou a rua principal, onde o trânsito era considerável, e parou num minúsculo estacionamento. Tirou o capacete e virou-se para olhar para ela.

– Está com fome?

– Acho que sim.

– Conheço um lugar aqui que tem a melhor pizza de Connecticut.

– Isso é porque você ainda não provou a da Sra. G.

– Talvez eu tenha a sorte de provar um dia, mas por enquanto... Já pode se soltar.

– Ah...

Ficou envergonhada quando percebeu que ainda estava com os braços em volta dele. Então se soltou e desmontou.

Malcolm acomodou os dois capacetes na moto.

– Não é longe daqui. É só uma caminhadinha para esticarmos as pernas antes de comermos.

– Não me importo de caminhar – começou Parker e abriu a bolsa ao ouvir um ruído. – Desculpe, são mensagens de voz. É melhor eu ver o que é.

– Quantas? – perguntou ele ao ouvi-la xingar baixinho.

– Três.

– Nunca dão folga para você à noite?

– Às vezes. É raro, mas acontece. Quando as pessoas resolvem planejar um casamento ou qualquer comemoração importante, seu mundo gira em torno disso por um tempo. Cada ideia, problema ou decisão assume enormes proporções.

Já ia guardar o celular na bolsa, pensando em responder na primeira oportunidade que tivesse para dar uma escapada ao banheiro, quando Malcolm lhe disse: – Ande, retorne as ligações.

– Tudo bem. Não precisa ser agora.

– Vai ficar pensando nelas e em como escapar para resolvê-las. Então, melhor resolver de uma vez.

– Serei breve.

Ele reduziu o passo e ficou ouvindo-a falar com uma mulher chamada Gina sobre qual a escolha melhor: voile ou tafetá. Decidiram que Parker se encontraria com ela para que comparassem os dois modelos. Depois, ela falou com uma tal Sra. Seaman sobre uma carruagem de Cinderela. Parker prometeu que providenciaria uma e pegou um bloquinho para anotar as especificações. Por fim, assegurou a um sujeito chamado Michael que tanto ele quanto seu noivo, Vince, ainda teriam tempo para aprender a dançar swing e lhe deu o nome e o telefone de um professor.

– Desculpe – disse a Malcolm quando colocou o telefone de volta na bolsa. – E obrigada.

– Tudo bem. Bom, para mim voile ou tafetá, sua diferença de peso ou de brilho, dá tudo na mesma, mas o que queria saber é: onde diabos vai conseguir uma carruagem de Cinderela sem ser na Disney?

– Ficaria impressionado com o que se pode encontrar, sobretudo se tiver os recursos certos e, nesse caso, um orçamento praticamente ilimitado. A Sra. Seaman, dos Móveis Seaman, quer que a filha chegue e vá embora numa carruagem de Cinderela, e vou conseguir isso. Depois de confirmar com a noiva se é o que ela quer.

– Entendo. Agora me diga: por que Michael e Vince querem aprender a dançar swing?

– Eles vão se casar em fevereiro e escolheram como tema da comemoração a era das *big bands*. Vão até se vestir com aqueles paletós compridos de ombros largos e as calças amplas e estreitas no calcanhar.

Ele levou alguns segundos para registrar o que ela dissera.

– Está falando sério?

– Estou. E, se quer saber, acho que vai ser divertido. E é claro que eles querem aprender swing para se saírem bem na sua primeira dança.

– Quem vai conduzir? É sério – insistiu Malcolm, quando ela o fitou. – Alguém tem que conduzir.

– Podem tirar no cara ou coroa, creio eu, ou podem deixar que o professor decida. Acho que Vinnie, porque Michael é quem está preocupado com isso e Vinnie é bem mais desencanado.

– É, talvez... Ei, espere um instante. Você disse fevereiro? É o Vinnie Calerone?

– Ele mesmo. Você o conhece?

– Conheço desde que éramos pequenos. Minha mãe é amiga da dele. Quando soube que eu tinha voltado a morar aqui, veio me visitar. Fiz a revisão na sua Mercedes. Ele me disse que ia se

casar em fevereiro e que me mandaria o convite.

– Vocês eram próximos?

– Não exatamente.

Malcolm ficou olhando para ela e decidiu contar.

– Um dia, eu o vi levando a maior surra. Achei que ele daria conta de um, mas dois era demais. Então, resolvi deixar as coisas equiparadas. E funcionou. Ele deu conta de um. Vinnie vai usar uma roupa daquela época? – Abriu um sorriso divertido. – Consigo imaginar direitinho.

– Você se meteu na briga por causa dele?

– Não foi bem por causa dele. Foi mais porque achei injusto serem dois contra um. Bater num cara porque ele é gay é muita ignorância. Mas em gangue? É a maior covardia. De toda forma, foram só alguns minutos. É aqui.

Parker ficou olhando para ele por alguns instantes e depois se virou para ver o restaurante. Apesar de ser na praia, era só um buraco com fachada de madeira e a pintura descascada.

– Não parece ser lá essas coisas, mas...

– Me parece ótimo, e estou doida para comer uma pizza.

– Então somos dois.

capítuloseis

ELES O CONHECIAM, notou Parker, quando dois garçons o chamaram pelo nome. Por mais que a pizzaria fosse pequena e ficasse do lado menos elegante da cidade, o cheiro que vinha da cozinha e as mesas lotadas indicavam que Malcolm entendia de pizza.

Os dois se espremeram numa mesa coberta com um jogo americano de papel estampado com pontos turísticos da Itália.

– Não aconselho o chianti – disse Malcolm –, mas dá para tomar um cabernet bem decente.

– Por mim, tudo bem.

Uma garçonete surgiu ao seu lado. Tinha o cabelo todo espetado, de um vermelho esquisitíssimo, e o nariz tão empinado quanto os peitos. Mal devia ter idade bastante para pedir um vinho.

– Oi, Malcolm.

– Tudo bom, Kaylee?

– Mais ou menos.

A garota deu uma olhada em Parker e desviou os olhos, mas eles permaneceram nela tempo suficiente para lhe mostrar desapontamento e raiva.

– Bebem alguma coisa?

– Para ela o cabernet. Para mim uma Coca, por favor. É o Luigi que está na cozinha hoje?

– É sim. Quer o de sempre?

– Ainda vamos escolher.

– OK, vou buscar as bebidas.

Parker arqueou uma sobrancelha quando a garota se afastou.

– Ela está a fim de você.

Malcolm se recostou na cadeira, com a jaqueta de couro aberta, a barba já sombreando o rosto e os olhos verdes brilhando com um humor sarcástico.

– O que eu posso fazer? As mulheres são loucas por mim.

– Ela adoraria quebrar a garrafa de cabernet na minha cabeça.

– Talvez – disse ele, voltando a se aproximar. – Ela tem 17 anos. Acabou de entrar para a faculdade. Quer ser designer de moda. Ou compositora. Ou...

– Aos 17, sempre há “ous”. E paixões por homens mais velhos.

– Você teve?

Ela balançou a cabeça, não negando a pergunta, só achando-a divertida.

– Não vai tomar vinho?

– Tempos atrás, quando eu era um ano mais novo que Kaylee, fiz um trato com a minha mãe: para cada cerveja ou qualquer outra bebida que eu tomasse, tinha que esperar uma hora antes de

dirigir.

– Você tomava cerveja aos 16 anos?

– Quando conseguia uma, com certeza. E sabendo que a possibilidade existia, ela estabeleceu essa regra. Para poder dirigir, eu tinha que aceitar o trato.

– Muitos adolescentes fazem tratos que não cumprem e nem pretendem cumprir.

– No meu mundo, trato é trato.

Parker acreditou no que ele disse e gostou do que ouviu, porque em seu próprio mundo era assim também.

– E agora, que você paga pelos próprios veículos?

– Isso não muda nada. Uma vez feito o trato, tenho que cumpri-lo.

– Já escolheram? – falou Kaylee de repente, pondo a Coca-Cola diante de Malcolm e dando um jeito de colocar a garrafa e a taça de vinho na frente de Parker sem olhar para ela.

– Ainda não – respondeu Malcolm ao pegar um dos cardápios.

– O que você costuma pedir? – indagou Parker.

– Pepperoni, azeitonas pretas e chilli.

– Parece bom.

– Perfeito. Peça a Luigi para fazer uma das grandes para nós, OK, Kaylee?

– Esta noite temos aquelas abobrinhas fritas de que você gosta, se quiserem um aperitivo.

– Maravilha. Vamos dividir uma porção.

Parker esperou a menina se afastar e perguntou:

– Ela fica arrasada assim toda vez que você vem aqui com uma mulher?

– Em geral não venho aqui com mulheres. Prefiro escolher um lugar mais tranquilo para um encontro.

– E isso não é um encontro – ressaltou Parker. – É um trato.

– Exato – retrucou ele, estendendo o braço, pegando a garrafa e servindo o vinho.

Parker tomou um golinho e assentiu em sinal de aprovação.

– É bom. Só espero que não tenha arsênico dentro. Quer dizer que seu pai era militar...

– Era. Ele serviu o exército até meus 8 anos. Foi morto em El Salvador.

– É duro perder um pai, ainda por cima tão jovem.

Os olhos de ambos se encontraram. Ambos compreendiam essa perda.

– Eu diria que é duro em qualquer época.

– Verdade. E aí sua mãe voltou para Greenwich.

– É. A família ganha uma pensão, uma bandeira e algumas medalhas. Eles ajudam como podem, mas minha mãe precisava trabalhar. O irmão dela tem um restaurante, como você deve saber.

– Sei, sim. Mas não conheço direito seu tio nem a mulher dele.

– No que me diz respeito, você não está perdendo grande coisa. Ele a botou para trabalhar como um burro de carga. E esperava que minha mãe fosse grata por ele nos dar um teto. E ela era grata mesmo. Ela...

Ele interrompeu a frase. Parker o deixou ficar em silêncio um instante, depois mudou de assunto.

– E como vai ela com o computador?

– Melhorando. Obrigado, Kaylee – acrescentou ele, quando a garota pôs a entrada e dois pratinhos na mesa.

– Luigi disse para você dar um pulo lá dentro antes de ir embora.

– Pode deixar.

– A primeira vez que vi sua mãe – prosseguiu Parker –, ela estava xingando o computador e não parecia nada feliz por você obrigá-la a usar aquela joça.

– Isso foi antes de ela descobrir o jogo de palavras cruzadas. Acabou de comprar um laptop para poder jogar em casa.

Parker provou as abobrinhas.

– Hum, muito bom – elogiou, antes de dar outra mordida. – Na verdade, delicioso.

– É meio chinfrim para os seus clientes – comentou Malcolm, quando a viu passando os olhos pelo restaurante.

– Não necessariamente. Poderia ser um cenário divertido, informal, para um jantar de ensaio de pequenas proporções. E também uma ótima sugestão para os convidados que não moram na cidade e que estão sempre procurando um lugarzinho gostoso para comer. As empresas familiares têm sempre um toque especial.

– Como sabe que é uma empresa familiar?

– Tem toda a pinta. Além do mais, está escrito bem na frente do cardápio.

– Converse com o Luigi, ele é o dono.

– Acho que vou fazer isso. Mas me diga, como é que você passou de dublê em Los Angeles a dono de oficina em Greenwich?

– Isso é só para a gente ter assunto ou está interessada mesmo?

– Talvez as duas coisas.

– OK. Uma acrobacia deu errado e me arrebentei todo. Alguém tinha resolvido cortar custos e fez isso na manutenção do equipamento. Então eles me pagaram uma indenização.

– Se arrebentou todo como?

– Vários ossos fraturados, alguns órgãos atingidos, cortes na pele – disse ele, dando de ombros.

Mas Parker não se convenceu com aquele gesto de desprendimento.

– Parece bem sério. Quanto tempo passou no hospital?

– Fiquei fora de combate por algum tempo – prosseguiu ele no mesmo tom indiferente. – Quando voltei a ficar de pé, a parte jurídica já estava resolvida. Ganhei uma grana considerável e decidi que já estava na hora de parar de saltar do alto de prédios e bater contra paredes. O que eu tinha dava para comprar uma casa, e esse tinha sido o meu objetivo desde o início.

– Não sente falta daquela vida? Hollywood, o mundo do cinema?

Malcolm fez um gesto com a abobrinha antes de levá-la à boca.

– Aquilo lá não é o que parece ser no cinema do seu bairro, Pernas.

– É, imagino que não seja mesmo. E adoraria que você não me chamasse assim.

– Não consigo evitar. Isso ficou gravado na minha cabeça desde aquele dia em que você e Emma jogaram futebol naquela festança dos pais dela.

– A festa do Cinco de Maio. Tenho um nome perfeitamente apresentável.

– É o nome do Homem-Aranha.

Ela esboçou um riso.

– O nome dele é Peter.

– O mais estranho é que é o sobrenome do Homem-Aranha. Trabalhei naqueles filmes.

– Trabalhou com Tobey Maguire nos filmes do Homem-Aranha? Qual era... – Parker estreitou os olhos. – Aposto que você vive usando esse tipo de relação para ganhar pontos com as mulheres.

– É uma forma de ver a coisa – replicou ele e sorriu quando Kaylee chegou com a pizza.

– Querem mais alguma coisa?

– Não, obrigado, Kaylee.

– A abobrinha estava maravilhosa – disse Parker, dirigindo-se à garota.

– Vou dizer a eles que você gostou – disse Kaylee apenas, com um leve dar de ombros.

– Ela vai me odiar para sempre – resignou-se Parker, com um suspiro. – Portanto, espero que a pizza compense os pensamentos terríveis que devem estar embaçando a minha aura.

– O chilli vai limpar essa aura logo, logo.

– Vamos ver... Você sempre se interessou por carros e mecânica?

– Eu já lhe disse que gosto de saber como as coisas funcionam. E o passo seguinte é mantê-las funcionando. Você sempre se interessou por casamentos?

– Sempre. Gosto de tudo o que tem a ver com eles. E o passo seguinte é ajudar a criá-los.

– O que envolve estar disponível praticamente 24 horas por dia.

– Pode ser. E você não está interessado em falar sobre casamentos.

– Como você não está interessada em falar sobre carros – replicou ele, pegando uma fatia e pondo-a no prato de Parker.

– Não, mas sempre me interesso por negócios. Vamos tentar outra área. Você disse que morou na Flórida. Onde mais?

– No Japão, na Alemanha, no Colorado.

– Verdade?

– Do Japão, não lembro nada. E da Alemanha tenho umas lembranças confusas – respondeu ele, servindo-se de uma fatia. – O primeiro lugar de que me lembro bem é Colorado Springs. As montanhas, a neve. Ficamos por lá uns dois anos, mas sempre me lembro da neve. Como me lembro do cheiro daquele arbusto diante da minha janela lá na Flórida.

Ele comeu um pedaço da pizza e inclinou um pouco a cabeça.

– Vai provar ou não?

Parker imaginou que a pizza já havia esfriado o bastante para não queimar o céu da sua boca, então provou uma garfada.

– É maravilhosa. Mesmo – disse, assentindo e comeu mais um pedaço. – Mas tenho que dar o primeiro lugar à Sra. Grady e considerar que esta aqui é a segunda melhor pizza de Connecticut.

– Está parecendo que vou ter que convencer a Sra. Grady a me dar mais do que só uma fatia de torta para descobrir se você está sendo sincera ou teimosa.

– Pode ser uma coisa ou outra, dependendo do humor e das circunstâncias.

– Então vamos testar o humor e as circunstâncias para valer. Por que saiu comigo?

– Porque fizemos um trato.

Ele balançou a cabeça, fitando-a por cima da fatia de pizza.

– Pode ser um dos fatores, mas não é o motivo.

Parker refletiu um pouco. Tomou um gole de vinho.

– Você me irritou.

– E costuma sair com caras que irritam você?

– Desta vez saí. Você pôs um toque de desafio nisso tudo, o que levou ao estágio seguinte. Além disso, eu estava curiosa. Esses são os vários fatores que compuseram o todo. Ou seja, o motivo pelo qual estou sentada aqui curtindo esta pizza fantástica em vez de... Ah, droga! – exclamou ao ouvir seu telefone tocar.

– Pode atender, depois voltamos ao assunto.

– Detesto gente que fala ao celular dentro de restaurante. Já volto.

Levantou-se e foi abrindo caminho até a porta.

– Oi, Justine, espere um minutinho só.

Cobrindo a taça de vinho com o guardanapo, Malcolm se deu conta que não era nada ruim vê-la se afastar. O jeans lhe caía muitíssimo bem.

Kaylee pôs outra Coca-Cola à sua frente e retirou a anterior.

– Achei que você precisava de mais uma.

– Acertou em cheio. E aí, está gostando da faculdade?

– É legal. Gosto mesmo da aula de arte. E então, quem é a sua amiga?

– Ela se chama Parker.

– É médica ou policial?

– Nem uma coisa nem outra. De onde você tirou essa ideia?

– Meu pai diz que as únicas pessoas que precisam atender telefone num restaurante são os médicos e os policiais.

Malcolm percebeu a borda do celular aparecendo no bolso do avental.

– Quantas mensagens de texto já mandou esta noite?

A menina sorriu.

– Sei lá, nem contei. Acho que ela é bonita.

– Tem toda a razão. Algum outro problema com o carburador?

– Não. Seja lá o que você fez, funcionou bem. O carro está perfeito. Mas continua tendo um milhão de anos de idade e aquele verde cor de vômito.

– Ele só tem cinco anos – emendou Malcolm. – Mas é verde cor de vômito mesmo. Se conseguir convencer o seu pai, conheço um sujeito que pode lhe fazer um bom preço para uma pintura.

– É mesmo?! – exclamou Kaylee, radiante. – Vou começar a tentar ainda hoje. Quem sabe você não podia... – Parou no meio da frase e perdeu aquele ar animado. – Sua amiga está vindo.

Dizendo isso, voltou para a cozinha. Não saiu pisando forte, mas quase. Ele achou graça e voltou sua atenção para Parker quando ela se sentou.

– Voile? Uma emergência com o tango? Alguém quer chegar ao casamento montado num

camelo?

– Uma vez tive que convencer um noivo a desistir de uma charrete. E não foi fácil. Poderia fazer o mesmo com o camelo. Na verdade, uma das nossas noivas de outubro acabou de descobrir que o pai está em Las Vegas. Ele tinha largado a mãe dela para fugir com uma loura burra. A expressão é dela.

– Acontece.

– Pois é. O divórcio saiu esta semana, e ele não perdeu tempo. Também acontece. A nova esposa dele tem 24 anos, dois a menos que a filha.

– O que acrescenta mais uma mágoa à equação.

– Com certeza. E isso também acontece – retrucou Parker. – Mas juntando todos esses "acontece", o resultado é bem difícil de engolir.

– Claro. E provavelmente bem mais difícil para a primeira mulher que para a filha.

Embora ela não tivesse acabado a primeira fatia de pizza, Malcolm pôs outra no seu prato.

– E o que ela queria com você?

– Não quer nem um nem outro no casamento. Não quer que o pai a entregue ao noivo, como havia sido planejado. Estava disposta a tolerar a presença da tal loura burra como convidada do pai, mas está indignada com a ideia de ela comparecer como mulher dele. Como sua (que palavra horrível para dizer em público) madrasta, esfregando seu novo status na cara da mãe dela, que ainda está arrasada com o ocorrido.

– Tenho de admitir que ela parece ter razão em tudo.

– Claro. Tudo muito justificável. E se é assim que ela quer que seja, é assim que vamos fazer – assegurou Parker, tomando um pouco de vinho. – O problema é que ela adora o pai. Apesar dessa atitude discutível e da nítida possibilidade de ele estar sofrendo uma crise de insanidade masculina da meia-idade...

– Ei, isso não acontece só com a gente!

– É mais frequente com vocês. E em geral os sintomas são mais sérios. Apesar de tudo – repetiu Parker –, ela adora o pai e estou achando que o fato de não ir com ele até o altar pode ser mais nocivo para o seu dia do que a presença da LB. Ainda por cima, quando ela o perdoar, o que vai acontecer em algum momento, é muito provável que vá se arrepender da decisão que tomou.

– Foi o que disse a ela?

– Disse que vai ser o dia dela. Dela e de David. E que daríamos um jeito com relação a tudo que ela quisesse ou não quisesse. Só lhe pedi que pensasse por um ou dois dias para ter certeza.

– Acha que ela vai optar pelo pai?

– Acho. E, se for isso, vou ter uma conversa particular e bem clara com a LB com relação ao protocolo e ao comportamento exigido nos eventos da Votos.

– Vai deixar a pobrezinha apavorada.

– Não faço essas coisas – replicou Parker com um sorrisinho.

– E vai adorar fazer isso.

Deliberadamente, ela levou à boca um pedaço bem pequeno de pizza.

– Isso seria feio e mesquinho.

– De ponta a ponta.

Ela riu.

– É, vou curtir, sim.

– Isso nós temos em comum.

– Como assim?

– Acho que, se é para pôr alguém em seu devido lugar e lhe dizer umas boas verdades, é bom a gente ficar pelo menos um pouco satisfeito com isso. Ouvi dizer que foi o que fez com aquela esquisitona da mãe da Mac não tem muito tempo.

– E não acho que seja nem feio nem mesquinho isso ter me dado tanta satisfação. Ela precisava daquilo. Como ficou sabendo?

– Os homens também conversam. Del gosta muito da Mac e ver o que a mãe dela fazia o deixava furioso. Além do mais, eu mesmo tive que enfrentá-la bem antes disso. Portanto, conheço a peça.

– É verdade, quando Mac mandou rebocar o carro dela. – Parker suspirou com um ar feliz. – Bons tempos! Imagino então que Linda tenha chegado aborrecidíssima quando foi à sua oficina buscá-lo.

– Seria uma versão para os fatos.

Ela mordiscou mais um pedaço de pizza sem tirar os olhos dele.

– OK, desembuche – disse ela, balançando a cabeça. – Tudo o que sei é que você lhe disse que ela só teria o carro de volta depois de pagar o reboque e a taxa de permanência. E aí ela teve um dos seus ataques.

– É por aí. Ela armou o maior escândalo. Tentou jogar a culpa toda em Mac, mas não funcionou comigo, principalmente porque eu já tinha algumas informações, dadas por minha mãe.

– Sua mãe conhece Linda?

– Sabe bastante coisa sobre ela. E é uma fonte confiável. Mesmo assim, eu logo saquei a figura. E se reboquei o carro, tenho que ser pago, ponto final – prosseguiu ele com a Coca na mão. – Ela passou do ataque de fúria para o drama. Sabe como é: "será que eu não podia ajudá-la, fazer esse favorzinho para ela", mas a melhor parte do espetáculo foi quando ela propôs pagar com serviços pessoais.

– Ela... ai, meu Deus!

– Foi a primeira vez que alguém me ofereceu um boquete em troca de um reboque.

Atônita, sem saber o que dizer, Parker ficou só olhando para ele.

– Você perguntou.

– É verdade, mas se algum dia Mac perguntar, não conte essa parte a ela.

– Ela já perguntou, e não contei. Por que contaria? Se a mãe dela se presta a esses papéis, o problema é dela. Mac não tem nada a ver com isso.

– Não tem mesmo. Mas muita gente não consegue perceber isso com clareza.

E então Parker se deu conta de que ele conseguia. Por alguma razão, ele percebia aquilo com toda a clareza.

– Muitas das coisas que Linda aprontou ao longo dos anos já sobraram para Mac. Se pudesse,

ela estragaria o casamento da filha, ou pelo menos o ofuscaria.

– Mas não vai fazer isso – disse Malcolm, dando de ombros e comendo sua pizza. – O que Mac não conseguir enfrentar, Carter enfrentará. E o que eles não conseguirem, você consegue.

– Vou me lembrar disso da próxima vez que tiver um pesadelo com Linda. Você contou a Del sobre... a proposta de Linda?

– Claro. Quando um cara recebe uma proposta como essa, tem o direito de se vangloriar com os amigos.

– Vocês são mesmo uma espécie muito estranha.

– Vocês também, Pernas.

Toda aquela experiência – e escolher essa palavra a ajudou a pôr em perspectiva o que acontecera – acabou sendo muito mais fácil e mais agradável do que ela imaginara. Mas precisava admitir que suas expectativas eram quase nulas.

Certamente, seria bem melhor ter uma relação amistosa com ele, já que era amigo de seu irmão. Era o que acontecia com Jack.

Só que ela não tinha aquela fagulha de atração insistente por Jack.

Mesmo assim, uma fagulha podia ser controlada até se apagar. Sobretudo quando o que sentia podia muito bem ser apenas uma reação a um homem muito bonito que se mostrava interessado nela, quando fazia uns bons anos que Parker não tinha nem tempo nem disposição para companhia masculina.

Foi refletindo sobre esses detalhes práticos enquanto voltavam à moto.

Prendeu o capacete e montou atrás dele.

E no momento em que pegaram a estrada saindo da cidade, Parker descobriu que andar de moto à noite provocava uma emoção diferente.

Sentiu-se tomada por uma sensação de liberdade absolutamente nova. Uma única luz cortando a estrada escura. O toldo de estrelas, a Lua lá em cima e seu reflexo no espelho de água negro.

Junto com a emoção, vinha uma sensação de relaxamento. De esvaziar a mente de todos aqueles detalhes que a ocupavam. Gostava da multidão, pensou, chegava até mesmo a se nutrir dela. Mas fazia tanto tempo que não se esvaziava para se recarregar...

Quem diria que uma noite com Malcolm causaria isso?

A realidade a aguardava, e Parker dava valor à sua realidade, mas ele tinha lhe dado uma folga, lhe proporcionado uma pequena aventura, uma pausa mais do que agradável na rotina.

Quando entraram no longo caminho sinuoso que levava à sua casa, ela se sentia renovada, satisfeita e até afável com relação a Malcolm Kavanaugh.

E no momento em que ele desligou o motor, o silêncio se instalou, produzindo mais uma sensação agradável. Ela desceu da moto, gostando de ver como aquele movimento tinha se tornado natural, e tirou o capacete.

Ao entregá-lo a Malcolm, riu.

– Tenho que admitir que foram os 100 dólares mais fáceis que já ganhei na vida.

– Digo o mesmo – replicou ele, acompanhando-a até a varanda. – Quer dizer que se divertiu?

– Claro, obrigada por...

Com as costas contra a porta e a boca de Malcolm colada à sua, o resto da frase desapareceu de seu cérebro. Aquele corpo forte se impunha ao seu. Então ele pegou suas mãos, ficou segurando-as ao lado de seu corpo, enquanto seus dentes lhe provocavam arrepios de excitação com pequenas mordidas ávidas.

Encurralada, Parker devia ter reclamado, negado, mas a sensação de impotência, um misto de pânico e empolgação, a impressão de estar sendo levada simplesmente fizeram o chão desaparecer sob seus pés.

Ela despencou, sem esboçar qualquer tentativa de se segurar, e correspondeu ao ataque com o mesmo fervor e uma avidez interminável.

O salto de seu próprio coração a trouxe de volta... ou quase.

– Espere um pouco – conseguiu dizer.

– Só mais um minuto.

Ele queria mais, teve mais. E ela também.

Tinha sido aquele fogo baixo e latente que ela continha sob sua aparência fria que o prendera desde o início. Agora que Parker tinha chegado ao ponto de fervura, ele estava feliz por sentir aquela chama queimá-lo até os ossos.

Segurava as mãos dela para impedir as suas de percorrer aquele corpo maravilhoso, para ter certeza de que não ia perder o controle e usá-las para tirar aquelas roupas elegantes e deixá-la nua.

Quando sentiu que podia perder o controle, ele ergueu a cabeça, mas não a soltou, nem recuou.

– Isso foi para mostrar que não pretendo desistir.

– Eu nunca disse...

– Fizemos um trato.

– O que não significa que você possa...

Parker fez uma pausa e ele pôde vê-la se recompor.

Céus, como admirava aquilo.

– Isso não significa que você possa me agarrar quando quiser e passar a mão em mim quando lhe der na telha.

– Eu não a agarrei – observou ele. – E não passei a mão em você – acrescentou, apertando de leve as mãos dela, que ainda segurava. – Mas bem que pensei nisso.

– Apesar de tudo, não vou... Será que você pode desgrudar um pouco?

– Claro.

Nesse momento ele soltou as mãos dela e recuou alguns centímetros.

– Não vou tolerar esse tipo de comportamento. Você não pode se atirar em cima de mim quando bem entender.

– Talvez eu tenha forçado um pouco a barra. Me declaro culpado.

No escuro, os olhos dele brilhavam como os de um gato. Um gato em plena caçada.

– Mas, querida, você não tentou fugir, e acho que admitiria isso.

Parker permaneceu em silêncio por um instante.

– Tudo bem, essa parte pode ser verdade. Mas é uma reação física e não significa... Por que

está sorrindo?

– Por sua causa. Gosto muito do seu jeito de falar, principalmente quando assume essa postura orgulhosa.

– Que droga! Você é frustrante.

– É provável. Ia dizer que sinto alguma coisa por você e que quero descobrir como isso funciona. Mas podemos ficar com a expressão "reação física", se é o que prefere.

– Acho melhor você entender logo que levo relacionamentos a sério, portanto, se está achando que vou pular na sua cama só porque...

– Não chamei você para a minha cama.

Viu os olhos dela se inflamarem e teve que se controlar para não empurrá-la de novo contra a porta.

– Então vai dizer que não é isso que quer? Que não é o que pretende?

– Claro que quero ir para a cama com você. Para a cama ou para qualquer outro lugar que esteja disponível. E que pretendo ficar com você. Mas não tenho pressa nenhuma. Você pular na minha cama? Isso deixaria tudo fácil demais e gosto de dificuldade. Além disso, é complicado descobrir como as coisas funcionam quando se está ocupado trepando.

Aquilo foi tão sincero e tão incrivelmente lógico que Parker fraquejou.

– Que conversa mais ridícula!

– Pois eu a acho sensata e civilizada. A sua cara. Quer que eu diga que penso em tirar essas suas roupas chiques e descobrir o que tem debaixo delas? Em pôr as mãos no que encontrar aí? Em sentir o seu corpo se mexendo sob o meu, ou em cima dele, e saber como é estar dentro de você? Ver o seu rosto quando você gozar? Quando eu fizer você gozar? Pois penso, sim, Parker. Mas não tenho pressa.

– Não estou em busca disso...

– Todo mundo está. Você podia não estar, ou não estava buscando isso comigo. Entendo perfeitamente. Mas não vou desistir. Porque é óbvio que existe alguma coisa entre nós. Desculpe, existe uma reação física. E se você não quisesse que eu continuasse insistindo, já teria me mandado calar a boca, já teria me dispensado. Talvez até gostasse de fazer isso.

– Você não me conhece tão bem quanto imagina.

Ele balançou a cabeça.

– Só estou começando, Pernas. E vou descobrir mais.

Naquela discussão... Não era bem uma discussão, pensou Parker. Mas, fosse lá o que fosse, ela estava se dando mal.

– Vou entrar – disse.

– Então, a gente se vê...

Ela se virou, meio que esperando que ele se aproximasse de novo. Mas, quando abriu a porta, percebeu que Malcolm ficara parado onde estava, numa atitude que, na falta de expressão melhor, ela definiria como cavalheiresca, só esperando ela entrar e fechar a porta.

Parker ficou parada no vestíbulo por alguns instantes, tentando recuperar o equilíbrio que ele tinha conseguido romper. Ouviu o barulho do motor sendo acionado e quebrando a quietude da noite.

Era exatamente o que Malcolm tinha feito: quebrado a sua quietude.

Tudo o que lhe dissera era verdade.

Mais que isso: ele a compreendera por inteiro apesar de conhecê-la tão pouco, o que era... assustador e, ao mesmo tempo, gratificante.

Ninguém, ela admitiu para si mesma enquanto subia as escadas, ninguém que ela considerava parte da família a conhecia tão profundamente.

Não sabia dizer como se sentia depois do que Malcolm tinha lhe falado com tanta franqueza, e tampouco sabia se conseguiria detê-lo.

De um modo geral, pensou, não tinha a mínima ideia do que fazer com relação a ele.

capítulosete

EMBORA AQUILO JÁ TIVESSE se tornado tradição, Parker adoraria evitar que a história sexy virasse assunto do café da manhã. Mas as motos têm um som inconfundível e, quando estava com Carter, curtindo o novo pátio de sua casa, Mac ouvira nitidamente Parker sair com Malcolm.

Ela podia ter chegado se arrastando na sala de ginástica quando Parker estava quase terminando a sua sessão e Laurel já havia começado a sua fazia um bom tempo, mas estava pensando em muito mais que ganhar músculos.

E levara Emma consigo.

– Pedi à Sra. G. que fizesse panquecas – anunciou ao chegar. – Tenho uma predileção toda especial por panquecas para acompanhar uma história sexy no café da manhã.

– História de quem? – perguntou Laurel.

– De Parker.

– O quê?! – exclamou Laurel virando-se para o local em que Parker se alongava de pé, abraçando as pernas, por mais tempo que o normal. – Quer dizer que você tem uma HS e nem me contou?

– Não é nada de mais. Além disso, estamos cheias de trabalho nos próximos dias.

– Não é nada de mais? Então aonde você e Malcolm foram ontem à noite, de moto, e demoraram quase três horas para voltar? Não. Não diga nada por enquanto – falou Mac, sorrindo e fazendo um gesto amplo e exagerado com as mãos quando Parker se levantou. – Para isso, precisamos das panquecas.

– Eu não fico controlando *suas* idas e vindas, Mackensie.

– Ah, não venha com essa de me chamar de *Mackensie* – retrucou a outra, fazendo mais um gesto para descartar o assunto e, em seguida, começando a trabalhar os bíceps num dos aparelhos. – Carter e eu ouvimos Malcolm chegar e vi vocês saírem porque estava lá no pátio. Portanto, fiquei, sim, prestando atenção para ouvir quando voltassem. Você não teria feito exatamente o mesmo?

– Vocês brigaram? – indagou Emma. – Está chateada?

– Não, não estou chateada – replicou Parker, enxugando o rosto com uma toalha e indo jogá-la no cesto de roupa suja. – Só não tenho tempo para panquecas e fofocas.

– A menos que a história seja sobre uma de nós três? – observou Laurel, inclinando a cabeça. – Nós contamos o que acontece conosco, Parker. É o que sempre fazemos. Se resolveu não tocar no assunto é porque está preocupada com o rumo que as coisas estão tomando...

– Não é nada disso – retrucou Parker.

Era sim, admitiu para si mesma. Era exatamente isso.

– Está bem, está bem. Vamos às panquecas e a tudo mais. Só que tenho muito trabalho pela

frente. Aliás, todas nós temos, e, por isso, vou ser breve.

Quando ela saiu da sala de ginástica, dava para perceber que estava aborrecida. Emma olhou para as outras duas e perguntou: – Será que é bom eu ir conversar com ela?

– Você sabe que temos de deixar a poeira baixar – respondeu Laurel, que pegou uma toalha para enxugar o rosto e o pescoço. – Ela ficou meio chateada, mas daqui a pouco passa...

– Concordo com você quando diz que essa história com Malcolm está deixando Parker bem desorientada – observou Mac e passou a trabalhar os tríceps. – Se não fosse nada de mais, ela nos contaria ou teria caído na risada ao me ouvir mencionar o assunto. Quando foi a última vez que um cara mexeu assim com Parker?

– Acho que nunca – declarou Laurel.

– Então é a primeira vez... Isso é bom ou ruim?

– Bom, eu acho – falou Emma.

Já que estava ali, resolveu escolher um aparelho.

– Malcolm é diferente dos caras com quem ela já saiu e isso pode ser parte do que a deixa desorientada. Mas Parker jamais teria saído com ele se não quisesse de alguma forma. Além do mais, Mac disse que ela estava de calça jeans e com uma jaqueta de couro marrom muito linda. O que significa que trocou de roupa para sair com ele.

– Eu não estava espionando – Mac apressou-se em dizer. – Só vi. Foi praticamente isso.

– E alguém aqui está dizendo o contrário? – disparou Laurel. – Se eu tivesse ouvido os dois saírem juntos, teria feito a mesma coisa. Nossa! Que bom que Del não sabe de nada... E vamos manter essa história entre nós até termos uma noção mais exata do que está acontecendo. Não quero que ele tenha, com Malcolm e Parker, a mesma reação que teve com Emma e Jack. Agora vou tomar banho e, graças a Deus, ele tinha uma reunião de trabalho na hora do café da manhã... Encontro vocês lá embaixo.

– Pensei que ela fosse se divertir – disse Mac quando ela e Emma ficaram sozinhas. – Não queria chateá-la...

– Não precisa se sentir culpada. Laurel tem razão: é o que sempre fazemos.



Era o que faziam, disse Parker para si mesma. Depois de tomar banho e se arrumar para o trabalho, sua chateação havia se transformado em culpa por ter se irritado com as amigas.

Tinha exagerado... E internalizara a história toda, coisa que, precisava admitir, tendia a fazer com frequência e com facilidade.

Então estava decidido, seguiriam com a tradição, como deveria ser. Iam rir um pouco e pronto.

Quando entrou na cozinha, a Sra. Grady estava apoiada na bancada, preparando a massa.

– Bom dia, minha Parker.

– Bom dia, Sra. G. Ouvi dizer que hoje tem panqueca.

– Hum-hum.

A governanta esperou até Parker se servir de café.

– Agora vai fazer uma tatuagem? – indagou então.

– O quê?

– Parece que é o que se faz depois de sair pelas estradas numa Harley.

Parker nem precisou olhar para a Sra. Grady para saber que ela estava com uma expressão travessa, empurrando a bochecha com a língua pelo lado de dentro.

– Considerando o meu trabalho, andei pensando em colocar um coraçãozinho num lugar bem discreto. Talvez com as iniciais FpS, de Felizes para Sempre.

– Uma graça. E bem apropriado – observou a outra.

Deixou a massa de lado e começou a preparar uma tigela de frutas vermelhas.

– Podemos acabar nos estranhando por causa dessa história, já que ele me trouxe flores *e* me convidou para dançar.

– A senhora está curtindo, não está?

– Claro. Ele me lembra alguém.

– É?! – exclamou Parker, debruçando-se na bancada. – Quem?

– Conheci um rapaz meio esquentado que também era muito confiante e sabia ter a língua afiada quando queria. Era bonito como ele só e tão sexy... Quando estava a fim de uma mulher, era impossível ela não perceber. Tive sorte. Casei com ele.

– Ai, Sra. G, ele não é... Ele é mesmo parecido com o seu Charlie?

– É o mesmo tipo. Aliás, tipo coisa nenhuma, já que eles não se enquadram em nenhum padrão. São homens que sabem enfrentar as dificuldades, encarar as cicatrizes que elas deixam e ir em frente até alcançar o sucesso. Com o meu Charlie, eu disse para mim mesma, ah, não, não vou cair na lábia desse sujeito. E continuei repetindo essa frase até já estar completamente envolvida por ele.

O sorriso animou o seu rosto e se estendeu até os olhos.

– É difícil resistir a um *bad boy* que é um bom homem. Eles nos passam uma bela rasteira. Por mais curto que tenha sido o tempo que passamos juntos, agradeço a Deus todos os dias por não ter resistido demais...

– Não é o que está acontecendo entre mim e Malcolm. É só...

E isso, Parker tinha que admitir, era parte do problema: ela não sabia o que estava acontecendo.

– Seja o que for, você merece atenção e merece se divertir mais. Além do trabalho aqui – falou a Sra. Grady, então pôs as mãos no rosto de Parker e deu umas batidinhas. – Coisa que, eu bem sei, você gosta muito. Mas tem que ter algo além disso.

– Não quero me divertir cometendo um erro.

– Ah, adoraria que você corresse o risco – ao dizer isso, a governanta puxou Parker para perto de si e lhe deu um beijo na testa. – Adoraria mesmo. Ande, sente-se e tome seu café. O que você precisa agora é de um bom café da manhã e de suas amigas.

Talvez precisasse mesmo, admitiu Parker. Mas, assim que se sentou, recebeu um telefonema de uma das noivas nervosas do fim de semana. Como sempre, enfrentar preocupações e problemas de outras pessoas e tentar resolvê-los a acalmava. Aquilo já era da sua natureza.

– Emma e Mac estão chegando – disse Laurel, quando entrou na cozinha. – Quer ajuda, Sra.

G.?

– Está tudo sob controle.

– Nossa, que flores lindas!

– Foi meu namorado que mandou – respondeu a governanta, com uma piscadela. – Aquele que Parker está tentando roubar de mim.

– Que vadia!

Com ar divertido, Laurel pegou seu café e foi se sentar no cantinho de sempre.

– Depois do nosso assunto inicial, podemos tratar dos eventos. Poderíamos fazer a reunião aqui, porque estou careca de saber que você tem todos os dados relativos ao evento de hoje à noite aí no BlackBerry. Isso vai poupar aquele tempo com o qual você estava tão preocupada.

– Tem razão. Eu não devia ter soltado os cachorros em cima de Mac.

– Foi uma reação normal, eu provavelmente teria feito o mesmo, só que falando um pouquinho mais alto.

– Mas todas nós esperamos crueldade de você.

– Boa! – rindo, Laurel apontou o dedo para a amiga. – Por enquanto, não vou dizer nada a Del, mas...

– Não há nada a dizer. Como vai entender daqui a pouco, assim que elas duas tiverem chegado.

– Pois estão chegando. Prepare-se para esclarecer tudo.

– Desculpe – disse Parker, assim que Mac se sentou.

– Ih, são águas passadíssimas.

– Comam umas frutas – ordenou a Sra. Grady, pondo a tigela em cima da mesa.

– Fiz uma tempestade em copo d'água – falou Parker e, obediente, pôs uma colherada de frutas vermelhas no espaço vazio que havia em seu prato. – Com todas vocês e comigo mesma. É que é tudo tão estranho... E, apesar disso, bem fácil de entender.

– Por que não nos conta logo e nós decidimos se é estranho ou não? – sugeriu Laurel. – Porque, com toda essa enrolação, você está fazendo as coisas parecerem complicadíssimas.

– OK, OK. Ele passou aqui para trazer flores para a Sra. G.

– Own! – Foi a reação instantânea de Emma.

– Como ela não estava, não me pareceu legal deixá-lo esperando enquanto eu botava as flores no vaso. Aí, eu o convidei para entrar e escrever um bilhete. Em suma, queria deixar bem claro que não estava interessada.

– Você o convidou a entrar para lhe dizer que não queria vê-lo? – observou Mac.

– É. Ele pegou essa mania de... ficar me cercando, e eu queria deixar claro que... na verdade, não impedi que ele me agarrasse na outra noite...

– O beijo ardente – observou Emma.

– Não foi...

Foi sim, admitiu só para si mesma.

– Depois que ele jantou aqui, quando fui levá-lo até a porta, ele me pegou desprevenida, e eu correspondi – explicou Parker. – Só isso. Afinal, sou humana. Mas acima de tudo porque ele é muito amigo de Del, achei que devia deixar claro que não estava interessada.

– E ele engoliu essa história? Hummm, obrigada, Sra. G. – disse Mac, atacando a travessa de panquecas que a Sra. Grady pôs em cima da mesa. – Porque, se tiver engolido, minha opinião sobre a inteligência dele vai cair vários pontos.

– Tudo indica que não engoliu, não, já que me propôs um acordo. Eu sairia com ele de moto para jantar e, se eu não me divertisse, ele desistiria.

– E você topou? – perguntou Laurel, pegando o pote de mel. – Você não o esmagou como se fosse um inseto, não acabou com ele usando o raio congelante de Parker Brown?

Parker ergueu a xícara e tomou um gole de café bem devagar.

– Vocês querem ou não querem que eu conte a história?

– Prossiga – disse Laurel, com um gesto amplo.

– Concordei porque parecia bem simples e, é claro, porque eu também estava um pouco curiosa. Ele é amigo de Del e não faz sentido criar um clima ruim entre a gente. Eu saía com ele, ele desistia. Sem mágoas nem para um nem para outro. Então, quando chegamos ao jardim, ele me falou da aposta.

– Que aposta? – perguntou Emma.

Parker lhes contou o que tinha acontecido.

– Carter apostou? – falou Mac, rindo e jogando a cabeça para trás. – E no *Malcolm*? Adorei.

– Pois eu adorei o fato de ele ter contado a história antes de você subir na moto – completou Emma, balançando o garfo. – É claro que ele sabia que assim você teria uma desculpa para despachá-lo.

– Ponto para ele, admito. E ele vai me dar, a pedido meu, metade do que ganhar. Nada mais justo.

– Aonde vocês foram? – perguntou Emma.

– Para Old Greenwich. Uma pequena pizzaria. Bem legal, na verdade. E não vou negar que foi divertido andar de moto. Muito divertido. Nem vou alegar que foi uma experiência dolorosa dividir uma pizza com ele. Malcolm é um homem interessante.

– Quantos telefonemas você recebeu enquanto estavam lá? – perguntou Laurel.

– Quatro.

– E como ele reagiu?

– Tipo “trabalho é trabalho, vamos lá”. Ponto para ele, sem dúvida. Mas o fato é que tivemos uma noite superagradável e, no instante em que colocamos os pés aqui, na porta de casa, ele...

Emma se remexeu na cadeira.

– Agora é que vem a parte sexy mesmo.

– Ele me agarrou. Com aquele seu jeito de me deixar sem saída que faz meu cérebro parar de funcionar. Ele é bom nisso. E fico sem saber o que fazer. É um reflexo – acrescentou. – Ou uma reação.

– E ele vai com tudo ou vai chegando de mansinho? – quis saber Mac.

– Se ele tem uma marcha lenta, eu desconheço.

– Eu não disse? – falou Mac, cutucando Emma.

– Assim que meu cérebro voltou a funcionar, eu lhe disse que não estava gostando nada daquilo, que ele não podia sair me agarrando e me beijando quando bem entendesse. E ele

pareceu achar engraçado. Exatamente como vocês três estão achando agora. Aliás, vocês quatro, não é, Sra. Grady? Estou vendo a sua cara daqui.

– Você correspondeu ao beijo, não foi? – provocou a Sra. Grady.

– Foi, mas...

– Então, mesmo que ele não tenha lhe dado uma rasteira, sua atitude não justifica o que está dizendo.

Parker queria muito ficar chateada, mas se limitou a dar de ombros.

– É só uma reação física.

– Não sei o que quer dizer com isso – começou Laurel –, mas se for, a minha pergunta é: e daí?

– Não vou cair na lábia... – lembrou-se da frase da Sra. Grady, deu uma rápida olhadela na sua direção e viu a governanta erguer as sobrancelhas. – Não vou me envolver desse jeito com alguém, quando acho que pode ser um erro. Ainda mais sendo um amigo de Del, de Jack e de Carter. E, ainda por cima, sendo alguém que não conheço direito, sobre quem não sei quase nada.

– Mas sair com alguém não é parte do processo de conhecer essa pessoa? – indagou Emma, estendendo o braço e pondo a mão sobre a da amiga. – Você está interessada, Parker. Não dá para esconder. Você está a fim dele, o que a deixa nervosa.

– Você se divertiu com ele, Parks – atalhou Mac, erguendo as mãos. – Qual é o problema em se divertir?

– Ele é imune à sua cara de "cai fora" e ao seu raio congelante. Não age nem reage de um jeito que você consiga prever ou controlar – concluiu Laurel e deu um tapinha na perna de Parker por baixo da mesa. – Então você está procurando um motivo para dizer não.

– Não sou tão frívola assim.

– Não é questão de ser frívola. Você está nervosa, com medo de deixar que ele se aproxime demais e acabar descobrindo que ele é mais importante do que você queria que fosse. Acho até que já é.

– Eu não sei. E não gosto de não saber.

– Então pare um pouco e descubra – disse Emma.

– Vou pensar nisso. Vou mesmo.

Como poderia não pensar?, admitiu ela.

– E essa é a história sexy do café da manhã de hoje – encerrou Parker. – Fico feliz com o carinho de vocês, fico mesmo. Mas agora temos que partir para outra. Já estamos meio em cima da hora para a reunião e temos um evento a preparar.

Malcolm acabou de instalar uns coxins novos no motor de um Thunderbird 1962 simplesmente incrível. A pedido do dono, ele praticamente refizera o motor e, quando o trabalho estivesse pronto, aquela máquina iria ronronar feito um gato na estrada. Já tinha substituído as pastilhas dos freios, consertado o sistema de refrigeração e ajustado o carburador Holley de duas

bocas.

Pelos seus cálculos, em poucas horas levaria aquela maravilha para um *test drive*. Tirou a cabeça de baixo do capô quando ouviu alguém exclamar: – Que beleza!

Era Del, com seu terno de advogado, bem no meio da oficina.

– É mesmo. Um M-Code 1962 – disse Malcolm. – Uma preciosidade. Um dos cerca de duzentos vendidos na época.

– Verdade?

– O diabo custava uma nota. O meu cliente comprou este aqui num leilão e mandou restaurar. Vermelho-vivo por fora e vermelho e branco por dentro. Forro interno branco, rodas raiadas. Depois de reformar o carro todo por dentro e por fora, ele se tocou que os problemas que andava tendo deviam ser por causa do tanto que o motor já tinha rodado.

– E foi aí que vocês entraram na história.

– Consertar é com a gente. Venha dar uma olhada.

– Claro, desde que eu não precise saber o que estou vendo nem entender metade do que você disser...

– Este rapazinho tem o motor cromado.

Del olhou por debaixo do capô. Viu um motor bem grande, muitas partes pretas, algumas cromadas reluzentes e a marca Thunderbird gravada em várias partes. Ciente do seu papel, assentiu com a cabeça.

– E agora, o que ele vai fazer?

– Praticamente tudo o que quiser, menos lhe dar um beijo de boa-noite – respondeu Malcolm, tirando um pano do bolso de trás da calça e limpando as mãos. – Algum problema com a Mercedes?

– Não. Tive um café da manhã de negócios na cidade, então resolvi dar uma passada aqui na volta para entregar os papéis que você me pediu para preparar. Se quiser olhar agora, tenho uns dez minutos. Ou, então, posso deixar ali no escritório. Você lê quando puder e me liga se tiver alguma dúvida.

– Estou bem ocupado agora. É melhor deixar para eu ler mais tarde. Desde que eu não precise saber o que estou vendo nem entender metade do que você disser...

– Posso explicar o que for preciso.

Com uma cara intrigada, Del olhou mais uma vez por baixo do capô.

– Quem sabe um dia você não faz a mesma coisa comigo com relação a motores...

O escritório de Malcolm era um pedacinho da oficina equipado com uma escrivaninha de metal, uns poucos arquivos e uma cadeira giratória. Del entrou, tirou os papéis de sua maleta e os pousou em cima da caixa para correspondência.

Malcolm enfiou o pano de volta no bolso.

– Podemos usar aqueles dez minutos para tratar de um assunto pessoal?

– Claro. O que houve?

– Saí com Parker ontem à noite.

Depois de uma longa pausa, Del balançou a cabeça.

– Conseguiu fazê-la subir na moto de novo? Usou um revólver?

– Fizemos um trato. Sairíamos de moto, iríamos jantar num lugar qualquer e, quando eu a levasse para casa, se ela não tivesse se divertido, eu desistiria.

– Então você... – Desta vez, a pausa foi mais breve. – Desistiria de quê?

– Dela. E disso que está rolando entre nós.

– E o que está rolando entre vocês?

Sem dúvida os irmãos tinham algo em comum: aquele gelo instantâneo, pensou Malcolm.

– Quer mesmo que eu lhe diga com todas as letras?

– E quando foi que *isso* começou?

– Da minha parte, uns dois minutos depois que ela abriu a boca para falar comigo pela primeira vez, e vem subindo alguns níveis desde então. Quanto a ela, vai ter que lhe perguntar. Já que Parker se divertiu e que eu não vou desistir, estou sendo muito franco com você.

– E em que ponto está essa história entre vocês?

Malcolm ficou calado por um instante.

– Olhe, Del, sei como é com relação a sua irmã, a todas elas, aliás. Se eu estivesse no seu lugar, provavelmente faria o mesmo. É por isso que entendo. Mas não vou ficar aqui falando com você sobre Parker. Se quiser perguntar a ela, isso é entre vocês dois. Só preciso lhe dizer uma coisa: se acha que estou só atrás de uma aventura, você não me conhece tão bem quanto eu imaginava.

– Mas, que diabo! Ela é minha irmã!

– Se não fosse, não estaríamos tendo essa conversa. Ela também é uma mulher linda, inteligente, interessante. E não é boba. Portanto, se ela quiser me despachar, é o que vai fazer.

– E se fizer?

– Vou lamentar muito porque, como aquele carro ali, ela é muito especial. Tem muita classe, é poderosa e linda. Vale o tempo que for preciso e qualquer problema que possa surgir.

Com uma frustração evidente, Del enfiou a mão no bolso.

– Não sei o que dizer.

– E não posso ajudá-lo nesse sentido – replicou Malcolm, dando de ombros. – Aliás, pode entregar para ela os 100 que me deve. Depois que fizemos o tal trato, percebi que devia ser honesto e contei sobre a aposta. Assim, se ela ficasse furiosa, poderia me dar um fora ali mesmo.

– Ótimo. Perfeito.

– Mas ela não deu a mínima. Só quis dividir os ganhos. Meu Deus, quem não ficaria a fim de uma mulher que pensa desse jeito? Seja como for, parece justo que a parte dela seja paga por você. Vou pegar a minha com Jack e vocês dois se acertam com Carter.

– Não sei se podemos considerar que estamos entendidos. Tenho que deixar essa história assentar na minha cabeça. Mas fique sabendo que, se aprontar com ela, se magoá-la, vou lhe dar uma surra.

– Tudo bem. Que tal assim? Se eu aprontar com ela, se magoá-la, deixo você me bater.

– Filho da puta! Trate de ler essa maldita papelada.

E, sem dizer mais uma palavra, Del foi embora da oficina.

Podia ter sido pior, pensou Malcolm. Del poderia ter lhe dado um murro na cara, como fizera com Jack ao saber que ele estava saindo com Emma. Já era uma vantagem.

Deu de ombros e voltou ao trabalho no motor. Aquilo ele sabia consertar.



Como conhecia seus horários, Del fez questão de chegar cedo o bastante para cercar a irmã. Ela tinha dois ensaios e um evento, o que, para qualquer outra pessoa, poderia significar uma agenda lotada. Mas ele sabia muito bem que Parker sempre calculava tempo extra para emergências.

O que era o caso, na opinião dele.

Estrategicamente, chegou em casa no período entre o final do primeiro ensaio e o começo do outro, pois, assim, Laurel estaria ocupada na cozinha e Emma e sua equipe já teriam começado a preparar tudo para a chegada das madrinhas e da noiva da noite. Mac também estaria às voltas com a câmera.

Foi entrando a passos rápidos no momento em que Parker se despedia dos primeiros clientes e seus convidados.

– Chegou cedo.

– É. Consegui ajeitar as coisas para vir dar uma mãozinha a vocês.

– Com certeza vamos precisar. O próximo ensaio começa em quinze minutos e a noiva da noite e suas acompanhantes devem chegar em meia hora para fazer o cabelo e a maquiagem. Estamos com tempo, mas...

– Ótimo. Vamos aproveitar esses quinze minutos então – disse ele, pegando-a pela mão e puxando-a para o gramado.

– Será que devo deduzir que alguém me viu com Malcolm ontem à noite e foi contar para você? – indagou Parker ajeitando o paletó do terninho. – Nós nos conhecemos muito bem, Del.

– Também achava. Mas nunca poderia imaginar que você fosse sair por aí no estilo *Easy Rider*...

– Que tal me explicar melhor?

– Faça uma pesquisa...

– OK. Se vai me dar uma aula sobre os perigos das motocicletas, devia antes me apresentar uma declaração formal dizendo que não andou de moto nem pilotou uma nos últimos 36 meses.

Tudo bem. Tinha que acatar aquele argumento. Para ganhar tempo, abriu a carteira, tirou uma nota de 100 e a entregou à irmã.

– Obrigada – disse ela, dobrando a nota e enfiando-a no bolso.

– Você saiu com ele por causa da aposta?

– Saí com ele apesar da aposta.

– Já que agora não existe mais nenhuma aposta, pretende sair com ele de novo?

– Ele não me convidou e ainda não decidi.

Parker se virou para observar o rosto do irmão.

– Já que não vejo nenhum sinal de você ter brigado, e imagino que Malcolm seja capaz de revidar à altura, devo deduzir que vocês dois não se esmurraram quando ele lhe disse que eu sabia da existência da aposta.

– Não costumo sair por aí esmurrando as pessoas. Jack foi uma exceção – acrescentou Del antes que Parker pudesse alegar isso. – E Malcolm evitou isso vindo me falar sobre... toda essa história.

– Foi ele que contou? – perguntou ela depois de um instante de silêncio.

– E você não me disse nada.

Ao contrário do tato de Malcolm, ela respondeu sem pensar:

– Você tem mesmo a ilusão de que lhe conto tudo sobre os homens que namoro, Del?

– Quer dizer que você e Malcolm estão namorando?

– Não. Talvez. Ainda não decidi. Por acaso já lhe fiz algum interrogatório sobre as mulheres que você namora, ou namorou antes de Laurel? E se me disser que é diferente, quem vai lhe dar um soco sou *eu*.

– Estou tentando encontrar uma frase que só faça uma leve alusão ao "é diferente".

Como isso fez Parker dar um risinho de deboche, ele pegou sua mão enquanto seguiam andando.

– Vamos voltar à questão de que antes nenhum dos caras que você namorava era amigo meu. Um bom amigo.

– É verdade. E por acaso eu me meti quando as coisas mudaram entre você e Laurel? Meu irmão e uma das minhas melhores amigas? Não, Del... Não é diferente mesmo.

– Não estou me metendo. Só estou me mantendo por perto, tentando ter uma ideia mais clara da situação.

– Se eu ainda não tenho... Saímos de moto, comemos uma pizza e...

– E?

– E completamos o esquema-padrão dos encontros desse tipo com um beijo.

– Então você está interessada nele.

– Não estou desinteressada. O que me surpreende. Eu me diverti muito ontem à noite, coisa que não esperava. Relaxei e curti, e já fazia um bom tempo que eu não vivia algo assim com um homem. Só me diverti. Ele poderia ser seu cliente, Del, ou um simples conhecido, mas o fato de ele ser seu amigo significa que você gosta dele e também que o respeita e confia nele. Vê algum motivo para eu não fazer o mesmo?

– Não – admitiu Del, respirando fundo e olhando para longe, de cara amarrada. – Droga!

– E você não pode desconsiderar o fato de ele próprio ter lhe contado. Eu não tinha dito nada a Laurel nem às outras até hoje de manhã. E talvez continuasse calada se Mac não tivesse ouvido o barulho da moto e me visto sair. O que não depõe muito a meu favor.

– Foi porque você não queria que elas ficassem sem jeito comigo.

– Em parte foi por isso. Não foi o motivo principal, mas é verdade.

Depois de uma pausa, Parker se virou, ficando frente a frente com o irmão.

– Não me ponha nessa posição, Del. Por favor, não faça de mim um objeto de discórdia entre você e o seu amigo.

– Claro que não. A menos que ele ferre com tudo. Se isso acontecer, quebro a cara dele. Já avisei. Na verdade, ele concordou e até acrescentou que, nesse caso, me deixa quebrar a cara dele. E é óbvio – admitiu – que isso também é um ponto a seu favor, já que o conheço e sei que

estava falando sério.

Parker abraçou o irmão.

– Sou perfeitamente capaz de me cuidar sozinha, mas é muito legal ter um irmão mais velho que vai fazer isso se por acaso eu um dia precisar.

– Pode contar que sim.

– Eu sei. Agora – acrescentou Parker, soltando o abraço –, vá procurar Emma. Com certeza é ela que mais precisa de uma ajudinha extra. E o pessoal do segundo ensaio já está chegando.

Afastou-se, dirigindo-se ao estacionamento para receber os primeiros participantes do evento. Era tão estranho, pensou. Mal conseguia admitir para si mesma que estivesse interessada em Malcolm Kavanaugh, no entanto tinha passado boa parte do dia falando nele.

E não era só falando. Pensando nele também.

capítulooito

ANTES QUE SUAS SÓCIAS se juntassem a ela para a reunião matinal de organização dos eventos do dia, Parker malhou, tomou uma chuveirada, se vestiu para enfrentar mais um dia e foi repassar suas anotações.

O casamento de sexta à noite fora tranquilo, nada além da correria normal, de um ou outro problema evitado e algumas decisões rápidas tomadas nos bastidores.

E, felizmente para todos os envolvidos, Jaci dissera sim a Griff.

Hoje, com dois eventos na programação, o trabalho seria mais que dobrado. O timing certo, ingrediente sempre importante, seria imprescindível, e as tarefas incluíam toda a montagem do casamento do meio do dia, com seus 75 convidados, e depois a desmontagem para se fazer a nova decoração para o da noite.

Parker sabia que Emma e sua equipe se encarregariam do trabalho físico, transportando para lá e para cá flores e outros materiais, decorando duas vezes as áreas externas e internas, tendo que desmontar tudo entre um evento e outro. A maior parte do trabalho de Laurel – bolos, doces e chocolates – já estaria pronta antes do primeiro evento, faltando apenas a montagem. Então, ela podia tapar algum buraco que fosse preciso e ajudar o pessoal do bufê.

Mac teria que estar por toda parte, antes e durante os eventos, e a ajudaria na tarefa fundamental de deixar os noivos felizes, fazendo-os cumprir o cronograma, e também ajudando a organizar padrinhos e madrinhas, daminhas e os pais dos noivos.

Verificou seu próprio kit de emergências: esparadrapo, balas de menta para mau hálito, aspirinas, um bloquinho e um lápis, uma escova de cabelo pequena, uma lixa de unhas, lencinhos umedecidos, um tira-manchas, um isqueiro, um produto para limpar lentes de óculos e um canivete suíço, que incluía uma tesoura.

Tomou uma segunda e última xícara de café enquanto repassava as anotações e circulava os itens que pudessem gerar problemas. Quando estava pronta para a reunião, Laurel entrou suspirando.

– Não pretendo fazer mais nem uma única violeta pela próxima década, mas, amiga, esse bolo de flores do campo ficou um espetáculo. Palmas para mim.

– Palmas para você. E como ficou o de renda branca?

– Modéstia à parte, está fantástico.

Laurel se serviu de uma xícara de café e comeu um bolinho.

– Emma e seu pessoal já estão decorando a entrada – falou a confeiteira. – Nosso primeiro evento, com tema campestre casual, vai ficar uma beleza. Assim que acabar de preparar as jardineiras da frente ela sobe. Quis fazer isso pessoalmente.

Laurel se sentou e mudou de assunto:

– E aí, Malcolm ligou?

– Por que ele teria feito isso?

– Para falar com a megera motoqueira dele.

– Você é uma criatura muita fofa, não é?

– Sou mesmo – concordou Laurel, afagando o próprio cabelo, que tinha prendido no alto da cabeça para trabalhar. – E muito. Por que você não liga então?

– Por que eu faria isso?

Laurel apoiou os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos, divertindo-se.

– Del está achando tudo bem estranho, mas ainda não planeja quebrar a cara de Malcolm.

– Que autocontrole!

– Em se tratando de Del, é mesmo, já que a coisa é com você. Eu poderia pedir para ele falar com Malcolm para ligar.

– Ah, então voltamos à época de escola?

– É divertido, vai?

Parker balançou a cabeça.

– Aquilo não foi um encontro. Foi um não encontro seguido de uns beijos.

– Beijos quentes de língua.

– Dá na mesma – retrucou Parker, quando Mac chegou.

– Bom dia para vocês duas. Malcolm ligou?

– Não. E será que podemos...

– Você devia ligar para ele. Quem sabe não começa por uma conversa intermediada pela secretária eletrônica?

Repetindo o gesto de Laurel, Mac também se dirigiu à cafeteira.

– Carter e eu deixávamos mensagens ótimas na secretária eletrônica um do outro. Ainda fazemos isso de vez em quando. Ou por e-mail. Emma e Jack trocavam e-mails bem sensuais. O BlackBerry viciante fica mesmo o dia todo nas suas mãos. Ia ser moleza.

– Vou me lembrar disso num futuro *nunca*. Por ora, talvez pudéssemos falar sobre dois eventos que precisamos organizar e pelos quais fomos pagas.

– Você é tão rígida!

Emma entrou correndo com uma Pepsi diet em uma das mãos e o laptop na outra.

– Tenho a impressão de que corri uns 10 quilômetros hoje de manhã. O Ma...

– Não. – Parker nem esperou a pergunta para dar a resposta. – Malcolm não ligou. Não, não vou ligar para ele, deixar mensagem na secretária eletrônica nem mandar e-mail. Fui clara?

– Você podia levar o carro para fazer uma revisão. Ah, ele já fez. Podia levar a van, então – propôs Emma. – Não, ele já fez isso uns poucos meses atrás e, caramba, tomei a maior bronca. Talvez...

– Talvez pudéssemos começar a trabalhar.

– Ela está irritada porque ele não ligou – explicou Laurel.

– Não estou irritada porque ele...

– É uma espécie de aborrecimento – emendou Mac, estreitando os lábios com ar de reflexão. – Esse é o seu tom de aborrecimento.

– Estou aborrecida, sim, com você.

Ignorando-a, Laurel se dirigiu a Mac.

– Provavelmente ele é desses sujeitos que seguem a regra dos três dias.

– Uma regra bem estúpida.

– Pois é! – exclamou Emma. – Quem será que inventou uma coisa dessas?

Mac pôs um bolinho na boca.

– Pessoas como Parker.

– Quando tiverem acabado, me avisem – ralhou Parker, fazendo um gesto com a mão. – Não se apressem. Não há motivo para se apressar. A noiva, as damas, as madrinhas, os cabeleireiros e os maquiadores chegam daqui a 65 minutos. Mas tudo bem.

– Vocês se lembram de quando Parker saía com aquele cara? Aquele que tinha uma coisa no... – Mac passou o indicador e o polegar pelo queixo.

– Aquele cara?! – bufou Laurel. – Não gostávamos dele.

– Ele nunca olhava a gente nos olhos – acrescentou Emma, gesticulando com a garrafa na mão.

– E além do mais, dava umas gargalhadas... – disse Mac, assentindo como se dissesse algo muito sábio. – É o único cara que eu conheço que dá aquelas gargalhadas. Não acho que seja possível confiar num homem que faz aquilo.

Como acontece com amigas que se conhecem a vida toda, Parker sabia de quem estavam falando. Ia dizer que só tinha saído com ele umas poucas vezes, mas – por inteligência ou teimosia – ficou calada.

– É verdade – concordou Emma, dando um sorriso para Parker. – E como não gostávamos do sujeito nem confiávamos nele, não falávamos muito a respeito dele. Com você.

– Já sobre Malcolm temos muito a dizer, porque gostamos dele.

Isso fez tanto sentido para Parker que ela soltou um suspiro.

– OK, mas neste momento não há nada para se falar a respeito. Talvez nunca haja. E, se um dia houver, vocês serão as primeiras a saber.

– É justo. – Laurel deu uma olhada nas amigas e elas assentiram. – De acordo. – Fez um círculo no ar, encerrando o assunto: – Ao trabalho.

– Excelente. Como a previsão do tempo para hoje. Ensolarado quase o dia todo, com poucas chances de chuva, umas brisas suaves, exatamente o esperado para essa estação do ano. O evento Gregory-Mansfield de hoje cedo não apresenta áreas de instabilidade, nem problemas específicos ou questões delicadas com que tenhamos que lidar.

– O de sempre, então – comentou Laurel.

– Exato. Falei com a noiva mais cedo e ela está bem. Disse que teve uma conversa longa e sentimental com a mãe na noite passada, na qual deixaram chover nuvens de lágrimas, de forma que hoje não haverá mais precipitações.

– Gostei dela – comentou Emma, tomando um gole de seu refrigerante. – Não somos obrigadas a gostar das noivas, por isso, é um ponto a mais.

– Foi sensacional trabalhar com ela – concordou Parker. – Vamos ao cronograma.

Ela o repassou, ponto a ponto, confirmando se estava tudo pronto e perguntando se havia

alguma necessidade de última hora.

– As flores estão lindas, uma quantidade enorme de violetas do campo.

– Nem me fale de violetas do campo – disse Laurel, mexendo com os ombros. – Preparei quase duzentas para o bolo.

– O clima campestre já está por toda parte – prosseguiu Emma. – A entrada e as suítes da noiva e do noivo estão prontas, bem como o vestíbulo, a escada e quase todos os espaços internos. Estamos terminando a parte externa, e vou precisar voltar para lá logo. Os carrinhos de flores que idealizamos vão fazer a maior vista, e ela vai amar a recepção, com os minirregadores cheios com aquilo que não posso falar.

– Tirarei fotos da chegada – acrescentou Mac – e vou me ater à noiva e suas acompanhantes até receber o aviso de que o noivo está aqui. Registrarei o momento de sua chegada e voltarei para tirar umas fotos naturais do preparo do cabelo, da maquiagem e delas se vestindo. Vou revezar isso com o noivo e seus acompanhantes. Tenho umas ideias bem sólidas de como serão as externas oficiais. Vou aproveitar os carrinhos de flor de Emma.

– O bolo está pronto. Esse não vai precisar de montagem. Emma e eu podemos fazer uma decoração para ele e para as mesas das sobremesas na hora do *brunch*.

– Acho que desmontar as coisas do primeiro casamento e montar tudo para o seguinte vai ser o mais complicado do dia de hoje – comentou Parker, correndo o dedo pelo cronograma. – Temos que fazer tudo no tempo certo.

– Não será a primeira nem a última vez que faremos isso – observou Laurel, dando de ombros. – O bolo do segundo evento vai precisar ser montado já no local, mas isso é tranquilo. O bolo em homenagem ao noivo está pronto e os doces, quase. Vou precisar de mais ou menos uma hora para finalizar, que posso conseguir antes do início do primeiro casamento.

– Já falei com minha equipe sobre a necessidade de estar tudo bem sincronizado – disse Emma, expirando. – Vai ser corrido, mas conseguimos dar conta. Começaremos pelo salão maior tão logo os convidados passem ao salão de baile. Os doze buquês estão finalizados, assim como os arranjos e as coroas das três, é isso mesmo que ouviram, das três meninas que vão jogar pétalas. Vou precisar contar com mais duas mãos, pernas, costas ou seja lá o que tivermos à disposição. Jack e Del já se ofereceram para arregaçar as mangas, e Carter também, quando Mac não estiver precisando dele. Vai dar tudo certo.

– Terrenos problemáticos – anunciou Parker, ressaltando o tópico seguinte. – Henry, o irmão do pai do noivo, é bem chegado numa vodka e, quando bebe muito, tende a dar palmadinhas e beliscões inapropriados nos traseiros femininos. Vou ficar de olho nele, mas adoraria contar com outros pares de olhos. A mãe da noiva é brigada com a própria sogra há muitos anos. Mas garanti que fizessem uma trégua hoje. No entanto, as emoções e o álcool, como sabemos, com frequência destroem as tréguas. A irmã da noiva – prosseguiu – se divorciou há mais ou menos três anos do melhor amigo do noivo, que será um dos anfitriões. A separação não foi amigável, ou seja, esse é outro possível terreno problemático. Bom – acrescentou –, vamos repassar rapidamente o cronograma.

Em uma hora, Parker estava na entrada, vestida com um terninho cinza-claro e pronta para receber a noiva. Enquanto Mac circulava disparando a câmera, Parker abria seu melhor sorriso de boas-vindas.

– Pronta para o seu dia, Marilee?

– Prontíssima. Ai, ai, olhe só para isso!

Com o cabelo preso num rabo de cavalo meio desarrumado, a noiva, radiante mesmo sem maquiagem, deu a mão à mãe e à melhor amiga, que era também madrinha.

– Parece... parece a clareira de uma floresta encantada. Uma floresta nativa secreta.

– Emma vai ficar muito feliz de saber que gostou. Todas nós ficamos. E isso é só o começo. Deixe-me acompanhá-la até a suíte da noiva lá em cima. Quem sabe hoje não a chamamos de seu caramanchão?

Em meio aos vasos de violetas e rosas silvestres, entre bandejas com champanhe e frutas coloridas, Parker pegou o vestido da noiva e das acompanhantes, serviu aperitivos e respondeu a perguntas.

– Os cabeleireiros e maquiadores estão chegando – disse, quando foi alertada pelo fone de ouvido. – Vou deixá-las com Mac por enquanto, mas volto daqui a pouco. Se precisarem de mim nesse meio-tempo, basta discar um-um-um no interfone.

Parker saiu do aposento devagar, mas, uma vez fora dali, acelerou o passo para verificar como andava o trabalho de Emma com as áreas externas. Percebeu que a amiga estava certa: os carrinhos de flores ficaram uma maravilha. Se a entrada parecia a clareira de uma floresta encantada, ali os convidados entrariam numa campina mágica.

Mais rosas silvestres de um vermelho profundo e violetas de um púrpura intenso se entremeavam na entrada. Arranjos de flores silvestres encorpados e charmosos enchiam os carrinhos e as jardineiras. Os membros da equipe de Emma, no entanto, acrescentavam uns pequenos suportes de cobre envelhecido com mais flores nas laterais das cadeiras, cobertas com um tecido verde-claro.

Bem bonito, pensou ela com a mente voltada para as fotos que Mac tiraria.

Deu uma ajudinha nos dez minutos livres que tinha e depois se apressou para receber o noivo.

– O noivo está na área – alertou a Mac pelo microfone.

Ela lhe deu as boas-vindas, o acompanhou e ofereceu uma bebida, enquanto pegava o smoking.

Notou que o pai do noivo, viúvo fazia cinco anos, estava sozinho na pequena varanda. Então foi lhe fazer companhia.

– Sr. Mansfield, não quer dar uma voltinha comigo para ver o local que decoramos para a cerimônia?

Parker passou o braço no dele e prosseguiu:

– Assim daremos um pouco de tempo para os rapazes se instalarem aqui – acrescentou, conduzindo-o para fora do aposento.

– Vai ser um dia lindo – disse ele.

– Vai, sim.

Era um homem bonito, pensou Parker. Com o cabelo cheio e grisalho, o rosto ligeiramente

bronzeado e os traços bem marcados. Mas seus olhos revelavam uma profunda tristeza.

Parker se dirigiu a ele com doçura.

– Deve ser difícil, creio eu, enfrentar momentos felizes e importantes sem as pessoas que amamos e que tornaram esses momentos possíveis.

O pai do noivo pôs a mão sobre a dela.

– Não quero que ninguém perceba isso. Não quero tirar o brilho do dia de Luke.

– Não tem problema. Ele também vai sentir falta dela hoje. Vai pensar nela, como o senhor. Mas de uma forma diferente. Ela era sua companheira. Acredito que Luke vai ter com Marilee o que sua esposa e o senhor tiveram. O amor, o laço, o companheirismo.

– Kathy teria adorado Marilee – disse ele, dando um fundo suspiro. Depois, ao ver a varanda, a pérgula e o jardim, suspirou outra vez. – Teria ficado encantada com tudo isso, com todos esses momentos, cada um deles. Vocês estão presenteando nosso rapaz com um dia maravilhoso.

– Só lhe demos o cenário. Foi o senhor e a sua esposa que o ajudaram a se tornar um homem, e agora Marilee e ele estão presenteando um ao outro com esse dia maravilhoso.

Parker pegou um lenço e o ofereceu em silêncio, ao ver que os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

– Sr. Mansfield...

– Nessas circunstâncias, seria mais apropriado que me chamasse de Larry.

– Larry, sei o que é ter que passar por momentos felizes sem as pessoas com quem queríamos compartilhá-los.

Larry assentiu, tentando se controlar.

– Conheci seus pais.

– É, eu me lembro que o senhor e sua esposa vinham às festas que eles davam. Luke se parece com ela.

– Parece, sim. Deus do céu, como ele se parece com ela!

– Creio que nessas situações, nesses momentos, só o que podemos fazer é guardar conosco as pessoas que não podem estar aqui – disse Parker, pondo a mão no coração. – E acreditar que eles também estão orgulhosos e contentes.

Ele assentiu e apertou um pouquinho mais a mão dela.

– Você é uma boa moça, Parker. Uma moça muito sábia.

– Acho que Marilee teve muita sorte em encontrar esse marido e esse sogro. Quer dar mais uma caminhada?

– Não, acho que tenho que voltar. Vou ficar com meu garoto. – Ele sorriu para Parker e pôs a mão no coração como ela havia feito. – Vamos ficar com nosso garoto.

Parker o levou de volta, satisfeita por ter conseguido fazê-lo rir enquanto caminhavam. Depois, seguiu apressada para o alegre caos da suíte da noiva.

As mulheres já estavam com seus vestidos e os homens com seus smokings. O menino das alianças estava entretido e a daminha estava recebendo os retoques finais. Seguindo à risca o cronograma, Parker fez uma fila com as damas, ajudou a pôr as coroas de rosas e violetas, pegou as flores que seriam jogadas no caminho da noiva, enxugou olhos chorosos para salvar as maquiagens.

– O noivo está posicionado – avisou Laurel pelo microfone.

– Nós também já estamos prontas. Pode soltar a música dos pais.

Depois de pedir que os avós descessem, Parker se virou para Larry, que seguiria acompanhado da própria mãe.

– Vamos lá? – falou ela e, seguindo um impulso, ficou na ponta dos pés e deu um beijo no rosto dele. – Boa sorte. Está muita bonita, Sra. Mansfield. Aproveite o casamento.

Com o relógio tiquetaqueando em sua cabeça, ela observava o cortejo.

– Mãe da noiva e o filho, é a vez de vocês. Brent, depois que sua mãe se sentar, vá para o lado esquerdo do padrinho. Agora!

Uma graça, pensou. Tudo estava muito bonito e sem atrasos.

– Trocar para a música do cortejo. Primeira dama... pode ir. Sorria. Olhe para a frente. Você está incrível. Segunda dama... é sua vez. Com os ombros para trás, Rissa! Madrinha, assuma seu posto.

Não precisou lembrar a ela que deveria sorrir. A madrinha estava com um sorriso de orelha a orelha estampado no rosto.

– Pronto, pode ir. Perfeito. Está tudo certo. Cody, lembre-se da sua tarefa – disse ela, piscando para o garotinho que levaria a almofada branca com alianças falsas. – Vá lá, garoto!

O menino sorriu e foi caminhando, todo orgulhoso.

– Você agora, Ally. Está parecendo uma princesa de conto de fadas. Pode ir jogando as pétalas e sorrindo. Divirta-se e depois vá até a mamãe lá na frente. Muito bem, lindinha.

– Ai, meu Deus! – exclamou Marilee segurando uma gargalhada.

– Além de ser uma noiva linda, você é uma das mais felizes que já passou por aqui. Pronto para o grande momento, Sr. Gregory?

– Como ela não está nervosa, estou por nós dois.

– Nem dá para notar. O senhor está muito elegante. Respire fundo. Puxe o ar e solte algumas vezes. A música da noiva. Pode ir agora. Quando chegarem à entrada, espere um pouquinho. Deixe que todos vejam como vocês estão estonteantes. Agora vão!

Parker esperou todas as atenções se voltarem para a noiva, depois trocou de ângulo, para não correr o risco de ser enquadrada em uma das fotos de Mac.

Então se afastou e foi ficar numa das laterais, onde, como suas sócias, ficaria invisível, ainda que pronta para resolver o menor imprevisto ou o maior dos problemas.

Durante os vinte minutos que se seguiram, Parker se alegrou por ninguém precisar dela.

– Até agora, tudo certo – murmurou no microfone. – Fizemos um belo trabalho. O solário está pronto para receber os convidados durante a sessão de fotos?

– Prontinho – assegurou Emma. – E o salão principal está quase. Diria que até agora, tudo maravilhoso.

– Espero que tenha razão. A madrinha não para de chorar. Ela está bem, mas vai precisar retocar a maquiagem antes das fotos.

– A maquiagem está na cozinha – contou Laurel. – Vim pegar uma coisinha para comer no intervalo. Mando para você em cinco minutos.

– Cinco minutos está ótimo. Estamos na troca de alianças.

Quando o casal feliz saiu dançando – literalmente, já que o noivo parou no meio do caminho, ergueu e girou a noiva, que gargalhava –, Parker aplaudiu.

E mais que depressa voltou ao trabalho.

Mac conduziu os noivos, as damas, padrinhos e madrinhas numa direção, enquanto Parker levou os convidados para outro local. Os ajudantes contratados se dispersaram para reorganizar as cadeiras e pôr mais mesas na varanda.

Depois da pausa para fotos e coquetel, só com seis minutos de atraso, Parker chamou os convidados para o *brunch* no salão.

Sempre havia algum detalhe que precisava de atenção ou de retoque, mas, ao observar as pessoas dançarem durante a recepção, Parker percebeu que tudo, tanto em cena quanto nos bastidores, tinha transcorrido de forma muito tranquila.

– Parker – chamou Larry, aproximando-se dela. – Sei que está ocupada, mas gostaria de saber se pode me dar uns minutinhos.

– Claro. O que posso fazer pelo senhor?

– Queria perguntar se me concederia essa dança.

Aquilo não fazia parte do protocolo, mas Parker sabia quando as regras tinham que ser quebradas ou descumpridas.

– Será um prazer.

– Foi um dia muito bonito – disse Larry enquanto se encaminhavam para a pista de dança. – E muito alegre. Você me ajudou a compreender que podia aproveitá-lo ao máximo.

– Acho que teria chegado a essa conclusão sozinho.

– Espero que sim, mas não precisei. Fiquei observando você, coisa que sei que teria me escapado se não tivéssemos conversado.

– Ah, é?

– Você é muito boa no que faz e muito boa em esconder que isso tudo faz parte do trabalho. Seus pais ficariam muito orgulhosos de você e do que construiu aqui.

– Obrigada.

– Minha mãe ficou impressionada e, acredite, ela não se impressiona à toa. A neta de uma grande amiga dela acaba de ficar noiva. Quando minha mãe se encontrar com ela, e isso acontece sempre, você terá outra cliente.

– Não há nada de que gostemos mais que a recomendação de um cliente satisfeito.

Ela quase perdeu o ritmo quando viu Malcolm – de onde ele teria saído? – encostado na parede, conversando com Jack.

E olhando para ela.

Malcolm a deixava desnorteada, admitiu, obrigando-se a recuperar o passo e seguir Larry até o fim daquela dança. Aquilo tinha que parar. Não podia permitir que alguém a desconcertasse naquele momento. Tinha um cronograma a cumprir, um evento a acompanhar até o fim e outro que nem tinha começado ainda.

Quando a música terminou, Parker deu um passo atrás.

– Obrigado por ter me concedido essa dança – falou Larry, apertando suas mãos. – Você e suas sócias organizaram um casamento muito bonito.

– É o que mais gostamos de ouvir, mas agora preciso voltar aos meus afazeres.

Indicou ao DJ que era hora da próxima etapa: hora de a noiva jogar o buquê e a liga, atividades que ela organizou e supervisionou. Ajudou uma convidada a encontrar o pé esquerdo do sapato (um belo Jimmy Choo, que fora atirado longe numa dança mais entusiasmada) e providenciou uma bainha rápida na roupa de outra.

Como Laurel estava ocupada ajudando o pessoal do bufê a servir o bolo e o café, Emma e sua equipe já desmontavam parte da decoração e Mac continuava circulando de um lado a outro para documentar a festa, Parker recrutou Del.

– Temos que começar a levar os presentes.

– Claro. Emma obrigou Jack a ajudá-la com as flores. Estão por aí fazendo sei lá o quê.

Parker sabia muito bem o que estavam fazendo e onde.

– Estão trocando a decoração do Solário e do salão principal para o próximo evento.

– OK.

Ela foi descendo a escada dos fundos às pressas.

– Onde está Malcolm?

– Por aí. Por quê?

– Eu o vi por aqui, só isso.

– Tem problema?

– Não. – Parker notou que seus ombros estavam tensos e tratou de relaxá-los. – Só não esperava vê-lo. Hoje está um dia bem agitado.

– Então arranje alguma coisa para ele fazer.

Em vez disso, ela só o afastou de sua mente e, junto com Del, os manobristas e os motoristas, começou a levar os presentes das mesas onde estavam expostos até a limusine dos noivos.

Quando terminaram essa tarefa, começaram a surgir os primeiros convidados pedindo seus carros. Ela acompanhou alguns até a porta e ajudou os que ganharam flores dos noivos.

Ajustando-se ao cronograma, voltou depressa ao salão e fez um gesto para o DJ anunciar a última dança.

Laurel parou ao seu lado.

– Eu me encarrego da limpeza se você os acompanhar. Você é melhor nisso.

– Combinado.

– O bolo e os doces para levar estão embalados, portanto posso dar uma mãozinha a Emma, pelo menos até Mac e Carter se liberarem. Depois tenho que ir preparar minhas coisas para o outro evento.

– Emma foi acondicionar umas flores que a noiva quer levar ou dar de presente.

– Vou lá ajudá-la nesse tempinho que tenho agora. Como você convenceu Mal a levar as flores?

– Como é? Eu não fiz nada. – Os olhos de Parker se arregalaram. – Ele está ajudando?

– Esbarrei com ele quando estava carregando praticamente uma floresta para o salão principal. Das violetas silvestres para a floresta tropical com orquídeas exóticas e o que mais exista por lá. Temos que admitir: Emma se superou de novo.

Parker não sabia o que pensar a respeito de Malcolm e das orquídeas, mas não teria tempo

para isso. Conduzir os convidados até a porta incluía também assegurar-se de que ninguém havia ficado perambulando por ali e dar atenção aos noivos até que eles entrassem na limusine sãos e salvos e fossem embora.

Quando todos partiram, Parker soltou um suspiro de satisfação.

– Bom trabalho.

Virou-se e viu quem falara. Malcolm estava na porta, com um prato nas mãos.

– Foi mesmo, mas é só a metade do trabalho de hoje.

– Já me disseram. Tome.

Parker franziu o cenho olhando para o prato que ele lhe estendia.

– Não quero isso. Não tenho tempo.

– Sou só o mensageiro. A Sra. Grady é que mandou e, segundo as regras dela, também faz parte do meu papel de mensageiro lhe pedir que sente por cinco minutos e coma. Ela me fez prometer voltar e fazer um relatório da operação. – Malcolm inclinou a cabeça. – Não sei você, mas eu não pretendo contrariá-la.

– Está bem.

Parker pegou o prato, que continha uma massa e uma salada de legumes, sentou-se num dos bancos da entrada e comeu.

Malcolm tirou uma garrafinha de água do bolso e ofereceu a ela.

– Obrigada. Você escolheu um dia ruim se veio chamar Del, Jack e Carter para sair. Os sábados costumam ser dias bem atarefados e temos recorrido a toda e qualquer ajuda que surja.

– Não vim para chamar Del, Jack e Carter para sair – falou Malcolm, sentando-se ao lado dela. – Vim cobrar os 100 dólares de Jack e ver você.

– Estou muito ocupada para ser vista.

– Estou vendo você agora.

– Agradecemos que tenha nos dado uma mãozinha, mas você não precisa...

– Sem problema. Me deram comida, cerveja e um bolo delicioso. Você provou... o bolo?

– Não tive...

– Tempo. – Malcolm completou a frase dela e sorriu. – Ouvi dizer que mais tarde vai ter um jantar fantástico e mais bolo. Carregar flores, cadeiras e o que mais for preciso em troca disso me parece um bom negócio.

Parker pegou uma garfada da massa. Notou que ele tinha se barbeado e estava com um jeans sem furos nem manchas de graxa. E apesar de estar meio frio, ele estava só com uma camisa de malha preta.

– Sua oficina abre aos sábados. Por que não está trabalhando?

– Trabalhei até uma hora – falou ele, recostando-se e estreitando os olhos. – E tinha ficado acordado até tarde trabalhando.

– Tarde quanto?

– Até duas horas. Um garoto amassou o para-choque do Jaguar do papai e quebrou um farol. Deduzi que o pai estivesse viajando com a namorada e que o garoto não devia ter permissão para dirigir o carro, porque estava desesperado para consertá-lo antes que o pai voltasse ou que os empregados percebessem. Me pagou pela troca de peças e pela urgência da mão de obra.

– Isso é desonesto.

Ele arregalou os olhos.

– Ele não é meu filho, então não é problema meu. Se fosse problema meu, eu diria que se o sujeito desse ao filho a mesma atenção que dá à namorada, o garoto provavelmente nem teria tirado o Jaguar da garagem. Foi um passeio nada bom, de qualquer forma.

– Talvez ele seja um pai excepcional que quis tirar uns dias para si mesmo.

– O garoto contou que a mãe tirou um ano sabático. Foi para o Tibete para compreender seu eu espiritual ou seja lá o que for, para se conhecer a fundo depois do seu terceiro divórcio. E o garoto ficou com o pai, que o deixou na casa com empregados enquanto segue se dedicando apenas a seu trabalho e suas mulheres. Ser rico não faz de ninguém um egoísta desgraçado – acrescentou –, só faz com que você se sinta muito mais confortável sendo assim.

Os olhos de Parker agora estavam cheios de compaixão, assim como sua voz.

– Está falando de Chad Warwick?

– É, dele mesmo. Você o conhece?

– Conheço a família, embora esse termo não me pareça tão adequado para defini-los, dada a situação. Ouvi dizer que Bitsy tinha ido para o Tibete. Também soube que ela passou os últimos meses do tal retiro espiritual na Côte d'Azur.

– Maravilha.

– Não, não é mesmo. Pobre garoto.

Ela se levantou e estendeu o prato a Malcolm.

– Pode fazer o relatório para o general e levar a prova de que cumpriu suas ordens.

Malcolm se levantou e pegou o prato. Manteve os olhos nos dela enquanto o vento embaraçava seu cabelo já revolto.

– Vou ficar para o próximo round.

– Você é quem sabe.

Aproximou-se dela e segurou seu rabo de cavalo.

– Já peguei meus 100 dólares, então vou ficar porque quero ver você.

Ele se inclinou e tomou a boca de Parker com ímpeto, paixão e presteza.

– Vejo você depois – falou ele.

Quando ele sumiu de suas vistas, Parker disse a si mesma que podia parar por trinta segundos para se sentar e recuperar a força das pernas.

Ela ficou o dobro do tempo e teve que subir a escada correndo para verificar as suítes e cumprir o horário estipulado.

capítulonove

COMO ERA ESPERADO, o evento daquela noite trouxe alguns problemas, umas pequenas crises e conflitos pessoais que Parker acabou conseguindo impedir, resolver ou simplesmente abafar.

Evitou a briga potencial causada pelas desavenças entre a mãe e a avó da noiva levando uma de cada vez para circular pelas instalações enquanto deixava a outra ter seu momento exclusivo com a moça.

E se manteve neutra quando cada uma começou a listar os defeitos e as falhas da outra.

Conseguiu manter o amigo do noivo ocupado e longe dos locais por onde sua ex-mulher, a irmã da noiva, poderia passar.

Já que aplacar ânimos e neutralizar bombas-relógio humanas estavam consumindo a maior parte do seu tempo, precisou delegar a posição de sentinela a Mac e Laurel e, assim, pôde acompanhar os últimos preparativos.

Passo a passo, viu Emma transformar floresta e campina numa elegante e elaborada festa para os olhos, enquanto Laurel dava os últimos retoques no bolo de cinco andares, tão fabuloso quanto um diamante.

Na suíte da noiva, Mac ia documentando outra transformação: a de mulher em noiva, e capturou o orgulho e o prazer do momento em que ela se pôs de pé envergando o vestido branco, que cintilava graças às contas prateadas do corpete sem alças.

Parker viu a noiva afastar a cauda toda trabalhada do vestido para que a mãe – emocionada demais para pensar em brigas – pudesse pôr o colar de diamantes no pescoço da filha.

– Uma coisa antiga, para dar sorte – murmurou a mãe.

Parker sabia que as lentes de Mac capturariam não só o colar, o belo contorno dos ombros da noiva e o movimento do vestido, mas acima de tudo o momento. E a foto ressaltaria a emoção de mãe e filha, uma sorrindo para a outra, com os olhos marejados.

– Querida, você está um sonho!

– Eu estou... Ai, meu Deus! Eu... Mãe. Não imaginava que ia ficar tão emocionada assim.

Parker lhe estendeu um lenço de papel.

– Você tinha toda a razão... – disse-lhe a moça enxugando devagar os cantos dos olhos – quando sugeriu que eu não usasse véu e ficasse apenas com uma tiara.

A noiva levou a mão ao arranjo simples que brilhava no seu cabelo escuro e impecável.

– Você não poderia estar mais linda, Alysa – retrucou Parker. – Exceto por...

Como Emma ainda estava terminando a decoração do salão de baile, Parker tirou o buquê da caixa e o entregou à mãe da noiva.

–... este último detalhe.

Com a cascata de orquídeas num fundo prateado destacadas por pedras clarinhas nas mãos, a

noiva se virou mais uma vez para o espelho com cavalete.

– Ah! Agora acho... que me sinto realmente um sonho.

A mãe da noiva pôs uma das mãos no braço de Parker e suspirou.

E aquela, pensou ela, era a maior demonstração de reconhecimento por um trabalho – pelo menos até então – bem-feito.

Ouviu um grito – jovem, feliz, que nada tinha de angustiado –, mas, mesmo assim, correu para a outra ponta do aposento no instante em que Malcolm abriu a porta carregando no colo a menina que ia levar as flores.

– Com licença, senhoras, mas encontrei esta princesinha. É aqui a entrada do castelo?

– É aqui mesmo.

Parker já ia estender os braços para pegar a menina quando uma mulher surgiu com as outras duas meninas que espalhariam pétalas enganchadas em seu quadril.

– Leah! Ai, me desculpem. Ela escapou e não consegui alcançá-la carregando as outras duas.

– Não tem problema.

– Elas já estão prontas para as fotos – disse Parker. – Então, pode levá-las direto para Mac. Vou ajudá-la.

Pegou Leah, que não parecia nada arrependida da travessura.

– Obrigada – disse, dirigindo-se a Mal antes de levar a menina consigo.

– Tchau, Mal! Tchau! – gritou Leah, virando-se para trás, e Parker esboçou um sorriso ao perceber que a menina jogava beijos estalados para se despedir.

Quando voltou, viu Malcolm pegando um pedaço dos queijos dispostos numa bandeja.

– Bem gostoso – comentou ele.

– Proteína ajuda a manter a energia.

– Verdade – concordou ele, e espalhou um pouco de queijo cremoso num biscoito salgado. – Tome um pouco de energia.

Não ia doer, pensou Parker, e aceitou o que ele lhe oferecia.

– Onde encontrou Leah?

– A menina? Bem aqui no corredor, dançando. Fazendo aquelas coisas, sabe... – acrescentou, girando um dos dedos no ar. – Ela está se achando com aquela roupa. Só fui levar um drinque para o pai do noivo, ou talvez da noiva, sei lá. Uma dose de Jack Black. Portanto, ela não devia estar ali há muito tempo.

– Fico grata pela ajuda.

– Então demonstre – disse ele, sorrindo.

– Não tenho tempo para isso. Preciso... – ela se interrompeu e ergueu uma das mãos. – Alerta vermelho. No solário.

– Virou o capitão Kirk?

Mas ela já estava saindo da suíte.

– O que está...? Bom, dane-se – murmurou Parker ao microfone. – Estou indo.

– Qual o problema?

– Uma das convidadas decidiu que a determinação dos noivos de não ter crianças com menos de 12 anos na festa não se aplica aos seus quatro filhos, que, aparentemente, estão aprontando

todas durante o coquetel que antecede a cerimônia. Laurel está sozinha lá embaixo, ajudando os garçons, e está a ponto de explodir.

– É comum você ficar correndo de um lado para o outro dessa casa enorme?

– É.

– Então por que usa esses saltos altos?

– Estes sapatos aqui são lindíssimos Pradas, e estou usando salto alto porque sou profissional.

Sem dúvida alguma, ela era perfeitamente capaz de se locomover com aquilo, pensou Malcolm.

– Não tem nada a ver com vaidade?

– Mera consequência.

Quando chegaram ao solário, ela diminuiu o ritmo: a corrida se transformou em passadas firmes.

Malcolm ouviu o tumulto antes mesmo de ver as crianças. O que não era de estranhar, murmurou ele consigo mesmo, já que elas estavam berrando, se esgoelando, gritando a plenos pulmões. Viu, como Parker também devia estar vendo, as reações variadas dos outros convidados que também haviam chegado mais cedo para curtir drinques e canapés antes da cerimônia. Havia quem achasse graça, quem se mostrasse aborrecido, irritado ou até ignorasse o que acontecia.

A maior variedade, pensou Mal. E a maior bagunça, acrescentou mentalmente quando viu um dos garçons uniformizados varrendo cacos de vidro. Enquanto Parker abria caminho em meio a toda aquela gente, com a perícia e a exatidão de um míssil teleguiado, ele percebeu que as crianças tinham aprendido a agir daquele jeito da forma mais natural possível: por imitação. A mãe também estava aos berros.

– Parker – disse Laurel, que usava um avental branco de chef por cima do terninho. Ela mostrava os dentes de uma forma que dificilmente poderia ser considerada um sorriso. – Esta é a Sra. Farrington.

– Parker Brown – apresentou-se, estendendo a mão e pegando a da convidada com firmeza antes que a outra pudesse esboçar qualquer reação. – Muito prazer em conhecê-la. Por que a senhora e as crianças não vêm comigo? O pai delas também está aqui?

– Ele está no bar e não temos a menor intenção de ir a lugar nenhum.

– Laurel, por que não localiza o Sr. Farrington e pede que ele venha ao nosso encontro? Seus filhos são lindos – prosseguiu. – Tenho que lhe pedir para controlá-los.

– Ninguém me diz o que devo fazer com meus filhos.

Parker manteve o sorriso no rosto, mas, agora, ele tinha um quê de ferocidade.

– Como esta é a minha casa, a minha propriedade e foi bem especificado que os seus filhos não estavam convidados para o evento de hoje, é exatamente o que estou fazendo.

– Viemos em família.

Parker prendeu a respiração quando um dos meninos que brigava no chão jogou um carrinho na direção do irmão. Malcolm conseguiu segurar o brinquedo um centímetro antes que ele atingisse um vaso cheio de orquídeas.

– E está disposta a pagar os prejuízos? O que importa, hoje, não é você e sua família –

prosseguiu ela e, embora mantivesse a voz baixa, seu tom era agora pragmático. – Hoje só Alysa e Bo contam. E no convite estava explícito que eles não queriam a presença de crianças de menos de 12 anos.

Percebendo que a gritaria havia parado, Parker baixou os olhos e deu com Malcolm agachado no chão junto com os quatro meninos, que tinham os olhos arregalados e estavam quietíssimos.

– Uma atitude muito egoísta. A maior falta de consideração.

– Tem todo o direito de pensar assim – retrucou Parker sem se alterar –, mas os noivos tomaram essa decisão e é o que eles querem.

– Eu disse a ela para não trazer as crianças – observou o Sr. Farrington, que vinha se aproximando com um copo de uísque na mão. – Eu lhe disse para não carregar os meninos, Nancy.

– E eu disse a *você* que esperava que meu primo demonstrasse mais tolerância e carinho com relação aos meus filhos, em vez de barrá-los na sua festa de casamento.

– Querem continuar discutindo aqui? – indagou Parker com um sorriso gélido. – Na frente das crianças e dos outros convidados? Diga-me, Sra. Farrington, a senhora confirmou a presença de seis pessoas?

A mulher ficou calada.

– Como não acredito que tenha feito isso, não temos acomodações para crianças e, como é um jantar servido por pratos, também não temos refeições para elas. No entanto terei o maior prazer em providenciar uma babá para cuidar deles em outro cômodo da casa, com comida e bebida adequada durante o casamento e a recepção. Posso chamar duas babás qualificadas que estarão aqui em vinte minutos, por 50 dólares a hora. Cada uma.

– Se acha que vou lhe pagar para...

– Ou concordam com a vinda das babás pelo preço estipulado ou terão que encontrar alguém fora daqui. O meu trabalho é fazer com que os desejos e as decisões de Alysa e de Bo sejam cumpridos. E vou fazer o meu trabalho.

– Venha, Gary. Vamos embora. Pegue os meninos.

– Vá você – retrucou o marido, dando de ombros. – Pode levar as crianças ou deixá-las aqui e eu pago a taxa. Vou ficar para o casamento. Não se esqueça, Nancy, Bo é *meu* primo.

– Pois nós vamos embora. Venham, meninos! Eu disse venham! *Agora!*

A choradeira, a gritaria e as brigas recomeçaram quando a mãe passou a mão nos filhos e saiu levando consigo quatro crianças furiosas. Parker e Laurel se entreolharam. Laurel assentiu e foi atrás da convidada.

– Por favor, me desculpe – disse Gary. – Temos discutido essa questão há semanas, mas pensei que estivesse tudo resolvido. Depois ela enfiou as crianças no carro antes que eu pudesse ver. Eu devia ter impedido. Imagino que eles tenham quebrado aquela bandeja de taças que vi um dos garçons levando lá para dentro. Quando lhe devo?

– Acidentes acontecem, Sr. Farrington. Espero que se divirta no casamento. Malcolm, pode vir comigo?

– Claro – concordou ele, e pôs na mão de Gary o carrinho das crianças, que ainda segurava. – Um clássico – comentou, e saiu atrás de Parker.

– O que você disse aos meninos para eles se calarem? – perguntou ela.

– Que estava fazendo aquele Corvette refém. Uma edição fantástica da Matchbox do modelo 1966. E que se eles não parassem de fazer toda aquela bagunça, a moça que estava falando com a mãe deles ia mandar prendê-los.

– Prendê-los?

– Funcionou. Os quatro se calaram e ficamos conversando sobre carros. Estavam brincando de carrinho quando a mãe apareceu e mandou que Esme, a babá, vestisse paletós neles. Todos odeiam paletós, aliás, e só queriam ficar em casa brincando. Perfeitamente compreensível, não?

– Olhe, você se saiu muito bem...

– Está certo que eram quatro, mas o trabalho mais difícil ficou mesmo com você. As crianças são mal-educadas, só que a mãe é uma peste. O que acha de tomar uma cerveja?

– Não dá. Essa história consumiu todo o período da chegada, do coquetel e da sessão de fotos. Mac já está quase terminando de fotografar os pais e os padrinhos do noivo.

– Como sabe?

– Porque ela me disse – respondeu Parker, indicando o fone de ouvido. – Sinal verde para começar – acrescentou, falando ao microfone, o que fez Malcolm sorrir. – Dê o comando para a música de fundo enquanto os convidados vão para seus lugares e feche o bar. Se não fecharmos o bar, um monte de gente continuará lá e não irá entrar – observou, dirigindo-se a Mal. – Dez minutos para a entrada do noivo. Tenho que ir lá para cima. Obrigada pela ajuda.

– Imagine. Vou pegar aquela cerveja antes que me mandem embora.

Malcolm gostava de vê-la trabalhar. Na maior parte do tempo, não tinha ideia do que ela estava fazendo, mas isso não atrapalhava em nada o prazer que sentia. Parker andava para lá e para cá, andava muito, ou parecia desaparecer nos bastidores. Mais de uma vez, ele a viu tirar algo do bolso (seu terninho parecia ter centenas de coisas escondidas) e entregar a um dos convidados.

Lenços de papel, limpador de óculos, alfinetes de segurança, fita adesiva, fósforos, caneta. Era como se ela carregasse uma loja de departamentos. De vez em quando, Malcolm via Parker mover os lábios, respondendo, ele deduzia, a algo que lhe diziam pelos fones de ouvido. Aí, saía andando em outra direção, para desempenhar alguma nova tarefa ou impedir alguma crise.

Ocasionalmente, se aproximava de uma das sócias, ou de mais de uma, ou de algum dos auxiliares contratados, mas todos estavam sempre correndo.

No entanto, se a pessoa não estivesse prestando atenção, tudo pareceria funcionar por conta própria.

Toda a parafernália do casamento em si – vestidos elegantes e smokings, um montão de flores, velas e rios daquele estranho tule branco que envolvia tudo. Música, lágrimas, muitas luzes piscando e provocando exclamações dos convidados.

Cortejos de entrada, de saída, e, de repente, o bar era reaberto e as hordas eram conduzidas até lá para mais bebidas e mais comida, o que as manteria lá fora até chegar a hora do jantar elaboradíssimo. Mais flores, velas, luzes piscando, música, brindes, gente circulando de mesa em mesa. E Malcolm pôde perceber que cada detalhe era cronometrado.

Depois, vinha o êxodo em direção ao salão de baile, para a festa, e, antes que o último

convidado saísse pela porta, todo o enxame de abelhas operárias já estava recolhendo pratos e talheres, limpando e retirando metade das mesas.

Soube disso porque acabou sendo convocado para o batalhão da limpeza.

Quando chegou ao salão de baile, a festa estava no auge. Mais mesas, mais velas e pisca-piscas, além de toneladas de flores. A música agora era mais animada para atrair os convidados para a pista de dança. Outro bar, além dos garçons que circulavam com taças de champanhe.

Percebeu que ali o destaque entre as flores dispostas por Emma era o bolo de Laurel, uma verdadeira obra de arte. Como já havia provado coisas feitas por ela, contava que o sabor do bolo fosse tão incrível quanto sua aparência.

Algo para se esperar com ansiedade.

Avistou Mac esgueirando-se em meio à multidão, circulando dentro e fora da pista de dança, passando entre as mesas, tirando suas fotos.

Malcolm pegou uma cerveja e foi saindo, não sem dificuldade, para se aproximar de Carter.

– Uma festa e tanto – comentou.

– Uma das maiores que já vi. Não consigo acreditar que, na semana que vem, vai ser a da minha irmã.

– Verdade. Recebi um convite. Acho que vai ser diferente ficar do outro lado.

– Para todos nós. Mac e eu decidimos que vai ser uma espécie de treino para quando chegar a nossa vez. Tentar descobrir como se pode participar de um casamento e organizá-lo ao mesmo tempo.

– Bom, ela não vai tirar as próprias fotos... a menos que tenha um clone.

– Claro que não – disse Carter, sorrindo. – Ainda está tentando imaginar um jeito de tirar algumas, mas já contratou uma mulher de quem gosta e em quem confia para fazer as fotos. E as quatro estão fazendo reuniões regulares para encontrar a melhor maneira de conseguir que tudo corra bem.

– Se é que alguém consegue... Já que estamos aqui, queria saber se por acaso dá aulas de reforço. Aulas particulares, sabe?

– Para meus alunos? – indagou Carter, desviando os olhos da multidão. – Claro.

– Não. Fora da escola.

– Nunca fiz isso. Mas poderia fazer.

– Tem um garoto que está trabalhando comigo há alguns meses. É um bom mecânico. Tem muito potencial. Descobri há pouco tempo que ele não sabe ler. Quer dizer, oficialmente sabe, mas é quase analfabeto. Sabe o suficiente para se virar, para fingir que lê.

– O analfabetismo é um problema muito maior do que as pessoas imaginam. Você quer ajudá-lo a aprender a ler.

– Bom, não sou professor e, de qualquer forma, nem saberia por onde começar. Aí me lembrei de você.

– Se ele estiver disposto, claro que posso ajudar.

– Vai estar disposto, se quiser manter o emprego, ou posso convencê-lo se ele pensar diferente.

– Quantos anos ele tem?

– Tem 17. Vai fazer 18. Possui um diploma de ensino médio, conseguido em boa parte, pelo que deduzi, pagando a outros garotos para fazerem os trabalhos por ele ou seduzindo as meninas com o mesmo objetivo. Eu pago as aulas.

– Nada disso, Mal. Vou adorar fazer isso.

– Obrigado. Mas se mudar de ideia quanto ao garoto ou quanto ao pagamento, não precisa se preocupar. Vou dizer a ele para lhe telefonar e vocês combinam tudo.

Tomou um gole da cerveja e fez um aceno de cabeça indicando Parker, que atravessava o salão.

– Conte alguma coisa que eu não saiba.

– Como é?

– Sobre Parker. Conte alguma coisa que eu não saiba sobre ela.

– Hã... Hum...

– Ah, Carter, pelo amor de Deus! Não estou querendo saber de nenhum segredo obscuro. Mas, se ela tiver algum, vou deixar você bêbado e descobrir. Quero saber coisas como: o que ela faz quando não está fazendo isso?

– Ela passa praticamente o tempo todo fazendo isso.

– Para se divertir. Será que vou ter que ir buscar uma bebida para você se quiser uma resposta?

– Não. – Carter franziu o cenho, pensativo. – Vira e mexe ficam juntas, as quatro. Tento não ficar especulando sobre o que elas fazem, já que parte do assunto deve dizer respeito a mim. Compras. Parker gosta de fazer compras. Todas elas gostam.

– Isso não chega a ser surpresa...

– Bom... Ela lê muito. É uma leitora de gosto bem eclético.

– OK. Essa informação é boa.

– E... – Mais animado com a tarefa, Carter aceitou o copo de cerveja que Malcolm pegou de uma bandeja que passou à sua frente. – Tanto ela quanto Laurel gostam de filmes antigos. Aqueles clássicos, em preto e branco. Parker também participa de eventos de caridade ou para levantar fundos. Ela e Del se revezam nessas ocasiões. É uma coisa dos Browns.

– *Noblesse oblige*.

– Exatamente. Ah, e ela anda a fim de fazer um livro.

– Está brincando?

– É sério. Um livro de casamento em que cada uma delas teria uma seção para a sua especialidade e Parker costuraria os assuntos. O que reproduz o esquema de funcionamento da Votos. Mas devo deduzir que você não está coletando todos esses dados por mera curiosidade...

– Tem toda a razão.

– Então deveria saber que, fora da Agência de Segurança Nacional, ninguém coleta dados como Parker Brown. Se estiver interessada em você, vai ter um arquivo completo. Bem aqui – acrescentou Carter, batendo com um dedo na própria têmpora.

Malcolm deu de ombros.

– Sou um livro aberto.

– Ninguém é, mesmo que pense o contrário. Agora tenho que ir: Mac deu o sinal. Ah... – E

entregou ao amigo o copo de cerveja quase intocado.

Sem ter o que fazer, Malcolm saiu andando pelo andar térreo e encontrou a Sra. Grady diante da bancada da cozinha, folheando uma revista e tomando um chá.

– Tem café fresquinho, se é o que está procurando...

– Não é má ideia, a menos que a senhora queira ir até o salão e me conceder aquela dança.

– Não estou vestida para uma festa – replicou ela, rindo.

– Nem eu – observou o rapaz, pegando uma caneca e servindo-se de café. – Mas é uma festa e tanto!

– Minhas meninas entendem do assunto. Já jantou?

– Ainda não.

– Que tal um empadão de frango?

– Eu adoraria.

– Por acaso tenho um aqui que gostaria de dividir com alguém – disse a Sra. Grady, sorridente.

– Sorte a minha, já que, por acaso, estava com a esperança de jantar com a mulher dos meus sonhos.

– Parker está ocupada, portanto vai ter que se consolar comigo.

– A senhora não é mulher para servir só de consolo.

– Sujeitinho esperto, hein? – disse ela, cutucando-o e lhe dando uma piscadela. – Ponha a mesa.

A Sra. G. foi esquentar a comida sem deixar de notar que ele não a corrigira quando ela associara Parker à mulher dos seus sonhos.

Gostava da companhia daquele rapaz. Admitia, é claro, que ele tinha qualidades que lembravam seu Charles. A mescla de charme espontâneo com um temperamento meio esquentado, a força não explícita e o brilho ocasional nos olhos que dizia que ele podia ser perigoso quando quisesse.

Quando já estavam sentados e ele tinha dado a primeira garfada no prato, sorriu para a governanta.

– Está tão gostoso quanto parecia. Eu cozinho um pouco.

– É mesmo?

– Comida para viagem e congelados de micro-ondas cansam, e não posso ficar batendo à porta da minha mãe sempre que quiser comer. Então misturo uma coisa aqui, outra ali algumas vezes por semana. Quem sabe não me dá a receita desse empadão?

– Quem sabe? Como vai sua mãe?

– Ótima. Comprei um Wii para ela. Agora está viciada em Mario Kart e em boliche. Acaba comigo no boliche, e eu com ela no Mario Kart.

– Você sempre foi um bom filho.

Malcolm deu de ombros.

– Algumas vezes mais do que outras. Minha mãe adora o trabalho dela. E gostar do que se faz é importante. A senhora gosta.

– Sempre gostei.

– Desde que me lembro de ter ouvido falar dos Browns, e imagino que mesmo antes disso, a senhora já trabalhava aqui.

– Vai fazer quarenta anos na próxima primavera.

– *Quarenta?*

O espanto genuíno no rosto dele não arranhou a vaidade da Sra. Grady.

– Então tinha quantos anos, 8? Não há leis que impedem o trabalho infantil?

– Tinha 21 – respondeu ela, rindo e com um dedo em riste.

– Como começou aqui?

– Como criada. Naquela época, a Sra. Brown, avó de Parker, tinha todo um batalhão de empregados e não era nada fácil trabalhar para uma mulher como ela. Três arrumadeiras, o mordomo, a governanta, a cozinheira e suas ajudantes, jardineiros, motoristas... Éramos 24 ao todo. Eu era jovem e inexperiente, mas precisava trabalhar, não só para me sustentar, mas também para superar a morte do meu marido na guerra. A do Vietnã.

– Por quanto tempo foi casada?

– Quase três anos, mas meu Charlie passou praticamente metade desse tempo já como soldado. Ah, fiquei com tanta raiva quando ele se alistou... Mas ele disse que ia ser um exemplo de patriota. Ele era lá de Kerry, sabe? Portanto, tinha que lutar pelos Estados Unidos. Então foi. Lutou e morreu. Como tantos outros. Deram-lhe uma medalha por isso. Bom, você sabe como são essas coisas...

– Verdade.

– Eu morava na cidade e não queria continuar ali sabendo que Charlie não estaria mais comigo. Trabalhei um tempo para uma amiga dos Browns, mas ela se casou de novo e ia morar na Europa. Aí, me recomendou para a Sra. Brown e comecei como criada. O pai de Parker tinha quase a mesma idade que eu quando vim para cá. Era só um pouco mais novo. E garanto que não puxou à mãe.

– Ouvi umas coisas que me fizeram acreditar que essa diferença foi boa para todo mundo.

– Ele conseguia conciliar o que tinha de melhor no pai e na mãe. Era um homem muito bom. Era brilhante, mas, acima de tudo, era bom. Apaixonou-se e era lindo ver os dois juntos. Parecia um filme romântico. Ela era cheia de luz e de alegria. Posso lhe dizer que, quando esta casa passou a ser deles, também ficou cheia de luz e de alegria, o que não acontecia antes, não na minha época. Os dois mantiveram os empregados que quiseram continuar e concederam a aposentadoria aos que queriam parar de trabalhar. Como a governanta quis se aposentar, a patroa me perguntou se eu queria substituí-la. Foi um bom emprego, trabalhando para gente boa, numa casa que foi feliz por muitos anos.

A Sra. Grady suspirou e, depois, acrescentou:

– Foi a minha família que morreu naquele dia também.

– Eu estava em Los Angeles e ouvi falar do caso, mesmo antes que minha mãe viesse me contar. Era um casal marcante.

– Era mesmo. Esta casa, este lar, é parte disso.

– Hoje em dia, a senhora cuida de tudo praticamente sozinha.

– Ah, tem gente para ajudar com a limpeza. Parker deixa que eu decida o que preciso e

quando. Também temos jardineiros para cuidar do terreno e, na maior parte do tempo, Parker e Emma é que lidam com eles. E Parker... – A Sra. Grady fez uma pausa e riu. – Sempre foi assim. Ninguém precisa andar atrás dela. Sorte sua se ela não começar logo, logo a tentar organizar sua vida. Tiro minhas férias no inverno para aproveitar a brisa das ilhas e também sempre que preciso de uma folga, seja quando for. E tenho o imenso prazer de ver duas criaturas que vi dar os primeiros passos se tornarem tão marcantes quanto os pais.

Ela o serviu de mais empadão.

– Você me lembra meu Charlie.

– Verdade? Quer se casar comigo?

A Sra. Grady brandiu a colher na direção de Mal.

– Tem a mesma lábia dele. Charlie levava o maior jeito com as mulheres, independentemente da idade que tivessem. É por isso que tenho um fraco por você, Malcolm. Não me decepcione.

– Vou tentar.

– Está interessado na minha menina?

– Estou, sim, senhora.

– Ótimo. Não estrague tudo.

– Vou entender isso como um sinal verde de sua parte. Que tal algumas dicas de navegação?

A governanta balançou a cabeça.

– Não acho que precise de dicas. Posso lhe dizer que ela está acostumada a homens previsíveis. Você não é assim. Minha menina quer amor e tudo o mais que vem junto e de que ela sempre foi cercada. A parceria, o respeito, a amizade. Nunca vai se contentar com menos, e nem deve mesmo. E jamais vai tolerar desonestidade.

– Mentir é atitude de preguiçoso.

– Coisa que você nunca foi. Tem um talento especial para levar as pessoas a lhe contarem coisas sobre si mesmas sem lhes contar muito ou quase nada sobre você e as pessoas com quem se importa. Ela precisa conhecê-lo.

Malcolm já ia dizer que não havia muito a conhecer, mas lembrou do comentário que fizera com Carter sobre a história do livro aberto e da resposta do amigo.

– Talvez.

A Sra. Grady fez uma pausa, observando-o.

– Você vê seu tio e sua tia com frequência?

O rosto do rapaz se anuviou.

– Ficamos fora do caminho um do outro.

– Diga a ela por quê.

Ele se remexeu na cadeira, incomodado.

– É uma história do passado.

– Tudo o que você queria ouvir de mim enquanto comíamos o empadão também é. O passado faz de nós o que somos ou o que lutamos para não ser. Agora volte para a festa, veja se pode ajudá-la de alguma forma. Ela adora gente prestativa.

– Vou ajudar a senhora a limpar isto aqui.

– Hoje, não. Vá embora. Saia da minha cozinha. Vá ficar no caminho dela por algum tempo.

c a p í t u l o d e z

FOI O QUE ELE FEZ. Parker não podia reclamar, já que Malcolm conseguia ficar no caminho dela e ainda ser útil, mas, mesmo assim... ele ficou no caminho dela.

No final da noite, Parker não sabia muito bem o que fazer com Malcolm ou a respeito dele. As amigas haviam-na aconselhado a curtir – tanto a situação quanto ele. Mas como curtir algo ou alguém que a deixava tão inquieta?

Convenceu-se de que o melhor a fazer era se concentrar no trabalho, nos detalhes do casamento, e conseguiu. Quase o tempo todo. Quando acompanhava os convidados que deixavam a casa, felicitou-se por ter evitado, remediado ou dado um jeito de resolver os diversos contratempos daquele evento.

Mas o tio Henry, mais do que bêbado, escapou do seu radar.

– Lindo! Lindo casamento, linda moça.

– Obrigada, senhor...

– Lindo! – repetiu ele, envolvendo-a num abraço etílico que incluiu uma mão boba na sua bunda.

Antes que conseguisse se desvencilhar, Parker avistou Malcolm aproximando-se a passos rápidos. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi: "*Ah, não!*" Não precisava de um herói que, muito provavelmente, começaria por um soco e, só então, faria perguntas.

– Senhor...

– Ei, amigo – chamou Malcolm e o tom animado da sua voz combinava com o ligeiro sorriso que exibia no rosto. – Vamos tirando essa mão daí. Como vai voltar para casa?

Já que o indivíduo estava quase caindo de bêbado, foi fácil desgrudá-lo de Parker.

– Alguém vai lhe dar carona?

– Posso muito bem dirigir – respondeu o outro, sorridente e cambaleante. Erguendo o polegar, acrescentou: – Estou cem por cento.

– No teste do bafômetro – retrucou Malcolm.

Com uma manobra rápida, ele conseguiu passar o braço de Henry pelos próprios ombros.

– Está com as chaves? Vou levá-las para o senhor.

– Ah...

– Ei, pai! – chamou um homem, que vinha descendo a escada às pressas e olhou para Parker com ar de quem pede desculpas. – Sinto muito, ele fugiu de mim. Vamos lá, pai. Mamãe e Anna já estão vindo. Minha mulher e eu vamos levá-lo para casa – acrescentou, dirigindo-se a Malcolm.

– OK. Eu o ajudo a chegar até o carro.

– Lindo casamento! – exclamou Henry a caminho do estacionamento. – Tenho que beijar a

noiva.

– E qualquer outra mulher com menos de 120 anos em que consiga pôr as mãos – observou Mac. – Desculpe, eu vim tentar salvá-la, só que Mal foi mais rápido.

– Sobrevivi – exclamou Parker soltando o ar com força pela boca e ajeitando o paletó do terninho.

– Emma e Laurel estão ajudando os retardatários perdidos por aí. Jack, Del e Carter estão fazendo a verificação de segurança nos locais já vazios. Nós nos saímos muito bem.

– Maravilhosamente bem. Vou começar a inspecionar o andar térreo se puder assumir o meu lugar aqui.

– Claro.

Parker se dirigiu à sala de visitas, passando pelo vestíbulo e pelo solário, de onde os prestadores de serviço já tinham removido as flores, o tule, as luminárias e as velas.

O local estava silencioso, meio escuro, com vestígios do perfume das flores ainda pairando no ar. Voltaria a ser todo preparado pela manhã, para o evento de domingo, que era uma festa mais íntima. Mas, por enquanto...

– Henry desabou no banco de trás do Lexus do filho – disse Malcolm às suas costas.

Parker se virou e o viu aproximando-se sob aquela luz mesclada de sombras. Embora os seus passos quase não fizessem barulho, o aposento já não parecia silencioso.

– Ótimo. Obrigada pela ajuda.

– Foi moleza. Achou que eu ia partir para cima de um velho bêbado só porque ele estava louco para apertar uma bunda durinha?

– Admito que, por um instante, fiquei preocupada.

– Pois fique sabendo que esmurrar bêbados felizes não tem graça nenhuma. Se for para bater em alguém, prefiro que seja algo que valha a pena.

O tom dele continuava leve, casual. Por que será então, perguntou-se Parker, que aquele ar com cheiro de flores tinha se tornado de repente elétrico, provocando-lhe uma súbita sensação de perigo?

– Devidamente anotado.

– Além disso, como a bunda em questão é incrível, quem pode culpá-lo por querer pôr as mãos nela?

– Achei que gostasse das pernas.

– Não existe um centímetro de você que não seja fantástico, querida, e sabe disso.

Ela inclinou um pouco a cabeça, caprichando para que o gesto combinasse com o tom despreocupado da sua voz.

– Isso não parece muito um elogio.

– E não é. É só um fato – retrucou Malcolm, chegando mais perto.

Parker teve de conter o ímpeto de recuar.

– O que faz para relaxar depois de uma festa dessas?

– Depende. Às vezes, nos reunimos para comentar o evento. Outras vezes, cada uma vai para o seu canto... Espere – disse ela, quando ele a abraçou.

– Achei que poderíamos tentar outro tipo de atividade relaxante.

Ele a beijou numa onda de calor que era mais uma ameaça do que uma promessa. Suas mãos foram descendo pelo corpo de Parker com tamanha habilidade que ela sentiu arrepios – é, arrepios perigosos – percorrerem a sua pele. E percorrerem o seu corpo por baixo da pele.

Disse a si mesma que era melhor pararem por ali, mas, quando o calor atingiu seus ossos, perguntou-se por que faria isso.

– Quero sentir as minhas mãos no seu corpo, Parker.

Agora, não havia nada de casual e leve na voz dele. O que havia ali era o atrevimento que ela percebera por baixo da calma. Ele parou de beijá-la e passou os dentes pelo contorno do seu queixo.

– E você sabe disso.

– O que não significa que...

– Então deixe – prosseguiu ele, espalmando a mão para abrir o paletó que ela usava.

– Tenho que...

– Deixe – repetiu ele, passando os dedos pelos seus seios.

A respiração de Parker ficou entrecortada quando a excitação se transformou em dor e a dor num desejo intenso, urgente.

– Não posso fazer isso agora. Não vou para a cama com você quando...

– Não falei em ir para a cama. Só quero tocá-la.

E, enquanto fazia isso, ficou olhando para o seu rosto até que voltou a beijá-la, um beijo ardente, ávido.

– Vamos sair juntos amanhã.

– Eu... OK. Não. – Por que não conseguia nem *pensar*? – Temos um evento.

– Na primeira noite livre que tiver... – insistiu Malcolm.

Sua mão foi deslizando pelo lado externo da coxa de Parker, voltou a subir e Parker sentiu suas forças se esvaírem.

– Quando vai ser?

Como ela poderia encontrar uma resposta racional se ele estava virando seu corpo pelo avesso?

– Na terça... Eu acho.

– Venho buscá-la às sete. Diga que sim.

– Sim. Está bem. Sim.

– É melhor eu ir embora...

– É mesmo.

Malcolm sorriu e, quando voltou a puxá-la para si, tudo o que Parker conseguiu pensar antes de se derreter de novo foi: *Ah, meu Deus...*

– Boa noite.

Ela se limitou a responder com um aceno de cabeça e não disse mais nada ao vê-lo passar pela porta do solário.

Então ela fez algo que jamais havia feito depois de um evento. Ficou sentada ali, no escuro, tentando se recompor, enquanto suas sócias encaravam sozinhas todo o trabalho que tinham pela frente.

Como de costume, Parker passou a noite de domingo, depois do evento, cuidando de papelada da Votos e da casa, além de coisas pessoais. Apagou e-mails, mensagens de texto e de voz, repassou as agendas, tanto a da empresa quanto a sua, com relação à quinzena seguinte, verificou os compromissos das sócias, fez as alterações e os acréscimos necessários.

Examinou mais uma vez o que tinha que fazer na rua na manhã seguinte.

Não considerava isso trabalho. Tinha criado o hábito, agora já bem estabelecido, de começar as segundas-feiras com a mesa limpa.

Satisfeita, abriu o arquivo do projeto do livro que vinha planejando e fez alguns ajustes. Está quase pronto para mostrar às meninas, pensou. Para elas darem palpites e discutirmos tudo antes de levar isso adiante.

Por volta das onze, estava na cama com um livro.

Por volta das onze e dez, estava olhando para o teto pensando numa anotação em sua agenda.

Terça, às sete: Malcolm.

Por que tinha aceitado assim? Bom, sabia muito bem por que tinha aceitado, portanto era ridículo se fazer aquela pergunta. Ficara instigada, excitada e *interessada*. Não adiantava tentar fingir que não.

Ficara tão instigada, excitada e interessada que nem perguntara aonde ele planejava ir, o que planejava fazer.

Que roupa deveria usar? Como poderia se arrumar sem ter a menor ideia de onde iriam? Será que ele a levaria para jantar, ao cinema, ao teatro, direto para um motel?

E por que iriam a um motel se ambos tinham a própria casa?

E por que ela não conseguia parar de *pensar* e ler aquele livro, droga?

Podia ligar para ele e tentar descobrir. Mas não queria ligar. Qualquer homem normal teria dito *Pego você às sete para irmos jantar*. Assim, ela *saberia* o que esperar.

Claro que não ia se arrumar toda já que, provavelmente, ele viria buscá-la de moto. Nem sabia se Malcolm tinha carro.

Por que não sabia disso?

Podia perguntar a Del. Ia se sentir uma idiota perguntando isso ao irmão. Estava se sentindo uma idiota só por ter essa ideia.

Estava se sentindo uma idiota.

Tinha deixado que ele passasse a mão pelo seu corpo todo e, sem dúvida, pretendia deixar que ele fizesse aquilo de novo e de novo. No entanto, nem se ele tinha carro ela sabia. Não tinha ideia de como ele vivia ou o que fazia nas horas vagas. Só sabia que ele participava da noite do pôquer com seu irmão e os outros amigos.

– Eu poderia ir dirigindo – murmurou. – Poderia insistir para irmos no meu carro e...

Quando o telefone tocou, ela o pegou mais que depressa na mesinha de cabeceira, louca para tirar da cabeça a própria insanidade e atender a uma noiva.

– Oi, Emily. Em que posso ajudá-la?

Na segunda de manhã, usando um casaquinho ferrugem e uma calça preta, com saltos baixos o bastante para fazer mil coisas na rua, mas elegante o suficiente para cumprir os compromissos marcados, Parker seguiu para a escadaria levando a sacola com as roupas para lavar a seco.

– Ei, deixe que eu levo isso! – falou Del, que vinha da sua ala da casa, e passou a pasta para a outra mão para pegar a sacola. – É para lavar a seco? Se eu carregar isto aqui até o seu carro, você leva as minhas também?

– Pode ser, mas ande logo – respondeu Parker batendo com o indicador no relógio de pulso. – Estou em cima da hora.

– Que novidade! – exclamou o rapaz pondo a pasta e a sacola no chão. – Volto em dois minutos. Deixe isso aqui que eu levo.

– Você podia pegar as roupas de Laurel também, já que está com a mão na massa – gritou Parker quando ele começou a subir a escada.

– Então volto em cinco.

Ela já ia pegar a sacola, mas deu de ombros e desceu só com a pasta de Del. Emma veio saindo da sala de visitas.

– Oi. Vim filar um café da Sra. G. Aí achei que, como estava por aqui, podia dar uma olhada na condição das flores. Vai sair?

– Tarefas de segunda de manhã. Depois, tenho uma consultoria numa loja de vestidos de noiva, *etc.* e tal...

– Roupa para lavar a seco? – perguntou Emma gesticulando. – Pode levar as minhas também?

– Se for buscar bem depressa.

– Já estou praticamente de volta! – exclamou a outra, indo porta afora.

Parker olhou o relógio e foi pegar com a Sra. Grady a cota semanal de coisas para a lavanderia.

Quando estava pondo tudo no carro, Del apareceu com outras duas sacolas.

– Posso ir buscar quando estiver pronto – disse ele. – Mas talvez precise alugar um caminhão.

– Ainda não acabou. Emma foi buscar a sacola dela.

Del atirou as suas dentro do carro.

– Sabe, sendo essa quantidade toda, eles vêm buscar e depois entregam...

– Verdade, mas vou passar por lá de qualquer jeito.

Parker respirou fundo.

– O outono está chegando. Dá para sentir o cheiro no ar. As folhas já estão começando a amarelar. – Idiota, idiota, pensou, mas não conseguiu se conter. – Imagino que, nessa época do ano, Malcolm deva deixar a moto em casa.

– Na maior parte do tempo. Ele tem um Corvette. Um desses carros antigos que restaurou. Anda que é uma beleza. Ele não deixa ninguém dirigir. E tem também o caminhão – acrescentou Del, olhando-a meio de esguelha. – Preocupada com transporte?

– Nem tanto. São muitos veículos para uma pessoa só.

– É o que ele faz. Compra carros antigos em leilões e os restaura. Depois, vende como se

fossem imóveis. Parece que o mercado para esse tipo de carro bem restaurado é fantástico.

Del estendeu a mão para ajeitar o rabo de cavalo da irmã.

– Quem sabe você não aprende a consertar motores?

– Sem dúvida uma coisa bem útil, mas não acredito que isso aconteça.

Ao erguer os olhos, viu Emma e Carter trazendo sacolas de roupa suja.

– Talvez devêssemos mesmo usar o tal caminhão.

– Esbarrei com Mac no caminho – disse Emma, bufando. – Então agora a carga ficou completa.

– Tem certeza que consegue levar isso tudo? – indagou Carter.

Não era o que sempre fazia?, pensou Parker, mas limitou-se a apontar para o carro.

– Ponham as sacolas aí.

Depois ela cuidaria de etiquetar tudo.

– Posso ir buscar – ofereceu-se Carter.

– Del vai cuidar disso. Fica pronto na quinta – disse Parker dirigindo-se agora ao irmão. – Depois das duas. Não vá esquecer. – E, voltando-se para Emma acrescentou, já se encaminhando para o lado do motorista: – Temos consultoria completa do casamento Foster-Ginnero. Às cinco em ponto.

– Pode deixar. Obrigada, Parker.

Ela deu partida, ciente de que tanto Del quanto Carter deviam sair logo depois. Sabia também que Jack já tinha saído para um compromisso num canteiro de obras. Logo, logo Emma começaria a cuidar da entrega matinal de flores, Mac passaria a manhã trabalhando nas suas fotos – e se preparando para uma sessão no estúdio à tarde – e Laurel estaria às voltas na cozinha com os preparativos para um evento externo que aconteceria na quarta-feira à noite.

Seria um dia cheio para todos, pensou. Do jeitinho que gostava.

Primeiro, passou na lavanderia e etiquetou cada sacola antes de entregá-las.

Metodicamente, foi seguindo a lista que tinha feito. Banco, papelaria, material de escritório, entrar numa ou noutra loja para repor o estoque de material que usara nos eventos da semana anterior. Incluiu no seu estoque doméstico de emergência lembrancinhas, presentes para diversas circunstâncias e foi guardando tudo no carro, em perfeita ordem.

Nesse meio-tempo, fazia umas pausas para atender telefonemas ou responder a mensagens de texto de clientes.

Foi à manicure e chegou ao lugar marcado com quinze minutos de antecedência.

Adorava lojas de noivas. Aquela fragrância suave e feminina no ar, as araras reluzentes, a maciez e a leveza dos vestidos brancos.

Havia ainda presentinhos elegantes ou curiosos para padrinhos e madrinhas, lindas opções para mães de noivas ou de noivos, tudo cuidadosamente distribuído pela loja, além de locais aconchegantes para as pessoas se sentarem e provadores espaçosos e cheios de espelhos.

– Parker – cumprimentou-a a própria dona da loja, vindo de trás de um balcão. – Está tudo pronto para a sua cliente. Primeiro provador. Champanhe e biscoitinhos para a noiva, a mãe e as duas amigas que vêm com elas. Já separamos quatro vestidos para a primeira rodada. Você disse marfim, bem elaborado, saia ampla, muito brilho.

– Perfeito para a nossa mocinha. Ela não vai querer nada liso ou simples e tem porte para usar um vestido bem volumoso. Monica, já que cheguei mais cedo, queria ver algo que fique ótimo em Laurel.

– Estava torcendo para você dizer isso – retrucou a outra, batendo palmas.

– Alguma coisa mais contemporânea, mas com um leve toque do glamour dos anos trinta. Talvez uma pequena cauda. Algo fluido, mas com a cintura bem marcada – disse Parker apontando para o vestido que estava na arara mais próxima. – Não exatamente este aqui, mas a ideia é essa.

– Também tenho alguns minutos. Então, vamos brincar.

Na opinião de Parker, nada se comparava ao prazer de sair procurando um vestido de noiva em meio às opções que a loja oferecia. Analisar as linhas, os tons, os detalhes. E, já que Monica tinha um olho e uma eficiência dignos de respeito, passou uns dez minutos bem agradáveis.

– Este aqui é quase perfeito – disse, pegando um dos vestidos e observando-o do decote à bainha. – Mas queria algo mais interessante na parte de cima. Laurel tem pouco busto. E também tem a musculatura bem trabalhada. Por isso, acho que devia usar um vestido sem alça ou de alças fininhas, ainda mais sendo um casamento no verão. E eu queria também um toque de elegância e leveza nas costas.

– Espere um pouco! Tenho um lá atrás. Estava reservado, mas a cliente mudou de ideia. Na minha opinião, não devia ter feito isso. Acho que pode ser o que está procurando. Vamos dar uma olhada lá nos fundos.

Parker seguiu a dona da loja até a outra seção, onde mais vestidos lindos esperavam que uma noiva os usasse ou rejeitasse.

E o viu antes mesmo de Monica pegá-lo. Viu Laurel.

– É esse! Ah, sem dúvida nenhuma! É exatamente esse...

Analisou o vestido inteirinho: parte de cima, de baixo, frente, costas, de olho em cada detalhe, em cada ornamento.

– É a cara da Laurel, Monica. Você conseguiu, mais uma vez.

– Nós conseguimos. Esse é 38.

– Ela também. É o destino. Será que posso levar para casa para ver se ela aprova?

– Até parece que precisa perguntar... Vou pôr numa sacola para você.

– Muito obrigada. Vou aproveitar para dar um telefonema antes que a noiva chegue.

– Fique à vontade. Se ela chegar, cuidamos de instalá-las primeiro.

Assim que Monica saiu do recinto, Parker pegou o celular.

– Sra. G? Achei o vestido de casamento de Laurel. Pode preparar tudo para hoje à noite? É, sim. Perfeito. Vou tentar encontrar o arranjo de cabeça, já que estou por aqui. Tem que ser depois da cliente das cinco. Obrigada, Sra. G. Chego daqui a umas duas horas.

Enfiou o telefone no bolso e, depois de dar mais uma olhadinha no vestido, foi encontrar sua cliente.

Se ficar olhando vestidos era um prazer, ajudar uma noiva ansiosa a encontrar o seu podia ser algo perigoso ou divertidíssimo.

No caso de Emily, haveria um pouco de cada opção.

– Não quero parecer com mais ninguém! – exclamou a moça, passando a palma das mãos pelos babados de tule.

– Nenhuma noiva quer – observou Parker.

Os quatro primeiros vestidos foram experimentados e rejeitados, bem como mais uma meia dúzia deles.

E a segunda garrafa de champanhe foi aberta.

O problema de a noiva trazer um grupo, pensou Parker, é que raramente todo mundo concorda com algo. Se a noiva gostava de uma coisa, a mãe não aprovava. Se a mãe achava ótimo, uma das amigas via defeito.

– Sabe de uma coisa? Que tal fazermos uma pausa? Vamos tirar todos esses vestidos daqui, você come um biscoitinho, toma mais uma taça de champanhe, espairece um pouco. Volto daqui a cinco minutos.

Acreditando que talvez tivesse encontrado a solução, Parker foi se reunir com Monica fora do provador.

– Acho que uma sobressaia de tule pode funcionar. Contanto que haja um tecido elaborado e muito brilho por baixo dela. Vamos manter a cintura ajustada e o brilho. Ela precisa de algo que não seja tomara que caia nem um decote padrão. Vi em algum lugar um corpete delicado de tule. Tinha uma espécie de broche prateado entre os seios e, se não me engano, a barra de renda com uma meia cauda.

– Sei a que modelo está se referindo – concordou Monica, com os lábios contraídos. – Talvez tenha razão. Vou mandar trazê-lo junto com uns dois outros que podem agradar. Tenho um com uma saia sobreposta que é grande o bastante para esconder um exército inteiro.

– Excelente. Um dos problemas é que a mãe cismou que o vestido tem que ser branco.

– Ela está enganada. Com o tom de pele de Emily, ela precisa do calor do marfim. Vai perceber isso quando encontrarmos o vestido certo.

Dez minutos depois, Parker estava ajudando a prender a cauda do vestido.

– Ninguém diz nada – ressaltou Parker, com determinação e um sorriso. – Não façam nenhum comentário até Emily se virar para o espelho e ver com os próprios olhos. Desta vez, vamos deixar que ela seja a primeira a expressar suas ideias e suas impressões.

– É supergostoso. Adorei a saia – falou a noiva, dirigindo-se a Parker com um sorriso nervoso. – A renda, o tule, a seda, o desenho das flores, as pedras... Mas estava pensando em algo mais grandioso, se é que me entende.

– Vamos ver o que acha quando vir o efeito completo. Olhe. Aliás, as costas são lindíssimas. Agora respire fundo e vire para o espelho.

– OK, lá vou eu...

Emily se virou e Parker pensou: na mosca! Reconheceu aquele ar embevecido, aqueles olhos úmidos e atônitos, a tomada de consciência, a mudança da linguagem corporal quando Emily endireitou o tronco e ergueu a cabeça.

– Ah! Ah, meu Deus! Olhem só para mim! Vejam isso!

Com os dedos, ela acompanhava o desenho da cintura marcada.

– Adorei o estilo do corpete. É tão delicado, tão diferente de ter alças.

– Você não vai poder usar colar – ressaltou uma das amigas.

– Mas pensem nos brincos que ela pode usar com esse vestido – apressou-se em observar Parker. – Desde alguma coisa bem sutil até brincos bem grandes. E, na cabeça, uma tiara para combinar com o lindo broche do corpete. Você vai brilhar a quilômetros de distância...

Com toda a sua experiência, sondou a reação da mãe da noiva e sorriu consigo mesma.

– O que acha, Sra. Kessler?

– Acho... É tão... Ah, Emmy...

Parker lhe ofereceu a caixa de lenços de papel.

A escolha da tiara e dos demais detalhes durou apenas uma fração do tempo que já haviam passado ali. A pedido da noiva, enquanto ela fazia a primeira prova para os ajustes, Parker ficou mais um pouco para sugerir as roupas das madrinhas.

Teve que alterar um pouco suas previsões, mas conseguiu agradar as duas amigas – que representavam um terço do cortejo da noiva – com vestidos de um ombro só muito elegantes e no tom de vermelho que a noiva queria.

Deixou a cliente felicíssima e saiu levando o vestido de noiva de sua amiga. Ou, pelo menos, era o que esperava.

– Parker Brown.

Ergueu os olhos e, por um instante, sentiu-se atordoada.

– Sra. Kavanaugh. Como vai?

– Bem, obrigada.

O cabelo laranja-vivo de Kay Kavanaugh esvoaçava à brisa leve. Com as pontas dos dedos, ela baixou um pouco os óculos de armação verde.

– Foi comprar um vestido?

– Não. Na verdade, estou levando este aqui para ver se minha amiga aprova. Laurel McBane. Acho que a senhora a conhece.

– Ela já levou o carro lá na oficina para Malcolm consertar. Parece uma moça sensata. Vai se casar com o seu irmão, não é?

– Isso mesmo. No verão.

– As outras duas que trabalham com você também vão se casar.

– É. Mac agora em dezembro e Emma na primavera.

– Está namorando o meu filho, não está?

A ligação direta entre a lista de casamentos e Malcolm a deixou desnorteada outra vez.

– Saímos para jantar, mas... É, acho que estou.

– Vou tomar um café. Pode me encontrar ali depois – disse a Sra. Kavanaugh, apontando para um dos cafés da rua principal.

– Ah, agradeço muito, mas tenho mesmo que...

– Devia poder gastar dez minutinhos tomando um café quando alguém a convidasse.

Parker sabia admitir quando alguém a punha no seu devido lugar.

– Claro. Vou só deixar estas coisas no carro.

– Quer ajuda?

– Não precisa, não. Obrigada.

– Então, nos encontramos ali dentro.

Meu Deus, pensou Parker, que história seria aquela? E que coisa ridícula ficar assim nervosa por tomar um café com uma mulher absolutamente agradável só porque a tal mulher era a mãe do homem que ela...

Ah, sabe-se lá o que Malcolm era para ela...

Pôs o vestido dentro do carro, trancou a porta, olhou o relógio. Podia ficar ali uns vinte minutos. O que poderia acontecer em vinte minutos num café?

Assim que entrou, dirigiu-se à mesa onde a Sra. Kavanaugh já falava com a garçonete.

– Eles têm uma torta ótima. Vou comer a de maçã.

– Eu só quero um café, por favor – disse Parker, sentando-se diante da mãe de Malcolm. – É seu dia de folga?

– Tarde de folga. Tenho que tratar de umas coisas – respondeu Kay, recostando-se na cadeira. – O meu filho gosta de mulheres bonitas, mas não é idiota de pensar só nisso.

– É... bom saber.

– Vi que Malcolm tinha ficado interessado desde a primeira vez que você apareceu lá na oficina. Levou um bom tempo para ele tomar iniciativa, o que mostra que não é idiota. E é evidente que você também não é.

Parker pensou por um instante.

– Não consigo encontrar nada para lhe dizer, a não ser "É verdade. Não sou, não".

– Acontece que você é de outra categoria.

– Não sei se entendi o que a senhora quer dizer...

– Se não entendeu, vou começar a duvidar da sua inteligência. Você é uma Brown. Tem o nome Brown, o status dos Browns e a fortuna dos Browns. Nada de ser arrogante – avisou Kay, na hora que a garçonete trouxe a torta e o café. – Ainda não terminei. Você age como uma Brown e, com isso, quero dizer que você age como aqueles que a educaram para ser uma Brown. Seus pais eram gente boa, gente que não se gabava do nome, do status e do dinheiro que tinha. Eles não esfregavam isso na cara de ninguém. Trabalhei em algumas das festas que eles deram quando você ainda era criança. Na minha opinião, é possível saber quem uma pessoa é pelo jeito como trata os empregados.

Atônita, Parker pôs um pouco de creme no café.

– Gosto do seu irmão também, só que ele e os outros não me deixem participar dos jogos de pôquer porque não tenho pirulito.

Parker riu, Kay sorriu e a moça viu Malcolm naquele sorriso.

– Se quer saber, tanto Del quanto eu temos consciência da situação privilegiada em que nascemos e somos gratos por isso.

– Dá para perceber. Você não é do tipo que só fica sentada, sem fazer nada, não é? Sabe trabalhar, construir algo para si mesma e para quem vier depois. Isso diz muito sobre seus pais e sobre você também.

– É muito bom ouvir algo assim.

– Bom ou não, é como vejo as coisas. Se Malcolm está de olho em você, é só em você. Ele não está interessado no que vem junto: o seu nome, o seu status, o seu dinheiro.

Ao ver o brilho que atravessou os olhos de Parker, Kay ergueu uma sobrancelha.

– E acabou de responder à única pergunta que eu pretendia fazer. Você já sabe o que ele quer e eu podia ter poupado meu fôlego. Agora, posso saborear essa torta.

– Sra. Kavanaugh...

– Acho que, depois disso, pode me chamar de Kay. Ou de sogra, se preferir.

– Se eu achasse que Malcolm estava “de olho” na fortuna dos Browns, eu o teria...

– Mandado às favas. Também não sou idiota.

– Vocês dois sempre interrompem os outros no meio de uma frase?

– É um péssimo hábito – retrucou Kay, sorrindo. – Quer um pedaço dessa torta? Está gostosa para burro.

Parker ia recusar, mas apanhou o segundo garfo que a garçonete havia deixado sobre a mesa e pegou um pedacinho da torta.

– Tem toda a razão. Está gostosa para burro.

– Detesto cometer erros. Malcolm passou por maus bocados na infância – prosseguiu ela. – Um pouco disso foi minha culpa. Talvez seja por isso que odeie cometer erros. Mas em parte o que aconteceu foi só destino. Mas isso não o destruiu. Acho que ele usou as dificuldades para se tornar alguém, para provar alguma coisa. Tem lá os seus defeitos, e sou a primeira a apontá-los, mas é um bom rapaz. Acho que há alguns piores e não muitos melhores.

Parker sorria sem parar.

– Ele também a ama. Dá para perceber. E essa é uma das coisas que acho atraentes nele.

– Ele nunca me deixou na mão. Nem uma única vez, jamais. Tentamos jantar juntos na minha casa um domingo por mês. Venha da próxima vez. Vou pedir ao Mal para combinar com você.

– Eu... adoraria.

– Não sou nenhuma Maureen Grady na cozinha, mas não vou envenená-la. Pegue um pouco mais de torta.

E foi o que Parker fez.

capítuloonze

QUANDO A CONSULTORIA da noite terminou, Laurel pôs os pés para cima e esticou os braços.

– Acho que temos uma forte concorrente ao título de Noiva Desmiolada. Ela não só quer que a sua dama de honra entre levando seus dois gatos siameses em vez de um buquê, como também quer os bichinhos incluídos na lista de convidados.

– O que significa que temos de providenciar e ela tem de pagar uma porção de salmão para cada um deles – observou Mac, revirando os olhos.

– Além de flores nas coleiras – acrescentou Emma, rindo. – E uma babá de gatos para a recepção. Onde vamos conseguir uma? – perguntou, dirigindo-se a Parker.

– Vou conversar com o veterinário. Pelo menos ela não insistiu para eles ficarem na mesa principal durante o jantar.

– Mas quase. Bom, isso é problema para outro dia – atalhou Laurel. – Tudo o que quero agora é uma bela taça de vinho antes de ir ver o que posso conseguir lá na cozinha da Sra. G, já que Del ligou dizendo que vai chegar mais tarde por causa de uma reunião.

– Mudança de planos – declarou Parker. – Temos algo a fazer lá em cima.

– Não vai ser uma reunião... O meu cérebro está cansado.

– Não vai ser esse tipo de reunião – disse Parker, pondo-se de pé. – E acho que o seu cérebro vai até acordar.

– Não vejo como... – Então, de repente, deu para ver que Laurel acabara de compreender o que estava acontecendo. – Encontrou um vestido para mim!

– Vamos lá ver.

Sorrindo para as amigas, Laurel se levantou de um salto.

– É a minha vez! Tem champanhe?

– O que você acha? – indagou Parker, puxando a amiga para a escada. – As mesmas regras de sempre – acrescentou quando começavam a subir. – Se não for “o” vestido, não tem problema. Ninguém vai ficar triste por isso.

– Ainda nem decidi o estilo que quero. Fico rodando, rodando, sem sair do lugar. Mas tenho certeza que não quero véu. Acho tão medieval... Desculpe – acrescentou, dirigindo-se a Emma. – Talvez use apenas uma tiara ou umas flores. Por isso acho que o vestido não deve ser muito tradicional. Também não quero nada ultracontemporâneo. Então...

– Lá vamos nós – disse Mac, passando o braço pela cintura de Laurel e abraçando-a. – É a febre das noivas, querida. Já tive esses sintomas...

– Nem imaginava que faria isso, mas eu me rendo. Foi por isso que Del disse que chegaria mais tarde?

– Liguei para ele assim que encontrei o vestido – assumiu Parker, e se deteve diante da porta

fechada da suíte da noiva. – Ele foi a algum lugar fazer hora com Jack e Carter. Pronta?

Laurel pôs o cabelo para trás da orelha e teve um leve estremecimento. Riu.

– Prontíssima.

Como havia acontecido com Mac e, depois, com Emma, o vestido estava pendurado num local bem visível. Perto dele, tinha sido colocada uma garrafa de champanhe dentro de um balde de prata, com uma bela bandeja de frutas e queijo ao lado.

A Sra. Grady estava a postos, com a almofada de alfinetes e a câmera.

– É lindo, Parker! – falou Laurel, com os olhos presos no vestido, e se aproximou dele. – Estava meio em dúvida com relação a tomara que caia, mas adorei essa curva suave do decote. O drapeado e o bordado do corpete dão uma textura e um brilho...

Esticou o braço e passou a mão – a mão, não, só as pontas dos dedos – pela saia.

– Estava meio em dúvida quanto ao brilho...

– Gosto do jeito como o tecido se junta todo na cintura, encontra suavemente o bordado prateado do meio e cai a partir daí – observou Mac, inclinando a cabeça e assentindo enquanto dava a volta no vestido. – Vai ficar ótimo nas fotos.

– O jeito como ele cai assim, solto, no meio da saia – acrescentou Emma. – Com o trabalho em contas prateadas pelas bordas. Dá um toque interessante, mas não rebuscado demais. E essas linhas e texturas se reproduzem nas costas. É lindíssimo, Parker. Bom trabalho.

– Só vamos saber quando a garota estiver dentro dele – atalhou a Sra. Grady, fazendo um gesto com uma das mãos. – Ajudem a noiva com isso. Vou abrir o champanhe.

– Não vale espiar – disse Mac, virando Laurel de costas para o espelho.

– Por sorte é o seu tamanho, então não deve precisar de muitos ajustes. Trouxe uma anágua também. Mesmo que não goste do vestido, ela vai servir para qualquer coisa que você escolha.

Mac pegou sua câmera assim que Laurel se vestiu. Capturou alguns momentos em que Parker e Emma ajeitavam o tecido da saia, fechavam os botões das costas. Batendo sua taça na da Sra. Grady, perguntou:

– E aí, o que achou?

– Boca fechada até a noiva dizer o que pensa.

Mas os olhos da senhora estavam cheios de água.

– OK. Agora, pode se virar para ver – anunciou Parker.

Laurel obedeceu. Seu rosto permaneceu impassível enquanto ela se olhava com atenção.

– Bom...

Com um ar tristonho, virou-se para um lado, depois para o outro, e balançou de leve a cabeça de um jeito que fez o coração de Parker apertar.

– Talvez não seja o que você tinha em mente – começou Parker. – O que você se imaginava usando. Vai ser o seu dia. Tem que ser o vestido perfeito.

– Verdade. Não sei direito...

Laurel girou o corpo para ver melhor a parte de trás.

– Só não sei... como você consegue isso! Só pode ser telepatia! – Ela abriu um sorriso e jogou os braços em volta de Parker. – Devia ter visto a cara que você fez. Tão controlada... Amo você, Parker. Amo todas vocês, meninas. Ah, ele é maravilhoso. É perfeitamente perfeito. Tenho que

me olhar mais.

Quando começou a girar diante do espelho, com os olhos brilhando, Parker se limitou a exclamar:

– Uau!

– Você acertou três em três, Parker! – disse Emma, brindando. – E, embora eu estivesse disposta a tentar convencê-la com a história do véu, Laurel, admito que você tem toda a razão.

– Resolvi trazer também isso aqui – disse Parker, indo abrir uma caixa que continha duas travessas com pedras. – Tive essa ideia. Se puder parar de se admirar por uns minutinhos, queria que experimentasse uma coisa.

– Não posso continuar me admirando enquanto experimento? Olhem só para mim! – exclamou Laurel e, segurando a saia, deu mais um giro. – Sou uma noiva!

– Então fique quieta. Achei que você poderia afastar o cabelo da testa e prendê-lo com essas gracinhas. Depois, o cabeleireiro vê o que pode fazer atrás.

– E podíamos pôr também umas flores. Deve dar para fazer uma trança embutida – sugeriu Emma –, deixando o resto do cabelo solto. Trançaríamos o cabelo com uma fita bem fina e bordada e prenderíamos tudo com um pequeno prendedor de flores. Ervilhas-de-cheiro. Você disse que queria principalmente ervilhas-de-cheiro e peônias.

– Adoro ervilhas-de-cheiro – confirmou Laurel e ergueu as mãos para tocar nas pedrinhas que brilhavam em seu cabelo. – Adorei as travessas, Parker. Era o que eu estava tentando visualizar. Ah, o vestido... esse vestido... ele tem um arzinho anos trinta. É clássico sem ser tradicional. É o meu vestido de noiva.

– Agora, todas juntas – disse a Sra. Grady –, antes que fiquem embriagadas de alegria e champanhe. Ah, as minhas meninas! – murmurou ela enquanto as quatro faziam pose para a foto.



Mac passou os olhos pelo closet de Parker, imenso e absurdamente organizado.

– Talvez eu conseguisse manter o meu arrumado se ele fosse desse tamanho.

Parker pegou uma blusa vermelha, reprovou-a e continuou procurando.

– Não conseguiria, não.

– Ai, que frieza! É verdade, mas não precisava dizer assim.

– Se o seu closet fosse arrumado, você não poderia comprar outra blusa branca só porque ela é uma graça... Afinal, saberia que tem mais de dez blusas brancas.

– Também é verdade. Mas preciso dizer algo sobre saber o local exato do seu cinto de couro vermelho quando se precisa dele com urgência – falou Mac e abriu uma gaveta num dos diversos compartimentos que continham a coleção de cintos de Parker, todos enrolados e separados por tonalidade. – Já que sabe onde tudo está e tem, no computador, uma lista detalhada do conteúdo deste closet e a localização de cada item, por que está levando tanto tempo para escolher uma roupa?

– Porque não sei aonde vamos nem como chegaremos lá.

Dava para perceber a frustração na voz de Parker, que pegou e devolveu mais uma blusa.

– E porque é importante que não pareça que estou dando importância a isso.

Mac assentiu. Compreendia perfeitamente.

– Uma suéter de caxemira de cor forte. Decote V ou canoa. Com uma camiseta branca e calça preta ou cinza. Botinhas de salto. A cor das botas vai depender da suéter que escolher. Vai esfriar hoje à noite, portanto use também aquele casaco de couro fantástico. Aquele que bate no meio da coxa e vai balançando quando você anda.

– Certíssimo – disse Parker, virando-se para a amiga.

– Imagem é comigo mesma. Ponha uns brincos incríveis e deixe o cabelo solto.

– Solto?

– Fica mais sexy, menos estudado. Olhos esfumados e um batom bem discreto. Acho que não preciso acrescentar que, por via das dúvidas, você tem que usar uma lingerie incrível. Não que alguma das suas não seja incrível. Sempre me bate uma inveja.

Parker considerou a ideia da amiga.

– Ainda não decidi se Malcolm vai ver minha lingerie.

– Já, sim.

– Não decidi se ele vai ver hoje.

– O que torna tudo ainda mais sexy.

– Na verdade, só me deixa mais nervosa e não gosto de ficar nervosa.

Parker abriu outra gaveta. Balançou a cabeça e abriu mais uma.

– Esta aqui? Ameixa escuro, decote em V e gola de padre. Fica bem interessante.

– Perfeito. Se tiver uma blusa em um tom mais claro de ameixa, e sei que tem, pode usá-la em vez de uma branca. E calça toda cinza, reta. Depois...

Mac se dirigiu para o lado dos sapatos: uma parede inteira, todos separados por tipo e subdivididos por cores.

– Depois vêm essas botinhas lindas de camurça com esse saltinho fantástico. As cores e os tecidos são suaves e ricos, mas a combinação dá a impressão de uma Parker descontraída, porém elegante.

– Ótimo.

– Ah, e ponha essas argolas bem grandes de prata martelada. Quase nunca a vejo com elas e vai ser o complemento ideal para essa roupa.

– Mas elas são tão grandes...

– Confie em mim – retrucou Mac, erguendo um dedo.

– Por que nos damos todo esse trabalho? – indagou Parker. – Os homens não reparam mesmo...

– Porque o que vestimos afeta o jeito como nos sentimos, como agimos, como andamos. E nisso eles reparam. Principalmente no andar. Ande, vá se vestir. Não se esqueça dos olhos esfumados. Sabe que fica ótima quando está se sentindo ótima. Vai se divertir muito mais.

– Eu me divertiria mais se soubesse o que me espera.

– Parker – começou Mac, passando a mão pelo rabo de cavalo da amiga, e os olhos de ambas se encontraram no espelho. – No caso da maioria dos caras com quem você saiu, sabia exatamente o que a esperava desde o primeiro instante. Eles não a deixavam nervosa. Desde o

tempo da faculdade, nunca vi você ir além de um discreto interesse ou, talvez, um gostar bem seguro.

– Justin Blake – disse Parker, esboçando um sorriso. – Achei mesmo que estava apaixonada por ele e aí...

– O mundo desabou – emendou Mac, pensando na morte dos Browns. – E ele não apareceu para dar uma força. Nem lhe passou pela cabeça fazer algo nesse sentido.

– E acabou...

– E nunca mais recomeçou. Acho que Mal é o primeiro risco que você assume com um cara desde o babaca egoísta do Justin Blake.

– E tudo vem correndo tão bem.

Mac se virou. Pôs as mãos nos ombros da amiga.

– Amo você, Parks. Corra esse risco.

– Também amo você – disse Parker, soltando o ar pela boca. – E vou usar as argolas de prata.

– Não vai se arrepender. Tenho que ir. Divirta-se hoje à noite.

Claro que ia se divertir. Por que não?, pensou Parker, enfiando os braços no casaco de couro que Mac acertara ao recomendar.

Sabia se divertir.

A sua vida não era só trabalho o tempo todo, como a maioria dos seus clientes, se não todos, podiam atestar. É claro que se divertir com clientes *era* parte do negócio, mas isso não eliminava o fator diversão.

Sabia que estava pensando demais naquilo, o que significava que tinha começado a pensar demais que estava pensando demais e isso a deixou com vontade de se dar uns tapas.

Nada podia aliviá-la mais que a campainha da porta da frente. Pelo menos agora poderia começar o que quer que fossem fazer naquela noite.

– Descontraída – disse consigo mesmo enquanto se dirigia à porta. – Com calma. Sem estresse, sem pressão.

Quando a abriu, lá estava ele, com uma jaqueta de couro por cima de uma camisa azul cor de jeans desbotado para fora da calça escura e os polegares enfiados nos bolsos laterais.

Descontraído, pensou ela de novo. Sem dúvida ele sabia como ficar assim.

– Você está linda.

– Obrigada – disse Parker, esboçando um primeiro passo para sair da casa.

– Linda mesmo.

Ele não se moveu para sair da frente, mas sim para ir na sua direção. Com um movimento suave, pensou ela mais tarde, pôs as mãos no seu cabelo e a boca na sua.

Numa brecha, Parker conseguiu balbuciar:

– Você não disse aonde íamos ou como...

Nesse instante avistou o carro, uma coisa poderosa, baixa e de um preto reluzente.

– É um senhor carro!

– Pelo visto, vai ser uma noite fria. Achei que você não ia gostar de sair de moto.

Parker se adiantou e ficou admirando as linhas do veículo. Del tinha razão. Era incrível.

– Parece novo, mas não é.

– É mais velho que eu, mas anda muito.

Malcolm abriu a porta para ela. Parker entrou no carro. Tinha cheiro de couro e de homem, uma combinação que a deixava mais consciente do fato de ser mulher. Quando ele se sentou ao seu lado e virou a chave na ignição, o motor a fez pensar num punho cerrado pronto para atacar.

– Então, me fale sobre esse carro.

– É um Corvette 66.

– Sim...

Ele se virou para ela e acelerou.

– Anda muito...

– Dá para perceber.

– Quatro marchas com caixa curta, 427 cilindradas com cilindro aumentado e carburadores de corpo duplo.

– E presumo que a caixa curta signifique que não há muita distância entre as marchas.

– Exatamente. É para motores de alta potência, tipo de carros esportivos, portanto a troca de marchas é feita em intervalos menores. Isso deixa o motorista no comando.

– Não haveria razão para ter um carro como esse se você não fosse esse tipo de motorista, não?

– Nisso concordamos plenamente.

– Há quanto tempo tem ele?

– Ao todo? Uns quatro anos. Mas só acabei de restaurá-lo alguns meses atrás.

– Restaurar um carro deve dar um trabalhão.

Malcolm deu uma olhada para ela enquanto a sua mão acionava o câmbio.

– Eu bem poderia observar que é uma ironia você dizer que qualquer coisa que seja dá um trabalhão. Além do mais, isso impulsiona a oficina. As pessoas reparam num carro como esse, então começam a fazer perguntas e assim por diante. Aí quem sabe algum herdeiro rico que tem o Cadillac Coupé de Ville do avô na garagem resolva mandar restaurá-lo, ou algum sujeito cheio da grana queira reviver os anos de juventude e me contrate para encontrar e restaurar um Porsche 911 ano 72, o carro em que perdeu a virgindade. Feito que, aliás, exigiria muita perícia...

– Se você diz, eu acredito.

Ele sorriu.

– Onde perdeu a sua?

– Cabo San Lucas, no México.

Desta vez, ele riu.

– Ora, ora. Quantas pessoas poderiam dizer isso?

– Muitos moradores da cidade, imagino. Mas, voltando ao carro, achei a ideia brilhante, usá-lo para turbinar os negócios.

Aliás, *turbinar* era uma palavra que combinava muito bem com aquele carro. Ele se esgueirava pelas curvas da estrada como um lagarto numa pedra. E, como a moto, transpirava potência através de roncos sutis, de zumbidos suaves.

Nada prático para o dia a dia, é claro. Nem um pouco. O seu sedan era prático. Mas...

– Adoraria dirigi-lo.

– Não.

Parker inclinou a cabeça, desafiada por aquela negativa tão absoluta.

– Pois saiba que tenho um excelente currículo como motorista.

– Não duvido. Mas continuo dizendo não. Qual foi o seu primeiro carro?

– Um pequeno BMW conversível.

– O 328i?

– Se você está dizendo, deve ser. Era prateado. Eu o adorava. E o seu?

– Um Camaro Z28 1982, com cinco marchas, motor V8, injeção direta. Corria bastante, pelo menos quando o terminei. Já tinha mais de 100 mil quilômetros rodados quando o comprei de um sujeito lá em Stamford.

Malcolm estacionou em frente de um restaurante bem conhecido.

– Achei que devíamos comer alguma coisa.

– Claro.

E pegou a sua mão para atravessarem a rua, o que foi ridiculamente emocionante – ou pelo menos foi assim que ela viu.

– Quantos anos tinha quando comprou o tal carro?

– Quinze.

– Então não tinha nem idade para dirigir...

– Foi uma das coisas que minha mãe disse quando descobriu que eu tinha torrado uma grana que devia guardar para a faculdade comprando um carro de segunda mão que mais parecia destinado ao ferro-velho. Ela teria me dado uma surra e me obrigado a vendê-lo na hora se Nappy não tivesse entrado na conversa.

– Nappy?

Assim que entraram, ele ergueu dois dedos. Em resposta, recebeu da recepcionista um aceno de cabeça e um gesto indicando “esperem um minuto”.

– Era o dono da oficina naquela época. A oficina que agora é minha. Eu trabalhava para ele nos fins de semana, no verão e sempre que conseguia matar aula. Ele convenceu minha mãe que restaurar o carro seria instrutivo. Disse-lhe que eu estaria aprendendo uma profissão e que isso evitaria que me metesse em confusões, o que evitou mesmo, eu acho. Algumas.

Quando saiu andando com Mal, guiados pela proprietária, Parker ficou pensando nos verões de sua adolescência. Ia trabalhar na Fundação Brown para aprender, junto com Del, a assumir responsabilidades e respeitar o legado da família. Mas o grosso mesmo das férias ela passava nos Hamptons, na piscina de casa, com amigos e, para completar, uma ou duas semanas na Europa.

Malcolm pediu uma cerveja; ela, uma taça de vinho tinto.

– Garanto que a sua mãe não aprovava que você matasse aula.

– Não quando ela descobria, o que acontecia na maioria das vezes.

– Encontrei com ela ontem. Tomamos um café juntas.

Naquele instante, presenciou algo que quase nunca via: Malcolm Kavanaugh atônito.

– Vocês... Ela não me disse nada!

– Ah, foi só uma coincidência – falou Parker, com um ar descontraído, e abriu o cardápio. – Parece que você vai ter que me convidar para jantar.

– Você está jantando.

– O jantar de domingo – prosseguiu ela, sorrindo. – Quem é que está com medo agora?

– Medo é uma palavra muito forte. Considere-se convidada e vamos ver no que dá. Já comeu aqui antes?

– Hum... Eles têm umas batatas assadas do tamanho de bolas de futebol americano. Acho que vou querer uma – falou, pondo o cardápio de lado. – Sabia que a sua mãe trabalhou para a minha algumas vezes? Ajudando em festas?

– Sabia, sim – garantiu Mal, e seus olhos se estreitaram. – Acha que isso é problema para mim?

– Não. Não acho. Acho que poderia ser para algumas pessoas, mas você não é assim. Não foi isso que eu quis dizer. É só que fiquei surpresa...

– Com o quê?

– Com a ideia de haver uma ligação no passado, quando ainda éramos crianças.

O garçom trouxe as bebidas e anotou os seus pedidos.

– Certa vez, troquei um pneu para a sua mãe.

Parker sentiu um ligeiro aperto no coração.

– Foi?

– Na última primavera que passei aqui. Acho que ela estava voltando para casa depois de alguma atividade no clube ou sei lá onde.

Pensando no passado, trazendo o episódio de volta à mente, ele tomou um gole da sua cerveja.

– Ela estava usando um daqueles vestidos esvoaçantes que fazem os homens desejarem que o inverno nunca mais volte. Tinha uns botões de rosa. Era todo coberto de botões de rosa.

– Eu me lembro desse vestido – sussurrou Parker. – Posso vê-la com ele.

– Estava dirigindo com a capota abaixada. Seu cabelo estava todo despenteado e ela usava um daqueles óculos escuros enormes. Na hora, eu pensei: “Meu Deus, parece uma estrela de cinema!” Bem, não era um pneu estourado, só um pequeno vazamento que ela ainda não tinha percebido. Quando percebeu, estacionou o carro e ligou para o socorro. Nunca vi ninguém como ela. Ninguém que fosse tão bonita. Até que conheci você. Ela ficou falando comigo o tempo todo. Em que escola eu estudava, o que eu gostava de fazer. Quando soube que eu era filho de Kay Kavanaugh, perguntou por minha mãe, quis saber o que ela andava fazendo. Depois, me deu 10 dólares além da conta pelo serviço e um tapinha no rosto. Enquanto ela se afastava de carro, lembro que fiquei pensando: “Isso é que é beleza. Beleza de verdade.”

Quando voltou a erguer os olhos, percebeu algo na expressão de Parker.

– Não pretendia deixar você triste.

– E não deixou – replicou a moça, embora seus olhos estivessem ardendo. – Você me deu um pedacinho dela que eu ainda não tinha. Às vezes, sinto tanta saudade, uma saudade tão doída que é reconfortante ter esses pedacinhos, esses pequenos retratos. Agora posso vê-la com aquele vestido cheio de botões de rosa, conversando com o menino que trocava o seu pneu, um menino que andava contando os dias para ir para a Califórnia. E o deixou encantado.

Parker estendeu o braço e pôs a mão sobre a dele.

– Me fale da Califórnia, conte o que fez quando chegou lá.

– Levei seis meses para chegar lá.

– Conte como foi.

Ficou sabendo que ele morou no carro boa parte do tempo, fazendo uns bicos para comprar gasolina, comida e pagar um hotel barato de vez em quando.

Malcolm fazia aquilo tudo parecer divertido, uma aventura, e, enquanto comiam, ela pensou que devia mesmo ter sido ambas as coisas. Mas também imaginou como devia ter sido difícil, assustador, para um garoto daquela idade, longe de casa, sobreviver sozinho com qualquer trocado que pudesse ganhar durante a viagem.

Trabalhara de frentista em Pittsburg, fizera uns consertos na Virgínia Ocidental, viajara para o Illinois, onde trabalhara como mecânico nos arredores de Peoria. E lá fora ele, trabalhando aqui e ali, por todos os cantos do país, vendo lugares que ela nunca tinha visto e que, provavelmente, jamais veria.

– Em algum momento pensou em voltar? Pegar um retorno e voltar para casa?

– Não. Eu tinha que chegar ao meu destino. Tinha de fazer o que tinha planejado. Aos 18 anos, dá para viver só de teimosia e orgulho por um bom tempo. E eu gostava de estar sozinho, sem ninguém de olho em mim e me esperando para dizer que sabia que eu não ia conseguir, que eu não prestava para nada mesmo.

– Sua mãe nunca...

– Não, ela não.

– Ah.

Era o tio, pensou Parker, e não disse mais nada.

– É uma longa história. E bem feia. É melhor a gente ir dar uma caminhada em vez de falar sobre ela.

Na rua principal, movimentada, os dois encontraram pessoas que ela conhecia ou que ele conhecia. De ambos os lados, o que se via era surpresa e curiosidade, coisa que tanto um quanto o outro acharam bem engraçada.

– Essa gente está se perguntando o que você está fazendo aqui comigo – comentou ele –, ou o que eu estou fazendo aqui com você.

– As pessoas deviam era cuidar da própria vida em vez de ficar fazendo especulações sobre a vida alheia.

– Em Greenwich, todo mundo faz especulações sobre os Browns. Só vão tomar certo cuidado por ser você.

– Eu? – Espantada, Parker franziu o cenho. – Por quê?

– No seu trabalho, você acaba sabendo de mil segredos. No meu também.

– Como assim?

– Tem gente que quer que o seu carro receba um cuidado minucioso, por exemplo, mas nem sempre se lembra de tirar dali o que não quer que outras pessoas vejam.

– Como o quê?

– Isso já seria fofoca.

– Não se eu não ficar sabendo quem deixou o quê – retrucou ela, dando-lhe uma cotovelada.

– Temos uma competição lá na oficina. Quem encontrar a maior quantidade de roupas íntimas femininas no mês ganha uma embalagem com seis latas de cerveja.

– Ah!

– Você perguntou.

Parker refletiu por um instante.

– Acho que tenho algo melhor – comentou. – Bem melhor.

– Vamos ver.

– Uma vez, encontrei um sutiã meia-taça Chantelle, de renda preta, tamanho M, pendurado no ramo de um salgueiro lá perto do lago e a calcinha do conjunto estava boiando na água.

– O que é Chantelle?

– Uma marca de lingerie. Você entende de carros. Eu, de moda.

– Deve existir algo nos carros e nos casamentos que faz as mulheres quererem tirar a roupa de baixo – disse Malcolm, abrindo a porta de seu Corvette para ela. Sorrindo, acrescentou: – Portanto, não faça cerimônia.

– Muito galante da sua parte...

Ali no carro, Parker achou que a noite havia sido um sucesso. Tinha se divertido, tinha curtido a companhia dele, aprendido um pouco mais. Embora precisasse cutucar, provocar, praticamente espremer Malcolm para fazê-lo falar.

Ainda por cima, só tivera que pedir licença duas vezes para atender a telefonemas de clientes.

– Tem um evento grande nesse fim de semana.

– Dois grandes, dois médios e um chá de panela misto na quinta à noite, logo depois do ensaio. Além de dois eventos externos.

– Agenda cheia. Por que um homem iria a um chá de panela?

Parker estava prestes a lhe dar uma resposta diplomática, profissional, mas começou a rir.

– Porque a noiva obrigou. Instalamos um bar/charutaria no terraço. Isso ajuda os homens a aguentar a festa toda.

– Nem morfina funcionaria para mim. Mas, quando falei em casamento, estava me referindo ao da irmã de Carter.

– Ah, claro. Estamos todos na maior expectativa. Tem sido divertidíssimo trabalhar com Sherry. Não temos muitas noivas assim. Você está na mesa doze. Vai se divertir.

– É o que estou pretendendo.

Quando o carro entrou na alameda de sua casa, Parker estava tão chateada por aquela noite terminar quanto estivera preocupada antes de ela começar.

– Lá se foi o verão – disse, ao sair do carro e sentir o friozinho da noite. – Adoro o outono: as cores, o cheiro, a mudança da luz. Mas sempre lamento me despedir do verde e das flores do verão. Acho que você vai lamentar ter que se despedir da sua moto até o ano que vem.

– Ainda dá para sair com ela algumas vezes. Tire um dia de folga e saímos juntos.

– Tentador.

E era mesmo.

– Mas estamos com as próximas semanas lotadas.

– Posso esperar. Preferia não.

Ele chegou mais perto e, mesmo não tocando nela, Parker sentiu uma pontada de excitação.

– Por que não me convida para entrar?

Ela pretendia dizer não. Era o que vinha planejando fazer desde que se arrumara para sair. Cedo demais, arriscado demais.

Abriu a porta e estendeu a mão.

– Entre, Malcolm.

Ele segurou a sua mão e empurrou a porta às suas costas. Seus olhos se fixaram nos de Parker, persuasivos, o único contato além das mãos unidas.

– Peça para eu subir. Me chame para a sua cama.

Ela sentiu o coração pulsando rápido em seu pescoço. Seja sensata, pensou. Tome cuidado.

Em vez disso, ela tomou a iniciativa de se aproximar e de colar os lábios aos dele.

– Suba, Malcolm. Quero você na minha cama.

c a p í t u l o d o z e

PARA MALCOLM, O CAMINHO até o segundo andar foi bem longo, o bastante para ele sentir que Parker estava nervosa. Ela sabia disfarçar, mas ele tinha aprendido a interpretá-la. Ainda mais agora, que estava atento a cada movimento dela, a cada respiração.

Subiram a graciosa escadaria que levava à sua ala agora tão silenciosa que ele podia jurar que dava para ouvir o próprio coração. E o dela também.

Parker entrou no quarto, um quarto grande, de cores suaves, cheio de obras de arte, fotos e o leve glamour de móveis que, supôs, haviam servido a várias gerações.

Ela trancou a porta e percebeu o ar intrigado no rosto de Malcolm.

– Ah... Não é comum eu fazer isso, mas Laurel ou Del podem... Bom, deixe eu pegar sua jaqueta.

– Minha jaqueta?

– Vou pendurá-la.

Claro que ia pendurar! Isso era a cara de Parker. Divertido, tirou a jaqueta e lhe entregou. Quando ela foi até uma porta e entrou por ela, a curiosidade o levou a segui-la.

Closet não era uma palavra boa o bastante para descrever o que viu. Nenhum dos que já vira ou tivera podia conter cadeiras curvilíneas, abajures ou uma parede inteira de sapatos. Numa saleta – o que não é nada comum em closets –, um espelho iluminado ficava acima de uma espécie de escrivaninha (ou seja lá o que fosse aquilo) onde, deduziu ele, ela devia se sentar para arrumar o cabelo ou se maquiar. Mas a única coisa que havia em cima do tal móvel era um vaso de flores pequeninas.

– Este é o closet da família inteira?

– Não. É só meu – disse ela, virando-se e fazendo o cabelo balançar com esse movimento. – Gosto de roupas.

E, assim como acontecera com a palavra *closet*, Malcolm achou que *gostar* não era o termo ideal para expressar a relação que Parker Brown tinha com roupas.

– Elas estão todas separadas por cores!

Fascinado, foi passando um dedo pela seção de blusas brancas.

– E até, sei lá como dizer isso, em ordem gradativa, como numa paleta de cores.

– Funciona melhor assim. Suas ferramentas não ficam arrumadas?

– Achei que ficassem... Tem um telefone aqui.

– É um interfone – corrigiu ela, pegando o celular da bolsa que tinha posto em cima de uma bancada cheia de gavetas.

– Vai telefonar? – perguntou ele.

– Vou botar para recarregar – disse Parker, passando por ele e voltando para o quarto.

Ela poderia organizar visitas àquele closet, pensou Mal, detendo-se mais um instante ali dentro. Ou dar coquetéis. Fazer reuniões de trabalho.

Quando saiu, ela já tinha posto o telefone e o carregador na mesinha de cabeceira que ficava mais perto das portas da varanda. E, para seu fascínio crescente, dobrava com todo o cuidado a colcha, o cobre-leito ou o que quer que fosse aquilo.

Encostou-se à parede e ficou só olhando. Com movimentos precisos e graciosos, pôde observar, ela alisava o tecido, dobrava, voltava a alisar. Parker Brown jamais se jogaria na cama pura e simplesmente.

Não era de espantar que ele nunca tivesse se encantado por ninguém como se encantara por ela. Nem de longe existia outra mulher como ela.

– Não costumo fazer isso – disse Parker, pondo a coberta dobrada em cima do banco que ficava ao pé da cama.

– Dobrar a colcha?

– Trazer homens aqui. Se e quando acontece...

– Só estou interessado em nós dois. Você está nervosa.

Ela se virou para ir até a penteadeira. Os olhos de ambos se encontraram no espelho enquanto ela tirava os brincos.

– Você não está.

– Desejo você demais para ficar nervoso. Não sobra espaço aqui dentro.

Ele foi se aproximando.

– Já terminou? – perguntou Malcolm.

– O quê?

– De ficar pensando nas coisas, tentando imaginar o que pode acontecer...

– Quase.

– Então, deixe eu ajudar.

Pegando-a pelos ombros, Malcolm a puxou para si. A avidez de sua boca ajudou. Bastante.

Quando ela ergueu os braços para enlaçar seu pescoço, ele arrancou sua suéter com um movimento rápido, impaciente, e a jogou em cima de uma cadeira.

– Depois você pendura.

– Não penduro suéteres.

– Por quê?

– Porque... – Parker perdeu o fôlego no momento em que ele começou a passar as mãos pela camisa fina, pelo seu corpo. – Porque deforma.

– Adoro as suas formas – disse ele, tirando agora a camisa e atirando-a por cima da suéter. – Lindo! – Passou os dedos pelo bojo rendado do sutiã cor de ameixa. – É o tipo de combinação de cores que apoio cem por cento.

O riso de Parker se transformou num arfar quando as mãos dele foram descendo e os seus lábios também. Quando ele se ajoelhou.

– Malcolm.

– É melhor tirar esses sapatos – disse ele, abrindo o zíper das botas. – Não vai querer esquecer e se deitar com eles.

– Está me sacaneando ou me seduzindo?

– Dá para fazer as duas coisas. Você não é a única polivalente neste quarto.

Assim que tirou as suas botas, Malcolm passou as mãos pelas suas pernas.

– Ah, são o verdadeiro Santo Graal...

– Você já viu as minhas pernas antes.

– Não desse jeito.

Abriu o botão da calça de Parker, baixou o zíper e foi puxando-a para baixo.

– Não, não desse jeito...

Ele levantou uma perna de cada vez para tirar a calça, que ficara a seus pés. E foi subindo com as mãos, dos tornozelos às coxas, até chegar às bordas da renda cor de ameixa.

O telefone tocou.

Malcolm ergueu a cabeça. Aqueles olhos de um verde penetrante tinham um ar quase animal.

– Desta vez, não.

Parker balançou a cabeça.

– Não. Desta vez, não.

Ele se levantou. Com aquele movimento rápido, tanto a visão quanto a mente de Parker ficaram turvas. A boca de Mal não apenas a beijou, mas a possuiu, enquanto aquelas mãos espalmadas percorriam todo o seu corpo, produzindo descargas elétricas sob sua pele. Toda a tensão anterior explodiu num desejo puro, primitivo.

Parker foi abrindo de qualquer jeito os botões da camisa dele. As suas mãos também queriam carne. Queriam segurá-lo, possuí-lo. Quando tocou naquela pele, naqueles músculos, naquelas reentrâncias, quando sentiu a suavidade e a aspereza, o desejo se transformou em paixão.

E ela tentou se satisfazer passando a boca pelas artérias que pulsavam quentes em seu pescoço, correndo os dentes pelo ombro de músculos rijos feito aço. Mas as garras daquele desejo só faziam se afiar cada vez mais.

Ele poderia penetrá-la naquele momento, rápido e fundo. Ela queria, ouvia a própria voz pedindo por isso, queria alimentar e saciar aquele desejo antes que ele a consumisse.

Malcolm a ergueu nos braços e não foi como se a levasse para a cama, mas como se a arrastasse para uma caverna. E ela se entregou por inteiro.

Quando estava debaixo de Malcolm, ergueu o tronco, colando o corpo ao dele.

– Agora. Agora.

Malcolm conseguiu balançar a cabeça.

– Assim você me mata – falou ele.

Não dava para desejá-la tanto e acabar tudo antes de mal terem começado. Mas ele também ansiava por aquilo e Parker se remexia com fúria debaixo dele, sobre ele, nele todo. O corpo dela, tão firme e tão excitante com aquela pele macia sobre uma musculatura rija, foi fazendo-o perder o controle. Precisava ter mais daquele corpo antes de possuí-lo por inteiro.

Não para saborear, pois sabia que saboreá-la o deixaria louco, mas para devorar em grandes bocados, avidamente.

Aqueles seios perfeitos foram finalmente possuídos pelas suas mãos e pela sua boca enquanto ela cravava as unhas em suas costas e no quadril. Aquelas pernas incríveis abertas para ele,

envolvendo seu corpo, e os músculos daquelas coxas longas estremecendo quando ele fazia o que queria. Tudo o que queria.

E aquele rosto de uma beleza serena e clássica estava agora afogueado, feroz, com os olhos de um azul profundo e os lábios quentes e ávidos.

Malcolm a fez gozar uma vez, com suas mãos ásperas e impiedosas. Por ela, por si mesmo. Queria vê-la se desmanchar por ele, chegar ao clímax e desabar. Ela gritou, cravando ainda mais as unhas no seu corpo. E, quando ela desabou, ele a penetrou.

Parker gritou de novo. Foi um som abafado que exalava prazer. Aquele prazer, selvagem e instigante, sacudiu o corpo inteiro dela como uma tempestade. E sacudiu de novo. E mais uma vez. Até que não restasse mais nada.

Perdida naquela velocidade, imersa em sensações, ela devolveu na mesma moeda, com uma espécie de fúria sombria.

Ele foi fundo; ela se ergueu. Seus corpos reluziam com o suor do esforço e da avidez. Viu o rosto de Malcolm acima do seu, o cabelo escuro que o emoldurava, aqueles olhos animalescos pregados nos seus.

Tentou falar. Dizer... alguma coisa. Mas tudo o que conseguiu foi balbuciar o seu nome.

O telefone tocou, mas tudo o que ela ouviu foi a pulsação frenética do próprio coração.

Parker ficou deitada ali debaixo dele, atordoada, sem fôlego depois daquela tempestade e também por causa do peso daquele corpo que havia caído sobre o seu como uma pedra.

Eles acabaram um com o outro, pensou ela. De todas as formas possíveis. Só não chegaram a tirar sangue. Sempre se considerara aberta e ativa na cama, com o parceiro certo, mas aquilo havia sido uma batalha acirrada com um alvo determinado.

Dê-me tudo que tiver e, depois, dê mais.

E concluiu que era o que explicava aquela leve sensação de choque e de plena satisfação.

Gostou de imaginar que Malcolm sentia o mesmo – ou será que tinha simplesmente entrado em coma? Pelo menos não fora um ataque cardíaco, já que podia sentir o coração dele pulsando de encontro ao seu corpo.

Quando passou a mão pelo cabelo de Malcolm, ele grunhiu.

Bom, não estava em coma, mas...

– Você amoleceu... – disse ela, e Malcolm ergueu a cabeça imediatamente.

– O quê?

– Caiu. Foi por isso que...

O ar ofendido que havia no rosto de Mal fez Parker compreender.

– Ah, meu Deus! Não *nesse* sentido...

E ela começou a rir. O riso lutava para sair do seu peito esmagado por todo aquele peso. Ela engasgou, agitou as mãos, tentou dizer alguma coisa em meio às risadas que não conseguia conter.

– Depois. Você amoleceu depois.

– Sou homem, coisa que devia ter percebido...

– Não. Também não é nesse sentido.

Parker não parava de rir. Por fim, quando Malcolm se moveu, ela conseguiu se desvencilhar e

respirou fundo. Teve que se sentar e levar as mãos ao peito.

– *Depois* desse depois. Você simplesmente desmoronou – disse, balançando as mãos. – Despencou em cima de mim. Mas não tem problema. Afinal, eu já tinha mesmo parado de respirar em algum ponto entre o terceiro e o quarto orgasmos.

– Ah, desculpe – falou ele, afastando o cabelo do rosto. – Você conta orgasmos?

– É um hobby.

Desta vez, foi ele que riu.

– Foi um prazer acrescentar alguns à sua coleção.

Parker não se cobriu e Malcolm admitiu que achava que ela fosse o tipo de mulher que puxa o lençol assim que o calor do sexo começa a amainar. Mas ela estava sentada ali, corada e nua, sorrindo para ele.

– Você é cheia de surpresas, Pernas.

– Gosto de sexo.

– Verdade? Jamais teria imaginado.

– Esqueço que gosto quando passo longos períodos sem fazer. Foi ótimo lembrar quanto gosto disso.

Ela estendeu o braço e passou um dedo pelas cicatrizes que ele tinha no quadril e na coxa.

– Deve ter doído.

– São do tal acidente. Deixou algumas dessas.

– E aqui? – indagou Parker, acompanhando umas linhas mais finas na altura das costelas.

– Também. Aqui, no ombro e mais umas espalhadas por aí.

– E essa?

Ele baixou os olhos para ver a cicatriz em forma de foice na sua coxa direita.

– Essa foi de outro acidente. Um pequeno erro de cálculo. Você não tem nenhuma.

– Cicatrizes? Tenho, sim.

– Olhe, querida, vasculhei cada centímetro do seu corpo.

– Aqui – retrucou Parker, passando a ponta do dedo alguns centímetros acima da linha do cabelo, do lado esquerdo.

Malcolm se sentou e fez o mesmo.

– Não senti nada.

– Bom, mas ela está aí.

E o mais ridículo era que aquilo lhe parecia quase uma questão de honra agora.

– Levei quatro pontos.

– Tantos assim?

– Ah, não venha se gabar!

– O que aconteceu?

– Estávamos na Provença e tinha chovido o dia todo. Quando saiu o sol, corri para o terraço. Tinha 7 anos. Escorreguei e bati com a cabeça na grade de ferro.

– Um machucado provençal...

– Dói tanto quanto qualquer outro. E essa aqui? – perguntou Parker, franzindo o cenho diante do grupo quase homogêneo de finas linhas horizontais na sua omoplata esquerda. E sentiu que o

corpo de Malcolm se retesava cada vez que ela as tocava.

– Nada de mais. Fui jogado em cima de um armário de metal. As portas tinham frestas para arejar.

– Seu tio – disse ela, deixando a mão exatamente naquele local.

– Já foi há tanto tempo... Tem água por aqui?

Ignorando a pergunta, Parker se inclinou e beijou as tais cicatrizes.

– Nunca gostei dele.

– Nem eu.

– E agora gosto menos ainda. Vou pegar água para você.

Levantou-se e foi até o closet. Malcolm lamentou que ela estivesse de robe quando voltou trazendo duas garrafinhas.

Geladas.

– Tem geladeira aí dentro?

– Uma pequena. Embutida. É bem prático. E... – depois de abrir sua garrafa, prosseguiu –... eficiente.

– Não há o que discutir.

Ele percebeu que os olhos de Parker tinham se voltado para o celular e teve que sorrir.

– Ande, pegue o telefone. Não tem problema.

– Prometo às noivas que estarei disponível 24 horas. E mesmo que não prometesse – acrescentou, indo pegar o aparelho –, algumas delas iam telefonar sempre que ficassem aflitas. Um casamento pode absorver o resto do mundo, e é o que acontece para a noiva. Clara Elder, duas ligações – disse, olhando para a tela.

E tratou de ouvir as mensagens de voz.

Malcolm a ouviu suspirar e viu que ela fechou os olhos ao se sentar na cama.

– Más notícias?

– Noivas histéricas e aos prantos não podem ser outra coisa.

Quando ouviu a segunda mensagem, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, pegou uma pastilha de antiácidos e tomou.

– Qual é o problema?

– Ela brigou com a irmã, que vai ser madrinha, por causa do vestido que escolheu para ela. A irmã odiou o tal vestido. Aí o noivo tomou o partido da irmã, o que resultou em outra briga séria, que fez o rapaz ir embora do apartamento. Preciso retornar essa ligação. Talvez demore um pouco.

– Tudo bem – falou Malcolm, dando de ombros, e tomou uns goles de água. – Vou ficar aqui só vendo como você resolve essa história.

– Grata pela confiança – retrucou ela, pressionando a tecla de chamada.

– Quer alguma coisa mais forte que água? – ofereceu ele.

Parker balançou a cabeça, negando.

– Clara, é Parker. Desculpe por não ter ligado antes.

Depois, ficou em silêncio. Nesse meio-tempo, Malcolm pôde ouvir nitidamente a voz histérica da noiva, embora não entendesse o que ela dizia. Uma voz esganiçada, cheia de

lágrimas de raiva.

Então, concluiu ele, a estratégia era deixar a outra despejar toda a sua raiva e todas as suas lágrimas em ouvidos acolhedores. Enquanto Clara esbravejava, Parker se levantou para abrir as portas da varanda. O ar fresco penetrou no quarto, com um leve perfume de noite. Malcolm adorou o jeito como ele fez o robe de Parker esvoaçar.

– Claro que está zangada – ouviu-a dizer num tom de solidariedade.

Ar fresco sobre ânimos acalorados, pensou ele.

– Só você consegue entender de verdade todo o estresse causado por tantas decisões e tantos detalhes. Claro que ficou magoada, Clara. Qualquer um ficaria. Mas acho que... A-hã. Ah.

E continuou fazendo esses sons agradáveis e apaziguadores enquanto foi fechar de novo as portas e voltou a se sentar na cama. Desta vez, apoiando a cabeça nos joelhos dobrados.

– Entendo perfeitamente e você tem toda a razão: é o seu casamento. É o seu dia. Tenho a impressão que Nathan quis ajudar... É, eu sei, mas temos que admitir, Clara, que os homens não entendem isso, não é verdade?

Virou o rosto para Malcolm, sorriu e revirou os olhos.

– E às vezes se metem numa situação e depois não fazem ideia de como sair dela. Acredito mesmo que Nathan estava tentando pôr panos quentes na sua briga com Margot. Afinal, ele não estava aguentando a ideia de ver você assim, tão aborrecida. Só foi desajeitado nessa tentativa.

Parker voltou a se calar e Malcolm pôde perceber que a voz da noiva tinha baixado vários tons.

– Não é que os detalhes não sejam importantes para ele. Só que você é mais importante. Foi estresse e raiva, Clara, de ambas as partes. Você sabe que ele a adora e ele também sabe como você e sua irmã são ligadas. Não – disse ela, erguendo os olhos para o teto. – Não acho que você estava *errada*.

Dirigindo-se a Mal, moveu os lábios, dizendo: *Acho, sim*.

– O que acho é que as emoções tomaram conta de todos. E, Clara, sei muito bem como ficaria triste se a sua irmã não estivesse ao seu lado no dia mais importante da sua vida. Óbvio que o vestido é importante. É muito importante. Acho que posso ajudá-las com isso. Por que não marcamos de nos encontrar na loja na semana que vem? Você, Margot e eu. Tenho certeza que vou conseguir encontrar algo que deixe as duas felizes.

Mais uma vez, ficou só ouvindo, fazendo um ou outro som tranquilizador e conduzindo a solução com voz branda.

– Isso mesmo. Por que não liga para Nathan agora? É, eu sei, mas pense como ambos vão ficar felizes quando desfizerem essa briga. O vestido é importante, mas nada é mais importante que o fato de você e Nathan começarem uma vida nova juntos... Sei que vai – disse Parker, rindo. – Tenho certeza. Vejo você e Margot na terça. É para isso que estou aqui. Boa noite.

– Bom trabalho!

Parker deixou o ar sair com força dos pulmões.

– Ela quer que a irmã use verde-chá, cor que ela detesta. Diz que fica abatida. E, como conheço Margot, sei que é verdade.

– Que diabos é verde-chá?

– É mais ou menos a cor do aipo. Uma boa irmã não devia querer que a sua madrinha parecesse abatida, mas uma boa madrinha enfia o rabo entre as pernas e usa o que a noiva escolher. São regras básicas do casamento. Resultado: a maior briga, que continuou por telefone, envolvendo a mãe delas, que, muito sabiamente, ficou de boca fechada. Aí, o pobre do noivo resolve acalmar os ânimos e diz à noiva furiosa que aquilo não tem tanta importância, que a madrinha pode escolher outro vestido. "O importante somos nós, querida." A essa altura, a noiva explode e por aí vai...

– Quer dizer que o problema todo é o aipo...

Parker riu.

– O aipo foi só o pivô. O problema é, na verdade, controle, poder, emoções, estresse e dinâmica familiar.

– Você conseguiu convencê-la a tentar outro vestido e a ligar para o sujeito sem dizer em momento algum que ela era uma imbecil.

– É a minha função. Além do mais, ela não é exatamente imbecil. Só ficou obcecada por detalhes que devia deixar por minha conta.

– E é por causa desses detalhes que você guarda antiácido na mesinha de cabeceira?

– Eles ajudam quando noivas furiosas ligam chorando no meio da noite. – E, pondo o cabelo para trás, acrescentou: – Tenho que acordar cedo amanhã.

– Quer que eu vá embora?

– Não. Mas se ficar, precisa saber que tenho de acordar bem cedo.

– É ótimo, porque eu também.

Malcolm pôs a água no chão e esticou o braço para jogar o cabelo de Parker de novo sobre os ombros.

– Por que não tentamos um segundo round um pouco mais delicado?

– É, por que não? – replicou ela, passando os braços pelo seu pescoço.

Malcolm abriu um dos olhos quando ouviu o bipe. Ainda estava escuro. Sentiu Parker se espreguiçar ao seu lado e se virar para desligar o despertador.

– Devia ter perguntado o que significava "cedo"... – murmurou.

– O dia está cheio hoje e quero malhar antes de começar a trabalhar.

Então ele abriu os dois olhos para ver o relógio. Cinco e quinze. Podia ser pior.

– Não seria mau malhar um pouco. Da próxima vez, trago roupa para isso.

– Tem aqui, se quiser usar a sala de ginástica.

– Não acho que as suas roupas caibam em mim...

Parker acendeu a luz no nível mais fraco. Levantou-se e, com o robe esvoaçando ao seu redor, dirigiu-se a outra porta.

– Só um minuto.

Passado esse minuto, em que ele chegou a pensar em mais meia hora de sono, ela voltou trazendo uma camiseta cinza, um short de ginástica e meias.

– Isso é do Del?

– Não. Sempre tenho várias coisas guardadas para os hóspedes.

– Tem roupas para os hóspedes?

– Claro – respondeu ela, pondo sobre a cama o que trouxera. – E, como pode ver, é um hábito bem útil. A menos que essa história de malhar tenha sido só da boca para fora.

– Que tal me dar mais cinco minutinhos?

Parker levou pouco mais que isso para vestir uma regata vermelha muito sexy e uma calça que batia pouco abaixo do joelho. Fez um rabo de cavalo. Prendeu o celular no cós da calça.

– Quantas vezes por semana você malha esse corpinho, Pernas?

– Sete.

– Na minha opinião, está valendo a pena – disse ele, dando-lhe uma palmadinha no bumbum que a fez pestanejar. – Em homenagem ao tio Henry.

Rindo, Parker o levou até a sala de ginástica.

Malcolm parou na porta. Já vira os equipamentos que eles tinham na casa de praia nos Hamptons, mas, comparados a isso, aquilo lá não era nada.

Duas esteiras, um elíptico, uma bicicleta reclinada, um aparelho para musculação, vários pesos, um supino... Isso sem contar a imensa TV de tela plana e a geladeira com porta de vidro contendo garrafas de água e de suco. Observou que havia também toalhas, todas elas muito bem dobradas, lenços umedecidos com álcool, uma vista e tanto.

– Prático – disse Mal. – E eficiente.

– Há anos que Laurel e eu usamos essa sala regularmente. Já Emma e Mac aparecem de vez em quando. Mas, de uns tempos para cá, o lugar tem sido mais concorrido. Acho que vamos acrescentar mais um elíptico e uma bicicleta. Talvez até um aparelho remador. Então – prosseguiu ela pegando uma toalha –, fico em dia com o noticiário enquanto corro uns 3 quilômetros, mas se quiser ouvir música, tem uns iPods ali.

– Não duvido. Vou correr com os fones.

Era um mundo diferente, pensou Malcolm ao subir numa esteira. Não dava nem para comparar com o que tinha em casa. Tudo muito elegante, é claro, mas muitíssimo eficaz. E ele adorava eficiência.

Além do mais, era moleza correr assim, com Parker ao seu lado.

Correu uns bons 5 quilômetros antes de ir para os pesos. Ela estava usando o aparelho de musculação e os dois ficaram ali, suando, num silêncio cúmplice.

Depois, Malcolm foi até a geladeira pegar água e Parker desenrolou um colchonete. Começou então a fazer alguma coisa como ioga e parecia flutuar de uma postura complicadíssima para outra.

– Algum dia precisa me mostrar como se faz isso.

Ela se ergueu de uma posição em que o seu corpo estava praticamente dobrado ao meio e passou para algo que parecia um agachamento longo e fluido.

– Tenho um DVD para principiantes que é muito instrutivo.

– Ótimo, mas acho que vou querer você como instrutora. Como você é linda, Parker! Vou tomar uma chuveirada, OK?

– Eu... Claro. Daqui a uns quinze minutos também vou.

– Não se apresse.

Ele saiu da sala com a mente tomada pela imagem de Parker e avistou Del, que vinha malhar usando um moletom. Del parou, ficando imóvel de um jeito quase cômico.

Lá vamos nós, pensou Mal, mas seguiu em frente e disse apenas:

– E aí!

– E aí?! – exclamou Del, de olhos arregalados. – É só o que tem a dizer?

– Bela sala de ginástica. Dormi com a sua irmã e pode partir para cima de mim, como fez com Jack por causa de Emma. Mas isso não vai mudar nada. Nem vai me impedir de dormir com ela de novo.

– Puta que pariu, Mal!

– Eu lhe contei o que estava acontecendo e não a forcei a nada. E olhe que essa parte não foi fácil. Ela é a mulher mais incrível que já conheci, e isso sob qualquer aspecto. Se não estiver gostando dessa história, Del, vou lamentar muito, mas, mesmo assim, repito: não vai mudar nada.

– Só me diga quais são as suas intenções, porra.

– Meu Deus! – exclamou Mal, passando a mão pela cabeça. – Está falando sério? Minhas intenções são estar com ela o máximo de tempo que puder, na cama e fora dela. Ela é linda, inteligente e divertida, mesmo quando nem tenta ser. E, que diabos, ela me fisgou.

Del levou alguns instantes andando de um lado para o outro.

– Se você aprontar, se deixar Parker infeliz, não vou só lhe dar um soco.

– Se eu ferrar com essa história, não vai precisar me dar soco nenhum. Parker já terá me derrubado.

Deixou o amigo resmungando e seguiu seu caminho para o chuveiro. Estava acabando de se vestir quando Parker entrou.

– Será que devo pedir desculpas por meu irmão?

– Não. Se eu tivesse uma irmã, talvez esmurrasse primeiro e só fosse fazer perguntas depois. Está tudo bem.

– A nossa relação é mais complicada que a da maioria dos irmãos. Quando os nossos pais morreram, ele... Del se sentiu responsável por mim, por todas nós, mas principalmente por mim.

– Eu entendo, Parker. E não posso culpá-lo. Além do mais, ele é assim mesmo e é desse jeito que é meu amigo. Ele lhe passou um sermão?

Desta vez, ela sorriu.

– Do jeito dele. E fiz o mesmo, do meu jeito. Está tudo certo. Ele também é seu amigo, Malcolm.

– Verdade. Então acho que devemos esclarecer essa história aqui e agora, antes que a gente vá mais adiante, seja lá aonde for. Não ligo a mínima para dinheiro.

Os olhos de Parker ficaram gélidos. Ninguém era capaz de demonstrar tanto desprezo quanto Parker Brown.

– Nunca achei que ligasse. Nem Del.

– Esse assunto vai acabar surgindo, portanto acho melhor encará-lo de uma vez por todas.

Vocês têm um lugar incrível, e não estou só me referindo à casa. O seu lugar no mundo, Parker. Respeito o tempo, o esforço, as decisões inteligentes que valeram esse espaço à sua família. Mas também conquistei o meu e gosto dele. Cuido de mim e da minha mãe porque é àquele lugar que eu pertenço. Não vejo dinheiro, status, pedigree ou seja lá o que for quando olho para você. Só vejo você, e precisa saber disso.

Como na noite anterior, ela abriu as portas da varanda e deixou que o ar entrasse. Virou-se para ele.

– Acha que estou me divertindo com você por ser rica?

Malcolm a fitou por um instante. Não parecia apenas zangada, mas também um pouco magoada. Como acontecera com relação a Del, lamentava isso, mas nada mudaria.

– Não. Você está muito acima disso. É algo que vejo muito claramente. Só queria garantir que tivéssemos essa clareza de ambos os lados.

– E parece que temos.

– Você ficou meio brava – disse ele, aproximando-se. – Mas sei que vai passar. Quer ir ver um filme hoje? Estão passando umas coisas de Hitchcock. Acho que hoje é *Difamação*.

– Não sei se...

– Bom, ligo mais tarde para saber em que pé estamos.

– Você está convidado para tomar café da manhã na cozinha – disse Parker com o tom mais civilizado do mundo.

– Parece ótimo, mas tenho que ir.

Mal a agarrou, simplesmente a agarrou, e lhe deu motivos para lembrar do que havia entre eles.

– Vejo você mais tarde – acrescentou, dirigindo-se para a porta.

Olhou para trás e a viu parada, diante da porta aberta, com o céu e as árvores às suas costas.

– Pare com os antiácidos, Pernas.

capítulotreze

AQUELE EVENTO ERA PESSOAL. Sherry Maguire era sua amiga e, ainda por cima, irmã de Carter, o que a tornava parte da família. Além da força e da intimidade da relação, o fato de Carter ter substituído Nick em janeiro, nas reuniões preparatórias para o casamento, fora o que o aproximara de Mac.

Portanto, na opinião de Parker, era um casamento que não tinha apenas de transcorrer sem nenhum incidente (ou pelo menos, nenhum que fosse notado), mas entrar para a história. A Votos daria a Sherry e Nick o dia e as lembranças que eles guardariam pelo resto da vida.

E, muito objetivamente, Parker enxergava aquele casamento como uma prévia do de Mac, que aconteceria em dezembro.

Muitos dos convidados seriam os mesmos, pensou ela ao passar em revista todas as áreas onde aconteceria o evento. O que ela planejava era dar uma festa perfeita para seus clientes, amigos e família e, ao mesmo tempo, aguçar seus apetites para o casamento de sua sócia e amiga de infância.

Não era a primeira vez que uma delas, ou todas as quatro, além de organizadoras, eram convidadas, então tinham milhares de cartas nas mangas para conseguir dar conta do recado.

Percebeu que Emma já dominava a técnica de trocar de roupa rapidamente. Já tinha tirado o terninho que usara à tarde e agora trabalhava com a sua equipe retirando os arranjos formais de rosas e lírios brancos, as guirlandas em branco e ouro velho, os pedestais de mármore e as floreiras. Vestia um jeans cheio de bolsos, tênis e um casaco de moletom.

E voltaria a se trocar, pensou Parker, na ala da família, para o casamento da noite.

O ambiente que Sherry queria começava a tomar forma com as gérberas cor-de-rosa grandes e alegres, as zínias do tamanho de pires em cores ousadas e vivas, o tom suave, quase diáfano, das rosinhas em miniatura. Flores abarrotavam imensos cestos brancos, derramavam-se e caíam de vasilhas enormes, formando um conjunto elegante e divertido.

Nada de formal ou estudado. Não para Sherry, observou Parker.

Foi ajudar no trabalho, levando arranjos para a suíte da noiva, instalando-os, de acordo com as instruções recebidas, em meio às velas que já estavam ali. Veio descendo a escadaria principal encantada com a mescla de renda e um verdadeiro arco-íris de rosas em miniatura.

Aquilo tudo era a cara de Sherry, pensou: doce, divertido e feliz.

De onde estava, via Jack e Carter ajudarem Tink a transformar a pérgola numa moldura de flores coloridas. Estremeceu ao perceber que Carter estava no alto de uma escada. Ele não era exatamente famoso por sua coordenação motora.

– Vai ficar lindo. Será que você podia descer aqui, Carter, e me dar uma mãozinha?

– Já estou quase acabando.

Parker prendeu o fôlego, tentando não pensar em tornozelos ou braços quebrados quando ele se debruçou para prender uma grinalda. Ele errou um degrau quando descia, mas conseguiu não ter maiores problemas que bater com o cotovelo.

– Ficou bonito, não acha? – perguntou ele, dirigindo-se a Parker.

– Ficou fantástico. E é a cara de Sherry.

– Estou nervoso – confessou ele, tirando os óculos que pusera para ver de perto e guardando-os no bolso. – Não imaginei que ficaria. O ensaio de ontem correu tão bem... Tudo foi tão fácil e divertido... Mais uma vez, mil vezes obrigado por ter conseguido fazer com que Di participasse. Na verdade, ela adorou.

– É parte do meu trabalho.

– Preciso me manter ocupado – disse ele, tirando as mãos dos bolsos e voltando a enfiá-las ali. – Caso contrário, vou ficar pensando o tempo todo que a minha irmã caçula vai se casar.

– Bom, posso lhe fazer esse favor. Estou até aqui de trabalho. Se puder, pegue essa lista e verifique tudo com o fornecedor. Assim me libera um pouco e acalma os seus nervos.

E os meus também, pensou ela, já que ele não teria que subir em mais nenhuma escada.

– Claro. Viu Mac por aí?

– Ela está ajudando com a ornamentação do solário, mas vou ter de interrompê-la logo, logo.

Antes, porém, foi ajudar as pessoas que estavam prendendo buquês nas cadeiras cobertas de tecido branco. Tiveram sorte com o clima, pensou, estava ótimo para um casamento ao ar livre. Quando o sol se pusesse, a temperatura cairia bastante, mas os aquecedores externos garantiriam o conforto dos convidados que quisessem permanecer nas varandas.

E, com uma última olhadela, observou que as árvores estavam tão viçosas e coloridas quanto as flores de Emma. Depois de verificar as horas, correu lá para dentro para ver como andava o trabalho de Laurel. E, é claro, para tomar uns golinhos de café.

A noiva e seu cortejo deviam chegar em quinze minutos.

– Por favor, diga que tem café fresco e que você já... Ah, Malcolm.

– Oi, Pernas. – Ele parou de pôr os magníficos cookies de Laurel numa bandeja e olhou Parker de alto a baixo. – Visual novo. Gostei.

Ela estava com um avental branco sobre o vestido azul que havia escolhido para o casamento. Não teria tempo de se trocar mais tarde. E, em vez dos sapatos de salto, usava sapatos baixos de camurça. Claro que aquilo ficava muito aquém da sua melhor apresentação, pensou Parker, mas era prático. Já ele, por outro lado, estava com um terno escuro, uma camisa imaculadamente branca e uma gravata com listras discretas.

– Você também.

Percebeu que nunca o tinha visto de terno. Tinham se encontrado quase todas as noites da semana, dormido juntos, e ela ainda não sabia se ele tinha um terno ou não.

– Botei Malcolm para trabalhar – disse Laurel, que estava trepada num banquinho, dando os últimos retoques no bolo de cinco andares. – Del me abandonou. Bela apresentação – acrescentou, dirigindo-se a Malcolm. – Acho que vou contratá-lo.

– Mas continua não confiando em mim para confeitar.

– Um passo de cada vez!

– Laurel! – exclamou Parker, chegando mais perto. – Este bolo é tão... incrivelmente feliz!

O bolo era uma sequência de andares quadrados cheios de cores, com uma combinação de flores de verdade e de pasta americana no topo.

– É uma maravilha! Por dentro e por fora. Mas acho que o meu detalhe favorito é esse enfeite e, aí, o mérito é todo seu, minha senhora.

– Ela não queria nada comum, nem formal. – E como aquele casal sorridente se acabando de dançar no alto do bolo a faziam sorrir! – Sem dúvida a artista soube retratá-los.

– E vamos começar a receber pedidos para noivinhos personalizados assim que este aqui aparecer no salão.

– O que vai acontecer logo, logo. Tenho que...

– Café? – ofereceu Malcolm estendendo-lhe uma xícara.

– Ah, obrigada.

– Ele é bem prestativo – observou Laurel.

– É da minha natureza... Quer mais alguma coisa?

– Na verdade, estamos bem... Droga! – exclamou Parker, dando umas batidinhas no fone de ouvido. – Ela acabou de chegar. Está adiantada. A mulher está sempre atrasada e resolveu chegar cedo hoje?

Enquanto falava, arrancou o avental, tirou os sapatos de camurça e calçou os de salto que tinha deixado ali com Laurel. Tirou um gloss do bolso e o passou nos lábios, já correndo para a porta.

– Como é que ela consegue fazer isso? – perguntou Malcolm.

– Multitarefas. É da natureza de Parker Brown – falou Laurel ao descer do banquinho. – Vocês dois combinam muito bem.

– Acha mesmo?

– Ela está feliz, mas também está confusa. Várias coisas a deixam feliz. Planilhas, por exemplo, sabe-se lá por que motivo misterioso. Mas existem pouquíssimas coisas que a deixam confusa.

Laurel se calou por um instante para tomar um gole de água de uma garrafinha.

– Sou amiga dela desde sempre e acho mesmo que vocês dois combinam muito bem. Por isso, se aprontar com ela... e tenho certeza que já ouviu isso de Del, mas, se aprontar com ela, vai se haver conosco. Sabe os Borg, de *Jornada nas estrelas*? Para esse tipo de coisa, somos iguais a eles.

– Resistir é inútil?

– Gosto de você de verdade, Mal – disse ela, abrindo um sorriso rápido e radiante. – Por isso espero não ter que machucá-lo.

Ele também.

Com Parker ocupada ajudando a noiva, Malcolm ficou livre para ir aonde quisesse. A essa altura, já tinha presenciado inúmeros eventos e lhe ocorreu que aquelas quatro mulheres e seu exército de ajudantes sempre conseguiam fazer com que cada um deles fosse único. O cronograma de Parker podia ser rígido, porém tudo o mais refletia a personalidade do cliente. E, pelo que tinha observado, também ficavam óbvios todo o tempo e o suor necessários para fazer

tudo aquilo.

Encontrou Del, Jack e Carter no bar do solário.

– Era exatamente o que eu procurava.

Del apoiou sua cerveja no balcão.

– Estamos mantendo a sanidade de Carter.

– Ah, é? E o que está bebendo, professor?

– Chá. Um ótimo chá de ervas.

– Meu Deus! A sua irmã vai se casar e você toma essa coisa de mulherzinha?

– Isso mesmo. Preciso vestir um smoking e acompanhar pessoas, inclusive a minha mãe, até o altar. Tenho que fazer um brinde. E vou estar sóbrio.

– Ele está apavorado – comentou Jack.

– Está na cara. Se está apavorado porque sua irmã vai se casar, como é que vai ficar quando for a sua vez?

– Por enquanto, não estou nem pensando nisso. Primeiro tenho que enfrentar o dia de hoje. Estaria melhor se pudesse ficar lá em cima, ajudando Mac, mas Sherry não quis. Só preciso... – Carter parou de falar. Pegou o bipe que trazia no bolso. – Ah, é a minha vez. Quer dizer, é a vez do Nick. Eles chegaram. Tenho que ir para lá.

Tomou o resto do chá de um só gole, como se fosse remédio.

– Vou ficar bem – acrescentou, resoluto, já indo embora.

– Vamos deixá-lo bêbado mais tarde – disse Del.

– Mal posso esperar – falou Malcolm e, erguendo sua garrafa, brindou com os outros dois amigos.

Estava tudo perfeito, pensou Parker. O riso de Sherry enchia a suíte enquanto ela e suas acompanhantes se vestiam. Sua alegria foi altamente contagiosa e forneceu a Mac inúmeras fotos de pessoas posando, rostos felizes, abraços e da noiva se rodopiando com exuberância diante do espelho.

Brotaram algumas lágrimas quando Pam Maguire ajudou a filha a ajeitar o arranjo de cabeça e quando Michael entrou e olhou pela primeira vez a sua garotinha vestida de noiva.

– Sherry! – Ele parou para pigarrear. – Você está deslumbrante.

– Papai!

Sem soltar a mão da mãe, ela estendeu a outra para o pai e trouxe os dois para perto de si. Voltada de novo para o espelho, com os braços em volta dos pais, ela estava radiante como o sol.

– Olhem só para nós!

Olhem só mesmo, pensou Parker enquanto Mac capturava aquele momento. Estavam lindos, felizes e juntos. Sentiu uma pontada de dor, só uma pontadinha, por algo que jamais teria. Aquele momento nunca aconteceria para ela. Respirou fundo, afastou esses pensamentos e avisou:

– Está na hora.

A noiva entrou sorrindo, precedida de suas encantadoras madrinhas. Quando chegou perto do noivo, cujo queixo havia caído ao vê-la, ele abriu um sorriso. Sherry estendeu a mão para segurar a dele e riu.

E Parker disse para si mesma: É, está tudo absolutamente perfeito.



– Foi a melhor festa de todos os tempos – declarou Mac. – Exatamente o que foi pedido. Como vamos conseguir superar isso? – falou ela e apoiou a cabeça no ombro de Carter.

Os outros não tinham conseguido deixá-lo bêbado. Carter se esquivara, resistira e, agora, estava desabado no sofá da sala de visitas, com dois dedos de uísque na mão.

– Ela estava radiante.

– Estava mesmo.

– E que diabo de bolo gostoso! – exclamou Malcolm, pegando mais um pedacinho. – É a minha parte favorita desses eventos.

– Aí está um homem de bom gosto – disse Laurel com um bocejo. – O de amanhã é de ganache de chocolate.

– Será que vou gostar?

– Vai. A menos que fique louco antes. Me reboque daqui, Del. Estou tão exausta...

– Eu também – completou Emma, que, de olhos fechados, se aconchegou a Jack. – Será que não posso dormir aqui?

Jack se levantou e pegou-a no colo. Emma sorriu, sonolenta, e passou os braços em torno do pescoço dele.

– Adoro quando você faz isso.

– Você está merecendo uma carona. Boa noite, gente.

– Já eu estou a mil... Vou dar uma olhada em algumas fotos antes de deitar. – E, cutucando Carter, acrescentou: – Vamos, belezura. Venha comigo para você poder elogiar a minha genialidade.

Ele conseguiu se levantar.

– Parker, obrigado por dar à minha irmã um dia que nenhum de nós vai esquecer.

– Ah, Carter...

Emocionada, ela se levantou, chegou perto dele e o beijou no rosto.

– Prometo que você e Mac vão ter exatamente a mesma coisa.

E ficou olhando os dois se afastarem.

– Dá para ver as engrenagens girando – observou Malcolm.

– Tive mesmo umas ideias hoje. Vamos ver se consigo pôr todas em prática.

– Se existe alguém capaz disso... – Malcolm fez uma pausa. – E eu, fico?

– Eu iria gostar – respondeu Parker, estendendo a mão para ele.



Numa tarde fria de outono, com o vento empurrando as nuvens pelo céu e espalhando folhas coloridas pelo gramado, Parker convocou uma reunião para o meio-dia.

Tentando melhorar o clima, acendeu a lareira, já que sempre havia lareiras estalando e reluzindo na biblioteca nos dias frios do outono. E, enquanto as chamas começavam a arder, ela foi até uma das janelas olhar o terreno à sua frente, as árvores que balançavam, a água cinzenta e agitada do lago.

Não era comum Parker se perguntar que rumo sua vida estaria tomando. O mais frequente era concentrar toda a sua atenção nos detalhes, nos planos, nas contingências, nas necessidades, nos desejos e nas fantasias de outras pessoas. Talvez fossem os contrastes do dia, aquele céu suave e sombrio contra as árvores ainda brilhantes. As folhas soltando-se para dançar e rodopiar no ar enquanto os crisântemos e os ásteres teimavam em florescer.

Tudo parecia ter feito uma pausa à espera de mudanças, mas e ela? Mudanças tinham muito a ver com perdas e ganhos, abrir mão de alguma coisa para atingir outra, nova e diferente. E, precisava admitir, ela dava muito valor à rotina, à tradição e até mesmo à repetição.

Rotina equivalia a segurança, proteção, estabilidade. Ao passo que era em terreno instável que em geral nascia o desconhecido.

E essa, percebeu, era uma forma de pensar tão sombria quanto estava o céu. O mundo estava se abrindo, disse a si mesma, não se fechando. Nunca tinha sido covarde; nunca tivera medo de pisar em terreno instável.

A vida tinha mudado, e era para ser assim. Suas três maiores amigas iam se casar, dar início a uma nova fase da vida. Um dia, imaginava, o gramado estaria cheio de crianças como agora estava de folhas coloridas. As coisas eram assim mesmo.

Era para isso que servia um lar.

A empresa estava se expandindo. E se, naquela reunião, todas concordassem, a Votos ia se expandir ainda mais, abrangendo novos campos.

E havia Malcolm – que era, não podia deixar de admitir, o cerne daquela tensão e inquietude que sentia. Ele era uma mudança, e que mudança! Parker não sabia dizer se ele tinha entrado sorrateiramente na sua vida ou arrombado as portas a pontapés, portas que ela pensava estarem muito bem trancadas.

Quase sempre, pensou, tinha a impressão de que eram ambas as coisas.

De uma forma ou de outra, ele tinha entrado, e Parker ainda não sabia ao certo o que esperar dele. Um amante carinhoso e, ao mesmo tempo, selvagem e insaciável; um companheiro divertido e, de repente, alguém que a enchia de perguntas que tanto a faziam pensar de um jeito habitual quanto instigavam pensamentos inteiramente novos. Homem de negócios sagaz, filho dedicado, *bad boy*, o que corria riscos.

Ele possuía todas essas facetas e Parker sentia que mal tinha começado a compreender cada uma delas.

Apreciava a sua curiosidade inata e a sua habilidade para obter informações, histórias, conexões. Percebera que, com isso, Malcolm aprendia muito sobre as outras pessoas.

Mas era tão comedido em termos de informações pessoais que chegava a ser frustrante.

Quase tudo o que sabia a respeito dele vinha de outras fontes. Malcolm tinha o dom de sair

pela tangente sempre que ela fazia alguma pergunta sobre sua infância, sobre sua chegada à Califórnia e até mesmo sobre a sua recuperação depois do acidente que o trouxera de volta para casa.

Se o relacionamento dos dois tivesse ficado num nível superficial, essas reticências não teriam a menor importância. Mas não tinha sido assim e, portanto, aquilo importava, claro. Importava porque ela havia passado pela fase do interesse, mergulhado na da atração, ardido na do desejo, percorrido a do afeto e, agora, estava escorregando para o amor, de um jeito que não podia controlar.

E não estava muito feliz com isso.

A chuva começou a cair em gotas finas, miúdas, no instante em que Laurel chegou trazendo uma bandeja bem grande.

– Se vamos ter uma reunião a essa hora do dia, é melhor comermos alguma coisa.

Deu uma olhada em Parker quando pousava a bandeja na mesa.

– E não é que você parece pensativa e inquieta?

– Talvez seja apenas fome.

– Isso nós podemos resolver. Temos aqui uns lindos sanduíches bem femininos, frutas da estação, palitos de cenoura e de aipo, batatas chips e *petits fours*.

– Isso deve bastar.

– Que ótimo! – exclamou Laurel, mordendo uma batata. – Lareira acesa numa tarde chuvosa. Também é ótimo descansar um pouquinho.

Serviu-se de um chá e se sentou.

– O que está havendo?

– Umas coisinhas.

– Umas coisinhas tipo “vou lhe contar” ou umas coisinhas tipo “tenho uma proposta, vamos discuti-la por partes”?

– Acho que o último.

– Então preciso de um sanduíche.

Mac e Emma chegaram juntas, na hora em que Laurel fazia seu prato.

– Então, escolhemos isso junto com pequenos copos-de-leite amarelo-manga para as lapelas – disse Mac, nitidamente continuando a conversa que vinham tendo. – E você vai espalhá-las pelos buquês e pelos arranjos. Tudo misturado, mas uma aqui, outra ali.

– Isso mesmo.

– Acho que prefiro assim. Estou fazendo uma consulta com a florista do meu casamento – acrescentou ela, dirigindo-se agora a Parker e a Laurel. – Ela é brilhante!

– Ah, sou mesmo! Nossa, que gracinhas de sanduíches...

– Também sou brilhante – retrucou Laurel. – Se ainda estiver na pele da florista, Emma, andei pensando em usar cores refrescantes, como sorvetes de fruta.

– Não vai me fazer usar framboesa – exclamou Mac, puxando mechas do cabelo bem ruivo.

– Eu bem que poderia fazer isso, mas, além de brilhante, também sou boazinha. Estava pensando em limão. Vocês três vão ficar ótimas num tom de limão bem claro. Quem sabe em chiffon? Talvez seja clichê: chiffon limão, casamento no verão, mas...

– Fica bom. E se for um tom claro, funciona bem na decoração – observou Emma. – Usar lampejos de um azul bem forte, fileiras de verdes meio menta... Manter tudo suave, porém saturado, e com uns toques inesperados de cores mais fortes.

– Quero fazer suas fotos de noivado na semana que vem – avisou Mac, dirigindo-se a Laurel.

– Ainda não decidimos como queremos que sejam.

– Eu já – rebateu Mac e mordeu um palito de cenoura. – Na cozinha.

– Por falar em clichê... – comentou Laurel com ar emburrado.

Mac se limitou a apontar para ela com a cenoura.

– A bancada repleta de doces, bolos e biscoitos fantásticos. Você e Del diante dela. Quero Del sentado num banquinho e você com seu avental e seu gorro de chef.

– Seria o cúmulo do glamour! – retrucou Laurel com a cara mais emburrada ainda.

– Sabe o que vai acontecer depois que eu tiver feito o meu trabalho, ó criatura de pouca fé? As fotos vão ficar sexy, lindas, irreverentes, únicas.

– Mac tinha razão quando propôs fazer as nossas no jardim – observou Emma. – Ficamos maravilhosos e bem sexy.

– Também sou brilhante, mas ajudou muito o fato de você e Jack já serem maravilhosos e sexy. Portanto...

Mac se deixou cair numa cadeira.

– E então? Qual o motivo disso? – perguntou a Parker, e suas sobrancelhas se ergueram quando ela viu o sorriso no rosto da amiga. – E qual o motivo disso aí?

– É engraçado... É engraçado ouvir vocês todas falando de planos para o casamento. Para o casamento de vocês. Mac, pedi a Monica e a Susan, da loja de noivas, para ficarem por aqui no dia do seu. Tipo banco de reservas. Elas são inteligentes, capazes e têm muita experiência. E, se aparecer alguma coisa a ser resolvida durante a cerimônia, não vou ter que pedir licença e sair correndo.

– Ah, boa ideia.

– O que faz de nós um quarteto brilhante. Elas também vão ajudar com os convidados enquanto estivermos lá em cima, na suíte da noiva. Emma, sei que tem toda uma equipe, mas...

– Concordo com você – atalhou Emma. – Não vou estar disponível para a ornamentação e não poderemos contar com a ajuda de Carter, de Del nem de Jack. Estou pensando em duas floristas com quem vou trabalhar em alguns eventos que teremos pela frente. Se forem boas como acho que são, vou chamá-las para compor a minha equipe no dia do casamento de Mac. Vamos precisar de ajuda extra, mas tem que ser de gente experiente, para o casamento Seaman, em abril, além do meu e do de Laurel.

– Ótimo. E você, Laurel?

– A mesma coisa. Perguntei a Charles, o chef doceiro do Willows, se ele poderia trabalhar comigo no casamento de Mac. Já comentei com você como ele é bom. E Charles ficou empolgadíssimo. Vou ter que conseguir uma folga para ele, mas sei lidar com Julio – acrescentou ela, referindo-se ao temperamental chef do restaurante.

– Acho que essa parte está garantida – disse Parker. – Precisamos fazer algumas reuniões para discutir nossa estratégia e todo esse pessoal extra vai ter de conhecer os espaços onde os eventos

acontecem, além de aprender nosso sistema de trabalho. Mac, já comecei a fazer o cronograma do seu casamento.

– Meu cronograma – repetiu ela, e sorriu. – Parker fez um cronograma para mim.

– É diferente dos que costumo fazer, porque é você e porque somos nós. No ensaio vamos resolver qualquer problema de tempo e, aliás, também queria conversar com você sobre isso. O jantar de ensaio...

– Pensamos em fazer reservas no Willows, só que...

Parker fitou Mac nos olhos, interpretou o que havia ali e sorriu.

– Estava mesmo esperando por isso.

– Claro! – exclamou Emma batendo palmas, pois havia entendido aquela troca de olhares. – Faça aqui. É perfeito.

– Também acho – observou Laurel. – Apesar do trabalho extra, da limpeza e tal, é simplesmente perfeito.

– Combinado?

Mac estendeu o braço por cima da mesa e apertou a mão de Parker.

– Combinado.

– Novos negócios – anunciou Parker. – Na verdade, é algo novíssimo. Recebi um telefonema de Katrina Stevens. Só para refrescar a memória de vocês: ela foi uma das nossas primeiras noivas. Uma loura alta e bem magra, com um riso exagerado. Acho que uma das suas madrinhas foi a primeira a transar com um dos padrinhos do noivo na suíte da noiva.

– Ah, eu lembro! – exclamou Mac, erguendo a mão. – A mulher tinha, brincando, mais de 1,80 metro e ainda usava uns saltos altíssimos que acrescentavam a isso uns bons 10 centímetros. O noivo devia ter uns 2 metros. Os dois pareciam deuses nórdicos.

– Palácio de Prata, com seis andares – acrescentou Laurel, falando do bolo.

– Rosas brancas e copos-de-leite roxos – disse Emma.

– Ela e Mica estão se divorciando.

– Não dá para ganhar sempre – disse Laurel. – Mas é uma pena. Eles formavam um casal impressionante.

– Aparentemente, ao menos pelo que diz Katrina, Mica não se importava a mínima com o que os outros pudessem pensar. Quando ela o pegou demonstrando isso de forma muito sexual com uma das suas clientes, botou o marido para fora de casa. Houve umas idas e vindas, separação, reconciliação, nova separação. Agora acabou. O divórcio deve sair no final de fevereiro. E ela quer fazer uma festa de divórcio. Aqui.

– Uma festa de divórcio? – Emma fez um muxoxo. – Isso não parece nada legal.

– Acho que Katrina não pretende ser legal com Mica, mas, pelo jeito, ela parece estar se sentindo renovada e feliz. Meteu essa ideia na cabeça e quer comemorar o que está chamando de novo começo de vida. E quer fazer isso aqui, em grande estilo.

Parker pegou a garrafa de água que nunca ficava muito longe de sua mão.

– Expliquei a ela que não é o que fazemos, mas ela insistiu. Está decidida, disposta a reservar o espaço por um dia inteiro num dos nossos meses menos movimentados, sem contar com a loucura do Dia dos Namorados. Achei que devia pôr o assunto em discussão.

– Mas como é que vamos incluir esse tipo de evento no nosso site? – indagou Mac.

– Acho que um divórcio devia deixar as pessoas tristes ou furiosas – comentou Emma, que segurava uma xícara de chá e franziu o cenho. – Consigo imaginar a pessoa saindo, enchendo a cara com os amigos, mas uma festa me parece mesquinho.

– Trair a mulher é mais mesquinho ainda – observou Laurel.

– É, só que... – Emma fez um movimento com os ombros, demonstrando seu desconforto. – E logo aqui, onde eles se casaram...

– Talvez eu esteja sendo mesquinha, mas gosto do jeito de pensar de Katrina – falou Laurel, depois deu de ombros e mordeu um palito de cenoura. – É como se ela encerrasse um ciclo e, em vez de ficar enchendo o saco e se lamentando... vai ver até que já fez ambas as coisas... está marcando esse momento com comida, bebidas, flores, músicas e amigos. Não gostaria de nos ver fazendo esse tipo de festa sempre, mas acho que podemos considerar a possibilidade, já que se trata de uma cliente antiga.

– Quem sabe não podemos oferecer um pacote? – brincou Mac, mordendo um sanduíche. – Planejamos o seu casamento e, agora, vamos planejar o seu divórcio. Comemore com 10% de desconto.

– Eles têm filhos? – perguntou Emma.

– Não.

– Bom, já é uma vantagem, eu acho. – E, dirigindo-se a Parker, acrescentou: – Você ainda não disse qual é a sua opinião.

– Tive as mesmas reações que vocês tiveram, em graus variados.

Ela ergueu as mãos e voltou a deixá-las cair.

– Meu primeiro instinto foi dizer não. Depois, quanto mais ela ia falando, mais eu percebia a origem daquilo e por que ela queria. Mais tarde, afastei todos os instintos e reações e avaliei a coisa friamente. É trabalho, e não é problema nosso se um cliente quer contratar nossos serviços para comemorar o fim de um casamento ruim.

– O seu voto é sim?

– É, porque ela me disse que queria fazer a festa, marcar esse novo começo aqui, ainda mais porque o lugar ia fazê-la se lembrar daquele outro momento em que algo começou tão lindo, tão cheio de amor e de esperança. E acrescentou que isso ia ajudá-la a lembrar que não havia cometido um erro, só que as coisas mudaram e, agora, ela quer começar de novo, mas ainda acreditando no amor e na esperança. Enfim, ela me ganhou.

– Não há como não admirar essa coragem – observou Mac.

– Eu acompanho o voto de Parker e digo mais: se isso voltar a acontecer, devemos sempre considerar a questão caso a caso – falou Laurel e olhou ao seu redor. – Negócios são negócios, mas se a cliente só estiver querendo sacanear o ex, mesmo que ele mereça, não acho que esta casa seja o lugar adequado.

– Concordo – disse Parker. – E se eu tivesse percebido que era algo assim, teria descartado a hipótese logo de cara.

– OK – assentiu Mac. – Caso a caso.

– Vou votar com vocês – decidiu Emma. – Porque, ao que parece, ela está apenas fechando

uma porta e quer ver o que existe por trás de outras. Mas essa ideia ainda me deixa triste.

– Já que isto está resolvido, tenho outro assunto que deve animar todo mundo. Terminei o projeto do livro.

– Verdade?! – exclamou Emma. – Não sei se isso me deixa animada ou assustada.

– Vou mandar o arquivo para vocês por e-mail. Quero que editem, corrijam, façam sugestões, reclamem, se lamentem, digam que está uma droga. E, nas partes relativas ao trabalho que vocês realizam dentro da empresa, dobrem a dose de tudo isso. Como no caso do evento, esse projeto tem que ser algo com o qual todas concordem, que deixe nós quatro felizes. Todas temos que querer.

– O que tenho a dizer é que todas queremos – afirmou Laurel, que mais uma vez olhou ao seu redor à espera de confirmação. – Só que é um campo novo e às vezes a gente afunda onde não sabe pisar.

– Eu mesma tenho pensado muito nessa história de campo novo.

Com o cenho franzido, Parker fitou a garrafa de água.

– Novos passos, novos riscos. Quero acreditar que somos fortes e inteligentes o bastante para nos arriscarmos a dar esses passos num campo novo.

– Bom, pensando assim... – disse Laurel, soltando o ar com força pela boca. – Afinal, se der tudo errado, o que temos a perder, a não ser o ego?

– Vou escolher o otimismo em vez do fracasso – afirmou Emma. – Mal posso esperar para ver o que você já fez, Parker.

– Acho que a proposta tem potencial. Inseri algumas das fotos dos seus arquivos, Mac, pois elas mostram a sua capacidade. E, com as fotos do trabalho de Emma e de Laurel, a delas. Isso dá um gostinho, em termos visuais, do que fazemos.

– Eu fico meio entre o ego ferido de Laurel e o otimismo de Emma. E, dessa posição, quero muito ver o projeto.

– Ótimo. Quando tiverem terminado, quando estiverem prontas, voltaremos a discutir para ver quando ou se mandaremos o livro para um agente. Mais uma vez: se todas estivermos de acordo.

Ela expirou demoradamente.

– E pronto. Era isso.

– Eu gostaria que Carter desse uma olhada no projeto – acrescentou Mac. – Afinal, ele é professor de inglês, aspirante a romancista...

– Claro. Ele também pode editar, corrigir e assim por diante. Era tudo o que eu tinha a tratar com vocês. Alguém quer discutir alguma coisa, já que estamos aqui?

Emma levantou a mão.

– Eu quero. Quero saber o que está acontecendo entre você e Malcolm. O que está acontecendo *mesmo*, com detalhes.

– Apoiada – incentivou Laurel.

– E, mais uma vez, por unanimidade – disse Mac, debruçando-se um pouco sobre a mesa. – Vamos lá, Parks. Conte tudo.

c a p í t u l o q u a t o r z e

PARKER OBSERVOU OS TRÊS rostos à sua volta. Suas amigas, pensou. Não poderia viver sem elas. Não tinha como mandá-las cuidar da própria vida.

Bom, pelo menos não essas amigas.

– O que querem dizer com o que está acontecendo? Vocês sabem o que está acontecendo. Malcolm e eu estamos saindo e, quando os horários e os humores permitem, dormindo juntos. Querem que eu dê mais detalhes de nossas aventuras sexuais?

– Eu adoraria, mas deixe isso para nossa noite das meninas – aconselhou Laurel. – Regada a vinho e com a pizza da Sra. G.

– Pergunta número um – começou Mac, levantando o dedo. – Isso é pegação mútua, um *affair* ou um relacionamento para valer?

Parker se levantou e, ciente de que estava fugindo da pergunta, foi se servir de uma xícara de chá.

– Por que não podem ser as três coisas?

– Ora, pegação mútua é só para se divertir e se satisfazer. Um *affair* já é mais profundo, é um tipo de relação que pode ou não resultar em algo mais. Mas em geral é o que se tem até o tesão acabar e cada um ir para o seu lado – disse Emma.

Ela fez uma pausa e olhou para as outras ao redor da mesa, buscando aprovação.

– Já um relacionamento para valer é algo em que você se empenha, tem a ver com criar laços e mantê-los. Pode haver elementos tanto de pegação quanto de *affair* em um relacionamento para valer, mas ele é bem maior que a soma das partes.

– Ela deveria dar palestras sobre o assunto – elogiou Laurel e ergueu sua xícara para um brinde. – Quero dizer, segundo nossa especialista, a pergunta é: você está apenas se divertindo, está pensando se isso pode vir a ser algo mais ou está criando laços?

Parker decidiu que queria um *petit four*.

– O problema de vocês três é que todas *têm* um relacionamento. Mais do que isso: estão perdidamente apaixonadas e de casamento marcado. Então, estão me analisando a partir desse ponto de vista.

– O que não só evita a pergunta como praticamente a invalida. O que não é o caso – insistiu Mac. – Contamos umas às outras como nos sentimos. É o que sempre fizemos. Não contar o que está sentindo me faz entender que você ainda está tentando compreender essa história e talvez esteja um pouco preocupada. Não está pronta ainda. Tudo bem. Vamos esperar até que esteja.

– Isso é golpe baixo – reclamou Parker, franzindo o cenho e, dando uma mordida no bolinho, acrescentou: – Vamos esperar significa: porque somos amigas boas, sinceras e leais.

Mac também pegou um bolinho antes de arrematar:

– E funcionou?

– Trapaceira!

– Funcionou – observou Laurel, rindo. – E só Emma está se sentindo um pouco culpada. Mas isso passa.

– É só um pouquinho de culpa, mas acho que não devemos pressionar Parker se ela ainda não estiver pronta para falar conosco.

– Até você?

Emma desviou os olhos do olhar assassino lançado por Parker.

– Elas são más influências para mim.

– Está bem. A resposta mais simples é que não sei o que está havendo entre nós. Acho que ainda estou tentando compreender. Só estamos juntos há algumas semanas. Gosto do Malcolm. Me divirto com ele. É um homem interessante e inteligente, sem toda aquela pompa, aquele refinamento excessivo e aquela arrogância que, bem, acabam me irritando ou me aborrecendo. Ele sabe o que significa gerir um negócio e respeita o meu trabalho e o modo como o faço. Respeito o trabalho dele também, mesmo não sabendo direito o que ele faz. Acho que só com um pé de cabra conseguiria fazê-lo se abrir e falar sobre si.

– Você tem uma caixa de ferramentas bem completa, com pés de cabras de vários formatos, tamanhos e cores – observou Mac. – E sabe muito bem como usá-los para fazer as pessoas se abrirem.

– Pois parece que Malcolm não se enquadra nessas pessoas. Estou me referindo ao que há sob a superfície. Isso é que é frustrante, porque toda hora tenho vontade de dizer “OK, mas se aconteceu há muito tempo e não tem importância”, que são dois argumentos recorrentes dele, “por que não me contar?”, porque é óbvio que eu gostaria de saber. Mas aí, em vez disso, eu fujo do assunto porque acho que provavelmente *tem* importância e por isso ele não quer falar a respeito. Nessas horas, Malcolm redireciona a conversa, algo que faz muito bem, ou me faz rir, ou começamos a transar, e acabo sem saber nada. Além de tudo, ele é abusado.

Parker comeu mais um pedaço do bolinho e continuou falando com ele na mão.

– Malcolm tem uma atitude que eu não acharia atraente, que não deveria me atrair, mas ao mesmo tempo ele pode ser encantador e... tão espontâneo. Ele enxerga quem eu sou e as outras pessoas... não sei. Muitos homens não olham para a gente de verdade, mas ele olha, quer dizer, não só entende o que está sendo dito, ele entende quem fala. E isso é muito forte.

Parker pegou mais um bolinho.

– Como eu ia saber que essa combinação de força e espontaneidade mexeria tanto comigo? É sério: não tinha como estar preparada para algo assim.

– Hum – fez Laurel, lançando um olhar para as outras duas amigas e erguendo as sobrancelhas.

– Exatamente – falou Parker, que mordiscou mais um pedaço. – Por outro lado, ele me interrompe um monte de vezes quando tento explicar algo ou expor meu ponto de vista, o que me faz perder a linha de raciocínio. Ou seja, é óbvio que não tenho como saber o que se passa dentro desse homem tão evasivo. Ele é evasivo – repetiu ela, pegando mais um bolinho. – O que foi? – perguntou para as amigas que a encaravam.

– Você já comeu cinco *petits fours* – disse Mac. – Está indo para o sexto.

– Não comi nada – protestou Parker e olhou espantada para a bandeja. – Cinco? Bem... como o nome diz, eles são pequenos.

– OK. Vamos afastá-la dos doces.

Devagar, Laurel tirou o bolinho da mão de Parker e o pôs na bandeja. Depois a puxou até que ficasse fora do alcance da amiga.

– O problema é que estava com isso entalado aí dentro e, quando deixou tudo sair, precisou preencher o espaço com açúcar.

– É, parece que sim.

– Está apaixonada por ele – afirmou Emma.

– Como é? Não – negou Parker e balançou a cabeça com ar de pouco-caso. – Não – repetiu em tom mais firme. E então fechou os olhos. – Ai, Deus, acho que estou. Mas se estiver, onde foram parar a sensação de estar nas nuvens, o entorpecimento, o brilho? Por que me sinto como se estivesse meio enjoada?

– Talvez por causa dos *petits fours* – disse Mac. E, voltando-se para Laurel, acrescentou: – Não se ofenda.

– Claro que não. Os *petits fours* têm que ser saboreados, não engolidos feito jujuba.

– Não são os *petits fours* – garantiu Parker, mas, levando a mão ao estômago, completou: – Ou talvez seja um pouco por causa deles. É que perco meu equilíbrio quando estou com Malcolm.

– E isso é mais difícil para você que para a maioria das pessoas – comentou Laurel. – O amor pode acabar com a gente.

– Sempre imaginei que me sentiria como se estivesse levitando, que tudo seria melhor, que seria mais... Mais.

– E é – insistiu Emma. – Pode ser. E será.

– Mas primeiro ele acaba com a gente – explicou Mac, com um sorriso e um dar de ombros. – Pelo menos na minha experiência.

– Não gosto disso. Eu é que gosto de acabar com os outros.

– Talvez esteja acabando com ele e nem saiba disso – sugeriu Emma. – Ele pode estar sentindo o mesmo por você. Se lhe contar...

– De jeito nenhum, nem morta!

Parker cortou o ar com um gesto, como se tentasse afastar aquela ideia da face da Terra.

– As coisas estão bem assim. Além do mais, vou deixar que ele diga algo, para variar. Já estou me sentindo melhor – garantiu Parker. – Eu devia ter desabafado, tirado isso de dentro de mim, ou seja lá o que acabei de fazer, antes. Malcolm e eu estamos nos divertindo juntos, e comecei a racionalizar demais o assunto. As coisas são como são e tudo bem. Tenho uma cliente daqui a pouco.

Mac ia dizer algo, mas Emma apertou seu joelho por baixo da mesa.

– Eu também. E hoje é a noite do pôquer. Por que não nos reunimos para tomar um vinho, comer pizza e ver um filminho?

– Eu topo – disse Laurel.

– Me parece uma boa ideia. Por que nós não...

Mac se interrompeu quando o telefone de Parker tocou.

– Alguém pode falar com a Sra. G.? Se não for problema para ela, vou adorar. Tenho que atender essa ligação.

Parker se levantou e atendeu o telefone enquanto saía do aposento.

– Oi, Roni. Em que posso ajudá-la?

Ficou feliz por ter sida salva por aquela chamada, pela reunião com a cliente, pelas duas outras ligações e pela reunião de emergência com o responsável pelo bufê, a respeito de mudanças de última hora no menu. Tudo aquilo consumiu seu tempo e sua atenção. Tendo que se concentrar em detalhes, nas pequenas crises e exigências dos clientes, não teve chance de ficar pensando obsessivamente em Malcolm ou nos próprios sentimentos.

Em todo caso, disse a si mesma ao descer a escada, provavelmente não estava apaixonada por Malcolm. Aquilo estava mais para uma paixonite, potencializada por uma inegável atração sexual.

Paixonites assim eram inofensivas e divertidas e podiam se transformar em recordações carinhosas quando as coisas voltassem ao seu devido lugar.

É isso aí, preferia a teoria da paixonite.

Mais relaxada e decidida, foi até a cozinha confirmar com a Sra. Grady a possibilidade de fazerem uma reuniãozinha das meninas à noite.

– Sra. G., você poderia...

Perdeu a fala quando viu Malcolm sentado no cantinho do café da manhã.

Protegida por uma toalha velha, a mesa continha várias ferramentas e peças não identificáveis, que ela presumiu serem do aspirador desmontado no chão.

– Ela está ao telefone – respondeu Malcolm, apontando para os cômodos usados pela Sra. Grady.

– Não sabia que você estava aqui.

O que era outro aspecto daquela relação, não?, pensou ela. Era comum que ele não lhe desse tempo de se planejar, se preparar ou montar uma estratégia.

– O que está fazendo?

– Tive que cuidar de um Porsche aqui perto, então, dei uma passada e vi que a Sra. Grady ia mandar isso aqui para o cemitério dos eletrodomésticos.

Ele afastou o cabelo dos olhos sacudindo a cabeça enquanto afrouxava um parafuso ou algo que prendia uma peça na outra.

– Posso consertar.

Parker se aproximou um pouco.

– Ah, é?

– Provavelmente. Vale a pena tentar – disse ele e sorriu para Parker. – Não é tão complicado quanto um Porsche.

– Imagino que não, mas como vai saber o lugar de cada peça quando montar tudo de volta?

– Ora, fui eu que desmontei.

Ela teria feito uma lista ou um diagrama, pensou. Ficou observando-o mexer no que parecia

ser um motor ou parte dele.

– Qual é o problema do aspirador?

– Segundo a Sra. G., ele tem feito barulho.

– Barulho?

– Um barulho metálico. Quer uma aula de conserto de eletrodomésticos, Pernas? Posso ensinar as noções básicas e comprar umas ferramentas bem bonitas e eficientes para você.

Deliberadamente, Parker o encarou de nariz em pé.

– Já tenho ferramentas, obrigada.

– São cor-de-rosa?

Parker lhe deu um peteleco na cabeça, o que o fez rir.

– São essas *aí* – respondeu ela.

– Ah, é? São boas. Já terminou suas tarefas de hoje?

– Espero que sim.

Olhe só para as mãos dele, pensou. Era normal que sentisse atração. Eram tão competentes, tão precisas... Eram assim também quando estavam nela. Deu um passo atrás e decidiu que tomaria uma taça de vinho imediatamente.

– Achei que fosse a noite do pôquer.

– E é. Mais tarde vou para a casa de Del.

Ele não tinha se barbeado, notou Parker, e estava com o jeans puído e manchado de graxa. Supôs que as regras de etiqueta da noite do pôquer eram bem informais.

– Quer uma bebida?

– Não, obrigado.

Ele trabalhava num silêncio relativo enquanto ela se servia de uma taça de vinho. Só se ouvia um ou outro xingamento, um murmúrio de satisfação aqui e ali. Seu pé não parava de bater no chão, como se acompanhasse alguma melodia, e o cabelo lhe caía no rosto, uma massa escura e revolta que chamava os dedos de Parker, doidos para deslizar por ali.

Talvez estivesse um pouco apaixonada por ele – o que era tão inofensivo quanto uma paixonite. Não era? Não significava que ela planejasse passar o resto da vida com ele ou perto dele...

Meu Deus, por que não podia simplesmente relaxar e deixar acontecer?

– Como vão as coisas aí, Malcolm? – perguntou a Sra. Grady, piscando para Parker ao voltar para a cozinha.

– Acho que consegui.

– Bem, quando tiver acabado com isso, vá se lavar. Vou lhe servir leite e uns biscoitos.

Ele ergueu a cabeça para olhar para ela e sorriu.

– OK.

– É bom ter um homem jeitoso por perto. Essa casa é mantida só por mulheres já há um bom tempo. Não que a gente não saiba se virar, mas da próxima vez que uma das lavadoras me der trabalho, sei a quem recorrer.

– *Uma* das lavadoras?

– Tem uma em cada andar.

– Prático – retrucou ele, arqueando a sobrancelha para Parker. – E eficiente.

– É, sim. Vou encontrar com umas amigas esta noite. Deixo as pizzas prontas antes de sair – disse ela, dirigindo a última frase a Parker.

– Podemos preparar alguma coisa nós mesmas – falou Parker. – Vá se divertir.

– É o que pretendo. Mas posso fazer as duas coisas. Vou encontrar sua mãe hoje, Mal.

– Ah, é? Ela também vai?

– Beliscaremos alguma coisa e fofocaremos muito. Depois, quem sabe não nos metemos em alguma encrenca?

– Pagarei sua fiança.

A Sra. Grady riu, encantada.

– Vou cobrar essa promessa.

Com os lábios contraídos, foi até a mesa.

– Olhe só, você deixou todas as pecinhas brilhando!

– Estava precisando de uns ajustes, um pouco de limpeza e o indispensável WD-40. Quantos desses aqui vocês têm?

– Só mais um. É velhinho, mas uma mão na roda para limpar meus aposentos. Parker se encarregou de comprar um monte de aspiradores novos e modernos para que eu não tivesse que ficar carregando esse para cima e para baixo quando quero limpar o chão entre uma vinda e outra da equipe de limpeza. Ah, sabe quem encontrei? Margie Winston. Ela me disse que você ressuscitou aquela lata velha que ela dirige.

– Aquela belezura tem uns 300 mil quilômetros rodados. O Pontiac, não a Sra. Winston.

Parker ouvia aquela conversa fluente dos dois, que acontecia enquanto ele remontava o aparelho. Esse era outro ponto a favor de Malcolm, pensou, a conversa fácil, o jeito como sabia tratar seus clientes e interagir com eles.

E também o jeito como sorriu depois que comprovou que o aspirador tinha voltado a funcionar direitinho.

– Pronto!

– Ora, vejam só! Não parece mais que está triturando pregos.

– Vai aguentar mais uns bons quilômetros de uso.

– Obrigada, Malcolm. Agora você merece o leite e os biscoitos. Só vou levar isso lá para dentro.

– Pode deixar que eu faço isso – ofereceu-se ele, abaixando-se para enrolar o fio. – Onde quer que eu ponha?

– Na quartinho de utensílios domésticos. É a primeira porta à esquerda.

A Sra. Grady balançou a cabeça enquanto ele levava o aspirador.

– Se eu fosse trinta anos mais nova, não deixaria esse aí escapar. Diabos, talvez uns vinte fosse melhor, para eu ser a coroa que pega o garotão.

Parker quase engasgou com o vinho.

– Eu não ouvi isso.

– Posso falar mais alto, se você quiser.

Sem conseguir acreditar, Parker conteve a respiração.

– Está bem animadinha, hein?

– Se você não está também, tem alguma coisa errada.

– Não tem nada errado comigo.

– Fico feliz em ouvir isso – disse a Sra. Grady, começando a guardar as ferramentas na caixa prateada.

– Eu guardo. A senhora prometeu leite e biscoitos ao seu namorado.

– Já vou ver isso, além de encher sua taça. Nesse meio-tempo, você podia lhe fazer companhia.

Ela pôs uma pilha de biscoitos num prato e estava enchendo um copo alto com leite gelado quando Malcolm voltou para lavar as mãos.

– Beba esse leite e vou dizer à sua mãe que você é um bom menino.

– Ela não vai acreditar.

Parker foi guardar a caixa de ferramentas e, ao voltar, o encontrou sozinho na cozinha.

– Ela me disse que tinha umas coisas para resolver e que você me faria companhia. Então, o que o Quarteto faz depois da pizza quando os homens saem?

Ela se sentou diante dele e tomou um gole do vinho.

– Ah, fazemos guerra de travesseiro em câmera lenta vestidas só de calcinha e sutiã.

– Outra fantasia que se realiza. Quer um biscoito?

– Com certeza não – respondeu ela, lembrando dos *petits fours*.

– Está omitindo alguma coisa. Já passamos por esse estágio antes.

Ela sorriu.

– É. Mas desta vez não estou irritada com você. Ainda. Está num dia de sorte hoje? No pôquer – acrescentou ela quando ele sorriu de orelha a orelha.

– Achar que está com sorte pode fazer a gente relaxar demais. É melhor ter sorte.

– Tudo bem. Um brinde a ter sorte.

Ela encostou a taça no copo dele.

– Vocês comem pizza caseira e fazem guerras de travesseiro sensuais. O que um cara tem que fazer para ser convidado para um evento como esse?

– Não ser um cara é o pré-requisito número um. Já a pizza caseira você poderia conseguir de algum jeito.

– Posso me conformar com isso. Olha, falando em convite, minha mãe queria que você viesse jantar conosco no domingo.

Parker levou a taça aos lábios e voltou a apoiá-la na mesa.

– Jantar na casa da sua mãe no domingo? Este domingo?

Uma estranha sensação de pânico, embora suave, lhe travou a garganta.

– Ah, mas temos um evento e...

– Ela está decidida. Eu disse que você ia trabalhar, mas ela sabe que é só durante o dia.

Malcolm se mexeu na cadeira e ficou observando um biscoito.

– Acho que a Sra. Grady e ela têm conversado bastante, ou saído juntas ou sei lá o quê – comentou ele.

– Hum – fez Parker, olhando para ele.

– Seja como for, mamãe meteu isso na cabeça. Acho que ela meteu na cabeça que eu... estou passando muito tempo aqui, filando a comida, e quer, sabe como é, retribuir.

– A-hã.

Não era isso que ele ia dizer, pensou Parker. E se ela tinha sentido certo pânico, era evidente que Malcolm também parecia incomodado.

Interessante, não?

– Ou seja, ela meteu isso na cabeça e, pode acreditar, não há nada que a faça mudar de ideia. Posso dizer que não dá para você ir, mas ela vai continuar tentando até você aceitar.

Não era só pânico. Ele estava bastante preocupado. Malcolm fora convencido a levar uma mulher à casa de sua mãe para jantar. E sentia que ele não sabia muito bem como isso ia funcionar.

– Adoraria ir jantar com vocês no domingo.

O olhar de Malcolm voltou para ela como um raio... mas cheio de cautela.

– Sério?

– Claro. Teremos organizado tudo até umas cinco e meia. Se não houver nenhum imprevisto, vou poder chegar por volta das seis. Pego o carro e vou, mas ligo para avisar se for me atrasar um pouco. Pode ser assim?

– Pode, claro. Assim está bom.

Quanto mais desconforto ela percebia nele, mais entusiasmada ficava. Isso era, tinha que admitir, meio baixo de sua parte, mas, ah!

– Pergunte a ela se posso levar a sobremesa ou talvez uma garrafa de vinho. Ah, deixe para lá, eu mesma ligo.

– Vai ligar para a minha mãe?

Ela sorriu com um ar descontraído.

– Algum problema?

– Não. Tudo bem. Vocês duas combinam tudo – disse ele. – Assim não fico de intermediário.

– Entrarei em contato com ela.

Parker ergueu de novo a taça, mais confiante agora.

– Ela está saindo com alguém?

– O quê? – fez ele, com o mais puro espanto no rosto. – Minha mãe? Não, pelo amor de Deus!

Parker não conseguiu sufocar o riso, mas atenuou sua reação aproximando-se e pegando a mão dele.

– Ela é uma mulher interessante e cheia de vida.

– Não vamos falar desse assunto. Sério.

– Só perguntei porque queria saber se seríamos só nós três ou se por acaso ela teria convidado algum amigo.

– Só nós. Nós três. É isso.

– Vai ser ótimo.

– OK, agora tenho que ir.

– Divirta-se hoje à noite.

Ela se levantou na mesma hora que ele.

– Você também.

– E boa sorte – acrescentou ela, aproximando-se. – Talvez isso ajude.

Foi chegando cada vez mais perto, bem devagar, até seu corpo encaixar no dele, até seus braços se enroscarem como cordas em seu pescoço. Seus lábios roçaram os dele, se afastaram e voltaram a encostar, úmidos e quentes.

Ela deixou escapar um suspiro de prazer. A fuga, a sedução, a rendição e a esperança de promessas futuras. Sentiu seu corpo ansiar por essas promessas quando ele segurou sua blusa na altura da cintura.

Malcolm estava a ponto de esquecer onde estavam. Estava a ponto de esquecer tudo, exceto Parker. Seu cheiro, aquela fragrância sutil e inesquecível de mulher, de segredos e brisa, tudo junto. Sentia uma agitação por dentro, os sentidos despertos pelo beijo quente e aveludado e uma urgência impressionante em unir seu corpo àquela silhueta firme e esbelta.

Ela suspirou de novo, correu os dedos pelos cabelos de Malcolm e se afastou um pouco.

– Não.

Ele a puxou para si e os guiou por um caminho perigoso.

– Malcolm...

Ela entreabrira aquela porta e, agora, por mais que quisesse escancará-la, sabia que precisava acalmar os ânimos.

– Não podemos.

– Quer apostar que sim?

Pegou-a pela mão e foi levando-a pela cozinha. Suas passadas eram tão rápidas que Parker teve dificuldade em acompanhá-lo.

– Espere. Aonde vai?

Sua respiração se deteve em algum lugar entre os pulmões e a garganta quando ele a puxou para o quartinho dos utensílios e a encostou na porta, que trancou em seguida.

– Não vamos...

Malcolm silenciou aqueles protestos com um beijo feroz enquanto suas mãos percorriam o corpo de Parker.

Conseguiu se conter e desabotoar a blusa dela, em vez de arrancar os botões. Em seguida, puxou o bojo do sutiã para baixo e passou as palmas calejadas nos seus mamilos.

Ela gemeu, tremendo.

– Ai, meu Deus! Malcolm... Espere.

– Não.

Tirou a saia dela e deslizou as palmas ásperas entre suas pernas.

– Quero possuir você aqui, bem aqui. E quero ver você gozar primeiro.

Ele enfiou um dedo sob a calcinha, dentro dela.

– Depois vou fazê-la gozar de novo e de novo, possuindo-a bem aqui, contra a porta, até eu terminar.

Parker teve que se agarrar aos ombros dele para não cair, já que seus joelhos tremiam a ponto de quase se dobrarem. Um fogo cruel e devastador a consumia. Os olhos dele, de um verde

selvagem, se cruzaram com os seus e ela pôde ver ali uma centelha de triunfo, nada menos que triunfo, quando seu corpo entrou em erupção.

Ouviu a renda da calcinha se rasgar e apenas gemeu de novo.

– Diga que me deseja.

Ele tinha que ouvir isso. Tinha que ouvir a voz dela rouca de paixão, ouvi-la dizer que era louca por ele.

– Diga que me deseja. Que quer que eu a possua desse jeito.

– Ah, eu quero. Meu Deus, como eu quero...

Ele a agarrou com força quando ela ergueu a perna para enganchar na sua cintura. Abrindo-se. Oferecendo-se. A boca de Malcolm abafou seu grito de alívio quando ele a penetrou. Forte, fundo.

Ela deixou que ele a devastasse – que palavra melhor? – e seguiu com ele naquela excitação, naquela ânsia, num ritmo alucinado até o final, quando já estava sem fôlego.

Continuava tremendo. Mesmo quando recostou a cabeça em seu ombro e ele acariciou seu cabelo, Parker não conseguiu acalmar a respiração. Quando ele ergueu sua cabeça, segurando-a entre as mãos, e seus lábios percorreram com tamanha suavidade seu rosto e sua têmpora, ela pensou: Quem é você? Quem é você que consegue fazer isso comigo, que consegue se apoderar do meu corpo e do meu coração?

Entorpecida, abriu os olhos e o encarou. E então soube a resposta. Não de todo, talvez só um pouco, mas teve certeza de que o amava.

Quando sorriu, Malcolm também sorriu.

– Foi você quem começou.

Parker teria caído na gargalhada se tivesse fôlego para isso.

– Isso é para eu aprender.

Malcolm apoiou a testa na dela e começou a abotoar sua blusa.

– Está meio desarrumada.

Parker alisou a saia, ajeitou o cabelo e inclinou a cabeça.

– Não adiantou nada. Está parecendo uma mulher que acabou de fazer sexo no quartinho dos utensílios.

– Acho que mereço isso.

– Eu é que mereço – disse Malcolm, abaixando-se. – Vou guardar isso aqui.

Parker ficou de boca aberta quando o viu enfiar sua calcinha rasgada no bolso.

– É um troféu?

– Espólio de guerra.

Ela deu uma gargalhada, depois balançou a cabeça.

– Você não tem um pente aí com você, tem?

– Por que eu teria um pente?

Ela suspirou e tentou de novo arrumar a roupa e o cabelo com as mãos.

– É tudo o que posso fazer.

Parker levou um dedo aos lábios e obteve em resposta um sorriso rápido e atrevido.

– Estou falando sério – disse ela, sussurrando.

Da forma mais silenciosa possível, ela destrancou a porta e a entreabriu. Ficou escutando.

– Você vai direto lá para fora, pela porta da cozinha, e eu...

Malcolm a pegou, fez uma cosquinha em suas costelas e procurou seus lábios.

– Pare! Malcolm!

– Só queria bagunçar você de novo.

Ele a pegou pela mão e saiu puxando-a pela cozinha.

Parker ficou aliviada por não haver ninguém ali e o acompanhou até a porta, onde lhe deu empurrõezinhos, enxotando-o.

– Estou me sentindo usado – disse ele, e aquela frase a fez gargalhar, enquanto lhe dava mais um empurrão.

– Vá jogar pôquer. Boa sorte.

– Meu amuleto da sorte está bem aqui – disse ele, dando tapinhas no bolso onde havia guardado a calcinha.

Ela ficou boquiaberta de novo e Malcolm foi embora, seu riso se perdendo no ar úmido do outono.

– Até logo, Pernas.

Parker foi correndo para seu quarto, mas não pôde resistir e chegou na janela para olhar lá para fora. Viu que Malcolm mudou de direção perto da casa de Mac para falar com um homem – ou um rapaz? – que acabava de sair dali.

Os dois conversaram um pouco e se cumprimentaram com um soquinho. Depois o rapaz entrou num carro pequeno, ligou o motor e se afastou, enquanto Malcolm seguiu na direção de sua caminhonete.

Parker teve um sobressalto quando ouviu passos às suas costas. Ao se virar, viu a Sra. Grady.

– Ah...

Sem graça ao perceber que tinha enrubescido, Parker limpou a garganta.

– Hum... – Foi o único comentário da governanta. – Vejo que você lhe fez companhia.

– Hã... É. Bom, sabe quem era esse rapaz que estava saindo da casa de Mac? Malcolm parecia conhecê-lo.

– E deve conhecer mesmo, já que o rapaz trabalha para ele. O garoto não sabe ler – acrescentou – ou sabe só um pouco. Malcolm pediu a Carter que lhe desse aulas.

– Ah.

Ficou parada ali, olhando pela janela a chuva fina que caía. Justo quando pensava começar a conhecer aquele homem, descobria outro ângulo, outra faceta sua.

c a p í t u l o q u i n z e

–NO QUARTINHO DE UTENSÍLIOS...

De pijama, esparramada no sofá da sala, Mac tinha os olhos fixos no teto.

– Parker Brown, da família Brown de Connecticut, fez sexo selvagem no quartinho de utensílios.

– Feito animais – falou Parker.

– Agora ela está se vangloriando – comentou Laurel, comendo um pedaço de pizza.

– E eu gostei.

– Deixe-me parabenizá-la por isso, mas, se quer a verdade, fiquei encantada por Malcolm querer que você vá jantar com a mãe dele – falou Emma, que enchia as taças de vinho. – E por ter ficado apreensivo com essa história.

– Pode ser interessante.

– O que eu gostaria de saber é se ele sabe consertar eletrodomésticos pequenos. Uma das minhas batedeiras está querendo pifar – disse Laurel.

Parker a encarou.

– Pergunte a ele – disse. – Parece que Malcolm gosta de consertar as coisas. Isso me faz lembrar que ele pediu a Carter que desse aulas a um rapaz. Quando isso começou?

– No mês passado – respondeu Mac. – Carter disse que Glen está fazendo muitos progressos. Ele pôs o garoto para ler *Carrie*.

Emma engoliu em seco.

– Aquela Carrie que acaba banhada em sangue de porco no baile da escola?

– Carter descobriu que Glen gosta de filmes de terror e já viu *Carrie, a estranha* várias vezes, por isso achou que ele ia gostar de ler o livro. E está funcionando.

– Muito esperto! – comentou Parker. – É um bom meio de fazer alguém ler: mostrar que não se lê só para trabalho, para estudo, que a leitura pode ser prazerosa.

– É. Carter... ele é muito bom nisso, sabia? – disse Mac com um sorriso todo encantado. – Ele é paciente, tem boas ideias e é amável por natureza, sem ser chato. Acho que algumas pessoas, como ele, têm a sorte de poder se dedicar àquilo que nasceram para fazer. E os outros acabam se beneficiando com isso.

– Como nós. Acredito piamente que nós fazemos aquilo que nascemos para fazer – acrescentou Emma. – Por isso somos mais que uma empresa, da mesma forma que ensinar é mais que um emprego para Carter. Fazemos muitas pessoas felizes, mas uma das razões disso, além é claro de sermos o máximo, é que esse trabalho *nos* faz felizes.

– Um brinde a nós! – exclamou Laurel, erguendo sua taça. – Felizes, lindas, sexualmente satisfeitas e boas pra caramba!

– Vou encher a cara por tudo isso – disse Mac.

Parker brindou e tomou um gole. Então, seu telefone tocou.

– Bem, vou dar uma saída rapidinho para ser feliz e já volto.

– E então? – perguntou Mac assim que a amiga saiu da sala. – O que achamos disso tudo?

– Acho que a química entre eles é imensa – respondeu Laurel. – E que estão emocionalmente bem ligados um ao outro. Um homem com o caráter e a atitude de Mal não complicaria sua vida convidando uma mulher para jantar na casa de sua mãe, a não ser que ela fosse importante para ele.

– Porque quando a mãe é importante, o que é o caso de Mal, isso é um passo a mais – concordou Mac. – Se ele não quisesse dar esse passo, teria encontrado um jeito de contornar o pedido da mãe.

– Achei uma graça ele estar nervoso – comentou Emma –, porque isso mostra que é algo importante. Essas duas mulheres são especiais para ele. Acho que Mal é um homem que encara as coisas. Uma prova disso foi o modo como disse a Del que estava interessado em Parker. O modo como abordou a questão da posição social e do dinheiro com Parker assim que começaram a se relacionar. Ele é desses sujeitos que põem logo as cartas na mesa. Como se fosse o procedimento-padrão dele. Então não acredito que deva haver muita coisa que o deixe nervoso.

– Sabe o que vejo? – disse Mac, pensando se deveria comer mais um pedaço de pizza. – Vejo duas personalidades fortes, autoconfiantes e que acreditam que podem resolver tudo e agora estão tentando entender a vulnerabilidade de se estar apaixonado, além dos riscos e possíveis desdobramentos dessa relação. Resumindo: acho que são perfeitos um para o outro.

– Isso aí. Também acho – assegurou Emma, e olhou em direção à porta. – Mas ainda não é hora de dizermos isso a Parker. Ela ainda não está pronta.

– Ele também não – observou Laurel. – Fico me perguntando qual dos dois vai estar primeiro.

Mal recolheu as fichas com as duas mãos. A última carta o havia presenteado com um *full house*, de rainhas e oitos, que deixara no chinelo o jogo de Jack.

– Está com uma sorte desgraçada hoje, Kavanaugh.

Malcolm amontoou suas fichas e lembrou de Parker, do quartinho de utensílios e da calcinha rasgada que guardara em seu bolso de trás.

Cara, pensou ele, se você soubesse...

– Trouxe a sorte comigo – disse ele, sorrindo e tomando um gole de cerveja.

– Que tal dividir um pouco com a gente? – propôs Rod, um dos frequentadores assíduos da noite do pôquer, e franziu o cenho quando fez a aposta seguinte. – Eu me dei mal a noite toda.

– Não se preocupe. Na próxima rodada vou deixá-lo sem um tostão. Assim vai poder ficar só assistindo – disse Del.

– Deixe de ser miserável, Brown.

– No pôquer não se pode ter compaixão.

Malcolm fez sua aposta. Quanto a Del, pensou, podia ser implacável na mesa. Provavelmente

também era no tribunal, embora nunca o tivesse visto trabalhar. Mas o que havia por trás disso? Algo muito diferente.

A noite do pôquer acontecia desde que Del e Jack estudavam juntos em Yale, e Del tinha arranjado um jeito de manter aquela tradição. A maioria dos caras que participava já jogava com eles fazia anos. Carter e ele eram os novatos. Carter entrara por intermédio de Mac, embora ele já conhecesse Del muito tempo antes.

Já ele... Não sabia muito bem como a coisa se dera, mas Del e ele simplesmente se entendiam.

Os motores que conduziam esse homem – além do pôquer e do direito – eram a tradição, a generosidade, a lealdade e o feroz instinto protetor que tinha com relação às pessoas que importavam para ele.

Parker era importante. Não sabia ao certo como Del ou Parker reagiriam ao fato de ela ter assumido na sua vida uma importância que ele nunca teria imaginado. Como poderia especular sobre os sentimentos dela se nem ao menos sabia dizer o que ele próprio sentia?

Observou as cartas abertas na mesa e as suas, calculou as possibilidades e passou para a próxima aposta enquanto a conversa fluía ao seu redor. Alguns palavrões, algo sobre trabalho, piadas ruins.

Quando Carter virou a carta seguinte, Malcolm voltou a fazer seus cálculos e viu suas possibilidades se limitarem. Então Del aumentou a aposta e ele saiu.

Para ele, o pôquer e a vida tinham muito em comum. Você jogava com as cartas que tinha, calculava as possibilidades e aceitava ou não a aposta. Quando as cartas eram ruins, você blefava – se a aposta estivesse boa e você tivesse coragem.

Caso contrário, era preciso esperar a mão seguinte.

Percebeu que o jeito como tinha jogado funcionara bastante bem em termos de vida. Agora precisava estudar suas cartas e calcular as probabilidades com Parker. Ela era uma aposta que valia a pena.

Frank, outro jogador que sempre comparecia, trocou suas cartas.

– Diga-nos, Del, quando ficará pronto seu novo palácio masculino?

– Pergunte ao arquiteto.

Jack viu a aposta de Del.

– Estamos primeiro conseguindo as autorizações. Se tudo correr bem, poderemos limpar sua carteira no palácio novo antes de março ou, o mais tardar, em abril.

Jack deu uma olhada na sala de jogos de Del.

– Vou sentir falta deste lugar.

– Vai ser estranho – acrescentou Rod. – Nossa noite do pôquer com mulheres por perto.

Ele apontou para o teto.

– E não quaisquer mulheres – observou Frank. – Esposas, uma vez que esses três e você resolveram pôr aliança no dedo. Caramba, numa hora dessas no ano que vem, todos nós estaremos amarrados. A não ser você – disse a Mal.

– Alguém tem que se manter firme.

– Mas você também tem passeado pela beira do precipício – provocou Rod, que sorriu para ele com o charuto na mão. – Está saindo com Parker. A última resistência do Quarteto de Del.

Malcolm olhou para Del, mas a cara de paisagem do amigo se manteve inalterada e o olhar que ele lhe lançou foi tranquilo.

– Sei me equilibrar.

Frank bufou.

– Pense como quiser, camarada. Até chegar o dia em que vai estar na beira do precipício e decidir mergulhar.

– Não vai ser problema para ele, já que foi dublê de filmes de ação – acrescentou Jack. – Deve saber como cair.

Malcolm tomou um gole de cerveja. É, sabia cair. Mas também sabia o que podia acontecer se a aterrissagem não saísse como o planejado.



Sua mãe mantinha a casa limpa, pensou Mal – por orgulho, hábito e disposição natural. Mas para o jantar deste domingo estava se excedendo na limpeza, como um bêbado se excederia agarrado a uma garrafa de uísque.

Era uma casa bonita. Quando começara a procurar por uma, ele se certificara de que escolheria uma que fosse na medida para sua mãe, que o deixasse seguro de vê-la morando no lugar. Queria uma boa vizinhança, em que as pessoas falassem umas com as outras, dessem atenção aos vizinhos. Não queria nada muito grande a ponto de a mãe se sentir sobrecarregada ou nervosa, e nada tão pequeno que lhe desse a sensação de estar enclausurada.

Acabou encontrando um rancho reformado, com sua fachada tradicional de tijolinhos e um terreno gramado de que eles poderiam cuidar com facilidade. A garagem contígua, com mais uma suíte no segundo andar, tinha sido um enorme bônus.

Amavam-se muito, mas nenhum dos dois queria morar na mesma casa. Naquela ali, cada um teria seu espaço, sua privacidade, sua rotina. Mas ele morava perto o bastante para poder ajudar a mãe se necessário. E, como bem sabia, assim ela também podia fazer o mesmo pelo filho.

Malcolm podia assaltar a cozinha da mãe – o que fazia às vezes –, tomar um café com ela de manhã ou não. E ela podia lhe pedir que fizesse pequenos consertos na casa ou que levasse o lixo para fora.

Esse sistema funcionava para os dois.

Exceto nos momentos que ela o deixava louco.

– Mãe, é só um jantar. Nada mais que comida.

– Não venha me dizer que é só comida.

Kay levantou o dedo como numa advertência enquanto mexia o molho para a lasanha que era, como ele bem sabia, sua especialidade.

– Quando foi a última vez que você trouxe uma mulher para jantar aqui em casa?

– Hum, mais ou menos... nunca.

– Pois é.

Ela parou de lhe apontar o dedo para cutucar o filho.

– De toda forma, não estou trazendo uma mulher. – E, ao dizer isso, ele sentiu uma comichão

nas costas. – Ela vem sozinha.

– E você deveria se envergonhar disso.

– Mas ela...

– Ah!

Essa era outra especialidade da mãe. Uma exclamação que significava: “Não se atreva a discutir comigo!”

Ele respirou fundo e mudou de estratégia.

– Está com um cheiro ótimo.

– O gosto está melhor ainda.

Ela pegou uma provinha na colher e lhe ofereceu.

– Nossa, está mesmo! – concordou Malcolm depois de experimentar.

– Melhor que esteja. Isso é importante para mim. Essa moça tem classe.

– Assim como você, mãe.

– Nisso está certíssimo, mas você sabe do que estou falando. Foi muito educada ao me ligar para agradecer o convite. Tenho que dar a ela um bom jantar – falou Kay, com uma piscadinha. – Com estilo. Por isso preparei um aperitivo chique.

– Enroladinho de salsicha?

Ela deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás como sempre, e ele a cutucou.

– Eu gosto de enroladinho.

– Mas não é o que vamos comer hoje. Tem certeza que esse vinho é bom? – questionou ela, apontando para as duas garrafas na bancada, uma delas já aberta para respirar.

– Tenho.

– Você conhece mais que eu, com sua experiência hollywoodiana.

– É, mas naquela época eu só tomava vinho servido num umbigo de mulher.

– Tenho certeza de que assim não dá para ficar bêbado – disse ela, e dessa vez foi ele quem riu.

Kay se afastou um pouco do fogão e deu mais uma olhada em toda a cozinha.

Tinha uma linda fruteira na mesinha dobrável sob a janela, onde gostava de se sentar para tomar café da manhã. Um pezinho de trevos com botões brancos que Mal tinha lhe dado enfeitava o parapeito.

Sua coleção de saleiros e pimenteiros ocupava uma prateleira na parede bem acima do banco que Malcolm tinha feito na aula de carpintaria no ensino médio.

Podia-se comer direto do chão, pois tudo brilhava de tão limpo.

Ela assentiu satisfeita, e abriu os braços.

– Como estou?

– Tão boa quanto a lasanha.

– Vermelha e apimentada?

Malcolm mexeu em um dos cachos ruivos rebeldes da mãe.

– Isso mesmo.

– Vou montar essa lasanha e colocá-la no forno. Quero que você vá acender as velas que espalhei por aí. E não faça bagunça.

– E se eu fizer?

Ela o fulminou com aqueles olhos verdes.

– Nem pense nisso, se for esperto.

Resignado, ele pegou o isqueiro e saiu pela casa, passando pela sala de jantar, a sala de estar e indo até o lavabo. A mãe colocara velas por todos os lados. Provavelmente imitando o que tinha visto em alguma revista ou na tevê.

Tinha posto umas toalhas de mão bonitas e sabonetinhos no lavabo, e Malcolm sabia, por experiência, que ela arrancaria sua pele se o filho se atrevesse a usá-los.

Foi até seu pequeno escritório, ao quarto, ao banheiro principal, tudo para sair do caminho da mãe e evitar que ela pegasse de novo no seu pé.

Ela transformara aquilo ali num lar, pensou. Num lugar bonito e confortável. E, de certa forma, era a primeira casa que eles tinham. Os outros lugares eram quartinhos ou espaços alugados. Transitórios.

Então, se ela quisesse pintar a parede de cada cômodo de uma cor diferente, como tinha feito, se quisesse espalhar velas por todo canto e pôr no banheiro sabonetes sofisticados que só as visitas podiam usar, tinha todo o direito de fazê-lo.

Quando percebeu que já havia demorado bastante, voltou. As batidas à porta, no entanto, o detiveram.

– Pegue o casaco dela – gritou lá de dentro sua mãe. – E pendure lá no armário.

– O que acha que sou, um idiota? – murmurou ele.

Abriu a porta e viu Parker com um sobretudo leve aberto sobre um vestido verde-escuro, segurando um buquê de íris azuis e brancas.

– Oi. Imagino que não tenha tido dificuldade em achar a casa.

– Nem um pouco.

– Deixe-me pegar seu casaco.

– Que casa linda! – falou Parker e deu uma olhada na sala de estar enquanto ele tirava seu sobretudo. – Parece com a sua mãe.

– Como assim?

– É colorida.

– Ah, tem razão. Entre. Ela está na cozinha. Como foi o evento de hoje?

– Foi... Ah, olhe só para isso!

Com um prazer estampado no rosto, Parker parou para observar uma parede cheia de postais emoldurados.

– São fantásticos! – disse ela.

– Minha mãe fazia coleção quando viajava. São de lugares onde meu pai serviu ou de onde eles se encontravam quando tinham permissão.

– É algo bem bonito para se fazer com uma recordação. Você deve ter estado em alguns desses lugares. Lembra-se deles?

– Não muito.

Ele pegou a mão livre de Parker e a levou até a cozinha.

Entraram na hora em que Kay fechava o forno.

– Que bom ver você, Kay! Muito obrigada por ter me convidado.

– Seja bem-vinda. Íris! – exclamou ela, com a satisfação estampada no rosto. – São minhas flores prediletas.

– Alguém me disse. Foi Emma quem fez o arranjo.

– Como ela é jeitosa!

Kay cheirou as flores e as deixou em cima da bancada.

– Vou deixá-las aqui por enquanto, mas de noite vou ser egoísta e as levarei para o meu quarto. Mal, sirva um pouco de vinho a Parker. Ela trabalhou o dia todo.

– Ah, eu aceito. Você tem uma casa muito bonita. Tem um astral alegre.

É assim mesmo, pensou Mal, enquanto servia o vinho.

– Prontinho, mãe.

Kay o provou apertando os lábios.

– Gostoso. Podem ir lá para a sala se sentar. Vou levar uns aperitivos.

– Posso ajudá-la? Não sou boa cozinheira, mas me saio muito bem de ajudante.

– Não tem mais muita coisa a se fazer. Vamos nos sentar um pouquinho. Acho que você pode ir na frente e levar a bandeja, Mal. Encontro vocês lá num minuto.

Ela abriu a geladeira e tirou dali sua melhor bandeja já com uns canapés.

– Ah, adorei isso!

Levando sua taça de vinho, Parker parou diante da prateleira dos saleiros e pimenteiros.

Estava falando sério, avaliou Malcolm, evidentemente surpreso. Conseguia detectar no tom de voz dela o que era educação e o que era prazer autêntico. Havia também os tons sofisticados, os divertidos, e, para usar um termo mais leve, uns bem insinuantes.

– Comecei a coleção depois que me casei. Queria algo pequeno que eu pudesse carregar sem problemas toda vez que nos mudássemos.

– São belíssimos. Um charme, além de divertidos. Batman e Robin?

Kay chegou mais perto.

– Mal me deu esses no Dia das Mães, quando tinha 12 anos. Também me deu esses cachorros no cio... Pensou que eu não fosse expor. Acho que ele tinha uns 16 anos e estava tentando me desafiar. Mas ganhei o desafio.

Ela olhou para trás e sorriu para ele, lembrando-se da história.

– Ele ficou muito envergonhado quando resolvi pôr na prateleira.

Malcolm se remexeu.

– O que quer que eu faça com essa bandeja?

Parker olhou para ele e sorriu.

– Obrigada – disse ela, escolhendo um canapé de queijo brie com framboesa. – E esses aqui? – prosseguiu a moça, estreitando os laços com Kay ao querer saber de sua coleção.

Já ele continuava segurando a bandeja de canapés. Não tinha certeza, pelo modo como transcorriam as coisas, se devia ficar feliz, aliviado ou preocupado ao ver sua mãe e Parker se dando tão bem.

Sabia que Parker conseguia ajustar seus modos e sua fala para se adaptar a qualquer tipo de situação social. Mas o que estava acontecendo era mais que isso. Dava para perceber, como

quando dividiram a primeira pizza, que ela estava relaxada e curtindo.

Falaram sobre os lugares em que ambas haviam estado, lugares onde os pais de Malcolm foram antes de seu nascimento ou onde ele também tinha ido, só que era novo demais para se lembrar e ainda de lugares de que se lembrava só um pouco.

Falaram da empresa dela, e as gargalhadas de sua mãe pontuaram a conversa cheia de casos engraçados ou estranhos que Parker contava a respeito dos eventos.

– Eu nunca teria paciência para algo assim. Todas essas pessoas ligando dia e noite, reclamando, criticando, fazendo exigências... Aff, se quer saber, tenho vontade de pular no pescoço de alguns clientes de Malcolm pelo menos umas duas vezes por dia.

– Parker não pula no pescoço deles – observou Malcolm. – Ela os esmaga como se fossem insetos.

– Só quando é absolutamente necessário.

– O que vai fazer com Linda Elliot, ou seja lá que sobrenome ela esteja usando agora?

Vendo a hesitação de Parker, Kay deu de ombros.

– Não é da minha conta.

– Não, não é isso. É que, na verdade, não sei direito. Vai ser complicado. Já a esmaguei como um inseto, o que me deu uma enorme satisfação. Mas ela é mãe de Mac...

– É uma vaca que se acha melhor que todo mundo.

– Mãe!

– Não, você tem toda a razão – disse Parker a Kay. – Ela é uma vaca mesmo, que não só pensa que é melhor que os outros, mas que também tem mania de perseguição. A vida toda eu a desprezei, então não tem nada que você diga a respeito dela que possa me ofender.

Parker comeu mais um pedaço da lasanha e ergueu as sobrancelhas para Malcolm.

– O que foi? Não posso desprezar ninguém?

– Só não me parece muito o seu estilo.

– Ela passou a vida toda usando e abusando de uma das minhas melhores amigas. Merecia um tratamento bem pior do que o que lhe dei. Mas... – Parker deu de ombros e tomou um gole de vinho. –... ela vai estar no casamento. Vai querer exibir o novo marido toda cheia de si. Eu a proibi de pôr os pés na propriedade, mas vou ter que abrir uma exceção.

– Você o quê? Proibiu que ela fosse lá?

Parker sorriu para Malcolm.

– É. Não sabe a satisfação que senti. Pode ter certeza de que vamos vigiá-la durante o casamento. Não sei muito bem como, mas eu a tranco no porão antes que estrague um minuto sequer do dia de Mac e Carter.

Kay conteve um sorriso e assentiu.

– Aposto que sim. Se precisar de ajuda, pode contar comigo. Nunca consegui engolir essa mulher.

– Não sabia que eram conhecidas.

– Ah, ela não se lembraria de mim nem se eu estivesse pintada de ouro, mas nossos caminhos se cruzaram algumas vezes. Ela costumava jantar no restaurante em que eu atendia e também foi convidada em várias festas em que trabalhei.

Kay encolheu os ombros num gesto que Mal sabia que queria dizer: “Não tem a menor importância.”

– Ela é do tipo que parece nem ver você quando estala os dedos para pedir outra bebida ou apressar alguém. E não perde uma oportunidade de reclamar do serviço bem na sua cara.

Parker sorriu e um brilho feroz apareceu em seus olhos.

– Quer ir ao casamento de Mac, Kay?

A outra se espantou.

– Ora, mas eu mal conheço a moça ou Carter.

– Gostaria muito que fosse como minha convidada ao casamento da minha amiga.

– Para ajudar a enterrar o corpo?

– Esperamos que não seja preciso chegar a tanto. Mas se for...

– Vou levar uma pá – disse Kay, brindando com Parker, toda entusiasmada.

– Vocês duas estão me deixando um pouco assustado – observou Malcolm.

No fim da noite, depois de tirar a mesa, servir a sobremesa e o café e deixá-los degustar sua torta de maçã caseira, Kay levou Parker e Mal até a porta.

– Vou cuidar da louça mais tarde.

– Estava tudo delicioso. De verdade. Obrigada.

Kay deu um sorriso orgulhoso para Malcolm enquanto Parker beijava sua bochecha.

– Diga-lhe para trazê-la outro dia. Agora você tem que levá-la para conhecer o seu apartamento, Mal.

– Claro. Boa noite, mãe. Obrigado pelo jantar.

Ele conduziu Parker até a escada que levava a seu apartamento.

– Você a fez ter uma noite e tanto.

– A recíproca é verdadeira.

– Ela gosta de você. É muito seletiva com relação às pessoas que podem entrar naquela casa.

– Então fico lisonjeada.

Malcolm se deteve diante da porta.

– Por que a convidou para o casamento?

– Achei que ela ia gostar. Algum problema nisso?

– Não, e ela vai mesmo. Mas acho que tem algo mais por trás disso – falou ele e deu umas batidinhas com o dedo na têmpora de Parker. – Tem algo mais nesse convite.

– É, tem mesmo. Linda magoa as pessoas. É o que ela faz, de forma deliberada ou por descuido. Tive a sensação de que sua mãe não é alguém que se deixa ferir facilmente e, ainda assim, Linda conseguiu. Então pensei que ela podia ir ao casamento como uma convidada bem-vinda, enquanto Linda só estará lá por obrigação e nunca mais poderá voltar a pôr os pés naquela casa.

– É bem calculista e ao mesmo tempo gentil.

– Multitarefas é minha especialidade.

– Não tenho dúvida.

Ele fez um carinho no braço de Parker.

– Você também é seletiva em relação aos que deixa entrar na sua casa.

– Sou – confirmou ela.

Ele a observou por um bom tempo.

– Não trago mulheres aqui. Isso é... estranho – acrescentou, apontando para o apartamento.

– Imagino que sim.

Malcolm destrancou a porta.

– Entre.

Ali não era colorido como a casa da mãe dele. Podia-se dizer que o ambiente era quase austero. Tudo parecia tão prático, que tocou lá no fundo a sensibilidade de Parker.

– Muito bem pensado. Imaginei que seriam dois cômodos pequenos, em vez de um ambiente aberto como esse. Um espaço amplo com uma cozinha num dos cantos e a sala de estar delimitada por móveis.

Balançou a cabeça quando viu uma enorme TV de tela plana na parede.

– Por que os homens têm fixação por televisões grandes?

– Por que as mulheres têm fixação por sapatos?

– *Touché!*

Parker deu uma volta pelo apartamento. Observou, pela porta de correr, o pequeno quarto, também prático e despojado, e voltou ao ponto de partida.

– Gostei dessas ilustrações.

Em molduras pretas na parede, havia vários desenhos a lápis detalhados de ruas e pedestres.

– É, são legais.

Ela se aproximou um pouco mais para ler a assinatura que aparecia num dos cantos.

– Kavanaugh.

– São do meu pai.

– São muito bonitas, Malcolm. Que boa ideia manter seus desenhos como lembrança. Você desenha?

– Não.

– Eu também não.

Ela se virou e sorriu para ele.

– Fique aqui.

– Tenho uma muda de roupa extra numa bolsa na mala do carro – disse ela, abrindo a bolsa e tirando as chaves. – Importa-se de ir buscá-la?

Ele pegou as chaves e as sacudiu, olhando para Parker.

– Onde está seu telefone?

– Na bolsa. Eu o desliguei antes de começarmos a jantar.

Ele se inclinou para beijá-la.

– Retorne suas ligações e volte a desligá-lo. Vou buscar sua bolsa.

Parker pegou o telefone quando ele saiu, mas antes deu mais uma olhada no apartamento.

Organizado, eficiente, pensou mais uma vez, e muito frugal. Era o espaço de um homem acostumado a seguir em frente, sem fazer estardalhaço.

Um homem sem raízes, pensou, e as dela eram tão profundas...

Não sabia dizer, de jeito nenhum, o que isso podia significar.

Afastou essa ideia, ligou o telefone e verificou as mensagens de texto e de voz.

capítulodezesseis

MALCOLM CHEGOU AO LOCAL do acidente bem depois dos policiais, dos bombeiros e da equipe médica. Por causa da chuvinha fina e fria, ergueu o capuz do agasalho e seguiu em direção à faixa amarela e às luzes.

Já tinham retirado os corpos. Não duvidava que houvesse vítimas fatais, bastava ver as peças amassadas e retorcidas do que antes havia sido um BMW.

O outro carro estava bem danificado, mas talvez pudesse recuperá-lo.

Com um pouco de sorte, a pessoa que estava dentro do Lexus devia ter saído mancando ou carregada, mas ainda com vida.

Seu trabalho era levar embora dali o que tinha restado.

Na estrada, aquela chuvinha fina não parava de cair, as luzes dos carros da polícia reluziam em meio à neblina, refletindo nos faróis quebrados, iluminando as marcas do acidente no asfalto, as ferragens amassadas e queimadas, o sangue e, um detalhe bem mórbido, um pé de sapato que não fora retirado do acostamento. A imagem ficou gravada em sua cabeça, uma imagem de medo, dor e perda impactante.

A equipe de reconstituição do acidente já estava trabalhando, mas Malcolm podia imaginar a cena sem sua ajuda.

O asfalto molhado e a neblina. O BMW correndo faz uma curva brusca, patina, o motorista perde o controle da direção, invade a outra pista e se choca contra o Lexus. Capota, dá uma volta no ar, bate no chão e roda mais duas ou talvez três vezes.

Pelo peso, a velocidade e os ângulos, devia ter capotado três vezes.

Alguém é arremessado pelo para-brisa, talvez o passageiro do banco traseiro do M6 destroçado que não usava o cinto de segurança. Se havia alguém no banco do carona, devia ter morrido esmagado. O motorista provavelmente não tivera mais sorte.

Viu que os bombeiros tinham cortado a lataria do BMW para retirar os passageiros, mas as chances de alguém sair vivo daquele monte de ferro amassado eram quase nulas.

Nesse instante passaram pela sua cabeça as imagens do carro que ele próprio dirigia antes de sofrer o acidente. Não estava em condições muito melhores que as do M6. Isso levando em conta que os carros usados por dublês em cenas perigosas eram fabricados com todo o aparato para proteger o motorista durante a batida, a não ser que alguém decidisse cortar custos eliminando itens de segurança.

Desejou que os passageiros tivessem morrido ou ficado inconscientes antes do impacto e das capotagens.

Não fora assim que tinha acontecido com ele. Ele sentira tudo, uma dor lancinante, um barulho brutal. Sentira tudo isso antes de apagar. Se permitisse, podia sentir tudo de novo, por

isso o mais sábio a fazer era não pensar no assunto.

Ali de pé, com as mãos nos bolsos, esperava os policiais liberarem a área para ele poder levar toda a destruição embora dali.

Enquanto Malcolm estava de pé no acostamento, lembrando do sangue e da dor, Parker sorria no aposento cheio de mulheres que tagarelavam e riam nos momentos finais do chá de panela de Mac.

– Fizemos um bom trabalho – disse Emma, passando a mão pela cintura de Parker.

– Um ótimo trabalho. Ela está feliz.

– Não queria falar antes para não dar azar, mas fiquei preocupada até o último minuto, achando que Linda pudesse ter sabido do chá e aparecesse aqui de surpresa.

– Não foi a única. A vantagem de ela estar morando em Nova York agora é que não fica sabendo de tudo, e ter um marido novo e rico a mantém ocupada.

– Tomara que isso dure – disse Emma. – A noite foi ótima... e sem Linda. Assim, todos se divertiram.

– É, eu sei. Olhe só a Sherry. Ainda tem o brilho das recém-casadas e viu o jeito como falou com sua irmã?

– Cecelia ficou uma grávida linda, não acha?

– Ficou, sim. Como as duas não paravam de conversar, imagino que Sherry já esteja se perguntando se não está na hora dela. Acho que vou substituir Laurel como fotógrafa. Ela...

– Não.

– Não vejo por que ela tem que...

– Parker, já falamos sobre isso – disse Emma, virando-se para a amiga. – Escolhemos Laurel porque eu me distraio muito e acabo conversando com todo mundo. E você... bem, você leva uma eternidade tentando fazer o enquadramento perfeito, ou seja lá o que for, e acaba batendo poucas fotos.

– Mas são poucas fotos muito boas.

– São excepcionais, mas queremos fotos menos excepcionais e em maior número.

Parker suspirou, vencida. Ela gostava *mesmo* de tirar fotos.

– É, queremos. Acho que devíamos ir para lá ficar com as convidadas. Daqui a pouco elas vão embora.

Parker sentiu o telefone vibrar e o tirou do bolso.

– É uma mensagem de Del.

– Provavelmente quer saber se a barra está limpa para Jack, Carter e ele voltarem para casa.

– Não. Ele disse que aconteceu um acidente horrível ao sul da alameda. Estão desviando o trânsito, fazendo os motoristas darem meia-volta e pegar outro caminho. Sugeriu que avisássemos às pessoas que pretendem fazer esse trajeto. Eles devem chegar daqui a umas duas horas.

– Espero que ninguém tenha se ferido – disse Emma, e sorriu quando sua mãe lhe fez um

sinal do outro lado da sala. – Vou ajudá-la a espalhar a notícia.

Como em toda boa festa, passaram da hora estipulada, tiveram muitos atrasos e as anfitriãs terminaram exaustas porém felizes.

– Agora eu quero champanhe – comentou Parker, pegando uma garrafa e começando a servir. – Sente-se, Sra. Grady.

– Acho que vou fazer isso mesmo – disse a senhora, que se deixou cair na cadeira, tirou os sapatos de festa e esticou as pernas. – Pode encher.

Obediente, Parker encheu as taças até a borda enquanto Laurel cortava uns pedaços do bolo de três camadas, feito com manteiga de amendoim e coberto com pétalas de chocolate.

– Puxa! Olhem só que presentes fantásticos!

Mac olhava embasbacada para a mesa, onde Parker tinha disposto com todo o cuidado os presentes para que ela os abrisse.

– É como se eu tivesse ganhado uma pequena e extraordinária loja de departamentos. Já agradeci a todo mundo?

– Inúmeras vezes. Quanto champanhe você já bebeu, amiga? – perguntou Laurel.

– Litros, porque posso ficar bêbada no meu próprio chá de panela. Nós fizemos meu chá de panela!

Ela aceitou o bolo que Laurel lhe oferecia e comeu uma das pétalas de chocolate.

– Ah, hummm. Já disse que amei o meu bolo?

– Já, querida – confirmou Laurel e se inclinou para dar um beijo no alto da cabeça da amiga.

– E também que amei absolutamente tudo? Estou tão feliz por termos feito isso aqui, num lugar familiar. Eu me senti mais em casa, sabem? E a decoração estava tão linda... Emma, as flores! Uau! Você tinha toda a razão quando disse que era melhor espalhar por todo lado uns pequenos arranjos com essas flores laranja... Como é que elas se chamam?

– Albará, mas tem também algumas zínias.

– Ah, sim, aquelas em tom roxo que combinavam com o chocolate de Laurel, as fitas verdes e tudo mais.

– Você tem que confiar na sua florista. E achei muito delicado você presentear as irmãs e a mãe de Carter com flores ao se despedir delas.

– Elas vão ser minha família agora – disse Mac, sorrindo de novo para as amigas. – Tenho uma família incrível. Não podia desejar ninguém melhor que vocês, meninas. Sou uma sortuda por ter vocês. Todas vocês, que sorte a minha! E não podem imaginar como estou feliz por minha mãe não ter vindo.

Mac respirou fundo.

– Ui, acho que exagerei no champanhe.

– Você tem direito – assegurou Emma, sentando-se ao lado de Mac e fazendo um carinho em seu braço. – É um momento feliz da sua vida e a festa foi uma felicidade geral. É só nisso que precisa pensar.

– Tem razão. Só estava deixando sair todas as coisas sentimentais e mesquinhas antes do casamento. Não quero ficar emocionada e nervosa no dia. Então, você é a única mãe de que preciso, Sra. G., a que sempre esteve ao meu lado.

– Também tomei uma boa quantidade dessas borbulhas. Não me faça chorar – pediu a Sra. G. e suspirou. – Ah, sim. Você é uma ruiva magrela muito da esperta. Amo você desde que apareceu aqui na porta bem pequenininha.

– Hããã...

Mac se levantou e mais que depressa foi dar um abraço bem apertado na Sra. Grady.

– OK, agora Laurel.

– U-hu!

Mac riu da reação da amiga.

– Você é um general quando preciso disso, uma amiga para o que der e vier. Quando ajo como uma idiota, você sempre diz, mas nunca como uma acusação.

– É um bom resumo – observou Laurel, rindo e deixando-se abraçar por Mac.

– Emma. Sempre uma mão amiga, um ombro em que posso chorar. Você arranja um jeito de ver o arco-íris no meio da tempestade, o que me ajudou a enfrentar várias tormentas.

– Desejo a você muitos outros arco-íris, minha querida.

Emma deu um abraço forte em Mac.

– E Parker... – começou Mac, mas teve de parar e enxugar o rosto molhado. – Nem uma vez na minha vida você me deixou na mão. Não deixou nenhuma de nós na mão. Foi você quem nos deu uma família, um lar, você que abriu o caminho para que nos dedicássemos ao que fazemos hoje, para que nos tornássemos o que somos.

– Mac...

Parker se levantou e pôs as mãos no rosto coberto de lágrimas da amiga.

– Nós nos demos umas às outras uma família e um lar.

– Demos, sim. Mas tudo começou com você – argumentou Mac e, com um suspiro, passou os braços em volta da Parker e apoiou a cabeça em seu ombro. – Sei que estou bêbada, mas queria que todo mundo, por toda parte, pudesse sentir a felicidade e o amor do jeitinho que estou sentindo neste exato momento.

– Depois disso, acho que pelo menos nós estamos sentindo. Já é um começo.

Perto da meia-noite, todos já estavam na cama, e os restos da festa tinham sido devidamente recolhidos. Ainda um pouco agitada com o sucesso e toda sentimental por causa das gentis palavras de uma Mac meio bêbada, Parker percorreu a casa para fazer uma última inspeção.

Um lar, pensou. Nosso lar, como dissera Mac. Aquele não era só um imóvel que fora passado de geração a geração – embora essa tivesse sido a base –, mas o que elas haviam construído ali. Como fizeram também seus pais, acrescentando os seus toques pessoais, vivendo.

As pessoas podiam se referir àquele lugar como a propriedade dos Browns, pensou, mas quem vivia ali sabia que era muito mais que isso.

Talvez um dia ela pudesse compartilhar aquele espaço com o homem que amasse, pudesse construir uma nova vida ali.

Isso, pensou, alimentava todos os seus sonhos, seus objetivos, suas ambições. Amar, ser amada, compartilhar, construir algo forte e duradouro baseado no amor e no companheirismo.

Podia ser bem-sucedida sem isso. Podia ficar satisfeita sem isso. Mas se conhecia bem o bastante para saber que nunca se sentiria completa, nunca seria inteiramente feliz sem um

companheiro.

Acreditava no poder e na força do amor, nas promessas feitas, na solidez do compromisso. Casamentos eram a celebração de todas essas coisas, uma espécie de espetáculo cheio de símbolos e tradições. Mas no seu cerne havia os votos, as promessas, o laço emocional que se criava entre duas pessoas que acreditavam que seu relacionamento duraria a vida toda.

Tinha acabado de compreender – e ainda tentava aceitar – que Malcolm era o companheiro que ela queria para fazer essas promessas, para a vida toda.

Ainda assim, pensou, essa comunhão exigia troca, uma confiança e um *conhecimento* profundos. Havia ainda tanta coisa que ele mantinha à sombra ou mesmo fora do alcance dela.

Como aquilo podia dar certo para os dois se partes dele permaneciam trancadas à chave?

Inquieta, ajeitou uma almofada no sofá. Talvez perguntasse, talvez devesse esperar. Mas Malcolm não era o único que queria saber como e por que as coisas funcionam.

Um farol refletiu no vidro da janela, o que a fez franzir o cenho. Chegando mais perto, reconheceu o carro de Malcolm e, felicíssima – era como se o tivesse invocado com seus pensamentos –, foi abrir a porta da frente.

– Está tarde – disse ele, subindo a escada até a entrada da casa e passando os dedos pelo cabelo molhado.

– Tudo bem. Entre. Está frio e úmido aí fora.

– Vi umas luzes, então pensei que talvez você pudesse estar acordada.

– Pensou certo.

Tinha algo errado, percebeu ao observar o rosto dele, ao ver a tensão estampada ali.

– Acabamos a limpeza ainda agora.

– OK. Tudo bem. E como foi tudo?

– Foi maravilhoso.

Ele não se moveu para tocá-la ou para beijá-la. Ela se aproximou, encostou os lábios nos dele, como um modo de confortá-lo e de lhe dar as boas-vindas.

– Do início ao fim – completou ela.

– Que bom.

Ele andava pelo vestíbulo, inquieto.

Conte-me o que aconteceu, pensou Parker. Podia ver a barreira que os separava e odiava ter que derrubá-la.

– Malcolm...

– Tem uma cerveja?

– Claro.

Daria um pouco de tempo a ele, disse a si mesma enquanto seguia até a cozinha.

– Imagino que sua noite tenha sido longa. Terminou tudo o que tinha para fazer?

– Não. Fiz uma boa parte, mas surgiu um imprevisto – respondeu ele.

Ela pegou a cerveja e foi buscar um copo.

– Posso beber na garrafa.

Ele tirou a tampa, mas não bebeu.

Como podia não saber lidar com essa situação... com ele?, pensou Parker. Logo ela, que

sempre sabia o que fazer.

– Quer comer alguma coisa? Tem umas sobras da festa ou algo que a Sra. G...

– Não. Não precisa.

Não, ele não estava nada bem, pensou ela enquanto o via andar pela cozinha. Já basta, decidiu. Já era o bastante.

– Diga-me o que aconteceu.

– Tinha coisas para fazer. Depois disso, não estava com vontade de ir para casa, então dei uma passadinha para ver se ainda estaria acordada. E estava.

Ele pegou a cerveja, mas, depois de um gole, voltou a deixá-la na mesa.

– E já que está, talvez eu pudesse convencê-la a ir para a cama comigo.

Frustração e decepção se misturaram de forma incômoda ao ressentimento.

– Se eu achasse que você tinha vindo só para tomar uma cerveja e pelo sexo, talvez eu pudesse estar disposta. Mas não acho, então não, você não vai me convencer a ir para a cama.

– Foi uma tentativa. Estou indo, então.

A raiva foi o último ingrediente da mistura.

– Você acha que pode vir aqui, bater à porta e dar meia-volta para ir embora porque não conseguiu impor as condições que queria?

O rosto dele permaneceu calmo, neutro, com a mesma expressão, pensou Parker, que devia usar quando jogava pôquer.

– Não me lembro de ter imposto nenhuma condição. O clima não está lá essas coisas, então é melhor eu ir para casa. Assim nós dois podemos tentar ter umas horas de sono.

– Ah, claro, é perfeito, principalmente agora, que já me deixou chateada.

Ele se deteve e passou a mão no cabelo.

– Desculpe. Não era essa a minha intenção. Eu devia ter ido direto para casa.

– Acho que sim, já que, ao que tudo indica, nossa relação não é forte o suficiente para que confie em mim a ponto de revelar o que sente.

Num piscar de olhos, aquela expressão neutra desapareceu do rosto de Malcolm, dando lugar à irritação.

– Que besteira!

– Não me venha dizer que é besteira quando está na cara que não é. Você sabe onde fica a porta – acrescentou ela, adiantando-se.

Malcolm a segurou pelo braço e sentiu uma frieza que chegou a queimar seus dedos.

– Olhe, é só uma noite ruim. Uma noite ruim e um mau humor horrível. Eu não devia ter trazido nada disso até aqui.

– Está certíssimo – rebateu ela e se soltou puxando o braço de forma brusca. – Leve-os daqui com você.

Parker se afastou e foi esvaziar a cerveja na pia. Quando se virou, estava sozinha. Sentiu uma pontada no coração.

– Bem... – murmurou, e cuidadosamente lavou a garrafa. – É isso aí. Assim não funciona para mim.

Imaginou-se atirando a garrafa contra a parede, ouvindo o barulho de vidro se quebrando.

Mas, tinha que admitir, isso também não a ajudaria em nada, então só levou a garrafa para a lixeira de recicláveis.

Apagou as luzes, foi verificar se estava tudo fechado e deu uma volta pela casa antes de subir a escada que levava até a sua ala.

No quarto, despiu-se, guardou os sapatos, pendurou a roupa e pôs seu pijama mais velho e mais confortável.

Fez exatamente tudo o que fazia antes de ir para a cama.

Então ficou acordada a noite inteira, com raiva e triste.



– Não brigamos – garantiu Parker, completando o terceiro quilômetro na esteira. – Chegamos a um impasse.

– Para mim parece uma briga – disse Laurel.

– É briga quando você discute, grita, diz coisas inapropriadas. Não foi uma briga.

– Ele foi embora. Você ficou com raiva. Esses também são elementos de uma briga.

– OK, pense como quiser – retrucou Parker. – Brigamos do nosso jeito até chegar a um impasse.

– Ele foi um cretino.

– Nisso estamos de acordo.

– Foi um cretino – prosseguiu Laurel – por vir aqui à meia-noite deixando transparecer que algo o aborrecia quando não tinha a intenção de dizer o que era. E um cretino ainda maior por ter ido embora quando você mandou, porque qualquer um que conheça você sabe que o que esperava era que discutissem até ele dar o braço a torcer e contar o que o aborrecia.

Assentindo, Parker pegou sua garrafa de água e tomou um gole.

– Mas como ele não a conhece há tanto tempo quanto eu, talvez tenha interpretado esse "vá embora" como "vá embora" mesmo.

Parker sentiu um nó na garganta. Fez o maior esforço para se controlar e também para conseguir completar mais um quilômetro.

– Não posso ficar com alguém que não esteja disposto a conversar comigo, que não consiga ter uma relação íntima comigo a não ser a física.

– É, não pode. Mas a intimidade, a verdadeira intimidade, é mais difícil para uns que para outros. Não estou defendendo o Malcolm – acrescentou Laurel. – Só estou avaliando e dando minha opinião. Estou dando uma de você, já que está chateada demais para ser você mesma.

– Então eu devo ser uma chata. Desculpe – disse ela mais que depressa e saiu da esteira. – Sinto muito. Não consegui dormir nada e estou amarga.

– Tudo bem. De vez em quando você é uma chata.

Com um ligeiro esboço de sorriso, Parker pegou uma toalha.

– É, sou mesmo. Estou chateando a mim mesma agora.

Ela enterrou o rosto na toalha e o esfregou com força. E permaneceu imóvel quando sentiu Laurel abraçá-la.

– Não quero chorar, acho uma idiotice chorar por algo assim. Prefiro ser chata a ser idiota.

– Você não é nem uma coisa nem outra. E sabe que eu diria se fosse.

– Sei que sim – disse Parker, tirando a toalha do rosto.

– Está chateada, irritada, triste e muitíssimo cansada. Por que não tira umas horas para descansar um pouco? Posso resolver o que tiver que ser feito e, se eu não conseguir, peço ajuda a Emma e Mac.

– Talvez eu tire uma hora, sim. Vou dar uma volta para arejar um pouco.

– Faça o que achar melhor. Mas me dê o telefone.

– Ah, mas...

– Estou falando sério, Parker, me dê o telefone – repetiu Laurel e, estreitando os olhos, ergueu um dedo. – Se não fizer isso, vou achar que Malcolm não é o único a ter dificuldade em confiar nos outros.

– Isso é injusto – murmurou Parker, puxando o telefone da cintura.

Não se deu o trabalho de ir trocar de roupa. Só pôs um moletom e fechou o zíper. O ar frio e cortante, ainda úmido por causa da chuva que caira à noite, lhe fez bem. As árvores desnudas erguiam seus braços sombrios em direção ao céu de um azul tão luminoso que Parker se arrependeu de não ter posto seus óculos escuros. A grama, endurecida pela geada, farfalhava sob seus pés.

O outono, com suas cores, sua luminosidade, seu cheiro de fumaça, estava prestes a acabar, pensou, dando lugar ao inverno que avançava em silêncio.

Faltava só um mês para o casamento de Mac. E ainda havia tanta coisa para fazer, tantos detalhes, muitas coisinhas para conferir. Talvez fosse até bom Malcolm e ela terem dado esse passo atrás. Precisava se concentrar no casamento mais importante de todos os que a Votos já tinha organizado até então.

Só Deus sabia a quantidade de questões que tinha que resolver para os outros eventos, isso sem contar a extravagante festa dos Seamans na primavera, que demandava constante atenção.

Ainda precisava finalizar inúmeros preparativos para os casamentos de Emma e de Laurel e organizar tudo.

Depois tinha a proposta do livro. Com as mudanças e os acréscimos que as sócias tinham feito, o projeto ganhara solidez e estava pronto para seguir adiante. Já podia enviá-lo para um agente, pensou.

A verdade era que não tinha tempo para um relacionamento.

Em outro momento de sua vida, talvez, mas não agora. E sem dúvida esperava e exigia algo pleno, um encontro de almas baseado em absoluta confiança.

Como fora o casamento dos seus pais.

Não podia nem se permitiria se apaixonar por um homem que não queria o mesmo que ela. Por mais que doesse agora perceber isso, aceitar a situação, negá-la causaria muito mais sofrimento depois.

– Oi, Parker.

O susto interrompeu seu diálogo interno. Carter vinha na direção dela carregando uma pasta.

– Oi, Carter. Perdi a noção de tempo. Está indo para o trabalho?

– Isso mesmo. Está tudo bem?

– Está, sim. Eu só... devia entrar para começar a trabalhar.

Carter pegou sua mão.

– Qual o problema?

– Nenhum. Sério. Só não dormi muito na noite passada, então eu estou... – Fazendo a mesma coisa que Malcolm: me fechando. – Acho que Malcolm e eu terminamos ontem.

– Sinto muito se for verdade mesmo. Quer me dizer o motivo?

– Acho que não temos muito em comum, não vemos as coisas da mesma forma. Ou não queremos a mesma coisa.

Aquele nó na garganta apareceu de novo.

– Carter, não estou segura. Eu não o entendo.

– E quer?

– Sempre quero entender, e é provável que isso não permita que as coisas deem certo.

Carter pôs a pasta no chão, passou um braço nos ombros de Parker e foi caminhando ao lado dela.

– Você tem que ir trabalhar – falou ela.

– Ainda tenho um tempinho. Quando Mac e eu tivemos problemas, quando senti que não a entendia, você me ajudou. Você me esclareceu várias coisas sobre ela e eu precisava disso. Quem sabe não posso fazer o mesmo agora?

– Ele não deixa que eu me aproxime, Carter. Já fechou muitas portas. Acredito que são as nossas vivências que determinam quem somos. Mas toda vez que pergunto sobre as experiências ruins de Malcolm, ele diz que não têm importância, que já se passou muito tempo ou muda de assunto.

– Ele não fala muito de si mesmo. Acho que você tem razão sobre ele fechar as portas. Mas acredito que algumas pessoas fazem isso para abrir portas novas. Elas pensam que não vão conseguir seguir em frente sem deixar o passado de lado.

– Posso entender isso, claro, até certo ponto. Mas como se pode ficar com alguém, criar expectativas em relação a uma pessoa que não deixa que o outro conheça seu passado, que não compartilha seus problemas ou seus momentos ruins, que não se deixa ajudar?

– Pelo pouco que ele me contou e pelas várias coisas ditas pela minha mãe, parece que Malcolm sofreu muto na infância. Emocionalmente, quando o pai morreu, fisicamente por causa dos tios. Todo professor tem que lidar com crianças que passaram ou estão passando por experiências assim. Na maioria dos casos, dá certo trabalho e leva um bom tempo até se conquistar a confiança delas.

– Está querendo dizer que preciso lhe dar mais tempo, ter paciência e trabalhar nisso com mais afinco?

– Vai precisar fazer isso, sim – disse Carter, fazendo um carinho no braço da amiga enquanto caminhavam mais um pouco. – Já ele, eu diria que está louco por você, mas não sabe bem como lidar com isso. Você quer, precisa e merece saber tudo a respeito do Malcolm, só que ele acha que você deveria focar no que ele é agora, que isso deveria bastar.

– É uma boa análise – concluiu Parker, agradecida, e encostou-se nele com um suspiro. – Não

sei se ela me faz ter vontade de seguir adiante ou de sair correndo, mas é uma boa análise.

– Aposto que ele também não deve ter dormido direito.

– Espero que não.

Esse comentário a fez sorrir. Parker então se voltou para dar um abraço em Carter.

– Obrigada, Carter. Aconteça o que acontecer, você me ajudou bastante – disse e, soltando-o, acrescentou: – Agora vá para a escola.

– Seria bom se você tirasse uma soneca.

– Carter, com quem pensa que está falando?

– Eu tinha pelo menos que tentar – retrucou ele, dando-lhe um beijo no rosto e em seguida dirigindo-se para o carro.

Quase tropeçou na pasta, mas lembrou-se dela a tempo.

Parker respirou fundo e virou-se para entrar em casa.

– Mac – murmurou ela. – Você tem uma sorte e tanto!

Deteve-se um instante para observar a mansão, seu tom azul-claro contrastando com o céu reluzente. Aquelas belas linhas, pensou, os toques em marrom, o brilho das janelas. Como num casamento, concluiu, aquilo eram detalhes. No fundo o prédio era mais que uma casa, até mesmo mais que um lar, o que era vital para ela. Era um símbolo, uma afirmação. Durante gerações, fora um tributo a seu nome, a sua família. O fato de ela permanecer de pé por tanto tempo provava que estava no sangue de Parker construir coisas duradouras.

Como poderia construir algo com Malcolm se não entendia sua essência?

Entrou pela cozinha. Pensou em tomar um café da manhã reforçado para lhe dar energia. Quem sabe não teria uma resposta obrigando-se a retomar a rotina?

No entanto, ao entrar ali, viu a Sra. Grady sentada diante da bancada, com os olhos cheios de lágrimas.

– O que aconteceu?

Esquecendo os próprios problemas, Parker correu até ela.

– Teve um acidente horrível ontem à noite. Um acidente de carro.

– Eu sei. Del me contou. Meu Deus! Morreu alguém? Algum conhecido seu?

– Pior. Eram três meninas... adolescentes. Eram quatro. Tinham acabado de deixar uma delas em casa. Todas morreram, todas.

– Ai, não. Meu Deus!

– Conheço a mãe de uma delas, do clube de leitura.

– Puxa, Sra. G... – disse apenas, e a abraçou. – Sinto muito, muito mesmo.

– Tinha duas pessoas no outro carro. Dizem que uma delas está estável e a outra continua em estado crítico.

– Vou preparar um chá para a senhora – disse Parker, afastando o cabelo do rosto da governanta. – Vá se deitar um pouco que logo, logo trago o chá e lhe faço companhia.

– Não, estou bem. Tanto você quanto eu sabemos como uma morte súbita e cruel como essa pode ser devastadora.

– É.

Parker apertou sua mão carinhosamente e foi preparar o chá.

– Nunca gostei muito de Dana, a mulher que conheço do clube de leitura – confessou a Sra. Grady, que tirou um lencinho do bolso do avental e enxugou as lágrimas. – É uma pessoa desagradável, aquele tipo de gente que acha que sabe tudo. Mas agora que sei que perdeu uma filha, nada disso importa. Alguém tirou umas fotos do estado do carro e publicaram nos jornais. Espero que ela nunca chegue a ver isso e que o reboque tenha levado tudo antes que ela chegasse ao local.

– Espero que a senhora...

O reboque, pensou Parker. Malcolm.

Fechou os olhos e respirou fundo. Primeiro o mais urgente.

– Tome seu chá enquanto preparo algo para o café da manhã.

– Minha menina querida.

A Sra. Grady assoou o nariz e quase esboçou um sorriso.

– Que Deus a abençoe, mas você não consegue fazer nada que alguém possa comer.

– Sei preparar ovos mexidos com torradas – protestou Parker, pondo a xícara de chá na frente da Sra. Grady. – E se não confia em mim para isso, vou buscar Laurel. Mas a senhora vai tomar esse chá e em seguida um café da manhã. Depois vai ligar para Hilly Babcock, porque vai precisar da sua melhor amiga.

– Você é uma mandona.

– É verdade.

A governanta pegou a mão de Parker quando as lágrimas voltaram a seus olhos.

– Estava aqui sentada, com o coração partido por causa da morte das meninas, por suas famílias e até pela menina que acabou escapando... e uma parte de mim pensava “graças a Deus todas as minhas meninas estão bem”.

– Tem todo o direito de agradecer. Todas temos. Isso não nos impede de lamentar essa perda e ter pena das famílias.

Parker voltou a abraçar a Sra. Grady porque se lembrava bem, bem até demais, do dia em que sofreram essa perda. O modo como o mundo simplesmente desabara e o ar deixara de circular. O dia em que nada restara, a não ser uma dor terrível, lancinante.

– Tome o seu chá – mandou Parker, apertando com mais força uma última vez. – Vou chamar Laurel, Emma e Mac e ficaremos um pouco juntas para agradecer e para lamentar.

Deu um beijo no rosto da governanta.

– Mas agora vou preparar o café da manhã.



As quatro se revezaram na tarefa de ficar de olho na Sra. Grady, tentando ser discretas para que ela não percebesse. Como tinham muitos afazeres, um ensaio de noite e um fim de semana pela frente com vários eventos seguidos, Parker mal teve tempo de pensar.

Mas resolveu procurar a história na internet.

Aquilo, pensou com o coração apertado ao ver a foto do acidente, era o que Malcolm tinha presenciado na noite anterior. Como devia ter sido horrível ver de perto!

Era o que transformara o olhar dele, seu tom de voz.
Malcolm tinha vindo procurá-la, pensou. Fechado em si mesmo, mas tinha vindo procurá-la.
Por isso, assim que pudesse, ela o procuraria.

c a p í t u l o d e z e s s e t e

MALCOLM LIMPOU A SUSPENSÃO de um Jeep, nova e maior, que o cliente havia pedido que trocasse. Acreditava que o rapaz queria a mudança só para se exibir para os amigos, não para deixar o carro mais seguro.

Qualquer que fosse a razão, pensou, seu pagamento seria o mesmo.

Com o iPod tocando suas músicas a toda a altura na bancada da oficina, trabalhava metodicamente nos amortecedores dianteiros e nas molas traseiras. O pedido do cliente o obrigava a ajustar a direção e o freio também.

O garoto ficaria a um triz de ultrapassar o que a lei permitia.

Não era um trabalho urgente, nada que tivesse que continuar encarando depois de fechar a oficina. Mas a troca de óleo que insistira em assumir, em vez de passar o trabalho básico para Glen, também não era nada complicado.

Aquilo tomaria o seu tempo, pensou, com o The Killers tocando a todo volume. Bom, queria mesmo se manter ocupado.

Pelo menos não ficara pensando durante o tempo que levou para erguer o carro e trocar o fluido de freio.

Quer dizer, praticamente não pensara.

Não adiantaria nada ficar ruminando as mazelas do mundo e da sua vida. O mundo continuaria com problemas, por mais que ele pensasse nisso.

Já sua vida... uma pequena parte dela estava em ordem. Parker era um assunto que tinha ficado muito intenso, talvez até um pouco opressor, e isso sem dúvida o afetava.

Ele fora atrás, fizera pressão, forçara as coisas. De alguma forma, ele, ou ela, ou ambos (não tinha muita certeza) haviam acelerado demais e mergulhado muito mais fundo do que ele imaginava.

Vinham passando juntos quase todo o seu tempo livre e até parte do que não estava exatamente livre. E então, buuumm!, de repente se vira planejando passar a próxima semana com ela, os próximos meses e até mais que isso. Não tinha se preparado para esse tipo de coisa.

Pior, antes de saber o que estava acontecendo, ele a tinha chamado para jantar na casa de sua mãe e pedido para que passasse a noite em sua cama.

Tanto uma coisa quanto outra abriram precedentes. Não que tivesse regras muito rígidas a respeito disso. Só tentava agir com cautela para deixar as coisas num nível mais confortável.

Só que Parker também não estava confortável com isso, pensou enquanto aparafusava um protetor de cárter. Ele sabia.

Ela era complicada e nada previsível como parecia. Era inegável que ele tinha curiosidade em saber como ela funcionava. Mas quanto mais examinava suas engrenagens, mais envolvido

ficava.

Agora já conhecia as engrenagens e seu modo de funcionamento. Ela era detalhista, um pouco... quer dizer, extremamente, obsessiva e focada. Misturado a tudo isso, tinha o dom e a necessidade de arrumar com perfeição todos os detalhes em seus devidos lugares, amarrando-os com um laço de fita.

Se isso, além do dinheiro e do pedigree, fosse tudo, ela provavelmente seria uma bela pentelha. Mas Parker sentia uma profunda necessidade de constituir uma família, de ter estabilidade, um lar (caramba, podia entender isso tão bem) e sabia valorizar o que tinha. Era leal até o último fio de cabelo, generosa e, como fora educada para ser produtiva e útil, tinha uma ética profissional inquestionável.

Era complicada e verdadeira e, assim como a imagem que ele tinha da mãe dela no acostamento da estrada com um vestido primaveril, achava que Parker era a própria definição de beleza. Por dentro e por fora.

Por isso tinha quebrado as próprias regras. Quanto mais a conhecia, mais envolvido ficava e mais certeza tinha de que ela era o que ele queria.

Sabia lidar com os próprios desejos. Tinha desejado muitas coisas. Algumas conseguira, outras não. E sempre achara que, pensando bem, o resultado era mais para positivo. Mas se dera conta de que, na noite anterior, quando fora à casa dela por estar inquieto, angustiado e absurdamente triste, o desejo se juntara à necessidade.

Precisava estar com ela, só queria *estar* lá, com ela, naquele espaço organizado que ela criara, onde, de alguma forma, tudo fazia sentido.

E essa necessidade de algo, de alguém, era como pular do alto de um prédio sem equipamento de segurança. Tinha aprendido do modo mais difícil que era melhor cuidar de si mesmo, ocupar-se consigo mesmo e com as próprias coisas. E ponto final!

Só que começara a pensar nela como algo *seu*. Já tinha lhe contado certas coisas que jamais contara a ninguém, coisas que nem achava que mereciam ser lembradas.

Portanto...

Era melhor que ela tivesse se chateado, decidiu. Era melhor que o tivesse mandado embora. Os dois poderiam respirar por um tempo, deixar a poeira baixar. Reavaliariam as coisas.

Foi verificar as alterações, deslocando-se da frente para a parte traseira do veículo.

Nesse momento ouviu, mais alto que a música do Foo Fighters, o barulho de saltos altos batendo no chão.

Bastou virar um pouco a cabeça para vê-la. Lá estava ela, metida num daqueles terninhos sexy que usava para trabalhar, com aquele rosto cativante e uma bolsa do tamanho de um Buick pendurada no ombro.

– A porta não estava trancada.

– É, não estava.

Malcolm tirou uma estopa do bolso para limpar as mãos.

Ela não deveria estar aqui, pensou. A oficina tinha cheiro de graxa, motor e suor. E, é claro, ele estava com o mesmo cheiro.

– Achei que você fosse ter um evento.

– É, mas já terminou – falou Parker e lhe lançou um olhar sereno. – Mas nós ainda não. Então, você poderia desligar isso?

– Tenho que pôr as rodas e os pneus ainda.

– Tudo bem. Eu espero.

Esperaria mesmo, concluiu ele. Ela era boa nisso.

Então decidiu que os Foo Fighters teriam que voar sem ele. Guardou as ferramentas, desligou o iPod, abriu a bolsa térmica que tinha posto no banco ao seu lado. Tirou uma das duas cervejas que colocara ali dentro.

– Quer uma?

– Não.

Malcolm abriu a garrafa e tomou um bom gole enquanto a observava.

– O que tem em mente, Pernas?

– Na verdade, um monte de coisas. Soube do acidente, o das três meninas. Por que não me contou ontem à noite?

– Não queria falar disso.

A imagem... os vidros quebrados, o sangue, o metal queimado no asfalto escorregadio por causa da chuva... tudo voltou à sua cabeça.

– Continuo não querendo.

– Prefere ficar remoendo isso sozinho.

– Não estou remoendo nada.

– Acredito de verdade que essa é a primeira vez que você mente para mim.

Mesmo sem justificativa, Malcolm ficou irritadíssimo por ela ter razão.

– Sei o que estou sentindo, Parker. E falar sobre isso não muda nada. Não muda o fato de aquelas garotas estarem mortas, nem livra o casal do outro carro de ter que viver num mundo de dor. A vida segue em frente, até que acabe.

O ardor com que expeliu essas palavras não alterou a fisionomia tranquila de Parker.

– Se acreditasse que você era tão fatalista e insensível, teria pena. Mas não acredito. Você foi me ver porque estava triste, mas não pôde ou não quis me contar o motivo. Pelo menos se irritar comigo serviu para alguma coisa, fez com que substituísse a tristeza pela raiva. Mas não mereço isso, Malcolm, e você também não.

Ela tinha razão mais uma vez. Placar: Brown 2 x 0 Kavanaugh. Isso só o irritou ainda mais.

– Como estava de mau humor ontem à noite, não devia ter passado para ver você. Quer que eu peça desculpas? OK, me desculpe.

– Você não me conhece, não é, Malcolm?

– Meu Deus... – murmurou ele, tomando mais um gole da cerveja mesmo sem estar com vontade.

– E não me venha com essa atitude *masculina* e depreciativa.

– Mas eu *sou* homem – disse ele, satisfeito por ter tirado um fiapo daquela capa de tranquilidade dela e estar a caminho de tirar mais. – Portanto é normal que eu tenha atitudes *masculinas*.

– Então tente entender isso. Se estamos juntos, vou querer compartilhar os momentos em que

você estiver pulando de alegria e os momentos em que estiver de mau humor.

– Ah, é? – disse apenas, e algo dentro dele o sufocou, lhe causou um nó na garganta. – Pois não foi o que me pareceu na noite passada.

– Você não me disse...

– Que parte do "não quero falar sobre isso" você não entendeu? E por que diabos isso tem a ver com você e comigo? Três garotas estão mortas e, se tiveram sorte, a morte foi rápida. Mas não acredito que tenham morrido tão depressa. Cinco ou dez segundos de consciência duram uma eternidade. Além disso, não poder crescer, não poder apertar um botão para voltar atrás e dizer "vou fazer de outra maneira agora" é um preço muitíssimo alto para uma menina que só tinha a carteira de motorista há um ano e duas amigas suas que foram umas idiotas.

Parker não se assustou quando a garrafa que Malcolm atirou na parede se estilhaçou, mas deixou escapar um ruído que tanto podia ser um riso como um murmúrio de compaixão.

– Ontem à noite, quando você foi embora, quase fiz a mesma coisa. Depois pensei que não adiantaria nada e ainda por cima eu é que teria que limpar tudo. Para você serviu de alguma coisa? – perguntou ela.

– Meu Deus, você é uma peça! Nem tudo tem uma resposta direta e prática. As coisas não precisam sempre fazer sentido, merda. Se fizessem, três garotas não estariam mortas agora por estarem em alta velocidade, mandando mensagem de texto para os amigos.

Parker sentiu o coração apertado com toda essa história.

– Foi isso que provocou o acidente? Como ficou sabendo?

– Conheço algumas pessoas.

Porcaria, pensou, mexendo no cabelo enquanto se esforçava para controlar a raiva que o havia cegado.

– Olha, vão manter tudo isso debaixo dos panos até a investigação terminar.

– Não vou dizer nada. A Sra. Grady conhece a mãe da menina que estava dirigindo e está muito abalada. Eu ter deixado que falasse, ter lhe preparado um chá e segurado sua mão não ajudou grande coisa. Talvez não tenha lhe dado uma resposta direta e prática, talvez nada disso tenha feito sentido para ela. Mas eu tinha que fazer alguma coisa. Quando as pessoas que amo estão sofrendo, chateadas ou apenas tristes, tenho que fazer alguma coisa.

– Independentemente de elas quererem ou não.

– É, acho que sim. Acredito que ajudarmos uns aos outros não vai diminuir a tragédia do que aconteceu a essas meninas nem vai fazer ninguém se sentir menos angustiado por causa delas e de suas famílias. Mas já entendi. Não quer que eu o escute. Não quer que eu segure sua mão. O que significa que o benefício seria apenas meu, não seu.

Ela deu um suspiro profundo e Malcolm percebeu que sua respiração estava alterada. Mais do qualquer coisa que ela houvesse dito ou feito, aquilo o impressionou.

– Você atira uma garrafa na parede e depois vai recolher os cacos de vidro para jogar fora. Você lida com isso de maneira prática, Malcolm.

– Às vezes uma garrafa quebrada não passa de uma garrafa quebrada. Olhe, tenho que pôr as rodas no Jeep.

Não foi raiva que viu no rosto de Parker, apesar de ter sido esse seu objetivo. Foi dor. E

aquela respiração alterada de novo.

Ela assentiu.

– Boa sorte aí.

Por um instante, quando ela se virou para ir embora, ele desejou ter a garrafa nas mãos de novo. Assim poderia atirá-la na parede mais uma vez.

– Eu pensei que ia morrer.

Ela se deteve, voltou-se para Malcolm. E esperou.

– Quando deu tudo errado, quando percebi que ia cair, achei que poderia sair dali. Mas o sistema não funcionou. Um problema técnico, um erro de cálculo e cortes de despesas que nos fariam correr perigo e não foram comunicados. Uns figurões tomaram uma decisão equivocada, seja lá por que motivo. Mas foi por isso que acabei ganhando um cheque polpudo no final.

– Foi por isso que você se feriu.

– Resolvi enterrar essa merda toda.

E era o que ele tinha feito. O que precisara fazer para superar.

– De toda forma, num primeiro momento pensei: vou cair. Depois, achei que conseguiria lidar com a situação. Por fim... bem, foi quando entendi que não ia conseguir e achei que ia morrer. Estamos falando de segundos entre um momento e outro, mas tudo fica em câmera lenta. Tem o barulho, rangidos e estrondos e, fora do túnel em que você está, tudo é um borrão. Lá dentro, no entanto, tudo parece acontecer bem devagar e meros segundos se tornam uma eternidade. É aterrorizante. Isso tudo vem antes da dor.

Ele teve que parar para tomar fôlego e se acalmar um pouco. Enquanto isso, ela foi até a bolsa térmica e pegou a garrafa de água que ele tinha posto junto com a cerveja.

Abriu e, fitando-o fixamente, estendeu-a para ele.

Meu Deus, pensou Malcolm, essa mulher é inacreditável. Inacreditável mesmo.

– OK – disse ele e, molhando a garganta, prosseguiu: – Com a dor a gente percebe que não está morto, mas quer estar. Por dentro está urrando, e seus berros não parecem humanos. E você nem consegue soltar esse grito, já que você está no próprio sangue. Você não consegue respirar porque seus pulmões estão parando. São insuportáveis esses segundos em que se está imobilizado pela dor, esperando pela morte. Querendo que tudo se acabe. Que bem pode fazer a você saber disso? – questionou ele.

– É uma parte sua. Não somos quadros em branco, Malcolm. O que fizemos e o que tivemos que superar formam nossa identidade. O que aconteceu a essas garotas, sua reação...

– Não sei por que essa história me afetou tanto. Talvez porque meu dia de trabalho tenha sido muito puxado, talvez por ter sido perto de casa. Não me lembro do meu acidente toda vez que tenho que lidar com um. Não é assim que acontece.

– Como é então?

– Penso que isso é passado. Se não fosse, eu não estaria aqui. Isso ficou para trás no momento em que acordei no hospital. Não estava morto. Isso era o mais importante: eu não estava morto e queria seguir com a minha vida.

Malcolm deixou de lado a garrafa de água e foi buscar uma vassoura e uma pá para recolher os cacos de vidro.

– Se fosse para doer como se eu estivesse no inferno, OK. Eu tinha sobrevivido ao acidente e passado por tudo aquilo. Era preciso me reconstruir pondo pinos por todo lado? Que fosse, contanto que eu pudesse sair dali com minhas próprias pernas. Comecei a fazer planos, era o meu jeito de superar. Não ia mais viver um dia de cada vez.

– Você apertou o botão para voltar atrás.

Ele olhou para Parker.

– É, de certo modo foi o que fiz. Ou talvez tenha apertado o de avançar. Mas quando acordei e vi a cara da minha mãe, sentada ao meu lado, soube que não voltaria a fazer aquilo. Não digo que sou tudo que ela tem, porque ela é muito mais que isso. Mas não poria em risco o único elo familiar que lhe restava, então decidi deixar de lado aquela vida perigosa. Tinha a oportunidade de fazer algo por ela e de seguir adiante por mim mesmo.

Ele suspirou e jogou os cacos de vidro na lixeira.

– Ela não quis voltar para casa. Nem quando me recuperei a ponto de gritar com ela e irritá-la, eu consegui fazê-la voltar.

– Era o que você queria? – perguntou Parker calmamente. – Queria que ela fosse embora?

– Eu... não. Caramba, claro que não. Mas do jeito que as coisas estavam também não queria que ela ficasse. Minha mãe largou o emprego e pegou uns trabalhos temporários de garçonete. Eu tinha saído de casa com 18 anos. Enviava dinheiro para ela, é claro, mas dava para contar nos dedos as vezes que fui visitá-la. Mesmo assim, ela não quis me deixar. Tive a chance de mudar as coisas e foi o que fiz. E é essa a história.

– Você tem a maior sorte de ter sua mãe.

– Sei disso.

– E ela é uma felizarda por ter você.

– A gente se dá bem.

– Malcolm, como você definiria o que há entre mim e você? O que somos?

– Como você definiria?

– Não, não, você sempre evita responder. As cartas estão na mesa. Pode escolher as suas.

– Meu Deus, Parker, às vezes é difícil lidar com você. Já me desculpei por ontem à noite e expliquei meus motivos. Expliquei bem mais do que gostaria.

– Devo entender então que não pode explicar o que há entre nós dois?

– Não quero explicar nada – retrucou ele, pegando a garrafa e voltando a apoiá-la na mesa. – Se tivesse que fazer isso, diria que temos uma relação.

– Uma relação – repetiu ela, dando uma risada. – OK. Você acha que quero ter uma relação com você e não saber como lida com essa situação traumática, como isso afeta você, como mudou o rumo da sua vida ou como você mesmo mudou em função disso?

– Já deixou muito claro que não.

– É importante para você saber como as coisas funcionam. Bom, não posso saber como você funciona ou como nós dois deveríamos funcionar se não tiver acesso a todas as peças.

Isso o atingiu lá no fundo.

– Entendo – disse ele –, mas tem várias peças de que não gosto, por isso resolvi mudá-las, como estou fazendo com esse Jeep. Não funciono da mesma forma que funcionava antes do

acidente. Acho que não teríamos uma relação se eu funcionasse como antes.

– Isso nós nunca vamos saber. Mas gosto de você do jeito que é, Malcolm, e isso inclui o seu passado. Não quero ter a sensação de que estou sendo intrometida cada vez que faço uma pergunta sobre o seu passado.

– Também não quero que tenha essa sensação. Só não gosto de ficar remexendo nisso. O passado ficou para trás.

– Discordo. Você não se lembra da primeira vez que subiu numa moto, beijou uma garota ou dirigiu um carro?

– Lembro-me da primeira vez que beijei você, quero dizer, que você me beijou. Foi no Quatro de Julho.

Bom, pensou Parker, por hoje já basta. Vamos deixar as coisas rolarem.

– Foi só para deixar Del com raiva.

– De toda forma, quem saiu ganhando fui eu.

Malcolm olhou para as próprias mãos.

– Não estou em condições de encostar em você sem deixá-la toda suja. E esse terninho é chique demais para isso.

– Então fique quieto e mantenha as mãos longe de mim.

Ela se aproximou e lhe deu um beijo.

– Espero que não pense que esse beijo vai compensar por não ter feito sexo comigo.

– Nas atuais circunstâncias, é o melhor que vai conseguir.

– Quem sabe você não fica um pouco mais? Os homens adoram quando as mulheres ficam vendo eles consertarem um carro.

– Fazemos isso para amansar vocês.

Malcolm baixou um pouco o Jeep.

– Quando foi que você saiu com alguém que se mete embaixo de carros?

– Nunca, mas Mac já saiu. Ou seja, posso falar com propriedade.

Relaxado, sentindo que aquele nó que tinha na garganta e no estômago havia se desmanchado, ele sorriu.

– Que comentário sexista. Conheço várias mulheres que se interessam por mecânica.

– Mas as mulheres desse tipo não devem ficar só paradas olhando.

– OK. Consegue alcançar o volante?

– Acho que sim, mas...

– Então me faça um favor. Suba ali e vire tudo para a direita. Depois, faça a mesma coisa para a esquerda.

– Por quê?

– Porque levantar a suspensão pode provocar uma série de alterações, e quero ter certeza de que não há nenhum problema antes de pôr as rodas de novo.

– E o que você teria feito se eu não tivesse passado aqui?

– Ficado meio puto. Tudo para a direita – acrescentou ele, enfiando-se debaixo do carro.

– Eu estava me referindo ao Jeep, mas, na verdade, preferi essa resposta.

Parker se debruçou pela janela e girou o volante.

– Assim?

– Isso, pelo visto tudo bem. Daqui tenho uma vista fantástica.

– Você deveria estar olhando alguma coisa debaixo desse Jeep e não debaixo da minha saia.

– Posso fazer as duas coisas. Para a esquerda, Pernas.

– Acha que sua mãe gostaria de ir jantar lá em casa no dia de Ação de Graças?

Malcolm ficou em silêncio por alguns instantes e Parker olhou para o teto.

– Ou será que isso não cabe na nossa relação?

– Só um minuto.

Ele saiu de sob o carro, pegou uma ferramenta e voltou a se meter embaixo do veículo.

Parker ouviu um ligeiro ruído metálico.

– Vire de novo. Pronto.

Ele saiu de baixo do Jeep, se levantou e deu alguns passos para pegar um pneu enorme. Por que ele chamava aquilo de roda? Talvez a roda fosse o que ela achava que ficava dentro do pneu e se encaixava no... será que aquilo era o eixo?

Mas por que diabos tinha que se preocupar com isso?

– Nunca estive nessa situação em particular.

– Entendo.

– Não entende, não.

Ele estava usando uma espécie de ferramenta pneumática que fazia um chiado bem alto e uns barulhos surdos.

– Já estive em outras situações, mas essa é diferente.

– Eu entendo, Malcolm. Para mim também é uma situação diferente. E posso perfeitamente compreender que comemorar um feriado em família não se encaixe nisso.

– Acho que podemos descobrir. Sei que ela ia gostar, mas vai me fazer milhões de perguntas: que tipo de roupa usar ou...

– É black tie.

Parker fez cara de paisagem por uns cinco segundos. Era óbvio que ele estava lutando para não dizer um palavrão.

– Ah, pelo amor de Deus, Malcolm! – exclamou ela, rindo. – Claro que não tem nada disso. E durante boa parte do dia, como na maioria das casas dos Estados Unidos, pelo menos a facção masculina vai estar diante da televisão vendo futebol.

– Aposto que o molho de framboesa não é enlatado, como na maioria das casas dos Estados Unidos.

– Aí você me pegou. Vou falar com sua mãe e poupá-lo do interrogatório.

– Até parece... Agradeço muito a sua boa intenção, mas mesmo assim ela vai me encher o saco e vai pegar no meu pé até eu acabar usando um terno.

– Você fica lindo de terno. Por que esses pneus são tão grandes?

– Porque o dono desse Jeep é um sujeitinho exibido.

Ele apertou um botão e o carro veio descendo até os pneus tocarem o chão.

– Preciso checar a direção de novo desse jeito e, depois, levantando cada lado ao máximo com o macaco. E tenho que fazer o alinhamento.

Ele observou o Jeep e depois a mulher que estava ao seu lado.

– Mas posso fazer isso amanhã cedo. Por que não vou me lavar, fecho tudo e levo você para jantar?

– É meio tarde para jantar.

Como não estava de relógio, Malcolm apontou para o pulso de Parker e virou a cabeça para olhar as horas.

– É, acho que é mesmo. A menos que você ainda não tenha jantado.

– Sabe de uma coisa, por que você não vai se lavar, fecha tudo e vem comigo lá para casa? Faço uns ovos mexidos para você. É o prato especial do dia.

– Perfeito. Parker, estou feliz que você tenha vindo.



Parker pegou o telefone e saiu da cama. Deu uma olhadinha no relógio e viu que eram apenas cinco horas e a noiva da sexta à noite já estava de pé.

– Bom dia, Leah. Em q...

Parker se interrompeu e se dirigiu para a salinha contígua enquanto a noiva falava de sua crise.

– Ah, sinto muito. Não, não precisa se preocupar por causa da hora. Hoje estou à sua disposição o dia todo. Não quero que se preocupe com nada relacionado ao casamento. Se falar com Justin, diga a ele que sua mãe estará em nossos pensamentos. Deixe o resto conosco, Leah. Eu resolvo tudo. Só queria perguntar uma coisa: um dos amigos do noivo pode fazer papel de padrinho?

Parker ouvia, agradecida por ver que a noiva mantinha a calma apesar de saber que o padrinho estava a caminho de Seattle no dia do seu casamento.

– Ótimo. Só vamos ficar com um homem a menos no cortejo do noivo. Channing ou você não conhecem alguém que possa substituí-lo? É, sei que está em cima da hora e que tem também a questão da roupa que escolheram.

Apertando os lábios, abriu a porta e estreitou os olhos quando viu que Malcolm estava atravessado na cama, aproveitando que ela se levantara.

– Acho que tenho alguém que se encaixa direitinho. Sei que nem você nem Channing o conhecem, mas... Não, nem pense nisso. Vou tentar resolver aqui e ligo de volta para você. E prometo, vamos cuidar de tudo. Só me dê uma hora.

Parker voltou para o quarto já bolando uma estratégia.

Não custava nada amansar a presa...

Foi se enfiando na cama com cuidado, aconchegando-se às costas do rapaz. Era um trabalho duro, pensou ela acariciando o dorso de Malcolm, passando os lábios em seus ombros. Mas alguém tinha que fazê-lo.

Ele era quente, firme. Passou a mão na sua cintura, na barriga e desceu um pouco mais. Então sorriu, pensando: bem firme.

Percorreu a coxa do rapaz com os dedos e foi subindo de novo. Então se dedicou a sério à

tarefa que tinha pela frente. Com as mãos e a boca fez com que ele se movesse e despertasse. Malcolm se virou de frente e ela viu seus olhos sonolentos brilhando no escuro.

– Bom dia – murmurou, dando beijos em seu peito.

– Parece que é mesmo.

Ela deu umas mordidinhas suaves no pescoço dele.

– Já que eu despertei e que você também... – sugeriu Parker e foi subindo com os lábios até a orelha de Malcolm, que agora passava as mãos por seu corpo. – Espero que não se importe que eu me sirva.

– Faça o que tiver que fazer.

Parker riu e subiu em cima dele. Inclinou-se para deixar seus seios bem ao alcance da boca de Malcolm e se entregou a um prazer preguiçoso. Havia tanta coisa que não sabia a respeito dele... tanta coisa que talvez nunca chegasse a entender.

No entanto, ali no escuro, se davam muito bem.

Ela se ergueu e se encaixou nele.

Envolveu-o por inteiro com seu corpo, seu cheiro, os sons de sua respiração ofegante, impregnando a língua dele com seu sabor. Moveu-se em cima dele como uma pálida sombra, uma doce fantasia, uma mulher ardente. Antes que amanhecesse, tomou aquele homem, conduzindo-o, possuindo-o.

Arqueava o corpo, puxando-o consigo.

Deixou escapar um gemido que mais parecia o lamento de um gato diante da última gota de leite e depois se estirou inteira sobre ele.

– Isso sim... – E repetiu aquele gemido. –... é a forma perfeita de começar o dia.

– Um café da manhã dos deuses.

– Hummm. Que horas você tem que ir trabalhar?

– Por volta das sete, sete e meia. Com essa arrancada inicial, poderia fazer uma meia hora de ginástica. Sabe que horas são?

– Você ainda tem um tempinho. Vai voltar mais tarde?

– Vou, sim.

Seus dedos subiam e desciam preguiçosos pelas costas dela.

– Acho que consigo sair às quatro, caso você precise de ajuda hoje à noite.

– Seria maravilhoso – disse ela, sorrindo e virando a cabeça para beijar o pescoço dele. – Pois a ligação que nos brindou com esse incrível despertar foi da noiva de hoje, que está com um problema.

– Pode deixar que estarei aqui, já sei que estou em dívida com ela.

Até que estava sendo bem fácil, pensou Parker.

– Bom, e você é o único que pode resolver essa situação.

– Como assim? A limusine precisa de algum conserto? A carruagem da Cinderela vai precisar de uma roda nova?

– Se fosse isso, eu chamaria você, mas não é.

Parker lhe deu um beijo no rosto e percebeu que a barba dele já estava crescendo.

– O melhor amigo do noivo, padrinho do casamento, teve que pegar um avião para Seattle

hoje de manhã – prosseguiu ela, beijando agora a outra face de Malcolm. – A mãe dele teve que fazer uma cirurgia de emergência.

– Caramba, é grave?

– Peritonite. Estão preocupados com uma possível septicemia ou que haja outras complicações. Além de tudo, ela estava cuidando da mãe, que operou há pouco tempo o quadril, o que complica ainda mais as coisas para todo mundo. Leah e Channing estão preocupados com o amigo, com a mãe do amigo e ainda por cima ficaram sem o padrinho. Um dos participantes do cortejo do noivo vai substituí-lo, mas precisamos de alguém para ficar no seu lugar.

– Hummm.

– E essa pessoa tem que ter o mesmo tipo físico do Justin, para que a roupa caiba.

– Entendo.

– Seu tamanho de calça é 40, não é? E você tem uns 80 centímetros de cintura e usa camisa tamanho grande?

– Acho que sim, eu nunca... Ei, espere aí.

Quando ele a empurrou pelos ombros, Parker só se aconchegou mais.

– Você me faria um enorme favor... Vai gostar de Channing. Ele é encantador. Leah e ele cresceram juntos, por assim dizer. Foram namorados na época de escola. Depois, quando foram para a faculdade, perderam o contato por um tempo até que...

– Você só pode estar brincando.

Dessa vez ele foi mais enfático no empurrão e a afastou.

– Não espera de verdade que eu me enfie no smoking de outro cara e...

– Tenho certeza que vai caber direitinho em você. Para Del tinha que ser tamanho 42, já para Jack ficaria grande. E eles não podem usar as próprias roupas porque os membros do cortejo nupcial vão estar vestidos com o mesmo traje.

– Não tem a menor condição de eu...

– Pense que é uma substituição. Na verdade, é só isso – falou Parker e voltou a se virar, deslizando pelo peito dele. – Já esteve num casamento antes, não é?

– Já, mas...

– Tudo o que vai precisar fazer é conduzir os convidados aos seus lugares, ficar de pé com os outros membros do cortejo do noivo e depois acompanhar uma das belas damas na saída. Você tiraria Leah e Channing do maior sufoco.

– Talvez eu me preocupasse com isso se conhecesse Leah e Channing.

– Mas você me conhece. Estaria me ajudando muito, Malcolm – disse Parker, dando um beijo no rosto dele. – E eu ficaria muito agradecida.

– Tenho que ir trabalhar.

– Mas vai chegar aqui com tempo de sobra. Sério, se chegar aqui às quinze para as seis, posso preparar tudo. Dou um jeito nos detalhes. A única coisa que vai precisar fazer é pôr o smoking. Ah, e os sapatos que usou no casamento de Sherry combinariam bem.

– Jura?

– Sarcasmo percebido e ignorado. Você chega, faz uma cara simpática e acompanha as pessoas até seus lugares. Vai ser um casamento lindo. O bolo está incrível. É de chocolate

marmorizado, com um glacê sobre creme de manteiga. Laurel vai servi-lo com toneladas de calda de caramelo.

– Você acha que pode me subornar com bolo?

– É um bolo excepcional – repetiu ela, mordiscando o queixo de Malcolm. – E tenho certeza de que posso conseguir uma porção extra dessa calda para... depois.

– Agora está me subornando com sexo banhado em calda de caramelo?

– É.

– Você é diabólica, Pernas.

– Obrigada.

– Aquele jeito de me acordar foi para me preparar para isso?

– É claro.

– Bem bolado.

– E então?

– Gostaria de saber que homem é capaz de resistir a uma calda de caramelo.

– Obrigada – disse Parker, dando-lhe um beijo estalado na boca. – Obrigada mesmo. Tenho que ligar para Leah e lhe dar a notícia.

Pulou da cama e pegou o telefone.

– Não se preocupe com nada. Só precisa estar aqui. Vou lhe dizer direitinho tudo o que vai ter que fazer.

– OK, OK.

E enquanto ela ligava para a noiva, Malcolm tapou o rosto com o travesseiro.

c a p í t u l o d e z o i t o

Ele pensou em inventar uma emergência qualquer, mas seria covardia fazer isso. E ele ficaria sem a calda de caramelo.

Além do mais, tinha que admitir que Parker soubera manipulá-lo direitinho, e não podia fazer nada além de admirar sua estratégia. Ele se deliciara o dia inteiro pensando em como fora executada.

Terminou o trabalho com o Jeep, montou um carburador, fez algumas revisões de rotina e atendeu a uma ou duas chamadas para serviços externos, já que trocaria o turno da noite com Bill.

Passou os olhos pela papelada de trabalho – a maior parte ficaria por conta de sua mãe – e terminou uma lista de peças que queria que ela achasse para que pudesse consertar um Mustang 1967.

Deu também uma olhada na contabilidade da oficina. Sempre tinha uma estranha sensação quando constatava que o negócio ia bem.

Bem o bastante para reinvestir algum dinheiro, dar um aumento generoso para sua mãe e os outros funcionários e até tirar alguns dias de férias no inverno, depois das festas.

Uma semana em algum lugar com uma praia de águas cristalinas. O ritmo da Votos em janeiro era mais calmo, segundo Parker. Ela provavelmente daria um jeito de conseguir tirar uma semana. Ninguém era tão bom quanto ela para dar jeitos.

Ele a ensinaria a surfar.

Talvez ela até já soubesse. Tinha que lhe perguntar.

Então se deu conta de que estava planejando férias com Parker. Quando isso tinha acontecido?

Ficou parado alguns segundos, escutando os barulhos que vinham da oficina, tentando assimilar essa ideia. Quando a ansiedade baixou, deixou escapar um suspiro.

Quando ou como isso tinha acontecido não importavam, o fato é que tinha acontecido. E por ele tudo bem.

Tudo bem, não, tudo ótimo, admitiu, porque já podia se ver com ela numa praia de águas cristalinas, tomando um drink com rum, deixando o trabalho de lado por uns dias.

Ou talvez pudessem ir para a casa dela nos Hamptons. As praias no inverno eram sinônimo de privacidade e sexo perto de uma fogueira...

Daria essa ideia para ver o que ela achava.

Juntou os documentos e atravessou a oficina em direção ao escritório.

– Tenho umas coisas aqui – começou ele, estendendo as listas de pedidos, enquanto sua mãe, com aqueles óculos de armação verde, dava uma olhada nos papéis.

– Vai sair agora?

– Vou, tenho que resolver umas coisas. Se não der para terminar tudo, deixe que eu vejo o que sobrar na segunda.

– Eu não disse que não podia fazer. Venha aqui.

Ele se inclinou sobre a bancada e ganhou um cascudo na cabeça.

– Ai.

– Por que não me disse que tínhamos sido convidados pelos Browns para jantar na casa deles no dia de Ação de Graças?

– Eu mesmo soube faz pouco tempo.

Sentindo-se injustiçado como só sua mãe conseguia deixá-lo, esfregou o ponto em que ela havia batido.

– E Parker disse que ligaria para você para falar disso, o que deve ter feito, creio eu. Qual o problema?

– Se tivesse me dito, eu não teria sido pega de surpresa. E se ela não tivesse ligado, eu teria comprado um maldito peru quando estivesse voltando do trabalho hoje. E teria um peru que eu não ia usar.

– Bom, ela ligou, então você não comprou e não tem.

– Sorte a sua.

Ela fez aquela careta que deixava Malcolm com vontade de encolher os ombros.

– Você vai de terno.

Ele tinha *certeza* disso.

– Parker disse que não tem necessidade de ir de terno.

– Não quero saber o que Parker disse. Eu estou dizendo que você vai de terno. Temos que comprar um novo. Quando foi a última vez que comprou um terno?

Estava quase encolhendo os ombros de verdade e agradeceu a Deus por seus funcionários estarem a uma boa distância e não poderem ouvir aquela conversa.

– Caramba, mãe, sei lá!

– Não erga a voz para mim – disse ela, apontando-lhe um dedo que mais parecia uma navalha. – Você vai comprar um terno novo. E uma gravata. E um sapato decente.

– Meu Deus!

– Se está saindo com uma mulher como Parker Brown, não pode ter só um terno para eventuais casamentos ou enterros. E você é um empresário bem-sucedido, não se esqueça disso. Um empresário bem-sucedido tem que ter mais de um terno no armário. Você precisa também cortar esse cabelo.

– Mais alguma coisa? Quem sabe eu não deveria aprender francês?

Ela sacudiu o dedo, mas esboçou um sorriso.

– Poderia *parler vous* se quisesse. Você é bem inteligente. Puxou isso da minha família. Do seu pai herdou o físico. É por isso que fica tão elegante de terno. Agora vá embora para que eu possa fazer o trabalho que acabou de me arranjar.

– Se eu soubesse que você tinha me armado uma emboscada, teria arranjado mais.

Caminhou em direção à porta e se virou para olhar para ela. Percebeu então que estava

fazendo a mesma careta que a mãe fazia.

– Como terei que gastar uma grana com roupa, não vou poder lhe dar o aumento que estava pretendendo. Uma pena...

Ver a careta dela até amenizou sua perspectiva dolorosa de ter que comprar roupas.



Quando chegou à casa de Parker, o local estava quase pronto para o evento. Emma e suas ajudantes já tinham decorado a entrada com grandes cestos repletos de flores. Tinham intercalado algumas abóboras e algo que parecia da mesma família.

Nunca pensou que veria abóboras num casamento, mas tinha que admitir que havia ficado bem bonito.

Lá dentro, tinham envolvido a escada com muitos metros da renda branca e translúcida que sempre usavam, mais flores e umas luzinhas. Havia ainda outras flores em vasos, cestos e jarras.

Era como passear em meio a uma paisagem de outono tirada de um conto de fadas. Esse devia ser o objetivo, pensou.

Ouviu mais barulho de trabalho vindo da sala de estar e do que elas chamavam de salão principal, mas conseguiu não se render à curiosidade. Poderiam requisitá-lo como ajudante.

Pensou em chegar tranquilamente, ir ver a Sra. Grady e comer um sanduíche antes de se apresentar para o que quer que tivesse que fazer lá em cima, mas, assim que se virou para a cozinha, Parker apareceu no alto da escada.

Essa mulher tem um radar mais potente que o da Nasa, pensou.

– Bem na hora – disse ela, lançando-lhe um sorriso ofuscante enquanto descia. – Os acompanhantes do noivo começaram a se arrumar agora. Você nem imagina o peso que tirou de cima deles e de mim.

Como um rolo compressor, ela o pegou pela mão e começou a conduzi-lo para o andar de cima.

– Está tudo correndo dentro do cronograma.

– Fiquei preocupado com ele o dia todo.

Parker lhe deu uma cotovelada bem de leve.

– Sei que meu pedido foi difícil, mas isso faz de você um herói. A mãe de Justin passou bem pela cirurgia, então o clima aqui não podia ser mais festivo.

– Que bom... para a mãe dele.

– É, sim. Vou apresentá-lo a Channing e seus amigos e ajudo você a se arrumar. Voltarei dentro de uma hora para lhe dar as instruções necessárias, já que não participou do ensaio.

Ela deu umas batidinhas na porta da suíte do noivo.

– É a Parker. Posso entrar?

O homem que abriu a porta estava com uma calça de smoking e tinha uma cerveja numa das mãos.

– Não diria que estamos decentes, mas estamos vestidos.

– Já é o suficiente. Malcolm, este é Darrin, que foi promovido a padrinho.

– Eu disse a Channing que já merecia essa promoção há muito tempo. Você deve ser o substituto. Muito prazer.

Trocaram um aperto de mãos antes de Parker empurrar Malcolm para dentro do aposento, onde garrafas de cerveja eram resfriadas em baldes de gelo e uma champanhe fazia o mesmo em outro balde. Havia por ali várias bandejas com canapés e guloseimas e os homens circulavam ainda não inteiramente vestidos. Eram cinco. Seis, contando-se com o recém-nomeado padrinho.

Um deles, um sujeito alto, ruivo, com músculos trabalhados na academia, se aproximou.

– Malcolm? Sou Channing, o noivo do dia.

– Boa sorte, cara.

– Não sei como agradecer pelo que vai fazer por mim. Talvez ache estranho, mas... conheço você não sei de onde.

– Morei em vários lugares, mas seu rosto não me é familiar.

– Eu poderia jurar...

– Ei! – fez um dos sujeitos, detendo-se quando estava prestes a se servir de uma taça de champanhe. – Você se chama Kavanaugh, não é?

– Isso mesmo – respondeu Malcolm, depois estreitou os olhos e disse: – Mercedes SL600. Rodízio de pneus e polimento.

– Isso mesmo. O melhor polimento que já fizeram no meu carro.

– Claro... – Channing estalou os dedos. – Sabia que já o tinha visto antes. Você consertou o T-Bird do meu pai. Eu estava lá quando foi entregá-lo. Tive que enxugar as lágrimas de alegria do velho.

– Um espetáculo de carro. Então você deve ser Channing Colbert.

– Isso. Achei que meu pai tinha ficado louco quando comprou aquele carro. Mas depois que você deu um trato nele, pensei que deveria comprar um para mim também. Bebe um pouco de champanhe ou prefere cerveja?

– Cerveja.

– Vou deixá-lo em boas mãos – disse Parker, dando uns tapinhas no braço de Mal. – Seu smoking está ali. Nossa fotógrafa estará aqui em cerca de quinze minutos.

Não era tão ruim assim, decidiu Malcolm. Tinha comida, cerveja, e aqueles caras estavam tão animados que nem dava para se sentir explorado.

Pelo menos foi o que pensou até Mac entrar e apontar a câmera para ele.

– Ei, eu sou só o substituto.

– E eles querem isso documentado. Não fique prestando atenção em mim – disse ela, chamando-o com um gesto, e começou a se mover pela suíte como uma cobra de cabeça vermelha, deslizando silenciosa.

Malcolm sentiu um profundo alívio quando Mac afastou Channing do resto do grupo para fazer as fotos formais do casamento.

Aproveitando que ela havia saído, trocou de roupa, pondo a calça do smoking e a camisa. Parker tinha acertado em cheio mais uma vez. Eram do seu tamanho exato, assim como o colete vermelho-escuro.

Metade dos caras queria lhe fazer perguntas sobre seus carros, mas já estava acostumado com

isso. Um mecânico é uma espécie de médico de carros, e todo mundo quer conselhos médicos de graça. Mas como os conselhos podiam ajudá-lo a conseguir novos clientes, não se importava em dá-los.

Quando Parker voltou, encontrou-o lutando com a gravata.

– Venha aqui, deixe que eu faço isso.

– Quando se aluga um smoking, a única coisa que é preciso fazer é abotoar a maldita gravata.

Parker lhe deu um sorriso.

– Acho que os homens usam gravata em parte para que as mulheres se aproximem e façam o nó. Como estão as coisas?

– Tudo bem – garantiu ele e deu uma olhada para os outros acompanhantes do noivo. – São todos gente boa.

– O nome da moça que você vai acompanhar é Astoria.

Malcolm olhou para ela.

– Sério?

Parker teve que se segurar para não cair na gargalhada.

– As pessoas a chamam de Asti. Ela é linda. Um pouco tímida... e casada, então, nada de gracinhas.

– E eu que estava pensando numa rapidinha no lavabo.

– Todos pensam nisso. Ela trabalha em Chicago com crianças com necessidades especiais. Ela e Leah se conheceram na faculdade. Pronto.

Ela deu um passo atrás e inclinou a cabeça.

– Faça a sua parte no nosso acordo. E divirta-se. Você está um gato!

Mac entrou no aposento.

– OK, rapazes, vamos até a varanda para as tomadas formais. Vai ser um perigo. Não sei se minha câmera consegue aguentar tanta beleza.

Parker o ajudou a vestir o paletó e ajeitou a manga.

– Voltarei para lhe dar as instruções quando Mac tiver terminado.

– Vou participar também? Não quero aparecer nas fotos do grupo. Sou um substituto.

– Channing quer que você saia. Vai ser rapidinho.

– Ouça, Parker...

– Ah, desculpe – disse ela, apontando para os fones de ouvido. – Preciso correr.

Como é esquiva, pensou Malcolm enquanto a via escapulir como manteiga derretendo na grelha.

Ia exigir uma enorme quantidade de calda de caramelo.

Ele cumpriu seu papel e acompanhou os convidados até seus lugares sob as resplandecentes luzes do salão principal. As velas e a lareira davam mais um toque de luz ao ambiente.

Laurel apareceu para verificar as coisas e piscou para ele.

– Como vai tudo?

– O bolo vai ser tão bom quanto disseram?

– Melhor.

– Então vai valer a pena.

– E vai ter rios de calda de caramelo.

Enquanto ela se afastava, Malcolm notou seu sorriso irônico.

Seria possível que aquelas mulheres contassem tudo umas para as outras?

Bom, então ia fazer questão de lhes dar bastante assunto para o café da manhã. Podia tentar conseguir uma garrafa de champanhe para acompanhar a...

– Ora, ora, anda fazendo bico como acompanhante atualmente?

Sentiu as costas enrijecerem antes mesmo de se virar de frente para o tio.

Você não envelheceu nada bem, hein, Artie?, pensou Malcolm, e sentiu certa satisfação nisso. O sujeito ainda tinha todos os fios do cabelo, que sempre fora seu orgulho e alegria, mas estava mais gordo tanto no rosto quanto na região da cintura. Os olhos, de um azul enganosamente meigo, pareciam ter diminuído no meio daquela cara de bolacha.

A vida tinha sido mais generosa com ela, observou Malcolm, olhando a esposa do tio. Conservava uma boa aparência, talvez com umas esticadas aqui e ali. Mas aquela cara de nojo que tinha não deixava seu rosto atraente.

– Acredito que saibam como encontrar seus lugares.

– Educado com sempre. Ouvi dizer que você anda atrás da grana da filha dos Browns.

– Você nunca soube qual era o seu lugar – alfinetou Marge Frank. – Agora pelo visto Parker Brown fez a mesma coisa. A avó dela deve estar se revirando no túmulo.

– Sentem-se ou vão embora.

– Pelo visto a estirpe dela não pegou em você – comentou Artie. – Não vai demorar muito até Parker ver quem você realmente é. Como conheceu os noivos? Trocou uns pneus para eles?

Vá se foder, pensou ele. Vá se foder.

– Exatamente.

– Por mais que tire a graxa das unhas, Malcolm, você continua sendo um macaco seboso. E gente como os Browns sempre acaba se unindo a seus pares. Vamos, Marge.

Precisava de cinco minutos, pensou Malcolm. Cinco minutos para tomar um ar e se acalmar. No entanto, quando deixava a sala e se dirigia para o vestíbulo, encontrou Laurel.

– Só uns dez convidados ainda não estão sentados. Vamos pedir que você e os outros rapazes assumam suas posições em uns dois minutos. Você está... Tem alguma coisa errada?

– Não.

– OK. Que tal então ir lá cutucar os retardatários para que tomem seus lugares, depois voltar e ir se juntar aos outros? Parker explicou como as coisas funcionam, não é?

– Explicou, sim.

– Vou ficar aqui por perto para dar cola. Não se preocupe. Não vai doer nada.

Não era bem dor que ele sentia. Era uma raiva que ameaçava sair pela garganta. Não queria estar ali, vestindo o smoking de outro cara, de frente para uma multidão num aposento repleto de flores e velas, vendo aquelas pessoas que ele nem conhecia se casarem.

E sentia, impotente, o profundo desprezo do tio, que rastejava através do salão para agarrar sua garganta e prendê-lo em sua armadilha de raiva.

Tempos atrás, para escapar disso, ele viajara quase 5 mil quilômetros. Ao voltar já tinha se tornado um homem, mas ainda havia algo nele – e ele odiava admitir isso – que ardia com aquela

raiva crua e amarga.

E lutava, mesmo agora, para superar os ecos da humilhação.

Principalmente como uma forma de escape, posou para as fotos depois da cerimônia. Ouviu o pai de Channing falar todo entusiasmado do seu T-Bird e fez tudo o que pôde para corresponder ao que esperavam dele.

Depois se meteu num jardim lateral em busca de um lugar tranquilo onde pudesse se sentar e respirar o ar frio da noite.

Foi lá que Parker o encontrou. Chegou sem fôlego, sem o blazer e sem sua pose de costume.

– Malcolm.

– Olhe, não iam precisar de mim para o jantar, então vim descansar um pouco.

– Malcolm.

Parker se sentou ao seu lado e pegou sua mão.

– Eu não sabia. Não sabia que os Franks viriam. Não os tinha visto até minha inspeção antes do jantar. Desculpe. Eu sinto muito.

– Podia se desculpar se fosse você quem os tivesse convidado. Mas não é o caso.

– Fui eu que meti você nisso. Tomara que...

– Tudo bem.

– Vou consertar isso. Darei uma desculpa a Channing e Leah, assim você pode...

– E lhes darei outra vez a satisfação de me ver fugir? Nem pensar! Só estou descansando, Parker. Pode me deixar sozinho?

Parker soltou a mão dele e levantou.

– Nem todo mundo quer que você organize todos os detalhes, que resolva cada problema.

– Você está certo.

– E não precisa ser tão agradável, caramba. Sei quando não estou me comportando adequadamente, como agora.

– Está aborrecido. Eu entendo...

– Não quero que você entenda. Você *não* entende. Como poderia? Isso não tem nada a ver com você. Alguém já bateu em você quando não tinha a menor condição de se defender?

– Não.

– Já lhe disseram, várias vezes, até você começar a acreditar, que é uma inútil, uma idiota, que não vale nada? Sabe o que é ouvir que se você não se comportar vão jogá-la na rua?

– Não.

O que não significava que não pudesse ficar de coração partido e com o sangue fervendo pelo menininho que tivera que passar por tudo aquilo.

– Então você não entende. Diabos, o que não compreendo é o motivo de eu ter tentado superar isso fazendo tudo que era possível para piorar as coisas, procurando problemas e culpando minha mãe, que nem ao menos sabia o que estava acontecendo porque eu tinha medo ou era orgulhoso demais, talvez as duas coisas, para contar a ela.

Parker não disse nada. Sabia agora, ou esperava ter entendido, que pressioná-lo faria com que ele se fechasse, por isso não disse nada e se limitou a ouvir.

– Compliquei a vida da minha mãe o máximo que pude, pelo maior tempo que pude. E

quando não era eu quem lhe causava sofrimento, era ele ou a vaca da esposa. Minha mãe aceitava tudo porque queria me dar um teto, uma família, porque tentava superar a dor de ter perdido meu pai. E eu a culpava por isso também. Jogava toda a culpa em cima dela. Por que ela precisava ter uma vida? Artie a tratava como um cachorro, achava que podia fazer isso. Ele é irmão dela, merda! E supostamente devíamos ser gratos. Foram mais de dois anos desse jeito, cada dia pior. Eu só esperava crescer o bastante, ficar forte o bastante para dar um murro nele e mandá-lo para o inferno. Então ela fez isso por mim. Depois de tudo o que passamos, ela fez isso por mim. Chegou cedo do trabalho uma noite. Estava doente. Ele a obrigava a dobrar o turno e ela estava esgotada. Artie tinha me encostado contra a parede, estava com uma mão na minha garganta e me dava tapas com a outra. Ele gostava de dar tapas por ser mais humilhante que socos e porque não deixavam marcas.

Alguém apareceu numa das varandas e uma risada feminina flutuou pelo ar enregelado.

Malcolm olhou na direção da casa, das luzes, do riso, mas ela duvidava que ele tivesse visto o brilho ou ouvido a alegria.

– Eu a vi entrar. Estava branca como um papel. Até que nos viu e então tudo nela pareceu pegar fogo. Eu nunca a tinha visto se mover tão depressa. Não sei se algum dia vi alguém se mover tão depressa. Ela o afastou de mim. Era só pele e ossos. Artie devia pesar uns 30 quilos a mais que minha mãe, mas ela se atirou em cima dele, que caiu estirado no meio do aposento. Ela disse que se ele se atrevesse a se levantar e pôr as mãos em mim novamente, que as cortaria e o obrigaria a comê-las.

Malcolm se deteve e balançou a cabeça.

– Pronto, é nesse meio que fui criado, portanto, não se atreva a dizer que entende.

– Não vou discutir com você agora, mas se acredita que vou pôr a culpa num menininho e na sua pobre mãe por terem sido obrigados a enfrentar essa situação, é porque deve ter uma péssima opinião a meu respeito.

Ele assumiu um tom gelado como o ar.

– Já disse, Parker, isso não tem nada a ver com você.

– Claro que tem a ver comigo. Eu te amo, seu idiota.

Parker percebeu o ar de espanto no rosto dele antes de ir embora, furiosa.

Voltou a vê-lo durante a recepção, falando com os recém-casados e, um pouco mais tarde, conversando com o pai do noivo no bar.

Manteve os Franks em seu campo de visão, e estava preparada para intervir se eles resolvessem se aproximar de Malcolm. Talvez ele pensasse que aquilo não tinha nada a ver com ela, talvez pensasse que ela não entendia nada, talvez ele fosse apenas um *idiota*. Mas não permitiria que nada nem ninguém criasse problemas em um de seus casamentos.

Ficou quase desapontada por isso não ter acontecido.

– Você e Mal brigaram? – perguntou Mac, aparecendo ao seu lado quando as pessoas começaram a ir embora. – Por quê?

– Por que acha que brigamos?

Mac deu uns tapinhas na câmera.

– Sei interpretar fisionomias e sei interpretar a sua.

– Eu não diria que nós brigamos, mas parece que nossa definição de namoro é diferente, quero dizer, ele nem define o que temos como um namoro. Ele diz que temos uma relação.

– Homens podem ser umas bestas.

– Podem mesmo.

– Nós, mulheres, devíamos nos mudar para a Amazônia, ou pelo menos ir até lá nas férias. Umas quatro vezes ao ano.

– Amazônia?

– Na minha cabeça, é um mundo onde só existem mulheres. Vou para lá quando me aborreço com Carter ou com os homens em geral. Lá tem cinco sapatarias por pessoa, não existem calorias e todos os livros e filmes terminam com final feliz.

– Gostei da Amazônia. Quando vamos?

Mac passou o braço nos ombros de Parker.

– A Amazônia, minha amiga, está sempre lá, dentro da cabeça de cada mulher. Basta fechar os olhos e pensar: Manolo Blahnik. Pronto, você está lá. Tenho que tirar mais algumas fotos, depois venho encontrar você.

Com ar divertido, Parker começou a imaginar um mundo feminino tranquilo, relaxante e repleto de sapatarias, mas teve que admitir que não queria viver ali. Ir por uns dias de férias estava de bom tamanho.

Ficou observando os noivos quando eles voltaram para a pista para a última dança da noite.

Apaixonados, pensou. Na mesma frequência. Prontos para começar uma vida juntos, como um casal, como amantes, como amigos e companheiros.

Para caminhar juntos tornando real o felizes para sempre.

E isso, admitiu, era o que ela própria sempre quisera.

Deixar a sua marca, sim, fazendo um bom trabalho, ser uma boa amiga, uma boa irmã, construir algo e compartilhar. E, ao lado de tudo isso, amar e ser amada, fazer uma promessa e aceitá-la. Encontrar alguém e caminhar a seu lado de mãos dadas para tornar real o felizes para sempre.

Não podia se conformar com menos que isso.

Não voltou a ver Malcolm até o momento de se despedir dos recém-casados.

Percebeu que ele tinha trocado de roupa e estava bem mais tranquilo, mais ele mesmo.

– Você tem um minuto? – perguntou ele.

– Tenho, até mais que um agora – disse Parker.

– Tive uma reação ruim com você, o que tem se tornado bem habitual, e não gosto nada disso.

– Concordo.

– Achei que já tivesse superado e que nunca mais reagiria assim por causa de Artie, mas estava enganado.

Malcolm pôs as mãos nos bolsos.

– Não gosto de relembrar essas coisas, por isso não falo delas. Não faz sentido. Sei que estava tentando me ajudar – disse ele.

– Mas você não quer ajuda.

– Não quero precisar de ajuda. Acho que é um pouco diferente. Mas não tem desculpa para eu

descontar em você.

– Não estou pedindo que se desculpe, Malcolm. Você não precisa se desculpar, porque sei a razão disso tudo.

– Acredito que eu ainda esteja tentando descobrir a razão. Então... estou indo. Assim teremos algum tempo até as coisas se acalmarem.

– Até as coisas se acalmarem, pergunte a si mesmo se acredita que eu criticaria um menininho de luto pela morte do pai, que quer se defender e tenta escapar de alguém que o maltrata. E que criticaria o homem que ele se tornou por esse motivo. Quanto tiver certeza da resposta, venha falar comigo.

Ela abriu a porta.

– Boa noite, Malcolm.

– Parker? Seja qual for a resposta, ainda quero ficar com você.

– Pois sabe onde me encontrar – retrucou ela e fechou a porta às suas costas.

c a p í t u l o d e z e n o v e

Ele preferia pensar que as coisas estavam mais calmas. Não se lembrava de ter dado um tropeço como esse com uma mulher, muito menos dois, nunca na vida.

Só que, assim como em muitos outros quesitos, Parker era a primeira em muita coisa na sua vida.

Percebeu que duas mancadas daquelas exigiam que ele coçasse o bolso como prova de arrependimento. Um símbolo, de preferência algo que fosse muito cheiroso ou brilhante. Mesmo uma mulher que já tinha tudo ou que facilmente poderia comprar o que quisesse para si mesma gostaria de um presente do tipo Fui um Perfeito Idiota.

Pensou em flores, mas a casa de Parker estava sempre repleta delas. Flores provavelmente ocupariam o topo da escala de idiotice.

Cogitou a hipótese de dar joias, mas seria um pouco exagerado.

Então pensou no seu ponto fraco.

Que diabos, já que sua mãe não parava de encher a paciência para que comprasse um terno novo, teria que ir fazer compras de qualquer jeito.

Odiava fazer compras, aquilo parecia uma espécie de penitência. Pior ainda era gastar dinheiro com roupas que o faziam se sentir embrulhado para presente. Ia gastar um tempo danado, teria que tomar decisões irritantes ou complicadas, e ainda corria o risco de ganhar uma bela dor de cabeça.

No entanto, quando terminou, tinha o terno e um presente bem embrulhado – além de uma promessa feita a si mesmo de que nunca mais, nesta ou em outra vida, repetiria aquela experiência.

Mandou duas mensagens de texto para ela, embora nunca fizesse isso com ninguém. Odiava essa história de mensagens. Seus dedos eram muito grandes para digitar no telefone e isso o fazia se sentir desajeitado e meio idiota. Ainda assim, achou que sua estratégia de ficar afastado por uns dias tinha que incluir ao menos algum contato.

Na segunda-feira, achou que já tinha dado tempo suficiente e ligou para ela. Caiu na caixa postal, outra tecnologia que detestava, ainda mais por causa do tom frio na voz dela.

– Oi, Pernas. Só estou ligando para saber se está a fim de dar uma volta hoje de noite. Podíamos ir comer uma pizza. Estou com saudade de você – acrescentou, sem pensar. – Então, depois me diga se pode.

Deitou-se no carrinho e deslizou para fazer um conserto no silencioso do automóvel de um cliente.

Estava prestes a instalar um novo quando seu telefone tocou. Bateu com os nós dos dedos, soltou um palavrão quando viu que estava sangrando e, em seguida, tirou o celular do bolso.

Quando percebeu que era uma mensagem, soltou mais um palavrão.

Seria ótimo, mas não posso sair esta noite. Estamos cheias de trabalho até o dia de Ação de Graças. Vou adorar ver você e sua mãe aqui na festa. PB.

– PB? Que idiotice foi essa?

– Você o dispensou com uma mensagem de texto? Que frieza! – exclamou Laurel, se recostando no assento. – Parabéns.

– Não o dispensei. Nós estávamos com a agenda cheia hoje.

O que, pensou ela, havia terminado agora e muito bem, obrigada. Então podia relaxar e tomar uma taça de vinho com suas amigas.

– Pelo que nos contou, ele só está tentando lidar com uma situação complicada – disse Emma, com a compaixão brilhando em seus grandes olhos castanhos. – Algumas pessoas precisam mergulhar em si mesmas quando estão fazendo isso.

– É, precisam. Por isso estou dando o tempo e o espaço requisitados para que ele faça isso.

– E só porque ele deu o assunto por encerrado, não quer dizer que esteja. Por outro lado – observou Mac –, você está irritada.

– Na verdade não estou, não. Talvez um pouquinho – corrigiu-se Parker. – Prefiro que ele, ou outra pessoa qualquer, se exalte, mesmo que eu acabe sendo atingida, a que se cale e se feche. Mas ele não quer aceitar minha ajuda sincera, minha honesta compreensão. E isso me irrita um pouco.

– Bom, quer saber o que eu acho? – começou Mac, dando um suspiro profundo. – Minha mãe me bateu pouquíssimas vezes, então, não tenho como reclamar desse tipo de agressão da parte dela. Mas ela me manipulava, me depreciava e me agredia emocionalmente.

Mac deu um sorriso agradecido para Emma quando ela lhe fez um carinho na coxa, tentando confortá-la.

– Eu tinha vocês três para desabafar, mas ainda assim, às vezes ficava destruída, fechada em mim mesma. Até hoje, mesmo tendo vocês, a Sra. Grady e Carter ao meu lado, às vezes preciso me fechar, ou pelo menos é o que estou acostumada a fazer e é assim que lido com isso.

– Queria que não fosse – disse Emma.

– Eu sei, e porque sei disso, fico um pouco culpada. Entendo muito bem o jeito de Mal lidar com certas coisas. Meu pai não morreu, mas foi embora e, desde então, nunca pude contar com ele quando queria ou precisava. E fui deixada com uma pessoa que, embora de forma muito menos violenta que a do filho da puta do Artie, fazia com que eu me sentisse diminuída.

Tomou um gole de água para molhar a garganta.

– E às vezes, mesmo sabendo que as coisas não são mais assim, toda essa porcaria volta e vejo Emma com sua família incrível, Laurel, que consegue mandá-los à merda de verdade, e Parker sempre tão equilibrada, e sinto que vocês não têm como entender. Como se pode entender uma coisa dessas? Isso faz a gente ficar na defensiva e se soma à culpa e à vontade de não falar no assunto. Então de vez em quando não tenho vontade de falar dessa merda toda porque, afinal, a merda é minha.

– Tão hábil com as palavras... – disse Laurel, brindando a ela. – De toda forma, temos meios

de fazer você falar.

– É, depois acabo sempre me sentindo melhor. Vocês sabem o que fazer para que eu me abra, e acabo me abrindo porque sei que me amam e que aceitam todas as minhas merdas porque me amam.

– Eu não – retrucou Laurel, rindo. – Só fico com pena porque sou um poço de compaixão.

Mac assentiu.

– Madre Teresa era uma criatura perversa comparada a você.

– Eu disse a ele que o amava – murmurou Parker.

Mais que depressa, Laurel se voltou para ela.

– O quê? Você não tinha nos contado a parte mais importante? Quando foi isso?

– Na hora em que estava com raiva. Quando ele me disse que eu não entendia e que isso não tinha nada a ver comigo. Eu o chamei de idiota e disse que tinha a ver comigo sim, porque o amava. Depois entrei em casa para voltar a trabalhar no casamento, que era o que eu devia estar fazendo.

– E qual foi a reação dele? – perguntou Emma, com uma das mãos no coração. – O que ele fez?

– Não disse nem fez nada. Estava ocupado demais me encarando como se eu tivesse acabado de lhe dar um chute no meio das pernas. O que talvez tivesse sido melhor.

– Foi na sexta? Você disse a ele na sexta? – insistiu Emma, movimentando as mãos no ar. – Trabalhamos juntas o fim de semana todo e não nos contou isso?

– Ela não nos contou porque a merda é dela.

Parker virou-se para Mac.

– Se vamos continuar falando disso, é, acho que essa é a verdade. Preciso pensar um pouco. Porque nada disso está acontecendo do jeito que eu pensava que seria, do jeito que sempre planejei. Eu devia ter me apaixonado por um homem sensato e inteligente, com muito senso de humor e aficionado por arte. E sei que está revirando os olhos para mim, Laurel, pode desembuchar.

– Foi por causa do “com muito senso de humor”.

– Que seja. Esse era o plano idealizado cuidadosamente ao longo de uma década.

– Sério?

– Quieta, Mac – ordenou Parker com um sorrisinho tímido. – Esse homem sensível e brilhante e eu sairíamos por alguns meses para irmos nos conhecendo, gostando um do outro, e então faríamos uma viagem romântica, para um destino qualquer que escolheríamos. Poderíamos ir para uma suíte maravilhosa de um hotel em Nova York, uma casinha na praia ou uma pousadinha rural. Jantaríamos à luz de velas ou talvez fizéssemos um piquenique. Depois o sexo seria maravilhoso.

– E seus planos incluíam também fazer sexo no quartinho de utensílios? – indagou Laurel.

– Fique quieta também ou não vai ouvir o resto do plano.

Fazendo cara de sentida, Laurel fechou a boca com um zíper imaginário.

Satisfeita, Parker tirou os sapatos e pôs as pernas em cima da mesa.

– Bom... Seríamos apaixonados um pelo outro e viajaríamos sempre que nossas agendas

permitissem. Teríamos discussões de vez em quando, claro, mas sempre conversaríamos e seríamos razoáveis e sensatos.

Parker olhou de repente para Emma.

– Você está quieta, mas consigo ouvir que está pensando "que chatice!". No entanto, vai gostar do que vem agora. Ele diria que me amava. Pegaria minhas mãos, olharia em meus olhos e então diria. E um dia, voltaríamos à maravilhosa suíte ou à casinha ou à pousada e, no meio do jantar à luz de velas, ele me diria de novo que me amava, que eu era tudo que ele sempre quis e me pediria em casamento. Eu, é claro, aceitaria. É assim que se constrói um final feliz.

– Mas ele teria que estar com um enorme anel de diamante no bolso – acrescentou Laurel. – De no mínimo uns 5 quilates.

– Com certeza! – disse Mac e fingiu conter uma gargalhada.

– Pois eu achei bem bonito – observou Emma, fulminando Laurel com o olhar.

– É muito bonito e pode ser também ridículo, mas era o *meu* plano – disse Parker, apontando para o próprio peito. – Mas sou capaz de adaptar planos para que se ajustem às circunstâncias e necessidades.

– Ninguém melhor que você para fazer isso – concordou Mac.

– Mas o que está acontecendo com Malcolm foge inteiramente do roteiro. Não passa nem perto, e mesmo assim estou apaixonada por ele. Agora eu lhe disse isso, o que descarta mais uma página do roteiro.

– Sei que você sabe, e todas nós sabemos, que o amor não segue nenhum roteiro. Se seguisse – acrescentou Laurel –, eu estaria agora agarrando um artista gostoso chamado Luc em nossa casa de veraneio em Paris, em vez de me casar com seu irmão, um advogado gostoso chamado Delaney.

– É claro que sei, mas não significa que tenha que ficar empolgada com isso.

– Você não está só dando tempo e espaço a Mal – concluiu Mac –, está dando tempo e espaço a si mesma.

– Estou precisando. Porque tem um elemento do roteiro que não pode ser editado nem reescrito. A pessoa por quem você se apaixona tem que estar apaixonada por você também, senão as coisas não funcionam.

– Se ele não estiver apaixonado por você, é porque é um idiota.

– Obrigada, Emma.

– Estou falando sério. Você é perfeita, no bom sentido, claro, não como aquelas mulheres irritantemente perfeitinhas.

– Às vezes eu chego a odiar essa sua perfeição – disse Laurel, e depois sorriu para Parker. – Mas é um ódio baseado em amor.

Compreendendo, Parker ergueu sua taça propondo um brinde com as amigas.

– Também odeio vocês.

– Minhas mulheres favoritas! – exclamou Del, entrando.

Olhou para elas e balançou a cabeça.

– Se estão tendo uma conversa só de meninas, podem parar. Convenci a Sra. G. a preparar costelas de cordeiro no alecrim e ela acabou de dizer que em dois minutos ficam prontas. Jack e

Carter já estão a caminho.

– Vamos comer aqui? – perguntou Mac, que deu um pulinho e ergueu um braço. – U-hu! É o melhor plano de todos os tempos!

– Vou lá dar uma ajudinha – disse Laurel, levantando-se e lançando um olhar para Del.

Ele arqueou as sobrancelhas e assentiu.

– Vamos, Emma – chamou Laurel.

Quando elas saíram, Del sentou à mesa do café, bloqueando a passagem de Parker.

– E aí? O que está rolando entre Mal e você? Vou ter que dar uma sacudidela nele?

Del fez um carinho na perna da irmã ao ver a cara que ela fez.

– Acho que consigo dar conta dele, mas vou levar Jack e Carter comigo como garantia.

– É muito gentil de sua parte, mas desnecessário.

– Alguma coisa aconteceu. Ele não veio domingo assistir ao jogo dos Giants e já tem uns dias que não passa aqui.

– Estamos... avaliando a situação.

– Traduzindo: isso quer dizer que vocês brigaram?

– Não, não brigamos. E mesmo que tivéssemos brigado, sei me defender sozinha.

– Claro, mas se um cara magoa você, mesmo que seja um amigo meu, ou talvez sobretudo se for um amigo meu, tem que se haver comigo. São as regras do Irmão Mais Velho.

– Sei. Só que você está sempre mudando as regras do Irmão Mais Velho.

– São só emendas, adendos e eventuais apêndices.

– Nós não brigamos. Se estou magoada é porque estou apaixonada por ele, e você vai ter que aprender a lidar com isso.

– Ah... – fez Del, que se recostou e apoiou as mãos nas coxas. – Preciso de um minuto.

– Leve o tempo que precisar, estou fazendo o mesmo. Todos nós vamos ter que lidar com isso, Del. Você, eu e Malcolm.

Ela afastou os joelhos do irmão e se levantou.

– Vamos comer antes que a Sra. G. mande uma equipe de buscas.

– Quero que você seja feliz, Parker.

– Del – disse ela, pegando a mão do irmão –, também quero ser feliz.

Como combinado, Malcolm foi até a casa de Emma para pegar as flores que tinha encomendado para dar à Sra. Grady.

– Eu já volto – avisou à mãe.

– Acho bom. É falta de educação chegar atrasado.

– Ela disse para chegar por volta das quatro, não foi? São quase quatro.

Para evitar mais amolação, ele saiu e foi andando até a porta de Emma. Como combinado, ele encontrou uns girassóis num vaso de cobre em cima da mesa do aposento da frente. Pegou o vaso e voltou para o carro.

– A senhora carrega isso, OK? – disse, entregando as flores para a mãe.

– Que lindo! Quando quer, você é um bom menino, Malcolm.

– Estou usando terno, não estou? Devia estar feliz.

– Está muito elegante. Que casa, hein? – observou ela enquanto Malcolm manobrava para se dirigir à mansão. – Menino, eu me lembro da primeira vez que eu a vi de perto, dirigindo com meu uniforme engomado, totalmente apavorada.

Passou a mão na saia do vestido verde-claro, sua cor favorita, comprado especialmente para aquele dia. Agora não precisava estar engomada, pensou toda feliz.

– Quando cheguei aqui – prosseguiu ela –, vi como a casa era bonita e não tinha nada de assustador. Mas a velha senhora Brown tinha, posso lhe garantir. Mas valeu a pena ver a casa por dentro, andar por ela servindo comida sofisticada para gente sofisticada. E a governanta daquela época, como era mesmo seu nome? Ah, não importa. Ela e a cozinheira nos serviram uma refeição na cozinha.

Quando ele estacionou, Kay se virou e sorriu.

– Acho que subi na vida. Como está meu cabelo?

– Não se parece com o de ninguém – respondeu ele, também sorrindo.

– É assim que eu gosto.

Malcolm tirou do banco de trás uma torta de carne e uma caixa embrulhada para presente. Antes de chegarem à porta, ela se abriu.

– Feliz dia de Ação de Graças! – cumprimentou-os Del, que beijou o rosto de Kay e ficou de olho no presente que o amigo carregava. – Ah, não precisava se incomodar.

– Ainda bem que não me incomodei.

– A torta está com uma cara ótima. Foi a senhora quem fez?

– Eu mesma. Se Maureen estiver na cozinha, vou até lá levar para ela.

– As mulheres estão na cozinha, que é onde gostam de ficar – disse ele, dando uma piscadinha. – Os homens estão na sala dos eletrônicos vendo o jogo, como manda a tradição da família Brown. Vamos até lá, vou pegar uma bebida para você.

– Esta é a casa mais bonita de Greenwich! – exclamou Kay. – Pensei isso na primeira vez que a vi e continuo tendo a mesma opinião.

– Obrigado. Ela é muito importante para nós.

– Espero que sim. Ela tem história. Trabalhei em algumas festas aqui, na época da sua avó, e depois também quando sua mãe assumiu o lugar dela. Eu gostava mais da sua mãe.

Del soltou uma gargalhada e passou uma das mãos pelos ombros de Kay para conduzi-la à cozinha.

– Vovó Brown era uma tirana.

Da cozinha escapavam aromas e vozes femininas. Malcolm distinguiu a de Parker e percebeu que um bolo havia se formado em seu estômago.

Ela estava sentada diante da bancada, debulhando vagens. Tentou se lembrar da última vez que tinha visto alguém debulhar vagem, mas o pensamento se esvaiu quando ela se voltou na sua direção e seus olhos se encontraram.

Nossa, estava com tanta saudade dela que chegava a doer! Queria não estar sentindo isso, queria recuar. Mas ela sorriu e se levantou do banquinho em que estava.

– Feliz dia de Ação de Graças!

Parker cumprimentou primeiro a mãe dele, beijando seu rosto, como Del havia feito. Depois, deu um selinho nele. Então o nó se afrouxou.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas ele mal ouvia o que era dito. Era só estática, movimento e cor. Alguém pegou a torta de suas mãos. E ele ficou ali parado, aprisionado por aquele olhar, aquela silhueta, aquele som.

Del pôs uma cerveja na mão de Malcolm, que antes segurava a torta.

– Vamos lá ficar com os homens antes que nos ponham para trabalhar. Porque, acredite, elas podem fazer isso e farão.

– Claro, só preciso de um minuto.

– Por sua conta e risco. Ah, esqueci de dizer que está uma graça de terno.

– Vá se danar – respondeu Malcolm, ganhando uma palmadinha da mãe.

Parker já ia se sentar de novo, mas Malcolm a pegou pelo braço.

– Você tem cinco minutos?

– Estou ocupada – respondeu ela enquanto o rapaz a conduzia para fora dali.

– A vagem não vai fugir – disse ele, entrando na sala de música. – Comprei uma coisa para você.

– Ah, é? Que bela surpresa.

Ele estendeu a caixa.

– Quando um cara estraga tudo, ele tem que pagar.

– Não vou discutir, porque gosto de presentes. Vi que sua mãe ganhou a batalha do terno.

– Ela sempre ganha.

– É um belo terno.

Ela apoiou a caixa numa mesinha, e puxou o laço.

– Como vai o trabalho?

– Caminhando. Um conhecido de Channing levou um Cadilac 1962 para eu restaurar.

– Que maravilha.

Ele observava, sem se surpreender, a moça desembrulhar o presente com todo o cuidado. Parker Brown não rasgaria ou puxaria o papel. Ficou imaginando se Parker o guardaria, como fazia sua mãe, para algum misterioso uso futuro.

– E o seu?

– Nos finais de ano sempre ficamos muito ocupadas, porque, além dos casamentos, ainda tem as festas. E o casamento de Mac vai ser daqui a duas semanas. Nem estou acreditando. Temos dezenas de compromissos até o ano-novo e depois...

Parker ficou sem palavras quando viu a caixa de sapatos. Pensativa, abriu a tampa.

Seu queixo caiu. Ele ficou bem satisfeito com aquela reação.

– Sapatos? Você comprou sapatos para mim? Ah, são fabulosos!

Ela tirou o sapato de salto alto e fino de dentro da caixa e ficou segurando-o nas mãos como se fosse uma pedra preciosa e frágil.

– Você gosta de sapatos.

– *Gostar* é pouco. Eu diria que essa é uma palavra bem imprecisa para expressar meus

sentimentos a respeito de sapatos. Ah, eles são *maravilhosos*! Veja só como essas tonalidades combinam. E a textura?

Ela tirou os sapatos que estava usando e calçou os novos. Depois ficou sentada admirando-os.

– Como você sabia o meu número?

– Já estive no seu closet.

Parker continuava observando o presente.

– Tenho que admitir, Malcolm, você me surpreendeu. Você me deu sapatos.

– Não espere que eu vá fazer isso de novo. Foi, digamos... penoso. Pensei em comprar uma lingerie sexy, mas lembrei que o presente era para você, não para mim. Teria sido bem mais fácil e menos estranho. Vocês, mulheres, são viciadas em sapatos.

– Bem, eu amei!

Ela se levantou e começou a desfilar, ou pelo menos foi o que ele pensou. Deu uma voltinha e sorriu.

– Como ficaram?

– Não consigo deixar de olhar para o seu rosto. Estava com muita saudade dele.

– OK – falou Parker com um suspiro e se aproximou dele. – Você me venceu – murmurou e deixou-se envolver pelos braços do rapaz. – Também senti saudade do seu rosto.

– Precisamos ficar bem. Ficaria muito irritado se minha história com Artie estragasse as coisas entre nós.

– O filho da puta do Artie não vai estragar nada entre nós.

– O filho da puta do Artie? – repetiu ele, afastando um pouco a cabeça.

– É como o chamamos aqui.

Ele deu uma gargalhada.

– Gostei. Quero ficar com você, Parker.

– Que bom, porque você está comigo.

Malcolm encostou a testa na dela.

– Ouça...

Ele não sabia o que falar, não tinha segurança a respeito de seus movimentos.

– Droga! Digamos que você é a primeira mulher para quem comprei um par de sapatos na vida – disse e, mais uma vez, afastou um pouco a cabeça e a fitou nos olhos. – E a última.

– Isso significa muito para mim.

Ela o segurou pelo rosto e lhe deu um beijo.

– Então vamos tirar o dia para agradecer por estarmos bem.

A semana anterior ao casamento de Mac foi repleta de compromissos no salão. Manicures, pedicures, tratamentos faciais. Era preciso conferir as confirmações e desistências de última hora e rever a distribuição dos lugares.

Também era chegado o momento de fazer os ajustes finais, abrir os presentes, atualizar a planilha que Parker havia criado para registrar cada presente, segundo o remetente, a relação do

remetente com a noiva ou o noivo e o cadastro dos endereços para envio de cartões de agradecimento.

E tinha ainda os recados e as chamadas telefônicas, as confirmações e reuniões finais.

Somado a tudo isso havia o trabalho de planejamento e preparação dos outros eventos, uma loucura completa.

– Por que achamos que dezembro seria um bom mês para o casamento? – perguntou Mac com um ar transtornado. – Estamos atoladíssimas, enlouquecidas de trabalho. E, de qualquer forma, só vamos sair em lua de mel no próximo mês. Por que não aproveitei a baixa temporada para me casar? Meu Deus, eu vou me casar! Amanhã.

– E vai ser perfeito – disse Parker com grande determinação, trabalhando em seu laptop. – Ha! O tempo vai estar perfeito. Frio, com uma neve fina pela manhã, cerca de 5 centímetros, clareando à tarde. À noite haverá ventos suaves e ficaremos um grau abaixo de zero. Exatamente como eu queria.

– Às vezes preveem 5 centímetros de neve e acabamos soterradas. E se...

– Não vamos ficar soterradas – emendou Parker, cerrando os dentes e fazendo cara feia para que o tempo não se atrevesse a ficar ruim. – Teremos uns poucos centímetros de neve suave pela manhã e, de noite, celebraremos um maravilhoso casamento de dezembro. Vá se aprontar para o ensaio.

– Estou com medo do ensaio. Ou da minha voz sair esganiçada. Acho que está aparecendo uma espinha aqui no meu rosto. Vou tropeçar quando estiver me encaminhando para o altar. Tudo bem se Carter tropeçar, as pessoas já esperam por isso. Mas...

– Sua voz não vai sair esganiçada, não vai aparecer uma espinha e você não vai tropeçar – garantiu Parker, pegando um antiácido para ela própria e um para Mac. – Você acha que não sei o que estou fazendo?

– Você sabe, mas eu...

– Confie em mim. Vai ser perfeito, lindo, o dia mais feliz da sua vida.

– Estou sendo uma chata.

– Não, querida, está sendo uma noiva. Agora, vá tomar um bom banho morno. Você ainda tem uma hora.

– Carter não está nervoso – comentou Mac e estreitou os olhos, furiosa. – Poderia odiá-lo por isso.

– Mackensie.

Parker parou de olhar a tela do computador e voltou-se para a amiga.

– Eu estava na cozinha hoje de manhã quando a Sra. G. o fez sentar para comer. Ele pôs calda de waffle no café.

– Ele fez isso? – perguntou Mac, e em seguida ergueu os braços em comemoração. – Ele *está* nervoso. Estou me sentindo bem melhor. Quero que ele fique nervoso também, quero que as orelhas dele fiquem vermelhas como costumam ficar, quero que... Como sou a noiva, posso continuar querendo um monte de coisas, não é?

– Isso mesmo.

– OK. Então, quero agradecer por você ter suspendido temporariamente a proibição para a

minha mãe poder vir.

– Mac...

– Não, é sério. Deixe eu pôr isso para fora para poder ficar bem.

– OK. Pode pôr para fora.

– Vai ser importante ela vir aqui amanhã, mesmo sendo um pé no saco para mim e para todo mundo.

– Ela continua sendo sua mãe.

– É, para o bem e para o mal. Seja como for, sei que falou com ela sobre isso e que lhe disse todas as regras.

– Foi só uma ligação e bem sucinta. Nada mais que isso.

– Uma ligação sucinta e desagradável.

Parker sorriu.

– Não para mim. Ela a incomodou com isso?

– Tentou, mas sem sucesso. Seu poder nesse sentido diminuiu consideravelmente, o que a irrita bastante.

Mac mexeu a boca de um jeito que suas covinhas ficaram aparecendo.

– Estou sendo mesquinha por ficar feliz com isso?

– Eu a acharia estúpida se não ficasse.

– Ótimo. Então não sou estúpida – rebateu, suspirando e cruzando as mãos sobre o colo. – Mas quero que ela esteja aqui porque já fizemos isso muitas vezes para saber que não é bom se lembrar do dia mais importante da nossa vida tendo algum arrependimento. E, que diabos, já que meu pai parece não ser capaz de incluir o casamento da filha em sua agenda lotada de festejos e cruzeiros pelo mar Jônico, pelo menos um parente eu terei aqui.

– Nós sabemos, apesar de esse ser nosso trabalho, que um casamento não se limita às luzes, à música, ao espetáculo. Ele se baseia em sentimentos. Sua família vai estar aqui, Mac.

– É – concordou Mac, pegando as mãos da amiga. – A família que conta para mim.

– Mais que isso: Carter vai estar aqui, esperando por você, olhando para você, se comprometendo com você.

– Ai, meu Deus, é mesmo! E eu estou pronta. Nervosa, mas pronta para isso.

– Vá tomar um banho e afogue um pouco esse nervosismo.

– Já vou.

Mac se levantou para sair.

– Parks? Eu o amo tanto que parece que tem algo mais dentro de mim, algo que me faz ser melhor do que sou. Não estou nervosa porque vou me casar com ele. Estou nervosa por causa... bem, por causa do espetáculo em si. E se eu esquecer minhas falas ou minhas deixas?

– Pode deixar isso por minha conta. Só pense que vai se casar com Carter.

– Isso eu sei fazer – garantiu Mac e, de um salto, se virou e deu um abraço na amiga. – Também amo muito você.

Enquanto estavam abraçadas, Parker pegou um lenço.

– Obrigada. Não quero chorar amanhã, então esta noite planejo chorar tudo o que puder.

– É um bom plano. Basta assegurar-se de que a maquiagem seja à prova d’água para que não

fique tudo escorrido.

Vinte minutos depois, Parker desceu a escada correndo para ver o trabalho de Laurel.

Teve que parar para recuperar o ar.

– Ah, Laurel.

– Ela pediu para ser chamada de Super-Laurel – informou Del, que se sentava diante da bancada da cozinha para comer um cookie.

– E quem poderia culpá-la por isso? Ela *é* a Super-Laurel. Este é o bolo mais bonito que você já fez na vida.

– Ainda não terminei – murmurou a moça, modelando umas flores de glacê.

– O de Carter já.

Del apontou com o polegar para a cozinha auxiliar de Laurel. Parker foi até lá e abriu a geladeira.

– Está lindo! É ainda mais bonito que o esboço que você fez no papel. O livro aberto, a cena de *Como gostais*. Juro que parece que dá para virar a página.

– Se tentar, eu mato você.

Laurel mexeu os ombros doloridos e viu Parker voltar.

– Ah, céus, não chore.

– Vou seguir os planos de Mac – disse, tirando um lenço do bolso. – Choro esta noite para não chorar amanhã. Tenho máscaras de gel para todo mundo na geladeira, assim amanhã não estaremos de cara inchada.

– Graças a Deus! – exclamou Del. – Estava mesmo preocupado de ficar com os olhos inchados.

– Pegue o seu cookie e vá ver como está Carter – ordenou Parker. – E pode chamar Emma. Diga-lhe que não tem permissão para chegar atrasada. Se for preciso, faça Jack arrastá-la para cá.

– OK. Sei quando não sou desejado.

– Pensei em deixá-lo dormir no meu quarto esta noite – disse Laurel. – Mas você não me deu sapatos novos incríveis.

– Malcolm vai ter que nos pagar por ter ferrado com todos nós.

Quando se viram sozinhas, Laurel deu uma olhada para os pés de Parker.

– Eles são incríveis mesmo. E no mais, tudo bem?

– Tudo bem, sim. Vi a previsão do tempo para amanhã e...

– Sei que é uma mudança em relação a todas as conversas desta semana, mas não estou falando do casamento de Mac. Estou perguntando sobre você e Malcolm.

– Está tudo bem também.

Ela abriu a geladeira para pegar uma garrafa de água e, ao se virar, suspirou quando viu que Laurel a encarava.

– Não, ele não mencionou o fato de eu ter dito que estava apaixonada e eu também não disse nada. E não, não é recíproco. Estou bem com isso.

– Mentirosa.

– Estou tentando ficar bem e quase consegui. Além do mais, tenho muita coisa para fazer para ficar pensando nessa história – disse Parker, mexendo no cabelo, que tinha prendido num coque

estiloso para o ensaio. – Estamos bem assim, então... está tudo bem. Não me obrigue a dizer bem mais uma vez. Vamos nos concentrar em Mac e Carter.

– OK. Onde está a noiva assustada?

– Tomando um banho para ficar menos nervosa. Ela precisa se vestir – observou Parker, dando uma olhada nas horas. – Vamos começar em...

– Relaxe, Parker. Vamos fazer o jantar do ensaio aqui. Pode descansar quanto ao cronograma pelo menos um pouco que seja. Ela sabe que Linda não vem hoje?

– Sabe. E acho que está aliviada. Falamos sobre como será amanhã e ela está contente porque a mãe vem ao casamento.

– E quanto a... – Laurel se interrompeu quando Malcolm entrou. – Eu calço o mesmo número que Parker, se por acaso quiser saber.

– Só compro sapatos para as mulheres com quem durmo – alegou ele e pegou um cookie da travessa em cima da bancada. – E se eu dormisse com você, Del ia ficar furioso.

– Ele tem uma mente muito fechada.

– Você...

– Peguei e entreguei a Carter, como fui instruído.

Parker sentiu um peso sair de seus ombros.

– OK. Obrigada. *Muito* obrigada.

Ela pegou o rosto de Mal e lhe deu um beijo.

– Ele veio – disse Laurel, afastando-se do bolo. – Você conseguiu.

Com as mãos na cintura, Parker fez uma pose.

– Estava duvidando de mim?

– Estou muito envergonhada. Você deve ser a Super-Parker. Preciso ir trocar meus sapatos, que infelizmente não são esses – disse ela, lançando outro olhar invejoso para os pés da amiga –, retocar a maquiagem e tudo o mais. Vou apressar Mac se ela não estiver pronta. Fez um bom trabalho, Parker.

Laurel pegou a amiga e lhe deu um beijo na boca.

– Pode fazer isso de novo? – pediu Mal. – Mas em câmera lenta dessa vez.

– Seu pervertido.

Mas as lágrimas escorriam do rosto da moça e ela se voltou para ele e também lhe deu um beijo.

– Ela disse várias vezes que não se importava, mas é claro que se importa – acrescentou, fungando e sorrindo para Parker. – Sabemos que sim. Volto em quinze minutos.

– Esta noite vamos chorar horrores.

– Ainda bem. Está sendo difícil segurar – disse Malcolm.

– Muito engraçadinho – retrucou Parker, cutucando a barriga dele. – Tenho que ir checar o bufê, ver como estão a sala e o salão principal e...

Ele pegou outro cookie e saiu com ela.

Antes de um evento sempre havia uma eletricidade no ar, pensou Mal, mas não como dessa vez. Dava quase para sentir na pele. A fotógrafa em quem Mac confiava para seu casamento já trabalhava com a assistente, tirando fotos naturais enquanto a família de Carter chegava e o barulho aumentava.

Ele viu Parker se mover no meio deles, oferecer bebidas, abaixar-se para falar com as crianças. Em pouco tempo o salão vibrava com as pessoas e todo o movimento. Flores, que ele imaginava serem só uma pequena amostra do dia seguinte, perfumavam o ambiente.

Tomou um gole de champanhe e viu Parker conversar com o homem que ele buscara no aeroporto. Quando ia se aproximar, Mac veio correndo pela escada.

– Não estou atrasada!

Ela sorriu, procurando Carter no meio da multidão. Então seu sorriso ficou ainda mais radiante.

– Só queria...

Malcolm a viu mudar de expressão e, por um momento, o choque estampado no rosto da noiva fez com que pensasse que Parker tinha cometido um erro.

Então os olhos de Mac se encheram de lágrimas.

– Pai!

Bonito, charmoso e ausente de boa parte da vida de sua filha, Geoffrey Elliot caminhou na direção dela de braços abertos.

– Minha menininha.

Mac correu até ele e apertou o rosto em seu ombro.

– Achei que não pudesse vir.

– E ia perder o casamento da minha menininha? – retrucou ele, então a segurou pelos ombros e beijou seu rosto úmido dos dois lados. – Você está linda!

– Pai.

Mac encostou novamente o rosto no ombro dele, encontrou Parker e piscou os olhos claros para ela murmurando um *muito obrigada*.

Não tinha sido um erro, pensou Malcolm, e pegou mais uma taça de champanhe para levar para Parker.

– Bom trabalho, Pernas.

Ela pegou o champanhe e tirou um lenço do bolso para secar os próprios olhos.

– É o que eu faço.

capítulovinte

NEVOU. TUDO EM VOLTA ganhou um ar suave, lindo. Ao meio-dia Parker já tinha mandado limpar o estacionamento e as alamedas, e a noiva estava deitada no andar de cima, aproveitando a massagem com pedras quentes que suas amigas lhe deram de presente de casamento.

A entrada e a escadaria reluziam com o trabalho que Emma e sua equipe fizeram. Enormes velas, dispostas de três em três, contornavam a grande porta da entrada do salão, junto com exuberantes flores coloridas em bases de um branco leitoso.

Ao anoitecer, os quilômetros de luzes que foram postas no exterior da casa, na floresta de pequenos pinheiros plantados em vasos prateados, deviam piscar, iluminando e norteando o caminho dos visitantes. Velas seriam acesas em cada janela, onde guirlandas de flores com longas fitas brancas foram penduradas.

A casa, pensou Parker enquanto andava e verificava cada detalhe, daria lugar a uma festa linda, que brilharia a noite toda.

Emma tinha se superado, e a neve era só um bônus. Os convidados poderiam passear por aquele maravilhoso cenário de inverno e depois entrar pelo pórtico coberto por guirlandas, com poinsétias brancas adornando árvores decorativas em cada canto da escada.

Ela cumpriu a programação da manhã como um general experiente às vésperas da batalha mais importante de sua carreira, indo de cômodo em cômodo, andar por andar, em seus tênis de corrida, elogiando, motivando, dando ordens.

– Você vai ficar exausta antes mesmo de a cerimônia começar – falou Del, pondo as mãos nos ombros da irmã para interrompê-la. – Respire. Pensei que Monica, da loja de noivas, estivesse substituindo você hoje.

– Ela e Susan estarão aqui em meia hora. Como andam as coisas com Carter?

– Tudo certo, capitã.

– É sério, Del. Ele precisa de alguma coisa? Se vocês ficaram acordados até de madrugada bebendo e jogando pôquer...

– Nós o pusemos na cama por volta da meia-noite e meia, conforme as instruções que nos foram dadas. Só nós é que continuamos bebendo e jogando pôquer.

Ela o olhou atentamente e observou que seus olhos não aparentavam cansaço.

– Vá ver como ele está. Não o quero circulando por aqui antes das três e meia.

– O padrinho tem tudo sob controle. Bob é igual a você com listas e horários. Ele vai ao estúdio pegar o nosso noivo às três e quinze.

– Então seja útil. A equipe de Emma está trabalhando no solário com o segundo grupo, que prepara o jantar.

– Jack está fazendo o que Emma queria.

– Jack está aqui? E o Malcolm?

– Ele está por aí com o Carter. Nós achamos que alguém deveria fazer isso, no caso de ele querer fugir.

– Muito engraçado. Mas é legal ter alguém fazendo companhia a Carter. Ia até lá para vê-lo eu mesma, mas se Malcolm está fazendo isso, então vou ver Mac. Pode dizer a Laurel que ela tem uma hora e vinte minutos, depois precisa estar na suíte da noiva.

– Se ela estiver ocupada com alguma coisa, pode querer me atacar com uma colher de pau.

– É um risco que precisamos correr.



Malcolm se esparramou numa cadeira em frente à TV com uma Coca-cola e um saco de salgadinhos e ligou num canal em que passava uma corrida de motocross.

Carter andava de um lado para o outro.

Tinha se acostumado ao padrão dele. Andava de um lado para o outro, sentava e olhava a TV, depois o relógio. Levantava e recomeçava a andar.

– Está com dúvidas, professor? Tenho ordens de amarrá-lo se tentar fugir.

– O quê? Não. É só uma e meia da tarde? Talvez a bateria tenha acabado.

Ele franziu as sobrancelhas ao olhar para o relógio e bateu de leve no vidro.

– Que horas são?

Malcolm exibiu seu pulso nu.

– É hora de você relaxar. Quer uma dose de alguma coisa?

– Não. Não. Não. Talvez. Não. É que... É como se eu tivesse entrado em outra dimensão, onde cinco minutos equivalem a uma hora e meia. Deveríamos ter feito um casamento à tarde. Estaríamos casando agora, se tivéssemos planejado que fosse à tarde.

– Está com pressa?

– Acho que sim.

Ele olhou para o vazio.

– Às vezes não sei como tudo isso aconteceu, outras vezes é como se sempre tivesse sido assim. Eu apenas... nós...

– Fale logo.

– Quando você encontra alguém que ama, de corpo e alma, e ela o ama, mesmo com suas fraquezas e seus defeitos, tudo começa a se encaixar. E se você pode conversar com ela, e ela o escuta, se ela faz você dar risada, se ela o faz pensar, faz você querer, faz com que você veja quem realmente é, e você é muito melhor estando com ela, então seria louco se não quisesse passar o resto da vida com essa pessoa.

Ele deu um sorriso tímido.

– Estou divagando.

– Não.

Enquanto as palavras giravam em sua mente, Malcolm balançou a cabeça.

– Que bom, Carter. Você é um cara sortudo.

– Hoje, sou o cara mais sortudo do planeta.

Malcolm desligou a TV.

– Pegue o baralho, vamos ver se essa sorte vale para as cartas.

– Claro.

Ele olhou de novo para o relógio.

– É só uma e trinta e cinco mesmo?



Mac entrou na suíte da noiva, parou e fez uma dancinha.

– Olhem só, ela é minha. Hoje, é toda minha. Champanhe, frutinhas, flores, velas. Ah, Emma, que flores lindas!

– Sempre o melhor para nossas noivas. Afinal de contas, é a Votos.

– Champanhe em primeiro lugar! – exclamou Laurel, aproximando-se para servir a bebida.

– Só meia taça para mim – disse Parker. – Ainda tenho algumas coisas para...

– Parker, não – repreendeu-a Mac e segurou suas mãos. – De agora até a última dança, você é minha amiga, uma das madrinhas mais lindas, maravilhosas e extremamente necessárias aqui. O resto fica por conta de Monica. Preciso de você comigo e, na Votos, a noiva é quem manda.

– Tudo bem. Encha minha taça, Laurel.

– Karen, talvez você possa tirar uma foto de...

– Ã-ã – fez Parker, balançando o dedo negativamente. – Se sou uma de suas madrinhas, você é a noiva, não a fotógrafa.

– Temos tudo planejado, Mac – garantiu Karen e piscou para ela, mexendo na câmera.

– Eu sei, me desculpem.

Ela respirou fundo e pegou uma taça.

– OK. Vamos brincar de Casamento. Mas desta vez é para valer.

Após o primeiro gole, Mac ergueu a mão.

– E mais um brinde, porque poderei esquecer mais tarde. Emma, obrigada por ter feito tudo de forma tão linda e, Laurel, obrigada pelo bolo espetacular. Parks, muito obrigada por todos os detalhes, pequenos e grandes. Mas, acima de tudo, obrigada por serem minhas amigas.

– OK, pare. Beba – ordenou Laurel, piscando. – Nada de choro hoje.

– Talvez só um pouquinho. A gente ainda não se maquiou.

Enquanto Emma abraçava Mac, Parker distribuía lenços.

Então a porta se abriu e a Sra. Grady entrou sorrindo.

– Cabelo e maquiagem chegando.

– Tudo bem, choro cancelado – ordenou Parker. – Ao trabalho.

Ela sempre gostara daquele momento, mesmo tendo que ficar entrando e saindo quando necessário. Agora, com a taça de champanhe, Parker se entregou às mãos da cabeleireira e ficou observando o trabalho da maquiadora em Mac.

Agora tinha outra perspectiva, pensou, enquanto apreciava a forma como a mãe de Carter participava da conversa, ria e chorava, e satisfeita com a agilidade de Monica e Susan.

Ela teve que se controlar para não se levantar quando Monica disse que o noivo e seus padrinhos estavam na casa, mas relaxou, porque tinha se assegurado dizendo a si mesma que tudo transcorreria conforme o planejado.

E foi o que aconteceu.

Na hora certa, ela, Emma e Laurel puseram seus vestidos. Mac acertara nas cores e nos tons, pensou. O abóbora acrescentava brilho à pele de Laurel, ao passo que o marrom-avermelhado destacava a beleza morena de Emma. E o ouro velho combinava bem com ela.

Juntas, pareciam flores de outono.

– Estamos um arraso! – exclamou Laurel.

– Estão lindas.

De espartilho e ligas, Mac rodopiou o dedo no ar para que elas dessem uma voltinha.

– Ah, sim, estão fantásticas. E, ah, Sra. G., olhe só para a senhora.

– Nada mau para uma coroa – falou a Sra. Grady, dando uma volta para exibir seu vestido azul-marinho.

– Sua vez – disse Parker.

– Ai, ai – fez a noiva.

As amigas a ajudaram com o vestido, alisando e afofando a sobreposição da organza, prendendo a parte de trás com sua cauda ondulante. Parker viu Mac se transformar quando ela ficou de frente para o espelho.

– Sou uma noiva! – murmurou ela, admirada. – E estou linda!

– Tome – falou a Sra. Grady, que se aproximou de Mac para entregar os brincos de diamante que Carter lhe dera. – Pequena Mackensie, ruiva magricela, a noiva mais bonita que já esteve neste quarto.

– Sra. G. – falou Mac, abaixando a cabeça. – Poderia me ajudar com a tiara?

Coroar a noiva era tarefa das mães, pensou Parker. E ficou emocionada quando a Sra. Grady colocou o acessório brilhante no cabelo de Mac.

– Está perfeito. Você tinha razão, Emma, combina muito com ela.

A Sra. Grady recuou, enxugando os olhos.

– Está linda.

– Ainda não acabou – avisou Parker, que abriu uma gaveta na mesinha e pegou uma caixa. – Sei que pretendia usar outra coisa emprestada, mas eu gostaria que você usasse isso.

Abrindo a caixa, ela tirou um delicado colar de diamantes com três fios brilhantes.

– Parker... – Mac mal conseguia falar. – É da sua mãe.

– Meu pai deu para ela no aniversário de casamento deles. Sei que eles adorariam que você o usasse hoje e, para mim, é como se eles estivessem aqui. Pelo menos uma parte. Eles amavam você.

– Ai, meu Deus.

– Não chore – pediu Parker.

– É quase impossível não chorar. Eu adoraria usá-lo. Amaria... – Sua voz falhou enquanto balançava a cabeça. – Não posso dizer mais nada, ou não vou conseguir.

Parker pegou o colar e o colocou.

– Ficou perfeito.

Erguendo a mão, Mac tocou a joia.

– Gosto de tê-los aqui comigo hoje, com todos nós.

Monica entrou.

– Nossa, Mac, você está deslumbrante. Carter vai precisar de um balão de oxigênio quando a vir. Talvez você também precise. Ele está incrivelmente lindo. Karen, queria que você iniciasse a sessão de fotos. Existe algo que eu possa fazer por qualquer uma de vocês?

– Minha mãe já chegou? – perguntou Mac.

– Ainda não.

– Provavelmente já está chegando. OK, Karen, sou toda sua.

– Quero algumas fotos aqui, outras no terraço e, em seguida, algumas com o buquê antes de fazermos as fotos de grupo com as madrinhas.

– As flores vão estar aqui quando você estiver pronta – declarou Emma.

– Vou ver se os rapazes já se arrumaram – disse Parker a Laurel. – E não me venha com gracinhas.

– Estou impressionada por você ter aguentado esse tempo todo. Pode ir.

Ela saiu de mansinho, segurou a barra da saia e disparou para a suíte do noivo. Depois de bater rapidamente, entreabriu a porta.

– Mulher no recinto.

– Entrada permitida – respondeu Del.

Ela entrou.

– Monica tinha razão. Carter, você está mesmo lindo.

E uma gracinha com as pontas das orelhas vermelhas, pensou.

– Todos vocês estão maravilhosos. Eu só queria...

Assim que Jack se aproximou do espelho para ajeitar a gravata, ela avistou Malcolm, de jeans e moletom, tomando uma cerveja.

– Não sabia que estava aqui. Vai fazer companhia aos rapazes?

– O quê? Ah... é, pois é.

Ele parecia um pouco bêbado, pensou Parker, e ia sugerir que ele pegasse mais leve com a cerveja quando ele deixou a garrafa.

– Karen já começou a fotografar o nosso grupo, então deve estar pronta para começar o seu em cerca de quinze minutos. Carter, vai precisar do seu pai. Vou mandar sua mãe quando for a hora. Ah, e...

– Para fora – ordenou Del, guiando-a até a porta. – Hoje você é uma das madrinhas e não a organizadora de casamentos.

– Todos estão me dizendo isso. Então acho que vejo você quando chegar a hora. Malcolm, espero que tenha trazido um terno.

– O que acha que eu sou, um idiota? Tenho tempo de sobra.

– Vamos chutá-lo daqui – disse Jack. – Você está linda, Parker. Uma gata.

Ela riu, fez uma pose de celebridade e replicou:

– É, estou mesmo.

– E não se preocupe – falou Bob, o padrinho e amigo de Carter, aproximando-se com um laptop. – Está tudo sob controle aqui. E memorizei os votos, caso ele precise de uma cola.

– Você é ótimo, Bob.

Ela só começou a rir depois que se certificou que ninguém estava ouvindo.

– Na hora certa – disse Emma.

– Não tive tempo suficiente para...

– Agora, o buquê. Eu queria que todas nós estivéssemos aqui, Mac. – Emma o retirou da caixa. – O toque final.

– Ah, Emma, que maravilha! Eu vi quando ainda estava na fase de elaboração, mas agora... nossa, que arraso!

Mac pegou o arranjo em forma de cascata de rosas e lírios, com cores fortes e ousadas que reluziam sutilmente por causa das pequenas contas de vidro e das pérolas que o adornavam. A cascata ia da cintura até o joelho.

– É tão...

Mac olhou para ele, depois para Emma.

– A borboleta azul. Tem uma borboleta azul no buquê.

– É para trazer sorte e amor.

– Você não nos disse que estava fazendo isso – falou Laurel e se aproximou para olhar. – Emma, sua boba sentimental. Ficou incrível!

– Carter tem uma também, uma minúscula na lapela.

– Tenho que ser franca, coloquei uma no bolo também, bem ao estilo “Onde está Wally?”.

– Laurel – chamou Mac com um riso emocionado –, sua boba sentimental.

– Com a borboleta que Parker colocou na cinta-liga azul da Mac, somos três bobas sentimentais.

Emma pegou os outros buquês.

– Quando pensei que o dia de hoje não pudesse ficar mais fabuloso, ele...

A porta se abriu de repente e todas se viraram para ver a mãe de Mac entrar com um vestido vermelho justo e decotado.

– Ora, como vocês estão... fofas. As cores são muito interessantes. Deixei Ari lá embaixo, tive que vir correndo e...

Seu sorriso de deboche desapareceu quando, ao olhar pelo cômodo, ela avistou Mac. Parker sentiu um imenso prazer ao ver a expressão de choque no rosto de Linda.

Isso mesmo, sua egoísta interesseira. Ela está espetacular. E nada do que você diga ou faça vai arruinar um único momento do seu dia.

– Mackensie, você está linda. De verdade. Ah, meu bebê vai se casar!

Ela ergueu os braços e atravessou a sala para abraçar Mac.

– Achei que esse dia nunca iria chegar.

Por cima do ombro de Linda, Mac revirou os olhos e abriu um sorriso torto.

Nenhum momento arruinado, pensou Parker e sorriu para a amiga.

Malcolm andava de um lado para o outro diante da suíte da noiva.

Como isso tinha acontecido? Não sabia como, mas tinha. Então... era isso. Ou ia fazer com que fosse isso. Se ela saísse logo daquele maldito quarto.

Se usasse relógio, estaria batendo no vidro para ver se a bateria estava descarregada.

O que poderia acontecer lá dentro que demorava tanto tempo? O que exatamente se passava por trás daquela porta trancada?

A porta por fim se abriu e as mulheres saíram, todas coloridas, cheirosas e brilhantes. Ele saiu da frente, pronto para se atirar no momento em que visse Parker.

Quando a viu, ela, como era de esperar, estava concentrada na mulher responsável pela organização do casamento hoje.

– Oi.

Ela olhou para trás, inclinando a cabeça, surpresa, e verificou de novo o que provavelmente já tinha verificado cinco vezes com sua substituta. Em seguida caminhou em direção a ele, com seu vestido esvoaçante da cor da luz das velas.

– Por que não está lá embaixo? Você deveria estar sentado. Estamos prestes a...

– Preciso falar com você um minuto. Um ou dois minutos.

– Malcolm, o casamento é agora. Não dá. Ai, meu Deus, aconteceu alguma coisa? Eu sabia que deveria ter ido lá embaixo para verificar o...

– Não há nenhum problema. Está tudo certo. É o casamento mais perfeito do século. Tudo bem, posso esperar.

– Vá lá para baixo.

Ela se inclinou para a frente, beijou-o de leve no rosto. E virou-se quando Mac saiu da suíte.

– OK, estou superpronta. Malcolm? Por que não está lá embaixo?

– Estou indo. Mas me deixe dizer: uau! Um enorme uau. Bom trabalho. Carter vai ficar de queixo caído.

O sorriso dela brilhou mais que os diamantes.

– Vou me casar.

– Recebi o convite. Vejo você mais tarde, Sra. Maguire.

– Sra. Maguire. Ai, ai, nem acredito.

Com os saltos altos brilhantes, ela fez uma rápida dancinha saltitante.

– Vamos, Parker.

Parker sorriu para Malcolm, em seguida acompanhou Mac pelo corredor.

– Lembre-se, erga a cabeça e sorria. Não se apresse, é o seu momento. Vamos entrar em ordem alfabética, como decidimos, depois dos sobrinhos de Carter.

– Eles não estão lindos?

– Estão, sim. E quando a música chegar na parte que é a sua deixa, lembre-se de ficar um tempo parada, contar até cinco, para que todo mundo possa se levantar para vê-la. Aí...

– Parker, não se preocupe. Meu pai está ali no pé da escada e vai me conduzir ao altar.

Os olhos verdes de Mac estavam calmos e secos agora, mas brilhando de alegria.

– Você provavelmente nunca vai me dizer o que teve que fazer para trazê-lo aqui, e está perfeito. Ele está aqui, e isso é mais importante do que eu pensava ou admitia. Mas como você

disse ontem, mais importante do que qualquer coisa é que Carter está lá. Meus joelhos estão bambos, mas não de nervosismo. É de euforia, de muita felicidade. Não se preocupe, não vou perder minha deixa.

No topo da escada, ela, Emma e Laurel acertaram o ritmo, deram o buquê a Mac e, por um momento, assim como fizeram quando eram crianças, sorriram para uma borboleta azul.

– Mãe do noivo entrando – murmurou Parker.

– Você está com o fone no ouvido? – perguntou Laurel.

– Não. Apenas sei. Carter e Bob estão em frente à lareira, e os pais do noivo estão se dirigindo aos seus lugares. Linda está entrando. Sei que você está bem, Mac, mas faça um pouco de respiração da ioga agora. Mãe da noiva entrando – disse, referindo-se à Sra. Grady.

Mac apertou sua mão.

– A música mudou. O menino das alianças e a menina das flores estão adoráveis.

Ela olhou à sua volta e os viu começar a descer as escadas ao sinal feito por Monica.

– Estão mesmo.

– Karen está tirando as fotos, não é?

– Silêncio. Pare com isso. OK. Emma, é sua vez.

– Lá vamos nós.

– Cinco, quatro, três, dois. E Laurel.

– Estou indo.

Parker apertou a mão de Mac uma última vez.

– É o seu casamento – disse ela, e começou a descer a escada.

Parou de se preocupar quando viu a sala cheia de convidados, de flores, de velas acesas. E quando ela viu Carter parecendo o homem mais feliz do mundo. Ela olhou para Malcolm, intrigada por um momento com o olhar intenso em seus olhos e, em seguida, se dirigiu ao seu lugar junto das amigas.

A música mudou, pensou ela, e todos ficaram de pé.

Lá estava Mac, radiante, de braços dados com o pai e parecendo flutuar. E os diamantes da mãe de Parker reluziram, refletindo a luz.

Mac beijou o rosto do pai, enquanto Carter já estendia as mãos para ela. Ela se aproximou e as segurou.

– Oi, minha querida.

Ela o puxou e lhe deu um beijo demorado.

– Não consegui esperar – disse ela, alto o suficiente para que todos pudessem ouvir.

E eles se casaram em meio aos ecos do riso.

Ele não conseguia ficar sozinho com ela, pelo menos não o suficiente. Havia as fotos, o jantar e uma verdadeira multidão. Todo mundo queria falar com todo mundo.

– O que há de errado com você? – perguntou sua mãe, chutando-o por baixo da mesa. – Está muito inquieto.

– Não tem nada errado. Só quero tirar esse terno estúpido.

– Trate de jantar – ordenou ela, virando-se em seguida para conversar com o pai de Emma e deixando o filho em paz, graças a Deus.

Ele tentou se aproximar de Parker quando o jantar terminou, mas as comitivas do noivo e da noiva estavam sendo levadas numa direção e os convidados, em outra.

No salão de baile, Mac e Carter dançaram pela primeira vez. Olhando para eles, percebeu que aquele não era o momento. Não era mesmo. Este dia é deles, o resto podia esperar.

Pegou uma cerveja e disse a si mesmo para relaxar.

– Que festa ótima, hein? – disse Jack, aparecendo ao seu lado.

– Elas sabem fazer isso muito bem e, quando é para uma delas, fazem melhor ainda.

Ele bateu o copo no de Jack.

– Você é o próximo, parceiro.

– Mal posso esperar.

Malcolm inclinou a cabeça, estudando o rosto de Jack.

– E está falando sério.

– Mais e mais a cada dia. Quem diria? A grande festa. Vai ser ótima, mas o que espero mesmo é o resto, o resto da minha vida. Com Emma... Ah, Emma. Ela é perfeita exatamente como é. Agora vou procurar por ela e dançar. Você devia pegar Parker.

– É, devia mesmo.

Ficou sentado mais um pouco, depois se levantou e começou a andar entre as mesas e as pessoas. A música ficou mais animada e uma multidão se dirigiu para a pista de dança. Malcolm se deteve um instante para ficar olhando e Del, que vinha passando, parou.

– Estava pegando um pouco de champanhe para minha futura esposa. Você viu o Bob? Ele se empolga na dança.

– É impossível não vê-lo.

– Está sendo um dia incrível.

Ele pôs a mão no ombro de Mal e ambos sorriram observando Bob dançar.

– Sei que Mac e Carter já tinham uma vida em comum, mas isso muda tudo.

– Muda?

– Isso faz com que seja mais sólido, mais real, mais importante. Estive em inúmeros casamentos, mas não acho que tenha entendido isso até ficar com Laurel, até querer tornar nossa relação mais sólida, real e importante. Enfim, se está procurando Parker, ela foi por ali.

– Obrigado.

Que se dane se esse não era o momento, decidiu ele, e foi procurá-la.

Ele a viu, junto com Laurel, dançando. Quando a música mudou, elas vieram em sua direção, de braços dados.

– Por que as mulheres podem dançar juntas, mas quando rapazes fazem isso parecem uns idiotas?

– Não parecem, não, vocês que pensam assim – disse Laurel. – Viu o Del?

– Ele foi pegar a sua... – E fez de conta que bebia num copo imaginário.

– Vou procurá-lo, não quero mais esperar. Quer uma bebida? – perguntou a Parker.

– Quero, obrigada.

Quando ficaram sozinhos, ele a pegou pelo braço.

– Ouça, podemos ir lá fora um minuto? Quero...

– Parker – chamou Linda, que surgiu ao seu lado com uma taça de champanhe na mão. – Você fez uma linda cerimônia. Deve ter trabalhado dias e noites para isso. Não é à toa que parece cansada.

– Pareço? – perguntou Parker, ironicamente amável. – Deve ser a iluminação. Eu estava mesmo pensando que este tom de vermelho, nesta luz, faz você parecer descarada. Quero dizer, descorada. Malcolm, você conhece a mãe da Mac, não é?

– Conheço, sim. Como vai?

Linda balançou a exuberante cabeleira loura e virou seu decote exagerado na direção dele.

– Muito bem, obrigada. Mas já nos conhecemos? Não acredito. Eu nunca esqueço um homem tão bonito.

Ela lhe estendeu a mão, inclinando o corpo para ele.

– Quando nos conhecemos?

– Quando me ofereceu um boquete.

Ao lado dele, Parker quase engasgou. Linda recuou, fuzilando a moça com os olhos.

– Você deveria ter mais cuidado com quem convida para sua casa.

– E tenho. A senhora pôde entrar só hoje, então aproveite. Vamos dançar, Malcolm. Quero mesmo dançar com você no casamento da minha amiga.

Ela o puxou para a pista e, em seguida, encostou a cabeça em seu ombro, sacudindo de tanto rir.

– Ah, você vai ser muito bem recompensado por isso na primeira oportunidade que tivermos. Foi...

Ela ergueu a cabeça, segurou o rosto dele com ambas as mãos e o beijou intensamente.

– Venha – chamou ele e a arrastou para longe da música.

– Mas quero...

– Só cinco minutos, caramba!

Ele percebeu que tinha gente por todos os lados. Puxou-a para fora do salão, descendo as escadas, ignorando suas objeções. Em seguida, empurrou-a para dentro da sala de ginástica. Ninguém iria entrar lá durante uma recepção de casamento.

– O que pensa que está fazendo?

– Escute. Só me escute.

– Estou escutando.

Ele respirou fundo.

– É, você me escuta, e é por isso que acabo dizendo coisas que nunca disse a ninguém, nem nunca tive a intenção de dizer. Só com você consigo ser eu mesmo, livre de qualquer máscara. E a sensação é muito boa.

– E por que não seria? Malcolm, quanto você bebeu?

– Provavelmente não o bastante. Nunca cheguei a esse ponto, com ninguém. Nunca achei que fosse bom nisso. E, caramba, é importante para mim ser bom em tudo o que faço.

Ele se afastou dela, tentando recuperar a respiração e o equilíbrio.

– Passei a primeira década da minha vida sem rumo, e estava tudo bem, era assim mesmo. Passei a maior parte da segunda puto com a porra do mundo e comendo o pão que o diabo amassou. Depois, tentei dar o meu melhor em tudo o que fazia, mas do meu jeito.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– Dei o melhor de mim e me ferrei. Destino, má sorte, ou seja lá o que for. Tive uma segunda chance e fiz algumas mudanças. Mas sempre tive uma pessoa que era meu porto seguro.

– Sua mãe é uma mulher incrível.

– Com certeza. Hoje em dia, tenho um bom negócio. Sei como administrá-lo. Gosto do que faço. Não, adoro o que faço.

– É por isso que você é tão bom no que faz. Gostaria que me dissesse então qual é o problema.

– Não disse que havia um problema. Eu só... – Ele parou por um momento, olhando para ela. –... não esperava que fosse você, pode ter certeza.

– Do que está falando?

– Você disse que me amava.

– Você me ouviu?

Ela se virou e foi até o frigobar para pegar água.

– Claro que ouvi. Não tem nada de errado com a minha audição.

– Então optou por me ignorar.

– Não. Você me pegou de surpresa, Parker. Fiquei atordoado. Nunca imaginei que sentisse por mim o que sinto por você.

Ela baixou a água e seus olhos se voltaram lentamente para ele.

– O que sente por mim?

– É... Como foi mesmo que o Carter disse? Ele sabe como falar.

– Não quero as palavras de Carter. Não estou apaixonada por ele.

– Sinto que só consegui superar todos esses obstáculos que a vida me apresentou por causa de você. Você é a razão pela qual não morri. A razão pela qual estou aqui. Sinto...

Ele parou, xingou baixinho enquanto ela continuava parada ali, linda, perfeita, iluminada.

– Escute, tenho que usar algumas das palavras de Carter. Quando você ama alguém e esse amor é correspondido, mesmo que tudo esteja dando errado, parece que tudo se encaixa. Tudo se encaixou, Parker. É isso.

Ela pôs a garrafa de água num dos aparelhos de ginástica.

– Sempre imaginei que, quando esse momento acontecesse comigo, seria muito diferente.

Um ar de irritação passou pelo rosto dele.

– Não há poesia e luar. E estou usando essa porcaria de terno.

Ela soltou uma gargalhada.

– Estou tão feliz que esse momento tenha acontecido exatamente desta forma, com você, aqui, agora – disse ela, indo em sua direção.

– Ainda não terminei.

Ela parou.

– Ah, desculpe.

– Tudo bem. Nós precisamos fazer isso.

Ela arregalou os olhos.

– O que isso significa?!

Ele se sentiu completamente relaxado. *Amava* a forma como ela dizia aquelas palavras.

– Nossa, você só pensa em sexo. Quero dizer que precisamos... – Ele apontou para o teto, fazendo um círculo com o dedo.

– Acho que não vou conseguir decifrar esse gesto.

– Precisamos nos casar.

– Nós...

Ela deu um passo para trás e se sentou ao lado da garrafa de água.

– Nossa, meu Deus!

– Olhe, você me conhece e me ama assim mesmo, você sabe que não vou ajoelhar e recitar algo que algum cara morto escreveu séculos atrás. Droga.

Ele se aproximou e a puxou para si.

– Provavelmente eu poderia fazer melhor que isso. Agora sei como você é. Sei que não são apenas os detalhes, mas o que os detalhes fazem. O que está acontecendo lá em cima é uma festa ótima, mas o depois é o que importa. Você quer o que importa de verdade.

– Tem razão – disse ela em voz baixa. – É assim que sou. Mas não só com relação ao que quero.

– Se está procurando o pacote completo, o até que a morte nos separe, então olhe para mim. Ninguém nunca vai amar você, ficar com você, entender você como eu. Ninguém, Parker.

As mãos dela estavam começando a tremer, então Parker segurou o rosto dele por um momento, olhando bem em seus olhos.

– Diga-me o que você quer.

Ele pegou suas mãos e entrelaçou os dedos nos dela.

– Quero uma vida com você, e agora meio que vou citar Jack e Del. Quero essa vida porque você é a Parker. Você é a pessoa, é tudo. Quero tornar o que temos ainda mais sólido. Quero, e agora sou eu mesmo que estou dizendo, fazer promessas para você e mantê-las. Amo você e quero prometer amá-la para o resto da minha vida.

Ele soltou um suspiro de alívio.

– O que me diz?

– O que digo? Eu digo sim!

Eufórica, ela riu e apertou as mãos dele com toda a força.

– Sim, Malcolm, precisamos fazer isso!

Ela o abraçou.

– Você é perfeito! Nem sei dizer por que, mas você é absolutamente perfeito.

– Pensei que Carter era o homem mais sortudo do mundo hoje. Ele acabou de cair para o segundo lugar.

Malcolm a puxou de volta e lhe deu um beijo apaixonado.

– Não trouxe nenhum anel ou algo parecido.

– Pois trate de arranjar logo um!

– Anotado.

Ele levou as duas mãos dela aos lábios e fez seus olhos brilharem ao beijá-las.

– Eu lhe devo uma dança.

– É, deve, sim, e eu quero muito dançar com você. Temos que voltar. É a noite da Mac.

– Vamos contar a eles amanhã, para não ofuscar a ocasião.

É, pensou Parker, ele sabia como ela era. Segurou seu rosto de novo e voltou a beijar o homem que amava. O homem com quem iria se casar.

– Consigo esperar até amanhã.

Eles voltaram, de mãos dadas, para a música, as flores, as luzes reluzentes. Aquela era a noite de Mac, pensou. E era também o início do seu felizes para sempre.

e p í l o g o

ANO-NOVO, PENSOU PARKER QUANDO se sentou à mesa para recuperar o tempo perdido e pôr em dia o trabalho do escritório. Os feriados, as festas, os eventos, o casamento de Mac, tudo tinha contribuído para atrasá-la um pouco.

Isso sem contar seu próprio noivado, pensou, erguendo a mão para que a fraca luz do sol de inverno reluzisse em seu lindo diamante. Não era de admirar que tivesse saído um pouco do cronograma.

Tinha toda a tarde para cuidar disso, para acertar os ponteiros e virar a página do calendário de um ano tão importante.

Que diferença doze meses podiam fazer!

Quatro noivados e um casamento.

Um ano atrás, ela nem sabia que Malcolm Kavanaugh existia e, agora, em dez meses, iam se casar. Deus, tinha uma *tonelada* de planejamento, trabalho e pesquisa para fazer.

Ia se casar com o homem que amava, e o casamento seria de arrasar. Admirou o anel mais uma vez com um ar sonhador. Tinha passado sua primeira virada de ano com Malcolm. E aquilo era só o começo.

Esse, lembrou-se, era o motivo pelo qual não estava se concentrando em nenhum trabalho. Já estava com a síndrome da noiva.

Ligou o computador.

Trabalharia em uma casa silenciosa, sem ser interrompida, pensou.

A Sra. Grady devia estar acabando de fazer as malas para as férias anuais de inverno. Mac e Carter deviam estar fazendo o mesmo para sua lua de mel. Imaginou Del e Laurel, Emma e Jack, todos aconchegados em seus quartos, relaxando o dia inteiro.

E Malcolm – *seu* Malcolm – já tinha ido para a oficina, onde planejava retomar o trabalho, pelo menos em parte.

Hoje à noite teriam um baita jantar de despedida para os três viajantes. Depois disso, ela e seu Malcolm, só os dois, poderiam fazer uma rápida pausa de inverno na casa de praia, já que o movimento da Votos sempre caía muito no início do ano.

– Então, ao trabalho, Parker – murmurou ela. – Você não é a única noiva que precisa de atenção.

Conseguiu se dedicar ao trabalho quase uma hora antes da invasão.

– Por que está trabalhando? – perguntou Laurel, entrando no escritório de Parker com Emma e Mac.

– Porque é o que faço. Por que não está arrumando as malas?

– Já arrumei – respondeu Mac, fazendo um sinal de OK. – Florença, aqui vamos nós! Mas

agora...

As três se aproximaram dela e a puxaram da cadeira.

– Você vem conosco.

– Vocês sabem como estou atrasada?

– Vão ser só cinco minutos, se tanto – estimou Emma.

– Podemos não ter nenhum evento por duas semanas, mas...

– O da noite passada foi ótimo, e sei bem que você já arrumou as malas apesar de faltarem dois dias para a viagem. Provavelmente já fez as malas de Mal também – disse Laurel.

– Não fiz, não. Só lhe dei uma lista de sugestões. Sério, só preciso de mais uma hora. Vamos todos jantar mais tarde de qualquer forma, não é?

– Temos coisas mais importantes para fazer agora.

Mac segurava firme o braço de Parker enquanto a conduziam para a escada.

– Você pode, mas eu...

De repente percebeu para onde a estavam levando.

– Vocês escolheram um vestido de casamento para mim!

– É uma tradição das mulheres da Votos – assegurou Emma, com uma palmadinha no bumbum de Parker. – Mandamos os homens sumirem esta tarde. Vamos ter uma festa de vestido de casamento da Parker.

– E como sempre, se ele não agradar, sem problemas, podemos trocar.

À porta da suíte da noiva, Laurel se virou bloqueando a passagem.

– Está pronta?

– Claro que estou. Espere.

Parker riu e pôs a mão no coração.

– Uau! Vai ser uma experiência... uma experiência muito, muito boa. Ajudei a escolher tantos vestidos e agora chegou a minha vez!

– E vai ficar linda! Abra a porta, Laurel, estou quase enfartando – disse Emma.

– Lá vamos nós.

Ainda com a mão no coração, Parker entrou. Então sua mão simplesmente desabou ao lado do corpo.

Seda branca que fluía do corpete sem alças de decote coração, que se estreitava na cintura e se abria numa saia volumosa. O estilo clássico de vestido de baile brilhava com um minucioso trabalho de contas e bordado, cintilando no corpete, caindo pelas laterais do corpo, circulando a barra e a cauda.

O corte e o estilo sem dúvida combinavam muito com ela. Mas não foi isso que deixou seus olhos cheios de lágrimas.

– É o vestido de noiva da minha mãe. Da minha mãe!

– A Sra. G. o tirou dos guardados – contou Emma, passando as mãos pelas costas de Parker.

– Ela era esbelta como você e quase da mesma altura – lembrou a Sra. Grady e enxugou de leve os olhos. – Pode querer escolher algo você mesma, algo novo, mas achamos que...

Parker balançou a cabeça e, sem conseguir falar, apenas se virou para envolver a Sra. Grady com os braços.

– Não posso tirar foto se estiver chorando – suspirou Mac e pegou os lenços, sempre à mão na suíte.

– Aqui. Todo mundo. Tomem champanhe, e vamos que vamos.

Laurel passou a mão no rosto molhado de lágrimas antes de servir.

– Obrigada – falou Parker, beijando as bochechas da Sra. Grady. – Obrigada a todas vocês. E, pelo amor de Deus, passem isso para cá.

Parker pegou a taça de champanhe com Laurel e aceitou o lenço que Emma lhe estendia.

– É lindo – prosseguiu. – Absolutamente lindo. Só o tinha visto em fotos. Vi como ela ficou linda nele, como ela e papai pareciam felizes. Ela se casou com meu pai neste vestido e agora vou ter ambos comigo quando me casar com Malcolm. É o melhor presente que vocês poderiam me dar. O melhor.

– Bom, pelo amor de Deus, trate de vesti-lo. Tire a roupa, Brown – ordenou Laurel.

– OK. É pra já.

– De costas para o espelho – ordenou Emma. – Não olhe até estar pronta.

Suas amigas a ajudaram a pôr o vestido, como Parker já tinha feito com cada uma delas.

– Vire-se, mas de olhos fechados. Quero arrumar a saia e a cauda.

Já pensando no buquê, Emma espalhou a barra e alisou a cauda. Olhou para Mac, que fez um sinal indicando que estava posicionada com a câmera.

– OK, já pode olhar.

No espelho, Parker viu em seu rosto o que tinha visto no de tantas outras noivas. A emoção, o deslumbramento, o brilho.

– Foi o vestido de casamento da minha mãe – murmurou ela. – E agora é meu.

– Parks... – falou Mac, que reposicionou a câmera e tirou outra foto. – Você está espetacular.

– Está feliz, isso sim! – exclamou a Sra. Grady, radiante. – Feliz e apaixonada. Nada mais perfeito para uma noiva.

– Sou uma noiva. Estou feliz e apaixonada. E estou espetacular!

– Deixe essa câmera, Mackensie – ordenou a Sra. Grady, pegando a sua. – Quero tirar uma foto de vocês quatro. Não pise na cauda! Pronto. Agora, pensem na brincadeira de Casamento.

Quando elas riram, a Sra. Grady bateu a foto.

– Vamos fazer um brinde. Peguem suas taças. Emma, você está entornando – declarou Laurel. – A sua está vazia!

– Foi o que me ajudou a parar de chorar.

Com a taça novamente cheia, Emma a ergueu junto com as amigas.

– A um ano monumental – propôs Laurel.

– E como! – acrescentou Mac.

– Aos nossos homens – prosseguiu Laurel –, que são uns sortudos por terem mulheres como nós. À nossa mãe.

– Não comecem – atalhou a Sra. Grady, já chorando de novo.

– À amizade.

– E à Votos – acrescentou Parker. – E às mulheres que dirigem essa empresa. Fazemos casamentos com amor, com estilo e com uma atenção toda especial a cada detalhe.

Principalmente quando fazemos nossos próprios casamentos.

Elas riram e brindaram. Quando estavam bebendo, a Sra. Grady recuou um pouco e tirou mais uma foto. Começaram a falar de arranjos de cabeça, flores e cores dos vestidos que as outras usariam.

As suas meninas, pensou a Sra. Grady. Todas felizes, apaixonadas e espetaculares.

Às minhas meninas, pensou ela, erguendo sua taça num brinde solitário. Às noivas da Votos e seus finais felizes.

s o b r e a a u t o r a

© Bruce Wilder

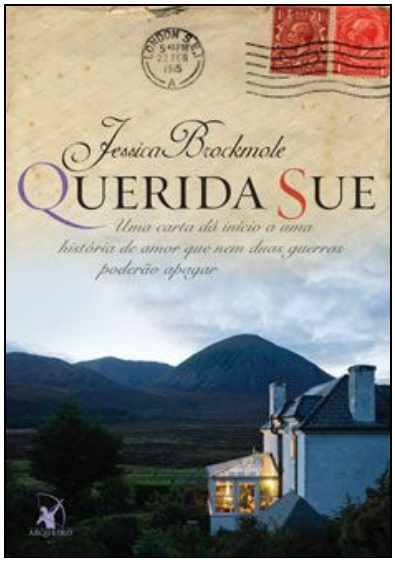


Nora Roberts começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Querida Sue

JESSICA BROCKMOLE

Março de 1912: Elspeth Dunn, uma poetisa de 24 anos, nunca viu o mundo além de sua casa na remota Ilha de Skye, na Escócia. Por isso fica empolgada ao receber a primeira carta de um fã, David Graham, um estudante universitário da distante América.

Os dois começam a trocar correspondências – compartilhando os segredos mais íntimos, os maiores desejos e os livros favoritos – e fazem florescer uma amizade que, com o passar do tempo, se torna amor. Porém a Primeira Guerra Mundial toma a Europa e David se oferece como voluntário, deixando Elspeth em Skye com nada além de esperanças de que ele sobreviva.

Junho de 1940: É o início da Segunda Guerra Mundial e Margaret, filha de Elspeth, está apaixonada por um piloto da Força Aérea Real. A mãe a adverte sobre os perigos de se entregar ao amor em tempos de guerra, mas a jovem não entende por quê. Então, durante um bombardeio, uma parede de sua casa é destruída e, de dentro dela, surgem cartas amareladas pelo tempo. No dia seguinte, Elspeth parte, deixando para trás apenas uma carta datada de 1915. Com essa única pista em mãos, a jovem decide ir em busca da mãe e, nessa trajetória, também precisará descobrir o que aconteceu à família muitos anos antes.

Querida Sue é uma história envolvente contada em cartas. Com uma escrita sensível e cheia de detalhes de épocas que já se foram, Jessica Brockmole se revela uma nova e impressionante voz no mundo literário.


Uma vida inteira de cumplicidade
pode ser destruída por um momento de traição!
KRISTIN
HANNAH
Da lista de
mais vendidos
do The New
York Times
Amigas
para sempre

Amigas para sempre

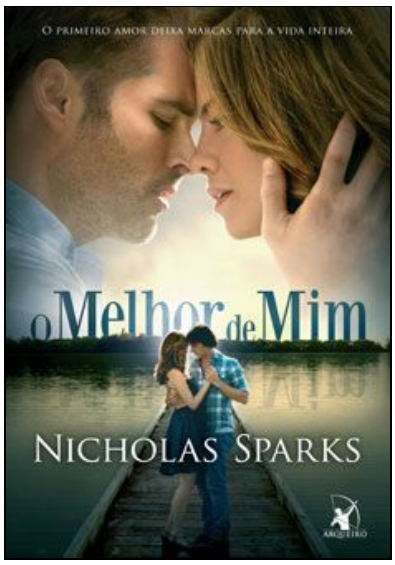
KRISTIN HANNAH

Katherine Mularkey tinha acabado de entrar na adolescência e já se sentia um desastre: não tinha amigas, usava aparelho nos dentes e óculos fora de moda. No entanto, quando a garota mais popular da escola se mudou para o outro lado da rua, sua vida mudou por completo.

Tallulah Hart era bonita, divertida, o centro das atenções. E, o melhor de tudo: assim como Kate, precisava de uma amizade verdadeira. Quando Tully foi obrigada a morar com a avó, as duas mantiveram contato por carta. Mesmo distantes, eram inseparáveis.

Fizeram faculdade juntas, se formaram em jornalismo e trabalharam no mesmo canal de TV. Depois uma se casou e teve filhos e a outra investiu cada vez mais na carreira. O foco de suas vidas mudou, mas algo essencial permaneceu inalterado: a amizade que as unia. Porém um único passo em falso irá pôr à prova esse laço inabalável.

Traição ou apenas um erro? Em *Amigas para sempre*, Kristin Hannah faz um retrato fiel de uma amizade complexa e duradoura e nos leva por uma história de amizade, companheirismo e perdão.


O PRIMEIRO AMOR DEIXA MARCAS PARA A VIDA INTEIRA
O Melhor de Mim
NICHOLAS SPARKS
ARQUEIRO

O melhor de mim

NICHOLAS SPARKS

Na primavera de 1984, os estudantes Amanda Collier e Dawson Cole se apaixonaram perdidamente. Embora vivessem em mundos muito diferentes, o amor que sentiam um pelo outro parecia forte o bastante para desafiar todas as convenções de Oriental, a pequena cidade em que moravam.

Nascido em uma família de criminosos, o solitário Dawson acreditava que seu sentimento por Amanda lhe daria a força necessária para fugir do destino sombrio que parecia traçado para ele. Ela, uma garota bonita e de família tradicional, que sonhava entrar para uma universidade de renome, via no namorado um porto seguro para toda a sua paixão e seu espírito livre. Infelizmente, quando o verão do último ano de escola chegou ao fim, a realidade os separou de maneira cruel e implacável.

Vinte e cinco anos depois, eles estão de volta a Oriental para o velório de Tuck Hostetler, o homem que um dia abrigou Dawson, acobertou o namoro do casal e acabou se tornando o melhor amigo dos dois.

Seguindo as instruções de cartas deixadas por Tuck, o casal redescobrirá sentimentos sufocados há décadas. Após tanto tempo afastados, Amanda e Dawson irão perceber que não tiveram a vida que esperavam e que nunca conseguiram esquecer o primeiro amor. Um único fim de semana juntos e talvez seus destinos mudem para sempre.

Num romance envolvente, Nicholas Sparks mostra toda a sua habilidade de contador de histórias e reafirma que o amor é a força mais poderosa do Universo – e que, quando duas pessoas se amam, nem a distância nem o tempo podem separá-las.


Ligeiramente
CASADOS
MARY BALOGH
No início era apenas conveniência, mas eles acabaram se rendendo a uma ardente paixão
ARQUEIRO

Ligeiramente casados

MARY BALOGH

À beira da morte, o major Percival Morris fez um último pedido a seu oficial superior: que ele levasse a notícia de seu falecimento a sua irmã e que a protegesse – “Custe o que custar!”.

Quando o honrado coronel lorde Aidan Bedwyn chega ao Solar Ringwood para cumprir sua promessa, encontra uma propriedade próspera, administrada por uma jovem generosa e independente que não quer a proteção de homem nenhum.

Porém Aidan descobre que, por causa da morte prematura do irmão, Eve perderá sua fortuna e será despejada, junto com todas as pessoas que dependem dela... a menos que cumpra uma condição deixada no testamento do pai: casar-se antes do primeiro aniversário de morte dele – o que acontecerá em quatro dias.

Fiel à sua promessa, o lorde propõe um casamento de conveniência para que a jovem mantenha sua herança. Após a cerimônia, ela poderá voltar para sua vida no campo e ele, para sua carreira militar.

Só que o duque de Bewcastle, irmão mais velho do coronel, descobre que Aidan se casou e exige que a nova Bedwyn seja devidamente apresentada à rainha. Então os poucos dias em que ficariam juntos se transformam em semanas, passadas na calmaria do interior e na agitação de Londres. Até que eles começam a imaginar como seria não estarem apenas ligeiramente casados...

Neste primeiro livro da série Os Bedwyns, Mary Balogh nos apresenta à família que conhece o luxo e o poder tão bem quanto a paixão e a ousadia. São três irmãos e três irmãs que, em busca do amor, beiram o escândalo – e seduzem a cada página.



Dançando sobre cacos de vidro

KA HANCOCK

Lucy Houston e Mickey Chandler não deveriam se apaixonar. Os dois sofrem de doenças genéticas: Lucy tem um histórico familiar de câncer de mama muito agressivo e Mickey, um grave transtorno bipolar. No entanto, quando seus caminhos se cruzam, é impossível negar a atração entre eles.

Contrariando toda a lógica que indicava que sua história não teria futuro, eles se casam e firmam – por escrito – um compromisso para fazer o relacionamento dar certo. Mickey promete tomar os remédios. Lucy promete não culpá-lo pelas coisas que ele não pode controlar. Mickey será sempre honesto. Lucy será paciente.

Como em qualquer relação, eles têm dias bons e dias ruins – alguns terríveis. Depois que Lucy quase perde uma batalha contra o câncer, eles criam mais uma regra: nunca terão filhos, para não passar adiante sua herança genética. Porém, em seu 11° aniversário de casamento, durante uma consulta de rotina, Lucy é surpreendida com uma notícia extraordinária, quase um milagre, que vai mudar tudo o que ela e Mickey haviam planejado.

De uma hora para outra todas as regras são jogadas pela janela e eles terão que redescobrir o verdadeiro significado do amor. *Dançando sobre cacos de vidro* é a história de um amor inspirador que supera todos os obstáculos para se tornar possível.


Os Bridgertons - 1
Julia Quinn
O Duque e Eu

O duque e eu

JULIA QUINN

Simon Basset, o irresistível duque de Hastings, acaba de retornar a Londres depois de seis anos viajando pelo mundo. Rico, bonito e solteiro, ele é um prato cheio para as mães da alta sociedade, que só pensam em arrumar um bom partido para suas filhas.

Simon, porém, tem o firme propósito de nunca se casar. Assim, para se livrar das garras dessas mulheres, precisa de um plano infalível. É quando entra em cena Daphne Bridgerton, a irmã mais nova de seu melhor amigo.

Apesar de espirituosa e dona de uma personalidade marcante, todos os homens que se interessam por ela são velhos demais, pouco inteligentes ou destituídos de qualquer tipo de charme. E os que têm potencial para ser bons maridos só a veem como uma boa amiga.

A ideia de Simon é fingir que a corteja. Dessa forma, de uma tacada só, ele conseguirá afastar as jovens obcecadas por um marido e atrairá vários pretendentes para Daphne. Afinal, se um duque está interessado nela, a jovem deve ter mais atrativos do que aparenta.

Mas, à medida que a farsa dos dois se desenrola, o sorriso malicioso e os olhos cheios de desejo de Simon tornam cada vez mais difícil para Daphne lembrar que tudo não passa de fingimento. Agora ela precisa fazer o impossível para não se apaixonar por esse conquistador inveterado que tem aversão a tudo o que ela mais quer na vida.

Primeiro dos oito livros da série *Os Bridgertons*, *O duque e eu* é uma bela história sobre o poder do amor, contada com o senso de humor afiado e a sensibilidade que são marcas registradas de Julia Quinn, autora com 8 milhões de exemplares vendidos.


Quanto da sua vida você conta para a sua mãe?
Reconstruindo
Amelia
Kimberly McCreight
Você realmente sabe o que se passa na cabeça da sua filha?

Reconstruindo Amelia

KIMBERLY MCCREIGHT

Você conhece a pessoa que mais ama no mundo? Kate Baron achava que sim até receber a devastadora notícia de que Amelia, sua filha de 15 anos, cometeu suicídio pulando do telhado do colégio particular onde estudava.

Poucos dias depois, entretanto, uma mensagem anônima em seu celular revela que a morte de sua filha talvez não tenha sido da maneira que as autoridades alegaram. Amelia pode ter sido assassinada?

Kate é advogada e está determinada a descobrir a verdade. Para isso, mergulha no passado da filha, recolhendo cada fragmento de e-mail, cada linha dos textos do blog, cada atualização de status do Facebook. Sempre um passo atrás da verdade, ela descobre um lado de Amelia que nunca imaginaria que existisse.

Este impressionante romance de estreia vai além de uma história sobre segredos e mentiras. Narra a busca de uma mãe tentando reunir cada detalhe possível para reivindicar a memória da filha que não pôde salvar.


Uma mentira
salvará uma família.
A verdade destruirá outra.
Qual você escolheria?
Diane Chamberlain
SEGREDOS
E MENTIRAS
ARQUEIRO

Segredos e mentiras

DIANE CHAMBERLAIN

Cara Anna,

Já comecei esta carta várias vezes e aqui estou, começando-a novamente, sem fazer a mínima ideia de como lhe dizer

A carta não terminada é a única pista que Tara e Emy têm para entender o que levou sua amiga Noelle ao suicídio. As três eram inseparáveis desde a faculdade e tudo a respeito de Noelle – seu trabalho de parteira, a forma como se dedicava apaixonadamente a diversas causas sociais, seu amor pelos amigos e a família – se encaixava na descrição de uma mulher que amava a própria vida.

Só que havia muitas coisas que Tara e Emy desconheciam. Por exemplo, quem é Anna e por que Noelle nunca a mencionara.

Com a descoberta da carta e do terrível segredo que a motivou, as duas começam a desvendar a verdade sobre essa mulher forte, independente e gentil que entrou em suas vidas trazendo amor e compaixão, mas que também pode ser a responsável por muitas tristezas e ilusões.

Com delicadeza e equilíbrio, Diane Chamberlain constrói uma história sensível sobre amizade e relacionamentos e levanta a pergunta: até que ponto você seria capaz de perdoar alguém que ama?

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de William P. Young *A farsa*, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen *Inferno*, *O símbolo perdido*, *O código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown *Uma longa jornada*, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks *Julieta*, de Anne Fortier *As regras da sedução*, de Madeline Hunter *O guardião de memórias*, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*, *Praticamente inofensiva* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams *O nome do vento* e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os Doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas* e *A nascente*, de Ayn Rand *A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
prólogo
capítulo um
capítulo dois
capítulo três
capítulo quatro
capítulo cinco
capítulo seis
capítulo sete
capítulo oito
capítulo nove
capítulo dez
capítulo onze
capítulo doze
capítulo treze
capítulo quatorze
capítulo quinze
capítulo dezesseis
capítulo dezessete
capítulo dezoito
capítulo dezenove
capítulo vinte
epílogo
Sobre a autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Conheça mais títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro